

# BAL ZAC 10

## A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE  
COSTUMES  
CENAS DA VIDA  
PARISIENSE**

OS PARENTES POBRES:  
A PRIMA BETE  
O PRIMO PONS



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# BAL ZAC 10

## A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE  
COSTUMES  
CENAS DA VIDA  
PARISIENSE

OS PARENTES POBRES:  
A PRIMA DETE  
O PRIMO PONS



BIBLIOTECA AZUL



HONORÉ  
DE  
BALZAC  
A COMÉDIA  
HUMANA

10

INTRODUÇÃO, APRESENTAÇÃO E TEXTO DE PAULO DE BASTOS  
NOTAS DE ALEXANDRE DE OLIVEIRA  
A NOTAS DE ALEXANDRE DE OLIVEIRA

 LACORT EDITORA

# PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE A COMÉDIA HUMANA

## DIVISÃO GERAL

---

### ESTUDOS DE COSTUMES

|                           |            |
|---------------------------|------------|
| Cenas da vida privada     | vol. 1-4   |
| Cenas da vida provinciana | vol. 5-7   |
| Cenas da vida parisiense  | vol. 8-11  |
| Cenas da vida política    | vol. 12    |
| Cenas da vida militar     | vol. 12    |
| Cenas da vida rural       | vol. 13-14 |
| ESTUDOS FILOSÓFICOS       | vol. 15-17 |
| ESTUDOS ANALÍTICOS        | vol. 17    |

## DIVISÃO POR VOLUMES

---

**1** “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

**2** Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

**3** A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

**4** O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

**5** Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • OS CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours

**6** Um conchego de solteirão • OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES: A solteirona • O gabinete das antiguidades

**7** Ilusões perdidas

**8** HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A Casa Nucingen

**9** Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa

de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

**10** OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

**11** Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart  
II • Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno-  
burgueses • O avesso da história contemporânea

**12** Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de  
Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

**13** Os camponeses • O médico rural

**14** O cura da aldeia • O lírio do vale

**15** A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth  
apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara •  
A procura do absoluto

**16** O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El  
Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem  
vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os  
proscritos

**17** Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas  
misérias da vida conjugal

## NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução — expressões idiomáticas e trocadilhos — e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem



coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís xiv, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

# 10

## ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PARISIENSE

OS PARENTES POBRES:

[A PRIMA BETE](#)

[O PRIMO PONS](#)

A COMÉDIA  
HUMANA

**10**

SETECENTOS  
DE COMÉDIAS  
DE TODA A  
TERRA  
PRIMEIRA VEZ

OS PARENTES PORRES:  
**A PRIMA BETA**

monólogo de VALDEMAR CAVALLANTI

## INTRODUÇÃO

Dentro das subdivisões de *A comédia humana* (como *Cenas da vida parisiense*, *Cenas da vida provinciana* etc.) existem alguns grupos menores, formados por obras conexas pela semelhança do assunto ou do ambiente e subordinadas a títulos coletivos: assim *Os parisienses na província* (que abrange *O ilustre Gaudissart* e *A musa do departamento*) ou *Os celibatários* (que contém *O cura de Tours*, *Pierrette* e *Um conchego de solteirão*). Poderia acrescentar *As rivalidades*, formado por *A solteirona* e *O gabinete das antiguidades*, mas o caso deste grupo é diferente, pois o segundo romance, em vez de fazer *pendant* ao primeiro, é sua continuação, com cenário e personagens idênticos. Em nenhum desses grupos há coesão tão forte como em *Os parentes pobres*, cujas duas narrativas, *A prima Bete* e *O primo Pons*, foram concebidas pelo romancista ao mesmo tempo, elaboradas simultaneamente e, como convém a “duas irmãs gêmeas”, publicadas juntas.

A primeira vez que a epígrafe *Os parentes pobres* (em francês: *Les Parents pauvres*) ocorre sob a pena de Balzac, já vem acompanhada dos títulos e assuntos dos dois romances: “*O velho músico* (título primitivo de *O primo Pons*) é o parente pobre cheio de bondade; *A prima Bete* é a parenta pobre acabrunhada de injúrias, vivendo no seio de três ou quatro famílias e vingando-se de todas as suas mágoas. Essas duas narrativas, com *Pierrette*, constituem a história de *Os parentes pobres*”, escreveu à condessa Hanska em 15 de junho de 1846. O grupo deveria, pois, ter a forma de tríptico, do qual só um painel, *Pierrette*, existia; os dois outros estavam por fazer. Mas depois de acabados *A prima Bete* e *O primo Pons*, Balzac (provavelmente para não prejudicar o contraste desses dois romances juntando-lhes um terceiro) achou melhor a forma de díptico e manteve *Pierrette* entre as *Cenas da vida provinciana*, dando preferência ao critério geográfico (a ação de *Pierrette* desenvolve-se em Provins, ao passo que a dos dois outros romances se realiza em Paris) sobre a semelhança do assunto. Note-se que era precisamente *Pierrette* quem melhor correspondia ao título de *Os parentes pobres*, pois toda a tragédia da infeliz órfã decorre da sua qualidade de parente pobre, ao passo que os dois outros romances, como veremos, ostentam, além deste, uma multiplicidade de outros aspectos.

A elaboração dos dois romances andou tão entremeada que é impossível determinar-se quanto tempo o escritor consagrou a cada um deles. Pode-se afirmar apenas que em 15 de junho de 1846 não existia nenhum deles e em 10 de maio de 1847 ambos já estavam publicados em folhetim, e a publicação de *A prima Bete* estava terminada em 3 de

dezembro de 1846. Para se avaliar a brevidade do tempo em que Balzac compôs duas obras-primas tão volumosas, deve-se observar que entre junho de 1846 e maio de 1847 ele estava trabalhando também nas Terceira e Quarta Partes de *Esplendores e misérias das cortesãs*, na Segunda Parte de *Os camponeses*, no começo de *O avesso da história contemporânea*, em fragmentos de *Pequenas misérias da vida conjugal*, e trabalhando com aquele terrível método, que consistia em refazer de cinco a quinze vezes o mesmo capítulo, modificando-o e ampliando-o sobre provas sucessivas. Não esqueçamos tampouco que o escritor estava num dos períodos mais agitados da sua agitadíssima existência, julgando-se em vésperas de concluir um casamento almejado havia treze anos (e que se fará esperar mais quatro), e de tornar-se o pai do filho da condessa Hanska (que nem chegará a nascer); tentando romper os laços espúrios que o ligavam a sua governanta Louise Breugniol, ao mesmo tempo sua amante e sua credora; às voltas com a mãe ranzinza, que não compreendia por que o filho, regamente pago por seus trabalhos, não lhe podia assegurar uma mesada decente; debatendo-se desesperadamente no meio de suas dívidas (que o acompanharão, cada vez mais ameaçadoras, até o túmulo), gastando à toa o dinheiro que a noiva lhe confiava, empenhando valores que não lhe pertenciam, dando satisfações insatisfatórias aos editores e aos credores, desobedecendo aos médicos assustados com a sua saúde, e interrompendo o trabalho nos momentos mais inspirados a fim de acorrer a um chamado da instável condessa ora a Kreuznach, ora a Wiesbaden, ou de procurar algum inseto raro para a coleção do genro da condessa, o conde Mnischev, entomologista amador. Sim, Balzac nos dá a impressão de um homem que se afoga e procura agarrar-se a qualquer galho, enquanto vai fazendo e refazendo suas “contas dramáticas”, que não conferem nunca, preocupado em obter do jornal e do editor o máximo possível de dinheiro e o mais cedo possível. Eis como seu biógrafo André Billy, que lhe vasculhou a vida dia por dia, caracteriza esse momento crucial:

Não era apenas o bom senso que parecia, nessa época, ter completamente abandonado o infeliz; era o pudor moral mais elementar. Dispunha da fortuna da amante, renegava a mãe, a irmã e todos aqueles que lhe tinham prestado serviço. Ver-se, ao mesmo tempo, tão perto e tão longe do objetivo, ver o prazo do casamento tão almejado recuar à medida que ele se esforçava para apressá-lo por meio de especulações e combinações financeiras que a condessa Hanska desaprovava uma após a outra dava-lhe positivamente a vertigem.

Como trabalhar em condições como essas?

Foi, entretanto, em 1846 que foram compostas duas de suas obras-primas mais possantes: *O primo Pons* e *A prima Bete*. Prodígio ante o qual toda reprovação se cala.

Outro biógrafo, Stefan Zweig, é ainda mais categórico ao afirmar que “os dois romances *O primo Pons* e *A prima Bete*, que se originaram do

plano primitivo de *Os parentes pobres*, são as suas maiores produções... Balzac atinge nelas o mais alto nível de sua arte”.

Anne-Marie Meininger, prefaciadora de *A prima Bete* na edição da Pléiade, analisa minuciosamente o flagrante paralelismo que, às vezes talvez à revelia do autor, existe entre esse romance e *O primo Pons* e cujos inconvenientes só um gênio como Balzac podia evitar. Ela mostra ao mesmo tempo como todo o aprendizado amargo da vida, todas as frustrações, decepções e fracassos do romancista injetam em *A prima Bete* uma verdadeira torrente de fogo.

Pelas cartas de Balzac à condessa Hanska, vemos como *A prima Bete* (em francês: *La Cousine Bete*) se elabora e se amplia, tomando proporções cada vez mais importantes. Dez vezes o escritor se acha perto do fim; dez vezes sua expectativa é desiludida, o romance exige cada vez maior desenvolvimento. Embora *O primo Pons* fosse, no plano primitivo, o primeiro dos painéis a ser acabado, *A prima Bete* toma a dianteira, graças à inspiração mais fácil, e é terminado muito antes do outro.

Desde a primeira ideia do romance, o título é *A prima Bete*: quer dizer que a figura central que se apoderou da imaginação do romancista foi essa estranha criatura, o tipo da parenta pobre que se vinga de maneira terrível das humilhações efetivas ou imaginárias que sua família rica lhe inflige. Ela pertence a essa galeria de personagens insignificantes que uma paixão ou uma ideia fixa faz crescer de repente, dando-lhes uma energia insuspeitada: lembra a Rosália de Watteville de *Alberto Savarus*, ou o padre Troubert de *O cura de Tours*. A sua vingança é tanto mais devastadora quanto suas vítimas, até o fim, não lhe percebem a natureza verdadeira, e ela morre chorada como um exemplo de afeição e fidelidade. Apenas a sua cúmplice, a sra. Marneffe, se assusta ao descobrir “a existência simultânea de um Iago e de um Ricardo III naquela mulher na aparência tão fraca, tão humilde e tão pouco temível”. Poder-se-ia dizer que as ofensas sofridas pela Bete não estão em proporção com a sua vingança infernal, mas o próprio autor, como se previsse tal objeção, faz questão de explicar o mecanismo peculiar do ódio, que, uma vez nascido, pode aumentar e crescer sem alimento novo. A Bete representa, pois, uma dessas paixões personificadas que dão os grandes tipos de Balzac e cuja evolução é justificada pelo automatismo da paixão que os move. Poder-lhe-íamos talvez censurar a excessiva lucidez, uma consciência clara demais do seu papel num ser apresentado como primário; quando ela exclama: “Ter energia para assaltar o paraíso e empregá-la à procura de pão, água, farrapos e uma mansarda! Ah, minha filha, isto é um martírio!”, ouve-se aí a voz do analista e não a da pobre campônia. Mas a corrente da narração é tão forte que mal nos podemos deter para anotar essa inverossimilhança.

É fácil compreender por que o romance, passando das proporções primitivas, foi-se avolumando e arrastando o romancista. As criaturas com quem Balzac rodeou a Bete tomaram feições tão marcadas e assumiram personalidade tão forte que elas também exigiram para si espaço vital.

Há duas protagonistas de tamanho igual ao da Bete: o barão Hulot e a sra. Marneffe. O barão, segundo o define o ministro príncipe de Wissemburgo, não é um homem, é um temperamento: presa de um vício, a luxúria, passa por toda a escada das degradações. Os leitores ouvirão dele algumas dessas frases poderosamente condensadas em que Balzac sabia resumir uma personagem inteira, todo um vício. É um monstro perfeito, de uma perfeição que provoca a admiração entusiástica não somente da cantora Josefa, mas mais ainda do próprio Balzac, o qual, apesar de reprovar em voz alta o seu herói em nome da moral social, não pode ocultar de todo o enternecimento que lhe causa perversão tão inteiriça. “Lucrécio nada produziu de mais forte quando, com estro desesperado e lógica intratável, descreve a peste de Atenas, fazendo dela o seu herói”, exclama Taine, igualmente extasiado ante o espetáculo. Hulot oferece a Balzac a oportunidade de fazer um grande estudo da fisiologia dos libertinos, “gente que a natureza dota da preciosa faculdade de amar além dos limites que ela mesma fixou para o amor”.

Outra personagem de extraordinário relevo é a sra. Marneffe. Em toda a galeria de cortesãs de Balzac (e não é pequena) é ela a mais perfeita, a mais diabólica, a mais completa, “igual à Cleópatra de Shakespeare”. Veja-se como ela difere do tipo romântico da mulher perdida: como é positiva, prática, inteligente e espirituosa. Toma o primeiro amante para satisfazer os sentidos; o segundo, para contentar suas aspirações de luxo material; o terceiro, por ter-se apaixonado; o quarto, por estar cada vez mais envolvida pela excitação do jogo, atraída pela embriaguez do perigo. Algumas cenas em que Valéria enfrenta as suspeitas e as desconfianças de seus diversos amantes, vencendo-os um por um pelas armas da sedução, são das mais poderosas que a literatura já produziu nesse gênero.

Entre as figuras menores, Crevel, tipo do burguês enriquecido e tolo, é o antepassado literário de várias personagens inesquecíveis de Flaubert. Brunetière cita-o como demonstração da capacidade de observador social de Balzac: Crevel comparado com Birotteau, seu antigo patrão e seu ideal, mostra o caminho percorrido pela burguesia da Restauração ao regime liberal de Luís Felipe. Poderíamos apontar muitas outras observações de igual agudeza, por exemplo, as que se referem à diferença do amor sob o Império e depois da Restauração. Todas denotam em Balzac um estudioso atento da realidade social, uma verdadeiro “doutor em ciências sociais” (designação criada pelo



escritor precisamente neste romance).

A baronesa Hulot, como geralmente as personagens virtuosas de Balzac, peca por excesso de ingenuidade. Sente-se que desta vez Balzac obedece à tradição romântica dos contrastes fortes, opondo uma verdadeira santa a uma cortesã diabólica da força da sra. Marneffe. Não se procura impunemente suplantar um Eugène Sue, ainda quando se é Balzac. Mesmo um admirador do romance como V. S. Pritchett protesta contra a pieguice do desempenho de Adelina. “Sua tentativa patética de se vender para salvar a fortuna do marido é de leitura penosa; temos de admirar a virtude por ser estúpida?”

No conde Steinbock, Balzac fundiu com felicidade os traços de um tipo racial (o eslavo), de um caráter (o abúlico) e de um temperamento (o artista). Analisando os motivos da rápida decadência desse talento real, formula as grandes leis do trabalho artístico.

Quantos outros figurantes há, ainda, neste livro, representados com poucos traços de admirável segurança: o abjeto Marneffe, o velho marechal Hulot, o advogado Hulot e sua mulher, a atriz Carabina! Cada um deles se prestaria a uma análise como a que A. do Prado Coelho empreende acerca de uma das personagens mais apagadas de *A prima Bete*:

É grande, neste romance, o número das figuras. Entre elas, uma chama a atenção, logo no começo, e depois, com a complicação do enredo, perder-se-á de vista quase apesar de alusões mais ou menos circunstanciadas à sua situação. Trata-se de Hortênsia, a filha da baronesa Hulot. Não aparece muitas vezes. Pela restrita influência que dela possa considerar-se provir sobre o decorrer da ação, é lícito tê-la como figura não primária. Pois bem! É uma das almas mais interessantes e mais vivas do romance. Como figura de mulher, está admiravelmente lançada, posto que com grande sobriedade de traços. Mas não há palavra que profira que não precise da nossa inteligência.

A personagem menos convincente do livro é, precisamente, o barão Henrique Montes de Montejanos, o único brasileiro que aparece em *A comédia humana* e que de brasileiro tem muito pouco, nem sequer o nome. Vejamos nele antes uma projeção do sonho exótico de Balzac, uma expressão da miragem brasileira que tão frequentemente lhe acenava, do que uma criação inspirada por algum modelo vivo. (Ver estudo sobre “O Brasil na vida e na obra de Balzac” no n. 4 de 1950 da revista *Cultura*, Rio de Janeiro, republicado em *Balzac e A comédia humana*, São Paulo, Biblioteca Azul, 2012.)

As demais personagens, pelo contrário, poderiam ter seus originais vivos (e, também, como aconteceu com tantas criaturas de Balzac, poderiam ver-se reproduzidas pela realidade). Pelo menos a respeito de uma, a principal, Balzac indicou numa carta à sra. Hanska as pessoas que lhe forneceram fragmentos do retrato: “Vou começar *A prima Bete*, romance terrível, pois o caráter principal será composto de minha mãe,

da sra. Valmore e da tia Rosália. Será a história de muitas famílias”. Apesar dessa indicação, não é fácil descobrir as contribuições dessas três mulheres para a personagem. Por mais sombrio que seja o retrato que Balzac, muitas vezes injustamente, pintava da mãe para uso da condessa Hanska, não se vê muito bem em que ela se podia assemelhar com a Bete, e a contribuição dos dois outros “modelos” parece ainda mais problemática. Segundo o comentário já citado de Anne-Marie Meininger, Balzac teria tido raiva da poetisa Marceline Desbordes-Valmore por ela ter-lhe recomendado a governanta, mais tarde amante e finalmente inimiga Louise Breugniol, e teria odiado a socialite condessa Rosalie Rzewuska, prima (e não tia) da sra. Hanska, que tudo fizera por impedir o casamento da prima com o desprezível plumitivo francês. Convém observar, aliás, que esta confidência data de 28 de junho de 1846, quando o escritor apenas ia começar o romance; o caráter da personagem pode ter-se modificado e, sobretudo, como geralmente acontecia com Balzac, ter-se agigantado no decorrer da composição.

Acerca do original de Hulot, há em *Balzac desnudado* depoimento de um contemporâneo anônimo que o identifica com um Alexandre Doumerc, filho de um banqueiro de quem o pai de Balzac fora secretário. Existem de fato semelhanças entre essa pessoa e Hulot, mas, como observa judiciosamente Maurice Allem, no prefácio da edição Garnier, “são traços comuns a muitos anciãos luxuriosos”. Bem mais curioso é um confronto recente entre a mesma personagem e um original com quem, à primeira vista, nada deveria ter de comum, Victor Hugo. E no entanto Jean-Bertrand Barrère, depois de uma análise penetrante dos sentimentos de Balzac para com Hugo, seu rival feliz, que obteve a consagração da crítica, a felicidade familiar, a riqueza, o êxito político, coisas que ele almejava em vão, mostra não apenas uma coincidência indiscutível de nomes: Hector Hulot-Victor Hugo, Adeline Fischer-Adèle Foucher, e de situações (Hugo preso em flagrante numa situação muito semelhante à de Hulot com a sra. Marneffe), mas também certo número de trechos do romance que ganham novo sentido à luz dessa identificação. A principal diferença entre Hulot e seu modelo está em ser Hugo muito mais moço. Mas Balzac podia perfeitamente, sem ele próprio tomar consciência disso, antecipar o futuro e descrever o que no seu espírito devia ser o fim de Hugo, marido de infidelidade notória, dado a aventuras. Essa identificação, exposta de maneira plausível, fornece-nos uma indicação preciosa “sobre a maneira por que Balzac trabalhava o real”. Propositada ou involuntária, não foi percebida pelos contemporâneos dos dois grandes escritores.

Não é a permanência de alguns elementos horríficos do “romance negro” (o envenenamento, os disfarces da sra. Nourrisson e seus companheiros, as intervenções misteriosas da polícia) que dá a esse

livro complexo uma inconfundível tonalidade trágica, mas sim a visão geral do mundo a que o autor parece ter chegado quase ao fim de sua carreira, gasto pelas decepções e sofrimentos: uma espécie de determinismo desesperado, a sensação de inutilidade de todo esforço de elevação e melhora, uma vez que nossa vida é predestinada pelos pendores ocultos nas células de nosso organismo. A exclamação de Adelina, “Isto faria duvidar da virtude de Deus!”, é um resumo lacônico, mas certo, da impressão geral deixada pelo livro, cuja amargura Balzac procurou temperar pela intervenção pouco feliz de um *deus ex machina*, a misteriosa doença brasileira, transmitida por veneno e contágio.

O escritor sentia, desde o começo, que estava empenhado numa das obras mais duradouras de sua carreira. Antes mesmo de começar o livro, escreveu à Estrangeira: “O momento exige que eu faça duas ou três obras capitais que derrubem os falsos deuses desta literatura bastarda e que hão de provar que sou mais moço, mais fresco e maior que nunca”. À medida que o romance sai em folhetim, recebe parabéns e encorajamentos de leitores, e não pode resistir à vontade de transmiti-los à condessa Hanska: “De todos os lados fala-se em obra-prima e ainda não chegaram ao patético. A cenas grandes, espera! Eu não sabia o que estava fazendo. Agora sei. É o *pendant* de Ester”. A comparação com esta última obra (as duas primeiras partes até então publicadas de *Esplendores e misérias das cortesãs*) é justa, pois a corrente da narração não é menos envolvente nem menor a tensão, mas *A prima Bete* é mais depurada, mais bem estruturada, dramática em vez de melodramática.

Alain confessa que, ao procurar lembrar-se do romance, encontrava nele várias falhas: “Não gosto do casal Marneffe nem da vingança do brasileiro, coisas de meter medo às criancinhas”, mas, ao retomar o livro, volta a redescobrir-lhe todas as qualidades, sobretudo um sentimento de suspensão a que não é possível ninguém subtrair-se, mesmo que já tenha lido o romance. Com razão, assinala a eminente dramaticidade de muitas cenas da obra, no que se encontra com Philippe Bertault, para quem *A prima Bete* é “como uma vasta síntese dos recursos dramáticos empregados pelo escritor”.

Com efeito, em nenhum outro romance se patenteia melhor o senso dramático de Balzac: inúmeros capítulos constituem perfeitas cenas de comédia ou de tragédia, sem que seja preciso modificar-lhes uma palavra sequer. O leitor poderá divertir-se em descobri-las e em imaginá-las representadas. A paixão teatral, constante em Balzac, mostra na última fase da sua vida tendência ascendente, e manifesta-se em várias tentativas de dramaturgo, infelizmente todas malogradas; patenteia-se a cada passo nos romances, e ouvimos o romancista com surpreendente frequência usar terminologia teatral, falando em cena, ato, atores, espectadores do drama. É essa forte saudade do palco que deve ter contribuído para a escolha de um título geral como *A comédia*

*humana*, e de subtítulos como *Cenas da vida militar*, *Cenas da vida parisiense* etc.

Por outro lado, o balzaquista André Lorant, no prefácio da edição Garnier-Flammarion, chama oportunamente a atenção do leitor sobre a perfeição da estrutura elaborada do romance, ritmado pela recorrência de cenas análogas (como as duas visitas de Crevel à sra. Hulot e os dois encontros de Hulot com a atriz Josefa), que tornam mais sensíveis as devastações do tempo ocorridas no intervalo. Tudo concorre para que sintamos o que o destino das personagens tem de inelutável.

PAULO RÓNAI

## OS PARENTES POBRES: A PRIMA BETE

A D. MICHELE ANGELO CAJETANI, PRÍNCIPE DE TEANO<sup>[1]</sup>

*Não é ao príncipe romano nem ao herdeiro da ilustre casa de Cajetani que deu papas à cristandade, mas ao sábio comentador de Dante que eu dedico este pequeno fragmento de uma longa história.*

*Vós me fizestes perceber o maravilhoso vīgamento de ideias sobre o qual o maior poeta italiano construiu o seu poema, o único que os modernos podem comparar ao de Homero. A divina comédia era para mim, antes de ouvir a vossa palavra, um imenso enigma, cuja solução não fora encontrada por ninguém, e muito menos pelos seus comentadores. Compreender Dante assim é ser grande como ele; mas todas as grandezas vos são familiares.*

*Um sábio francês tornar-se-ia famoso, obteria um púlpito e uma cruz, se publicasse, num volume dogmático, o improviso com que tornastes encantadora uma dessas noites em que repousamos depois de haver visto Roma. Ignorais talvez que os nossos professores, em maioria, vivem na Alemanha, na Inglaterra, no Oriente ou no Norte, como insetos numa árvore; e como o inseto eles se tornam, ali, parte integrante, valorizando-se à custa dos assuntos. Ora, a Itália ainda não foi explorada do alto da cátedra. Nunca levarão em conta a minha descrição literária. Poderia tornar-me, espoliando-vos, um douto, com a força de três Schlegel,<sup>[2]</sup> no entanto, vou conservar-me um simples doutor em medicina social, o veterinário dos males incuráveis, quando mais não seja para oferecer um testemunho de reconhecimento ao meu cicerone e ligar o vosso ilustre nome aos dos Porcia,<sup>[3]</sup> dos San Severino,<sup>[4]</sup> dos Pareto,<sup>[5]</sup> dos Di Negro,<sup>[6]</sup> dos Belgiojoso,<sup>[7]</sup> que representarão, em A comédia humana, a aliança íntima e contínua entre a Itália e a França, aliança que Bandello, o bispo autor de contos engraçados, já consagrava da mesma forma, no século XVI, na coletânea magnífica de novelas de que foram extraídas várias peças de Shakespeare, em alguns casos até papéis inteiros, e textualmente.<sup>[8]</sup>*

*Os dois esboços que vos dedico constituem as duas eternas faces de um mesmo fato. Homo duplex, disse o nosso grande Buffon,<sup>[9]</sup> por que não acrescentar: Res duplex? Tudo é duplo, inclusive a virtude. Também Molière apresenta sempre as duas faces de todo problema humano; Diderot, à sua semelhança, escreveu um dia Isto não é um conto, talvez a sua obra-prima, na qual apresenta a sublime fisionomia da srta. de Lachaux imolada por Gardanne, em confronto com a de um perfeito cavaleiro morto pela amante.<sup>[10]</sup> Minhas duas novelas, portanto, estão colocadas juntas, como gêmeos de sexo diferente. É uma fantasia literária a que nos podemos sacrificar uma vez, sobretudo numa obra em que se procura representar todas as formas que vestem o pensamento. As disputas humanas, em geral, decorrem do fato de existirem, ao mesmo tempo, sábios e ignorantes, constituídos de maneira a verem apenas um lado dos fatos ou das ideias, cada um julgando ser a face que vê a única verdadeira, a única boa. O Livro Santo registrou esta profética palavra: “Deus entregou o mundo às discussões”. Confesso que esta única passagem da Escritura deveria levar a Santa Sé a entregar-vos o governo das duas Câmaras para obedecer a essa sentença comentada, em 1814, por ordem de Luís XVIII.*

*Que vosso espírito, que a poesia que tendes dentro de vós protejam os dois*

*episódios de Os parentes pobres.*

*De vosso dedicado servidor*

DE BALZAC

*Paris, agosto-setembro de 1846*

## I – ONDE SE VAI ANINHAR A PAIXÃO?

Pelos meados de julho de 1838, uma dessas carruagens pouco antes postas em circulação nas praças de Paris e denominadas *milords* rodava pela Rue de l'Université, conduzindo um cavalheiro gordo, de estatura média, em uniforme de capitão da Guarda Nacional.

Entre os parisienses julgados “espirituosos”, há os que se acreditam infinitamente mais elegantes quando envergam a farda, em vez dos trajes habituais, supondo mesmo terem as mulheres o gosto depravado, a ponto de se impressionarem facilmente diante de um quepe de pelo ou dos adornos militares.

A fisionomia do capitão, que pertencia à segunda legião, revelava tal contentamento de si mesmo que ainda mais lhe realçava a tez avermelhada e a cara um pouco balofa. Por aquela auréola que a fortuna adquirida no comércio colocava na fronte dos negociantes em inatividade, adivinhava-se nele um dos eleitos de Paris, pelo menos um antigo adjunto do *maire* do seu distrito. Além disso, não lhe faltava sobre o peito orgulhosamente arqueado à prussiana a fitinha da Legião de Honra. Reclinado a um canto do *milord*, esse cavalheiro condecorado, de ar altivo, observava os transeuntes, que em Paris, muitas vezes, recolhem dessa forma agradáveis sorrisos dirigidos a belos olhos ausentes.

A carruagem parou no trecho compreendido entre a Rue de Bellechasse e a Rue de Bourgogne, à porta de uma grande casa recentemente construída em parte do pátio de um antigo palácio ajardinado. Respeitara-se o palácio, que conservava a sua forma primitiva, ao fundo do pátio reduzido à metade.

Pela maneira como o capitão aceitou os préstimos do cocheiro para descer do *milord*, ter-se-ia reconhecido logo o quinquagenário. Há gestos que, pela expressiva lentidão, se tornam tão indiscretos quanto uma certidão de idade. O capitão calçou a luva amarela na mão direita e, sem dizer nada ao porteiro, dirigiu-se para o vestíbulo do palácio, com ar de quem dizia: “Ele pertence-me!”. Os porteiros de Paris são perspicazes, nunca detêm as pessoas condecoradas, vestidas de azul e de andar pesado; enfim, conhecem os ricos.

Todo o andar térreo era ocupado pelo barão Hulot d'Ervy, comissário ordenador no tempo da República, antigo intendente-geral do Exército e então diretor de um dos mais importantes departamentos do Ministério da Guerra, conselheiro de Estado, Grande Oficial da Legião de Honra etc. etc.

O barão Hulot juntara ao seu nome o de Ervy, terra onde nascera, a fim de distinguir-se de seu irmão, o famoso general Hulot, coronel dos granadeiros da Guarda Imperial, feito conde de Pforzheim pelo imperador após a campanha de 1809. Incumbido de cuidar do irmão mais moço, este último, com empenho paternal, conseguira-lhe um lugar na administração militar, onde, graças aos seus duplos serviços, o barão obteve e mereceu favores de Napoleão. Desde 1807, o barão Hulot era intendente-geral dos exércitos na Espanha.

Depois de haver tocado a campainha, o capitão burguês, com grande esforço, ajeitou o uniforme, que subira na frente e nas costas, em virtude da conformação do ventre em forma de pera. Um criado de libré veio atendê-lo, e o cavalheiro solene e importante seguiu o criado, que, ao abrir a porta do salão, anunciou:

— O sr. Crevel!

Ao ouvir este nome, admiravelmente adequado ao aspecto de quem o usava, uma mulher loura e alta, muito bem conservada, ergueu-se como se houvesse recebido uma descarga elétrica.

— Hortênsia, meu anjo, vá passear no jardim com a prima Bete — disse ela vivamente à filha, que bordava a alguns passos de distância.

Após haver dirigido delicado cumprimento ao capitão, a jovem Hortênsia Hulot saiu por uma porta, acompanhada de uma criatura magra que parecia mais idosa que a baronesa, embora tivesse na realidade cinco anos menos.

— Trata-se de teu casamento — disse a prima Bete ao ouvido de Hortênsia, sem mostrar-se ofendida com o modo como a baronesa as despedira, quase não lhe prestando a menor atenção.

A maneira de a prima Bete vestir-se talvez explicasse tamanha semcerimônia. O seu vestido era de merinó cor de uva de Corinto, com um corte e enfeites do tempo da Restauração; uma blusa bordada, que podia valer três francos; o chapéu de palha enfeitado com frutos de cetim azul, com bordados de palha, igual ao das mulheres do mercado. Pelo aspecto dos sapatos de pele de cabra, cuja fôrma denunciava o trabalho de um sapateiro de ínfima classe, um estranho hesitaria em cumprimentar a prima Bete como pessoa da casa, porque na verdade ela parecia uma costureira assalariada. Contudo, a prima Bete não deixou a sala sem um cumprimento afetuoso ao sr. Crevel, que respondeu com um sinal de cumplicidade.

— A senhorita virá amanhã, não é mesmo, srta. Fischer? — perguntou ele.

— Será numerosa a reunião? — indagou, por sua vez, a prima Bete.

— Apenas meus filhos e eu — respondeu o visitante.

— Nesse caso, conte comigo.

— Estou às suas ordens, minha senhora — disse o capitão da milícia burguesa, saudando novamente a baronesa Hulot. E dirigiu-lhe um



olhar igual ao que Tartufo lança a Elmira<sup>[11]</sup> quando um ator provinciano julga necessário sublinhar as intenções do seu papel, em Poitiers ou Coutances.

— Se quer ter a bondade de acompanhar-me, sr. Crevel, ali estaremos mais à vontade para tratar de negócios — disse a sra. Hulot, indicando uma sala vizinha, transformada em salão de jogo.

Um tabique separava esta sala do toucador, cuja sacada, aliás, dava para o jardim. A sra. Hulot deixou o sr. Crevel sozinho por um instante, porque julgou necessário fechar a janela e a porta do toucador, a fim de que ninguém pudesse ouvi-los. Tomou ainda a precaução de fechar até a porta do grande salão, dirigindo um sorriso à filha e à prima, que viu sentadas sob um velho caramanchão ao fundo do jardim. Ao voltar, deixou aberta a porta do salão de jogo, para que pudesse ouvir qualquer rumor, se alguém abrisse a da grande sala. Nestas idas e vindas, a baronesa, não sendo observada por ninguém, deixava estampar-se na fisionomia tudo o que pensava no momento; quem a visse ficaria surpreso com a sua agitação. Mas quando chegou à porta do salão de jogo, seu rosto já tomara aquele ar reservado e impenetrável que todas as mulheres adotam, mesmo as mais francas.

Durante estes singulares preparativos, o oficial da Guarda Nacional examinava o mobiliário do aposento onde se encontrava. Observou as cortinas de seda, primitivamente vermelhas e já arroxeadas pela ação do sol, puídas nas pregas por longo uso; o tapete desbotado; os móveis desdourados, cuja seda, muito gasta, apresentava manchas; e expressões de desdém, contentamento e esperança se sucederam ingenuamente na cara larga do comerciante enriquecido. E ele se mirava ao espelho colocado em cima dum velho pêndulo do Império, procurando compor-se quando o roçar do vestido de seda anunciou a entrada da baronesa. O capitão assumiu então uma posição conveniente.

Sentando-se num pequeno sofá, que certamente fora muito bonito aí por 1809, a baronesa indicou a Crevel uma poltrona, que, na extremidade dos braços, tinha cabeças de esfinges bronzeadas, cuja pintura, entretanto, estava escamada, a ponto de deixar ver a madeira. Convidou-o a sentar-se.

— As precauções tomadas, minha senhora, seriam um encantador augúrio para um...

— Um amante — insinuou ela, interrompendo a frase do militar.

— A expressão é fraca — disse ele, pondo a mão direita sobre o coração e dando aos olhos uma expressão que quase sempre faz rir a mulher, quando ela a observa com frieza. — Amante, amante! Diga, enfeitado!

— Ouça-me, sr. Crevel — prosseguiu a baronesa, preocupada demais para pensar em rir —, o senhor tem cinquenta anos, dez anos menos que o sr. Hulot, bem o sei; na minha idade, porém, as leviandades de uma mulher devem ser justificadas pela formosura, pela mocidade, pela fama, pelo mérito, por quaisquer esplendores que nos deslumbrem a ponto de nos fazer esquecer tudo, inclusive a idade. O senhor tem cinquenta mil libras de rendimento, mas essa fortuna é contrabalançada pela idade; portanto, o senhor nada possui de tudo aquilo que uma mulher exige...

— E o amor? — indagou o oficial da Guarda Nacional, erguendo-se e dando um passo à frente. — Um amor que...

— Não, apenas teimosia — disse a baronesa, interrompendo-o, no propósito de dar fim à ridícula cena.

— Sim, teimosia e amor — prosseguiu ele. — Mas também algo melhor: direitos...

— Direitos? — exclamou a sra. Hulot, num tom sublime de desprezo, desafio e indignação. — Mas, se continuarmos neste tom, não acabaremos nunca, e eu não lhe pedi para vir aqui para conversarmos sobre o que nos fez perder não obstante a aliança de nossas famílias...

— Pensei...

— Mais uma vez! Pela maneira franca e desembaraçada como eu falo em amantes, amor e tudo o que há de mais escabroso para uma mulher, o senhor já deve ter compreendido que eu estou firmemente disposta a permanecer virtuosa, não é mesmo? Nada temo, nem mesmo que suspeitem de mim por encontrar-me em sua companhia. É esta a conduta de uma mulher fraca? O senhor bem sabe o motivo por que o mandei chamar!

— Não, senhora — replicou Crevel, de maneira fria.

E, mordendo os lábios, pôs-se em posição.

— Está bem! Serei breve para não prolongar o nosso mútuo suplício — disse a baronesa Hulot, fitando Crevel.

Crevel fez uma saudação irônica, na qual um homem de sociedade reconheceria o “espírito” de um velho caixeiro-viajante.

— Meu filho casou-se com a sua filha...

— E se fosse para fazer de novo... — declarou Crevel.

— Então o casamento não se realizaria mais — respondeu vivamente a baronesa. — Contudo, o senhor não tem motivo de queixa. Meu filho, além de ser um dos primeiros advogados de Paris, é ainda, há um ano, deputado, e a sua estreia, na Câmara, foi tão brilhante que, segundo se acredita, chegará em breve ao posto de ministro. Vitorino foi, por duas vezes, designado relator de leis importantes e já poderia ser, se o quisesse, advogado geral do Tribunal de Cassação. Portanto, se o senhor quer dar a entender que tem um genro sem dinheiro...

— Um genro que eu sou obrigado a sustentar — interrompeu Crevel

—, o que é muito pior, minha senhora. Dos quinhentos mil francos que constituíram o dote de minha filha, duzentos mil já desapareceram, Deus sabe como. Tudo para pagar as dívidas do seu filho, para mobiliar *mirabolantemente* a sua casa, uma casa de quinhentos mil francos, dos quais ainda deve duzentos e sessenta mil francos, e cuja renda é de apenas quinze mil, visto como ele ocupa a parte mais bonita, e da qual ele reduz duzentos e sessenta mil francos... A renda mal dá para cobrir os juros da dívida. Darei este ano a minha filha uns vinte mil francos para que ela possa cobrir as despesas. E meu genro, que no Tribunal ganhava trinta mil francos, segundo dizem, vai deixar o Tribunal pela Câmara...

— Tudo isto, sr. Crevel, é um circunlóquio e nos afasta do assunto principal. Mas, já que falamos nisso, se meu filho se tornar ministro e conseguir fazê-lo oficial da Legião de Honra e conselheiro da Prefeitura de Paris, o senhor, antigo perfumista, não terá razão de queixa...

— Ah! Chegou aonde eu queria chegar, minha senhora. Sou um merceeiro, droguista, antigo retalhista de óleo de amêndoas, água-de-colônia, Óleo Cefálico. Por isso, devia considerar-me muito honrado por ter casado a minha filha única com o filho do sr. barão Hulot d'Ervy. Minha filha será baronesa! Isto é Regência, Luís xv, olho-de-boi!<sup>[12]</sup> É muito distinto! Eu amo Celestina como se ama uma filha única, amo-a tanto que, para não dar-lhe nem irmão nem irmã, aceitei todos os inconvenientes da viuvez em Paris (e na força da idade, minha senhora!). Mas fique certa de que, apesar de todo esse amor insensato por minha filha, não me desfarei de minha fortuna em proveito de seu filho, cujos gastos não me parecem muito claros, a mim, antigo negociante...

— Ora, veja: neste instante mesmo encontra-se à frente do ministério o sr. Popinot, antigo droguista da Rue des Lombards...

— Meu amigo, minha senhora — acentuou o antigo perfumista. — Porque eu, Celestino Crevel, ex-primeiro-caixeiro do velho César Birotteau, comprei o estabelecimento dele, que era sogro de Popinot.<sup>[13]</sup> Pois Popinot era um simples caixeiro nesse estabelecimento, coisa que ele próprio refere, porque não é orgulhoso (justiça se lhe faça) com as pessoas bem colocadas e que possuem sessenta mil francos de renda.

— Bem, quer dizer que as ideias que o senhor designa pela expressão Regência não estão mais na moda numa época em que os homens são aceitos pelo seu valor pessoal. Pois foi o que o senhor fez, casando a sua filha com o meu filho...

— A senhora não sabe como se consumou esse casamento! — exclamou Crevel. — Ah! Maldita vida de solteiro! Não fossem as minhas loucuras, e Celestina seria hoje a viscondessa Popinot!

— Mais uma vez lhe digo: não falemos de coisas passadas — declarou energicamente a baronesa. — Tratemos do motivo de queixa

que me dá seu estranho procedimento. Minha filha Hortênsia poderia casar-se, dependendo esse casamento inteiramente do senhor; acreditei que o senhor tivesse sentimentos generosos, julguei que o senhor faria justiça a uma mulher que nunca teve no coração uma imagem que não a do seu marido, pensei que o senhor reconheceria a necessidade, para ela, de não receber um homem capaz de comprometê-la; admiti que, em honra da família a que se ligou, o senhor seria levado a favorecer a união de Hortênsia com o conselheiro Lebas... E esse casamento ficou frustrado por sua causa...

— Minha senhora, eu procedi como um homem honesto — respondeu o antigo perfumista. — Perguntaram-me se os duzentos mil francos de dote destinados à srta. Hortênsia seriam pagos. Respondi textualmente o seguinte: “Não garantiria isso. Meu genro, a quem a família Hulot entregou idêntica soma, como dote, tinha dívidas, e creio que, se o sr. Hulot d’Ervy morresse amanhã, sua viúva morreria de fome”. Apenas isso, distinta senhora.

— Teria o senhor usado essa linguagem se, por sua causa, eu houvesse faltado aos meus deveres? — perguntou a sra. Hulot, mirando fixamente Crevel.

— Não teria o direito de dizer isso, querida Adelina — exclamou o singular namorado, interrompendo a baronesa —, porque a senhora encontraria o dote em minha carteira...

Mal acabou de pronunciar estas palavras, o gordo Crevel ajoelhou-se e beijou a mão da sra. Hulot, mergulhada então num mudo horror, que ele julgou ser apenas hesitação.

— Comprar a felicidade da minha filha ao preço de... Oh! Levante-se, senhor, ou chamarei um criado.

O ex-perfumista ergueu-se com dificuldade. Esta circunstância o irritou de tal sorte que ele se empertigou todo. Os homens, em geral, gostam de tomar uma atitude com a qual acreditam pôr em relevo os privilégios com que a natureza os dotou. A atitude predileta de Crevel consistia em cruzar os braços à maneira de Napoleão, inclinar três quartos a cabeça para trás e, como o pintor ao lançar as linhas de um retrato, fixar o olhar um pouco no horizonte.

Com fingido furor, Crevel prosseguiu:

— Conservar a fé num libert...

— Num marido, senhor, que é digno disso — interrompeu a baronesa, não o deixando pronunciar uma palavra que desejava não ouvir.

— Está bem, minha senhora. A senhora pediu-me para vir aqui, quis saber os motivos de meu procedimento, mas me leva aos extremos com seus ares de imperatriz, com seu desdém, com seu desprezo! Pensariam que eu sou um negro? Repito, pode acreditar: tenho o direito de... cortejá-la... porque... Mas, não, eu a amo bastante para silenciar...

— Pode falar, senhor; dentro de poucos dias completarei quarenta e oito anos, não sou uma ingênua, posso ouvir tudo...

— Está bem, a senhora me dá a sua palavra de mulher honesta (porque, infelizmente para mim, a senhora é uma mulher honesta), prometendo não citar nunca meu nome nem dizer que eu lhe contei o segredo?

— Se é esta a condição para que me revele tudo, juro que não direi a ninguém, nem sequer ao meu marido, o nome da pessoa por cujo intermédio terão chegado ao meu conhecimento as coisas terríveis que o senhor me vai confiar.

— Eu o acredito, porque se trata exclusivamente da senhora e de seu marido...

Ela empalideceu.

— Ah! Se a senhora ainda ama Hulot, vai sofrer muito! Quer que eu me cale?

— Pode falar, senhor, porque se trata, a seu ver, de justificar, ante mim, as estranhas declarações que me fez, e, bem assim, a sua persistência em atormentar uma mulher da minha idade, que desejava casar a filha e depois... morrer em paz!

— Como vê, a senhora é infeliz...

— Eu, senhor?

— Sim, minha bela e nobre criatura! — exclamou Crevel. — Você tem sofrido muito...

— Senhor, cale-se e saia! Ou então me fale de modo conveniente.

— Saberá a senhora como Hulot e eu nos conhecemos? Em casa de nossas amantes, senhora.

— Oh!

— Em casa de nossas amantes, minha senhora — repetiu Crevel num tom melodramático e modificando a sua posição para fazer um gesto com a mão direita.

— Está bem! E depois, senhor? — disse tranquilamente a baronesa, com espanto de Crevel.

Os conquistadores de intuitos baixos nunca compreendem as grandes almas.

### III – JOSEFA

— Eu estava viúvo havia cinco anos — iniciou Crevel, falando como quem vai contar uma história. — Não desejando casar-me de novo no interesse da minha filha, que eu idolatro, nem querendo ter relações dentro de minha própria casa, embora nessa época eu tivesse uma linda caixeirinha, resolvi adotar, como se diz, uma jovem operária de quinze anos, de maravilhosa formosura, por quem, confesso, me apaixonei, a ponto de perder a cabeça. Então, pedi à minha própria tia, que eu fizera

vir de minha terra (a irmã de minha mãe!), o obséquio de viver em companhia dessa encantadora criatura e vigiá-la para que ela se conservasse o mais decentemente possível nessa situação... como direi?... chocante... Não, ilícita... A pequena, cuja vocação para a música era visível, teve professores, recebeu educação (era preciso dar-lhe ocupação conveniente). Aliás, eu queria ser, a um tempo, seu pai, seu benfeitor e (faamos francamente) seu amante; de uma cajadada, matava dois coelhos; praticava uma boa ação e tinha uma boa companhia. Fui feliz durante cinco anos. A pequena é dotada de uma dessas vozes que fazem a fortuna de um teatro, podendo-se com exatidão qualificá-la como um Duprez de saias. Ela me custou dois mil francos por ano, só para lhe estimular o talento de cantora. Ela me tornou maníaco pela música; cheguei a adquirir para ela e minha filha um camarote nos Italiens.<sup>[14]</sup> Eu ia ao teatro uma noite com Celestina, outra com Josefa, alternadamente...

— Como? É a famosa cantora?...

— É, minha senhora — respondeu Crevel, com orgulho. — Tudo me deve a famosa Josefa... Enfim, quando a pequena completou vinte anos, em 1834, e como eu julgasse tê-la vinculado a mim para sempre, havendo-me tornado fraco diante de seus caprichos, procurei proporcionar-lhe algumas distrações. Apresentei-a então a uma linda jovem atriz, Jenny Cadine, cujo destino era um pouco semelhante ao seu. Essa atriz também devia tudo a um protetor, que a educara cuidadosamente. O protetor dela era o barão Hulot...

— Eu o sei, senhor — disse a baronesa, com a voz calma e sem a menor alteração.

— Ah! — exclamou Crevel, cada vez mais surpreso. — Está bem! Mas sabe que esse homem monstruoso *protegeu* Jenny Cadine desde a idade de treze anos?

— Perfeitamente. E depois? — indagou a baronesa.

— Jenny Cadine — prosseguiu o antigo negociante — tinha vinte anos de idade, como Josefa; quando elas se conheceram, já o barão representava o papel de Luís xv em relação à srta. de Romans,<sup>[15]</sup> desde 1826, e a senhora teria então doze anos menos...

— Senhor, tive razões para dar ao meu marido inteira liberdade.

— Essa mentira é suficiente, sem dúvida, para anular todos os pecados que a senhora tenha cometido, podendo abrir-lhe a porta do paraíso — observou Crevel, com um ar irônico que fez a baronesa corar. — Diga isso a outras pessoas, mulher sublime e adorada, mas não ao velho Crevel, que, fique sabendo, muitas vezes, em companhia de nossas amantes, se banqueteu com seu miserável marido e, por isso, sabe o que a senhora vale! Em várias ocasiões ele próprio se censurava enquanto bebia, referindo-se pormenorizadamente às suas perfeições. Ah! Eu a conheço muito bem: a senhora é um anjo. Entre uma garota de

vinte anos e a senhora, um libertino hesitaria, mas eu não hesito.

— Senhor!

— Bem, paro por aqui... Mas, minha santa e digna mulher, fique sabendo que os maridos, quando embriagados, contam muitas coisas a respeito das próprias esposas em casa de suas amantes, que riem a valer.

Lágrimas de pudor, rolando por entre os belos cílios da sra. Hulot, interromperam o capitão, que não pensou mais em manter a sua atitude.

— Devo continuar — disse ele. — Nós nos conhecemos, o barão e eu, por causa de nossas amantes. O barão, como todos os indivíduos viciados, é bastante amável, na realidade um bom cavalheiro. Ah! Simpatizei com o patife! Não, ele tinha invenções... Enfim, deixemos de parte essas recordações... Tornamo-nos como dois irmãos... O miserável, perfeito tipo-Regência, bem que procurou depravar-me, incutir-me o saint-simonismo em matéria de mulheres,<sup>[16]</sup> dar-me ideias de grão-senhor, de gibão azul,<sup>[17]</sup> mas, compreenda, eu amava a minha pequena, com ideia de desposá-la não fora o medo de ter filhos. Entre dois velhos pais, amigos como... como éramos, nada mais natural que pensássemos em casar os nossos filhos. Três meses depois do consórcio de seu filho com a minha Celestina, Hulot (não sei como pronuncio o nome desse infame, porque nos enganou a ambos, minha senhora!)... Pois bem, o miserável roubou-me a pequena Josefa. O infame sabia ter sido substituído por um jovem conselheiro de Estado e por um artista (apenas dois!) no coração de Jenny Cadine, cujos sucessos eram cada vez mais abafantes; então, roubou a minha querida amante, um amor de pequena; a senhora certamente já a viu nos Italiens, onde ele conseguiu colocá-la. Seu marido não é tão prudente quanto eu, que sou regular como uma pauta musical (ele já fora mal encaminhado por Jenny Cadine, que lhe custava cerca de trinta mil francos por ano). Pois bem, fique sabendo, ele acaba de arruinar-se por causa de Josefa. Minha senhora, Josefa é judia, chama-se Mirah (é o anagrama de Hiram), cifra israelita pela qual pode ser reconhecida, porque, em criança, ela foi abandonada na Alemanha (as pesquisas que eu fiz provam que ela é a filha natural de um rico banqueiro judeu). O teatro e, sobretudo, as instruções que, a respeito da maneira de tratar velhos, Jenny Cadine, Schontz, Málaga, Carabina,<sup>[18]</sup> lhe deram, a essa pequena que eu mantive num caminho honesto e pouco oneroso, desenvolveram nela o instinto dos primeiros hebreus em relação ao ouro e às joias, ao bezerro de ouro! A cantora famosa, tornando-se ávida na rapina, quer tornar-se rica, muito rica. Também nada gasta do que gastam com ela. Ela começou tudo com Hulot, a quem depenou, sim, depenou. Deixou-o liso! O infeliz, depois de haver lutado contra um dos Keller<sup>[19]</sup> e o marquês d'Esgrignon,<sup>[20]</sup> loucos ambos por Josefa, sem contar com os

admiradores desconhecidos, vai vê-la fugir com um duque tão poderosamente rico que protege as artes. Como é o nome dele?... Um anão?... Ah! O duque d'Hérerville.<sup>[21]</sup> Este cavalheiro alimenta a pretensão de ter Josefa, só para si; todo o mundo na Corte fala disso, apenas o barão não sabe nada; pois na décima terceira circunscrição<sup>[22]</sup> dá-se o que acontece em todas as demais; o amante, como os maridos, é o último a saber. Compreende agora quais os meus direitos, minha senhora? Seu marido privou-me da felicidade, da única alegria que eu tive desde a minha viuvez. Sim, se eu não tivesse tido a desgraça de encontrar esse velho libertino, ainda hoje Josefa estaria comigo; sim, porque, a senhora compreende, eu nunca a teria levado para o teatro; ela teria permanecido obscura, ajuizada, minha. Ah! Se a senhora a houvesse visto, há oito anos! Pequeninha e nervosa, a tez dourada de uma andaluza, como se diz, os cabelos negros e brilhantes como cetim, sob espessos cílios escuros uns olhos brilhantes; tinha a distinção das duquesas nos gestos, a modéstia da pobreza, da graça honesta, da finura, como um animal selvagem. Por culpa de Hulot, estes encantos, esta pureza, tudo se transformou em armadilha de tolos, em cofre para guardar notas do banco.

“A pequena agora é a rainha das impuras, como se diz. Enfim, ela hoje *faz espírito*, ela que nada conhecia, nem mesmo essa expressão!”

Nesse momento o antigo perfumista limpou os olhos, donde rolavam algumas lágrimas. A sinceridade dessa dor comoveu a sra. Hulot, que despertou do sonho em que mergulhara.

#### IV – SÚBITO ENTERNECIMENTO DO PERFUMISTA

— Pois bem, minha senhora, é aos cinquenta e dois anos que se encontra semelhante tesouro? Nessa idade o amor custa trinta mil francos por ano; soube-o por seu próprio marido; e eu amo demasiado Celestina para pensar em arruiná-la. Quando a vi, minha senhora, na primeira recepção que nos ofereceu, não pude compreender como o miserável Hulot era capaz de amar uma Jenny Cadine... A senhora tinha o ar de uma imperatriz. Não tinha trinta anos, parecia-me jovem, era bela. Palavra de honra, nesse dia fiquei impressionado e disse comigo mesmo: “Se eu não tivesse a minha Josefa, ela me serviria como uma luva, uma vez que o marido a desdenha!”. (Ah! Desculpe-me, estas palavras refletem a minha antiga profissão. De tempos em tempos o perfumista reaparece e é isto que me impede de aspirar a uma cadeira de deputado.) Também, eu fora vergonhosamente ludibriado pelo barão; entre velhos cínicos como nós, as amantes de nossos amigos deveriam ser sagradas; por isso eu jurei a mim mesmo que lhe tomaria a esposa. Questão de justiça. O barão não poderia dizer nada, e a impunidade nos está assegurada. A senhora me repeliu como um cão



tinioso, logo às primeiras palavras que lhe disse a respeito do estado de meu coração; com isso a senhora só fez redobrar o meu amor, a minha teimosia, se quiser, e a senhora ainda será minha.

— Como?

— Não o sei, mas será. Pode acreditar, minha senhora: um perfumista imbecil (afastado dos negócios), que não tem uma ideia na cabeça, é mais forte que um homem de espírito dotado de milhares delas. Estou enamorado pela senhora e a senhora é a minha vingança. É como se eu amasse duas vezes. Falo de coração aberto, como homem resoluto que sou. Mesmo que diga: “Não serei sua”, posso conversar a frio com a senhora. Enfim, como diz o povo, ponho as cartas na mesa. Sim, a senhora será minha dentro de determinado prazo... Oh! Mesmo que tenha cinquenta anos, a senhora ainda será minha amante. E assim será, porque tudo espero de seu marido...

A sra. Hulot lançou ao burguês decidido um olhar tão duro de terror que ele julgou vê-la tornar-se louca e se deteve por um instante.

— Foi a senhora que assim o quis: atingiu-me com o seu desprezo, desafiou-me, e eu falei — declarou ele, sentindo a necessidade de justificar a brutalidade de suas últimas palavras.

— Oh! Minha filha, minha filha! — exclamou a baronesa, com voz cansada.

— Bem! pouco me importa! — continuou Crevel. — No dia em que Josefa me foi roubada, fiquei como uma tigresa a que tivessem tirado os filhotes... Enfim, fiquei como eu a vejo agora. Ora, sua filha! Para mim ela é o melhor meio para conquistar a senhora. Sim, eu fiz fracassar o casamento de sua filha! E de maneira alguma a senhora a casará sem o meu auxílio! Por mais bela que seja a srta. Hortênsia, falta-lhe um dote...

— É verdade! — confirmou a baronesa, enxugando os olhos.

— Pois bem, tente pedir dez mil francos ao barão — disse Crevel, retomando a posição anterior.

Deteve-se por um instante, como o ator que *marca o seu tempo*.

— Se ele os tivesse, naturalmente os daria àquela que substituirá Josefa! — prosseguiu reforçando a voz. — Pelo caminho que tomou, até onde irá ele? Antes de tudo, ele ama demasiado as mulheres! (Para tudo deve haver um meio-termo, disse o nosso rei.)<sup>[23]</sup> Depois, a vaidade o põe a perder! É um belo homem, que para sua própria satisfação ainda levará a senhora à miséria. A senhora já se encontra a caminho do hospital. Veja só: há muito tempo que não venho à sua casa, e observo que desde então a mobília de seu salão não pôde ser renovada. A palavra “necessidade” transparece em todas as dobras desses estofos. Qual o genro que não se surpreenderá com provas mal disfarçadas da mais espantosa miséria, a das pessoas que desejam parecer abastadas? Fui negociante, conheço bem essas coisas. Ao comerciante de Paris basta

uma vista de olhos para distinguir a riqueza real da riqueza aparente... A senhora está na miséria — declarou em voz baixa. — Isto se descobre em todas as coisas, até no vestuário do seu criado. Quer que lhe revele horríveis segredos que ainda não lhe foram descobertos?...

— Basta, senhor, basta! — murmurou a sra. Hulot, que chorava a ponto de molhar o lenço.

— Pois bem, meu genro dá dinheiro ao pai. Era isso que eu desejava dizer-lhe quando, há pouco, falamos em seu filho. Mas fique tranquila, eu velo pelos interesses de minha filha...

— Oh! Casar minha filha e morrer! — disse a infeliz mulher, perdendo a cabeça.

— Pois bem, há um meio para isso! — insistiu Crevel.

A sra. Hulot fitou Crevel com um ar de esperança que transfigurou tão rapidamente a sua fisionomia que esse único movimento deveria fazer com que Crevel ficasse emocionado e abandonasse o seu projeto ridículo.

## V – COMO SE PODE CASAR AS MOÇAS BONITAS MAS POBRES

— A senhora ainda permanecerá muito bonita durante dez anos — continuou ele, voltando à sua posição predileta. — Seja cordata em relação a mim, e a srta. Hortênsia se casará. Hulot, como já lhe disse, deu-me o direito de propor esse negócio, com toda a franqueza, e não se aborrecerá por isso. Nos últimos três anos, tenho tirado o melhor rendimento dos meus capitais, porque minhas estroinices têm sido restritas. Além da minha fortuna, possuo, de lucros, trezentos mil francos. Esta importância está a seu dispor.

— Saia daqui, senhor — disse a sra. Hulot. — Saia e não torne a aparecer diante dos meus olhos. Se não fosse a necessidade que tive de conhecer o motivo do seu covarde procedimento na questão do casamento projetado para Hortênsia... Sim, covarde — acentuou ela, a um gesto de Crevel. — Como se pode lançar tais antipatias sobre os ombros de uma pobre menina, uma bela e inocente criatura?... Se não fosse a necessidade, que pungia o meu coração de mãe, o senhor nunca mais me haveria falado nem vindo à minha casa. Trinta e dois anos de dignidade, de lealdade de esposa não serão destruídos pelos assaltos do sr. Crevel...

— Antigo perfumista, sucessor de César Birotteau na Rainha das Rosas, à Rue Saint-Honoré — disse Crevel ironicamente. — Ex-suplente de *maire*, capitão da Guarda Nacional, cavaleiro da Legião de Honra, exatamente como o meu predecessor...

— Se o sr. Hulot — prosseguiu a baronesa —, depois de vinte anos de constância, se mostra farto de sua esposa, isto é coisa que só a mim interessa; mas o senhor há de concordar em que ele cercou de mistério

as suas infidelidades, porque eu ignorava o fato de haver o meu marido sucedido ao senhor no coração de Josefa...

— Oh! — exclamou Crevel. — À custa de muito dinheiro, minha senhora... Essa mulher já lhe custou mais de cem mil francos, nos últimos dois anos. Ah! A senhora ainda não sabe de tudo...

— Paremos com isso, sr. Crevel. Não renunciarei, por sua causa, à felicidade que uma boa mãe experimenta em poder beijar os filhos sem o peso de um remorso no coração, em ver-se respeitada, amada por sua família, e espero entregar a alma a Deus sem uma só mancha...

— *Amém!* — disse Crevel, com aquele despeito diabólico que se lê na fisionomia dos indivíduos ambiciosos quando fracassam em certos empreendimentos. — A senhora não conhece a miséria da sua última fase, a vergonha... a desonra... Procurei prestar-lhe um esclarecimento. Queria salvá-las, a senhora e sua filha! Está bem: a senhora vai ler a parábola moderna do *pai pródigo*, da primeira à última letra. Suas lágrimas e seu orgulho me sensibilizam, porque é horrível ver chorar a mulher que se ama! — continuou Crevel, sentando-se. — Tudo o que lhe posso prometer, querida Adelina, é apenas isso: nada farei contra a senhora nem contra seu marido; mas não mande ninguém tomar informações em minha casa. Só isso!

— Que fazer, então? — exclamou a sra. Hulot.

Até então a baronesa suportara corajosamente a tríplice tortura que tal explicação impunha ao seu coração, visto como ela sofria como mulher, como mãe e como esposa. Com efeito, enquanto o sogro do seu filho se mostrara cruel e agressivo, ela tivera ânimo na resistência que opunha à brutalidade do negociante; mas a condescendência que ele manifestava em meio ao seu desespero de amante repellido, de oficial da Guarda Nacional humilhado distendeu-lhe os nervos ao máximo. A baronesa torceu as mãos, desfez-se em lágrimas, num estado de tão profundo abatimento que deixou Crevel, de joelhos, beijar-lhe as mãos.

— Meu Deus! Que fazer? — repetiu ela, enxugando os olhos. — Pode uma mãe ver, friamente, a filha definhar? Qual será o destino de tão excelente criatura, forte graças à vida casta que leva ao lado da mãe e também à sua natureza privilegiada? Em certos dias ela passeia no jardim, triste, sem saber por quê; e eu a vejo com lágrimas nos olhos...

— Ela tem vinte e um anos — observou Crevel.

— Terei de interná-la num convento? — perguntou a baronesa. — Em semelhantes crises, a religião é, muitas vezes, impotente contra a natureza, e as moças mais piedosamente educadas perdem a cabeça... Mas levante-se, senhor! Não compreende que tudo agora está terminado entre nós, que o senhor me causa horror, que o senhor fez desvanecer-se a última esperança de uma mãe?...

— E se eu a fizesse ressurgir?

A sra. Hulot fitou Crevel com uma expressão delirante, que o

comoveu; contudo, ele recalcou a piedade no fundo do coração por causa da expressão: *O senhor me causa horror!* A Virtude é sempre um pouco rígida demais, ignora as gradações e os temperamentos com a ajuda dos quais se pode tangenciar uma falsa posição.

— Sem dote hoje não se consegue casamento para uma moça, mesmo que seja bonita como a srta. Hortênsia — continuou Crevel, retomando o seu ar de despeito. — A sua filha é uma dessas belezas terríveis para os maridos; é como um cavalo de luxo, que exige cuidados especiais e onerosos para encontrar compradores. Vá alguém, então, andar a pé, de braço dado com uma dessas mulheres: todo o mundo o acompanhará com os olhos e o seguirá, desejando-lhe a esposa. Tal sucesso causa inquietação a muitas pessoas que não desejam competir com os amantes, para matá-los; porque, ao fim de tudo, nunca se elimina mais de um. Na situação em que se encontra, a senhora só poderá casar sua filha de três maneiras: primeiro, com o meu auxílio, mas a senhora não o quer; segundo, se encontrar um velho de sessenta anos, muito rico, sem filhos, mas desejando tê-los; é difícil, porém sempre se encontram alguns deles; se há tantos velhos que se ligam às Josefás, às Jenny Cadine, por que não se encontrará um capaz de fazer a mesma tolice legitimamente?... Se eu não tivesse a minha Celestina e os nossos netos, desposaria Hortênsia. A terceira maneira é a mais fácil...

A sra. Hulot ergueu a cabeça e fitou o antigo perfumista com ansiedade.

— Paris é uma cidade onde todas as pessoas enérgicas, que pululam no território francês como cogumelos, marcam encontro, e onde fervilham os talentos sem eira nem beira, corajosos, capazes de tudo, capazes mesmo de fazer fortuna... Pois bem. Esses rapazes... (Este seu criado também o era, em seu tempo, e os conheceu também! Quem era Du Tillet? Que tinha Popinot há vinte anos?... Vegetavam ambos no estabelecimento do velho Birotteau, tendo por único capital o desejo de vencer na vida, o qual, a meu ver, constitui o mais belo capital! Os capitais nos dão de comer, o que não acontece com a moral! Que tinha eu? O desejo de vencer na vida, coragem. Du Tillet, hoje, é uma de nossas maiores personalidades. O pequeno Popinot, o mais rico droguista da Rue des Lombards, fez-se deputado, e ei-lo ministro...) Pois bem, um desses *condottieri*,<sup>[24]</sup> como se diz, da comandita, da pena ou do pincel, é, em Paris, o único sujeito capaz de desposar uma bela moça sem dinheiro, porque eles têm coragem para tudo. O sr. Popinot casou-se com a srta. Birotteau sem esperar um níquel de dote. Esses indivíduos são loucos! Acreditam no amor, da mesma forma que creem em sua fortuna e em suas faculdades! Procure um homem enérgico que se apaixone por sua filha e fique certa de que ele a desposará sem dar a menor importância à situação presente. A senhora há de concordar em que, embora inimigo, não deixo de ser generoso, porque o conselho que

lhe dou é contra mim.

— Ah! Sr. Crevel, se o senhor quiser ser meu amigo, abandone as suas ideias ridículas!...

— Ridículas? Não se julgue tão mal, minha senhora, olhe-se ao espelho... Eu a amo e a senhora ainda me pertencerá! Um dia hei de dizer a Hulot: “Tu me tomaste Josefa, eu tomei tua mulher!...”. É a velha pena de talião! E eu insistirei na realização do meu plano, a menos que a senhora venha a tornar-se excessivamente feia. E vencerei, veja por quê... — prosseguiu, voltando à posição primitiva e fitando a sra. Hulot.

## VI – O CAPITÃO PERDE A BATALHA

— A senhora não encontrará nem um velho nem um jovem apaixonado porque ama demasiado sua filha para entregá-la aos caprichos de um velho libertino; por outro lado, a senhora, baronesa Hulot, irmã do velho tenente-general que comandava os velhos granadeiros da velha-guarda, não se resignará a ir procurar, onde ele estiver, o homem enérgico, porque pode acontecer que esse homem seja um simples operário, como aquele milionário de hoje que era um simples mecânico há dez anos, um simples chefe de turma, um simples contramestre de fábrica. Então, ao ver sua filha, arrastada por seus vinte anos, em ponto de desonrá-la, a senhora dirá de si para si: “É preferível que seja eu quem perca a honra; e, se o sr. Crevel promete guardar segredo, disponho-me a ganhar o dote de minha filha, duzentos mil francos, por dez anos de ligação a esse antigo vendedor de luvas... o velho Crevel!”. Sei que a aborreço, o que lhe digo é profundamente imoral, não é? Mas, se a senhora fosse presa de uma paixão irresistível, pensaria como o fazem as mulheres que amam, transigiria... Bem, o interesse de Hortênsia fará o seu coração justificar essas capitulações de consciência...

— Hortênsia ainda tem um tio.

— Quem, o velho Fischer?... Está em má situação, ainda por culpa do barão, cujas garras atingem a todas as fortunas que passam ao seu alcance.

— O conde Hulot...

— Oh! Seu marido, minha senhora, já liquidou as economias do velho tenente-general, com as quais mobiliou a casa de sua cantora. Afinal, vai deixar-me ir embora sem esperança?

— Adeus, senhor. Cura-se facilmente a paixão por uma mulher da minha idade. Logo o senhor adotará ideias cristãs. Deus protege os infelizes...

A baronesa ergueu-se para forçar o capitão a retirar-se, levando-o até o grande salão.

— É entre semelhantes trapos que deve viver a bela sra. Hulot? —

indagou ele.

E indicava um velho candelabro, um lustre desdourado, o tapete esgarçado, enfim, os farrapos da opulência, que faziam do grande salão branco, vermelho e ouro um cadáver das festas imperiais.

— A virtude, senhor, brilha sobre tudo isso. Não desejo possuir um magnífico mobiliário fazendo dessa beleza, que o senhor me atribui, uma *armadilha de tolos, um cofre para guardar notas de banco!*

O capitão mordeu os lábios ao reconhecer as expressões com que pouco antes censurara a cupidez de Josefa.

— Em honra de quem tamanha perseverança? — perguntou.

Nesse momento a baronesa chegara à porta, em companhia do antigo perfumista.

— Tudo por um libertino! — acrescentou ele, com trejeito de homem virtuoso e milionário.

— Se o senhor tivesse razão, minha constância teria então algum mérito, sem dúvida alguma!

Depois de haver saudado o capitão como se cumprimenta um importuno de quem se deseja desembaraçar, a baronesa afastou-se, virando-se rapidamente, de forma que não o viu mais uma vez, em sua posição predileta. Foi abrir as portas que havia fechado e não pôde, assim, observar o gesto ameaçador com que Crevel lhe disse adeus. A baronesa andava altivamente, nobremente, como se fosse uma mártir no Coliseu.<sup>[25]</sup> Contudo, esgotara suas forças, porque se deixou cair sobre o divã do toucador azul, quase a perder os sentidos. E aí se manteve, com os olhos presos no caramanchão em ruínas, onde sua filha conversava com a prima Bete.

Desde os primeiros dias de seu casamento até esse momento, a baronesa amara o esposo, como Josefina acabara por amar Napoleão, com um amor admirativo, um amor maternal, um amor covarde. Se ignorava os pormenores que Crevel lhe dera então, sabia, entretanto, e muito bem, que o barão Hulot lhe era infiel, havia vinte anos; mas pusera sobre os olhos um véu de chumbo, chorara em silêncio e nunca deixara escapar dos lábios uma palavra de censura. Em recompensa a esta angélica doçura, conquistara a veneração do marido, fazendo surgir como que um culto sagrado em torno de si. A afeição que uma mulher dedica ao marido, o respeito de que o cerca são contagiosos no seio da família. Hortênsia julgava o pai um perfeito modelo de amor conjugal. Quanto a Hulot filho, educado no ambiente de admiração ao barão, em quem todos viam um dos gigantes que secundaram Napoleão, sabia dever sua posição ao nome, relevo e prestígio do pai; aliás, as impressões da infância exercem demorada influência, e ele ainda temia o pai; assim, se houvesse suspeitado das irregularidades reveladas por Crevel, já muito respeitoso para fazer certas queixas, tê-las-ia desculpado por motivos relacionados com a maneira de ver

própria dos homens a esse respeito.

Agora, torna-se necessário explicar o devotamento extraordinário desta bela e nobre mulher; e eis aqui, em poucas palavras, a história de sua vida.

## VII – UMA BELA VIDA DE MULHER

De uma aldeia situada na fronteira da Lorraine, ao pé dos Vosges, três irmãos, de nome Fischer, simples lavradores, partiram, atendendo às requisições republicanas, para o exército chamado do Reno.

Em 1799, o segundo desses irmãos, André, viúvo e pai da sra. Hulot, deixou a filha entregue aos cuidados do irmão mais velho, Pedro Fischer, incapacitado para o serviço militar em virtude de um ferimento que recebera em 1797, e lançou-se a alguns cometimentos parciais junto aos transportes militares, serviço devido à proteção do intendente Hulot d'Ervy. Por um acaso muito natural, Hulot, vindo a Estrasburgo, esteve com a família Fischer. O pai de Adelina e seu jovem irmão eram então comissários das forragens na Alsace.

Adelina, com dezesseis anos de idade, podia ser comparada à famosa Du Barry,<sup>[26]</sup> como ela natural da Lorraine. Era uma dessas belezas completas, fulminantes; uma dessas mulheres parecidas com a sra. Tallien,<sup>[27]</sup> que a natureza produz com especial cuidado, atribuindo-lhes os mais preciosos dons: a distinção, a nobreza, a graça, a finura, a elegância, uma carnação sem igual, uma pele preparada em oficina desconhecida, onde trabalha o acaso. Estas belas mulheres assemelham-se entre si. Bianca Capella, cujo retrato é uma das obras-primas de Bronzino, a Vênus de Jean Goujon, cujo original é a famosa Diane de Poitiers, a “*signora*” Olímpia, cujo retrato se encontra na galeria Doria, enfim, Ninon, Du Barry, a sra. Tallien, a srta. Georges, a sra. Récamier<sup>[28]</sup> — todas essas mulheres, que se conservaram belas a despeito dos anos, de suas paixões ou de sua vida repleta de prazeres excessivos, eram extraordinariamente parecidas quanto à estatura, compleição e tipo de beleza, a ponto de fazer crer que existe, no oceano das gerações, uma corrente afrodisíaca donde saem todas as Vênus, filhas da mesma onda salgada!

Adelina Fischer, uma das belas dessa tribo divina, possuía os caracteres sublimes, as linhas serpentinadas, o tecido venenoso das mulheres que nascem rainhas. A cabeleira loura, que nossa mãe Eva recebeu das mãos de Deus, um talhe de imperatriz, um ar de grandeza, um perfil de contornos augustos, uma modéstia aldeã atraíam, à sua passagem, todos os homens, encantados como os amadores diante de um Rafael; assim, o intendente viu a srta. Adelina Fischer e pouco tempo depois a desposava, com grande espanto dos Fischer, educados na admiração dos seus superiores.

O mais velho, soldado em 1792, gravemente ferido no ataque das linhas de Wissemburgo, adorava o imperador Napoleão e tudo o que se relacionava com o Grande Exército. André e Johann falavam com todo o respeito do intendente Hulot, protegido do imperador, a quem, aliás, deviam sua situação, porque Hulot d'Ervy, descobrindo-lhes inteligência e honestidade, tomara a iniciativa de tirá-los dos transportes do Exército para colocá-los à frente da administração de fornecimentos. Os irmãos Fischer haviam servido ao Exército durante a campanha de 1804. Quando veio a paz, Hulot obtivera para eles o fornecimento de forragens na Alsace, sem saber que seria enviado mais tarde para Strasbourg a fim de preparar aí a campanha de 1806.

Para a jovem camponesa, o casamento foi como a Assunção. A bela Adelina passou, sem transição, da lama de sua aldeia para o paraíso da Corte imperial. Com efeito, por esse tempo, o intendente, trabalhador dos mais honestos, dos mais ativos da corporação, foi nomeado barão, chamado para junto do imperador e feito adido da Guarda Imperial. A linda aldeã teve a coragem de educar-se por amor ao marido, a quem amava loucamente. Aliás, o intendente, como homem, representava o mesmo que Adelina, como mulher. Pertencia à categoria dos homens belos. Grande, bem-proporcionado, louro, olhos azuis, de um calor, de uma mobilidade, de um matiz irresistíveis, o porte elegante, destacava-se entre os D'Orsay, os Forbin, os Ouvrard,<sup>[29]</sup> enfim, entre os belos cavalheiros do Império. Dado a conquistas e imbuído das ideias do Diretório em questões de mulheres, sua carreira galante foi, então, interrompida, durante bastante tempo, por causa da afeição à mulher.

Para Adelina, o barão, desde o princípio, tornou-se uma espécie de Deus, que não podia falhar. Devia-lhe tudo: a fortuna — tinha carro, palácio e todo o luxo da época; a felicidade — era amada do público; um título — era baronesa; enfim, a celebridade — chamavam-na a bela sra. Hulot, em Paris. Afinal, teve a honra de recusar as homenagens do próprio imperador, que a presenteou com um colar de diamantes e a distinguiu sempre, porque perguntava, de vez em quando: “E a bela sra. Hulot, continua ajuizada?”, como homem capaz de vingar-se daquele que conseguisse obter o que não houvera conseguido.

Portanto, não é preciso grande esforço de inteligência para distinguir, numa alma simples, ingênua e bela, os motivos de fanatismo que a sra. Hulot aliava a seu amor. Depois de se haver convencido de que o marido nunca lhe causaria desgostos, tornou-se, no íntimo, a serva humilde, devotada e cega de seu criador. Note-se, aliás, que era dotada de grande dose de bom senso, desse bom senso do povo que tornou sólida a sua educação. Em sociedade, conversava pouco, não falava mal de ninguém, não procurava brilhar; refletia sobre todas as coisas, ouvia os outros e procurava seguir o exemplo das mulheres mais honestas, das bem-educadas.



Em 1815, Hulot seguiu a linha de conduta do príncipe de Wisseburgo,<sup>[30]</sup> um dos seus amigos íntimos, e foi um dos organizadores do exército improvisado cuja derrota pôs fim ao ciclo napoleônico em Waterloo. Em 1816, o barão tornou-se um dos alvos da antipatia do Ministério Feltre,<sup>[31]</sup> só tendo sido reintegrado no corpo de intendência em 1823, por necessitarem de sua colaboração para a guerra da Espanha.<sup>[32]</sup>

Em 1830 reapareceu na administração como subministro, quando daquela espécie de recrutamento dos antigos bandos napoleônicos ordenado por Luís Felipe. Depois que subiu ao trono o ramo secundogênito, ao qual assegurou ativa cooperação, tornou-se diretor indispensável no Ministério da Guerra. Além disso, obtivera o bastão de marechal e o rei nada mais podia fazer por ele, a não ser nomeá-lo ministro ou par de França.

Inativo entre 1818 e 1823, o barão Hulot revertera à ativa entre as mulheres. A sra. Hulot fazia remontar as primeiras infidelidades de seu Heitor ao *grand finale* do Império. Assim, a baronesa desempenhara, durante doze anos, em casa, o papel de *prima donna assoluta*, sem rival. Continuava a merecer aquela afeição contínua e inveterada que os maridos dedicam às esposas quando elas se resignam à condição de delicadas e virtuosas companheiras; sabia que nenhuma rival resistiria duas horas a uma palavra de censura; mas fechava os olhos, cerrava os ouvidos, desejando ignorar a conduta de seu marido fora do lar. Enfim, tratava seu Heitor como uma mãe cuida de um filho mimado.

Três anos antes da conversa que acabou de verificar-se, Hortênsia reconheceu o pai nas Variétés,<sup>[33]</sup> num camarote de frente, no andar térreo, em companhia de Jenny Cadine, e exclamou:

— Lá está papai!

— Estás enganada, meu anjo; ele se encontra em casa do marechal — respondeu a baronesa.

Ela vira Jenny Cadine, mas em vez de experimentar um aperto no coração, ao vê-la tão alegre, dissera consigo mesma: “O ingrato do Heitor deve ser muito feliz!”. Entretanto, sofria, entregava-se em segredo a um desgosto horrível; mas, em contato com Heitor, revia sempre seus doze anos de pura felicidade e perdia o ânimo para articular uma simples queixa. Bem quisera que o barão a tomasse por confidente; nunca ousara, porém, dar-lhe a entender que tinha conhecimento de suas infidelidades, em respeito a ele próprio. Tais escrúpulos de delicadeza só se encontram nas boas filhas do povo, que sabem receber golpes sem pensar em vingança; elas têm nas veias os restos do sangue dos primeiros mártires. As moças de boa família, sendo da mesma categoria dos seus maridos, sentem a necessidade de atormentá-los e de assinalar, como se marcam os pontos no jogo de bilhar, suas próprias tolerâncias com palavras ferinas, por um diabólico

espírito de vingança, bem assim para assegurar a si mesmas ou uma superioridade ou um direito de desforra.

## VIII – HORTÊNSIA

A baronesa tinha um admirador apaixonado em seu cunhado, o tenente-general Hulot, o respeitável comandante dos granadeiros a pé da Guarda Imperial, a quem deviam dar o bastão de marechal para o resto dos seus dias. Depois de ter, de 1830 a 1834, comandado a divisão militar instalada pelos departamentos bretões, teatro de seus feitos em 1799 e 1800, o velho viera fixar-se em Paris, onde vivia o irmão, a quem sempre dedicara uma afeição de pai. O coração do velho soldado simpatizava com o da cunhada. Ele a admirava, julgava-a a mais nobre, a mais santa criatura de seu sexo. Não se casou, mesmo porque desejava encontrar uma segunda Adelina, em vão procurada através de vinte países e vinte campanhas. Para não decair no conceito do velho republicano sem mácula, de quem Napoleão dizia: “O bravo Hulot é o mais cabeçudo dos republicanos, mas nunca me trairá”.

Adelina teria suportado sofrimentos ainda mais cruéis que os que acabara de experimentar. Mas esse velho de setenta e dois anos, alquebrado por trinta campanhas, ferido pela vigésima sétima vez em Waterloo, era para Adelina uma admiração e não uma proteção. O pobre conde, entre outras enfermidades, era surdo, só ouvia com o auxílio de uma corneta acústica!

Enquanto o barão Hulot d'Ervy se conservou belo e atraente, as aventuras amorosas não lhe afetaram a fortuna; mas aos cinquenta anos é necessário contar com outros recursos. Nessa idade, o amor transforma-se em vício; nos velhos o amor se mistura a vaidades insensatas. Assim, Adelina viu o marido, por esse tempo, tornar-se incrivelmente exigente em matéria de vestuário, pintar os cabelos e as suíças, usar cintas e espartilhos. Ele queria conservar-se elegante a todo custo. O culto de si mesmo — defeito que outrora censurava nos outros — o barão levou ao exagero. Enfim, Adelina percebeu que a fonte do Pactolo<sup>[34]</sup> que corria para a casa das amantes do barão nascia na sua própria casa. Uma fortuna considerável fora dissipada em oito anos, de forma tão completa, que, por ocasião do casamento do jovem Hulot, dois anos antes, o barão fora forçado a confessar à esposa que seus vencimentos eram a única fortuna de que dispunham.

— Até onde isso nos levará? — foi a pergunta de Adelina.

— Fique tranquila — respondeu o conselheiro de Estado. — Eu lhes deixarei os emolumentos do meu cargo e farei alguns negócios para poder realizar o casamento de Hortênsia e prover o nosso futuro.

A fé profunda que essa mulher depositava no poder e no alto valor, na capacidade e no caráter do marido acalmara-lhe a momentânea

inquietude.

Agora, a natureza das reflexões e as lágrimas da baronesa, após a partida de Crevel, devem ser perfeitamente compreendidas. A pobre mulher sabia encontrar-se, havia dois anos, no fundo de um abismo. Ignorava como se fizera o casamento de seu filho, nada sabia da ligação de Heitor com a ávida Josefa; enfim, esperava que ninguém no mundo conhecesse os seus sofrimentos. Ora, se Crevel falava tão francamente das dissipações do barão, Heitor ia perder a consideração. A baronesa entrevia nas grosseiras palavras do antigo perfumista irritado o conchavo odioso de que resultara o casamento do jovem advogado. Duas mulheres perdidas tinham sido as sacerdotisas daquele himeneu, proposto em alguma noitada de orgia, em meio às degradantes familiaridades de dois velhos bêbados! “Portanto, ele esquece Hortênsia!”, pensou ela. “Contudo, ele a vê todos os dias; e irá procurar um marido para ela em casa de suas prostitutas?” A mãe falava nesse instante mais alto que a mulher, porque ela via Hortênsia, com a prima Bete, rindo esse riso louco da juventude despreocupada, e sabia que aqueles risos nervosos eram manifestações tão terríveis quanto as meditações pontilhadas de lágrimas de um passeio solitário no jardim.

Hortênsia era parecida com a mãe, mas tinha cabelos louros, naturalmente ondulados e espantosamente abundantes e a pele rosada. Via-se nela o fruto de um casamento honesto, de um amor nobre e puro em toda a sua força. Notavam-se-lhe na fisionomia uma expressão apaixonada, a alegria no rosto, um esplendor de novidade, uma frescura de vida, uma riqueza de saúde que vibravam e produziam vibrações elétricas. Hortênsia provocava a atenção. Quando seus olhos, de um azul do mar, irradiando o fluido próprio da inocência, se detinham sobre um transeunte, este involuntariamente estremecia. Além disso, não lhe manchavam a pele as sardas que sempre afeiam a brancura látea das loiras. Alta, cheia de corpo, sem ser gorda, talhe esbelto, cuja nobreza igualava à da mãe, merecia o título de deusa que os antigos autores prodigalizavam. Quem quer que visse Hortênsia na rua não podia conter esta exclamação: “Meu Deus! Que linda moça!”. E ela, na realidade, era tão inocente que dizia, ao chegar a casa: “Mas por que é, mamãe, que essa gente diz ‘Que linda moça’, quando passo em sua companhia? Não és mais bonita que eu?...”. Com efeito, aos quarenta e sete anos de idade, a baronesa podia ser preferida, em confronto com a filha, pelos amadores de crepúsculos, porque ela ainda não perdera, como dizem as mulheres, *as suas vantagens*, por um desses fenômenos raros, sobretudo em Paris, onde no gênero Ninon fez furor, parecendo ter roubado a parte das mulheres feias do século XVII.

Pensando na filha, a baronesa lembrou-se do barão; viu-o a cair aos poucos, degrau a degrau, até a lama social, talvez um dia demitido do ministério. A ideia da queda do seu ídolo, acompanhada de uma visão

confusa das desgraças que Crevel profetizara, foi tão cruel para a pobre mulher que ela acabou por perder os sentidos, à maneira dos extáticos.

## IX – CARÁTER DE SOLTEIRONA

A prima Bete, com quem Hortênsia conversava, de tempos em tempos olhava para saber quando podiam voltar ao salão; mas a sua jovem prima a amofinava de tal sorte com as suas perguntas, no momento em que a baronesa reabriu a janela, que ela nem o percebeu.

Cinco anos mais moça que a sra. Hulot, embora filha do mais velho dos Fischer, Lisbeth Fischer estava longe de ser bonita como a prima; por isso tinha uma profunda inveja de Adelina. A inveja formava a base desse carácter cheio de *excentricidades* — expressão encontrada pelos ingleses para designar as loucuras não das pequenas mas das grandes famílias. Camponesa dos Vosges, em toda a extensão da palavra, magra, morena, os cabelos negros e brilhantes, as sobrancelhas espessas e ligadas, os braços compridos e fortes, os pés grossos, algumas verrugas na cara alongada e *simiesca* — tal o retrato conciso dessa virgem.

A família que vivia em comum havia imolado a criatura vulgar em proveito da jovem bonita, o fruto ácido em favor da flor deslumbrante. Lisbeth trabalhava duramente, enquanto a prima era mimada; por isso, um dia, encontrando Adelina sozinha, chegou a querer arrancar-lhe o nariz, um verdadeiro nariz grego que as mulheres de idade admiravam. Foi castigada, mas nem assim deixou de vingar-se da prima privilegiada, rasgando-lhe os vestidos e estragando-lhe as blusas.

Quando do casamento fantástico da prima, Lisbeth curvara-se ante o destino, como os irmãos e irmãs de Napoleão se curvaram ante o esplendor do trono e o poderio do comando. Excessivamente bondosa e delicada, Adelina, em Paris, lembrou-se de Lisbeth e a fez vir para a capital, em 1809, no intuito de auxiliá-la e tirá-la da miséria. Na impossibilidade de casar logo, como Adelina o desejava, aquela jovem de olhos e sobrancelhas negras como o carvão, e que não sabia ler nem escrever, o barão começou por arranjar-lhe um emprego: colocou Lisbeth, como aprendiz, em casa dos famosos irmãos Pons, bordadores da Corte imperial.

A prima, a quem chamavam Bete, por abreviatura, especializou-se em passamanes de ouro e prata; decidida, como todas as camponesas, teve a coragem de aprender a ler, contar e escrever, porque o primo, o barão, lhe demonstrara a necessidade de possuir esses conhecimentos para instalar uma loja de bordados. Ela queria fazer fortuna: em dois anos, transformou-se. Em 1811, a aldeã tornou-se uma primeira caxeira bastante gentil, habilidosa e inteligente.

A passamanaria de ouro e prata compreendia as ombreiras, as dragonas, as divisas, enfim, toda essa quantidade imensa de coisas

brilhantes que cintilavam nos ricos uniformes do Exército francês e nos trajes civis. Como italiano, apreciador da farda, o imperador adotara os bordados de ouro e prata nos uniformes dos seus servidores, e seu império era constituído de cento e trinta e três departamentos. Tais ornamentos, habitualmente confeccionados para alfaiates ricos e bem instalados, ou diretamente para alguns grandes dignitários, constituíam um comércio seguro.

No momento em que a prima Bete, a mais hábil operária da casa Pons, onde dirigia a produção, poderia estabelecer-se por conta própria, verificou-se a queda do Império. O ramo de oliveira empunhado pelos Bourbon assustou Lisbeth; temeu ela uma crise desse comércio, que iria ser explorado não mais em cento e trinta e três departamentos, mas em apenas oitenta e seis — e isto sem falar na enorme redução do Exército. Alarmada, enfim, diante das diversas possibilidades da indústria, recusou os oferecimentos do barão, que a julgou louca. Lisbeth justificou essa opinião desentendendo-se com o sr. Rivet, novo proprietário da casa Pons, a quem o barão desejava associá-la. Assim, ela tornou a ser uma simples operária. A família Fischer voltara, então, à situação precária de que a tirara o barão Hulot.

Arruinados pela catástrofe de Fontainebleau,<sup>[35]</sup> os três irmãos Fischer, desesperados, serviram nos corpos francos de 1815. O mais velho, pai de Lisbeth, foi morto. O pai de Adelina, condenado à morte por um conselho de guerra, fugiu para a Alemanha, vindo a morrer em Trier em 1820. Johann, o mais moço, veio a Paris com o objetivo de implorar o auxílio da rainha da família — a qual, segundo diziam, nadava num mar de ouro e prata, só aparecendo nas reuniões com diamantes na cabeça e no pescoço, grandes como nozes e oferecidos pelo imperador. Johann Fischer, que tinha então quarenta e três anos de idade, recebeu do barão Hulot a importância de dez mil francos para dar início a um pequeno negócio de forragens em Versalhes, importância essa obtida no Ministério da Guerra graças à influência secreta dos amigos que o antigo intendente-geral ali conservava.

Estes infortúnios de família, a má situação do barão Hulot, a certeza de ser bem pouca coisa nesse imenso movimento de homens, interesses e negócios que faz de Paris um inferno e um paraíso subjugaram Bete. E assim ela perdeu então a ideia de luta e de comparação com a prima, depois de ter-lhe compreendido a superioridade em vários sentidos; mas a inveja conservou-se-lhe oculta no fundo do coração, como um germe de peste que pode desenvolver-se e assolar uma cidade, logo que se abre o fatal fardo de lã onde se mantém comprimido. Uma vez por outra ela dizia consigo mesma: “Adelina e eu somos do mesmo sangue, nossos pais eram irmãos; ela mora num palácio e eu numa mansarda”. Todos os anos, porém, no dia de seu aniversário e no do Ano-Novo, Lisbeth recebia presentes da

baronesa e do barão; este último, bondoso para com ela, pagava-lhe a lenha para o inverno; o velho general Hulot sempre a convidava para jantar, o seu talher estava sempre à mesa na casa da prima. Zombavam um pouco dela, mas ninguém se envergonhava de sua companhia. Enfim, tinham procurado dar-lhe independência em Paris, onde Lisbeth vivia à vontade.

A verdade é que essa moça temia qualquer espécie de jugo. Oferecia-lhe a prima um aposento em sua casa?... Bete pressentia o cabresto doméstico. Por várias vezes o barão resolvera o difícil problema de casá-la; mas, satisfeita a princípio, logo ela o recusava, receando que lhe censurassem a falta de educação, ignorância e pobreza. Enfim, se a baronesa lhe falava em viver em companhia do tio e cuidar de sua casa, fazendo as vezes de governanta, que devia custar caro, ela respondia que dessa maneira muito menos se prenderia.

A prima Bete apresentava nas ideias essa singularidade que se observa entre as naturezas que se desenvolveram demasiado tarde, entre os selvagens que pensam muito e falam pouco. A sua inteligência de camponesa, além disso, adquirira, nas conversas de oficina, no contato com operários de ambos os sexos, uma dose do tom mordaz parisiense. Essa moça, cuja personalidade se assemelhava prodigiosamente à dos corsos, influenciada inutilmente pelos instintos peculiares às naturezas fortes, teria gostado de proteger um homem fraco; mas, à força de viver na capital, esta lhe determinara uma superficial transformação. A polidez parisiense não se ajustava bem a essa alma vigorosamente temperada. Dotada de uma finura que se tornara profunda, como sucede a todas as pessoas entregues a um celibato real, com a tonalidade picante que ela imprimia a suas ideias, Lisbeth pareceria temível em qualquer outra situação. Má, seria capaz de desunir a família mais unida.

Nos primeiros tempos, quando ainda tinha algumas esperanças — segredo que não confiara a ninguém —, Lisbeth se decidira a usar cintas, seguir a moda, e chegou a alcançar um momento de esplendor, durante o qual o barão a julgou digna de um casamento. Tornou-se ela então a morena insinuante do antigo romance francês. Seu olhar penetrante, sua pele de azeitona, seu corpo flexível poderiam atrair um major reformado; no entanto, ela se contentou com a sua própria admiração, como dizia, a sorrir. No fim de tudo, acabou por julgar feliz a sua vida, quando pôde afastar as preocupações materiais, porque ia jantar diariamente na cidade, depois de haver trabalhado desde a madrugada. Portanto, apenas tinha que pensar no almoço e no aluguel do quarto; sempre lhe ofereciam vestidos e muitas provisões aceitáveis, como açúcar, café, vinho etc.

Em 1837, depois de vinte e sete anos de existência, amparada em grande parte pela família Hulot e pelo tio Fischer, a prima Bete,

resignada a não ser coisa alguma, deixava que a tratassem sem muita consideração: recusava-se a comparecer aos jantares de cerimônia, preferindo os momentos de intimidade, que lhe permitiam mostrar o que valia e evitar que lhe magoassem o amor-próprio. Em toda parte, em casa do general Hulot, de Crevel, do jovem Hulot, de Rivet — o sucessor dos Pons, com quem ela se harmonizara de novo e que a festejava —, da baronesa, Lisbeth parecia estar como em sua própria casa. Enfim, em toda parte sabia agradar os criados, dando-lhes, uma vez por outra, pequenas gorjetas, procurando sempre conversar com eles durante alguns instantes, antes de penetrar no salão. A familiaridade com que se colocava francamente ao nível desta gente conquistava certa benevolência subalterna, essencial aos parasitas. “É uma boa e corajosa criatura!”, era o que todo mundo dizia a seu respeito. A sua complacência, sem limites quando não exigida, era, no fim de contas, como a sua bondade, uma necessidade imposta pela sua posição. Lisbeth acabara por compreender a vida por se ver à mercê de todos; e, no intuito de agradar a todos, ela sabia rir com os jovens a quem se tornara simpática por uma espécie de lisonja que sempre os seduz; adivinhava e apoiava os seus desejos; procurava interpretá-los; e para eles tornava-se como que uma boa confidente, por não ter o direito de repreendê-los. A sua absoluta discrição fazia-a merecer a confiança das pessoas mais velhas, porque possuía, como Ninon, qualidades másculas. Em geral, os que desejam confiar seus segredos procuram pessoas de categoria inferior e não superior. Para ouvir coisas reservadas são mais utilizados os inferiores que os superiores; eles se tornam, assim, os cúmplices de nossos pensamentos secretos, assistem às deliberações; ora, Richelieu, quando lhe foi concedido o direito de participar do Conselho, acreditou-se com a vida feita. Julgavam a pobre moça em tal dependência em relação a todo o mundo que parecia condenada a absoluto mutismo. Ela própria se dizia o confessionário da família. Só a baronesa, que não esquecera os maus-tratos recebidos na infância, da parte da prima, bem mais forte, embora mais moça, mantinha-se numa atitude de certa desconfiança. Além disso, por pudor, só a Deus a baronesa confiaria os seus desgostos íntimos.

É necessário, talvez, observar aqui que a casa da baronesa conservava todo o seu esplendor aos olhos da prima Bete, que não percebera, como o antigo perfumista enriquecido, a miséria estampada nas poltronas carcomidas, nas cortinas desbotadas e na seda estragada.

A mobília com a qual convivemos é, sob certo aspecto, como nós mesmos. Quando nos examinamos todos os dias, acabamos, como o barão, por nos julgar pouco mudados, moços, enquanto os outros percebem em nossa cabeça a cabeleira prateando, acentos circunflexos em nossa testa e abóboras em nosso abdômen. Para a prima Bete, aquela moradia, ainda iluminada pelos fogos de bengala das vitórias

imperiais, continuava a resplandecer.

Com o tempo, a prima Bete adquirira manias de solteirona, bastante singulares. Assim, por exemplo, ela queria, em lugar de obedecer à moda, que a moda se ajustasse a seus hábitos e se submetesse às suas fantasias sempre atrasadas. Se a baronesa lhe dava um lindo chapéu novo, qualquer vestido talhado ao gosto do dia, logo a prima Bete os transformava em casa, à sua maneira, estragando-os, porque os refazia segundo as modas imperiais e os antigos modelos lorenos. O chapéu de trinta francos tornava-se um frangalho, o vestido, um andrajo. A esse respeito, Bete era de uma teimosia de mula; queria agradar apenas a si mesma e se julgava assim encantadora, ao passo que essa assimilação, harmoniosa por torná-la solteirona da cabeça aos pés, a tornava demasiado ridícula, a ponto de ninguém, apesar de toda boa vontade, querer admiti-la em casa nos dias de recepção.

O espírito rebelde, caprichoso, independente, a inexplicável selvageria dessa moça, para quem o barão, por quatro vezes, escolhera noivo (um empregado da sua administração, um major, um empreiteiro de víveres e um capitão reformado), e que recusara a mão de um passamaneiro, mais tarde enriquecido, justificaram a alcunha de Cabra que o barão lhe dera, rindo. Mas este apelido apenas correspondia às bizarras superficiais, às variações que todos demonstramos, uns aos outros, na vida em sociedade. A prima Bete, que, bem observada, teria apresentado o lado feroz da classe camponesa, continuava a ser a garota que queria arrancar o nariz da prima e que, se não se houvesse tornado razoável, talvez a matasse num paroxismo de inveja. Só pelo conhecimento das leis e do mundo ela refreava essa rapidez natural com que a gente do campo, como os selvagens, passa do sentimento à ação. Nisto talvez consista toda a diferença existente entre o homem primitivo e o homem civilizado. O selvagem só tem sentimentos; o homem civilizado tem sentimentos e ideias. Assim, o cérebro dos selvagens recebe, por assim dizer, poucas impressões, pertence exclusivamente ao sentimento que o invade, ao passo que no homem civilizado as ideias descem para o coração, que elas transformam; o homem civilizado debate-se entre mil interesses, inúmeros sentimentos, enquanto o selvagem só admite uma ideia de cada vez. Esta é a causa da superioridade momentânea da criança sobre os pais e que cessa com o desejo satisfeito; no homem vizinho da natureza, essa causa é contínua. A prima Bete, a selvagem lorena, um pouco pérfida, pertencia a essa categoria de caracteres, mais comuns, no seio do povo, do que se pensa, e que pode explicar-lhe a conduta durante as revoluções.

No momento em que começa esta cena, se a prima Bete houvesse querido deixar vestir-se conforme a moda, se se tivesse habituado, como as parisienses, a respeitar as modas novas, teria sido apresentável



e aceitável; ela, porém, era inflexível como uma bengala. Ora, sem encantos, a mulher não existe em Paris. Assim, a cabeleira negra, os belos olhos duros, a rigidez nas linhas do rosto, a segura calabresa da pele, que faziam da prima Bete uma figura de Giotto<sup>[36]</sup> — coisas de que uma verdadeira parisiense tiraria partido —, e, sobretudo, sua maneira extravagante de vestir davam-lhe uma tão bizarra aparência que, muitas vezes, a faziam assemelhar-se aos macacos vestidos de mulheres, conduzidos pelos jovens saboianos. Como era muito conhecida nas casas unidas pelos laços de família, onde vivia, como restringia suas relações sociais a esse círculo, como gostava de viver em casa, as suas singularidades não causavam espanto a mais ninguém e desapareciam no imenso movimento urbano parisiense, onde somente as mulheres bonitas são observadas.

## **X – O NAMORADO DE BETE**

As risadas de Hortênsia, nesse momento, eram causadas por um triunfo alcançado sobre a obstinação da prima Bete: acabara de surpreender-lhe uma confissão aguardada havia três anos. Por mais dissimulada que seja uma solteirona, há um sentimento que um dia a fará quebrar a abstinência da palavra: é a vaidade! Havia três anos, Hortênsia, que se tornara excessivamente curiosa a respeito de certos assuntos, assediava a prima com perguntas que transpiravam, de resto, uma perfeita inocência: queria saber por que a prima não se casara. Conhecendo a história dos cinco pretendentes recusados, Hortênsia imaginara um pequeno romance; acreditava que a prima Bete escondia uma paixão no fundo do coração; e disso resultava uma guerra de gracejos. Hortênsia dizia: “Nós, as solteironas!”, referindo-se a si mesma e à prima. Muitas vezes a prima Bete respondera, em tom pilhérico: “Quem lhe disse que eu não tenho um namorado?”. O namorado da prima Bete, falso ou verdadeiro, tornou-se então um tema para delicadas brincadeiras. Afinal, ao fim de dois anos dessa pequena guerra, na última vez em que a prima Bete aparecera, Hortênsia lhe perguntara antes de mais nada:

— Como vai o teu namorado?

— Nada bem — respondera ela. — Anda um pouco adoentado, o pobre rapaz.

— Ah! Ele é fraco? — perguntara a baronesa, sorrindo.

— Claro que é: é louro... Uma moça morena como eu só pode amar um homem louro, cor da lua.

— Mas quem é ele? Que faz? — insistira Hortênsia. — É um príncipe?

— Príncipe da ferramenta, como eu sou rainha da roca de fiar. Uma pobre criatura como eu pode lá ser amada por um proprietário de casa, com rendas do Estado, ou por um duque e par, ou por qualquer Príncipe

Encantado dos teus contos de fada?

— Oh! Eu desejava tanto vê-lo... — exclamara Hortênsia com um sorriso.

— Para saber como é exatamente aquele que pode amar uma velha “Cabra”? — dissera a prima Bete.

— Será um monstro, um velho empregado com barba de bode? — indagara ainda Hortênsia, olhando para a mãe.

— Pois estás muito enganada, senhorita.

— Mas então tens mesmo um namorado? — perguntara Hortênsia, com um ar de triunfo.

— Tão verdade quanto é verdade que não o tens! — respondera a prima, como que ofendida.

— Está bem! Se tens um namorado, Bete, por que não te casas com ele?... — observara a baronesa, balançando a cabeça em direção à filha. — Se há três anos gostas dele, já tiveste tempo para conhecê-lo bastante; se ele se mantém fiel, não devias prolongar uma situação incômoda para ele próprio. Além disso, é uma questão de consciência; depois, se ele é jovem, já é tempo de arranjar um amparo para a velhice.

A prima Bete fitara a baronesa e, vendo que ela ria, respondera:

— Isto seria o mesmo que casar a fome com a sede; ele é operário, eu sou operária; se tivéssemos filhos, eles seriam operários... Não, não; nós nos amamos platonicamente... Custa menos!

— Por que o ocultas? — perguntara Hortênsia.

— Ele anda de blusa — respondera a solteirona, rindo.

— Tu o amas? — indagara a baronesa.

— Ah! Creio que sim! Eu o amo, a este querubim, como ele é. Há quatro anos que o trago no coração.

— Pois, se gostas dele assim mesmo — dissera gravemente a baronesa — e se ele existe, és muito cruel para com ele. Não sabes o que é amar.

— Todas nós sabemos o que é isso desde o dia em que nascemos! — dissera a prima.

— Não; há mulheres que amam e se conservam egoístas; é o teu caso!...

A prima baixara a cabeça, e seu olhar teria feito estremecer quem o houvesse recebido; ela, porém, desviara o olhar para o novelo.

— Se nos apresentasses o teu namorado, Heitor poderia colocá-lo e conseguir-lhe uma situação em que pudesse fazer fortuna.

— Isso não pode ser — dissera a prima Bete.

— E por quê?

— É uma espécie de polônês, um refugiado...

— Um conspirador? — exclamara Hortênsia. — És feliz!... Tem tido aventuras?...

— Bateu-se pela Polônia. Era professor no ginásio cujos alunos

deram início à revolta e, como fora colocado pelo grão-duque Constantino,<sup>[37]</sup> não pôde esperar por perdão...

— Professor de quê?

— De belas-artes!

— E chegou a Paris depois da derrota?

— Em 1833, tendo atravessado a Alemanha a pé...

— Pobre rapaz! Que idade tem?

— Tinha apenas vinte e quatro anos quando da insurreição, tem hoje vinte e nove anos...

— Quinze anos menos que tu — observara a baronesa.

— De que vive ele? — indagara Hortênsia.

— À custa do seu talento...

— Ah! Dá lições?...

— Não — respondera a prima Bete —, ele as recebe, e muito cruéis...

— E o nome, é bonito?

— Venceslau!

— Que imaginação têm as solteironas! — exclamara a baronesa. — Pela maneira como falas, qualquer pessoa acreditaria em ti, Lisbeth.

— Não compreendes, mamãe, que se trata de um polonês de tal modo afeito ao cnute que Bete lhe recorda este doce hábito de sua pátria.

As três puseram-se a rir, e Hortênsia cantara: *Venceslau! Ídolo de minha alma* em vez de: *Oh, Matilde...*<sup>[38]</sup> Houvera como que um armistício durante alguns instantes.

— Essas meninas — dissera a prima Bete, fitando Hortênsia, quando esta última voltara para a sua companhia —, pensam que só elas podem ser amadas.

— Olha — lembrara Hortênsia, quando se viu a sós com a prima —, prova-me que Venceslau não é um conto e eu te dou meu xale de casimira amarela.

— Mas, sim, ele é conde!...<sup>[39]</sup>

— Todos os poloneses são condes!

— Mas ele não é polonês, é da Li... va... Lit...

— Lituânia?

— Não...

— Livônia?

— Isso mesmo!

— Mas qual é o nome dele?

— Vejamos, quero saber se és capaz de guardar segredo...

— Oh! Prima, serei muda...

— Como um peixe?

— Como um peixe!

— Juras pela tua vida eterna?

— Juro pela minha vida eterna!

— Juras pela tua felicidade neste mundo?

— Também.

— Pois bem, ele é o conde Venceslau Steinbock!

— Um dos generais de Carlos XII tinha esse nome.

— Foi seu avô! O pai dele estabeleceu-se na Livônia depois da morte do rei da Suécia, mas perdeu a fortuna quando da campanha de 1812 e morreu deixando na miséria o pobre filho, com oito anos de idade. Por causa do nome de Steinbock, o grão-duque Constantino tomou-o sob sua proteção e matriculou-o numa escola...

— Mantenho a minha palavra — dissera Hortênsia —; dá-me uma prova da sua existência real e terás o meu xale amarelo! Ah! Esta cor fica bem para as morenas.

— Guardarás segredo?

— Contarei os meus.

— Está bem; na próxima vez que vier aqui, trarei a prova.

— Mas a prova é o namorado — dissera Hortênsia.

## **XI – ENTRE SOLTEIRONA E MOÇA**

A prima Bete, tomada de admiração pelas casimiras, desde a sua chegada a Paris, ficara fascinada pela ideia de possuir aquele xale amarelo com que o barão presenteara a mulher em 1808 e que, segundo o hábito de algumas famílias, passara da mãe para a filha em 1830. Com dez anos o xale estava bem gasto; mas, sempre trancado numa caixa de sândalo, esse precioso xale, como acontecia com o mobiliário da baronesa, a seu ver, parecia novo aos olhos da solteirona. Assim a prima Bete trouxera na bolsa o presente que reservara para o aniversário da baronesa e que, a seu ver, devia provar a existência do seu fantástico namorado.

O presente consistia num sinete de prata, composto de três figuras inclinadas, envolvidas em folhagem e sustentando o globo. Representavam essas personagens a Fé, a Esperança e a Caridade. Os seus pés pousavam sobre monstros que se entrededoravam e entre os quais se agitava a serpente simbólica. Em 1846, depois do passo imenso que a srta. de Fauveau, os Wagner, os Jeanest, os Froment Meurice e escultores em madeira como Liénard<sup>[40]</sup> levaram a arte de Benvenuto Cellini<sup>[41]</sup> a dar, essa obra-prima não surpreenderia ninguém; mas, naquele momento, uma moça entendida em joias teria de ficar encantada ao examinar o sinete, quando a prima Bete lho apresentasse, dizendo: “Olha, que achas disto?” Por seu desenho, vestimenta e movimento, as figuras pertenciam à escola de Rafael; pela execução, lembravam a escola dos escultores florentinos em bronze, que criaram os Donatello, Brunelleschi, Ghiberti, Benvenuto Cellini, Giovanni di Bologna<sup>[42]</sup> etc. A Renascença, na França, não imaginara monstros mais

caprichosos que aqueles que simbolizavam as más paixões. As palmas, os fetos, os juncos, os caniços que envolviam as Virtudes eram de um efeito, de um gosto, de uma beleza capazes de exasperar os profissionais. Uma fita ligava as três cabeças, e nos espaços existentes entre elas havia um V, um cabrito-montês e a palavra *fecit*.

— Quem esculpiu isto? — perguntou Hortênsia.

— Pois foi meu namorado — respondeu a prima Bete. — Isto aí representa dez meses de trabalho; assim, mais ganho eu fazendo dragonas... Ele me disse que Steinbock significava, em alemão, *animal dos rochedos* ou cabrito-montês. Espera assinar assim suas obras... Ah! Receberei teu xale...

— E por quê?

— Posso lá comprar semelhante primor de arte? Posso encomendá-lo? É impossível; por isso, ele mo deu. Quem pode dar tais presentes? Só um namorado!

Com uma dissimulação que teria surpreendido Lisbeth Fischer, se ela a houvesse percebido, Hortênsia procurou não exprimir toda a sua admiração, embora experimentasse aquele sobressalto que sentem as pessoas cuja alma se entreabre à emoção do Belo, diante de uma obra-prima sem defeito, completa, inesperada.

— Palavra — disse —, é bem bonito.

— Sim, é bonito — acentuou a solteirona. — Mas eu gosto mais de um xale de casimira amarela. Pois bem, pequena, meu namorado passa o tempo a trabalhar em coisas desse gosto. Desde a sua chegada a Paris, já fez três ou quatro coisas deste gênero, e eis o resultado de quatro anos de estudos e trabalhos. Foi aprendiz em casa de fundidores, modeladores e joalheiros... Foram-se nisto centenas e milhares de francos. Agora ele me disse que, dentro de poucos meses, estará famoso e rico...

— Então, tu o vês mesmo?

— Claro! Pensas que tudo isso é uma lenda? Eu te disse a verdade, rindo.

— E ele te ama? — perguntou vivamente Hortênsia.

— Ele me adora! — respondeu a prima, tomando um ar sério. — Olha, minha pequena, ele só teve contato com mulheres pálidas, desinteressantes, como o são todas as mulheres do Norte; uma mulher morena, esbelta, jovem como eu, teria de aquecer-lhe o coração. Mas calada, como me prometeste.

— A este acontecerá o mesmo que já sucedeu aos outros cinco — declarou, com ar zombeteiro, a jovem, mirando o sinete.

— Seis, senhorita. Deixei na Lorraine um que, por mim, seria capaz de ir buscar a lua, ainda hoje.

— Este é melhor — acentuou Hortênsia —, porque traz o sol.

— Onde pode ser trocado isto por dinheiro? — perguntou a prima

Bete. — É preciso ter muita terra para aproveitar o sol.

Estes gracejos, sucedendo-se uns aos outros, seguidos de outras pilhérias que se pode imaginar, provocavam aqueles risos que haviam aumentado a angústia da baronesa, fazendo-a comparar o futuro de sua filha com o presente, em que a via inteiramente entregue às alegrias próprias da sua idade.

— Mas, para te oferecer obras de arte que exigem seis meses de trabalho, ele deve ter, para contigo, grandes obrigações, não é? — perguntou Hortênsia, a quem aquele presente fazia refletir profundamente.

— Ah! Queres saber muita coisa de uma só vez! — respondeu a prima Bete. — Mas ouve: sossega, que eu vou te envolver num grande segredo.

— Encontrar-me-ei com o teu namorado?

— Ah! Bem que o querias ver! Mas, tu compreendes, uma solteirona como a tua Bete, que soube conservar um namorado durante cinco anos, há de escondê-lo bem... Assim, deixa-me tranquila. Eu, como vês, não tenho gato, nem canário, nem cão, nem papagaio; uma velha cabra como eu precisa ter qualquer coisa para amar, para distrair-se; pois eu encontrei um polônês.

— Ele tem bigode?

— Compridos assim — disse Bete, mostrando-lhe uma lançadeira com fios de ouro.

Ela sempre levava o seu trabalho para a cidade, a fim de dar-lhe andamento enquanto esperava o jantar.

— Se continuas a fazer-me perguntas, não saberás mais nada — continuou. — Só tens vinte e dois anos de idade e és mais tagarela que eu, com os meus quarenta e dois, a bem dizer quarenta e três.

— Estou ouvindo, não digo nada — declarou Hortênsia.

— Meu namorado fez um grupo de bronze, com dez polegadas de altura — prosseguiu a prima Bete. — O trabalho representa Sansão estrangulando um leão. Ele o guardou, deixou-o enferrujar-se, de maneira a fazer crer agora que se trata de obra tão velha quanto Sansão. Essa obra-prima está exposta num dos bricabraques existentes na Place du Carrousel, perto de minha casa. Se teu pai, que conhece o sr. Popinot, ministro do Comércio e da Agricultura, ou o conde de Rastignac, <sup>[43]</sup> pudesse falar-lhes a respeito desse grupo como duma bela obra antiga que houvesse visto, de relance... Parece que esses ilustres personagens se inclinam para estas coisas em vez de se ocuparem de nossas dragonas. Creio que o meu namorado encontraria então o caminho da fortuna se eles comprassem ou pelo menos fossem examinar aquele feio pedaço de cobre. O pobre rapaz julga que tomariam o seu trabalho por obra antiga e pagariam bom preço por ela. Ora, se um dos ministros compra o grupo, ele se apresentará, provará

ser o autor e será carregado em triunfo! Ah! Ele se julga a caminho da glória; é orgulhoso, o rapaz, tanto quanto dois condes novos.

— É uma reprodução de Michelangelo; mas, para um namorado, mostra não ter perdido o espírito... — disse Hortênsia. — E quanto pede pelo bronze?

— Mil e quinhentos francos! O negociante não deve dar o bronze por menos, porque terá de tirar uma comissão.

— Atualmente, papai é comissário do rei — informou Hortênsia. — Todos os dias ele se encontra com os dois ministros. Ele tratará do teu caso, eu me encarrego disso. A senhora se tornará rica, sra. condessa Steinbock.

— Não, o homem é muito preguiçoso, passa semanas inteiras a lidar com a cera vermelha e nada faz. Ah! Passa a vida no Louvre, na Biblioteca, a olhar estampas e desenhá-las. É um *flâneur*.

As duas primas continuaram a gracejar. Hortênsia ria como quem ri com esforço, porque se sentia invadida por um amor que todas as jovens têm experimentado — o amor do desconhecido, o amor ao estado vago e cujos pensamentos se concretizam em torno de uma figura que lhes é jogada por acaso, como as florescências da geada se prendem a fios de palha suspensos pelo vento no beiral de uma janela. Havia dez meses que ela fizera do fantástico namorado da prima um ser real, pela simples razão de acreditar, como a mãe, no perpétuo celibato da prima; e havia oito dias que esse fantasma se tornara o conde Venceslau Steinbock; o sonho tivera uma certidão de batismo, o fluido transformara-se num homem de trinta anos. O sinete que Hortênsia tinha em mãos, espécie de Anunciação em que o gênio brilhava como um raio de luz, teve o poder de um talismã. E ela sentia-se tão feliz que chegava a acreditar que tudo não passava de lenda; fervia-lhe o sangue e ela ria como uma louca para iludir a prima.

## **XII – O SR. BARÃO HULOT D'ERVY**

— Mas parece-me que a porta do salão está aberta — disse a prima Bete.

— Vamos, então, ver se o sr. Crevel já se foi embora...

— Há dois dias que mamãe anda muito triste; sem dúvida, o casamento de que tratavam foi frustrado...

— Ora, isto pode ser resolvido; pensavam (posso dizer-te) num conselheiro da Corte real. Gostarias de ser a senhora presidenta? Bem, se isso depende do sr. Crevel, logo ele me dirá qualquer coisa, amanhã saberei se há esperança!

— Prima, deixe-me o sinete — pediu Hortênsia —, eu não o mostrarei... O aniversário de mamãe é de hoje a um mês. Eu to restituirei amanhã pela manhã...

— Não, entrega-mo... Falta-lhe um escrínio.

— Mas eu o mostrarei a papai, para que ele possa falar com o ministro com conhecimento de causa, porque as autoridades não se devem comprometer — explicou Hortênsia.

— Está bem, não o mostres à tua mãe, é tudo o que te peço; porque, se ela conhecesse um namorado meu, zombaria de mim...

— Eu prometo...

As duas primas chegaram à porta do toucador no momento em que a baronesa perdia os sentidos, mas o grito que Hortênsia soltou bastou para reanimá-la. Bete foi buscar os saís. Quando voltou, encontrou a filha e a mãe nos braços uma da outra, a mãe procurando afastar os temores da filha e dizendo-lhe:

— Não é nada, é uma crise nervosa. Mas aí vem teu pai — acrescentou a baronesa, ao reconhecer o marido pela maneira de tocar a campainha. — Sobretudo, não lhe digas nada a respeito...

Adelina ergueu-se para ir ao encontro do marido, no intuito de levá-lo para o jardim, enquanto aguardava a hora do jantar, e falar-lhe do casamento fracassado, fazendo-o dizer qualquer coisa sobre o futuro e tentando dar-lhe alguns conselhos.

O barão Heitor Hulot apresentava-se num traje parlamentar e napoleônico, porque facilmente se distinguem os imperiais (pessoas ligadas ao Império) pelo seu uniforme militar, pelas sobrecasacas azuis com botões dourados, fechadas até o alto, pelas suas gravatas de tafetá preto, pelo andar autoritário que adquiriram no hábito do comando despótico exigido pelas rápidas circunstâncias em que se tinham encontrado. É justo que se diga: nada revelava no barão o homem idoso; conservava a vista tão boa que ainda lia sem óculos; o seu belo rosto oblongo, emoldurado por suíças infelizmente muito pretas, apresentava uma carnação semelhante ao mármore, característica dos temperamentos sanguíneos; e seu ventre, contido pela cinta, mantinha-se majestoso, como disse Brillat-Savarin.<sup>[44]</sup>

Um perfeito ar aristocrático e muita afabilidade assinalavam o libertino em cuja companhia Crevel fizera tantas farras. Era mesmo um desses homens cujos olhos brilham diante de uma linda mulher; desses que sorriem a todas as mulheres belas, mesmo àquelas que passam e que nunca mais tornam a ver.

— Falaste, meu amigo? — perguntou Adelina, ao notar-lhe o sobrecenho cerrado.

— Não — respondeu Heitor. — Mas estou aborrecido por ter ouvido alguém falar durante duas horas sem se ir à votação... Travam-se combates de palavras, nos quais os discursos são como cargas de cavalaria que não destroem o inimigo! A palavra substituiu a ação, o que pouco agrada às pessoas acostumadas a marchar, como eu dizia ao marechal, antes de deixá-lo. Mas já não é pouco o ter-me enfastiado nos bancos dos ministros; vamo-nos distrair aqui... Bom-dia, Cabra! Bom-



dia, cabrinha!

E, tomando a filha pelo pescoço, beijou-a, acariciou-a, sentou-a nos joelhos. Depois deitou a cabeça no ombro de Hortênsia para sentir a sua linda cabeleira dourada sobre o rosto.

“Ele está entediado, cansado”, pensou a sra. Hulot. “Eu vou aborrecê-lo ainda mais, esperemos.”

— Ficas em casa esta noite? — perguntou em voz alta.

— Não, minhas filhas. Depois do jantar, terei de sair. Se não fosse hoje o dia da Cabra, dos meus filhos e do meu irmão, não me teriam visto aqui...

A baronesa apanhou um jornal, olhou a seção dos teatros e soltou-o, depois de ter dito que representavam *Roberto, o diabo*<sup>[45]</sup> na Ópera. Josefa, que a Ópera italiana cedera, havia seis meses, à Ópera francesa, cantava no papel de Alice. Nada disso, porém, escapara ao barão, que olhou fixamente sua esposa. Adelina baixou os olhos, saindo para o jardim, e ele a acompanhou.

— Vejamos, Adelina, que tens? — disse-lhe, prendendo-a pela cintura, abraçando-a e beijando-a. — Não sabes que eu te amo ainda mais que...

— Mais que a Jenny Cadine e a Josefa! — concluiu a baronesa ousadamente.

— E quem te disse isso? — perguntou o barão, que, soltando a mulher, recuou dois passos.

— Escreveram-me uma carta anônima, que eu queimei, na qual me diziam, meu amigo, que o casamento de Hortênsia fracassou em consequência da situação de miséria em que nos encontramos. Tua mulher, meu caro Heitor, nunca te diria, a respeito, uma só palavra; ela tem sabido de tuas ligações com Jenny Cadine e nunca se queixou. Mas a mãe de Hortênsia deve dizer-te a verdade...

Após um instante de silêncio terrível para sua mulher, cujo coração batia de modo a fazer-se ouvir, Hulot descruzou os braços e abraçou a baronesa, apertando-a contra o peito. Beijou-a na testa e disse-lhe, com aquela força de exaltação que o entusiasmo empresta:

— Adelina, tu és um anjo e eu sou um miserável...

— Não, não! — exclamou a baronesa, colocando rapidamente a mão sobre os lábios do marido, para impedir que ele falasse mal de si próprio.

— Sim, já não tenho um níquel para Hortênsia e sinto-me infeliz por causa disso; mas, uma vez que me abres assim o coração, posso confiar-te pesares que me sufocam. Se teu tio Fischer se encontra em situação difícil, deve-o a mim; eu o obriguei a subscrever vinte e cinco mil francos de letras de câmbio! E tudo isso por causa de uma mulher que me engana, zomba de mim na minha ausência e me chama de velho *gato pintado*! Oh! É horrível; satisfazer um vício custa-nos mais que

sustentar uma família!... E é irresistível... Eu poderia prometer-te, neste momento, que nunca mais voltaria à casa dessa abominável judia, mas bastaria que ela me escrevesse duas linhas, e eu iria até lá, como a gente se lançava no fogo do inimigo a uma ordem do imperador.

— Não te atormentes, Heitor — disse a pobre mulher desesperada, esquecendo a filha ao perceber as lágrimas que brotavam dos olhos do marido. — Olha, tenho os meus diamantes; antes de tudo, salva o meu tio!

— Teus diamantes, hoje em dia, valem apenas vinte mil francos. Isso não bastaria ao velho Fischer; assim, guarda-os para Hortênsia. Amanhã procurarei o marechal.

— Pobre amigo! — exclamou a baronesa, tomando entre as suas as mãos do seu Heitor e beijando-as.

Tudo ficou nisso: Adelina oferecia seus diamantes, o pai os dava a Hortênsia, ela considerou sublime esse esforço e fraquejou.

“Ele é dono de tudo, pode ficar com tudo, mas quer que eu conserve os meus diamantes. É um deus!”

Tal foi o pensamento daquela mulher, que certamente obtivera sempre muito mais com a sua doçura que qualquer outra com ciumenta cólera.

O moralista não pode negar que, geralmente, as pessoas bem-educadas e muito viciadas não sejam muito mais amáveis que os indivíduos virtuosos; tendo culpas a resgatar, aquelas pessoas solicitam por provisão a indulgência, mostrando-se condescendentes em relação aos defeitos dos seus julgadores, e são tidas como excelentes criaturas. Embora existam seres encantadores entre os virtuosos, a virtude julga-se bastante bela, em si mesma, para não lhe ser necessário mostrar-se agradável; além disso, as pessoas realmente virtuosas — pois é preciso pôr de parte os hipócritas — têm, quase todas, leves suspeitas quanto à sua situação; julgam-se logradas no grande mercado da vida e têm palavras amargas à maneira das que se pretendem ignoradas. Assim o barão, que lançava sobre si a culpa da ruína da família, empregou todos os recursos de seu espírito e encantos de sedutor em relação à mulher, aos filhos e à prima Bete. Ao ver que se aproximavam seu filho e Celestina Crevel, esta, alimentando o pequeno Hulot, tornou-se amável para com a nora, cercando-a de gentilezas, coisa a que não estava habituada a vaidade de Celestina, porque não existia moça rica mais vulgar nem mais insignificante. O sogro tomou o garoto, beijou-o, considerou-o delicioso e encantador; falou com ele na linguagem das amas, profetizou que o garoto ficaria mais alto que o avô, dirigiu algumas frases lisonjeiras ao filho Hulot e, por fim, entregou o filho à gorda governanta normanda. Celestina trocou com a baronesa um olhar que parecia dizer: “Que homem adorável!”. Naturalmente, ela defendia o sogro contra os ataques do próprio pai.

Depois de haver-se mostrado sogro amável e avô terno, o barão conduziu o filho até o jardim, a fim de apresentar-lhe algumas sugestões cheias de bom senso sobre a atitude que ele deveria tomar na Câmara em face de uma circunstância delicada, surgida pela manhã. Conquistou logo a admiração do jovem advogado pela sua profundidade de vistas, sensibilizando-o pelo seu tom amigável e sobretudo pela espécie de deferência com que então parecia querer colocar o filho ao seu nível.

O sr. Hulot filho era exatamente o tipo de rapaz fabricado pela Revolução de 1830; o espírito envaidecido pela política, respeitoso para com suas esperanças, sustentando-as com uma falsa gravidade, muito invejoso das reputações já feitas, dizendo frases em vez de palavras incisivas — os diamantes da conversação francesa —, mas cheio de empáfia, tomando a arrogância por dignidade. Esses indivíduos são féretros ambulantes que contêm um francês de outros tempos; o francês agita-se por momentos e dá pequenos golpes contra o seu invólucro inglês; mas a ambição o retém e ele consente em asfixiar-se. Esse féretro está sempre envolvido em pano preto.

— Ah! Aí vem meu irmão! — disse o barão Hulot, indo receber o conde à porta da sala.

Depois de haver abraçado o provável sucessor do falecido marechal Montcornet,<sup>[46]</sup> o barão deu-lhe o braço e o conduziu consigo, numa demonstração de afeto e respeito.

Este par de França, dispensado de assistir às sessões em virtude de sua surdez, apresentava uma bela cabeça encanecida pela idade, de cabelos brancos ainda tão abundantes que pareciam colados pela pressão do chapéu. Baixo e atarracado, embora seco, ostentava a sua sadia velhice com galhardia; e, sendo dotado de excessiva atividade condenada ao repouso, dividia o tempo entre a leitura e os passeios. Esses hábitos morigerados transpareciam em seu rosto alto, em seu aspecto geral, em suas conversas repletas de palavras sensatas. Ele nunca falava a respeito de guerra nem de campanhas; sabia que era bastante grande e não precisava apregoar sua grandeza. Num salão, limitava o seu papel a atender continuamente aos desejos das senhoras.

— Todos aqui estão bem alegres — disse, ao verificar a animação que o barão dera à pequena reunião familiar. — No entanto, Hortênsia ainda não se casou! — acrescentou, ao notar traços de melancolia na fisionomia da cunhada.

— Isso acontecerá sempre cedo demais — gritou-lhe ao ouvido a prima Bete, elevando a voz.

— Não fará como você, semente desgraçada que não quis germinar! — respondeu o conde rindo.

O herói de Pforzheim gostava bastante da prima Bete, porque entre ambos havia semelhanças. Sem educação, saído do seio do povo, sua

coragem fora o único fator de sua fortuna militar; o bom senso supria-lhe a inteligência. Muito honrado, com as mãos limpas, concluía riosamente a sua bela existência, no meio daquela família onde se encontravam todas as suas afeições, sem suspeitar dos desvarios ainda secretos do irmão. Ninguém melhor que ele apreciava o belo espetáculo que tal reunião representava, na qual nunca surgia o menor motivo de discórdia, reunião em que irmãos e irmãs se “amavam igualmente, porque Celestina fora logo considerada como da família. Assim, o bravo conde Hulot perguntava, uma vez por outra, por que o velho Crevel não aparecia ali. “Meu pai está no campo!”, gritava-lhe Celestina. Desta vez disseram-lhe que o antigo perfumista se encontrava em viagem.

Diante de tão verdadeira união de sua família, a sra. Hulot pensou: “Aí está a mais segura das felicidades; quem poderia destruí-la?”.

Ao observar que a sua diletta Adelina era objeto das atenções do barão, o general fez alguns gracejos, com tamanha insistência que o barão, temendo o ridículo, voltou às suas amabilidades para com a nora, que, nesses jantares familiares, era sempre o alvo de suas lisonjas e cuidados, tudo porque ele esperava, por seu intermédio, reconciliar-se com o velho Crevel e fazê-lo esquecer qualquer ressentimento. Quem quer que assistisse a essa reunião de família custaria a crer que o pai estava arruinado, a mãe desesperada, o filho profundamente inquieto em relação ao futuro do pai e a filha pensando em roubar o namorado da prima.

### **XIII – O LOUVRE**

Às sete horas, o barão, vendo o irmão, o filho, a baronesa e Hortênsia entretidos no uíste, saiu de casa para ir aplaudir a amante na Ópera. Levou em sua companhia a prima Bete, que morava na Rue du Doyenné e que se valia sempre do pretexto da solidão do seu bairro deserto para ir-se embora logo após o jantar. Todos os parisienses justificarão a medida de prudência da solteirona.

A existência do bairro que se encontra ao longo do velho Louvre é um desses protestos que os franceses gostam de fazer contra o bom senso, para que a Europa se tranquilize quanto à dose de espírito que lhes oferecem e não os tema. Talvez demonstremos nisso, sem o saber, algum grande pensamento político. Não será, decerto, uma digressão desnecessária a descrição dessa parte da Paris atual, porque mais tarde não se poderá imaginá-la, e nossos netos, que sem dúvida verão o Louvre acabado, recusar-se-ão a acreditar que semelhante barbaria tenha subsistido durante trinta e seis anos, no coração de Paris, em face do palácio onde três dinastias receberam, nos últimos trinta e seis anos, a nata da França e da Europa.

Desde a passagem que leva de Pont du Carrousel até a Rue du

Musée, todo indivíduo que tenha vindo a Paris, mesmo por alguns dias, observa uma dezena de casas com fachadas em ruínas, cujos proprietários desencorajados não fazem reparos, e que constituem o resíduo de um antigo bairro em demolição desde o dia em que Napoleão resolveu liquidar o Louvre. A rua e o beco du Doyenné são os únicos caminhos internos desse grupo sombrio e deserto de casas, cujos habitantes são provavelmente fantasmas, porque aí nunca se vê ninguém. O calçamento, muito mais baixo que o da calçada da Rue du Musée, encontra-se ao nível do da Rue Froidmanteau. Enterradas já pela elevação da praça, as casas ficam envolvidas pela sombra eterna projetada pelas altas galerias do Louvre, enegrecidas desse lado pelo vento norte. A escuridão, o silêncio, o ar glacial, a profundidade cavernosa do terreno concorrem para fazer de tais casas uma espécie de criptas, de túmulos vivos. Quando passamos de carruagem ao longo desse bairro morto e corremos o olhar pela Rue du Doyenné, sentimos frio até na alma; perguntamo-nos quem pode morar ali, o que ocorre à noite em tal lugar, à hora em que essa rua se transforma num sítio deserto e perigoso e na qual encontram campo livre, envolvidos no manto da noite, todos os vícios de Paris. Este problema, já de si terrível, ainda se torna pior quando verificamos que as pretensas casas são cercadas por um pântano, pelo lado da Rue Richelieu, um oceano encrespado de paralelepípedos, pelo lado das Tuileries, pequenos jardins e casinhas sinistras, pelo lado das galerias, e estepes de pedras de talha e demolições pelo lado do velho Louvre. Henrique III e seus favoritos, que procuram suas calças, e os amantes de Margarida,<sup>[47]</sup> que procuram suas cabeças, devem dançar sarabandas à luz do luar nesses desertos dominados pela cúpula de uma capela ainda de pé, como para provar que a religião católica, tão forte na França, sobrevive a tudo. Assim, há quarenta anos que o Louvre grita, por todas as gargantas das suas paredes esburacadas, das suas janelas escancaradas: “Extirpai essas verrugas de minha face!”. Tem-se reconhecido, sem dúvida, a utilidade desse sítio deserto e perigoso, bem como a necessidade de simbolizar, no coração de Paris, a aliança íntima entre a miséria e o esplendor, característica da rainha das capitais. Assim, estas ruínas frias, no seio das quais o jornal dos legitimistas<sup>[48]</sup> foi atacado da moléstia que o mata, os casebres infames da Rue du Musée, o círculo de madeira dos pequenos comerciantes, de miudezas que a guarnekem, terão a vida mais longa e mais próspera, talvez, que a de três dinastias!

Desde 1823, o preço módico do aluguel das casas condenadas a desaparecer tinha levado a prima Bete a instalar-se aí, não obstante a obrigação que o estado do bairro lhe impunha de recolher-se antes de cair a noite. Essa necessidade, aliás, ajustava-se perfeitamente ao seu hábito de camponesa, ainda conservado, de deitar-se e levantar-se com o sol, o que proporciona à gente do campo apreciáveis economias

quanto à iluminação e aquecimento. Ela morava numa das casas que davam a vista para a praça, em virtude da demolição do famoso palacete ocupado por Cambacérès.<sup>[49]</sup>

#### **XIV – NO QUAL SE VÊ QUE AS LINDAS MULHERES SE ENCONTRAM NO CAMINHO DOS LIBERTINOS COMO OS PAPALVOS VÃO AO ENCONTRO DOS LADRÕES**

No momento em que o barão Hulot deixava a prima da mulher à porta de sua casa, dizendo-lhe “Adeus, prima!”, uma linda jovem, pequenina e esbelta, vestida com a maior elegância, passava entre a carruagem e a parede para entrar na mesma casa. Sem qualquer sinal de premeditação, a moça trocou um olhar com o barão, apenas para ver o primo da locatária; mas o libertino experimentou aquela viva impressão que sentem todos os parisienses quando encontram uma bela mulher que realiza, como dizem os entomologistas, o seu desiderato. Com uma calculada lentidão, ele calçou as luvas antes de voltar para a carruagem, a fim de compor-se melhor e acompanhar com os olhos a linda jovem, cujo vestido era agradavelmente balouçado por coisa muito diferente das horríveis e enganadoras saias de baixo, de crinolina.

— Eis aí uma linda mulherzinha que eu faria feliz, porque ela faria também a minha felicidade! — murmurou o barão.

Quando chegou ao patamar da escada da parte principal do edifício, que dava para a rua, a desconhecida dirigiu um olhar furtivo em direção ao portão destinado aos carros, sem se voltar de todo, e viu o barão pregado no mesmo lugar, cheio de admiração, devorado pelo desejo e pela curiosidade. Isto é como uma flor que todas as parisienses aspiram delicias. Algumas mulheres cumpridoras de seus deveres, lindas e virtuosas, voltam para casa de mau humor quando não colhem um ramalhete de galanteios durante um passeio.

A jovem subiu rapidamente a escada. Pouco depois, abriu-se uma janela do apartamento do segundo andar e ela apareceu, já em companhia de um cavalheiro que devia ser o marido, a julgar pela calva e pelo olhar algo irritado.

— Como são interessantes e sagazes essas criaturas!... — murmurou o barão. — É assim que ela me indica a sua residência. Isto é um pouco arriscado, sobretudo neste bairro. Tomemos cuidado!

O diretor ergueu a cabeça quando tomou o *milord*. Então a mulher e o marido desapareceram de súbito, como se o rosto do barão houvesse produzido sobre eles o efeito mitológico da cabeça de Medusa. “Dir-se-ia que eles me conhecem”, pensou o barão. “Assim tudo se explicaria.”

Com efeito, quando a carruagem subiu a Rue du Musée, ele se voltou para rever a desconhecida e a encontrou de novo à janela. Envergonhada por ser vista a contemplar a capota de um carro sob a

qual se encontrava seu admirador, a jovem recuou precipitadamente. “Por intermédio da Cabra, saberei quem ela é”, disse o barão consigo mesmo.

O encontro com o conselheiro de Estado produzira, como se vai ver, profunda sensação naquele lar.

— Mas é o barão Hulot, diretor da minha repartição! — exclamou o marido, ao deixar o balcão da janela.

— Então, Marneffe, a solteirona do terceiro andar, ao fundo do pátio, que vive em companhia de um rapaz, é prima dele? É incrível que só hoje venhamos a saber disso e por acaso!

— A srta. Fischer morar com um rapaz?! — repetiu o empregado. — Isto é boato, não falemos tão levemente da prima de um conselheiro de Estado, que é o mandachuva do ministério. Ora, vem jantar, porque há quatro horas que te espero!

## **XV – A FAMÍLIA MARNEFFE**

A lindíssima sra. Marneffe, filha natural do conde Montcornet, um dos mais famosos oficiais de Napoleão, casara-se, em virtude de um dote de vinte mil francos, com um empregado subalterno do Ministério da Guerra. Por influência do ilustre tenente-general, marechal da França nos seis últimos meses de sua existência, o funcionário chegara inesperadamente ao cargo de primeiro-amanuense de sua repartição; mas, no momento de ser nomeado subchefe, a morte do marechal cortara pela raiz as esperanças de Marneffe e sua esposa.

A exiguidade de recursos do sr. Marneffe — que já dissipara o dote da srta. Valéria Fortin, seja com o pagamento das suas dívidas de funcionário, seja com as compras necessárias a um rapaz que monta casa — e, sobretudo, as exigências de uma linda mulher, habituada, em casa de sua mãe, a prazeres a que não quis renunciar, haviam obrigado a família a realizar economias no aluguel.

A posição da Rue du Doyenné, pouco afastada do Ministério da Guerra e do centro parisiense, agradou ao casal Marneffe, que, havia cerca de quatro anos, morava na mesma casa da srta. Fischer.

O sr. João Paulo Stanislas Marneffe pertencia a esse gênero de empregados que resistem ao embrutecimento pela espécie de poder que lhes dá a depravação. Esse homenzinho magro, de barba e cabelos ralos, fisionomia pálida e abatida, mais fatigada que enrugada, olhos abrigados por trás dos óculos e pálpebras levemente avermelhadas, de aparência mesquinha e ainda mais mesquinho comportamento, concretizava o tipo que todos imaginamos do homem levado ao Tribunal por atentado aos costumes.

O apartamento ocupado por essa família, igual a muitas famílias parisienses, apresentava as enganadoras aparências de falso luxo que

reina no interior de certas habitações. Na sala, os móveis recobertos de veludo de algodão, as estatuetas de gesso imitando bronze florentino, o lustre mal cinzelado, apenas pintado a cor, com arandelas de cristal fundido; o tapete cujo baixo preço se evidenciava pela quantidade de algodão usada pelo respectivo fabricante, visível a olho nu; tudo, até as cortinas de damasco de lã que não tiveram três anos de esplendor — tudo denunciava a miséria, como um pobre esfarrapado à porta de uma igreja.

A sala de jantar, malservida por uma só empregada, apresentava o aspecto nauseabundo das salas de jantar de hotel de província: tudo sujo e mal-arrumado.

O quarto do sr. Marneffe, muito parecido com o de um estudante, com o seu leito de solteiro e a mobília de solteiro reduzida, velha, usada como ele próprio, limpo uma vez por semana; quarto horrível, inteiramente desarrumado, com meias velhas sobre cadeiras de estofado de crina e cujas flores ressurgiam desenhadas pela poeira; esse quarto denunciava perfeitamente o homem para quem o lar é indiferente, que vive fora de casa, jogando, nos cafés ou em qualquer parte.

O quarto da sra. Marneffe constituía uma exceção à degradante incúria que dizia tão mal do apartamento, cujas cortinas estavam amarelas de fumaça e poeira e no qual o filho do casal, evidentemente abandonado ao léu, espalhava por toda parte seus brinquedos. Situados na parte que ligava, dum lado apenas, a casa construída para a rua ao corpo do edifício apoiado ao fundo do pátio da propriedade vizinha, o quarto de dormir e o de vestir de Valéria, elegantemente forrados de verde, com móveis de palissandro e tapetes de lã, caracterizavam a linda mulher, e, digamo-lo mesmo, a mulher sustentada por alguém. Sobre o pano de veludo da chaminé achava-se um pêndulo da moda. Via-se ainda um pequeno *dunquerque*<sup>[50]</sup> muito bem guarnecido, com jarros de porcelana chinesa luxuosamente montados. O leito, a penteadeira, o armário com espelho, o biombo, as bugigangas indicavam o gosto ou as fantasias da época.

Embora tudo aí fosse de terceira ordem, quanto à riqueza e elegância, demonstrando pelo menos três anos de uso, um dândi só poderia dizer que esse luxo tinha muita coisa de burguês. Faltavam-lhe de todo a arte, a distinção que caracteriza tudo aquilo em que o bom gosto deixa o seu timbre. Um doutor em ciências sociais teria reconhecido a existência de um amante à vista de algumas dessas futilidades de rica bijuteria que só podem provir desse semideus sempre ausente, sempre presente em casa de uma mulher casada.

O jantar, de que participaram o marido, a mulher e o filho, retardado por quatro horas, teria explicado a crise financeira que tal família sofria, porque a mesa é o mais seguro termômetro da fortuna nos lares parisienses. Uma sopa de legumes com caldo de feijão, um



pedaço de vitela com batatas afogado em molho vermelho e não em suco de carne, um prato de feijão e cerejas de qualidade inferior, tudo servido e comido em caçarolas e pratos velhos, com os talheres pouco sonoros e tristes de plaqué — seria isso a mesa digna de uma bela mulher? O barão teria derramado lágrimas se estivesse presente. As garrafas sujas não disfarçavam a cor feia do vinho, comprado a retalho no armazém da esquina. Os guardanapos eram usados havia uma semana. Enfim, tudo denunciava uma miséria sem dignidade, a indiferença da mulher e do marido pela família. O mais vulgar observador, ao vê-los, pensaria consigo mesmo que essas duas criaturas haviam chegado àquele terrível momento em que a necessidade de viver impõe uma velhacaria feliz.

A primeira frase pronunciada por Valéria e dirigida ao marido vai, aliás, explicar o retardamento que sofrera o jantar, devido provavelmente ao devotamento interessado da cozinheira.

— Samanon só quer as tuas letras de câmbio com cinquenta por cento e pede como garantia um documento sobre teu ordenado.

A miséria, ainda secreta na casa do diretor do Ministério da Guerra, oculta sob um ordenado de vinte e quatro mil francos, sem contar com as gratificações, chegara ao último grau na casa do empregado.

— Fisgaste o meu diretor — disse o marido, fitando a mulher.

— Creio que sim — respondeu ela, sem espantar-se com a maneira de dizer do esposo.

— Que será de nós? — continuou Marneffe. — O proprietário fará a penhora amanhã. E teu pai achou de morrer sem fazer testamento! Palavra de honra, todos esses senhores do Império se julgam tão imortais como o imperador.

— Pobre do meu pai! Fui a sua única filha, ele gostava muito de mim. É possível que a condessa tenha queimado o testamento. Como poderia ele ter-me esquecido, ele que nos dava, uma vez por outra, três ou quatro notas de mil francos?

— Devemos quatro prazos, mil e quinhentos francos. Nossa mobília vale isso? *That is the question!*, disse Shakespeare.

— Bem, adeus, meu velho — disse Valéria, que mal tocara na vitela, da qual a empregada extraíra todo o suco para dá-lo a um valente soldado vindo da Argélia. — Para os grandes males, grandes remédios!

— Aonde vais, Valéria? — perguntou Marneffe, interpondo-se entre a mulher e a porta.

— Vou procurar o nosso senhorio — respondeu ela, arranjando os caracóis sob um lindo chapéu. — Tu, pela tua parte, devias tomar contato com essa solteirona, se ela é realmente prima do diretor.

A ignorância em que se encontram os locatários de um mesmo prédio sobre suas recíprocas situações sociais é um dos fatos constantes que melhor definem o arrebatamento da vida parisiense; mas é fácil compreender que um funcionário que sai todos os dias, muito cedo, para a sua repartição, só voltando para jantar, e sai igualmente todas as noites, e uma mulher habituada aos prazeres de Paris possam ignorar a existência de uma solteirona alojada no terceiro andar ao fundo do pátio de sua casa, sobretudo quando essa solteirona tem os hábitos da srta. Fischer.

Lisbeth era a primeira, na casa, a ir buscar o leite, o pão, o carvão, sem falar com pessoa alguma; deitava-se ao cair da noite; nunca recebia cartas nem visitas; não mantinha relações com os vizinhos. Era uma dessas existências anônimas, entomológicas, que se desenrolam em certas casas, onde só ao fim de quatro anos se descobre, num quarto andar, um bom velho que conheceu Voltaire, Pilâtre de Rozier, Beaujon, Marcel, Molé, Sophie Arnould, Franklin e Robespierre.<sup>[51]</sup> O que o sr. e a sra. Marneffe acabavam de dizer a respeito de Lisbeth Fischer tinham-no sabido em virtude do isolamento do bairro e das relações que a sua miséria estabelecera entre eles e os porteiros, cuja camaradagem lhes era demasiado necessária para que o casal não a cultivasse cuidadosamente. Ora, o orgulho, o mutismo, a reserva da solteirona haviam criado entre os porteiros o exagerado respeito, as relações frias que denunciam o inconfessado descontentamento das pessoas colocadas em situação inferior. Além disso, os porteiros se julgavam, no caso em apreço, iguais ao inquilino que paga duzentos e cinquenta francos de aluguel. Sendo verdadeiras as confidências da prima Bete a Hortênsia, compreende-se perfeitamente que a porteira do edifício poderia, em conversa íntima com os Marneffe, caluniar a srta. Fischer, na suposição de que apenas falava mal a seu respeito.

Quando a solteirona recebeu seu castiçal das mãos da respeitável sra. Olivier, a porteira, procurou ver se as janelas da mansarda existente por cima do seu aposento estavam iluminadas. Àquela hora, em julho, era tal a escuridão no fundo do pátio que a solteirona não podia ir deitar-se sem luz.

— Ah! Fique tranquila! O sr. Steinbock está em casa, nem sequer saiu — disse maliciosamente a sra. Olivier à srta. Fischer.

A solteirona nada respondeu. Conservando-se ainda bem camponesa, não ligava importância ao que diziam a seu respeito as pessoas que não tivessem contato com ela; e, assim como a gente do campo só vê o que se passa em sua aldeia, ela só prestava atenção às opiniões emitidas em seu reduzido círculo de relações. Assim, Lisbeth subiu resoluta, dirigindo-se não aos seus aposentos, mas à mansarda. E eis por quê. À sobremesa, guardara na bolsa frutos e doces para o namorado, e ia levar-lhe tudo isso, exatamente como uma solteirona

oferece uma guloseima ao seu cão.

Ela encontrou, entregue ao trabalho, à luz de um pequeno candeeiro cuja claridade aumentava ao passar através de um globo cheio de água, o herói dos sonhos de Hortênsia, um jovem pálido e louro; vestindo uma blusa, ele estava sentado em frente a uma mesa coberta de utensílios de cinzelador, cera vermelha, plainas, pedestais desbastados, peças de cobre fundidas segundo o modelo, e tinha entre as mãos um pequeno grupo modelado em cera, contemplando-o com a atenção de um poeta no momento de trabalho.

— Olhe, Venceslau, eis o que lhe trouxe aqui — disse ela, colocando o lenço a um canto da mesa.

Em seguida, tirou cuidadosamente do cabaz os doces e as frutas.

— A senhorita é muito boa para comigo — declarou o pobre exilado, com uma voz triste.

— Isto irá reconfortá-lo, meu filhinho. Você se esgota, trabalhando dessa maneira. Você não nasceu para exercer tão rude profissão...

Venceslau Steinbock fitou a solteirona com um ar surpreso.

— Vamos, coma — continuou ela, bruscamente —, em vez de ficar aí a olhar-me como a uma de suas figuras, quando elas lhe agradam.

Ao receber essa áspera repreensão, o rapaz já não se mostrou espantado, porque em Lisbeth ele reconhecia o seu mentor feminino, cuja ternura sempre o surpreendia, visto como estava habituado a ser maltratado. Aos vinte e nove anos, Steinbock parecia, como acontece a certos indivíduos louros, ter cinco ou seis anos menos; e, ao ver essa mocidade, cuja frescura se ia desvanecendo ao peso das fadigas e misérias do exílio, unida àquela figura seca e áspera, poder-se-ia pensar que a natureza se enganara, trocando-lhes os sexos. Erguendo-se, ele foi estender-se numa velha poltrona Luís xv, coberta de veludo de Utrecht amarelo, como se quisesse mesmo descansar. A solteirona apanhou então uma rainha-cláudia e ofereceu delicadamente ao amigo.

— Obrigado — disse ele, recebendo a ameixa.

— Está fatigado? — perguntou Lisbeth, entregando-lhe outra fruta.

— Não estou cansado de trabalhar; estou cansado de viver — respondeu Steinbock.

— Ora, que ideia! — observou ela, com certa rudeza. — Não tem um espírito bom que vela por seu destino? — indagou, oferecendo-lhe os doces e vendo-o comer com satisfação. — Veja só: enquanto jantava em casa de minha prima, pensei em você...

— Bem sei que, não fora a senhorita, há muito tempo estaria morto — declarou ele, dirigindo a Lisbeth um olhar ao mesmo tempo carinhoso e triste. — Mas, senhorita, os artistas precisam distrair-se...

— Ah! Chegamos ao ponto principal! — exclamou ela, interrompendo-o, enquanto colocava as mãos nos quadris e lhe dirigia olhares flamejantes. — Quer ir perder a saúde nos lugares infames de

Paris, como tantos operários que acabam morrendo no hospital! Não, não! Procure adquirir fortuna, e, quando tiver rendimentos, vá divertir-se, meu caro. Terá então com que pagar os médicos e os prazeres, já que é um libertino.

Recebendo essa dura advertência, acompanhada de olhares que o feriam como uma chama magnética, Venceslau Steinbock baixou a cabeça. Se o mais ferino maldizente houvesse podido assistir ao princípio desta cena, já teria reconhecido a falsidade das calúnias lançadas pelo casal Olivier a respeito da srta. Fischer. Na entonação, nos gestos e nos olhares das duas criaturas, tudo revelava a pureza de sua vida secreta. A solteirona exprimia a ternura de uma brutal mas real maturidade. O rapaz suportava como um filho respeitoso a tirania de uma mãe. Essa aliança bizarra parecia ser o resultado de uma vontade poderosa agindo incessantemente sobre um caráter fraco, sobre essa inconsistência peculiar aos eslavos, que, sendo corajosos e heroicos nos campos de batalha, fora daí revelam uma conduta de incrível pusilanimidade, uma fraqueza moral cujas causas deveriam preocupar os fisiologistas, porque os fisiologistas representam para a política o mesmo que os entomologistas representam para a agricultura.

— E se eu morrer antes de ficar rico? — perguntou melancolicamente Venceslau.

— Morrer?... — exclamou a solteirona. — Oh! Eu não o deixarei morrer. Tenho vida por dois, e, se for preciso, dar-lhe-ei o meu próprio sangue.

Ao ouvir essa declamação violenta e sincera, Steinbock sentiu as pálpebras úmidas de lágrimas.

— Não fique triste, meu caro Venceslau — continuou Lisbeth, comovida. — Olhe, creio que minha prima Hortênsia achou o seu sinete muito bonito. Vamos, eu arranjarei um meio de vender o seu grupo de bronze, você pagará o que me deve, fará o que quiser, ficará livre! Vamos, sorria, então!...

— Eu nunca poderei pagar o que lhe devo, senhorita — respondeu o pobre exilado.

— Por que não? — perguntou a camponesa dos Vosges, tomando partido em favor do livoniano e contra si própria.

— Não só porque me tem sustentado, alojado, cuidado de mim na miséria, como porque me tem estimulado as energias! Fez de mim o que sou hoje, embora tenha sido muitas vezes cruel e me tenha feito sofrer...

— Eu? — exclamou a solteirona. — Vejo que vai recomeçar a dizer tolices a respeito de poesia e artes, estalar os dedos e estirar os braços falando sobre o belo ideal e sobre as suas loucuras no Norte. O belo não vale o que é material, e o material sou eu! Tem você algumas ideias na cabeça? Muito bem. Eu também as tenho... De que serve o que temos

dentro da alma, se disse não tiramos o menor partido? Os que têm ideias não vão para diante como os que não as têm, mas sabem agitar-se... Em vez de perder-se em sonhos, é preciso trabalhar. Que fez você depois que eu saí?...

— Que disse sua linda prima?

— Quem lhe disse que ela é linda? — perguntou vivamente Lisbeth com uma entonação em que rugia um ciúme de tigre.

— Você mesma.

— Era para ver a careta que você faria! Está com vontade de correr atrás das saias? Você gosta de mulheres; está bem; procure fundir, exprimir os seus desejos em bronze; porque você ainda terá de passar algum tempo sem namoricos e, sobretudo, sem minha prima, caro amigo. Ela não é para o seu dente; é uma jovem que precisa de um homem com sessenta mil francos de rendimentos... E já o encontrou... Espere, a cama ainda não está feita! — exclamou, ao olhar para o outro quarto. — Ah! Meu filho, eu o esqueci...

Imediatamente a vigorosa criatura se desembaraçou da capa, do chapéu e das luvas e, como uma empregada, num instante arrumou o pequeno leito onde dormia o artista. Esse misto de impulsividade, rudeza mesmo e bondade pode explicar o domínio que Lisbeth conseguira sobre o rapaz, que ela tornara como que uma coisa sua. Não nos atrai a vida justamente pelas suas alternativas, pelo que tem de bom e de mau? Se o livoniano houvesse encontrado, em vez de Lisbeth Fischer, a sra. Marneffe, teria encontrado em sua protetora uma benevolência que o conduziria por um caminho lamacento e desonroso, onde se perderia. Certamente não teria trabalhado, o artista não despontaria nele. Assim, embora deplorando a áspera cupidez da solteirona, ele ouvia a voz da razão dizer-lhe que devia preferir aquele braço de ferro à vida preguiçosa que levavam alguns dos seus compatriotas.

Eis aqui o acontecimento a que se devia a união dessa energia feminina com aquela fraqueza masculina — espécie de contrassenso muito frequente na Polônia, segundo dizem.

## **XVII – HISTÓRIA DE UM EXILADO**

Em 1833, a srta. Fischer, que por vezes trabalhava durante a noite, quando tinha muitas encomendas, sentiu, aí por uma hora da madrugada, um forte cheiro de ácido carbônico, e ouviu os gemidos de um moribundo. O cheiro do carvão e os gemidos provinham de uma mansarda situada por cima das duas peças de que se compunha o seu apartamento; Lisbeth supôs que se suicidava um rapaz que recentemente viera para o edifício e alugara a mansarda vazia pelo prazo de três anos. Assim, rapidamente subiu as escadas, arrombou a

porta com a sua força de lorena e encontrou o locatário estorcendo-se na cama de couro, nas convulsões da agonia. Apagou o braseiro. Uma vez a porta aberta, o ar afluíu, o exilado salvou-se; e depois de havê-lo acomodado como a um enfermo, fazendo-o dormir, Lisbeth pôde, afinal, reconhecer as causas do suicídio na miséria absoluta dos dois quartos da mansarda, onde se viam apenas uma mesa velha, a cama de couro e duas cadeiras.

Encontrava-se sobre a mesa um papel, em que Lisbeth leu o seguinte:

Sou o conde Venceslau Steinbock, natural de Prélia, Livônia.

Ninguém deve ser acusado de minha morte; os motivos de meu suicídio estão nestas palavras de Kosciuszko: *Finis Poloniae!*<sup>[52]</sup>

O sobrinho de um valoroso general de Carlos XII não quis mendigar. Minha fraca constituição não me permitiu fazer o serviço militar e eu vi ontem o fim dos cem táleres com que vim de Dresden para Paris. Deixo vinte e cinco francos na gaveta desta mesa para pagar o que devo ao senhorio.

Como não tenho nenhum parente, minha morte não interessa a ninguém. Peço aos meus compatriotas que não acusem o governo francês. Não me dei a reconhecer como refugiado, nada pedi, não encontrei nenhum exilado, em Paris ninguém sabe que eu existo.

Morro com as minhas ideias cristãs. Que Deus perdoe o último dos Steinbock!

VENCESLAU

Extremamente comovida diante da probidade do moribundo, que pensava em pagar sua dívida, a srta. Fischer abriu a gaveta e encontrou aí, com efeito, cinco moedas de cem *sous*.<sup>[53]</sup>

— Pobre rapaz! — exclamou. — Ninguém no mundo se interessa por ele!

Desceu ao seu apartamento e, apanhando o que estava a fazer, voltou à mansarda, para continuar o seu trabalho e velar pelo fidalgo livoniano. Pode-se imaginar o espanto do exilado quando, ao despertar, encontrou uma mulher à sua cabeceira; julgou continuar sonhando. Enquanto fazia agulhetas de ouro para um uniforme, a solteirona se comprometera a colocar sob sua proteção o pobre rapaz, que tanto admirara durante o sono. Quando o jovem conde voltou inteiramente a si, Lisbeth incutiu-lhe coragem e fez-lhe perguntas para saber como poderia fazê-lo ganhar a vida.

Depois de haver contado a sua história, Venceslau acrescentou que devera o seu lugar a uma reconhecida vocação para as artes; sempre sentira disposição para a escultura; mas o tempo necessário aos estudos lhe parecia muito longo para um homem sem dinheiro e, além disso, sentia-se demasiado fraco nesse momento para se dedicar a um trabalho manual ou dedicar-se à grande escultura. Estas palavras nada significavam para Lisbeth Fischer. Assim, declarou ao pobre moço que Paris oferecia muitas vantagens e por isso todo homem de boa vontade

devia viver em Paris. As pessoas generosas não morriam em Paris quando contavam com certas reservas de paciência.

— Eu sou apenas uma pobre moça, uma camponesa, e já consegui tornar-me independente — acrescentou ela, concluindo. — Ouça-me: se o senhor quiser realmente trabalhar, eu tenho algumas economias e poderia emprestar-lhe, todo mês, o dinheiro necessário à sua manutenção; mas só para isso e não para gastá-lo à toa, para jogá-lo fora! Pode-se jantar em Paris com vinte e cinco *sous* por dia, e eu prepararei o seu café da manhã juntamente com o meu, todas as manhãs. Enfim, mobiliarei o seu quarto e pagarei as despesas de aprendizagem que lhe pareçam necessárias. O senhor me dará os competentes recibos, relativos ao dinheiro que eu gastar em seu proveito; e quando ficar rico me pagará tudo. Mas, se o senhor não trabalhar, então deixarei de interessar-me pela sua situação e o abandonarei de todo.

— Ah! — exclamou o infeliz rapaz, que sentia ainda o amargor do seu primeiro contato com a morte. — Os exilados de todos os países têm muita razão em procurar a França, como as almas do purgatório em relação ao paraíso. Grande nação em que podemos em qualquer parte encontrar auxílio, corações generosos, mesmo numa mansarda como esta! A senhora será tudo para mim, minha cara benfeitora, eu serei seu escravo! Seja minha amiga — disse, por fim, numa dessas demonstrações carinhosas peculiares aos poloneses e que são injustamente interpretadas como expressão de servilismo.

— Oh! Não, sou muito ciumenta; eu o tornaria infeliz; mas serei, de bom grado, uma espécie de camarada — prometeu Lisbeth.

— Ah! Se a senhora soubesse com que ardor eu desejei que aparecesse uma criatura, mesmo um tirano, que cuidasse de mim, quando eu me debatia no turbilhão de Paris! — continuou Venceslau. — Tinha saudade da Sibéria, aonde o imperador me mandaria, se eu voltasse!... A senhora será a minha Providência... Eu trabalharei, procurarei tornar-me melhor do que sou, embora não seja um mau rapaz.

— Fará tudo que lhe direi que faça?

— Sim!...

— Pois bem, vou adotá-lo como meu filho — disse ela, alegremente. — Eis-me com um rapaz que acaba de erguer-se do caixão. Vamos começar. Vou descer para fazer compras. Troque de roupa e venha partilhar do meu café quando eu bater no teto com o cabo da vassoura.

## **XVIII – AVENTURA DE UMA ARANHA QUE ENCONTRA EM SUA TEIA UMA BELA MOSCA, PESADA DEMAIS PARA ELA**

No dia seguinte, a srta. Fischer tomou informações sobre a profissão de

escultor na casa aonde levou o seu trabalho. Depois de muito indagar, conseguiu descobrir a oficina de Florent e Chanor, casa especializada, onde se fundiam e se cinzelavam os bronzes caros e os serviços de prataria luxuosos. Levou até aí Steinbock, na qualidade de aprendiz de escultor, fazendo uma proposta que pareceu estranha. Nessa casa executavam os modelos dos mais famosos artistas, mas não ensinavam escultura. A persistência e teimosia da solteirona conseguiram colocar seu protegido como desenhador de ornatos. Steinbock rapidamente aprendeu a modelar os ornatos, e inventou novos, demonstrando vocação.

Com cinco meses de aprendizagem do ofício de cinzelador, Steinbock travou conhecimento com o famoso Stidmann,<sup>[54]</sup> o principal escultor da casa Florent. Ao fim de vinte meses, Venceslau sabia mais que o mestre; mas, com trinta meses, as economias feitas pela solteirona, durante os dezesseis anos, foram inteiramente dissipadas, moeda a moeda. Dois mil e quinhentos francos em ouro! Uma importância que ela esperava pôr a render ficara reduzida a uma promissória assinada por um polonês. Assim, Lisbeth trabalhava então como em sua mocidade, a fim de fazer face às despesas do livoniano.

Quando teve em suas mãos, em vez das moedas de ouro, apenas um papel, Lisbeth perdeu a cabeça e foi consultar o sr. Rivet, que se tornara, havia quinze anos, o conselheiro e amigo daquela que era a sua primeira e mais hábil operária. Ao tomarem conhecimento da aventura, o sr. e a sra. Rivet censuraram Lisbeth, julgaram-na louca, falaram mal dos refugiados, cujos ardis para reaver a pátria comprometiam a prosperidade do comércio e, sobretudo, a paz. Por fim, aconselharam a solteirona a obter garantias, como se diz no comércio.

— A garantia única que esse rapaz lhe pode oferecer é a sua liberdade — declarou então o sr. Rivet.

O sr. Aquiles Rivet era juiz do Tribunal do Comércio.

— E isto não é uma brincadeira para os estrangeiros — acrescentou. — Um francês fica cinco anos na prisão e sai sem ter pago as suas dívidas, é verdade, porque só é obrigado a isso por sua própria consciência, que sempre o deixa em paz; mas um estrangeiro nunca sai da prisão. Dê-me a sua promissória. A senhora vai passar esse documento para o nome do meu guarda-livros, que a fará protestar, perseguirá a ambos, obterá contraditoriamente uma sentença de prisão e, quando tudo estiver arranjado, assinará e lhe entregará uma contraescritura. Agindo assim, os seus interesses ficarão resguardados e a senhora manterá uma arma sempre carregada em direção ao seu polonês!

A solteirona consentiu em agir dessa forma e disse ao seu protegido que não se inquietasse com o seu procedimento, visto como visara apenas dar garantias a um usurário que lhe adiantara algum dinheiro.



Essa desculpa era devida ao gênio inventivo do juiz do Tribunal do Comércio. Confiando cegamente em sua benfeitora, o inocente artista acendeu o cachimbo com os papéis selados — porque ele fumava, como todas as pessoas que têm pesares ou energias a adormecer. Um belo dia, o sr. Rivet mostrou à srta. Fischer alguns documentos, dizendo-lhe:

— A senhora tem Venceslau Steinbock de pés e mãos atados, e de tal sorte que, dentro de vinte e quatro horas, pode metê-lo em Clichy<sup>[55]</sup> para o fim da vida.

O digno e honesto juiz do Tribunal de Comércio experimentou nesse dia a satisfação que deve causar a certeza de haver cometido uma perversa boa ação. A benevolência tem tantas maneiras de manifestar-se em Paris, que essa expressão singular corresponde a uma de suas variações. Uma vez apanhado o livoniano na teia do processo comercial, cumpria obrigá-lo ao pagamento da dívida, porque o notável comerciante tinha Venceslau Steinbock na conta de escroque. A seus olhos, o coração, a probidade, a poesia eram, do ponto de vista dos negócios, verdadeiros *sinistros*. No interesse da pobre srta. Fischer, que, segundo a sua expressão, fora furtada por um polonês, Rivet foi procurar os ricos fabricantes de cuja casa Steinbock saía. Ora, secundado pelos notáveis mestres da ourivesaria parisiense, já citados, Stidmann, que colocara a arte francesa no estado de perfeição em que se encontra agora e que permite lutar com os florentinos da Renascença, achava-se no gabinete de Chanor, quando o bordador ali chegou para tomar informações a respeito de um tal Steinbock, refugiado polonês.

— Que quer dizer um tal Steinbock? — exclamou mordazmente Stidmann. — Será por acaso um jovem livoniano que tem sido meu aluno? Fique sabendo, senhor, que se trata de um grande artista. Dizem que eu me julgo um diabo; pois bem, esse pobre rapaz não sabe, ele próprio, que pode tornar-se um deus...

— Embora o senhor fale de modo inconveniente com um homem que tem a honra de ser juiz do Tribunal do Sena...

— Desculpe-me, cônsul!... — interrompeu Stidmann, passando as costas da mão na frente.

— Sinto-me muito satisfeito com o que o senhor acaba de dizer-me. Então, o rapaz poderá ganhar dinheiro?...

— Certamente — disse o velho Chanor —, mas terá de trabalhar; ele já teria conseguido juntar algum dinheiro se houvesse ficado conosco. Mas que quer? Os artistas têm horror à dependência.

— Eles têm a consciência do seu valor e de sua dignidade — acentuou Stidmann. — Não censure Venceslau por querer trabalhar sozinho, por procurar criar nome e tornar-se um grande homem. Está no seu direito. Contudo, perdi muito com a sua saída!

— São estas — exclamou Rivet — as pretensões dos rapazes quando

saem do ovo universitário... Mas primeiro a fortuna e depois a glória!

— Suja-se a mão a amontoar o dinheiro! — declamou Stidmann. — A glória é que nos deve trazer a fortuna.

— Que quer?! — disse Chanor a Rivet. — Não podemos prendê-los...

— Eles rebentariam o cabresto! — replicou Stidmann.

— Todos esses senhores — insistiu Chanor, fitando Stidmann — são tão fantasistas quanto talentosos. Gastam muito, têm amantes, jogam dinheiro pela janela, não dispõem de tempo para realizar seus trabalhos; por isso não dão conta de suas encomendas; procuramos operários que não se comparam a eles e no entanto enriquecem; depois, eles se queixam da dureza dos tempos atuais, quando, se fossem aplicados, teriam montões de ouro...

— Você me faz lembrar, meu velho Lumignon<sup>[56]</sup> — falou Stidmann —, aquele livreiro de antes da Revolução, que dizia: “Ah! Se eu pudesse ter Montesquieu, Voltaire e Rousseau bem esfarrapados, no meu sótão, com as suas calças escondidas numa cômoda, como eles escreveriam para mim uns bons livrinhos, com os quais faria a minha fortuna!”. Se se pudesse forjar belas obras como pregos, os aprendizes as fariam... Dê-me mil francos e fique calado!

O bom Rivet, encantado, foi ao encontro da pobre srta. Fischer, que jantava às segundas-feiras em sua casa, onde iria vê-la.

— Se pode fazê-lo trabalhar — disse-lhe —, a senhora poderá tornar-se feliz, já que não foi prudente; será reembolsada, receberá o seu dinheiro, juros e capital. O polonês tem talento, pode ganhar a vida; mas esconda as calças e os sapatos dele, proíba-o de ir à Chaumière e ao bairro Notre-Dame de Lorette,<sup>[57]</sup> mantenha-o sob freio. Sem essas precauções, o seu escultor irá *flanar* por aí. E se a senhora soubesse o que os artistas chamam *flanar*... Que horror! Acabo de verificar que, entre eles, uma nota de mil francos pode ser gasta num dia.

Este episódio teve uma influência terrível na vida íntima de Venceslau e Lisbeth. A benfeitora umedeceu o pão do exilado no absinto das recriminações, quando viu as suas economias comprometidas e talvez mesmo perdidas. A boa mãe tornou-se madrastra, começou a repreender o pobre rapaz, importunando-o, censurando-o por não trabalhar rapidamente e por haver escolhido um ofício difícil. Ela não podia acreditar que tivessem preço os modelos de cera vermelha, figurinos, projetos de ornatos e esboços. Depois, arrependida de suas asperezas, tentava desfazer o efeito de seus cuidados com palavras delicadas e atenções especiais. O pobre rapaz, depois de sofrer sob a dependência da megera, sob o domínio de uma camponesa dos Vosges, enternecia-se com os carinhos e a solicitude maternos, voltados apenas para o lado físico, material da vida. Era como uma mulher que perdoa os maus-tratos de toda uma semana em virtude das carícias de uma reconciliação fugitiva.

A srta. Fischer obteve assim, sobre aquela alma, um domínio absoluto. O gosto de mando, conservado no coração da solteirona em estado embrionário, desenvolveu-se rapidamente. Ela pôde satisfazer o seu orgulho e a sua necessidade de ação: não tinha uma criatura para si só, uma criatura que ela podia censurar, dirigir, lisonjear, tornar feliz, sem temer qualquer rivalidade? As boas e as más qualidades de seu caráter manifestaram-se por igual. Se às vezes ela martirizava o pobre artista, tinha, em compensação, delicadezas semelhantes à suavidade das flores campestres; alegrava-se por ver que não lhe faltava nada; por ele daria a própria vida — Venceslau tinha a certeza disso. Como todas as belas almas, o pobre rapaz esquecia o mal, os defeitos da moça — que, aliás, lhe contara a história de sua vida como para justificar a sua selvageria —, e se lembrava apenas dos benefícios de que era alvo. Um dia, a solteirona, exasperada porque Venceslau fora passear em vez de trabalhar, fez-lhe uma cena.

— Você me pertence! — disse-lhe. — Se você é um homem honesto, deveria fazer tudo para me pagar, o mais cedo possível, o que me deve...

O cavalheiro, sentindo ferver-lhe o sangue dos Steinbock, empalideceu.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Em breve teremos apenas, para viver, os trinta *sous* que eu ganho, eu, pobre mulher...

Os dois necessitados, irritados com esse duelo de palavras, jogaram-se um contra o outro; e então o pobre artista, pela primeira vez, censurou sua benfeitora por havê-lo arrancado às garras da morte para lhe dar uma vida de forçado, vida pior que a morte, que pelo menos era um descanso — acentuou.

E falou em fugir.

— Fugir? — exclamou a solteirona. — Ah! O sr. Rivet tinha razão!

E explicou categoricamente ao polonês como poderia, em vinte e quatro horas, metê-lo na prisão para o resto da vida. Isto foi como um golpe de maça. Steinbock mergulhou numa profunda melancolia e num mutismo absoluto. No dia seguinte, à noite, Lisbeth, tendo ouvido preparativos de suicídio, subiu à água-furtada do seu protegido, apresentou-lhe os documentos e um recibo de quitação.

— Tome, meu filho, e perdoe-me! — disse, com os olhos úmidos. — Seja feliz, deixe-me, eu o atormento demais; mas diga-me que pensará algumas vezes na pobre mulher que o ajudou a ganhar a vida. Que quer? Você é a causa de minhas maldades: eu posso morrer, e o que será de você sem mim? Esta é a razão da impaciência com que espero vê-lo a fabricar objetos que possam ser vendidos. Não lhe peço o dinheiro para mim, fique sabendo!... Tenho medo de sua preguiça, que você chama sonho, de seus planos, que lhe tomam tantas horas, durante as quais você fita o céu; eu desejava que você houvesse contraído o hábito do trabalho.

Estas palavras foram pronunciadas com uma entonação, um olhar, lágrimas e uma atitude que comoveram o nobre artista; ele abraçou sua benfeitora, apertou-a contra o coração e beijou-a na testa.

— Guarde estes documentos — respondeu com certa alegria. — Por que me mandaria você para Clichy? Não estou preso aqui pelo reconhecimento?

Este episódio da vida comum e secreta dos dois, ocorrido seis meses antes, levava Venceslau a produzir três coisas: o sinete que Hortênsia guardava, o grupo entregue ao negociante de curiosidades e um admirável relógio de pêndulo, que estava prestes a concluir, visto como só lhe faltava atarrachar as porcas do modelo.

O relógio representava as doze Horas admiravelmente caracterizadas por doze figuras femininas arrastadas a uma dança tão louca e tão rápida que três Amores, instalados num monte de flores e frutos, só podiam deter, à sua passagem, a Hora da meia-noite, cuja clâmide rasgada ficava nas mãos do Amor mais audacioso. Tudo isto repousava sobre um pedestal redondo de bela ornamentação, onde se agitavam animais fantásticos. A Hora era indicada numa boca monstruosa, aberta num bocejo. Cada Hora oferecia símbolos imaginados de maneira feliz e que caracterizavam as respectivas ocupações habituais.

É fácil compreender-se agora a espécie de afeição extraordinária que a srta. Fischer dedicava ao seu livoniano; queria vê-lo feliz, e, no entanto, via-o definhar, estiolar-se em sua mansarda. Concebe-se o motivo dessa horrível situação. A lorena velava pelo rapaz do Norte com a ternura de uma mãe, o ciúme de uma mulher e o espírito de um dragão; por isso, procurava tornar-lhe impossível qualquer loucura, qualquer libertinagem, deixando-o sempre sem dinheiro. Ela desejaria guardar sua vítima e seu companheiro para si, prudente como ele era por força; não compreendia a barbaria desse desejo insensato, porque ela se habituara a todas as privações. Amava bastante Steinbock para não querer desposá-lo, e amava-o demais para cedê-lo a outra mulher; não sabia resignar-se a ser apenas a mãe e considerava-se louca quando pensava em desempenhar outro papel.

Estas contradições, este ciúme feroz, esta ventura de possuir um homem para si só — tudo isso agitava desmedidamente o coração da solteirona. Apaixonada realmente havia quatro anos, acariciava a louca esperança de prolongar essa vida inconsequente e sem saída, na qual sua persistência devia causar a perda daquele que chamava de filho. Esta luta entre seus instintos e sua razão tornava-a injusta e tirânica. Com a sua atitude em relação ao rapaz, vingava-se do fato de não ser jovem, nem rica, nem bonita; depois de cada ato de vingança, reconhecendo a sua própria injustiça, desfazia-se em humildade, em ternuras infinitas. Só concebia o sacrifício a fazer pelo seu ídolo depois

de haver inscrito nele o seu poder a golpes de machado. Era, enfim, *A tempestade*, de Shakespeare, ao inverso, Caliban senhor de Ariel e de Próspero.<sup>[58]</sup>

Quanto ao infeliz jovem, de pensamentos elevados, meditativo, inclinado à preguiça, apresentava no olhar, como os leões enjaulados no Jardim des Plantes,<sup>[59]</sup> o deserto que sua protetora lhe fazia na alma. O trabalho forçado que Lisbeth lhe exigia não satisfazia as necessidades do seu coração. O tédio tornava-se-lhe uma enfermidade física, e ele morria sem poder pedir, sem saber procurar dinheiro para uma loucura muitas vezes necessária. Em certos dias de maior energia, nos quais o sentimento de sua desgraça lhe aumentava o desespero, ele fitava Lisbeth como um viajor sedento que, atravessando uma região árida, encontra um poço de água salobra.

Os frutos amargos da indigência e desta reclusão em Paris eram saboreados como se fossem prazeres por Lisbeth. Assim, previa amedrontada que a menor paixão poderia roubar-lhe o escravo. Algumas vezes censurava-se a si própria por ter forçado aquele poeta, com a sua tirania e recriminações, a tornar-se um grande escultor de pequenas coisas e de haver-lhe assegurado os meios de poder passar sem a sua ajuda.

No dia seguinte, estas três existências, tão diversas e realmente miseráveis — a de uma mãe em situação de desespero, a do casal Marneffe e a do pobre exilado —, deveriam todas ser afetadas pela paixão ingênua de Hortênsia e pelo singular desfecho que o barão ia ter para a sua desgraçada paixão por Josefa.

## **XIX – SEPARAÇÃO NA DÉCIMA TERCEIRA CIRCUNSCRIÇÃO**

No momento de entrar na Ópera, o conselheiro de Estado deteve-se, surpreendido com o aspecto algo sombrio do santuário da Rue Le Peletier, onde não viu nem gendarmes, nem iluminação, nem pessoal de serviço, nem barreiras para conter a multidão. Observou o cartaz e viu uma tira branca no meio da qual aparecia o aviso sacramental:

*SUSPENSO POR MOTIVO DE DOENÇA*

Imediatamente, dirigiu-se à casa de Josefa, que morava nas proximidades, como todos os artistas da Ópera, à Rue Chauchat.

— Que deseja, senhor? — perguntou-lhe o porteiro, com grande espanto de sua parte.

— Será que não me conhece mais? — indagou, por sua vez, o barão, inquieto.

— Ao contrário, senhor, é porque tenho a honra de conhecê-lo que lhe pergunto: que deseja?

O barão sentiu um arrepio mortal.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Se o senhor barão fosse ao apartamento da srta. Mirah, lá encontraria a srta. Heloísa Brisetout, os srs. Bixiou, Leão de Lora, Lousteau, De Vernisset, Stidmann<sup>[60]</sup> e mulheres muito perfumadas, a inaugurar a casa...

— Está bem, onde fica então...?

— A srta. Mirah?... Não sei se faço bem em dizer-lhe.

O barão deixou duas moedas de cem *sous* na mão do porteiro.

— Está bem, ela se encontra agora à Rue de la Ville-l'Évêque, num palácio que lhe ofereceu, dizem, o duque d'Hérouville — respondeu o porteiro, em voz baixa.

Depois de haver pedido o número do palácio, o barão tomou um *milord* e parou em frente a uma dessas lindas casas modernas, de portas duplas, onde, desde a lanterna a gás, o luxo em tudo se manifesta.

Com a sua casaca azul, gravata e colete alvos, calças pretas, sapatos de verniz, peitilho muito duro e lustroso, o barão passou por um convidado retardatário aos olhos do porteiro do novo paraíso. O seu ar imponente, a sua maneira de andar, tudo nele justificava essa opinião.

Ao toque da sineta que o porteiro fez soar, apareceu um criado no peristilo. Esse criado, novo como o palácio, deixou entrar o barão, que lhe disse num tom autoritário, com um gesto imperioso:

— Faça chegar este cartão às mãos da srta. Josefa...

O *patito*<sup>[61]</sup> observou maquinalmente o aposento em que se encontrava, vendo-se numa sala de espera cheia de flores raras, cuja mobília devia custar quatro mil escudos de cem *sous*. Reaparecendo, o criado pediu-lhe que entrasse para outro salão, a fim de esperar que os convidados deixassem a mesa para tomar café.

Embora houvesse conhecido o luxo do Império, que foi, decerto, um dos mais prodigiosos, e cujas criações, se não foram duradouras, custaram somas imensas, o barão ficou como que atordoado, num deslumbramento. O salão tinha três janelas que davam para um jardim feérico, um desses jardins fabricados no espaço de um mês com aterros e flores transplantadas, e cujos relvados parecem obtidos mediante processos químicos. Admirou não só os requintes, os dourados, as esculturas mais custosas do estilo chamado Pompadour, estofos maravilhosos que o primeiro negociante a aparecer poderia encomendar e obter a peso de ouro, como ainda o que só os príncipes têm a faculdade de escolher, encontrar, pagar e oferecer: duas telas de Greuze e duas de Watteau, duas cabeças de Van Dyck, duas paisagens de Ruysdael, duas do Guaspre, um Rembrandt e um Holbein, um Murilo e um Ticiano, dois Teniers e dois Metz, um Van Huysum e um Abraham Mignon<sup>[62]</sup> — enfim, duzentos mil francos de quadros admiravelmente emoldurados. Essas molduras valiam quase tanto quanto as telas.

— Ah! Compreendes agora, meu velho? — perguntou Josefa.

Tendo entrado por uma porta silenciosa, pisando na ponta dos pés sobre tapetes da Pérsia, ela surpreendeu o seu adorador num destes instantes de estupefação em que os ouvidos zumbem tanto que só se ouve o dobre do desastre.

A expressão “meu velho”, dirigida a uma personagem da alta administração, definindo admiravelmente a audácia com que essas criaturas depreciavam as maiores existências, deixou o barão como que pregado ao solo. Com um vestido branco e amarelo, Josefa apresentava-se tão bonita nessa festa que ainda podia brilhar em meio a tanto luxo insensato como a joia mais rara.

— Não é lindo, tudo isso? — insistiu ela. — O duque colocou aqui todo o lucro obtido com um negócio em comandita, cujas ações foram vendidas na alta. Nada tolo, o meu duque! Não há como os grandes cavalheiros de antigamente para saber transformar o carvão em ouro. Antes do jantar, o tabelião me trouxe o contrato de compra para que eu assinasse, o qual constitui documento de quitação. Os que se encontram lá dentro são todos ilustres cavalheiros: D’Esgrignon, Rastignac, Máximo, Lenoncourt, Verneuil, Laginski, Rochefide, La Palférine, banqueiros como Nucingen e Du Tillet, com Antônia, Málaga, Carabina e a Schontz.<sup>[63]</sup> Todos lamentam muito a tua desgraça. Sim, meu velho, tu és meu convidado, mas com a condição de beberes imediatamente duas garrafas de vinho da Hungria, de Champagne ou do Cabo, para te colocares ao nível dos presentes. Estamos todos aqui, meu caro, muito entretidos e por isso houve descanso na Ópera; meu diretor está bêbado, roncando!

— Josefa!... — exclamou o barão.

— Como são aborrecidas as explicações! — declarou ela, sorrindo. — Vê lá, vales os seiscentos mil francos que custaram este palácio e o mobiliário? Podes oferecer-me um documento que me assegure trinta mil francos de renda, como o duque me deu, dentro de uma caixa de papel branco com balas?... Eis aí uma bela ideia!

— Que perversidade! — disse o conselheiro de Estado, que neste momento de raiva teria trocado os diamantes de sua mulher para substituir o duque d’Hérouville por vinte e quatro horas.

— É meu ofício ser perversa! — replicou ela. — Ah! Eis aí como encaras a coisa! Por que não te meteste numa comandita? Por Deus, meu pobre *gato pintado*, até devias agradecer-me: eu te deixo no momento em que poderias vir liquidar comigo o futuro de tua mulher, o dote de tua filha e... Ah! Estás chorando. É a queda do Império!... Eu vou saudar o Império.

Tomou uma atitude trágica e declamou:

— *Chamam-te Hulot! Não te conheço mais...*<sup>[64]</sup>

E saiu.

A porta entreaberta deixou passar, como um relâmpago, um jato de

luz acompanhado do rumor em crescendo, da orgia, bem assim os odores de um festim de primeira ordem.

Voltando a aparecer à porta entreaberta, a cantora, ao ver Hulot preso ao chão como se fosse de bronze, deu um passo à frente e entrou.

— Senhor — disse —, entreguei à pequena Heloísa Brisetout de Bixiou todos os trapos que se encontravam à Rue Chauchat; se quiser reaver o seu barrete de algodão, a sua descalçadeira, a sua cinta e a sua brilhantina para as suíças, pode pedir-lhe, porque dei ordem para que lhos entregasse.

O resultado desta horrível ironia foi haver o barão saído como Lot provavelmente saiu de Gomorra, mas sem olhar para trás, como sua mulher.

## XX – UMA PARTIDA PERDIDA, UMA PARTIDA GANHA

Hulot voltou para casa, furioso, falando sozinho, e encontrou sua família ainda a jogar calmamente o uíste a dois *sous* a ficha, o mesmo uíste a cujo início assistira. Ao fitar o marido, a pobre Adelina imaginou logo ter acontecido um terrível desastre, uma desonra; entregou suas cartas a Hortênsia e arrastou Heitor até aquele pequeno salão onde, cinco horas antes, Crevel lhe predissera as mais vergonhosas agonias da miséria.

— Que tens? — perguntou, assustada.

— Oh! Perdoa-me; mas deixa-me contar-te estas infâmias.

Durante dez minutos deu vazão aos seus rancores.

— Mas, meu amigo — respondeu heroicamente a pobre mulher —, semelhantes criaturas não conhecem o amor, o amor puro e devotado que mereces; como poderias tu, que és tão perspicaz, ter a pretensão de lutar com um milhão?

— Querida Adelina! — exclamou o barão, envolvendo a esposa com os braços e apertando-a de encontro ao coração.

A baronesa acabava de pôr um pouco de bálsamo sobre as feridas sangrentas do amor-próprio.

— Certamente, se não fosse a fortuna do duque d'Hérouville, ela não hesitaria entre nós dois! — declarou o barão.

— Meu amigo — continuou Adelina, fazendo um último esforço —, se tens absoluta necessidade de amantes, por que não arranjas, como Crevel, mulheres que não sejam custosas, de uma classe em que elas, durante muito tempo, se contentam com muito pouco? Nós todos ganharíamos com isso. Compreendo bem a necessidade, mas não compreendo a vaidade...

— Oh! Que boa e excelente mulher és tu! — exclamou ele. — Sou um velho louco, não mereço ter em minha companhia um anjo como tu.

— Sou apenas a boa Josefina do meu Napoleão — respondeu ela



com uma ponta de melancolia.

— Josefina não valia o que vales. Vem comigo, vou jogar o uíste com meu irmão e meus filhos; preciso desempenhar o meu papel de pai de família, casar minha Hortênsia e enterrar de vez o libertino...

Estas expressões de bonomia comoveram a pobre Adelina, que disse:

— Essa criatura tem muito mau gosto para preferir quem quer que seja ao meu Heitor. Ah! Eu não te trocaria nem por todo o ouro do mundo. Como pode alguém deixar-te quando se tem a felicidade de ser amada por ti!...

O olhar com que o barão recompensou o fanatismo de sua esposa fê-la convencer-se de que a doçura e a submissão eram as mais poderosas armas da mulher. Nisto, porém, ela se enganava. Os sentimentos nobres levados ao grau absoluto produzem resultados semelhantes aos dos grandes vícios. Bonaparte tornou-se imperador por haver metralhado o povo a dois passos do lugar onde Luís XVI perdeu a monarquia e a cabeça por não ter deixado derramar o sangue de um Sauce...<sup>[65]</sup>

No dia seguinte, Hortênsia, que pusera o sinete de Venceslau debaixo do travesseiro para não se separar dele durante o sono, vestiu-se muito cedo e mandou pedir ao pai que fosse encontrá-la no jardim, logo que se levantasse.

Às nove horas e meia, o pai, atendendo ao pedido da filha, dava-lhe o braço; e os dois saíram juntos, ao longo do cais, pela Pont Royal, em direção à Place du Carrousel.

— Tomemos o ar de quem passeia, papai — disse Hortênsia, passando por uma pequena porta para atravessar a enorme praça.

— Passear aqui?... — perguntou o pai, em tom de pilhéria.

— Vamos andando como se fôssemos ao museu, e, lá embaixo — disse ela, mostrando as barracas erguidas junto aos muros das casas que descem em ângulo reto para a Rue du Doyenné —, olha, há comerciantes de antiguidade, quadros...

— Tua prima reside por ali...

— Bem o sei; mas ela não deve ver-nos...

— E que queres fazer? — disse o barão, vendo-se a trinta passos das janelas da sra. Marneffe, em quem pensou de repente.

Hortênsia conduziu o pai até a vitrina de uma das lojas situadas na esquina do amontoado de casas que formam as galerias do velho Louvre e dão a frente para o palácio de Nantel. Entrou nesse estabelecimento, enquanto o pai ficava a observar as janelas da bela dama que, na véspera, deixara sua imagem impressa no coração do bom velho, como para acalmar a dor da ferida que iria abrir-se; ele não pôde impedir de pôr em prática o conselho de sua mulher.

“Experimentemos as pequenas burguesas”, disse consigo mesmo,

lembrando-se das formas admiráveis da sra. Marneffe. “Essa mulherzinha rapidamente me fará esquecer a ávida Josefa.”

Ora, eis o que se passou simultaneamente dentro e fora do estabelecimento.

Enquanto olhava para as janelas de sua nova conquista, o barão percebeu o marido que, escovando a sobrecasaca, estava evidentemente à espreita e parecia esperar que alguém aparecesse na praça. Temendo ser visto e depois reconhecido, o enamorado barão voltou as costas à Rue du Doyenné, embora de modo a poder de vez em quando dirigir-lhe um olhar. Este movimento o fez encontrar-se quase cara a cara com a sra. Marneffe, que, vindo do cais, dobrava a esquina, voltando para casa. Valéria experimentou certa emoção ao receber o olhar espantado do barão, ao qual, aliás, correspondeu com um olhar de falso recato.

— Linda mulher, por quem se pode cometer loucuras! — exclamou o barão.

— Ah! Senhor — disse ela, voltando-se, como uma criatura que toma uma inesperada deliberação. — O senhor é o barão Hulot, não é?

Cada vez mais surpreso, o barão fez um gesto afirmativo.

— Está bem, já que o acaso, por duas vezes, fez com que se encontrassem os nossos olhos, e como eu tenho a felicidade de havê-lo surpreendido ou interessado, devo dizer-lhe que, em vez de cometer loucuras, o senhor agiria melhor se fizesse justiça... A sorte de meu marido está em suas mãos.

— Como assim? — perguntou o barão, num tom galante.

— Ele é seu subalterno, empregado do Ministério da Guerra, divisão do sr. Lebrun, repartição do sr. Coquet — respondeu ela, sorrindo.

— Sinto-me disposto, sra... sra...?

— Sra. Marneffe.

— Minha cara sra. Marneffe, estou disposto a fazer até injustiças por seus belos olhos... Em seu edifício mora uma prima minha; irei vê-la um destes dias, o mais cedo possível; vá lá então, para fazer-me o seu pedido.

— Perdoe a minha ousadia, senhor barão; mas o senhor há de compreender que, se tive a audácia de falar-lhe assim, é porque estou sem proteção.

— Ah! Ah!

— Oh! O senhor está enganado — disse ela, baixando os olhos.

O barão acreditou que o sol acabara de desaparecer.

— Estou numa situação desesperadora, mas sou uma mulher honesta — continuou ela. — Perdi, há seis meses, o meu único protetor, o marechal Montcornet.

— Ah! A senhora é filha dele?

— Sou, sim, senhor, mas ele nunca me reconheceu como tal.

— A fim de poder deixar-lhe uma parte de sua fortuna.

— Ele não me deixou nada, senhor, porque não encontraram o seu testamento.

— Oh! Coitada, o marechal foi surpreendido pela apoplexia... Vamos, tenha esperança, senhora; deve-se uma recompensa à filha de um dos cavaleiros Bayard<sup>[66]</sup> do Império.

A sra. Marneffe fez uma saudação graciosa e ficou tão satisfeita com o bom êxito alcançado quanto o barão com o seu.

“Donde diabo vem ela tão cedo?”, perguntou ele a si mesmo, observando o movimento onduloso do vestido a que ela imprimia um encanto exagerado. “Está com a fisionomia demasiado fatigada para voltar do banho, e o marido a espera. É inexplicável; isto faz pensar...”

## XXI – O ROMANCE DA FILHA

Logo que a sra. Marneffe entrou em casa, o barão quis saber o que sua filha fazia no interior do estabelecimento. Ao entrar aí, como ainda olhasse para as janelas da sra. Marneffe, quase foi de encontro a um rapaz pálido, de olhos azuis e brilhantes, e que vestia um paletó de verão, de merinó preto, calças de fazenda grossa, e calçava botinas de couro amarelo; esse rapaz saía como um raio, e o barão o viu correr em direção ao edifício da sra. Marneffe, onde entrou. Logo ao penetrar no estabelecimento, Hortênsia distinguira o famoso grupo colocado em situação de relevo numa mesa que se encontrava ao centro da casa, a pequena distância da porta.

Independentemente das circunstâncias em que Hortênsia viera a ter conhecimento dela, a obra-prima teria realmente chamado a atenção da jovem por aquilo que se poderia chamar o brio das grandes coisas — ela, que poderia decerto posar na Itália para a estátua do Brio.

Nem todas as obras dos homens de gênio têm o mesmo grau de brilho, o mesmo esplendor visível a todos os olhos, mesmo aos olhos dos leigos. Assim, certos quadros de Rafael, como o famoso *Transfiguração*, a *Madona*, de Foligno, os afrescos das *Stanze*, no Vaticano, não despertam imediata admiração como o *Violinista*, da Galeria Sciarra, os retratos dos Doni e a *Visão de Ezequiel*, da Galeria Pitti, o *Carregando a cruz*, da Galeria Borghese, o *Casamento da Virgem*, do Museu Brera, em Milão. O *São João Batista*, da tribuna, e o *São Lucas pintando a Virgem*, da Academia de Roma, não têm o encanto do retrato de Leão x e da *Virgem* de Dresden. Entretanto, todos têm o mesmo valor. Há mais: as *Stanze*, a *Transfiguração*, os Camafeus e os três quadros de cavalete do Vaticano representam o último grau do sublime e da perfeição. Mas estas obras-primas exigem do admirador, mesmo o mais culto, uma espécie de tensão, certo estudo, para serem compreendidas em todos os seus pormenores; ao contrário disso, o *Violinista*, o *Casamento da Virgem*, a *Visão de Ezequiel* entram espontaneamente em

vosso coração pela dupla porta dos olhos e ali encontram seu lugar; gostareis de recebê-los assim, sem qualquer dificuldade; não é o cúmulo da arte, é o cúmulo da felicidade. Este fato prova que se observa na formação das obras artísticas os mesmos acasos de nascimento observados no seio das famílias onde surgem crianças muito bem-dotadas, belas, que não sacrificam as mães, crianças a quem tudo sorri, que tudo alcançam; há, enfim, flores do gênio como existem as flores do amor.

O *brio*, palavra italiana intraduzível, que começamos a utilizar, é o caráter das primeiras obras. Representa o fruto da petulância e da ardência intrépida do talento jovem, petulância que mais tarde reaparece, em certas horas felizes; mas o *brio* não abandona mais, então, o coração do artista; e, em vez de lançá-lo em suas obras como um vulcão lança as suas lavas, o artista o suporta, deve-o às circunstâncias, ao amor, à rivalidade, muitas vezes ao ódio, e, mais ainda, às imposições de uma glória a sustentar.

O grupo de Venceslau representava, em relação às suas obras futuras, o mesmo que o *Casamento da Virgem* em relação à obra total de Rafael: era o primeiro passo do talento, dado com inimitável graça, com o enlevo da infância e sua amável plenitude, cuja força se esconde sob a carne branca e rósea, cheia de pequeninas covas que parecem fazer eco aos risos maternos. O príncipe Eugênio, segundo dizem, deu quatrocentos mil francos por esse quadro,<sup>[67]</sup> que valia um milhão para um país privado de quadros de Rafael; entretanto, ninguém despenderia essa importância com o mais belo dos afrescos, cujo valor, todavia, é muito superior, como arte.

Hortênsia conteve a sua admiração ao pensar na soma de suas economias de moça solteira; tomando um ar inteiramente indiferente, disse ao negociante:

— Qual é o preço disto?

— Mil e quinhentos francos — respondeu o homem, lançando um olhar em direção a um rapaz que se encontrava sentado num tamborete, a um canto.

O jovem estremeceu ao observar a obra-prima viva do barão Hulot. Percebendo isso, Hortênsia reconheceu nele então o artista, pelo rubor que lhe deu cor ao rosto empalidecido pelo sofrimento; viu brilhar nos olhos azuis um relâmpago provocado pela sua pergunta; fitou o rosto comprido e seco do rapaz, semelhante ao de um monge mergulhado no ascetismo; sentiu a atração daquela boca rosada e bem desenhada, daquele queixo fino, daqueles cabelos castanhos de fios sedosos.

— Se custasse mil e duzentos francos, ficaria com ele — respondeu ela.

— É obra antiga, senhorita — observou o negociante, que, como todos os de sua profissão, julgava dizer, com isso, o *nec plus ultra*<sup>[68]</sup> no

negócio de antiguidades.

— Desculpa-me, senhor, mas é um trabalho deste ano — respondeu Hortênsia, delicadamente. — E eu vim aqui precisamente para lhe pedir, se concorda com o preço, que nos apresente ao artista, porque poderíamos conseguir-lhe encomendas bem importantes.

— Se os mil e duzentos francos são para ele, que sobrá para mim? Eu sou negociante — explicou o homem, com bom humor.

— Ah! É verdade — replicou a jovem, deixando escapar uma expressão de desdém.

— Ah! Senhorita, pode levá-lo! Eu me entenderei com o negociante — exclamou o livoniano, fora de si.

Fascinado pela sublime beleza de Hortênsia e pelo amor pelas artes que ela revelava, o rapaz acrescentou:

— Sou eu o autor deste grupo. Há dez dias que venho aqui três vezes por dia, para ver se alguém lhe reconhece o valor e o adquire. A senhora é a minha primeira admiradora, pode levá-lo!

— Dentro de uma hora pode ir, com o negociante, à minha casa — disse Hortênsia. — Aqui está o cartão de meu pai.

Em seguida, quando o negociante saiu para ir envolver em pano o grupo, ela acrescentou baixinho, com grande espanto do artista, que julgou estar sonhando:

— No interesse do seu futuro, sr. Venceslau, não mostre este cartão à srta. Fischer nem lhe diga o nome de quem adquiriu o seu trabalho, porque ela é nossa prima.

A expressão “nossa prima” provocou no artista uma sensação de deslumbramento, como se entresse o paraíso com uma Eva. Ele pensava na prima de que lhe falara Lisbeth assim como Hortênsia pensava no namorado da prima. E quando ela entrara no estabelecimento, ele dissera consigo mesmo:

“Ah! Se ela pudesse ser assim!”

Compreende-se por isso que fosse uma chama o olhar que os dois trocaram, porque os namorados virtuosos não têm a menor hipocrisia.

— Então, que diabo fizeste lá dentro? — perguntou o pai à filha.

— Gastei meus mil e duzentos francos de economia; vamos.

E tomou o braço do pai, que repetiu:

— Mil e duzentos francos!

— Aliás, mil e trezentos! Mas está claro que me emprestarás a diferença.

— E com que gastaste tal importância nessa loja?

— Ah! — disse a jovem, satisfeita. — Se eu adquirir um marido, não me saiu caro.

— Um marido, minha filha, nessa loja?

— Escuta, paizinho, será que me proibirás de casar-me com um grande artista?

— Não, minha filha. Um grande artista, hoje em dia, é um príncipe sem título: é a glória e a fortuna, as duas maiores vantagens sociais, depois da virtude — acrescentou, num tom hipócrita.

— Está claro — respondeu Hortênsia. — E que pensas da escultura?

— É um mau ramo — disse Hulot, inclinando a cabeça. — Exige, além de um grande talento, muita proteção, porque o governo é o único consumidor. Trata-se de uma arte sem saída, hoje, visto como não existem mais grandes existências, nem grandes fortunas, nem palácios substituídos, nem morgados.<sup>[69]</sup> Só podemos ter em casa pequenos quadros, pequenas figuras; também as artes estão ameaçadas pelo *pequeno*.

— Mas se se tratasse de um grande artista que encontrasse uma saída? — indagou Hortênsia.

— É a solução do problema.

— E que fosse protegido?

— Melhor ainda.

— E nobre?

— Ótimo.

— E conde?

— Mas, escultor...

— Está sem dinheiro.

— E conta com o da srta. Hortênsia Hulot? — perguntou o barão, em tom pilhérico, mergulhando um olhar de inquisidor nos olhos da filha.

— Este grande artista, conde e escultor, acaba de ver a sua filha pela primeira vez na vida e durante apenas cinco minutos, senhor barão — respondeu Hortênsia ao pai, com um ar calmo. — Ouve aqui: ontem, meu caro, meu bom paizinho, enquanto estavas na Câmara, mamãe desmaiou. Esse desmaio, que ela levou à conta dos nervos, resultou de algum desgosto em virtude do fracasso do meu casamento, porque ela me disse que, para te desembaraçares de mim...

— Ela te ama bastante para ter empregado uma expressão...

— Pouco parlamentar — interrompeu Hortênsia, rindo. — Não, ela não usou essa expressão; mas eu sei que uma filha solteira, se não se casa, torna-se uma cruz muito pesada para os pais honestos. Pois bem, ela pensa que, se se apresentasse um homem enérgico e talentoso, a quem bastasse um dote de trinta mil francos, seríamos muito felizes! Enfim, julgava conveniente preparar-me o espírito quanto ao futuro modesto, impedindo-me de me entregar a sonhos demasiados belos... Isto significava a ruptura do meu casamento, nada de dote.

— Tua mãe é uma boa, nobre, excelente mulher — declarou o pai, profundamente humilhado, embora se sentindo bastante feliz com essa confiança.

— Ontem ela me disse que o senhor a havia autorizado a vender os seus diamantes para o meu casamento; mas eu queria que ela conservasse seus diamantes, ao mesmo tempo que desejo encontrar um marido. Creio ter encontrado o homem que corresponde ao programa traçado por mamãe...

— Ali, na Place du Carrousel, numa só manhã?

— Oh! Papai, *o mal vem de mais longe*<sup>[70]</sup> — respondeu ela com certa malícia.

— Pois bem, vejamos, minha filhinha, confessemos tudo ao nosso bom pai — disse o barão, afavelmente, ocultando assim a sua inquietude.

Sob a promessa de absoluto segredo, Hortênsia fez o resumo de suas conversas com a prima Bete. Depois, ao entrar em casa, mostrou ao pai o famoso sinete, como prova da sagacidade de suas conjecturas. O barão admirou, no íntimo, a profunda habilidade das moças agitadas pelo instinto, reconhecendo a simplicidade do plano que aquele amor ideal sugerira, numa só noite, à inocente jovem.

— Vais ver a obra-prima que acabo de comprar. Vão trazê-la aqui, e o nosso caro Venceslau virá acompanhando o negociante... O autor de semelhante grupo deve fazer fortuna; assim, deves comprar-lhe, com o teu crédito, uma estátua, e depois arranjar para ele um aposento no Instituto...

— Que pressa! — exclamou o pai. — Se te dermos inteira liberdade, estarás casada dentro do prazo legal, em onze dias...

— Temos de esperar onze dias? — indagou ela, rindo. — Mas, em cinco minutos, eu me apaixonei por ele, como tu te apaixonaste por mamãe ao vê-la! E ele me ama como se nós nos conhecêssemos há dois anos. Sim — acrescentou, ao perceber um gesto do pai —, eu li dez volumes de amor nos olhos dele. E não será ele aceito por ti e por mamãe para meu marido, quando demonstrar que é de fato um homem de gênio? A escultura é a primeira das artes! — exclamou ainda, batendo palmas e saltando. — Olha, vou dizer-te tudo...

— Ainda há alguma coisa?... — perguntou o pai, sorrindo.

Essa tagarelice inocente, completa, havia tranquilizado o barão.

— Uma confissão da maior importância — declarou ela. — Eu o amava sem conhecê-lo, mas fiquei louca por ele, desde que o vi, há uma hora.

— Louca demais, pelo que vejo — observou o barão, satisfeito por presenciar o espetáculo de tão ingênua paixão.

— Não censures a minha confiança — continuou ela. — É tão bom falar assim ao coração de um pai: “Eu amo, sou feliz por amar!”. Vais ver o meu Venceslau! Que fronte melancólica! Tem os olhos azuis, onde brilha o sol do gênio! E como é distinto! Que me dizes da Livônia, não é um belo país? Ora, casar-se minha prima Bete com esse rapaz, ela que poderia ser sua mãe!... Mas isto seria um crime! Tenho muito ciúme de tudo quanto ela pode fazer por ele. Creio que ela não verá com bons olhos o meu casamento.

— Olha, meu anjo, não escondamos nada à tua mãe — aconselhou o barão.

— Seria preciso mostrar-lhe este sinete, e eu prometi não trair minha prima, que tem receio das pilhérias de mamãe — ponderou Hortênsia.

— Tens muito escrúpulo em relação ao sinete e, no entanto, queres roubar o namorado da prima Bete!

— Assumi um compromisso quanto ao sinete e nada prometi quanto ao autor.

Esta aventura, de uma simplicidade patriarcal, ajustava-se singularmente à situação secreta da família; por isso, o barão, agradecendo à filha tamanha demonstração de confiança, declarou-lhe que, daí em diante, ela devia seguir os conselhos de seus pais.

— Deves compreender, filhinha, que não te cabe a tarefa de averiguar se o namorado de tua prima é conde, se tem os documentos em ordem, se sua conduta oferece garantias... Quanto à tua prima, ela recusou cinco pedidos de casamento, quando tinha vinte anos menos; portanto, não será um obstáculo e disso eu me encarrego.

— Ouve, meu pai; se desejas ver-me casada, não fales nada à minha prima a respeito do meu namorado, a não ser no momento de ser assinado o meu contrato de casamento... Há seis meses, eu lhe faço perguntas a esse respeito! Pois bem, sinto nela que há qualquer coisa de inexplicável...

— Como? — indagou o pai, intrigado.

— Enfim, seus olhares não são bons, quando eu vou um pouco mais longe, mesmo rindo, a propósito de seu namorado. Informa-te, mas deixa-me conduzir o barco. Minha confiança deve tranquilizar-te.

— O Senhor disse: “Deixai vir a mim as criancinhas!”; tu és uma destas criancinhas que voltam — declarou o barão, num tom levemente



### XXIII – UMA ENTREVISTA

Depois do almoço, apareceram o negociante, o artista e o grupo. O rubor súbito que subiu às faces de Hortênsia tornou a baronesa a princípio inquieta e em seguida muito atenta; a confusão da jovem, a chama do seu olhar logo lhe desvendaram o mistério, tão malconservado no coração da moça.

O conde Steinbock, todo de preto, deu ao barão a impressão de um rapaz distinto.

— Faria o senhor uma estátua em bronze? — perguntou-lhe, enquanto fitava o grupo.

Após haver admirado o trabalho à vontade, entregou-o à mulher, que nada conhecia a respeito de escultura.

— Não é muito bonito, mamãe? — indagou Hortênsia ao ouvido da mãe.

— Uma estátua, senhor barão, não é tão difícil de fazer quanto um relógio de pêndulo como o que este senhor teve a bondade de trazer até aqui — respondeu o artista, em atenção à pergunta do barão.

O negociante estava ocupado em colocar sobre um móvel da sala de jantar o modelo em cera das doze Horas que os Amores tentavam deter.

— Deixe comigo este pêndulo — disse o barão, impressionado com a beleza da obra. — Quero mostrá-lo aos ministros do Interior e do Comércio.

— Quem é este rapaz que tanto te interessa? — indagou a baronesa à filha.

— Um artista bastante rico que pudesse explorar este modelo ganharia uns cem mil francos — declarou o negociante de curiosidades, que tomou um ar importante e misterioso ao perceber um encontro de olhares entre a moça e o artista. — Bastar-lhe-ia vender vinte exemplares de oito mil francos, porque cada exemplar, para ser fundido, custaria mil escudos; mas, numerando cada exemplar e destruindo o modelo, encontraria logo vinte colecionadores, que se sentiriam satisfeitos por ser os únicos possuidores dessa obra.

— Cem mil francos! — exclamou Steinbock, fitando sucessivamente o negociante, Hortênsia, o barão e a baronesa.

— Sim, cem mil francos! — repetiu o negociante. — E, se eu fosse bastante rico, bem que o compraria, por vinte mil francos, porque, uma vez que se destrói o modelo, isto se torna uma propriedade... Mas um dos príncipes deveria comprar esta obra-prima por trinta ou quarenta mil francos, para com ela enfeitar o seu salão. Nunca se fez, no campo das artes, um pêndulo que contentasse, ao mesmo tempo, os burgueses e os conhecedores; pois este, senhor, resolveu a dificuldade...

— Aqui está o que lhe devo — disse Hortênsia, entregando seis moedas de ouro ao negociante, que se retirou.

— Não fale a ninguém a respeito desta visita — disse-lhe por sua vez o artista, já no patamar. — Se lhe perguntarem para onde levamos o grupo, fale no duque d'Hérouville, o famoso amador que mora na Rue de Varennes.

O negociante balançou a cabeça em sinal de assentimento.

— Como se chama o senhor? — perguntou o barão ao artista, logo que ele voltou.

— Conde Steinbock.

— Tem documentos que provem o que diz?

— Sim, senhor barão, tenho documentos em russo e alemão, mas não legalizados...

— Sente-se com capacidade para fazer uma estátua de nove pés?

— Sim, senhor.

— Pois bem, se as pessoas que vou consultar ficarem bem impressionadas com as suas obras, poderei obter-lhe a encomenda da estátua do marechal Montcornet, que desejam erigir sobre seu túmulo, no Père-Lachaise.<sup>[71]</sup> O Ministério da Guerra e os antigos oficiais da Guarda Imperial contribuem com importância bastante alta para que tenhamos a liberdade de escolher o artista.

— Ah! Senhor, isto significaria a minha fortuna! — declarou Steinbock, estupefato diante de tantas felicidades a um só tempo.

— Fique tranquilo — respondeu amavelmente o barão. — Se os dois ministros, a quem vou mostrar o seu grupo e este modelo, ficarem maravilhados com estas obras, a sua fortuna estará em bom caminho...

Hortênsia apertou fortemente o braço do pai.

— Traga-me os seus documentos e não revele as suas esperanças a ninguém, nem mesmo à nossa velha prima Bete.

— Lisbeth? — exclamou a sra. Hulot, acabando por compreender o fim sem adivinhar os meios.

— Posso dar-lhe uma prova de minha capacidade, fazendo o busto de sua senhora — acrescentou Venceslau.

Impressionado com a beleza da sra. Hulot, o artista, durante um momento, comparou a mãe e a filha.

— Vamos, senhor, a sua vida pode tornar-se, dentro em breve, muito feliz — disse o barão, inteiramente atraído pelas maneiras educadas e distintas do conde Steinbock. — O senhor verá logo que ninguém, em Paris, tem talento impunemente por muito tempo e que todo trabalho constante aqui encontra a sua recompensa.

Hortênsia, corando, estendeu ao rapaz uma linda bolsa argelina, que continha sessenta moedas de ouro. O artista, ainda não de todo esquecido de sua nobreza, correspondeu ao rubor de Hortênsia com sinais de pudor muito fáceis de compreender.

— Seria este, por acaso, o primeiro dinheiro que o senhor recebe por seus trabalhos? — perguntou a baronesa.

— É, minha senhora; por meus trabalhos artísticos, mas não por meu trabalho, porque já fui operário...

— Está bem, esperamos que o dinheiro de minha filha lhe traga felicidade! — respondeu a sra. Hulot.

— E aceite-o sem escrúpulo — acrescentou o barão, ao ver que Venceslau conservava a bolsa na mão, sem guardá-la. — Esta importância será reembolsada por um rico qualquer, por um príncipe talvez, que o dará a nós, decerto, pagando juros, para possuir esta bela obra.

— Ah! Papai, gosto demasiado dela para cedê-la a quem quer que seja, mesmo ao príncipe real!<sup>[72]</sup>

— Posso fazer para a senhorita um outro grupo, mais bonito que este...

— Mas não será este — respondeu ela.

E, como que acanhada por haver falado demais, saiu em direção ao jardim.

— Portanto, vou quebrar o molde e o modelo assim que chegar a casa! — declarou Steinbock.

— Vamos, traga-me os seus documentos, e cedo o senhor receberá notícias minhas, se corresponder a tudo quanto espero de sua parte.

Ouvindo esta frase, o artista foi obrigado a sair. Depois de haver cumprimentado a sra. Hulot e Hortênsia, que voltara do jardim só para receber esse cumprimento, foi passear nas Tuileries, sem poder, sem ousar subir à sua mansarda, onde o seu tirano iria assaltá-lo com perguntas e arrancar-lhe o segredo.

O namorado de Hortênsia pôs-se a imaginar grupos e estátuas às centenas; sentia-se muito capaz de talhar, ele mesmo, o mármore, como Canova,<sup>[73]</sup> que, também fraco, por pouco não se matou com esse trabalho. Hortênsia transfigurara-o, tornando-se a sua inspiração visível.

— Então, que é que significa isto? — perguntou a baronesa à filha.

— Pois bem, querida mamãe, acabas de conhecer o namorado de nossa prima Bete, que, segundo espero, é agora meu... Mas fecha os olhos, finge ignorar tudo isso. Meu Deus! Eu, que nada queria dizer-te, acabo de contar-te mesmo tudo...

— Bem, adeus, minhas filhas — exclamou o barão, beijando a filha e a mulher. — Vou ver, talvez, a Cabra e por ela virei a saber de alguma coisa a respeito desse rapaz.

— Papai, seja prudente — aconselhou Hortênsia.

— Oh! Filhinha! — exclamou a baronesa, quando Hortênsia acabou de contar-lhe o seu poema, cujo último canto era a aventura da manhã.

— Querida filhinha, a maior esperta da Terra será sempre a

Ingenuidade.

As verdadeiras paixões são instintivas. Coloquem um guloso em face de um prato cheio de frutos; ele não se enganará e tirará, mesmo sem ver, o melhor deles. Do mesmo modo, deem às moças bem-educadas absoluta liberdade para escolher seus maridos, e elas dificilmente se enganarão, se tiverem possibilidade de obter aqueles que escolherem. A natureza é infalível. A obra da natureza, nesse particular, chama-se: amar à primeira vista. Em amor, a primeira vista é pura e simplesmente a vidência.

O contentamento da baronesa, embora oculto sob a dignidade materna, era igual ao da filha; porque, das três fórmulas indicadas para casar Hortênsia, das quais lhe falara Crevel, a melhor, a seu ver, deveria ter bom êxito. Ela viu nessa aventura uma resposta da Providência a suas preces fervorosas.

#### **XXIV – ONDE O ACASO, QUE SE PERMITE ÀS VEZES CRIAR ROMANCES VERÍDICOS, CONDUZ BEM AS COISAS, BEM DEMAIS PARA QUE ELAS CONTINUEM ASSIM POR MUITO TEMPO**

Obrigado, por fim, a entrar em casa, o prisioneiro da srta. Fischer teve a lembrança de ocultar a alegria do namorado sob a alegria do artista, feliz com o seu primeiro sucesso.

— Vitória! Meu grupo foi vendido ao duque d'Hérouville, que vai encomendar-me trabalhos — disse, jogando os mil e duzentos francos em moedas de ouro sobre a mesa da solteirona.

Como é fácil de imaginar, ele escondera a bolsa de Hortênsia, trazendo-a sobre o coração.

— Muito bem — respondeu Lisbeth. — É uma sorte, porque eu me sinto esgotada de tanto trabalhar. Como vê, meu filho, o dinheiro aparece muito lentamente no ofício que escolheu; este é o primeiro que você recebe, mas há cinco anos que está cavando! Esta importância mal dá para me pagar o que você me custou depois da promissória que substitui minhas economias. Mas fique tranquilo — acrescentou, depois de ter contado o dinheiro —, esta importância será toda ela empregada em seu benefício. Temos aí o necessário para um ano. Dentro de um ano você poderá pagar as suas dívidas e guardar bastante dinheiro, se continuar sempre no bom caminho.

Percebendo o resultado satisfatório de sua manobra, Venceslau passou a falar à solteirona sobre o duque d'Hérouville.

— Quero vesti-lo todo de preto, segundo a moda, e desejo renovar a sua roupa branca, porque você deve apresentar-se bem-vestido em casa de seus protetores — declarou Bete. — Além disso, ser-lhe-á preciso agora um apartamento maior e mais conveniente que a sua horrível mansarda, e bem mobiliado... Como você está alegre! Nem parece mais

o mesmo — acrescentou, observando Venceslau.

— Ora, disseram que o meu grupo era uma obra-prima.

— Pois bem, tanto melhor! Faça outras assim — replicou secamente a moça, muito positiva, incapaz de compreender a alegria do triunfo ou a beleza nas artes. — Não se preocupe mais com o que foi vendido, fabrique qualquer outra coisa para vender. Você já gastou duzentos francos, sem contar com seu trabalho e seu tempo nesse diabo de Sansão. A execução do seu pêndulo vai custar-lhe mais de dois mil francos. Olhe, se quer um conselho, você deveria terminar o grupo dos garotos coroando com centáureas a menina; os parisienses gostarão muito disso. Eu vou passar pela loja do sr. Graff, o alfaiate, antes de ir à casa do sr. Crevel... Suba ao seu aposento e deixe-me trocar de roupa.

No dia seguinte, o barão, loucamente apaixonado pela sra. Marneffe, foi visitar a prima Bete, que ficou bastante surpresa por vê-lo, ao abrir a porta, visto que ele nunca lhe fizera uma visita. Por isso, ela disse consigo mesma: “Teria Hortênsia inveja do meu namorado?...”. Porque, na véspera, em casa do sr. Crevel, soubera da ruptura do contrato de casamento com o conselheiro da Corte real.

— Como, você por aqui, meu primo? Pela primeira vez na vida veio ver-me e naturalmente não será pelos meus belos olhos...

— Belos, é verdade — respondeu o barão. — Tens os mais belos olhos que já vi...

— Que veio fazer? Olhe, sinto-me envergonhada de recebê-lo em semelhante pardião.

A primeira das duas peças de que se compunha o aposento da prima Bete servia-lhe, a um só tempo, de sala de estar, sala de jantar, cozinha e ateliê.

Os móveis eram os dos lares de operários remediados: cadeiras de nogueira com assentos de palha, uma pequena mesa de jantar, também de nogueira, outra mesa para trabalhar, iluminuras emolduradas em madeira escura, pequenas cortinas de musselina às janelas, um grande armário de nogueira, o soalho bem encerado, limpo e reluzente, tudo isto sem um grão de poeira, mas em tons frios, um verdadeiro quadro de Terburg<sup>[74]</sup> onde nada faltava, nem mesmo a pintura cinzenta, representada por um papel outrora azulado, que, desbotando, tomou a cor do linho. No quarto de dormir nunca ninguém penetrara.

O barão observou tudo isso de relance, sentiu o sinal da mediocridade em todas as coisas, desde o fogão de bronze fundido até os utensílios domésticos, e sentiu uma sensação de náusea, dizendo de si para si: “Eis aí a virtude!”.

— Que vim fazer? — disse em voz alta. — És uma moça demasiado esperta para não acabar por adivinhar tudo; é melhor que eu o diga logo — exclamou, sentando-se e dirigindo o olhar para o pátio, depois de entreabrir a cortina de musselina pagueada. — Mora nesta casa uma

linda mulher...

— A sra. Marneffe! Ah! Já sei! — declarou ela, compreendendo tudo.

— E Josefa?

— Ah, prima, Josefa não mais existe... Fui posto para fora de casa como um laçaio...

— E você gostaria? — indagou a prima, fitando o barão com a dignidade de uma falsa virtude que se ofende um quarto de hora mais cedo.

— Como a sra. Marneffe é uma senhora *comme il faut*,<sup>[75]</sup> esposa de um funcionário, e como podes vê-la sem te comprometeres — continuou o barão —, eu queria que travasses relações com ela. Podes ficar tranquila: ela terá a maior deferência para com a prima do senhor diretor.

Nesse instante, ouviu-se o roçar de um vestido na escada, acompanhado do rumor de passos de uma mulher que calçava borzeguins finíssimos. O ruído cessou no patamar. Depois de bater à porta, a sra. Marneffe apareceu.

— Senhorita, desculpe a minha intromissão em seus aposentos; mas eu não consegui encontrá-la ontem, quando lhe vim fazer uma visita; somos vizinhas, e, se eu soubesse que a senhorita era prima do senhor conselheiro de Estado, há mais tempo teria vindo pedir a sua proteção junto a ele. Vi entrar aqui o senhor diretor e então tomei a liberdade de vir; porque meu marido, senhor barão, me falou a respeito de um trabalho sobre o pessoal, a ser submetido amanhã ao ministério.

Ela dava a impressão de estar emocionada, palpitante; mas é que simplesmente havia subido a escada às carreiras.

— Não precisa solicitar coisa alguma, minha bela senhora — declarou o barão. — A mim é que cabe pedir-lhe a graça de vê-la.

— Está bem, se a senhorita não vê inconveniente nisso, pode vir! — disse a sra. Marneffe.

— Vá, meu primo, e eu irei em seguida — aconselhou prudentemente a prima Bete.

A parisiense tinha tal certeza da visita e da inteligência do senhor diretor que não só se preparara convenientemente para essa entrevista como preparara o próprio apartamento. Pela manhã enchera-o de flores compradas a crédito. Marneffe ajudara a mulher a limpar os móveis, a dar lustro aos menores objetos, ensaboando, escovando, espanando tudo. Valéria queria encontrar-se num ambiente cheio de agradável frescura a fim de agradar ao senhor diretor, de agradar-lhe bastante para ter o direito de ser cruel, de oferecer-lhe e negar-lhe tudo, como a uma criança, para isso empregando os recursos da tática moderna. Ela julgara Hulot. Deem vinte e quatro horas a uma parisiense em apuros, e ela é capaz de derrubar um ministério.

Homem do Império, habituado ao gênero Império, Hulot devia

ignorar inteiramente as maneiras do amor moderno, os novos escrúpulos, as diferentes conversas inventadas desde 1830, e em que a *pobrezinha da mulher* acaba por se fazer considerar vítima dos caprichos de seu amante, como uma irmã de caridade que cura feridas, como um anjo devotado. Esta *nova arte de amar* dá enorme consumo a palavras evangélicas numa obra diabólica. A paixão é um martírio. Toda gente aspira ao ideal, ao infinito, em toda parte desejam aperfeiçoar-se pelo amor. Estas belas frases são um pretexto para dar ainda mais ardor à prática, mais arrebatamento pelas quedas, do que pelo passado. A hipocrisia, característica do nosso tempo, gangrenou a galanteria. Os amantes são dois anjos e, se o podem, comportam-se como dois demônios. O amor não tinha tempo para se analisar assim a si mesmo entre duas campanhas, e, em 1809, fazia conquistas tão rápidas quanto o Império. Ora, sob a Restauração, o belo Hulot, tornando-se homem galante, de início consolara algumas velhas amigas então decadentes, como astros apagados, no firmamento político, e depois, já velho, se deixara envolver pelas Jenny Cadine e Josefa.

A sra. Marneffe dispusera suas baterias, levando em conta os antecedentes do diretor, expostos longamente por seu marido, depois de haver colhido algumas informações no ministério. Como a comédia do sentimento moderno podia ter para o barão o encanto da novidade, Valéria tomara partido, e, podemos dizê-lo, a experiência que ela fez de seu poder durante a manhã correspondeu a todas as suas esperanças. Graças a estas manobras sentimentais, romanescas e românticas, Valéria obteve, sem nada haver prometido, o lugar de subchefe e a cruz da Legião de Honra para seu marido.

Esta pequena guerra não se desenvolveu sem jantares no Rocher de Cancale,<sup>[76]</sup> sem espetáculos, sem muitos presentes de mantilhas, xales, vestidos, joias. O apartamento da Rue du Doyenné desagradava; o barão combinou mobiliar magnificamente outro, à Rue Vaneau — uma linda casa moderna.

O sr. Marneffe obteve, além de uma gratificação, uma licença de quinze dias, a iniciar-se dentro de um mês, para ir pôr em ordem alguns negócios em seu país. E a si mesmo se prometeu fazer uma pequena viagem à Suíça a fim de aí estudar o belo sexo.

Se o barão Hulot se ocupou de sua protegida, não esqueceu o seu protegido. O ministro do Comércio, o conde Popinot, amava as artes: deu dois mil francos por um exemplar do grupo de *Sansão*, sob a condição de que o modelo seria destruído, para que só existissem o seu *Sansão* e o da srta. Hulot. O grupo excitou a admiração de um príncipe a quem mostraram o modelo do pêndulo e que o encomendou; mas esse pêndulo devia ser único, e o príncipe ofereceu trinta mil francos por ele. Os artistas consultados, entre os quais se encontrava Stidmann, declararam que o autor das duas obras podia fazer uma estátua.

Imediatamente, o marechal príncipe de Wissemburgo, ministro da Guerra e presidente do Comitê de Subscrição para o Monumento do marechal Montcornet, fez com que tomassem uma deliberação pela qual a sua execução era confiada a Steinbock. O conde de Rastignac, então subsecretário de Estado, quis uma obra do artista cuja glória surgia sob as aclamações de seus rivais. Assim, obteve de Steinbock o delicioso grupo dos dois garotos coroando uma menina e prometeu-lhe uma oficina no Depósito de mármore do Governo, situado, como se sabe, no Gros-Caillou.

Foi o sucesso, mas o sucesso como ocorre em Paris, isto é, o sucesso louco, capaz de esmagar as pessoas que não têm ombros e rins para sustentá-lo, o que, entre parênteses, acontece muitas vezes. Falava-se nos jornais e nas revistas do conde Venceslau Steinbock, sem que nem ele nem a srta. Fischer tivessem, a respeito, a menor suspeita. Todos os dias, assim que a srta. Fischer saía para jantar, Venceslau ia para a casa da baronesa. Passava aí uma ou duas horas, exceto nos dias em que Bete ia visitar a prima Hulot. Tal estado de coisas permaneceu durante alguns dias.

O barão, seguro quanto às qualidades e estado civil do conde Steinbock; a baronesa, satisfeita com o seu caráter e seus costumes; Hortênsia, orgulhosa de seu amor aprovado, da glória de seu candidato — já não hesitavam mais em falar em casamento. Enfim, o artista achava-se no auge da felicidade, quando uma indiscrição da sra. Marneffe pôs tudo em perigo. Eis como.

## **XXV – ESTRATÉGIA DE MARNEFFE**

Lisbeth, que o barão Hulot desejava ligar à sra. Marneffe para assim manter o seu lar sob vigilância, já tivera oportunidade de jantar com Valéria, que, por sua vez, querendo saber o que se passava no seio da família Hulot, procurava agradar bastante a solteirona. Valéria teve então a ideia de convidar a srta. Fischer para visitá-la no novo apartamento onde devia instalar-se. Feliz por encontrar mais uma casa onde jantar, encantada com a sra. Marneffe, a solteirona tomara por ela grande afeição. De todas as pessoas a que se ligara, nenhuma fizera tantas despesas com ela. Com efeito, a sra. Marneffe, muito carinhosa para com a srta. Fischer, encontrava-se em relação a ela, por assim dizer, na mesma situação que a própria prima Bete em relação à baronesa, ao sr. Rivet, a Crevel, todos aqueles, enfim, que a recebiam para jantar. Os Marneffe tinham, sobretudo, despertado a comiseração da prima Bete, deixando-a ver a profunda miséria de seu lar, a qual era pintada, como sempre, com as mais belas cores — amigos atentos e ingratos, enfermidades; uma mãe, a sra. Fortin, a quem haviam escondido essa miséria e que morrera ainda se julgando na opulência,



graças a sacrifícios sobre-humanos.

— Pobres criaturas! — dizia Lisbeth ao primo Hulot. — Você tem toda razão de interessar-se por eles, que bem o merecem. São todos corajosos, tão bons! Dificilmente eles podem viver com os mil escudos do seu salário de subchefe, porque fizeram dívidas desde o falecimento do marechal Montcornet! É uma barbaridade do Governo querer que um empregado viva em Paris, sustentando mulher e filhos, com dois mil e quatrocentos francos de ordenado.

A jovem mulher, que fingia dedicar-lhe a maior amizade, que lhe dizia tudo consultando-a, lisonjeando-a e parecendo querer deixar-se conduzir por ela, tornou-se então, dentro de pouco tempo, mais cara à excêntrica prima Bete que todos os seus parentes.

De sua parte, o barão, admirando na sra. Marneffe uma decência, uma educação, maneiras que nem Jenny Cadine, nem Josefa, nem suas amigas lhe apresentavam, em um mês apaixonara-se por ela — uma paixão de velho, paixão insensata que parecia razoável. Com efeito, não havia para ele nem zombarias, nem orgias, nem despesas loucas, nem depravação, nem menosprezo pela coisas sociais, nem aquela independência absoluta da atriz e da cantora que lhe havia causado todas as desgraças. E escapava igualmente à rapacidade de cortesã, comparável à sede da areia.

Tendo-se tornado sua amiga e confidente, a sra. Marneffe fazia cerimônia para aceitar qualquer presente.

— Aceito os lugares, as gratificações, tudo o que o senhor puder conseguir do Governo para nós; mas não comece a desonrar a mulher que diz amar — dizia Valéria. — Do contrário, não acreditarei nisso... E eu gosto de acreditar no senhor — acrescentava com o olhar como que de santa Teresa olhando furtivamente para o céu.

A cada presente, era como uma fortaleza a dominar, uma consciência a violar. O pobre barão empregava estratégias para oferecer-lhe uma bagatela, aliás muito cara, regozijando-se por encontrar, enfim, uma virtude, a realização de seus sonhos. Nesse lar primitivo, dizia o barão, ele era tão deus quanto em sua casa.

O sr. Marneffe parecia estar muito longe de acreditar que o Júpiter de seu ministério tivesse a intenção de descer sob a forma de chuva de ouro sobre sua mulher,<sup>[77]</sup> e tornava-se o criado de seu augusto chefe.

Com vinte e três anos de idade, a sra. Marneffe, burguesa pura e tímida, flor escondida na Rue du Doyenné, devia ignorar as depravações e a desmoralização das cortesãs, que agora desgostavam profundamente o barão, porque ele ainda não conhecera os encantos da virtude que combate, e a tímida Valéria o fazia apreciar esses encantos, como diz a canção, “ao longo da margem do rio”.

Uma vez assim exposto o caso entre Heitor e Valéria, ninguém se surpreenderá com o fato de Valéria ter sabido, por intermédio de

Heitor, do segredo do próximo casamento do grande artista Steinbock com Hortênsia. Entre um admirador sem direitos e uma mulher que não se decide facilmente a tornar-se amante travavam-se debates orais e morais, nos quais a palavra trai muitas vezes o pensamento, do mesmo modo que, num assalto, o florete se agita como a espada do duelo. O homem mais prudente imita então o sr. de Turenne.<sup>[78]</sup> O barão deixara, pois, entrever toda a liberdade de ação que o casamento de sua filha lhe asseguraria, para responder à amorosa Valéria, que por mais de uma vez exclamara:

— Não compreendo que se cometa uma falta por um homem que não nos pertença inteiramente!

Já o barão jurara, mais de mil vezes, que, *havia vinte e cinco anos*, tudo acabara entre a sra. Hulot e ele.

— Dizem que é bem bonita! — replicara a sra. Marneffe. — Quero provas.

— Eu as darei — declarara o barão, satisfeito com esse desejo, com o qual sua Valéria se comprometia.

— E como? Seria preciso que nunca mais me abandonasse — respondera Valéria.

Heitor fora então forçado a revelar seus planos em execução na Rue Vaneau, para demonstrar à sua Valéria que pensava em dar-lhe aquela metade da vida que pertence a uma esposa legítima, se se supõe que o dia e a noite partilham igualmente a existência das pessoas civilizadas. Falou em separar-se decentemente de sua mulher, deixando-a sozinha, uma vez que sua filha ia casar-se. A baronesa passaria então todo o seu tempo ora em casa de Hortênsia, ora em casa dos jovens Hulot; ele confiava na obediência de sua mulher.

— Daí em diante, anjinho, minha verdadeira vida, meu verdadeiro lar será o da Rue Vaneau.

— Meu Deus, como dispõe de mim — disse então a sra. Marneffe. — E meu marido?

— Ora, um farrapo!

— Na realidade, a seu lado ele não passa disso... — respondeu ela, rindo.

## XXVI – TERRÍVEL INDISCRICÃO

A sra. Marneffe teve uma grande vontade de ver o jovem conde Steinbock depois que soube de sua história; talvez quisesse obter algum trabalho seu, enquanto vivia ainda no mesmo edifício. Tal curiosidade desagradou tanto ao barão que Valéria prometeu não procurar mais ver Venceslau. Mas, após ter sido recompensada por abandonar essa fantasia com um pequeno aparelho de chá, completo, em velha porcelana de Sèvres, escondeu seu desejo no fundo do coração, escrito

como numa agenda. Assim, um dia em que convidara sua prima Bete para tomar café em sua companhia, no quarto, Valéria falou-lhe a respeito do namorado de Lisbeth, procurando saber se poderia vê-lo sem perigo.

— Minha filha — disse, porque elas se tratavam mutuamente de *minha filha* —, por que ainda não me apresentou o seu namorado?... Sabe que em pouco tempo ele se tornou célebre?

— Ele, célebre?

— Sim, não se fala de outra pessoa!...

— Ora! — exclamou Lisbeth.

— Ele vai fazer a estátua de meu pai e eu lhe serei muito útil, na realização de sua obra, porque a sra. Montcornet não pode, como eu, emprestar-lhe uma miniatura de Sain, uma obra-prima feita em 1809, antes da campanha de Wagram, e oferecida à minha pobre mãe; enfim, um Montcornet jovem e lindo...

Sain e Augustin<sup>[79]</sup> tinham o cetro da pintura em miniatura durante o Império.

— Você disse, minha filha, que ele vai fazer uma estátua?... — indagou Lisbeth.

— De nove pés, encomendada pelo Ministério da Guerra. Ora, aí está! Por onde anda você? Eu é que lhe dou estas notícias! Sim, o Governo vai oferecer ao conde Steinbock um ateliê e um apartamento no Gros-Caillou, no Depósito de mármore; o seu polonês será talvez nomeado diretor, com um ordenado de dois mil francos, um anel no dedo...

— Como é que sabe de tudo isso, quando eu de nada sei? — perguntou Lisbeth afinal, voltando a si de sua estupefação.

— Vejamos, minha querida priminha Bete — disse delicadamente a sra. Marneffe —, você é capaz de uma amizade devotada, a toda a prova? Quer que sejamos como duas irmãs? Quer jurar que não terá mais segredos para mim assim como eu não os terei para você? Quer instituir um serviço de espionagem em mútuo proveito?... Sobretudo, quer jurar que não me trairá, nem a meu marido nem ao sr. Hulot, e que nunca confessará que fui eu quem lhe disse...

A sra. Marneffe deteve-se a esta altura de sua obra de picador, porque a prima Bete a assustara. A fisionomia da lorena tornara-se terrível. Seus olhos negros e penetrantes tinham a fixidez dos olhos dos tigres. Com o rosto igual ao que atribuímos às pitonisas, ela rilhava os dentes para que eles não batessem, enquanto uma horrível convulsão fazia tremer-lhe os membros. Lisbeth enfiara a mão ossuda entre a touca e os cabelos para empunhá-los e suster a cabeça, que se lhe tornara pesada; e ardia em febre! A fumaça do incêndio que a devastava parecia passar por suas rugas como se fossem por fendas cavadas por uma erupção vulcânica. Foi um espetáculo sublime.

— Está bem, por que interrompeu? — perguntou ela, com voz cava.  
— Serei para você tudo o que eu era para ele. Oh! Eu lhe teria dado o meu próprio sangue!

— Você o amava, então?

— Como se fosse meu filho!...

— Pois bem — continuou a sra. Marneffe, respirando mais à vontade —, já que o amava apenas dessa maneira, irá sentir-se muito feliz; não quer vê-lo feliz?

Lisbeth fez com a cabeça um sinal rápido, como o de uma louca.

— Dentro de um mês ele vai casar-se com a sua priminha.

— Hortênsia? — exclamou a solteirona, batendo na fronte e erguendo-se.

— E esta! Amava então esse rapaz? — perguntou a sra. Marneffe.

— Minha filha, a nossa aliança é para a vida e para a morte — declarou a srta. Fischer. — Sim, se você tem alguma ligação, ela será sagrada para mim. Enfim, seus vícios tornar-se-ão virtudes para mim, porque eu terei necessidade, eu própria, dos seus vícios!

— Vivia em companhia dele? — exclamou Valéria.

— Não, eu queria ser sua mãe...

— Ah! Já não compreendo mais nada — continuou Valéria. — Você não foi então iludida nem enganada, devia sentir-se bem feliz por vê-lo alcançar um excelente casamento, por vê-lo bem lançado. Aliás, para você tudo está acabado, de qualquer maneira. O nosso artista vai, todos os dias, à casa da sra. Hulot, logo que você sai para jantar...

— Adelina! — disse Lisbeth. — Ó Adelina, tu me pagarás, eu te tornarei mais feia que eu!

— Mas você está pálida como uma defunta! — declarou Valéria. — Há então alguma coisa?... Oh! Como sou tola! A mãe e a filha naturalmente receavam que viesse a opor obstáculos a esse amor, visto como o ocultam a seus olhos — exclamou a sra. Marneffe. — Mas, se não vivia com esse rapaz, tudo isso, minha filha, para mim, é mais obscuro que o coração de meu marido...

— Oh! Você não conhece — insistiu Lisbeth —, não pode conhecer esta trama! É o golpe de misericórdia! Tenho a alma coberta de pisaduras! Ignora que, desde a idade em que tudo se sente, fui imolada a Adelina! Davam-me pancadas e faziam-lhe carícias! Eu tinha farrapos e ela vestia-se como uma grande dama! Eu escavava o jardim, cuidava dos legumes, enquanto ela empregava os seus dez anos apenas em lidar com fazendas finas!... Ela casou-se com o barão, veio brilhar na Corte do imperador, e eu fiquei até 1809 em minha aldeia, esperando, durante quatro anos, um candidato conveniente; eles me arrastaram de lá, mas para fazerem de mim uma operária, para me proporem empregados, capitães que pareciam porteiros!... Durante vinte e seis anos, recebi deles apenas os seus restos... E eis que, como no Antigo Testamento, o

pobre possui um único cordeiro, que faz a sua felicidade, e o rico, que possui um rebanho, tem inveja do cordeiro do pobre e o rouba... sem preveni-lo, sem pedi-lo. Adelina! Adelina! Eu te verei na lama, mais miserável que eu... Hortênsia, que eu prezava, me... O barão... Não, não é possível isto. Vejamos, conte-me tudo o que pode ser verdade!

— Acalme-se, minha filha...

— Valéria, querido anjo, vou acalmar-me — respondeu a estranha criatura, sentando-se. — Só uma coisa me pode tranquilizar: dê-me uma prova!...

— Ora, sua prima Hortênsia possui o grupo do *Sansão*, cuja litografia foi publicada por uma revista; ela o comprou com suas economias; e o barão é quem lança o artista e obtém tudo, no interesse do futuro genro.

— Água! Água! — pediu Lisbeth, depois de haver corrido os olhos pela litografia, embaixo da qual leu: *Grupo pertencente à srta. Hulot d'Ervy*. — Água! Tenho a cabeça em chamas, estou ficando louca!

A sra. Marneffe trouxe água; a solteirona tirou a touca, soltou os cabelos pretos e mergulhou a cabeça na bacia que lhe apresentara sua nova amiga; molhou a fronte várias vezes e evitou a inflamação iniciada. Após essa imersão, conseguiu todo o domínio sobre si mesma.

— Nem uma palavra! — recomendou à sra. Marneffe, endireitando-se. — Nem uma palavra a esse respeito... Veja! Estou tranquila, já esqueci tudo, agora estou pensando noutra coisa!

“Amanhã ela estará em Charenton,<sup>[80]</sup> sem dúvida”, disse a sra. Marneffe consigo mesma, enquanto fitava a lorena.

— Que fazer? — continuou Lisbeth. — Veja, meu anjo, é preciso guardar silêncio, curvar a cabeça, marchar para a sepultura, como água corre para o rio. Que tentarei? Gostaria de reduzir a pó toda essa gente, Adelina, sua filha, o barão! Mas que pode fazer uma parenta pobre contra toda uma família rica?... Seria a parábola da panela de barro contra a panela de ferro.<sup>[81]</sup>

— Sim, você tem razão — respondeu Valéria. — O melhor que se faz é tirar da manjedoura o máximo de feno para nós. Assim é a vida em Paris.

— E eu morrerei — declarou Lisbeth —, morrerei rapidamente, fique certa, se perder esse rapaz, a quem desejava servir sempre de mãe, com quem contava viver toda minha vida...

Com os olhos rasos de lágrimas, ela deteve-se. E essa sensibilidade de uma mulher de enxofre e fogo fez a sra. Marneffe estremecer.

— Enfim, você está comigo — disse ela, tomando a mão de Valéria —, é uma consolação nesta hora de grande infelicidade... Nós nos amaremos muito; por que nos separaríamos? Não serei nunca a sua rival. Nunca mereci um pouco de amor! Os que se aproximaram de mim, sempre o fizeram por causa da proteção de meu primo... Ter

energia para assaltar o paraíso, e empregá-la à procura de pão, água, farrapos e uma mansarda! Ah! Minha filha, isto é um martírio! Estou esgotada.

Deteve-se bruscamente e mergulhou nos olhos azuis da sra. Marneffe um olhar sombrio, que atravessou a alma da linda mulher como a lâmina de um punhal lhe atravessaria o coração.

— E para que falar? — exclamou, dirigindo uma censura a si própria. — Eu nunca falei tanto, veja bem! Mas o feitiço acabará virando contra o feiticeiro — acrescentou, depois de uma pausa. — Você diz muito bem: preparemos os dentes e tiremos da manjedoura o máximo de feno.

— Você tem razão — disse a sra. Marneffe, que se mostrava assustada com a crise e já nem se lembrava mais de haver formulado aquela sentença. — Está com a verdade, minha filha. Veja, a vida não é muito longa, é preciso tirar todo o partido possível e servir-nos dos outros em nosso proveito!... Apesar de muito jovem, já compreendi isso! Fui criada com muitos mimos, meu pai casou-se por ambição e quase me esqueceu, depois de ter feito de mim seu ídolo, depois de me haver educado como se eu fosse a filha de uma rainha!... Minha pobre mãe, que me embalava com os mais belos sonhos, morreu de desgosto quando me viu desposar um simples funcionário, com um salário de duzentos francos, velho e frio libertino aos trinta e nove anos de idade, corrompido como um forçado, e que via em mim o que veem em você, um instrumento de fortuna!... Pois bem, acabei por verificar que esse homem infame é o melhor dos maridos. Preferindo as meretrizes sórdidas da esquina, ele me deixa em liberdade. Se fica com todo o seu salário para si, nunca me interroga a respeito da maneira como pago as minhas contas...

Por sua vez, Valéria deteve-se, como uma mulher que se sente arrastada na torrente da confiança e, notando a atenção com que Lisbeth a ouvia, julgou necessário assegurar-se da sua discrição antes de confiar-lhe os seus últimos segredos.

— Veja, minha filha, quanta é a minha confiança em você! — ajuntou a sra. Marneffe, a quem Lisbeth respondeu com um sinal excessivamente tranquilizador.

Muitas vezes faz-se com os olhos e um movimento de cabeça um juramento mais solene que num tribunal.

## XXVII – CONFIDÊNCIAS SUPREMAS

— Conservo todas as aparências da honestidade — continuou a sra. Marneffe, pousando a mão sobre a mão de Lisbeth, como aceitando a sua promessa. — Sou casada e senhora de mim mesma, a tal ponto que, pela manhã, se, ao sair para o ministério, Marneffe se lembra de ir

despedir-se de mim e encontra o meu quarto fechado, vai embora tranquilamente. Gosta ainda menos do filho do que eu gosto de um dos garotos de mármore que brincam ao pé dos dois *Rios*,<sup>[82]</sup> nas Tuileries. Se não venho jantar, ele janta bem com a empregada, porque a empregada lhe é muito dedicada e, todas as noites, após o jantar, ele sai para só regressar à meia-noite ou uma hora. Infelizmente, há um ano me encontro sem criada-grave, o que quer dizer que estou, há um ano, viúva... Só tive uma paixão, uma felicidade... Foi um brasileiro rico, que partiu há um ano, meu único pecado! Ele foi vender seus bens, arranjar tudo para poder estabelecer-se em França. Como encontrará ele sua Valéria? Uma podridão. Ora, a culpa disso será dele e não minha. Por que tarda tanto a voltar? Talvez tenha ele sido vítima de um naufrágio, como a minha virtude.

— Adeus, minha filha — disse Lisbeth bruscamente. — Nunca mais nos separaremos. Eu amo você, gosto muito de você, sou sua! Meu primo insiste para que eu vá instalar-me em tua futura casa, à Rue Vaneau; eu não o desejava, porque logo adivinhei o motivo dessa nova demonstração de bondade...

— Bem, você iria vigiar-me, bem o sei — declarou a sra. Marneffe.

— É esta exatamente a razão de sua generosidade — replicou Lisbeth. — Em Paris, as boas ações, em maioria, são especulações como metade das ingratidões é constituída de vinganças!... Com uma parenta pobre, sempre agem como com os ratos, ao qual se apresenta um pedaço de toicinho. Aceitarei o oferecimento do barão, porque esta casa se tornou odiosa para mim. Aí está! Ambas somos bastante espertas: saberemos guardar silêncio a respeito de coisas que nos prejudicariam e dizer o que deve ser dito; portanto, nada de indiscrições; nossa amizade...

— A toda prova!... — exclamou alegremente a sra. Marneffe, satisfeita por ter em sua companhia uma pessoa respeitável, uma confidente, uma espécie de tia honesta. — Ouça: o barão está fazendo tudo muito bem, na Rue Vaneau...

— Acredito que sim — declarou Lisbeth. — Ele já gastou ali trinta mil francos! Não sei onde os encontrou, por exemplo, porque Josefa, a cantora, o sangrou. Oh! Você está bem-arranjada — acrescentou. — O barão seria capaz de roubar para satisfazer àquela que lhe prende o coração entre mãos brancas e cetinadas como as suas...

— Pois bem — disse a sra. Marneffe, com aquela confiança feminina que é apenas indiferença —, minha filha, vamos, leve daqui, desta casa, tudo o que puder ser útil em seu novo apartamento... Esta cômoda, este armário com espelho, este tapete, a tapeçaria...

Os olhos de Lisbeth dilataram-se por efeito de uma alegria insensata; ela não podia crer em semelhante presente.

— Você faz mais por mim, num só instante, que meus parentes ricos

em trinta anos!... — exclamou. — Eles nunca indagaram se eu tinha móveis! Em sua primeira visita, há algumas semanas, o barão fez uma careta de gente rica ao apreciar a minha miséria... Está bem, obrigada, minha filha; eu lhe pagarei isto, verá como, mais tarde!

Valéria acompanhou sua prima Bete até a porta, onde as duas mulheres se beijaram.

“Como fede a gente velha”, disse consigo mesma a linda mulher, quando ficou só. “Não a beijarei muitas vezes, *minha* prima! Contudo, tomemos cuidado, é preciso agradá-la; ela me será muito útil, me ajudará a fazer fortuna.”

Como verdadeira parisiense, a sra. Marneffe não gostava do trabalho; tinha a displicência das gatas, que não correm nem se arremessam senão forçadas pela necessidade. Para ela, a vida devia ser apenas um prazer, e o prazer devia ser fácil. Ela amava as flores, contanto que as levassem à sua casa. Não concebia um espetáculo teatral sem um bom camarote só para ela e sem uma carruagem à sua disposição.

Estes gostos de cortesã, Valéria os herdara da mãe, cortejada pelo general Montcornet durante as suas estadas em Paris, e que, durante vinte anos, tivera todo o mundo a seus pés; que, perdulária, tudo dissipara, tudo perdera numa existência luxuosa, cujo programa se perdera depois da queda de Napoleão. Em suas loucuras, os grandes do Império se igualaram aos grandes proprietários de outrora. Na Restauração, a nobreza sempre se lembrou de que fora vencida e espoliada; portanto, à parte duas ou três exceções, tornou-se econômica, prudente, previdente, enfim, burguesa e sem grandeza. Depois, 1830 completou a obra de 1793.<sup>[83]</sup> Na França, doravante, teremos grandes nomes, mas, nunca mais, grandes casas, a menos que ocorram transformações políticas, de difícil previsão. Tudo aí indica o selo da personalidade. A fortuna dos mais prudentes é passageira. Destruíram com isso a Família.

O poderoso aperto da miséria que a estrangulava no dia em que, segundo a expressão de Marneffe, *fisgara* Hulot, fizera com que Valéria se decidisse a tornar sua beleza um meio de conseguir fortuna. Assim, havia alguns dias sentia ela a necessidade de ter junto a si, à falta de sua mãe, uma amiga devotada a quem se confia o que se deve ocultar a uma criada, uma amiga que pode agir, ir e vir, pensar por nós, uma alma danada, enfim, que aceita uma partilha desigual da vida. Ora, ela adivinhara, tanto quanto Lisbeth, as intenções com que o barão desejava ligá-la à prima Bete. Aconselhada pela temível inteligência da legítima parisiense que passa horas estendida num divã, a passear a lanterna de sua observação por todos os recantos obscuros das almas, dos sentimentos e das intrigas, imaginara fazer-se cúmplice daquela que a espionava. Provavelmente esta indiscrição terrível era



premeditada; reconhecera o verdadeiro caráter da ardente moça, arrebatada sem objetivo, e quis ligar-se a ela. Assim, esta conversa assemelhava-se à pedra que o viajante lança num abismo para averiguar fisicamente a sua profundidade. E a sra. Marneffe se assustara ao verificar a existência simultânea de um Iago e de um Ricardo III<sup>[84]</sup> naquela mulher, na aparência tão fraca, tão humilde e tão pouco temível.

## XXVIII – TRANSFORMAÇÃO DE BETE

Num instante, a prima Bete voltara a ser ela mesma; num instante, aquele caráter de corso e de selvagem, rompendo os fracos laços que o continham, recuperara sua ameaçadora altivez, como uma árvore escapa às mãos da criança que nela se pendura para roubar-lhe frutos verdes.

Para quem quer que observe o mundo social, serão sempre objeto de admiração a plenitude, a perfeição e a rapidez de concepções das naturezas virgens.

A Virgindade, com todas as monstruosidades, tem riquezas especiais, grandezas absorventes. A vida, cujas forças são economizadas, tomou no indivíduo virgem uma qualidade de resistência e durabilidade incalculável. O cérebro enriqueceu-se no conjunto de suas qualidades reservadas. Quando os castos precisam de seu corpo ou de sua alma, quer recorram à ação ou ao pensamento, encontram então aço em seus músculos ou ciência infusa em sua inteligência, uma força diabólica ou a magia negra da Vontade.

Sob este ponto de vista, a Virgem Maria, considerada por um momento apenas um símbolo, faz desaparecer, por sua grandeza, todos os tipos hindus, egípcios e gregos. A Virgindade, mãe das grandes coisas, *magna parens rerum*, sustenta em suas belas mãos alvas as chaves dos mundos superiores. Enfim, esta grandiosa e terrível exceção merece todas as honras que lhe consagra a Igreja Católica.

Num momento, portanto, a prima Bete tornou-se o Moicano<sup>[85]</sup> cujas manhas são inevitáveis, cuja dissimulação é impenetrável, cuja decisão rápida é fundada na espantosa perfeição dos órgãos. Ela foi dominada pelo ódio e pela vingança sem transação, tais como eles existem na Itália, na Espanha e no Oriente. Estes dois sentimentos, em que se desdobram a amizade e o amor elevados ao absoluto, apenas são conhecidos nos países banhados de sol. Mas Lisbeth mostrou-se, antes de mais nada, filha da Lorraine, quer dizer, mostrou-se resolvida a enganar.

Ela não aceitou de bom grado esta última parte de seu papel; fez uma singular tentativa, devida à sua profunda ignorância. Acreditou que a prisão era o que todas as crianças imaginam, confundiu a incomunicabilidade com a prisão. A incomunicabilidade é o superlativo

da prisão, e este superlativo é o privilégio da Justiça Criminal.

Saindo da casa da sra. Marneffe, Lisbeth dirigiu-se à residência do sr. Rivet e o encontrou em seu gabinete.

— Pois bem, meu caro sr. Rivet — disse-lhe ela, depois de haver corrido o ferrolho à porta do gabinete. — O senhor tinha razão: os poloneses são uns canalhas!... Gente sem fé nem lei.

— Gente que quer incendiar a Europa — declarou o pacífico Rivet. — Gente que quer arruinar o comércio e os comerciantes em favor de uma pátria que, segundo dizem, é um pântano habitado por horríveis judeus, sem contar os cossacos e os camponeses, espécie de animais ferozes erroneamente classificados no gênero humano. Estes poloneses desconhecem o tempo atual. Já não somos bárbaros! A guerra acabou-se, minha querida senhorita; desapareceu com os reis. Nosso tempo é o triunfo do comércio, da indústria e do bom senso burguês, que criaram a Holanda. Sim — acrescentou, animando-se —, estamos numa época em que os povos devem obter tudo pelo desenvolvimento legal de suas liberdades e pela ação *pacífica* das instituições constitucionais; eis aí o que os poloneses ignoram, e espero... Como disse, minha amiga? — perguntou, interrompendo-se e percebendo, pelo ar de sua operária, que a alta política estava fora de sua compreensão.

— Eis aqui todos os papéis — declarou Bete. — Se não quero perder meus três mil e duzentos e dez francos, preciso meter aquele patife na cadeia...

— Ah! Bem que lhe disse! — exclamou o oráculo do Faubourg Saint-Denis.

A Casa Rivet, sucessora dos irmãos Pons, sempre se mantivera instalada na Rue des Mauvaises-Paroles, no antigo Hôtel Langeais, construído por aquela ilustre família no tempo em que os grandes proprietários se agrupavam em torno do Louvre.

— Por isso não deixei de abençoar o senhor pela sua advertência ao vir aqui! — respondeu Lisbeth.

— Se ele não suspeitar de nada, estará preso às quatro horas da madrugada — declarou o juiz, enquanto consultava seu almanaque para informar-se quanto ao nascer do sol. — Mas, só poderá sê-lo depois de amanhã, porque não se pode prender ninguém sem o aviso prévio de que será detido por uma ordem especial com denúncia dum ato judicial. Assim...

— Que lei estúpida — interrompeu a prima Bete. — Dessa forma, o devedor escapa.

— Ele tem esse direito — replicou o juiz, sorrindo. — Assim espere, eis como...

— Neste caso — insistiu Bete, interrompendo-o novamente —, interceptarei o aviso e irei dizer-lhe que fui forçada a fazer um empréstimo e que meu credor exigiu uma formalidade. Conheço o meu

polonês: é capaz de não abrir o papel, e até de acender com ele o cachimbo!

— Ah! Ótimo, srta. Fischer! Pois bem, fique tranquila, o negócio será rapidamente concluído. Mas, ouça um momento: prender um homem não é tudo, não se experimenta todo esse luxo judiciário senão para reaver o seu dinheiro. Quem a reembolsará?

— Aqueles que lhe dão dinheiro.

— Ah, sim, eu esquecia que o ministro da Guerra lhe encomendou o monumento a ser erigido a um de nossos clientes. Ah! Nossa casa forneceu muitos uniformes ao general Montcornet, que logo os sujava com a fumaça dos canhões. Que bravo! E ele os pagava corretamente!

Um marechal da França pode salvar o imperador ou seu país, mas seu melhor elogio, na boca de um negociante, será este: *pagava corretamente*.

— Está bem, sr. Rivet; no próximo sábado o senhor terá os enfeites lisos que me encomendou. A propósito, vou deixar a Rue du Doyenné, vou morar na Rue Vaneau.

— Faz bem; era com pesar que eu a via naquele buraco que, não obstante a minha repugnância por tudo o que se assemelhe à oposição, desonra, ousou dizê-lo, sim, desonra o Louvre e a Place du Carrousel. Adoro Luís Felipe, é meu ídolo, é a representação augusta, exata da classe com a qual fundou sua dinastia, e nunca esquecerei o que ele fez pela passamanaria restabelecendo a Guarda Nacional...

— Quando o ouço falar assim — disse Lisbeth —, me pergunto a mim mesma por que o senhor não se elegeu deputado.

— Temem a minha predileção pela dinastia — responde Rivet —; meus inimigos políticos são os inimigos do rei. Ah! É um nobre caráter, uma bela família; enfim — prosseguiu em sua argumentação —, é nosso ideal: costumes, economia, tudo! Mas a extinção do Louvre é uma das condições pelas quais nós demos a coroa e a lista civil, para a qual não se fixou termo, convenhamos, e que deixa o coração de Paris num estado aflitivo... Como pertencemos ao partido do centro, gostaria de ver o centro de Paris noutra situação.<sup>[86]</sup> Seu bairro causa arrepios. Qualquer dia, seriam capazes de assassiná-la... Está bem, aí está o sr. Crevel, nomeado chefe de batalhão de sua legião, espero que seremos nós que lhe forneceremos as largas dragonas.

— Eu janto hoje com ele, mandá-lo-ei aqui.

Lisbeth acreditou ter nas mãos o seu livoniano, na ilusão de poder cortar todas as comunicações entre o mundo e ele. Não mais trabalhando, o artista seria esquecido como um homem enterrado num subterrâneo, aonde só ela iria vê-lo. Ela teve assim dois dias de felicidade, porque esperou dar golpes mortais na baronesa e sua filha.

Para ir à casa do sr. Crevel, que morava na Rue des Saussayes, seguiu pela Pont du Carrousel, o Quai Voltaire, o Quai d'Orsay, a Rue

Bellechasse, a Rue de l'Université, a Pont de la Concorde e a Avenue de Marigny. Este itinerário ilógico fora traçado pela lógica das paixões, que sempre foi excessivamente inimiga das pernas.

Logo que chegou ao cais, a prima Bete fitou a margem direita do Sena, caminhando com a maior lentidão. Seu cálculo era certo. Ela deixara Venceslau preparando-se; pensava que, uma vez livre de sua companhia, o namorado iria para a casa da baronesa pelo caminho mais curto. Com efeito, no momento em que seguia ao longo do parapeito do Quai Voltaire, devorando o rio, e andando com a ideia voltada para a outra margem, ela reconheceu o artista, que saía da porta das Tuileries em direção à Pont Royal. Foi aí que ela se aproximou do infiel, podendo segui-lo sem ser percebida, porque os namorados raramente voltam os olhos para trás; ela o acompanhou até a casa da sra. Hulot, onde o viu entrar como alguém já habituado a fazê-lo.

Esta última prova, que confirmava as confidências da sra. Marneffe, pôs Lisbeth fora de si.

Chegou à casa do chefe de batalhão recentemente eleito naquele estado de irritação mental que leva a cometer assassinios, e encontrou, no salão, o velho Crevel à espera dos filhos, os jovens sr. e sra. Hulot.

Mas, como Celestino Crevel é o representante ingênuo e autêntico do novo-rico parisiense, é difícil entrar sem cerimônia na casa desse feliz sucessor de César Birotteau. Celestino Crevel é, ele só, todo mundo; assim, merece, mais que Rivet, as honras da paleta, à vista de sua importância neste drama doméstico.

## **XXIX – VIDA E OPINIÕES DO SR. CREVEL**

Já observastes como, na infância ou nos primeiros contatos da vida social, nós criamos um modelo ideal com as nossas próprias mãos, muitas vezes sem o saber? É assim que o empregado de um estabelecimento bancário, ao entrar na sala do patrão, sonha possuir uma sala igual. Se ele enriquece, não será, vinte anos depois, o luxo na moda que introduzirá em sua casa, mas, sim, o luxo passado que outrora o fascinava. Não se conhecem todas as tolices devidas a esta inveja retrospectiva assim como ignoramos todas as loucuras decorrentes das rivalidades secretas que levam os homens a imitar o tipo que eles idealizam, a consumir suas forças no intuito de se tornarem um raio de luar.

Crevel foi adjunto porque seu patrão fora adjunto, era comandante de batalhão porque tivera inveja das dragonas de César Birotteau. Assim, encantado com as maravilhas realizadas pelo arquiteto Grindot, no momento em que a fortuna levava seu patrão ao fastígio, Crevel, como ele próprio dizia em seu linguajar, *não dera muitos tratos à bola* quando se tratava de decorar o seu apartamento: procurou, de olhos

fechados e bolsa aberta, o mesmo Grindot, arquiteto já então inteiramente esquecido. Não se sabe quanto tempo resistem ainda as glórias apagadas graças ao calor das admirações retardadas.

Grindot reconstituíra, então pela milésima vez, o seu salão branco e ouro, forrado de damasco vermelho. O mobiliário de palissandra esculpido como as obras vulgares, sem distinção, constituíra para a fábrica parisiense um justo orgulho provinciano, quando da exposição de produtos industriais. Os candelabros, os braços, o cinzeiro, o lustre, o pêndulo, eram todos no estilo *rocaille*.<sup>[87]</sup> A mesa redonda, imóvel no meio do salão, apresentava um mármore incrustado de todos os mármore italianos e antigos vindos de Roma, onde eram fabricadas essas espécies de cartas mineralógicas semelhantes a mostruários de talhadores e que periodicamente causavam admiração a todos os burgueses que visitavam Crevel.

Os retratos da falecida sra. Crevel, do próprio Crevel, de sua filha e do genro, devidos ao pincel de Pedro Grassou, pintor de renome no seio da burguesia,<sup>[88]</sup> a quem Crevel devia o ridículo de sua atitude byroniana, guarneciam as paredes, onde os quatro haviam sido pendurados. As molduras pagas a mil francos cada uma harmonizavam-se muito bem com toda essa riqueza de café, que certamente faria um verdadeiro artista dar de ombros, com desdém.

O dinheiro nunca perdeu a menor oportunidade para se mostrar estúpido. Existiriam hoje dez Venezas em Paris se os negociantes aposentados tivessem tido aquele instinto das grandes coisas que distingue os italianos. Ainda em nosso tempo, um negociante milanês lega quinhentos mil francos ao Duomo para dourar a Virgem colossal que lhe orna a cúpula. Canova determina, em testamento, ao irmão, que construa uma igreja no valor de quatro milhões, e o irmão acrescenta a isso alguma coisa de sua parte. Um burguês de Paris (e todos têm no coração, como Rivet, amor à sua Paris) jamais pensaria em mandar colocar os campanários que faltam à Notre-Dame? Ora, computemos as somas recolhidas pelo Estado em sucessões sem herdeiros. Ter-se-iam concluído todas as obras de embelezamento de Paris com o preço das tolices de papelão, de massas douradas, de falsas esculturas a que indivíduos do gênero Crevel há quinze anos dão consumo.

Ao fim do salão encontrava-se um gabinete magnífico mobiliado com as mesas e armários em imitação de Boule.<sup>[89]</sup>

O quarto de dormir, todo em estilo persa, dava igualmente para a sala. O acaju, em toda a sua glória, infestava a sala de refeições, cujas paredes eram enfeitadas com vistas da Suíça, ricamente emolduradas. O velho Crevel, que sonhava fazer uma viagem à Suíça, fazia questão de possuir esse país em quadros, até o momento em que fosse vê-lo na realidade.

Crevel, antigo adjunto, condecorado, guarda nacional, tinha, como

se vê, reproduzido fielmente todas as grandezas, mesmo mobiliárias, de seu infortunado predecessor. Onde durante a Restauração este tombara, aquele, inteiramente esquecido, se erguera, não por um singular golpe do destino, mas por força das circunstâncias.

Nas revoluções, como nas tempestades marítimas, os valores sólidos submergem, mas as ondas conservam as coisas leves à flor d'água. César Birotteau, monarquista e governista, invejado, tornou-se o alvo da oposição burguesa, enquanto a triunfante burguesia se fazia representar pelo próprio Crevel.

Esta residência, de mil escudos de aluguel, que regurgitava de todas as belas coisas vulgares que se pode adquirir com o dinheiro, tomava todo o primeiro andar de um antigo palácio, entre o pátio e o jardim. Tudo aí se encontrava conservado como coleópteros em casa de um entomologista, porque Crevel pouco se demorava em casa.

Este “local” suntuoso constituía o domicílio legal do ambicioso burguês. Servido por uma cozinheira e um mordomo, tinha, além disso, dois empregados e fazia vir seu jantar de cerimônia da casa Chevet,<sup>[90]</sup> quando recebia amigos políticos, pessoas que desejava conquistar ou sua família. O centro da verdadeira existência de Crevel, outrora à Rue Notre-Dame de Lorette, em casa da srta. Heloísa Brisetout, transferira-se, como se viu, para a Rue Chauchat. Todas as manhãs, o “antigo negociante” (todos os burgueses retirados da atividade se intitulam “antigos negociantes”) passava duas horas na Rue des Saussayes para cuidar de seus negócios e destinava o resto do tempo a Zaíra,<sup>[91]</sup> o que muito aborrecia Zaíra. Orosmane Crevel tinha conta firme com a srta. Heloísa; ela o tornava feliz por quinhentos francos por mês, nem mais nem menos. Crevel pagava-lhe, ademais, o jantar e os *extras*. Esse contrato com brindes, porque ele dava muitos presentes, parecia econômico ao ex-amante da célebre cantora. A esse respeito, dizia ele aos negociantes viúvos, muitos ciosos de suas amantes, que mais valia ter cavalos alugados por mês que uma cavaliêça própria. Entretanto, se nos lembrarmos da confidência feita pelo porteiro da Rue Chauchat ao barão, Crevel não evitava nem o cocheiro nem o mordomo.

Como se vê, Crevel transformara seu amor excessivo pela filha em proveito de seus prazeres. A imoralidade de sua situação era justificada por razões de alta moral. Depois, o antigo perfumista dava a essa vida (vida necessária, vida descomposta, Regência, Pompadour, marechal de Richelieu etc.) um verniz de superioridade. Dava-se ares de homem de vistas largas, de grande proprietário muito modesto, de cavalheiro generoso, senhor de ideias largas, tudo à razão de cerca de mil e duzentos a mil e quinhentos francos por mês. Não se tratava de uma hipocrisia política, mas da validade burguesa, que, entretanto, levava ao mesmo resultado. Na Bolsa, Crevel passava por ser superior à sua época e, sobretudo, por um homem que sabia viver.

Neste particular, Crevel acreditava haver deixado o velho Birotteau a grande distância.

### XXX – CONTINUAÇÃO DO ANTERIOR

— Muito bem — exclamou Crevel, encolerizando-se ao ver a prima Bete —, é, então, a senhora quem deseja casar a srta. Hulot com um jovem conde, criado para ela com todo o cuidado?

— Parece que tal coisa o contraria! — respondeu Lisbeth fitando Crevel com um olhar penetrante. — Qual o seu interesse, então, em impedir que minha prima se case? Porque conseguiu desmanchar, segundo me disseram, o casamento dela com o filho do sr. Lebas...

— A senhorita é uma boa moça, muito discreta — continuou o velho Crevel. — Muito bem, pode acreditar-me que eu nunca perderei ao “senhor” Hulot o crime de ter-me roubado Josefa... sobretudo para fazer de uma criatura distinta (que eu terminaria desposando, quando mais velho) uma mulher frívola, uma aventureira, uma figurinha da Ópera... Não, não, nunca!

— Contudo, é um homem bom, o sr. Hulot — declarou a prima Bete.

— Amável, muito amável, extremamente amável! — continuou Crevel. — Não lhe quero mal; mas desejo tirar a minha desforra, e conseguirei isso. É a minha ideia fixa!

— Seria por causa desse desejo que não mais visitou a sra. Hulot?

— Talvez...

— Ah! O senhor cortejava minha prima? — indagou Lisbeth, sorrindo. — Já o suspeitava.

— E ela me tratou como a um cão; pior que isso, como a um laçao; diria mesmo, como a um preso político! Mas eu vencerei — disse, enquanto cerrava o punho e batia na testa.

— Pobre homem, seria horrível se encontrasse sua mulher em falta, depois de ter sido abandonado pela amante!...

— Josefa? — exclamou Crevel. — Josefa o deixou, o abandonou, o expulsou?... Bravo, Josefa! Josefa, tu me vingaste! Vou enviar-te um par de brincos de pérolas, meu bem!... Ignoro tudo isso, porque, depois de ter visto a senhora no dia seguinte ao em que a bela Adelina me pediu para, mais uma vez, ir vê-la, fui à casa dos Lebas, em Corbeil, donde acabo de regressar. Heloísa fez todo o possível para que eu fosse para o campo, e eu soube qual a razão de seus ardis: ela queria festejar, sem mim, a sua instalação na Rue Chauchat, com artistas, cabotinos, intelectuais... Fui ingênuo! Mas perdooarei tudo, porque Heloísa me diverte. É uma Déjazet<sup>[92]</sup> inédita. Como é engraçada! Aqui está o bilhete que encontrei ontem à noite:

Meu bom velho, eu levantei minha barraca à Rue Chauchat. Tomei a precaução de fazer com que meus amigos limpassem a cal das paredes. Tudo vai bem. Vem

Heloísa me contará as últimas notícias, porque ela conhece na intimidade toda a turma boêmia.

— Mas meu primo suportou bem esse desgosto — respondeu Lisbeth.

— Não é possível! — exclamou Crevel, detendo a sua marcha, que parecia o balanço de um pêndulo.

— O st. Hulot é de certa idade — observou maliciosamente Lisbeth.

— Eu o conheço — afirmou Crevel. — Mas nos assemelhamos, sob determinado aspecto! Hulot não poderá passar sem uma afeição. Ele é capaz de voltar para sua mulher. Seria uma novidade para ele, mas, adeus minha vingança. Está sorrindo, srta. Fischer?... Ah! Sabe de alguma coisa mais?...

— Estou rindo de suas ideias — respondeu Lisbeth. — Sim, minha prima ainda é muito bonita, capaz de inspirar paixões; eu a amaria se fosse homem.

— Quem bebeu, beberá sempre! — exclamou Crevel. — A senhora diverte-se comigo! O barão terá encontrado qualquer consolação.

Lisbeth inclinou a cabeça, fazendo um sinal afirmativo.

— Ah! Ele tem muita sorte em substituir Josefa, de um dia para o outro! — continuou Crevel. — Mas não me admiro disso, porque ele me dizia um dia, numa ceia, que, quando moço, para não se ver de repente desprevenido, tinha sempre três amantes: a que estava prestes a deixar, a dominante e aquela que procurava conquistar para o futuro. Ele devia ter, de serva, alguma *grisette* em seu viveiro, em seu *Parc-aux-cerfs*!<sup>[94]</sup> É bem Luís xv, o patife! Ah! Pode sentir-se feliz por ser um belo homem! Entretanto, já envelheceu, está marcado... Terá dado com uma operariazinha.

— Qual, não! — respondeu Lisbeth.

— Ah! — declarou Crevel. — Que não faria eu para impedi-lo de poder colocar o chapéu na cabeça! Era-me impossível roubar-lhe Josefa, porque as mulheres dessa espécie nunca retornam ao seu primeiro amor. Aliás, segundo dizem, o amor nunca volta. Mas, prima Bete, eu daria, quer dizer, eu gastaria cinquenta mil francos para arrebatá-la a esse belo homem sua amante e para provar-lhe que um velho gordo, de barriga de comandante de batalhão e cabeça de futuro prefeito de Paris, não deixa que lhe soprem a dama sem tomar a sua desforra...

— Minha situação — respondeu Bete — obriga-me a tudo ouvir e a não saber nada. Pode conversar comigo sem receio, porque eu nunca repito uma só palavra do que me confiam. Por que deseja o senhor que eu falte a este princípio de minha conduta? Ninguém mais teria confiança em mim.

— Bem o compreendo, considero-a a pérola das solteironas... Vejamos! Sempre há exceções. Aí está, seus parentes nunca lhe deram



renda alguma...

— Mas eu tenho o meu orgulho, não quero dar despesa a ninguém — declarou Bete.

— Ah! Se a senhorita quisesse ajudar a vingar-me, eu lhe daria uma renda vitalícia de dez mil francos. Diga-me, querida prima, diga-me qual é a substituta de Josefa, e terá com que pagar o seu aluguel, o seu pequeno almoço pela manhã, o bom café tão de seu agrado, poderá tomar moca puro... Hein? Ah! Como é bom, o moca puro!

— Prefiro a sua completa discrição aos dez mil francos, que me dariam perto de quinhentos francos de renda — disse Lisbeth —; porque, meu caro sr. Crevel, veja bem, o barão é muito bondoso para comigo, vai pagar o meu aluguel...

— Sim, durante muito tempo! Vá contando com isso! — exclamou Crevel. — Onde irá ele buscar o dinheiro?

— Ah! Não sei. No entanto, ele gasta mais de trinta mil francos com o apartamento destinado à jovem dama...

— Dama! Como então, seria uma mulher da sociedade? Bem feliz, o miserável! Tudo é para ele!

— Uma mulher casada, uma mulher honesta — continuou a prima.

— É verdade? — exclamou Crevel, arregalando os olhos, animados tanto pelo desejo quanto por esta expressão mágica: uma *mulher honesta*.

— É — respondeu Bete — talentosa, musicista, vinte e três anos, uma linda fisionomia cândida, pele de maravilhosa alvura, dentes de cão pequenino, olhos de estrelas, uma soberba fronte... E pés minúsculos, como iguais nunca vi, estreitos como as hastes de seu espartilho.

— E as orelhas? — indagou Crevel, vivamente excitado por essa encantadora descrição de sinais característicos.

— Orelhas modelares — respondeu ela.

— Mãos pequenas?...

— Numa palavra, é o que lhe digo: um encanto de mulher, e de uma honestidade, de um pudor, de uma delicadeza!... Uma bela alma, um anjo, a distinção em pessoa, porque é filha de um marechal de França...

— Um marechal da França! — exclamou Crevel, dando um salto prodigioso. — Meu Deus! Caramba! Com a breca! Com os diabos!... Ah! O patife! Desculpe-me, prima, fiquei fora de mim!... Eu daria cem mil francos, creio...

— Pois bem, sim! Digo-lhe que é uma mulher honesta, uma mulher virtuosa. O barão sabe fazer as coisas.

— Ele está sem dinheiro, garanto.

— Há um marido que ele fez subir...

— Para onde? — perguntou Crevel, com um sorriso amargo.

— Já nomeado subchefe, esse marido, que será, sem dúvida,

condescendente...já candidato à cruz.

— O governo devia tomar cuidado e respeitar aqueles que já condecorou, não prodigalizando assim a cruz — declarou Crevel, com um ar politicamente despeitado. — Mas que tem de extraordinário o traste desse velho barão? — continuou. — Parece-me que eu valho mais que ele — acrescentou, mirando-se a um espelho e endireitando-se. — Heloísa muitas vezes me disse, no instante em que as mulheres não mentem, que eu era admirável.

— Ah! — respondeu a prima —, as mulheres gostam dos homens gordos, quase todos são bons; e, entre o senhor e o barão, eu o escolheria. O sr. Hulot é espirituoso, bonito, amável; mas o senhor é forte, e, além disso, desculpe... o senhor parece ainda mais patife do que ele!

— É incrível como todas as mulheres, mesmo as devotas, amam as pessoas que têm esse ar! — exclamou Crevel, enquanto tomava Bete pela cintura, de tão contente.

— A dificuldade não é essa — continuou Bete. — Compreenda: uma mulher que encontra tantas vantagens não cometerá infidelidades para com seu protetor por bagatelas, e “isto” custaria mais de cento e tantos mil francos, porque a dama vê o marido chefe da repartição daqui a dois anos... É a miséria que impele este pobre anjo para o abismo.

Crevel atravessava a sala, de um lado para o outro, como furioso.

— Ele deve estar apaixonado por essa mulher? — indagou, ao fim de um instante, durante o qual seu desejo, fustigado por Lisbeth, se transformara numa espécie de ira.

— Calcule! — continuou Lisbeth. — Não creio ainda que ele tenha obtido isso! — declarou, fazendo estalar a unha do polegar contra uma das suas enormes palhetas brancas. — E já deu presentes no valor de dez mil francos!

— Oh! Que farsa! — exclamou Crevel. — Se eu chegasse antes dele!

— Meu Deus, eu não devia dizer-lhe estas coisas — declarou Lisbeth, fingindo experimentar um remorso.

— Não. Quero envergonhar sua família. Amanhã colocarei em seu nome uma soma que lhe dará uma renda de seiscentos francos, mas terá de me contar tudo: o nome, o endereço da Dulcineia. Posso confessar-lhe: nunca tive uma mulher honesta, e a minha maior ambição é conhecer uma assim. As huris de Maomé nada são se comparadas com o que eu imagino que sejam as mulheres finas. Enfim, é meu ideal, minha loucura, e de tal sorte que, pode acreditar, a baronesa Hulot nunca terá, para mim, cinquenta anos — disse, lembrando-se então de um dos espíritos mais requintados do século anterior. — Aqui está, minha boa Lisbeth, estou decidido a sacrificar cem, duzentos... Silêncio, aí vêm meus filhos, já atravessam o pátio. Nunca terei sabido de nada por seu intermédio; dou-lhe minha palavra

de honra, porque não quero que venha a perder a confiança do barão, muito ao contrário... Ele deve amar extraordinariamente essa mulher, o patife!

— Ah! Ele está louco! — disse a prima. — Não conseguiu arranjar quarenta mil francos para casar a filha, mas os conseguiu para a sua nova paixão.

— E acredita que ele é amado? — indagou Crevel.

— Com aquela idade?... — respondeu a solteirona.

— Como sou tolo! — exclamou Crevel. — Eu, que tolero um artista de Heloísa, exatamente como Henrique IV permitia que Bellegarde cortejasse Gabrielle.<sup>[95]</sup> Ah! A velhice! A velhice! Bom-dia, Celestina, bom-dia, minha joia; e o garoto? Ah! Ei-lo aqui! Palavra de honra, começa a ficar parecido comigo. Bom-dia, Hulot, meu amigo, como vai?... Logo mais teremos um casamento na família.

Celestina e o marido fizeram um sinal, indicando Lisbeth, e a jovem perguntou com um ar cínico ao pai:

— De quem é, então?

Crevel tomou a atitude como a dizer que sua indiscrição ia ser reparada:

— O casamento é de Hortênsia; mas não está ainda inteiramente acertado. Acabo de chegar da casa de Lebas, onde se falava da união da srta. Popinot com o nosso jovem conselheiro do Tribunal de Paris, que tanto desejaria tornar-se o primeiro-presidente da província. Vamos jantar.

### XXXI – ÚLTIMA TENTATIVA DE CALIBAN CONTRA ARIEL

Às sete horas, Lisbeth já regressava para casa, de ônibus, porque estava ansiosa por encontrar-se de novo com Venceslau, por quem era enganada havia uns vinte dias, e para quem levava um cestinho cheio de frutos arrumados pelo próprio Crevel, cujas atenções com sua prima Bete ele havia redobrado. Ela subiu em direção à mansarda com uma rapidez de fazer perder a respiração e encontrou o artista ocupado em terminar os ornamentos duma caixa que desejava oferecer à sua querida Hortênsia. O desenho da tampa representava hortênsias, com as quais os Amores brincavam. O pobre namorado, para pagar essa caixa, que devia ser de malaquita, fizera para Florent e Chanor dois tocheiros, duas obras-primas, cedendo-lhes o direito de propriedade.

— Você está trabalhando demasiado desde alguns dias, meu caro amigo — disse Lisbeth, limpando-lhe a fronte coberta de suor e beijando-o. — Semelhante atividade parece-me perigosa no mês de agosto. Com efeito, sua saúde pode ser prejudicada com isso... Olhe, aqui tem pêssegos e ameixas, trazidos da casa do sr. Crevel... Não se fatigue tanto, consegui um empréstimo de dois mil francos e, salvo se

acontecer alguma desgraça, poderemos saldá-lo se vender o seu pêndulo... Contudo, tenho algumas dúvidas em relação ao meu credor, porque ele acaba de enviar este documento selado.

Ela colocou a declaração da dívida sob o esboço do marechal Montcornet.

— Para quem está fazendo essas lindas coisas? — perguntou, tomando os ramos de hortênsias de cera vermelha que Venceslau pusera de parte para comer os frutos.

— Para um joalheiro.

— Que joalheiro?

— Não sei, foi Stidmann quem me pediu para “rendilhar” isto, porque ele está sem tempo.

— São hortênsias — declarou ela, com uma voz sombria. — Como se compreende que não tenha nunca trabalhado com cera para mim? Seria, então, assim tão difícil fazer uma adaga, um cofre, qualquer coisa, uma lembrança? — disse, dirigindo um olhar angustiado ao artista, que felizmente mantinha os olhos baixos. — E diz que me ama!

— E duvida disso, senhorita?

— Ah! Eis aí um “senhorita” bem expansivo!... Olhe, você tem sido meu único pensamento desde que o vi morrendo, ali... Quando o salvei, você se entregou a mim, eu nunca lhe falei desse compromisso, mas eu é que me comprometi comigo mesma! Disse de mim para mim: “Já que esse rapaz quer ser meu, quero torná-lo feliz e rico!”. Pois bem, consegui dar-lhe fortuna!

— Como? — indagou o pobre artista, no cúmulo da felicidade e demasiado ingênuo para suspeitar de uma cilada.

— Eis como — continuou a lorena.

Lisbeth não pode furtar-se ao selvagem prazer de observar Venceslau, que a contemplava com um amor filial, em que transbordava seu amor por Hortênsia, o que iludiu a solteirona. Percebendo, pela primeira vez na vida, as chamas da paixão nos olhos de um homem, ela pensou que as havia ateado.

— O sr. Crevel fará sociedade conosco, com um capital de cem mil francos, para fundar uma casa comercial, se você, disse ele, quiser casar comigo; tem umas ideias extravagantes, o gordo velhote... Que acha? — perguntou.

Pálido como um cadáver, o artista fitou sua benfeitora com um olhar mortiço, em que transparecia todo o seu pensamento. Ele se conservou boquiaberto e tonto.

— Nunca me disseram, de tal maneira, que eu era horivelmente feia! — continuou ela, com um riso amargo.

— Senhorita — respondeu Steinbock —, minha benfeitora nunca será feia para mim; consagro-lhe a mais viva afeição, mas não tenho ainda trinta anos, e...

— E eu tenho quarenta e três! — interrompeu Bete. — Minha prima Hulot, que tem quarenta e oito, ainda desperta paixões frenéticas; porém, ela é bela!

— Quinze anos de diferença entre nós, senhorita! Que casamento faríamos? Em nosso próprio benefício, creio que devemos refletir bem. Meu reconhecimento estará decerto à altura de sua bondade. Aliás, seu dinheiro será restituído dentro de poucos dias.

— Meu dinheiro! — exclamou ela. — Ah! Você me trata como se eu fosse um usurário sem coração.

— Perdão — continuou Venceslau —, mas tantas vezes me fala nisso... Enfim, você me criou, não deve destruir-me.

— Quer deixar-me, bem o vejo — disse ela, meneando a cabeça. — Quem, então, lhe insuflou a força da ingratidão, a você que é como um homem de papelão? Deixaria de ter confiança em mim, que sou sua protetora?... Eu, que tantas vezes passei a noite a trabalhar para você! Eu, que lhe entreguei as economias de toda a minha vida! Eu, que durante quatro anos dividia com você o meu pão, o pão duma pobre operária, e que lhe dava tudo, até minha coragem!

— Senhorita, basta! Basta! — interrompeu ele, caindo de joelhos e estendendo-lhe as mãos. — Nem mais uma palavra! Dentro de três dias, eu falarei, eu lhe direi tudo; deixe-me ser feliz — declarou, beijando-lhe as mãos —; eu amo e sou amado.

— Pois bem, sê feliz, meu filho — disse ela, ajudando-o a erguer-se.

Depois, ela beijou-lhe a testa e os cabelos, com o frenesi que deve sentir o condenado à morte ao gozar a sua derradeira manhã.

— Ah! A senhorita é a mais nobre, a melhor das criaturas, é igual àquela que eu amo — disse o pobre artista.

— Ainda o amo tanto que chego a temer pelo seu futuro — continuou ela, com um ar sombrio. — Judas enforcou-se. Todos os ingratos acabam mal! Se você me abandonar, não fará mais nada que valha a pena! Pense bem: sem nos casarmos, porque eu sou uma solteirona, bem o sei, e não desejo sufocar a flor de sua mocidade, sua poesia, como você o disse, em meus braços, que são como galhos secos de vinha; sem nos casarmos, não poderíamos continuar juntos? Ouça, eu tenho o senso do comércio, posso conseguir-lhe uma fortuna em dez anos de trabalho, porque eu sou a Economia; com uma mulher jovem, que será apenas despesa, gastará tudo, só trabalhará para torná-la feliz. A felicidade nada cria, a não ser recordações. Quando penso em você, conservo os braços pendentes durante horas inteiras... Pois bem, Venceslau, fica comigo... Bem, compreendo tudo: terás amantes, lindas mulheres iguais a essa pequena Marneffe que deseja ver-te e que te dará a felicidade que não podes encontrar comigo. Depois te casarás quando eu te houver arranjado trinta mil francos de renda.

— É um anjo, senhorita, e eu nunca esquecerei este momento —

respondeu Venceslau, enxugando as lágrimas.

— Eis aí como eu te quero, meu filho — disse ela, fitando-o apaixonadamente.

A vaidade em todos nós é tão forte que Lisbeth acreditou em seu triunfo. Fizera uma grande concessão, oferecendo a sra. Marneffe! Experimentou então a mais viva emoção de sua vida, sentiu pela primeira vez a alegria inundar-lhe o coração. Para ter, outra vez, uma hora igual, teria vendido a alma ao diabo.

— Estou comprometido — respondeu ele —, e amo uma mulher que nenhuma outra sobrepuja. Mas você é, e será sempre, a mãe que eu perdi.

Estas palavras foram como uma avalanche de neve sobre uma cratera em chamas. Lisbeth sentou-se, contemplou com um ar triste aquela mocidade, aquela beleza distinta, aquela testa de artista, aquela bonita cabeleira, tudo o que, no seu íntimo, despertava os instintos sufocados de mulher, e pequenas lágrimas, logo enxutas, umedeceram-lhe os olhos por um momento. Ela parecia uma daquelas estátuas esguias que os cinzeladores de imagens da Idade Média colocavam nos túmulos.

— Não te maldigo — disse ela, erguendo-se bruscamente —, não passas de uma criança. Que Deus te proteja!

Desceu e trancou-se no quarto.

“Esta pobre criatura me ama”, disse Venceslau, consigo mesmo. “Como foi eloquente! Ela é louca.”

Este último esforço da natureza seca e positiva, para guardar consigo a imagem da beleza, da poesia, fora tão violento que ele não pôde deixar de compará-lo à selvagem energia do naufrago ao fazer a derradeira tentativa para alcançar a margem.

## **XXXII – A VINGANÇA FALHADA**

No dia seguinte, às quatro horas e meia da madrugada, no momento em que se achava mergulhado em profundo sono, o conde Steinbock ouviu baterem à porta de sua mansarda; foi abri-la e viu entrarem dois homens malvestidos, acompanhados de um terceiro, cuja roupa denunciava um meirinho infeliz.

— É o sr. Venceslau, conde Steinbock? — perguntou este último.

— Sim, senhor.

— Chamo-me Grasset, senhor, sucessor do sr. Louchard, guarda do comércio...

— E então?

— O senhor está detido, deve acompanhar-nos até a prisão de Clichy... Queira vestir-se... Tivemos toda a consideração com o senhor, como verá: não chamei a Guarda Municipal, há um fiacre lá embaixo.

— O senhor está sendo tratado limpamente... — disse um dos beleguins. — Também contamos com a sua generosidade.

Steinbock vestiu-se, desceu a escada, entre os dois beleguins, que o agarravam pelo braço: quando tomou o fiacre, o cocheiro partiu sem esperar ordem, como homem que sabe para onde ir; ao fim de meia hora, o pobre estrangeiro se encontrava perfeita e devidamente preso, sem haver feito a menor reclamação, tamanha era a sua surpresa.

Às dez horas, foi chamado à secretaria da prisão, onde encontrou Lisbeth, que, desfeita em lágrimas, lhe deu dinheiro para que pudesse tratar-se bem e procurasse um quarto bastante espaçoso para trabalhar à vontade.

— Meu filho — exclamou ela —, não fale de sua prisão a ninguém, não escreva a vivalma; isto liquidaria seu futuro, é preciso ocultar esta mancha, logo conseguirei libertá-lo, vou juntar o dinheiro... Fique tranquilo. Escreva-me o que devo trazer-lhe para os seus trabalhos. Morrerei se não lhe der liberdade.

— Ah! Fico a dever-lhe a vida por duas vezes! — declarou ele. — Porque eu perderia mais que a vida, se me julgassem um indivíduo vicioso.

No íntimo, Lisbeth sentiu-se alegre; esperava poder, mantendo preso o seu artista, frustrar-lhe o casamento com Hortênsia, dizendo à prima que ele era casado, fora solto graças aos esforços de “sua mulher” e partira para a Rússia. Assim, para executar esse plano, foi à casa da baronesa, às três horas da tarde, embora não fosse o dia em que ali jantava habitualmente; mas queria ter o prazer de assistir ao martírio de sua jovem prima no momento em que Venceslau de costume aparecia.

— Vens jantar, Bete? — indagou a baronesa, ocultando certo desapontamento.

— Certamente.

— Está bem! — declarou Hortênsia. — Vou dar ordens para que sirvam à hora marcada, porque não gostas de esperar.

Hortênsia fez um sinal à mãe, para tranquilizá-la; porque seu intuito era dizer ao mordomo que não deixasse entrar o sr. Steinbock, quando ele chegasse; mas, como o mordomo houvesse saído, Hortênsia foi obrigada a fazer a recomendação à empregada, que foi ao seu quarto buscar um trabalho a fim de ficar na antessala.

— E meu namorado? — indagou a prima Bete a Hortênsia, quando ela voltou. — Não me falaste mais a respeito.

— A propósito, como vai ele? — perguntou Hortênsia. — Tornou-se célebre. Deves estar contente — acrescentou, falando ao ouvido da prima —; só se fala no sr. Venceslau Steinbock.

— Fala-se demasiado — respondeu ela, em voz alta. — Ele se perturba. Se se tratasse apenas de seduzi-lo, de maneira a levar vantagem sobre as atrações de Paris, estaria bem, porque conheço meu

poderio; mas dizem que, para conquistar semelhante artista, o imperador Nicolau o perdoou...

— Oh! — exclamou a baronesa.

— Como sabes disso? — perguntou Hortênsia, que sentiu um aperto no coração.

— Ora, uma pessoa a quem ele está ligado pelos mais sagrados laços, a esposa, escreveu-lhe ontem. Ele quer ir embora; ah! seria uma tolice deixar a França pela Rússia...

Hortênsia fitou a mãe, enquanto sua cabeça se inclinava para um lado; a baronesa mal teve tempo de sustentar a filha, que desmaiara, branca como a renda do seu xale.

— Lisbeth! Mataste minha filha! — exclamou a baronesa. — Vieste ao mundo para nossa desgraça!

— Ora, esta! Que culpa tenho eu no caso, Adelina? — perguntou a lorena erguendo-se e tomando uma atitude ameaçadora, à qual a baronesa, extremamente perturbada, não prestou a menor atenção.

— Enganei-me — respondeu Adelina, continuando a fitar Hortênsia. — Toca a campainha!

Nesse instante, a porta abriu-se, as duas mulheres voltaram a cabeça ao mesmo tempo e viram Venceslau Steinbock, para quem a cozinheira, na ausência da empregada, abrira a porta.

— Hortênsia! — exclamou o artista, que correu em direção ao grupo formado pelas três mulheres.

E beijou a namorada na testa, na presença da mãe, mas de maneira tão respeitosa que a baronesa não se incomodou. Era, contra o desmaio, um sal melhor que qualquer dos sais ingleses. Hortênsia abriu os olhos, viu Venceslau, e voltaram-lhe as cores. Um instante depois achava-se inteiramente refeita.

— Eis aí o que me ocultavas! — disse a prima Bete a Venceslau, sorrindo, e parecendo descobrir a verdade em virtude da confusão das duas primas. — Como é que me roubaste o namorado? — perguntou a Hortênsia, levando-a em direção ao jardim.

Hortênsia contou ingenuamente à prima o romance de seu amor.

Sua mãe e seu pai, persuadidos de que Bete não se casaria mais — disse —, haviam autorizado as visitas do conde Steinbock. Apenas Hortênsia, acentuando sua inocência, lançou à conta do acaso a aquisição do grupo e o aparecimento do autor, que, a seu ver, quisera conhecer o nome do seu primeiro comprador.

Steinbock logo se reuniu às duas primas, agradecendo efusivamente à solteirona a sua pronta libertação. Lisbeth respondeu num tom jesuítico, dizendo a Venceslau que, como o credor lhe fizera vagas promessas, só contava ir libertá-lo no dia seguinte, e, mais, que o mesmo credor envergonhado com aquela ignóbil perseguição naturalmente tomara aquela providência, precedendo-a. A solteirona



mostrou-se, aliás, satisfeita e felicitou Venceslau pela sua sorte.

— Que tolo! — disse-lhe, em presença de Hortênsia e sua mãe. Se, anteontem à noite, me houvesse confessado que amava minha prima Hortênsia e que era amado por ela, muitas lágrimas me teria poupado. Eu pensava que abandonava sua velha amiga, sua professora, quando, ao contrário, ia ser meu primo; doravante, ficará ligado a mim por laços fracos, é verdade, mas que satisfazem aos sentimentos que lhe dedico...

E beijou Venceslau na fronte. Hortênsia lançou-se aos braços da prima e desfez-se em lágrimas.

— Devo-te a minha felicidade — disse-lhe. — Nunca a esquecerei!...

— Prima Bete — declarou a baronesa, beijando Lisbeth no entusiasmo em que se encontrava, por ver as coisas correrem tão bem —, o barão e eu temos uma dívida para contigo, nós a saldaremos; vem conversar sobre o assunto no jardim — disse-lhe, levando-a consigo.

Lisbeth representou, pois, na aparência, o papel de anjo bom da família; via-se adorada por Crevel, Hulot, Adelina e Hortênsia.

— Queremos que não trabalhes mais — declarou a baronesa. — Supondo que possas ganhar quarenta francos por dia exceto aos domingos, serão uns seiscentos francos por ano. Pois bem, a quanto montam as tuas economias?

— Quatro mil e quinhentos francos.

— Pobre prima! — exclamou a baronesa.

Ergueu os olhos para o céu, sentindo-se muito comovida ao pensar em todas as dificuldades e privações que representava aquela soma, reunida em trinta anos.

Iludindo-se quanto ao sentido dessa exclamação, Lisbeth descobriu nela o desdém mordaz da prima rica, e seu ódio adquiriu uma dose formidável de fel, no momento em que Adelina punha de parte todos os ressentimentos em relação ao tirano de sua infância.

— Aumentaremos essa importância para dez mil e quinhentos francos — continuou Adelina —; poremos tudo em teu nome, como usufrutuária, e em nome de Hortênsia, como proprietária; terás, assim, seiscentos francos de renda...

Lisbeth pareceu atingir o cume da felicidade. Quando voltou, com o lenço nos olhos, procurando enxugar lágrimas de alegria, Hortênsia contou-lhe todos os favores que choviam sobre Venceslau, o querido de toda a família.

### XXXIII – COMO SE FAZEM MUITOS CONTRATOS DE CASAMENTO

No momento em que entrou, o barão encontrou, pois, toda a família reunida, porque a baronesa havia cumprimentado o conde Steinbock, chamando-o de filho, e fixado o casamento, na dependência da aprovação do marido, para daí a quinze dias. Também logo que entrou

no salão, o conselheiro de Estado foi cercado pela esposa e pela filha, que correram ao seu encontro, uma para falar-lhe ao ouvido e outra para beijá-lo.

— A senhora foi demasiado longe empenhando assim minha palavra — declarou gravemente o barão. — Este casamento não se realizou ainda — disse, lançando um olhar em direção a Steinbock, que viu empalidecer.

O infeliz artista pensou: “Ele sabe de minha prisão”.

— Venham aqui, meus filhos — acrescentou o pai, conduzindo para o jardim a filha e o noivo.

E foi sentar-se com eles num dos bancos do quiosque, coberto de musgo.

— Senhor conde, ama tanto minha filha quanto eu amei a mãe dela? — perguntou o barão a Venceslau.

— Mais ainda, senhor — declarou o artista.

— A mãe era filha dum camponês e não tinha dinheiro, nem um *liard*.<sup>[96]</sup>

— Conceda-me a srta. Hortênsia tal como está, mesmo sem enxoval...

— Eu o acredito! — prosseguiu o barão, sorrindo. — Hortênsia é filha do barão Hulot d’Ervy, conselheiro de Estado, diretor do Ministério da Guerra, grande oficial da Legião de Honra, irmão do conde Hulot, cuja glória é imortal e que, dentro em breve, será marechal de França. E... ela tem um dote!

— É verdade — disse o artista enamorado. — Parece que sou movido pela ambição; mas, fosse minha querida Hortênsia filha de um operário, e eu a desposaria...

— Era isto que eu desejava saber — prosseguiu o barão. — Volta, Hortênsia, deixa-me conversar com o senhor conde. Já sabes que ele te ama sinceramente.

— Ah, meu pai, bem sabia que estavas a gracejar — declarou a feliz donzela.

— Meu caro Steinbock — disse o barão, com infinita graça de dicção e grande encanto de maneiras, logo que se viu a sós com o artista. — Concedi ao meu filho duzentos mil francos de dote, dos quais o pobre rapaz não retirou nem dois *liards* e dos quais nunca terá nada. O de minha filha será de duzentos mil francos que o senhor reconhecerá ter recebido...

— Sim, senhor barão...

— Não se apresse — interrompeu o conselheiro de Estado. — Queira ouvir-me. Não se pode exigir de um genro o devotamento que se tem de esperar de um filho. Meu filho sabia tudo o que eu podia fazer e o que farei por seu futuro; ele será ministro e facilmente obterá os seus duzentos mil francos. Quanto ao senhor, meu jovem, a coisa é outra! O

senhor receberá sessenta mil francos num título que renderá cinco por cento, em nome de sua mulher. Essa importância será onerada de uma pequena renda destinada a Lisbeth, mas ela não viverá por muito tempo, está tísica, bem o sei. Não revele este segredo a ninguém; que a pobre morra em paz. Minha filha terá um enxoval de vinte mil francos; a mãe juntará a isso uns seis mil francos em diamantes...

— O senhor me perturba!... — gaguejou Steinbock, surpreso.

— Quanto aos cento e vinte mil francos restantes...

— Basta, senhor — interrompeu o artista —, só desejo minha querida Hortênsia.

— Quer ouvir-me, ardoroso jovem? Quanto aos cento e vinte mil francos, não os possuo; mas o senhor os receberá...

— Senhor...

— O senhor os receberá do governo, em encomendas que eu obterei para o senhor, dou-lhe minha palavra de honra. Comoverá, vai ter um ateliê no Depósito de mármore. Exponha algumas belas estátuas e eu o farei entrar para o Instituto. Somos benevolmente considerados nas altas esferas, meu irmão e eu; espero, portanto, conseguir para o senhor, a meu pedido, trabalhos de escultura em Versalhes por um quarto da importância. Enfim, o senhor receberá algumas encomendas da cidade de Paris, até da Câmara dos Pares; terá tantas, tantas, meu caro, que será obrigado a ter ajudantes. É assim que eu saldarei minha dívida. Veja se o dote pago dessa maneira lhe convém, consulte suas forças...

— Sinto-me bastante forte para fazer, sozinho, a fortuna de minha mulher, se tudo isso me faltasse! — declarou o nobre artista.

— Isso me agrada! — exclamou o barão. — A bela mocidade nada teme! Por uma mulher eu teria destroçado exércitos! Vamos! — disse, tomando a mão do jovem escultor e apertando-a. — O senhor tem o meu consentimento. No próximo domingo, o contrato, e no domingo seguinte, a cerimônia ao altar, porque é o dia de aniversário de minha mulher!

— Tudo vai indo bem — declarou a baronesa à filha, que se encontrava à janela. — Teu pai e teu noivo se abraçam.

Voltando para casa, à noite, Venceslau teve a explicação do enigma que sua libertação apresentava; o porteiro entregou-lhe um grande pacote selado que continha os documentos relativos à sua dívida, entre os quais o de quitação regular, redigido segundo as fórmulas legais e acompanhado da seguinte carta:

Meu caro Venceslau:

Vim ver-te esta manhã, às dez horas, para te apresentar a uma alteza real que desejava conhecer-te. Aqui soube que os ingleses te haviam levado para uma de suas pequenas ilhas cuja capital se chama “Clichy’s Castle”. Imediatamente fui ver Leão de Lora, a quem disse, rindo, que não podias abandonar o campo onde te

encontravas por falta de quatro mil francos e que ias comprometer teu próprio futuro se não te apresentasses a teu real protetor. Bridau, homem de gênio que conheceu a miséria e conhece tua história, por acaso se encontrava lá.<sup>[97]</sup> Meu filho, eles dois completaram a importância, e eu fui pagar, em teu nome, ao beduíno que cometeu um crime de lesa-gênio ao mandar-te prender. Como eu devia estar nas Tuileries ao meio-dia, não pude ver-te aspirando o ar livre. Sei que és um cavalheiro, responsabilizei-me por ti junto a meus dois amigos; mas vai visitá-los amanhã.

Leão e Bridau não quererão receber teu dinheiro; cada um deles te pedirá um grupo, e com razão.

É o que pensa aquele que desejava poder dizer-se teu rival e que é apenas teu camarada,

STIDMANN

P.S. — Eu disse ao príncipe que só regressarias de tua viagem amanhã, ele concordou: “Está bem, amanhã!”.

O conde Venceslau deitou-se entre os lençóis de púrpura que, sem uma prega, nos oferece o Favor, esta celeste divindade que para as pessoas de gênio marcha mais lentamente ainda que a Justiça e a Fortuna, porque Júpiter quis que ela não tivesse venda sobre os olhos. Facilmente enganada pelos mostruários dos charlatães, atraída por seus trajes e cornetas, ela gasta, a ver e pagar suas exposições, o tempo durante o qual deveria procurar os indivíduos de mérito, nos lugares onde eles se ocultam.

Agora, é necessário explicar como o sr. barão Hulot chegara a agrupar as cifras do dote de Hortênsia e a satisfazer as despesas assustadoras com o delicioso apartamento onde deveria instalar-se a sra. Marneffe. Sua concepção financeira tinha o cunho do talento que inspira os dissipadores e os apaixonados para os abismos, onde tantos acidentes os fazem perecer. Nada demonstrará melhor o singular poder que os vícios comunicam e ao qual se devem os grandes esforços que, de tempos em tempos, realizam os ambiciosos, os voluptuosos, enfim, todos os vassallos do diabo.

#### **XXXIV – UM MAGNÍFICO EXEMPLAR DE SECTÁRIO**

Na manhã do dia anterior, um velho, Johann Fischer, por não ter pago a importância de trinta mil francos, embolsados pelo seu sobrinho, via-se na contingência de declarar-se em falência, caso o barão não lhos entregasse.

O digno velho, de cabelos brancos, setenta anos, tinha tão cega confiança em Hulot — que era, para esse bonapartista, uma emanção do sol napoleônico — que passeava tranquilamente com o rapaz do Banco na antessala do andar térreo, alugado por oitocentos francos, onde ele dirigia os seus diversos negócios de grãos e forragens.

— Margarida foi buscar o dinheiro a dois passos daqui — dizia.

O homem de cinza, agaloado de prata, conhecia tão bem a probidade do velho alsaciano que queria deixar-lhe seus trinta mil francos em notas; mas o velho forçou-o a ficar, objetando-lhe que ainda não eram oito horas. Uma carruagem parou, o velho lançou-se em direção à rua e, com uma sublime segurança, estendeu a mão ao barão, que lhe entregou trinta notas do banco.

— Vá um pouco adiante, depois lhe direi por quê — disse o velho Fischer. — Eis aqui, jovem — declarou, voltando a contar o dinheiro para o representante do Banco.

A seguir, levou-o até a porta.

Quando o homem do Banco desapareceu, Fischer fez voltar a carruagem, onde se encontrava seu augusto sobrinho, o braço direito de Napoleão, e disse-lhe, trazendo-o para casa:

— Quer que saibam no Banco de França que me entregou os trinta mil francos de que é o endossante? Já é bastante ter ali a assinatura de um homem como você!

— Vamos para o fundo do seu jardim, tio Fischer — disse o alto funcionário. — O senhor está bem-disposto — continuou, sentando-se sob um caramanchão de vinha e medindo o velho como um negociante de carne humana mede um substituto.<sup>[98]</sup>

— Disposto a aceitar rendas vitalícias — respondeu alegremente o velhinho mirrado, magro, nervoso e de olho vivo.

— O calor lhe faz mal?

— Ao contrário.

— Que diz da África?

— Um belo país! Os franceses foram até lá com o pequeno caporal.

[99]

— Trata-se, para nos salvar a todos — disse o barão —, de uma viagem à Argélia.

— E meus negócios?

— Um empregado do ministério, que vai aposentar-se e não tem de que viver, compra a sua casa de comércio.

— Que fazer na Argélia?

— Fornecer os víveres da guerra, grãos e forragens; tenho sua designação assinada. O senhor encontrará suas mercadorias naquele país a preço setenta por cento abaixo do que lhe creditaremos.

— Quem as entregará a mim?

— As razias, o *achur*,<sup>[100]</sup> os califas. Na Argélia (país ainda pouco conhecido, embora ali estejamos há oito anos) há enorme quantidade de grãos e forragens. Ora, quando esses víveres pertencem aos árabes, nós os tomamos a eles sob inúmeros pretextos; depois, quando os víveres são nossos, os árabes fazem tudo para retomá-los. Luta-se bastante pelas sementes; mas nunca se sabe ao certo a quantidade que se rouba de parte a parte. Não se tem tempo, em campanha, para contar

o trigo por hectolitro como no Mercado e o feno como na Rue d'Enfer. Os chefes árabes, tanto quanto os nossos *spahis*,<sup>[101]</sup> que preferem o dinheiro, vendem então seus gêneros a preços muito baixos. A Administração da guerra tem necessidades determinadas, passando ao mercado preços exorbitantes, calculados com base na dificuldade de encontrar víveres, nos perigos que correm os transportes. Eis a Argélia do ponto de vista do abastecimento. É uma embrulhada temperada com a garrafa de tinta de toda administração nascente. Não podemos ver claro nisso tudo antes de uns dez anos, nós os administradores, mas os particulares têm bons olhos. Portanto, eu o encaminho para lá, a fim de fazer seus negócios; coloco-o lá como Napoleão colocava um marechal pobre à testa de um reino onde se podia secretamente proteger o contrabando. Eu estou arruinado, meu caro Fischer. Preciso de cem mil francos dentro de um ano...

— Não há nada de mal em tomá-los aos beduínos — replicou tranquilamente o alsaciano. — Fazia-se isso no tempo do Império...

— O candidato à compra de seu estabelecimento virá vê-lo esta manhã e lhe entregará dez mil francos — continuou o barão Hulot. — Não é o suficiente para a viagem à África?

O velho fez um sinal de assentimento.

— Quanto aos fundos, fique tranquilo — acrescentou o barão. — Receberei o resto do valor do seu estabelecimento, tenho necessidade disso.

— Tudo é seu, mesmo o meu sangue — declarou o velho.

— Oh! Não tenha qualquer receio — adiantou o barão, julgando o tio mais perspicaz do que era na verdade — quanto aos nossos negócios de *achur*, a sua honestidade não será envolvida; tudo depende da autoridade; ora, eu é que coloquei lá a autoridade, tenho confiança nela. Isto é um segredo de vida e de morte, meu velho Fischer; eu o conheço, por isso falei sem reboços nem circunlóquios.

— Irei — disse o velho. — E isso quanto tempo durará?

— Dois anos. Terá cem mil francos para viver feliz nos Vosges.

— Será como quer, minha honra é a sua — declarou tranquilamente o velhinho.

— Eis aí como eu gosto dos homens. Entretanto, não partirá sem ter visto sua sobrinha feliz e casada; ela será condessa.

O *achur*, a razia das razias e o preço dado pelo empregado para a casa Fischer não podiam fornecer imediatamente sessenta mil francos para o dote de Hortênsia, inclusive o enxoval, que custaria cerca de cinco mil francos, e os quarenta mil francos despendidos ou a despende com a sra. Marneffe.

Enfim, onde o barão conseguira os trinta mil francos que acabava de trazer? Eis como. Alguns dias antes, Hulot fizera em duas companhias um seguro de vida por três anos, na importância de cento e cinquenta

mil francos. Munido da apólice do seguro, teve a seguinte conversa com o sr. barão de Nucingen, par de França, na carruagem em que se encontrava, ao sair de uma sessão na Câmara dos Pares, quando voltava para jantar em casa.

— Barão, preciso de setenta mil francos e venho pedi-los. O senhor arranja um testa de ferro, a quem eu hipotecarei, por três anos, a parte penhorável de meu ordenado. Essa parte é de vinte e cinco mil francos por ano, indo a um total de setenta e cinco mil francos. O senhor objetará: “O senhor pode morrer”.

O barão fez um sinal de assentimento.

— Aqui está uma apólice de seguro de cento e cinquenta mil francos que lhe será transferida até a concorrência de oitenta mil francos — respondeu o barão, tirando um papel do bolso.

— *E ze o zenior for testituito?* — indagou, rindo, o barão milionário.

O outro barão, antimilionário, ficou inquieto.

— *Tranquilize-se, só lie fiz opxeçon para fazê-lo notar que tenio mérito em oferecer-lie essa importância. O zinior teve estar muito emparaçato, pois o Banco tem a zua assinatura.*

— Vou casar minha filha — declarou o barão Hulot —, e não tenho dinheiro, como todos os que continuam a trabalhar na administração, numa época ingrata em que quinhentos burgueses sentados em poltronas nunca saberão apreciar os indivíduos devotados como o fazia o Imperador.

— *Ora, você teve Xozefa* — replicou o par de França —, *o que explica tuto! Aqui entre nós, o tuque te Hérouville prestou-lie um pelo serviço ao tirar essa sanguessuga de cima te sua polsa. “Conieci esse infortúnio e zei compatecer-me tele”*<sup>[102]</sup> — acrescentou, julgando citar um verso. — *Ouçã um canselia te amico: acape com os zeus necócios, to contrário zerà testituito.*

Essa transação vergonhosa foi feita com a intervenção de um pequeno usurário chamado Vauvinet, um desses intrigantes que precedem os grandes estabelecimentos bancários como o pequeno peixe que parece ser o criado do tubarão. Esse aprendiz de capitalista, que se mostrava desejoso de obter a proteção de um grande personagem, prometeu ao barão Hulot que lhe arranjaria trinta mil francos de cambiais, a noventa dias, comprometendo-se a renová-las quatro vezes e não as por em circulação.

O sucessor de Fischer devia dar quarenta mil francos para obter a casa, mas com a promessa do fornecimento de forragens num departamento vizinho de Paris.

Tal era o dédalo espantoso em que as paixões envolveram um dos homens mais honestos até então, um dos mais hábeis trabalhadores da administração napoleônica: a concussão para pagar a dívida, a dívida para atender às suas paixões e para casar a filha. Nesta ciência de

prodigalidade, todos os esforços eram empregados para parecer grande perante a sra. Marneffe, para ser o Júpiter dessa Danae burguesa. Não se empregam mais atividade, mais inteligência, mais audácia para honestamente conseguir fortuna, do que o barão empregava para mergulhar de ponta-cabeça num vespeiro: atendia aos trabalhos de sua divisão, fazia pressão sobre os decoradores, via os operários, verificava minuciosamente os menores detalhes do lar da Rue Vaneau. Inteiramente entregue à sra. Marneffe, ainda ia às sessões das Câmaras, multiplicava-se, e nem sua família, nem ninguém, percebia suas preocupações.

**XXXV – NO QUAL O FINAL DOS ROMANCES ORDINÁRIOS SE ENCONTRA NO MEIO DESTA HISTÓRIA BEM VERÍDICA, BASTANTE ANACREÔNTICA E TERRIVELMENTE MORAL**

Surpresa por saber seu tio salvo, por ver um dote figurando no contrato, Adelina experimentava uma espécie de inquietação em meio à felicidade que lhe causava o casamento de Hortênsia, assentado em condições tão honrosas; mas, na véspera do casamento da filha, marcado pelo barão para coincidir com o dia em que a sra. Marneffe entrava na posse do seu apartamento da Rue Vaneau, Heitor fez cessar o espanto da mulher com esta comunicação ministerial:

— Adelina, eis nossa filha casada; assim, terminaram todas as nossas angústias a esse respeito. Para nós chegou o momento de nos retirarmos das rodas sociais; porque agora ficarei apenas três anos no meu lugar, completando o tempo necessário à reforma. Por que continuaríamos a fazer agora despesas inúteis? Nosso apartamento nos custa seis mil francos de aluguel, temos quatro empregados e comemos trinta mil francos por ano. Se queres que eu atenda aos meus compromissos, já que eu empenhei meus ordenados por três anos para a obtenção da importância necessária ao casamento de Hortênsia e à liquidação do débito de teu tio...

— Ah! Fizeste muito bem, meu caro — disse ela, interrompendo o marido e beijando-lhe as mãos.

Esta confissão punha fim aos receios de Adelina.

— Tenho de pedir-te alguns pequenos sacrifícios — continuou ele, libertando suas mãos e depositando um beijo na fronte da esposa. — Há na Rue Plumet, num primeiro andar, um lindo apartamento, decente, ornado de magníficos lambris, e que custa apenas mil e quinhentos francos, no qual só terás necessidade de uma criada-grave e eu de um empregado.

— Sim, meu caro.

— Mantendo nossa casa com simplicidade, embora conservando as aparências, não despenderás mais de seis mil francos por ano, afora



minha despesa particular, de que eu me encarrego...

A generosa mulher, muito satisfeita, lançou os braços em torno do pescoço do marido.

— Que felicidade poder mostrar-te de novo quanto te amo! — exclamou. — E que homem de recursos és tu!...

— Receberemos nossa família uma vez por semana. Como sabes, raramente janto em casa... Sem te comprometeres podes ir jantar duas vezes por semana em casa de Vitorino e duas vezes em casa de Hortênsia; além disso, como creio conseguir uma completa reconciliação nossa com Crevel, jantaremos uma vez por semana em casa dele; esses cinco jantares e o nosso encherão a semana, havendo a hipótese de alguns convites de pessoas desconhecidas.

— Eu farei economias — declarou Adelina.

— Ah! — exclamou ele. — És a pérola das mulheres.

— Meu bom e divino Heitor, eu te abençoarei até o último suspiro, porque conseguiste para a nossa querida Hortênsia um bom casamento.

Foi assim que começou a decadência da casa da bela sra. Hulot e, acrescentemos, o seu abandono por parte do barão, conforme ele prometera solenemente à sra. Marneffe.

O gordo e baixo Crevel, naturalmente convidado para a assinatura do contrato de casamento, agiu como se a cena com que esta narrativa começa não se houvesse verificado, como se não tivesse nenhum motivo de queixa contra o barão Hulot. Celestino Crevel mostrou-se amável; conservou-se sempre um pouco o antigo perfumista, mas já começava a tornar-se majestoso em virtude de ser chefe de batalhão. Falou até em dançar no dia do casamento.

— Minha bela senhora — disse graciosamente à baronesa Hulot —, gente como nós sabe esquecer tudo: não me afaste de sua convivência e queira embelezar, de vez em quando, a minha casa, visitando-me em companhia de seus filhos. Esteja tranquila, nunca mais lhe direi o que guardo no fundo do coração. Procedi como um imbecil, porque perderia muito se não a visse mais...

— Senhor, uma mulher honesta não dá ouvidos a discursos como aquele a que alude; e se o senhor cumpre a sua palavra, pode ficar certo de que terei o maior prazer em desfazer a divisão, sempre aflitiva numa família...

— Então, grande cabeçudo — disse o barão Hulot, arrastando Crevel para o jardim —, tu me evitas por toda a parte, mesmo em minha casa. Será que dois velhos amadores do belo sexo devem ficar zangados por causa de uma mulher? Ora, isso seria excessivamente pequeno-burguês.

— Senhor, não sou um homem tão simpático quanto o senhor, e os meus poucos recursos de sedução me impedem de reparar as minhas

perdas tão facilmente quanto vossa senhoria...

— Ironia! — respondeu o barão.

— A ironia é permitida ao vencido contra os vencedores.

Iniciada nesse tom, a conversa terminou por uma completa reconciliação; Crevel, porém, fez questão de reservar-se o direito de vingança.

A sra. Marneffe quis ser convidada para o casamento da srta. Hulot. Para ver a futura amante em seus salões, o conselheiro de Estado foi obrigado a convidar os empregados de sua divisão, inclusive os subchefes. Tornou-se então necessário realizar um grande baile. Como boa dona de casa, a baronesa calculou que uma recepção custaria menos que um jantar e lhe permitiria ainda receber mais gente. Assim sendo, o casamento de Hortênsia teve grande repercussão.

O marechal príncipe de Wissemburgo e o barão de Nucingen, por parte da noiva, e os condes de Rastignac e Popinot, por parte de Steinbock, foram as testemunhas. Afinal, por força de sua celebridade, o conde Steinbock estava sendo procurado pelos mais ilustres membros da emigração polonesa, e por isso o artista se julgou no dever de convidá-los. O Conselho de Estado, a Administração, de que o barão fazia parte, o Exército, que desejava homenagear o conde de Pforzheim, iam ser representados pelas suas figuras mais expressivas. Chegaram a duzentos os convites obrigatórios. Quem não compreenderá, então, o interesse da pequena sra. Marneffe em aparecer, no esplendor da glória, em meio a semelhante recepção?

Um mês antes, a baronesa destinou o produto de seus diamantes ao casamento da filha, depois de ter reservado os mais bonitos para o enxoval. A venda rendeu quinze mil francos, dos quais cinco mil foram absorvidos pelo enxoval de Hortênsia. Que eram dez mil francos para mobiliar o apartamento dos noivos, quando se pensa nas exigências do luxo moderno? Mas o jovem casal Hulot, o velho Crevel e o conde de Pforzheim ofereceram importantes presentes, porque o velho tio tinha em reserva uma importância para a baixela. Graças a tantos recursos, uma parisiense exigente ficaria satisfeita com a instalação do seu lar no apartamento que ele escolhera, na Rue Saint-Dominique, perto da esplanada dos Invalides. Tudo aí estava em harmonia com o amor dos dois jovens, amor puro, franco e sincero de parte a parte.

Afinal, o grande dia chegou, porque devia ser um grande dia tanto para o pai como para Hortênsia e Venceslau: a sra. Marneffe resolvera inaugurar seu novo apartamento no dia seguinte ao da sua queda e do casamento dos dois namorados.

Quem não assistiu, pelo menos uma vez na vida, a um baile de casamento? Todos podem recorrer às suas reminiscências e sorrirão, por certo, ao lembrar-se dos tipos endomingados, tanto na fisionomia como no traje a rigor. Se há um fato social que experimenta a influência

dos meios, não é esse? Com efeito, o “endomingamento” de uns influencia tanto os outros, que pessoas habituadas aos trajes adequados têm o ar de pertencer à categoria daqueles para quem o casamento é uma festa única em sua vida. Enfim, lembrai-vos dos indivíduos graves, dos velhos para quem tudo é tão igualmente indiferente que conservaram seus trajes escuros de todos os dias; e dos velhos casados, cuja fisionomia reflete a triste experiência da vida que os jovens iniciam; e dos prazeres, que ali representam o papel de gás ácido carbônico na champanhe; e das moças invejosas, das mulheres preocupadas com o sucesso de seus vestidos; e dos parentes pobres, cujos trajes modestos contrastam com os das pessoas *in fiocchi*,<sup>[103]</sup> e dos gulosos que só pensam em comer; e dos jogadores que só pensam em jogar. Todos aí estão, ricos e pobres, invejosos e invejados, filósofos e sonhadores, todos agrupados, como folhas de um ramalhete, em torno de uma flor rara — a noiva. Um baile de núpcias é o mundo em resumo.

#### XXXVI – AS DUAS RECÉM-CASADAS

No momento de maior animação, Crevel tomou o barão pelo braço e disse-lhe ao ouvido, com o ar mais natural deste mundo:

— Por Deus! Que linda mulher aquela, de vestido rosa, que te fuzila com o olhar!

— Quem?

— A mulher daquele subchefe que proteges, sabe Deus como: a sra. Marneffe.

— Como sabes disso?

— Olha, Hulot, esquecerei tudo o que fizeste comigo se me apresentares à sra. Marneffe; e ainda te receberei em casa de Heloísa. Todo o mundo pergunta quem é essa encantadora criatura. Tens certeza de que ninguém, na tua repartição, explicará a maneira pela qual o marido dela foi nomeado?... Ah! Feliz maroto, ela vale mais que uma repartição... Ah! Eu passaria bem na sua repartição... Ora, sejamos amigos, Cinna!<sup>[104]</sup>

— Mais do que nunca — disse o barão ao perfumista. — Prometo ser generoso. Dentro de um mês, eu te levarei para jantar com aquele anjinho... Porque nós somos pelos anjos, meu velho camarada. Aconselho-te a fazer como eu, a renunciar aos demônios...

A prima Bete, instalada na Rue Vaneau, num pequeno e lindo apartamento, no terceiro andar, deixou o baile às dez horas, para voltar a ver os títulos dos mil e duzentos francos de renda em duas inscrições; a nua propriedade de uma pertencia à condessa Steinbock e a outra à jovem sra. Hulot. Compreende-se então como o sr. Crevel pudera falar ao seu amigo Hulot a respeito da sra. Marneffe e conhecer um mistério

que todo o mundo ignorava; porque, ausente o sr. Marneffe, eram a prima Bete, o barão e Valéria os únicos que conheciam esse mistério.

O barão cometera a imprudência de presentear a sra. Marneffe com um vestido demasiado luxuoso para a mulher de um subchefe; as outras mulheres mostraram-se invejosas, tanto do vestido quanto da beleza de Valéria. Houve murmúrios por trás dos leques, porque as aperturas dos Marneffe não eram desconhecidas na repartição; o funcionário pedia auxílios no momento em que o barão se enamorava de sua esposa. Aliás, Heitor não soube ocultar a sua vaidade ao ver o sucesso de Valéria, que, decente, plena de distinção, invejada, se submetia àquele atento exame que as mulheres tanto receiam quando penetram pela primeira vez num mundo novo.

Depois de ter posto sua mulher, a filha e o genro num carro, o barão encontrou meio de evadir-se sem ser percebido, confiando ao filho e à nora a tarefa de donos da casa. Subindo para o carro da sra. Marneffe, reconduziu-a à sua casa. Mas sentiu que ela se conservava muda e sonhadora, quase melancólica.

— Minha felicidade a torna bem triste, Valéria — disse-lhe, puxando-a de encontro a si, no fundo da carruagem.

— Então, meu amigo, não quer que uma pobre mulher se mostre pensativa ao cometer sua primeira falta, mesmo quando a infâmia do marido lhe concede a liberdade? Pensa que não tenho alma nem crença nem religião? Você revelou esta noite a alegria mais indiscreta, enquanto me exibia odiosamente aos outros. De fato, um colegial teria sido menos imprudente que você. Por isso, todas as mulheres me alvejaram com os seus olhares e palavras picantes! Quem de nós não vela pela sua reputação? Você me prejudicou. Ah! Eu sou toda sua, está certo, e para me redimir de minha falta só tenho um recurso: ser fiel a você... Monstro! — disse ela rindo e deixando-se beijar. — Você bem sabia o que estava fazendo. A sra. Coquet, a mulher do chefe da nossa repartição, veio sentar-se perto de mim para admirar minhas rendas. “São da Inglaterra?”, perguntou-me. “Custou caro, senhora?” E eu respondi: “Não sei. Essas rendas foram de minha mãe, não sou bastante rica para comprar rendas assim!”.

Como se vê, a sra. Marneffe fascinara de tal forma o velho galã do Império que ele acreditava tê-la feito cometer sua primeira falta e ter-lhe inspirado tal paixão para fazê-la esquecer todos os seus deveres. Ela dizia ter sido abandonada pelo infame Marneffe três dias depois de casada, e por motivos espantosos. Em seguida, conservara-se a moça mais honesta e muito feliz com isso, porque o casamento lhe parecia uma coisa horrível. Daí a sua tristeza de então.

— Ai de mim, se o amor for como o casamento!... — dizia ela, chorando.

Essas mentiras graciosas, de que lançam mão quase todas as

mulheres na situação em que se encontrava Valéria, faziam o barão entrever as rosas do sétimo céu. Foi assim que Valéria criou dificuldades, enquanto o amoroso artista e Hortênsia esperavam, talvez impacientemente, que a baronesa desse a última bênção e o último beijo, em sua filha.

Às sete horas da manhã, o barão, no auge da felicidade, por ter encontrado em Valéria a moça mais inocente e o diabo mais perfeito, voltou para livrar o jovem casal Hulot de sua faina. Dançarinos e dançarinas, quase desconhecidos na casa, e que acabam por dominar o terreno em todos os casamentos, entregavam-se às últimas e intermináveis contradanças, chamadas *cotillons*; os jogadores de *bouillotte* estavam firmes em suas mesas, o velho Crevel ganhando seis mil francos.

Os jornais, entregues pelos distribuidores, inseriam na seção social esta pequena notícia:

A celebração do casamento do sr. conde de Steinbock com a srta. Hortênsia Hulot, filha do barão Hulot d'Ervy, conselheiro de Estado e diretor do Ministério da Guerra, sobrinha do ilustre conde de Pforzheim, realizou-se esta manhã na Saint-Thomas d'Aquin. A solenidade foi muito concorrida. No seio da assistência foram notadas algumas de nossas celebridades artísticas: Leão de Lora, José Bridau, Stidmann, Bixiou; membros ilustres da Administração da Guerra, do Conselho de Estado, e vários membros das duas Câmaras, bem como figuras destacadas da emigração polonesa, os condes Paz, Laginski etc.

O sr. conde Venceslau Steinbock é neto do famoso general de Carlos XII, rei da Suécia. O jovem conde, que tomou parte na insurreição polonesa, veio procurar asilo na França, onde a justa fama de seu talento lhe valeu o título de naturalização.

Assim, apesar da tremenda situação financeira do barão Hulot d'Ervy, nada faltou de tudo o que exige a opinião pública, nem mesmo a repercussão dada pelos jornais ao casamento de sua filha, cerimônia em tudo semelhante à do filho de Hulot com a srta. Crevel. Esta festa atenuou os comentários que se faziam sobre a situação financeira do diretor, assim como o dote dado à filha serviu para explicar a necessidade que ele tivera de recorrer ao crédito.

Aqui termina, de algum modo, a introdução da presente história. Esta narrativa é, para o drama que a completa, o que são as premissas para uma proposição, o que é qualquer exposição para qualquer tragédia clássica.

## XXXVII – REFLEXÕES MORAIS SOBRE A IMORALIDADE

Em Paris, quando uma mulher se resolve a mercadejar a sua beleza, não é isso uma razão para que consiga fortuna. Aí se encontram admiráveis criaturas, inteligentes, numa horrível mediocridade, dando triste fim a

uma vida inicialmente marcada pelos prazeres. E eis por quê: não basta que alguém se destine à carreira vergonhosa das cortesãs com a intenção de obter as respectivas vantagens, mas guardando a aparência de uma burguesa honesta e casada. O vício não consegue facilmente os seus triunfos; tem certa semelhança com o gênio, ambos exigindo o concurso de circunstâncias felizes para alcançarem o cúmulo da riqueza e do talento. Exclua os estranhos períodos da Revolução, e o imperador não existiria mais, teria sido apenas uma segunda edição de Fabert.<sup>[105]</sup> A beleza venal sem amadores, sem fama, sem a cruz da desonra que lhe valem fortunas dissipadas, é um Correggio<sup>[106]</sup> num celeiro, é o gênio a expirar numa mansarda. Em Paris, uma Laís<sup>[107]</sup> deve, portanto, antes de tudo, encontrar um homem rico que se apaixone bastante para pagar por ela o justo preço. Deve, sobretudo, conservar uma grande elegância, que vale por uma tabuleta; ter muito boas maneiras, para estimular o amor-próprio dos homens; ter o espírito de uma Sophie Arnould,<sup>[108]</sup> que desperta a apatia dos ricos; enfim, deve fazer-se desejar pelos libertinos, parecendo ser fiel a um só, cuja felicidade é, então, alvo de inveja.

Estas condições, que mulheres de semelhante espécie chamam de *chance*, muito dificilmente se encontram em Paris, apesar de ser esta cidade cheia de milionários, de ociosos, de gente gasta pelos excessos e pelos caprichos. A Providência tem, sem dúvida, protegido fortemente, nesse particular, o lar dos empregados e da pequena burguesia, para quem estes obstáculos são, pelo menos, duplicados pelo meio no qual eles levam a cabo sua evolução.

Em Paris, contudo, encontra-se ainda número bastante de sras. Marneffe, para que Valéria deva figurar como um tipo nesta história de costumes. Entre essas mulheres, umas obedecem, ao mesmo tempo, às paixões autênticas e à necessidade, como a sra. Colleville, que durante muito tempo esteve ligada a um dos mais célebres oradores da esquerda, o banqueiro Keller; outras são arrastadas pela vaidade, como a sra. de La Baudraye, que se manteve mais ou menos honesta, não obstante sua fuga com Lousteau;<sup>[109]</sup> umas são levadas pelas exigências do vestuário, outras pela impossibilidade de sustentar uma casa com ordenados evidentemente muito baixos. A parcimônia do Estado ou das Câmaras, como quizerdes, causa muitas infelicidades, favorece muitas corrupções. Atualmente, muito nos apiedamos da sorte das classes operárias, tidas como asfixiadas pelos patrões; o Estado, porém, é cem vezes mais cruel que o industrial mais ávido; o Estado, em matéria de remuneração, leva a economia ao absurdo. Trabalhai bastante, e a indústria vos paga na razão de vosso trabalho; mas que dá o Estado a tantos trabalhadores humildes e devotados?

Desviar-se do caminho da honra, para a mulher casada, é um crime indesculpável; há diferença, porém, nessa situação. Algumas mulheres,

longe de serem depravadas, ocultam suas faltas e se conservam aparentemente honestas, como aquelas duas cujas aventuras acabo de lembrar; outras dentre elas, entretanto, juntam às suas faltas as ignomínias da especulação. A sra. Marneffe é, portanto, de algum modo, o tipo dessas ambiciosas cortesãs casadas que, sem refletir, aceitam a depravação com todas as suas consequências e se decidem a fazer fortuna divertindo-se, sem o menor escrúpulo quanto aos meios; elas quase sempre têm, como a sra. Marneffe, o próprio marido como aliciadores e cúmplices.

Maquiavéis<sup>[110]</sup> de saias curtas, essas mulheres são as mais perigosas; de todas as espécies más de parisienses, esta é a pior. Uma verdadeira cortesã, como as Josefa, as Schontz, as Málaga, as Jenny Cadine<sup>[111]</sup> etc., faz de sua exata situação um aviso luminoso com a lanterna vermelha da prostituição ou como os candeeiros do “trinta-e-quarenta”.<sup>[112]</sup> Um homem que dela se aproxima sabe, então, que vai no caminho de sua ruína. Mas a falsa honestidade, o ar de virtude, as maneiras hipócritas de uma mulher casada, que só se refere às necessidades vulgares de um lar e que aparentemente foge às leviandades, arrastam às ruínas silenciosas, tanto mais singulares quanto todos as perdoam, embora não as expliquem. É o livro ignóbil das despesas, e não a alegre fantasia, que devora fortunas. Um pai de família se arruína sem glória e, na miséria, ainda lhe falta a grande consolação da vaidade satisfeita.

Esta tirada irá direta, como uma flecha, ao coração de muitas famílias. Há sras. Marneffe em todos os graus da escala social, mesmo no seio das cortes; porque Valéria é uma triste realidade, real nos seus menores detalhes. Infelizmente, este retrato não fará com que ninguém se corrija da mania de amar esse anjo de sorriso atraente, ar sonhador e fisionomia cândida, mas cujo coração é um cofre-forte.

### **XXXVIII – NO QUAL SE VÊ O EFEITO DAS OPINIÕES DE CREVEL**

Cerca de três anos após o casamento de Hortênsia, em 1841, julgava-se que o barão Hulot d'Ervy tinha posto tudo em ordem, tinha “largado a canga”, segundo uma expressão feliz; entretanto, a sra. Marneffe lhe custava duas vezes mais do que custara Josefa. Embora sempre bem-apresentada, Valéria afetava a simplicidade de uma mulher casada com um subchefe; guardava o luxo para as suas roupas íntimas, para os seus vestidos de casa. Ela fazia assim o sacrifício de suas vaidades de parisiense pelo seu querido Heitor. Todavia, quando ia ao espetáculo, Valéria usava sempre um lindo chapéu e um vestido do último modelo; o barão a levava de carro para um camarote especial.

O apartamento, que ocupava, na Rue Vaneau, todo o segundo andar de um palacete moderno, entre um pátio e um jardim, respirava

honestidade. O luxo consistia em tapetes persas forrando as paredes e belos móveis muito cômodos. O quarto de dormir, por exceção, apresentava a profusão ostentada pelas Jenny Cadine e pelas Schontz. Eram cortinas de renda, casimiras, reposteiros de brocado, uma guarnição de lareira, cujos modelos haviam sido feitos por Stidmann, um pequeno *dunquerque* repleto de maravilhas. Hulot não quisera ver sua Valéria num ninho inferior, em magnificência, ao reduto de ouro e pérolas de uma Josefa. As duas peças principais, o salão e a sala de jantar, foram mobiliadas em damasco vermelho o primeiro, e a segunda em carvalho esculpido. Mas, levado pelo desejo de dar harmonia ao conjunto, ao fim de seis meses, o barão juntara o luxo sólido ao luxo efêmero, oferecendo-lhe belos objetos de valor, como, por exemplo, uma baixela de prata, cujo preço era superior a vinte e quatro mil francos.

A casa da sra. Marneffe adquiriu, em dois anos, a fama de ser muito agradável. Ali se jogava. A própria Valéria foi logo apontada como uma mulher amável e inteligente. Espalhou-se a notícia, para justificar a mudança de sua situação, de um apreciável legado que seu “pai natural”, o marechal Montcornet, lhe transmitira por um fideicomisso. Sempre pensando no futuro, Valéria juntara a hipocrisia religiosa à sua hipocrisia social. Pontual na missa dos domingos, teve todas as honras de dama piedosa. Recolhia esmolas para os pobres, tornou-se dama de caridade, distribuía o pão bento, protegia pessoas de seu bairro, e tudo à custa de Heitor. Em sua casa, portanto, eram guardadas as conveniências. Dessa forma, muita gente garantia a pureza de suas relações com o barão, referindo a idade do conselheiro de Estado, a quem se atribuía um gosto platônico pela finura do espírito, pelas maneiras encantadoras e pela boa conversa da sra. Marneffe — gosto algo semelhante ao do falecido Luís XVIII pelas cédulas bem impressas.

O barão retirava-se à meia-noite, como todo o mundo, e voltava um quarto de hora depois. E aqui está a chave desse profundo segredo:

Os porteiros da casa eram o sr. e a sra. Olivier, que, protegidos pelo barão, amigo do proprietário à procura de porteiro, haviam conseguido deixar o quarto barato e escuro da Rue du Doyenné para instalar-se no quarto rendoso e magnífico da Rue Vaneau. Ora, a sra. Olivier, que fora roupeira da casa de Carlos x e perdera essa *posição* com a queda da monarquia legítima, tinha três filhos. O mais velho, que já se tornara ajudante de notário, era o objeto de adoração do casal Olivier. Ameaçado de servir no Exército durante seis anos, Benjamim iria interromper sua brilhante carreira; mas a sra. Marneffe conseguiu isentá-lo do serviço militar em virtude de um desses defeitos de conformação que os conselhos de revisão sabem descobrir quando recebem discretamente um pedido de qualquer poder ministerial. Assim, Olivier, antigo picador de Carlos x, e sua esposa seriam capazes



de colocar Jesus de novo na cruz para atender ao barão Hulot e à sra. Marneffe.

Que poderia dizer a sociedade, para quem eram desconhecidos os antecedentes do brasileiro, o sr. Montes de Montejanos? Nada. A sociedade, aliás, é muito indulgente para com a dona de um salão onde todos se divertem. A sra. Marneffe juntava a todas as suas qualidades a vantagem inestimável de ser um poder oculto. Dessa forma, Cláudio Vignon,<sup>[113]</sup> que se tornara secretário do marechal príncipe de Wissemburgo e sonhava chegar ao Conselho de Estado, no cargo de referendário, era frequentador do salão, onde apareciam alguns deputados folgazões e jogadores. O meio da sra. Marneffe compunha-se com um sábio vagar: era formado apenas de pessoas de costumes e opiniões semelhantes, interessadas em se manter e proclamar os méritos inumeráveis da dona da casa. Fixai este axioma: a “panelinha” em Paris é a verdadeira Santa Aliança. Os interesses acabam sempre por se dividir, os indivíduos viciados sempre se entendem.

Logo ao terceiro mês de sua instalação na Rue Vaneau, a sra. Marneffe recebera em casa o sr. Crevel, que se tornara rapidamente *maire* de sua circunscrição e oficial da Legião de Honra. Crevel hesitara durante algum tempo: tinha de deixar o famoso uniforme da Guarda Nacional, com o qual se pavoneava nas Tuileries, julgando-se tão militar como o imperador; mas a ambição, estimulada pela sra. Marneffe, foi mais forte que a vaidade. O senhor *maire* considerara sua ligação com a sra. Heloísa Brisetout inteiramente incompatível com a sua posição política. Muito tempo antes de sua ascensão ao trono burguês da *mairie*, as suas aventuras galantes foram envolvidas em profundo mistério. Mas, compreende-se, Crevel pagara o direito de tomar, quantas vezes pudesse, a sua desforra pelo rapto de Josefa, mediante o registro de seis mil francos de renda em nome de Valéria Fortin, esposa do sr. Marneffe, casada com separação de bens. Havendo talvez herdado de sua mãe o gênio peculiar da mulher exploradora, Valéria percebeu num relance o caráter desse adorador grotesco. A expressão “Eu nunca amei uma mulher da sociedade!”, usada por Crevel em conversa com Lisbeth e por esta transmitida à sua querida Valéria, foi largamente avaliada na transação que lhe rendeu seis mil francos de renda a cinco por cento. Depois disso, ela nunca deixara diminuir o seu prestígio aos olhos do antigo caixeiro-viajante de César Birotteau.

Crevel fizera um casamento de interesse ao desposar a filha de um moleiro da Brie, filha única, aliás, cuja herança formara três quartos de sua fortuna, porque os retalhistas enriquecem, na maioria dos casos, menos pelos negócios que pela aliança da loja com a economia rural. Inúmeros fazendeiros, moleiros, criadores de gado e produtores das cercanias de Paris sonham para as suas filhas com a glória do balcão e veem num vendedor de retalhos, num ourives, num cambista, um genro

muito mais de acordo com o seu coração que um notário ou um advogado, cuja elevação social os inquieta; eles têm medo de ser desprezados mais tarde por essas notabilidades da burguesia. A sra. Crevel, mulher bastante feia, vulgar e tola, que morrera na ocasião oportuna, dera ao marido apenas os prazeres da paternidade. Ora, no começo de sua carreira comercial, o libertino, preso pelos deveres de sua profissão e contido pela indigência, representara o papel de Tântalo.<sup>[114]</sup> Em contato com as mulheres mais elegantes de Paris, segundo sua expressão, ele as tratava com as homenagens de um comerciante, admirando-lhes a graça, a maneira de acompanhar as modas e todas aquelas características sutis do que se chama *a raça*. Subir até uma dessas fadas do salão era um velho desejo seu, concebido desde a mocidade e escondido no coração. *Obter os favores* da sra. Marneffe, para ele, foi não apenas a realização de um sonho mas ainda uma questão de orgulho, de vaidade, de amor-próprio, como vimos. À ambição foi acrescentado o êxito. Teve enormes alegrias de cérebro, e quando o cérebro é preso, o coração sente-o, a felicidade aumenta. Além disso, a sra. Marneffe constituiu para Crevel novidades de que ele não suspeitava, porque Josefa e Heloísa não o haviam amado; e a sra. Marneffe julgou conveniente iludir bem esse homem, em quem via um cofre eterno.

Os embustes do amor venal são mais encantadores que a realidade. O amor verdadeiro comporta brigas de pardais, de que resultam ferimentos graves; mas a disputa simulada, ao contrário disso, é uma carícia feita ao amor-próprio dos tolos. Por outro lado, a raridade dos encontros mantinha em Crevel o desejo no estado de paixão. Ele sempre ia de encontro à dureza virtuosa de Valéria, que fingia remorsos, aludindo ao que dela poderia estar pensando seu pai no paraíso dos bravos. Crevel tinha de vencer uma espécie de afetada indiferença; e a ladina mulher fazia-o acreditar que a vencia, dando a entender que cedia à paixão louca daquele burguês. Mas logo ela reagia, como envergonhada, empertigava-se no seu orgulho de mulher decente e nos seus ares de virtude, como uma inglesa, sem tirar nem pôr, e sempre esmagava Crevel sob o peso de sua dignidade, uma vez que Crevel de início a julgara virtuosa. Enfim, Valéria dispunha de requintes de ternura que a tornava indispensável tanto a Crevel quanto ao barão.

No seio da sociedade, ela apresentava o conjunto encantador da candura pudica e sonhadora, da decência inatacável e do espírito adornado pela inteligência, pela graça e pelas maneiras da mestiça; mas na intimidade ela ultrapassava as cortesãs, tornava-se engraçada, divertida, fértil em invenções novas. Tal contraste agrada imenso a todo indivíduo da natureza de Crevel; ele se sente lisonjeado por se considerar o único autor dessa comédia, representada para si só, e diverte-se com essa deliciosa hipocrisia, ao mesmo tempo que admira a

### XXXIX – O BELO HULOT DESMANTELADO

Valéria tinha maravilhosamente dominado o barão Hulot, obrigara-o a envelhecer por uma dessas lisonjas manhosas que podem servir para definir o espírito diabólico de mulheres de tal espécie. Nas organizações privilegiadas, chega um momento em que, como uma praça que durante muito tempo se defende, a verdadeira situação se declara. Prevendo a próxima dissolução do galã do Império, Valéria julgou necessário apressá-la.

— Por que te apoquentas, meu velho resmungão? — disse-lhe ela, seis meses depois de seu casamento clandestino e duplamente adúltero. — Terás pretensões? Desejarias ser-me infiel? Para mim, seria bem melhor que não te pintasses mais. Faze por mim o sacrifício de tuas graças postiças. Acreditas que o que eu amo em ti é isso, dois *sous* de verniz nas botinas, o espartilho de elástico, o colete apertado e o topete artificial? Além disso, quanto mais velho fores, menos receios terei de que alguma rival me roube o meu Hulot!

Crendo, assim, tanto na amizade divina quanto no amor da sra. Marneffe, em cuja companhia esperava morrer, o conselheiro de Estado seguiu esse conselho reservado e deixara de pintar as suíças e os cabelos. Depois de ter recebido de Valéria essa tocante declaração, o belo e grande Hulot, certa manhã, apareceu com os cabelos brancos. A sra. Marneffe facilmente convenceu o seu querido Hulot de que vira, mais de cem vezes, a linha alva na raiz dos seus cabelos.

— Os cabelos brancos combinam admiravelmente com a tua fisionomia, que se torna mais agradável — disse ela, mirando-o —; estás infinitamente melhor, estás encantador.

Enfim, uma vez que tomara esse caminho, o barão abandonou o colete de couro, o espartilho, desembaraçando-se de todas as peias. O ventre caiu, declarou-se a obesidade. O carvalho tornou-se uma torre, e a lentidão dos movimentos tornou-se tanto mais horrorosa quanto o barão envelhecia prodigiosamente, representando o papel de Luís XII.

[115] As sobrancelhas ficaram pretas e lembravam vagamente o belo Hulot, como em certos trechos de muros feudais um pequeno detalhe de escultura basta para dar a ideia do que foi o castelo nos seus áureos tempos. Tal discordância tornava o olhar, ainda jovem e vivo, mais singular naquele rosto bistrado, tanto mais quanto, onde durante longo tempo se observaram tons de carne à Rubens, apareciam, em certas manchas e no sulco repuxado das rugas, os esforços de uma paixão em luta contra a natureza. Hulot tornou-se, então, uma dessas belas ruínas humanas em que a virilidade surge de novo em espécies de tufos nas orelhas, no nariz, nos dedos, produzindo o efeito do musgo crescido

nos monumentos quase eternos do Império Romano.

Como conseguirá Valéria manter sob o mesmo teto Crevel e Hulot, se o vingativo chefe de batalhão queria triunfar ruidosamente sobre Hulot? Sem responder imediatamente a essa pergunta, que será resolvida no curso do drama, podemos chamar atenção para o fato de Lisbeth e Valéria terem inventado, para seu uso, uma prodigiosa máquina, cuja ação poderosa contribuía para aquele resultado.

Vendo sua mulher mais bela ainda no meio em que reinava como o sol de um sistema sideral, Marneffe parecia, aos olhos de todos, ter-se apaixonado de novo pela esposa, tornando-se louco por ela. Se tal ciúme tornava o sr. Marneffe um desmancha-prazeres, valorizava extraordinariamente os favores de Valéria. Contudo, Marneffe demonstrava confiança em seu diretor, a ponto de degenerar numa complacência quase ridícula. O único personagem que o ofuscava era precisamente Crevel.

Destruído pelas orgias comuns nas grandes cidades, descritas pelos poetas romanos e para as quais o pudor moderno não encontra definição, Marneffe tornara-se hediondo como uma figura anatômica de cera. Mas essa doença ambulante, bem-vestida, balançava as pernas descarnadas em calças elegantes. O peito magro envolvia-se em linho alvo, e o perfume eliminava os odores fétidos da podridão humana. Esse fantasma do vício, moribundo e de sapatos vermelhos — porque Valéria pusera Marneffe em harmonia com a sua riqueza, com a sua cruz e com a sua situação —, assustava Crevel, que não sustentava facilmente o olhar dos olhos brancos do subchefe. Marneffe era o pesadelo do *maire*. Percebendo o singular poder que Lisbeth e sua mulher lhe haviam conferido, o patife divertia-se com isso, servindo-se dele como de um instrumento; como as cartas do baralho eram o último recurso dessa alma tão usada quanto o corpo, ele depenava Crevel, que se acreditava obrigado a se deixar *roubar mansamente* pelo respeitável funcionário que ele enganava.

Vendo Crevel como um garoto em face daquela infame e hedionda múmia, cuja corrupção era para o *maire* uma carta fechada, vendo-o, sobretudo, profundamente desprezado por Valéria, que ria de Crevel como quem ri de um palhaço, o barão se sentia verdadeiramente ao abrigo de qualquer rivalidade, tanto que constantemente convidava Crevel para jantar em sua companhia.

Protegida por essas duas paixões em sentinela, por um lado, e por um marido ciumento, por outro, Valéria atraía todas as atenções, excitava todos os desejos no meio em que reinava. Assim, guardando as aparências, conseguira, em cerca de três anos, alcançar as mais difíceis condições de êxito com que sonham as cortesãs e que raramente obtêm, ajudadas pelo escândalo, pela audácia e pelo brilho de sua vida externa. Como um diamante bem talhado que Chanor houvesse

engastado, a beleza de Valéria, outrora oculta num quarto da Rue du Doyenné, tinha agora maior valor, fazendo vítimas! Cláudio Vignon amava Valéria em segredo.

Esta exposição retrospectiva, tão necessária quando revemos conhecidos depois de três anos de intervalo, é como o balanço de Valéria. Vejamos agora o de sua associada Lisbeth.

#### **XL – UMA DAS SETE CHAGAS DE PARIS**

A prima Bete ocupava na casa dos Marneffe a posição de uma parenta que acumulasse as funções de dama de companhia e de governanta; mas ignorava as duplas humilhações que, na maioria dos casos, afligem as criaturas muito infelizes que aceitam essas posições ambíguas. Lisbeth e Valéria ofereciam o tocante espetáculo de uma dessas amizades tão vivas e tão pouco prováveis entre mulheres que os parisienses, sempre espirituosos, logo as caluniam. O contraste entre a máscula e seca natureza da lorena e a bela natureza mestiça de Valéria era campo aberto à calúnia. Além disso, a sra. Marneffe, sem o saber, dera motivo à maledicência pelos cuidados que dispensava à sua amiga, num interesse matrimonial que devia, como se vai ver, tornar completa a vingança de Lisbeth.

Uma profunda revolução se operara na prima Bete; Valéria, que quis ajudá-la a vestir-se, tirou dela o melhor partido. Já usando espartilho, aquela estranha moça passou a exibir uma cintura estreita, a pôr brilhantina nos cabelos lisos, a usar vestidos como os confeccionava a costureira, a calçar borzeguins escolhidos e meias de seda cinza, tudo posto pelos fornecedores na conta de Valéria e pago por quem de direito. Assim restaurada, sempre de casimira amarela, Bete tornara-se irreconhecível por quem a houvesse visto três anos antes. Esse outro diamante negro, o mais raro dos diamantes, talhado por mão hábil e montado no engaste que lhe convinha, tinha o seu valor devidamente apreciado por alguns empregados ambiciosos. Quem via Bete pela primeira vez estremecia involuntariamente ante o aspecto da selvagem poesia que a habilidosa Valéria fizera sobressair, valorizando pelo vestuário aquela “Freira Sangrenta”,<sup>[116]</sup> enquadrando artisticamente com bandós espessos aquele rosto seco e amarelado, onde brilhavam uns olhos pretos como os cabelos, ressaltando aquele corpo inflexível. Como uma Virgem de Cranach e de Van Eyck,<sup>[117]</sup> como uma Virgem bizantina saída da tela, Bete conservava a rigidez, a correção dessas figuras misteriosas, primas diretas das Ísis<sup>[118]</sup> e das divindades espartilhadas pelos escultores egípcios. Era granito, basalto, pórfiro andando.

Livre da necessidade para o resto de sua vida, Bete mostrava-se encantadoramente bem-humorada, levando a alegria para toda parte

aonde ia jantar. O barão pagava, além disso, o aluguel do pequeno apartamento, mobiliado, como se sabe, com o que sobrara dos quartos de vestir e de dormir de sua amiga Valéria.

— Comecei a vida como verdadeira cabra esfaimada e acabo como leoa — dizia ela.

Lisbeth continuava a fazer os trabalhos mais difíceis de passamanaria para o sr. Rivet, só para matar o tempo, segundo afirmava. No entanto, sua vida, como se vai ver, era muito cheia de ocupações; mas as pessoas vindas do interior nunca abandonam o ganha-pão, assemelhando-se aos judeus, nesse particular.

Todas as manhãs, bem cedo, a prima Bete ia ao grande Mercado com a cozinheira. Segundo seu plano, o livro de despesas, que levava o barão Hulot à ruína, devia enriquecer a sua querida Valéria, e a enriquecia efetivamente.

Qual a dona de casa que não experimentou, a partir de 1838, os funestos resultados das doutrinas antissociais difundidas no seio das classes inferiores por escritores incendiários? Em todos os lares, a chaga dos empregados domésticos é hoje a mais viva de todas as chagas financeiras. Com muito raras exceções merecedores do prêmio Montyon,<sup>[119]</sup> um cozinheiro e uma cozinheira são ladrões domésticos, ladrões assalariados, atrevidos, dos quais o governo complacentemente se tornou receptador, estimulando-lhes a propensão para o furto, quase autorizada entre as cozinheiras pela antiga pilhéria da *asa do cesto*.<sup>[120]</sup>

Essas mulheres outrora pediam quarenta *sous* para jogar na loteria e hoje querem cinquenta francos para depositar na caixa econômica. E os frios puritanos que se divertem fazendo na França experiências filantrópicas acreditam haver moralizado o povo!

Entre a mesa dos patrões e o mercado, essa gente organizou uma alfândega secreta, e a cidade de Paris não é tão hábil para resguardar seus direitos quanto o são os empregados domésticos na reserva das quotas de todas as coisas que adquirem. Além dos cinquenta por cento com que eles gravam o preço dos gêneros alimentícios, exigem bons presentes dos fornecedores. Os negociantes mais bem colocados tremem diante desse poder oculto; atendem às suas exigências sem reclamar, todos eles: condutores de carros, ourives, alfaiates etc. Aos que tentam fiscalizar-lhes a ação, os domésticos respondem com insolências ou rematadas tolices de uma dissimulada falta de jeito; hoje, tomam informações a respeito dos patrões como antigamente os patrões tomavam sobre os seus antecedentes. Esse mal, que na realidade chegou ao cúmulo e contra o qual os tribunais começam a agir desassombradamente, mas em vão, só poderá ser resolvido mediante uma lei que venha a obrigar os empregados domésticos à caderneta do operário. O mal desaparecerá como por encanto. Quando todo doméstico for obrigado a possuir uma caderneta e os patrões a

registrar nessa caderneta os motivos de dispensa, a desmoralização encontrará decerto um poderoso freio.

As pessoas preocupadas com a alta política do momento ignoram até onde vai a depravação das classes inferiores em Paris: é igual ao ciúme que as devora. A estatística não revela o número espantoso de operários de vinte anos que se casam com cozinheiras de quarenta, cinquenta anos, enriquecidas pelo roubo. Estremecemos ao pensar nas consequências de semelhantes uniões, do triplo ponto de vista da criminalidade, do abastardamento da raça e dos lares desajustados. Quanto ao mal puramente financeiro produzido pelos roubos domésticos, é enorme, sob o aspecto político. A vida, cujo custo assim se eleva ao dobro, não permite o surpérfluo em inúmeros lares. O surpérfluo! É a metade do comércio dos Estados, é a elegância da vida. Para muita gente, os livros, as flores são tão necessárias quanto o pão.

Conhecendo bem a terrível chaga das casas parisienses, Lisbeth pensava em dirigir o lar de Valéria; prometera-lhe o apoio na tremenda cena em que ambas juraram conduzir-se como irmãs. Nessas condições, Lisbeth mandara vir, do fundo dos Vosges, uma parenta pelo lado materno, antiga cozinheira do bispo de Nancy, uma solteirona piedosa e de excessiva honestidade. Todavia, temendo a sua inexperiência em Paris e, sobretudo, os maus conselhos que tanto prejudicam essas lealdades frágeis, Lisbeth acompanhava Maturina ao grande Mercado, esforçando-se por ensiná-la a fazer boas compras. Conhecer o preço exato das coisas, para merecer o respeito do vendedor, comer pratos fora da época própria, como o peixe, por exemplo, quando não está caro, mostrar-se a par do custo dos gêneros alimentícios e pressentir-lhes a alta dos preços para comprá-los na baixa, esse espírito de dona de casa, em Paris, é o mais necessário à economia doméstica. Recebendo bom salário, acrescido de presentes, Maturina gostava tanto da casa que se sentia satisfeita com as boas compras. Assim, com pouco tempo rivalizava com Lisbeth, que, considerando-a bem instruída e segura, passou a ir ao Mercado apenas nos dias em que Valéria recebia visitas, o que, digamos entre parênteses, acontecia muitas vezes. Eis por quê.

O barão começara observando o decoro mais severo; mas sua paixão pela sra. Marneffe se tornara tão viva, tão ávida, em pouco tempo, que ele desejou abandoná-la o mínimo possível. De início, jantava em casa dos Marneffe quatro vezes por semana, mas logo achou que seria encantador comer ali todos os dias. Seis meses após o casamento da filha, passou a dar dois mil francos por mês a título de pensão. A sra. Marneffe convidava as pessoas que o seu querido barão desejava obsequiar. Além disso, o jantar era sempre servido para seis pessoas e o barão podia levar consigo, sem avisar, três convidados. Graças à sua economia, Lisbeth resolveu o problema extraordinário de manter

esplendidamente essa mesa com a importância de mil francos e entregar mil francos por mês à sra. Marneffe.

## **XLI – ESPERANÇAS DA PRIMA BETE**

Os vestidos de Valéria eram pagos generosamente por Crevel e pelo barão e as duas amigas ainda tinham uma nota de mil francos por mês que sobrava das despesas da mesa. Assim, essa mulher, tão pura, tão cândida, possuía então cerca de cento e cinquenta mil francos de economias. Acumulara suas rendas e proventos mensais, fazendo-os render juros e aumentando-os com enormes vantagens graças à generosidade com que Crevel fazia o capital de sua pequena duquesa participar do êxito de suas operações financeiras. Crevel ensinara a Valéria a linguagem e as especulações da Bolsa; e, como todas as parisienses, ela rapidamente se tornara mais esperta que o professor. Não gastando um níquel de seus mil e duzentos francos, com o aluguel e o vestuário pagos, não tirando um *sou* do bolso, Lisbeth possuía igualmente um pequeno capital de cinco a seis mil francos que Crevel paternalmente punha a render.

O amor do barão e o de Crevel eram, entretanto, pesado encargo para Valéria. No dia em que a narração deste drama recomeçou, Valéria, excitada por um desses acontecimentos que fazem na vida o papel de sinos cujo toque faz reunirem-se os enxames, subira ao quarto de Lisbeth para se entregar às doces queixas longamente desfiadas, espécie de cigarros fumados com a língua, que ajudam as mulheres a esquecer as pequenas misérias de sua vida.

— Lisbeth, meu amor, esta manhã, duas horas com Crevel, é enervante! Ah! Como eu gostaria de poder colocar-te em meu lugar!

— Infelizmente isso não pode ser — disse Lisbeth, sorrindo. — Morrerei virgem!

— Pertencer a esses dois velhos! Há momentos em que tenho vergonha de mim mesma! Ah! Se minha pobre mãe me visse!

— Tu me tomas por Crevel — respondeu Lisbeth.

— Dize-me uma coisa, minha querida Bete: não me desprezas?

— Ah! Se eu fosse bonita, teria tido... aventuras! — exclamou Lisbeth. — Estás justificada.

— Mas tu só terias dado ouvidos ao teu coração — insistiu a sra. Marneffe, suspirando.

— Ora — declarou Lisbeth. — Marneffe é um morto que esqueceram de enterrar, o barão é como teu marido, Crevel é teu adorador; eu te vejo, como todas as mulheres, perfeitamente em teu papel.

— Não! Não é daí que me vem o desespero, minha adorável amiga, não queres me compreender...



— Como não? — exclamou a lorena. — O subentendido faz parte da minha vingança. Que queres? Parada é que trabalho.

— Amar Venceslau a ponto de emagrecer e não poder vê-lo! — disse Valéria estirando os braços. — Hulot convidou-o para vir jantar aqui e o meu artista se recusa! Ele não sabe que é idolatrado, esse monstro de homem! Que tem sua mulher? Bela carnação, sim, ela é bonita, mas eu, bem o sinto, sou pior...

— Fica tranquila, minha filha, ele virá — disse Lisbeth naquele tom com que as amas falam às crianças que se impacientam. — Virá, eu o quero...

— Mas, quando?

— Talvez esta semana.

— Deixe-me beijar-te.

Como se vê, estas duas mulheres eram como uma só; todas as atitudes de Valéria, mesmo as mais absurdas, os seus prazeres, os seus aborrecimentos, tudo era resolvido mediante maduras deliberações que as duas tomavam.

Estranhamente impressionada com esta vida de cortesã, Lisbeth aconselhava Valéria em tudo e continuava a articular a sua vingança com uma impiedosa lógica. Além disso, adorava Valéria, dela fizera sua filha, sua amiga, seu amor; nela encontrava a obediência das típicas parisienses, a moleza da voluptuosa; tagarelava com ela todas as manhãs com bem maior prazer do que com Venceslau, rindo ambas de suas malícias comuns, da estupidez dos homens, e calculavam juntas os crescentes rendimentos dos respectivos tesouros. No seu empreendimento novo, na sua nova amizade, Lisbeth encontrara para sua atividade campo bem mais vasto que em seu amor insensato por Venceslau. As alegrias do ódio satisfeito são as mais ardentes, as mais fortes para o coração. O amor é, de alguma sorte, o ouro, e o ódio, o ferro nessa mina de sentimentos que temos dentro de nós. Enfim, Valéria oferecia a Lisbeth, em todo o seu esplendor, aquela beleza que ela adorava, como se adora tudo o que não se possui, beleza mais maleável que a de Venceslau, que para ela sempre fora fria e insensível.

Ao fim de três anos, Lisbeth começava a ver o progresso da sapa subterrânea em que consumia sua vida e a que devotava sua inteligência. Lisbeth pensava, a sra. Marneffe agia. A sra. Marneffe era o machado, Lisbeth era a mão que o maneja, a mão que demolia a golpes rápidos aquela família que, dia a dia, se lhe tornava mais odiosa; porque se odeia cada vez mais, como se ama cada vez mais, quando se ama, o amor e o ódio são sentimentos que a si mesmos se alimentam; mas dos dois é o ódio que tem vida mais longa. O amor tem por marcos forças limitadas, tira da vida e da prodigalidade os seus poderes; o ódio assemelha-se à morte, à avareza, é de algum modo uma abstração ativa, acima dos seres e das coisas. Vivendo a vida que lhe era própria, Lisbeth

desenvolvia todas as suas faculdades; reinava à maneira dos jesuítas, como um poder oculto. Assim, a sua regeneração era completa. Resplandecia-lhe a fisionomia. Lisbeth sonhava ser a sra. marechala Hulot.

Esta cena, em que as duas amigas manifestavam cruamente os seus pensamentos sem o menor rodeio de expressão, verificava-se justamente quando Lisbeth regressava do Mercado, aonde fora para adquirir o necessário ao preparo de um fino jantar. Marneffe, que cobiçava o lugar do sr. Coquet, ia recebê-lo bem como a virtuosa sra. Coquet. Nessa mesma noite, Valéria esperava fazer que Hulot tratasse da demissão do chefe da repartição. Lisbeth trocava de roupa para ir à casa da baronesa, onde jantaria.

— Voltarás para servir o chá, minha cara Bete? — perguntou Valéria.

— Espero que sim...

— Como, esperas vir? Terias chegado ao ponto de te deitar com Adelina para beber-lhe as lágrimas quando ela estiver dormindo?

— Se isso fosse possível, não diria que não! — respondeu Lisbeth, rindo. — Ela está sendo castigada pela sua felicidade e eu sou feliz, lembrando-me de minha infância. Cada um tem sua vez. Ela estará na lama e eu, eu serei a condessa de Pforzheim!

## **XLII – A QUE EXTREMOS OS LIBERTINOS REDUZEM AS ESPOSAS LEGÍTIMAS**

Lisbeth dirigiu-se à Rue Plumet, aonde ia, desde algum tempo, como se vai ao espetáculo, para aí se encher de emoções.

O apartamento escolhido por Hulot para sua mulher consistia numa grande e vasta antessala, uma sala e um quarto de dormir com um quarto-toucador. A sala de jantar era lateralmente contígua à sala de estar. Dois quartos de empregados e uma cozinha, situados no terceiro andar, completavam esse apartamento, ainda digno de um conselheiro de Estado, diretor de repartição no Ministério da Guerra. O palácio, o pátio e a escadaria eram majestosos. Obrigada a mobiliar a sala de estar, o quarto de dormir e a sala de jantar com as relíquias do seu antigo esplendor, a baronesa escolhera o que havia de melhor nos destroços do seu palacete da Rue de l'Université. Além disso, a pobre mulher amava esses mudos testemunhos de sua felicidade, os quais tinham para ela uma eloquência quase consoladora. Assim, percebia flores nessas lembranças, como via nos tapetes rosáceas que os demais mal distinguiam.

Quando se entrava na vasta antessala, onde doze cadeiras, um barômetro e uma grande lareira, bem como as cortinas de algodão branco com franjas vermelhas lembravam as horríveis antessalas dos ministérios, sentia-se o coração confrangido; pressentia-se a solidão em

que vivia aquela mulher. A dor, como o prazer, compõe a atmosfera. Ao primeiro golpe de vista que se lança para um interior, podemos distinguir se aí reina o amor ou o desespero.

Adelina ficava sempre num imenso quarto de dormir, mobiliado com belos móveis de Jacob Desmalters,<sup>[121]</sup> em acaju manchado, e guarnecidos com ornamentos do Império, bronzes que conseguiram ser mais frios que os cobres de Luís XVI! E impressionava ver aquela mulher sentada numa poltrona romana, diante das esfinges de uma mesinha; pálida, afetava uma alegria fingida, conservando o ar imperial como sabia conservar o vestido de veludo azul que usava em casa. O espírito de orgulho sustinha o corpo e mantinha a beleza. Ao fim do primeiro ano de exílio nesse apartamento, a baronesa medira toda a extensão de sua infelicidade.

“Relegando-me aqui, meu Heitor tornou-me a existência ainda mais bela do que mereceria uma simples camponesa”, dizia ela consigo mesma. “Ele me quer assim: seja feita a sua vontade! Sou a baronesa Hulot, cunhada de um marechal da França, não cometi a menor falta, meus dois filhos estão casados; posso esperar a morte, envolvida nos véus imaculados de minha pureza de esposa, no crepe de minha felicidade desaparecida.”

O retrato de Hulot, pintado por Robert Lefebvre<sup>[122]</sup> em 1810, no uniforme de comissário ordenador do Exército Imperial, estava colocado em cima da mesinha, onde, ao fazer-se anunciar uma visita, Adelina repousava uma *Imitação de Cristo*,<sup>[123]</sup> sua leitura habitual. Essa Madalena inatacável ouvia assim a voz do Espírito Santo em seu deserto.

— Marieta, minha filha — perguntou Lisbeth à cozinheira que lhe foi abrir a porta —, como vai minha boa Adelina?

— Oh! Aparentemente bem, senhorita; mas, aqui entre nós, se ela persiste em suas ideias, acabará se matando — disse Marieta ao ouvido de Lisbeth. — De fato, a senhorita devia aconselhá-la a viver melhor. Ontem, ela me pediu apenas, de manhã, dois *sous* de leite e um pãozinho de um *sou*; ordenou que lhe servisse, ao jantar, ou um arenque ou um pedaço de vitela fria; para isso me dá uma libra por semana para as despesas, quando ela janta sozinha, está claro... Não quer gastar mais de dez *sous* por dia com sua alimentação. Isto não é razoável. Se eu falasse com o senhor marechal a respeito desse belo plano, ele poderia zangar-se com o senhor barão e deserdá-lo; já a senhorita, que é tão boa e tão inteligente, poderia arranjar as coisas...

— Então, por que não fala com o meu primo? — perguntou Lisbeth.

— Ah! Minha cara senhorita, há uns vinte ou vinte e cinco dias que ele não vem aqui, o mesmo tempo que ficamos sem vê-la! Além disso, dona Adelina me proibiu, sob pena de despedir-me, que pedisse dinheiro ao senhor barão. Mas, quanto a sofrer... Ah! A pobre senhora

tem sofrido! É esta a primeira vez que o senhor barão a abandona por tanto tempo... Toda vez que a campainha soava, ela corria para a janela; mas, de cinco dias a esta parte, não deixou mais sua poltrona. Só faz ler! Quando ela vai à casa da senhora condessa, me diz: “Marieta, se o senhor barão vier, diga que estou em casa de minha filha; mande-me chamar pelo porteiro e ele será bem pago por essa tarefa!”.

— Pobre prima! — lamentou Bete. — Isto me punge o coração. Todos os dias eu falo com meu primo a seu respeito. Mas que quer? Ele me diz: “Tens razão, Bete, eu sou um miserável; minha mulher é um anjo e eu sou um monstro! Amanhã irei vê-la...”. E no entanto fica em casa da sra. Marneffe; essa mulher o arruína e ele a adora, não se afasta dela. Da minha parte, faço o que posso! Se eu não estivesse lá e se não tivesse comigo a Maturina, o barão teria gasto o duplo; e, como já não tem mais quase nada, talvez já tivesse estourado os miolos. Aí então, Marieta, você compreende, Adelina não sobreviveria à morte do marido, estou certa disso. Pelo menos, faço o possível para reduzir a despesa e impedir que meu primo custe demais...

— Ah! É o que bem diz a pobre senhora; ela sabe muito bem o quanto lhe deve — observou Marieta. — Ela diz que durante muito tempo a julgou mal...

— Ora! — exclamou Lisbeth. — Ela lhe disse mais alguma coisa?

— Não, senhorita. Se quer vê-la satisfeita, fale com ela a respeito do barão; ela julga a senhorita feliz, porque pode vê-lo todos os dias.

— Está sozinha?

— Não, o marechal está aí. Oh! Ele vem aqui diariamente e ela sempre lhe diz que viu o senhor barão de manhã e que ele vem para casa tarde da noite.

— Há um bom jantar hoje? — indagou Bete.

Marieta hesitou em responder, mal sustentando o olhar da lorena. Foi quando se abriu a porta da sala e por ela saiu o marechal Hulot tão precipitadamente que cumprimentou Bete sem querer fitá-la, e deixando cair um papel no chão. Bete apanhou o papel e correu em direção à escada, visto como seria inútil gritar chamando um surdo; mas o fez de maneira a não poder mais alcançar o marechal; ao voltar, leu furtivamente o que se segue, escrito a lápis:

Querido irmão, meu marido me deu o dinheiro para as despesas do trimestre: minha filha Hortênsia, porém, estava em tal situação que eu lhe emprestei tudo o que tinha e que mal deu para tirá-la da dificuldade. Pode emprestar-me algumas centenas de francos? Faço isso, porque não posso pedir mais dinheiro a Heitor; uma censura dele me causaria o maior desgosto.

“Oh!”, pensou Lisbeth. “Em que estado extremo se encontra ela para dominar a tal ponto o seu orgulho?”

Ao entrar, Lisbeth surpreendeu Adelina desfeita em lágrimas e foi abraçá-la.

— Adelina, minha filha, já sei de tudo! — declarou-lhe a prima Bete. — Olha, o marechal deixou cair no chão este papel, tão perturbado estava, porque ele corria como um galgo... Será que esse horroroso Heitor não te deu mais dinheiro, desde que...?

— Ele me dá a conta certa — respondeu a baronesa. — Mas Hortênsia estava precisando, e...

— E tu não tinhas com que preparar o jantar para nós — disse Bete, interrompendo a prima. — Agora compreendo bem o ar embaraçado de Marieta, quando lhe falei sobre o jantar. Ages como uma criança, Adelina! Olha, deixa-me dar-te minhas economias.

— Obrigada, minha boa Bete — respondeu Adelina, enxugando uma lágrima. — Esta pequena necessidade é coisa momentânea e eu previ tudo para o futuro. De agora em diante, minhas despesas serão de dois mil e quatrocentos francos por ano, inclusive o aluguel, e eu os terei. Antes de mais nada, Bete, não diga uma palavra sobre isso a Heitor. Ele vai bem?

— Ora, como a Pont-Neuf!<sup>[124]</sup> Alegre como um tentilhão, só pensa na sua feiticeira Valéria.

A sra. Hulot olhava um grande pinheiro prateado que se via de sua janela e Lisbeth não pôde ler nada do que estaria a refletir-se nos olhos de sua prima.

— Disseste-lhe que hoje era o dia em que deveríamos jantar todos aqui?

— Disse, mas, qual! A sra. Marneffe oferece um grande jantar, esperando falar hoje sobre a demissão do sr. Coquet, e isso está em primeiro lugar! Olha, Adelina, escuta-me! Conheces bem o meu temperamento selvagem, no que diz respeito à independência. Teu marido, minha querida, vai certamente arruinar-te. Julguei poder ser útil a todos ficando na casa dessa mulher; ela é, no entanto, uma criatura cuja depravação não tem limites; obterá de teu marido coisas que o levarão até a desonrá-los, a todos vocês.

Adelina fez o movimento de alguém que recebe uma punhalada no coração.

— Tenho certeza disso, querida Adelina. É preciso que eu procure esclarecer-te. Então, pensemos no futuro. O marechal está velho, irá longe, porque se trata bem; se ele morresse, a viúva ficaria com uma pensão de seis mil francos. Com essa importância, eu me encarregaria de cuidar de todos vocês! Usa de tua influência sobre o velho para arranjar nosso casamento. Não é porque eu deseje ser a senhora do marechal, não me preocupo com essas tolices mais do que com a

consciência da sra. Marneffe; mas, afinal, todos vocês teriam o pão garantido. Pelo que vejo, também o falta a Hortênsia, uma vez que lhe dás o teu.

O marechal apareceu de novo; o velho soldado fizera tão rapidamente o seu percurso que limpava a testa com o lenço.

— Entreguei dois mil francos a Marieta — disse ele ao ouvido da cunhada.

Adelina corou até a raiz dos cabelos. Duas lágrimas umedeceram-lhe os cílios ainda longos, e ela apertou em silêncio a mão do velho, cuja fisionomia expressava a felicidade de um amante feliz.

— Era meu intuito, Adelina, oferecer-lhe um presente com esse dinheiro — declarou ele, em continuação. — Mas assim poderá escolhê-lo à vontade.

Em seguida, tomou a mão que Lisbeth lhe estendera e beijou-a, tão distraído estava, pela satisfação que sentia.

— Isso promete — disse Adelina a Lisbeth, sorrindo, tanto quanto podia sorrir.

Nesse momento entraram o jovem Hulot e sua esposa.

— Meu irmão janta conosco? — perguntou o marechal, em tom breve.

Adelina tomou um lápis e escreveu num pequeno pedaço de papel estas palavras: “Eu o espero; esta manhã ele me prometeu vir jantar aqui; mas, se não vier, é porque o marechal o reteve, visto como há muito trabalho para ele”.

Apresentou o papel ao cunhado. Adelina inventara essa maneira de conversar com o marechal, e uma provisão de pequenos quadrados de papel, ao lado de um lápis, estava colocada sobre sua escrivaninha.

— Bem sei que ele está cheio de trabalho por causa da Argélia — respondeu o marechal.

Hortênsia e Venceslau entraram nesse instante, e, ao ver-se cercada pela família, a baronesa lançou em direção ao marechal um olhar cuja significação só foi compreendida por Lisbeth.

A felicidade tornara o artista consideravelmente mais belo, adorado por sua mulher e adulado pela sociedade. O rosto tornara-se-lhe mais cheio, o corpo elegante fazia sobressaírem os privilégios que o sangue assegura a todos os cavalheiros autênticos. Sua glória prematura, sua importância, os elogios enganadores que se fazem aos artistas, como se diz bom-dia ou como se fala sobre o tempo, davam-lhe aquela consciência do próprio valor que degenera em fatuidade quando o talento desaparece. A cruz da Legião de Honra completava a seus próprios olhos o grande homem que ele julgava ser.

Com três anos de casada, Hortênsia portava-se, em relação ao marido, como um cão em relação ao dono; respondia a todos os seus movimentos com um olhar que parecia uma interrogação, tinha sempre

os olhos sobre ele, como um avaro sobre seu tesouro; era enternecedora pela sua abnegação admirativa. Nela se refletiam o gênio e os conselhos de sua mãe. Conservava inalterada ainda, sempre a mesma, a sua beleza, poeticamente valorizada pelas doces sombras de uma oculta melancolia.

Ao ver entrar a prima, Lisbeth pensou que sua queixa, contida durante muito tempo, iria romper a frágil capa da discrição. Desde os primeiros dias da lua de mel, Lisbeth julgara que o jovem casal tinha reduzidas rendas para tão grande paixão.

Beijando a mãe, Hortênsia disse-lhe ao ouvido algumas frases sinceras, mas para Bete o segredo foi traído pelo movimento de cabeça de ambas.

“Adelina vai, como eu, trabalhar para viver”, pensou a prima Bete. “Quero que ela me diga o que vai fazer... Aqueles lindos dedos, afinal, vão saber, portanto, como os meus, o que custa o trabalho forçado.”

Às seis horas a família dirigiu-se para a sala de jantar. O talher de Heitor fora colocado na mesa.

— Deixe-o ficar — disse a baronesa a Marieta. — O senhor barão virá um pouco mais tarde.

— Ah! Meu pai virá! — declarou o jovem Hulot à mãe. — Ele mo prometeu na Câmara, quando se despediu.

#### **XLIV – O JANTAR**

Como uma aranha no centro de sua teia, Lisbeth observava todas as fisionomias. Os rostos de Hortênsia e Vitorino, que vira nascer, eram para ela como espelhos através dos quais lia os seus pensamentos. Ora, por certos olhares lançados furtivamente por Vitorino em direção à mãe, percebeu que uma desgraça estava prestes a cair sobre Adelina, desgraça que Vitorino hesitava em revelar-lhe. No íntimo, o jovem e famoso advogado estava triste. Sua profunda veneração pela mãe refletia-se na angústia com que a fitava. Já Hortênsia estava evidentemente preocupada com os seus próprios desgostos; havia quinze dias que Lisbeth sabia que ela experimentava os primeiros sintomas de inquietação que a falta de dinheiro causa às pessoas honestas, às pessoas jovens a quem a vida sempre sorriu e que disfarçam suas angústias. Por outro lado, desde o primeiro instante, a prima Bete adivinhara que a mãe nada dera à filha. A delicada Adelina recorrera, portanto, às palavras mentirosas que a necessidade ensina aos que tomam dinheiro emprestado. A preocupação de Hortênsia, a do irmão, a profunda melancolia da baronesa tornaram triste o jantar, sobretudo se se levar em conta a frieza que já lhe assegurara a surdez do velho marechal. Três pessoas animavam a cena — Lisbeth, Celestina e Venceslau. O amor de Hortênsia estimulava no artista a animação

polonesa, aquela vivacidade de espírito gascão, aquela amável turbulência que distingue esses franceses do Norte. Seu estado de espírito e sua fisionomia testemunhavam que ele tinha confiança em si e que a pobre Hortênsia, fiel aos conselhos da mãe, lhe ocultava os aborrecimentos domésticos.

— Deve ser bem feliz — disse Lisbeth à prima, ao levantar-se da mesa. — Tua mãe te tirou de uma dificuldade, quando te deu o dinheiro que tinha.

— Mamãe? — exclamou Hortênsia, surpresa. — Ah! Pobre mamãe. Eu é que desejaria poder dar-lhe dinheiro! Não sabes de nada, Lisbeth. Pois bem, tenho a desagradável suspeita de que ela trabalha em segredo.

Atravessaram então a grande sala mal iluminada, sem candelabros, seguindo Marieta, que levava o candeeiro da sala de jantar para o quarto de Adelina. Nesse instante, Vitorino tocou no braço de Lisbeth e de Hortênsia; ambas, compreendendo o sentido deste gesto, deixaram Venceslau, Celestina, o marechal e a baronesa entrar no quarto e ficaram agrupados no vão de uma janela.

— Que é que há, Vitorino? — indagou Lisbeth. — Aposto que se trata de algum desastre causado por teu pai.

— É verdade — respondeu Vitorino. — Um usurário, chamado Vauvinet, tem duplicatas de meu pai, no valor de sessenta mil francos, e quer recebê-las! Tentei falar sobre esse caso deplorável com meu pai, na Câmara, mas ele não me quis compreender, quase que me evitou. Será necessário prevenir mamãe?

— Não, não — declarou Lisbeth —, ela já tem desgostos de sobra, iria dar-lhe o golpe de misericórdia; é preciso poupá-la. Vocês não sabem em que situação ela se encontra; se não fosse seu tio, não teríamos podido jantar hoje aqui.

— Ah! Meu Deus! Vitorino, somos uns monstros — disse Hortênsia ao irmão. — Lisbeth nos diz o que deveríamos ter adivinhado. Sinto-me sufocada com esse jantar!

Interrompendo-se, levou o lenço à boca para evitar um soluço. Hortênsia chorava.

— Disse a esse tal Vauvinet que me procurasse amanhã — continuou Vitorino. — Mas será que ele se contentará com a minha garantia hipotecária? Não o creio. Essa gente só quer é dinheiro à vista para daí tirar juros de usura.

— Lancemos mão de nossa renda! — sugeriu Lisbeth a Hortênsia.

— Que daria isso? Uns quinze ou dezesseis mil francos, quando precisamos de sessenta mil — replicou Vitorino.

— Querida prima! — exclamou Hortênsia, beijando Lisbeth com o entusiasmo de um coração puro.

— Não, Lisbeth, guarde a sua pequena fortuna — declarou Vitorino,



depois de ter apertado a mão da lorena. — Amanhã verei o que esse homem deseja. Se minha mulher concordar comigo, saberei impedir ou retardar as diligências; porque ver atacar a reputação de meu pai seria horrível! Que diria o ministro da Guerra? O ordenado de meu pai, empenhado há três anos, só ficará livre em dezembro; portanto, não poderá servir de garantia. Vauvinet renovou onze vezes as duplicatas; imagine só quanto meu pai pagou de juros! É preciso liquidar esse abismo.

— Se a sra. Marneffe pudesse largá-lo... — balbuciou Hortênsia, com amargor.

— Ah! Deus nos livre disso! — acentuou Vitorino. — Meu pai iria talvez para outro lado; ali, as despesas maiores já foram feitas.

Que transformação experimentaram esses filhos, outrora tão respeitosos, cuja mãe durante muito tempo lhes incutira o sentimento da mais absoluta adoração ao pai! Eles já o tinham julgado.

— Se não fosse eu, seu pai estaria em pior situação do que está — declarou Lisbeth.

— Vamos entrar — lembrou Hortênsia. — Mamãe é esperta, é capaz de desconfiar de alguma coisa. Como diz nossa boa Lisbeth, devemos ocultar-lhe tudo... Mostremo-nos alegres!

— Vitorino, vocês não imaginam até onde os levará seu pai, com a sua queda pelas mulheres — concluiu Lisbeth. — Pensem em garantir rendimentos, arranjando o meu casamento com o marechal. Vocês todos devem falar com ele a esse respeito, ainda esta noite; justamente para isso eu sairei daqui mais cedo.

Vitorino entrou no quarto.

— Então, minha filha — murmurou Lisbeth, falando à prima —, e tu, que farás?

— Vem jantar amanhã conosco e então conversaremos — respondeu Hortênsia. — Não sei onde tenho a cabeça; tu conheces melhor as dificuldades da vida e me aconselharás.

Enquanto a família reunida tentava sugerir o casamento ao marechal e Lisbeth regressava à Rue Vaneau, verificava-se aí um desses acontecimentos que estimulam o vigor do vício em mulheres como a sra. Marneffe, obrigando-as a desenvolver todos os recursos da perversidade. Reconheçamos pelo menos este fato constante: em Paris, a vida é muito complexa para que as criaturas más façam o mal por instinto; elas se defendem das agressões com o concurso do vício — apenas isto.

#### **XLV – FANTASIAS DE UM FANTASMA**

A sra. Marneffe, cuja sala estava repleta de admiradores, dispusera tudo para o início das partidas de uíste quando o criado, um militar

aposentado pelo barão, anunciou:

— O senhor barão Montes de Montejanos.

No íntimo, Valéria experimentou uma violenta emoção, mas se dirigiu vivamente para a porta, exclamando:

— Meu primo!

E, aproximando-se do brasileiro, disse-lhe ao ouvido:

— Finge-te meu parente, do contrário tudo estará acabado entre nós!

Conduzindo o brasileiro até a lareira, continuou em voz alta:

— Então, Henrique, não foste vítima de um naufrágio, como me disseram! E eu, que chorei a tua morte durante três anos...

— Bom dia, meu amigo — disse o sr. Marneffé, estendendo a mão ao brasileiro, cuja aparência era de um autêntico brasileiro milionário.

Dotado pelo clima equatorial, do físico e da cor que todos julgamos características do Otelo<sup>[125]</sup> do teatro, o barão Henrique Montes de Montejanos impressionava pelo seu ar sombrio, efeito puramente plástico; porque seu temperamento, terno e suave, o destinava à exploração a que as mulheres fracas submetem os homens fortes. O desdém que transparecia em seu rosto, a força muscular que o seu corpo bem-talhado revelava, todo esse poderio só se desenvolvia em relação aos homens, lisonja dirigida às mulheres e que elas saboreiam com embriaguez, de tal sorte que os indivíduos que dão o braço às amantes têm todos o ar de matamouros imensamente divertidos.

Soberbamente moldado pela casaca azul de botões de ouro maciço, calça preta, finas botinas de verniz lustroso e luvas da moda, o barão tinha de brasileiro apenas um grande diamante de cerca de cem mil francos brilhando como uma estrela numa suntuosa gravata de seda azul, emoldurada por um colete branco entreaberto de modo a deixar ver uma camisa de finíssima cambraia. A fronte, saliente como a de um sátiro, sinal de teimosia na paixão, era ornamentada com uma cabeleira cor de azeviche, densa como uma floresta virgem, sob a qual cintilavam dois olhos claros, fulvos, o que fazia crer que a mãe do barão, quando grávida, tivera medo de algum jaguar.

Esse magnífico exemplar da raça portuguesa no Brasil recostou-se à lareira, numa atitude que revelava maneiras parisienses; e, com o chapéu na mão direita, o braço apoiado no veludo da estante, inclinou-se para a sra. Marneffé, para conversar com ela em voz baixa, não dando atenção aos horríveis burgueses que, a seu ver, atravancavam a sala.

A entrada em cena, a atitude e o ar do brasileiro determinaram dois movimentos de curiosidade e angústia, exatamente semelhantes, por parte de Crevel e do barão. Ambos tiveram a mesma expressão, o mesmo pressentimento. Essa manobra, inspirada em duas paixões reais, tornou-se tão cômica, pela simultaneidade da ginástica, que fez sorrir as pessoas presentes, bastante inteligentes para verem naquilo

uma revelação. Sempre burguês e comerciante, embora *maire* de Paris, Crevel ficou infelizmente em posição mais tempo que seu colaborador, e o barão pôde surpreender de passagem a revelação involuntária de Crevel. Isto foi um dardo a mais no coração do velho apaixonado, que resolveu pedir uma explicação a Valéria.

“Esta noite”, pensou também Crevel, arrumando as cartas, “preciso acabar...”

— O senhor tem copas!<sup>[126]</sup> — exclamou Marneffe. — E no entanto acaba de negar...

— Ah! Desculpe-me — disse Crevel, voltando a tomar a carta.

“Esse barão parece-me importuno”, continuou dizendo de si para si. “Valéria pode viver com o meu barão e comigo, é a minha vingança, e eu sei o meio de me descartar dele; mas, esse primo... É demais, não quero ser logrado como um bobo, quero saber de que maneira ele é parente dela!”

Nessa noite, por uma dessas felicidades que só acontecem às belas mulheres, Valéria estava maravilhosamente bem-apresentada. Seu colo alvo brilhava apertado numa renda cuja tonalidade ruiva valorizava o cetim fosco das lindas espáduas das parisienses, que sabem (por que processos, ignoramos!) ter bela carnação e ficar esbeltas. Com um vestido de veludo preto, que parecia prestes a libertar as espáduas, de um momento para outro, ela estava penteada com rendas e flores nos cabelos. Seus braços, ao mesmo tempo pequenos e roliços, saíam das mangas forradas de rendas. Ela parecia um desses belos frutos atraentemente arrumados num belo prato e que tentam o aço da faca.

— Valéria — dizia o brasileiro ao ouvido da jovem senhora —, continuo fiel a ti; meu tio morreu, e estou duas vezes mais rico do que quando parti. Quero viver e morrer em Paris, perto de ti e para ti.

— Mais baixo, Henrique, por favor!

— Ah! Ora! Mesmo que tenha que jogar toda essa gente pela janela, quero falar contigo esta noite, sobretudo depois de ter passado dois dias à tua procura. Serei o último a sair daqui, não é?

Valéria sorriu ao seu falso primo, dizendo-lhe:

— Não te esqueças de que deve ser o filho de uma irmã de minha mãe, a qual, durante a campanha de Junot em Portugal, teria contraído núpcias com teu pai.

— Eu, Montes de Montejanos, bisneto de um dos conquistadores do Brasil, ter de mentir!

— Mais baixo! Do contrário, não nos veremos mais...

— Por quê?

— Como os moribundos que querem satisfazer seu último desejo, Marneffe tomou-se de uma grande paixão por mim...

— Esse lacaio? — indagou o brasileiro, que conhecia Marneffe. — Eu o indenizarei...

— Que violência!

— Ah! Uma coisa: donde te vem todo esse luxo?... — perguntou o brasileiro, acabando por perceber a suntuosidade da sala.

Ela pôs-se a rir:

— Que maneira de falar, Henrique!

Dois olhares inflamados de ciúme tinham atingido de tal forma a sra. Marneffe que a obrigaram a observar aquelas duas almas penadas. Jogando contra o barão e o sr. Coquet, Crevel tinha por parceiro o sr. Marneffe. A partida era igual por causa das distrações respectivas de Crevel e do barão, que acumulavam faltas sobre faltas. Esses dois velhos apaixonados em dado momento confessaram a paixão que Valéria conseguira fazê-los ocultar durante três anos; ela, no entanto, não soubera ocultar em seus olhos a felicidade que sentia em rever o homem por quem seu coração palpitara pela primeira vez, o seu primeiro amor. Os direitos desses felizes mortais vivem tanto quanto a mulher sobre a qual eles os adquiriram.

Entre aquelas três paixões absolutas, uma apoiada na insolência do dinheiro, outra no direito da posse e a última na mocidade, na força, na sorte e na primazia, a sra. Marneffe conservou-se tranquila e com o espírito livre, como o general Bonaparte quando, no cerco de Mântua, teve de agir contra dois exércitos para manter o bloqueio da praça.

#### **XLVI – EM QUE IDADE OS CONQUISTADORES SE TORNAM CIUMENTOS**

O ciúme, refletindo-se na fisionomia de Hulot, tornava-o tão terrível como o falecido marechal Montcornet quando partia para uma carga de cavalaria sobre um quadrado russo. Belo homem, o conselheiro de Estado nunca sentira ciúme, do mesmo modo que Murat<sup>[127]</sup> ignorara o sentimento do medo. Ele sempre tivera a certeza do triunfo. O fracasso em relação a Josefa, o primeiro de sua vida, Hulot o atribuía à sede de dinheiro; dizia-se vencido por um milhão e não por um aborto, referindo-se ao duque d'Herouville.<sup>[128]</sup> Os filtros e as vertigens que uma louca paixão derrama a torrentes chegaram ao seu coração nesse instante. De sua mesa de uíste, Hulot voltava-se para a lareira, em movimentos à Mirabeau,<sup>[129]</sup> e quando ele deixava as cartas para lançar um olhar provocador em direção ao brasileiro e a Valéria, os presentes experimentavam aquele misto de receio e curiosidade que a violência prestes a explodir de um momento para outro geralmente inspira.

O falso primo fitava o conselheiro de Estado como se estivesse examinando um ridículo boneco chinês.

Essa situação não podia durar sem terminar num escândalo constrangedor. Marneffe temia o barão Hulot, do mesmo modo que Crevel temia Marneffe, porque não queria morrer no cargo de subchefe. Os moribundos acreditam na vida como os condenados acreditam na

liberdade. Aquele homem queria ser, custasse o que custasse, chefe de repartição.

Assustado, com razão, à vista da pantomima de Crevel e do conselheiro de Estado, Marneffe ergueu-se e disse algumas palavras ao ouvido de sua mulher; e, com grande espanto dos presentes, Valéria dirigiu-se para o seu quarto em companhia do brasileiro e do marido.

— A sra. Marneffe nunca lhe falou a respeito desse primo? — perguntou Crevel ao barão Hulot.

— Nunca! — respondeu o barão, levantando-se.

E acrescentou:

— Por esta noite, basta. Já perdi dois luíses. Aqui estão eles. — Lançou duas moedas de ouro sobre a mesa e foi sentar-se no divã, numa atitude que todos interpretaram como um convite para a despedida. Depois de terem trocado algumas palavras, o sr. e a sra. Coquet deixaram a sala e Cláudio Vignon, aborrecido, os imitou. A saída desses convidados arrastou os demais, que, embora pessoas pouco inteligentes, perceberam não ser desejada sua permanência. Ficaram a sós em silêncio, o barão e Crevel. Hulot, que acabou abstraindo a presença de Crevel, foi, na ponta dos pés, ouvir à porta do quarto. Então, deu um salto prodigioso para trás, porque o sr. Marneffe abriu a porta e apresentou a fisionomia serena, mostrando-se espantado por encontrar ali apenas duas pessoas.

— E o chá! — exclamou.

— Onde está Valéria? — perguntou o barão, furioso.

— Minha mulher subiu ao quarto da senhorita sua prima e logo voltará — respondeu Marneffe.

— Por que nos deixou ela por essa cabra idiota?

— Acontece que a srta. Lisbeth chegou da casa da senhora baronesa, sua esposa, com uma espécie de indigestão, e Maturina pediu chá a Valéria, que foi socorrer sua prima.

— E o primo?...

— Foi embora!

— Acredita nisso? — indagou o barão.

— Eu o acompanhei até a carruagem! — respondeu Marneffe, com um horrível sorriso.

Ouviu-se o rodar de uma carruagem na Rue Vaneau. Sem levar em conta Marneffe, o barão saiu e dirigiu-se ao quarto de Lisbeth. Passava-lhe pela cabeça uma dessas ideias que o coração inventa quando incendiado pelo ciúme. Conhecia tão bem a baixezça de Marneffe que chegou a supor uma ignóbil convivência entre a mulher e o marido.

— Que foi feito dos convidados? — indagou Marneffe, quando se viu a sós com Crevel.

— Quando o sol se deita, as galinhas se recolhem — respondeu Crevel. — A sra. Marneffe desapareceu e seus admiradores foram

embora. Vamos jogar um *piquet*? — acrescentou, desejando ficar.

Também Crevel acreditava que o brasileiro não havia saído. Marneffe aceitou a ideia. O *maire* era tão esperto quanto o barão; daquela maneira ele poderia permanecer indefinidamente no apartamento, jogando com o marido de Valéria, que, depois da proibição dos jogos públicos,<sup>[130]</sup> passara a contentar-se com o jogo em casa, o mais mesquinho do mundo.

O barão Hulot subiu rapidamente ao quarto de sua prima Bete. Encontrou a porta fechada e bateu várias vezes. Até que lhe abrissem a porta houve bastante tempo para que mulheres espertas e ardilosas preparassem o espetáculo de uma indigestão tratada com chá. Lisbeth sofria tanto que inspirava os mais vivos receios a Valéria; por isso esta última quase não prestou atenção à entrada violenta do barão. A doença é um dos recursos mais usados pelas mulheres para evitar a tempestade de uma discussão.

Hulot examinou discretamente o quarto e não encontrou ali um lugar onde se pudesse ocultar o brasileiro.

— A tua indigestão, Bete, recomenda o jantar de minha mulher — disse ele, observando a solteirona, que se conduzia muito bem e procurava imitar as convulsões do estômago ao tomar o chá.

— Como vê, é uma felicidade a nossa querida Bete achar-se instalada na mesma casa! Não fosse eu, a pobrezinha morreria... — disse a sra. Marneffe.

— Pelo seu jeito, parece acreditar que não estou doente, e isto seria uma infâmia... — acrescentou Lisbeth, dirigindo-se ao barão.

— Por quê? — indagou Hulot. — Sabe o motivo de minha visita?

E olhou disfarçadamente para a porta do toucador, cuja chave fora retirada da fechadura.

— Não compreendo... — declarou a sra. Marneffe, com uma convincente expressão de ternura e fidelidade desconhecidas.

— É por sua causa, meu caro primo, sim, é por sua causa que me encontro na situação em que me vê — disse Lisbeth, em tom enérgico.

Estas palavras provocaram a atenção do barão, que fitou a solteirona com profundo espanto.

— Bem sabe que lhe tenho amizade — continuou Lisbeth —; a prova é que estou aqui, basta dizer isso. Emprego as últimas forças de que disponho na vida para cuidar de seus interesses, cuidando ainda dos interesses da nossa querida Valéria. Sua casa lhe custa dez vezes menos que qualquer outra mantida nas condições da sua. Se não fosse eu, meu primo, estaria obrigado a gastar, em vez de dois mil francos por mês, uns três ou quatro mil.

— Sei tudo isso — respondeu o barão, impaciente. — Você nos protege de várias maneiras — acrescentou, aproximando-se da sra. Marneffe e prendendo-a pelo pescoço. — Não é verdade, minha

querida?...

— Por Deus, você está louco? — exclamou Valéria.

— Pois bem, sei que não duvida de minha amizade — continuou Lisbeth. — Mas também gosto de minha prima Adelina e a encontrei desfeita em lágrimas. Ela não o vê há um mês! Não, isto não está certo. O primo deixou a pobre Adelina sem dinheiro. Sua filha Hortênsia quase morreu ao saber que graças ao seu irmão é que pudemos jantar! Hoje, em sua casa, não havia pão! Adelina tomou a heroica deliberação de se sustentar a si mesma. Ela me disse: “Farei o que fizeste!”. Estas palavras me confrangeram o coração, depois do jantar, quando pensei no que minha prima era em 1811 e no que é em 1841, trinta anos depois! Isto me dificultou a digestão... Ainda tentei dominar o mal; quando cheguei aqui, porém, julguei que ia morrer...

— Veja só, Valéria, até onde me arrasta a minha adoração por você — disse o barão. — Leva-me a cometer crimes domésticos...

— Ah! Tive sorte em ficar solteira! — exclamou Lisbeth com uma selvagem alegria. — O senhor é um bom, um excelente homem, Adelina é um anjo, e eis a recompensa de uma dedicação cega.

— Um velho anjo! — disse mansamente a sra. Marneffe, lançando um olhar terno e ao mesmo tempo irônico ao seu Heitor, que a contemplava como um juiz examina um réu.

— Pobre mulher! — declarou o barão. — Há mais de nove meses que não lhe mando dinheiro. Mas para você, Valéria, sempre o consigo, e a que preço! Nunca ninguém seria capaz de amar você como eu te amo. E quantos desgostos você me dá, em recompensa!

— Desgostos? — indagou ela. — Que é que você chama então de felicidade?

— Não sei ainda quais são as suas relações com aquele pretendo primo, de quem você nunca me falou — continuou o barão, sem prestar atenção às palavras de Valéria. — Quando ele chegou, senti uma punhalada no coração. Por mais que o amor me cegue, não estou cego. Li tudo nos seus olhos e nos olhos dele. Afinal de contas, escapavam de sob as pálpebras daquele macaco umas centelhas que iam alcançar você, enquanto o seu olhar... Ah! Você nunca me olhou daquela maneira! Este é um mistério, Valéria, que será descoberto... Você é a única mulher que me fez conhecer o sentimento do ciúme; portanto, não se surpreenda com o que lhe estou dizendo... Mas um outro mistério que rompeu seus véus e que me parece uma infâmia...

— Continue, continue! — disse Valéria.

— É Crevel, esse cubo de carne e de estupidez. Ele ama você, e você aceita seus galanteios de tal forma que o idiota passou a tornar pública a sua paixão, expondo-a a todo o mundo...

— Já são três! Não sabe de outros? — perguntou a sra. Marneffe.

— Talvez haja! — exclamou o barão.

— Que o sr. Crevel me ame, está no seu direito de homem; que eu aceite a sua paixão, estaria no direito de uma cortesã ou de uma mulher a quem você deixaria muita coisa a desejar... Pois bem, ou você me ama com os meus defeitos, ou me abandona. Se me restitui a liberdade, nem você nem Crevel voltarão mais aqui! Ficarei com o meu primo, a fim de não perder os encantadores hábitos que você me atribui. Adeus, senhor barão Hulot.

Dizendo isso, ergueu-se, mas o conselheiro de Estado a segurou pelo braço e a fez sentar-se. O velho não podia mais deixar Valéria, que para ele se tornara uma necessidade mais imperiosa que as necessidades da vida. Preferia manter-se na incerteza a obter a mais leve prova da infidelidade de Valéria.

— Minha querida Valéria — disse —, não vês quanto soffro? Apenas te peço uma explicação... Dá-me boa justificativa...

— Está bem, vá me esperar lá em baixo, porque você não quer, estou certa, assistir às diferentes cerimônias que o estado de sua prima exige.

Hulot retirou-se lentamente.

— Velho libertino, nem sequer pede notícias de seus filhos? — perguntou a prima Bete. — Que vai fazer em favor de Adelina? — Da minha parte, vou levar-lhe amanhã minhas economias...

— Deve-se dar à mulher pelo menos o pão de trigo — disse a sra. Marneffe sorrindo.

Sem ofender-se com o tom de Lisbeth, que o repreendia com dureza igual à de Josefa, o barão saiu, satisfeito por ter evitado um problema desagradável.

Uma vez corrido o ferrolho, o brasileiro deixou o toucador onde se encontrava e apareceu com os olhos cheios de lágrimas num estado de causar pena. Evidentemente, Montes compreendera tudo.

#### **XLVIII – UMA PRIMEIRA CENA DE ALTA COMÉDIA FEMININA**

— Já não gostas mais de mim, Henrique, bem o vejo! — exclamou a sra. Marneffe, ocultando a testa no lenço e desfazendo-se em lágrimas.

Era o grito do verdadeiro amor. O calor do desespero da mulher é tão persuasivo que arranca o perdão que se encontra no fundo do coração de todos os apaixonados, quando a mulher é jovem, linda e extremamente decotada.

— Mas, se você me ama, por que não abandona tudo por mim? — perguntou o brasileiro.

Lógico como o são todos os homens que nascem no seio da natureza, o filho da América retomou logo o fio da conversa no ponto em que a havia interrompido, enlaçando Valéria pela cintura.

— Por quê? — repetiu ela.

Ergueu a cabeça e fitou Henrique, dominando-o com um olhar



apaixonado.

— Mas, meu gatinho, eu sou casada; estamos em Paris e não nas florestas, nas planícies, nos descampados da América. Querido Henrique, meu primeiro e meu único amor, ouça uma coisa. Meu marido, simples subchefe do Ministério da Guerra, quer ser chefe de repartição e oficial da Legião de Honra. Posso impedi-lo de ter sua ambição? Ora, pela mesma razão por que nos dava, a nós dois, inteira liberdade (há quatro anos, lembra-te, filhinho?), hoje Marneffe me impõe o sr. Hulot. Não posso desfazer-me desse terrível administrador que bufa como uma foca, que tem sessenta anos, que em três anos envelheceu dez por querer ser jovem, que me é, enfim, tão odioso que no dia seguinte ao em que Marneffe for nomeado chefe da repartição e oficial da Legião de Honra...

— Qual será o aumento de teu marido?

— Mil escudos.

— Darei isso numa renda vitalícia — insistiu o barão Montes. — Deixemos Paris e vamo-nos embora... — Para onde? — perguntou Valéria, fazendo uma dessas lindas caretas com que as mulheres zombam dos homens que são suas presas. — Paris é a única cidade onde poderemos viver felizes. Estimo bastante o teu amor para vê-lo enfraquecer quando estivéssemos sozinhos no deserto. Olha, Henrique, és o único homem que eu amo neste mundo, podes guardar isso em tua cabeça de tigre.

As mulheres sempre convencem os homens por elas transformados em cordeiros de que são uns leões e de que têm um caráter de ferro.

— Agora, ouve-me bem: Marneffe não tem mais cinco anos de vida, está gangrenado até a medula dos ossos; dos doze meses do ano, pelo menos sete ele passa a beber drogas, tisanas, envolvido em flanela; enfim, como lá diz o médico, a qualquer momento ele será colhido pela foice da morte; a doença mais simples para um homem sadio, para ele será mortal; o sangue está infeccionado, a vida está atacada na própria fonte. Há cinco anos que o proibi de me beijar, uma vez que fosse, porque esse homem é a própria peste! Um dia, e esse dia não está longe, ficarei viúva; pois bem, eu, já solicitada por um homem que tem uma renda de sessenta mil francos, eu que sou a amante desse homem como deste torrão de açúcar, eu te declaro o seguinte: mesmo que sejas pobre como Hulot, leproso como Marneffe, mesmo que me batas, é a ti que desejo ter como marido, o único homem que eu amo e cujo nome quero usar. E estou pronta a te dar todas as provas de amor que tu quiseses...

— Está bem, esta noite...

— Mas, meu jovem do Rio, meu belo jaguar fugido das matas virgens do Brasil para a minha companhia, respeita um pouco a criatura que desejas fazer tua mulher — disse-lhe ela, tomando-lhe a mão para beijá-la e acariciá-la. — Serei mesmo tua mulher, Henrique?

— Sim — declarou o brasileiro, vencido pelas palavras ardorosas de paixão.

E pôs-se de joelhos.

— Vejamos, Henrique — cominou Valéria, tomando-lhe as mãos e fitando-o no fundo dos olhos com fixidez. — És capaz de jurar, em presença de Lisbeth, minha melhor e minha única amiga, minha irmã, que te casarás comigo ao fim do meu primeiro ano de viuvez?

— Juro.

— Não é bastante! Jura pelas cinzas e pela eterna salvação de tua mãe, jura pela Virgem Maria e pela tua fé de católico!

Valéria sabia que o brasileiro cumpriria tal juramento, mesmo que ela houvesse caído no fundo do mais sujo atoleiro social. O brasileiro fez esse juramento solene, com o nariz quase encostado no alvo seio de Valéria, os olhos faiscantes; sentia-se perturbado, como quem revê a mulher amada após uma travessia de cento e vinte dias!

— Bem, agora, fica tranquilo. Procura respeitar a sra. Marneffe, a futura baronesa de Montejanos. Proíbo-te de gastar comigo um *liard* que seja. Fica aqui, nesta antessala, e deita-te neste pequeno divã; eu mesma virei avisar-te quando puderes sair do teu esconderijo... Amanhã almoçaremos juntos e sairás depois, à uma hora, como se houvesse vindo fazer-me uma visita. Nada temas, os porteiros estão nas minhas mãos, são como se fossem meu pai e minha mãe... Vou descer, voltar à minha casa, para servir o chá.

Fez um sinal a Lisbeth, que a levou até o patamar. Valéria disse então ao ouvido da solteirona:

— Este moreno chegou um tanto cedo demais! Porque eu morro se não te ajudo a vingar-te de Hortênsia...

— Fica tranquila, minha querida, meu pequeno demônio — disse a solteirona, beijando-a na fronte. — O amor e a vingança, juntos, sempre vencerão. Hortênsia me espera amanhã, ela está na miséria. Para arranjar mil francos, Venceslau dar-te-á mil beijos.

#### **XLVIII – CENA DIGNA DA PORTARIA**

Ao deixar Valéria, Hulot desceu até o quarto dos porteiros e se apresentou inesperadamente à sra. Olivier.

— É a sra. Olivier?

Ouvindo esta pergunta imperiosa e observando o gesto com o qual o barão a acentuou, a sra. Olivier saiu do quarto e foi até o pátio, conduzida por Hulot.

— A senhora sabe que, se há alguém que pode um dia facilitar ao seu filho a conclusão de um curso, sou eu. Graças a mim, ele está como terceiro escrevente do tabelião e conclui os seus estudos de Direito.

— É verdade, senhor barão, e pode contar com o nosso

reconhecimento. Não há um dia em que eu não rogue a Deus pela felicidade do senhor barão.

— Não quero palavras, minha boa mulher — disse Hulot —, quero provas...

— Que é preciso fazer? — perguntou a sra. Olivier.

— Um homem veio aqui, de carro, esta noite; conhece-o?

A sra. Olivier bem que reconhecera Montes; como o poderia esquecer? Na Rue du Doyenné, Montes lhe deixava cem *sous* na mão todas as vezes que saía da casa, de madrugada. Se o barão se houvesse dirigido ao sr. Olivier, talvez tivesse sabido de tudo. Mas Olivier estava dormindo. No seio das classes inferiores, a mulher, além de ser superior ao homem, quase sempre ainda o governa. Desde muito tempo a sra. Olivier tomara uma decisão para o caso de um atrito entre seus dois benfeitores: ela considerava a sra. Marneffe a mais forte das duas potências.

— Se eu o conheço? — respondeu ela. — Não, palavra de honra, nunca o vi!

— Como? O primo da sra. Marneffe nunca a foi ver quando ela morava na Rue du Doyenné?

— Ah! É o primo dela! — exclamou a sra. Olivier. — Talvez ele tenha ido, mas não o reconheci. De outra vez, senhor, prestarei mais atenção...

— Ele vai descer — declarou Hulot rapidamente, cortando a palavra à sra. Olivier.

— Ele já saiu — replicou a sra. Olivier, que compreendera tudo. — O carro já não está mais ali...

— A senhora o viu partir?

— Como estou vendo o senhor agora.

Ele disse ao empregado:

— Para a embaixada!

O tom, a firmeza dessas palavras arrancaram do barão um suspiro de felicidade. Ele tomou sua mão e a apertou.

— Obrigado, minha cara sra. Olivier. Mas não é tudo! E Crevel?

— O sr. Crevel? Que quer dizer com isso? Não compreendo — declarou a sra. Olivier.

— Ouça-me isto: ele ama a sra. Marneffe...

— Impossível, senhor barão, impossível — declarou ela, agitando as mãos.

— Ele ama a sra. Marneffe! — repetiu, num tom muito imperativo, o barão. — Que fazem eles? De nada sei, mas quero sabê-lo e a senhora o sabe. Se puder me dar os detalhes dessa história, seu filho será tabelião.

— Senhor barão, pode ficar descansado — aconselhou a sra. Olivier. — A sra. Marneffe ama o senhor e só ama o senhor; a empregada dela sabe de tudo e ambas dizemos que o senhor é o homem mais feliz do mundo, porque sabe o que a sra. Marneffe vale... Ah! É uma perfeição...

Levanta-se às dez horas, todos os dias; em seguida, almoça. Lá para uma hora troca de roupa, indo nisso até as duas horas; depois, vai dar um passeio nas Tuileries, como todo o mundo sabe e vê, regressando à casa sempre às quatro horas, para receber sua visita... Ah! Ela é regular como um relógio. Não tem segredos para sua camareira, e Reina não os tem para comigo. Sim, Reina não pode ter segredos, por causa do meu filho, para quem ela é muito boazinha... Como está vendo, se a sra. Marneffe tivesse ligações com o sr. Crevel, nós o saberíamos.

O barão subiu de novo à casa da sra. Marneffe, com a fisionomia radiante e convencido de que era o único homem amado por essa terrível cortesã, tão encantadora, mas tão bela e graciosa quanto uma sereia.

Crevel e Marneffe começavam uma segunda partida de *piquet*. O primeiro perdia, como perdem todos os indivíduos que não prestam atenção ao jogo. Conhecendo a causa das distrações do *maire*, Marneffe disse se aproveitava, sem o menor escrúpulo: olhava as cartas a pedir e descartava-as conforme suas conveniências; depois, percebendo o jogo do adversário, jogava na certa. O preço da ficha era de vinte *sous*, e Marneffe já roubara trinta francos ao *maire* quando o barão entrou.

— Então, estão a sós? — perguntou o conselheiro de Estado, surpreendido por não encontrar mais ninguém. — Onde estão os outros convidados?

— O seu bom humor espantou todos eles — respondeu Crevel.

— Não, foi a chegada do primo de minha mulher — esclareceu Marneffe. — Os convidados pensaram que Valéria e Henrique deveriam ter qualquer coisa para conversar a sós, depois de uma separação de três anos, e discretamente se retiraram... Se eu estivesse aqui, ainda os teria retido; mas, por acaso, teria tomado uma resolução errada, porque a indisposição de Lisbeth, que sempre serve o chá às dez e meia, transtornou tudo...

— Será que Lisbeth está realmente indisposta? — perguntou Crevel, furioso.

— É o que me disseram — respondeu Marneffe, com a imoral indiferença dos homens para quem as mulheres já não existem.

O *maire* olhou para o relógio da parede; pelos seus cálculos, o barão passara uns quarenta minutos nos aposentos de Lisbeth. O ar satisfeito de Hulot incriminava gravemente Heitor, Valéria e Lisbeth.

— Acabo de vê-la; está sofrendo horivelmente, a pobrezinha — disse o barão.

— O sofrimento alheio lhe causa alegria, meu caro amigo, porque voltou de lá com a fisionomia brilhante de satisfação — criticou asperamente Crevel. — Será que Lisbeth se encontra em perigo de morte? Sua filha será a herdeira, segundo dizem. Você parece outro: saiu daqui com a cara do Mouro de Veneza e regressou com a de Saint-

Preux!<sup>[131]</sup> Gostaria de ver o rosto da sra. Marneffe...

— Que quer dizer com isso? — perguntou Marneffe a Crevel, juntando suas cartas e colocando-as diante dele.

Os olhos apagados desse decrepito de quarenta e sete anos brilharam, um leve rubor coloriu-lhe as faces flácidas e frias; Marneffe entreabriu a boca desdentada e pelos lábios escuros desceu uma espuma caseiforme, branca como giz. Essa cólera de um homem impotente cuja vida estava por um fio e que, num duelo, nada arriscaria, quando Crevel tinha tudo a perder, assustou o *maire*.

— Eu disse — respondeu Crevel — que gostaria de ver a fisionomia da sra. Marneffe, e tenho tanto mais razão quanto a sua, neste instante, é muito desagradável. Palavra de honra, você é horivelmente feio, meu caro Marneffe...

— Saiba que não é bem-educado!

— Um homem que me arranca trinta francos em quarenta e cinco minutos nunca me parece bonito.

— Ah! Se me houvesse visto há dezessete anos... — continuou o subchefe.

— Era simpático? — perguntou Crevel.

— Foi o que me desgraçou; se eu tivesse sido como você, hoje seria par de França e *maire*.

— É mesmo — disse Crevel, sorrindo —, você lutou bastante e, dos dois metais que se ganha a cultivar o deus do comércio, escolheu o pior, a droga!

E Crevel deu uma gargalhada. Marneffe se ofendia quando tocavam em sua honra em perigo, mas apreciava essas vulgares e estúpidas pilhérias, que eram a moeda corrente na conversa entre Crevel e ele.

— Eva custa-me caro, é verdade; mas, com sinceridade, a vida deve ser curta, mas agradável, esta é a minha divisa.

— Pois eu prefiro a vida longa e feliz — replicou Crevel.

## **XLIX – SEGUNDA CENA DE ALTA COMÉDIA FEMININA**

A sra. Marneffe entrou, viu os três sozinhos na sala — o barão, seu marido jogando com Crevel — e compreendeu, só ao observar a fisionomia do dignitário municipal, todos os pensamentos que o haviam agitado. Imediatamente tomou uma decisão.

— Marneffe, meu filho! — disse, vindo apoiar-se ao ombro do marido e passando seus lindos dedos pelos cabelos grisalhos e nojentos que mal cobriam a cabeça, penteando-os. — Está muito tarde para ti, devias ir-te deitar. Bem sabes que amanhã terás de purgar, o médico o determinou, e Reina te fará tomar o chá de ervas às sete horas... Se queres viver, deixa de lado agora o teu *piquet*...

— Joguemos a cinco pontos — sugeriu Marneffe a Crevel.

— Está bem. Já tenho dois — respondeu Crevel.

— Quanto tempo demorará ainda? — indagou Valéria.

— Dez minutos — respondeu Marneffe.

— Já são onze horas — lembrou Valéria. — Na verdade, sr. Crevel, parece que o senhor quer matar meu marido. Pelo menos, apresse-se...

Essa expressão de duplo sentido fez Crevel, Hulot e o próprio Marneffe rirem. Então, Valéria foi conversar com o seu Heitor.

— Vai saindo, querido — disse ela, ao ouvido de Heitor —, fique passeando na Rue Vaneau; poderás voltar quando vires Crevel sair.

— Preferia sair daqui e ir direto ao teu quarto, pela porta do toucador; poderias dizer a Rainha que me abrisse a porta.

— Rainha está lá em cima cuidando de Lisbeth.

— E se eu fosse então para o quarto de Lisbeth?

Tudo isso era perigoso para Valéria, que, prevendo uma explicação com Crevel, não queria que Hulot fosse para o seu quarto, de onde poderia ouvir tudo. E o brasileiro se encontrava nos aposentos de Lisbeth.

— Na verdade, vocês, homens — disse Valéria a Hulot —, quando sonham com uma coisa são capazes de todas as loucuras para realizar o sonho. Lisbeth está num estado em que não o pode receber... Está com receio de apanhar um resfriado na rua?... Vá indo... Do contrário, boa noite!

— Boa noite, senhores — disse o barão, em voz alta.

Ofendido em seu amor-próprio de velho, Hulot fez questão de mostrar que ainda podia fazer o que fazem os jovens, esperando na rua o momento do encontro. E saiu.

Marneffe despediu-se da mulher, tomando-lhe as mãos, numa demonstração de aparente ternura. Valéria apertou a mão do marido de um modo significativo, querendo dizer: “Vê se me desembaraças de Crevel!”.

— Boa noite, Crevel — disse Marneffe. — Espero que não se demorará muito tempo ainda com Valéria. Ah! Sou ciumento... Isto me veio tarde, mas veio... Daqui a pouco voltarei para ver se já foi embora.

— Temos de falar sobre negócios, mas me demorarei pouco — avisou Crevel.

— Fale baixo! Que quer comigo? — perguntou Valéria, falando em dois tons e fitando Crevel com um ar em que se misturavam altivez e desprezo.

Notando esse olhar arrogante, Crevel, que prestava imensos serviços a Valéria e queria gabar-se disso, tornou-se humilde e submisso.

— Esse brasileiro...

Surpreendido com o olhar fixo e desdenhoso de Valéria, Crevel deteve-se.

— E então? — perguntou ela.

— Esse seu primo...

— Não é meu primo — declarou ela. — É meu primo para a sociedade e para o sr. Marneffe. Se fosse meu amante, você não teria o direito de dizer nada. Um perfumista que compra uma mulher para vingar-se de um homem está, na minha estima, colocado abaixo daquele que a compra por amor. Você não se apaixonou por mim, apenas viu em mim a amante do sr. Hulot e me adquiriu como se adquire uma pistola para matar o adversário. Como eu tinha fome, consenti nisso!

— Mas você não tem respeitado o seu compromisso — observou Crevel, voltando a ser comerciante.

— Ah! Quer que o barão Hulot saiba então que você lhe tomou a amante para vingar-se do rapto de Josefa?... Nada prova melhor a sua baixazeza. Você diz que ama uma mulher, trata-a como uma duquesa, e no entanto quer desonrá-la! Olhe, meu caro, você tem razão: essa mulher não vale o que Josefa vale. Ela, afinal, tem a coragem de sua infâmia, enquanto eu não passo de uma hipócrita que deveria ser fustigada em praça pública. Ah! Josefa está protegida pelo seu talento e pela sua fortuna. Minha única proteção é minha honestidade; ainda sou uma digna e virtuosa burguesa; mas, se o senhor fizer um escândalo, que será de mim? Se eu fosse rica, vá lá! Mas atualmente possuo, no máximo, uns quinze mil francos de renda, não é mesmo?

— Muito mais — esclareceu Crevel. — Nestes últimos dois meses dupliquei as suas economias, na Orléans.<sup>[132]</sup>

— Pois bem, em Paris a consideração começa a partir de cinquenta mil francos de renda e você não tem para me dar a importância correspondente à posição que eu perderia. Que desejo? Fazer com que Marneffe seja nomeado chefe da repartição; teria seis mil francos de ordenado, com vinte e sete anos de serviço: em três anos, eu teria direito a uma pensão de mil e quinhentos francos, se ele morresse. Você, tão bondoso para comigo, farto de felicidade, não sabe esperar! E diz amar-me! — exclamou.

— Comecei tudo fazendo um plano, mas terminei feito o seu cachorrinho — declarou Crevel. — Você me espezinha o coração, me esmaga, me desespera, e eu amo você como nunca amei ninguém, Valéria; eu amo você tanto quanto amo Celestina! Por você, sou capaz de tudo... Olhe, em vez de ir duas vezes por semana à Rue du Dauphin, vá três vezes.

— Só isso? Você está rejuvenescendo, meu caro...

— Deixe-me colocar Hulot à margem, humilhá-lo, desembaraçar você dele — continuou Crevel, sem responder àquela insolência. — Não admita em seu convívio o tal do brasileiro, seja inteiramente minha, e não se arrependerá. Imediatamente lhe darei uma inscrição de oito mil francos de renda, em caráter vitalício, a qual só se tornará efetiva depois

de cinco anos de constância...

— Sempre negócios! Os burgueses nunca aprenderão a dar coisa alguma! Quer conseguir mudas de amor, na vida, com inscrições de renda!... Ah! Perfumista, vendedor de pomadas, você põe etiqueta em tudo! Heitor me disse que o duque d'Hérouville ofereceu trinta mil libras de renda a Josefa numa caixinha de balas de chocolate! E eu valho seis vezes mais que Josefa! Ah! Ser amada! — disse ela, endireitando os cabelos cacheados e mirando-se ao espelho. — Henrique me ama; ele matará você como a uma mosca, se eu lhe fizer um sinal com os olhos. Hulot me ama, abandonando a esposa na miséria! Ora, seja bom pai de família, meu querido. Oh! Você tem, para as suas loucuras, trezentos mil francos, afora sua fortuna; um bom pecúlio, afinal, e você só pensa em o aumentar...

— Para você, Valéria, porque eu lhe ofereço a metade! — disse Crevel, ajoelhando-se.

— Então, ainda está aqui? — exclamou o hediondo Marneffe, que envergava um chambre. — Que está fazendo?

— Ele me pede perdão por me ter feito uma proposta insultuosa, meu caro. Nada conseguindo obter de mim, queria comprar-me...

Crevel bem desejaria meter-se chão adentro por um alçapão, como sucede no teatro.

— Levante-se, meu caro Crevel — disse Marneffe, sorrindo. — Você se torna ridículo. Pelo ar de Valéria, vejo que não há perigo para mim.

— Vai-te deitar e dorme tranquilo — recomendou a sra. Marneffe.

“Como Valéria é inteligente!”, pensou Crevel. “É adorável! Ela me salva!”

Quando Marneffe voltou para o quarto, o *maire* tomou as mãos de Valéria, beijando-as e umedecendo-as de lágrimas.

— Tudo em seu nome! — disse ele.

— Isto sim é amar! — respondeu Valéria, falando-lhe ao ouvido. — Pois bem, amor com amor se paga. Hulot está lá embaixo, na rua. O pobre velho espera, para vir para cá, que eu coloque uma vela numa das janelas do meu quarto de dormir. Eu autorizo você a dizer-lhe que você é o único que amo; ele não acreditará nisto nunca, leve-o então à Rue du Dauphin, mostre-lhe as provas, esmague-o; eu permito que você faça isso, ordeno-o até. Essa foca me aborrece, me irrita. Conserve-o na Rue du Dauphin durante toda a noite; pode cozinhá-lo a fogo lento, vingue-se do rapto de Josefa. Talvez Hulot morra, mas salvaremos sua mulher e seus filhos de uma ruína horrível. A sra. Hulot trabalha para viver!...

— Oh! Pobre senhora! Por Deus, é terrível! — exclamou Crevel, cujos bons sentimentos naturais reapareceram.

— Se me amas, Celestino — disse Valéria baixinho, ao ouvido de Crevel, roçando-lhe a orelha com os lábios —, detém Heitor ou estarei perdida. Marneffe suspeita de tudo; Heitor tem a chave da porta de



entrada e espera vir aqui!

Crevel apertou a sra. Marneffe entre os braços e saiu, radiante de felicidade; Valéria o acompanhou ternamente até o limiar; em seguida, como se estivesse magnetizada, desceu ao primeiro andar e chegou ao pé da escada.

— Minha Valéria, sobe, não te comprometas aos olhos dos porteiros... Vai, minha vida, minha fortuna, tudo é teu... Volta, minha duquesa!

— Sra. Olivier! — chamou Valéria, em voz baixa, quando a porta bateu.

— Como! A senhora aqui? — indagou a sra. Olivier, surpresa.

— Corra os ferrolhos de cima e de baixo na porta de entrada e não abra mais.

— Está bem, senhora.

Uma vez corridos os ferrolhos, a sra. Olivier contou a tentativa de corrupção de que fora vítima, por parte do alto funcionário.

— A senhora se conduziu como um anjo, prezada sra. Olivier. Amanhã conversaremos a respeito disto.

Valéria alcançou o terceiro andar com a rapidez de uma flecha, deu três leves pancadas na porta de Lisbeth e voltou para os seus aposentos, transmitindo a Rainha as suas ordens, porque uma mulher nunca desperdiça a oportunidade de um Montes de regresso do Brasil.

## L – CREVEL SE VINGA

“Não, evidentemente só as mulheres da sociedade sabem amar assim!”, pensava Crevel. “Como ela descia a escada, iluminando-a com o seu olhar, atraída por mim! Josefa não se compara com ela! Josefa é uma galinha morta!”, exclamou o antigo caixeiro-viajante. “Que disse eu? Uma galinha morta... Por Deus, sou capaz de soltar uma dessas qualquer dia nas Tuileries... Não, se Valéria não me educa, nada posso ser... Eu, que tanto me empenho por parecer um cavalheiro... Ah! Que mulher! Ela me perturba tanto quanto uma cólica quando me fita friamente... Que graça, que espírito! Josefa nunca me deu tais emoções. E que requintes desconhecidos! Bem, lá está o meu homem.”

Acabava de descobrir, na escuridão da Rue de Babylone, o grande Hulot, um pouco curvado, deslizando ao longo dos andaimes de uma casa em construção. Aproximou-se dele.

— Bom-dia, barão, visto como já passa da meia-noite! Que diabo faz aqui?... Passeando debaixo dessa chuva fina? Na sua idade, isso não convém. Quer que eu lhe dê um bom conselho? Vamos para nossas casas, porque, aqui entre nós, você não irá ver nenhuma luz à janela...

Ao ouvir esta última frase, o barão sentiu que tinha sessenta e três anos e que seu capote estava molhado.

— Quem lhe disse?... — perguntou.

— Quem havia de ser? Valéria, a “nossa” Valéria, que quer ser unicamente a “minha” Valéria. Agora, cada um de nós ganhou a sua partida, barão; poderemos jogar a negra quando quiser. E você não pode ficar aborrecido, bem sabe que o meu direito de vingança sempre foi reconhecido. Você levou três meses para me roubar Josefa, enquanto eu, eu lhe roubei Valéria em... Mas não falemos nisso — continuou. — Agora, quero-a inteiramente minha. Mas nem por isso deixaremos de ser bons amigos.

— Crevel, isso não é pilhéria — respondeu o barão, com a voz sufocada pela raiva. — Trata-se de um caso de vida ou de morte.

— Ora, como você encara essas coisas! Barão, talvez já não se lembre mais do que me disse no dia do casamento de Hortênsia: “Será que dois velhos libertinos como nós devem zangar-se por causa de uma saia? Seria coisa de merceeiros, de gente inferior...”. Nós somos, está visto, Regência, gibão azul, Pompadour, século XVIII, tudo o que há de mais marechal de Richelieu,<sup>[133]</sup> rococó, direi mesmo *As relações perigosas!*...  
[134]

Crevel pôde pronunciar suas frases literárias durante muito tempo; o barão o ouvia como escutam os surdos no começo da surdez. Percebendo, à luz do gás, que o sangue desaparecera do rosto do inimigo, o vencedor deteve-se. Para o barão, aquilo era uma punhalada, depois das declarações da sra. Olivier, depois do último olhar de Valéria.

— Meu Deus! Havia tantas outras mulheres em Paris!... — exclamou, enfim.

— Foi o que te disse quando me tomaste Josefa — replicou Crevel.

— Ora, Crevel, é impossível... Dê-me provas disso! Tem uma chave, como eu, para entrar?

E, chegando à frente da casa, o barão colocou a chave na fechadura, mas encontrou a porta imóvel e, inutilmente, tentou forçar a entrada.

— Não faça escândalo a estas horas — disse tranquilamente Crevel.

— Ora, barão, da minha parte eu tenho chaves melhores que a sua.

— Quero provas! Provas! — repetiu o barão, num desespero que o enlouquecia.

— Venha comigo e eu as mostrarei — respondeu Crevel.

E, de acordo com as instruções de Valéria, arrastou consigo o barão para o cais, pela Rue Hillerin-Bertin. O infeliz conselheiro de Estado ia andando como os negociantes na véspera do dia em que devem declarar falência; perdia-se em conjecturas sobre as razões da depravação oculta no fundo do coração de Valéria, julgando-se ainda vítima de qualquer mistificação. Ao atravessar a Pont Royal, sentiu a existência tão vazia, tão acabada, tão difícil pela sua situação financeira, que esteve a ponto de ceder à má ideia que lhe veio, a de jogar Crevel ao rio e lançar-se às águas em seguida.

Ao chegar à Rue du Dauphin, que por esse tempo ainda não tinha sido alargada, Crevel deteve-se em frente de uma porta lateral. A porta dava para um comprido corredor lajeado de branco e preto formando peristilo, no fim do qual se encontravam uma escada e um quarto de porteiro iluminados por um pequeno pátio interior, como tantos que existem em Paris. O pátio, de meação com a propriedade vizinha, apresentava a singular particularidade de uma divisão desigual. A *garçonnière* de Crevel — porque ele era seu proprietário — tinha um apêndice de telhado de vidro, construído sobre o terreno vizinho e onerado da interdição de elevar essa construção, inteiramente oculta pela loja e pela varanda da escada.

Durante muito tempo, o local servira de armazém, depósito e cozinha de um dos dois estabelecimentos situados na rua. Crevel destacara do contrato essas três peças do andar térreo e Grindot as transformara numa *garçonnière* econômica. Entrava-se aí de duas maneiras: pela loja de um comerciante de móveis, a quem Crevel alugava por bom preço e por mês, a fim de poder puni-lo em caso de indiscrição, e depois por uma porta aberta na parede do corredor, tão habilmente dissimulada que se tornara quase invisível.

O pequeno apartamento composto de uma sala de jantar, uma sala e um quarto de dormir, iluminado por cima, parte pelo vizinho, parte por Crevel, quase ninguém o via. Com exceção do negociante de móveis em segunda mão, os demais locatários ignoravam a existência do pequeno paraíso. A porteira, paga para ser cúmplice de Crevel, era uma excelente cozinheira. Assim, o senhor *maire* podia entrar em sua *garçonnière* econômica ou sair, a qualquer hora da noite, sem o menor receio de ser observado. De dia, uma mulher bem-vestida, como qualquer parisiense quando vai às compras, e munida de uma chave, não se arriscaria se fosse à casa de Crevel: examinava os móveis em segunda mão, ajustava preços, entrava na loja e a deixava sem despertar a menor suspeita se alguém ali a encontrasse.

Quando Crevel acendeu os candelabros no toucador, o barão ficou surpreso com o luxo inteligente e afetado ali existente. O antigo perfumista dera carta branca a Grindot e o velho arquiteto se distinguira por uma criação do gênero Pompadour, a qual, aliás, custara sessenta mil francos.

— Quero que uma duquesa, se entrar aqui, fique surpreendida — dissera Crevel a Grindot.

Queria ter o mais lindo Éden parisiense para aí possuir a sua Eva, a sua mulher de sociedade, a sua Valéria, a sua duquesa.

— Há aqui dois leitos — explicou Crevel a Hulot, mostrando-lhe um divã, de sob o qual puxava um leito como se puxa a gaveta de uma

cômoda. — Aqui está um e o outro está no outro quarto. Assim, podemos ambos passar a noite aqui.

— Quero provas! — exclamou o barão.

Crevel tomou um castiçal e conduziu o amigo até o quarto de dormir, onde, em cima de um sofá, Hulot viu um penhoar magnífico, pertencente a Valéria e que ela usara na Rue Vaneau, para exhibi-lo, antes de usá-lo na *garçonnière* de Crevel. O *maire* fez funcionar a mola secreta de um pequena escrivaninha em marchetaria, chamada *bonheur-du-jour*, folheou uns papéis, escolheu uma carta e estendeu-a ao barão.

— Olhe aqui, leia.

O conselheiro de Estado leu este pequeno bilhete, escrito a lápis:

Em vão te esperei, velho rato! Uma mulher como eu não espera nunca um antigo perfumista. Não havia nem jantar preparado nem cigarros. Hás de pagar tudo isso.

— Não é a letra dela?

— Meu Deus! — exclamou Hulot, sentando-se, acabrunhado. — Reconheço tudo quanto lhe pertence: aqui estão as suas toucas de dormir e as suas pantufas. Mas, afinal, desde quando?...

Crevel fez sinal de que tinha compreendido e apanhou, na pequena escrivaninha, um maço de contas.

— Veja, meu velho: paguei os empreiteiros em dezembro de 1838. Em outubro, dois meses antes, esta encantadora *garçonnière* tinha sido inaugurada.

O conselheiro de Estado baixou a cabeça.

— Que diabo faziam vocês? Porque eu conheço a maneira como ela emprega o tempo, hora por hora.

— E o passeio às Tuileries? — indagou Crevel, esfregando as mãos, de contente.

— E então? — continuou Hulot, aparvalhado.

— Tua suposta amante vem às Tuileries, julgam que ela passeia de uma às quatro; ora, em dois tempos ela está aqui. Conheces Molière? Pois bem, barão, não há nada de imaginário no título da sua peça que se refere a teu caso.<sup>[135]</sup>

Não podendo duvidar de mais nada, Hulot caiu num silêncio sinistro. As catástrofes arrastam todos os homens fortes e inteligentes à filosofia. O barão estava, moralmente, como um homem que, no escuro da noite, procura o caminho dentro de uma floresta. Esse silêncio morno, a transformação que se verificou naquela fisionomia abatida, tudo isso causou inquietação a Crevel, que não queria a morte de seu colaborador.

— Como te disse, meu velho, cada um de nós ganhou uma partida, disputemos a negra. Então, quer jogar a negra? Vejamos quem é mais astuto.

“Por que, em dez mulheres bonitas, há pelo menos sete que são perversas?”, pensou Hulot.

### LII – DOIS CONFRADES DA GRANDE CONFRARIA DOS CONFRADES

O barão estava demasiado confuso para encontrar a solução daquele problema. A beleza é o maior dos poderes humanos. Todo poder sem contrapeso, sem entraves autocráticos, leva ao abuso, à loucura. O arbitrário é a demência do poder. Na mulher, o arbitrário é a fantasia.

— Não tens de que te queixares, meu caro colega; possuis a mais bela das mulheres e ela é virtuosa.

— Mereço a minha sorte — murmurou Hulot. — Não sou reconhecido à minha mulher; faço-a sofrer, ela é um anjo! Minha pobre Adelina, estás vingada! Ela sofre sozinha, em silêncio; é digna de adoração, merece meu amor; eu deveria... Porque ela ainda é admirável, branca e rejuvenescida... Mas já se viu mulher mais ignóbil, mais infame, mais celerada que essa Valéria?

— Uma sem-vergonha — disse Crevel —, uma indecente que devia ser fustigada na Place du Châtelet;<sup>[136]</sup> mas, meu caro Canillac, se somos gibão azul, marechal de Richelieu, Trumeau, Pompadour, Du Barry, libertinos e tudo o que há de mais século XVIII, não temos mais tenente de polícia.<sup>[137]</sup>

— Como nos fazemos amados?... — murmurava Hulot, sem ouvir Crevel.

— É uma loucura, de nossa parte, querermos ser amados, meu caro — disse Crevel —; só podemos ser tolerados, porque a sra. Marneffe é cem vezes mais devassa que Josefa...

— E ávida! Ela me custa cento e noventa e dois mil francos! — exclamou Hulot.

— E quantos cêntimos? — indagou Crevel, com a insolência do financista, achando a soma mínima.

— Bem se vê que não a amas — declarou o barão, melancolicamente.

— Eu? Estou farto dela, porque já gastei com ela mais de trezentos mil francos — replicou Crevel.

— Em quê? Onde estará tudo isso? — exclamou o barão, tomando a cabeça entre as mãos.

— Se nós nos tivéssemos entendido, como os rapazes que se cotizam para sustentar uma pequena de dois *sous*, ela nos teria custado muito menos...

— Boa ideia! — concordou o barão. — Mas, de qualquer modo, ela nos enganaria. Meu velho, que pensas do tal brasileiro?

— Ah! Velho ladino, tens razão. Fomos ludibriados como acionistas! — declarou Crevel. — Todas essas mulheres são comanditas!

— Então, foi ela quem te falou sobre a luz na janela? — indagou o barão.

— Estamos roubados, meu velho — insistiu Crevel, pondo-se em guarda. — Valéria é uma... Foi ela quem me mandou prender-te aqui... Estou compreendendo... Ela tem seu brasileiro... Ah! Desisto dessa mulher, porque, se lhe prendermos as mãos, ela encontrará um jeito de nos enganar com os pés! Veja bem, é uma infame, uma sem-vergonha!

— Está muito abaixo das prostitutas — disse o barão. — Josefa e Jenny Cadine estão no seu direito quando nos enganam; elas fazem negócio com seus encantos!

— Mas Valéria, que finge de santa, de honesta! — exclamou Crevel. — Olha, Hulot, volta para a tua mulher, porque os teus negócios não vão bem; já começam a falar de algumas letras entregues a um pequeno usurário cuja especialidade consiste em emprestar dinheiro às cortesãs, um certo Vauvinet. Quanto a mim, estou curado de mulheres honestas. Aliás, em nossa idade, que necessidade temos dessas velhacas que, com franqueza, não podem deixar de nos enganar? Tens cabelos brancos, dentes falsos, barão. Da minha parte, tenho o ar de Sileno.<sup>[138]</sup> Vou tratar de juntar dinheiro. O dinheiro não engana ninguém. Se o Tesouro se abre de seis em seis meses para todo o mundo, pelo menos nos paga juros, e aquela mulher nos custa muito... Contigo, meu caro confrade, Gubetta,<sup>[139]</sup> meu velho cúmplice, poderia aceitar uma situação especial... Não, filosófica. Mas um brasileiro, que talvez traga de seu país mercadorias coloniais suspeitas...

— A mulher — disse Hulot — é um ser inexplicável!

— Eu a explico — declarou Crevel. — Nós somos velhos, o brasileiro é jovem e simpático...

— Sim, é verdade — concordou Hulot. — Confesso que envelhecemos. Mas, meu amigo, como desistir de ver essas belas criaturas se despindo, enrolando os cabelos, fitando-nos com um sorriso malicioso por entre os dedos quando colocam papelotes, fazendo suas caretas, mentindo e se dizendo pouco amadas, quando nos veem esgotados pelos negócios, mas nos distraindo, apesar de tudo?

— Sim, palavra: é a melhor coisa da vida — exclamou Crevel. — Ah! Que bom quando uma delas nos sorri e nos diz: “Meu queridinho, não sabes quanto és amável! É verdade que eu sou diferente das outras mulheres, que se apaixonam por uns rapazes de barba de ponta, uns patifes que fumam, grosseiros como lacaios (sim, porque a juventude lhes dá essa insolência!). Afinal, eles chegam, dizem bom-dia e vão embora... Conquanto me julgues vaidosa, prefiro a esses casquilhos os homens de cinquenta anos, que são mais fiéis; esses homens são devotados, sabem com que dificuldade se encontra uma mulher e sabem nos apreciar... Está aí por que te amo, grande celerado!...”. E elas

completam essa espécie de confissão com trejeitos, com carinhos, com... Ah! São falsas como programas da Câmara Municipal...

— Muitas vezes a mentira vale mais que a verdade — acentuou Hulot, lembrando-se de algumas cenas encantadoras evocadas pela pantomima de Crevel arremedando Valéria. — Somos forçados a aceitar a mentira, a colocar lantejoulas em nossa casaca...

— E depois, afinal, possuímos essas mentirosas! — disse bruscamente Crevel.

— Valéria é uma fada — exclamou o barão. — Ela transforma um velho num rapaz...

— É mesmo — continuou Crevel. — É uma enguia que escorrega em nossas mãos; mas é a mais bela das enguias... Branca e doce como açúcar... Divertida como Arnal...<sup>[140]</sup> Tem cada invenção, ah!

— Ah! Ela é muito espirituosa! — ajuntou o barão, não pensando mais em sua mulher.

Os dois colegas se deitaram como os melhores amigos do mundo, citando uma a uma as perfeições de Valéria, as entonações de sua voz, as suas meiguices, os seus gestos, as suas pilhérias, os seus ditos de espírito, os seus dotes de coração; porque aquela artista no amor tinha impulsos admiráveis, como os tenores que cantam uma ária melhor num dia que no outro. E os dois adormeceram, embalados por essas reminiscências tentadoras e diabólicas, iluminadas pelas chamas do inferno.

No dia seguinte, às nove horas, Hulot declarou que ia para o ministério e Crevel informou que tinha negócios nos arredores. Saíram juntos. Crevel estendeu a mão ao barão, dizendo-lhe:

— Continuamos amigos, não é mesmo? Sim, porque nenhum de nós pensa mais na sra. Marneffe.

— Ah! Está tudo acabado! — respondeu Hulot, dando a entender uma espécie de horror.

### **LIII – DOIS VERDADEIROS BÊBADOS INVETERADOS**

Às dez e meia, Crevel subia de quatro em quatro degraus a escada da sra. Marneffe. Encontrou a infame criatura, a adorável fada, envolvida no *déshabillé* mais elegante do mundo, fazendo a sua primeira refeição em companhia do barão Henrique Montes de Montejanos e de Lisbeth. Não obstante a surpresa que teve por ver ali o brasileiro, Crevel pediu à sra. Marneffe que lhe concedesse dois minutos de atenção. Valéria passou à sala com Crevel.

— Valéria, meu anjo — declarou o amoroso Crevel. — Marneffe não terá muito tempo de vida; se queres ser-me fiel até a morte, nós nos casaremos. Pensa nisso. Já te desembarcei de Hulot... Também, vê lá se esse brasileiro pode valer um *maire* de Paris, um homem que, por ti,

tentará alcançar as mais altas dignidades e que já possui mais de oitenta mil libras de rendimento!

— Pensarei nisso — disse ela. — Estarei na Rue du Dauphin às duas horas e conversaremos a respeito; mas seja prudente! E não se esqueça da transferência que me prometeu ontem.

Valéria voltou à sala de jantar, acompanhada de Crevel, que se vangloriava de ter encontrado o meio de ter aquela mulher só para si. Mas ao entrar encontrou o barão Hulot, que chegara durante a sua curta conversa, disposto a alcançar o mesmo objetivo. O conselheiro de Estado pediu à sra. Marneffe, como Crevel, um minuto de sua atenção. Ela ergueu-se para voltar à sala, lançando um sorriso ao brasileiro, como que lhe dizendo: “Eles estão malucos! Será que não te veem aqui?”.

— Valéria — disse o conselheiro de Estado — minha filha, este primo é um primo da América....

— Basta! — exclamou ela, interrompendo o barão. — Marneffe nunca foi, não será mais, não pode mais ser meu marido. O primeiro, o único homem que eu amei chegou quando menos era esperado... Não tenho culpa disso! Mas olhe para o espelho e observe Henrique. Depois pergunte a si mesmo se uma mulher, sobretudo uma mulher que ama, pode sentir hesitação. Meu caro, eu não sou uma mulher venal. A partir de hoje, não quero mais ficar na situação de Susana entre dois velhos. <sup>[141]</sup> Se vocês gostam de mim, você e Crevel, continuarão a ser nossos amigos; no mais, tudo acabou, porque eu tenho vinte e cinco anos e quero ser, no futuro, uma excelente e digna esposa... como a sua.

— É assim? — exclamou Hulot. — Aí está como você me recebe, quando eu vinha, como um papa, com as mãos cheias de indulgências! Está bem, seu marido não será nunca chefe de repartição nem oficial da Legião de Honra...

— É o que veremos! — disse a sra. Marneffe, fitando Hulot de certa maneira.

— Não nos zanguemos — continuou Hulot, desesperado —; virei aqui esta noite e então conversaremos.

— Sim, no aposento de Lisbeth.

— Está bem — confirmou o velho apaixonado. — No aposento de Lisbeth.

Hulot e Crevel desceram até a rua, juntos, sem trocar uma palavra; mas quando chegaram à calçada se entreolharam e se puseram a rir tristemente.

— Somos dois velhos idiotas! — disse Crevel.

— Eu os despedi — disse a sra. Marneffe a Lisbeth, sentando-se à mesa. — Nunca amei, só amo e amarei o meu jaguar — acrescentou, dirigindo um sorriso a Henrique Montes. — Não sabes disso, Lisbeth, minha filha? Henrique me perdoou as infâmias à que a miséria me



arrastou.

— O culpado fui eu — disse o brasileiro. — Eu devia ter-te enviado cem mil francos...

— Pobre criança! — exclamou Valéria. — Eu deveria ter trabalhado para viver, mas meus dedos não foram feitos para isso. Pergunte a Lisbeth.

O brasileiro saiu, sentindo-se o homem mais feliz de Paris.

Ao meio-dia, Valéria e Lisbeth conversavam no magnífico toucador onde a perigosa parisiense dava à sua aparência aqueles últimos toques que uma mulher tem que dar em si mesma. Com as portas fechadas e os reposteiros corridos, Valéria contou, sem esquecer os menores detalhes, todos os acontecimentos ocorridos na véspera, à tarde e à noite, como também pela manhã.

— Estás contente, minha joia? — perguntou a Lisbeth, ao terminar. — Que devo ser um dia: a sra. Crevel ou a sra. Montes? Qual a tua opinião?

— Crevel não viverá mais de dez anos, libertino como é — respondeu Lisbeth —, e Montes é jovem. Crevel te deixará trinta mil francos de renda, aproximadamente. Então, Montes que espere; ele se sentirá bastante feliz continuando a ser o benjamim. Dessa forma, aos trinta e três anos, poderás, minha querida filha, conservando a tua beleza, desposar o teu brasileiro e representar um grande papel com a tua renda de sessenta mil francos e, além disso, *protegida* por uma marechala...

— Sim, mas Montes é brasileiro, não conseguirá nada — observou Valéria.

— Estamos numa época de estradas de ferro, na qual os estrangeiros, na França, acabam por ocupar boas posições — declarou Lisbeth.

— Veremos isso quando Marneffe morrer — continuou Valéria —, e não esperaremos muito tempo.

— As doenças que o acometem são como os remorsos do físico — disse Lisbeth. — Vamos saindo, vou à casa de Hortênsia.

— Está bem, vai, meu anjo — respondeu Valéria —, e traz-me o meu artista! Em três anos, não ter ainda ganho uma polegada de terreno sequer! É uma vergonha para nós ambas! Venceslau e Henrique, eis as minhas únicas paixões. Um é o amor; o outro, a fantasia.

— Estás linda, esta manhã! — exclamou Lisbeth, tomando Valéria pela cintura e beijando-a na testa. — Eu participo de todos os teus prazeres, de tua fortuna, uso os teus vestidos... Só comecei a viver no dia em que nos tornamos irmãs...

— Olha aí, minha fera, o teu xale está pelo avesso! — exclamou Valéria, rindo. — Ainda não sabes usar um xale, apesar das minhas lições, durante três anos, e no entanto queres ser a senhora marechala

## LIV – OUTRA VISÃO DE UM LAR LEGÍTIMO

Calçando borzeguins de lã e meias de seda cinzenta, vestindo um magnífico vestido de seda, com os cabelos em bandós sob um lindíssimo chapéu de veludo preto forrado de cetim amarelo, Lisbeth dirigiu-se à Rue Saint-Dominique pelo Boulevard des Invalides. Perguntava a si mesma se o desânimo de Hortênsia lhe entregaria, enfim, aquela alma forte e se a inconstância sármata,<sup>[142]</sup> manifestando-se numa hora em que tudo é possível a tais temperamentos, faria esmorecer o amor de Venceslau.

Hortênsia e Venceslau moravam no andar térreo de uma casa situada no ponto em que a Rue Saint-Dominique desemboca na Esplanade des Invalides. O apartamento, outrora em harmonia com a lua de mel, já agora oferecia um aspecto mais fresco, meio envelhecido, o que se poderia chamar o outono da mobília. Os recém-casados são imprudentes, gastam, sem saber e sem querer, as coisas que os cercam, exatamente como abusam do amor. Só pensando em si próprios, pouco se preocupam com o futuro, que, mais tarde, será a preocupação da mãe de família.

Quando Lisbeth entrou, sua prima Hortênsia acabara de vestir ela mesma um pequeno Venceslau, que fora mandado para o jardim.

— Bom-dia, Bete! — exclamou Hortênsia, que abrira a porta à prima.

A cozinheira tinha saído para o mercado; a criada, que também era ama, ensaboava a cozinha.

— Bom-dia, minha filhinha — respondeu Lisbeth, beijando Hortênsia. E falando-lhe ao ouvido: — Venceslau está na oficina?

— Não, está na sala, conversando com Stidmann e Chanor.

— Poderíamos ficar a sós? — indagou Lisbeth.

— Vem para o meu quarto.

Esse quarto, forrado de tapeçaria de flores cor-de-rosa e folhas verdes sobre um fundo branco, incessantemente batido pelo sol, tanto quanto o tapete, exprimia decadência. Desde há muito as cortinas não eram lavadas. Sentia-se aí o cheiro do charuto de Venceslau, que, tendo nascido fidalgo e se tornado um nobre da arte, deixava cair a cinza no braço das poltronas, sobre as mais lindas coisas, como o homem amado de quem tudo se suporta, como um homem rico que não toma as precauções burguesas.

— Está bem, falemos de teus negócios — declarou Lisbeth, vendo a sua bela prima em silêncio, numa poltrona onde mergulhara. — Que tens? Estás pálida, minha querida.

— Apareceram dois novos artigos, nos quais é atacado o meu pobre

Venceslau; e eu os li, mas não os mostrei a Venceslau, porque ele se sentiria inteiramente desanimado. O mármore do marechal Montcornet foi considerado péssimo. Apreciam os baixos-relevos para louvar, com uma perfídia cruel, o talento ornamentador de Venceslau e a fim de dar mais peso a esta opinião: de que ele não tem acesso à arte severa. Stidmann, a quem supliquei que me dissesse a verdade, me pôs em desespero ao me confessar que sua opinião era idêntica à de todos os artistas, dos críticos e do público. “Se Venceslau”, disse-me ele ali no jardim, antes do almoço, “não expuser no próximo ano uma obra-prima, deve abandonar a grande escultura e se dedicar aos idílios, às figurinhas, às miniaturas e aos trabalhos de ourivesaria.” Tal julgamento me causou o mais vivo pesar, porque Venceslau não o aceitará nunca. Ele sente o seu talento, tem tão belas ideias...

— Não é com ideias que se pagam os fornecedores — observou Lisbeth —; morro de tanto lhe dizer isso. É com dinheiro. O dinheiro só se obtém com coisas feitas e que agradem bastante aos burgueses para ser compradas. Para viver, é melhor que o escultor tenha em seu banco o modelo de um candelabro, de um cinzeiro, de uma mesa do que um grupo ou uma estátua, porque todo o mundo tem necessidade daquilo, enquanto o amator de grupos e seu dinheiro se fazem esperar durante meses inteiros...

— Tens razão, minha boa Lisbeth! Diz isso a ele, então; eu não tenho coragem... Além disso, como eu dizia a Stidmann, se Venceslau voltar ao ornato, à pequena escultura, terá de renunciar ao Instituto, às grandes criações da arte, e não teremos mais os trezentos mil francos de trabalhos que Versalhes, a cidade de Paris e o ministério nos reservavam. Eis aí o que nos roubam esses horríveis artigos ditados pelos concorrentes que querem para si as nossas encomendas.

— E não era isso o que sonhavas, pobre gatinha? — disse Bete, beijando Hortênsia na fronte. — Querias um fidalgo dominando a arte, à frente dos escultores... Mas tudo isso é poesia, como vês... Esse sonho exige cinquenta mil francos de renda, e vocês só têm dois mil e quatrocentos, enquanto eu viver, e três mil depois de minha morte.

Algumas lágrimas marejaram os olhos de Hortênsia, e Bete lambeu-as com o olhar, como uma gata bebe leite.

#### LV – O QUE FAZEM OS GRANDES ARTISTAS

Eis aqui a breve história desta lua de mel; a narrativa talvez não seja inútil para os artistas.

O trabalho moral, a caçada nas altas regiões da inteligência, é um dos maiores esforços do homem. O que deve merecer a glória na arte — porque devemos compreender nessas palavras todas as criações do pensamento — é sobretudo a coragem, uma coragem de cuja existência

o populacho nem suspeita e que talvez seja explicada aqui pela primeira vez.

Impelido pela terrível pressão da miséria, mantido por Bete na situação daqueles cavalos em que se colocam antolhos para impedi-los de olhar para a direita e para a esquerda do caminho, fustigado por aquela mulher feroz, imagem da Necessidade, espécie de Destino subalterno, Venceslau, que nasceu poeta e sonhador, passara da concepção à execução, transpondo, sem medi-los, os abismos que separam esses dois hemisférios da arte.

Pensar, sonhar, conceber belas obras é uma ocupação deliciosa. É fumar charutos perfumados, é levar a vida da cortesã entregue à imaginação. A obra surge então na graça da infância, na alegria louca da criação, com as cores embalsamadas da flor e os sucos rápidos do fruto de antemão provado. Tal é a concepção e seus prazeres.

Quem pode, com a palavra, esboçar o seu plano já é tido na conta de homem extraordinário. Essa faculdade, todos os artistas e escritores a possuem. Mas produzir, dar à luz, cuidar laboriosamente da criança, deitá-la farta de leite todas as noites, beijá-la todas as manhãs com o coração inesgotável de mãe, lambê-la suja, vesti-la cem vezes com as mais lindas roupas, que ela incessantemente rasga; não se aborrecer com as convulsões desta vida maluca e dela fazer a obra-prima animada que fala a todos os olhos como escultura, a todas as inteligências como literatura, a todas as recordações como pintura, a todos os corações como música — isto é a execução e seus trabalhos. A mão deve avançar a todo momento, prestes a obedecer às ordens da cabeça, a qualquer momento. Ora, a cabeça tem as disposições criadoras a suas ordens tão pouco quanto o amor é contínuo.

Esse hábito de criação, esse amor infatigável da maternidade que faz a mãe (obra-prima natural, que Rafael tão bem compreendeu!), enfim, essa maternidade cerebral tão difícil de conquistar perde-se com prodigiosa facilidade. A inspiração é a ocasião do gênio. Ela corre, não sobre uma navalha, ganha os ares e voa com a desconfiança dos corvos, não tem echarpe pela qual o poeta possa agarrá-la, a sua cabeleira é uma flama, foge como esses belos flamingos brancos e cor-de-rosa — desespero dos caçadores. Assim o trabalho é uma luta fatigante que as belas e poderosas organizações temem e amam e que muitas vezes com ele se liquidam. Um grande poeta da nossa época dizia a respeito desse espantoso trabalho: “Começo-o com desespero e deixo-o com pesar”.

Que os ignorantes o saibam! Se o artista não se precipita em sua obra, como Cúrcio<sup>[143]</sup> no abismo, como o soldado no reduto, sem refletir; e se, nessa cratera, não trabalha como o mineiro soterrado num desabamento; se, enfim, ele contempla as dificuldades em vez de vencê-las uma a uma, a exemplo daqueles apaixonados pelas mágicas que, para obter suas princesas, combatiam encantamentos renascentes — a

obra fica inacabada, morre no fundo do ateliê, onde a produção se torna impossível, e o artista assiste ao suicídio de seu talento. Rossini,<sup>[144]</sup> gênio irmão de Rafael, disso oferece um exemplo impressionante, com a sua juventude indigente superposta à opulência de sua idade madura. Tal é a razão da recompensa semelhante, do triunfo semelhante, do mesmo laurel concedido aos grandes generais.

Venceslau, espírito sonhador, despendera tanta energia em produzir, instruir-se, trabalhar sob a direção despótica de Lisbeth que o amor e a felicidade provocaram uma reação. O verdadeiro caráter voltou a aparecer. A preguiça e a indolência, a moleza do sármata voltaram a ocupar em sua alma os sulcos complacentes donde a varinha do mestre-escola as havia expulsado.

## **LVI – EFEITO DA LUA DE MEL NO CAMPO DAS ARTES**

Durante os primeiros meses, o artista amou sua mulher. Hortênsia e Venceslau entregaram-se às adoráveis infantilidades da paixão autêntica, feliz, insensata. Hortênsia foi então a primeira a dispensar Venceslau de qualquer trabalho, orgulhosa por triunfar assim sobre a sua rival, a escultura. As carícias de uma mulher, aliás, fazem esquecer a musa e quebrar a feroz, brutal firmeza do trabalhador. Passaram-se de seis a sete meses, os dedos do escultor desaprenderam o uso do cinzel. Quando a necessidade de trabalhar se fez sentir, quando o príncipe de Wissemburgo, presidente do Comitê de Subscrição, quis ver a estátua, Venceslau pronunciou a palavra suprema dos preguiçosos: “Vou meter mãos à obra!”. E embalou a sua querida Hortênsia com falaciosas palavras, com planos magníficos de artista fumante. Hortênsia redobrou o amor pelo seu poeta, entrevedo uma sublime estátua do marechal Montcornet. Montcornet devia ser a idealização da intrepidez, o modelo da cavalaria, a coragem à Murat.<sup>[145]</sup> Sim, à vista dessa estátua deviam se conceber todas as vitórias do imperador. E que execução! O lápis era bem prestativo, seguia o ditado das palavras.

Em matéria de estátua, veio um pequeno Venceslau encantador.

Quando tinha de ir ao ateliê da Rue Gros-Caillou manejar o barro e realizar a maquete, ora o relógio de pêndulo do príncipe exigia a sua presença no ateliê de Florent e Chanor, onde as figuras eram cinzeladas; ora o dia estava cinzento e sombrio; hoje, questões de negócios; amanhã, um jantar em família — sem contar as indisposições do talento e do corpo e ainda os dias em que se brinca com uma mulher adorada. O marechal príncipe de Wissemburgo foi obrigado a zangar-se para obter o modelo e a dizer que revogaria a sua decisão. Foi depois de mil censuras e à força de palavras acres que o Comitê de Subscrição pôde ver o modelo. Ao fim de cada dia de trabalho, Steinbock regressava visivelmente fatigado, queixando-se de seu labor de pedreiro, de sua

fraqueza física.

Durante o primeiro ano, o casal desfrutava de certo conforto. A condessa Steinbock, louca pelo marido, nas alegrias do amor satisfeito, maldizia o ministro da Guerra; chegou a ir vê-lo e dizer-lhe que as grandes obras não se fabricavam como canhões e que o Estado devia colocar-se como Francisco I, Luís XIV e Leão X,<sup>[146]</sup> às ordens do gênio. A pobre Hortênsia, julgando possuir em seus braços um Fídias,<sup>[147]</sup> tinha pelo seu Venceslau a covardia maternal de uma mulher que leva o amor até a idolatria.

— Não te apresses — dizia ela ao marido. — Todo o nosso futuro está nessa estátua. Gasta o tempo necessário, faz uma obra-prima.

Hortênsia ia ao ateliê. Steinbock, amoroso, perdia com a mulher, em sete horas, umas cinco para descrever a estátua, em vez de fazê-la. Dessa forma, gastou dezoito meses para terminar essa obra, para ele capital.

Quando a estátua foi vazada no molde, quando o modelo surgiu, a pobre Hortênsia, depois de ter assistido aos enormes esforços do marido, cuja saúde foi abalada pelas fadigas que amolecem o corpo, os braços e as mãos dos escultores, julgou a obra admirável. Seu pai, nada entendendo de escultura, e a baronesa, igualmente ignorante, proclamaram uma obra-prima; o ministro da Guerra veio então atraído por eles e, levado pelo seu entusiasmo, mostrou-se satisfeito com aquela estátua de gesso isolada, exposta à luz do dia, bem-apresentada diante de um pano verde. Mas, qual! Na exposição de 1841, a censura unânime degenerou, na boca das pessoas irritadas com um ídolo tão rapidamente erguido em seu pedestal, em apupos e mofas. Stidmann quis esclarecer seu amigo Venceslau e foi acusado de despeito. Os artigos de jornais foram, para Hortênsia, gritos de inveja. Stidmann, rapaz digno, obteve artigos de refutação aos críticos, nos quais se assinalou que os escultores modificavam de tal modo as suas obras entre o modelo em gesso e o mármore que preferiam expor o mármore. “Entre o projeto em gesso e a estátua executada em mármore”, escreveu Cláudio Vignon, “pode-se desfigurar uma obra-prima ou fazer de uma coisa ruim uma bela coisa. O gesso é o manuscrito, e o mármore, o livro.”

Em dois anos e meio, Steinbock produziu uma estátua e um menino. A criança era sublime de beleza, a estátua era detestável.

O relógio de pêndulo do príncipe e a estátua deram para pagar as dívidas do jovem casal. Steinbock contraíra então o hábito de passear, de ir aos espetáculos, aos Italiens; falava admiravelmente sobre a arte, colocando-se, aos olhos das pessoas da sociedade, na situação de grande artista, pelas suas palavras, pelas suas explicações críticas. Há indivíduos de gênio, em Paris, que passam a vida a se gabar e que se contentam com uma espécie de glória de salão. Imitando esses

encantadores eunucos, Steinbock contraía uma aversão crescente, de dia para dia, pelo trabalho. Quando queria começar uma obra, percebiam-se todas as dificuldades dele, e o desânimo que se seguia amolecia-lhe a vontade. A inspiração, essa loucura da criação intelectual, fugia a toda pressa ao ver o amante enfermo.

## LVII – DA ESCULTURA

A escultura é como a arte dramática — a mais difícil e, ao mesmo tempo, a mais fácil de todas as artes. É copiar um modelo, e a obra está realizada, mas imprimir-lhe uma alma, fazer um tipo ao representar um homem ou uma mulher — eis o pecado de Prometeu.<sup>[148]</sup> Nos anais da escultura, contam-se os acontecimentos dessa natureza como se contam os poetas no seio da humanidade. Michelangelo, Michel Colombe, Jean Goujon, Fídias, Praxíteles, Policleto, Puget, Canova, Albrecht Dürer<sup>[149]</sup> são os irmãos de Milton, Virgílio, Dante, Shakespeare, Tasso, Homero e Molière. Essa obra é tão grandiosa que basta uma estátua para imortalizar um homem, como as de Fígaro, de Lovelace, de Manon Lescaut bastaram para imortalizar Beaumarchais, Richardson e o abade Prévost.<sup>[150]</sup> Os indivíduos superficiais (os artistas encontram muitos deles em seu meio) dizem que a escultura só existiu por força do nu, que morreu com a Grécia, e que as vestes modernas impossibilitaram a sua sobrevivência. Em primeiro lugar os antigos fizeram sublimes estátuas inteiramente veladas, como a *Polímnia*, a *Júlia*<sup>[151]</sup> etc., e não possuímos a décima parte de suas obras. Depois, os verdadeiros amantes da arte que vejam, em Florença, *O pensador*, de Michelangelo, e, na catedral de Mainz, a *Virgem*, de Albrecht Dürer, que fez, em ébano, uma mulher viva sob suas tríplexes vestes, com a cabeleira mais ondeada, mais flexível que uma criada já penteou; os ignorantes que os vejam e todos reconhecerão que o gênio pode impregnar de um pensamento o hábito, a armadura ou o vestido, e dar a esse pensamento um corpo, assim como um homem imprime em seu envoltório o seu caráter e os hábitos de sua vida.

A escultura é a realização contínua do acontecimento que se chamou por uma só e única vez na pintura: Rafael! A solução desse terrível problema só se encontra num trabalho constante, continuado, porque as dificuldades materiais devem ser de tal modo vencidas, a mão deve ser tão castigada, tão presta e obediente que o escultor possa lutar devotadamente com essa imponderável natureza moral, natureza que é preciso transfigurar, materializando-a. Se Paganini, que expunha a alma através das cordas de seu violino, passasse três dias sem estudar, perderia, além da sua expressão, o registro do seu instrumento: era assim que ele designava o consórcio existente entre a madeira, o arco, as cordas e ele próprio; dissolvido esse acordo, ele se tornaria de súbito

um violinista comum.

O trabalho constante é a lei da arte, como é a lei da vida; porque a arte é a criação idealizada. Como os grandes artistas, os verdadeiros poetas não esperam nem as encomendas nem os fregueses; eles produzem hoje, amanhã e sempre. Disso resulta o hábito do trabalho, o permanente conhecimento das dificuldades que os mantêm em concubinação com as musas, com as suas forças criadoras. Canova vivia em seu ateliê como Voltaire viveu em seu gabinete; Homero e Fídias também terão vivido assim.

Venceslau Steinbock seguia o caminho árido percorrido por esses grandes homens, o caminho que leva aos Alpes da glória, quando Lisbeth o reteve em sua mansarda. A felicidade, sob a figura de Hortênsia, arrastara o poeta à preguiça, estado normal de todos os artistas, já que o lazer deles é ocupado. É o prazer dos paxás no serrallo: acariciam as ideias, embriagam-se nas fontes da inteligência. Grandes artistas como Steinbock, devorados pela fantasia, foram tidos justamente na conta de sonhadores. Esses fumadores de ópio caem todos na miséria; no entanto, se mantidos pela inflexibilidade das circunstâncias, teriam sido grandes homens. Aliás, os meio-artistas são encantadores, os homens gostam deles e os embriagam com louvores; eles parecem superiores aos verdadeiros artistas, que se fazem censurar pela sua personalidade, pela sua selvageria, pela sua repulsa às leis da sociedade. Eis o porquê: os grandes artistas pertencem a suas obras. O seu desapego a todas as coisas, o seu devotamento ao trabalho fazem com que eles pareçam egoístas, aos olhos dos idiotas, porque desejam vê-los com roupas elegantes, cumprindo as evoluções sociais chamadas deveres de sociedade. Querem os leões do Atlas penteados e perfumados como os cachorrinhos de uma marquesa. Esses homens, que têm poucos companheiros e são raramente encontrados, caem na exclusividade da solidão; tornam-se inexplicáveis para a maioria, composta, como se sabe, de tolos, invejosos, ignorantes e superficiais. Compreendeis agora o papel de uma mulher em relação a essas grandiosas exceções? Uma mulher deve ser, a um só tempo, o que fora Lisbeth durante cinco anos e oferecer, além disso, o amor, o amor humilde, discreto, sempre acessível, sempre risonho.

Esclarecida pelos sofrimentos da mãe, premida por tremendas necessidades, Hortênsia só tardiamente vinha a perceber as faltas que o excessivo amor a obrigara a cometer involuntariamente, mas, como digna filha da baronesa, sentia o coração esfaquear-se à ideia de atormentar Venceslau; ela amava demais para se tornar o carrasco de seu poeta querido; e via, no entanto, chegar a hora em que a miséria os alcançaria, a ela, ao filho e ao marido.



— Ora, vamos, minha filha — disse Bete, vendo lágrimas rolares dos belos olhos da prima —, não vale a pena desesperar. Um copo cheio de tuas lágrimas não pagaria um prato de sopa. Que te falta?

— Uns cinco a seis mil francos.

— Só tenho três mil francos, no máximo — explicou Lisbeth. — Que é que Venceslau está fazendo agora?

— Recebeu a proposta para fazer, com Stidmann, por seis mil francos, um serviço de sobremesa para o duque d'Hérerville. O sr. Chanor se encarregaria então de pagar quatro mil francos que devemos aos srs. Leão de Lora e Bridau, uma dívida de honra.

— Como assim? Vocês receberam a importância relativa à estátua e aos baixos-relevos do monumento ao marechal Montcornet e não pagaram isso!

— Há três anos, vimos despendendo anualmente doze mil francos — esclareceu Hortênsia —, e eu tenho cem luíses de rendimento. Pagas todas as despesas, o monumento ao marechal não rendeu mais de dezesseis mil francos. Na verdade, se Venceslau não trabalhar, não sei o que nos acontecerá. Ah! Se eu pudesse aprender a fazer estátuas, como removeria o barro! — exclamou, estendendo os belos braços.

Via-se que a mulher cumpria as promessas da donzela. O olhar de Hortênsia brilhava; em suas veias corria um sangue carregado de ferro, impetuoso; e ela, afinal, lamentava empregar sua energia na educação do filho.

— Ah! Minha querida filhinha, uma jovem inteligente só deve desposar um artista quando ele já está rico e não quando está ainda por fazer fortuna.

Nesse momento, ouviu-se o rumor dos passos e das vozes de Stidmann e de Venceslau, que levavam Chanor à porta; pouco depois, Venceslau apareceu em companhia de Stidmann.

Artista lançado no mundo dos jornalistas e das atrizes ilustres, das meretrizes célebres, Stidmann era um jovem elegante que Valéria queria ter em sua casa e que Cláudio Vignon já lhe apresentara. Stidmann rompera recentemente as suas relações com a famosa sra. Schontz,<sup>[152]</sup> que se casara poucos meses antes e partira para a província. Valéria e Lisbeth, que haviam tido conhecimento dessa ruptura, por intermédio de Cláudio Vignon, julgaram necessário atrair à Rue Vaneau o amigo de Venceslau. Como Stidmann, por discrição, pouco visitava o casal Steinbock, Lisbeth, que não assistira à sua recente apresentação, por Cláudio Vignon, via-o pela primeira vez. Observando o célebre artista, Lisbeth surpreendeu alguns olhares por ele dirigidos a Hortênsia, e isso a fez entrever a possibilidade de entregá-lo, como consolação, à condessa Steinbock, se Venceslau a atraísse.

Stidmann pensava, com efeito, que, se Venceslau não fosse seu colega, Hortênsia, jovem e magnífica condessa, seria uma adorável amante, mas esse desejo, contido pela honra, afastava-o daquela casa. Lisbeth notou o significativo embaraço que tolhe os homens em presença de uma mulher que não podem cortejar.

— Encantador, esse rapaz! — disse, ao ouvido de Hortênsia.

— Ah! Achas? — indagou a prima. — Nunca o notei...

— Stidmann, meu bravo — disse Venceslau ao ouvido do colega —, entre nós não há cerimônias. Pois bem! Temos de tratar de negócio com esta solteirona.

Stidmann cumprimentou as duas primas e saiu.

— Tudo assentado — declarou Venceslau quando voltou à sala, depois de haver levado à porta o seu amigo. — Mas esse trabalho requer uns seis meses e durante todo esse tempo teremos de viver.

— Tenho os meus diamantes — exclamou a jovem condessa Steinbock, com o sublime ímpeto das mulheres que amam.

Uma lágrima brotou nos olhos de Venceslau.

— Ah! Vou trabalhar — declarou ele, indo sentar-se junto da mulher e em seguida fazendo-a sentar-se em seus joelhos. — Vou fazer umas *obrinhas*, uma cesta de casamento, grupos de bronze...

— Meus queridos filhos — interrompeu Lisbeth —, vocês sabem que são meus herdeiros e que lhes deixarei, podem crer, uma bela fortuna, sobretudo se vocês me ajudarem a desposar o marechal. Se conseguíssemos isso rapidamente, eu hospedaria todos vocês em minha casa, vocês e Adelina. Ah! Juntos, poderíamos viver muito felizes. Não recorram à casa de penhores, é a desgraça de quem toma emprestado. Sei de muitos casos em que os necessitados, na hora da renovação, não têm o dinheiro necessário ao pagamento do empréstimo e perdem tudo. Posso conseguir que lhes emprestem dinheiro a cinco por cento, apenas mediante uma letra.

— Ah! Assim seríamos salvos! — exclamou Hortênsia.

— Pois bem, minha filha, Venceslau deve ir à casa da pessoa que, a meu pedido, lhe faria esse empréstimo. É a sra. Marneffe; bastam algumas lisonjas, já que ela é vaidosa como todo arrivista, e a sra. Marneffe tirará vocês do embaraço, da maneira mais amável. Vá até lá, querida Hortênsia.

Hortênsia fitou Venceslau com aquela expressão que devem ter os condenados à morte quando sobem ao cadafalso.

— Cláudio Vignon apresentou Stidmann a ela — informou Venceslau. — É uma casa muito agradável.

Hortênsia baixou a cabeça. O que ela experimentava, uma só palavra pode definir: não era uma dor, era uma doença.

— Mas, minha querida Hortênsia, aprende a viver! — exclamou Lisbeth, compreendendo a eloquência do movimento da prima. — Do

contrário, serás, como tua mãe, deportada para um quarto deserto, onde chorarás como Calipso após a partida de Ulisses, numa idade em que não há mais Telêmaco<sup>[153]</sup> — acrescentou, repetindo uma pilhéria da sra. Marneffe. — É preciso considerar os indivíduos, no meio social, como instrumentos de que nos servimos, que usamos e abandonamos segundo sua utilidade. Utilizem-se da sra. Marneffe, meus filhos, e deixem-na depois. Receias que Venceslau, que te adora, se tome de paixão por uma mulher quatro ou cinco anos mais velha que tu, fanada como um feixe de luzernas, e...

— Prefiro empenhar os meus diamantes — declarou Hortênsia. — Oh! Nunca entres ali, Venceslau! É um inferno!

— Hortênsia tem razão! — disse Venceslau, beijando a esposa.

— Obrigado, meu amigo — exclamou a jovem, no cúmulo da felicidade. — Como vês, Lisbeth, meu marido é um anjo: não joga, vamos juntos a toda parte e, se ele pudesse lançar-se ao trabalho, eu seria muito feliz. Por que aparecermos na casa da amante de meu pai, a casa de uma mulher que o arruína, causa dos desgostos que estão matando a nossa heroica mãezinha?

— Minha filha, a ruína de teu pai não foi causada por ela; foi a cantora que o arruinou, e em segundo lugar foi o teu casamento! — explicou a prima Bete. — Por Deus! A sra. Marneffe lhe é muito útil, até... Mas eu não devo dizer nada...

— Tu defendes todo o mundo, querida Bete...

Hortênsia foi arrastada ao jardim pelos gritos do filho. Lisbeth ficou sozinha com Venceslau.

— Sua mulher é um anjo, Venceslau! — disse a prima Bete. — Deve amá-la, nunca lhe causando o menor desgosto.

— Sim, e eu a amo tanto que lhe oculto a nossa situação — respondeu Venceslau. — Mas a você, Lisbeth, eu posso falar... Pois bem, mesmo deixar os diamantes de minha mulher na casa de penhores não nos adiantaria em nada.

— Nesse caso, tome emprestado à sra. Marneffe... — aconselhou Lisbeth. — Procure convencer Hortênsia de que deve deixá-lo ir, ou então vá sem que ela o saiba!

— Pensei nisso no momento em que me neguei a ir para não afligir Hortênsia — explicou Venceslau.

— Ouça aqui, Venceslau: gosto tanto de vocês dois que não quero deixar de preveni-lo do perigo. Se você vai lá, procure resguardar o mais possível o seu coração, porque aquela mulher é um demônio; todos quantos a veem a adoram; e ela é má, enganadora! Fascina como uma obra-prima. Tome emprestado o dinheiro dela, mas não deixe em garantia a sua alma. Nunca me consolaria se minha prima tivesse de ser traída... Aí vem ela! — acrescentou Lisbeth. — Não falemos mais nisso, eu tratarei do seu negócio.

— Beija Lisbeth, meu anjo — disse Venceslau à mulher. — Ela vai tirar-nos dessa dificuldade, emprestando-nos as suas economias.

E ele fez um sinal que Lisbeth compreendeu.

— Espero então que passes a trabalhar, meu querubim — disse Hortênsia.

— Ah! A partir de amanhã — afirmou o artista.

— O amanhã é o que nos arruína — disse Hortênsia, lançando-lhe um sorriso.

— Ah! Minha filhinha, não sabes que cada dia só encontramos dificuldades, obstáculos, negócios?

— Sim, tens razão, meu amor.

— Tenho umas ideias aqui — continuou Steinbock, batendo na testa. — Sim, eu quero surpreender todos os meus inimigos. Quero fazer um serviço de mesa no estilo alemão do século xvi, o estilo poético. Enrodilharei folhas repletas de insetos; sobre elas deitarei umas crianças, entremeando-as com quimeras novas, verdadeiras quimeras, os corpos de nossos sonhos!... Eu os concebo. Tudo isso será cavado, leve e enramado, ao mesmo tempo. Chanor saiu daqui maravilhado... Tenho necessidade de ser encorajado, porque o último artigo publicado sobre o monumento de Montcornet me abalou bastante.

Durante um momento em que Lisbeth e Venceslau ficaram sós, o artista combinou com a solteirona que no dia seguinte iria visitar a sra. Marneffe; ou sua mulher consentiria nisso ou ele iria secretamente.

## **LIX – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SINAIS POSTIÇOS**

Informada desse triunfo, na mesma noite Valéria exigiu do barão Hulot que convidasse Stidmann, Cláudio Vignon e Steinbock para jantarem; porque ela começava a tratá-lo como uma tirana, como tal espécie de mulheres sabe tratar tiranicamente os velhos, que andam pela cidade e vão suplicar qualquer coisa que seja necessária aos interesses ou à vaidade de tão cruéis amantes.

No dia seguinte, Valéria se preparou, usando um desses vestidos que as parisienses inventam quando querem pôr em jogo todas as suas vantagens. Ela estudou a si mesma nessa obra, como um homem que vai bater-se em duelo repassa os seus botes falsos e os seus recuos. Nem uma prega nem uma ruga. Valéria ostentava a sua mais bela alvura, a sua preguiça, a sua finura. Enfim, os seus sinais postiços atraíam insensivelmente o olhar de todos. Pensa-se que os sinais postiços do século xviii desapareceram ou foram supressos; é um engano. Hoje, as mulheres, mais hábeis que as de antigamente, provocam o movimento dos binóculos com audaciosas estratégias. Uma delas descobre pela primeira vez um cocar de fitas, no centro do qual se coloca um diamante, e assim se torna alvo dos olhares durante toda uma noite;

outra ressuscita a rede para a cabeça ou coloca um punhal entre os cabelos, para fazer pensar em sua liga; esta usa punhos de veludo preto; aquela reaparece com uma touca de rendas. Esses sublimes esforços, esses Austerlitz<sup>[154]</sup> da elegância ou do amor transformam-se então em modas, para as esferas inferiores, no momento mesmo em que suas felizes criadoras inventam outras coisas.

Para aquela noite, em que queria marcar um triunfo, Valéria colocou três sinais postiços. Tinha-se feito pentear com uma água que, em poucos dias, deu aos seus cabelos louros um tom acinzentado. Como a sra. Steinbock era muito loura, Valéria não queria parecer-se com ela em coisa alguma. A nova cor dos cabelos deu a Valéria algo de picante e estranho, o que causou preocupação aos seus fiéis, a tal ponto que Montes lhe disse:

— Que tem você esta noite?...

Em seguida, Valéria pôs no pescoço uma fita de veludo preto, bastante larga, que lhe ressaltou a alvura do colo. O terceiro sinal postiço podia ser comparado à antiga “assassina”<sup>[155]</sup> de nossas avós. Valéria colocou o mais lindo botão de rosa no centro do corpete, por cima da vareta do espartilho, numa pequena cavidade. Era de fazer baixarem os olhos de todos os homens de menos de trinta anos.

“Estou como nunca!”, disse ela consigo mesma, mirando ao espelho suas atitudes, exatamente como uma dançarina experimenta os seus *pliés*...

Lisbeth tinha ido ao Mercado e o jantar devia ser um desses jantares finíssimos que Maturina preparava para o seu bispo quando ele hospedava o prelado da diocese vizinha.

## **LX – UMA BELA ENTRADA**

Stidmann, Cláudio Vignon e o conde Steinbock chegaram quase ao mesmo tempo, às seis horas. Uma mulher vulgar ou natural, como quisesdes, teria prontamente aparecido ao ouvir o nome do ser tão ardentemente desejado; mas Valéria, que desde as cinco horas se encontrava à espera em seu quarto, deixou os três convivas juntos, certa de que era o objeto de sua conversa ou de seus pensamentos secretos. Dirigindo a arrumação de sua sala, ela mesma pusera em evidência aquelas deliciosas ninharias que Paris produz e que nenhuma outra cidade poderá produzir, que revelam a mulher e a anunciam, por assim dizer: vasos pintados de esmalte e enfeitados de pérolas, taças com aros encantadores, obras-primas de Sèvres ou de Saxe executadas com um gosto original por Florent e Chanor, enfim, estatuetas e álbuns, todas essas bagatelas que valem fortunas, encomendadas aos fabricantes pela paixão em seu primeiro delírio ou para sua última reconciliação.

Além disso, Valéria experimentava aquela espécie de embriaguez

que o bom êxito sempre causa. Prometera a Crevel que seria sua mulher se Marneffe morresse: ora, o amoroso Crevel registrara em nome de Valéria Fortin dois mil francos de renda, importância correspondente aos seus lucros nos negócios das estradas de ferro nos últimos três anos, tudo o que lhe havia rendido o capital de cem mil escudos oferecido à baronesa Hulot. Dessa forma, Valéria possuía uma renda de trinta e dois mil francos. Crevel ainda lhe fizera uma promessa tão importante quanto o presente de seus lucros. No paroxismo da paixão em que a sua *duquesa* (era assim que ele designava a sra. Marneffe, para completar a sua ilusão) o mergulhara, das duas às quatro da tarde — pois Valéria se superara a si mesma na Rue du Dauphin —, ele julgou que devia estimular a prometida fidelidade, abrindo-lhe a perspectiva de um lindo palacete que um empreiteiro imprudente construía na Rue Barbette e que iam pôr à venda. Valéria via-se então nessa bela casa, entre o pátio e o jardim, com uma carruagem.

— Poderia uma vida honesta dar tudo isso em tão pouco tempo e tão facilmente? — perguntara ela a Lisbeth, quando acabara de preparar-se.

Lisbeth ia jantar nessa noite na casa de Valéria, a fim de poder dizer a Steinbock a respeito dela o que ninguém pode dizer a respeito de si mesmo.

Com a fisionomia radiante de felicidade, a sra. Marneffe entrou na sala com uma graça modesta, acompanhada de Bete, que, toda de preto e amarelo, lhe servia de contraste.

— Boa tarde, Cláudio — disse ela, estendendo a mão ao antigo crítico já famoso.

Cláudio Vignon tornara-se, como tantos outros, um *homem político*, expressão nova usada para designar um ambicioso na primeira etapa de seu caminho. O *homem político* de 1840 é, de alguma sorte, o *abade* do século XVIII. Nenhum salão estaria completo sem o seu *homem político*.

— Querida, eis o meu primo, o conde Steinbock — disse Lisbeth, apresentando-lhe Venceslau, que Valéria parecia não ter percebido.

— Já havia reconhecido o senhor conde — respondeu Valéria, fazendo com a cabeça um gracioso cumprimento ao artista. — Muitas vezes o vi na Rue du Doyenné e tive o prazer de assistir ao seu casamento. Minha querida — acrescentou, dirigindo-se a Lisbeth —, dificilmente esqueceríamos o teu ex-filho, mesmo que o tenhamos visto apenas uma vez. Senhor Stidmann — disse ainda, ao cumprimentar o escultor —, sinto-me contente por ver que aceitou o meu convite de última hora; mas a necessidade não tem lei! Sabia que o senhor era amigo dos dois outros convivas. Nada mais frio, mais maçante que um jantar no qual os convidados não se conhecem; assim, eu o convidei em atenção a estes dois; de outra vez, será em atenção a mim mesma, não é? Diga que sim!

Durante alguns instantes, Valéria passeou na sala com Stidmann,

parecendo ocupar-se unicamente dele.

Fizeram-se anunciar sucessivamente Crevel, o barão Hulot e um deputado de nome Beauvisage.<sup>[156]</sup> Este personagem, um Crevel de província, uma dessas pessoas que vêm ao mundo para engrossar as multidões, pertencia ao partido de Giraud,<sup>[157]</sup> conselheiro de Estado, e de Vitorino Hulot. Os dois homens políticos queriam fazer um grupo de progressistas na grande falange dos conservadores. Giraud visitara algumas vezes a sra. Marneffe, que se jactava de ter também ao seu lado Vitorino Hulot; mas o advogado puritano até então encontrara pretextos para resistir ao pai e ao sogro. Parecia-lhe um crime apresentar-se na casa da mulher que fazia correrem as lágrimas de sua mãe. Vitorino Hulot era, para os puritanos da política, o que uma mulher piedosa é para as devotas. Beauvisage, antigo chapeleiro de Arcis, queria fazer-se parisiense. Esse homem, que era um dos marcos de pedra da Câmara, formava-se na casa da deliciosa, da sedutora sra. Marneffe. Encantado com Crevel, aceitara o conselho de Valéria de tomá-lo por modelo e mentor; assim era que o consultava a respeito de qualquer coisa, pedia-lhe o endereço do alfaiate, imitava-o, tentava tomar as mesmas atitudes; enfim, Crevel era o seu ídolo.

Cercada por esses personagens e pelos três artistas, acompanhada por Lisbeth, Valéria tornou-se, aos olhos de Venceslau, uma mulher superior, tanto mais quanto Cláudio Vignon fizera o seu elogio em termos de apaixonado.

— É a sra. de Maintenon<sup>[158]</sup> nas saias de Ninon!<sup>[159]</sup> — declarou o antigo crítico. — Agradar-lhe é questão de uma noite em que se tenha espírito; mas ser amado por ela é um triunfo que basta para envaidecer um homem e encher-lhe a vida.

Aparentemente fria e desinteressada em relação ao antigo vizinho, Valéria feriu-lhe a vaidade, sem o saber, porque ignorava o temperamento polonês.

## **LXI – DOS POLONESES EM GERAL E DE STEINBOCK EM PARTICULAR**

Todo eslavo tem, no íntimo, um lado infantil, como todos os povos primitivamente selvagens, que antes irrompem no seio das nações civilizadas em vez de se tornarem realmente civilizados. Aquela raça se expandiu como uma inundação e cobriu imensa superfície do globo. Habita desertos, onde os espaços são tão vastos que aí se encontra à vontade; aí ninguém se acotovela, como na Europa, e a civilização é impossível sem o atrito contínuo dos espíritos e dos interesses. A Ucrânia, a Rússia, as planícies do Danúbio — enfim, o povo eslavo é um traço de união entre a civilização e a barbárie. Também o polonês, a fração mais rica do povo eslavo, apresenta em seu temperamento as infantilidades e a inconstância das nações adolescentes. Tem coração,

inteligência e força; mas, afligidas de inconsistência, essa coragem, essa força, essa inteligência não têm método nem espírito, porque o polonês é dotado de uma mobilidade semelhante à do vento que domina aquela imensa planície cortada de lamaçais: se tem a impetuosidade das tormentas de neve, aparelhos que derrubam e carregam casas, do mesmo modo que as terríveis avalanches aéreas, pode perder-se no primeiro pântano que aparece, dissolvido na água.

O homem adquire sempre qualquer coisa do meio em que vive. Em luta permanente contra os turcos, os poloneses deles receberam o gosto pela magnificência oriental; muitas vezes sacrificam até o necessário só para brilhar; enfeitam-se como mulheres e, no entanto, o clima lhes deu a dura constituição dos árabes. Por outro lado, o polonês, sublime na dor, cansou o braço dos opressores, de tanto apanhar, recomeçando assim, no século XIX, o espetáculo oferecido pelos primeiros cristãos. Com dez por cento da hipocrisia inglesa no caráter polonês, tão franco, tão aberto, a generosa águia branca dominaria hoje todos os recantos onde desliza a águia de duas cabeças. Um pouco de maquiavelismo teria impedido a Polônia de libertar a Áustria, que a dividiu; de contrair empréstimo com a Prússia, sua usurária, que a arruinou; e de dividir-se no momento de sua primeira partilha. No batismo da Polônia, uma fada Carabosse,<sup>[160]</sup> esquecida pelos gênios que dotaram a encantadora nação das mais brilhantes qualidades, apareceu para dizer-lhe: “Guarda todos os dons com que minhas irmãs te cumularam, mas nunca saberás o que queres!”. Se, no seu duelo heroico com a Rússia, a Polônia houvesse triunfado, os poloneses se bateriam, uns contra os outros, hoje como outrora, em suas assembleias, para impedir que se escolhesse um rei. No dia em que essa nação, unicamente composta de coragens sanguíneas, tiver o bom senso de procurar um Luís XI<sup>[161]</sup> em suas entranhas e aceitar-lhe a tirania, a dinastia estará salva.

O que a Polônia foi na política, os poloneses, na maioria, o são na vida privada, sobretudo quando os desastres ocorrem. Assim, Venceslau Steinbock, que nos três últimos anos adorava sua mulher e que sabia ser para ela um deus, sentiu-se de tal modo ferido pelo fato de a sra. Marneffe não o ter distinguido que fez questão de honra de conseguir-lhe as atenções. Comparando-a à sua esposa, ele colocou Valéria em primeiro lugar. Hortênsia era uma bela carnação, como Valéria dizia a Lisbeth; mas havia na sra. Marneffe o espírito ligado à forma, além do picante do vício. O devotamento de Hortênsia é um sentimento que, para o marido, lhe parece devido; a consciência do imenso valor de um amor absoluto perde-se depressa, como o devedor imagina, ao cabo de algum tempo, que o empréstimo lhe pertence. Esta sublime lealdade torna-se, de algum modo, o pão cotidiano da alma, e a infidelidade seduz como uma guloseima. A mulher desdenhosa, uma mulher perigosa sobretudo, excita a curiosidade, como os temperos valorizam



as boas iguarias. A indiferença, tão bem representada por Valéria, era, além disso, uma novidade para Venceslau, ao fim de três anos de prazeres fáceis. Hortênsia era a mulher; Valéria, a amante.

Muitos homens querem ter essas duas edições da mesma obra, embora seja uma grande prova de inferioridade, no homem, não saber fazer de sua mulher a sua amante. A variedade, nesse particular, é um sinal de impotência. A constância será sempre o gênio do amor, o índice de uma força imensa, a que faz o poeta! Um homem deve ter todas as mulheres reunidas na sua, como os poetas sujos do século xvii faziam de suas Manons verdadeiras Íris e Cloés!<sup>[162]</sup>

— Então, que acha de Valéria? — perguntou Lisbeth ao primo, no momento em que o viu fascinado.

— Encantadora demais! — respondeu Venceslau.

— Você não quis ouvir-me — prosseguiu a prima Bete. — Ah! Meu querido Venceslau, se tivéssemos continuado juntos, você teria sido o amante dessa sereia, você a teria desposado quando ela ficasse viúva e ficado com a renda de quarenta mil libras, que ela tem!

— É verdade?...

— Sem dúvida — respondeu Lisbeth. — Agora, tome cuidado: já o preveni do perigo; não vá queimar as mãos. Dê-me o braço, o jantar está servido.

Não havia palavras mais desmoralizantes que essas, porque se mostrardes um precipício a um polonês, imediatamente ele se joga nele. Esse povo tem, acima de tudo, o gênio da cavalaria: julga poder destruir todos os obstáculos e sair vitorioso de todos eles. Lisbeth esporeara a vaidade do primo, a qual foi ainda mais estimulada pelo espetáculo da sala de jantar, onde brilhava uma prataria magnífica, onde Steinbock observou todas as delicadezas e finuras do luxo parisiense.

“Eu teria feito melhor negócio se tivesse desposado Célimène”,<sup>[163]</sup> disse ele consigo mesmo.

## **LXII – COMENTÁRIOS SOBRE A HISTÓRIA DE DALILA**

Satisfeito por ver o genro entre os presentes e mais satisfeito ainda pela certeza de uma reconciliação com Valéria, que ele se vangloriava de tornar fiel mediante a promessa da sucessão Coquet, Hulot mostrou-se encantador, durante o jantar. Stidmann respondeu às amabilidades do barão com feixes de graça parisiense e de sua verve de artista. Steinbock não quis deixar-se eclipsar pelo colega: deu demonstrações de seu espírito, disse coisas interessantes, causou efeito, ficou contente consigo mesmo; a sra. Marneffe por várias vezes lhe dirigiu o sorriso, como a dizer que o compreendia bem. A boa mesa, os vinhos capitosos acabaram por mergulhar Venceslau naquilo que se pode chamar o

atoleiro do prazer.

Após o jantar, excitado por ter bebido um pouco mais que de costume, Venceslau estendeu-se num divã, sentindo uma sensação de bem-estar físico e intelectual, ao mesmo tempo; bem-estar que a sra. Marneffe levou ao cúmulo indo sentar-se a seu lado, leve, perfumada, tão bela que seduziria os anjos. Inclinando-se para o artista, falou-lhe em voz baixa, quase lhe roçando a orelha com os seus lábios:

— Esta noite não poderemos falar de negócios, a menos que o senhor deseje ser o último a sair. Entre mim, o senhor e Lisbeth, poderemos arranjar as coisas de acordo com as suas conveniências...

— Ah! A senhora é um anjo! — exclamou Venceslau, respondendo-lhe no mesmo tom. — Cometi uma loucura quando não quis ouvir Lisbeth...

— Que lhe disse ela?

— Na Rue du Doyenné, ela achava que a senhora gostava de mim...

A sra. Marneffe fitou Venceslau com a expressão de quem se achava embaraçada e ergueu-se bruscamente. Uma mulher jovem e bonita nunca despertou impunemente num homem a ideia de um êxito imediato. Aquele movimento de mulher honesta, reprimindo uma paixão recolhida no fundo do coração, era mil vezes mais eloquente que a mais apaixonada declaração.

Assim o desejo de Venceslau foi tão vivamente excitado que ele redobrou de atenções com Valéria. Mulher em mira, mulher apetecida! Daí o tremendo poder das atrizes. Sentindo-se observada, a sra. Marneffe comportou-se como uma atriz aplaudida. Tornou-se encantadora e obteve um completo triunfo.

— As loucuras do meu sogro já não me causam espanto — declarou Venceslau a Lisbeth.

— Se continua a falar desse modo, Venceslau — respondeu a prima —, toda a minha vida me arrependerei de ter-lhe arranjado esse empréstimo de dez mil francos. Estaria, então, como todos eles — e indicou os demais convivas —, apaixonado por aquela criatura? Imagine que iria ser o rival de seu sogro. Enfim, pense no desgosto que causaria a Hortênsia.

— É verdade, Hortênsia é um anjo; eu seria um monstro!

— E na família já basta um — acentuou Lisbeth.

— Os artistas nunca deveriam casar-se! — exclamou Venceslau.

— Ah! Era isso que eu lhe dizia na Rue du Doyenné. Seus filhos são os seus grupos; as suas estátuas, as suas obras-primas.

— Sobre o que estão falando aí? — indagou Valéria, acercando-se de Lisbeth. — Serve-nos o chá, prima.

Por uma dessas fanfarronadas polonesas, Steinbock quis mostrar certa intimidade com a fada do salão. Após ter insultado Stidmann, Cláudio Vignon e Crevel com um olhar, tomou Valéria pela mão e

forçou-a a sentar-se a seu lado no divã.

— O senhor é um autêntico fidalgo, conde Steinbock! — disse ela, resistindo um pouco.

E pôs-se a rir, sentando-se junto dele, não sem lhe mostrar o pequeno botão de rosa que lhe ornava o corpete.

— Ah! Se eu fosse um fidalgo, não viria aqui para tomar um empréstimo! — disse Venceslau.

— Pobrezinho! Lembro-me de suas noites de trabalho na Rue du Doyenné. O senhor foi um tanto bobo. Lançou-se ao casamento como um faminto se joga para apanhar um pão. O senhor nada conhece de Paris! Veja em que situação está! Mas é isso: fechou os olhos à dedicação de Bete e ao amor de uma parisiense, que conhece Paris de cor.

— Não me diga mais nada! — exclamou Steinbock. — Estou com a albarda nas costas!

— O senhor terá os seus dez mil francos, meu caro Venceslau; mas com uma condição — acrescentou ela, brincando com uma das suas admiráveis mechas de cabelos.

— Qual é?

— Está bem, eu não quero juros...

— Oh! Senhora...

— Não se incomode. O senhor me pagará com um grupo de bronze. Já começou a história de Sansão; termine-a pois... Faça Dalila cortando os cabelos do Hércules judeu... O senhor, que virá a ser um grande artista, se quiser ouvir-me, espero que compreenda o tema. Trata-se de exprimir o poder da mulher. Sansão não é nada ali. É o cadáver da força. Dalila é a paixão que tudo arruína. Como esta *réplica*... É assim que vocês a chamam? — perguntou inteligentemente, observando que Cláudio Vignon e Stidmann se aproximavam por terem percebido que conversavam sobre escultura. — Como esta réplica de Hércules aos pés de Ônfale<sup>[164]</sup> é muito mais bela que o mito grego! Foi a Grécia que copiou a Judeia? Foi a Judeia que roubou o símbolo à Grécia?

— Ah! A senhora levanta um grave problema, o das épocas em que foram compostos os diferentes livros da Bíblia. O grande e imortal Spinoza, tão estupidamente enfileirado entre os ateus, Spinoza, que provou matematicamente a existência de Deus, pretendia que o Gênesis e a parte política, por assim dizer, da Bíblia são do tempo de Moisés, demonstrando as interpolações com provas filológicas.<sup>[165]</sup> Foi por isso que recebeu três facadas à porta da sinagoga.

— Nunca pensei que eu soubesse tanta coisa — disse Valéria, aborrecida por ver interrompida a sua conversa.

— As mulheres sabem de tudo por instinto — declarou Cláudio Vignon.

— Então, promete-me? — perguntou Valéria a Steinbock, tomando-lhe a mão com a delicadeza de uma donzela enamorada.

— Você é tão feliz que a sra. Marneffe lhe pede alguma coisa? — perguntou Stidmann.

— Que é? — indagou Cláudio Vignon.

— Um pequeno grupo de bronze — esclareceu Steinbock. — *Dalila cortando os cabelos de Sansão*.

— É difícil — observou Cláudio Vignon —, por causa do leito...

— Ao contrário. É excessivamente fácil — replicou Valéria, sorrindo.

— Ah! Dedique-se à escultura!... — disse Stidmann.

— Mas se ela já é um assunto de escultura! — replicou Cláudio Vignon, lançando um olhar fino para Valéria.

— Pois veja como eu compreendo a composição — continuou Valéria. — Sansão despertou sem os cabelos, como muitos homens elegantes de cabeleira postiça. O herói está à beira da cama. O senhor só terá que fazer a base, oculta sob os panos, sob as roupas brancas. Ele está ali como Mário nas ruínas de Cartago<sup>[166]</sup> com os braços cruzados, a cabeça raspada, como Napoleão em Sainte-Hélène, sei lá! A seu lado, Dalila ajoelhada, como a *Madalena* de Canova. Uma meretriz adora o amante quando o arruína. A meu ver, a judia teve medo de Sansão, o terrível, o poderoso, mas veio a amá-lo quando o tornou menino. Portanto, Dalila lamenta a sua falta, gostaria de restituir ao amante os seus cabelos, não ousa fitá-lo e o contempla depois, sorrindo, porque percebe o seu perdão na fraqueza de Sansão. Esse grupo e o da selvagem Judite seriam a explicação do que é a mulher. A Virtude corta-lhes a cabeça; o Vício só lhes corta os cabelos. Tomem cuidado com as suas cabeleiras, senhores!

E ela deixou confundidos os dois artistas que, com o concurso do crítico, fizeram um concerto de louvores à sra. Marneffe.

— Não há mulher mais deliciosa! — exclamou Stidmann.

— Ah! É a mulher mais inteligente e mais apetecível que eu já vi — declarou Cláudio Vignon. — Reunir espírito e beleza é coisa rara!

— Se você, que tem a honra de conhecer na intimidade Camille Maupin,<sup>[167]</sup> avança semelhante julgamento, que poderemos nós pensar? — disse Stidmann.

— Se o senhor quiser fazer de Dalila um retrato de Valéria, meu caro conde — interrompeu Crevel, que acabara de deixar o jogo por um momento e que ouvira tudo —, eu lhe pagarei mil escudos por um exemplar do grupo. Ah! Sim, mil escudos, eu entro com a *prata*!

— *Eu entro com a prata?* Que quer dizer isso? — perguntou Beauvisage a Cláudio Vignon.

— Seria preciso que ela consentisse em posar — esclareceu Steinbock, indicando Valéria a Crevel. — Peça-lhe isso.

Nesse momento, Valéria servia, ela mesma, uma chávena de chá a Steinbock. Era mais que uma distinção, era um favor. Há uma linguagem na maneira como uma mulher desempenha essa função; mas as mulheres bem sabem disso; seria um estudo interessante o de seus movimentos, de seus gestos, de seus olhares, de seu tom, de seu acento, quando elas executam esse ato de polidez, na aparência tão simples.

Desde as perguntas “Toma chá?”, “Quer chá?”, “Uma chávena de chá?”, friamente formuladas, com a ordem de trazê-lo, dada à ninfa que sustenta o bule, até o enorme poema da odalisca vindo da mesa do chá, com a xícara na mão, aproximando-se do paxá do coração e servindo-o com um ar submisso, a voz acariciante e o olhar cheio de promessas voluptuosas, tudo isso pode servir a um fisiologista para observar todos os sentimentos femininos, desde a aversão e a indiferença até a declaração de Fedra a Hipólito.<sup>[168]</sup> As mulheres podem mostrar-se, então, à vontade, desdenhosas até o insulto, humildes até a escravatura do Oriente. Valéria foi mais que uma mulher, foi a serpente feita mulher; ela concluiu sua obra diabólica quando marchou em direção a Steinbock, com uma chávena de chá na mão.

— Tomarei tantas chávenas de chá quantas quizer oferecer-me, para vê-las trazidas assim — disse o artista ao ouvido de Valéria, erguendo-se e apertando-lhe os dedos.

— Falaram em posar? — perguntou ela, sem parecer haver recebido com surpresa tal explosão tão ardentemente esperada.

— O velho Crevel comprar-me-á um exemplar do meu grupo por mil escudos.

— Ele dará mil escudos, ele, por um grupo?

— Sim, se a senhora quizer posar como Dalila — declarou Steinbock.

— Ele assistirá, eu espero — continuou ela. — O grupo, nesse caso, valeria mais do que toda a fortuna dele, porque Dalila deve ser um pouco decotada...

Do mesmo modo que Crevel tomava posição, todas as mulheres têm uma atitude vitoriosa, uma pose estudada em que se fazem irresistivelmente admirar. Há umas que, nos salões, passam a vida a olhar a renda de sua combinação e a endireitar as ombreiras dos vestidos, ou então a fazer cintilarem os brilhantes de suas pupilas olhando para as cornijas. A sra. Marneffe não triunfava de frente como as demais. Voltando-se bruscamente, dirigiu-se à mesa de chá para falar com Lisbeth. Esse movimento de dançarina agitando o vestido, com o qual ela conquistara Hulot, fascinou Steinbock.

— Tua vingança é completa — disse Valéria ao ouvido de Lisbeth. — Hortênsia verterá grossas lágrimas e maldirá o dia em que te tomou Venceslau.

— Enquanto eu não for a senhora marechala, não terei feito nada — respondeu a lorena. — Mas todos eles começam a querer isso... Esta manhã fui à casa de Vitorino. Esqueci-me de contar-te isso. Os dois jovens Hulot resgataram as letras do barão, em poder de Vauvinet; contrairão amanhã um empréstimo de setenta e dois mil francos, a três por cento de juros, para pagamento em três anos, mediante a hipoteca de sua casa. Eis os dois jovens Hulot na miséria durante três anos; agora, ser-lhes-á impossível arranjar dinheiro sob a hipoteca de sua propriedade. Vitorino está horivelmente triste, compreendeu o caráter do pai. Enfim, Crevel é capaz de romper com os filhos, de tal forma ficará zangado com esse devotamento.

— O barão já estará sem recursos? — perguntou Valéria ao ouvido de Lisbeth, sorrindo para Hulot.

— Creio que não tem mais nada; contudo, vai voltar a receber seus vencimentos a partir de setembro.

— E ele tem a sua apólice de seguro, já a renovou! Bem, já é tempo de o barão fazer de Marneffe chefe de repartição; vou assassiná-lo esta noite.

— Meu caro primo — disse Lisbeth a Venceslau —, vá embora, por favor. Você se torna ridículo, fita Valéria de maneira a comprometê-la. O marido dela é terrivelmente ciumento. Não queira imitar o seu sogro e volte para casa; estou certa de que Hortênsia o espera...

— A sra. Marneffe me ordenou que fosse o último a sair, a fim de que possamos, nós três, tratar do nosso negócio — esclareceu Venceslau.

— Não — disse Lisbeth. — Vou lhe entregar os dez mil francos, porque o marido dela não deixa de observá-lo. Seria uma imprudência da sua parte ficar aqui. Amanhã, às nove horas, traga a letra; a essa hora, este idiota do Marneffe já se encontra na repartição. Valéria está tranquila, então... Você pediu a ela que posasse para um grupo? Olhe, primeiro vá aos meus aposentos... Ah! — exclamou, ao surpreender o olhar com que Steinbock cumprimentou Valéria. — Bem sabia que você era um libertino em embrião! Valéria é muito bonita, mas faça tudo para não causar desgosto a Hortênsia...

Nada irrita mais os homens casados que encontrar, a qualquer pretexto, a sua mulher entre eles e um desejo, mesmo passageiro.

#### LXIV – DE VOLTA À CASA

Era uma hora da madrugada quando Venceslau chegou a casa. Desde as nove e meia Hortênsia o esperava. Das nove e meia às dez, ela ouviu o rodar das carruagens, dizendo consigo mesma que Venceslau nunca regressara tão tarde quando ia sozinho jantar em companhia de Chanor e Florent. Passou a costurar junto ao berço do filho, visto que começava

a economizar a despesa com uma operária, fazendo ela própria certos consertos. Das dez às dez e meia, teve uma ideia de desconfiança, pensando: “Teria ido jantar, como me disse, na casa de Chanor e Florent? Quando foi vestir-se, quis usar a mais bela gravata, com o mais belo alfinete. Demorou tanto a preparar-se quanto uma mulher que deseja parecer ainda melhor do que é... Mas, estou louca, ele me ama! Aliás, ei-lo que chega...”.

Mas o carro que a jovem ouviu rodar, em vez de parar, passou. Das onze à meia-noite, Hortênsia foi presa de inauditos temores, por causa da solidão do bairro. “Se ele volta a pé”, pensou, “pode acontecer-lhe qualquer acidente! Morre-se quando se bate numa quina de calçada ou quando não se prevê buracos. Os artistas são tão distraídos! E se foi atacado por ladrões?... Esta é a primeira vez que ele me deixa só, durante seis horas e meia... Por que me atormentar? Ele só gosta de mim!”

Os homens deveriam ser fiéis às mulheres que os amam, quando mais não fosse por causa dos perpétuos milagres produzidos pelo verdadeiro amor no mundo sublime que se chama *mundo espiritual*. Uma mulher que ama fica, em relação ao homem amado, na situação de uma sonâmbula a que o magnetizador desse o triste poder, quando deixasse de ser o espelho do mundo, de ter consciência, como mulher, do que percebe como sonâmbula. A paixão faz com que as forças nervosas da mulher atinjam esse estado *extático* em que o pressentimento equivale à visão dos videntes. Uma mulher se sabe traída, não ouve, duvida de tudo, tanto ela ama. Assim, desmente o grito de seu poder de pitonisa. Esse paroxismo do amor deveria ter um culto. Nos espíritos nobres, a admiração por esse divino fenômeno será sempre uma barreira que os separará da infidelidade. Como não adorar uma bela, uma inteligente criatura cuja alma chega a ter semelhantes manifestações?

À uma hora da madrugada Hortênsia atingira tal grau de angústia que se precipitou em direção à porta quando reconheceu Venceslau pela sua maneira de soar a campainha; abraçou-o, estreitando-o maternalmente entre os braços.

— Até que enfim! — exclamou, recobrando a voz. — Meu amigo, de agora em diante eu irei para toda parte aonde fores, porque não quero mais experimentar pela segunda vez a tortura de semelhante espera... Eu te vi caindo e indo de encontro à quina da calçada, com a cabeça partida! E morto pelos ladrões! Não. Se isso me acontecesse outra vez, eu enlouqueceria... Então, será que te divertiste muito, sem mim? Ingrato!

— Que queres, meu anjo? Lá fora estavam Bixiou, que nos fez novas caricaturas; Leão de Lora, cujo espírito não se esgotou; Cláudio Vignon, a quem eu devo o único artigo consolador que se escreveu sobre o

monumento do marechal Montcornet. Lá estavam...

— Havia mulheres? — perguntou vivamente Hortênsia.

— A respeitável sra. Florent...

— Tu me tinhas dito que era no Rocher de Cancale... Então, foi na casa deles?

— Foi, eu me enganei...

— Não vieste de carro?

— Não.

— E vieste a pé, da Rue des Tournelles?

— Stidmann e Bixiou me acompanharam pelos bulevares até a Madeleine,<sup>[169]</sup> sempre conversando.

— Deve estar bem seco nos bulevares, na Place de la Concorde e na Rue de Bourgogne, porque não estás com os pés enlameados — disse Hortênsia, examinando as botinas de verniz do marido.

Havia chovido; mas, da Rue Vaneau à Rue Saint-Dominique, Venceslau não sujara as botinas.

— Toma, aqui tens cinco mil francos que Chanor generosamente me emprestou — explicou Venceslau, interrompendo esse interrogatório quase judiciário.

Ele fizera dois maços das dez notas de mil francos, um para Hortênsia e outro para si mesmo, porque tinha dívidas no montante de cinco mil francos, coisa que Hortênsia ignorava. Venceslau devia ao ajudante e aos operários.

— Estás livre de inquietações, minha querida — acrescentou, beijando a mulher. — Amanhã mesmo vou pôr mãos à obra! Ah! Amanhã sairei de casa às oito e meia e irei para o ateliê. Portanto, vou me deitar imediatamente para que possa levantar-me cedo. Concordas, minha filha?

Desvaneceram-se as suspeitas que haviam ferido o coração de Hortênsia. Ela estava a mil léguas da verdade. Nem sequer pensava na sra. Marneffe! Temia que o seu Venceslau frequentasse o meio das cortesãs. Ao ouvir os nomes de Bixiou e de Leão de Lora, artistas conhecidos pela sua vida desenfreada, mostrara-se inquieta.

No dia seguinte, inteiramente tranquila, viu Venceslau sair de casa às nove horas.

“Ei-lo agora trabalhando”, pensou, enquanto vestia o filho. “Ah! Bem o vejo, está pronto para trabalhar. Pois bem, se não tivermos a glória de Michelangelo, teremos a de Benvenuto Cellini!”

## **LXV – A PRIMEIRA PUNHALADA**

Embalada pelas suas próprias esperanças, Hortênsia acreditava num futuro feliz. E falava com o filho, de um ano e oito meses, nessa linguagem toda de onomatopeias que faz sorrirem as crianças, quando,



aí pelas onze horas, a cozinheira, que não vira Venceslau sair, introduziu Stidmann.

— Perdão, minha senhora — disse o artista. — Então, Venceslau já saiu?

— Ele está no ateliê.

— Vinha combinar com ele os nossos trabalhos.

— Vou mandar chamá-lo — declarou Hortênsia, fazendo um sinal para que Stidmann se sentasse.

A jovem senhora, agradecendo intimamente o feliz acaso, quis deter Stidmann a fim de obter informações sobre a reunião da véspera. Stidmann inclinou-se para agradecer à condessa tal distinção. A sra. Steinbock fez soar a campainha e quando a cozinheira apareceu transmitiu a ordem de ir procurar o escultor no ateliê.

— Divertiram-se bastante ontem? — perguntou Hortênsia. — Venceslau só chegou a casa depois de uma hora da madrugada.

— Divertir-nos? Nem tanto — respondeu o artista, que na véspera quisera conquistar a sra. Marneffe. — Só se diverte naquele meio quem tem certos interesses. A pequena sra. Marneffe é excessivamente espirituosa, mas também demasiado galante...

— E como Venceslau a achou? — indagou a pobre Hortênsia, fazendo um esforço para conservar-se calma. — Ele não me contou nada.

— Só lhe posso dizer uma coisa: é que ela é muito perigosa — respondeu Stidmann.

Hortênsia tornou-se pálida como uma parturiente.

— Então, foi... na casa da sra. Marneffe... e não... na casa de Chanor que jantaram... ontem... com Venceslau, e ele... — gaguejou.

Stidmann percebeu que, sem querer, estava causando uma desgraça. A condessa não concluiu a frase, porque perdeu os sentidos. O artista fez soar a campainha e a criada apareceu. Quando Luísa tentou levar a condessa Steinbock para o quarto, sobreveio um ataque nervoso da maior gravidade, com horríveis convulsões. Exatamente na situação daqueles que destroem, com uma involuntária indiscrição, o edifício erguido com mentiras pelo marido em seu próprio lar, Stidmann nem acreditava que suas palavras houvessem tido tais consequências; pensou que a condessa se encontrava naquele estado doentio em que a mais leve contrariedade se torna um perigo.

A cozinheira anunciou, nesse momento, em voz alta, que infelizmente Steinbock não se encontrava no ateliê. Em meio à sua crise, a condessa ouviu essa notícia e as convulsões reapareceram.

— Vá chamar a mãe dela! — disse Luísa à cozinheira. — Vá correndo!

— Se eu soubesse onde Venceslau se encontra, iria chamá-lo! — exclamou Stidmann desesperado.

— Ele está na casa daquela mulher!... — suspirou a pobre Hortênsia. — Venceslau se vestiu de maneira diferente de como o faz quando vai para o trabalho.

Stidmann correu até a casa da sra. Marneffe, reconhecendo a verdade da observação, devida à vidência das paixões. Nesse momento, Valéria servia de modelo para Dalila. Demasiado esperto para procurar a sra. Marneffe, Stidmann atravessou decidido a portaria e subiu rapidamente ao segundo andar, pensando o seguinte: “Se eu perguntar pela sra. Marneffe, ela não estará em casa. Se eu perguntar ingenuamente por Steinbock, rirão na minha cara... Quebremos as vidraças!”.

Ao soar a campainha, Reina apareceu.

— Diga ao sr. Steinbock que venha, porque a esposa dele está à morte...

Reina, tão esperta quanto Stidmann, fitou-o com um ar

sofriavelmente estúpido:

— Mas, não sei o que o senhor...

— O que lhe digo é que o meu amigo Steinbock se encontra aqui; a mulher dele está à morte e isso justifica que contrarie as ordens de sua patroa.

Dito isso, Stidmann saiu pensando: “Sim, ele está aqui!”.

Com efeito, detendo-se por alguns instantes na Rue Vaneau, Stidmann viu Venceslau sair. Fez-lhe um sinal para que se apressasse.

Depois de ter contado a tragédia que se desenrolava na Rue Saint-Dominique, Stidmann censurou Steinbock por não o ter prevenido de que guardasse segredo sobre o jantar da véspera.

— Estou perdido — exclamou Venceslau —, mas te perdoo. Esqueci inteiramente o nosso encontro desta manhã e cometi a leviandade de não te avisar que teríamos jantado ontem na casa de Florent. Que queres? Valéria me fez perder a cabeça. Mas, meu caro, ela vale a glória, vale a desgraça... Ah! É... Meu Deus, estou numa dificuldade tremenda! Aconselha-me. Que dizer em casa? Que justificativa darei?

— Aconselhar-te? Não sei de nada — respondeu Stidmann. — Mas és amado por tua mulher, não és? Pois bem, ela acreditará em tudo o que disseres. Diz-lhe então que foste à minha casa, enquanto eu ia à tua; dessa maneira, ocultarás o caso da pose.

Lisbeth, que recebera o aviso de Reina e que corria atrás de Steinbock, alcançou-o na esquina da Rue Hillerin Bertin; ela temia a ingenuidade polonesa do artista. Não querendo ficar comprometida, trocou algumas palavras com Venceslau, que, na maior alegria, a beijou em plena rua. Sem dúvida, ela oferecera ao escultor uma tábua de salvação para aquele estreito da vida conjugal.

## **LXVI – A PRIMEIRA DISCUSSÃO DA VIDA DE CASADOS**

Ao ver a mãe, que chegara a toda pressa, Hortênsia tinha derramado torrentes de lágrimas. A crise nervosa muito felizmente mudou de aspecto.

— Fui traída, mãezinha! — gritou ela. — Venceslau, depois de me ter afirmado, sob palavra de honra, que não iria à casa da sra. Marneffe, jantou ontem lá e só chegou em casa à uma hora e quinze da madrugada. Se soubesses... Na véspera, tivemos, não uma discussão, mas uma explicação. Eu lhe disse coisas muito tocantes, assim: que eu era ciumenta, uma infidelidade me levaria à morte; que eu era desconfiada e que ele devia respeitar essa minha fraqueza, resultante do meu amor; que eu tinha nas veias tanto o sangue de meu pai quanto o teu; que, vítima de uma traição, no primeiro momento enlouqueceria e seria capaz de tudo, de me vingar, de desonrar a todos, a ele, ao seu filho e a mim própria; que eu poderia até matá-lo e matar-me em seguida etc. E

ele foi, ele foi! Essa mulher tem o intuito de nos causar desgosto a todos nós! Ontem, meu irmão e Celestina se comprometeram a retirar setenta e dois mil francos de letras subscritas em favor daquela miserável... Sim, mamãe, queria perseguir meu pai e prendê-lo. Criatura infame, já não lhe bastavam meu pai e tuas lágrimas? Por que ainda quer tomar o meu Venceslau? Irei à casa dela e a apunhalarei!

Atingida no fundo do coração pela terrível confiança que, levada pela cólera, Hortênsia lhe fazia, sem querer, a sra. Hulot conteve o seu desespero por um desses heroicos esforços de que são capazes as grandes mães. Colocando no colo a cabeça da filha, cobriu-a de beijos.

— Espera Venceslau, querida, e tudo se explicará. O mal não deve ser tão grande quanto pensas. Eu também fui traída, minha querida Hortênsia. Julgas-me bonita, que sou virtuosa, e no entanto fui abandonada há vinte e três anos pelas Jenny Cadine, pelas Josefa, pelas Marneffe! Sabias disso?

— Mamãe, sofres assim há mais de vinte anos?...

Hortênsia interrompeu-se ante suas próprias ideias.

— Imita-me, minha filha — continuou a sra. Hulot. — Sê delicada e boa, terás a consciência tranquila. No leito de morte, o homem diz: “Minha mulher nunca me causou o menor desgosto!”. E Deus, que ouve sempre os últimos suspiros, leva isso a nosso crédito. Se eu me tivesse deixado arrastar pelo furor, como tu, que teria acontecido? Teu pai ter-se-ia exasperado, talvez me houvesse abandonado, não se deteria pelo receio de afligir-me; nossa ruína, hoje consumada, teria acontecido dez anos antes; teríamos dado o espetáculo de marido e mulher vivendo cada um para seu lado, horroroso escândalo, desolador, porque é a morte da família. Não teria havido o casamento de teu irmão, nem o teu... Eu me sacrifiquei, e tão corajosamente que, não fosse esta última ligação de teu pai, todo o mundo me julgaria feliz. As minhas mentiras oficiosas e resolutas até agora protegeram Heitor, que ainda é considerado; só essa paixão de velho é que o arrasta demasiado longe, bem o vejo. Creio que a sua loucura rasgará o véu que coloquei entre nós e a sociedade. Mas durante vinte e três anos sustentei esse reposteiro por trás do qual eu chorei, sem mãe, sem confidente, sem qualquer assistência, a não ser a da religião, e consegui vinte e três anos de honra para a família...

De olhos fixos, Hortênsia ouvia a mãe. A voz calma e a resignação diante da suprema dor fizeram calar a irritação da primeira ferida no coração da jovem: vieram-lhe as lágrimas, em torrentes. Num acesso de piedade filial, esmagada pela atitude sublime da mãe, Hortênsia pôs-se de joelhos a seus pés, tomou as fimbrias do seu vestido e beijou-as, como os católicos piedosos beijam as santas relíquias de um mártir.

— Levanta-te, querida Hortênsia — disse a baronesa. — Semelhante testemunho de minha filha desfaz as piores recordações. Deixa-me

estreitar-te de encontro ao coração, unicamente oprimido pelo teu desgosto. O desespero de minha pobre filhinha, cuja alegria era a minha única alegria, rompeu o selo sepulcral que me cerrava os lábios e que nada deveria destruir. Sim, eu desejava levar para o túmulo os meus dissabores, como se fosse mais uma mortalha. Para acalmar a tua cólera, fui obrigada a falar... Deus me perdoará! Ah! Se minha vida fosse a tua, que não faria eu? Os homens, a sociedade, o acaso, a natureza, Deus nos vendem o amor, a meu ver, ao preço das mais cruéis torturas. Paguei com vinte e quatro anos de desespero, de desgostos contínuos, de amargor, uns dez anos de felicidade...

— Pelo menos, tiveste dez anos de felicidade, mãezinha, enquanto eu tive apenas três... — declarou a egoísta apaixonada.

— Nada está perdido, minha filha, espera Venceslau.

— Mamãe, ele mentiu, me enganou... Ele me disse: “Não irei lá”, e foi. Disse isso ao pé do berço do próprio filho...

— Para sua satisfação, os homens, meu anjo, cometem as maiores indignidades, infâmias, crimes; ao que parece, isso está na sua natureza. Nós, mulheres, somos votadas ao sacrifício. Julguei passada a época dos meus sofrimentos, mas eles recomeçaram; não esperava sofrer duplamente, sofrendo por minha filha. Coragem e silêncio! Minha Hortênsia, jura-me que só a mim falarás de teus desgostos, que não os exporás diante de terceiros... Ah! Sê ativa como tua mãe!

Nesse momento Hortênsia estremeceu, por ter ouvido os passos do marido.

— Parece que Stidmann veio aqui enquanto eu o esperava na casa dele — disse Venceslau, ao entrar.

— Em verdade? — exclamou a pobre Hortênsia, com selvagem ironia de mulher ofendida, que se serve da palavra como dum punhal.

— Está claro, acabamos de nos encontrar — respondeu Venceslau, fingindo-se surpreso.

— E ontem? — insistiu Hortênsia.

— Está bem, meu amor, eu te enganei e tua mãe é quem nos vai julgar...

Essa franqueza abriu o coração de Hortênsia. Todas as mulheres verdadeiramente nobres preferem a verdade à mentira. Não querem ver seu ídolo degradado; querem mostrar-se orgulhosas do domínio que aceitam. É o sentimento que existe entre os russos, em relação ao seu tsar.

— Minha querida sogra, ouça-me — disse Venceslau. — Amo tanto minha boa e delicada Hortênsia que lhe ocultei a extensão de nossas dificuldades. Mas, que quer? Ela ainda está amamentando e os desgostos lhe fariam muito mal. A senhora sabe a que riscos se expõe uma mulher. Sua beleza, sua frescura, sua saúde estão em perigo. Cometi um erro? Ela pensa que devemos apenas cinco mil francos, mas

eu também devo outros cinco mil. Anteontem, estávamos desesperados. Ninguém, entre nós, empresta dinheiro a artistas. Desconfiam de nosso talento, tanto quanto de nossas fantasias. Em vão bati a todas as portas. Lisbeth nos ofereceu as suas economias.

— Pobrezinha! — disse Hortênsia.

— Pobrezinha! — repetiu a baronesa.

— Mas que valem os dois mil francos de Lisbeth? Para ela, tudo; para nós, nada. Então a prima nos falou, como tu sabes, Hortênsia, da sra. Marneffe, que por amor-próprio, devendo tanto ao barão, não cobraria juros... Hortênsia quis empenhar seus diamantes. Arranjaríamos alguns milhares de francos, mas precisávamos de dez mil. Esses dez mil conseguiríamos com a sra. Marneffe, num empréstimo por um ano, sem juros. Disse comigo mesmo: “Hortênsia não saberá de nada, vou buscá-los!”. A tal mulher me mandou convidar pelo meu sogro para jantar ontem em sua casa, dando a entender que Lisbeth lhe falara e que eu teria o dinheiro. Entre o desespero de Hortênsia e esse jantar, não hesitei. Eis tudo. Como pode Hortênsia, com vinte e quatro anos, fresca, pura e virtuosa, toda a minha felicidade e a minha glória, e que eu não deixei desde o nosso casamento, como pode ela imaginar que eu iria preteri-la, por quem?... Por uma mulher envelhecida, fanada, “batida!” — disse ele, empregando uma horrível expressão da gíria dos artistas para fazer crer no seu desprezo, com um desses exageros de que as mulheres gostam.

— Ah! Se teu pai me houvesse falado assim! — exclamou a baronesa.

Hortênsia jogou-se graciosamente ao pescoço do marido.

— Sim, eis aí o que eu teria feito — declarou Adelina. — Venceslau, meu amigo, sua mulher quase morreu — continuou ela, em tom grave. — Por aí, veja quanto ela o ama! Ela é sua!

E deu um profundo suspiro. “Ele pode fazer dela uma mártir ou uma mulher feliz”, disse ela consigo mesma, pensando no que pensam todas as mães depois do casamento de suas filhas.

— Parece-me que eu soffro bastante para que possa ver meus filhos felizes — declarou.

— Fique tranquila, querida mãezinha — afirmou Venceslau, no cúmulo da felicidade por ver aquela crise encerrada de maneira feliz. — Dentro de dois meses terei pago o dinheiro dessa terrível mulher. Que quer? — continuou, repetindo uma expressão tipicamente polonesa com uma graça polonesa: — Há momentos em que tomaríamos dinheiro emprestado até ao diabo. Afinal de contas, esse dinheiro é da família. Uma vez convidado, teria eu arranjado esse dinheiro, que nos custa tanto, se houvesse respondido com uma grosseria a uma attitude amável?

— Ah! Mamãe, quanto mal nos causa papai! — exclamou Hortênsia.

A baronesa levou um dedo aos lábios e Hortênsia arrependeu-se

dessa queixa, a primeira censura que deixava escapar a respeito de um pai tão heroicamente protegido por um sublime silêncio.

— Adeus, meus filhos — disse a sra. Hulot. — A tempestade passou. Mas não se aborçam mais.

## LXVII – UMA SUSPEITA SEMPRE ACOMPANHA A PRIMEIRA PUNHALADA

Quando Venceslau e sua esposa voltaram para o quarto, depois de terem levado a baronesa até a porta, Hortênsia disse ao marido:

— Conta-me o que houve ontem!

E ficou a observar a fisionomia de Venceslau durante a sua narrativa, toda ela entrecortada pelas perguntas que acodem aos lábios de uma mulher em tais casos. A narrativa deixou Hortênsia pensativa, imaginando os diabólicos prazeres a que se entregam os artistas em meios tão viciados.

— Sê franco, meu querido Venceslau! Lá estavam Stidmann, Cláudio Vignon, Vernisset e quem mais? Enfim, tu te divertiste?

— Eu? Eu só pensava nos nossos dez mil francos, dizendo de mim para mim: “Minha Hortênsia ficará livre de preocupações!”.

O interrogatório fatigava horivelmente o livoniano, que aproveitou um momento de bom humor para perguntar a Hortênsia:

— E que farias, meu anjo, se o teu artista fosse mesmo culpado?

— Eu? — exclamou ela, com um ar decidido. — Eu me ligaria a Stidmann, sem amá-lo, está claro!

— Hortênsia! — gritou Steinbock, erguendo-se bruscamente num movimento teatral. — Não terias tempo para isso, porque eu te mataria antes.

Hortênsia jogou-se aos braços do marido, apertando-o fortemente e cercando-o de carícias. Depois lhe disse:

— Ah! Tu me amas, Venceslau! Está bem, já não tenho mais receio de nada, nem da sra. Marneffe. Nunca mais mergulhes em semelhante lodaçal...

— Querida Hortênsia, juro que só voltarei ali para resgatar minha letra.

Hortênsia amou-se, mas como se amuam as mulheres que amam e que querem tirar todos os proveitos do amuo. Cansado com o que lhe acontecera essa manhã, Venceslau deixou-a amuada e foi para o ateliê a fim de iniciar a maquete do grupo *Sansão e Dalila*, cujo desenho já se encontrava em seu bolso. Hortênsia, inquieta com a consequência de sua zanga e temendo haver irritado o marido, foi ao ateliê. Chegou lá no momento em que o marido acabava de amassar o barro com aquela fúria que se apodera dos artistas no auge da fantasia. Ao ver a mulher, ele lançou rapidamente um pano molhado sobre o grupo esboçado e tomou Hortênsia nos braços, dizendo-lhe:

— Não estamos zangados, não é, filhinha?

Hortênsia tinha visto o grupo, com o pano molhado em cima, mas não disse nada. Antes de deixar o ateliê, porém, voltou-se, levantou os farrapos, observou o esboço e perguntou:

— Que é isso?

— É um grupo que eu imaginei.

— E por que me ocultaste?

— Queria que só o visses depois de concluído.

— A mulher é muito bonita! — insistiu Hortênsia.

E mil suspeitas brotaram em seu espírito, como nas Índias brotam certas vegetações, enormes e densas, da noite para o dia.

## LXVIII – APARECIMENTO DE UM FILHO

Ao fim de três semanas mais ou menos, a sra. Marneffe mostrou-se profundamente irritada com Hortênsia. As mulheres dessa espécie têm seu amor-próprio, querem que se beije o esporão do diabo, nunca perdoam à virtude que não teme o seu poderio ou que luta com elas. Ora... Venceslau não fizera mais nem uma só visita à Rue Vaneau, nem mesmo a que a polidez recomendava depois de uma mulher haver posado como Dalila.

Todas as vezes que Lisbeth fora à casa dos Steinbock não encontrara ninguém no apartamento. O casal vivia no ateliê. Lisbeth foi encontrar os dois pombinhos em seu ninho na Rue Gros-Caillou; viu Venceslau trabalhando com ardor e soube pela cozinheira que Hortênsia vivia ao lado do marido. Venceslau sofria o despotismo do amor. Valéria esposou, então, o ódio que Lisbeth nutria por Hortênsia. As mulheres apreciam tanto os amantes que lhes querem tirar tanto quanto os homens apreciam as mulheres que são desejadas por vários fátuos. Assim, as reflexões feitas a propósito da sra. Marneffe se aplicam perfeitamente aos homens mulherengos, que são uma espécie de cortesã do sexo masculino. O capricho de Valéria transformou-se em furor; ela queria ter, sobretudo, o seu grupo; e já se preparava, certa manhã, para ir encontrar-se com Venceslau em seu ateliê quando se verificou um desses graves acontecimentos que podem ser considerados por aquela espécie de mulheres *fructus belli*.<sup>[170]</sup> Eis aqui como Valéria deu a notícia desse fato, inteiramente pessoal.

Almoçava ela em companhia de Lisbeth e do sr. Marneffe.

— Diga-me uma coisa, Marneffe: duvidas de que vais ser pai pela segunda vez?

— É verdade? Estás grávida? Oh! Deixa-me beijar-te...

Marneffe ergueu-se, deu volta à mesa, e sua mulher estendeu-lhe a frente, de maneira que o beijo fosse depositado em seus cabelos.

— Desta vez, chegarei a chefe da repartição e a oficial da Legião de



Honra! Mas, minha filha, não quero que Estanislau fique arruinado! Pobre pequeno!

— Pobre pequeno?!... — exclamou Lisbeth. — Há sete meses que o senhor não o vê. Na pensão, sou tida como mãe dele, porque sou a única, na casa, que com ele se preocupa!

— Uma criança que nos custa cem escudos de três em três meses! — disse Valéria. — Aliás, é teu filho, Marneffe. Podias muito bem pagar-lhe a pensão com os teus vencimentos... Quanto ao próximo, em vez de nos dar despesas com os negociantes de sopa, vai nos livrar da miséria...

— Valéria — declarou Marneffe, imitando uma atitude de Crevel —, espero que o sr. barão Hulot cuidará do filho e não sobrecarregará um pobre empregado. Tenciono mostrar-me exigente com ele. Por sua vez, cerque-se de garantias, senhora. Esforce-se por obter umas cartas em que ele lhe fale de sua felicidade, porque ele está tardando demais em obter a minha nomeação...

Marneffe saiu para o ministério. A preciosa amizade do diretor permitia-lhe ir à repartição às onze horas, onde, aliás, trabalhava pouco, dada a sua notória incapacidade e a sua aversão ao trabalho.

Uma vez sós, Lisbeth e Valéria fitaram-se por um momento como dois áugures<sup>[171]</sup> e explodiram juntas numa imensa gargalhada.

— Então, Valéria, isso é verdade? — indagou Lisbeth. — Ou não passa de uma comédia?

— É uma verdade física! — respondeu Valéria. — Hortênsia me *amola*! Esta noite, pensei em lançar a notícia da criança como uma bomba no lar de Venceslau.

Indo ao quarto, acompanhada de Lisbeth, Valéria mostrou-lhe a seguinte carta:

Venceslau, meu amigo, creio ainda em teu amor, embora não te tenha visto há cerca de vinte dias. Será desdém? Dalila não pode imaginar isso. Não será antes o efeito da tirania de uma mulher que me disseste não poderes mais amar? Venceslau, és um grande artista, grande demais para te deixares dominar assim. O lar é o túmulo da glória... Vê se te pareces com o Venceslau da Rue du Doyenné! Fracassaste no monumento ao meu pai; mas em ti o amante é bem superior ao artista; és mais feliz com a filha: és pai, meu adorado Venceslau. Se não vieres verme no estado em que estou, passarás a ser, aos olhos de teus amigos, um mau homem; mas, bem o sinto, eu te amo loucamente, tanto que nunca teria forças para te condenar. Possa eu sempre me considerar

tua VALÉRIA

— Que dizes ao meu projeto de enviar esta carta ao ateliê no momento em que a nossa prezada Hortênsia estiver ali, sozinha? — perguntou Valéria a Lisbeth. — Ontem à noite soube por Stidmann que Venceslau deverá encontrar-se com ele às onze horas, para irem juntos tratar de negócios com Chanor; então, essa peste da Hortênsia estará só.

— Depois de semelhante manobra, não poderei conservar-me

ostensivamente tua amiga — esclareceu Lisbeth. — Será preciso que eu me despeça de ti, que não te veja nem te fale mais...

— Evidentemente, mas...

— Fique tranquila — interrompeu Lisbeth. — Nós nos veremos de novo quando eu for a senhora do marechal; agora todos eles querem isso; só o barão ignora este projeto, mas tu resolverás com ele...

— Mas — objetou Valéria —, é possível que em breve eu esteja de relações tensas com o barão.

— A sra. Olivier é a única que pode entregar a carta, por equívoco, a Hortênsia — explicou Lisbeth. — É preciso mandá-la primeiro à Rue Saint-Dominique, antes de ir ao ateliê.

— Ah! A nossa belezinha estará em casa — respondeu a sra. Marneffe, fazendo soar a campainha para que Reina fosse chamar a sra. Olivier.

## LXIX – SEGUNDO PAI DO FILHO MARNEFFE

Dez minutos após a remessa daquela carta fatal, chegou o barão Hulot. A sra. Marneffe lançou-se, num movimento felino, ao pescoço do velho.

— Heitor, és pai! — disse-lhe ao ouvido. — Aí está o resultado de uma zanga e de uma reconciliação...

Observando certo espanto, que o barão não dissimulou prontamente, Valéria tomou um ar frio, que levou o conselheiro de Estado ao desespero. Em seguida, fez-se arrancar, uma a uma, as provas mais decisivas. Quando a convicção, que a vaidade tomou docemente pela mão, entrou no espírito do velho, Valéria referiu-se ao furor do sr. Marneffe.

— Meu velho rabugento, é conveniente conseguir a nomeação do teu editor responsável, nosso gerente, para chefe da repartição e oficial da Legião de Honra, porque arruinaste esse homem; ele adora o seu Estanislau, esse monstrinho que se assemelha com ele e que eu não posso suportar. A menos que prefiras dar a Estanislau uma renda de mil e duzentos francos, estabelecendo usufruto em meu favor.

— Mas se eu tiver de dar uma renda, prefiro fazê-lo em nome do meu filho e não em favor do *monstrinho*! — declarou o barão.

Esta frase imprudente, em que a expressão *meu filho* soou forte como um rio transbordante, transformou-se, ao fim de uma hora de conversa, numa promessa formal de uma renda de mil e duzentos francos em favor do futuro filho. Depois, essa promessa foi, para a língua e a fisionomia de Valéria, o mesmo que um tambor nas mãos de um menino: ela iria utilizá-la durante vinte dias.

## LXX – DIFERENÇA ENTRE A MÃE E A FILHA

No momento em que o barão Hulot, feliz como quem, casado há um ano, deseja um herdeiro, deixava a casa da Rue Vaneau, a sra. Olivier deixava que Hortênsia lhe arrebatasse das mãos a carta que devia ser entregue em mão a Venceslau.

A jovem senhora pagou a carta com uma moeda de vinte francos. O suicida paga o seu ópio, a sua pistola, o seu carvão.

Hortênsia leu e releu a carta; só via então aquele papel branco riscado de linhas negras, só havia na natureza aquele papel, porque tudo o mais, em derredor, estava escuro. A claridade do incêndio que devorava o edifício de sua felicidade iluminava o papel, porque a noite mais profunda reinava em torno dela. Os gritos do pequeno Venceslau, brincando, chegavam-lhe aos ouvidos, como se ele estivesse no fundo de um vale e ela no alto de um monte. Ultrajada aos vinte e quatro anos, quando no esplendor da beleza, dominada por um amor puro e devotado, aquilo era não uma punhalada, mas a morte. O primeiro ataque fora puramente nervoso, o corpo contorcera-se ao amplexo do ciúme; mas a certeza atingiu a alma, o corpo ficou aniquilado.

Durante cerca de dez minutos, Hortênsia ficou sob essa opressão. O fantasma de sua mãe apareceu a seus olhos e causou-lhe uma revolução. Hortênsia tornou-se calma e fria, recobrou a presença de espírito. Fazendo soar a campainha, disse à cozinheira:

— Que Luísa a ajude, minha cara amiga, a embrulhar, o mais rápido possível, tudo o que é meu nesta casa e tudo o que é de meu filho. Vocês têm uma hora para isso. Quando tudo estiver pronto, vá chamar um carro na praça e me avise. Não quero comentários! Deixo esta casa, levando comigo Luísa. Você ficará com o patrão; procure cuidar dele...

Indo para o quarto, pôs-se à mesa e escreveu a seguinte carta:

Senhor conde,

A carta que deixo junto a esta lhe explicará a causa da resolução que tomei. Quando ler estas linhas, terei deixado a sua casa e estarei recolhida à casa de minha mãe, com o nosso filho.

Fique certo de que nunca me arrependerei desta deliberação. Não pense que se trata de um arrebatamento ou irreflexão da juventude, nem da vivacidade do amor jovem ofendido, porque nesse caso estaria redondamente enganado.

Nestes últimos quinze dias, tenho prodigiosamente pensado na vida, no amor, na nossa união, nos nossos deveres recíprocos. Tomei conhecimento, em toda a sua extensão, do devotamento de minha mãe, que me contou os seus sofrimentos! Ela desempenha diariamente, há vinte e três anos, um papel heroico; mas eu não me sinto com forças para imitá-la, não porque eu o tenha amado menos do que ela ama meu pai, mas por motivos ligados ao meu temperamento. Nosso lar tornar-se-ia um inferno, e eu poderia perder a cabeça, a ponto de desonrá-lo e de desonrar nosso filho. Não quero ser uma sra. Marneffe; nesse caminho, uma mulher da minha têmpera não se deteria, talvez. Infelizmente, para mim, sou uma Hulot e não uma Fischer.

Sozinha e longe do espetáculo de sua libertinagem, respondo por mim, sobretudo estando ocupada com o nosso filho, ao lado de minha forte e sublime mãe, cuja vida influirá sobre os movimentos tumultuosos do meu coração. Ali,

posso ser uma boa mãe, educar direito o nosso filho e viver. Em nossa casa, a mulher mataria a mãe, e discussões incessantes exasperariam o meu temperamento.

Aceitaria a morte repentina; mas não quero ficar doente durante vinte e cinco anos, como minha mãe. Se você me traiu após três anos de um amor absoluto, contínuo, pela amante do seu sogro, que rivais não me daria mais tarde! Ah! Você iniciou mais cedo que meu pai esta carreira de libertinagem, de prodigalidade que desonra um pai de família, que diminui o respeito das crianças e no fim da qual se encontram a vergonha e o desespero.

Não sou implacável. Sentimentos inflexíveis não convém, de modo algum, a seres fracos que vivem sob o olhar de Deus. Se você conquistar glória e fortuna por trabalhos assíduos, se renunciar às cortesãs, aos atalhos ignóbeis e lamacentos, voltará a encontrar uma esposa digna de você.

Julgo-o nobre demais para recorrer à lei. Se me deixar em casa de minha mãe, senhor conde, respeitará a minha vontade; sobretudo, não vá ali nunca. Deixo-lhe todo o dinheiro que você tomou emprestado à odiosa mulher. Adeus!

HORTÊNSIA HULOT

Esta carta foi escrita com dificuldade, pois Hortênsia se abandonava às lágrimas, aos gritos da paixão estrangulada. Ela largava e retomava a pena para exprimir simplesmente o que o amor registra ordinariamente em tais cartas-testamento. O coração exalava-se-lhe em interjeições, em queixas, em lágrimas; mas era a razão que ditava.

Informada por Luísa de que tudo se achava pronto, a jovem senhora percorreu lentamente o pequeno jardim, o quarto, a sala, fitando tudo pela última vez. Em seguida, fez à cozinheira as mais vivas recomendações para que velasse pelo bem-estar do patrão, prometendo recompensá-la se ela fosse honesta. Enfim, subiu para a carruagem, a fim de ir para a casa da mãe, com o coração partido, chorando de fazer pena à criada, e cobrindo de beijos o pequeno Venceslau, com uma alegria delirante que ainda bem denunciava o seu amor pelo pai.

No período de vinte dias, a pobre mãe recebera dois golpes cujos sofrimentos ultrapassavam todas as suas antigas torturas. O barão pusera Vitorino e a mulher em situação difícil; além disso, era, segundo Lisbeth, a causa da transformação de Venceslau: ele depravara o genro. A majestade desse pai de família, mantida durante tanto tempo mediante sacrifícios insensatos, tinha degradado. Os filhos de Hulot não lamentavam a perda do dinheiro, mas, por sua vez, manifestavam desconfiança e incerteza em relação ao barão. Esse sentimento, bastante visível, afligia profundamente Adelina, que pressentia a dissolução da família.

## **LXXI – TERCEIRO PAI DO FILHO MARNEFFE**

A baronesa instalou a filha na sala de jantar, rapidamente transformada em quarto de dormir, graças ao dinheiro do marechal; a antessala

tornou-se, como em muitas casas, a sala de jantar.

Quando Venceslau chegou em casa, leu as duas cartas e experimentou como que um sentimento misto de alegria e tristeza. Preso, por assim dizer, à vista pela esposa, tinha-se rebelado, no íntimo, contra aquela nova prisão, semelhante à de Lisbeth. Saciado de amor, durante três anos, nos últimos quinze dias também refletira bastante; e chegara à conclusão de que a família era um fardo pesado demais.

Venceslau fora felicitado por Stidmann pela paixão que inspirara a Valéria; porque Stidmann tinha a ideia, muito compreensível, de lisonjear a vaidade do marido de Hortênsia na expectativa de consolar a vítima. Venceslau sentiu-se satisfeito por poder voltar à casa da sra. Marneffe. Lembrou-se da completa e pura felicidade que gozara, das perfeições de Hortênsia, de seu amor inocente e ingênuo, e lastimou-a vivamente. Quis ir à casa da sogra para pedir perdão, mas terminou fazendo como Hulot e Crevel; foi ver a sra. Marneffe, a quem levou a carta de sua mulher para mostrar-lhe o desastre de que fora causadora e, por assim dizer, descontar tamanha infelicidade, pedindo em troca os prazeres que lhe podia dar a amante.

O escultor encontrou Crevel em casa de Valéria. O *maire*, inchado de orgulho, ia e vinha pela sala, como um homem agitado por sentimentos tumultuosos. Tomava a atitude de quem queria dizer alguma coisa, mas ficava calado. Brilhava-lhe a fisionomia, indo à janela para tamborilar com os dedos na vidraça. Fitava Valéria com uma expressão delicada, enternecida. Felizmente para Crevel, Lisbeth entrou.

— Prima — disse-lhe ao ouvido —, sabe da notícia? Sou pai! Parece-me que amo agora menos a minha pobre Celestina. Ah! O que é ter um filho da mulher que se adora! Juntar a paternidade do coração à paternidade do sangue! Ah! Olhe aqui, diga isso a Valéria: vou trabalhar para essa criança, quero vê-la rica! Ela me disse acreditar, por certos indícios, que será um menino! Se for menino mesmo, quero que se chame Crevel; consultarei, a respeito, o meu tabelião.

— Sei bem quanto ela o ama — declarou Lisbeth —; pelo bem do seu futuro e do dela, contenha-se, não fique esfregando as mãos, de contente, a todo instante.

Enquanto Lisbeth conversava com Crevel, Valéria pedira sua carta a Venceslau, dizendo-lhe ao ouvido coisas que dissipavam a sua tristeza:

— Agora estás livre, meu caro. Será que os grandes artistas se deveriam casar? Você deve viver para a fantasia e para a liberdade. Ora, eu te amarei tanto, meu querido poeta, que nunca mais te lembrará de tua mulher. Contudo, se queres, como muita gente, conservar o decoro, eu me encarrego de fazer com que, dentro de pouco tempo, Hortênsia volte para a tua casa...

— Ah! Se isso fosse possível...

— Tenho a certeza — declarou Valéria, despeitada. — Teu pobre

sogro é um homem acabado, em todos os sentidos; por amor-próprio, quer ter a impressão de que é amado, quer fazer acreditar que tem uma amante, e é tão vaidoso, nesse particular, que eu o domino completamente. A baronesa ainda ama bastante o velho Heitor (parece-me sempre que estou a falar na *Iliada*),<sup>[172]</sup> e os dois juntos arranjarão a tua reconciliação com Hortênsia. Com uma condição apenas: se queres viver em paz em tua casa, não deixes passar vinte dias sem vir visitar a tua amante... Eu estava me acabando. Meu querido, um homem nobre deve certa consideração à mulher que comprometeu até o ponto em que estou comprometida, sobretudo quando esta mulher precisa tomar precauções quanto à sua reputação... Fica para jantar, meu anjo... E compreende que eu devo ser tanto mais fria contigo quanto és o autor de uma falta muito visível...

## LXXII – OS CINCO PAIS DA IGREJA MARNEFFE

Anunciaram o barão Montes; Valéria ergueu-se, correu ao seu encontro, falou-lhe durante alguns instantes ao ouvido e lhe recomendou a mesma discrição que pedira a Venceslau; porque o brasileiro se manteve numa atitude diplomática, adequada à grande notícia que o cumulava de alegria; ele também estava certo de sua paternidade!

Graças a essa estratégia baseada no amor-próprio do homem na condição de amante, Valéria teve à sua mesa, todos alegres, animados, encantados, quatro homens que se julgavam adorados, os quais Marneffe cognominou, pilheriando com Lisbeth, os cinco Pais da Igreja, entre eles se incluindo.

Só o barão Hulot, a princípio, apresentou uma fisionomia apreensiva. Eis por quê: no momento em que ia deixar o gabinete, fora vê-lo o diretor do Pessoal, um general, seu colega de trinta anos, e Hulot lhe falara na nomeação de Marneffe para o lugar de Coquet, que consentia em pedir demissão.

— Prezado amigo — acentuou —, não queira pedir este favor ao marechal sem combinarmos antes, sem contar com o seu apoio.

— Meu caro amigo, permita-me observar que, para seu próprio bem, não devia insistir nessa nomeação — respondeu o diretor do Pessoal. — Já lhe expus a minha opinião. Seria um escândalo no ministério, onde, aqui entre nós, já se fala demasiado a seu respeito e sobre a sra. Marneffe. Não quero ferir o seu ponto sensível nem desgostá-lo em qualquer coisa e disso quero dar provas. Se faz questão fechada da nomeação, se quer pedir o lugar do sr. Coquet, o que será, na realidade, uma perda para as repartições do ministério, onde ele se encontra desde 1809, irei passar quinze dias, no campo, a fim de deixar-lhe o terreno livre junto ao marechal, que o estima como a um filho. Dessa forma, não me manifestarei nem a favor nem contra, nada fazendo

contra a minha consciência de administrador.

— Muito obrigado — disse o barão. — Vou refletir no que acaba de me dizer.

— Se me permito fazer-lhe esta observação, meu caro amigo, é porque isso se relaciona muito mais com o seu interesse pessoal do que com os meus negócios ou com o meu amor-próprio. Afinal de contas, o marechal é o chefe. Além disso, meu caro, já nos criticam por tantas coisas que mais uma, menos uma, não importa! Em matéria de críticas, não somos mais virgens. Durante a Restauração, nomearam certos indivíduos só para que recebessem os vencimentos, sem se preocuparem com o serviço. Somos velhos colegas...

— Sim — explicou o barão —, e é mesmo para que não seja alterada a nossa velha e preciosa amizade que eu...

— Está bem, eu viajarei — continuou o diretor do Pessoal, ao perceber o embaraço estampado no rosto de Hulot. — Mas, tenha cuidado! Você tem inimigos, quer dizer, pessoas que cobiçam os seus magníficos vencimentos, e você só está preso por uma âncora. Ah! Se você fosse deputado como eu, não temeria nada; portanto, tome precaução...

Estas palavras, cheias de amizade, causaram viva impressão no espírito do conselheiro de Estado.

— Afinal, Roger, que é que há? Não faça mistérios comigo!

O personagem que Hulot chamava Roger fitou-o, tomou lhe a mão e apertou-a.

— Nós somos amigos bastante velhos para eu poder fazer uma advertência. Se você quer continuar em seu posto, deve, você mesmo, forrar a sua cama. Dessa forma, eu, em seu lugar, em vez de pedir ao marechal o lugar do sr. Coquet para o sr. Marneffe, iria pedir-lhe que usasse a sua influência para me reservar o conselho de Estado em serviço ordinário, onde iria morrer tranquilamente; então, como o castor, eu abandonaria o meu cargo de direção-geral para os caçadores.

— Como? O marechal esqueceria?...

— Meu velho, o marechal já o defendeu tão bem em pleno conselho de ministros que ninguém mais pensa em tirá-lo do lugar; mas isso tem dado trabalho! Portanto, não dê pretextos... Não quero insistir mais nisso. Agora, pode estabelecer suas condições, ser conselheiro de Estado e par de França. Se esperar demais, se se expuser, não respondo pelo que lhe aconteça... Devo viajar?

— Espere, vou avistar-me com o marechal — respondeu Hulot —, e pedirei ao meu irmão que sonde o terreno junto ao chefe.

Pode-se compreender qual era o estado de espírito em que se encontrava o barão na casa da sra. Marneffe; ele quase se esquecera de que era pai, porque Roger tivera uma atitude de boa e verdadeira camaradagem, abrindo-lhe os olhos quanto à sua posição. Entretanto,

era tal a influência de Valéria, que, no meio do jantar, o barão aderiu à alegria ambiente, tornando-se tanto mais espirituoso quanto precisava abafar suas preocupações; mas o infeliz não suspeitava de que nessa noite iria colocar-se entre a sua felicidade e o perigo apontado pelo diretor do Pessoal; quer dizer, iria ser forçado a optar entre a sra. Marneffe e o próprio posto.

### LXXIII – EXPLORAÇÃO DO PAI

Às onze horas, no momento em que a reunião atingia o apogeu da animação, já que a sala se encontrava repleta de convidados, Valéria reteve Heitor a um canto do divã.

— Meu bom velho — disse-lhe ela ao ouvido —, tua filha se irritou tanto pelo fato de Venceslau ter vindo aqui, que o abandonou. Hortênsia é estouvada. Peça a Venceslau que lhe mostre a carta que a tolinha lhe escreveu. Essa separação do casal, cuja culpa me atribuem, pode prejudicar-me grandemente, porque esta é a maneira por que se atacam entre si as mulheres virtuosas. É um escândalo fingir-se de vítima, só para lançar a censura sobre uma mulher cujo único defeito é ter uma casa agradável. Se me amas, procurarás reconciliar os dois pombinhos. Além do mais, não faço questão de receber o teu genro. Foste tu quem o trouxe aqui; portanto, podes levá-lo. Se tens autoridade no seio de tua família, parece-me que poderás muito bem exigir de tua mulher que arranje essa reconciliação. Dize-lhe de minha parte, à boa velha, que, se me acusarem injustamente de haver causado a separação do jovem casal, de ter perturbado a união de uma família, e de tomar para mim, de uma só vez, o pai e o genro, então farei por merecer essa reputação, importunando-os a todos à minha maneira! Não vê Lisbeth, que fala em me deixar?... Ela prefere ficar ao lado da família, não posso censurá-la por isso. Segundo me afirmou, só ficará aqui se os dois jovens se reconciliarem. Eis-nos limpos, a despesa será triplicada aqui!...

— Oh! Quanto a isso, porei tudo em ordem — declarou o barão, tomando conhecimento do que acontecera à filha.

— Está bem — continuou Valéria. — Outra coisa: e o lugar de Coquet?

— Já isto é mais difícil, para não dizer impossível! — respondeu Heitor, baixando os olhos.

— Impossível, meu caro Heitor? — perguntou Valéria ao ouvido do barão. — Não sabes a que extremos se entregará Marneffe. Eu estou nas mãos dele; Marneffe é imoral, em seu interesse, como a maior parte dos homens, mas é excessivamente vingativo, como o são os espíritos mesquinhos, os impotentes. Na situação em que me colocaste, estou à sua mercê. Obrigada a reconciliar-me com ele por alguns dias, ele é



capaz de nunca mais deixar o meu quarto.

Hulot teve um prodigioso sobressalto.

— Ele me deixará em paz com a condição de ser chefe da repartição. Isto é infame, mas é lógico.

— Valéria, tu me amas?

— Esta pergunta, no estado em que me encontro, meu caro, é uma injustiça de lacaio...

— Pois bem, se eu quiser tentar, apenas tentar, pedir um lugar ao marechal para Marneffe, perderei tudo e Marneffe será exonerado.

— Pensei que eras amigo íntimo do príncipe!

— Sem dúvida, ele já me deu provas disso; mas, minha filha, ainda há mais alguém acima do marechal... Ainda há, por exemplo, todo o conselho de ministros... Com um pouco de tempo, bordejando, chegaremos lá. Para consegui-lo, é preciso esperar o momento em que me peçam qualquer serviço. Poderei então dizer: “Uma mão lava a outra”.

— Se eu disser isso a Marneffe, meu pobre Heitor, ele nos pregará uma peça. Olha, dize tu a ele que é preciso esperar, porque eu não me encarrego disso. Ah! Já sei qual é o meu destino, ele sabe punir-me, não deixará mais o meu quarto... Não te esqueças dos mil e duzentos francos de renda em favor do menino.

Hulot chamou Marneffe à parte, sentindo-se ameaçado em seus amores; e pela primeira vez abandonou o tom altivo que até então conservara, tão atemorizado se mostrava ante a perspectiva daquele agonizante no quarto da linda mulher.

— Marneffe, meu caro amigo — começou a dizer —, tratamos hoje do seu caso. Você não será chefe de repartição imediatamente... É preciso tempo.

— Eu o serei, senhor barão — replicou nitidamente Marneffe.

— Mas, meu caro...

— Eu o serei, senhor barão — repetiu Marneffe, em tom frio, fitando alternativamente Hulot e Valéria. — O senhor colocou minha mulher na necessidade de se reconciliar comigo e eu a guardo; porque, meu caro amigo, ela é encantadora — acrescentou, com uma espantosa ironia. — Aqui em casa eu mando, mais do que você no ministério.

O barão sentiu uma dessas dores que produzem, no coração, o efeito de uma dor de dentes, pouco faltando para que lhe saltassem as lágrimas dos olhos.

Durante esta curta cena, Valéria comunicava ao ouvido de Henrique Montès a pretensa vontade de Marneffe, assim se desembaraçando dele por algum tempo.

Dos quatro fiéis, só Crevel, por possuir a sua *garçonnière* econômica, estava excluído daquela medida; por isso apresentava em sua fisionomia um ar de beatitude realmente insolente, apesar das

reprimendas que Valéria lhe dirigia, franzindo as sobrancelhas e fazendo caretas significativas; mas uma radiosa paternidade lia-se-lhe em todos os traços do rosto. A uma palavra de censura que Valéria foi transmitir-lhe ao ouvido, Crevel tomou-lhe a mão e respondeu-lhe:

— Amanhã, minha duquesa, terás o teu palacete! Será amanhã a adjudicação definitiva.

— E o mobiliário? — perguntou ela, sorrindo.

— Tenho mil ações de Versalhes, margem esquerda, compradas a cento e vinte e cinco francos, e elas irão a trezentos, por causa de uma fusão das duas estradas, em cujo segredo estou envolvido. Terás uma mobília de rainha! Mas serás só minha, não é?

— Sim, meu rico *maire* — disse sorrindo aquela sra. de Merteuil<sup>[173]</sup> burguesa —, mas, alto lá. Respeite a futura sra. Crevel.

— Meu caro primo — dizia Lisbeth ao barão —, amanhã cedo estarei na casa de Adelina, porque, você compreende, não posso decentemente ficar aqui. Vou cuidar da casa do seu irmão, o marechal.

— Esta noite vou voltar para casa — declarou o barão.

— Está bem, irei almoçar lá amanhã — respondeu Lisbeth, sorrindo.

#### LXXIV – UMA TRISTE FELICIDADE

Lisbeth compreendeu quão necessária era sua presença na cena de família que deveria verificar-se no dia seguinte. Assim, de manhã muito cedo foi à casa de Vitorino, a quem comunicou a separação de Hortênsia e Venceslau.

Quando o barão entrou em casa, às dez e meia da noite, Marieta e Luísa, que haviam tido um dia trabalhoso, fechavam a porta do apartamento. Hulot não teve, portanto, necessidade de fazer soar a campainha. O marido, muito contrariado por mostrar-se virtuoso, foi diretamente ao quarto da esposa; pela porta entreaberta, viu-a prosternada diante de seu crucifixo, absorvida na prece, numa dessas posições expressivas que fazem a glória dos pintores e dos escultores bastante felizes por aproveitá-las depois de tê-las encontrado. Impelida pela exaltação, Adelina dizia, em voz alta:

— Meu Deus, tende piedade dele!...

A baronesa rogava pelo seu Heitor. Diante desse espetáculo, muito diferente daquele que acabava de deixar, e ao ouvir a frase ditada pelo acontecimento do dia, o barão, enternecido, deixou escapar um suspiro. Adelina voltou-se, o rosto desfeito em lágrimas. E acreditou de tal modo que sua prece fora ouvida que deu um salto e abraçou o seu Heitor com a força que dá a paixão feliz. Adelina despojara-se de todo interesse de mulher, a dor extinguiu até a lembrança. Nela só havia a maternidade, a honra de família e a mais pura afeição de uma esposa

cristã por um marido desencaminhado — uma ternura santa que sobrevive a tudo no coração da mulher. Tudo isso nela se adivinhava.

— Heitor! — exclamou ela, afinal. — Estás de volta? Será que Deus se apiedou de nossa família?

— Querida Adelina! — declarou o barão, entrando e sentando a esposa numa poltrona, a seu lado. — És a mais santa das criaturas que conheço e há muito tempo que não me julgo digno de ti.

— Pouca coisa precisarias fazer para recompor tudo — disse Adelina, sustentando a mão de Hulot e tremendo tanto que parecia ter um tique nervoso.

Não pôde prosseguir; sentiu que cada palavra seria uma censura — e ela não queria perturbar a felicidade com que aquela entrevista lhe enchia a alma, aos borbotões.

— Foi Hortênsia quem me trouxe aqui — continuou Hulot. — Esta menina pode causar-nos maior mal com a sua resolução precipitada do que eu próprio, com a minha absurda paixão por Valéria. Mas conversaremos sobre tudo isso amanhã de manhã. Hortênsia está dormindo, Marieta me disse; deixemo-la em paz.

— Está bem — disse a sra. Hulot, de súbito invadida por uma profunda tristeza.

Percebera que o barão voltara para casa trazido mais por um interesse estranho que pelo desejo de rever a família.

— Deixemo-la tranquila ainda amanhã, porque a pobre menina se encontra em estado deplorável — acrescentou a baronesa. — Ela chorou o dia todo.

## **LXXV – QUE ESTRAGOS FAZEM AS SRAS. MARNEFFE NO SEIO DAS FAMÍLIAS**

No dia seguinte, às nove horas da manhã, o barão, enquanto esperava a filha, que mandara chamar, passeava na enorme sala deserta, procurando argumentos para expor a fim de poder vencer a teimosia mais difícil de dominar, a teimosia de uma jovem ofendida e implacável, como o é a juventude irrepreensível, que desconhece os vergonhosos compromissos da sociedade, visto como ignora as suas paixões e os seus interesses.

— Aqui estou, papai! — exclamou Hortênsia, com a voz trêmula, muito pálida, efeito dos sofrimentos que experimentara.

Sentado numa cadeira, Hulot tomou a filha pela cintura e forçou-a a sentar-se em suas pernas.

— Então, minha filha — começou a falar, beijando-lhe a fronte —, surgiu um desentendimento entre os dois e você cometeu uma loucura, hein? Isto não é coisa de uma jovem bem-educada. Minha Hortênsia não devia, por si só, tomar uma resolução definitiva, como a de abandonar a casa e o marido, sem consultar os pais. Se a minha querida

Hortênsia tivesse vindo ver sua boa e excelente mãe, não teria causado a mim o violento desgosto que sinto! Tu não conheces o mundo, que é muito mau. Poderão dizer que foi teu marido quem te restituiu a teus pais. As crianças criadas, como vocês, no regaço materno conservam-se muito mais tempo crianças que as outras: nada sabem da vida! A paixão ingênua e fresca, como a que sentes por Venceslau, infelizmente não calcula coisa alguma, deixa-se arrastar pelos primeiros impulsos. O coração parte, a cabeça o acompanha. Por uma vingança pode-se então incendiar Paris, sem pensar no júri. Quando o teu velho pai vem dizer que não guardaste as conveniências, podes acreditar nele; e nem te falo ainda sobre a profunda dor que senti, muito amarga, porque lanças a culpa sobre uma mulher cujo coração não conheces e cuja inimizade pode tornar-se terrível... Ora, tu, cheia de candura, de inocência, de pureza, não suspeitas de nada; podes ser maculada, caluniada. Além disso, meu querido anjinho, levaste a sério uma pilhéria; posso te garantir a inocência do teu marido. A sra. Marneffe...

Até então, o barão Hulot, como um artista em matéria de diplomacia, modulava admiravelmente as suas advertências. Como vimos, tinha superiormente poupado a citação daquele nome; mas, ao ouvi-lo, Hortênsia teve o gesto de quem sentisse tocar em carne viva.

— Escuta-me, eu tenho experiência e observei tudo — continuou o pai, não deixando que a filha falasse. — Aquela senhora trata o teu marido da maneira mais fria. Sim, foste alvo de uma mistificação e vou dar-te provas disso. Olha, Venceslau estava ontem jantando...

— Ele jantou lá? — indagou a jovem esposa, erguendo-se e fitando o pai com o horror estampado no rosto. — Ontem... Depois de ter lido a minha carta? Oh! Meu Deus! Por que não entrei num convento, em vez de me casar? A vida já não me pertence: tenho um filho! — acrescentou soluçando.

Estas lágrimas tocaram o coração da sra. Hulot, que, saindo do quarto, correu em direção à filha, abraçou-a e fez-lhe algumas perguntas estúpidas de desespero, as primeiras que acorrem aos lábios.

“Chegaram as lágrimas!”, disse o barão consigo mesmo. “Tudo ia bem. Agora, que fazer com as mulheres que choram?”

— Minha filha — aconselhou a baronesa a Hortênsia. — Ouve o teu pai: ele nos ama...

— Hortênsia, minha querida filhinha, não chores, ficas muito feia assim — declarou o barão. — Vamos, um pouco de juízo. Volta prudentemente para o teu lar e eu te prometo que Venceslau nunca mais porá os pés naquela casa... Eu te peço este sacrifício, se é um sacrifício perdoar a mais simples das faltas a um marido que se ama! Eu te peço isso pelos meus cabelos brancos, pelo amor que dedicas à tua mãe... Não queres encher de amargura e de tristeza os meus derradeiros dias de vida, não é?

Como uma louca, Hortênsia jogou-se aos pés do pai, num movimento tão desesperado que os seus cabelos mal-apanhados caíram pelos ombros. Estendendo as mãos num gesto que refletia o seu desespero, exclamou:

— Meu pai, o que o senhor pede é a minha vida! Pode tomá-la, se quiser, mas que ela esteja, pelo menos, pura e sem mancha; eu a darei naturalmente com prazer. Não me peça para morrer desonrada, criminosa! Não sou como minha mãe: não posso aceitar ultrajes! Se eu volto a viver sob o teto conjugal, posso matar Venceslau num acesso de ciúme ou fazer coisa pior ainda. Não exija de mim coisas que estão acima de minhas forças. Não me chore enquanto viva, porque o menos que poderá acontecer-me é enlouquecer. Sinto a loucura a dois passos de mim! Ontem... ele jantou na casa daquela mulher, depois de ter lido minha carta! Os outros homens, serão eles também assim? Dou-lhe a minha vida, mas que a morte não seja ignominiosa! A sua falta, uma falta simples! Ter um filho daquela mulher!

— Um filho? — exclamou Hulot, dando dois passos para trás. — Ora, está claro que isso não passa de uma brincadeira.

Nesse momento, Vitorino e a prima Bete iam entrando e ficaram estupefatos diante do espetáculo. A filha estava prosternada aos pés do pai. Em silêncio, debatendo-se entre o sentimento maternal e o sentimento conjugal, a baronesa apresentava uma fisionomia transtornada, coberta de lágrimas.

— Lisbeth — disse o barão, tomando a solteirona pela mão e apontando-lhe Hortênsia —, podes ajudar-me. Minha pobre Hortênsia perdeu a cabeça; julga que Venceslau é amado pela sra. Marneffe, quando o que ela quis tão somente foi obter um grupo de sua autoria.

— *Dalila!* — gritou a jovem senhora. — Foi a única coisa que fez rapidamente depois do nosso casamento. Esse homem não podia mais trabalhar para mim, para o filho; no entanto, trabalhou para aquela prostituta com um ardor... Oh! Liquide-me de uma vez, meu pai, porque cada uma de suas palavras é uma punhalada.

Dirigindo-se à baronesa e a Vitorino, Lisbeth ergueu os ombros num gesto de piedade e apontou-lhes o barão, que não podia vê-la.

— Ouça aqui, meu primo — disse Lisbeth —, eu não sabia o que era a sra. Marneffe quando você me pediu que me instalasse no andar superior do edifício onde ela mora e que cuidasse de sua casa; mas, em três anos, vê-se muita coisa. Aquela criatura é uma prostituta, e prostituta de uma depravação que só se compara à do seu infame e hediondo marido. Você é o otário para essa gente, que ainda o levará mais longe do que você pensa! É preciso que lhe fale claramente, porque você está no fundo de um abismo...

Ao ouvirem Lisbeth falar assim, a baronesa e a filha lançaram-lhe olhares semelhantes aos dos devotos agradecendo à Virgem o ter-lhes

salvado a vida.

— Ela quis, essa mulher horrorosa, semear a desordem no lar do seu genro; com que interesse? Ignoro, porque minha inteligência é muito fraca para que eu possa compreender claramente essas tenebrosas intrigas, tão perversas, ignóbeis, infames. A sua sra. Marneffe não ama o seu genro, mas, por vingança, quer tê-lo a seus pés. Eu acabo de tratar tal criatura como ela o merece. É uma cortesã sem pudor; declarei-lhe que deixava sua casa, que queria livrar a minha honra de semelhante lodaçal... Antes de tudo, eu sou da minha família. Soube que a minha prima abandonou Venceslau e vim para cá. A sua Valéria, que você considera uma santa, é a causa dessa cruel separação; podia eu ficar na casa de tal mulher? Nossa querida Hortênsia — acrescentou, tocando no braço do barão de modo significativo — é talvez joguete de um capricho dessa espécie de mulheres que, por uma joia, sacrificariam toda uma família. Não creio que Venceslau seja culpado, mas julgo-o fraco; ele não resistiria a garridices tão requintadas. Já tomei a minha resolução. Essa mulher vai-lhe ser funesta, vai deixá-lo na extrema miséria. Não quero ter a aparência de contribuir para a ruína de minha família, eu que há três anos vivo ali só para impedir essa ruína. Você está enganado, meu primo. Diga claramente que não se interessará pela nomeação do ignóbil sr. Marneffe e verá o que lhe acontecerá! Preparam para você ótimos azorragues, se isso suceder.

Erguendo a prima, Lisbeth beijou-a ardentemente.

— Minha cara Hortênsia, coragem — disse-lhe ao ouvido.

A baronesa beijou a prima Bete com o entusiasmo de uma mulher que se sente vingada. Toda a família se conservava num profundo silêncio em torno do pai, bastante inteligente para compreender o que significava esse silêncio. Uma cólera formidável deixou-lhe sinais evidentes na fronte, no rosto; todas as suas veias incharam, os olhos injetaram-se de sangue; empalideceu. Adelina jogou-se vivamente de joelhos a seus pés, tomando-lhe as mãos:

— Meu amigo, meu amigo, piedade!

— Sou odioso para vocês! — exclamou o barão, deixando escapar o grito de sua consciência.

Todos nós conhecemos o segredo de nossos erros. Supomos quase sempre terem nossas vítimas os sentimentos de ódio que a vingança lhes deve inspirar; e, não obstante os esforços da hipocrisia, nossa linguagem ou nosso rosto refletem tudo, em meio de uma tortura, como outrora o criminoso confessava tudo quando nas mãos do carrasco.

— Nossos filhos acabam por tornar-se nossos inimigos — lamentou o barão, para retratar a sua confissão.

— Meu pai... — começou Vitorino a falar.

— Não interrompa seu pai! — observou o barão, com uma voz fulminante, fitando o filho.

— Meu pai, ouça-me — disse Vitorino, num tom firme e claro, o tom de um deputado puritano. — Sei que lhe devo consideração, tanto que nunca poderia faltar-lhe com o respeito. O senhor sempre terá em mim o filho mais submisso e obediente.

Todos quantos assistem às sessões da Câmara reconhecerão os hábitos da luta parlamentar nessas frases difusas, com as quais se acalmam as irritações ganhando tempo.

— Estamos longe de ser seus inimigos — declarou Vitorino. — Eu me aborreci com o meu sogro, o sr. Crevel, por ter retirado os sessenta mil francos de duplicatas de Vauvinet; esse dinheiro certamente se encontra nas mãos da sra. Marneffe. Não o censuro, de modo algum, meu pai — acrescentou, a um gesto do barão. — Mas quero apenas juntar minha voz à da prima Bete e levá-lo a observar que, se meu devotamento ao senhor é cego, meu pai, e sem limites, meu bom pai, infelizmente nossos recursos pecuniários são limitados.

— Dinheiro! — disse o apaixonado velho, deixando-se cair numa cadeira, esmagado por esse raciocínio. — E é meu filho quem me fala nisso... Não perderá o seu dinheiro, senhor! — ajuntou, levantando-se.

Dirigiu-se para a porta.

— Heitor!

Este grito fez o barão voltar-se, mostrando à esposa um rosto inundado de lágrimas. A baronesa abraçou-o com a força do desespero:

— Não te vás assim... Não nos deixes enraivecido... Eu, da minha parte, não te disse nada!

Ouvindo estas palavras sublimes, os filhos se lançaram aos pés do pai.

— Nós todos o amamos — declarou Hortênsia.

Imóvel como uma estátua, Lisbeth observava esse grupo com um soberbo sorriso nos lábios.

Nesse momento, o marechal Hulot entrou na antessala e sua voz se fez ouvir. A família compreendeu a importância do segredo e rapidamente a cena mudou de aspecto. Os dois filhos de Hulot se ergueram e cada um tratou de ocultar sua emoção.

## **LXXVI – RESUMO DA HISTÓRIA DAS FAVORITAS**

À porta, verificava-se uma discussão entre Marieta e um soldado, que se mostrou tão apressado que a cozinheira entrou na sala.

— Senhor, um furriel do regimento que veio da Argélia tem absoluta necessidade de falar-lhe.

— Que espere.

Marieta falou ao ouvido do patrão:

— Ele me pediu que lhe dissesse que se trata do senhor seu tio.

O barão estremeceu, pensou logo que o homem lhe trazia o dinheiro

que havia reservadamente pedido, dois meses antes, para resgatar suas duplicatas. Deixando a família, correu até a antessala, onde se deparou com um rosto alsaciano.

— *É o zenior paron Hulot?*

— Sou eu.

— *Ele mesmo?*

— Eu mesmo.

O furriel, que durante esse colóquio revistava o forro do quepe, daí tirou uma carta que o barão abriu rapidamente, lendo o seguinte:

Meu sobrinho, não posso enviar-lhe os cem mil francos que você me pediu. Minha situação se tornará insustentável se você não tomar providências enérgicas para me salvar. Temos aqui nos calcanhares um procurador do rei que prega moral e diz umas tolices sobre a Administração. Impossível fazer calar esse burguês. Se o Ministério da Guerra aceita ordens dos casacas pretas, estou morto. Tenho confiança no portador; procure promovê-lo, porque ele já nos prestou serviço. Não me abandone aos corvos!

Esta carta causou uma funda impressão; o barão imaginou logo as dilacerações intestinas que ainda hoje atormentam o governo da Argélia, entre civis e militares; devia imediatamente conseguir paliativos para a chaga que se declarava.

Hulot disse ao soldado que voltasse no dia seguinte; e, depois de o ter despedido, não sem ter-lhe feito belas promessas de promoção, voltou à sala.

— Bom-dia, meu irmão, e adeus! — disse, dirigindo-se ao marechal. — Adeus, meus filhos; adeus, minha boa Adelina. Que vais fazer agora, Lisbeth?

— Eu? Vou dirigir a casa do marechal, porque é preciso que eu acabe a minha carreira prestando sempre os meus serviços a uns ou a outros.

— Não deixes Valéria sem que eu te fale — sussurrou Hulot ao ouvido da prima. — Adeus, Hortênsia, minha pequena insubordinada, procura ser razoável; tenho que tratar de assuntos graves, mas tornaremos a falar sobre a tua reconciliação. Pensa nisso, minha gatinha — acrescentou, beijando a filha.

Deixou a mulher e os filhos tão manifestamente perturbados que eles ficaram vivamente apreensivos.

— Lisbeth — declarou a baronesa —, precisamos saber o que tem Heitor, nunca o vi em semelhante estado; fica ainda uns dois ou três dias na casa daquela mulher; como ele conta tudo a ela, saberemos assim o que lhe causou tamanha transformação. Fica tranquila, vamos arranjar o teu casamento com o marechal, porque esse casamento é muito necessário.

— Nunca esquecerei a coragem que demonstraste esta manhã — disse Hortênsia, beijando Lisbeth.

— Vingaste nossa pobre mãe — adiantou Vitorino.



O marechal observava com uma expressão de curiosidade os testemunhos de afeição prodigalizados a Lisbeth, que saiu para contar essa cena a Valéria.

Este esboço permite que as almas inocentes percebam os diferentes estragos que as sras. Marneffe causam às famílias e por que meios atingem as pobres mulheres virtuosas, aparentemente muito longe delas. Mas pode-se transportar pela imaginação essas perturbações para a camada superior da sociedade, perto do trono; vendo o que devem ter custado as amantes dos reis, mede-se a extensão das obrigações do povo em relação aos seus soberanos, quando eles dão o exemplo dos bons costumes e da vida em família.<sup>[174]</sup>

## LXXVII – AUDÁCIA DE UM DOS CINCO PAIS

Em Paris, cada ministério é uma pequena cidade, de onde as mulheres são banidas; mas aí se verificam bisbilhotices e leviandades como se existisse uma população feminina. Ao fim de três anos, a posição do sr. Marneffe fora, por assim dizer, definida, conhecida, já se perguntando nas repartições: “O sr. Marneffe será ou não o sucessor do sr. Coquet?”, exatamente como se perguntava na Câmara recentemente: “A dotação passará ou não?”.<sup>[175]</sup> Os menores movimentos na direção do Pessoal eram observados, apreciavam tudo o que se passava na divisão do barão Hulot. O esperto conselheiro de Estado colocara a seu favor a vítima da promoção de Marneffe, um trabalhador capaz, dizendo-lhe que, se ele quisesse fazer o serviço de Marneffe, seria infalivelmente o seu sucessor; declarou-lhe que Marneffe estava para morrer. Esse funcionário fazia cabala por Marneffe.

Quando Hulot atravessou a sua sala de audiências, cheia de visitas, viu a um canto a cara pálida de Marneffe. Mandou-o entrar em primeiro lugar.

— Que deseja, meu caro? — perguntou o barão, ocultando a sua inquietação.

— Senhor diretor, estão zombando de mim nas repartições, porque todos acabam de saber que o senhor diretor do Pessoal partiu esta manhã, em gozo de licença, por motivo de saúde; sua viagem durará cerca de um mês. Esperar um mês, todo o mundo sabe o que quer dizer isso. O senhor me abandona ao escárnio dos meus inimigos, e já é bastante receber pancadas de um lado; dos dois, de uma só vez, senhor diretor, é de arrebentar!

— Meu caro Marneffe, é preciso ter paciência para se alcançar o objetivo. Você só pode chegar à chefia da repartição, se por acaso chegar, daqui a dois meses. No momento, quando sou obrigado a consolidar minha posição, não posso pedir uma promoção escandalosa.

— Se o senhor sair do lugar, nunca serei chefe da repartição — declarou o sr. Marneffe, friamente. — Seja como for, consiga a minha nomeação.

— Nesse caso, devo sacrificar-me em seu benefício? — perguntou o barão.

— De outra forma, ficarei muito desiludido com o senhor.

— O senhor, na realidade, está sendo muito Marneffe, sr. Marneffe! — exclamou o barão, erguendo-se e mostrando a porta ao subchefe.

— Tenho a honra de apresentar os meus cumprimentos, senhor barão — respondeu humildemente Marneffe.

“Que infame, que patife!”, pensou o barão. “Isto parece bastante uma intimação para pagamento no prazo de vinte e quatro horas, sob pena de expropriação.”

### **LXXVIII – OUTRA INTIMAÇÃO**

Duas horas depois, no momento em que o barão acabava de dar instruções a Cláudio Vignon, que ele desejava enviar ao Ministério da Justiça para tomar informações sobre as autoridades judiciárias em cuja circunscrição se encontrava Johann Fischer, Reina abriu a porta do gabinete do senhor diretor e foi-lhe entregar uma carta, pedindo-lhe resposta.

“Mandar Reina aqui!”, pensou o barão. “Valéria está louca; compromete-nos a todos e põe em perigo a nomeação desse abominável Marneffe!”

Depois de despedir o secretário particular do ministro, leu o seguinte:

Ah! Meu amigo, que cena acabo de suportar! A felicidade que me tens dado nestes três últimos anos, paguei-a caro! Ele voltou do seu gabinete em tal estado de furor que era de causar medo. Sempre o conheci muito feio, mas agora o vi monstruoso. Tremiam-lhe os quatro dentes naturais, e ele me ameaçou com a sua odiosa companhia se eu continuasse a receber-te. Meu pobre gato, aí está: de agora em diante, a porta de nossa casa estará fechada para ti. Bem vêes as minhas lágrimas, que caem sobre o papel e o umedecem. Poderás ler-me assim, meu caro Heitor? Ah! Não te ver mais, renunciar a ti, quando tenho dentro de mim um pouco de tua vida, como creio ter teu coração — é de matar. Pensa em nosso Heitorzinho! Não me abandones! Mas não te desonres por Marneffe, não cedas às suas ameaças. Ah! Eu te amo como nunca ameí! Recordei todos os sacrifícios que fizeste pela tua Valéria, e ela não é nem será nunca uma ingrata: és e serás meu único marido. Não penses mais nos mil e duzentos francos de renda que te pedi para o querido Heitorzinho, que virá dentro de alguns meses... Não quero dar-te mais nenhuma despesa. Além disso, minha fortuna será sempre a tua.

Ah! Se me amasses tanto quanto te amo, querido Heitor, pedirias tua aposentadoria, largaríamos ambos as nossas famílias, nossos aborrecimentos, a gente que nos cerca, no seio da qual há tanto ódio, e iríamos viver, em companhia de Lisbeth, num belo país, na Bretanha, onde quisesses. Aí, não veríamos ninguém e seríamos felizes, longe de todo o mundo. A tua pensão, junto ao pouco

que possuo em meu nome, seria o bastante. Como és ciumento, sabes disso, irias ver a tua Valéria interessar-se apenas pelo seu Heitor, e nunca mais elevarias a voz, como noutro dia o fizeste. Eu só teria um filho, o nosso, pode ficar certo disso, meu velho e querido resmungão.

Não, não podes imaginar a minha cólera, porque é preciso saber como ele me tratou, saber das grosserias que ele vomitou sobre a tua Valéria! Tais palavras sujariam este papel; uma mulher como eu, a filha de Montcornet, nunca deveria, em toda a sua vida, ouvir uma só daquelas palavras. Eu desejaria que estivesse aqui para castigá-lo pelo espetáculo de insensata paixão de que fui tomada por ti. Meu pai teria espadeirado o miserável; eu, da minha parte, só posso fazer aquilo de que é capaz uma mulher: amar-te com frenesi! Por outro lado, meu amor, no estado de desespero em que me encontro, é-me impossível renunciar a ver-te. Sim, quero ver-te às escondidas, todos os dias! Nós, as mulheres, somos assim: eu participo de teu ressentimento. Por favor, se me amas, não o tornes chefe da repartição; que ele rebente como subchefe! Neste momento, nem sei mais onde tenho a cabeça, ainda ouço suas injúrias. Bete, que queria deixar-me, teve piedade de mim e vai ficar aqui mais alguns dias.

Meu querido, não sei ainda o que fazer. Só vejo uma solução: a fuga. Sempre gostei do campo, da Bretanha, do Languedoc; de tudo o que quiseses, desde que eu possa amar-te em liberdade. Pobre gato, como te lamento. Eis-te forçado a voltar para a tua velha Adelina, para essa urna lacrimal; porque ele deve ter-te dito, o monstro, que me vigiará dia e noite; falou até em comissário de polícia! Não venhas aqui! Sei que ele é capaz de tudo, uma vez que fazia comigo a mais ignóbil das especulações. Também queria poder restituir-te tudo o que guardo de tuas generosidades. Ah! Meu bom Heitor, posso ter-me mostrado namorada, parecido a teus olhos leviana, mas não conheces a tua Valéria; ela gostava de te atormentar, mas ela te prefere a qualquer outro. Não te poderão impedir de vir visitar tua prima e eu combinarei com ela os meios de nos vermos. Meu bom gato, escreve-me, por favor, uma palavrinha para me tranquilizar, na falta de tua querida presença... (Oh! Eu daria uma das mãos para estar contigo no nosso divã!) Uma carta far-me-á o efeito de um talismã; escreve-me qualquer coisa em que se reflita toda a tua bela alma; eu te restituirei tua carta, porque precisamos ser prudentes; não saberia onde escondê-la, já que ele revista tudo. Enfim, tranquiliza a tua Valéria, tua mulher, a mãe de teu filho. Ser obrigada a escrever-te, eu, que te via todos os dias! Também, eu disse a Lisbeth: “Não conhecia a minha felicidade!”.

Mil carícias, meu gato. Ama bem a  
tua VALÉRIA

“Quantas lágrimas”, pensou Hulot, ao acabar de ler a carta. “As lágrimas tornaram ilegível a assinatura!”

— Como vai ela? — perguntou para Reina.

— A senhora está de cama, com convulsões — declarou Reina. — O ataque de nervos fez com que ela se contorcesse como o laço de um feixe de lenha; foi acometida depois de ter escrito. Ah! Foi de ter chorado... Ouvia-se a voz do patrão na escada...

Perturbado, o barão escreveu a seguinte carta no papel oficial, com o cabeçalho impresso:

Fique tranquila, meu anjo, ele rebentará como subchefe! Tua ideia é excelente, iremos quanto antes para longe de Paris, seremos felizes com o nosso

Heitorzinho; pedirei a aposentadoria, conseguirei um bom lugar em alguma estrada de ferro. Ah! Minha adorável amiga, sinto-me rejuvenescer com a tua carta! Recomeçarei a minha vida, juntarei, tu o verás, uma fortuna para o nosso querido menino. Ao ler a tua carta, mil vezes mais ardente que as da Nova Heloísa, <sup>[176]</sup> verifiquei um milagre: não acreditava que o meu amor por ti pudesse aumentar. Esta noite verás em casa de Lisbeth

teu HEITOR, para a vida!

Reina foi a portadora desta resposta, a primeira carta que o barão escrevia à *sua adorável amiga*! Emoções dessa natureza formavam um contrapeso aos desastres que se formavam no horizonte; mas, nesse momento, o barão, julgando que podia aparar os golpes que o seu tio Johann Fischer sofria, só se preocupava com o déficit.

Uma das particularidades do caráter bonapartista é a fé no poderio do sabre, a certeza da preeminência do militar sobre o civil. Hulot zombava do procurador do rei da Argélia, onde reina o Ministério da Guerra. O homem continua a ser o que foi. Como podem os oficiais da Guarda Imperial esquecer que viram os *maires* de boas cidades do Império, os prefeitos do imperador, esses imperadores em ponto pequeno, apresentar-lhe cumprimentos no limite dos departamentos que a guarda atravessava, a render-lhe, enfim, honras de soberania?

#### LXXIX – A PORTA NA CARA

Às quatro e meia, foi direto à casa da sra. Marneffe; batia-lhe o coração ao subir a escada como se fosse um rapaz, porque mentalmente ele se fazia esta pergunta: “Será que a verei ou não?”. Como podia ele lembrar-se da cena da manhã, na qual sua família, debulhada em lágrimas, jazia a seus pés? Não lhe provava a carta de Valéria, colocada para sempre numa fina carteira sobre o coração, que era mais amado que o mais encantador dos jovens?

Após haver tocado a campainha, o infeliz barão ouviu o arrastar dos sapatos de ourela e a tosse execrável do inválido Marneffe. Abrindo a porta, Marneffe tomou posição e indicou a escada a Hulot com um gesto exatamente igual àquele com que Hulot lhe apontara a porta de seu gabinete.

— O senhor, na realidade, está sendo muito Hulot... sr. Hulot! — disse.

O barão quis passar, porém Marneffe tirou uma pistola do bolso e pôs a bala na agulha.

— Senhor conselheiro de Estado, quando um homem é tão vil como eu (porque o senhor me julga vil, não é?), seria o último dos condenados se não tirasse todos os benefícios de sua honra vendida. O senhor quer a guerra, pois ela será viva e sem quartel. Não volte mais aqui, não tente transpor esta porta: já preveni o comissário de polícia a respeito de

minha situação em relação ao senhor.

E aproveitando a estupefação de Hulot, empurrou-o para fora e fechou a porta.

“Que tremendo celerado!”, pensou Hulot, subindo para o aposento de Lisbeth. “Ah! Compreendo agora o sentido da carta. Valéria e eu deixaremos Paris. Valéria ficará comigo para o resto da minha vida e me fechará os olhos, quando eu morrer.”

Lisbeth não estava em casa. A sra. Olivier comunicou que ela fora à casa da senhora baronesa, na expectativa de ali encontrar o senhor barão.

“Pobre moça! Não a acreditava tão esperta quanto ela foi esta manhã”, pensou o barão, lembrando-se da conduta de Lisbeth, enquanto ia da Rue Vaneau à Rue Plumet.

No cruzamento da Rue Vaneau com a Rue de Babylone ele voltou-se para o Paraíso donde o casamento o bania, com a espada da lei na mão. De sua janela, Valéria acompanhava Hulot com os olhos; quando ele ergueu a cabeça, ela agitou o lenço; mas o infame Marneffe deu uma bofetada na touca da mulher e puxou-a violentamente da janela. Uma lágrima correu aos olhos do conselheiro de Estado.

“Ser amado assim! Ver maltratada a mulher e ter quase setenta anos!”, disse o barão consigo mesmo.

Lisbeth fora levar à família a boa notícia. Adelina e Hortênsia já sabiam que o barão, não querendo desmoralizar-se aos olhos de toda a administração com a nomeação de Marneffe para a chefia da repartição, seria afastado por aquele marido que se tornara Hulot-fóbico. Além disso, a feliz Adelina encomendara o jantar de maneira que o seu Heitor o considerasse melhor que o da casa de Valéria; a devotada Lisbeth ajudou Marieta a obter este difícil resultado. A prima Bete estava numa situação de ídolo; a mãe e a filha beijavam-lhe as mãos e lhe comunicaram, com uma tocante alegria, que o marechal consentia em tomá-la como governanta de sua casa.

— Daí a tornar-se mulher dele, é um passo, minha cara amiga — declarou Adelina.

— Afinal, ele não disse *não* quando Vitorino lhe falou nisso — acrescentou a condessa Steinbock.

O barão foi acolhido no seio da família com tais demonstrações de afeto, tão graciosas, tão tocantes e que refletiam tanto amor, que foi obrigado a dissimular o seu desgosto.

O marechal apareceu para jantar. Depois do jantar Hulot não se foi. Vieram Vitorino e a mulher. Jogaram uíste.

— Há muito tempo, Heitor, não *nos* davas uma noite como esta! — disse gravemente o marechal.

Estas palavras, ditas pelo velho soldado, que mimava o irmão e que dessa forma implicitamente o censurava, causaram profunda

impressão. Reconheceram as largas e longas lesões de um coração onde todas as dores adivinhadas tinham tido eco.

Às oito horas, o barão quis acompanhar Lisbeth à sua casa, prometendo voltar.

— Então, Lisbeth, *ele* a maltrata! — disse-lhe, ao chegar à rua. — Ah! Nunca a ameí tanto!

— Ah! Não poderia acreditar que Valéria também o amasse tanto! — respondeu Lisbeth. — Ela é fútil, galante, gosta de se ver cortejada por quem lhe represente a comédia do amor, como ela diz, mas você é a sua única afeição.

— Que te disse ela para me transmitir?

— Isso: ela tem feito, você sabe, suas concessões a Crevel; você não lhe deve querer mal por isso, pois foi o que a pôs ao abrigo da miséria para o resto da vida; entretanto, ela o detesta e está quase tudo acabado entre eles. Pois bem, ela conservou consigo a chave de um apartamento...

— Na Rue du Dauphin! — exclamou Hulot, feliz. — Só por esta confissão perdoar-lhe-ia Crevel... Estive lá, sei...

— Aqui está a chave — declarou Lisbeth. — Mande fazer uma igual amanhã, durante o dia, ou duas, se puder.

— E depois? — perguntou Hulot, avidamente.

— Pois bem, eu virei jantar ainda amanhã em sua casa e então você me entregará a chave de Valéria (porque o velho Crevel pode pedir-lhe de novo a que lhe entregou). Assim, você irá vê-la no dia seguinte e então tratarão de seus negócios. Você estará em segurança, porque o apartamento tem duas saídas. Se por acaso Crevel, que tem, sem dúvida, costumes da Regência, como ele próprio o diz, entrar pelo corredor, você sairá pela loja, e vice-versa. Aí está, velho celerado, é a mim que você deve tudo isso. Que fará por mim?

— Tudo o que quiseses!

— Pois bem, não se oponha ao meu casamento com o seu irmão!

— Tu, a marechala Hulot! Tu, a condessa de Pforzheim! — exclamou Heitor, surpreso.

— Adelina é baronesa! — replicou Bete, num tom acre e forte. — Ouça-me, velho libertino, você sabe em que situação se encontra: sua família pode ficar sem pão e na lama...

— É o que receio — sobressaltou-se Hulot.

— Se o seu irmão morre, quem sustentará sua mulher e sua filha? A viúva de um marechal da França pode obter, pelo menos, seis mil francos de pensão, não é mesmo? Pois bem, eu só me caso para assegurar o sustento de sua filha e de sua mulher, velho insensato!

— Eu ignorava esse objetivo! — declarou o barão. — Como temos confiança em ti, recomendarei o casamento a meu irmão. Agora, diga ao meu anjo que minha vida está nas mãos dela...

Depois de ter visto Lisbeth entrar na casa da Rue Vaneau, o barão voltou para jogar uíste e ficou em casa. A baronesa sentiu o cúmulo da felicidade, o marido parecia voltar à vida de família e, durante cerca de quinze dias, ele foi para o ministério às nove horas da manhã, voltou às seis horas para jantar e passou a noite no seio da família. Por duas vezes, levou Adelina e Hortênsia ao teatro. A mãe e a filha mandaram rezar três missas em ação de graças e pediram a Deus que lhes conservasse o marido e o pai que Ele lhes havia restituído.

## **LXXX – UM DESPERTAR**

Uma noite, Vitorino Hulot, ao ver que o pai ia deitar-se, disse à mãe:

— Então, somos felizes, nosso pai voltou para nós; assim, não nos arrependemos, minha mulher e eu, do dinheiro que gastamos, se isso continuar...

— Seu pai está quase com setenta anos — respondeu a baronesa. — Ainda pensa na sra. Marneffe, já percebi isso; mas, dentro em pouco, ele não pensará mais nela: a paixão pelas mulheres não é como o jogo, como a especulação ou como a avareza. Ela tem fim.

Estava enganada a bela Adelina — porque essa mulher, a despeito de seus cinquenta anos e de seus desgostos, continuava bela. Os libertinos, gente que a natureza dotou da preciosa faculdade de amar além dos limites que ela mesma fixou para o amor, quase nunca agem de acordo com a idade.

Durante aquele período de virtude, o barão fora três vezes à Rue du Dauphin, e nunca demonstrou ter setenta anos. A paixão de novo acesa o rejuvenescia, e ele, por Valéria, empenharia a honra, a família, tudo sem o menor remorso. Inteiramente mudada, Valéria não lhe falava nunca em dinheiro, nem nos mil e duzentos francos de renda que deveria fazer em favor de seu filho; ao contrário, ela lhe oferecia ouro, amava Hulot como uma mulher de trinta e seis anos ama um belo estudante de Direito, muito pobre, muito romântico, muito amoroso. E a pobre Adelina acreditava ter reconquistado o seu querido Heitor!

O quarto encontro dos dois amantes fora fixado, no último momento do terceiro; exatamente como outrora, na Comédia Italiana, era anunciado, no fim da representação, o espetáculo do dia seguinte. O encontro foi marcado para as nove da manhã. No dia determinado para essa felicidade, cuja esperança fazia o velho apaixonado aceitar a vida no seio da família, eram oito horas quando apareceu Reina, querendo falar com o barão. Temendo uma catástrofe, Hulot foi ter com Reina, que não queria entrar no apartamento. A fiel criada entregou-lhe a seguinte carta:

Meu velho resmungão, não deves ir à Rue du Dauphin; o nosso pesadelo está doente e eu tenho de cuidar dele; mas estarei lá esta noite, às nove horas. Crevel se

encontra em Corbeil, na residência do sr. Lebas, e estou certa de que não voltará de repente à sua casa. Estou arranjando tudo para ter livre a minha noite; tenho de voltar para casa antes que Marneffe desperte. Responde-me quanto a isso; pode ser que a perfeita elegia que é tua mulher não te conceda mais a liberdade de antigamente. Dizem que ela está tão bonita ainda que és capaz de me trair; és um grande libertino! Queima esta carta, eu desconfio de tudo.

Em resposta, Hulot escreveu este bilhete:

Meu amor, no curso de vinte e cinco anos, como já te disse, minha mulher nunca prejudicou os meus prazeres. Por ti eu sacrificaria cem Adelinas! Esta noite, às nove horas, estarei no templo Crevel, à espera de minha divindade. Que o subchefe rebente quanto antes, porque assim já não ficaríamos separados — eis o mais sincero dos votos do

teu HEITOR

À noite, o barão disse à esposa que iria trabalhar com o ministro, em Saint-Cloud, e que voltaria às quatro ou cinco horas da manhã. Em seguida, dirigiu-se à Rue du Dauphin. Foi no fim do mês de junho.

Poucos homens experimentaram realmente em sua vida a terrível sensação de que vão morrer, pois contam-se pelos dedos os que voltam vivos do cadafalso; mas algumas pessoas já sentiram vigorosamente essa agonia em sonho, sentiram tudo, até a faca que se enterra no pescoço no momento em que o despertar vem libertá-los, ao amanhecer... Pois a emoção de que foi presa, às cinco horas da manhã, o conselheiro de Estado, no leito elegante e gracioso de Crevel, foi muito pior que a de sentir-se alguém jogado sobre a fatal balança, em presença de dez mil espectadores que o miram com vinte mil raios de fogo.

Valéria dormia numa atitude encantadora. Ela era bela como o são as mulheres bastante belas para serem belas mesmo dormindo. E a arte invadindo a natureza é, enfim, o quadro realizado. Em sua posição horizontal, o barão tinha os olhos a três pés do solo; e seus olhos, errando ao acaso, como os de todo homem que desperta e coordena as ideias, foram cair sobre a porta coberta de flores pintadas por Jan,<sup>[177]</sup> um artista que desdenhou da glória. O barão não viu, à maneira do condenado à morte, vinte mil raios visuais; viu apenas um, cujo olhar é verdadeiramente mais lancinante que os dez mil da praça pública. Essa sensação em pleno prazer, muito mais rara que a dos condenados à morte, inúmeros ingleses entediados certamente a pagariam bem caro. O barão manteve-se em sua posição horizontal, precisamente banhado de suor frio. Queria duvidar do que via; mas o olho assassino piscava. Um murmúrio de vozes fez-se ouvir por trás da porta.

“É Crevel, querendo pregar-me uma peça!”, pensou o barão, já não podendo mais duvidar da presença de uma pessoa naquele templo.

Abriu-se a porta. A majestosa lei francesa, que aparece nos cartazes



em seguida à realza, apresentou-se sob a forma de um bom comissariozinho de polícia, acompanhado de um alto juiz de paz, conduzidos ambos pelo sr. Marneffe.

## LXXXI – DE MAL A PIOR

O comissário de polícia calçava uns sapatos cujas orelhas estavam presas com fitas de laços molhados e tinha uma calva amarela; era, ao que parecia, um espertalhão, matreiro e folgazão, para quem a vida de Paris não tinha segredos. Os olhos, por trás dos óculos, varavam os vidros com olhares penetrantes e maliciosos. O juiz de paz, antigo solicitador, velho adorador do belo sexo, invejava o indiciado.

— Queira desculpar o rigor da nossa missão, senhor barão! — declarou o comissário. — Fomos requisitados por um queixoso. O senhor juiz de paz assiste à abertura do domicílio. Sei quem é o senhor e quem é a delinquente.

Valéria abriu os olhos, espantada, dando aquele grito agudo que as atrizes inventaram, no teatro, para dar a entender que enlouqueceram; estendeu-se no leito em convulsões, como uma demoníaca da Idade Média em sua camisa de enxofre, sobre a fogueira.

— Antes a morte, meu querido Heitor! Mas a Polícia Correccional, oh! Nunca!

Dando um salto, ela passou como uma nuvem branca por entre os três espectadores e foi esconder-se debaixo da escrivaninha, ocultando o rosto entre as mãos.

— Estou perdida! — gritou. — Estou morta!

— Se a sra. Marneffe enlouquecer — declarou Marneffe, dirigindo-se a Hulot —, o senhor será mais que um libertino, será um criminoso...

Que pode fazer, que pode dizer um homem surpreendido num leito que não lhe pertence, nem mesmo por aluguel, em companhia de uma mulher que tampouco lhe pertence? Eis aqui:

— Senhor juiz de paz, senhor comissário de polícia — começou o barão, com dignidade —, queiram prestar assistência a essa infeliz mulher, cuja razão me parece estar em perigo. Depois, poderão autuar. As portas estão fechadas, sem dúvida, e os senhores não poderão temer uma fuga, nem de sua parte nem da minha, em vista do estado em que nos encontramos...

Os dois funcionários atenderam ao pedido do conselheiro de Estado.

— Vem falar comigo, lacaio infame! — murmurou Hulot, baixinho, agarrando o braço de Marneffe e puxando-o para si. — Não serei eu o criminoso: serás tu! Queres vir a ser chefe da repartição e oficial da Legião de Honra?

— Mais que tudo neste mundo, diretor — murmurou Marneffe,

inclinando a cabeça.

— Serás tudo isso; tranquiliza tua mulher e manda embora esses cavalheiros.

— Isso é que não! — respondeu o esperto Marneffe. — Esses senhores terão que lavar o auto de flagrante delito, porque, sem essa peça, base de minha queixa, que faria eu? A alta administração está cheia de trapaças. O senhor roubou minha mulher e não me promoveu a chefe da repartição, senhor barão! Dou-lhe apenas dois dias para cumprir a promessa. Tenho cartas...

— Cartas? — exclamou o barão, interrompendo Marneffe.

— Sim, cartas que provam ser sua a criança que minha mulher tem na barriga, está compreendendo? O senhor deve constituir para o meu filho uma renda igual à quantia que esse bastardo lhe toma. Mas, serei modesto, isto não me interessa de modo algum, não sou louco pela paternidade! Bastarão cem luíses de renda. Ou serei amanhã de manhã sucessor do sr. Coquet e estarei colocado na relação dos que vão ser promovidos a oficiais da Legião de Honra, por ocasião das festas de julho, ou então o auto será entregue à Justiça, com a minha queixa. Sou um sujeito bom, não é?

Enquanto isso, o juiz de paz dizia para o comissário de polícia:

— Meu Deus, que linda mulher! O mundo perderia muito se ela enlouquecesse!

— Ela não tem nada de louca — respondeu sentenciosamente o comissário de polícia.

A polícia é sempre a encarnação da dúvida.

— O senhor barão Hulot caiu numa armadilha — acrescentou o comissário de polícia, bastante alto para ser ouvido por Valéria.

Valéria lançou sobre o comissário um olhar que o teria matado se os olhares pudessem comunicar a fúria que exprimem. O homem sorriu: tinha também preparado uma armadilha e Valéria caíra nela.

Marneffe chamou a mulher para ir ao quarto e vestir-se decentemente, porque já entrara em entendimento com o barão, sobre todos os pontos. Hulot vestiu um chambre e voltou para a primeira peça.

— Senhores — disse, dirigindo-se aos dois funcionários —, não preciso pedir-lhes segredo.

Os dois magistrados inclinaram a cabeça. Depois o comissário de polícia bateu duas vezes à porta, levemente e o seu secretário entrou, indo sentar-se à escrivaninha. Pôs-se a escrever sob ditado do comissário de polícia, que lhe falava em voz baixa.

Valéria continuava a chorar quentes lágrimas. Quando ela acabou de vestir-se, Hulot foi para o quarto e trocou de roupa. Enquanto isso, foi feito o auto. Marneffe quis conduzir consigo sua mulher; mas Hulot, acreditando que a via pela última vez, implorou, com um gesto, o favor

de falar-lhe.

— Senhor, sua mulher me custa bastante caro para que o senhor me permita despedir-me dela... É claro, na presença de todos.

Valéria aproximou-se e Hulot disse-lhe ao ouvido:

— Só nos resta uma saída: fugir; mas como combinarmos? Fomos traídos...

— Foi Reina! — declarou ela. — Entretanto, meu bom amigo, depois deste escândalo não devemos nos ver. Estou desonrada. Além disso, irão contar-te infâmias a meu respeito e tu acreditarás...

O barão fez um sinal negativo.

— Acreditarás, e eu darei graças a Deus por isso, porque não terás talvez saudade de mim.

— *Ele não reventará como subchefe!* — murmurou Marneffe ao ouvido do conselheiro de Estado, procurando puxar sua mulher, a quem disse brutalmente: — Chega, mulher; mesmo que seja um fraco em relação a você, não quero passar por idiota diante dos outros.

Valéria deixou a *garçonnière* de Crevel lançando em direção ao barão um último olhar tão brejeiro que Hulot se julgou adorado. O juiz de paz deu galantemente a mão à sra. Marneffe, conduzindo-a para o carro.

## LXXXII – OPERAÇÃO CIRÚRGICA

O barão, que devia assinar o auto, ficou inteiramente aparvalhado em companhia do comissário de polícia. Quando o conselheiro de Estado acabou de assinar o documento, o comissário de polícia fitou-o com uma expressão de astúcia, por cima dos óculos.

— O senhor barão ama bastante essa senhora, não é?

— Para minha desgraça, como vê...

— E se ela não o amasse? — insistiu o comissário. — Se ela o enganasse...

— Já tomei conhecimento disso, senhor, neste mesmo lugar... Trocamos impressões a este respeito, aqui, o sr. Crevel e eu...

— Ah! O senhor sabe que está na casa do senhor *maire*?

— Perfeitamente!

O comissário ergueu levemente o chapéu para cumprimentar o velho.

— O senhor está muito apaixonado, eu me calo — declarou. — Respeito as paixões incuráveis, como os médicos respeitam as doenças incuráveis... Eu vi o sr. de Nuingen, banqueiro, tornar-se vítima de uma paixão dessa natureza...<sup>[178]</sup>

— É um dos meus amigos — informou o barão. — Ceei muitas vezes com a bela Ester; ela valia os dois milhões que lhe custou.

— Mais do que isso — insistiu o comissário. — A fantasia do velho financista custou a vida de quatro pessoas. Ah! Essas paixões são como a

cólera...

— Tem alguma coisa a me dizer? — perguntou o conselheiro de Estado, que compreendera mal a advertência indireta.

— Por que iria eu desfazer suas ilusões? — replicou o comissário. — É tão raro conservá-las alguém na sua idade...

— Tire-me essas ilusões! — exclamou o conselheiro de Estado.

— Sempre se maldiz o médico depois — respondeu o comissário, sorrindo.

— Por favor, senhor comissário!

— Pois bem, essa mulher fez tudo de acordo com o marido.

— Oh!

— Isto é o que acontece duas vezes em dez, senhor. Ah! Conhecemos bem essas coisas.

— Que prova tem dessa cumplicidade?

— Ah! Primeiro, o marido — começou a explicar o esperto comissário de polícia, com a calma de um cirurgião habituado a cortar carne viva. — A especulação está estampada naquela cara chata e cruel. O senhor não tem muito interesse em guardar certa carta escrita por aquela mulher e na qual se trata da criança?

— Tenho tanto interesse em guardá-la que a trago sempre comigo — respondeu o barão Hulot, enquanto procurava no bolso de lado a pequena carteira que nunca o deixava.

— Deixe a carteira onde está — continuou o comissário, fulminante como um requisitório. — Aqui está a carta. Agora sei tudo o que desejava saber. A sra. Marneffe devia conhecer o que havia nessa carteira.

— Só ela.

— É o que eu pensava... Agora, eis a prova que me pediu da cumplicidade dessa mulherzinha...

— Vejamos! — insistiu o barão, ainda incrédulo.

— Quando chegamos aqui, senhor barão, o miserável Marneffe passou à frente e apanhou esta carta, que a mulher deixara, sem dúvida, sobre este móvel — e apontou a escrivaninha. — Evidentemente, o local fora convencionado entre a mulher e o marido, para o caso em que ela conseguisse tirar-lhe a carta enquanto o senhor dormia, porque a carta que essa mulher lhe escreveu é, como as que o senhor lhe dirigiu, decisiva para o processo correcional.

O comissário mostrou a Hulot a carta que Reina lhe entregara no ministério, em seu gabinete.

— Esta carta faz parte do processo — declarou o comissário. — Peça-lhe que ma restitua, senhor.

— Então essa mulher é a libertinagem regularmente explorada — exclamou Hulot, cuja fisionomia se descompôs. — Tenho certeza agora de que ela tem três amantes!

— É o que se vê. Ah! Nem todas elas andam pelas ruas. Quando se tem tal profissão, com equipagem, nos salões ou dentro de casa, não se trata mais de francos nem de centavos. A sra. Ester, a quem o senhor se referiu e que se envenenou, devorou milhões... Se o senhor acreditar em mim, largará a canga, senhor barão. Esta última parte lhe custará caro. O infame está à sombra da lei. Enfim, não fosse eu, e a mulherzinha pilharia de novo o senhor!

— Obrigado, senhor — declarou o conselheiro de Estado, que procurou conservar uma atitude decente.

— Senhor, vamos fechar o apartamento, a farsa já foi representada. O senhor entregará a chave ao senhor *maire*.

### LXXXIII – REFLEXÕES MORAIS

Hulot voltou para casa profundamente abatido, quase a desfalecer, a cabeça cheia das ideias mais sombrias. Despertou sua nobre, santa e pura mulher e despejou-lhe no coração a história daqueles três anos, soluçando como uma criança a quem se tira um brinquedo. Essa confissão de um velho de coração moço, essa terrível e dilacerante epopeia ao mesmo tempo enterneceu Adelina no fundo da alma e causou-lhe a mais viva alegria interior. A baronesa agradeceu a Deus este último golpe, porque viu seu marido fixado para sempre no seio da família.

— Lisbeth tinha razão! — declarou a sra. Hulot, com uma voz doce e sem fazer censuras inúteis. — Ela nos disse tudo isso com antecedência.

— É mesmo! Se eu a tivesse ouvido, em vez de encolerizar-me, no dia em que quis ver a pobre Hortênsia voltar para o seu lar para não comprometer a reputação dessa... Ah! Querida Adelina, é preciso salvar Venceslau. Ele está atolado até o queixo nesse lodaçal!

— Pobre amigo, foste mais infeliz com a burguesinha que com as atrizes — disse Adelina, sorrindo.

A baronesa estava surpreendida com a transformação que o seu Heitor apresentava; quando o via infeliz, sofrendo, curvado sob o peso das dores, Adelina era toda coração, toda piedade; daria o próprio sangue para tornar Hulot feliz.

— Fica conosco, meu caro Heitor. Dize-me o que elas fazem, essas mulheres, para te prender assim; eu farei tudo... Por que não fizeste de mim uma mulher a teu gosto? Será que me falta inteligência? Ainda me consideram bastante bonita para me fazer a corte.

Muitas mulheres casadas, presas aos deveres e aos maridos, poderão, a esta altura, perguntar a si mesmas por que tais homens, tão fortes e bons, tão generosos para com as sras. Marneffe, não tornam suas esposas — sobretudo quando elas se parecem com a baronesa

Adelina Hulot — o objeto de sua fantasia e de suas paixões. Isto se relaciona com os mais profundos mistérios da organização humana. O amor, libertinagem imensa da razão, prazer severo e másculo das grandes almas, e o prazer, vulgaridade vendida na praça, são duas faces diferentes do mesmo fato. A mulher que satisfaz estes dois vastos apetites das duas naturezas é tão rara, no sexo, quanto o grande general, o grande escritor, o grande artista, o grande inventor no seio de uma nação. O homem superior como o imbecil, um Hulot como um Crevel,<sup>[179]</sup> sentem igualmente a necessidade do ideal e do prazer; todos vão procurando este misterioso andrógino, esta raridade, que, na maioria dos casos, se verifica ser uma obra em dois volumes. Tal procura é uma depravação devida à sociedade. Sem dúvida, o casamento deve ser aceito como uma tarefa; é a vida com os seus trabalhos e os seus árduos sacrifícios igualmente feitos dos dois lados. Os libertinos, esses caçadores de tesouros, são tão culpados quanto outros malfeitores mais severamente punidos que eles.

Esta reflexão não é um folheado de moral; dá a razão de muitas desgraças incompreendidas. A presente cena, aliás, apresenta moralidades que são de gênero variado.

#### **LXXXIV – “FRUCTUS BELLI”, TUDO RECAI SOBRE O MINISTÉRIO DA GUERRA**

O barão foi imediatamente à casa do marechal príncipe de Wissemburgo, cuja alta proteção era seu último recurso. Protegido pelo velho guerreiro nos últimos vinte e cinco anos, tinha livre acesso e pôde penetrar de manhã nos seus aposentos.

— Bom-dia, meu caro Heitor — disse o grande e bondoso capitão. — Que tem você? Parece estar inquieto. No entanto, a sessão já está encerrada. Mais uma já passou. Falo disso, agora, como outrora de nossas campanhas. Creio, por Deus, que os jornais também chamam as sessões de “campanhas parlamentares”.

— Temos andado mal, com efeito, marechal; mas é a miséria do tempo! — declarou Hulot. — Que quer? O mundo é assim. Cada época tem seus inconvenientes. A maior desgraça do ano de 1841 é que nem a realza nem os ministros têm a ação livre, como a tinha o imperador.

O marechal lançou sobre Hulot um desses olhares de águia cuja altivez, lucidez, perspicácia revelavam que, apesar dos anos, aquela grande alma se mantinha sempre firme e vigorosa.

— Queres alguma coisa de mim? — perguntou tomando um ar brincalhão.

— Vejo-me na contingência de pedir-lhe, como um favor pessoal, a promoção de um dos meus subchefes ao posto de chefe da repartição, bem como sua indicação para oficial da Legião...

— Como se chama ele? — indagou o marechal, dirigindo ao barão um olhar que foi como um relâmpago.

— Marneffe!

— Ele tem uma bela mulher, eu a vi no casamento de tua filha... Se Roger..., mas Roger não está aqui. Heitor, meu filho, trata-se de teu prazer. Então, ainda fazes das tuas? Ah! Honras a Guarda Imperial! Eis aí o que é ter pertencido à intendência, tens reservas! Deixa lá esse caso, meu rapaz, ela é galante demais para tornar-se administrativa.

— Não, marechal, é um caso horrível, porque se trata da Polícia Correccional; quer ver-me metido nisso?

— Que diabo! — exclamou o marechal, tornando-se preocupado. — Continua.

— O senhor me vê na situação de uma raposa presa numa armadilha... O senhor sempre foi tão bom para comigo que se dignará tirar-me da situação vergonhosa em que me encontro.

Hulot contou de maneira mais fina e alegre possível a sua desventura.

— Príncipe, quererá o senhor deixar morrer de desgosto o meu irmão, que o senhor ama tanto, e deixar desonrar-se um de seus diretores, um conselheiro de Estado? O Marneffe é um miserável, nós o aposentaremos dentro de dois ou três anos.

— Como falas em dois ou três anos, meu caro amigo! — disse o marechal.

— Mas, príncipe, a Guarda Imperial é imortal.

— Atualmente, sou o único marechal da primeira promoção — explicou o ministro. — Ouve aqui, Heitor. Não sabes até que ponto estou ligado a ti. Vais vê-lo. No dia em que eu deixar o ministério, deixá-lo-emos juntos. Ah! Não és deputado, meu amigo. Muita gente deseja o teu lugar; não fora eu, já não estarias mais ali. Sim, quebrei lanças para te defender... Pois bem, vou atender aos teus dois pedidos, porque seria demasiado triste ver-te sentado no banco dos réus, em tua idade e na posição que ocupas. Contudo, abres muitas brechas em teu crédito. Se a indicação der lugar a qualquer falatório, seremos acusados. Da minha parte, não me incomodo com isso, mas será mais uma pedra no teu sapato. Na próxima sessão, tu sobrarás. Tua sucessão é apresentada como uma isca a cinco ou seis pessoas influentes; e só foste conservado pela sutileza do meu raciocínio. Eu disse que, no dia em que pedisses aposentadoria e em que teu lugar fosse ocupado, teríamos cinco indivíduos descontentes e um feliz; ao passo que te deixando em via de barrar o posto, durante dois ou três anos, teríamos os nossos seis votos. No Conselho, puseram-se a rir, achando que o *velho da velha*, como se diz, já estava bastante forte em matéria de tática parlamentar. Digo-te isso claramente. Aliás, estás encanecido... És feliz por poderes ainda te meter em tais encrencas! Já se foi o tempo em que o subtenente

Cottin<sup>[180]</sup> tinha amantes!

O marechal fez soar a campainha.

— É preciso destruir esse auto! — acrescentou.

— O senhor age como um pai, senhor! Não ousava falar-lhe de minha ansiedade.

— Quero que Roger esteja sempre aqui! — exclamou o marechal, ao ver entrar Mitouflet, seu porteiro — Ia mandar chamá-lo. Vá, Mitouflet. E tu, meu velho camarada, vais mandar preparar a indicação, que eu assinarei. Mas o infame intrigante não se beneficiará por muito tempo do fruto de seus crimes; ele ficará sob vigilância e, à menor falta, será liquidado na frente da tropa. Agora, que estás salvo, meu caro Heitor, toma cuidado. Não abandones teus amigos. Esta manhã te enviarão a indicação e o homem será oficial! Que idade tens atualmente?

— Completarei setenta anos dentro de três meses.

— Que folgazão és! — disse o marechal, sorrindo. — Tu é que merecias uma promoção, mas, que diabo, não estamos no tempo de Luís xv!<sup>[181]</sup>

Tal é o efeito da camaradagem que liga entre si os gloriosos restos da falange napoleônica; eles se acreditam ainda no bivaque, obrigados a se protegerem contra tudo e contra todos.

“Mais um favor como esse, e estou perdido!”, pensou Hulot, ao atravessar o pátio.

O infeliz funcionário foi à casa do barão de Nucingen, a quem já não devia senão uma soma insignificante; conseguiu que ele lhe emprestasse quarenta mil francos, empenhando os seus vencimentos por mais dois anos; mas o barão estipulou que, no caso de aposentadoria de Hulot, a cota penhorável de sua pensão ficaria presa para liquidação daquele débito até a integração dos juros e do capital. Esse novo negócio foi feito, como o primeiro, em nome de Vauvinet, para quem o barão subscreveu mil e duzentos francos em promissórias.

No dia seguinte, o auto fatal, a queixa do marido, as cartas, tudo isso foi liquidado. As escandalosas promoções do sr. Marneffe, que passaram quase despercebidas durante o movimento das festas de julho, não deram motivo a nenhum artigo de jornal.

## **LXXXV – OUTRO DESASTRE**

Aparentemente zangada com a sra. Marneffe, Lisbeth instalou-se na casa do marechal Hulot. Dez dias depois desses acontecimentos, foi publicado o primeiro proclama do casamento da solteirona com o ilustre velho. Para obter o consentimento do marechal, Adelina contou-lhe a catástrofe financeira de seu Heitor, pedindo-lhe que nunca falasse nisso ao barão, que, acentuava, estava triste, muito abatido, acabrunhado...



— Valha-me Deus! Ele já tem idade! — acrescentou ela.

Portanto, Lisbeth triunfava. Ia atingir o objetivo de sua ambição, ia ver seu plano executado, seu ódio satisfeito. Regozijava-se antecipadamente com a felicidade de dominar uma família que durante tanto tempo a desprezara. Prometia a si mesma ser a protetora de seus protetores, o anjo salvador que faria viver a família arruinada; a si própria se denominava *senhora condessa* ou *senhora marechala*!, fazendo curvaturas em frente ao espelho. Adelina e Hortênsia acabariam seus dias no infortúnio, lutando contra a miséria, enquanto a prima Bete, admitida nas Tuileries, dominaria a sociedade.

Um terrível acontecimento derrubou a solteirona do ápice social em que se colocava tão orgulhosamente. Exatamente no dia em que foi publicado o primeiro proclama, o barão recebeu uma outra mensagem da África.

Um segundo alsaciano se apresentara e entregara uma carta, depois de certificar-se de que a dera ao barão Hulot; depois de ter-lhe dado o endereço de seu apartamento, o homem despediu-se do alto funcionário, que ficou aterrado à leitura das primeiras linhas da seguinte carta:

Meu sobrinho, você receberá esta carta, segundo meu cálculo, a 7 de agosto. Na hipótese de você demorar três dias para nos enviar o socorro que reclamamos, e que sejam gastos quinze dias para que ele nos chegue às mãos, atingiremos o dia 1º de setembro.

Se a execução corresponder a esses prazos, você terá salvado a honra e a vida do vosso devotado Johann Fischer.

Eis o que pede o empregado que você me deu para cúmplice; porque, ao que parece, é possível que eu tenha de ser julgado por um tribunal ou um conselho de guerra. Você compreende que não levarão nunca Johann Fischer a um tribunal; ele antes comparecerá perante o julgamento de Deus.

Seu empregado parece ser um mau rapaz, bem capaz de comprometê-lo; mas é inteligente como um velhaco. Ele acha que você devia gritar mais alto que os outros e nos enviar um inspetor, um comissário especial, encarregado de descobrir os culpados, de examinar os abusos, de castigar com rigor, enfim; mas quem se interporá entre nós e os tribunais, se houver um conflito?

Se o seu comissário chegar aqui a 1º de setembro e se trouxer a sua palavra de ordem, se você nos enviar duzentos mil francos para repormos no depósito as quantidades que pretendemos ter nas localidades afastadas, seremos considerados contadores puros e sem defeito.

Pode confiar ao soldado que lhe entregará esta carta uma ordem de pagamento para uma casa da Argélia. É um homem sólido, um parente, incapaz de procurar saber o que conduz. Tomei providências para assegurar a volta desse rapaz. Se você não puder fazer nada, morrerei de boa vontade por aquele a quem devemos a felicidade da nossa Adelina.

As angústias e os prazeres da paixão, a catástrofe que viera encerrar a sua carreira galante, tinham impedido o barão Hulot de pensar no pobre Johann Fischer, cuja primeira carta, entretanto, anunciava positivamente o perigo, que então já se tornara mais premente.

O barão deixou a sala de jantar numa tal perturbação que se deixou cair no divã da sala. Estava aniquilado, vítima do entorpecimento causado por uma queda violenta. Olhava fixamente uma rosácea do tapete sem se dar conta de que conservava em suas mãos a carta fatal de Johann.

Do quarto, Adelina ouviu o marido jogar-se sobre o divã como uma massa. O ruído foi tão singular que ela acreditou tratar-se de um ataque de apoplexia. Olhou pela porta, no espelho, presa daquele medo que corta a respiração e imobiliza as pessoas; viu então seu Heitor na posição de um homem prostrado. A baronesa aproximou-se na ponta dos pés, sem que Heitor pressentisse; ao chegar perto, percebeu a carta, e, tomando-a nas mãos, leu-a e sentiu um tremor em todos os membros. Experimentou uma dessas revoluções nervosas tão violentas que o corpo conserva os seus traços para sempre. Ela passou a apresentar, alguns dias depois, um tremor contínuo; porque, passado esse primeiro momento, a necessidade de agir deu-lhe aquela força que só se prende às fontes mesmas do poder vital.

— Heitor, vem para meu quarto! — disse ela, com uma voz que parecia um sopro. — Que tua filha não te veja assim! Vem, meu amigo, vem.

— Como arranjar os duzentos mil francos? Posso obter a ida de Cláudio Vignon como comissário. É um rapaz espirituoso, inteligente... É negócio de dois dias... Mas, duzentos mil francos meu filho não os tem, sua casa está gravada com trezentos mil francos de hipotecas. Meu irmão tem, no máximo, uns trinta mil francos de economias. Nucingen me ridicularizaria! Vauvinet? Pouco delicadamente já me concedeu dez mil francos para completar a soma estipulada para o filho da infame Marneffe. Não, está acabado: é preciso que eu me vá jogar aos pés do marechal e lhe confesse tal estado de coisas; ele precisa ouvir-me dizer que sou um canalha, aceitar dele o golpe de misericórdia para morrer decentemente.

— Mas, Heitor, não é só a ruína; é a desonra! — exclamou Adelina. — Meu pobre tio se suicidará. Que tu nos mates, a nós, tens esse direito; mas não sejas um assassino! Toma coragem de novo, há um recurso.

— Nenhum! — disse o barão. — Ninguém, no governo, pode conseguir duzentos mil francos, nem para salvar um ministério! Ó, Napoleão, onde estás?

— Meu tio! Pobre homem! Heitor, não se pode deixar que ele se suicide, desonrado!

— Haveria ainda um recurso — declarou Hulot. — Mas é coisa bem arriscada... Sim, Crevel é unha e carne com a filha... Ah! Ele tem muito dinheiro, só ele poderia...

— Espera, Heitor, é melhor que pereça tua mulher a deixar morrer o nosso tio, teu irmão, e a honra da família! — disse a baronesa, que tivera

uma ideia. — Sim, eu posso salvar a todos... Oh! Meu Deus, que pensamento ignóbil! Como pude ter esse pensamento?

Juntando as mãos, ela caiu de joelhos e fez uma prece. Ao erguer-se, percebeu uma tão louca expressão de alegria no rosto do marido, que a ideia diabólica voltou; então, Adelina caiu na tristeza dos idiotas.

— Vai, meu amigo, corre ao ministério — exclamou ela, despertando daquele torpor. — Esforça-te por enviar um comissário, é preciso. *Embrulha o marechal!* E, quando regressares, às cinco horas, encontrarás talvez... sim, encontrarás os duzentos mil francos. Tua família, tua honra de homem, de conselheiro de Estado, de administrador, tua probidade, teu filho, tudo será salvo; mas tua Adelina se perderá e nunca mais a reverás, Heitor, meu amigo — declarou, ajoelhando-se, apertando-lhe a mão e beijando-a —, bendiz-me, despede-te de mim!

Tudo isso foi tão dilacerante que, tomando a mulher nos braços, erguendo-a e beijando-a, Hulot declarou:

— Não te compreendo!

— Se compreendesses, eu morreria de vergonha, ou não teria mais forças para levar a cabo este último sacrifício.

— Está na mesa — anunciou Marieta.

Hortênsia veio dar bom-dia ao pai e à mãe. Era preciso ir almoçar e mostrar fisionomias mentirosas.

— Vão almoçar sem mim, eu irei já! — pediu a baronesa. Em seguida, pôs-se à mesa e escreveu a seguinte carta:

Meu caro sr. Crevel

Preciso pedir-lhe um favor; espero-o esta manhã; conto com a sua gentileza, que conheço, para que não me faça esperar demasiado. Sua devotada serva,

ADELINA HULOT

— Luísa — disse ela à criada de sua filha, que servia a mesa —, entregue esta carta ao porteiro, diga-lhe que a leve imediatamente ao destinatário e peça uma resposta.

O barão, que lia os jornais, estendeu um jornal republicano à mulher, indicando-lhe um artigo e dizendo-lhe:

— Ainda haverá tempo?

Eis aqui o artigo — um desses terríveis tópicos com os quais os jornais graduam suas tiradas políticas:

Um de nossos correspondentes nos comunica da Argélia que se verificaram tais abusos no serviço de víveres da província de Orã que a Justiça está investigando. As malversações são evidentes, os culpados são conhecidos. Se a repressão não for severa, continuaremos a perder mais homens em virtude das concussões que fazem com os seus mantimentos do que por força das armas dos árabes e pelo fogo do clima. Aguardamos novas informações antes de continuar a tratar desse

— Vou trocar de roupa a fim de ir para o ministério — anunciou o barão, deixando a mesa. — O tempo é muito precioso, há a vida de um homem em cada minuto.

— Oh! Mamãe, já não tenho mais esperança! — exclamou Hortênsia.

E não podendo mais reter as lágrimas, estendeu à mãe uma *Revue des Beaux-Arts*. A sra. Hulot percebeu a produção do grupo de Dalila pelo conde Steinbock, com a seguinte legenda: *Pertencente à sra. Marneffe*. Desde as primeiras linhas, o artigo, assinado com um V., revelava o talento e a complacência de Cláudio Vignon.

— Pobre menina! — disse a baronesa.

Espantada com o tom quase indiferente de sua mãe, Hortênsia fitou-a, reconheceu a expressão de uma dor ao pé da qual a sua devia empalidecer e veio abraçar a mãe, a quem perguntou:

— Que tens, mamãe? Que aconteceu? Podemos ser ainda mais infelizes do que já somos?

— Minha filha, parece-me que, em comparação com o que sofro hoje, os terríveis sofrimentos passados desaparecem. Quando deixarei de sofrer?

— No céu, minha mãe! — disse gravemente Hortênsia.

— Vem cá, meu anjo, vem ajudar-me a trocar de vestido... Mas, não... Não quero que cuides disso. Manda Luísa aqui.

## LXXXVI – OUTRO VESTIDO

Entrando no quarto, Adelina foi mirar-se ao espelho. Contemplou seu corpo com tristeza e curiosidade, perguntando a si mesma: “Ainda sou bela? Ainda me podem desejar? Tenho rugas?”.

Ergueu os lindos cabelos louros e descobriu a fronte. Era uma testa fresca, de jovem. Adelina foi mais longe: descobriu as espáduas e ficou satisfeita, fazendo um movimento de orgulho. A beleza das espáduas que são belas é o que, na mulher, desaparece por último, sobretudo se vive uma vida pura.

Adelina escolheu cuidadosamente os elementos de sua *toilette*, mas a mulher piedosa e casta conservou a aparência casta, apesar de suas pequenas invenções de coquetismo. Para que as meias novas, de seda cinza, e os coturnos de cetim, se ela ignorava inteiramente a arte de avançar, no momento decisivo, um bonito pé, de modo a fazê-lo aparecer até um pouco além do vestido levemente levantado, com isso abrindo horizontes ao desejo! Ela vestiu o seu mais lindo vestido, de musselina de flores pintadas, decotado e de mangas curtas, mas,

espantada com a sua nudez, cobria os belos braços com mangas de gaze clara e o colo e as espáduas com um fichu bordado. A cabeleira à inglesa pareceu-lhe demasiado significativa; reduziu-lhe o fulgor com um lindo boné; contudo, com ou sem boné, saberia ela brincar com as suas madeixas douradas para exhibir, para fazer admirar suas mãos em fusos?

Eis qual foi a sua maquiagem. A certeza de sua criminalidade, os preparativos de uma falta deliberada causaram à santa mulher uma febre violenta que lhe restituiu, por momentos, o brilho da juventude. Cintilaram-lhe os olhos, resplandeceu-lhe a pele. Em vez de tomar uma expressão sedutora, julgou que tinha, de qualquer modo, um ar desavergonhado, que lhe causou horror. A pedido de Adelina, Lisbeth contara as circunstâncias da infidelidade de Venceslau, e a baronesa soubera, então, com grande espanto, que a sra. Marneffe, numa noite, num momento, tomara conta do artista enfeitado.

— Como é que essas mulheres fazem? — perguntara a baronesa a Lisbeth.

Nada iguala a curiosidade das mulheres virtuosas a esse respeito; elas gostariam de possuir as seduições do vício, conservando-se puras.

— Bem, elas seduzem, é a sua profissão — respondera a prima Bete. — Naquela noite, minha querida, vê lá, Valéria se apresentava capaz de levar um anjo para o inferno.

— Então, conta-me como é que ela agiu.

— Nesse ofício não há teoria, só a prática — pilheriara Lisbeth.

Lembrando-se desta conversa, a baronesa gostaria de consultar a prima Bete, mas não tinha mais tempo. Incapaz de colocar um sinal postiço, de colocar um botão de rosa no decote do corpete, de descobrir os estratagemas de *toilette* destinados a despertar nos homens desejos amortecidos, a baronesa limitou-se a vestir-se cuidadosamente. Não é cortesã quem o deseja ser! “A mulher é a sopa do homem”, disse Molière, usando uma expressão engraçada, pela boca do judicioso Gros-René.<sup>[183]</sup> Tal comparação supõe uma espécie de ciência culinária no amor. Uma mulher virtuosa e digna seria, então, o repasto homérico, a carne jogada no carvão em fogo. A cortesã, ao contrário, seria a obra de Carême,<sup>[184]</sup> com os seus condimentos, temperos e requintes. A baronesa não podia, não sabia servir seu alvo colo num magnífico prato de rendas, à maneira da sra. Marneffe. Ela ignorava o segredo de certas atitudes, o efeito de certos olhares. Enfim, não tinha o seu bote secreto. A nobre mulher poderia examinar-se bem, cem vezes, e não saberia oferecer nada ao olho sagaz do libertino.

Ser uma mulher honesta e virtuosa em excesso para a sociedade e se fazer cortesã para o marido — isto é, ser mulher de gênio, e há poucas assim. Este é o segredo das longas afeições, inexplicáveis em relação a mulheres que não tenham herdado essas duplas e magníficas faculdades. Imaginai a sra. Marneffe virtuosa! Tereis a marquesa de

Pescara!<sup>[185]</sup> Contam-se pelos dedos essas grandes e ilustres mulheres, essas belas Diana de Poitiers!

A cena com que começa este sério e terrível estudo dos costumes parisienses iria, portanto, reproduzir-se, com uma singular diferença, a de que as misérias profetizadas pelo capitão da milícia burguesa nela trocariam os papéis. A sra. Hulot esperava que Crevel viesse com as intenções que o faziam vir, sorrindo aos parisienses do alto do seu *milord*, três anos antes. Enfim, coisa estranha, a baronesa continuava fiel a si mesma, ao seu amor, entregando-se à mais grosseira das infidelidades, aquela que o arrebatamento de uma paixão não justifica aos olhos de certos juízes.

“Que farei para me tornar uma sra. Marneffe?”, pensou Adelina, ao ouvir a campainha. Sufocando as lágrimas, a fisionomia iluminada pela febre, prometeu a si mesma, a pobre e nobre criatura, que seria bem cortesã.

“Que diabo quer comigo a baronesa Hulot?”, dizia Crevel de si para consigo, ao subir a escadaria. “Ora, ela vai falar-me a respeito de minha briga com Celestina e Vitorino; mas eu não cederei!”

Penetrando no salão, acompanhado de Luísa, ele pensou, ao observar a nudez do local (estilo Crevel): “Pobre mulher! Ei-la como os belos quadros relegados a uma água-furtada por um homem que nada entende de pintura”.

Crevel, que via o conde Popinot, ministro do Comércio, comprar quadros e estátuas, queria tornar-se célebre entre os mecenas parisienses, cujo amor às artes consiste em procurar peças de vinte francos para peças de vinte *sous*.

## LXXXVII – UMA CORTESÃ SUBLIME

Adelina sorriu graciosamente a Crevel, apontando-lhe uma cadeira à sua frente.

— Eis-me aqui, minha bela senhora, às suas ordens — declarou Crevel.

Tendo-se tornado *homem político*, o senhor *maire* passara a usar roupas escuras. O seu rosto se destacava, por isso, como uma lua cheia surgindo sob um reposteiro de nuvens carregadas. A camisa, onde brilhavam como estrelas três enormes pérolas de quinhentos francos cada uma, dava uma perfeita ideia de sua capacidade... torácica; e ele dizia: “Vê-se em mim o futuro atleta da tribuna!”. Suas grossas mãos plebeias calçavam, desde a manhã, luvas amarelas. As botinas engraxadas acusavam o pequeno cupê escuro, de um cavalo, que o trouxera. Nos últimos três anos, a ambição modificara a atitude de Crevel. Como os grandes pintores, ele tinha chegado à sua segunda maneira. Nos meios sociais, quando ia à casa do príncipe de

Wisseburgo, à prefeitura, à casa do conde Popinot etc., ele conservava o chapéu na mão de um modo desembaraçado que Valéria lhe ensinara, e colocava o polegar da outra mão na cava do colete com um ar galante, fazendo trejeitos com a cabeça e os olhos. Esta outra *tomada de posição* era devida ao espírito trocista de Valéria, que, sob o pretexto de rejuvenescer o seu *maire*, ainda o dotara de mais um ridículo.

— Pedi-lhe que viesse aqui, meu bom e prezado sr. Crevel — começou a baronesa com a voz trêmula —, para tratar de um assunto da mais alta importância...

— Adivinho o que é, minha senhora — declarou Crevel, com um ar esperto. — Mas vai me pedir o impossível... Ah! Não sou um pai bárbaro, um homem, segundo a expressão de Napoleão, quadrado na base como no cume de sua avareza. Ouça-me, bela senhora. Se meus filhos se arruinassem por si, seria o primeiro a socorrê-los; mas garantir o seu marido, senhora?... É querer encher o tonel das Danaides!<sup>[186]</sup> Uma casa hipotecada em trezentos mil francos para um pai incorrigível! Eles não têm mais coisa alguma, os desgraçados, e não se divertiram nada! Agora, para viver, têm apenas o que Vitorino ganha na Câmara. Que ele fique tagarelando, o senhor seu filho... Ah! Ele devia ser ministro, o doutorzinho, esperança de todos nós. Lindo rebocador que encalha estupidamente, porque, se ele tomasse dinheiro emprestado para tomar posição, se se endividasse por ter festejado deputados, para obter e aumentar sua influência, eu lhe diria: “Aqui está minha carteira, tira o que quiser, meu amigo!”. Mas, pagar as loucuras do pai, loucuras que eu já lhe havia predito!... Ah! O pai dele o jogou longe do poder... Eu é que serei ministro...

— Valha-me Deus! Caro Crevel, não se trata de nossos filhos, pobres devotados... Se o seu coração se fecha para Vitorino e Celestina, eu os amarei tanto que poderei talvez adocicar o amargor que a sua cólera leva a tão belas almas. O senhor pune seus filhos por uma boa ação!

— Sim, por uma boa ação malfeita! É um meio-crime! — disse Crevel, muito satisfeito com essa expressão.

— Fazer o bem, meu caro Crevel — prosseguiu a baronesa —, não é guardar dinheiro numa carteira cheia; é passar privações por causa de sua generosidade, é sofrer pelo bem que se faz, é se expor à ingratidão! A caridade que nada custa, Deus a ignora...

— Os santos, senhora, podem ir para o hospital; sabem que, para eles, esta é a porta do céu. Eu, porém, sou homem da sociedade; temo a Deus, mas temo muito mais o inferno da miséria. Estar sem um tostão é o último grau da infelicidade em nossa ordem social atual. Sou do meu tempo, respeito o dinheiro!

— O senhor tem razão, do ponto de vista da sociedade — concordou Adelina.

Ela se encontrava a cem léguas desse problema e se sentia, como são

Lourenço, sobre uma grelha, pensando no tio; porque o via se matando com um tiro de pistola! Baixou os olhos e depois os ergueu sobre Crevel, cheios de uma angélica doçura, e não daquela provocante luxúria, tão inteligente nos olhos de Valéria. Três anos antes, a baronesa teria fascinado Crevel com esse olhar adorável.

— Eu o conheci mais generoso — continuou ela. — O senhor falava em trezentos mil francos como o fazem os fidalgos...

Crevel fitou a sra. Hulot, viu-a como um lírio no fim de sua floração, teve ideias vagas; mas respeitava tanto aquela santa criatura que ocultou estas suspeitas no recanto libertino de seu coração.

— Senhora, eu sou sempre o mesmo, mas um antigo negociante é e deve ser fidalgo com método, com economia; ele leva para toda a parte as suas ideias em ordem. Abre-se uma conta para as estroinices, que são creditadas; gasta-se com isso parte dos lucros, mas lançar mão do capital seria uma loucura! Meus filhos terão todos os seus bens, os de sua mãe e os meus! Porém não querem, sem dúvida, que seu pai se aborreça, vire frade e se mumifique! Minha vida é alegre! Desço alegremente o rio. Cumpro todos os deveres que me impõem a lei, o coração e a família, do mesmo modo que pago escrupulosamente as minhas promissórias. Que meus filhos se comportem como eu em meu lar, e ficarei contente; quanto ao presente... as minhas loucuras (sim, eu as faço) não custam nada a ninguém, a não ser aos *bobos* (desculpe-me, a senhora não conhece esta expressão da Bolsa). Assim, meus filhos não terão nada por que me censurar e receberão ainda, quando eu morrer, uma bela fortuna. Os seus filhos já não dirão o mesmo do pai, que se arruína, levando consigo seu filho e minha filha...

Cada vez mais a baronesa se afastava de seu objetivo...

— O senhor não gosta de meu marido, meu caro Crevel, e, no entanto, seria seu melhor amigo, se a mulher dele fosse fraca...

Adelina lançou sobre Crevel um olhar brilhante. Mas então fez como Dubois,<sup>[187]</sup> que dava pontapés demais no regente; ela disfarçou demasiado, e as ideias libertinas voltaram à mente do perfumista-Regência, que disse consigo mesmo: “Quererá ela vingar-se de Hulot? Julgar-me-á ela melhor como *maire* que como membro da Guarda Nacional? As mulheres são tão extravagantes!”.

Em seguida, tomou atitude em sua segunda maneira, fitando a baronesa com uma expressão-Regência.

— Dir-se-ia — continuou ela — que o senhor se vinga, nele, de uma virtude que lhe ofereceu resistência, de uma mulher que o senhor amou bastante... para... comprá-la — acrescentou baixinho.

— Uma mulher divina — acentuou Crevel, sorrindo de modo significativo para a baronesa, que baixou os olhos e cujos cílios se umedeceram. — Porque a senhora tem sofrido o diabo, neste três anos, hein, minha bela senhora?



— Não falemos de meus sofrimentos, caro Crevel; estão acima das forças da criatura. Ah! Se o senhor me amasse ainda, poderia tirar-me do precipício em que me encontro! Sim, eu estou no inferno! Os regicidas, que eram martirizados, esquartejados por quatro cavalos, sofriam pouco comparados a mim, porque só lhes desmembravam o corpo, enquanto eu tenho o coração estraçalhado...

A mão de Crevel deixou a cava do colete. Colocando o chapéu sobre a escrivaninha, desfez a posição em que estava e sorriu. Este sorriso foi tão idiota que a baronesa se enganou, julgando tratar-se de um expressão de bondade.

— O senhor depara-se com uma mulher, não em desespero, mas na agonia da honra, disposta a tudo, meu amigo, para impedir que haja crimes...

Temendo que Hortênsia aparecesse, Adelina correu o ferrolho da porta; depois, com o mesmo ímpeto, ajoelhou-se aos pés de Crevel, tomou-lhe a mão e beijou-a:

— Seja o meu salvador!

Ela julgou existirem fibras generosas no coração do negociante e foi surpreendida pela esperança, que de súbito brilhara, de obter sem se desonrar os duzentos mil francos.

— O senhor, que queria comprar uma virtude, compre uma alma! — continuou, jogando-lhe um olhar de louca. — Fie-se na minha probidade de mulher, na minha honra, cuja solidez já lhe é conhecida! Seja meu amigo! Salve uma família inteira da ruína, da vergonha, do desespero, impedindo-a de rolar num atoleiro em que a lama se fará com sangue! Oh! Não me peças explicações! — exclamou, a um movimento de Crevel, que quis falar. — Sobretudo, não me diga: “Bem que a avisei!”, como os amigos satisfeitos com uma desgraça. Vejamos: atenda àquela que o senhor amaria, a uma mulher que, ajoelhando-se a seus pés, demonstra talvez o cúmulo da nobreza; não lhe peça nada, receba todo o seu reconhecimento! Não, não lhe dê nada: empreste-lhe, empreste àquela que o senhor chama Adelina!

A esta altura, as lágrimas surgiram com tal abundância que com o seu pranto Adelina molhou as luvas de Crevel. Estas palavras, “Preciso de duzentos mil francos!”, mal puderam ser ouvidas na torrente de lágrimas, do mesmo modo que as pedras, por maiores que sejam, não se fazem notar nas cascatas alpestres cujas águas se avolumam quando a neve se dissolve.

Tal é a inexperiência da virtude! O vício não pede nada, como se viu no caso da sra. Marneffe; ele se faz oferecer tudo. Mulheres daquela espécie só se mostram exigentes no momento em que se tornam indispensáveis ou quando se trata de explorar um homem como se explora uma pedreira em que o gesso se torna raro.

Ao ouvir estas palavras — “Duzentos mil francos!” —, Crevel

compreendeu tudo. Fazendo galantemente a baronesa erguer-se, disse-lhe esta frase insolente: “Vamos, tenha calma, mãezinha!”, que, na sua perturbação, Adelina não ouviu. A cena mudava de figura; Crevel tornava-se, segundo suas palavras, senhor da situação.

#### LXXXVIII – CREVEL PROFESSA

A enormidade da importância agiu tão fortemente sobre Crevel que sua viva emoção, por ver a seus pés aquela bela mulher desfeita em lágrimas, logo se desvaneceu. Depois, por mais angélica e santa que seja uma mulher, quando chora quentes lágrimas, faz desaparecer sua beleza. As sras. Marneffe, como já vimos, choramingam algumas vezes, deixam uma lágrima deslizar ao longo de suas faces, mas, desfazer-se em lágrimas, ficar com os olhos e o nariz vermelhos — esse erro não o cometem nunca.

— Vamos, minha filha, tenha calma, que diabo! — exclamou Crevel, tomando entre as suas as mãos da bela sra. Hulot e acariciando-as. — Por que me pede duzentos mil francos? Que quer fazer com essa importância? Para que é tudo isso?

— Não exija de mim nenhuma explicação. Dê-me o dinheiro e terá salvo a vida de três pessoas e a honra de nossos filhos.

— E a senhora acredita, mãezinha, que encontrará em Paris um homem capaz de, confiando na palavra de uma mulher quase louca, ir tirar, *hic et nunc*,<sup>[188]</sup> numa gaveta, não importa onde, duzentos mil francos ali conservados em fogo lento, docemente, na expectativa de que ela os faça ferver? Eis aí como a senhora conhece a vida, os negócios, minha bela... Aquelas três pessoas estão bem doentes, faça com que eles recebam os sacramentos; porque ninguém em Paris, exceto Sua Alteza Divina o Senhor Banco, o ilustre Nucingen ou avaros insensatos, loucos por dinheiro como nós o somos por uma mulher, pode realizar semelhante milagre! O encarregado das despesas do rei, até ele lhe pediria que passasse amanhã... Todo o mundo faz valer o seu dinheiro e especula com ele da melhor maneira. A senhora se engana, meu anjo, se acredita que é o rei Luís Felipe quem reina, e ele não se engana, nesse particular. Ele sabe, como todos nós, que, acima da Constituição, há a santa, venerada, sólida, amável, graciosa, bela, nobre, jovem, todo-poderosa moeda de cem *sous*! Ora, meu belo anjo, o dinheiro impõe juros e está sempre empenhado em cobrá-los! “Deus dos Judeus, tu vences!”<sup>[189]</sup> disse o grande Racine. Enfim, a eterna alegoria do bezerro de ouro. No tempo de Moisés, especulava-se no deserto! Nós voltamos aos tempos bíblicos! O bezerro de ouro foi o primeiro livro-razão que se conheceu. A senhora, minha Adelina, vive demasiado na Rue Plumet! Os egípcios tinham dívidas para com os hebreus e não corriam atrás do povo de Deus, mas atrás dos capitais.

Crevel fitou a baronesa com um ar que queria dizer: “Tenho espírito!”.

— A senhora ignora o amor de todos os indivíduos pela sua fortuna! — continuou ele, depois de certa pausa. — Desculpe-me. Ouça-me aqui, acompanhe este raciocínio: a senhora quer duzentos mil francos? Ninguém pode dispor de tal importância sem alterar o seu emprego de capital. Calcule: para ter duzentos mil francos em dinheiro vivo é preciso vender uma renda de cerca de sete mil francos, a três por cento. Pois bem, a senhora só terá o seu dinheiro ao fim de dois dias. Eis aqui o caminho mais seguro. Para fazer com que alguém se decida a lançar mão de sua fortuna (porque duzentos mil francos constituem toda a fortuna de muita gente), será preciso que se lhe diga para que fim se destina, qual o motivo...

— Trata-se, meu bom e prezado Crevel, da vida de dois homens: um morrerá de desgosto, o outro se suicidará. Enfim, trata-se de mim mesma, eu que enlouquecerei. Já não estou um tanto louca?

— Não tão louca! — disse ele, tomando a sra. Hulot pelos joelhos. — O velho Crevel tem seu preço, já que te dignaste a pensar nele, meu anjo.

“Parece ser preciso que me deixe tomar pelos joelhos!”, pensou a santa e nobre mulher, escondendo o rosto entre as mãos.

— Outrora, o senhor me oferecia uma fortuna! — declarou, corando.

— Ah! Minha mãezinha, há três anos! — prosseguiu Crevel. — Ah! A senhora está bonita como nunca a vi assim!

Segurando o braço da baronesa, apertou-o de encontro ao peito:

— A senhora tem memória, minha filha, que diabo! Pois bem, veja como a senhora errou por causa da sua soberba! Os trezentos mil francos que tão nobremente recusou estão na escarcela de outra. Eu a amava e a amo ainda; mas voltemos os olhos para três anos atrás. Quando eu lhe dizia: “Eu terei você!”, qual era meu intuito? Queria vingar-me desse celerado que é Hulot. Ora, seu marido, minha bela, tomou por amante uma joia de mulher, uma pequena esperta, então com vinte e três anos de idade, hoje com vinte e seis. Eu achei mais divertido, mais completo, mais Luís xv, mais marechal de Richelieu, mais picante, arrebatá-lhe essa encantadora criatura, que, aliás, nunca amou Hulot e que, faz três anos, é louca por este seu criado...

Dizendo isso, Crevel, de cujas mãos a baronesa havia retirado as suas, tomara outra atitude. Com os dedos nas cavas, batia no busto com as duas mãos, como se fossem asas, acreditando que com isso se tornava atraente e encantador. Parecia dizer: “Aqui está o homem que a senhora pôs no olho da rua!”.

— Eis aí, minha cara criança; estou vingado, seu marido sabe disso. Eu lhe demonstrei categoricamente que ele estava *bancando o bobo*... A sra. Marneffe é *minha* amante, e, se o sr. Marneffe rebentar, se tornará

minha mulher...

A sra. Hulot fitava Crevel com olhar fixo e quase espantado.

— Heitor soube disso?

— E voltou lá — respondeu Crevel. — Eu o aturei, porque Valéria queria ser a mulher de um chefe de repartição. Ela jurou-me que arranjaría as coisas de tal modo que nosso barão ficasse bem *embrulhado* e não aparecesse mais. E a minha pequena duquesa (nasceu duquesa, essa mulher, palavra de honra!) cumpriu a palavra. Ela lhe restituiu o seu Heitor, minha senhora, *virtuoso para sempre*, como o diz, com muita graça. A lição foi boa, convenhamos, o barão sofreu um bocado, não cuidará mais de dançarinas nem mulheres honestas; está radicalmente curado, porque ficou enxaguado como um copo de cerveja. Se a senhora houvesse dado ouvidos a Crevel, em vez de humilhá-lo, de jogá-lo pela porta afora, teria agora quatrocentos mil francos, porque minha vingança me custa bem essa importância. Mas eu recuperarei meu dinheiro, espero, com a morte de Marneffe... Coloquei meu dinheiro em benefício de minha futura mulher. É este o segredo de minhas prodigalidades. Resolvi o problema de ser fidalgo a bom preço.

— Dará o senhor semelhante sogra à sua filha? — exclamou a sra. Hulot.

#### LXXXIX – NO QUAL A FALSA CORTESÃ SE REVELA UMA SANTA

— A senhora não conhece Valéria — respondeu gravemente Crevel, que voltou à sua atitude anterior. — É, ao mesmo tempo, uma mulher de boa família, uma mulher decente e uma mulher que goza da alta consideração. Ainda ontem, o vigário da paróquia jantou em casa dela. Demos, já que ela é piedosa, um soberbo ostensório para a igreja. Ah! Valéria é hábil, inteligente, deliciosa, instruída, tem tudo o que há de bom. Quanto a mim, prezada Adelina, devo tudo a essa encantadora mulher; despertou-me o espírito, apurou, como está vendo, a minha linguagem; corrige os meus repentes, inspira-me palavras e ideias. Já não digo mais nada de inconveniente. Sofri grande transformação, como deve ter observado. Enfim, ela estimulou a minha ambição. Serei deputado e não darei ratas, de maneira nenhuma, porque consultarei minha Egéria nas menores coisas. Os grandes políticos, como Numa, como nosso ilustre ministro atual,<sup>[190]</sup> todos eles tiveram a sua sibila de escumas.<sup>[191]</sup> Valéria recebe uns vinte deputados, exerce muita influência; e agora, que vai se instalar num palacete encantador, com carro, será uma das soberanas ocultas de Paris. Semelhante mulher é uma soberba locomotiva! Ah! Muitas vezes já agradei à senhora o seu rigor!

— Isto faria duvidar da virtude de Deus — disse Adelina, em quem a

indignação estancara as lágrimas. — Mas não, a justiça divina deve planar sobre aquela cabeça...

— A senhora nada sabe da sociedade, minha bela senhora — continuou o grande político Crevel, profundamente ferido. — A sociedade, minha cara Adelina, ama o êxito. Veja só: a sociedade se interessa pela sua sublime virtude, cujo preço é este de duzentos mil francos?

Estas palavras fizeram a sra. Hulot estremecer; voltou-lhe o tremor nervoso. Compreendeu que o perfumista aposentado se vingava dela da maneira mais ignóbil, como se vingara de Hulot; o desgosto estimulou-lhe o coração e fê-lo bater tanto que ela sentiu a garganta fechada por não poder falar.

— O dinheiro! Sempre o dinheiro! — exclamou, afinal.

Ouvindo isto, Crevel percebeu o rebaixamento da sra. Hulot:

— Emocionou-me muito ver a senhora aí chorando a meus pés! Olhe, a senhora não acreditaria, talvez; pois bem, se eu tivesse a minha carteira, ela seria sua. Vejamos... precisa daquela importância?

Ao perceber esta frase, grávida de duzentos mil francos, Adelina esqueceu as abomináveis injúrias do fidalgo barato, em face daquele engodo do sucesso tão maquiavelicamente apresentado por Crevel, que queria apenas conhecer os segredos de Adelina para depois rir deles com Valéria.

— Ah! Farei tudo! — exclamou a infeliz mulher. — Senhor, eu me venderei... Eu me tornarei, se for preciso, uma Valéria.

— Isto lhe seria muito difícil — respondeu Crevel. — No gênero, Valéria é o que há de sublime. Minha mãezinha, vinte e cinco anos de virtude voltam a brotar sempre, como uma enfermidade malcuidada. E sua virtude criou mofo aqui, minha pobre criança. Mas vai ver a que ponto eu amo a senhora. Vou fazer com que lhe cheguem às mãos os duzentos mil francos.

Adelina tomou a mão de Crevel, apertou-a, colocou-a sobre seu coração, sem poder articular uma palavra; uma lágrima de alegria umedeceu-lhe as pálpebras.

— Oh! Espere, haverá o esforço para isso! Eu sou um gozador, um bom menino, sem preconceitos, vou dizer-lhe claramente as coisas. A senhora quer fazer como Valéria, está bem. Mas isto não basta; é preciso um tolo, um acionista, um Hulot. Conheço um gordo merceeiro aposentado, um mercador de meias. É pesado, grosso, sem ideias, e eu o instruo; não sei quando ele me honrará. Esse homem é deputado, burro e vaidoso; é conservado pela tirania de uma espécie de mulher de turbante,<sup>[192]</sup> no fundo da província, numa inteira virgindade em matéria de luxo e prazeres da vida parisiense; mas Beauvisage (chama-se Beauvisage) é milionário e daria, como eu, minha cara, há três anos, cem mil escudos para ser amado por uma mulher honesta... Sim —

acrescentou, crendo ter interpretado bem o gesto feito por Adelina —, ele tem inveja de mim, veja bem! Inveja minha felicidade com a sra. Marneffe; é homem para vender uma propriedade para ser proprietário de uma...

— Basta, sr. Crevel! — exclamou a sra. Hulot, não ocultando mais seu desgosto e deixando transparecer na fisionomia toda a sua vergonha. — O castigo que agora soffro é maior que o meu peccado. Minha consciência, tão violentamente contida pela mão de ferro da necessidade, agora me diz, a este último insulto, que tais sacrificios são impossíveis. Não tenho mais soberba, já não me irrito como outrora, não direi mais: “Saia daqui!”, depois de ter recebido este golpe fatal. Perdi o direito de fazer isso: offereci-me ao senhor como uma prostituta... Sim — continuou Adelina, respondendo a um gesto de negação —, sujei a minha vida, até aqui pura, por uma intenção ignóbil; e... não tenho desculpa, bem o sabia! Mereço todas as injúrias que me dirige. Que a vontade de Deus seja cumprida! Se Deus deseja a morte de dois seres dignos de Sua companhia, que eles morram; eu os chorarei, rogarei por eles! Se Deus quer a humilhação de nossa família, curvemo-nos sob a espada vingadora e beijemo-la, cristãos que somos! Sei como expiar esta vergonha de um momento que será a tortura dos meus derradeiros dias. Não é mais a sra. Hulot, senhor, quem lhe fala; é a pobre, a humilde peccadora, a cristã cujo coração só terá um sentimento, o de arrepende-se, e que se dedicará inteiramente à prece e à caridade. Só posso ser a última das mulheres e a primeira das arrependidas pela força da minha falta. O senhor foi o instrumento de meu retorno à razão, à voz de Deus que agora fala pela minha boca; eu lhe agradeço...

Ela tremia — tremor que, desde esse instante, não a deixou mais. Sua voz cheia de doçura contrastava com a palavra febril da mulher decidida à desonra para salvar uma família. O sangue abandonou-lhe as faces; ela empalidecera, os olhos ficaram secos.

— Aliás, representei bem mal o meu papel, não é? — prosseguiu ela, fitando Crevel com a doçura com que os mártires deviam olhar para o procônsul. — O verdadeiro amor, o amor santo e devotado de uma mulher offerece prazeres diferentes dos que se comprem no mercado da prostituição! Por que estas palavras? — acrescentou, voltando-se sobre si mesma e dando um passo a mais no caminho da perfeição. — Elas parecem ser irônicas e eu não sou irônica; o senhor a elas perdoará. Aliás, senhor, talvez eu só tenha querido ferir a mim mesma...

A majestade da virtude, sua luz celeste tinham varrido a passageira impureza dessa mulher, que, resplandecente da beleza que lhe era própria, a Crevel parecera ter crescido. Nesse momento, Adelina foi sublime como essas figuras da Religião, sustentadas por uma cruz, que os velhos venezianos pintaram; mas exprimia toda a grandeza de sua desgraça, toda a grandeza da Igreja Católica, onde ela se refugiava num

voo de pomba ferida. Crevel ficou assombrado, atordado.

— Minha senhora, eu a você ajudarei sem condições! — declarou, num impulso de generosidade. — Vamos examinar o negócio, e... Que quer? O impossível? Farei. Depositarei rendas no Banco e dentro de duas horas a senhora terá o seu dinheiro...

— Meu Deus, que milagre! — disse a pobre Adelina, ajoelhando-se.

Fez uma prece com uma unção que tocou tão profundamente Crevel que a sra. Hulot, quando se ergueu, finda a oração, viu lágrimas nos olhos dele.

— Seja meu amigo, senhor! — pediu Adelina. — A sua alma é melhor que a sua conduta e a sua palavra. Deus lhe deu sua alma, ao passo que suas ideias vêm da sociedade e das suas paixões! Ah! Eu o amarei muito! — exclamou, com um ardor angélico, cuja expressão contrastava singularmente com as suas desajeitadas tentativas de faceirice.

— Agora, não trema assim — aconselhou Crevel.

— E estou tremendo? — indagou a baronesa, que não percebera o mal que tão rapidamente surgira.

— Está sim — afirmou Crevel, tomando o braço de Adelina e demonstrando-lhe que apresentava um tremor nervoso. — Vamos, minha senhora — acrescentou respeitosamente —, acalme-se, eu vou ao Banco...

— Volte quanto antes! Imagine, meu amigo — declarou a baronesa, dizendo o seu segredo —, imagine que se trata de impedir o suicídio do meu pobre tio Fischer, comprometido pelo meu marido; tenho confiança no senhor, agora, e por isso lhe conto tudo. Ah! Conheço o marechal, tem a alma sensível; se não chegarmos a tempo, ele morrerá dentro de poucos dias.

— Vou embora, então — declarou Crevel, beijando a mão da baronesa. — Mas que fez esse pobre Hulot?

— Roubou o Estado!

— Ah! Meu Deus... Vou correndo, senhora; eu a compreendo e a admiro.

Crevel dobrou um joelho, beijou o vestido da sra. Hulot e saiu, dizendo:

— Até logo!

Infelizmente, saindo da Rue Plumet para ir à sua casa para apanhar as inscrições, Crevel passou pela Rue Vaneau e não pôde resistir ao prazer de visitar sua duquesinha. Chegou com a fisionomia ainda transtornada. Entrou no quarto de Valéria, que estava se deixando pentear. Observando Crevel pelo espelho, a sra. Marneffe, sem nada saber do que havia acontecido, ficou, como ocorre com essa espécie de mulheres, surpreendida por vê-lo demonstrar uma forte emoção de que ela não fora a causa.

— Que tens, minha corça? — perguntou. — Entra-se assim na casa de sua duquesinha? Mas, mesmo que não seja mais uma duquesa para o senhor, sou sempre a tua bichinha, velho monstro!

Crevel respondeu com um sorriso triste e apontou Reina.

— Reina, minha filha, basta por hoje; eu mesma acabarei de me pentear. Dê-me o meu chambre de seda chinesa, porque o meu senhor parece que está hoje lindamente *achincalhado*...

Reina, cujo rosto era esburacado como uma escumadeira e que parecia ter sido feita expressamente para Valéria, trocou um sorriso com a patroa e trouxe-lhe o chambre. Valéria tirou o penhoar, ficou em camisa e meteu-se no chambre como uma cobra na sua touceira de mato.

— A senhora não está para ninguém, não é?

— Que pergunta! — exclamou Valéria. — Vamos, diga, meu gatinho gordo, a margem esquerda baixou?

— Não.

— O palacete, no leilão, teve maior oferta?

— Não.

— Pensas que não és o pai do teu pequeno Crevel?

— Que tolice! — replicou o homem, certo de que era amado.

— Por Deus, não adivinho! — exclamou a sra. Marneffe. — Quando tenho de arrancar os sofrimentos de um amigo como se tira a rolha das garrafas de champanhe, deixo tudo... Anda com isso, tu me ir...

— Não é nada — declarou Crevel. — Preciso de duzentos mil francos dentro de duas horas.

— Ora, tu os terás! Olha, não toquei nos cinquenta mil francos do auto de Hulot e posso pedir cinquenta mil francos a Henrique!

— Henrique, sempre Henrique!

— Meu gordo Maquiavel em miniatura, acreditas que eu mandarei Henrique embora? A França desarma a sua frota? Henrique é o punhal na bainha, pendurado no prego. Esse rapaz serve-me para verificar se me amas... E tu não me amas esta manhã.

— Eu não te amo, Valéria? Eu te amo como a um milhão!

— Não é bastante! — exclamou ela, saltando nos joelhos de Crevel e



passando os braços pelo pescoço como em torno de um cabide para agarrar-se. — Quero ser amada como dez milhões, como todo o ouro do mundo, mais do que isso. Henrique nunca passaria cinco minutos sem me contar o que traz no coração! Vamos, que tens, querido? Esvazia o saco. Dize tudo, vivamente, à tua bichinha!

E ela roçou o rosto de Crevel com os cabelos, torcendo-lhe o nariz.

— Pode-se ter um nariz como este e guardar um segredo para sua Vavá... lelé... riria?

Dizendo *Vavá*, puxava o nariz para a direita, *lelé* para a esquerda, e *riria* deixava-o na posição normal.

— Pois bem, acabo de ver...

Crevel interrompeu-se, fitando a sra. Marneffe:

— Valéria, minha joia, juras pela tua honra, isto é, pela nossa, que não repetirás uma palavra do que te vou contar?

— Está claro, *maire*! Levanto a mão, olha aqui! E o pé também!

Valéria colocou-se de modo a pôr Crevel de cabeça oca, tão divertida e sublime estava, com o corpo transparecendo através do nevoeiro de cambraia.

— Acabo de ver a virtude em desespero!

— E há virtude no desespero? — perguntou ela, inclinando a cabeça e cruzando os braços à maneira de Napoleão.

— É a pobre sra. Hulot; ela precisa de duzentos mil francos! Se não arranjar, o marechal e o velho Fischer estourarão os miolos; e como és, em parte, causa de tudo isso, minha duquesinha, vou reparar o mal. Oh! Ela é uma santa mulher, eu a conheço, e me pagará tudo.

Quando Crevel falou em Hulot e nos duzentos mil francos, passou pelos olhos de Valéria um relâmpago, como o fogo do canhão dentro da fumaça.

— Então, que fez a velha para que te apiedasses dela? Que te mostrou ela? Sua... sua religião?

— Não zombes dela, meu coração, é uma santa, uma nobre e piedosa mulher, digna de respeito!

— Então, eu não sou digna de respeito? — indagou Valéria, fitando Crevel com um ar sinistro.

— Não digo isto — respondeu Crevel, compreendendo quanto o elogio da virtude devia ferir a sra. Marneffe.

— Eu também sou piedosa — continuou Valéria, indo sentar-se numa poltrona. — Mas não exibo a minha religião, vou à igreja discretamente.

Ficou em silêncio, sem mais prestar atenção a Crevel, que, excessivamente inquieto, foi colocar-se diante da poltrona em que se afundara Valéria. Viu-a perdida naquelas ideias que ele próprio tão tolamente despertara.

— Valéria, meu anjinho!

Silêncio profundo. Uma lágrima bastante problemática foi furtivamente enxugada.

— Uma palavra, minha bichinha...

— Senhor!...

— Em que pensas, meu amor?

— Ah! Sr. Crevel, penso no dia da minha primeira comunhão! Eu era linda! Pura! Era santa, imaculada! Ah! Se alguém fosse dizer à minha mãe: “Sua filha será uma prostituta, enganará o marido; um dia, um comissário de polícia a surpreenderá numa *garçonnière*; ela se venderá a um Crevel para trair um Hulot, dois velhos nojentos”, ah! não queira saber, ela morreria antes de ouvir o fim da frase, tanto ela me amava, a pobre mulher...

— Acalma-te!

— Não sabes quanto é preciso amar um homem para calar estes remorsos que vêm castigar o coração de uma adúltera. É pena que Reina tenha saído; ela te diria agora que esta manhã me encontrou com lágrimas nos olhos, orando a Deus. Sr. Crevel, eu não brinco com a religião. Já me ouviu dizer uma palavra de mal a esse respeito?

Crevel fez um gesto negativo.

— Defendo a religião quando falam dela na minha presença... Ridicularizo tudo o que quiser, os reis, a política, a finança, tudo o que há de sagrado para a sociedade, como os juizes, o casamento, o amor, as donzelas, os velhos... Mas a Igreja, nunca, por Deus! Ah! Aí eu paro. Bem sei que não ando bem, que por você sacrifico o meu futuro... E você não imagina a extensão do meu amor!

Crevel juntou as mãos.

— Ah! Seria preciso penetrar no meu coração para aí medir a extensão de minhas convicções, para saber o quanto me sacrifico por você! Sinto em mim o estofo de uma Madalena. Também, veja de que respeito cerco os padres! Conte os presentes que faço à Igreja! Minha mãe me educou na fé católica e eu compreendo Deus. A nós, as pervertidas, é que Ele fala de modo mais terrível.

Valéria limpou duas lágrimas que rolaram pelas suas faces. Crevel ficou espantado. A sra. Marneffe ergueu-se, exaltada.

— Acalma-te, minha bichinha! Tu me espantas!

A sra. Marneffe caiu de joelhos. E juntando as mãos:

— Meu Deus! Não sou má! Acolhe a tua ovelha desgarrada, espanca-a, mata-a para tirá-la das mãos que a fazem infame e adúltera; ela se recolherá alegremente ao teu ombro, voltará muito feliz ao teu rebanho!

Erguendo-se, fitou Crevel, que teve medo dos olhos brancos de Valéria.

— Depois, Crevel, que sabes tu? Há momentos em que tenho medo. A justiça divina exerce tanto neste mundo como no outro! Que posso esperar de bom da parte de Deus? De qualquer maneira, Sua vingança

recai sobre o culpado, com todas as características da desgraça. Todas as desgraças que os imbecis não sabem explicar a si mesmos são expiações. Isto era o que me dizia minha mãe no leito de morte, falando-me a respeito de sua velhice. E se eu te perdesse... — acrescentou, abraçando Crevel com uma selvagem energia. — Ah! Eu morreria por isso...

Largando Crevel, a sra. Marneffe ajoelhou-se de novo diante da poltrona, as mãos juntas (que atitude encantadora!), e recitou, com incrível unção, a seguinte oração:

— E vós, santa Valéria, minha boa madrinha, por que não vindes mais amiúde à cabeceira daquela que vos foi confiada? Oh! Vinde esta noite, como vieste esta manhã, vinde inspirar-me bons pensamentos, e eu deixarei o mau caminho; renunciarei, como Madalena, às falsas alegrias, ao brilho enganoso da sociedade, mesmo àquele ser que amo tanto!

— Minha bichinha! — exclamou Crevel.

— Não há mais bichinha, senhor!

E voltou-se ativa como uma mulher virtuosa; com os olhos úmidos de lágrimas, mostrou-se digna, fria, indiferente.

— Deixe-me — disse ela, repelindo Crevel. — Qual é o meu dever? Estar ao lado de meu marido. Esse homem está morrendo e que faço eu? Eu o engano à beira do túmulo! Ele julga que seu filho é dele... Vou contar-lhe toda a verdade, começar por comprar-lhe o perdão, antes de pedir perdão a Deus. Deixemo-nos! Adeus, sr. Crevel! — acrescentou, já de pé, estendendo a Crevel a mão gelada. — Adeus, meu amigo, só nos veremos agora num mundo melhor... Eu lhe proporcionei alguns prazeres, muito criminosos; agora, quero... Sim, terei a sua estima...

Crevel chorava quentes lágrimas.

— Grande pateta! — exclamou ela, explodindo numa gargalhada infernal. — Eis a maneira que as mulheres piedosas adotam para lhe extorquir duzentos mil francos com uma mentira! E tu, que falas no marechal de Richelieu, este original de Lovelace,<sup>[193]</sup> tu te deixas iludir por esse plano, como diz Steinbock. Eu te arrancaria com isso duzentos mil francos, se quisesse, grande pateta! Portanto, guarda teu dinheiro! Se tens demais, a sobra me pertence. Se deres dois *sous* a essa mulher respeitável que inspira piedade por ter cinquenta e sete anos, não nos veremos nunca mais e poderás tornar-te amante dela. Mas voltarás no dia seguinte, todo pisado pelas suas carícias angulosas e farto de suas lágrimas, de seus gorros apertados, do pranto que deve transformar seus favores em enchente...

— De fato, é muito dinheiro, duzentos mil francos!

— Elas têm bom apetite, as mulheres piedosas! Ah! Cuidado! Elas vendem melhor seus sermões do que nós o que há de mais raro e certo na face da Terra, o prazer. E fazem romances! Não, eu as conheço, vi

gente dessa natureza em casa de minha mãe. Elas acreditam que tudo é permitido pela Igreja, por... Olha, devias estar envergonhado, minha corça, tu, que dás tão pouco... Porque, no total, ainda não me destes, a mim, duzentos mil francos!

— Ah! — contestou Crevel. — Só o palacete custará isso.

— Portanto, tens uns quatrocentos mil francos? — perguntou ela, com uma expressão sonhadora.

— Não.

— Então, o senhor queria emprestar à horrorosa velha os duzentos mil francos do meu palacete? Aí está um crime de lesa-bichinha!

— Mas escuta-me então!

— Se desses esse dinheiro a qualquer tola invenção filantrópica, passarias por ser um homem de futuro — explicou Valéria, animando-se —, e eu seria a primeira a aconselhar-te isso; és inocente demais para que possas escrever grossos livros políticos que te deem fama; não tens bastante estilo para produzir brochuras; poderias adotar a atitude de todos aqueles que estão no teu caso e que douram o nome de glória, pondo-se à testa de uma causa social, moral, nacional ou geral. Roubaram-te a beneficência, que já está fora de moda. Os ex-condenados, a quem se possibilita uma sorte melhor que a dos pobres-diabos honestos, são usados. Queria ver-te inventar, por duzentos mil francos, uma coisa mais difícil, uma coisa verdadeiramente útil. Falariam de ti como de um *casaquinho azul*,<sup>[194]</sup> de um Montyon, e eu sentiria orgulho de ti! Mas jogar duzentos mil francos numa pia de água benta, emprestá-los a uma devota abandonada pelo marido por algum motivo, pois há sempre um motivo (a mim me abandonam?), é uma estupidez, que, em nossa época, só pode germinar no crânio de um antigo perfumista! Isto revela o teu balcão. Dois dias depois, não terias coragem de te mirar ao espelho! Vai depositar teu dinheiro na caixa de amortização, corre, porque eu não te receberei mais sem o recibo de quitação dessa importância. Anda, vai logo, depressa!

E empurrou Crevel pelos ombros para fora do quarto, vendo reflorir em sua fisionomia o espírito da avareza. Quando a porta do apartamento se fechou, disse:

— Aí está Lisbeth ultravingada! É pena que ela esteja na casa do seu velho marechal, porque do contrário estaríamos rindo a valer! Ah! A velha quer me tirar o pão da boca! Vou sacudi-la...

## **XCI – UM TRAÇO DO MARECHAL HULOT**

Obrigado a morar num apartamento à altura de sua primeira dignidade militar, o marechal Hulot se instalara num magnífico palácio, situado à Rue du Montparnasse, onde se encontram duas ou três residências de príncipes. Embora houvesse alugado todo o palácio, só ocupava o andar

térreo.

Quando Lisbeth foi ocupar a casa, quis logo sublocar o primeiro andar, com cuja renda, dizia, pagaria a locação do edifício, ficando o conde instalado por quase nada; mas o velho soldado recusou o projeto. Desde alguns meses, o marechal andava preocupado com pensamentos tristes. Tendo adivinhado a situação de penúria em que se encontrava a cunhada, suspeitava de sua infelicidade sem conhecer-lhe a causa. O velho, de uma surdez alegre, tornava-se taciturno, pensando que um dia sua casa se tornaria o asilo da baronesa Hulot e de sua filha, para isso reservando o primeiro andar.

Os limites da fortuna do conde de Pforzheim eram tão conhecidos que o ministro da Guerra, o príncipe de Wissemburgo, exigiria do velho camarada que aceitasse uma verba para instalação. Hulot empregou essa importância no mobiliário do andar térreo, onde tudo era adequado, porque não queria, segundo sua expressão, o bastão de marechal para andar com ele a pé.

O palacete pertencera, durante o Império, a um senador; as salas do andar térreo tinham sido instaladas com grande magnificência, as paredes pintadas de branco e ouro, esculpidas, muito bem conservadas. O marechal pôs aí, para combinar, belos móveis antigos. Na cocheira guardou um carro, em cujas portas estavam pintados dois bastões em sautor; alugava cavalos quando tinha de ir *in fiocchi*,<sup>[195]</sup> seja ao ministério, seja ao castelo, a uma cerimônia ou a alguma festa. Conservando como criado, havia trinta anos, um antigo soldado de sessenta anos de idade, cuja irmã era sua cozinheira, o marechal podia economizar uma dezena de mil francos, que ia juntando para formar um pecúlio destinado a Hortênsia.

Todos os dias, o velho vinha a pé da Rue du Montparnasse à Rue Plumet, através do bulevar; ao vê-lo, todo inválido, se punha em linha, para cumprimentá-lo, e o marechal recompensava o antigo soldado com um sorriso.

— Quem é ele para que vocês façam continência? — perguntou um jovem operário, certa vez, a um velho capitão dos Invalides.

— Vou te dizer, rapaz — respondeu o oficial.

O rapaz tomou a atitude de um homem que se resigna a ouvir um tagarela.

— Em 1809 — começou o inválido — nós protegíamos o flanco do exército comandado pelo imperador, que marchava sobre Viena. Chegamos a uma ponte defendida por uma tríplice bateria de canhões instalada numa espécie de rochedo, três redutos, um sobre o outro, que dominavam a ponte. Estávamos sob o comando do marechal Masséna. Aquele que vês era então coronel dos granadeiros da guarda, e eu marchava com ele... Nossas colunas ocupavam um lado do rio, os redutos estavam no outro lado. Três vezes foi atacada a ponte e três

vezes houve recuo. “Mandem procurar Hulot!”, gritou o marechal; “só ele e seus homens podem transpor este trecho.” Nós chegamos. O último general que se retirava deteve Hulot sob o fogo para lhe dizer qual a maneira de tomar a ponte, embaraçando o nosso caminho. “Não preciso de conselhos, mas de lugar para atravessar a ponte”, declarou calmamente o general, transpondo a ponte à frente de sua coluna. Aí então veio uma descarga de trinta canhões sobre nós...

— Caramba! — exclamou o operário. — Isso deve ter feito um bocado de muletas!

— Se tu houvesse visto como ele falava tranquilamente, como eu o vi, meu filho, cumprimentarias respeitosamente aquele homem. O fato não é tão conhecido quanto o da Pont d'Arcole,<sup>[196]</sup> mas é talvez mais belo. E nós chegamos com Hulot ao fim do percurso, às baterias. Honra àqueles que ali ficaram! — disse o oficial, tirando o chapéu. — Os *kaiserlicks* ficaram surpresos com o golpe. Também o imperador deu o título de conde ao velho que vês; ele nos distinguiu a todos na pessoa do nosso chefe; e os de hoje tiveram muita razão em fazê-lo marechal.

— Viva o marechal! — exclamou o operário.

— Oh! Podes gritar. O marechal é surdo, justamente por causa dos canhões.

Esta anedota pode dar a medida do respeito com que os inválidos tratavam o marechal Hulot, cujas opiniões republicanas invariáveis conciliavam as simpatias populares em todo o seu bairro.

A aflição, dominando esta alma tão tranquila, tão pura, tão nobre, era um espetáculo desolador. A baronesa não podia senão mentir e ocultar ao cunhado, com a habilidade feminina, toda a terrível verdade.

Durante essa desastrosa manhã, o marechal, que dormia pouco, como todos os velhos, obtivera de Lisbeth uma confissão sobre a situação do seu irmão, prometendo desposá-la como prêmio pela sua indiscrição. Todos compreenderão o prazer que a solteirona experimentou ao deixar que lhe arrancassem essas confidências que, desde sua instalação no apartamento, queria fazer ao futuro marido, porque assim ela consolidava o seu casamento.

— Seu irmão é incurável! — gritou Lisbeth ao ouvido do marechal.

A voz forte e clara da lorena permitia-lhe conversar com o velho. Ela fatigava os pulmões, esforçando-se por demonstrar ao futuro esposo que ele não seria surdo a seu lado.

— Ele teve três amantes e tinha uma Adelina! — dizia o velho. — Pobre Adelina!

— Se quiser ouvir-me, aproveitará sua influência junto ao príncipe de Wissemburgo para obter para minha prima um emprego decente — continuou Lisbeth. — Ela vai ter necessidade disso, porque o ordenado do barão já está empenhado por três anos.

— Eu vou ao ministério; vou ver o marechal, saber o que ele pensa de

meu irmão e pedir-lhe sua ativa proteção em favor de minha cunhada. Indique um lugar digno para ela!

— As damas de caridade de Paris organizaram associações de beneficência, em combinação com o arcebispo; precisam de inspetoras bem pagas, que se incumbam de examinar as necessidades verdadeiras. Tais funções conviriam à minha cara Adelina, bem se harmonizam com o seu coração.

— Mande buscar os cavalos — disse o marechal. — Vou trocar de roupa. Se for preciso, irei a Neuilly!

“Como ele a ama! Portanto, eu sempre a encontrarei por toda parte!”, pensou a lorena.

Lisbeth já reinava na casa, mas longe dos olhares do marechal. Ela imprimira o temor aos três empregados. Admitira para si uma criada e empregava toda sua atividade de solteirona em observar tudo, examinar tudo e procurar em tudo o bem-estar de seu querido marechal. Tão republicana quanto o futuro esposo, Lisbeth agradava-lhe muito pelas suas ideias democráticas; aliás, ela o lisonjeava com uma prodigiosa habilidade; e, havia duas semanas, o marechal, que vivia melhor, tratado como uma criança pela própria mãe, acabara por perceber em Lisbeth uma parte de seu sonho.

— Meu caro marechal! — gritou ela, acompanhando-o até a escadaria externa. — Levante os vidros, evite as correntes de ar, faça isso por mim!

O marechal, velho solteirão que nunca fora mimado, partiu, dirigindo um sorriso a Lisbeth, embora com o coração aflito.

## **XCII – A REPRIMENDA DO PRÍNCIPE**

Nesse instante, o barão Hulot deixava o Ministério da Guerra e se dirigia ao gabinete do marechal príncipe de Wissemburgo, que o mandara chamar. Embora nada houvesse de extraordinário em que o ministro convocasse um de seus diretores-gerais, a consciência de Hulot estava tão pesada que ele descobriu qualquer coisa de sinistro e frio na fisionomia de Mitouflet.

— Mitouflet, como vai o príncipe? — perguntou, enquanto fechava o gabinete.

Em seguida, acompanhou o porteiro, que seguia na frente.

— Senhor barão, ele deve ter qualquer coisa contra o senhor — declarou o porteiro —, porque a voz, o olhar, o rosto denunciavam tempestade...

Hulot empalideceu e manteve-se em silêncio. Atravessou a antessala, as salas, e chegou, com o coração aos pulos, à porta do gabinete. O marechal, então com setenta anos, cabelos inteiramente brancos, o rosto curtido como o de todos os velhos dessa idade, fazia-se

notar por uma fronte de tal amplitude que a imaginação veria aí um campo de batalha. Sob essa cúpula alva, carregada de neve, brilhavam, à sombra das saliências pronunciadas das duas arcadas superciliares, olhos de um azul napoleônico, ordinariamente tristes, cheios de pensamentos amargos e de saudades. Esse rival de Bernadotte<sup>[197]</sup> esperara repousar num trono. Mas tais olhos se tornavam dois formidáveis clarões quando neles se refletia um grande sentimento. A voz, quase sempre cavernosa, apresentava agora trovões estridentes. Quando encolerizado, o príncipe voltava a ser soldado, falava a linguagem do subtenente Cottin, não revelava mais nenhum cuidado.

Hulot d'Ervy viu o velho leão, com os cabelos assanhados como uma juba, de pé junto à chaminé, sobrecenho cerrado, o ombro apoiado à parede, os olhos aparentemente distraídos.

— Aqui estou às suas ordens, meu príncipe! — disse Hulot graciosamente e com um ar desembaraçado.

O marechal fitou atentamente o diretor sem pronunciar uma palavra durante todo o tempo que ele gastou para transpor o patamar e chegar até a alguns passos.

Esse olhar de chumbo foi como o olhar de Deus; Hulot não o suportou, baixou os olhos com um ar confuso. “Ele sabe de tudo”, pensou.

— Sua consciência não o acusa de nada? — perguntou o marechal com sua voz surda e grave.

— A consciência me diz, meu príncipe, que eu provavelmente andei mal por fazer, sem lhe comunicar, razias na Argélia. Na minha idade e com os meus gostos, ao fim de quarenta e cinco anos de serviço, estou pobre. O senhor conhece os princípios dos quatrocentos eleitos da França. Esses cavalheiros invejam todas as posições, já reduziram o vencimento dos ministros, basta dizer isso! Portanto, como pedir dinheiro para um velho servidor?! Que esperar de gente que paga tão mal a magistratura? Gente que dá trinta *sous* por dia aos operários do porto de Toulon, quando há impossibilidade material de viver aí com menos de quarenta *sous* para uma família. Gente que não reflete na atrocidade dos salários de empregados de seiscentos, mil e mil e duzentos francos em Paris e que quer os nossos lugares quando os ordenados são de quarenta mil francos. Gente, enfim, que recusa à Coroa um bem confiscado em 1830 à coroa e uma aquisição feita dos dinheiros de Luís XVI ainda, quando se pedia para um príncipe pobre... Se o senhor não tivesse fortuna, deixá-lo-iam, meu príncipe, como meu irmão, com o seu vencimento apenas, sem se lembrarem de que o senhor salvou o grande exército, comigo, nas planícies pantanosas da Polônia.

— O senhor roubou o Estado! Colocou-se em situação tal que terá de enfrentar o júri como aquele caixa do Tesouro<sup>[198]</sup> — disse o marechal.



— E o senhor toma isso com tal leviandade!

— Que diferença, senhor! — exclamou o barão Hulot. — Meti as mãos num cofre que me confiaram?

— Quem comete semelhantes infâmias — explicou o marechal — é duas vezes culpado, na sua posição, por fazer as coisas desajeitadamente. O senhor comprometeu de maneira ignóbil a nossa alta administração, que até o presente é a mais pura da Europa! E isto, senhor, por duzentos mil francos e por uma prostituta! — declarou, com uma voz terrível. — O senhor é conselheiro de Estado, e se pune com pena de morte o simples soldado que vende objetos do regimento. Eis aqui o que me disse um dia o coronel Pourin, do 2º Batalhão de Lanceiros. Em Saverne, um de seus homens amava uma pequena alsaciana que desejava um xale; a moça tanto fez que o pobre-diabo do lanceiro, que devia ser promovido a quartel-mestre de cavalaria, depois de vinte anos de serviço, a honra do regimento, vendeu objetos de sua companhia para comprar um xale. Sabe o que fez esse lanceiro, barão d'Ervy? Comeu os vidros de uma janela, depois de tê-los pisado, e morreu, ao fim de onze horas, no hospital... O senhor deve esforçar-se por morrer de apoplexia, para que possamos salvar-lhe a honra...

O barão fitou o velho guerreiro com um olhar desvairado; e o marechal, percebendo que essa expressão revelava um covarde, sentiu o rubor nas faces e seus olhos se acenderam.

— O senhor me abandonará? — balbuciou Hulot.

### **XCIII – CURTÍSSIMO DUELO ENTRE O MARECHAL HULOT, CONDE DE PFORZHEIM, E SUA EXCELÊNCIA O SR. MARECHAL COTTIN, PRÍNCIPE DE WISSEMBURGO, DUQUE DE ORFANO, MINISTRO DA GUERRA**

Nesse momento, o marechal Hulot, tendo sabido que o irmão e o ministro estavam sós, tomou a iniciativa de entrar no gabinete e foi, como acontece com os surdos, diretamente ao príncipe.

— Oh! — exclamou o herói da campanha da Polônia. — Sei o que vens fazer, meu velho camarada! Mas tudo é inútil...

— Inútil? — replicou o marechal Hulot, que só ouvira esta palavra.

— Sim, vens me falar em favor de teu irmão; mas sabes quem é teu irmão?

— Meu irmão?... — perguntou o surdo.

— Pois bem, é um pulha, indigno de ti!

E a cólera do marechal fê-lo lançar pelos olhos uns olhares fulgurantes que, iguais aos de Napoleão, quebravam as vontades e os cérebros.

— Estás mentindo nisso, Cottin! — replicou o marechal Hulot, empalidecendo. — Lança o teu bastão como eu lanço o meu! Estou às tuas ordens.

O príncipe dirigiu-se ao velho camarada, fitou-o fixamente e disse-lhe ao ouvido, apertando-lhe a mão:

— És um homem?

— Tu o verás...

— Pois bem, aguenta firme! Trata-se de suportar a maior desgraça que te podia acontecer.

O príncipe voltou-se, apanhou sobre sua mesa uma pasta e a pôs nas mãos do marechal Hulot, gritando-lhe:

— Lê!

O conde de Pforzheim leu a seguinte carta que se encontrava na pasta de documentos:

A SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DO CONSELHO

Confidencial

Argélia, em...

Meu caro príncipe, temos em mãos um caso muito triste, como vossa excelência verá pelo processo que lhe envio.

Em resumo, o barão Hulot d'Ervy enviou para a província de Orã um dos seus tios para fazer negociata com as sementes e forragens, dando-lhe por cúmplice um guarda do armazém. Esse guarda fez confissões para merecer indulgência e acabou por evadir-se. O procurador do rei conduziu rudemente o caso, só vendo os dois subalternos em causa; mas Johann Fischer, tio do seu diretor-geral, ao ver-se na situação de ser levado à barra do Tribunal, matou-se na prisão com um prego.

Tudo teria terminado aí se esse homem digno e honesto, verdadeiramente enganado pelo cúmplice e pelo sobrinho, não houvesse tentado escrever ao barão Hulot. A carta, apanhada pelo Ministério Público, surpreendeu de tal modo o procurador do rei que ele veio ver-me. Seria um golpe terrível a prisão e o julgamento de um conselheiro de Estado, de um diretor-geral que conta tão bons e leais serviços, visto como nos salvou a todos, depois do Berezina,<sup>[199]</sup> ao reorganizar a administração; por isso fiz com que me transmitissem as peças do processo.

Deve o caso ter andamento normal? Se o principal culpado morreu, deve-se abafar o processo, fazendo condenar o guarda do armazém por contumácia?

O procurador-geral consente em que o processo seja transmitido a vossa excelência; como o barão d'Ervy é domiciliado em Paris, o processo é da competência da Corte real. Encontramos esse meio, bastante equívoco, para nos desembaraçarmos momentaneamente da dificuldade.

Apenas peço a vossa excelência, meu caro marechal, que tome uma decisão pronta. Já falam demasiado desse caso lamentável, que nos causará tanto mal se a cumplicidade do grande culpado, só conhecida pelo procurador do rei, pelo juiz de instrução, pelo procurador-geral e por mim, vier a divulgar-se.

Quando esse documento caiu das mãos do marechal Hulot, ele fitou o irmão, sentindo que era inútil compulsar a pasta; mas procurou a carta de Johann Fischer e a entregou ao barão, depois de ter sobre ela corrido os olhos.

Da prisão de Orã.

Meu sobrinho, quando você ler esta carta, já não estarei vivo.

Fique tranquilo, não encontrarão provas contra você. Morto eu, foragido esse jesuíta de Chardin, o processo ficará interrompido. A lembrança da fisionomia de nossa Adelina, que você fez tão feliz, tornou-me a morte muito doce. Agora não precisa mais enviar-me os duzentos mil francos. Adeus. Esta carta ser-lhe-á entregue por um preso em quem penso poder confiar.

JOHANN FISCHER

— Peço-lhe perdão — disse o marechal Hulot, com uma tocante alicez, ao príncipe de Wissemburgo.

— Ora, continua a tratar-me por tu, Hulot! — replicou o ministro, apertando a mão do velho amigo. — O pobre lanceiro só matou uma pessoa, a ele — acrescentou, fuzilando Hulot d'Ervy com o olhar.

— Quanto tomou? — perguntou severamente o conde de Pforzheim ao irmão.

— Duzentos mil francos.

— Meu caro amigo — disse o conde, dirigindo-se ao ministro —, dentro de quarenta e oito horas terá esses duzentos mil francos. Nunca poderão dizer que um homem que usa o nome de Hulot causou prejuízo de um níquel ao erário...

— Que infantilidade! — exclamou o marechal. — Sei onde estão os duzentos mil francos e vou fazer com que sejam restituídos. Peça sua demissão e aposentadoria — acrescentou, colocando uma dupla folha de papel almaço no lugar onde se encontrava, sentado à mesa, o conselheiro de Estado, cujas pernas tremiam. — O seu processo seria uma vergonha para todos nós; obtive do conselho de ministros a liberdade de agir como ora faço. Já que aceita a vida sem honra, sem a minha estima, uma vida degradada, terá a aposentadoria que lhe é devida. Apenas procure fazer-se esquecer.

O marechal fez soar a campainha.

— O funcionário Marneffe está aí?

— Está, sim, senhor — respondeu o porteiro.

— Mande-o entrar.

E, ao vê-lo, o marechal gritou-lhe:

— O senhor e sua mulher arruinaram conscientemente o barão d'Ervy, que aqui está.

— Senhor ministro, peço perdão a vossa excelência; nós somos muito pobres, vivo com o que ganho no emprego e tenho dois filhos, um dos quais terá sido trazido à minha família pelo senhor barão!

— Que cara de cínico! — disse o príncipe, apontando Marneffe ao marechal Hulot. — Nada de discursos à Sganarelle<sup>[200]</sup> — acrescentou. — O senhor vai restituir duzentos mil francos ou irá para a Argélia.

— Mas, senhor ministro, o senhor não conhece a minha mulher, ela já gastou tudo. O senhor barão convidava todos os dias seis pessoas

para jantar... Gastava-se em minha casa cinquenta mil francos por ano.

— Retire-se — determinou o ministro, com aquela voz formidável que comandava a carga no auge das batalhas. — O senhor receberá o aviso de sua transferência dentro de duas horas... Pode ir.

— Prefiro pedir demissão — disse insolentemente Marneffe. — É demais ser o que sou e ainda perseguido; não ficarei satisfeito!

E saiu.

— Que patife sem-vergonha! — disse o príncipe.

O marechal Hulot, que durante esta cena se conservava de pé, imóvel, pálido como um cadáver, examinando o irmão de soslaio, foi apertar a mão do príncipe e repetiu-lhe:

— Dentro de quarenta e oito horas o dano material será reparado; mas a honra... Adeus, marechal; é o último golpe que mata... Sim, morrerei por causa disso — disse-lhe ao ouvido.

— Por que diabo vieste aqui esta manhã? — perguntou o príncipe, comovido.

— Vim por causa da mulher dele — replicou o conde, apontando Heitor. — Ela está sem pão, sobretudo agora.

— Ele tem a pensão da aposentadoria!

— Já está empenhada!

— É preciso ter o diabo no corpo! — exclamou o príncipe, erguendo os ombros. — Que poção essas mulheres lhe fazem beber, de modo a destruir-lhe o espírito? — perguntou a Hulot d'Ervy. — Como é que o senhor, que conhece a minuciosa exatidão com que a administração francesa registra tudo, escritura tudo, consome resmas de papel para verificar a entrada e a saída de alguns cêntimos, o senhor que deplorava serem necessárias centenas de assinaturas para pequeninas coisas, para pôr em liberdade um soldado, para comprar almofadas, como é que o senhor pôde esperar esconder um furto durante tanto tempo? E os jornais? E os invejosos? E as pessoas que gostariam de furtar? Essas mulheres lhes roubam o bom senso? Será que elas lhes põem antolhos? Ou será que vocês agem de maneira diferente da nossa? Era necessário deixar a Administração desde o momento em que o senhor não era mais um homem, mas um temperamento! Se juntou tantas tolices ao seu crime, o senhor acabará... nem quero dizer onde...

— Prometes-me que pensarás no caso dela, Cottin? — perguntou o conde de Pforzheim, que não ouvia nada e só pensava na cunhada.

— Fica tranquilo! — declarou o ministro.

— Pois bem, obrigado, e adeus! Venha comigo, senhor — disse, dirigindo-se ao irmão.

O príncipe fitou com um olhar aparentemente calmo os dois irmãos, tão diferentes um do outro no comportamento, na conformação e no caráter, o bravo e o covarde, o voluptuoso e o rígido, o honesto e o concussionário. E pensou: “Aquele covarde não saberá

morrer! E o meu pobre Hulot, tão honesto, leva a morte consigo!”.

Sentou-se numa poltrona e retomou a leitura dos telegramas da África com um movimento que, a um tempo, revelava o sangue-frio do capitão e a profunda piedade que o espetáculo dos campos de batalha inspira. Pois não há ninguém mais humano que os militares, tão rudes na aparência, e a quem o hábito da guerra comunica uma frieza absoluta, tão necessária nos campos de batalha.

#### **XCIV – TEORIA DO BOATO**

No dia seguinte, alguns jornais publicavam, sob títulos diferentes, estas diferentes notícias:

“O sr. barão Hulot d’Ervy acaba de solicitar aposentadoria. As desordens da contabilidade da administração argeliana, assinaladas pela morte e pela fuga de dois empregados, influíram na decisão, tomada por aquele alto funcionário. Ao tomar conhecimento das faltas cometidas pelos empregados em quem infelizmente depositara confiança, o sr. barão Hulot sofreu, no próprio gabinete do ministro, um ataque de paralisia.

O sr. Hulot d’Ervy, irmão do marechal, conta quarenta e cinco anos de serviço. A sua resolução, em vão combatida, foi recebida com pesar por todos quantos conhecem o sr. Hulot, cujas qualidades pessoais se igualam ao talento administrativo. Ninguém esqueceu a dedicação do ordenador chefe da Guarda Imperial em Varsóvia, nem a atividade maravilhosa com que soube organizar os diferentes serviços do exército improvisado em 1815 por Napoleão.

É ainda uma das glórias da época imperial que vai deixar a cena. Desde 1830, o sr. barão Hulot não deixou de ser uma das luzes necessárias ao Conselho de Estado e ao Ministério da Guerra.”

“Argélia — O caso das forragens, ao qual alguns jornais deram proporções ridículas, terminou com a morte do principal culpado. O sr. Johann Wisch suicidou-se na prisão e seu cúmplice fugiu, devendo ser julgado por contumácia.

Wisch, antigo fornecedor dos exércitos, era um homem honesto, muito estimado, que não resistiu à ideia de ter sido enganado pelo sr. Chardin, o guarda do depósito, ora evadido.”

E entre as notícias de Paris lia-se isto:

“O senhor marechal ministro da Guerra, para evitar qualquer desordem para o futuro, resolveu criar um escritório de subsistências na África. Designaram um chefe de repartição, sr. Marneffe, para o cargo de encarregado da referida organização”.

“A sucessão do barão Hulot estimula todas as ambições. A Direção Geral foi prometida, dizem, ao sr. conde Marcial de la Roche-Hugon, deputado, cunhado do conde de Rastignac. O sr. Massol,<sup>[201]</sup> referendário, será nomeado conselheiro de Estado, e o sr. Cláudio Vignon, referendário.”

De todas as espécies de boatos, o mais perigoso, para os jornais da oposição, é o de fonte oficial. Por mais astutos que sejam os jornalistas,

são às vezes enganados, voluntária ou involuntariamente, pela habilidade daqueles que saíram da imprensa, como Cláudio Vignon, para as altas esferas do poder. O jornal só pode ser vencido pelo jornalista. Assim, deve-se dizer, parafraseando Voltaire:

O noticiário de Paris não é o que pensa um povo frívolo.<sup>[202]</sup>

## **XCV – A REPRIMENDA DO IRMÃO**

O marechal Hulot levou consigo o irmão, que se colocou no banco da frente do carro, deixando respeitosamente que seu irmão ficasse no banco do fundo. Os dois não trocaram uma só palavra. Heitor estava aniquilado. O marechal ficou concentrado, como um homem que reúne suas forças e que as emprega para suportar um peso aniquilador.

Entrando no seu palacete, conduziu o irmão, em silêncio e apenas por gestos imperiosos, até o gabinete. O conde recebera do imperador Napoleão um magnífico par de pistolas da manufatura de Versalhes; ele tirou a caixa, em cuja tampa estava gravada esta inscrição — *Oferecida pelo imperador Napoleão ao general Hulot* —, e que se encontrava na secretária onde a guardara; mostrou-a ao irmão e disse-lhe:

— Eis aqui o teu médico.

Lisbeth, que observava tudo pela porta entreaberta, correu até o carro e deu ordem para que fosse a toda pressa à Rue Plumet. Em vinte minutos, mais ou menos, trouxe a baronesa, já informada sobre a ameaça do marechal ao irmão.

O conde, sem fitar o barão, tocou a campainha para chamar o homem que dirigia os serviços da casa, o velho soldado que o servia havia trinta anos.

— Beau-Pied — disse-lhe —, traz aqui o meu tabelião, o conde Steinbock, minha sobrinha Hortênsia e o agente de câmbio do Tesouro. São dez horas e meia, quero que todos estejam aqui ao meio-dia. Toma carros e vai, *mais depressa que nunca* — acrescentou, encontrando uma expressão republicana que sempre lhe vinha aos lábios noutros tempos.

E fez a careta horrível que forçava seus soldados a ficarem atentos quando ele examinava as giestas da Bretanha em 1799.<sup>[203]</sup>

— Suas ordens serão cumpridas, marechal — disse Beau-Pied, pondo o dorso da mão na testa.

Sem se preocupar com o irmão, o velho voltou para o gabinete, tomou uma chave escondida numa escrivaninha e abriu um pequeno cofre de placas de malaquita sobre aço, presente do imperador Alexandre. Por ordem do imperador Napoleão, ele viera entregar ao imperador russo objetos particulares tomados na batalha de Dresden em troca dos quais Napoleão esperava obter Vandamme.<sup>[204]</sup> O tsar recompensou magnificamente o general Hulot, oferecendo-lhe aquele pequeno cofre, e disse-lhe que esperava poder um dia ter a mesma

cortesia para com o imperador dos franceses; mas conservou preso Vandamme. As armas imperiais da Rússia estavam gravadas a ouro na tampa da caixa, toda guarnecida de ouro.

O marechal contou as notas e as moedas de ouro que estavam no cofre: eram, ao todo, cento e cinquenta e dois mil francos! Deixou escapar um movimento de satisfação.

Nesse instante a sra. Hulot entrou, num estado capaz de comover juízes políticos. Lançou-se em direção a Heitor, olhando a caixa de pistolas e o marechal, alternadamente, com um olhar alucinado.

— Que tem contra o seu irmão? Que lhe fez o meu marido? — gritou ela, com uma voz tão vibrante que o marechal ouviu.

— Ele nos desonrou a todos! — respondeu o velho soldado da República, reabrindo, com esse esforço, uma de suas feridas. — Ele roubou o Estado! Tornou odioso o meu nome, me fez desejar a morte, me matou... Só tenho forças para fazer a restituição! Fui humilhado diante do Conde<sup>[205]</sup> da República, diante do homem que eu mais estimo e a quem injustamente desmenti, o príncipe de Wissemburgo! Isso não é nada? Essa é a sua consideração para com a pátria!

Enxugou uma lágrima.

— E quanto à sua família... — acrescentou. — Ele lhe tira o pão que eu lhe reservava, o fruto de trinta anos de economia, o tesouro resultante das privações do velho soldado! Aqui está o que eu lhes destinava — e mostrou as notas. — Ele matou o seu tio Fischer, nobre e digno filho da Alsace, que não pôde, ao contrário dele, suportar a ideia de ver sujo o seu nome de camponês. Enfim, Deus, por uma adorável clemência, permitiu-lhe escolher um anjo entre todas as mulheres. E ele teve a incrível felicidade de ter por esposa uma Adelina! Pois a traiu, cumulou-a de desgostos, deixou-a por loureiras, por meretrizes, por bailarinas, por atrizes, pelas Cadine, pelas Josefa, pelas Marneffe... Tal é o homem que eu tornei meu filho, meu orgulho! Vai, desgraçado, se aceitas a vida infame que tramaste, sai! Não tenho forças para maldizer um irmão que tanto amei! Sou tão fraco, em relação a ele, quanto você, Adelina; mas que ele não apareça mais à minha frente. Proíbo-o de assistir ao meu enterro, de acompanhar o meu caixão. Que ele tenha o pudor do crime, se não tem o remorso...

Pálido, o marechal deixou-se cair no divã do gabinete, esgotado por essas palavras solenes. E pela primeira vez na vida, talvez, duas lágrimas rolaram de seus olhos e deslizaram-lhe pelas faces.

— Meu pobre tio Fischer! — exclamou Lisbeth, pondo um lenço nos olhos.

— Meu irmão! — disse Adelina, vindo ajoelhar-se diante do marechal. — Continue a viver por minha causa! Ajude-me na obra que empreenderei para reconciliar Heitor com a vida, para fazê-lo pagar seus erros...

— Ele? Se ele não morrer, continuará no caminho do crime! Um homem que não compreendeu uma Adelina, que extinguiu dentro de si os sentimentos do verdadeiro republicano, o amor à pátria, à família e aos pobres que eu me esforçava para inculcar-lhe, esse homem é um monstro, um porco... Leve-o daqui, se ainda o ama, porque eu sinto dentro de mim uma voz que me manda carregar as pistolas e estourar-lhe os miolos. Matando-o, eu os salvaria a todos, inclusive a ele próprio.

O velho marechal ergueu-se num movimento tão temível que a pobre Adelina exclamou:

— Vem comigo, Heitor!

Segurou o marido, conduziu-o, deixou a casa, empurrando o barão, que estava aniquilado; a tal ponto que ela foi obrigada a metê-lo num carro para transportá-lo à Rue Plumet, onde ele se recolheu ao leito. Como morto, ele aí se manteve vários dias sem articular uma palavra, recusando qualquer alimento. À força de lágrimas, Adelina conseguia que ele tomasse um caldo; e, sentada à sua cabeceira, a baronesa o velava, sentindo apenas, de todos os sentimentos que antes lhe enchiam o coração, uma profunda piedade.

#### **XCVI – UM BELO ENTERRO**

Às doze horas e meia, Lisbeth introduziu o tabelião e o conde Steinbock no gabinete de seu querido marechal, que ela não deixava sozinho, espantada com a transformação que nele se operava.

— Senhor conde — disse o marechal —, peço-lhe que assine a autorização necessária para que a minha sobrinha, sua mulher, possa vender uma inscrição de renda, de que ainda não tem o usufruto. Srta. Fischer, a senhorita concordará com essa venda, abandonando o usufruto.

— Pois não, caro conde — declarou Lisbeth, sem hesitar.

— Muito bem, minha amiga — respondeu o velho soldado. — Espero viver bastante para recompensá-la. Não esperava outra coisa da senhorita: é uma verdadeira republicana, uma filha do povo.

O marechal tomou a mão da solteirona e beijou-a. Em seguida, dirigiu-se ao tabelião:

— Sr. Hannequin,<sup>[206]</sup> redija o documento, sob forma de procuração, e que fique pronto até as duas horas, mediante o qual eu possa vender a renda na Bolsa hoje. Minha sobrinha, a condessa, tem o título; ela virá aqui e assinará o documento, com a srta. Fischer, quando o senhor o trouxer. O senhor conde o acompanhará até sua casa para assiná-lo também.

A um sinal de Lisbeth, o artista saudou respeitosamente o marechal e saiu.

No dia seguinte, às dez horas da manhã, o conde de Pforzheim se fez



anunciar na casa do príncipe de Wissemburgo e foi imediatamente recebido.

— Então, meu caro Hulot — disse o marechal Cottin, apresentando os jornais ao velho amigo —, salvamos as aparências, como verá... Leia.

O marechal Hulot colocou os jornais em cima da mesa do seu velho camarada e entregou-lhe duzentos mil francos.

— Aqui está o que meu irmão tirou do Estado — disse.

— Que loucura! — exclamou o ministro.

E, tomando a corneta acústica que o marechal lhe entregou, disse-lhe ao ouvido:

— É impossível fazer essa restituição. Seríamos obrigados a confessar as concussões de seu irmão, quando fizemos tudo para ocultá-las...

— Faça o que quiser; mas não quero que haja na fortuna da família Hulot um *liard* roubado dos dinheiros do Estado!

— Cumprirei, no caso, as ordens do rei. Não falemos mais nisso — declarou o ministro, reconhecendo que não lhe seria possível vencer a teimosia do velho.

— Adeus, Cottin — disse o velho, apertando a mão do príncipe de Wissemburgo. — Sinto a alma gelada...

Deu um passo à frente e voltou-se, fitando o príncipe, que se mostrava vivamente comovido; abriu os braços e o príncipe estreitou-o de encontro ao peito.

— Parece-me que, despedindo-me de ti, dou adeus ao grande Exército...

— Então, adeus, meu bom e velho camarada! — disse o ministro.

— Sim, adeus, porque vou para onde se encontram todos aqueles nossos soldados cuja morte choramos...

Nesse momento entrou Cláudio Vignon. Os dois velhos remanescentes das falanges napoleônicas cumprimentaram-se gravemente, fazendo com que desaparecesse qualquer traço de emoção.

— Está contente com os jornais, meu príncipe? — perguntou o futuro referendário. — Eu agi de modo a conseguir que os jornais da oposição acreditassem que estavam divulgando os nossos segredos...

— Infelizmente tudo isso é inútil — replicou o ministro, olhando o marechal, que deixava a sala. — Acabo de dizer um último adeus que me fez bastante mal. O marechal Hulot não viverá mais de três dias, já o percebi, desde ontem. Esse homem, uma honestidade divina, soldado respeitado pelas balas do canhão, apesar de sua bravura, esse homem, ali, naquela poltrona, recebeu de minha mão o golpe mortal, com um papel que lhe entreguei! Toque a campainha e mande aprontar o meu carro. Vou a Neuilly — declarou, por fim, colocando os duzentos mil francos em sua pasta ministerial.

Não obstante os cuidados de Lisbeth, três dias depois morria o marechal Hulot. Homens como esse constituem a honra dos partidos a que pertencem. Para os republicanos, o marechal era o ideal do patriotismo. Dessa forma, todos eles compareceram ao seu enterro, que foi acompanhado por imensa multidão. O Exército, a Administração, a Corte, o povo, todo o mundo veio render homenagem àquela alta virtude, àquela probidade, àquela glória tão pura. Ter o povo em seu enterro não é para quem quer.

As exéquias foram assinaladas por um desses testemunhos cheios de delicadeza, de bom gosto e de sensibilidade que, de longe em longe, lembram os méritos e a glória da nobreza da França. Acompanhando o caixão do marechal, viu-se o velho marquês de Montauran, irmão daquele que, na revolta dos guerrilheiros vendeanos, em 1709, fora o adversário, e o adversário infeliz, de Hulot. Morrendo sob as balas dos azuis,<sup>[207]</sup> o marquês confiara os interesses de seu jovem irmão ao soldado da República.<sup>[208]</sup> Hulot recebera tão bem o testamento verbal do nobre, que se esforçou por salvar os bens do rapaz, então emigrado. Assim, a homenagem da velha nobreza de França não faltou ao soldado que, nove anos antes, vencera a Madame.<sup>[209]</sup>

A morte do marechal, quatro dias antes da publicação definitiva dos proclamas matrimoniais, foi para Lisbeth um golpe tremendo, com a queima da messe recolhida ao celeiro. A lorena, como acontece tantas vezes, saíra-se bem demais. O marechal morrera em consequência dos golpes dados na família por ela e pela sra. Marneffe. O ódio da solteirona, que parecia saciado pelo sucesso, cresceu em face de todas aquelas esperanças desfeitas. Lisbeth foi chorar de raiva na casa da sra. Marneffe, uma vez que ficara sem domicílio, porque o marechal subordinara o prazo do arrendamento ao de sua vida.

Para consolar a amiga de sua Valéria, Crevel tomou-lhe as economias, aumentou-as largamente e colocou esse capital a cinco por cento, dando-lhe o usufruto e registrando a propriedade em nome de Celestina. Graças a essa operação, Lisbeth ficou com uma renda vitalícia de dois mil francos.

Fora do inventário, encontraram uma palavra do marechal à cunhada, à sobrinha Hortênsia e ao sobrinho Vitorino, incumbindo-os de pagar, os três, uma renda vitalícia de mil e duzentos francos àquela que devia ser sua mulher, a srta. Lisbeth Fischer.

## **XCVII – PARTIDA DO PAI PRÓDIGO**

Vendo o barão entre a vida e a morte, Adelina procurou esconder-lhe, durante alguns dias, o falecimento do marechal; mas Lisbeth apareceu de luto, e a fatal verdade lhe foi revelada onze dias após os funerais. Este golpe terrível restituiu a energia ao enfermo, que se levantou e foi

encontrar a família reunida na sala; estavam todos de preto e fizeram silêncio quando o viram. Em quinze dias, Hulot ficara magro como um espectro, aparecendo diante da família como uma sombra de si mesmo.

— É preciso tomar uma decisão — disse com uma voz fraca, sentando-se numa poltrona e observando a reunião, na qual não se viam Crevel e Steinbock.

— Não podemos mais ficar aqui — observava Hortênsia, no momento em que o pai apareceu. — O aluguel é muito caro...

— Quanto à questão do apartamento — declarou Vitorino, rompendo o penoso silêncio —, eu ofereço à mamãe...

Ouvindo estas palavras, que pareciam significar a sua exclusão, o barão ergueu a cabeça inclinada para o tapete, cujas flores contemplava sem ver, e lançou ao advogado um olhar deplorável. São sempre tão sagrados os direitos de pai, mesmo quando ele é infame e destituído de honra, que Vitorino interrompeu o que dizia.

— A sua mãe... — repetiu o barão. — Você tem razão, meu filho!

— ... o apartamento acima do nosso, em nossa casa — disse Celestina, concluindo a frase iniciada pelo marido.

— Eu os incomodo, meus filhos? — perguntou o barão, com a doçura das pessoas que se condenam a si mesmas. — Oh! Fiquem tranquilos quanto ao futuro, não terão mais por que se queixar por causa de seu pai; só voltarão a vê-lo no momento em que ele não lhes causará vergonha.

Dirigiu-se a Hortênsia e beijou-lhe a testa. Em seguida, abriu os braços ao filho, que o abraçou desesperadamente, adivinhando as intenções do pai. O barão fez um sinal a Lisbeth, que se aproximou, recebendo então um beijo na fronte. Depois ele se retirou para o seu quarto, acompanhado de Adelina, cuja inquietude era lancinante.

— Meu irmão tinha razão, Adelina — disse-lhe ele, apertando-lhe a mão. — Sou indigno da vida em família. Só no íntimo do coração abençoei meus pobres filhos, cuja conduta foi sublime; diga-lhes que mal pude beijá-los, porque só pode ser funesta a bênção de um infame, de um pai que se torna assassino, a desgraça da família, em vez de ser o seu protetor e a sua glória, mas eu os abençoarei de longe, todos os dias. Quanto a ti, só mesmo Deus, que é Todo-Poderoso, pode dar-te a recompensa proporcional aos teus méritos! Peço-te perdão — exclamou, ajoelhando-se aos pés da esposa, enquanto lhe tomava as mãos e as umedecia de lágrimas.

— Heitor! Heitor! Grandes são os teus erros, mas a misericórdia divina é infinita e podes reparar tudo ficando ao meu lado... Reergue-te segundo os sentimentos cristãos, meu amigo. Sou tua esposa e não teu juiz. Sou uma coisa tua, faze de mim tudo o que quiseres, leva-me aonde fores, sinto em mim forças para te consolar, tornar a tua vida suportável, pelo amor, pelos cuidados e pelo respeito! Nossos filhos

estão criados, não têm mais necessidade de mim. Deixa que eu procure ser a tua diversão, a tua distração. Permite-me partilhar os sofrimentos do teu exílio, de tua miséria, para aliviá-los. Servirei sempre para alguma coisa, quando mais não seja poupar a despesa com uma criada...

— Tu me perdoas, minha querida, minha bem-amada Adelina?

— Perdoo-te; mas, meu amigo, levanta-te.

— Pois bem, com esse perdão poderei viver! — prosseguiu o barão, erguendo-se. — Voltei para o nosso quarto para que os nossos filhos não fossem testemunhas do rebaixamento de seu pai. Ah! Ver todos os dias diante de si um pai criminoso como eu é qualquer coisa de espantoso que avilta o poder paterno e dissolve a família. Portanto, não posso ficar nesse meio, deixo-os para poupar-lhes o odioso espetáculo de um pai sem dignidade. Não te oponhas à minha fuga, Adelina. Seria armares tu mesma a pistola com a qual eu estouraria os miolos... Enfim, não me acompanhes em minha retirada; assim me privarias da única força que me resta, a do remorso.

A energia de Heitor impôs silêncio à agonizante Adelina. Essa mulher, tão grande no meio de tantas ruínas, tirava sua coragem da íntima união com o marido; porque ela o via ao seu lado, concebida a missão sublime de consolá-lo, de fazê-lo tornar à vida de família e de reconciliar-se consigo mesmo.

— Heitor, queres, então, deixar-me morrer de desespero, de ansiedade, de inquietude... — disse, vendo-o roubar o princípio de sua força.

— Eu te deixarei, senão rica, pelo menos em situação razoável, meu anjo, anjo que veio do céu, creio, expressamente para mim. Escuta, minha boa Adelina, não posso ficar aqui por inúmeras razões. Primeiro, minha pensão, que será de seis mil francos, está empenhada por quatro anos; portanto, não tenho nada. Não é tudo; estou na iminência de ser preso, dentro de poucos dias, por causa das promissórias que assinei com Vauvinet... Assim, devo ausentar-me, até que meu filho, a quem deixarei instruções precisas, resgate esses títulos. Meu desaparecimento ajudará fortemente essa operação. Quando minha pensão de aposentado estiver livre, quando Vauvinet for reembolsado, voltarei. Revelarás então o segredo do meu exílio. Fica tranquila, não chores, Adelina... Será apenas um mês...

— Aonde irás? Que farás? Que fim levarás? Quem cuidará de ti, que não és mais jovem? Deixa-me desaparecer contigo, iremos para o estrangeiro.

— Está bem, vamos ver.

O barão tocou a campainha e deu ordem a Marieta para que juntasse todas as suas roupas e as arrumasse discreta e rapidamente nas malas. Em seguida, beijou a esposa, com uma efusão de ternura a que ela não

estava habituada, e pediu-lhe que o deixasse só durante alguns instantes para que pudesse escrever as intruções destinadas a Vitorino, prometendo só deixar a casa à noite e em sua companhia. Assim que a baronesa voltou à sala, o esperto velho passou para o quarto de vestir, ganhou a antessala e saiu, mandando a Marieta um pedaço de papel, no qual escrevera: “Remeta minhas malas pela estrada de ferro de Corbeil, ao sr. Heitor, posta restante, em Corbeil.”

O barão, que tomara um fiacre, já andava por Paris quando Marieta foi mostrar o bilhete à baronesa, dizendo-lhe que o patrão acabara de sair. Adelina dirigiu-se para o quarto, tremendo mais fortemente que nunca; seus filhos, espantados, acompanharam-na, ouvindo então um grito agudo. Ergueram a baronesa desfalecida; levaram-na para a cama, presa de uma febre nervosa que a deixou entre a vida e a morte durante um mês.

— Onde está ele? — era a única coisa que lhe saía dos lábios.

As pesquisas de Vitorino foram infrutíferas. Eis o porquê.

#### **XCVIII – ONDE REAPARECE JOSEFA**

O barão se fizera conduzir à Place du Palais-Royal. Ao chegar aí, esse homem que reencontrou todo o seu espírito para levar a cabo um plano elaborado durante os dias em que ficara de cama, aniquilado pela dor e pelo desgosto, atravessou o Palais-Royal e foi tomar um magnífico carro de aluguel, na Rue Joquelet. Após receber uma ordem, o cocheiro entrou na Rue de la Ville-l’Évêque, no fundo do palacete de Josefa, cujas portas se abriram, ao grito do cocheiro, para a esplêndida carruagem.

Josefa apareceu, levada pela curiosidade; o criado lhe dissera que um velho sem forças, incapaz de deixar o carro, pedia que ela descesse por um momento.

— Josefa, sou eu!

A ilustre cantora só reconheceu Hulot pela voz.

— Como, és tu, meu pobre velho? Palavra de honra, pareces as moedas de vinte francos que os judeus da Alemanha lavaram e que os cambistas recusam.

— Ai de mim! — respondeu Hulot. — Acabo de sair dos braços da morte! Tu é que és sempre bela! Serás generosa?

— Conforme, tudo é relativo!

— Escuta-me — continuou Hulot. — Podes abrigar-me num quarto de empregado, junto ao teto, durante alguns dias? Estou sem um *liard*, sem esperança, sem pão, sem pensão, sem mulher, sem filhos, sem asilo, sem honra, sem coragem, sem amigo, e, pior que tudo isso, ameaçado de prisão por umas promissórias...

— Pobre velho! Quantos *sem*... Estás também sem calças?

— Estás rindo, estou perdido! No entanto, eu contava contigo, como

Gourville contava com Ninon.<sup>[210]</sup>

— Foi uma mulher da sociedade, segundo me disseram, quem te pôs nesse estado? — indagou Josefa. — As farsantes sabem melhor que nós depenar os otários! Oh! Eis-te como uma carcaça abandonada pelos corvos! Vê-se o sol através do teu corpo!

— O tempo corre, Josefa!

— Entra, meu velho! Estou sozinha e minha gente não te conhece. Faze voltar o carro. Está pago?

— Está — respondeu o barão, enquanto descia, apoiado no braço de Josefa.

— Se quiseses, passarás por meu pai — declarou a cantora, presa de piedade. Fez Hulot sentar-se na magnífica sala em que ele a vira na última vez.

— É verdade, velho — cominou Josefa —, que mataste teu irmão e teu tio, arruinaste a família, hipotecaste a casa de teus filhos e comeste o dinheiro do governo na África com a princesa?

O barão inclinou tristemente a cabeça.

— Pois bem, eu gosto disso! — exclamou Josefa, que se ergueu, cheia de entusiasmo. — É uma liquidação total! É sardanapalesco, é grande, é completo! Pode-se ser um canalha e ter coração. Pois bem, eu gosto mais de um come-tudo, apaixonado como tu pelas mulheres, que desses banqueiros frios e sem alma, que dizem ser virtuosos e que arruinam milhares de famílias com os seus trilhos, que são de ouro para eles e de ferro para os bobos! Tu só arruinaste os teus, só dispuseste de ti. Além disso, tens uma desculpa física e moral...

Tomou uma atitude trágica e declamou:

— É Vênus, toda agarrada à sua presa.<sup>[211]</sup> Eis aí! — acrescentou ela, fazendo uma pirueta.

Hulot encontrava-se absolvido pelo vício, o vício lhe sorria no meio de seu luxo desregrado. A grandeza dos crimes era ali, como para os jurados, uma circunstância atenuante.

— É bonita, pelo menos, a tua mulher da sociedade? — indagou a cantora, tentando, como primeira esmola, distrair Hulot, cuja dor a afligia.

— Palavra de honra, quase tanto quanto tu! — respondeu habilmente o barão.

— É... muito divertida? É o que me disseram. Que te fazia ela então? É mais engraçada que eu?

— Não falemos mais sobre isso — pedira Hulot.

— Dizem que ela seduziu o meu Crevel, o pequeno Steinbock e um magnífico brasileiro... foi?

— É bem possível...

— Ela está num palacete bonito como este, dado por Crevel. Essa perua é a minha auxiliar: ela liquida as pessoas que primeiro passaram

pelas minhas mãos! Aí está, meu velho, por que estou tão curiosa por saber como ela é; eu a vi de relance numa caleça, no Bois de Boulogne, mas de longe... Disse-me Carabina que é *uma perfeita ladra*! Ela tenta comer Crevel! Mas só poderá roê-lo. Crevel é um rato, um rato folgazão que sempre diz sim e que só faz o que quer. Ele é vaidoso, apaixonado, mas seu dinheiro é frio. Nada se consegue com esses tipos, a não ser uns mil a três mil francos por mês; eles se detêm diante de uma despesa grande como os asnos diante de um rio. Não são como tu, meu velho; és um homem de paixões, podem fazer-te vender a tua pátria! Também, vê bem, estou prestes a fazer tudo por ti! És meu pai, tu me lançaste! Isso é sagrado! De que precisas? Queres cem mil francos? Faremos o possível para ganhá-los para ti. Quanto a te dar o farelo e o ninho, é o de menos. Terás teu talher posto aqui todos os dias, podes tomar um belo quarto no segundo andar e terás cem escudos por mês no bolso.

O barão, tocado por essa recepção, teve um último acesso de nobreza:

— Não, minha filha, não vim aqui para me fazer sustentar.

— Na tua idade, é um altivo triunfo! — disse ela.

— Eis o que desejo, minha filha. Teu duque d'Hérouville tem imensas propriedades na Normandia e eu queria ser o administrador delas, sob o nome de Thoul. Tenho capacidade, honestidade, porque se se toma emprestado do seu governo, nem por isso se rouba num caixa...

— Eh! Eh! Cesteiro que faz um cesto faz um cento...

— Enfim, peço apenas que me deixem viver anônimo durante três anos...

— Isto é obra de um instante; esta noite, depois do jantar, falarei com ele. O duque se casaria comigo, se eu o quisesse! Mas tenho a sua fortuna, quero mais: quero sua estima. É um duque da alta escola. É nobre, distinto, grande como Luís XIV e como Napoleão montados um no outro, embora seja nanico. Depois, eu fiz como a Schontz fez com Rochefide: graças aos meus conselhos, ele acaba de ganhar dois milhões. Mas, ouve-me aqui, meu velho excêntrico: eu te conheço, amas as mulheres, e lá irás correr atrás das jovens normandas, que são moças soberbas, farás com que te arrebetem os ossos os rapazes e os pais delas, e o duque será obrigado a te mandar embora. E eu não estou vendo, pela maneira como me olhas, que o *homem moço* ainda não morreu dentro de ti, como disse Fénelon? Essa administração não é coisa para ti. Vê bem, ninguém rompe com Paris e conosco, como quer, meu velho. Morrerias de tédio em D'Hérouville.

— Que faremos? — perguntou o barão. — Só quero ficar aqui em tua casa o tempo necessário para tomar uma decisão.

— Vejamos, queres que te coloque segundo minha ideia? Escuta aqui, velho incendiário...

— Precisas das mulheres, que são consolo para tudo. Escuta-me bem. No fim da Courtile, na Rue Saint-Maur du Temple, conheço uma pobre família que possui um tesouro: uma garota, mais linda que eu aos dezesseis anos! Ah! Teus olhos já cintilam! Ela trabalha dezesseis horas por dia bordando estofos preciosos para os negociantes de seda; ganha dezesseis *sous* por dia, um *sou* por hora, uma miséria... Ela se alimenta, como os irlandeses, de batatas, mas fritas na gordura de rato, e pão cinco vezes por semana, bebe água do Ourcq nos canos da cidade, porque a água do Sena é muito cara; não pode ter um estabelecimento próprio por não ter seis ou sete mil francos. Ela faria os *cem* horrores para ter sete ou oito mil francos. Tua família e tua esposa te aborrecem, não é? Aliás, ninguém pode ser nada onde era ídolo. Um pai sem dinheiro e sem honra é para ser empalhado e colocado por trás de uma vidraça...

O barão não pôde deixar de sorrir com essas cruéis pilhérias.

— Pois bem, a pequena Bijou virá amanhã trazer-me um *chambre* bordado, um amor; custou seis meses de trabalho, ninguém terá um estofado semelhante! Bijou gosta de mim, porque eu lhe dou gulodices e meus vestidos usados. Depois, mando vales para pão, madeira e carne para a família, que seria capaz de quebrar por mim as duas tíbias de qualquer sujeito, se eu quisesse. Ah! Sei o que sofri quando tinha fome! Bijou trouxe ao meu coração as suas confidências miúdas. Há nessa garota o estofado de uma figurante do Ambigu-Comique.<sup>[212]</sup> Bijou sonha vestir vestidos bonitos como os meus, sobretudo andar de carro. Eu lhe direi: “Minha filha, queres um senhor de...”. Quantos anos tens? — perguntou, interrompendo-se. — Setenta e dois?

— Já não tenho mais idade!

— Eu direi a ela: “Queres um senhor de setenta e dois anos, bem asseadinho, que não toma rapé, que é como o meu olho, que vale por um rapaz? Casar-te-ás com ele na décima terceira circunscrição;<sup>[213]</sup> ele viverá amavelmente contigo, te dará para pores em tua conta uns sete mil francos, te arranjará um apartamento todo mobiliado em acaju; depois, se agires direito, ainda te levará ao teatro uma vez por outra. Ele te dará cem francos por mês para os teus gastos e cinquenta francos para as despesas!”. Eu conheço Bijou, é como se fosse eu mesma aos catorze anos! Eu saltei de alegria quando o abominável Crevel me fez essa proposta nojenta! Pois bem, velho, serás engaiolado ali por uns três anos. É direita, é honesta, e além disso terá ilusões por uns três ou quatro anos, não mais!

Hulot não hesitara: estava decidido a recusar a proposta, mas, para mostrar-se grato à boa e excelente cantora que fazia o bem à sua maneira, tomou o ar de quem estivesse indeciso entre o vício e a virtude.



— Ah! Qual! Continuas frio como um paralelepípedo no mês de dezembro! — continuou ela, espantada. — Vejamos! Farás a felicidade de uma família composta de um avô que anda cavando a vida, de uma mãe que se gasta no trabalho e de duas irmãs, uma das quais muito feia, que ganham trinta e dois *sous* estragando a vista. Ela compensa a desgraça de que és causador em tua casa, tu pagas a teus erros te divertindo como uma mundana no Mabilie.<sup>[214]</sup>

Para pôr termo a essa tentação, Hulot fez o gesto de contar o dinheiro.

— Fica tranquilo quanto às vias e meios — prosseguiu Josefa. — O meu duque te emprestará dez mil francos: sete mil para instalação de uma loja de bordados, em nome de Bijou, e três mil para a tua mobília; de três em três meses, aqui receberás seiscentos e cinquenta francos contra uma promissória. Quando a tua pensão for liberada, pagarás ao duque os dezessete mil francos. Enquanto isso, serás feliz como um galo no galinheiro e metido num buraco onde não poderás ser encontrado pela polícia! Vestirás uma grossa sobrecasaca de castorina, terás o ar de um proprietário felizardo do bairro. Teu nome será Thoul, se te agrada. Eu te entrego a Bijou como um dos meus tios, vindo da Alemanha, em falência, e serás mimado como um deus. Eis aí, papai! Quem sabe? Talvez nem tenhas saudades de coisa alguma. Se por acaso te entediares, guarda uma de tuas belas fatiotas, vem aqui pedir-me para jantar e passar a noite.

— E eu, que queria tornar-me virtuoso, entrar na linha... Olha, arranja-me emprestados vinte mil francos e eu partirei para fazer fortuna na América, a exemplo do meu amigo D'Aiglemont<sup>[215]</sup> quando Nucingen o arruinou...

— Tu? — exclamou Josefa. — Deixa os bons costumes para merceeiros, para os simples pracinhas da infantaria, para os cidadãos franceses que só têm virtude para se valorizar! Tu nasceste para ser outra coisa que um pateta, és como homem o que eu sou como mulher: um gênio malandro!

— A noite é boa conselheira, amanhã conversaremos sobre isso.

— Vais jantar com o duque. Meu D'Hérouville te receberá delicadamente como se houvesse salvo o Estado e amanhã tomarás uma deliberação. Vamos, faze uma cara alegre, meu velho! Afinal, a vida é um vestido: se está sujo, a gente passa a escova nele; quando está esburacado, a gente o remenda; mas, enquanto pode, a gente anda vestida.

Essa filosofia do vício e sua expansiva alegria dissiparam os pungentes desgostos de Hulot.

No dia seguinte, ao meio-dia, depois de um succulento almoço, Hulot viu entrar uma dessas obras-primas vivas que só Paris, neste mundo, pode fabricar, graças à incessante concubinação do luxo e da miséria,

do vício e da honestidade, do desejo reprimido e da tentação renascente, concubinação que torna aquela cidade a herdeira das Nínives, das Babilônias e da Roma imperial. A srta. Olímpia Bijou, garota de dezesseis anos, apresentou o rosto sublime que Rafael encontrou para as Virgens: olhos de uma inocência entristecida pelos trabalhos excessivos, olhos negros sonhadores, armados de longos cílios e cuja umidade ressecava ao fogo da noite laboriosa, olhos ensombrados pela fadiga; uma tez de porcelana, quase doentia; a boca como uma romã entreaberta; e mais o seio tumultuoso, formas plenas, lindas mãos, dentes de um esmalte distinto, cabelos negros e abundantes, o corpo envolvido num vestido de algodão de setenta e cinco centímetros o metro e enfeitado com uma gola bordada, calçando sapatos de couro sem botões e umas luvas de vinte e nove *sous*. A mocinha, que não conhecia seu próprio valor, vestira-se da melhor maneira para vir à casa da grande dama.

Colhido pela mão adunca da volúpia, Hulot sentiu toda a sua vida escapar-se pelos olhos. Esqueceu tudo diante de tão sublime criatura. Ficou como um caçador ao perceber a caça: diante de um imperador, faz-se a pontaria!

— É nova, garantida com toda a certeza, é honesta — disse-lhe Josefa ao ouvido. — E não tem pão. Eis aí Paris! Eu fui assim!

— Está feito — replicou o velho, erguendo-se e esfregando as mãos.

Quando Olímpia Bijou partiu, Josefa fitou o barão com um ar malicioso.

— Se não quiseses ter desgosto, papai — disse ela —, sê severo como um procurador-geral em sua cadeira. Toma a pequena pela brida, sê Bartolo!<sup>[216]</sup> Atenção aos Augustos, Hipólitos, Nestores, Vítores e todos os demais *ores*! Uma vez que a dama se tenha vestido direito e comido bem, desde que ela levante a cabeça, serás levado como um russo... Vou assistir à tua mudança. O duque faz bem as coisas; ele te empresta, quer dizer, te dá dez mil francos e deposita oito mil no seu tabelião, que se encarregará de te entregar seiscentos francos todos os trimestres, porque tenho medo de ti... Sou gentil, não?

— Adorável!

Dez dias depois de ter abandonado a família, no momento em que, desfeita em lágrimas, estavam todos agrupados em torno do leito de Adelina agonizante, que murmurava: “Que faz ele?”, Heitor, sob o nome de Thoul, encontrava-se, na Rue Saint-Maur, com Olímpia à testa de uma loja de bordados, sob a desrazão social Thoul & Bijou.

## C – O LEGADO DO MARECHAL

Vitorino Hulot recebeu, da desgraça que recaiu sobre sua família, essa última moldagem que aperfeiçoa ou que desmoraliza o homem. Ele

tornou-se perfeito. Nas grandes tempestades da vida, imitam-se os capitães que, no meio do furacão, aliviam o navio das mercadorias pesadas. O advogado perdeu seu orgulho interior, sua visível segurança, seu orgulho de orador e suas pretensões políticas. Enfim, ele foi, como homem, o que sua mãe era como mulher.

Vitorino resolveu aceitar sua Celestina, que certamente não realizava o seu sonho; e julgou a vida de maneira sadia ao ver que a lei comum obriga o indivíduo a contentar-se, em todas as coisas, com o *pouco mais ou menos*. Jurou a si mesmo, portanto, que cumpriria os seus deveres, tal o horror que lhe causou a conduta de seu pai. Esses sentimentos se fortificaram à cabeceira do leito de sua mãe, no dia em que foi salva. Esta primeira felicidade não veio desacompanhada. Cláudio Vignon, que todos os dias apanhava, por incumbência do príncipe de Wissemburgo, o boletim de saúde da sra. Hulot, pediu ao deputado reeleito que o acompanhasse até o gabinete do ministro.

— Sua Excelência — disse-lhe Vignon — deseja ter uma conferência com o senhor a respeito dos seus assuntos de família.

Vitorino Hulot e o ministro já se conheciam desde muito tempo; assim, o marechal o acolheu com uma afabilidade característica e de bom augúrio.

— Meu amigo — começou o velho guerreiro —, jurei ao seu tio, o marechal, no meu gabinete, que cuidaria de sua mãe. Essa santa mulher vai recobrar a saúde, segundo me disseram; chegou o momento de tratar das feridas da família. Tenho aqui duzentos mil francos para o senhor, a quem vou entregá-los.

O advogado fez um gesto digno do marechal seu tio.

— Fique tranquilo — disse o príncipe, sorrindo. — É um fideicomisso. Meus dias são contados, não ficarei aqui muito tempo; portanto, tome essa importância e me substitua no seio de sua família. O senhor pode utilizar-se desse dinheiro para pagar as hipotecas que gravam sua casa. Estes duzentos mil francos pertencem à sua mãe e à sua irmã. Se eu desse essa soma à sra. Hulot, seu devotamento ao marido me levaria a temer vê-la dissipada, quando a intenção dos que a oferecem é a de que esse dinheiro seja o pão da sra. Hulot e de sua filha, a condessa Steinbock. O senhor é um homem prudente, digno filho de sua nobre mãe, verdadeiro sobrinho de meu amigo, o marechal; o senhor é muito bem apreciado aqui, meu caro amigo, como em toda parte. Portanto, seja o anjo tutelar de sua família, aceite o legado do seu tio e o meu.

— Senhor — disse Hulot, tomando a mão do ministro e apertando-a —, homens como o senhor sabem que os agradecimentos em palavras nada significam; sabem que o reconhecimento se prova.

— Prove-me o seu! — declarou o velho soldado.

— Que devo fazer?

— Aceitar minhas propostas — disse o ministro. — Querem nomeá-lo advogado do contencioso do Ministério da Guerra, o qual, na parte da engenharia, se encontra sobrecarregado de questões litigiosas por causa das fortificações de Paris; além disso, advogado consultante da Chefatura de Polícia e conselheiro da lista civil. Essas três funções darão um ordenado de dezoito mil francos e não lhe tirarão, de modo nenhum, a independência. O senhor votará na Câmara segundo as suas opiniões políticas e a sua consciência... O senhor agirá com inteira liberdade, compreende? Ficariamos muito embaraçados se não tivéssemos uma oposição nacional! Enfim, uma palavra de seu tio, escrita algumas horas antes de dar o último suspiro, traçou a minha conduta em relação à sua mãe, de quem o marechal gostava muito. As sras. Popinot, de Rastignac, de Navarreins, d'Espard, de Grandlieu, de Carigliano, de Lenoncourt e de La Bastie<sup>[217]</sup> criaram para a sua querida mãe um lugar de inspetora de beneficência. Estas senhoras presidentes de associações de caridade não podem fazer tudo, têm necessidade de uma dama honesta que possa substituí-las ativamente, ir visitar os infelizes, saber se a caridade não é ludibriada, verificar se os socorros são bem aproveitados por aqueles que os solicitaram, penetrar na casa dos pobres tímidos etc. Sua mãe desempenhará a missão de um anjo, só terá contatos com os curas e as damas de caridade; dar-lhe-ão seis mil francos por ano e pagar-lhe-ão as despesas de condução. Como está vendo, meu jovem, do fundo do túmulo, o homem puro, o homem nobremente virtuoso, protege ainda sua família. Nomes como o de seu tio são e devem ser uma égide contra a desgraça, nas sociedades bem organizadas. Portanto, siga as pegadas do seu tio, ou, melhor, continue a segui-las.

— Tanta gentileza, no amigo de meu tio, não me surpreende, príncipe — declarou Vitorino. — Esforçar-me-ei por corresponder a todas as suas esperanças.

— Vá imediatamente consolar sua família! Ah! Diga-me uma coisa — acrescentou, trocando um aperto de mão com Vitorino —, seu pai desapareceu?

— Ai de mim! Desapareceu!

— Tanto melhor. Aquele infeliz mostrou ter espírito, coisa que, aliás, nunca lhe faltou.

— Há umas promissórias a resgatar.

— Ah! O senhor receberá seis meses de honorários dos três empregos. Esse pagamento antecipado o ajudará, sem dúvida, a retirar tais títulos das mãos dos usurários. Aliás, procurarei Nucingen e talvez possa liberar a pensão de seu pai, sem que isso lhe custe um *liard*, nem ao senhor nem ao ministério. O par de França não matou o banqueiro; Nucingen é insaciável, pede uma concessão de não sei o quê...

De regresso à Rue Plumet, Vitorino pôde, portanto, realizar o seu

projeto de instalar em casa sua mãe e sua irmã.

## CI – GRANDES MUDANÇAS

O jovem e célebre advogado possuía, como única fortuna, um dos mais belos imóveis de Paris, uma casa comprada em 1834, na previsão de seu casamento, e situada no bulevar entre a Rue de la Paix e a Rue Louis-le-Grand. Um especulador construía, com frente para a rua e para o bulevar, duas casas, no meio das quais se encontrava, entre dois jardins e pátios, um magnífico pavilhão, resto dos esplendores do grande Hôtel de Verneuil. O filho de Hulot, certo do dote da srta. Crevel, comprou por um milhão, em leilão, essa soberba propriedade, pela qual pagou quinhentos mil francos. Instalou-se no andar térreo do pavilhão, acreditando poder concluir o pagamento da dívida com o aluguel; mas, se as especulações de casas, em Paris, são seguras, também são lentas ou caprichosas, porque dependem de circunstâncias imprevisíveis. Assim como os desocupados parisienses puderam notar, o bulevar entre a Rue Louis-le-Grand e a Rue de la Paix frutificou tardiamente; o bulevar se limpou e se embelezou com tanta dificuldade que o comércio só veio a instalar-se ali por volta de 1840, com as suas vitrines, com o ouro dos cambistas, com a fantasmagoria da moda e o luxo desenfreado de suas lojas.

Não obstante os duzentos mil francos oferecidos à filha por Crevel, no tempo em que seu amor-próprio era lisonjeado por aquele casamento e quando o barão ainda não lhe havia tomado Josefa; não obstante os duzentos mil francos pagos por Vitorino em sete anos, a dívida que pesava sobre o imóvel ainda se elevava a quinhentos mil francos, por causa do devotamento do filho ao pai. Felizmente, a elevação contínua dos aluguéis, a beleza da situação nesse momento valorizavam plenamente as duas casas. A especulação se realizava com um prazo de oito anos, durante os quais o advogado se esgotara a pagar juros e somas insignificantes sobre o capital devido. Os próprios credores propunham aluguéis vantajosos para as lojas, com a condição de estender o contrato a dezoito anos. Os apartamentos se valorizaram pela mudança do centro de negócios que se fixava então entre a Bolsa e a Madeleine, daí em diante a sede do poder político e das finanças em Paris.

A importância entregue pelo ministro, somada ao salário de um ano pago adiantadamente e as “luvas” pagas pelos locatários, ia reduzir a dívida de Vitorino a duzentos mil francos. Inteiramente alugados, os dois imóveis poderiam render cem mil francos por ano.

Nesses dois anos, durante os quais ia viver com os seus vencimentos dobrados nos empregos do marechal, o filho de Hulot se encontraria numa situação soberba. Era o maná caído do céu.

Vitorino podia dar à mãe todo o primeiro andar do pavilhão, e à irmã, o segundo, onde Lisbeth teria dois quartos. Enfim, dirigida pela prima Bete, essa tríplice casa suportaria todos os encargos e teria uma aparência distinta, como convinha ao célebre advogado.

Os astros do Palácio de Justiça se eclipsaram rapidamente e Hulot filho, dotado de uma palavra prudente, de uma probidade severa, era ouvido pelos juízes e conselheiros; ele estudava os seus casos, nada dizia que não pudesse provar; não defendia indiferentemente todas as causas; enfim, honrava o Tribunal.

A casa da Rue Plumet tornara-se tão odiosa para a baronesa que ela se deixou transportar para a Rue Louis-le-Grand. Graças aos cuidados do filho, Adelina ocupou, então, um magnífico apartamento; libertaram-na de todos os detalhes materiais da existência, porque Lisbeth aceitou o encargo de recomençar os esforços de economia empreendidos na casa da sra. Marneffe, vendo nisso um meio de fazer pesar sua surda vingança sobre essas três nobres existências, objeto de um ódio reavivado pela destruição de todas as suas esperanças.

Uma vez por mês, Lisbeth ia ver Valéria, enviada por Hortênsia, que queria ter notícias de Venceslau, e por Celestina, excessivamente inquieta com a ligação confessada e reconhecida de seu pai com uma mulher a quem a sogra e a cunhada deviam sua ruína e sua desgraça. Como se supõe, Lisbeth aproveitou essa curiosidade para ver Valéria tantas vezes quantas queria.

Passaram-se cerca de vinte meses, durante os quais a saúde da baronesa se firmou, sem que, entretanto, cessasse o seu tremor nervoso. Ela se pôs ao corrente de suas funções, que constituíam nobres distrações à sua dor e um alimento às divinas faculdades de sua alma. A baronesa viu nisso, aliás, um meio para encontrar o marido, por força dos acasos que a conduziam por todos os bairros de Paris. Durante esse período, as promissórias de Vauvinet foram pagas e a pensão de seis mil francos, liquidada em proveito do barão Hulot, foi quase liberada. Vitorino atendia a todas as despesas de sua mãe e de Hortênsia com os dez mil francos de juros do capital posto pelo marechal em fideicomisso. Ora, os vencimentos de Adelina eram de seis mil francos, e essa importância, somada aos seis mil francos da pensão do barão, devia dar às duas, mãe e filha, uma renda líquida de doze mil francos por ano. A pobre senhora teria sido quase feliz, se não fossem as suas perpétuas inquietações quanto à sorte do barão, que ela desejaria participasse da fortuna que começava a sorrir à família, o espetáculo de sua filha abandonada e os golpes terríveis que lhe assestava *inocentemente* Lisbeth, cujo caráter infernal se encontrava em plena liberdade.

Uma cena ocorrida no começo do mês de março de 1843 vai, aliás, explicar os efeitos produzidos pelo ódio persistente e latente de Lisbeth,

sempre ajudada pela sra. Marneffe. De início, Valéria dera à luz uma criança que não podia viver, cujo caixão lhe valia uma renda de dois mil francos. Depois, quanto ao sr. Marneffe, eis a notícia que meses antes Lisbeth trouxera à família, de regresso de uma exploração feita no palacete dos Marneffe:

— Esta manhã, a horrorosa Valéria mandou chamar o dr. Bianchon — dissera ela —, a fim de saber se os médicos que na véspera condenaram seu marido não se haviam enganado. O médico declarou que, à noite, aquele tipo imundo estaria no inferno que o aguardava. O velho Crevel e a sra. Marneffe acompanharam o dr. Bianchon, a quem seu pai, minha querida Celestina, deu cinco moedas de ouro pela boa notícia. Voltando à sala, Crevel sapateou como um dançarino e beijou a tal mulher, gritando: “Até que enfim, irás ser a sra. Crevel!”. E a mim, quando ela nos deixou sós para retomar seu lugar à cabeceira do marido que estertorava, seu digno pai me disse: “Casando-me com Valéria, tornar-me-ei par de França! Compro um pedaço de terra, que tenho em vista, em Presles, o qual a sra. de Sérisy quer vender. Serei Crevel de Presles, tornar-me-ei membro do Conselho Geral do Seine-et-Oise e deputado. Terei um filho! Serei tudo o que quiser ser!”. “Está bem”, falei, “e sua filha?” E ele me respondeu: “Ora, é uma filha; tornou-se excessivamente uma Hulot e Valéria tem horror a essa gente... Meu genro nunca quis vir aqui. Por que se mete ele a mentor, a espartano, a puritano, a filantropo? Além disso, já fiz minhas contas com minha filha: ela recebeu toda a fortuna da mãe e mais duzentos mil francos! Também tenho o direito de me conduzir à vontade. Quando me casar, julgarei meu genro e minha filha; agirei de acordo com o que eles fizerem. Se eles forem bons para a madrastra, eu verei, porque sou homem!”. Enfim, repetiu todas as tolices habituais com a atitude de Napoleão na coluna.<sup>[218]</sup>

Os dez meses de viuvez oficial, determinados pelo Código de Napoleão, já haviam expirado, desde alguns dias. A terra de Presles fora adquirida. Vitorino e Celestina tinham, pela manhã, enviado Lisbeth à casa da sra. Marneffe para colher as novidades sobre o casamento dessa encantadora viúva com o *maire* de Paris, que se tornara membro do Conselho Geral do Seine-et-Oise.

## CII – A ESPADA DE DÂMOCLES<sup>[219]</sup>

Celestina e Hortênsia, cujos laços de afeição se tinham estreitado por viverem sob o mesmo teto, viviam quase juntas. A baronesa, arrastada por um sentimento de probidade que a fazia levar ao exagero os deveres de seu cargo, sacrificava-se pelas obras de benemerência de que era intermediária, ficando fora de casa quase todos os dias, das onze às cinco da tarde. As duas cunhadas, unidas pelos cuidados que

dispensavam aos filhos, vigiando-os em comum, ficavam juntas e juntas trabalhavam no apartamento. Já chegavam a pensar em voz alta, apresentando o tocante acordo de duas irmãs, uma feliz, outra melancólica. Bela, transbordante de vida, animada e inteligente, a irmã infeliz parecia desmentir sua situação pela aparência exterior; enquanto a melancólica, doce e calma, equânime como a razão, habitualmente pensativa e refletida, fazia crer na existência de secretos pesares. Talvez esse contraste contribuisse para a sua viva amizade. As duas mulheres completavam-se mutuamente. Sentadas num pequeno quiosque, no meio do jardim que a colher da especulação respeitara por um capricho do construtor (este pensara conservar para si os cem pés quadrados), gozavam a posse dos primeiros brotos de lilases, festa primaveril que só é apreciada em toda a sua extensão em Paris, onde, durante seis meses, os parisienses viveram esquecidos da vegetação, entre as falésias de pedra onde se agita o seu oceano humano.

— Celestina — dizia Hortênsia, respondendo a uma observação de sua cunhada, que se queixava de seu marido demorar-se tanto tempo na Câmara —, acho que não aprecias bastante a tua felicidade. Vitorino é um anjo, e tu por vezes o atormentas.

— Minha querida, os homens gostam de ser atormentados! Certas arrelias são uma prova de afeto. Se a tua mãe tivesse sido não exigente, mas sempre prestes a sê-lo, vocês não teriam tantas desgraças a lamentar, sem dúvida.

— Lisbeth não voltou ainda! Vou cantar a canção de *Malbrouck*!<sup>[220]</sup>  
— disse Hortênsia. — Como estou impaciente de ter notícias de Venceslau! De que vive ele? Venceslau há dois anos não faz nada.

— Vitorino me disse que o viu, noutro dia, em companhia daquela odiosa mulher; supõe que ela o sustenta na preguiça... Ah! Se quisesse, querida irmã, ainda poderias tornar a trazer teu marido.

Hortênsia fez, com a cabeça, um sinal negativo.

— A tua situação, podes crer, logo se tornará intolerável — acrescentou Celestina. — No primeiro momento, a cólera, o desespero, a indignação te emprestaram forças. As desgraças inauditas que depois caíram sobre nossa família: duas mortes, a ruína, a catástrofe do barão Hulot encheram o teu espírito e o teu coração; mas, agora que vives na calma e no silêncio, não suportarás facilmente o vazio da vida; e como não podes, não queres sair do caminho da honra, terás de te reconciliar com Venceslau. Vitorino, que te ama imenso, é dessa opinião. Há qualquer coisa mais forte que os nossos sentimentos: é a natureza!

— Um homem tão covarde! — exclamou a orgulhosa Hortênsia. — Ele ama aquela mulher, porque ela o sustenta... Naturalmente, ela pagou as dívidas dele... Meu Deus! Penso noite e dia na situação desse homem! Ele é o pai de meu filho e se desonra...

— Vê tua mãe, minha filha... — continuou Celestina.



Celestina pertencia a esse tipo de mulheres que, quando se lhes dá razões bastante fortes para convencer camponeses bretões, recomeçam pela centésima vez seu raciocínio primitivo. O caráter de sua cara um pouco larga, fria e comum, seus cabelos de cor castanha, claros, dispostos em bandós firmes, a cor de sua pele, tudo indicava nela a mulher que raciocina, sem encanto, mas também sem fraqueza.

— A baronesa bem gostaria de estar perto de seu marido desonrado, de consolá-lo, de escondê-lo de todos os olhares no fundo do seu coração — continuou Celestina. — Ela mandou preparar lá em cima o quarto do sr. Hulot, como se, de um dia para outro, fosse buscá-lo e instalá-lo ali.

— Ah! Minha mãe é sublime! — exclamou Hortênsia. — Ela é sublime a cada instante, todos os dias, há vinte e seis anos, mas eu não tenho esse temperamento... Que queres? Eu me volto algumas vezes contra mim mesma. Ah! Não sabes, Celestina, o que é ter de pactuar com a infâmia!

— E meu pai!... — continuou Celestina, tranquilamente. — Está certamente no caminho em que o teu se perdeu! Meu pai tem dez anos menos que o barão e tem sido comerciante, é verdade; mas como acabará isso? Essa sra. Marneffe tem feito de meu pai seu cão, dispõe de sua fortuna, de suas ideias, e não há nada que faça meu pai abrir os olhos. Enfim, tremo ao pensar que os proclamas do seu casamento podem estar publicados! Meu marido tenta um esforço, encara como um dever isso de vingar a sociedade, a família, e pedir contas a essa mulher de todos os seus crimes. Ah! Querida Hortênsia, nobres espíritos como o de Vitorino, corações como os nossos só tarde demais compreendem a sociedade e seus meios! Isto, querida irmã, é um segredo, eu o confio a ti, porque ele te interessa, mas nem por uma palavra ou um gesto deve ser revelado a Lisbeth, a tua mãe, a ninguém, porque...

— Aí vem Lisbeth! — disse Hortênsia. — Então, prima, como vai o inferno da Rue Barbet?

— Mal para vocês, minhas filhas. Teu marido, minha boa Hortênsia, está mais apaixonado que nunca por aquela mulher, que, não nego, tem por ele uma paixão louca. Seu pai, querida Celestina, é de uma cegueira real. Isto não é nada, é o que vou observar de quinze em quinze dias, e na realidade sou feliz por nunca ter sabido o que é um homem... São verdadeiros animais! De hoje a cinco dias, Vitorino e você, minha filha, perderão a fortuna de seu pai!

— Os proclamas foram publicados? — perguntou Celestina.

— Já — respondeu Lisbeth. — Acabo de defender a sua causa. Eu disse a esse monstro, que marcha no mesmo caminho do outro, que se tirar vocês do embaraço em que se encontram, liberando a sua casa, vocês seriam reconhecidos por isso e receberiam a madrastra...

Hortênsia teve um gesto de espanto.

— Vitorino pensará no caso... — respondeu Celestina friamente.

— Sabe o que o senhor *maire* me respondeu? — continuou Lisbeth.  
— Disse: “Vou deixá-los com as suas dificuldades; só se doma os cavalos com a fome, a falta de sono e o açúcar!”. O barão Hulot valia mais que o sr. Crevel... Assim, minhas pobres crianças, podem resignar-se a ficar sem a herança. E que fortuna! Seu pai pagou os três milhões da terra de Presles e ficou com trinta mil francos de renda! Oh! Ele não tem segredos para mim! Fala em comprar o palácio de Navarreins, na Rue du Bac. A sra. Marneffe possui quarenta mil francos de renda.

E ouvindo o rodar de uma carruagem:

— Ah! Eis o nosso anjo da guarda, a tua mãe!

A baronesa, com efeito, desceu a escada pouco depois e veio juntar-se ao grupo da família. Aos cinquenta e cinco anos, tendo passado por tantos sofrimentos, estremeando sem cessar como se tivesse arrepios de febre, Adelina, embora pálida e enrugada, conservava um belo talhe, linhas magníficas e nobreza natural. Dizia-se, ao vê-la: “Ela deve ter sido muito bonita!”. Devorada pelo desgosto de ignorar o destino do marido, de não poder fazê-lo partilhar, no retiro e no silêncio de seu oásis parisiense, do bem-estar que a família ia desfrutar, ela apresentava a suave majestade das ruínas. A cada chama de esperança desvanecida, a cada procura inútil, Adelina recaía naquela negra melancolia que desesperava os filhos.

Tendo saído de casa, pela manhã, com uma esperança, a baronesa era impacientemente aguardada. Um intendente-geral, que devia a Hulot sua sorte administrativa, dissera ter visto o barão num camarote do teatro do Ambigu-Comique, com uma mulher de esplêndida beleza. Adelina fora à casa do barão Vernier. Esse alto funcionário, afirmando ter visto seu velho protetor e julgando que suas maneiras em relação àquela mulher, durante a representação, denunciavam um casamento clandestino, dissera à sra. Hulot que seu marido, a fim de evitar encontrar-se com ele, tinha saído muito antes do fim do espetáculo. “Ele estava como um homem em família e seu jeito de vestir-se revelava um mal-estar oculto”, acrescentou o barão, por fim.

— Então? — perguntaram as três mulheres à baronesa.

— Então, o sr. Hulot está em Paris — respondeu Adelina. — E para mim já é um clarão de felicidade saber que ele está perto de nós.

— Parece que ele não se emendou! — disse Lisbeth, quando Adelina acabou de contar sua entrevista com o barão Vernier. — Meteu-se com uma operariazinha. Mas onde é que ele arranja o dinheiro? Aposto como ele pede dinheiro às suas antigas amantes, à sra. Jenny Cadine ou a Josefa.

A baronesa teve agravado o mal constante de seus nervos: enxugou as lágrimas que lhe vieram aos olhos, fitando o céu de maneira

dolorosa.

— Não creio que um Grande Oficial da Legião de Honra tenha descido tão baixo — declarou.

— Para seu prazer, que não fará ele? — continuou Lisbeth. — Já roubou o Estado, roubará os particulares, assassinará talvez...

— Oh! Lisbeth! — gritou a baronesa. — Guarda esses pensamentos para ti!

### CIII – O AMIGO DO BARÃO HULOT

Nesse momento, Luísa se aproximara do grupo formado pela família, ao qual se haviam juntado os dois pequenos Hulot e o filho de Venceslau para ver se os bolsos da avó tinham gulodices.

— Que há, Luísa? — perguntaram-lhe.

— É um homem que pergunta pela srta. Fischer.

— Que homem é esse? — indagou Lisbeth.

— Senhorita, ele está em farrapos, tem penugem sobre si como um colchoeiro; está com o nariz vermelho, cheira a vinho e aguardente... É um desses operários que só trabalham meia semana...

Esta descrição pouco sedutora fez com que Lisbeth se apressasse vivamente a ir ao pátio da casa da Rue Louis-le-Grand, onde encontrou um homem fumando cachimbo, cujo enegrecimento revelava um artista em matéria de fumo.

— Por que veio aqui, Chardin? — perguntou ela. — Ficou assentado que o senhor estaria, no primeiro sábado de cada mês, à porta do palacete de Marneffe, à Rue Barbet-de-Jouy; vim de lá depois de ter esperado cinco horas, porque o senhor não apareceu...

— Eu estive lá, minha respeitável e caridosa senhorita! — respondeu o colchoeiro. — Mas eu tinha uma partida de bilhar, um jogo de honra no Café des Savants, na Rue du Coeur-Volant, e cada um tem as suas paixões. A minha é o bilhar. Sem o bilhar, eu comeria dinheiro, porque, repare bem isso! — disse ele, procurando um papel no bolso da calça rasgada —, o bilhar leva ao cálice e o licor de ameixa à aguardente... Ele nos arruína, como todas as belas coisas, pelos seus acessórios. Conheço a ordem, mas o velho está numa dificuldade tão grande que eu resolvi tomar o caminho proibido. Se a nossa crina fosse crina só, a gente dormiria tranquilo em cima dela; mas tem mistura! Deus não é mesmo para todo o mundo, como se diz; tem as suas preferências e está no seu direito. Esta é a escrita do seu parente estimável e muito amigo do colchão... Esta é a sua opinião política.

O velho Chardin tentou traçar no ar uns zigue-zagues com o índice da mão direita.

Sem ouvi-lo, Lisbeth lia estas duas linhas:

— Para que quer ele tanto dinheiro?

— O proprietário! — disse o velho Chardin, que ainda procurava desenhar arabescos no ar. — Depois, meu filho voltou da Argélia pela Espanha, Bayonne e... Ele não arranhou nada, contra seu hábito; porque é um espertalhão danado, com sua licença, o meu filho. Que quer? Está faminto; mas ele vai restituir tudo o que lhe emprestamos, porque quer montar uma comandita; ele tem ideias que podem levá-lo longe...

— Até a cadeia — concluiu Lisbeth. — É o assassino de meu tio e eu não esquecerei isso.

— Ele? Não é capaz de matar uma galinha, respeitável senhorita!

— Tome, aqui estão trezentos francos — disse Lisbeth, tirando quinze moedas de ouro da bolsa. — Vá embora e não volte mais aqui...

E acompanhou até a porta o pai do vigia do armazém de víveres de Orã. E indicou esse velho bêbado à porteira:

— Todas as vezes que esse homem vier aqui, se por acaso vier, não o deixe entrar, diga-lhe que não estou. Se ele procurar saber se o sr. Hulot filho ou se a sra. baronesa Hulot moram aqui, responda-lhe que não conhece essas pessoas...

— Está bem, senhorita.

— Será despedida, se cometer uma tolice, mesmo involuntária — declarou a solteirona ao ouvido da porteira. Dirigiu-se então a Vitorino, que ia entrando:

— Meu primo, você está ameaçado de uma grande desgraça.

— Qual?

— De hoje a alguns dias, sua mulher terá como madrastra a sra. Marneffe.

— É o que veremos! — respondeu Vitorino.

Havia seis meses, Lisbeth vinha pagando pontualmente uma pequena importância ao seu antigo protetor, o barão Hulot, de que se tornara protetora; conhecia o segredo de seu esconderijo e saboreava as lágrimas de Adeline; quando a via alegre e cheia de esperança, dizia-lhe, como acabamos de ver: “Espere e lerá qualquer dia desses o nome do meu pobre primo na resenha dos tribunais”. Nisso, como no caso precedente, ela levava muito longe sua vingança. Lisbeth alertara a prudência de Vitorino. Esse primo resolvera quebrar aquela espada de Dâmocles incessantemente apresentada por Lisbeth e liquidar com o demônio feminino a quem sua mãe e sua família deviam tantas desgraças. O príncipe de Wissemburgo, que conhecia a conduta da sra. Marneffe, apoiava a iniciativa secreta do advogado; prometera-lhe, como promete um presidente de conselho, a intervenção oculta da

polícia para esclarecer Crevel e salvar toda uma fortuna das garras da cortesã diabólica, a quem ele não perdoava nem a morte do marechal Hulot nem a ruína total do conselheiro de Estado.

#### CIV – O VÍCIO E A VIRTUDE

Estas palavras: “Ele pede auxílio às antigas amantes!”, pronunciadas por Lisbeth, não saíram da cabeça da baronesa a noite toda. Como os doentes desenganados que se entregam aos charlatães, como as pessoas que chegam ao último e dantesco círculo do desespero, como os afogados que tomam por amarras os paus flutuantes, Adelina acabou por acreditar na baixeza que, só em imaginá-la, tanto a indignara, e teve a ideia de chamar em seu socorro uma daquelas odiosas mulheres.

Na manhã do dia seguinte, sem consultar os filhos, sem dizer uma palavra a ninguém, a baronesa foi à casa da srta. Josefa Mirah, prima-dona da Academia Real de Música; foi ali procurar ou perder a esperança que acabara de luzir como um fogo-fátuo. Ao meio-dia, a empregada da célebre cantora lhe entregava o cartão da baronesa Hulot, dizendo-lhe que essa senhora estava à espera, na porta, depois de ter mandado perguntar se a dona da casa podia recebê-la.

— O apartamento está arrumado?

— Está, senhorita.

— As flores foram renovadas?

— Foram, senhorita.

— Diga a João para passar por aí uma vista de olhos, para que nada falte, antes de introduzir essa senhora, que deve ser tratada com o maior respeito. Vá e volte para me vestir, pois quero apresentar-me extremamente bonita!

E foi mirar-se ao espelho.

“Preparemo-nos”, disse de si para consigo. “É preciso que o vício esteja bem preparado diante da virtude! Pobre mulher! Que quer de mim? A mim me perturba enfrentar ‘A augusta vítima da desgraça!’...”<sup>[221]</sup>

Acabara de cantar este trecho da famosa ária quando a empregada entrou, dizendo:

— Senhora, a visitante foi presa de um tremor nervoso...

— Ofereça-lhe flor de laranjeira, rum, uma sopa!

— Foi o que fiz, senhorita; mas ela recusou tudo, dizendo que se tratava de uma pequena enfermidade, de excitação nervosa...

— Onde ela está?

— Na sala grande.

— Depressa, minha filha! Vamos, minhas pantufas mais bonitas, meu penhoar de flores, bordado por Bijou, todo o tremor das rendas. Faça-me um penteado que cause admiração a essa mulher... Ela

representa o papel oposto ao meu! E diga a essa dama... (porque ela é uma grande dama, minha filha! E mais ainda; é o que nunca serás: uma mulher cujas preces aliviam as almas do vosso purgatório!) Diga-lhe que estou na cama, que representei ontem, que estou me levantando...

Introduzida na sala principal do apartamento de Josefa, a baronesa não se apercebeu do tempo que aí passou, embora houvesse esperado uma longa meia hora. A sala, já renovada depois da instalação de Josefa no palacete, tinha reposteiros de seda cor de *massaca* e ouro. O luxo que outrora os fidalgos empregavam em suas *garçonnières* e cujos restos magníficos testemunham essas loucuras,<sup>[222]</sup> que tão bem justificam seu nome, transparecia, com a perfeição devida aos recursos modernos, nas quatro paredes abertas, cuja temperatura agradável era mantida por um calorífico de bocas invisíveis.

Surpresa, a baronesa examinava cada objeto de arte com um profundo espanto. Encontrava ali a explicação dessas fortunas forjadas no cadinho sob o qual o prazer e a vaidade atizam um fogo devorador. Essa mulher que, havia vinte e seis anos, vivia em meio às frias relíquias do luxo imperial, e cujos olhos contemplavam tapetes de flores desbotadas, bronzes velhos, sedas desbotadas como o seu coração, entreviu o poder das sedução do vício, vendo-lhes os resultados. Não se podia, de modo algum, deixar de invejar aquelas lindas coisas, aquelas admiráveis criações para as quais tinham contribuído os grandes artistas desconhecidos que enriquecem a Paris atual e a produção europeia.

Na sala, tudo surpreendia pela perfeição da coisa única. Tendo sido quebrados os modelos, eram inteiramente originais as formas, os figurinos e as esculturas. Isto é hoje a última palavra em matéria de luxo. Possuir coisas que não sejam vulgarizadas nas mãos de dois mil burgueses opulentos que se julgam luxuosos quando ostentam riquezas que se acumulam nas lojas — este é o timbre do verdadeiro luxo, o luxo dos fidalgos modernos, estrelas efêmeras do firmamento parisiense.

Examinando os vasos cheios das mais raras flores exóticas, guarnecidos de bronzes cinzelados e trabalhados no gênero conhecido como de Boule,<sup>[223]</sup> a baronesa sentiu-se surpreendida com as riquezas que o apartamento continha. Necessariamente, esse sentimento deve reagir sobre a pessoa em torno de quem jorravam tais riquezas. Adelina pensou que Josefa Mirah, cujo retrato, traçado pelo pincel de José Bridau,<sup>[224]</sup> brilhava no quarto vizinho, era uma cantora de gênio, uma Malibrán,<sup>[225]</sup> e esperava ver uma verdadeira leoa. Arrependeu-se de ter vindo. Mas Adelina estava impelida por um sentimento tão poderoso, tão natural, por um devotamento tão pouco calculador, que reuniu toda a sua coragem para suportar tal entrevista. Além disso, ia satisfazer aquela curiosidade, que a excitava, de estudar o encanto que mulheres de tal espécie possuíam, para que pudessem extrair tanto ouro das

jazidas avaras do solo parisiense.

A baronesa olhou para si mesma a fim de saber se não fazia contraste com o luxo ambiente, mas se se apresentava bem com o seu vestido de veludo de peitilho branco, sobre o qual se exhibia uma linda gola de magnífica renda, e se ia-lhe bem o chapéu de veludo da mesma cor. Vendo-se ainda imponente como uma rainha, sempre rainha, mesmo quando destronada, Adelina pensou que a nobreza da desgraça valia a nobreza do talento.

Depois de ter ouvido um abrir e fechar de portas, viu, afinal, Josefa. A cantora parecia a Judite de Alloris,<sup>[226]</sup> gravada na memória de todos quantos a viram no palácio Pitti, junto à porta de uma grande sala: a mesma atitude altiva, a mesma fisionomia sublime, cabelos negros torcidos naturalmente e um penhoar amarelo com mil flores bordadas, inteiramente semelhante ao brocado com que se vestia a imortal homicida criada pelo sobrinho de Bronzino.

— Senhora baronesa, a senhora me confunde com a honra que me dá vindo até aqui — disse a cantora, disposta a representar bem o seu papel de grande dama.

Arrastou uma poltrona toda estofada para a baronesa, puxando para si uma cadeirinha sem encosto. Josefa reconheceu a beleza fanada daquela mulher e experimentou uma profunda piedade ao vê-la agitada por um tremor nervoso que a menor emoção tornava convulsivo. De relance, percebeu aquela vida santa que Hulot e Crevel outrora lhe descreviam; e não só se desfez então da ideia de lutar com aquela mulher como ainda se humilhou diante da grandeza que compreendeu. A sublime artista admirou aquilo que a cortesã ridicularizara.

— Senhorita, venho aqui trazida pelo desespero, que faz recorrer a todos os meios...

Um gesto de Josefa fez a baronesa compreender que acabara de ferir a pessoa de quem muito esperava; Adelina fitou a artista.

Esse olhar cheio de súplica apagou a chama dos olhos de Josefa, que acabou sorrindo. Houve entre essas duas mulheres um jogo mudo de tremenda eloquência.

— Há dois anos e meio que o sr. Hulot deixou a família e eu ignoro onde ele se encontra, embora saiba que mora em Paris — continuou a baronesa, com uma voz tomada de emoção. — Um sonho me deu a ideia, talvez absurda, de que a senhora se interessasse pelo sr. Hulot. Se a senhora puder colocar-me em condições de rever o sr. Hulot, ah! Senhorita, eu rogaria a Deus pela senhora, todos os dias, durante o tempo que me restasse neste mundo...

Duas grossas lágrimas, rolando dos olhos da cantora, anunciaram-lhe a resposta.

— Minha senhora, eu lhe causei mal sem conhecê-la — disse, com um acento de profunda humildade. — Mas, agora, que tenho a

felicidade de ver, vendo a senhora, a maior imagem da virtude na terra, sinto, pode acreditar, o alcance de meu erro; experimento um sincero arrependimento; assim, fique certa de que serei capaz de tudo para reparar minha falta.

Tomou a mão da baronesa, sem que ela pudesse opor-se a esse movimento, beijou-a da maneira mais respeitosa e chegou a ajoelhar-se. Depois, ergueu-se, com a mesma altivez com que entrava em cena no papel de Matilde,<sup>[227]</sup> e fez soar a campainha.

— Vá a cavalo e rebente o cavalo, se for preciso — disse ao criado —, procure a pequena Bijou, na Rue Saint-Maur du Temple, e traga-a aqui; faça-a subir no carro e pague o cocheiro para que ele venha a galope. Não perca um minuto, do contrário será despedido.

Voltando-se para a baronesa, falou-lhe com a voz cheia de respeito:

— Minha senhora, queira perdoar-me. Desde que tive por protetor o duque d'Hérouville, eu lhe restituí o barão, compreendendo que, por minha causa, ele levava a família à ruína. Que mais poderia eu fazer? Na carreira teatral, uma proteção nos é necessária, a todas nós, no momento em que estreamos. Nossos salários não dão para a metade de nossas despesas; então, arranjamos maridos temporários... Não fazia questão de ficar com o sr. Hulot, que me fez deixar um homem rico, um animal vaidoso. O velho Crevel ter-me-ia desposado, na certa...

— Ele me declarou isso — disse a baronesa, interrompendo a cantora.

— Pois bem, veja a senhora; hoje eu seria uma mulher honesta, tendo um marido legal.

— A senhora tem as suas desculpas e Deus as apreciará. Mas eu, longe de querer censurá-la, vim aqui, ao contrário, para contrair com a senhora uma dívida de reconhecimento.

— Minha senhora, há cerca de três anos atendi às necessidades do senhor barão...

— A senhora? — exclamou a baronesa, em cujos olhos brotaram lágrimas. — Ah! Que posso fazer pela senhora? Apenas pedir-lhe...

— Eu e o sr. duque d'Hérouville — continuou a cantora —, um nobre coração, um autêntico fidalgo...

E Josefa contou como se fizera a instalação e o casamento do velho Thoul.

— Então — perguntou a baronesa —, graças à senhorita, nada faltou ao meu marido?

— Fizemos tudo nesse sentido, minha senhora.

— E onde está ele?

— O senhor duque me disse, há cerca de seis meses, que o barão, conhecido pelo seu tabelião sob o nome de Thoul, acabara com os oito mil francos que só lhe deviam ser entregues em partes iguais, de três em três meses — respondeu Josefa. — Não temos tido notícias do senhor



barão, nem eu nem o sr. d'Hérouville. Temos uma vida tão complexa, tão cheia de ocupações, que não pude andar atrás do velho Thoul. Por acaso, há seis meses, Bijou, a minha bordadeira, a... Como direi?

— A amante dele — completou a sra. Hulot.

— A amante dele — repetiu Josefa — não tem vindo aqui. Pode ocorrer que Olímpia Bijou se tenha divorciado. O divórcio é frequente em nossa circunscrição.

## CV – LIQUIDAÇÃO DA CASA THOUL E BIJOU

Josefa ergueu-se, escolheu algumas flores raras dos seus jarros e com elas fez um encantador, um delicioso ramalhete para a baronesa, cuja expectativa, diga-se de passagem, era inteiramente diversa. Como os bons burgueses que pensam ser as pessoas de gênio uma espécie de monstros que comem, bebem, andam e falam diferentemente das demais pessoas, a baronesa esperava deparar-se com Josefa a fascinante, Josefa a cantora, a cortesã inteligente e amorosa; e encontrava uma mulher calma e refletida, com a nobreza do seu talento, com a simplicidade de uma artista que sabe ser rainha à noite, enfim, mais que isto, uma prostituta que, por seus olhares, por sua atitude e por suas maneiras, prestava plena e completa homenagem à mulher virtuosa, à *Mater dolorosa*<sup>[228]</sup> do hino sagrado, coroando-lhe as chagas com flores, como se faz na Itália com a Madona.

— Senhora — veio dizer o criado, que regressara ao fim de meia hora —, a mãe de Bijou vem aí; mas não conte com a pequena Olímpia. A bordadeira da senhora tornou-se burguesa, casou-se...

— Amasiou-se? — perguntou Josefa.

— Não, senhora, casou-se de fato. Está à frente de um magnífico estabelecimento; casou-se com o dono de uma grande loja de novidades, no Boulevard des Italiens, na instalação da qual foram gastos milhões; deixou a loja de bordados para a irmã e a mãe. Hoje é a sra. Grenouville. O rico negociante...

— Um Crevel!

— É, minha senhora — concordou o criado. — Ele incluiu trinta mil francos de renda no contrato da srta. Bijou. Dizem que a irmã mais velha dela vai casar-se com um rico açougueiro.

— O seu caso parece-me que vai muito mal — disse a cantora à baronesa. — O senhor barão já não está mais onde eu o coloquei.

Dez minutos depois anunciaram a sra. Bijou. Por prudência, Josefa fez com que a baronesa fosse para o seu quarto de vestir, correndo o reposteiro.

— A senhora a intimidaria — declarou Josefa à baronesa. — Ela nada deixaria escapar, ao adivinhar que a senhora estaria interessada em suas confidências; deixe-me obter-lhe a confissão. Esconda-se aí e

ouvirá tudo. Esta cena se representa tantas vezes na vida quantas no teatro.

Em seguida, a cantora dirigiu-se à velha, que estava com um vestido de fazenda vistosa, parecendo uma porteira endomingada:

— Então, mãe Bijou, estão todos felizes, hein? Sua filha teve sorte!

— Oh! Felizes! Minha filha nos dá cem francos por mês, mas anda de carro, nada em dinheiro, é milionária! Olímpia bem que poderia pôr-me a salvo das dificuldades! Trabalhar, na minha idade! Assim é que se faz o bem?

— Ela faz mal em ser ingrata, pois lhe deve a beleza — adiantou Josefa. — Mas por que ela não veio me ver? Fui eu quem a tirou da miséria, casando-a com o meu tio...

— É mesmo, senhora, com o velho Thoul! Mas ele é muito velho, muito quebrado...

— Então que é feito dele? Está em sua casa? Ela cometeu um erro em separar-se dele, porque ele está rico, tem milhões...

— Ah! Deus do céu! — exclamou a velha Bijou. — É o que diziam a ela, quando ela se comportava mal com ele, que era a própria doçura, o pobre velho! Ah! Ela o fazia sofrer! Olímpia foi pervertida, minha senhora!

— Como?

— Com sua licença, minha senhora: ela conheceu um profissional da claqué, sobrinho-neto de um velho colchoeiro do Faubourg Saint-Marceau. Esse mandrião, como todos os rapazes bonitos, um sustentador de peças, ora veja, é a coqueluche do Boulevard du Temple, onde ele trabalha nas peças novas; cuida da entrada das atrizes, como ele diz. De manhã, almoça; antes do espetáculo, janta para excitar-se; enfim, ele ama os licores e o bilhar de nascença. “Isto não é emprego”, dizia eu a Olímpia.

— Infelizmente, é um emprego — declarou Josefa.

— Afinal, Olímpia estava de cabeça virada por esse rapaz, que, minha senhora, não gostava de boa companhia; a prova é que foi preso no café onde se reúnem os ladrões; mas, desde então, o sr. Braulard,<sup>[229]</sup> chefe da claqué, tem reclamado dele. O rapaz usa brincos de ouro, vive sem fazer nada, à custa de mulheres que são loucas por esses homens bonitos! Ele comia todo o dinheiro que o sr. Thoul dava à pequena. O estabelecimento ia muito mal. O que rendia o bordado, ia tudo para o bilhar. O rapaz, minha senhora, tinha uma linda irmã, que exercia a mesma profissão, uma garota à toa no bairro dos estudantes.

— Uma *lorette* da Chaumière<sup>[230]</sup> — ajuntou Josefa.

— É mesmo, senhora — concordou a velha Bijou. — Então Idamor... ele se chama Idamor, nome de guerra, porque o nome verdadeiro é Chardin. Idamor supôs que o seu tio devia ter muito mais dinheiro do que dizia e encontrou um meio de colocar Elódia, sua irmã, em nossa

casa, como operária, sem que minha filha desconfiasse de nada. (Elódia: deu-lhe um nome de teatro!) Deus do céu! Ela pôs tudo ali de pernas para o ar, desencaminhou todas aquelas mocinhas, que se tornaram imundas para sempre, com sua licença. E ela tanto fez que tomou para si o velho Thoul, arrastou-o não sabemos para onde, e isso nos deixou numa grande dificuldade, por causa de todas as promissórias. Estamos ainda ganhando pouco, sem poder pagar; mas minha filha, que está envolvida nisso, cuida dos prazos... Quando Idamor seguiu o velho para a irmã, deixou a minha pobre filha; está agora com uma jovem artista dos Funâmbulos. Daí o casamento de minha filha, como a senhora irá ver...

— Sabe onde mora o colchoeiro? — indagou Josefa.

— O velho Chardin? Mora em alguma parte? Vive bêbado desde as seis da manhã, faz um colchão por mês, passa o dia nos cafés imundos, jogando bilhar...

— Bem — disse Josefa —, mas Idamor anda pelo bulevar; com o auxílio do meu amigo Braulard será encontrado.

— Não sei, minha senhora, visto como tudo isso ocorreu há seis meses. Idamor é uma dessas pessoas que terminam indo para a Correção, depois para Melun<sup>[231]</sup> e depois... diabo!

— Às galés! — acrescentou Josefa.

— Ah! A senhora compreende tudo — declarou a velha Bijou, sorrindo. — Se minha filha não tivesse conhecido aquele tipo, seria... Mas ela teve sorte, apesar de tudo, a senhora me dirá, porque o sr. Grenouville se apaixonou por ela, a ponto de desposá-la...

— E como se fez esse casamento?

— Por causa do desespero de Olímpia, minha senhora. Quando ela viu que o rapaz a deixara pela jovem artista, em quem ela deu uma boa surra! Ah! Uma daquelas. Quando perdeu o velho Thoul, que a adorava, então quis renunciar aos homens. Aí, o sr. Grenouville, que vinha comprar muita coisa em nossa casa, duzentas echarpes da China, bordadas por trimestre, a quis consolar; mas, pelo sim, pelo não, ela só quis ouvi-lo na *mairie* e na igreja. “Quero ser honesta; do contrário, me mato!” E ela teve sorte. O sr. Grenouville concordou em desposá-la, com a condição de que ela renunciaria à nossa companhia, e nós concordamos...

— Mediante financiamento, não? — perguntou a perspicaz Josefa.

— Sim, minha senhora; dez mil francos e uma renda para o meu pai, que não pode mais trabalhar.

— Eu tinha pedido à sua filha que tornasse o velho Thoul feliz e ela o jogou na m... Não andou bem. Não me interessarei nunca mais por pessoa alguma. Está aí o que é fazer-se caridade! Decididamente, a caridade só é realmente boa como especulação! Olímpia devia pelo menos ter-me comunicado essa trapalhada! Se a senhora encontrar o

velho Thoul nestes quinze dias, dar-lhe-ei mil francos...

— É bem difícil, minha boa senhora, mas há muitas peças de cem sous em mil francos, e vou me esforçar para ganhar esse dinheiro...

— Adeus, sra. Bijou.

## CVI – O ANJO E O DEMÔNIO CAÇAM JUNTOS

Ao entrar no seu quarto de vestir, a cantora foi encontrar a sra. Hulot desmaiada; mas, apesar da perda dos sentidos, seu tremor nervoso ainda a fazia palpitar, como os pedaços de uma cobra cortada ainda se agitam. Sais violentos, água fresca, todos os recursos comuns que lhe foram prodigalizados chamaram a baronesa à vida, ou, se quiserem, ao sentimento de suas dores.

— Ah! Senhorita, até onde ele caiu! — murmurou ela, reconhecendo a cantora e vendo-se só com ela.

— Tenha coragem, minha senhora — respondeu Josefa, que se sentara numa almofada aos pés da baronesa, beijando-lhe as mãos. — Nós o encontraremos; se ele estiver na lama, então se limpará. Creia-me, para as pessoas bem-educadas, isso é apenas uma questão de trajes... Deixe-me reparar os meus erros em relação à senhora, pois vejo quanto é ligada ao seu marido, apesar de sua conduta, visto como veio aqui! Minha senhora, esse pobre homem gosta de mulheres... Pois bem, se a senhora, veja bem, tivesse um pouco de nosso chique, tê-lo-ia impedido de andar atrás das saias, porque a senhora teria sido o que sabemos ser: *todas as mulheres* para um homem. O governo devia criar uma escola de ginástica para as mulheres honestas. Mas os governos são tão bobos! São dirigidos por homens que nós dirigimos! Da minha parte, lamento os povos! Mas precisamos trabalhar pela senhora, e não rir... Pois bem! Fique tranquila, senhora; volte para casa, não se inquiete mais. Eu lhe restituirei o seu Heitor como ele era há trinta anos.

— Oh! Senhorita, vamos à casa dessa sra. Grenouville! — pediu a baronesa. — Ela deve saber alguma coisa; talvez eu veja o sr. Hulot ainda hoje e possa tirá-lo imediatamente da miséria, da vergonha...

— Senhora, demonstro antecipadamente o profundo reconhecimento que lhe ficarei a dever pela honra que me deu, não exibindo a cantora Josefa, amante do duque d'Hérouville, ao lado da mais santa imagem da virtude. Respeito-a bastante para não me mostrar ao seu lado. Isto não é humildade de comediante; é uma homenagem que lhe presto. A senhora me faz lamentar o fato de não seguir o seu caminho, apesar dos espinhos que lhe ensanguentam os pés e as mãos. Mas, que quer? Eu pertenço à arte, como a senhora pertence à virtude...

— Pobre menina! — exclamou a baronesa, comovida, em meio aos seus sofrimentos, levada por um singular sentimento de simpatia

comiserativa. — Pedirei a Deus pela sua alma, porque a senhora é vítima da sociedade, que tem necessidade de espetáculos. Quando a velhice chegar, faça penitência... E será bem acolhida, se Deus se dignar ouvir as preces de uma...

— De uma mártir, senhora — concluiu Josefa, beijando respeitosa e o vestido da baronesa.

Mas Adelina tomou a mão da cantora, puxou-a para si e beijou-a na testa. Corando de prazer, a cantora reconduziu Adelina até o carro, com as maneiras mais servis.

— Eis uma dama de caridade — disse o empregado à criada —, porque *ela* não trata ninguém assim, nem mesmo a sua boa amiga, a sra. Jenny Cadine!

— Espere alguns dias — disse Josefa — e, ou a senhora o verá, ou eu renegarei o Deus dos meus pais; para uma judia, veja bem, isso é prometer um êxito certo.

## CVII – OUTRO DEMÔNIO

No momento em que a baronesa entrava na casa de Josefa, Vitorino acolhia, em seu gabinete, uma senhora idosa, de cerca de setenta e cinco anos, a qual, para ser recebida pelo famoso advogado, fez uso do nome terrível do chefe da polícia de segurança.<sup>[232]</sup> O empregado anunciou:

— A senhora de Saint-Estève!<sup>[233]</sup>

— Usei um dos meus nomes de guerra — esclareceu ela, sentando-se.

Vitorino sentiu um íntimo temor, por assim dizer, ao defrontar-se com a horrorosa velha. Embora ricamente vestida, ela causava medo com os sinais de fria maldade que apresentava a sua cara chata, horripelmente enrugada, branca e musculosa. Marat, se fosse mulher e estivesse naquela idade, teria sido, como a sra. de Saint-Estève, uma imagem viva do Terror. A velha sinistra refletia nos pequenos olhos claros a cupidez sanguinária dos tigres. Seu nariz esborrachado, cujas narinas enormes, de buracos ovais, sopravam o fogo do inferno, lembrava o bico das piores aves de rapina. Os longos pelos de barba, crescidos ao acaso em todos os buracos do rosto, denunciavam a virilidade de seus projetos. Quem quer que visse essa mulher pensaria que todos os pintores tinham errado a cara de Mefistófeles.

— Caro senhor — disse ela, num tom protetor —, já não me envolvo em coisa alguma, há muito tempo. O que vou fazer pelo senhor é em consideração ao meu caro sobrinho, que eu amo ainda mais do que se fosse meu filho... Ora, o chefe de polícia, a quem o presidente do Conselho disse, a seu respeito, duas palavras no ouvido, conferenciando com o sr. Chapuzot, pensou que a polícia não devia

aparecer em nada num caso como este. Deram carta branca ao meu sobrinho, mas meu sobrinho se meterá nisso apenas dando-lhe um conselho: não deve comprometer-se...

— A senhora é tia de...?

— Sou, e disso tenho a minha ponta de orgulho — respondeu ela, cortando a palavra ao advogado —, porque ele é meu aluno, um aluno que rapidamente se tornou mestre... Estudamos o seu caso e o julgamos. O senhor nos dará trinta mil francos se o livrarmos de tudo isso? Eu liquido a coisa e o senhor só pagará quando o caso estiver resolvido...

— Conhece as pessoas?

— Não, meu caro senhor, espero as suas indicações. Disseram-nos: “Há um idiota dum velho que está nas mãos de uma viúva. Essa viúva de vinte e nove anos exerceu tão bem a sua profissão de ladra, que possui quarenta mil francos de renda tomados a dois pais de família. Está prestes, ainda, a engolir oitenta mil francos de renda, desposando um homem de sessenta e um anos; vai arruinar uma família honesta e dará essa imensa fortuna ao filho de algum amante, desembaraçando-se rapidamente de seu velho marido...”. Aí está o problema.

— É exato! — disse Vitorino. — Meu sogro, o sr. Crevel...

— Antigo perfumista, um *maire*; estou em sua circunscrição sob o nome de *Madame Nourrisson* — acrescentou ela.

— A outra pessoa é a sra. Marneffe.

— Não a conheço; mas dentro de três dias estarei em condições de contar suas camisas...

— Poderia impedir o casamento? — indagou o advogado.

— Em que pé está?

— Na segunda publicação.

— Seria preciso raptar a mulher. Hoje é domingo, só temos três dias, pois eles se casarão na quarta-feira; é impossível! Mas, para o senhor, bem que se pode matá-la...

Vitorino Hulot deu um salto de homem honesto ao ouvir essas palavras, pronunciadas com sangue-frio.

— Assassinar? — perguntou. — Como é que a senhora faria?

— Há quarenta anos, senhor, que nós substituímos o destino e fazemos tudo o que queremos em Paris — explicou ela, com formidável orgulho. — Muitas famílias, e gente do Faubourg Saint-Germain, me contam os seus segredos, ora veja! Já arranquei e desfiz muitos casamentos, rasguei muitos testamentos, salvei muitas honras! Guardo aqui — e apontou a cabeça — um rebanho de segredos que me dá trinta e seis mil francos de renda; e o senhor será um dos meus carneirinhos! Uma mulher como eu seria o que sou, se falasse sobre os seus meios?! Sei agir! Tudo o que acontecerá, meu caro senhor, será obra do acaso, e o senhor não terá o mais leve remorso. O senhor será como as pessoas

curadas pelos sonâmbulos; ao fim de um mês, eles creem que tudo foi obra da natureza.

Vitorino sentiu um suor frio. A cara do carrasco o impressionaria menos que essa irmã sentenciosa e pretensiosa das galés; vendo-lhe o vestido cor de borra de vinho, imaginou-a coberta de sangue.

— Minha senhora, não aceito o concurso de sua experiência e de sua atividade, se o êxito tem de custar a vida de alguém e se o menor fato criminoso se lhe segue.

— O senhor é uma perfeita criança! — respondeu a sra. de Saint-Estève. — O senhor quer conservar-se honesto a seus próprios olhos, mas deseja que o seu inimigo morra.

Vitorino fez um sinal de negação.

— Sim — prosseguiu a velha. — O senhor quer que a tal sra. Marneffe abandone a presa que já tem na goela. Como faria para que o tigre largasse o seu pedaço de boi? Seria colocando a mão nas costas dele e dizendo-lhe: *pchiuí, pchiuí!* O senhor não tem lógica. Determina um combate, mas não quer que haja feridas! Pois bem! Vou fazer-lhe presente dessa inocência que o senhor conserva no coração. Sempre vi na honestidade o estofo da hipocrisia! Um dia, dentro de três meses, um pobre padre virá pedir-lhe quarenta mil francos para uma obra pia, um convento em ruínas do Levante, no deserto! Se o senhor estiver contente com a sua sorte, dará os quarenta mil francos ao bom homem! Terá de entregar bem mais ao fisco! Será pouco, veja bem, em comparação com o que irá recolher.

Firmando-se nos largos pés, mal contidos nos sapatos de cetim, dos quais a carne transbordava, a velha cumprimentou-o com um sorriso e retirou-se.

— O diabo tem uma irmã — disse Vitorino, levantando-se.

E levou à porta a horrorosa desconhecida, que parecia ter saído dos antros da espionagem, como do porão da Ópera se ergue um monstro ao toque da vara de uma fada, numa cena de bailado.

Findo os seus trabalhos no Palácio de Justiça, Vitorino foi à casa do sr. Chapuzot, chefe de um dos mais importantes serviços da Chefatura de Polícia, com o objetivo de colher informações sobre a tal desconhecida.

## CVIII – A POLÍCIA

Ao ver o sr. Chapuzot sozinho em seu gabinete, Vitorino Hulot agradeceu-lhe a assistência:

— O senhor me enviou uma velha que poderia servir para personificar Paris, do ponto de vista criminal.

O senhor Chapuzot colocou os óculos sobre os papéis e fitou o advogado com um ar de espanto, respondendo-lhe:

— Eu não me permitiria mandar à sua presença quem quer que fosse sem prevenir o senhor, sem uma palavra de apresentação.

— Então, foi talvez o chefe de Polícia...

— Não acredito — disse Chapuzot. — O príncipe de Wissemburgo, na última vez que jantou na casa do ministro do Interior, esteve com o chefe de Polícia e falou-lhe a respeito da situação em que o senhor se encontra, uma situação deplorável; perguntou-lhe se se podia ir amigavelmente em seu socorro. O senhor chefe, vivamente interessado pela aflição que sua excelência revelou em relação a esse caso de família, teve a complacência de consultar-me sobre o assunto. Desde que o senhor chefe assumiu as rédeas desta administração, tão caluniada e tão útil, proibiu, logo de início, que se abordassem coisas da família. Em princípio, do ponto de vista moral, teve razão, mas na realidade errou. Há quarenta e cinco anos que estou na polícia; ela tem prestado imensos serviços às famílias, de 1799 a 1815. Depois de 1820, a imprensa e o governo constitucional transformaram inteiramente as condições de nossa existência. Assim, meu conselho foi no sentido de não nos ocuparmos deste caso, e o senhor chefe teve a bondade de concordar com as minhas observações. O chefe da polícia de segurança, na minha presença, recebeu ordem para não prosseguir; se por acaso o senhor recebeu alguém de sua parte, eu o repreenderei. Seria um caso para destituição. Disseram logo: “A polícia fará isso!”. A polícia, a polícia! Mas, meu caro senhor, o marechal, o Conselho de Ministros ignoram o que é a polícia. Só a polícia se conhece a si mesma. Os reis, Napoleão, Luís XVIII, conheciam os casos de sua polícia; mas a nossa só teve Fouché, o sr. Lenoir, o sr. de Sartines<sup>[234]</sup> e alguns chefes, homens de espírito que a adivinharam... Hoje, tudo está mudado. Estamos diminuídos, desarmados! Vi germinarem muitas infelicidades privadas que teria impedido com cinco escrúpulos de arbitrário. Sentirão pena de nós aqueles mesmos que nos demoliram, quando estiverem, como o senhor, diante de certas monstruosidades que precisaríamos poder limpar como quem limpa o lodo! No campo da política, a polícia é obrigada a prevenir tudo, quando se trata de saúde pública; mas a família é sagrada. Faria tudo para descobrir e impedir um atentado contra a vida do rei; tornaria transparentes as paredes de uma casa, mas pôr as garras nos lares, nos interesses privados... nunca, ao menos enquanto eu estiver neste gabinete, porque tenho medo...

— Medo do quê?

— Da imprensa, senhor deputado do centro-esquerda!

— Que devo fazer? — perguntou o filho de Hulot, depois de uma pausa.

— Bem, o senhor representa a família — continuou o chefe de divisão. — Já disse tudo, pode agir como entender, mas ir em auxílio do senhor, fazer da polícia um instrumento de paixões e interesses



privados, seria isso possível? Este, veja bem, é o segredo da perseguição necessária, que os magistrados julgaram ilegal, dirigida contra o predecessor de nosso atual chefe de segurança. Bibi-Lupin<sup>[235]</sup> colocava a polícia a serviço dos indivíduos. Isto ocultava um imenso perigo social! Com os meios de que dispunha, aquele homem teria sido formidável, teria sido uma subfatalidade...

— Mas, no meu lugar, que faria? — perguntou Hulot.

— Ora, o senhor me faz uma consulta, o senhor que as vende! — replicou o sr. Chapuzot. — Portanto, meu caro, o senhor está zombando de mim!

Hulot despediu-se do chefe de divisão e saiu, sem ver o imperceptível movimento de ombros que o funcionário deixou escapar, ao levantar-se para levar à porta o visitante.

“E esse homem quer ser um político!”, disse o sr. Chapuzot consigo mesmo, voltando aos seus relatórios.

## CIX – TRANSFORMAÇÃO DO VELHO THOUL EM THOREC

Vitorino voltou para casa, ocultando as suas perplexidades e sem poder comunicá-las a ninguém. Durante o jantar, a baronesa anunciou alegremente aos filhos que, dentro de um mês, o marido poderia partilhar do bem-estar da casa e acabar os seus dias tranquilamente no seio da família.

— Ah! Eu bem que daria os meus três mil e seiscentos francos de renda para ver o barão aqui! — exclamou Lisbeth. — Mas, minha boa Adelina, não imagine essas alegrias antecipadamente, é o que lhe peço!

— Lisbeth tem razão — declarou Celestina. — Minha querida mãe, espere que isso aconteça.

A baronesa, toda coração, toda esperança, contou a sua visita a Josefa, considerou aquelas pobres raparigas infelizes em sua felicidade, e falou a respeito de Chardin, o colchoeiro, pai do vigia do armazém de Orã, demonstrando assim que não se entregava a uma esperança falsa.

No dia seguinte pela manhã, às sete horas, Lisbeth estava num fiacre, no Quai de la Tournelle; e o fez parar na esquina da Rue de Poissy, dizendo ao cocheiro:

— Vá à Rue des Bernardines, à casa número 7, uma casa com alameda e sem porteiro. Suba ao quarto andar, toque a campainha da porta à esquerda, onde lerá: “Srta. Chardin, conserto de rendas e casimiras”. Aparecerá alguém. Pergunte pelo *cavalheiro*. Dirão: “Saiu”. Diga: “Bem o sei, mas vá procurá-lo, porque a *criada* dele está no cais, num fiacre, e quer vê-lo...”.

Vinte minutos depois, surgiu timidamente um velho, que parecia ter oitenta anos, com os cabelos inteiramente brancos, o nariz avermelhado pelo frio num rosto pálido e enrugado como o de uma

velha, andando com um passo trôpego, os pés metidos numas pantufas com cordões, encurvado, metido numa sobrecasaca de alpaca sem brilho, sem qualquer condecoração, deixando aparecer nos punhos as mangas de um casaco de tricô, e com a camisa de uma cor amarela, inquietante; olhando para o fiacre, reconheceu Lisbeth e veio até a portinhola.

— Ah! Meu caro primo — disse ela —, em que estado você se encontra!

— Elódia fica com tudo! — declarou o barão Hulot. — Esses Chardin são uma canalha imunda...

— Quer vir para a nossa companhia?

— Oh! Não, não! — disse o velho. — Eu queria ir para a América...

— Adelina está na sua pista...

— Ah! Se pudessem pagar minhas dívidas... — insistiu o barão, com um ar desconfiado. — Samanon me persegue.

— Ainda não conseguimos pagar os seus atrasados, seu filho ainda deve cem mil francos...

— Pobre rapaz!

— Sua pensão só será liberada dentro de sete a oito meses... Se quiser esperar, tenho uns dois mil francos!

O barão estendeu a mão com um gesto ávido, medonho.

— Dá-me, Lisbeth! Que Deus te recompense! Dá-me, que eu sei para onde irei!

— Mas você me dirá isso, velho monstro?

— Digo. Posso esperar oito meses, porque descobri um pequeno anjo, uma boa criatura, uma inocente, que ainda não tem bastante idade para estar depravada.

— Pense no júri — disse Lisbeth, que tinha esperança de ver Hulot, um dia, perante o júri.

— Ah! É na Rue de Charonne! — informou o barão Hulot. — Um bairro onde tudo acontece sem escândalo. Lá nunca me encontrarão. Lisbeth, eu me disfarçarei no velho Thorec, me tomarão por um antigo marceneiro; a pequena gosta de mim e eu não me deixarei mais enganar.

— Bem, está feito! — disse Lisbeth, observando-lhe a sobrecasaca. — E se eu o conduzisse até lá, primo?

O barão Hulot subiu no carro, abandonando a srta. Elódia sem dizer-lhe adeus, como se joga fora um romance lido.

Ao fim de meia hora, durante a qual o barão Hulot só falou da pequena Atala Judici — pouco a pouco, ele chegara às terríveis paixões que arruinam os velhos —, Lisbeth deixou o primo, munido de dois mil francos, na Rue de Charonne, no Faubourg Saint-Antoine, à porta de uma casa de fachada suspeita e ameaçadora.

— Adeus, primo; agora serás o velho Thorec, não é? Só me mande

moços de recados, escolhendo-os sempre em lugares diferentes.

— Está combinado. Oh! Sou muito feliz! — declarou o barão, cuja fisionomia se iluminara ante a alegria de uma futura felicidade inteiramente nova.

“Não o encontrarão aí”, disse Lisbeth, de si para si, fazendo parar o fiacre no Boulevard Beaumarchais; daí voltou de ônibus para a Rue Louis-le-Grand.

## CX – UMA CENA DE FAMÍLIA

No dia seguinte, Crevel foi anunciado em casa dos filhos, no momento em que toda a família se encontrava reunida, após o almoço. Celestina correu a jogar-se ao pescoço do pai e se comportou como se ele tivesse aparecido na véspera, embora fosse aquela a sua primeira visita, no curso de dois anos.

— Bom-dia, meu pai! — disse Vitorino, estendendo-lhe a mão.

— Bom-dia, meus filhos! — disse o importante Crevel. — Senhora baronesa, ponho a seus pés as minhas homenagens. Meu Deus! Como essas crianças crescem! Elas nos veem e nos dizem: “Vovô, quero um lugar ao sol!”. Senhora condessa, a senhora continua a ser sempre admiravelmente bela! — acrescentou, fitando Hortênsia. — Bem, eis o resto de nossos escudos, minha prima Bete, a virgem prudente. Vocês todos estão muito bem aqui... — observou, depois de ter partilhado as suas frases com cada um dos presentes, fazendo-as acompanhar-se de fortes risadas que dificilmente agitavam a massa rubicunda de sua cara larga.

Crevel examinou a sala da filha com uma espécie de desdém:

— Minha querida Celestina, eu te dou toda a minha mobília da Rue des Saussayes; ficará bem aqui. A tua sala precisa ser renovada... Ah! Eis aí o engraçadinho do Venceslau! Então, estão bem comportados, esses garotos? É preciso ter bons hábitos.

— Para aqueles que não os têm — comentou Lisbeth.

— Estas palavras sarcásticas, minha cara Lisbeth, já não me ferem mais. Vou pôr termo à falsa posição em que me encontrava há muito tempo, meus filhos; e como bom pai de família venho anunciar-lhes o meu casamento, bem simploriamente.

— O senhor tem o direito de casar-se — declarou Vitorino. — Da minha parte, eu lhe restituo a palavra que me deu, quando me concedeu a mão de Celestina...

— Que palavra? — perguntou Crevel.

— A de não casar-se — respondeu o advogado. — O senhor me fará a justiça de confessar que eu não lhe pedi esse compromisso e que o senhor o tomou voluntariamente, contra a minha vontade, visto como naquela época lhe fiz observar que o senhor não devia comprometer-se

assim.

— Sim, lembro-me disso, meu caro amigo — disse Crevel, envergonhado. — Mas, por Deus, esperem um pouco... Meus queridos filhos, se vocês quiserem viver em harmonia com a sra. Crevel, não terão de que se arrepender... Sensibiliza-me a sua delicadeza, Vitorino... Não se é impunemente delicado comigo. Vejamos, que diabo! Acolham bem sua madrastra, venham ao meu casamento!

— O senhor não nos diz, papai, quem é a sua noiva? — perguntou Celestina.

— Mas este é o segredo da comédia — continuou Crevel. — Não brinquemos de esconder! Lisbeth já deve ter-lhes dito...

— Meu caro sr. Crevel — interrompeu a lorena —, há nomes que não se pronunciam aqui...

— Pois bem, é Valéria!

— Sr. Crevel — falou o advogado em tom severo —, nem eu nem minha mulher assistiremos a esse casamento, não por motivos de interesse, pois lhe falei há pouco, com sinceridade. Eu me sentiria muito feliz por saber que o senhor encontraria a felicidade nessa união; mas estou tolhido por considerações de honra e de delicadeza, que o senhor deve compreender e que eu não devo referir, porque viriam reabrir feridas que ainda estão aqui sangrando...

A baronesa fez um sinal à condessa, que, tomando o filho nos braços, disse-lhe:

— Vamos, vai tomar teu banho, Venceslau! Adeus, sr. Crevel!

A baronesa cumprimentou Crevel em silêncio, e Crevel não pôde deixar de sorrir ao perceber o espanto do garoto quando se viu sob a ameaça de um banho inesperado.

— O senhor desposará uma mulher que tem os despojos de meu pai e que friamente o levou até onde ele se encontra — exclamou o advogado, quando se encontrou a sós com Lisbeth, sua mulher e o sogro —; uma mulher que vive com o genro depois de ter arruinado o sogro; que causa desgostos mortais à minha irmã... E o senhor pensa que nos verá sancionando a sua loucura com a minha presença? Lamento sinceramente a sua sorte, meu caro sr. Crevel! O senhor não tem o sentido da família, não compreende a solidariedade de honra que liga, no seio da família, os seus diferentes membros. As paixões não aceitam lições (quanto a isso, sei demais, infelizmente). As pessoas apaixonadas são tão surdas quanto cegas. Sua filha Celestina tem bastante compreensão de seus deveres para lhe dizer uma só palavra de censura.

— Isso seria bonito! — disse Crevel, tentando interromper essa reprimenda.

— Celestina não seria minha mulher se lhe fizesse uma só observação — continuou o advogado. — Mas, eu, não; posso tentar detê-

lo antes que meta o pé no precipício, sobretudo depois de lhe haver dado provas de meu desinteresse. Não é sua fortuna que me preocupa; preocupo-me com o senhor... E para esclarecer o senhor a respeito de meus sentimentos, posso acrescentar, quando mais não seja para dar-lhe tranquilidade relativamente ao seu futuro contrato de casamento, que a minha situação financeira é de tal sorte que nada temos a desejar...

— Graças a mim! — exclamou Crevel, cuja fisionomia se tornara arroxeada.

— Graças à fortuna de Celestina — respondeu o advogado. — E se o senhor se arrepende de ter dado à sua filha, como um dote de sua parte, uma importância que não representa a metade do que lhe deixou a mãe, estamos prontos a restituí-la...

— Senhor meu genro — disse Crevel, pondo-se em posição —, sabe que, dando eu o meu nome à sra. Marneffe, ela só deve responder pela sua conduta, perante a sociedade, na qualidade de sra. Crevel?

— Isso talvez seja muito fidalgo — declarou o advogado —; é generoso quanto às coisas do coração, aos descartes da paixão; mas não conheço nome, nem leis, nem títulos que possam acobertar o roubo de trezentos mil francos ignobilmente arrancados a meu pai! Digo-lhe claramente, meu caro sogro, que a sua futura mulher é indigna do senhor; digo-lhe que ela engana o senhor e que está loucamente apaixonada pelo meu cunhado Steinbock, cujas dívidas pagou...

— Fui eu quem as pagou!

— Está bem — continuou o advogado —, estou contente por isso, como se fosse eu o conde Steinbock, pois assim ele um dia poderá pagar essa dívida; mas ele é amado, muito amado, muitas vezes amado...

— É amado! — exclamou Crevel, cuja fisionomia denunciava uma geral transformação. — Nada mais fácil, mais imundo, mais baixo, mais comum que caluniar uma mulher! Quando se dizem essas coisas, se deve provar...

— Darei provas.

— E eu as espero!

— Depois de amanhã, meu caro sr. Crevel, eu lhe direi o dia, a hora, o momento em que estarei em condições de revelar a espantosa depravação de sua futura esposa...

— Muito bem, terei muito prazer nisso — declarou Crevel, recuperando o sangue-frio. — Adeus, meus filhos, até a vista. Adeus, Lisbeth...

— Acompanhe-o, Lisbeth — disse Celestina, ao ouvido da prima Bete.

— Então é assim que vai embora? — perguntou Lisbeth a Crevel.

— Ah! — disse-lhe Crevel. — Meu genro tornou-se muito forte, está feito! O palácio, a Câmara, a manha judiciária e a manha política fizeram dele um sabido. Ora, ele sabe que me caso na próxima quarta-feira, e hoje, domingo, esse cavalheiro propõe dizer-me, dentro de três dias, em que época me demonstrará que minha mulher é indigna de mim... Não é inábil, ele! Volto para assinar o contrato. Vamos, venha comigo, Lisbeth, venha! Eles não saberão nada! Eu queria deixar quarenta mil francos de renda para Celestina; mas Hulot acaba de comportar-se de maneira a perder para sempre a minha simpatia.

— Dê-me dez minutos, Crevel, espere-me no carro, na porta, pois eu vou arranjar um pretexto para sair.

— Está bem, está combinado...

— Meus amigos — disse Lisbeth, que encontrou a família reunida na sala —, vou sair com Crevel; o contrato será assinado esta noite, e eu poderei dizer-lhes quais são as suas disposições. Será possivelmente a minha última visita àquela mulher. Seu pai está furioso. Vai deserdar vocês...

— A vaidade o impedirá de fazer isso — respondeu o advogado. — Ele quis possuir a terra de Presles e a guardará, bem o conheço. Mesmo que ele venha a ter filhos, Celestina receberá, de qualquer modo, a metade do que ele deixará, a lei o impede de doar toda a sua fortuna... Mas essas questões não me interessam nada, pois só penso em nossa honra. Vá, prima — disse, apertando a mão de Lisbeth —, ouça bem os termos do contrato.

## CXI – OUTRA CENA DE FAMÍLIA

Vinte minutos depois, Lisbeth e Crevel entraram no palacete da Rue Barbet, onde a sra. Marneffe esperava com uma doce impaciência o resultado dos entendimentos que determinara. Valéria apaixonara-se, afinal, por Venceslau, dominada por aquele prodigioso amor que, uma vez na vida, aperta o coração das mulheres. E o artista falhado tornou-se, nas mãos da sra. Marneffe, um amante tão perfeito que era para ela o que ela fora para o barão Hulot. Valéria tinha numa das mãos as suas pantufas e a outra entre as mãos de Steinbock, em cujo ombro repousava a cabeça. As conversas de assuntos cambiantes que vinham mantendo desde a partida de Crevel são como essas enormes obras literárias de nosso tempo, no frontispício das quais se lê: *Reprodução proibida*. Essa obra-prima de poesia íntima trouxe naturalmente uma queixa aos lábios do artista, expressa com certo amargor:

— Ah! É pena que eu seja casado! Se eu houvesse esperado, como o dizia Lisbeth, hoje poderia desposar-te.

— É preciso ser polonês para desejar fazer de uma devotada amante a sua esposa! — exclamou Valéria. — Trocar o amor pelo dever, o prazer pelo tédio!

— Sei que és muito caprichosa! — respondeu Steinbock. — Não te ouvi conversando com Lisbeth sobre o barão Montes, o tal do brasileiro?

— Queres me desembaraçar dele? — perguntou Valéria.

— Seria o único meio de te impedir de vê-lo — respondeu o ex-escultor.

— Saiba, meu querido, que eu o reservava para marido, pois eu te digo tudo! As promessas que fiz a esse brasileiro... Bem, muito antes de

te conhecer — acrescentou Valéria, respondendo a um gesto de Venceslau. — Pois bem, as promessas, de que ele se arma para me atormentar, me obrigam a me casar quase secretamente; porque, se ele sabe que me caso com Crevel, é capaz de... capaz de me matar...

— Oh! Quanto a esse receio, não! — disse Steinbock, com um gesto de desdém, dando a entender que aquele perigo devia ser insignificante para uma mulher amada por um polonês.

Note-se que, em matéria de bravura, não há a menor fanfarronada nos poloneses, que são, realmente, seriamente bravos.

— E esse imbecil do Crevel, que quer dar uma festa e que se entrega a extravagâncias de fausto econômico a propósito de meu casamento, põe-me num embaraço do qual não sei como sair!

Poderia Valéria confessar a quem adorava que o barão Henrique Montes, após a despedida do barão Hulot, herdara o privilégio de ir à sua casa a qualquer hora da noite e que, apesar de sua habilidade, ainda estava para encontrar um motivo de desavença, cuja culpa o brasileiro julgasse caber-lhe? Ela conhecia muito bem o temperamento quase selvagem do barão, o qual se assemelhava ao de Lisbeth; conhecia-o bastante para deixar de tremer ao pensar nesse Mouro do Rio de Janeiro.<sup>[236]</sup>

Ao ouvir o rodar do carro, Steinbock deixou Valéria, que ele abraçava pela cintura, e tomou um jornal, na leitura do qual foram encontrá-lo absorvido. Valéria bordava, com minuciosa atenção, umas pantufas para o futuro esposo.

— Como a caluniam! — disse Lisbeth ao ouvido de Crevel no limiar da porta, apontando-lhe o quadro. — Veja-lhe o penteado! Está desfeito? A acreditar em Vitorino, você deveria surpreender os dois pombinhos no ninho.

— Minha cara Lisbeth — respondeu Crevel, em posição —, veja bem, para fazer de uma Aspásia uma Lucrécia,<sup>[237]</sup> basta inspirar-lhe uma paixão!

— Não lhe disse sempre que as mulheres gostam dos libertinos gorduchos como você? — disse Lisbeth.

— Aliás, ela seria muito ingrata — continuou Crevel. — Sabe quanto dinheiro gastei aqui? Só Grindot e eu sabemos...

E subiu a escada.

No arranjo do palacete, que Crevel olhava como se fosse seu, Grindot tentara lutar com Cleretti,<sup>[238]</sup> o arquiteto da moda, a quem o duque d'Hérouville confiara a casa de Josefa. Mas Crevel, incapaz de compreender as artes, quisera, como todos os burgueses, despender uma soma fixa, previamente estabelecida. Preso por um orçamento, Grindot ficou impossibilitado de realizar o seu sonho de arquiteto. A diferença existente entre o palacete de Josefa e o da Rue Barbet era a que existe entre a personalidade das coisas e sua vulgaridade. O que se



admirava na casa de Josefa não se via noutra parte; o que brilhava na de Crevel podia ser comprado em toda parte. Esses dois luxos são separados um do outro pelo rio do milhão. Um espelho único custa seis mil francos, o espelho inventado por um fabricante que o explora custa quinhentos francos. Um lustre autêntico de Boule alcança, na venda pública, três mil francos; o mesmo lustre feito com molde poderá ser fabricado por mil e duzentos francos; um é em arqueologia o que é, em pintura, um quadro de Rafael, e o outro a sua cópia. Em quanto se avalia uma cópia de Rafael? O palacete de Josefa era o mais belo modelo de moradia de uma artista.

— Teremos a guerra — disse Crevel, dirigindo-se à futura esposa.

A sra. Marneffe fez soar a campainha.

— Vá procurar o sr. Berthier — disse ela ao empregado — e não volte sem ele.

E abraçando Crevel:

— Se você houvesse alcançado êxito, meu velho, teríamos retardado a minha felicidade e daríamos uma festa surpreendente; mas, se toda uma família se opõe a um casamento, meu amigo, manda a decência que esse casamento se realize sem estardalhaço, sobretudo quando a noiva é viúva.

— Eu, ao contrário, quero ostentar um luxo à Luís XIV — declarou Crevel, que desde algum tempo julgava pequeno o século XVIII.<sup>[239]</sup> Encomendei carros novos: há o carro do marido e o da mulher, dois belos cupês, uma caleça, uma berlinda de gala com um assento soberbo que estremece como a sra. Hulot.

— Ah! *Eu quero?* Então, não és mais meu cordeiro? Não. Minha corça, farás o que eu quero. Vamos assinar nosso contrato na intimidade, esta noite. Depois, na quarta-feira, casar-nos-emos oficialmente, como tanta gente se casa, às escondidas. Iremos a pé, modestamente vestidos, até a igreja e aí assistiremos a uma missa comum. Nossas testemunhas serão Stidmann, Steinbock, Vignon e Massol, todas pessoas de espírito, que se encontrarão na *mairie* como por acaso e que, por nós, farão o sacrifício de ouvir uma missa. O teu colega casar-nos-á, por exceção, às nove horas da manhã. A missa é às dez e estaremos aqui às onze e meia para almoçar. Prometi aos nossos convidados que só nos levantaríamos da mesa à noite... Teremos conosco Bixiou, teu antigo camarada de birotteria,<sup>[240]</sup> Du Tillet, Lousteau, Vernisset, Leão de Lora, Vernou, a flor das pessoas de espírito, que ignorarão o nosso casamento; nós os enganaremos, nos embriagaremos um pouquinho, e Lisbeth também; quero que ela aprenda o que é um casamento. Bixiou deve fazer-lhe propostas e... desasná-la.

Durante duas horas, a sra. Marneffe disse umas loucuras que levaram Crevel a fazer esta judiosa reflexão: “Como poderia uma mulher

tão engraçada ser depravada? Brincalhona, sim, mas perversa, não!”.

— Que é que teus filhos disseram de mim? — perguntou Valéria a Crevel, num momento em que o teve a seu lado, na poltrona. — Disseram horrores, não foi?

— Eles julgam que amas Venceslau de maneira criminosa, tu, que és a própria virtude!

— É claro que o amo, meu caro Venceslau! — exclamou Valéria, chamando o artista, tomando-lhe a cabeça e beijando-o na testa. — Pobre rapaz sem arrimo, sem fortuna, desdenhado por uma girafa cor de cenoura! Que queres, Crevel?! Venceslau é o meu poeta e o amo abertamente como se fosse meu filho! Essas mulheres virtuosas veem o mal em tudo e por toda parte. Ah! Então não poderiam elas ficar ao pé de um homem sem agir mal? Eu sou como as crianças mimadas a quem nunca se recusou nada: as balas não me causam mais nenhuma emoção. Pobres mulheres, como tenho pena delas! E quem é que falava mal de mim assim?

— Vitorino — declarou Crevel.

— Então, por que não fechaste o bico desse papagaio judiciário com os duzentos mil francos da mamãe?

— Ah! A baronesa fugiu — informou Lisbeth.

— Eles devem saber de uma coisa, Lisbeth — disse a sra. Marneffe, franzindo as sobrancelhas. — Ou me recebem na casa deles, e muito bem, e virão à casa da madrastra, todos eles, ou os porei (podem dizer isso a eles, da minha parte) em situação ainda pior que a do barão... No fim de tudo, quero ser má! Palavra de honra, creio que o mal é a foice com que se põe o bem em ordem.

## **CXII – EFEITO DE CHANTAGEM**

Às três horas, o tabelião Berthier, sucessor de Cardot, leu o contrato de casamento, depois de curta conferência com Crevel, pois alguns artigos dependiam da resolução que tomasse o jovem casal Hulot. Crevel transmitia à futura esposa uma fortuna assim composta: 1º, quarenta mil francos de renda, cujos títulos eram discriminados; 2º, o palacete e toda a mobília que continha; 3º, três milhões de francos em dinheiro. Por outro lado fazia à futura esposa todas as doações permitidas por lei; e, no caso de não terem filhos, os cônjuges deixariam um ao outro quando morressem a universalidade de seus bens, móveis e imóveis. Este contrato reduzia a fortuna de Crevel a dois milhões de capital. Se viesse a ter filhos da nova mulher, restringiria a parte de Celestina a quinhentos mil francos, em virtude do usufruto de sua fortuna concedido a Valéria. Era aproximadamente a nona parte de sua fortuna atual.

Quando Lisbeth foi jantar na Rue Louis-le-Grand, tinha o desespero

estampado na face. Explicou e comentou o contrato de casamento encontrando Celestina insensível, tanto quanto Vitorino, em face da desastrosa notícia.

— Vocês irritaram seu pai, meus filhos! — disse Lisbeth. — A sra. Marneffe jurou que vocês receberiam em sua casa a esposa do sr. Crevel e que vocês iriam à casa dela.

— Nunca! — declarou Celestina.

— Nunca! — repetiu Hulot.

— Nunca! — exclamou Hortênsia.

Lisbeth foi tomada pelo desejo de vencer a atitude soberba de todos os Hulot.

— Ela parece ter armas contra vocês! — insistiu. — Não sei ainda de que se trata, mas conseguirei saber... Ela falou vagamente numa história de duzentos mil francos, a respeito de Adelina.

A baronesa Hulot estendeu-se molemente no divã em que se encontrava, presa de horrorosas convulsões.

— Vão lá, meu filhos! — exclamou a baronesa. — Recebam essa mulher! O sr. Crevel é um infame, merece o último suplício... Obedeçam a essa mulher... Ah! É um monstro! *Ela sabe tudo!*

Depois de pronunciar estas palavras, por entre lágrimas e soluços, a sra. Hulot fez um esforço para subir aos seus aposentos, apoiada no braço da filha e no de Celestina.

— Que é que quer dizer tudo isso? — indagou Lisbeth, quando ficou a sós com Vitorino. De pé, numa estupefação muito concebível, o advogado nem ouviu Lisbeth.

— Que tens, meu caro Vitorino?

— Estou assombrado! — declarou o advogado, cuja fisionomia se tornara ameaçadora. — Ai de quem mexer com mamãe, então já não tenho mais escrúpulos! Se eu pudesse, esmagaria essa mulher como se esmaga uma víbora... Ah! Ela ataca a vida e a honra de mamãe!

— Ela disse, mas não repita isso, meu caro Vitorino, ela disse que os poria em situação pior do que a do seu pai... Censurou vivamente Crevel por não lhe ter tapado a boca com o segredo que tanto parece alarmar Adelina.

Mandaram chamar um médico, porque piorara o estado de saúde da baronesa. O médico receitou uma poção com bastante ópio; depois de tomá-la, Adelina caiu num sono profundo; mas toda a família estava tomada do mais vivo terror.

No dia seguinte, muito cedo, o advogado saiu para o palácio e passou pela Chefatura de Polícia, pedindo a Vautrin, chefe de segurança, que mandasse a sra. de Saint-Estève falar com ele.

— Não nos é permitido cuidar do seu caso, senhor, mas a sra. de Saint-Estève faz negócios particulares e está às suas ordens — respondeu o famoso chefe.

De regresso à casa, o pobre advogado soube que se temia pela razão de sua mãe.

O dr. Bianchon, o dr. Larabit e o professor Angard,<sup>[241]</sup> reunidos em conferência, acabavam de resolver o emprego dos recursos extremos para fazer descer o sangue que subira à cabeça da enferma.

No momento em que Vitorino ouvia o dr. Bianchon, que lhe expunha circunstanciadamente as razões que tinha para esperar que se vencesse a crise, embora seus confrades estivessem desesperançados disso, o criado veio anunciar ao advogado a presença de sua cliente, a sra. de Saint-Estève. Vitorino deixou Bianchon no meio de uma frase e desceu a escada com uma rapidez de louco.

— Haverá nesta casa um princípio de loucura contagiosa? — perguntou Bianchon, voltando-se para Larabit.

Os médicos saíram, deixando um residente incumbido de prestar assistência à sra. Hulot.

— Toda uma vida virtuosa! — era a única frase que a enferma pronunciava, depois da catástrofe.

Lisbeth não deixava a cabeceira de Adelina, velando-a sem descanso; as duas jovens a admiravam por isso.

— Então, minha cara sra. de Saint-Estève! — disse o advogado, introduzindo a horrorosa velha em seu gabinete e fechando cuidadosamente as portas. — Em que pé estamos?

— Então, meu caro amigo! — disse ela fitando Vitorino com um olhar friamente irônico. — Já pensou bem?

— A senhora agiu?

— O senhor dará os cinquenta mil francos?

— Dou — respondeu Hulot filho —, porque é preciso agir. Sabe que, com uma só frase, a tal mulher pôs em perigo a razão de minha mãe? Portanto, ao trabalho!

— Já comecei a trabalhar! — replicou a velha.

— Então? — indagou Vitorino, convulsivamente.

— Bem, não vai liquidar as contas?

— Ao contrário.

— É que já fiz despesas no valor de vinte e três mil francos.

Hulot filho fitou a sra. de Saint-Estève com um ar imbecil.

— E esta! O senhor será algum palerma, o senhor, que é um dos luminares do Palácio? — perguntou a velha. — Temos em troca dessa importância uma consciência de empregada e um quadro de Rafael; não é caro...

Hulot continuava espantado, com os olhos arregalados.

— Pois bem — continuou a Saint-Estève —, nós compramos a srta. Reina Tousard, a mulher para quem a sra. Marneffe não tem segredos...

— Compreendo...

— Se o senhor acha demais, diga!

— Eu pagarei em confiança — respondeu Vitorino. — Minha mãe me disse que tais pessoas mereciam os maiores suplícios...

— O suplício da roda não existe mais — declarou a velha.

— A senhora me garante êxito?

— Deixe-me agir. A sua vingança está cozinhando.

Dizendo isso, a velha olhou para o relógio de pêndulo, que marcava seis horas.

— A sua vingança está se vestindo, os fornos do Rocher de Cancale<sup>[242]</sup> estão acesos, os cavalos dos carros escarvam o solo, meus ferros estão esquentando. Ah! Conheço de cor a sua sra. Marneffe. Está tudo cozinhando. Há almôndegas na ratoeira; amanhã lhe direi se a rata se envenenará. Creio que sim. Adeus, meu filho.

— Adeus, minha senhora.

— Sabe inglês?

— Sei.

— Já viu representar *Macbeth*, em inglês?

— Já.

— Pois bem, meu filho, serás rei,<sup>[243]</sup> quer dizer, receberás a herança! — declarou a horrível bruxa, antevista por Shakespeare e que parecia conhecer Shakespeare.

E deixou Hulot pregado à porta de seu gabinete.

— Não se esqueça de que é para amanhã o recurso! — disse graciosamente como consumada litigante. A velha viu que chegavam duas pessoas e queria passar por uma condessa de Pimbèche.<sup>[244]</sup> “Que garbo”, pensou Hulot, cumprimentando a sua falsa cliente.

### CXIII – COMBABO

O barão Montes de Montejanos era um leão, mas um leão inexplicado. A Paris elegante, a do turfe e das cortesãs, admirava os coletes inefáveis desse estrangeiro, suas botinas de um verniz brilhante, seus cavalos invejados, sua carruagem conduzida por negros perfeitamente escravos e muito bem batidos. Era conhecida a sua fortuna, tinha um crédito de setecentos mil francos aberto na casa do célebre banqueiro Du Tillet; mas sempre o viam sozinho. Se ia às estreias, no teatro, era para uma cadeira reservada de primeira fila. Não frequentava nenhum salão. Nunca dera o braço a uma cortesã.

Não se podia ligar seu nome ao de nenhuma linda mulher da sociedade. Seu passatempo era jogar uíste no Jockey Club. Seus conhecidos viam-se forçados a caluniar-lhe os hábitos, ou, o que parecia infinitamente mais engraçado, a pessoa: chamavam-no Combabo!<sup>[245]</sup> Bixiou, Leão de Lora, Lousteau, Florina, a srta. Brisetout e Nathan, ceando uma noite em casa da ilustre Carabina, com muitos leões e leões do meio, haviam inventado essa explicação, excessivamente

burlesca. Massol, na sua qualidade de conselheiro de Estado, e Cláudio Vignon, na de antigo professor de grego, contaram às cortesãs ignorantes a famosa anedota, narrada na *História Antiga* de Rollin,<sup>[246]</sup> a respeito de Combabo, esse Abelardo<sup>[247]</sup> voluntário incumbido de vigiar a mulher de um rei da Assíria, Pérsia, Bactriana, Mesopotâmia e outros departamentos da geografia particular do velho professor do Bocage que continuou a obra de D'Anville, o criador do antigo Oriente.<sup>[248]</sup> O apelido, que fez rir, durante um quarto de hora, os convivas de Carabina, foi pretexto para uma série de pilhérias muito livres numa obra a que a Academia poderia não dar o prêmio Montyon, mas no meio das quais sobressaía o nome que se fixou na juba espessa do barão que Josefa chamava de *magnífico brasileiro*, como se diz um *magnífico catoxantha!*<sup>[249]</sup>

Carabina, a mais ilustre das cortesãs, aquela cuja fina beleza e cujos ditos espirituosos haviam tirado o cetro da décima terceira circunscrição das mãos da srta. Turquet, mais conhecida sob o nome de *Málaga* — a srta. Serafina Sinet (este era o seu verdadeiro nome) era para o banqueiro Du Tillet o que Josefa Mirah era para o duque d'Hérerville.

Ora, na manhã do mesmo dia em que a velha Saint-Estève profetizava o êxito de Vitorino, Carabina dissera a Du Tillet, às sete horas da manhã:

— Se fosses amável levar-me-ias para jantar no Rocher de Cancale e levarias Combabo; queremos saber, afinal, se ele tem uma amante... Eu apostei que ele tem e quero ganhar...

— Ele está sempre no Palácio dos Príncipes, passarei por lá — respondeu Du Tillet. — Vamos nos divertir. Reúna todos os nossos rapazes: o Bixiou, o Lora,<sup>[250]</sup> enfim, todo o nosso grupo!

Às sete e meia, no mais belo salão do apartamento onde toda a Europa jantou, brilhava sobre a mesa um magnífico serviço de prataria feito expressamente para os jantares onde a vaidade pagava contas em cédulas do banco. Torrentes de luz produziam reflexos na borda das cinzeladuras. Garçons que um homem do interior tomaria por diplomatas, se não fosse a idade, mantinham-se sérios como pessoas que se sabem muito bem pagas.

Cinco convidados já haviam chegado e esperavam outros nove. O primeiro era Bixiou, o sal de toda a cozinha intelectual, ainda de pé em 1843, com uma armadura de pilhérias sempre novas, fenômeno tão raro em Paris quanto a virtude. Depois, Leão de Lora, então o maior pintor de paisagem e de marinha, o qual mantinha sobre todos os rivais a vantagem de nunca se encontrar abaixo de seus trabalhos de estreia.

As cortesãs não podiam passar sem esses dois reis do trocadilho. Sem eles não havia ceia, nem jantar, nem reunião.

Serafina Sinet, ou seja, Carabina, na sua qualidade de amante titular

do anfitrião, fora uma das primeiras a aparecer, e fazia resplandecerem sob as torrentes de luz suas espáduas sem rivais em Paris, um pescoço torneado como por um torneador, sem uma ruga, sua fisionomia impertinente e seu vestido de cetim, bordado, azul sobre azul, enfeitado com rendas da Inglaterra em quantidade suficiente para, com o seu resultado, nutrir uma aldeia durante um mês.

A linda Jenny Cadine, que não representava em seu teatro e cujo retrato já é por demais conhecido para que se deva, a seu respeito, dizer mais alguma coisa, chegou, com um vestido de fabulosa riqueza.

Uma reunião é sempre, para essas damas, um Longchamp<sup>[251]</sup> de vestidos, no qual cada uma delas quer obter um prêmio para o seu milionário, dizendo assim às suas rivais: “Eis o meu preço!”.

Uma terceira mulher, sem dúvida no início de sua carreira, observava, quase com acanhamento, o luxo das duas colegas bem mantidas e ricas. Envergando com simplicidade um vestido de casimira branca enfeitado de passamanarias azuis, fora penteada e enfeitada com flores por um cabeleireiro do tipo medíocre, cuja mão inábil dera, sem saber, os encantos da ingenuidade a uns adoráveis cabelos louros. Ainda constrangida em seu vestido, exibia a timidez peculiar às estreias. Ela chegara de Valognes para colocar em Paris um frescor desesperante, uma candura de excitar o desejo de um moribundo e uma beleza digna de todas aquelas que a Normandia já forneceu aos diferentes teatros da capital. Os traços de seu rosto intato apresentavam o ideal da pureza dos anjos. Sua alvura láctea refletia tão bem a luz, que se diria ser um espelho. Suas cores delicadas tinham sido postas nas faces como com um pincel. Chamava-se Cidalisa.<sup>[252]</sup> Era, como se vai ver, um peão necessário na partida que a sra. Nourrisson jogava contra a sra. Marneffe.

— Não tens o braço de teu nome, minha filha — dissera Jenny Cadine, a quem Carabina apresentara essa obra-prima de dezesseis anos, levada por ela.

Com efeito, Cidalisa oferecia à admiração pública belos braços de um tecido apertado, granulado, mas avermelhado por um sangue magnífico.

— Quanto vale ela? — indagou Jenny Cadine, baixinho, a Carabina.

— Uma herança.

— Que queres fazer com ela?

— Ora, a sra. Combabo!

— E quanto te dão para realizar esse negócio?

— Adivinhe.

— Uma bela prataria.

— Já tenho três.

— Diamantes?

— Tenho bastante para vender...

- Um macaco verde?
- Não, um quadro de Rafael!
- Que rato anda pela tua cabeça?

— Josefa está me amolando com os seus quadros — respondeu Carabina —, e eu quero ter quadros mais bonitos que os dela...

Du Tillet trouxe o herói do jantar, o brasileiro; acompanhava-os o duque d'Hérouville com Josefa. A cantora trajava um vestido simples de veludo; mas em seu pescoço brilhava um colar de cento e vinte mil francos, de pérolas que mal se distinguiam sobre sua pele de camélia alva. Ela introduziu em suas tranças pretas apenas uma camélia vermelha de espantoso efeito, como sinal de coquetismo. Divertira-se colocando em cada pulso onze pulseiras de pérolas. Quando foi apertar a mão de Jenny Cadine, esta lhe disse:

— Queres emprestar-me as tuas mitenes? — Josefa tirou suas pulseiras e ofereceu-as, numa bandeja, à amiga.

— Que espírito! — disse Carabina. — É preciso ser duquesa! Quantas pérolas!

E voltando-se para o pequeno duque d'Hérouville:

— O senhor furtou o mar para enfeitá-la, senhor duque?

A atriz tomou uma única pulseira, colocou as vinte outras nos belos braços da cantora e aí depositou um beijo.

Lousteau, o papa-jantares literário, La Palférine e Málaga, Massol e Vauvinet, Teodoro Gaillard,<sup>[253]</sup> um dos proprietários de um dos mais importantes jornais políticos, eram os outros convidados. O duque d'Hérouville, polido com toda a gente como um fidalgo, teve para o conde de La Palférine aquele cumprimento particular, que, sem denunciar estima ou intimidade, parece dizer a todo mundo: “Nós somos da mesma família, da mesma raça, nós nos equivalemos!”. Este cumprimento, o *xibolet*<sup>[254]</sup> da aristocracia, foi criado para desespero das pessoas de espírito da alta burguesia.

Carabina colocou Combabo à sua esquerda e o duque d'Herouville à sua direita. Cidalisa ladeou o brasileiro e Bixiou foi posto ao lado da normanda. Málaga ficou ao lado do duque.

#### CXIV – UM JANTAR DE CORTESÃS

Às sete horas, comeram as ostras. Às oito, entre os dois serviços, beberam o ponche gelado. Todo o mundo conhece o cardápio desses festins. Às nove horas, tagarelavam como se tagarela após quarenta e duas garrafas de vinhos diferentes bebidas por catorze pessoas. Serviam a sobremesa, a horrorosa sobremesa do mês de abril.<sup>[255]</sup> Essa atmosfera capitosa só perturbara a normanda, que cantava uma canção de Natal. Afora essa pobre moça, ninguém perdera o juízo; os bebedores, as mulheres eram a nata dos ceadores de Paris. Riam os espíritos, e os



olhos, se bem que mais brilhantes, mantinham-se cheios de inteligência; mas os lábios voltavam-se para a sátira, para a anedota, para a indiscrição. A conversa, que até então transcorrera no círculo vicioso das corridas e dos cavalos, das execuções na Bolsa, dos diferentes méritos dos leões, comparados uns com os outros, e das histórias escandalosas conhecidas, ameaçava tornar-se íntima e fracionar-se por grupos de dois corações.

Foi nesse momento que, depois de uma troca de olhares entre Carabina, Leão de Lora, Bixiou, La Palférine e Du Tillet, a conversa chegou ao amor.

— Os bons médicos nunca falam de medicina, os verdadeiros nobres nunca falam de seus antepassados, as pessoas de talento não falam de suas obras — declarou Josefa. — Por que falar de nossa profissão? Faltei à Ópera para vir aqui, mas não para trabalhar. Assim, nada de poses, minhas caras amigas.

— Estão falando do verdadeiro amor, minha filha! — informou Málaga. — Do amor que faz uma pessoa afundar-se, e afundar pai e mãe, e vender mulheres e crianças, e ir até Clichy...<sup>[256]</sup>

— Conversem vocês, então! — continuou a cantora. — Não conheço esse...

— E eu não te amo, Josefa? — perguntou o duque em voz baixa.

— Você pode amar-me de verdade — declarou a cantora sorrindo, ao ouvido do duque. — Mas eu não te amo com esse amor de que falam, amor que faz ver o universo inteiramente às escuras quando não está presente o homem amado. Você me é agradável, útil, mas não me é indispensável; se amanhã me abandonar, terei três duques em vez de um...

— Será que o amor existe em Paris? — perguntou Leão de Lora. — Ninguém aqui tem tempo de fazer sua fortuna; como poderá alguém entregar-se inteiramente ao verdadeiro amor que se apodera do homem como a água se apodera do açúcar? É preciso ser excessivamente rico para amar, porque o amor anula um indivíduo, quase como o nosso caro barão aqui presente. Já disse há muito tempo: *les extrêmes se bouchent!*<sup>[257]</sup> Um verdadeiro enamorado se assemelha a um eunuco, porque para ele não há mais mulheres na face da terra. É misterioso, é como o verdadeiro cristão, solitário em sua tebaida! Vejam este distinto brasileiro...

Toda a mesa observou Henrique Montes de Montejanos, que corou por ver-se alvo de todos os olhares.

— Ele pasta há uma hora, como um boi, sem saber que sua vizinha é a mulher mais... não direi a mais bela, mas a mais fresca de Paris.

— Tudo é fresco aqui, inclusive o peixe, esta é a especialidade da casa — declarou Carabina.

O barão Montes de Montejanos fitou o paisagista com uma

expressão amável e disse:

— Muito bem! Bebo à sua saúde!

E saudou Leão de Lora com um movimento de cabeça, inclinou o copo cheio de vinho do Porto e bebeu magistralmente.

— Então o senhor está amando? — perguntou Carabina ao vizinho, interpretando assim o brinde.

O barão brasileiro fez encher de novo o copo, saudou Carabina e repetiu o brinde.

— À saúde da excelentíssima! — disse então a cortesã, num tom tão engraçado que o paisagista, Du Tillet e Bixiou explodiram numa gargalhada.

O brasileiro ficou sério como um homem de bronze. Esse sangue-frio irritou Carabina. Ela sabia perfeitamente que Montes amava a sra. Marneffe, mas não esperava aquela fé brutal, aquele silêncio obstinado do homem convencido. Também julga-se muitas vezes uma mulher pela atitude do amante, assim como se julga um indivíduo apaixonado pelo comportamento da amante. Orgulhoso por amar Valéria e ser por ela amado, o barão apresentava àqueles eméritos especialistas um sorriso que carregava uma ponta de ironia; aliás, ele se mantinha soberbo: os vinhos não lhe haviam alterado a cor, e seus olhos, com um brilho especial de ouro brunido, conservavam os segredos da alma.

Em vista disso, Carabina disse de si para consigo: “Que mulher! Como lacrou o coração dele!”.

— É uma rocha viva! — disse, em voz baixa, Bixiou, que não via naquilo senão um brincadeira e não suspeitava da importância atribuída por Carabina à demolição de tal fortaleza.

Enquanto se trocavam essas palavras, aparentemente frívolas, à direita de Carabina, continuava, à sua esquerda, a discussão sobre o amor, entre o duque d’Hérouville, Lousteau, Josefa, Jenny Cadine e Massol. Discutiam se os tais raros fenômenos eram produzidos pela paixão, pela teimosia ou pelo amor. Enfardada com essas teorias, Josefa quis mudar de conversa:

— Vocês falam de coisas que ignoram completamente! Algum de vocês já amou bastante uma mulher, uma mulher indigna desse amor, a ponto de por ela liquidar sua fortuna e a fortuna de seus filhos, vender seu futuro, deslustrar seu passado, expor-se às galeras roubando o Estado, matar um tio e um irmão, deixar que lhe vendem os olhos de tal sorte como se lhe quisessem tapá-los a fim de que não veja o precipício em que, como última pilhéria, o atiram? Du Tillet tem sob sua mama esquerda um cofre, Leão de Lora o seu espírito, Bixiou riria de si próprio se amasse outra pessoa que não fosse ele mesmo, Massol tem uma pasta ministerial no lugar do coração! Lousteau só tem uma víscera: ele que pôde consentir que a sra. de La Baudraye o deixasse;<sup>[258]</sup> o senhor duque é rico demais para poder provar seu amor por sua ruína; Vauvinet

não entra em conta; por isso, omito esse descontador do gênero humano. Portanto, vocês nunca amaram, e eu muito menos, nem Jenny nem Carabina... Quanto a mim, só vi uma vez o fenômeno que acabo de descrever. Refiro-me — disse, dirigindo-se a Jenny Cadine — ao nosso caro barão Hulot, a respeito de quem vou mandar pregar cartazes como se tratasse de um cão perdido, pois quero reencontrá-lo.

Olhando Josefa de certa maneira, Carabina disse consigo mesma: “E mais esta! A sra. Nourrisson tem então dois quadros de Rafael, porque Josefa está fazendo o meu jogo!”.

— Pobre homem! — declarou Vauvinet. — Ele era grande, magnífico. Que estilo, que forma! Tinha o ar de Francisco 1.º. E era um vulcão. Empregava muito gênio, muita habilidade para arranjar dinheiro! Onde ele se encontra. Deve extraí-lo desses muros feitos de ossos que se veem nos subúrbios de Paris, perto das barreiras, onde sem dúvida se escondeu...

— E isso por causa da pequena sra. Marneffe! — exclamou Bixiou. — Ela é uma devassa!

— E vai casar-se com o meu amigo Crevel! — observou Du Tillet.

— E é louca pelo meu amigo Steinbock! — acrescentou Leão de Lora.

Estas três frases foram três tiros de pistola que Montes recebeu em pleno peito. Ele empalideceu e sofreu tanto que penosamente se levantou, dizendo:

— Vocês são uns canalhas! Não deviam misturar o nome de uma mulher honesta com os de todas as suas mulheres perdidas! Não deviam, sobretudo, fazer do nome dela alvo para as suas brincadeiras de mau gosto.

Montes foi interrompido por bravos e aplausos unânimes. Bixiou, Leão de Lora, Vauvinet, Du Tillet e Massol deram o sinal. Fez-se o coro.

— Viva o imperador! — disse Bixiou.

— Seja coroado o imperador! — exclamou Vauvinet.

— Um grunhido por Medoro!<sup>[259]</sup> Hurras ao Brasil! — gritou Lousteau.

— Ah! Barão moreno, amas a nossa Valéria? — perguntou Leão de Lora. — Não és exigente!

— Não é parlamentar o que ele disse, mas é magnífico! — observou Massol.

— Mas, meu amor de cliente, tu me és recomendado, sou o teu banqueiro: a tua inocência vai me comprometer.

— Ah! Diga-me, o senhor que é um homem sério... — começou o brasileiro a perguntar a Du Tillet.

— Obrigado, por todos nós — comentou Bixiou, com uma saudação.

— Diga-me alguma coisa de positivo — acrescentou Montes, sem prestar atenção às palavras de Bixiou.

— Ora! — declarou Du Tillet. — Tenho a honra de comunicar-te que fui convidado para assistir ao casamento de Crevel.

— Ah! Combabo toma a defesa da sra. Marneffe! — disse Josefa, erguendo-se solenemente.

Dirigindo-se, com uma expressão trágica, até onde se encontrava Montes, deu-lhe na cabeça um tapinha amistoso; fitou-o durante um momento, deixando transparecer em sua fisionomia uma admiração cômica, e balançou a cabeça.

— Hulot é o primeiro exemplo do amor *apesar dos pesares*<sup>[260]</sup> — disse. — Eis o segundo. Mas este não se devia contar, porque ele vem dos trópicos.

No instante em que Josefa bateu delicadamente na testa do brasileiro, Montes deixou-se cair na cadeira e dirigiu um olhar a Du Tillet:

— Se sou joguete de uma de suas pilhérias parisienses, se quiseram conhecer o meu segredo... — E envolveu toda a mesa com um cinturão de fogo, fitando cada um dos convivas com um olhar em que brilhava o sol do Brasil.

— Pelo amor de Deus, digam-me tudo — continuou, com um ar súplice e quase infantil. — Mas não caluniem uma mulher que eu amo...

— Ora esta! — respondeu-lhe Carabina ao ouvido. — Mas se o senhor foi indignamente traído, enganado, iludido por Valéria e se eu lhe desse as provas disso, dentro de uma hora, em minha casa, que faria?

— Não lhe posso dizer aqui, diante de todos estes Iagos... — replicou o barão brasileiro.

Carabina ouviu *magots*, em vez de Iagos,<sup>[261]</sup> e sorriu:

— Então, cale-se! Não sirva de motivo de riso para os homens mais espirituosos de Paris. Venha à minha casa, onde conversaremos...

Montes estava aniquilado.

— Provas! — balbuciou. — Imagine...

— Terás bastante — respondeu Carabina. — E, como a suspeita sobe de tal maneira à tua cabeça, começo a recear pela tua razão... — É teimoso, esse sujeito, é pior que o falecido rei da Holanda!<sup>[262]</sup>

— Vejamos: Lousteau, Bixiou, Massol, todos os outros, não foram convidados para almoçar com a sra. Marneffe depois de amanhã? — perguntou Leão de Lora.

— Ya<sup>[263]</sup> — respondeu Du Tillet. — Tenho a honra de repetir-lhe, barão, que, se por acaso tinha a intenção de desposar a sra. Marneffe, está rejeitado como um projeto de lei por uma bola com o nome de Crevel. Meu amigo, meu velho camarada Crevel tem oitenta mil libras de renda, e o senhor provavelmente não deu a entender que tinha isso, porque então teria sido o escolhido, creio.

Montes ouviu tudo com um ar meio sonhador, meio sorridente, que a todos pareceu terrível.

O primeiro garçom veio, nesse instante, dizer ao ouvido de Carabina que uma parenta sua estava na sala e desejava falar-lhe. A cortesã levantou-se e saiu, indo encontrar a sra. Nourrisson sem véu de renda preta.

— Então, devo ir à tua casa, minha filha? Ele mordeu a isca?

— Claro, mãezinha — respondeu Carabina. — A pistola está tão bem carregada que tenho medo de que dispare...

#### CXV – NO QUAL SE VÊ A SRA. NOURRISSON EM AÇÃO

Uma hora depois, Montes, Cidalisa e Carabina, de volta do Rocher de Cancale, entravam na Rue Saint-Georges, na pequena sala de Carabina. A cortesã viu a sra. Nourrisson sentada numa poltrona, ao pé da lareira.

— Olha, aqui está a minha respeitável tia! — exclamou.

— Sim, minha filha, eu mesma vim procurar a minha querida sobrinha. Embora tenhas bom coração, esquecer-te-ias de mim, e tenho que pagar umas promissórias amanhã. É sempre aborrecido, isso de ser vendedora de roupas. Mas, espera, quem trazes em tua companhia? Esse cavalheiro tem um ar muito aflito...

A assustadora sra. Nourrisson, cuja metamorfose, nesse momento, era completa e que parecia um boa velha, ergueu-se para beijar Carabina, uma das cento e tantas cortesãs que tinha lançado na horrível carreira do vício.

— É um Otelo que não se ilude e que tenho a honra de apresentar-te: o sr. barão Montes de Montejanos...

— Ah! Já o conheço por muito ouvir falar em seu nome: chamam-no Combabo, porque o senhor só ama uma mulher; isso, em Paris, é considerado como se não tivesse nenhuma. Pois bem, trata-se, por acaso, do objeto do seu amor, da sra. Marneffe, a amante de Crevel? Ora, meu caro senhor, bendiga a sua sorte ao invés de maldizê-la. Aquela mulher não vale nada. Conheço suas manhas...

— Ora! — exclamou Carabina, em cuja mão a sra. Nourrisson fizera deslizar uma carta, quando a beijara. — Não conheces os brasileiros. São uns cabeçudos que fazem questão de ser empalados pelo coração. Quanto mais ciumentos, mais querem sê-lo. Este senhor fala em massacre, mas ele não massacrará coisa alguma, porque ama. Enfim, trouxe aqui o senhor barão para lhe mostrar as provas de sua desgraça, que eu obtive desse pequeno Steinbock.

Montes estava como que bêbado, ouvia tudo como se não se tratasse de si mesmo. Carabina desembaraçou-se de sua capa de veludo e leu o *fac-símile* do seguinte bilhete:

Meu gato,

Ele vai jantar esta noite em casa de Popinot e virá buscar-me na Ópera, às onze horas. Sairei às cinco e meia, contando encontrar-te em nosso paraíso; mandarás então buscar o jantar na Maison d'Or. Veste-te de modo que possas levar-me à Ópera. Teremos quatro horas só para nós. Entregar-me-ás este bilhete, não porque a tua Valéria desconfie de ti, já que eu te daria a minha vida, a minha fortuna e a minha honra, mas porque temo as farsas do acaso.

— Eis aí, barão, o bilhete enviado esta manhã ao conde Steinbock; leia o endereço! O original acaba de ser queimado.

Montes virou e revirou o papel, reconhecendo a letra. Teve então uma ideia justa, o que prova quanto estava em desordem sua cabeça.

— Bem, com que interesse a senhora me dilacera o coração? — perguntou, fitando Carabina. — Deve ter-lhe custado muito caro o direito de ter em mãos este bilhete durante o tempo necessário para litografá-lo...

— Grande idiota! — respondeu Carabina, a um sinal da sra. Nourrisson. — Não vês esta pobre Cidalisa... Uma menina de dezesseis anos, que te ama há três meses a ponto de não poder beber nem comer, desolada por não ter ainda obtido o mais distraído dos teus olhares...

Cidalisa pôs um lenço sobre os olhos, fingindo chorar.

— Ela está furiosa, apesar de seu ar de santinha, por ver que o homem por quem é louca está sendo enganado por uma celerada — prosseguiu Carabina. — Ela é capaz de matar Valéria...

— Oh! — exclamou o brasileiro. — Isto me compete!

— Matar? Tu, meu filho? — perguntou a sra. Nourrisson. — Isto não se faz mais aqui.

— Bem, mas eu não sou deste país. — declarou Montes. — Vivo numa capitania onde desprezo as leis de vocês; e, se me derem provas...

— Ora, este bilhete não prova nada?

— Não — disse o brasileiro. — Não creio em coisas escritas; quero ver...

— Ah! Ver! — exclamou Carabina, compreendendo rapidamente um novo gesto da falsa tia. — Pois far-te-ão ver tudo, meu caro tigre, com uma condição...

— Qual?

— Olha para Cidalisa.

A um sinal da sra. Nourrisson, Cidalisa fitou ternamente o brasileiro.

— Amá-la-ás? Fá-la-ás feliz? — perguntou Carabina. — Uma mulher bonita como esta não vale um palacete e uma carruagem? Seria uma maldade deixá-la andar a pé. E ela... tem suas dívidas... Quanto deves? — indagou, apertando o braço de Cidalisa.

— Ela vale o que vale — disse a sra. Nourrisson. — Basta que haja comprador!

— Ouça-me — exclamou Montes, percebendo, afinal, aquela admirável obra-prima feminina. — Vocês me farão ver Valéria?...

— E o conde Steinbock, com os diabos! — disse a sra. Nourrisson.

Havia dez minutos que a velha observava o brasileiro; viu nele o instrumento posto no diapasão do assassinio de que tinha necessidade; viu-o, sobretudo, bastante cego para não mais ter consideração com aqueles que o estavam levando; e ela interveio.

— Cidalisa, meu querido jovem do Brasil, é minha sobrinha, e o caso me interessa um pouco. Todo esse desastre será obra de dez minutos; é uma de minhas amigas quem aluga ao conde Steinbock o quarto mobiliado onde a tua Valéria toma, neste momento, o seu café, um café esquisito, ela porém o chama de café. Portanto, entendam-nos, Brasil! Eu gosto do Brasil, é um país quente. Qual será a sorte de minha sobrinha?

— Velha avestruz! — exclamou Montes, observando as plumas que a sra. Nourrisson tinha no chapéu. — Tu me interrompestes. Se me fazes ver... ver Valéria e esse artista juntos...

— Como querias estar com ela, está visto — disse Carabina.

— Está bem, eu tomo esta normanda e levo-a comigo...

— Para onde? — perguntou Carabina.

— Para o Brasil! — respondeu o barão. — Farei dela minha mulher. Meu tio me deixou dez léguas quadradas de terra não vendáveis e por isso ainda possuo essa habitação; tenho lá cem negros, só negros, negras e negrinhos, comprados por meu tio...

— O sobrinho de um negreiro... — comentou Carabina, fazendo uma careta. — Deve-se considerar isso. Cidalisa, minha filha, és negrófila?

— Ora, não pilheriemos mais, Carabina — interrompeu a sra. Nourrisson. — Que diabo! Estamos em negócio, o senhor e eu.

— Se volto a ter uma francesa, quero-a só para mim — continuou o brasileiro. — Previno-a disso, senhorita; sou um rei mas não um rei constitucional; sou um tsar; comprei todos os meus súditos, ninguém sai do meu reino, que se encontra a cem léguas de qualquer casa, cercado de selvagens pelo lado de dentro e separado do litoral por um deserto tão grande quanto a sua França...

— Gosto mais de uma mansarda aqui! — acentuou Carabina.

— É o que eu pensava — replicou o brasileiro. — Vendi todas as minhas terras e tudo o que possuía no Rio de Janeiro para vir ver de novo a sra. Marneffe.

— Não se faz uma viagem como essa por tão pouco — observou a sra. Nourrisson. — O senhor tem o direito de ser amado por si mesmo, sobretudo sendo tão belo!... Oh! Ele é bonito — acrescentou, dirigindo-se a Carabina.

— Muito bonito! Mais bonito que o postilhão de Longjumeau<sup>[264]</sup> —

respondeu a cortesã.

Cidalisa pegou da mão do brasileiro, que se desvencilhou dela da maneira menos ofensiva possível.

— Eu tinha voltado para raptar a sra. Marneffe! — retomou o brasileiro, continuando sua argumentação. — E vocês sabem por que levei três anos a voltar?

— Não, selvagem — disse Carabina.

— Pois bem, ela me dissera tantas vezes que desejava viver comigo a sós, num deserto...

— Ele não é mais um selvagem — disse Carabina com uma risada —, é da tribo dos patetas civilizados.

— Ela mo repetira tantas vezes —olveu o barão, insensível às troças da *lorette* — que fiz instalar uma casa deliciosa no centro dessa imensa propriedade. Volto à França em busca de Valéria e, na noite em que a revi...

— Revi está ótimo! — observou Carabina — Guardarei o termo!

— Ela me pediu que esperasse pela morte desse miserável Marneffe e eu consenti, perdooando-lhe por ter aceito as homenagens de Hulot. Não sei se o diabo vestiu saias, mas essa mulher, desde aquele momento, satisfez a todos os meus caprichos, a todas as minhas exigências; numa palavra, não me deu motivo para suspeitar dela nem um minuto sequer!...

— Isso até é demais! — disse Carabina à sra. Nourrisson.

Esta meneou a cabeça em sinal de assentimento.

— Minha fé naquela mulher iguala meu amor — declarou Montes, deixando correrem as lágrimas. — Só faltei esbofetear todo o mundo na mesa, há pouco...

— Bem o vi — confirmou Carabina.

— Se estou sendo enganado, se ela se casa, se está neste momento nos braços de Steinbock, então essa mulher merece mil mortes, e eu a matarei como se esmaga uma mosca...

— E os guardas, meu filho? — indagou a sra. Nourrisson, com um sorriso de velha que fazia tremer.

— E o comissário de polícia, e os juízes e o júri, e a lenga-lenga toda? — perguntou Carabina.

— O senhor é um tolo, meu caro — continuou a sra. Nourrisson, que queria conhecer os projetos de vingança do brasileiro.

— Eu a matarei! — repetiu friamente o brasileiro. — Ora, vocês me chamaram de selvagem... Você pensa que vou repetir a tolice dos seus compatriotas, que comprem veneno nas farmácias? Durante o tempo que perdemos a caminho de sua casa, pensei na minha vingança, no caso em que você tivesse razão contra Valéria. Um dos meus negros traz consigo o mais seguro dos venenos animais, uma terrível doença que vale mais que um veneno vegetal e que só se cura no Brasil: eu a



transmitirei a Cidalisa, que ma transmitirá; depois, quando a morte correr nas veias de Crevel e de sua mulher, estarei para além dos Açores com a sua prima, cuja cura providenciarei, e me casarei com ela. Nós, os selvagens, temos os nossos processos...

E fitando a normanda:

— Cidalisa é o animal de que preciso. Quanto deve ela?

— Cem mil francos! — informou Cidalisa.

— Ela fala pouco, mas fala bem — disse Carabina, baixinho, à sra. Nourrisson.

— Estou enlouquecendo! — exclamou o brasileiro com uma voz cava, caindo numa poltrona. — Morro por causa disso! Mas quero ver, porque é impossível! Um bilhete litografado! Quem me diz que não é obra de um falsário? O barão Hulot amar Valéria... — declarou, lembrando-se da afirmativa de Josefa. — A prova de que ele não a amava é que ela está viva! Eu não a deixarei viva para ninguém, se ela não for só minha!

Era horrível ver e mais ainda ouvir Montes. Ele corava, retorcia-se; tudo o que tocava quebrava, o pau-santo parecia ser de vidro.

— Como ele quebra tudo! — observou Carabina, fitando a sra. Nourrisson. — Meu caro — continuou, dando um tapa no brasileiro —, Orlando Furioso fica muito bem num poema, mas dentro de um apartamento é prosaico e caro.

— Meu filho — disse a sra. Nourrisson, erguendo-se e indo colocar-se em face do brasileiro abatido —, eu sou de tua religião! Quando se ama de certa maneira, quando se é agarrado para a morte, a vida responde pelo amor. Aquele que rompe arrasta tudo. É uma demolição geral. Tens a minha estima, a minha admiração, o meu consentimento, sobretudo por teu procedimento, que vai me tornar negrófila. Mas tu amas! Recuarás?

— Eu? Se é mentira, eu...

— Vejamos, no fim das contas, conversas muito! — continuou a sra. Nourrisson, voltando a ser ela mesma. — Um homem que quer vingar-se e que se diz selvagem em seus processos comporta-se de outra maneira. Para que te façam ver a tua amiga em seu paraíso, é preciso tomar Cidalisa e ter o ar de entrar lá, em virtude de um erro da empregada, com uma amiguinha; mas nada de escândalo! Se queres te vingar, deverás ficar acovardado, mostrar um ar de desespero e te fazeres enrolar pela tua amante. Estás compreendendo? — perguntou a sra. Nourrisson, ao ver o brasileiro surpreendido em face de tão sutil maquinação.

— Está certo, avestruz — respondeu ele. — Compreendo tudo.

— Adeus, bichinha — disse a sra. Nourrisson a Carabina.

Fez sinal a Cidalisa para ela descer com Montes e ficou sozinha com Carabina.

— Agora, minha queridinha, só tenho medo de uma coisa: é que ele a estrangule! Eu me meteria em maus lençóis, só precisamos de negócios delicados... Bem, creio que ganhaste o teu quadro de Rafael, mas dizem que é um Mignard.<sup>[265]</sup> Fica tranquila, é muito mais belo; disseram-me que os Rafael eram muito escuros, enquanto este é bonito como um Girodet.

— O que me interessa é sobrepujar Josefa — exclamou Carabina. — Para mim, tanto faz que seja com um Mignard ou com um Rafael. Não, aquela ladra tinha pérolas esta noite de a gente ficar danada...

## CXVI – O QUE É UMA GARÇONNIÈRE EM 1840

Cidalisa, Montes e a sra. Nourrisson tomaram um fiacre que estava parado à porta de Carabina. A sra. Nourrisson indicou ao cocheiro, em tom baixo, uma casa do Quartier des Italiens, aonde chegariam em alguns instantes, pois da Rue Saint-Georges a distância é de sete a oito minutos, mas a sra. Nourrisson determinou que fosse pela Rue Le Pelletier, e muito lentamente, de maneira a passar revista às carruagens estacionadas.

— Brasileiro! — disse a sra. Nourrisson. — Vê se reconheces as empregadas e o carro do teu anjo.

No momento em que o fiacre passava em frente do carro de Valéria, o barão indicou-o.

— Ela deu ordem ao seu pessoal para vir buscá-la às dez horas e foi de fiacre até a casa onde se encontra com o conde Steinbock; aí jantou e dentro de meia hora estará na Ópera. Plano bem organizado! — disse a sra. Nourrisson. — Isto te explica como pôde ela enganar-te por tanto tempo!

O brasileiro não respondeu nada. Metamorfoseado em tigre, tinha recuperado o sangue-frio imperturbável que fora tão admirado durante o jantar. Enfim, estava calmo como um homem arruinado, no dia seguinte ao da falência.

À porta da casa fatal estava parado um carro puxado por dois cavalos, dos que se chamam *Companhia Geral*, por força do nome da empresa.

— Fica aí em tua caixa — disse a sra. Nourrisson a Montes. — Não se entra aqui como num café; virão buscá-lo.

O paraíso da sra. Marneffé e de Venceslau nada tinha da *garçonnière* de Crevel, que este vendera ao conde Máximo de Trailles, por se ter, na sua opinião, tornado inútil. O paraíso, paraíso de muita gente, consistia num quarto situado no quarto andar e dava para a escada, numa casa situada no Quartier des Italiens. Em cada andar, havia nessa casa, em cada patamar, um quarto, antes disposto para servir de cozinha em cada apartamento. Mas a casa tornara-se uma espécie de albergue

alugado para os amores clandestinos, a preços exorbitantes; a principal locatária, a verdadeira sra. Nourrisson, negociante de modas da Rue Neuve-Saint-Marc, apreciara conscientemente o imenso valor daquelas cozinhas, delas fazendo uma espécie de salas de jantar. Cada uma dessas peças, que eram divididas por grossas paredes-meias e tinham a claridade da rua, encontrava-se totalmente isolada por meio de portas de molas, bastante grossas, que constituíam uma cobertura dupla sobre o patamar. Podia-se, portanto, conversar sobre importantes segredos ao jantar, sem correr-se o risco de ser ouvido. Para maior segurança, as janelas eram providas de persianas por fora e de portinholas por dentro. Tais quartos, por causa dessas particularidades, custavam trezentos francos por mês. A casa, prenhe de paraísos e de mistérios, era alugada por vinte e quatro mil francos à sra. Nourrisson I, que nela ganhava, um ano por outro, vinte mil francos, depois de paga a sua gerente (a sra. Nourrisson II), visto que ela própria não administrava nada.

O paraíso alugado ao conde Steinbock fora forrado com tapetes persas. Sob um fofo tapete não se sentia a frieza, a dureza de um ignóbil ladrilho avermelhado pela encáustica. A mobília consistia em duas belas cadeiras e um leito numa alcova, então meio oculto por uma mesa onde se viam restos de um fino jantar, com duas garrafas de rolhas compridas e uma de champanhe, metida no gelo, demarcando os campos de Baco cultivados por Vênus. Viam-se, certamente enviadas por Valéria, uma boa poltrona fofa ao lado de um banquinho e uma linda cômoda de pau-rosa, com o seu espelho bem colocado, no estilo Pompadour. Uma lâmpada no teto dava uma semiluz, ajudada pelas velas da mesa e pelas que decoravam a chaminé.

Este esboço dará uma ideia, *urbi et orbi*,<sup>[266]</sup> do amor clandestino nas mesquinhas proporções que lhe imprime a Paris de 1840. A que distância se está do amor adúltero simbolizado pelas redes de Vulcano, há três mil anos!

No momento em que Cidalisa e o barão subiam, Valéria, de pé diante da chaminé, onde ardia um feixe de lenha, deixava-se enlaçar por Venceslau. Este é o momento em que a mulher, não sendo muito gorda nem muito magra, como o era a fina, a elegante Valéria, apresenta belezas supranaturais. A carne rosada, de tintas úmidas, exige um olhar dos olhos mais adormecidos. As linhas do corpo, então muito pouco veladas, são tão nitidamente reveladas pelas pregas brilhantes da anágua e pela bombazina do corpete que a mulher se torna irresistível, como tudo o que se é obrigado a deixar. O rosto feliz e sorridente em face do espelho, o pé que se impacienta, a mão que vai reparando a desordem dos cachos da cabeleira mal recomposta, os olhos que refletem reconhecimento; além disso, o fogo do contentamento que, como um acaso, ilumina os menores detalhes da fisionomia — tudo, nesta hora, constitui um tesouro de recordações! Certamente, quem

quer que, lançando um olhar para os primeiros erros de sua vida, encontre alguns desses deliciosos detalhes, compreenderá, sem desculpá-las, as loucuras dos Hulot e dos Crevel. As mulheres conhecem tão bem o seu poder nessas ocasiões que sempre conseguem então o que se pode chamar “a volta do encanto do encontro amoroso”.

## CXVII – ÚLTIMA CENA DE ALTA COMÉDIA FEMININA

— Ora, vamos! Ao fim de dois anos, ainda não sabes enlaçar uma mulher! Também és polonês demais! São dez horas, meu Venceslau — disse Valéria, rindo.

Nesse instante, uma empregada maldosa fez saltar habilmente, com a lâmina de uma faca, o ferrolho da porta de molas que era toda a segurança de Adão e Eva. Em seguida, abriu bruscamente a porta, já que os locatários desses édens têm pouco tempo para si, e revelou um desses encantadores quadros do gênero, tantas vezes expostos no Salão, no estilo de Gavarni.<sup>[267]</sup>

— Aqui, senhora! — disse a empregada.

E Cidalisa entrou, seguida do barão Montes.

— Mas aqui está ocupado! Desculpe-me, senhora — disse a normanda, espantada.

— Como então? É Valéria! — exclamou Montes, fechando a porta violentamente.

Presa de uma emoção viva demais para ser dissimulada, a sra. Marneffe deixou-se cair sobre o banquinho a um canto da chaminé. Duas lágrimas rolaram-lhe dos olhos, secando logo. Ela fitou Montes, observou a normanda e explodiu numa gargalhada forçada. A dignidade da mulher ofendida apagou a incorreção de sua *toilette* inacabada: ela dirigiu-se ao brasileiro e fitou-o tão altivamente que seus olhos cintilaram como armas.

— Aí está — disse ela, vindo colocar-se em frente ao brasileiro e apontando-lhe Cidalisa — o que é o avesso de sua fidelidade! Você me fez promessas capazes de convencer uma ateia em matéria de amor, você, por quem eu fazia tantas coisas, até crimes cometia... Tem razão, senhor, não sou nada ao pé de uma cortesã dessa idade e com essa beleza! Sei o que me vai dizer — continuou, indicando Venceslau, cuja desordem era uma prova evidente demais para ser negada. — Isto é comigo. Se eu pudesse amá-lo, depois dessa infame traição... Porque você me espionou, comprou cada um dos degraus desta escada, e a dona da casa, a empregada, talvez a Rainha... Oh! Como tudo isto é belo! Se eu tivesse um resto de afeição por um indivíduo tão desprezível, dar-lhe-ia razões de molde a desdobrar o amor! Mas eu deixo você, senhor, com todas as suas dúvidas, que se tornarão remorsos... Venceslau, meu vestido!

Tomou o vestido, enfiou-o no corpo, examinou-se ao espelho e acabou tranquilamente de vestir-se sem olhar para o brasileiro, inteiramente como se estivesse sozinha.

— Venceslau, está pronto? Vá na frente.

De revés e pelo espelho, Valéria observara a fisionomia de Montes e acreditou encontrar na sua palidez os indícios daquela fraqueza que entrega homens tão fortes à fascinação da mulher; tomou-lhe a mão, aproximando-se dele o mais possível, para que o brasileiro pudesse aspirar esses terríveis perfumes amados com que se inebriam os apaixonados; e, sentindo-o palpitar, fitou-o com um ar de censura:

— Pode ir contar a sua experiência ao sr. Crevel e ele não acreditará nunca em suas palavras; assim, tenho o direito de desposá-lo; ele será meu marido depois de amanhã... E o tornarei muito feliz! Adeus, procure esquecer-me...

— Oh! Valéria! — exclamou Henrique Montes, apertando-a nos braços. — Não é possível! Venha para o Brasil!

Valéria fitou o barão e reencontrou o seu escravo.

— Ah! Se tu me amasses sempre, Henrique, dentro de dois anos, eu seria tua mulher; mas tua cara, neste momento, me parece muito dissimulada...

— Juro-te que me embriagaram, que falsos amigos jogaram essa mulher em meus braços e que tudo isso é obra do acaso! — declarou Montes.

— Então, eu poderia ainda te perdoar? — indagou Valéria, sorrindo.

— E te casarás depois disso? — perguntou o barão, presa de uma dilacerante ansiedade.

— Oitenta mil francos de renda! — disse ela, com um entusiasmo meio cômico. — E Crevel me adora tanto que morrerá por causa disso!

— Ah! Compreendo-te — concordou o barão.

— Está bem, dentro de alguns dias nos entenderemos.

E desceu a escada triunfante.

“Já não tenho mais escrúpulos!”, pensou o barão, que ficou plantado nas pernas, durante um momento. “Como! Esta mulher pensa em servir-se do seu amor para se desembaraçar daquele imbecil, como contava com a destruição de Marneffe... Eu serei o instrumento da cólera divina!”

## CXVIII – A VINGANÇA RECAI SOBRE VALÉRIA

Dois dias depois, aqueles convivas de Du Tillet que despedaçaram a dentadas a sra. Marneffe encontravam-se sentados à sua mesa, uma hora após Valéria ter-se transformado, mudando seu nome pelo glorioso nome de um *maire* de Paris. Esta traição da língua é uma das leviandades mais comuns da vida parisiense.

Valéria tivera o prazer de ver na igreja o barão brasileiro, que Crevel, tornando-se perfeito marido, convidara por fanfarronada. A presença de Montes no almoço não surpreendeu ninguém. Todas essas pessoas de espírito estavam, de há muito, familiarizadas com essas indignidades da paixão, com as transações do prazer. A profunda melancolia de Steinbock, que começava a desprezar aquela que imaginara ser um anjo, parecia ser de excelente gosto. O polônês como que assim dizia que tudo estava acabado entre Valéria e ele.

Lisbeth veio abraçar a sua querida sra. Crevel, desculpando-se por não participar do almoço em vista do doloroso estado de saúde de Adelina.

— Fica tranquila — disse Valéria, ao deixá-la. — Eles te receberão em casa e tu os receberás aqui. Só por ter ouvido estas três palavras: *duzentos mil francos*, a baronesa se encontra à morte! Oh! Tens todos eles em tuas mãos com esta história, mas contar-me-ás isso?

Um mês após seu casamento, Valéria já tivera uma dezena de discussões com Steinbock, que queria ouvir suas explicações sobre Henrique Montes, lembrando-lhe as frases pronunciadas pelo brasileiro durante a cena do paraíso. Não satisfeito em castigar Valéria com termos de desprezo, Steinbock vigiava-a de tal modo que ela não encontrava mais um instante de liberdade, tanto estava premida entre o ciúme de Venceslau e o zelo de Crevel. Não tendo mais em sua companhia Lisbeth, que tão bem a aconselhava, Valéria irritou-se, a ponto de censurar duramente Venceslau pelo dinheiro que lhe emprestava. O orgulho de Steinbock despertou de tal modo que ele não voltou mais ao palacete. Valéria atingira seu objetivo: ela queria afastar Venceslau durante algum tempo a fim de recobrar a liberdade.

Valéria esperou que Crevel fizesse uma viagem ao campo, à casa do conde Popinot, onde ia tratar da apresentação de madame Crevel; pôde então encontrar-se com o barão, que queria ter a seu lado durante o dia inteiro a fim de dar-lhe razões que deveriam fazer redobrar o amor do brasileiro. Nessa manhã, Reina, julgando seu crime pelo volume da importância recebida, tentou advertir a patroa, por quem naturalmente se interessava mais do que por desconhecidos, mas, como a haviam ameaçado de torná-la louca e de interná-la na Salpêtrière,<sup>[268]</sup> em caso de indiscrição, intimidou-se.

— A senhora é tão feliz agora — disse. — Por que iria se meter ainda com esse brasileiro? Desconfio dele.

— É verdade, Reina — respondeu Valéria. — Por isso vou despedi-lo.

— Ah! Senhora, isto me agrada, porque tenho medo desse mulato. Creio que ele é capaz de tudo....

— És tola! É por ele que podes temer, quando ele está comigo.

Nesse momento Lisbeth entrou.

— Minha querida e amável cabrinha, há muito tempo que não nos

vemos! — disse Valéria. — Sou tão infeliz! Crevel me aborrece e já não tenho mais Venceslau, pois estamos zangados.

— Bem o sei — respondeu Lisbeth —, e é por causa disso que venho aqui: Vitorino o encontrou, às cinco horas da tarde, no momento em que ele entrava num restaurante de vinte e cinco *sous*, na Rue de Valois; Vitorino pegou-o em jejum, pelos sentimentos, e levou-o à Rue Louis-le-Grand... Ao deparar-se com Venceslau magro, sofrendo, malvestido, Hortênsia estendeu-lhe a mão... Eis aí como me traíste!

— O sr. Henrique, minha senhora! — veio anunciar o empregado, ao ouvido de Valéria.

— Deixa-me, Lisbeth; amanhã te explicarei tudo isso...

Mas, como se vai ver, Valéria não iria poder mais explicar coisa alguma a ninguém.

## CXIX – O IRMÃO PEDINTE

No fim do mês de maio, a pensão do barão Hulot foi inteiramente liberada em virtude dos pagamentos que Vitorino fizera sucessivamente ao barão de Nucingen. Todos sabem que os semestres das pensões só são pagos mediante a apresentação de um certificado de vida, e como se ignorava o domicílio do barão Hulot, os semestres embargados em benefício de Vauvinet ficaram acumulados no Tesouro. Tendo Vauvinet assinado o desembargo, tornava-se indispensável encontrar o titular para que se recebessem os atrasados.

Graças aos cuidados do dr. Bianchon, a baronesa tinha recobrado a saúde. A boa Josefa contribuiu com uma carta, cuja ortografia denunciava a colaboração do duque d'Hérouville, para o inteiro restabelecimento de Adelina. Eis o que a cantora escreveu à baronesa, após quarenta dias de pesquisas ativas:

Senhora baronesa,

O sr. Hulot vivia, há dois meses, na Rue des Bernardins, com Elódia Chardin, a consertadora de rendas, que o roubara à Bijou; mas ele partiu, deixando lá tudo o que possuía, sem dizer uma palavra, sem que se pudesse saber para onde fora. Não me desencorajei e pus no seu encalço um homem que acreditava tê-lo encontrado no Boulevard Bourdon.

A pobre judia cumprirá a promessa feita à cristã. Que o anjo peça a Deus pelo demônio — é o que deve acontecer algumas vezes no céu.

Sou, com profundo respeito e para sempre, sua humilde serva.

JOSEFA MIRAH

Não ouvindo mais falar na terrível sra. Nourrisson, vendo o sogro casado, tendo reconquistado o cunhado, que voltara ao seio da família, não experimentando nenhuma contrariedade com sua nova madrasta e

encontrando sua mãe cada dia melhor, Vitorino Hulot d'Hervy se entregava aos seus trabalhos políticos e judiciários, levado pela corrente rápida da vida parisiense, na qual as horas são contadas como se fossem dias. Incumbido de um relatório para a Câmara dos Deputados, foi obrigado, no fim da sessão, a passar toda uma noite a trabalhar. Entrando no gabinete às nove horas, esperava que o seu criado lhe trouxesse os candelabros com quebra-luzes e pensava em seu pai. Censurava-se a si mesmo por deixar a cantora encarregada daquela pesquisa e propunha-se a ir tratar desse assunto, no dia seguinte, com o sr. Chapuzot, quando percebeu à janela, sob a luz do crepúsculo, uma sublime cabeça de velho, uma calva amarela cercada de cabelos brancos.

— Meu caro senhor, dê ordem para que deixem entrar e falar-lhe um pobre eremita vindo do deserto, incumbido de pedir espórtulas para a reconstrução de um santo asilo.

Essa visão, que adquiria uma voz e que de súbito trazia à lembrança do advogado uma profecia da horrorosa sra. Nourrisson, fê-lo estremecer.

— Deixe entrar o ancião — ordenou ao criado.

— Ele vai infectar o seu gabinete — respondeu o criado. — Ele veste uma roupa que não foi lavada desde sua partida da Síria e não usa camisa...

— Mande-o entrar — ordenou o advogado.

O ancião entrou. Vitorino examinou, com um olhar desconfiado, aquele que se dizia ermitão em peregrinação e viu um soberbo modelo dos frades napolitanos, cujas vestes são iguais aos farrapos do lázaro e cujas sandálias são farrapos de couro, como o próprio frade é um farrapo humano. Era de tão completa autenticidade que, conservando a sua desconfiança, o advogado se censurou por ter acreditado nos sortilégios da sra. Nourrisson.

— Que deseja?

— O que o senhor julgar que me deve dar.

Vitorino apanhou cem *sous* numa pilha de escudos e estendeu a moeda ao estranho.

— Por conta de cinquenta mil francos, é pouco — disse o mendigo do deserto.

Esta frase dissipou todas as incertezas de Vitorino.

— E Deus cumpriu suas promessas? — indagou o advogado, franzindo as sobrancelhas.

— A dúvida é uma ofensa, meu filho! — replicou o solitário. — Se só quer pagar após a realização das pompas fúnebres, está no seu direito; voltarei aqui dentro de oito dias.

— As pompas fúnebres? — exclamou o advogado, erguendo-se.

— Tem-se trabalhado — informou o velho, retirando-se —, e os



mortos andam depressa em Paris!

Quando Hulot, que baixou a cabeça, quis responder, o ágil velho tinha desaparecido.

“Não compreendo uma só palavra de tudo isso”, disse ele consigo mesmo. “Mas, dentro de oito dias, perguntar-lhe-ei por meu pai, se não o tivermos encontrado. Onde a sra. Nourrisson (sim, este é o nome dela) consegue semelhantes atores?”

## CXX – CONVERSA DE MÉDICO

No dia seguinte, o dr. Bianchon permitiu que a baronesa descesse ao jardim, depois de ter examinado Lisbeth, que havia um mês estava presa no quarto, em virtude de uma leve enfermidade dos brônquios. O competente médico, que não ousou dizer tudo o que pensava sobre Lisbeth antes de ter observado sintomas decisivos, acompanhou a baronesa ao jardim; queria verificar o efeito do ar livre, após dois meses de reclusão, sobre o tremor nervoso de que se ocupava. A cura dessa nevrose estimulava o gênio de Bianchon.

Vendo o grande e famoso médico sentado, dispensando-lhes alguns instantes de atenção, a baronesa e os filhos mantiveram uma conversa de polidez com ele.

— O senhor tem uma vida muito cheia de ocupações e bastante triste! — disse a baronesa. — Sei o que é passar o dia inteiro a ver misérias ou dores físicas.

— Minha senhora — respondeu o médico —, não ignoro os espetáculos que a caridade obriga a senhora a contemplar; mas acabará por se acostumar a eles, como todos nós. É a lei social. O confessor, o magistrado, o advogado não existiriam se o espírito da profissão não dominasse o coração do homem. Viver-se-ia sem a ocorrência desse fenômeno? Em tempo de guerra, não é o militar igualmente reservado para assistir a espetáculos ainda mais cruéis que os nossos? E todos os militares que viram o fogo são bons. Nós temos o prazer de uma cura que representa um êxito, como a senhora tem a alegria de salvar uma família dos horrores da fome, da depravação, da miséria, reconduzindo-a ao trabalho, à vida social; porém, como se consolam o magistrado, o comissário de polícia e o advogado, que passam a vida a remexer nas mais tremendas combinações do interesse, monstro social que conhece o desgosto de não conseguir êxito, mas que o arrependimento não visitará nunca? Uma parte da sociedade passa a vida a observar a outra. Tenho, entre meus amigos, um solicitador, no momento aposentado, que me dizia: de quinze anos para cá, os tabeliães, os advogados desconfiam tanto de seus clientes como dos adversários de seus clientes.

— Seu filho é advogado; nunca foi comprometido por alguém, cuja

defesa lhe cabia?

— Ah! Muitas vezes — declarou Vitorino, sorrindo.

— Qual a causa desse mal profundo? — indagou a baronesa.

— A falta de religião e a intromissão da finança, que não é outra coisa senão o egoísmo solidificado — respondeu o médico. — Outrora, o dinheiro não era tudo; admitia-se que existiam coisas superiores. Havia a nobreza, o talento, os serviços prestados ao Estado; todavia, hoje, a lei faz do dinheiro um padrão geral; tomou por base a capacidade política! Alguns magistrados não são elegíveis; Jean-Jacques Rousseau não seria elegível! As heranças perpetuamente divididas obrigam cada um a pensar em si desde a idade de vinte anos. Pois bem! Entre a necessidade de fazer fortuna e a depravação das combinações, não há obstáculos, porque falta na França o sentimento religioso, não obstante os louváveis esforços daqueles que tentam uma restauração católica. Aqui está o que dizem todos aqueles que, como eu, contemplam a sociedade em suas entranhas.

— O senhor tem poucos prazeres? — perguntou Hortênsia.

— O verdadeiro médico — esclareceu Bianchon — apaixona-se pela ciência. Mantém-se por este sentimento, tanto quanto pela certeza de sua utilidade social. Olhe, neste momento a senhora me vê numa espécie de alegria científica e muitas pessoas superficiais me tomariam por um homem sem coração. Vou comunicar à Academia, amanhã, uma descoberta feliz. Observo atualmente uma doença perdida; uma doença mortal, aliás, e contra a qual, nos climas temperados, estamos desarmados, porque é curável nas Índias. Uma doença que reinava na Idade Média. É uma bela luta, a do médico contra semelhante tema. Há dez dias venho pensando, a toda hora, nos meus doentes; são dois, a mulher e o marido! Não são eles seus parentes? A senhora é filha do sr. Crevel, não é? — perguntou o médico, dirigindo-se a Celestina.

— Então, o doente de quem o senhor fala é o meu pai? — indagou Celestina. — Mora na Rue Barbet-de-Jouy?

— Exatamente — respondeu Bianchon.

— E a doença é mortal? — perguntou Vitorino, espantado.

— Vou à casa de meu pai! — exclamou Celestina, erguendo-se.

— Eu a proíbo terminantemente, minha senhora — objetou tranquilamente Bianchon. — Essa doença é contagiosa.

— Mas o senhor vai lá — replicou a jovem senhora. — Julga que os deveres de filha não são superiores aos do médico?

— Minha senhora, um médico sabe como se preservar do contágio e a irreflexão do seu devotamento vem provar-me que a senhora não poderia ter a minha prudência.

Celestina ergueu-se, voltou para casa e preparou-se para sair.

— Senhor, espera salvar o sr. e a sra. Crevel? — perguntou Vitorino a Bianchon.

— Espero, mas não acredito — respondeu Bianchon. — O fato, para mim, é inexplicável... A doença é própria dos negros e das populações americanas, cujo sistema cutâneo é diferente do das raças brancas. Ora, não posso estabelecer nenhuma comunicação entre os negros, os mulatos, os mestiços e o sr. ou a sra. Crevel. Se, para nós, é uma doença muito bela, é horrível para todo o mundo. A pobre criatura, que, segundo dizem, era linda, está sendo muito castigada por tudo quanto pecou, porque hoje é de uma feiúra ignóbil, se ainda é alguma coisa. Caem-lhe os dentes e os cabelos, tem o aspecto dos leprosos, causa horror a si mesma; as mãos, que nos horrorizam, estão inchadas e cobertas de pústulas esverdeadas; os dedos sem unhas ficam nas chagas que arranha; enfim, todas as extremidades se destroem no pus que as corrói.

— Qual a causa de tais distúrbios? — indagou o advogado.

— Oh! — disse Bianchon. — A causa está numa rápida alteração do sangue, que se decompõe com uma rapidez espantosa. Espero atacar o sangue, já o mandei analisar: vou buscar em minha casa o resultado do trabalho do meu amigo, o professor Duval,<sup>[269]</sup> o famoso químico, para tentar um desses golpes desesperados de que algumas vezes lançamos mão contra a morte.

— Aí está o dedo de Deus! — declarou a baronesa, com uma voz profundamente comovida. — Embora essa mulher me tenha causado males que me fizeram, em momentos de desespero, pedir que a justiça divina caísse sobre sua cabeça, desejo, meu Deus, que o senhor alcance bons resultados, senhor doutor.

Vitorino sentia uma vertigem; olhava para a mãe, para a irmã e para o médico, alternadamente, temendo que lhe adivinhassem os pensamentos. Hortênsia achava que Deus fora justo. Celestina voltou, pedindo ao marido que a acompanhasse.

— Se vão até lá, a senhora e o senhor, fiquem a certa distância do leito dos enfermos, eis aí toda a precaução. Nem o senhor nem sua senhora devem beijar o moribundo. Sr. Hulot, o senhor deve acompanhar a sua senhora para impedi-la de transgredir esta determinação.

Ficando sós, Adelina e Hortênsia foram fazer companhia a Lisbeth. O ódio de Hortênsia a Valéria era tão violento que ela não pôde conter a explosão.

— Prima, minha mãe e eu estamos vingadas! — exclamou. — Aquela venenosa criatura ter-se-á mordido a si mesma, pois está em decomposição!

— Hortênsia — interrompeu a baronesa —, não és cristã, neste momento. Devias rogar a Deus se dignasse inspirar a cura e o

arrependimento àquela infeliz.

— Que estão dizendo? — exclamou Bete, erguendo-se de sua cadeira. — Referem-se a Valéria?

— Sim — respondeu Adelina. — Ela está condenada, vai morrer de uma doença horrorosa, cuja descrição por si só nos causa arrepios.

Os dentes da prima Bette bateram uns nos outros. Ela começou a suar frio, sentiu um abalo tremendo, que revelou a profundidade de sua apaixonada amizade por Valéria.

— Vou até lá — declarou.

— Mas o médico não te proibiu de sair?

— Não importa. Vou até lá. Em que situação deve estar o pobre do Crevel, que ama a sua mulher!

— Ele também está à morte — replicou a condessa Steinbock. — Ah! Todos os nossos inimigos estão nas mãos do diabo...

— Nas mãos de Deus, minha filha...

Lisbeth vestiu-se, com o seu famoso vestido de casimira amarela e o capote de veludo preto, e calçou os borzeguins; e, surda às advertências de Adelina e de Hortênsia, partiu como que arrastada por uma força despótica.

## CXXII – A ÚLTIMA PALAVRA DE VALÉRIA

Lisbeth chegou à Rue Barbet alguns instantes depois do sr. e da sra. Hulot e encontrou lá sete médicos que Bianchon mandara para observar aquele caso único e aos quais iria se juntar. Esses médicos, de pé no salão, discutiam a respeito da doença: de vez em quando iam ao quarto de Valéria ou de Crevel, ora um, ora outro, a fim de fazer observações, voltando com argumentos baseados no que viam.

Duas graves opiniões dividiam esses príncipes da ciência. Um deles sustentava, sozinho, a opinião de que se tratava de um envenenamento, falando de uma vingança particular, ao mesmo tempo que negava ter-se encontrado a doença descrita na Idade Média. Três outros queriam ver naquilo uma decomposição da linfa e dos humores. O segundo grupo, o de Bianchon, sustentava que aquela doença era causada por uma infecção do sangue, corrompido por um princípio mórbido desconhecido. Bianchon trazia o resultado da análise do sangue feita pelo professor Duval. Os meios terapêuticos, embora desesperados e inteiramente empíricos, dependiam da solução desse problema médico.

Lisbeth ficou petrificada a três passos do leito em que Valéria morria, vendo um vigário da Saint-Thomas-d'Aquin à cabeceira da amiga e uma irmã de caridade cuidando dela. A religião encontrava uma alma para salvar num monturo de podridão que, dos cinco sentidos do ser humano, só conservava a visão. A irmã de caridade, a

única que aceitara a incumbência de cuidar de Valéria, mantinha-se à distância. Assim, a Igreja Católica, corpo divino, sempre animado pela inspiração do sacrifício em todas as coisas, assistia, sob sua dupla forma de espírito e de carne, aquela infame e infecta moribunda, prodigalizando-lhe a sua mansuetude infinita e os seus inesgotáveis tesouros de misericórdia.

Espantados, os criados se recusavam a entrar nos quartos do patrão ou da patroa; só pensavam em si e achavam que os patrões estavam sendo castigados justamente.

A infecção era tão grande que, apesar de estarem abertas as janelas e não obstante os mais intensos perfumes, ninguém poderia ficar durante muito tempo no quarto de Valéria. Só a religião velava. Como uma mulher de espírito superior como Valéria não teria perguntado a si mesma qual o interesse que fazia aqueles dois representantes da Igreja ficarem ali? Também a moribunda tinha ouvido a voz do padre. O arrependimento invadia aquela alma perversa na proporção das destruições que a devorante doença fazia em sua beleza. A delicada Valéria tinha oferecido à doença muito menos resistência que Crevel, e ela devia morrer primeiro, tendo sido, aliás, a primeira a ser atacada.

— Se eu não tivesse estado doente, teria vindo cuidar de ti — disse Lisbeth, afinal, depois de ter trocado um olhar com os olhos abatidos de sua amiga. — Há quinze ou vinte dias que estou presa no quarto; contudo, quando soube de tua situação por intermédio do médico, corri até aqui.

— Pobre Lisbeth, ainda gostas de mim! Bem o vejo — disse Valéria. — Escuta: só tenho um dia ou dois para pensar, já que não posso dizer *viver*. Como vês, não tenho mais corpo, sou um montão de lama... Não me permitem olhar-me ao espelho... Tenho o que mereço. Ah! Para ser recebida em misericórdia, queria reparar todo o mal que causei.

— Oh! — disse Lisbeth. — Se falas assim, estás bem morta!

— Não venha impedir que essa mulher se arrependa; deixe-a com os seus pensamentos cristãos — aconselhou o padre.

“Nada mais!”, pensou Lisbeth, espantada. “Não lhe reconheço nem os olhos nem a boca. Dela não resta um só traço! E o espírito foi-se! Oh! É horroroso!”

— Não sabes o que é a morte — continuou Valéria. — Não sabes o que é pensar contra a vontade no dia seguinte do seu último dia, no que se deve encontrar no caixão: vermes para o corpo; e para a alma? Ah! Lisbeth, sinto que há uma outra vida! E estou dominada por um terror que me impede de sentir as dores de minha carne decomposta! Eu, que dizia rindo a Crevel, ridicularizando uma santa, que a vingança de Deus tomava todas as formas da desgraça... Pois bem... Eu era profeta! Não brinques com as coisas sagradas, Lisbeth! Se me amas, imita-me, arrepende-te!

— Eu? — exclamou a lorena. — Tenho visto a vingança por toda a parte na natureza; os insetos morrem para satisfazer a necessidade da vingança, quando os atacam. E esses cavalheiros — acrescentou, apontando o sacerdote — não nos dizem eles que Deus se vinga e que sua vingança dura a eternidade?

O padre lançou sobre Lisbeth um olhar cheio de doçura e disse-lhe:

— A senhora é atea.

— Mas vê, então, em que estado me encontro! — lembrou Valéria.

— E donde te vem essa gangrena? — perguntou a solteirona, firme em sua incredulidade de aldeã.

— Oh! Recebi de Henrique um bilhete que não me deixa nenhuma dúvida sobre a minha sorte... Ele me matou. Morrer no momento em que queria viver honestamente, e morrer alvo de horror!... Lisbeth, abandona toda a ideia de vingança! Sê boa para essa família, para a qual já deixei, em testamento, tudo aquilo de que, por lei, poderia dispor. Vai, minha filha, embora sejas a única pessoa, hoje, que não se afasta de mim com pavor; suplico-te, vai-te embora, deixa-me; só tenho o tempo necessário para me entregar a Deus!

“Ela está delirando”, disse Lisbeth consigo mesma, no patamar do quarto.

O sentimento mais violento que se conhece, a amizade de uma mulher por outra, não teve a heroica constância da Igreja. Sufocada pelos miasmas deletérios, Lisbeth deixou o quarto. Viu que os médicos continuavam a discutir. Mas a opinião de Bianchon vencia e só se discutia a maneira de empreender a experiência.

— De qualquer modo, será uma autópsia magnífica — dizia um dos oponentes. — Teremos dois indivíduos para poder estabelecer comparações.

Lisbeth acompanhou Bianchon, que foi até o leito da doente sem demonstrar que percebia o mau cheiro que ela exalava.

— Minha senhora — disse ele —, vamos tentar uma medicação poderosa que a pode salvar...

— Se me salvar, ficarei bonita como antes? — perguntou Valéria.

— Talvez! — declarou o prudente médico.

— O seu *talvez* é conhecido! Eu ficaria como essas mulheres que se queimam no fogo. Deixe-me inteiramente entregue à Igreja. Agora só desejo agradar a Deus! Farei tudo para me reconciliar com Ele. Será a minha última coqueteria! Sim! É preciso que eu *fisque o bom Deus!*

— Eis aí a última palavra da minha pobre Valéria: eu a encontro de novo! — disse Lisbeth, chorando.

### CXXIII – AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE CREVEL

A lorena julgou que devia passar pelo quarto de Crevel, onde foi

encontrar Vitorino e a mulher sentados a alguma distância do leito do pestilento.

— Lisbeth — disse o enfermo —, ocultam-me o estado em que se encontra minha mulher; acabas de vê-la, como vai ela?

— Está melhor, diz-se salva! — respondeu Lisbeth, permitindo-se um jogo de palavras a fim de tranquilizar Crevel.

— Ah! Está bem — continuou o *maire*. — Eu receava ser a causa da doença dela... Não é impunemente que se foi caixeiro-viajante de perfumaria. Eu me censuro, meus filhos, adoro essa mulher.

Crevel tentou colocar-se em posição, sentando-se na cama.

— Ah! Papai — exclamou Celestina —, se você pudesse ficar bom, eu receberia minha madrastra, prometo!

— Minha querida Celestina! — continuou Crevel. — Vem beijar-me!

Vitorino reteve a esposa, que ia avançar.

— O senhor sabe que a sua doença é contagiosa — lembrou o advogado com delicadeza.

— É verdade — respondeu Crevel —; os médicos se gabam de ter reencontrado em mim não sei que peste da Idade Média, que se julgava desaparecida, e fazem ruído com isso em suas faculdades... É muito engraçado!

— Papai — interrompeu Celestina —, sê corajoso e vencerás essa doença.

— Fiquem tranquilos, meus filhos, a morte olha duas vezes antes de abater um *maire* de Paris — disse o enfermo, com um sangue-frio cômico. — E depois, se a minha circunscrição é bastante infeliz para se deixar roubar o homem que por duas vezes honrou com os seus sufrágios... (Vejam como me exprimo com facilidade, hein?!). Bem... Saberei arrumar minhas bagagens. Sou um antigo caixeiro-viajante; tenho o hábito das partidas. Ah! Meus filhos, sou um espírito forte.

— Papai, prometes-me deixar que a Igreja venha à sua cabeceira?

— Nunca! — respondeu Crevel. — Que querem? Suguei o leite da Revolução, não tenho o espírito do barão de Holbach<sup>[270]</sup> mas tenho sua força de alma. Sou, mais do que nunca, Regência, mosqueteiro cinzento,<sup>[271]</sup> padre Dubois e marechal de Richelieu! Com a breca: minha pobre mulher, que perde a cabeça, acaba de me mandar um homem de batina, a mim, o admirador de Béranger,<sup>[272]</sup> o amigo de Lisette,<sup>[273]</sup> o filho de Voltaire e de Rousseau...<sup>[274]</sup> O médico me disse, para me sondar, para saber se a doença me abatia: “Viu o senhor padre?”. Pois bem! Eu imitei o grande Montesquieu.<sup>[275]</sup> Sim, olhei o médico, veja bem, assim fiz com que ele se pusesse a três quartos como no retrato e, estendendo a mão com autoridade, disse-lhe:

...Veio este escravo,

Mostrou sua ordem e nada obteve.<sup>[276]</sup>

“Sua ordem” é um lindo trocadilho e mostra que, em sua agonia, o sr. presidente Montesquieu conservava todo o encanto do seu gênio, porque lhe haviam mandado um jesuíta! Adoro esta passagem, não se pode dizer de sua vida, mas de sua morte. Ah! A passagem... Mais um trocadilho! A passagem Montesquieu!<sup>[277]</sup>

Hulot filho contemplava tristemente o sogro, perguntando a si mesmo se a estupidez e a vaidade não possuíam força igual: a da verdadeira grandeza de alma. As causas que fazem mover as molas da alma parecem ser inteiramente estranhas aos resultados. A força que um grande criminoso emprega não seria ela a mesma força de que se orgulha um Champcenetz ao ir para o suplício?<sup>[278]</sup>

No fim da semana, a sra. Crevel foi enterrada, depois de inauditos sofrimentos, e Crevel, com dois dias de intervalo, seguiu a mulher. Assim, os efeitos do contrato de casamento foram anulados, e Crevel herdou de Valéria.

Logo no dia seguinte ao do enterro, o advogado teve outra visita do velho frade, recebendo-o sem dizer-lhe uma só palavra. O frade estendeu silenciosamente a mão e silenciosamente também o sr. Vitorino Hulot lhe entregou oitenta notas de mil francos, tiradas da importância que encontraram na escrivaninha de Crevel.

A sra. Hulot filho herdou a terra de Presles e trinta mil francos de renda. A sra. Crevel legara trezentos mil francos ao barão Hulot. O escrofuloso Estanislau deveria receber, quando chegasse à maioridade, o palacete de Crevel e vinte e quatro mil francos de renda.

#### **CXXIV – UM DOS ASPECTOS DA ESPECULAÇÃO**

Entre as numerosas e sublimes associações instituídas pela caridade católica em Paris, há uma, fundada pela sra. de la Chanterie,<sup>[279]</sup> cuja finalidade é casar no civil e no religioso as pessoas do povo que se uniram de boa vontade. Os legisladores, que fazem questão do produto do registro, a burguesia reinante, que faz questão dos honorários dos tabeliães, fingem ignorar que três quartas partes das pessoas do povo não podem pagar quinze francos por seu contrato de casamento. A câmara dos tabeliães, nesse particular, está abaixo da câmara dos solicitadores de Paris. Os solicitadores de Paris, classe bastante caluniada, empreendem gratuitamente o prosseguimento dos processos de indigentes, enquanto os tabeliães ainda não se decidiram a fazer gratuitamente os contratos de casamento da gente pobre. Quanto ao fisco, seria preciso remover toda a máquina governamental para fazer que ela, a esse respeito, relaxasse o seu rigor. O registro é surdo e mudo. A Igreja, pelo seu lado, percebe direitos sobre os casamentos. Na França, a Igreja é excessivamente fiscal; entrega-se, na casa de Deus, à ignóbil traficância de pequenos bancos e cadeiras, com



o que se indignam os estranhos, embora não possa ela ter esquecido a cólera do Salvador expulsando os vendilhões do templo. Se a Igreja dificilmente abre mão de seus direitos, é preciso crer que tais direitos, chamados de fábrica, constituem hoje um dos recursos de que dispõe, e o erro das igrejas seria então o do Estado. A reunião destas circunstâncias, num tempo em que se manifestam demasiadas preocupações com os negros, com os pequenos condenados da Polícia Correccional para que se possam ocupar com as pessoas honestas que sofrem, faz com que casais decentes, em grande número, permaneçam no concubinato por falta de trinta francos, último preço pelo qual o cartório, o registro, a *mairie* e a Igreja podem unir dois parisienses. A instituição da sra. de la Chanterie, fundada para reconduzir os casais pobres ao caminho religioso e legal, vive à caça desses casais, encontrando-os tanto mais quanto os socorre como indigentes antes de verificar-lhes o estado incivil.

Quando a sra. baronesa Hulot ficou completamente restabelecida, retomou as suas ocupações. Foi então que a respeitável sra. de la Chanterie veio pedir a Adelina para juntar a legalização dos casamentos naturais às boas obras de que era intermediária.

Uma das primeiras tentativas da baronesa, nesse terreno, verificou-se no bairro sinistro outrora denominado de Petite Pologne, circunscrito pelas Rues du Rocher, de la Pépinière e de Miroménil. Existe aí uma espécie de sucursal do Faubourg Saint-Marceau. Para pintar esse bairro, basta dizer que os proprietários de certas casas habitadas por industriais sem indústrias, perigosos litigantes e indigentes entregues a profissões arriscadas não ousam reclamar-lhes os aluguéis e não encontram meirinhos que queiram expulsar os locatários insolventes. Nesse momento, a especulação, que tende a alterar a fisionomia de tal recanto de Paris e a construir no terreno baldio que separa a Rue d'Amsterdam da Rue du Faubourg-du-Roule, modificará, sem dúvida, a população, porque a colher do pedreiro, em Paris, é mais civilizadora do que se pensa. Construindo belas e elegantes casas com porteiros, cercando-as de calçadas e instalando lojas, a especulação afasta, pelo preço do aluguel, as pessoas sem compostura, os casais sem mobília e os maus locatários. Assim, os bairros se livram dessa população sinistra e desses antros onde a polícia só põe o pé quando a Justiça o ordena.

Em junho de 1844, a fisionomia da Place de Laborde e seus arredores ainda era pouco tranquilizadora. O pedestre elegante que, pela Rue de la Pépinière, alcançasse por acaso aquelas ruas assustadoras, se surpreenderia por ver a aristocracia ombro a ombro com uma ínfima boemia. Nesses bairros, onde vegetam a indigência ignorante e a miséria extrema, florescem os últimos escreventes públicos que se veem em Paris. Onde encontrarem escritas estas duas

palavras — *Escrevente público* — em letras grosseiras, num papel branco pregado na vidraça de alguma sobreloja ou de um lamacento andar térreo, podem concluir com toda a certeza que o bairro esconde muitos seres ignaros e, portanto, desgraças, vícios e criminosos. A ignorância é a mãe de todos os crimes. Um crime é, antes de tudo, uma falta de raciocínio.

## CXXV – NO QUAL NÃO SE DIZ POR QUE TODOS OS LIMPA-CHAMINÉS DE PARIS SÃO ITALIANOS

Ora, durante a enfermidade da baronesa, esse bairro, para o qual ela era uma segunda providência, conseguira um escrevente público, instalado na Passage du Soleil — denominação que é uma dessas antíteses familiares aos parisienses, pois a travessa é duplamente escura. Esse escrevente, que se suspeitava ser alemão, chamava-se Vyder e vivia maritalmente com uma jovem, da qual tinha tanto ciúme que só a deixava ir à casa de uns honestos limpa-chaminés da Rue Saint-Lazare, italianos como todos os limpa-chaminés, e que se haviam instalado em Paris desde há muitos anos. Os limpa-chaminés tinham sido salvos de uma falência inevitável, e que os levaria à miséria pela baronesa Hulot, agindo por conta da sra. de la Chanterie. Dentro de alguns meses, o bem-estar substituíra a miséria, e a religião penetrara em corações que antes maldiziam a Providência com a energia peculiar aos limpa-chaminés italianos.

Uma das primeiras visitas da baronesa, portanto, foi a essa família. Ela sentiu-se feliz ao deparar com o espetáculo que se ofereceu a seus olhos, no fundo da casa onde vivia essa boa gente, na Rue Saint-Lazare, perto da Rue du Rocher. No andar superior das lojas e da oficina, agora bem abastecidas, onde formigavam aprendizes e operários, todos italianos do vale do Domo de Ossola,<sup>[280]</sup> a família ocupava um pequeno apartamento, ao qual o trabalho trouxera a abundância.

A baronesa foi recebida como se fora a aparição da Virgem Maria. Depois de um quarto de hora de exame, forçada a conversar com o marido para saber como iam os negócios, Adelina se entregou à santa espionagem, colhendo informações sobre os infelizes que a família do limpa-chaminés podia conhecer.

— Ah! Minha boa senhora — disse a italiana —, a senhora seria capaz de salvar os danados do inferno; pois bem, mora perto daqui uma mocinha que deve ser salva da perdição.

— Conhece-a bem? — perguntou a baronesa.

— É a neta de um antigo patrão de meu marido, que veio para a França desde a Revolução, em 1798, e que se chama Judici. O velho Judici, no tempo do imperador Napoleão, foi um dos primeiros limpa-chaminés de Paris; morreu em 1819, deixando uma bela fortuna para o

filho. Mas o filho comeu tudo com mulheres ruins e acabou casando-se com uma delas, mais ardilosa que as outras, com a qual teve essa pobre menina que acaba de completar quinze anos.

— Que lhe aconteceu? — indagou a baronesa, vivamente impressionada pela semelhança do caráter do tal Judici com o de seu marido.

— Pois bem, minha senhora, essa pequena, que se chama Atala, abandonou o pai e a mãe para vir viver aqui ao lado, com um velho alemão, de oitenta anos, pelo menos, um tal Vyder, que faz todos os negócios para as pessoas que não sabem ler nem escrever. Se pelo menos esse velho libertino, que, segundo dizem, comprou a menina à mãe dela por mil e quinhentos francos, quisesse desposá-la... Ele não viverá muito tempo, sem dúvida, e dizem que é possível que tenha uma renda de alguns milhares de francos; nesse caso, a pobre menina, que é um anjinho, escaparia ao mal, sobretudo à miséria, que a perverterá.

— Agradeço-lhe por me ter prestado essas informações para que possa praticar uma boa ação — disse Adelina. — Mas é preciso agir com prudência. Como é esse velho?

— Ah! Minha senhora, é um bom homem, que faz a pequena feliz e a quem não falta bom senso, porque, veja a senhora, ele deixou o bairro dos Judici, creio, para salvar essa menina das garras da mãe. A mãe era ciumenta da filha, talvez sonhando tirar partido de sua beleza, fazer dessa criança *uma senhorita*! Atala lembrou-se de nós e aconselhou seu *senhor* a instalar-se perto de nossa casa; sabendo quem somos nós, o bom homem a deixa vir aqui; mas a senhora deve casá-los e fará uma boa ação, muito digna da senhora... Uma vez casada, a pequena será libertada, escapará por esse meio à própria mãe, que a espreita e que queria, para tirar partido dela, vê-la no teatro ou vencendo na horrível carreira em que a lançou.

— Por que o velho não se casou com ela?

— Não era necessário — esclareceu a italiana. — Embora o bom do Vyder não seja um homem inteiramente mau, creio que ele é bastante ardiloso para querer ser senhor da pequena, enquanto casado, por Deus, ele teme, o pobre velho, o que acontece a todos os velhos...

— Pode mandar buscar essa jovem? — perguntou a baronesa. — Vê-la-ei aqui e saberei se há algum recurso...

A mulher do limpa-chaminés fez um sinal à filha mais velha, que saiu logo em seguida. Dez minutos depois voltava, conduzindo pela mão uma mocinha de quinze anos e meio, de uma beleza verdadeiramente italiana.

A srta. Judici herdara do sangue paterno a pele amarelada, de dia, que, à noite, à luz das lâmpadas, se tornava de uma alvura brilhante; os olhos de uma grandeza, de uma forma, de um brilho oriental; as sobrancelhas grossas e curvas, que pareciam pequenas penas pretas; uma cabeleira de ébano e aquela majestade nativa da Lombardia, que leva o estrangeiro, quando passeia, um domingo, por Milão, a acreditar que são rainhas as filhas dos porteiros.

Informada, pela filha do limpa-chaminés, a respeito da visita de grande dama, de quem já ouvira falar, Atala vestira às pressas um lindo vestido de seda, calçando borzeguins e usando um xale elegante. Um gorro de fitas, cor de cereja, aumentava o efeito da cabeça.

A pequena mantinha-se numa atitude de natural curiosidade, observando de viés a baronesa, cujo tique nervoso muito a espantava.

Adelina deu um profundo suspiro ao ver essa obra-prima feminina na lama da prostituição, jurando levá-la ao caminho da virtude.

— Como te chamas, minha filha?

— Atala, minha senhora.

— Sabes ler, escrever?

— Não, minha senhora; mas isso não tem importância, porque o *senhor* sabe...

— Teus pais te batizaram? Fizeste a primeira comunhão? Sabes o teu catecismo?

— Minha senhora, papai queria fazer comigo coisas que parecem essas de que a senhora fala, mas mamãe se opôs a isso...

— Tua mãe? — exclamou a baronesa. — Então, tua mãe é muito má, hein?

— Ela me batia sempre! Não sei por que, mas eu era objeto de discussões contínuas entre papai e mamãe...

— Então, nunca te falaram em Deus? — indagou a baronesa.

A jovem arregalou os olhos:

— Ah! Mamãe e papai sempre dizem: “Ora, adeus! Deus nos acuda! Salve-nos Deus!” — informou, com deliciosa ingenuidade.

— Nunca viste as igrejas? Nunca te passou pela cabeça a ideia de entrar numa delas?

— Igrejas? Ah! Notre-Dame, o Panthéon, já vi tudo isso de longe, quando papai me levava a passear por Paris; mas isso não ocorria muitas vezes. Não há dessas igrejas no faubourg.

— Em que faubourg moras?

— No faubourg...

— Que faubourg?

— Na Rue de Charonne, minha senhora...

As pessoas que moram no Faubourg Saint-Antoine não chamam de outra maneira esse famoso bairro; é o Faubourg. Para eles, é o faubourg por excelência, o soberano, e os próprios fabricantes compreendem a

expressão faubourg como se fosse específica para o Faubourg Saint-Antoine.

— Nunca te disseram o que era o bem e o que era o mal?

— Mamãe me batia quando eu não fazia as coisas à sua vontade...

— Mas não sabias que estavas cometendo má ação ao deixares teu pai e tua mãe para ir viver em companhia de um velho?

Atala Judici fitou a baronesa com um ar altivo e não lhe respondeu.

“É uma jovem inteiramente selvagem!”, pensou Adelina.

— Ah! Minha senhora, há muitas como ela no faubourg! — informou a mulher do limpa-chaminés.

— Mas ela ignora tudo, até o mal, meu Deus! Por que não me respondes? — perguntou a baronesa, tentando tomar Atala pela mão.

Zangada, Atala recuou um passo:

— A senhora é uma velha maluca! Meu pai e minha mãe não comiam havia uma semana. Mamãe queria fazer comigo uma coisa muito ruim, porque papai bateu nela, chamando-a de ladra. Foi então que o sr. Vyder pagou todas as dívidas de meu pai e de minha mãe e lhes deu dinheiro... Oh! Um saco cheio! E ele me trouxe, enquanto meu pobre pai chorava... Mas se era preciso que os deixasse, haveria mal nisso?

## CXXVII – CONTINUAÇÃO DO PRECEDENTE

— E amas o sr. Vyder?

— Se o amo? — perguntou Atala. — Creio que sim, minha senhora. Ele me conta belas histórias todas as noites! E me deu lindos vestidos, roupa branca, um xale. Tenho de tudo, como uma princesa, e não uso mais tamancos. Enfim, há dois meses não sei o que é passar fome. Já não como batatas. Ele me traz bombons, amêndoas! Ah! Como é bom chocolate com amêndoa! Faço tudo o que ele quer por um saco de chocolate. Depois, meu velho Vyder é muito bom; cuida tão bem de mim e, tão amavelmente, que me faz ver como deveria ter sido minha mãe... Ele vai arranjar uma empregada velha para cuidar de mim, porque não quer que eu suje as mãos na cozinha. Há um mês, ele começou a ganhar um pouco mais; todas as noites ele me traz três francos, que eu ponho num mealheiro. Só há uma coisa: ele não quer que eu saia, a não ser para vir aqui... É um amor de homem! Também ele faz de mim o que quer... Ele me chama de sua gatinha, quando mamãe só me chamava de p..., ou então de f... da p..., ladra, parasita, sei lá o que mais!

— Então, minha filha, por que não te casas com o velho Vyder?

— Mas já me casei, minha senhora — disse a jovem, fitando a baronesa com um ar cheio de altivez, sem corar, a fronte pura, os olhos calmos. — Ele me disse que eu era sua mulherzinha; mas é muito

aborrecido ser a mulher de um homem... Bem... Não fossem as amêndoas...

“Meu Deus!”, murmurou a baronesa. “Quem é o monstro que pôde abusar de tão completa, de tão santa inocência? Colocar esta criança no bom caminho é resgatar muitas faltas! Eu sabia o que fazia!”, disse consigo mesma, pensando na cena que tivera com Crevel... “Mas ela ignora tudo!”

— Conhece o sr. Samanon? — perguntou Atala com um ar carinhoso.

— Não, minha filha. Mas por que me perguntas isso?

— De verdade? — insistiu a inocente criatura.

— Não debes ter nenhum receio dessa senhora, Atala — disse a mulher do limpa-chaminés. — Ela é um anjo!

— É que o meu velhinho tem medo de ser encontrado por esse tal de Samanon; esconde-se dele... E eu gostaria muito que ele pudesse ficar livre...

— Por quê?

— Ora, ele me levaria ao Bobino,<sup>[282]</sup> talvez ao Ambigu.

— Que encantadora criatura! — exclamou a baronesa, beijando a mocinha.

— A senhora é rica? — perguntou Atala, que brincava com os punhos da baronesa.

— Sim e não — respondeu Adelina. — Sou rica para as boas meninas como tu, quando elas querem deixar que um padre lhes ensine os deveres do cristão e tomar o bom caminho.

— Que caminho? Eu ando bem com as minhas pernas.

— O caminho da virtude!

Atala fitou a baronesa com um ar malicioso e risonho.

— Vê esta senhora: ela é feliz desde que voltou ao seio da Igreja — declarou Adelina, indicando a mulher do limpa-chaminés. — Tu te casaste como os animais se juntam!

— Eu? — perguntou Atala. — Mas, se a senhora quisesse me dar o que o velho Vyder me dá, eu ficaria muito contente por não me casar. É uma coisa muito aborrecida, sabe como é?

— Quando uma mulher se une a um homem, como tu, manda a virtude que ela lhe seja fiel.

— Até que ele morra? — perguntou Atala, com uma expressão astuta. — Não demorará muito. Se soubesse como o velho Vyder tosse e ronca! Vuuu, vuuuu! — fez ela, procurando imitar o velho.

— A virtude, a moral querem que a Igreja, que representa Deus, e a *mairie*, que representa a lei, consagrem o teu casamento — continuou a baronesa. — Vê a dona da casa: casou-se legitimamente...

— Isso será mais divertido? — perguntou a menina.

— Serás mais feliz, porque ninguém poderá censurar o teu

casamento. Agradarás a Deus. Pergunta a esta senhora se ela se casou sem ter recebido o sacramento do casamento.

Atala olhou para a mulher do limpa-chaminés:

— Que tem ela mais do que eu? Sou mais bonita que ela.

— Sim, mas eu sou uma mulher honesta — objetou a italiana — e tu... Podem dar-te um nome muito feio...

— Como queres que Deus te proteja, se espezinhas as leis divinas e humanas? — indagou a baronesa. — Sabes que Deus reserva um paraíso para os que seguem os mandamentos de sua Igreja?

— Que é que há nesse paraíso? Há espetáculos?

— Ah! No paraíso há todas as alegrias que podes imaginar. É cheio de anjos, cujas asas são brancas. Lá se encontra Deus em sua glória, partilha-se de seu poder, é-se feliz em todos os momentos e para a eternidade!

Atala Judici ouviu a baronesa como se estivesse ouvindo música; e, vendo que não estava em condições de compreendê-la, Adelina pensou que deveria tomar outro caminho, dirigindo-se ao velho.

— Volta para tua casa, minha filha, e eu irei falar com o sr. Vyder. Ele é francês?

— É alsaciano, minha senhora; mas ficará rico. Se a senhora quiser pagar o que ele deve àquele sujo do Samanon, ele depois a reembolsará. Dentro de alguns meses, diz ele que terá seis mil francos de renda, e iremos então viver no campo, bem longe, nos Vosges...

Esta palavra — *Vosges* — fez a baronesa cair num sonho profundo. Ela recordava sua aldeia.

## CXXVIII – UM RECONHECIMENTO

A baronesa foi despertada de sua dolorosa meditação pelos cumprimentos do limpa-chaminés, que vinha dar-lhe as provas de sua prosperidade:

— Dentro de um ano, minha senhora, poderei pagar-lhe a importância que a senhora nos emprestou, porque é o dinheiro do bom Deus, o dinheiro dos pobres e dos desgraçados. Se eu ficar rico, a senhora poderá um dia tirar o que quiser de nossa bolsa; por meio de suas mãos, darei aos outros a ajuda que a senhora nos deu.

— Neste momento — disse a baronesa —, não lhe peço dinheiro; peço a sua cooperação em favor de uma boa obra. Acabo de ver a pequena Judici, que vive com um velho, e eu quero casá-la no religioso e no civil.

— Ah! O pai Vyder é um bom homem, um homem decente, muito consciencioso, esse pobre velho já fez muitos amigos no bairro, nos dois meses que se instalou aqui. Ele passa a limpo as minhas contas. É um bravo coronel, creio, que bem serviu ao Imperador. Ah! Como ele

adora Napoleão! Foi condecorado, mas nunca usa condecoração. Espera refazer-se, porque tem dívidas, o pobre homem. Creio mesmo que ele se esconde, está sendo perseguido por meirinhos...

— Diga que eu pagarei suas dívidas, se ele quiser casar-se com a pequena...

— Está bem, direi imediatamente. Espere, minha senhora, vamos até lá; é a dois passos daqui, Passage du Soleil.

A baronesa e o limpa-chaminés saíram para ir à Passage du Soleil.

— Por aqui, minha senhora — disse o limpa-chaminés, indicando a Rue de la Pépinière.

A Passage du Soleil, com efeito, começa na Rue de la Pépinière e desemboca na Rue du Rocher. No meio da travessa, de criação recente, e cujas lojas são de preço muito módico, a baronesa viu, em cima de uma vidraça guarnecida de tafetá verde, numa altura que impedia os transeuntes de lançarem olhares indiscretos e na porta:

ESCREVENTE PÚBLICO

ESCRITÓRIO

*Redigem-se petições, passam-se a limpo  
contas etc. Discrição, rapidez.*

O interior parecia um desses escritórios de trânsito onde os ônibus de Paris fazem os viajantes esperarem a baldeação. Uma escada interna levava, sem dúvida, ao apartamento instalado na sobreloja, iluminada pela galeria e que dependia da loja.

A baronesa viu uma escrivaninha de madeira branca, já suja, caixas e uma horrorosa poltrona comprada em segunda mão. Um boné e um quebra-luz de tafetá verde com fio de ferro, todo engordurado, revelavam ou precauções tomadas para um disfarce ou uma fraqueza de vista muito compreensível num velho.

— Ele está lá em cima — disse o limpa-chaminés. — Vou subir para avisá-lo e fazê-lo descer.

A baronesa baixou o véu e sentou-se. Um passo arrastado fez ranger a pequena escada de madeira e Adelina não pôde reprimir um grito agudo ao ver seu marido, o barão Hulot, com uma jaqueta cinzenta, de malha, calças velhas de casimira cinzenta e pantufas.

— Que deseja a senhora? — perguntou Hulot galantemente.

Adelina ergueu-se, segurou Hulot e disse-lhe, com uma voz partida pela emoção:

— Até que enfim te encontro!

— Adelina! — exclamou o barão estupefato, fechando a porta do escritório. — José, pode sair pela alameda — disse, dirigindo-se ao limpa-chaminés.

— Meu amigo — continuou Adelina, esquecendo tudo no auge da



alegria —, podes voltar para o seio de tua família: estamos ricos; teu filho tem uma renda de cento e sessenta mil francos, tua pensão foi liberada, tens a receber uns atrasados no valor de quinze mil francos, contra a apresentação de um simples certificado de vida! Valéria morreu, legando-te trezentos mil francos. Já esqueceram o teu nome, podes voltar para o seio da sociedade e encontrarás uma fortuna na casa de teu filho, logo de início. Vem, nossa felicidade será completa. Há uns três anos que te procuro e tanto esperava encontrar-te que tens um apartamento pronto para receber-te. Oh! Sai daqui, deixa a triste situação em que te vejo!

— Está certo — disse o barão, aturdido. — *Mas poderei levar a pequena?*

— Heitor, renuncia a ela, faz isso pela tua Adelina, que nunca te pediu o menor sacrifício. Eu te prometo que darei um dote a essa menina, arranjaréi para ela um bom casamento e dar-lhe-ei instrução. Que seja feliz pelo menos uma das mulheres que te fizeram feliz, e que não caia mais no vício nem na lama!

— Então, eras tu que querias casar-me? — perguntou o barão, com um sorriso. — Espera um instante aqui, vou vestir-me lá em cima, onde guardo numa mala umas roupas melhores...

Quando Adelina ficou só e observou de novo aquela horrível loja, desfez-se em lágrimas. “Ele vivia aqui, enquanto nós nos encontramos na opulência!”, pensou. “Pobre homem! Foi bem castigado, ele que era a própria elegância!”

## CXXIX – A ÚLTIMA PALAVRA DE ATALA

O limpa-chaminés veio cumprimentar a sua benfeitora, que lhe pediu fosse buscar um carro. Quando o homem voltou, a baronesa solicitou ainda que voltasse para casa e trouxesse imediatamente a pequena Atala Judici.

— Diga-lhe — acrescentou — que, se ela quiser colocar-se sob a direção do senhor cura da Madeleine, no dia em que fizer sua primeira comunhão eu lhe darei um dote de trinta mil francos e um bom marido, algum bom rapaz!

— Meu filho mais velho, minha senhora! Ele tem vinte e dois anos e adora essa criança!

O barão desceu nesse instante, com os olhos úmidos.

— Tu me fazes abandonar a única criatura que demonstrou por mim um amor semelhante ao que me tens — disse ao ouvido da esposa. — Essa pequena vai desfazer-se em lágrimas; não posso abandoná-la assim...

— Fica tranquilo, Heitor! Ela vai ficar no seio de uma família decente e eu respondo pelos seus hábitos.

— Ah! Posso acompanhar-te agora — disse o barão, dando o braço à sua esposa.

Tendo-se tornado o barão d'Ervy, Heitor vestira uma calça e uma sobrecasaca de fazenda azul, colete branco, gravata preta e luvas. Quando a baronesa se sentou no fundo do carro, Atala entrou também, num movimento de cobra:

— Ah! Minha senhora, deixe-me acompanhá-la, deixe-me ir com a senhora. Olhe, eu me comportarei bem, serei obediente, farei tudo o que a senhora quiser, mas não me separe do velho Vyder, do meu benfeitor, que me deu coisas tão boas. Vou levar surras, novamente!

— Atala — disse o barão —, esta senhora é minha mulher; temos de nos separar...

— Ela, velha assim? — perguntou a inocente. — Ela treme como uma folha! Oh! Que cabeça!

E pôs-se a imitar ridiculamente o tique nervoso da baronesa.

O limpa-chaminés, que vinha atrás da pequena Judici, apareceu na portinhola do carro.

— Leve-a! — determinou a baronesa.

O limpa-chaminés tomou Atala nos braços e levou-a à força para sua casa.

— Obrigado por este sacrifício, meu amigo! — disse Adelina, tomando a mão do barão e apertando-a com uma delirante alegria. — Estás mudado! Como deves ter sofrido! Que surpresa para a tua filha e para teu filho!

Adelina falava como os namorados que se reveem depois de uma longa ausência, dizendo mil coisas ao mesmo tempo.

## **CXXX – A VOLTA DO PAI PRÓDIGO**

Em dez minutos, o barão e a esposa chegaram à Rue Louis-le-Grand, onde Adelina encontrou a seguinte carta:

Senhora baronesa,

O sr. barão d'Ervy ficou durante um mês na Rue de Charonne, sob o nome de Thorec, anagrama de Hector. Atualmente, se encontra na Passage du Soleil, sob o nome de Vyder. Diz-se alsaciano, faz escritas e vive com uma jovem chamada Atala Judici. Tome todas as precauções, senhora, porque procuram ativamente o barão, não sei com que objetivo.

A comediante cumpriu sua palavra e se diz, como sempre, senhora baronesa,  
sua humilde serva,  
J. M.

A volta do barão deu margem a efusões de alegria, que o converteram à vida de família. Ele esqueceu a pequena Atala Judici, porque os excessos da paixão tinham levado à mobilidade de sensações que caracteriza a

infância. A felicidade da família foi perturbada pela transformação por que passara o barão. Depois de ter deixado os filhos, ainda válido, voltava ele quase centenário, quebrado, curvo, a fisionomia estragada.

Um jantar esplêndido, improvisado por Celestina, fez que o velho, surpreso ante os esplendores da sua família, se lembrasse dos jantares da cantora.

— Vocês festejam a volta do pai pródigo! — disse ele ao ouvido de Adelina.

— Psiu! Tudo está esquecido — respondeu ela.

— E Lisbeth? — perguntou o barão, que não vira a solteirona.

— Ai! Ela está de cama, não se levanta mais, e breve sofreremos o desgosto de perdê-la — respondeu Hortênsia. — Ela espera ver-te depois do jantar.

No dia seguinte, pela madrugada, Hulot filho foi informado pela porteira de que soldados da Guarda Municipal cercavam a sua propriedade. Elementos da Justiça procuravam o barão Hulot. O guarda do comércio, que acompanhava a porteira, apresentou sentenças em ordem ao advogado, perguntando-lhe se desejava pagar as contas do pai. Tratava-se de dez mil francos de promissórias subscritas em favor de um usurário chamado Samanon, que provavelmente teria dado dois ou três mil francos ao barão d'Ervy. Hulot filho pediu ao guarda que voltasse ao seu posto e pagou as contas.

“Isso será tudo?”, perguntou ele a si mesmo.

## CXXXI – ELOGIO DO ESQUECIMENTO

Já bastante infeliz diante da felicidade que brilhava no seio da família, Lisbeth não pôde suportar esse feliz acontecimento. E piorou tanto que Bianchon a condenou a morrer uma semana depois, vencida ao fim de uma longa luta, que ela assinalara com muitas vitórias. Lisbeth guardou o segredo do seu ódio em meio à horrível agonia de uma tuberculose pulmonar. Aliás, ela teve a suprema satisfação de ver Adelina, Hortênsia, Hulot, Vitorino, Steinbock, Celestina e seus filhos todos em lágrimas em torno do seu leito, lamentando-lhe a sorte como se ela fora o anjo da família.

Submetido a um regime substancial que ignorava há três anos, o barão Hulot recuperou as forças e quase voltou a ser o que era antes. Essa restauração tornou Adelina feliz, a tal ponto que a intensidade de seu tique nervoso diminuiu.

“Ela acabará sendo feliz!”, disse Lisbeth consigo mesma, na véspera de morrer, vendo a espécie de veneração que o barão manifestava em relação à mulher, cujos sofrimentos lhe haviam sido contados por Hortênsia e Vitorino.

Esse sentimento apressou o fim da prima Bete, a cujo enterro

compareceu toda a família em lágrimas. O barão e a baronesa Hulot, verificando que haviam chegado à idade do repouso absoluto, cederam ao conde e à condessa Steinbock os magníficos apartamentos do primeiro andar e se instalaram no segundo. Graças à interferência do filho, o barão obteve um lugar numa empresa ferroviária, no começo do ano de 1845, com um ordenado de seis mil francos que, com outros seis mil da sua pensão de aposentado e a fortuna legada pela sra. Crevel, lhe deram uma renda de vinte e quatro mil francos. Como Hortênsia ficara com separação de bens, durante os três anos de separação do marido, Vitorino não hesitou em colocar em nome da irmã os duzentos mil francos de fideicomisso, dando a Hortênsia uma pensão de doze mil francos. Marido de uma mulher rica, Venceslau não lhe era infiel; mas não fazia nada, não se decidia a realizar nenhum trabalho, por menor que fosse. Tornando-se artista *in partibus*, alcançava grande sucesso nos salões, era consultado por muitos amadores; enfim, tornou-se crítico, como todos os impotentes que não realizam as promessas da estreia.

Cada um desses casais, portanto, tinha uma fortuna particular, embora vivendo em família. Esclarecida por tantas desgraças, a baronesa deixava ao filho a tarefa de gerir seus negócios e reduzia assim o barão ao seu ordenado, esperando que a exiguidade do que recebia o impedisse de recair nos antigos erros. Mas, por uma estranha felicidade, com a qual não contavam nem a mãe nem o filho, o barão renunciara ao belo sexo. Sua tranquilidade, levada à conta da natureza, acabara por tranquilizar de tal sorte a família que todos se alegravam inteiramente com a amabilidade reaparecida e as encantadoras qualidades do barão d'Ervy. Muito atencioso para com a mulher e os filhos, ele os levava ao teatro, no seio da sociedade onde reaparecera, e fazia com uma graça esquisita as honras do salão do filho. Enfim, esse pai pródigo reconquistado dava a maior satisfação à família. Era um velho agradável, completamente destruído, mas espirituoso, e que só guardara do vício aquilo que o podia tornar uma virtude social. Chegou-se naturalmente a uma completa segurança. A baronesa e os filhos levavam às nuvens o pai de família, esquecendo a morte dos dois tios. A vida não passa sem grandes esquecimentos.

#### **CXXXII – UM DESENLACE ATROZ, REAL E VERDADEIRO**

A sra. Vitorino, que dirigia com grande talento de dona de casa, devido, aliás, às lições de Lisbeth, o enorme palacete, fora forçada a tomar um cozinheiro. O cozinheiro julgou necessária uma ajudante de cozinha. Hoje, as ajudantes de cozinha são criadas ambiciosas, preocupadas em surpreender os segredos do chefe, e que se tornam cozinheiras quando aprendem a preparar os molhos. Portanto, muda-se muitas vezes de ajudantes de cozinha.

No começo do mês de dezembro de 1845, Celestina contratou, como ajudante de cozinha, uma gorda normanda de Isigny, baixinha, de bons braços vermelhos, com uma fisionomia comum, idiota como uma peça de circunstância, que difficilmente se decidiu a abandonar o clássico gorro de algodão com que se enfeitam as moças da baixa Normandia. Gorda como uma ama de leite, essa mulher parecia fazer romper-se o tecido de algodão do corpete. Dir-se-ia que a sua cara avermelhada tinha sido talhada na pedra, tão firmes eram os seus contornos amarelados. Naturalmente, não se prestou a menor atenção, na casa, à admissão dessa empregada, que se chamava Ágata, uma dessas moças espertas que a província envia diariamente para Paris. Ágata tentou mediocrementemente o cozinheiro, tão grosseira era a sua linguagem, já que tinha servido a carreiros e saía de um albergue do Faubourg; em lugar de conquistar o chefe e fazer que ele lhe ensinasse a grande arte da cozinha, tornou-se o objeto de seu desprezo. O cozinheiro cortejava Luísa, a criada da condessa Steinbock. Também a normanda, vendo-se maltratada, queixou-se de sua sorte; ela era sempre enviada para fora, sob qualquer pretexto, quando o chefe acabava um prato ou preparava um molho.

“Decididamente, não tenho sorte”, dizia ela consigo mesma. “Irei para outra casa.” No entanto, ela ficou, embora já tivesse pedido duas vezes para sair.

Uma noite, Adelina, despertada por um estranho ruído, não encontrou Heitor na cama que ocupava, ao pé da sua, visto como eles se deitavam em leitos separados, como convém a pessoas velhas. Ela esperou uma hora sem que o barão voltasse. Tomada de medo, imaginando uma catástrofe trágica, uma apoplexia, subiu logo ao andar superior, à mansarda ocupada pelos criados; teve a atenção atraída para o quarto de Ágata, tanto pela luz viva que jorrava da porta entreaberta quanto pelo murmúrio de duas vozes. Deteve-se espantada ao reconhecer a voz do barão, que, seduzido pelos encantos de Ágata, chegara a dizer-lhe, em face da resistência calculada da horrível mulher, estas odiosas palavras:

— Minha mulher não viverá mais muito tempo; se quizeres, poderás vir a ser baronesa.

Adelina soltou um grito, deixou cair seu castiçal e fugiu.

Três dias depois, a baronesa, tendo recebido na véspera a extrema-unção, entrava em agonia, cercada pela família em lágrimas.

Um momento antes de expirar, tomou a mão do marido, apertou-a e disse-lhe ao ouvido:

— Meu amigo, só tenho para te dar a minha vida; dentro de alguns instantes ficarás livre e poderás fazer uma baronesa Hulot.

E, coisa que deve ser rara, lágrimas saltaram dos olhos de um cadáver. A ferocidade do vício vencera a paciência do anjo, a quem, à

beira da eternidade, escapara a única palavra de censura que fizera ouvir em toda a sua vida.

O barão Hulot deixou Paris três dias depois do enterro da esposa. Ao fim de onze meses, Vitorino recebeu indiretamente a notícia do casamento do pai com a srta. Ágata Piquetard, celebrado em Isigny, a 1<sup>o</sup> de fevereiro de 1846.

— Os pais podem opor-se ao casamento dos filhos, mas os filhos não podem impedir a loucura dos pais quando caducos — disse Hulot filho a Popinot, o segundo filho do antigo ministro do Comércio, que lhe falara sobre aquele casamento.

**OS PARENTES POBRES:  
O PRIMO PONS**

Tradução de GERMEN DA SILVA EIRA

## INTRODUÇÃO

*O primo Pons* (em francês: *Le Cousin Pons*), segundo episódio de *Os parentes pobres*, foi escrito simultaneamente com o outro episódio, *A prima Bete*. Na introdução deste último já contamos as condições realmente dramáticas em que Balzac escreveu essas duas obras, que muitos críticos situam no lugar mais alto de *A comédia humana*.

Dos dois livros gêmeos, a elaboração de *O primo Pons* foi a mais trabalhosa, a tal ponto que, modificando sua intenção primitiva, o romancista só o publicou depois de *A prima Bete*. Não somente Balzac não lhe previa o desenvolvimento e as dimensões, dando-o por terminado quando lhe faltava ainda a maior parte, como também não conseguiu encontrar-lhe com facilidade um título, tendo hesitado sucessivamente entre *O velho músico*, *O bonachão Pons*, *Os dois músicos*, *O parasita*, *O colecionador*, ao adotar, por indicação da condessa Hanska, o nome atual, para melhor fazer compreender o antagonismo dos dois livros. É claro, pois, que o romance o arrastara muito além de seu plano original e, à medida que progredia, mostrava ora este, ora aquele de seus aspectos. E afinal, como observa com muito espírito Albert Prioult na introdução da edição Fernand Hazan, não chegou a encontrar o verdadeiro título, que seria *A coleção Pons*. Se o houvesse encontrado:

[...] teria descoberto uma fórmula nova, quase inédita, de romance: com efeito, a galeria de quadros que Pons juntou pacientemente desempenha aqui um papel que se pode comparar aos da catedral em *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, da locomotiva La Lison em *A besta humana*, da loja de roupa branca em *O paraíso das damas*, de Émile Zola, ou, afinal, do trem blindado em *A condição humana*, de Malraux. Numa palavra, objetos materiais dominam de tal forma os caracteres e as paixões humanas que chegam a assumir valor excepcional e a dominar a ação, como o antigo destino parecia fazê-lo aos olhos dos antigos.

O conhecimento desses dados de história íntima serve para fazer-nos admirar ainda mais o ser este um dos romances mais bem construídos de Balzac. Com razão assinala Pritchett a extraordinária complexidade de Pons:

[...] o Pons histórico — uma sobra incrível do Diretório —, o Pons artístico, o Pons financeiro, o Pons sociável, o Pons moral e, por fim, o Pons moribundo, despojado, desconfiado, um homem acordado de repente de sua simplicidade e devolvendo os golpes, o artista tão finamente humilde tornado orgulhoso, soberano e perigoso em sua derrota. (Esqueceu o Pons gourmet.)

Além de Pons, que riqueza de personagens! A seu lado, o inesquecível



Schmucke — e, contra ele, aquele mundo de velhacos prodigiosamente diferentes entre si: a sra. Cibot, Rémonencq, Magus, o dr. Poulain, Praisier e, também, os parentes ricos de Pons, antes de mais nada a “presidenta” Camusot de Marville.

Embora o gosto pessoal entre por muito nestas comparações, *O primo Pons* dá-me impressão ainda mais poderosa do que *A prima Bete*. Este último constitui romance mais delimitado e fechado em si, sua ligação com as outras obras de *A comédia humana* é bem menos orgânica e não contribuiu para a carreira de nenhum protagonista dos outros romances balzaquianos. *O primo Pons* representa como que o fecho da abóbada de todo o edifício: não é apenas o romance de Pons, pois é nele que desabrocha toda a alma infantil e se completa o destino do velho Schmucke, nosso amigo desde *Uma filha de Eva*, e amadurece inteiramente a monstruosa hipocrisia da presidenta Camusot, que conhecemos como vulgar ambiciosa em *O gabinete das antiguidades* e perigosa intrigante em *Esplendores e misérias das cortesãs*. Bianchon, Popinot, Berthier atravessam a cena várias vezes. O romance enriquece-se das repercussões íntimas de tantos encontros e desenlaces, inclusive dos ecos da própria *A prima Bete*.

As raízes de *O primo Pons* são múltiplas: nele aparecem quase todos os grandes assuntos que ocuparam sempre o espírito de Balzac: as ciências, o efeito devastador do dinheiro sobre ricos e pobres, a captação de uma herança, a força da associação entre dois amigos, a burocratização da morte em Pons, a miséria e as ambições dos humildes, e dois vícios até então não estudados: a gula (*gourmandise*) e a mania da coleção. Este último aspecto é especialmente empolgante pelo que tem de autobiográfico, de confissão. Muitos dos quadros do velho Pons existiam, e eram de artistas que figuravam na coleção do próprio Balzac, em quem, nos últimos quinze anos da vida, o amor aos objetos de arte assumia proporções cada vez mais patológicas.

As sobrevivências românticas não deformam nenhum capítulo de *O primo Pons*, onde, se há exageros, estes se manifestam unicamente na superestimação do possível valor da coleção de um pobre artista. (Mas era a própria coleção de Balzac — e ele, no subconsciente, queria valorizá-la aos próprios olhos e aos olhos cada vez mais turvos da condessa Hanska, que via seu dinheiro transformar-se, entre as mãos do noivo, em candelabros e molduras!)

Nenhuma intervenção injustificada do romancista vem moralizar o desfecho. Nem sequer a tão repetida incapacidade de Balzac para retratar a bondade o impediu, aqui, de dar um retrato perfeito dos dois velhos amigos, os dois quebra-nozes, sem pieguices e sentimentalismos.

A grandiosidade trágica dessa história pode também provir, pelo menos em parte, do fato de Balzac relatar uma história verdadeira.

Procurou-se identificar o primo Pons (que teria muito do colecionador Sauvageot, mencionado no próprio romance) e Schmucke (com o músico Struntz, seu compatriota) — mas não se logrou confirmar uma asserção do autor, feita entretanto com muita ênfase no capítulo final, de que toda a história é “infelizmente demais verdadeira em seus pormenores”. (A afirmação parece corroborada por uma correção significativa, precisamente na frase final, da primeira para a segunda edição. Onde Balzac tinha escrito “Desculpem as faltas do autor!”, colocou depois “Desculpem as faltas do copista!”, como quem faz questão de notar que trabalhou com um original. Essas afirmações, parecidas com o *All is true* no começo de *O pai Goriot*, talvez levem um dia ao descobrimento do caso real utilizado e transfigurado por Balzac.) Todo o esforço dos pesquisadores não conseguiu até hoje descobrir na realidade um caso semelhante ao da coleção de Pons, que de grande se tornou fatal para quem a reuniu. Mais uma vez o romancista parece ter feito um mosaico com elementos captados da vida real.

O que a pesquisa trouxe à tona foi um possível modelo literário do nosso romance. O professor André Lorant, no prefácio da edição da Pléiade, aponta uma novela de Alberic Second, *História de dois fagotes da Ópera*, cujo assunto é um dos que alimentam *O primo Pons*: a amizade fraterna de dois músicos pobres. Mas há um porém: essa novela encontra-se em *Contos sem pretensão*, volume saído em 1854, quer dizer, oito anos depois do nosso romance e quatro depois da morte de Balzac. André Lorant acha possível que essa narrativa, aliás realmente despretensiosa, tenha saído antes de 1846 em algum jornal ou revista, onde Balzac a teria encontrado. Neste caso aconteceu o que vimos em *Uma estreia na vida*, trabalho também tirado de um conto banal, de segunda ordem, que a mão do escritor genial transformou em autêntica obra-prima.

Voltando ao confronto com *A prima Bete*, ocorre o motivo que levou Balzac a escolher o título atual: o antagonismo entre as duas histórias. Mais ainda do que nos caracteres individuais tão diversos de Pons e de Bete, aparece esse antagonismo na natureza das duas associações que servem de base aos dois romances: a aliança de dois seres puros e bons e o conluio de duas almas pervertidas. Os dois primeiros ficam inteiramente esmagados, pois a própria bondade e a pureza deles, longe de contagiar seja quem for, serve de chamariz a todos os apetites criminosos; as duas últimas triunfam de todos os obstáculos e encontram auxílio e aliados por toda a parte, semeando a ruína e a destruição. (Faço abstração do castigo da sra. Marneffe, que parece uma concessão ao público de Eugène Sue.)

Uma das grandes qualidades de Balzac, que um leitor de nossos dias só percebe quando advertido, é o seu grande senso da atualidade. Talvez nenhum escritor saiba aproveitar como ele os acontecimentos do dia e

transformá-los em matéria romanesca. Em *A prima Bete*, um fato tão pouco literário como o escândalo administrativo do fornecimento de cereais na Argélia ofereceu-lhe motivos de alta dramaticidade. O romancista tem um faro especial para perceber antes dos outros, na história contemporânea, os fatores que vão plasmar a evolução futura. Em *O primo Pons* encontramos vários exemplos dessa capacidade profética: veja-se o trecho sobre a fotografia nascente, a daguerreotipia, e ainda mais as frequentes alusões às estradas de ferro, a grande novidade do momento. Não somente Crevel especula com ações das recentes companhias, não somente Magus aconselha a Gibot que converta em tais ações a sua fortuna mal adquirida, mas o espetáculo da locomotiva sugere a Balzac uma de suas comparações verdadeiramente épicas, e que voltará no decorrer da ação como um poderoso *leitmotiv*:

Peçamos emprestada uma imagem às estradas de ferro, mesmo que seja apenas a título de reembolso dos empréstimos que elas tomam de nós. Atualmente os trens, enquanto correm loucamente sobre os trilhos, esmagam imperceptíveis grãos de areia. Introduzi um desses grãos de areia, invisível aos passageiros, em seus rins, e eles sentirão as dores da mais horrível enfermidade, a litíase; chega-se a morrer disso.

Nas sucessivas decepções de Pons, a comparação sempre estará presente ao espírito do leitor, que compreenderá como as dores acumuladas matam aos poucos o velho artista por “uma espécie de litíase do coração”. (Para sentir toda a força trágica da comparação, é preciso saber que, no momento de escrever *O primo Pons*, o próprio Balzac estava enredado numa vultosa especulação com ações das estradas de ferro: empenhara nela grande parte do dinheiro para compra de uma casa que a noiva lhe remetera, e logo depois as ações entraram em baixa, e continuaram baixando, sempre baixando.)

“*O primo Pons* é, para mim ao menos, uma dessas obras-primas de uma excessiva simplicidade que contém todo o coração humano. É tão grande quanto *O cura de Tours*, e mais claro que este; e não é menos desolador. Estou encantado.” Estas palavras não foram escritas por nenhum crítico (os críticos da época, inclusive o grande Sainte-Beuve, achavam Balzac um escritor de segunda classe e nem sempre se davam o trabalho de lê-lo); são do próprio Balzac, numa carta à condessa Hanska, a qual terá achado provavelmente de mau gosto tamanha falta de modéstia. E no entanto elas estão sendo confirmadas plenamente por uma posteridade cada vez mais atenta.

A aproximação é, aliás, das mais justas. Há um efetivo parentesco entre as almas ingênuas de Pons e Schmuke, de um lado, e a do padre Birotteau, do outro; e a frase heroica do velho músico, espezinhado pelos parentes ricos, cujos jantares fila: “Não quero ir mais a parte alguma sem convite!”, resume tão bem um caráter com a singela exclamação “Cheirando a íris!”, do velho cura ao pensar no cheiroso

armário de roupa branca da srta. Gamard, de quem, por infelicidade sua, almeja ser o pensionista.

A fé que esse escritor, tão pouco reconhecido pelos entendidos da época e tão mal compreendido pela própria família, tinha no seu gênio é coisa rara e comovedora. Na obra ela não se manifesta, é claro, por expressões tão diretas como nas *Cartas à Estrangeira*, mas seus indícios indiretos também são bastante convincentes. Entre eles, assinalemos as remissões constantes a Shakespeare, verdadeiras provocações para uma comparação que nenhum outro escritor se atreveria a enfrentar. Cada um dos maiores romances de Balzac evoca, assim, uma tragédia shakespeariana: *O pai Goriot-O rei Lear*; *A prima Bete-Otelo*; *O primo Pons-Macbeth*.

Já que estamos apontando um desses contatos a distância que estabelecem uma continuidade e uma interpenetração complexa entre as obras de gênio de séculos diferentes, anotemos uma semelhança entre Balzac e seu maior continuador, Proust, cuja obra-prima, *Em busca do tempo perdido*, brotou precisamente de uma tentativa de ensaio sobre Sainte-Beuve e Balzac. A extraordinária atenção com que Proust acompanha a transformação das palavras dentro de uma sociedade, um determinado ambiente, uma família, e que faz da sua obra um grande estudo de semântica, é uma herança balzaquiana: curiosidade análoga manifesta-se em muitos trechos de *A comédia humana*, como, por exemplo, no capítulo XLIV de *O primo Pons*, tão difícil de traduzir.

PAULO RÓNAI

## OS PARENTES POBRES: O PRIMO PONS

### I – UM GLORIOSO REMANESCENTE DO IMPÉRIO

Pelas três horas de uma tarde de outubro de 1844, um homem de uns sessenta anos, mas a quem todos dariam mais idade, seguia pelo Boulevard des Italiens, com o nariz erguido e os lábios beatos, como um comerciante que acaba de fechar um bom negócio ou um rapaz intimamente satisfeito ao sair duma entrevista amorosa. Em Paris, essa é a mais alta expressão conhecida da satisfação pessoal do homem. Ao avistar de longe esse velho, os que ali se veem todos os dias, sentados em cadeiras, entregues ao prazer de analisar os transeuntes, deixavam desabrochar na fisionomia esse sorriso particular à gente de Paris, sorriso que traduz tantas coisas irônicas, zombeteiras ou compadecidas, mas que, para animar o rosto do parisiense, enfatiado de todos os espetáculos possíveis, exige grandes curiosidades vivas.

Bastará uma palavra para fazer compreender o valor arqueológico desse velhote e a razão do sorriso que se reproduzia como um eco em todos os olhos. Perguntaram a Hyacinthe,<sup>[1]</sup> um ator famoso por suas piadas, onde mandava fazer os chapéus à vista dos quais a plateia estourava de riso: “Não os mando fazer, guardo-os!”, respondeu. Pois bem, entre o milhão de atores que compõe a grande companhia teatral de Paris, há Hyacinthes sem o saberem, que guardam em sua pessoa todos os ridículos de uma era para arrancar-nos uma explosão de hilaridade enquanto andamos a passear ruminando algum amargo desgosto causado pela traição de um ex-amigo.

Conservando em certos detalhes do vestuário, apesar de tudo, uma fidelidade à moda de 1806, esse transeunte recordava o Império sem que, contudo, o fizesse por uma aparência excessivamente caricatural. Para os observadores, essa sutileza torna tais evocações extremamente preciosas. Esse conjunto de pequenas coisas exigia, porém, a atenção analítica de que são dotados os entendidos da vida ociosa; e, para provocar o riso a distância, o passante devia apresentar uma dessas enormidades de rebentar os olhos, como se diz, e que os atores procuram para assegurar o sucesso de suas entradas em cena. Esse velho seco e magro vestia um *spencer*<sup>[2]</sup> cor de avelã por cima dum casaco esverdeado com botões de metal branco!... Um homem com *spencer*, em 1844, é como se Napoleão — imaginem! — se tivesse dignado a ressuscitar por duas horas.

O *spencer* foi inventado, como seu nome o indica, por um lorde vaidoso, sem dúvida, de seu belo busto. Antes da paz de Amiens, esse inglês resolvera o problema de cobrir o busto sem sobrecarregar o corpo com o peso desse horrível *carrick*<sup>[3]</sup> que atualmente só se vê nas costas dos velhos cocheiros de fiacre; mas como os bustos elegantes são a minoria, a moda do *spencer* para o homem, embora fosse uma invenção inglesa, não teve, na França, mais que um êxito passageiro. Ao ver o *spencer*, as pessoas de quarenta a cinquenta anos revestiam esse senhor, em pensamento, com botas de canhão, calções de casimira verde-pistache com um laço de fita e se reviam no traje de sua mocidade! As mulheres velhas rememoravam suas conquistas! Quanto aos rapazes, perguntavam-se por que aquele velho Alcibíades<sup>[4]</sup> teria cortado a cauda do paletó. Tudo combinava tão bem com o *spencer* que não hesitaríeis em chamar esse transeunte de homem-Império, como se diz um móvel-Império; ele porém não simbolizava o Império senão para aqueles a quem essa magnífica e grandiosa época era conhecida, pelo menos *de visu*, pois isso exigia certa fidelidade de memória quanto às modas. O Império já está tão longe de nós que nem todos podem imaginá-lo em sua realidade gálata.

O chapéu na nuca deixava descoberta quase toda a fronte, com essa espécie de arrogância com a qual os funcionários civis e os paisanos tentaram então responder à dos militares. Era, além disso, um horrível chapéu de seda de catorze francos, apresentando na parte interna da aba, impressas pelas orelhas longas e largas, manchas esbranquiçadas infrutiferamente combatidas pela escova. O tecido de seda mal aplicado, como sempre, sobre o papelão da fôrma, enrugava-se em alguns pontos e parecia acometido de lepra, a despeito da mão que lhe fazia curativos todas as manhãs.

Sob o chapéu, que parecia prestes a cair, via-se um desses rostos estranhos e engraçados como só os clientes sabem inventar para suas figuras de porcelana. O enorme rosto, perfurado como uma escumadeira, no qual os buracos produziam zonas escuras, e lavrado como uma máscara romana, contrariava todas as leis da anatomia. Não se percebia nele estrutura alguma. Onde a conformação do rosto exigia ossos, a carne apresentava planos gelatinosos, e onde os rostos ordinariamente mostram depressões, ela se arredondava em bossas flácidas. Esse rosto grotesco, achatado em forma de abóbora-menina e entristecido por olhos cinzentos encimados por dois traços vermelhos em vez de sobrancelhas, era dominado por um nariz à Dom Quixote, como uma planície é dominada por um bloco errático. Esse nariz, como Cervantes devia tê-lo observado, traduz uma disposição ingênita para essa dedicação às grandes coisas que degeneram em objeto de escárnio. Sua fealdade, embora levada ao cômico, não provocava, contudo, o riso.

A imensa melancolia que transbordava dos olhos amortecidos do pobre homem detinha o escarnecedor e lhe gelava o gracejo nos lábios. Logo se era levado a pensar que a natureza privara o velho da faculdade de exprimir a ternura, sob pena de fazer rir uma mulher ou afligi-la. O francês se cala diante desse infortúnio, que lhe parece o mais cruel de todos os infortúnios: não poder agradecer!

## II – UM COSTUME COMO SE VEEM POUCOS

Esse homem tão desfavorecido pela natureza vestia-se como os pobres de boa sociedade aos quais os ricos tão frequentemente procuram assemelhar-se. Calçava sapatos ocultos por polainas feitas segundo o modelo das da Guarda Imperial e que certamente lhe permitiam usar as mesmas meias durante muito tempo. Suas calças de fazenda preta tinham reflexos avermelhados e, nas dobras, linhas brancas ou luzentes, que, não menos que o feitio, fixavam em três anos antes a data da aquisição. A amplitude dessa peça do vestuário disfarçava muito mal uma magreza proveniente antes da constituição que de um regime pitagórico,<sup>[5]</sup> pois o velho, dotado de uma boca sensual de lábios polpudos, mostrava, ao sorrir, dentes alvos dignos de um tubarão. O colete em forma de xale, igualmente de fazenda preta, enfiado por cima dum colete branco debaixo do qual aparecia, em terceiro plano, a borda duma camiseta encarnada, trazia à memória os cinco coletes de Garat.<sup>[6]</sup> Uma enorme gravata de musselina branca, cujo laço pretensioso fora inventado por um elegante para seduzir as *mulheres encantadoras* de 1809, subia tanto acima do queixo que o rosto parecia mergulhar nela como num abismo. Um cordão de seda trançada, imitando cabelo, atravessava a camisa e protegia o relógio contra um furto improvável. O casaco esverdeado, de notável limpeza, tinha uns três anos mais que as calças; mas o colete de veludo preto e os botões de metal branco recentemente renovados denunciavam cuidados domésticos atentos aos menores detalhes.

Essa maneira de manter o chapéu na nuca, o tríplice colete, a imensa gravata onde mergulhava o queixo, as polainas, os botões de metal no casaco esverdeado, todos esses vestígios das modas imperiais se harmonizavam aos antiquados perfumes da garridice dos Incríveis,<sup>[7]</sup> a um certo quê de minucioso nas dobras, de correto e de seco no conjunto, que lembrava a escola de David,<sup>[8]</sup> que recordava os móveis delgados de Jacob.<sup>[9]</sup> Por outro lado, reconhecia-se, à primeira vista, um homem bem-educado dominado por algum vício secreto ou um desses pequenos capitalistas cujas despesas são tão rigorosamente determinadas pela mediocridade dos rendimentos que uma vidraça quebrada, um casaco rasgado ou a peste filantrópica dum peditório suprimem por um mês suas modestas diversões. Se os leitores

estivessem presentes, perguntariam por que o sorriso animava aquela fisionomia grotesca cuja expressão habitual devia ser triste e fria como as de todos os que lutam obscuramente para conseguir as triviais necessidades da existência. Mas ao notar a precaução maternal com que o estranho velho segurava na mão direita um objeto evidentemente precioso sob as duas abas esquerdas do duplo casaco, para protegê-lo contra choques imprevistos; e ao vê-lo, principalmente, com essa expressão atarefada que assumem os ociosos encarregados duma comissão, teriam suspeitado que ele tivesse achado alguma coisa equivalente ao cachorrinho de uma marquesa e fosse levá-lo triunfalmente, com a obsequiosa galanteria de um homem-Império, à encantadora mulher de sessenta anos que ainda não pôde renunciar à visita cotidiana de seu *admirador*. Paris é a única cidade do mundo onde se verão espetáculos como esse, que fazem de seus bulevares um drama permanente, representado gratuitamente pelos franceses, em benefício da Arte.

### III – O FIM DE UM “GRANDE PRÊMIO” DE ROMA

Pelo perfil desse homem ossudo, e a despeito de seu ousado *spencer*, dificilmente o teríeis classificado entre os artistas parisienses, tipo convencional cujo privilégio, muito semelhante ao do garoto de Paris, consiste em despertar nas imaginações burguesas as pilhérias mais mirabolantes, já que se pôs novamente em moda essa velha expressão chistosa. Esse transeunte era, contudo, um “grande prêmio”, o autor da primeira cantata laureada pelo Instituto por ocasião da restauração da Academia de Roma, enfim, o sr. Silvano Pons!... o autor de famosas romanças que nossas mães cantarolavam, de duas ou três óperas representadas em 1815 e 1816 e mais algumas partituras inéditas. O digno homem estava acabando seus dias como regente de orquestra num teatro dos bulevares. Era, graças à sua aparência, professor em alguns pensionatos de moças e não tinha outros rendimentos além dos ordenados e do que ganhava com aulas particulares. Dar aulas particulares nessa idade!... Quantos mistérios nessa situação pouco romântica!

Esse último porta-*spencer* carregava, pois, em sua pessoa, mais que os símbolos do Império, carregava também um grande ensinamento escrito nos três coletes. Exibia gratuitamente uma das numerosas vítimas do fatal e funesto sistema, denominado Concurso, que ainda prevalece na França após cem anos de prática sem resultado. Essa prensa das inteligências foi inventada por Poisson de Marigny, irmão da madame de Pompadour, nomeado, em 1746, diretor das Belas-Artes. Ora, experimentem contar nos dedos os gênios fornecidos neste último século pelos laureados. Em primeiro lugar, nenhuma influência



administrativa ou escolar poderá substituir os milagres do acaso a que são devidos os grandes homens. Entre todos os mistérios da criação, esse é o mais inacessível à nossa análise moderna. Além disso, que pensariam dos egípcios que, segundo se diz, inventaram fornos para fazer descascar os pintos, se, imediatamente depois, não dessem comida no bico desses mesmos pintos? Assim, entretanto, faz a França, que trata de produzir artistas por meio da incubadora do Concurso; e, uma vez obtido por esse processo mecânico o estatuariário, o pintor, o gravador, o músico, não se preocupa mais com eles do que o janota com as flores que pôs na lapela. Acontece que o homem de talento é Greuze ou Watteau,<sup>[10]</sup> Félicien David<sup>[11]</sup> ou Pagnesi,<sup>[12]</sup> Géricault<sup>[13]</sup> ou Decamps,<sup>[14]</sup> Auber<sup>[15]</sup> ou David d'Angers,<sup>[16]</sup> Eugène Delacroix<sup>[17]</sup> ou Meissonier,<sup>[18]</sup> criaturas que pouco se importam com os “grandes prêmios” e que brotam em plena terra sob os raios desse sol invisível denominado Vocação.

Enviado pelo governo a Roma, para fazer-se um grande músico, Silvano Pons trouxera de lá o gosto das antiguidades e das belas coisas de arte. Entendia admiravelmente de todos esses trabalhos, obras-primas da mão e do pensamento, compreendidos nos últimos tempos na expressão popular de bricabraque. O filho de Euterpe<sup>[19]</sup> voltou, pois, a Paris, em 1810, colecionador feroz, carregado de quadros, estatuetas, molduras, esculturas em marfim, em madeira, esmaltes, porcelanas etc. que, durante sua permanência acadêmica em Roma, haviam absorvido a maior parte da herança paterna, tanto pelas despesas de transporte como pelo preço de aquisição. Empregara, da mesma maneira, a herança da mãe durante a viagem que fez pela Itália após esses três anos oficiais passados em Roma. Quis visitar descansadamente Veneza, Milão, Florença, Bolonha, Nápoles, demorando-se em cada cidade como sonhador, como filósofo, com a despreocupação do artista que, para viver, conta com seu talento, como as mulheres de vida alegre contam com sua beleza. Pons foi feliz durante essa esplêndida viagem, tanto quanto podia sê-lo um homem cheio de alma e de delicadeza a quem a fealdade não permitia triunfos junto às mulheres, segundo a frase consagrada em 1809, e que achava as coisas da vida sempre inferiores ao tipo ideal que concebera; ele, porém, fixara sua conduta na vida baseado nessa discordância entre o som de sua alma e as realidades. Esse sentimento do belo, conservado puro e vivo no seu coração, foi, sem dúvida, a origem das melodias engenhosas, delicadas, cheias de encanto, que lhe granjearam certa reputação de 1810 a 1814. Na França, toda a reputação que assenta sobre a voga, sobre a moda, sobre as loucuras efêmeras de Paris produz um Pons. Não há país onde sejam tão severos para as grandes coisas e tão desdenhosamente indulgentes para as pequenas. Afogado de pressa nas ondas da harmonia alemã e na produção rossiniana, se, em 1824,

Pons ainda era um músico agradável e conhecido por algumas romanças recentes, imaginai o que ele podia ser em 1831! Assim, em 1844, ano em que começou o único drama dessa vida obscura, Silvano Pons atingira o valor de uma colcheia antediluviana; os comerciantes de música ignoravam completamente sua existência, embora ele fizesse por preços medíocres a música de algumas peças de seu teatro e dos teatros vizinhos.

O velhote, aliás, prestava justiça aos grandes mestres da nossa época; uma bela execução de alguns trechos escolhidos lhe arrancava lágrimas; sua religião, porém, não chegava a esse ponto em que toca às raias da mania, como nos Kreisler<sup>[20]</sup> de Hoffmann; não deixava transparecer nada, gozava intimamente à maneira dos hatchischins<sup>[21]</sup> ou dos teriaskis.<sup>[22]</sup> A capacidade de admiração, de compreensão, a única faculdade pela qual um homem ordinário se torna irmão dum grande poeta, é tão rara em Paris, onde todas as ideias parecem viajantes passando por uma hospedaria, que Pons é merecedor duma respeitosa estima. O fato do insucesso do bom homem pode parecer absurdo, mas ele confessava francamente sua fraqueza relativamente à harmonia; negligenciara o estudo do contraponto; e a orquestração moderna, exageradamente ampliada, pareceu-lhe inabordável no momento em que, graças a novos estudos, poderia ter-se colocado entre os compositores modernos, tornar-se não Rossini,<sup>[23]</sup> mas Hérold.<sup>[24]</sup> Finalmente, encontrou nos prazeres de colecionador tão intensas compensações ao malogro da glória que, se tivesse de escolher entre a posse de suas curiosidades e o nome de Rossini — acreditareis? —, Pons teria optado por seu querido museu. O velho músico praticava o axioma de Chenavard,<sup>[25]</sup> o erudito colecionador de gravuras preciosas, que pretendia que só se pode sentir prazer em contemplar um Ruysdael,<sup>[26]</sup> um Hobbema,<sup>[27]</sup> um Holbein,<sup>[28]</sup> um Rafael, um Murillo, um Greuze, um Sebastiano del Piombo,<sup>[29]</sup> um Giorgione,<sup>[30]</sup> um Albrecht Dürer,<sup>[31]</sup> quando o quadro não custou mais de cinquenta francos. Pons não admitia aquisição acima de cem francos; e, para que pagasse cinquenta francos por um objeto, era necessário que valesse três mil. A mais bela coisa do mundo, desde que custasse trezentos francos, deixava de existir para ele. Raras haviam sido as ocasiões; mas ele possuía os três elementos do êxito: as pernas do cervo, o tempo dos vagabundos e a paciência do israelita.

Esse sistema praticado durante quarenta anos, em Roma como em Paris, trouxera seus frutos. Após ter gasto, desde que voltara de Roma, cerca de dois mil francos por ano, Pons ocultava a todos os olhares uma coleção de obras-primas de todo o gênero, cujo catálogo atingia o fabuloso número 1.907. De 1811 a 1816, em suas peregrinações através de Paris, encontrara por dez francos o que hoje custa mil a mil e duzentos francos. Eram quadros selecionados entre os quarenta e cinco

mil que se expõem anualmente nas vendas parisienses; porcelanas moles de Sèvres, compradas aos auvernheses, esses satélites do Bando-Negro,<sup>[32]</sup> que traziam em carroças as maravilhas da França-Pompadour.<sup>[33]</sup> Juntara, enfim, os restos dos séculos xvii e xviii, rendendo justiça às pessoas de espírito e de gênio da escola francesa, esses grandes desconhecidos, os Lepautre, os Lavallée-Poussin<sup>[34]</sup> etc., que criaram o gênero Luís xv e o gênero Luís xvi e cujas obras custeiam atualmente as pretensas criações de nossos artistas, constantemente debruçados sobre os tesouros do Museu das Estampas para fazer coisa nova, fazendo hábeis imitações. Pons devia muitas peças a essas trocas, inefável ventura dos colecionadores! O prazer de comprar curiosidades é secundário; em primeiro lugar está o de trocá-las. Pons começara colecionando tabaqueiras e miniaturas. Sem renome na bricabracologia, pois não frequentava as vendas nem era visto nas casas dos ilustres comerciantes, Pons ignorava o valor venal de seu tesouro.

O falecido Dusommerard tentara ligar-se ao músico, mas o príncipe do bricabrique morreu sem ter penetrado no museu Pons, o único que pode ser comparado à famosa coleção Sauvageot.<sup>[35]</sup> Entre Pons e o sr. Sauvageot havia algumas semelhanças. O sr. Sauvageot, músico como Pons, e também sem grande fortuna, procedeu da mesma maneira, com os mesmos meios, com o mesmo amor pela arte, com o mesmo ódio contra esses ilustres ricos que organizam museus para fazer uma hábil concorrência aos comerciantes. Assim como seu rival, seu êmulo, seu antagonista, Pons sentia no coração por todas essas obras da Mão, esses prodígios do trabalho, uma avareza insaciável, o amor do amante por uma bela amante, e a revenda, na sala da Rue des Jeuneurs,<sup>[36]</sup> aos golpes de martelo dos leiloeiros, parecia-lhe um crime de lesobricabrique. Possuía seu museu para desfrutá-lo a todo o momento, pois as almas criadas para admirar as grandes obras têm a sublime faculdade dos verdadeiros amantes; experimentam tanto prazer hoje como ontem; nunca se cansam e as obras-primas são, felizmente, sempre novas. Assim, o objeto que segurava tão paternalmente devia ser um desses achados que se transportam com um amor que vós, colecionadores, bem conheceis!

Aos primeiros contornos desse esboço biográfico, todos exclamarão: “Eis aí, apesar da fealdade, o homem mais feliz da terra!”. Realmente, nenhum aborrecimento, nenhum tédio resiste ao cáustico que se aplica à alma quando se lhe dá uma mania. Vós todos que já não podeis beber nisso que, em todos os tempos, se denominou *a taça do prazer*, tratai de colecionar o que quer que seja (tem-se colecionado até cartazes!) e em troca tornareis a achar a barra de ouro da felicidade. Uma mania é o prazer passado ao estado de ideia. Não invejeis, contudo, o velho Pons, pois, como todos os impulsos desse gênero, tal sentimento repousaria sobre um erro.

Esse homem, cheio de delicadeza, cuja alma vivia por uma infatigável admiração pela magnificência do trabalho humano, essa nobre luta contra os trabalhos da natureza, era escravo daquele dos sete pecados mortais que sem dúvida será o menos severamente punido por Deus: Pons era guloso. Suas poucas posses e sua paixão pelo bricabraque impunham-lhe um regime dietético tão incompatível com sua *boca delicada* que o celibatário começara resolvendo a questão indo jantar todos os dias fora. Ora, durante o Império, houve, muito mais que nos nossos dias, um culto pelas pessoas famosas, talvez devido a seu pequeno número e a suas poucas pretensões políticas. A gente se fazia poeta, escritor, músico com tão pouca despesa! Pons, considerado como o provável rival dos Nicolo,<sup>[37]</sup> dos Paer<sup>[38]</sup> e dos Berton,<sup>[39]</sup> recebeu, então, tantos convites que foi obrigado a anotá-los numa agenda, como os advogados anotam suas causas. Conduzindo-se, aliás, como artista, oferecia exemplares de suas romanças a todos os anfitriões, *tocava o forte* em suas casas, levava-lhes camarotes do Feydeau, teatro no qual trabalhava; organizava concertos; e algumas vezes, mesmo, tocava violino em casa dos parentes, improvisando um pequeno baile.

#### IV – ONDE SE VÊ QUE UM BENEFÍCIO É, ÀS VEZES, PERDIDO

Nessa época, os mais belos homens da França estavam em luta com os mais belos homens da coalizão; a fealdade de Pons foi, pois, denominada *originalidade*, segundo a grande lei promulgada por Molière na famosa estrofe de Eliante.<sup>[40]</sup> Quando prestava um serviço a alguma *bela dama*, ouvia-se chamar, às vezes, de homem encantador; sua boa sorte, porém, nunca foi além dessa palavra.

Nesse período, que durou cerca de seis anos, de 1810 a 1816, Pons contraiu o funesto hábito de jantar bem, de ver as pessoas que o convidavam meter-se em despesas, oferecendo-lhe os melhores pratos, desarrolhando seus melhores vinhos, caprichando na sobremesa, no café, nos licores e tratando-o da melhor maneira possível, como se tratava durante o Império, quando muitas casas imitavam os esplendores dos reis, das rainhas e dos príncipes de que Paris regurgitava. Imitava-se muito, naquela época, a realeza como hoje se imita a Câmara, criando uma imensidade de sociedades, com presidentes, vice-presidentes e secretários; sociedade linheira, vinícola, sericícola, agrícola, industrial etc. Chegou-se até a procurar chagas sociais para constituir os curadores em sociedade! Um estômago cuja educação se faz desse modo repercute necessariamente sobre o moral e o corrompe em razão da alta sapiência culinária que adquire. A voluptuosidade, abrigada em todas as dobras do coração, passa a falar em primeiro lugar, põe em fuga a vontade, a dignidade, e reclama a qualquer preço sua satisfação. Nunca foram descritas as exigências da

Boca, elas escapam à crítica literária pela necessidade de viver; mas ninguém pode imaginar o número de criaturas que a Mesa tem arruinado. A Mesa, em Paris, é, sob esse aspecto, a rival da cortesã; é, sob outro ponto de vista, a Receita, da qual esta é a Despesa. Quando, de convidado perpétuo, Pons foi rebaixado, por sua decadência artística, à condição de filante de jantares, foi-lhe impossível passar dessas mesas tão bem servidas ao guisado lacedemoniano dum restaurante de quarenta *sous*. Ai! Teve calafrios ao pensar que sua independência custaria tamanhos sacrifícios e sentiu-se capaz das maiores baixezas para continuar a viver bem, a saborear todas as primícias na data certa, enfim, a petiscar bons pratinhos bem preparados. Pássaro voraz, que fugia com o papo cheio gorjeando uma ária em sinal de agradecimento, Pons experimentava, além disso, um certo prazer em viver bem à custa da sociedade que lhe cobrava — quê? — conversa-fiada. Habitado, como todos os celibatários que têm horror da própria casa e vivem na casa dos outros, a essas fórmulas, a essas caretas sociais pelas quais se substituem os sentimentos na boa sociedade, servia-se dos elogios como de moeda corrente; e, com relação às pessoas, contentava-se com os rótulos, sem mergulhar a mão curiosa nos sacos.

Essa fase bastante suportável durou dez anos; mas que anos! Foi um outono chuvoso. Durante todo esse tempo, Pons se manteve gratuitamente à mesa, fazendo-se necessário em todas as casas que frequentava. Enveredou por um caminho funesto, desempenhando-se duma infinidade de encargos, substituindo os porteiros e os criados em muitas e muitas ocasiões. Preposto de muitas compras, tornou-se o espião honesto e inocente duma casa em outra; mas não se mostraram agradecidos a ele por tantas caminhadas e baixezas. “Pons é solteirão: não sabe o que fazer do tempo”, diziam, “sente-se muito satisfeito em andar correndo para nós... Que seria dele?”

Logo se manifestou a indiferença que o velho espalha em torno de sua pessoa. Esse vento frio se transmite, produz seus efeitos na temperatura moral, principalmente quando o velho é feio e pobre. Não é ser três vezes velho? Esse foi o inverno da vida, o inverno de nariz vermelho, de faces macilentas, com toda a sorte de entorpecimentos.

De 1836 a 1843, Pons se viu convidado raramente. Longe de requestrar o parasita, cada família o aceitava como se aceita um imposto; não levavam nada em conta, nem mesmo seus serviços reais. As famílias nas quais o velho realizava essas evoluções, todas sem o menor respeito pelas artes, e adorando os resultados, só apreciavam aquilo que haviam conquistado depois de 1830: fortunas ou posições sociais eminentes. Ora, como Pons não tinha suficiente altivez no espírito nem nas maneiras para inspirar o temor que a inteligência ou o gênio causa aos burgueses, acabara, naturalmente, por se tornar menos que nada, sem ser, contudo, inteiramente desprezado. Embora

experimentasse nessa sociedade vivos sofrimentos, calava-os, como todos os tímidos. Além disso, habituara-se gradativamente a reprimir seus sentimentos, a fazer do coração um santuário no qual se refugiava. Muitas pessoas superficiais traduzem esse fenômeno pela palavra egoísmo. A semelhança é bastante grande entre o solitário e o egoísta para que os maldizentes possam ter razão contra o homem de coração, principalmente em Paris, onde ninguém observa, onde tudo é rápido como as ondas, onde tudo passa como um ministério!

O primo Pons sucumbiu, pois, sob uma acusação de egoísmo de efeito retroativo formulada contra ele, pois a sociedade sempre acaba condenando aqueles a quem acusa. Quem pode saber quanto uma desconsideração imerecida acabrunha as pessoas tímidas? Quem poderá descrever um dia as desgraças da Timidez? Essa situação, que dia a dia mais se agravava, explica a tristeza estampada na fisionomia do pobre musicista, que vivia de infames capitulações. Mas as baixezas que qualquer paixão exige são verdadeiros laços; quanto mais baixezas exige, mais nos enleia; faz de todos os sacrifícios um tesouro ideal negativo no qual o homem vê imensas riquezas. Após ter suportado o olhar insolentemente protetor dum burguês rijo de estupidez, Pons degustava como uma vingança o copo de vinho do Porto e a codorniz que começara a saborear, dizendo para si mesmo: “Não é muito caro!”.

Aos olhos do moralista, essa vida apresentava, entretanto, circunstâncias atenuantes. Realmente, o homem não existe senão por uma satisfação qualquer. Um homem sem paixão, o justo perfeito, é um monstro, um semianjo ainda sem asas. Na mitologia católica, os anjos têm apenas cabeças. Na terra, o justo é o enfadonho Grandison,<sup>[41]</sup> para quem a própria Vênus das esquinas pareceria assexuada. Ora, excetuadas as raras e vulgares aventuras de sua viagem pela Itália, onde o clima foi, sem dúvida, a razão de seu sucesso, Pons nunca vira mulheres sorrirem para ele. Muitos homens têm esse cruel destino. Pons nascera monstro; seu pai e sua mãe o haviam obtido na velhice e ele carregava os estigmas desse nascimento fora de época na tez cadavérica que parecia ter sido adquirida no frasco de álcool desnaturado onde a ciência conserva certos fetos anormais. Esse artista, dotado de alma sonhadora, meiga, delicada, e obrigado a aceitar o temperamento que o rosto lhe impunha, perdeu a esperança de vir a ser amado. O celibato foi, pois, nele, menos um gosto que uma necessidade. A gula, o pecado dos monges virtuosos, estendeu-lhe os braços; Pons atirou-se neles como se atirara na adoração das obras de arte e no culto da música. A boa mesa e o bricabraque substituíram, para ele, as mulheres; pois a música era sua profissão — e mostrei-me um homem que goste da profissão de que vive! Com o decorrer do tempo, acontece com a profissão o mesmo que com o casamento: só se sentem seus inconvenientes.

Brillat-Savarin<sup>[42]</sup> justificou completamente os gostos dos gastrônomos, mas talvez não tenha insistido bastante sobre o prazer real que o homem encontra na mesa. A digestão, empregando as forças humanas, constitui um combate interno que, entre os gastrôlatras, equivale às mais intensas delícias do amor. Sente-se tamanho desenvolvimento da capacidade vital, que o cérebro se anula em benefício do segundo cérebro, situado no diafragma, e vem a embriaguez, pela própria inércia de todas as faculdades. As serpentes que engolem um touro ficam tão ébrias que se deixam matar. Depois dos quarenta anos, qual é o homem que ousa trabalhar após o jantar?... Por isso, todos os grandes homens foram sóbrios. Os convalescentes duma moléstia grave, aos quais se ministra tão cautelosamente um alimento escolhido, observaram frequentemente a espécie de embriaguez gástrica causada por uma única asa de frango. O prudente Pons, cujos prazeres se achavam todos concentrados na função do estômago, encontrava-se sempre na situação desses convalescentes: pedia aos bons pratos todas as sensações que eles podem dar e até então as obtivera todos os dias. Ninguém ousa despedir-se dum hábito. Muitos suicidas desistem no limiar da morte ao recordar-se do café onde vão jogar todas as noites sua partida de dominó.

## V – OS DOIS QUEBRA-NOZES

Em 1835, o acaso vingou Pons da indiferença do belo sexo, dando-lhe o que, em linguagem familiar, se chama um bastão de velhice. Esse ancião de nascimento encontrou na amizade um amparo para sua vida, contraiu o único casamento que a sociedade lhe permitiu fazer, desposou um homem, um velho, um músico como ele. Se não fosse a divina fábula de La Fontaine, este estudo poderia ser intitulado *Os dois amigos*. Mas isso não seria um atentado literário, uma profanação diante da qual um verdadeiro escritor recuaria?<sup>[43]</sup> A obra-prima do nosso fabulista, ao mesmo tempo confidência de sua alma e história de seus sonhos, deve ter o privilégio eterno desse título. Essa página, em cujo frontispício o poeta gravou as três palavras: *OS DOIS AMIGOS* é uma dessas propriedades sagradas, um templo onde cada geração entrará respeitosamente e que o universo visitará enquanto durar a tipografia.

O amigo de Pons era um professor de piano, cuja vida e cujos hábitos combinavam tão bem com os seus, que ele dizia tê-lo conhecido demasiado tarde para sua felicidade, pois suas relações, iniciadas numa distribuição de prêmios num pensionato, datavam apenas de 1834. Nunca, talvez, duas almas se sentiram tão iguais no oceano humano que, contra a vontade de Deus, teve sua origem no paraíso terrestre. Os dois músicos tornaram-se, em pouco tempo, um para o outro, uma necessidade. Reciprocamente confidentes um do outro, em oito dias já



eram como irmãos. Enfim, Schmucke<sup>[44]</sup> já não acreditava mais que pudesse existir um Pons, como Pons não suspeitava de que existisse um Schmucke. Isto bastaria para descrever os dois homens, mas nem todas as inteligências gostam da brevidade da síntese. Uma ligeira demonstração é necessária aos incrédulos.

Esse pianista, como todos os pianistas, era alemão, alemão como o grande Listz e o grande Mendelssohn, alemão como Steibelt, alemão como Mozart e Dusseck, alemão como Meyer, alemão como Döhler, alemão como Thalberg, como Dreyschock, como Hiller, como Leopoldo Mayer, como Crammer, como Zimmerman e Kalkbrenner, como Herz, Woetz, Karr, Wolff, Pixis, Clara Wieck<sup>[45]</sup> e, particularmente, todos os alemães. Apesar de grande compositor, Schmucke não podia ser mais do que demonstrador, pois seu temperamento se recusava à audácia necessária ao homem de gênio para se manifestar na música. A ingenuidade de muitos alemães não é permanente, extingue-se; a que lhes resta, numa certa idade, é recolhida, como se recolhe água dum canal, na fonte de sua mocidade e dela se servem para fertilizar o triunfo em qualquer coisa, ciência, arte ou dinheiro, protegendo-os contra a desconfiança. Na França, algumas criaturas espertas substituíram a simplicidade da Alemanha pela estupidez do vendeiro parisiense. Mas Schmucke conservava toda sua simplicidade de menino, como Pons conservava em sua pessoa as relíquias do Império, sem se dar conta disso. Esse verdadeiro e nobre alemão era, ao mesmo tempo, o espetáculo e os espectadores, fazia música para si mesmo. Habitava Paris como o rouxinol habita sua floresta e lá cantava como o único de sua espécie, até o momento em que encontrou em Pons um outro *eu*. Pons e Schmucke tinham em abundância, um como outro, no coração e no temperamento, essas infantilidades de sentimentalismo que distinguem os alemães: como a paixão das flores, como a adoração dos efeitos naturais, que os leva a plantar grandes garrafas no jardim para ver em ponto pequeno a paisagem que têm em ponto grande sob os olhos; como essa predisposição para as pesquisas, que faz um sábio germânico andar cem léguas a pé para encontrar uma verdade que o contempla, rindo, sentada à beira do poço, sob o jasmineiro do pátio; como, enfim, essa necessidade de atribuir um significado psíquico aos nada da criação, que produz as obras inexplicáveis de Jean-Paul Richter,<sup>[46]</sup> as embriaguezes impressas de Hoffmann<sup>[47]</sup> e os parapeitos in-fólio que a Alemanha constrói em torno das questões mais simples, escavadas à maneira de abismos, ao fundo dos quais se vê apenas um alemão. Ambos católicos, indo à missa juntos, cumpriam seus deveres religiosos como duas crianças que nunca têm nada a dizer ao confessor. Acreditavam firmemente que a música, a linguagem do céu, era para as ideias e os sentimentos o que as ideias e os sentimentos são para a palavra; e conversavam sem nunca acabar sobre esse sistema,



respondendo um ao outro por orgias de música, para demonstrar a si mesmos suas próprias convicções, à maneira dos amantes. Schmucke era tão distraído quanto Pons era atento. Se Pons era colecionador, Schmucke era sonhador; este estudava as belas coisas morais, como aquele guardava as belas coisas materiais. Pons via e comprava uma taça de porcelana durante o tempo que Schmucke gastava para assoar o nariz pensando em algum motivo de Rossini, de Bellini, de Beethoven, de Mozart, e procurando no mundo dos sentimentos a origem ou a réplica dessa frase musical. Schmucke, cujas economias eram administradas pela distração, e Pons, pródigo por paixão, chegavam um e outro ao mesmo resultado: zero no bolso, no dia de São Silvestre<sup>[48]</sup> de cada ano.

Sem essa amizade, Pons teria provavelmente sucumbido a suas tristezas, mas, logo que teve um coração onde descarregar o seu, a vida se tornou suportável para ele. Na primeira vez que desabafou suas penas no coração de Schmucke, o bom alemão aconselhou-o a viver como ele, a pão e queijo, em vez de ir comer jantares que lhe cobravam tão caro. Pons não teve coragem de confessar a Schmucke que nele o coração e o estômago eram inimigos, que o estômago lhe compensava os sofrimentos que lhe impunha o coração e que ele precisava, a todo o custo, dum bom jantar para degustar, como um homem galante precisa de uma amante para... acariciar. Com o tempo, Schmucke acabou por compreender Pons, pois era demasiado alemão para ter a rapidez de observação de que gozam os franceses, e isso só lhe fez gostar ainda mais do pobre Pons. Nada fortalece mais a amizade do que o fato de um dos dois amigos se julgar superior ao outro. Um anjo não teria nada a censurar a Schmucke se o visse esfregar as mãos ao descobrir a intensidade que a gula assumira no amigo. E, no dia seguinte, o bom alemão enfeitou o almoço com gulodices que ele próprio comprou, e esforçou-se por ter todos os dias coisas novas para o amigo, pois, desde que se haviam unido, almoçavam juntos todos os dias em casa.

Seria necessário não conhecer Paris para imaginar que os dois amigos tivessem escapado à zombaria parisiense, que nunca respeitou nada. Schmucke e Pons, casando suas riquezas e suas misérias, haviam tido a ideia econômica de morar juntos e dividiam em partes iguais o aluguel dum apartamento muito desigualmente partilhado, situado numa tranquila casa da tranquila Rue de Normandie, no Marais. Como saíam frequentemente juntos e percorriam frequentemente os mesmos bulevares lado a lado, os vagabundos do bairro os haviam apelidado de *os dois quebra-nozes*. Essa alcunha dispensa de traçar aqui o retrato de Schmucke, que estava para Pons como a ama de Níobe, a famosa estátua do Vaticano, está para a Vênus da Tribuna.<sup>[49]</sup>

A sra. Cibot, porteira da casa, era o eixo sobre o qual girava a vida doméstica dos dois quebra-nozes e é tão grande o papel que ela

desempenha no drama que serviu de desfecho a essa dupla existência, que convém reservar seu retrato para o momento de sua entrada em cena.

O que resta dizer sobre o moral dessas duas criaturas é precisamente o mais difícil de fazer compreender aos noventa e nove por cento dos leitores no quadragésimo sétimo ano do décimo nono século, provavelmente devido ao prodigioso desenvolvimento financeiro determinado pela construção das estradas de ferro. É pouco e é muito. Trata-se, com efeito, de dar uma ideia da delicadeza excessiva desses dois corações. Peça-mos emprestada uma imagem às estradas de ferro, mesmo que seja apenas a título de reembolso dos empréstimos que elas tomam de nós. Atualmente, os trens, enquanto correm loucamente sobre os trilhos, esmagam imperceptíveis grãos de areia. Introduzi um desses grãos de areia, invisível aos passageiros, em seus rins, e eles sentirão as dores da mais horrível enfermidade, a litíase; chega-se a morrer disso. Pois bem! Isto que para nossa sociedade lançada em sua trajetória metálica com a velocidade de uma locomotiva é um grão de areia a que ela não dá a mínima importância, esse grão de areia, constantemente lançado nas fibras desses dois corações e a todo momento, causava-lhes uma espécie de litíase no coração. Comovendo-se exageradamente com as dores alheias, choravam ambos por sua impotência; e, para suas próprias sensações, eram duma suscetibilidade de sensitiva que atingia as raias da doença. A velhice, os contínuos espetáculos do drama parisiense, nada enrijecera essas duas almas tenras, infantis e puras. Quanto mais viviam, mais intensos se tornavam seus sofrimentos íntimos. Isso acontece entre as naturezas castas, entre os pensadores serenos e entre os verdadeiros poetas que não se entregaram a nenhum excesso.

Após a união dos dois velhos, suas ocupações, mais ou menos semelhantes, haviam adquirido essa marcha fraternal que distingue em Paris os cavalos de fiacre.

Levantando-se às sete horas da manhã, no verão como no inverno, depois do almoço iam dar suas lições nos pensionatos, onde um substituíam o outro quando necessário. Ao meio-dia, Pons dirigia-se ao teatro quando um ensaio o chamava e dava à ociosidade todos os momentos de liberdade. Depois, os dois amigos encontravam-se à noite no teatro onde Pons colocara Schmucke. Eis como isso aconteceu.

## **VI – UM HOMEM EXPLORADO COMO SE VEEM TANTOS**

Quando Pons encontrou Schmucke, acabava de conseguir, sem que o tivesse pedido, o bastão de marechal dos compositores desconhecidos, uma batuta de regente de orquestra! Graças ao conde Popinot, então ministro, o lugar foi dado ao pobre músico no momento em que esse

herói burguês da Revolução de Julho mandou dar concessão para explorar um teatro a um desses amigos que fazem corar um homem favorecido pela fortuna quando, repimpado em sua carruagem, vê nas ruas de Paris um antigo camarada da mocidade na miséria, sem presilhas nas polainas, com uma sobrecasaca de cor indecifrável e farejando negócios muito elevados em busca de capitais fugidios. Antigo caixeiro-viajante, esse amigo, chamado Gaudissart,<sup>[50]</sup> fora outrora muito útil ao sucesso da grande casa Popinot. Popinot, feito conde, feito par de França após ter sido duas vezes ministro, não renegou o ILUSTRE GAUDISSART! Foi mais longe, quis dar ao viajante uma situação que lhe permitisse renovar o guarda-roupa e tornar a encher o bolso, pois a política, as vaidades da Corte cidadã<sup>[51]</sup> não haviam corrompido o coração do antigo droguista. Gaudissart, sempre louco por mulheres, pediu a concessão para explorar um teatro então em falência, e o ministro lhe concedeu e ainda lhe mandou alguns velhos amadores do belo sexo, suficientemente ricos para fundar uma poderosa comandita apaixonada daquilo que os maiôs ocultam. Pons, parasita do palácio Popinot, foi aproveitado no teatro. A companhia Gaudissart, que, aliás, fez fortuna, teve em 1834 a intenção de realizar no boulevard essa grande ideia: uma ópera para o povo. A música dos bailados e das *féeries* exigia um maestro passável e um pouco compositor. A administração à qual sucedia a companhia Gaudissart estava há muito tempo em falência para que pudesse ter um copista. Pons introduziu, pois, Schmucke no teatro na qualidade de encarregado de cópias, ofício obscuro que exige profundos conhecimentos musicais. Schmucke, a conselho de Pons, associou-se ao chefe desse serviço na Ópera-Cômica e assim ficou dispensado da parte mecânica da tarefa. A aliança de Schmucke e Pons produziu um resultado maravilhoso. Schmucke, muito competente, como todos os alemães, em harmonia, encarregou-se da instrumentação nas partituras cujo canto foi feito por Pons. Quando os conhecedores admiraram algumas composições novas que serviram de acompanhamento a duas ou três grandes peças de sucesso, explicaram-nas pela palavra progresso, sem procurar os autores. Pons e Schmucke eclipsaram-se na glória como certas pessoas se afogam na banheira. Em Paris, principalmente depois de 1830, ninguém sobe sem abrir caminho, *quibuscumque viis*,<sup>[52]</sup> e muita força, através duma assustadora massa de concorrentes; para isso é necessária muita energia nos rins e os dois amigos tinham aquela litíase no coração, que atrapalha todos os impulsos ambiciosos.

Ordinariamente Pons começava a trabalhar na orquestra do teatro somente às oito horas, hora em que se representam as peças favoritas e cujos acompanhamentos e aberturas exigem a tirania da batuta. Essa tolerância existe na maioria dos teatros; mas, nesse particular, Pons se sentia muito à vontade, porque mostrava em suas relações com a

administração grande desinteresse. Schmucke substituiu Pons quando necessário. Com o tempo, a posição de Schmucke na orquestra se consolidara. O ilustre Gaudissart percebera, sem nada dizer a esse respeito, o valor e a utilidade do colaborador de Pons. Haviam sido obrigados a incluir um piano na orquestra. O piano, tocado gratuitamente por Schmucke, foi colocado junto do púlpito do regente, onde ficava o extranumerário voluntário. Quando ficaram conhecendo esse bom alemão, sem ambição nem pretensão, ele foi aceito por todos os músicos. A administração, por um módico pagamento, encarregou Schmucke dos instrumentos que não figuram na orquestra dos teatros do bulevar e que são muitas vezes necessários, como o piano, a viola, o corne inglês, o violoncelo, a harpa, as castanholas, as campainhas e as invenções de Sax<sup>[53]</sup> etc. Os alemães, se não sabem manejar os grandes instrumentos da liberdade, sabem tocar naturalmente todos os instrumentos da música.

Os dois velhos artistas, imensamente estimados no teatro, lá viviam como filósofos. Puseram uma venda nos olhos para não ver os males inerentes a uma companhia teatral em que um corpo de bailados está misturado a atores e atrizes, uma das mais terríveis combinações que as necessidades da bilheteria criaram para tormento dos diretores, dos autores e dos músicos. Um grande respeito pelos outros e por si mesmo granjeara a estima geral ao bom e modesto Pons. Em qualquer esfera, aliás, uma vida límpida, uma honestidade sem mancha impõem uma espécie de admiração mesmo aos corações mais perversos. Em Paris, uma bela virtude tem o sucesso dum grande diamante, duma curiosidade rara. Nenhum ator, nenhum autor, nenhuma bailarina, por mais atrevido que fosse, se teria permitido a mínima mistificação ou alguma brincadeira de mau gosto contra Pons ou contra seu amigo. Pons aparecia às vezes no saguão do teatro, mas Schmucke só conhecia o caminho subterrâneo que levava do exterior do teatro à orquestra. Nos entreatos, quando assistia a uma representação, o bom velho alemão aventurava-se a correr os olhos pela plateia e às vezes interrogava a primeira flauta, um rapaz nascido em Estrasburgo, de uma família alemã de Kehl, sobre os personagens excêntricos que se veem quase sempre nas primeiras filas. Aos poucos, a imaginação infantil de Schmucke, cuja educação social foi feita por essa flauta, começou a admitir a existência fabulosa da *lorette*,<sup>[54]</sup> a possibilidade dos casamentos na décima terceira circunscrição,<sup>[55]</sup> as prodigalidades dum figurão e o comércio equívoco das abridoras de camarotes nos teatros. As inocências do vício pareceram a esse digno homem a última palavra das depravações babilônicas e ele sorria como se estivesse diante de arabescos chineses. As pessoas perspicazes devem compreender que Pons e Schmucke eram explorados, para empregar uma palavra da moda, mas o que perderam em dinheiro, ganharam em consideração,

em ser bem tratados.

Após o sucesso dum bailado que deu início à rápida vitória da companhia Gaudissart, os diretores enviaram a Pons um grupo em prata atribuído a Benvenuto Cellini,<sup>[56]</sup> cujo preço terrível fora objeto duma palestra no saguão do teatro. Tratava-se de mil e duzentos francos! O pobre homem quis devolver o presente! Gaudissart teve enorme trabalho para fazer com que ele o aceitasse. “Ah! Se pudéssemos”, disse a seu sócio, “ter atores desse tipo!” Essa dupla vida, aparentemente tão calma, só era perturbada pelo vício a que Pons sacrificava aquela necessidade feroz de jantar fora. Assim, sempre que Schmucke se encontrava em casa quando Pons se vestia para sair, o bom alemão deplorava aquele funesto hábito. “*Ze pelo menos isso o encortasse!*”, exclamava frequentemente. E Schmucke procurava um meio de curar o amigo daquele vício degradante, pois os verdadeiros amigos são dotados, na ordem moral, da perfeição que caracteriza o faro dos cães; farejam as tristezas dos amigos, descobrem suas causas, preocupam-se com elas.

Pons, que sempre usava no dedo mínimo da mão direita um anel de brilhante tolerado durante o Império e tornado ridículo atualmente, Pons, excessivamente poeta e demasiado francês, não mostrava na fisionomia a divina serenidade que temperava a pavorosa fealdade de Schmucke. O alemão descobrira na expressão melancólica do rosto do amigo as dificuldades crescentes que tornavam o ofício de parasita cada vez mais penoso. Com efeito, em outubro de 1844, o número das casas onde Pons jantava era muito restrito. O pobre chefe de orquestra, limitado a percorrer o círculo da família, ampliara demasiadamente, como se vai ver, a significação da palavra “família”.

O antigo laureado era primo-irmão da princesa esposa do sr. Camusot, o rico comerciante de sedas da Rue des Bourdonnais, uma Pons, única herdeira dos famosos Pons Irmãos, ornamentadores da Corte, casa da qual o pai e a mãe do músico eram comanditários, após terem-na fundado antes da Revolução de 1789 e que foi comprada pelo sr. River, em 1815, do pai da primeira sra. Camusot. Esse Camusot, afastado dos negócios há dez anos, era, em 1844, membro do conselho geral das indústrias, deputado etc. Tomado de amizade pela tribo dos Camusot, o bom homem Pons considerou-se primo dos filhos que o comerciante de sedas teve do segundo casamento, embora eles não fossem nada, nem mesmo afins.

Como a segunda sra. Camusot era uma Cardot, Pons se introduziu a título de parente dos Camusot na numerosa família dos Cardot, segunda tribo burguesa, que, por suas alianças, formava uma sociedade inteira não menos poderosa que a de Camusot. O tabelião Cardot, irmão da sra. Camusot, casara-se com uma moça da família Chiffreville. A famosa família dos Chiffreville, a rainha dos produtos químicos,

estava ligada ao importante comércio de drogas, que teve como figura principal durante muito tempo o sr. Anselmo Popinot, que a Revolução de Julho lançara, como se sabe, ao seio da política mais dinástica. E assim, seguindo atrás dos Camusot e dos Cardot, Pons foi até a casa dos Chiffreville e de lá à dos Popinot, sempre na qualidade de primo dos primos.

Essa simples exposição das últimas relações do velho músico dá a compreender como ele podia ainda ser recebido familiarmente em 1844: primeiro, na casa do senhor conde Popinot, par de França, antigo ministro da Agricultura e do Comércio; segundo, na casa do sr. Cardot, antigo tabelião, administrador e deputado dum distrito de Paris,<sup>[57]</sup> terceiro, na casa do velho sr. Camusot, deputado, membro do conselho municipal de Paris e do conselho geral das indústrias, a caminho do pariato,<sup>[58]</sup> quarto, na casa do sr. Camusot de Marville, filho do primeiro casamento e, portanto, o verdadeiro, o único primo real de Pons, e, assim mesmo, primo segundo.<sup>[59]</sup>

Esse Camusot, que, para se distinguir do pai e do irmão do segundo matrimônio, acrescentara a seu nome o da propriedade de Marville, era, em 1844, presidente da Câmara na Corte Real de Paris.

Como o antigo tabelião Cardot casara a filha com seu sucessor, chamado Berthier,<sup>[60]</sup> Pons incluiu-o na família e ficou com mais esse jantar adquirido em cartório, como dizia.

Tal era o firmamento burguês que Pons denominava sua família e em que conservava com tanto esforço o direito de garfo.

Dessas dez casas, aquela onde o artista deveria ser melhor acolhido, a do presidente Camusot, era objeto de suas maiores atenções. Mas aí! A presidenta, filha do falecido sr. Thirion,<sup>[61]</sup> porteiro do gabinete dos reis Luís XVIII e Carlos X, nunca tratara bem o primo segundo do marido. Pons perdeu seu tempo tentando abrandar a terrível parente, pois, tendo dado gratuitamente lições à srta. Camusot, fora-lhe impossível fazer daquela moça meio ruiva uma instrumentista. Ora, era justamente para a casa de seu primo, o presidente, que Pons, segurando o objeto precioso, se dirigia nesse momento. Sempre que lá entrava, Pons tinha a impressão de estar nas Tuileries, tal a intensidade com que agiam sobre seu moral tantas cortinas verdes, as pinturas de cor carmelita, os tapetes de lã e os móveis austeros do apartamento onde respirava a mais severa magistratura. Coisa estranha! Ele se sentia à vontade no palácio Popinot, na Rue Basse-du-Rempart, certamente por causa dos objetos de arte que lá havia, pois o antigo ministro, depois de sua ascensão política, contraíra a mania de colecionar belas coisas, sem dúvida para fazer oposição à política, que coleciona secretamente as mais feias ações.

O presidente de Marville morava à Rue de Hanovre, numa casa comprada há dez anos pela presidenta, após a morte dos pais, o sr. e a sra. Thirion, que lhe deixaram cerca de cento e cinquenta mil francos de economias. Essa casa, cuja fachada sobre a rua tem um aspecto muito sombrio, porque está voltada para o norte, tem o pátio exposto para o sul e junto a ele há um belo jardim. O magistrado ocupa todo o primeiro andar que, na época de Luís xv, servira de moradia a um dos mais poderosos financistas daquele tempo. Como o segundo está alugado a uma rica e velha dama, a casa apresenta um aspecto tranquilo e respeitável que convém à magistratura. Os restos da magnífica propriedade de Marville, na aquisição dos quais o magistrado empregara suas economias de vinte anos, assim como a herança da mãe, compõem-se do castelo, esplêndido monumento como ainda se encontra na Normandia, e duma boa granja que produz doze mil francos. Um parque de cem hectares circunda o castelo. Esse luxo, hoje principesco, custa um milhar de escudos ao presidente, de modo que a propriedade não rende mais que nove mil francos, *em dinheiro batido*, como se diz. Esses nove mil francos e seus vencimentos davam então ao presidente uma renda de cerca de vinte mil francos, aparentemente suficiente, sobretudo enquanto esperava a metade que lhe devia tocar da herança do pai, na qual ele representava o único herdeiro do primeiro casamento, mas a vida de Paris e as conveniências de sua posição haviam obrigado o senhor e a senhora de Marville a gastar a totalidade dos rendimentos. Até 1834 haviam vivido apertados.

Esse inventário explica por que a sra. de Marville, moça de vinte e três anos, ainda não se casara, a despeito dos cem mil francos de dote e apesar da isca de seu belo futuro, hábil e frequentemente, mas inutilmente, lançada. Há cinco anos o primo Pons escutava as lamentações da presidenta, que via todos os substitutos casados, os novos juízes do Tribunal já pais, após ter feito brilhar em vão o futuro da srta. de Marville ante os olhos pouco encantados do jovem visconde Popinot, filho mais velho do expoente do comércio de drogas, em cujo benefício, segundo os invejosos do Quartier des Lombards, fora feita a Revolução de Julho, pelo menos tanto como em benefício do ramo cadete.

Ao chegar à Rue Choiseul, no momento de dobrar a esquina da Rue de Hanovre, Pons experimentou essa inexplicável emoção que atormenta as consciências puras, que lhes inflige os suplícios que assaltam os maiores celerados ao ver um policial, e causada unicamente pela questão de saber como o receberia a presidenta. Essa pedra, que lhe dilacerava as fibras do coração, nunca se arredondara; seus ângulos se tornavam cada vez mais agudos e os criados da casa reavivavam incessantemente suas arestas. Com efeito, o pouco caso que os Camusot faziam de seu primo Pons, sua depreciação no seio da

família, agia sobre os empregados, que, embora sem lhe faltar com o respeito, o consideravam como uma variedade do Pobre.

A inimiga capital de Pons era uma certa Madalena Vivet, solteirona seca e franzina, criada de quarto da sra. de Marville e de sua filha. Essa Madalena, a despeito do aspecto pustulento do rosto e talvez por causa desse aspecto e de seu comprimento viperino, metera-se na cabeça de se tornar sra. Pons. Madalena espalhou em vão vinte mil francos de economias diante dos olhos do velho celibatário, Pons recusara essa ventura por lhe parecer demasiado pustulenta. Por isso, essa Dido de antecâmara, que queria tornar-se prima dos patrões, pregava as peças mais perversas ao pobre músico. Madalena gritava nitidamente: “Ah! Chegou o filante!”, ao ouvir o velhote na escada e procurando ser ouvida por ele. Se servia a mesa, na ausência do criado, derramava pouco vinho e muita água no copo de sua vítima, impondo-lhe a difícil tarefa de levar à boca, sem nada derramar, um copo quase a transbordar. Esquecia-se de servir o velho e esperava que a presidenta lhe mandasse fazê-lo (em que tom!... o primo chegava a corar) ou derramava-lhe molho na roupa. Era, enfim, a guerra do inferior que se sabe impune contra um superior infeliz.

#### VIII – EM QUE O INFORTUNADO PRIMO É MUITO MAL RECEBIDO

Despenseira e criada de quarto ao mesmo tempo, Madalena acompanhara o senhor e a senhora Camusot desde o casamento. Vira os patrões na penúria do começo da vida, na província, quando o patrão era juiz do Tribunal de Alençon; ajudara-os a viver quando, presidente do Tribunal de Mantes, o sr. Camusot veio para Paris, em 1828, onde foi nomeado juiz de instrução. Pertencia, assim, demasiado à família para que não tivesse razões de se vingar dela. Esse desejo de pregar à orgulhosa e ambiciosa presidenta a peça de se tornar prima do patrão ocultava certamente um desses ódios surdos gerados por um desses cascalhos que produzem as avalanchas.

— Patroa, aí está o seu sr. Pons, e ainda de *spencer*! — avisou Madalena à presidenta. — Ele bem poderia dizer-me por que processo o conserva há vinte e cinco anos!

Ao ouvir passos de homem na saleta que ficava entre o salão e o quarto de dormir, a sra. Camusot olhou para a filha e encolheu os ombros.

— Sempre me prevines com tanta inteligência, Madalena, que já não tenho tempo de tomar uma decisão — disse a presidenta.

— Patroa, João saiu, eu estava sozinha, o sr. Pons tocou a campainha, eu lhe abri a porta e como ele é quase de casa eu não podia impedi-lo de acompanhar-me. Lá está ele desembaraçando-se do *spencer*.



— Minha pobre gatinha — disse a presidenta à filha —, fomos apanhadas. Agora temos de jantar aqui. Paciência — acrescentou, ao ver sua querida gatinha com uma fisionomia compadecida —, será preciso que nos livremos dele para sempre?

— Oh! Coitado! — respondeu a srta. Camusot —, privá-lo dum de seus jantares!

Ouviu-se, na saleta, a tosse forçada dum homem, que queria dizer: “Estou ouvindo”.

— Pois bem, que entre! — disse a sra. Camusot a Madalena fazendo um gesto com os ombros.

— Veio tão cedo, meu primo — disse Cecília Camusot, assumindo uma atitude carinhosa —, que nos surpreendeu no momento que mamãe ia vestir-se.

O primo Pons, a quem não passara despercebido o movimento de ombros da presidenta, foi tão cruelmente atingido que não achou um cumprimento para dizer e se contentou com esta frase profunda:

— Sempre encantadora, priminha!

Depois, voltando-se para a mãe e cumprimentando-a:

— Querida prima — acrescentou —, não me queira mal por eu ter vindo um pouco mais cedo do que de costume; trago-lhe o que você me deu o prazer de pedir-me...

E o pobre Pons, que cortava em dois pedaços o presidente, a presidenta e Cecília cada vez que os chamava de *primo e prima*, tirou do bolso externo do casaco uma maravilhosa caixinha oblonga, de madeira de Santa Lúcia, divinamente esculpida.

— Ah! Tinha esquecido! — disse secamente a presidenta.

Não era atroz essa exclamação? Não tirava ela todo o mérito à gentileza do parente, cujo único defeito era ser um parente pobre?

— É muito bondoso, meu primo — acrescentou ela. — Devo-lhe muito dinheiro por essa coisinha?

Essa pergunta causou um estremecimento íntimo ao primo; ele pretendia saldar todos os seus jantares pelo oferecimento daquela joia.

— Pensei que me permitiria que lha oferecesse — disse ele, com uma voz comovida.

— Como! Como! — replicou a presidenta. — Ora, nada de cerimônia entre nós. Conhecemo-nos bastante para lavar nossa roupa juntos. Sei que você não é bastante rico para fazer a guerra à sua custa. Já não é bastante ter-se dado o trabalho de perder seu tempo percorrendo as lojas?...

— Não haveria de querer este leque, minha cara prima, se tivesse de pagar o que vale — replicou o pobre homem, ofendido —, pois é uma obra-prima de Watteau,<sup>[62]</sup> que o pintou dos dois lados; mas, fique descansada, não paguei nem a centésima parte do seu valor artístico.

Dizer a um rico: “Você é pobre!”. É o mesmo que dizer ao arcebispo

de Granada<sup>[63]</sup> que suas homilias não valem nada. A senhora presidenta era demasiado orgulhosa da posição do marido, da posse de Marville e de seus convites para os bailes da Corte para que não fosse atingida em cheio por semelhante observação, sobretudo partindo dum miserável músico, diante de quem ela se colocava na situação de benfeitora.

— É bem estúpida essa gente de quem você compra essas coisas, não é?... — disse asperamente a presidenta.

— Em Paris não há comerciantes estúpidos — respondeu Pons quase secamente.

— Então o senhor é que é muito esperto — disse Cecília, para acalmar o debate.

— Priminha, tenho a esperteza de conhecer Lancret,<sup>[64]</sup> Pater,<sup>[65]</sup> Watteau, Greuze,<sup>[66]</sup> mas tive, principalmente, o desejo de agradar sua querida mamãe.

Ignorante e vaidosa, a sra. de Marville não queria dar a impressão de receber a mínima coisa de seu filante de jantares e sua ignorância a auxiliava admiravelmente, pois ela não conhecia o nome de Watteau. Se alguma coisa pode exprimir até onde vai o amor-próprio dos colecionadores, que, certamente, é um dos mais intensos, pois rivaliza com o amor-próprio de autor, é a audácia com que Pons acabara de ter enfrentado a prima pela primeira vez em vinte anos. Pasmo de sua ousadia, Pons reassumiu uma atitude pacífica detalhando a Cecília as belezas da delicada escultura das varetas daquele maravilhoso leque. Mas, para conhecer todo o segredo da trepidação cordial que assaltara o bom velhote, é necessário dar um ligeiro esboço da presidenta.

Aos quarenta e seis anos, a sra. de Marville, outrora baixinha, loura, rechonchuda e viçosa, continuava baixinha e ficara seca. A fronte estreita, a boca contraída, que a mocidade antigamente decorava de tons delicados, mudavam, agora, sua expressão naturalmente desdenhosa em expressão carrancuda. O hábito dum absoluto domínio em casa tornara sua fisionomia dura e desagradável. Com o tempo, o louro da cabeleira voltara ao castanho baço. Os olhos, ainda vivos e cáusticos, exprimiam uma arrogância judiciária carregada duma inveja concentrada. Com efeito, a presidenta sentia-se quase pobre no meio da sociedade de burgueses tornados ilustres na qual Pons jantava. Não perdoava ao rico droguista, antigo presidente do Tribunal de Comércio, ter-se tornado sucessivamente deputado, ministro, conde e par. Não perdoava a seu sogro ter-se feito nomear, em detrimento do filho mais velho, deputado de seu distrito, por ocasião da promoção de Popinot ao pariato. Após dezoito anos de serviços em Paris, ela ainda esperava para Camusot o lugar de conselheiro da Corte de Cassação, da qual o excluía, aliás, uma incompetência conhecida no Tribunal. O ministro da Justiça de 1844 ainda lamentava a nomeação de Camusot para a presidência, obtida em 1834; mas haviam-no designado para a câmara das

acusações, onde, graças à sua rotina de juiz de instrução, prestava serviços lavrando sentenças.

## IX – UM ACHADO

Essas decepções, após terem consumido a presidenta, que, por outro lado, não se iludia sobre o valor do marido, tornavam-na terrível. Seu caráter, já ríspido, azedara-se. Mais envelhecida que velha, mostrava-se áspera e seca como uma escova para obter pelo temor tudo quanto a sociedade parecia disposta a recusar-lhe. Excessivamente mordaz, tinha poucas amigas. Inspirava respeito, pois cercara-se de algumas velhas beatas de sua laia que a apoiavam com esperança de retribuição. Assim, as relações do pobre Pons com esse diabo de saias eram as dum colegial com um professor que só fala por meio da palmatória. A presidenta não encontrava explicação para a súbita audácia do primo, pois ignorava o valor do presente.

— Onde foi que encontrou isto? — perguntou Cecília, examinando a joia.

— À Rue de Lappe, num belchior que acabava de recebê-los dum castelo que desmancharam perto de Dreux, Aulnay, um castelo que madame de Pompadour às vezes habitava antes de construir Ménars; salvaram de lá os mais esplêndidos revestimentos de madeira conhecidos; são tão lindos que Liénard,<sup>[67]</sup> nosso famoso escultor em madeira, guardou, como *nec plus ultra* da arte, duas molduras ovais para modelo... Lá havia tesouros. Meu belchior achou este leque numa cômoda de marchetaria que eu teria comprado se colecionasse essas obras, mas não se pode comprar uma coisa dessas! Um móvel de Riesener<sup>[68]</sup> vale de três a quatro mil francos! Estão começando a descobrir, em Paris, que os famosos marcheteiros alemães e franceses dos séculos XVI, XVII e XVIII compuseram verdadeiros quadros em madeira. O mérito do colecionador consiste em antecipar-se à moda. Olhem! Daqui a cinco anos, a gente pagará, em Paris, as porcelanas de Frankenthal,<sup>[69]</sup> que coleciono há vinte anos, duas vezes mais caro que as de Sèvres.

— Que é Frankenthal? — perguntou Cecília.

— É o nome da fábrica de porcelanas do Eleitor palatino; é mais antiga que nossa fábrica de Sèvres, como os famosos jardins de Heidelberg, destruídos por Turenne, tiveram a infelicidade de existir antes dos de Versalhes. Sèvres copiou muito Frankenthal... Aos alemães, é preciso fazer-lhes esta justiça, fizeram, antes de nós, admiráveis coisas em Saxe e no Palatinato.

A mãe e a filha entreolharam-se como se Pons lhes tivesse falado em chinês, pois não se pode imaginar o quanto os parisienses são ignorantes e exclusivistas; só sabem o que se lhes ensina, quando o

querem aprender.

— E como conhece o Frankenthal?

— Pela assinatura! — disse Pons com calor. — Todas essas maravilhosas obras-primas são assinadas. O Frankenthal leva um c e um t (Carlos Teodoro) entrelaçados e encimados por uma coroa de príncipe. O velho Saxe tem suas duas espadas e o número de ordem em dourado. Vincennes assinava com uma trompa. Viena tem um v fechado e riscado. Berlim tem duas barras. Mogúncia tem a roda, Sèvres os dois ll, e a porcelana da rainha tem um a, que quer dizer Antonieta, encimado pela coroa real. No século xviii, todos os soberanos da Europa competiram na fabricação da porcelana. Raptavam-se os operários. Watteau fazia os desenhos dos serviços para a fábrica de Dresden e suas obras adquiriram preços loucos. (É preciso conhecê-los bem, pois atualmente Dresden os imita e copia.) Fabricaram, nessa época, coisas admiráveis, que nunca mais hão de fazer.

— Ora essa!

— Sim, nunca mais se farão certos móveis, certas porcelanas, como nunca mais se farão os Rafael, os Ticiano, os Rembrandt nem os Van Eyck nem os Cranach!...<sup>[70]</sup> Olhem! Os chineses são muito hábeis, muito espertos, copiam atualmente as belas obras de sua porcelana chamada *Grande-Mandarim*... Pois bem! Dois vasos de *Grande-Mandarim* antigo, do tamanho maior, valem seis, oito, dez mil francos, e se pode comprar uma cópia moderna por duzentos francos!

— Você está gracejando!

— Prima, esses preços a espantam; mas isso não é nada. Um serviço completo para um jantar de doze pessoas, em porcelana mole de Sèvres, que não é verdadeira porcelana, não somente vale cem mil francos, como também esse é o preço de fatura. Um serviço desses custava cinquenta mil francos, em Sèvres, em 1750. Vi faturas originais.

— Voltemos a este leque — disse Cecília, a quem a joia parecia muito antiga.

— Você compreende que eu tenha saído a procurá-lo, desde que sua querida mamãe me deu a honra de pedir-me um leque — disse Pons. — Visitei todos os vendedores de Paris, sem encontrar nada que fosse bastante bonito, pois, para a querida presidenta, eu queria uma obra-prima e pensava dar-lhe o leque de Maria Antonieta, o mais lindo de todos os leques famosos. Mas, ontem, fiquei deslumbrado por essa divina obra-prima, que certamente foi Luís xv quem encomendou. Por que terei ido procurar um leque à Rue de Lappe na casa dum auvernês! Que vende cobre, ferro velho e móveis dourados? É que eu acredito na inteligência dos objetos de arte, eles conhecem os amadores, chamam-nos, fazem-lhes: chit! chit!...

A presidenta encolheu os ombros, olhando para a filha, sem que Pons pudesse ver essa rápida mímica.

— Conheço muito bem toda essa gente! “Que tem de novo, papá Monistrol? Tem sobreportas?”, pergunto a esse vendedor, que me permite passar os olhos pelas suas aquisições antes dos grandes comerciantes. A essa pergunta, Monistrol conta-me que Liénard, que estava esculpindo na capela de Dreux belíssimas coisas para a lista civil, salvara, na venda de Aulnay, revestimentos de madeira das mãos dos comerciantes de Paris, ocupados com porcelanas e móveis incrustados. “Não trouxe grande coisa”, diz-me ele, “mas posso ganhar minha viagem com isto.” E mostra-me o móvel, uma maravilha! Desenhos de Boucher,<sup>[71]</sup> executados em marchetaria com arte... É de a gente se ajoelhar diante dele! “Olhe senhor”, diz-me ele, “acabo de encontrar numa gavetinha fechada, cuja chave faltava, e que forcei, este leque! O senhor bem poderia dizer-me a quem posso vendê-lo...” E me mostra a caixinha em madeira de Santa Lúcia esculpida. “Veja! É daquele Pompadour que se assemelha ao gótico florido.” “Oh!”, respondo, “a caixinha é bonita, pode servir-me, só a caixa! Pois quanto ao leque, meu velho Monistrol, não tenho sra. Pons a quem dar essa velha joia; além disso, hoje fazem leques como esses, novos, muito bonitos. Atualmente pintam velinos como esse de maneira miraculosa, e por muito pouco preço. Sabe que há dois mil pintores em Paris?” E abro negligentemente o leque, contendo minha admiração, contemplando com indiferença os dois pequenos quadros, com um desinteresse e um desembaraço extraordinários. Tenho na mão o leque da madame de Pompadour! Watteau consumira-se a pintá-lo! “Quanto quer pelo móvel?” “Oh! Já tenho quem me dê mil francos!” Arrisco, então, um preço para o leque, que corresponde às despesas presumíveis de sua viagem. Entreolhamonos, então, no branco dos olhos e vejo que tenho meu homem preso. Torno a guardar, em seguida, o leque na caixa, a fim de que o auvernês não se ponha a examiná-lo, e extasio-me diante do lavor da caixa que, realmente, é uma verdadeira joia. “Se o compro”, disse a Monistrol, “é somente por causa disto, tenha certeza, é só a caixa que me tenta. Quanto a este móvel, pode conseguir mais de mil francos, veja como esses cobres são lavrados! São modelos! Pode-se explorar isso... pois nunca foi reproduzido, faziam *tudo* único para a madame de Pompadour...” E meu homem, *aceso* pelo móvel, esquece-se do leque; deixa-me trazê-lo por nada, como pagamento da revelação que lhe faço da beleza do móvel de Riesener. E aqui está! Mas é preciso ter muita prática para fechar negócios como este! São lutas de olho a olho, e que olho o de um judeu ou o de um auvernês!

A admirável pantomima, a graça do velho artista, que, enquanto contava a vitória de sua astúcia sobre a ignorância do belchior, fazia dele um digno modelo do pincel holandês, tudo foi destruído pela presidenta e pela filha, que comentaram, trocando olhares frios e desdenhosos:

— Que interessante....

— Quer dizer que isso o diverte? — perguntou a presidenta.

Pons, gelado por essa pergunta, teve vontade de sorrir-la.

— Mas, minha querida prima — replicou —, isso é a caça às obras-primas! E a gente se coloca diante de adversários que defendem a caça! É astúcia contra astúcia! Uma obra-prima protegida por um normando, um judeu ou um auvernês; isto é como os contos de fadas, uma princesa guardada por feiticeiros!

— E como sabe que é de Wat... como é que disse?

— Watteau! Minha prima, um dos maiores pintores franceses do século XVIII! Não está vendo a assinatura? — disse ele, mostrando uma cena bucólica que representava uma ronda dançada por falsas camponesas e por pastores grão-senhores. — É duma vivacidade! Que inspiração! Que colorido! E é feito tudo duma vez só! Como uma rubrica dum mestre de caligrafia; não se nota o trabalho! E, do outro lado, veja! Um baile num salão! É o inverno e o verão! Que ornatos! E como está conservado! Veja, a virola é de *ouro* e rematada de cada lado por um pequenino rubi, que eu poli!

— Se é assim, eu não poderia, meu primo, aceitar de você um objeto tão valioso. É preferível que você faça dinheiro com ele — disse a presidenta, que, no entanto, não queria senão ficar com o magnífico leque.

— Já é tempo de que o que serviu ao Vício esteja nas mãos da Virtude! — disse o velhote, recuperando a segurança. — Foram necessários cem anos para operar este milagre. Fique certa de que na Corte nenhuma princesa terá nada que se compare a esta obra-prima, pois é próprio da natureza humana fazer mais para uma Pompadour do que para uma virtuosa rainha!

— Pois bem, aceito! — disse, rindo, a presidenta. — Cecília, meu anjo, vai providenciar com Madalena para que o jantar seja digno do nosso primo...

A presidenta queria acertar as contas. Essa recomendação feita em voz alta, contrariamente às regras do bom gosto, tinha tamanha aparência de pagamento que Pons corou como uma mocinha apanhada em falta. Essa pedra um pouco grande demais rolou durante algum tempo no seu coração. Cecília, moça muito ruiva, cujas maneiras, impregnadas de pedantismo, afetavam a austeridade judiciária e se ressentia da secura da mão, desapareceu deixando o pobre Pons entregue à terrível presidenta.

## **X – UMA MOÇA CASADOURA**

— É muito gentil, a minha pequena Lili — disse a presidenta, sempre empregando a abreviatura infantil antigamente dada ao nome de

Cecília.

— Encantadora! — respondeu o velho músico, girando os polegares.

— Não compreendo em absoluto a época em que vivemos — continuou a presidenta. — De que serve ter por pai um presidente da Corte Real de Paris e comendador da Legião de Honra, por avô um deputado milionário, um futuro par de França, o mais rico dos atacadistas de seda?

A dedicação do presidente à nova dinastia valera-lhe recentemente a condecoração de comendador, favor atribuído por alguns invejosos à amizade que o ligava a Popinot. Este ministro, apesar de sua modéstia, deixara-se fazer conde, como se vê. “Por causa de meu filho”, disse ele aos numerosos amigos.

— Atualmente, só querem saber de dinheiro — respondeu o primo Pons —, só têm consideração com os ricos, e...

— Que aconteceria então — exclamou a presidenta — se o céu me tivesse deixado meu pobrezinho Carlos?...

— Oh! Com dois filhos, você seria pobre! — replicou o primo. — É o resultado da partilha uniforme dos bens, porém, fique descansada, minha bela prima, Cecília acabará fazendo um bom casamento. Não vejo em parte alguma moça mais prendada.

Eis até que ponto Pons rebaixava seu espírito na casa dos anfitriões: repetia suas ideias e as comentava servilmente, à maneira dos coros antigos. Não ousava entregar-se à originalidade que distingue os artistas e que na mocidade manifestava abundantemente em frases sutis, mas que o hábito de humilhar-se quase abolira e que os outros repeliavam imediatamente sempre que reaparecia.

— Mas eu me casei com vinte mil francos de dote apenas...

— Em 1819, minha prima! — disse Pons, interrompendo-a. — E era você uma mulher sensata, uma moça protegida pelo rei Luís XVIII!

— Ora, minha filha é um anjo de perfeição, de inteligência; é muito dedicada, levará cem mil francos ao casar-se, sem contar um belíssimo futuro, e, no entanto, continuamos com ela nos braços...

A sra. de Marville falou da filha e de si mesma durante vinte minutos, entregando-se às lamentações peculiares às mães que possuem filhas para casar. Jantando há vinte anos na casa de seu único primo Camusot, o pobre homem ainda estava à espera de uma palavra sobre seus negócios, sua vida, sua saúde. Pons era, aliás, em toda a parte, uma espécie de cano de despejo das confidências domésticas, oferecia as maiores garantias de sua discrição conhecida e necessária, pois uma única frase leviana lhe fecharia a porta de dez casas; seu papel de ouvinte era, assim, reforçado por uma constante aprovação; sorria de tudo, não acusava nem defendia ninguém; para ele, todos tinham razão. Já não contava mais como homem, era um estômago! Nesse longo discurso, a presidenta confessou, não sem certas precauções, ao primo,

que estava disposta a aceitar para a filha, quase às cegas, os pretendentes que se apresentassem. Chegou até a considerar bom partido um homem de quarenta e oito anos, desde que tivesse vinte mil francos de renda.

— Cecília está com vinte e três anos e se, por desgraça, chegar aos vinte e cinco ou vinte e seis solteira, será muito difícil casá-la. Nesta idade, todo mundo pergunta por que é que uma moça ficou tanto tempo solteira. Já falam muito, na nossa sociedade, dessa situação. Esgotamos as razões habituais: “Ainda é muito moça!” “Estima muito os pais para deixá-los.” “Vive muito feliz em casa.” “É exigente, quer um belo nome!” Tornamo-nos ridículos, sinto-o muito bem. Além disso, Cecília está cansada de esperar e sofre; a coitadinha...

— Por quê? — perguntou ingenuamente Pons.

— Ora — replicou a mãe, num tom de governanta —, sente-se humilhada de ver todas as amigas casadas.

— Prima, que mudança houve depois da última vez que tive o prazer de jantar aqui, para que você pense em pessoas de quarenta e oito anos? — disse humildemente o pobre músico.

— O que há — replicou a presidenta — é que devíamos ter uma entrevista na casa de um conselheiro da Corte, cujo filho tem trinta anos, cuja fortuna é considerável e para quem o sr. de Marville conseguiria, mediante dinheiro, um lugar de refendário na Corte de Contas. O rapaz já é extranumerário, lá. E acabam de dizer-nos que o moço cometeu a loucura de partir para a Itália atrás duma duquesa do Mabilles.<sup>[72]</sup> Isso é uma recusa disfarçada. Não querem dar-nos um rapaz cuja mãe já morreu e que já dispõe de trinta mil francos de renda, à espera da fortuna do pai. Por isso, deve perdoar nosso mau humor, caro primo: você chegou em plena crise.

Enquanto Pons procurava uma dessas respostas lisonjeiras que sempre lhe ocorriam muito tarde nas casas dos anfitriões que temia, Madalena entrou, entregou um bilhete à presidenta e ficou esperando a resposta. Eis o que continha esse bilhete:

Se fingíssemos, querida mamãe, que este bilhete foi enviado do Tribunal por papai, que te diria que fôssemos jantar na casa de seu amigo para reatar as conversações sobre meu casamento, o primo iria embora e poderíamos ir, como queríamos, à casa dos Popinot.

— Por quem o patrão mandou isto? — perguntou animadamente a presidenta.

— Por um rapaz do Tribunal — respondeu descaradamente a seca Madalena.

Por essa resposta, a velha intrigante mostrava à patroa que ela própria tramara essa conspiração, junto com a filha impaciente.

— Dize-lhe que minha filha e eu estaremos lá às cinco e meia.



Logo que Madalena se retirou, a presidenta olhou para o primo Pons com essa falsa amenidade que causa numa alma sensível o mesmo efeito que o vinagre misturado com leite produz na língua duma pessoa de paladar apurado.

— Meu caro primo, já mandei fazer o jantar, você o comerá sem nós, pois meu marido me escreveu do Tribunal para prevenir-me de que o projeto de casamento vai ser retomado com o conselheiro, e vamos jantar lá... Você sabe que entre nós não há cerimônia. Fique aqui como se estivesse em sua casa. Conhece a franqueza que uso com você, para quem não tenho segredo... Certamente, não quererá fazer fracassar o casamento desse anjinho...

— Eu, prima, que, pelo contrário, gostaria de encontrar-lhe um marido; mas, no meio em que vivo...

— Sim, não é possível — respondeu insolentemente a presidenta. — Então, fica? Cecília lhe fará companhia enquanto me visto.

— Oh! Prima, posso ir jantar em outro lugar — disse o velhote.

Embora cruelmente ofendido pela maneira como a presidenta censurava sua indigência, estava ainda mais assustado pela perspectiva de ficar a sós com os criados.

— Mas por quê?... O jantar está pronto, os criados o comeriam.

Ao ouvir essa frase terrível, Pons saltou da cadeira como se a descarga duma pilha galvânica o tivesse atingido, cumprimentou friamente a prima e foi apanhar o *spencer*. A porta do quarto de dormir de Cecília que dava para a saleta estava entreaberta, de maneira que, olhando num espelho à sua frente, Pons avistou a moça num acesso de riso, falando à mãe com movimento de cabeça e caretas que denunciaram alguma infame mistificação contra o velho artista. Pons desceu vagarosamente a escada contendo as lágrimas: via-se enxotado daquela casa sem saber por quê. “Estou muito velho”, pensava, “e o mundo tem horror à velhice e à pobreza, duas coisas feias. Não quero mais ir a parte alguma sem convite.” Heroicas palavras!...

A porta da cozinha situada no pavimento térreo, fronteira à moradia do porteiro, ficava muitas vezes aberta, como nas casas ocupadas pelos proprietários, e cujo portão está sempre fechado; o bom homem pôde, assim, ouvir os risos da cozinheira e do criado-grave, a quem Madalena estava contando a peça pregada a Pons, pois não imaginou que o velho se retirasse tão rapidamente. O criado-grave aprovava calorosamente a brincadeira feita a um frequentador da casa que, dizia, nunca dava mais que um escudozinho de festas!

— Sim, mas, se ele ficar brabo e não voltar mais — observou a cozinheira —, sempre serão três escudos que perdemos no primeiro dia

do ano...

— Ora! Como é que ele viria a saber? — disse o criado-grave, em resposta à cozinheira.

— Ora! — replicou Madalena. — Um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, que nos importa? Ele caceteia tanto os donos das casas onde janta que acabará escorraçado de toda a parte.

Nesse momento, o velho músico gritou ao porteiro: “O cordão, faça o favor!”. Esse grito doloroso foi acolhido com um profundo silêncio na cozinha.

— Ele estava escutando — disse o criado-grave.

— Pior para ele, ou antes melhor — replicou Madalena. — É um rato liquidado.

O pobre homem, que não perdera uma palavra das conversas da cozinha, ouviu também essa última frase. Voltou para casa pelos bulevares na situação em que se encontraria uma mulher velha após uma luta encarniçada com assassinos. Caminhava, falando sozinho, com uma rapidez convulsiva, pois a dignidade ferida o empurrava como uma palha levada por um vento furioso. Enfim, às cinco horas, viu-se no Boulevard du Temple, sem saber como chegara lá; mas, coisa estranha, não sentia o mínimo apetite.

Agora, para fazer compreender a revolução que a volta de Pons àquela hora ia produzir em sua casa, é necessário dar aqui as prometidas explicações sobre a sra. Cibot.

## XII – ESPÉCIMES DE PORTEIRO (MACHO E FÊMEA)

A Rue de Normandie é uma dessas ruas no meio das quais se tem a impressão de estar na província: nela, as ervas florescem; um transeunte constitui um acontecimento e todos se conhecem. As casas datam da época em que, sob o reinado de Henrique IV, se empreendeu a construção dum bairro onde cada rua levasse o nome duma província, devendo ter no centro uma linda praça dedicada à França. A ideia do bairro da Europa foi uma cópia desse plano. O mundo se repete em todas as coisas e em toda a parte, mesmo na exploração. A casa onde moravam os dois músicos é um antigo palácio que se ergue entre um pátio e um jardim; a parte da frente, que dava para a rua, fora construída no período de imenso prestígio por que passou o Marais no século XVIII. Os dois amigos ocupavam todo o segundo andar no antigo palácio. Essa dupla casa pertencia ao sr. Pillerault,<sup>[73]</sup> um octogenário que confiou a administração da mesma ao senhor e à senhora Cibot, seus porteiros havia vinte anos. Ora, como não se paga ordenado muito alto a um porteiro do Marais para que ele possa viver do cargo, o sr. Cibot juntava a seu *sou* por franco e à sua acha subtraída de cada medida de lenha os proventos de sua indústria pessoal; era alfaiate,

como muitos porteiros. Com o tempo, Cibot deixara de trabalhar para os mestres-alfaiates, pois, graças à confiança que desfrutava entre a pequena burguesia do bairro, gozava do privilégio incontestável de fazer os remendos, os cerzidos, as reformas de todos os casacos num perímetro de três ruas. Sua habitação era ampla e saudável e dispunha de um quarto contíguo à sala. Assim, o casal Cibot era considerado um dos mais felizes entre os senhores porteiros do distrito.

Cibot, homenzinho enfezado, que se tornara quase trigueiro à força de ficar sempre sentado, à turca, em cima de uma mesa da altura da janela gradeada que dava para a rua, ganhava em seu ofício cerca de cinquenta *sous* por dia. Ainda trabalhava, embora tivesse cinquenta e oito anos, mas cinquenta e oito anos é a mais bela idade dos porteiros; eles estão habituados a seu cubículo; o cubículo tornou-se para eles o que a concha é para a ostra, e *são conhecidos no bairro*.

A sra. Cibot, outrora bela vendedora de ostras, deixara o emprego no Cadran Bleu<sup>[74]</sup> por amor a Cibot, com a idade de vinte e oito anos, após todas as aventuras que uma bela vendedora de ostras encontra sem procurar. A beleza das mulheres do povo dura pouco, principalmente quando vivem paradas à porta dum restaurante. Os raios quentes da cozinha projetam-se sobre suas feições, que se tornam duras, os restos de garrafas bebidos em companhia dos garçons infiltram-se na cútis e nenhuma mocidade amadurece mais depressa que a duma bela vendedora de ostras. Felizmente, para a sra. Cibot, o casamento legítimo e a vida de porteira chegaram a tempo para conservá-la; ela manteve-se como um modelo de Rubens, guardando uma beleza viril que suas rivais da Rue de Normandie criticavam, qualificando-a de *mulherona*. Seus tons de carne podiam ser comparados às apetitosas formas de manteiga de Isigny, e, a despeito de sua gordura, desempenhava suas funções com uma incomparável agilidade. A sra. Cibot estava na idade em que as mulheres desse tipo são obrigadas a fazer a barba. Não quer isso dizer que ela tinha quarenta e oito anos? Uma porteira de bigode é uma das maiores garantias de ordem e de segurança para um proprietário. Se Delacroix<sup>[75]</sup> pudesse ter visto a sra. Cibot orgulhosamente com a vassoura na mão, certamente teria feito dela uma Belona!<sup>[76]</sup>

A situação dos dois esposos Cibot, em estilo de auto de acusação, devia — coisa singular! — afetar um dia a dos dois amigos; assim, o historiador, para ser fiel, é obrigado a entrar em certos detalhes a respeito da casa. A casa rendia cerca de oito mil francos, pois tinha três apartamentos completos, duplos em profundidade, dando para a rua, e três no antigo palácio entre o pátio e o jardim. Além disso, um vendedor de ferros-velhos chamado Rémonencq ocupava uma loja que dava para a rua. Esse Rémonencq, que há alguns meses passara a comerciante de curiosidades, conhecia tão bem o valor bricabraquista de Pons que o

cumprimentava do fundo da loja quando o músico entrava ou saía. A comissão de um *sou* por franco dava cerca de quatrocentos francos ao casal Cibot, que, além disso, tinha gratuitamente habitação e lenha. Ora, como os salários de Cibot rendiam cerca de setecentos a oitocentos francos em média por ano, os esposos faziam, com os presentes de festas, um rendimento de mil e seiscentos francos, literalmente gastos pelos Cibot, que viviam melhor que a gente do povo. “A gente só vive uma vez!”, dizia a Cibot. Nascida durante a Revolução, ignorava, como se vê, o catecismo.

De suas relações com o Cadran Bleu, essa porteira, de olhos alaranjados e altivos, trouxera alguns conhecimentos de cozinha que faziam seu marido alvo da inveja de todos os colegas. Desse modo, ao chegarem à idade madura, no limiar da velhice, os Cibot não tinham cem francos de economias. Bem-vestidos, bem alimentados, gozavam, além disso, no bairro, de uma consideração devida a vinte e seis anos de estrita probidade.

Se nada possuíam, também *nada deviam n'a ninguém*, segundo sua expressão, pois a sra. Cibot era pródiga em *NN* no falar. Dizia ao marido: “Tu n’es n’um amor!”. Por quê? Seria o mesmo que indagar da razão de sua indiferença em matéria de religião. Ambos orgulhosos dessa vida franca, da estima de seis ou sete ruas e da autocracia que lhes deixava seu *propriétaire* sobre a casa, lamentavam-se secretamente por não ter também rendimentos. Cibot queixava-se de dores nas mãos e nas pernas, e a sra. Cibot lastimava que seu pobre Cibot ainda tivesse de trabalhar na sua idade. Chega um dia em que, após trinta anos de semelhante existência, um porteiro passa a acusar de injustiça o governo e há de querer que se lhe dê a condecoração da Legião de Honra! Todas as vezes que vinha a saber, pelas conversas do bairro, que tal criada, após oito ou dez anos de serviço, fora contemplada num testamento com trezentos ou quatrocentos francos de renda vitalícia, eram lamentações de casa em casa que podem dar uma ideia da inveja que devora as mais baixas profissões em Paris.

— Nunca nos acontecerá sermos incluídos num testamento! Não temos sorte! E, no entanto, somos mais úteis que os criados. Somos gente de confiança, fazemos os recebimentos, cuidamos de tudo, mas somos tratados nem mais nem menos como cães; isso é que é!

— Neste mundo, tudo depende de sorte! — dizia Cibot, enquanto passava um casaco.

— Se eu tivesse deixado Cibot no lugar de porteiro e tivesse ido empregar-me como cozinheira, teríamos trinta mil francos colocados! — exclamava a sra. Cibot, conversando com a vizinha, com as mãos nas largas cadeiras. — Eu não soube fazer minha vida, deixei-me levar pela ideia de ficar instalada e bem aquecida num cubículo e de não sentir falta de nada.

Quando, em 1836, os dois amigos foram ocupar o segundo andar do antigo palácio, causaram uma espécie de revolução no lar Cibot. Eis como Schmucke, bem como seu amigo Pons, tinham o hábito de contratar os porteiros ou porteiras das casas onde moravam para fazer a arrumação de seu quarto. Ao instalarem-se à Rue de Normandie, os dois amigos estiveram, pois, de acordo em ajustar a sra. Cibot, que ficou sendo sua governanta à razão de vinte e cinco francos por mês, doze francos e cinquenta cêntimos para cada um. Ao fim de um ano, a emérita porteira imperava na casa dos dois solteirões, como imperava na do sr. Pillerault, tio-avô da condessa Popinot; seus negócios eram como se fossem dela e ela dizia: “Meus dois senhores”. Enfim, ao ver que os dois quebra-nozes eram mansos como cordeiros, muito afáveis, nada desconfiados, verdadeiras crianças, ela passou, graças a seu coração de mulher do povo, a protegê-los, a adorá-los, a servi-los com uma dedicação tão sincera que tomava a liberdade de fazer-lhes algumas repreensões e os protegia contra todos os logros que tanto aumentam, em Paris, as despesas domésticas. Por vinte e cinco francos por mês, os dois solteirões, sem premeditação e mesmo sem o perceber, adquiriram uma mãe. Ao notar o mérito da sra. Cibot, os dois músicos haviam-lhe dirigido ingenuamente elogios e agradecimentos e feito pequenos presentes que estreitaram os laços dessa aliança doméstica. A sra. Cibot preferia mil vezes ver seu valor apreciado do que ser paga, sentimento que, bem conhecido, sempre favorece as gratificações. Cibot fazia pela metade do preço as mensagens, os concertos, tudo o que lhe competia no serviço dos dois senhores de sua esposa.

Enfim, a partir do segundo ano, surgiu nas estreitas relações entre o segundo andar e a casa do porteiro um novo elemento de mútua amizade. Schmucke concluiu com a sra. Cibot um negócio que satisfaz sua preguiça e seu desejo de viver livre de preocupações. Mediante trinta *sous* por dia, ou seja, quarenta e cinco francos por mês, a sra. Cibot encarregou-se de fornecer almoço e jantar a Schmucke. Pons, tendo achado muito satisfatório o almoço do amigo, também passou a almoçar em casa, por dezoito francos por mês. Esse sistema de fornecimentos, que acrescentou cerca de noventa francos por mês à receita dos zeladores, fez dos dois locatários criaturas invioláveis, anjos, querubins, deuses. É muito duvidoso que o rei dos franceses, que no entanto sabe fazer-se servir bem, seja servido como então o foram os dois quebra-nozes. Para eles, o leite saía puro da garrafa, liam gratuitamente os jornais do primeiro e do segundo andar, cujos locatários se levantavam tarde e a quem os porteiros responderiam que os jornais ainda não haviam chegado se por acaso reclamassem da

demora. A sra. Cibot, por outro lado, mantinha o apartamento, as roupas, o patamar da escada, tudo num estado de asseio flamengo. Quanto a Schmucke, desfrutava uma felicidade que nunca esperara: a sra. Cibot tornava-lhe a vida fácil; pagava cerca de seis francos por mês para a lavagem da roupa branca, de que ela se encarregava, bem como dos consertos. Gastava quinze francos de tabaco por mês. Esses três gêneros de despesa perfaziam um total mensal de sessenta e seis francos, que, multiplicados por doze, dão setecentos e noventa e dois francos. Acrescente-se a isso duzentos e vinte francos de aluguel e de impostos e teremos mil e doze francos. Cibot vestia Schmucke e a média deste último fornecimento ia a cento e cinquenta francos. O profundo filósofo vivia, pois, com mil e duzentos francos por ano. Quanta gente, na Europa, cuja única ambição é vir morar em Paris, ficará agradavelmente surpreendida ao saber que aqui se pode ser feliz com mil e duzentos francos de renda, na Rue de Normandie, no Marais, sob a proteção duma sra. Cibot!

A sra. Cibot ficou pasma ao ver o bom Pons voltar para casa às cinco horas da tarde. Não só tal fato nunca se verificara como também seu *senhor* não a viu nem a cumprimentou.

— Olha, Cibot — disse ao marido —, o sr. Pons está milionário ou louco!

— Também tenho essa impressão — replicou Cibot, deixando cair uma manga do casaco do qual estava consertando um punho.

#### XIV – UM EXEMPLO VIVO DA FÁBULA OS DOIS POMBOS<sup>[77]</sup>

Enquanto Pons voltava maquinalmente para casa, a sra. Cibot estava acabando o jantar de Schmucke. O jantar consistia em um certo guisado cujo odor se espalhava por todo o pátio. Eram restos de carne fervida de boi, comprados numa pastelaria próxima e fritos na manteiga com cebola cortada em rodela finas, até que a manteiga fosse absorvida pela carne e pela cebola, de modo que essa iguaria de porteira apresentava o aspecto duma fritada. Esse prato amorosamente fabricado para Cibot e Schmucke, entre os quais a sra. Cibot o repartia, acompanhado duma garrafa de cerveja e dum pedaço de queijo, bastava ao velho professor alemão de música. E podeis ficar certos de que o rei Salomão, em sua glória, não jantava melhor que Schmucke. Ora esse prato de guisado acebolado, ora uns restos de frango ensopado, ora umas fatias de carne fria e um peixe com um molho inventado pela Cibot e no qual uma mãe teria comido seu filho sem dar pela coisa, ora carne de caça, segundo a qualidade ou a quantidade do que os restaurantes do bulevar revendiam ao pasteleiro da Rue Boucherat, tal era o alimento habitual de Schmucke, que se contentava, sem nada dizer, com tudo quanto lhe servia a *poa ziniora* Zipô. E, de dia para dia, a

boa sra. Cibot fora diminuindo esse prato até poder consegui-lo pela quantia de vinte *sous*.

— Vou ver n'ó que foi que n'aconteceu ao coitado — disse a sra. Cibot ao esposo —, pois n'ó jantar do sr. Schmucke já n'está pronto.

A sra. Cibot cobriu o prato fundo de barro com um pires de louça comum; e, apesar da idade, chegou ao apartamento dos dois amigos no momento em que Schmucke abria a porta de Pons.

— *Que tens, meu pom amico?* — disse o alemão, assustado com a alteração da fisionomia de Pons.

— Eu te contarei tudo; mas venho jantar contigo...

— *Chantarr! Chantarr!* — exclamou Schmucke, encantado. — *Non é possível!* — acrescentou, lembrando-se dos hábitos gastrólatras do amigo.

O velho avistou então a sra. Cibot, que escutava, segundo seu direito de legítima governanta. Movido por uma dessas inspirações que só brotam do coração dum amigo verdadeiro, dirigiu-se à porteira e levou-a para o patamar.

— *Ziniora Zipô, o pom Pons costa te poas cousas, fá ao Cadran Bleu, encomente um pom chantarzinhe: anchovas, macaroni, um chantar te Lúculo!*<sup>[78]</sup>

— Que quer dizer isso? — perguntou a sra. Cibot.

— *Pem!* — replicou Schmucke — *É ternero à la purquesa, um pom peixe, uma carrafa te finio te Portaux, tuto que oufer te melhor ein comita: como croquetes te aroz e toicinho enfumaçato! Escute! Non tica nata que tarrei o tinierro amaniá te mania.*

Schmucke voltou com uma expressão alegre, esfregando as mãos; mas seu rosto adquiriu gradualmente uma expressão de espanto ao ouvir a narrativa das desgraças que acabavam de desabar num momento sobre o coração do seu pobre amigo. Schmucke tentou consolar Pons, pintando-lhe o mundo de acordo com o seu ponto de vista. Paris era uma tempestade permanente, os homens e as mulheres que lá viviam eram arrastados nos revoluteios duma valsa furiosa, e não se podia esperar nada da sociedade, que olha somente para o exterior “*e non para o interior*”, disse. Contou pela centésima vez que, de ano para ano, as três únicas alunas que estimara e pelas quais era estimado, pelas quais daria a vida e das quais recebia, mesmo, uma pensãozinha de novecentos francos, para a qual cada uma contribuía com uma parte igual de cerca de trezentos francos, se haviam, de ano para ano, esquecido de tal modo de ir visitá-lo e haviam sido arrastadas com tal violência pela torrente da vida parisiense, que há três anos ele não podia mais ser recebido por elas quando ia visitá-las. (É verdade que Schmucke ia à casa dessas grandes damas às dez horas da manhã.) Enfim, as parcelas trimestrais de sua pensão eram pagas em cartório.

— *Entretante, son corações te ouro* — continuou. — *Enfim, son minias*

*pequenas zantas Cecílias, mulhierres encantatores, zinióra de Portentuère, ziniorra de Fantenesse, ziniorra Tu Tiliê. Quando as fecho, é nos Champs-Elysées zem que elas me fecham... e costam muito te mim, e eu poderia ir cantar com elas, elas ficariam muito contentes. Posso ir morar com elas, mas prefiro ficar com meu amico Pons, porque eu fecho quando quero e todos os tias.*

Pons tomou a mão de Schmucke entre as suas e apertou-a num gesto em que a alma se comunicava inteiramente, e ambos ficaram assim durante alguns minutos, como dois apaixonados que se reveem após uma longa ausência.

— *Chanta agui, todos as tias!...* — continuou Schmucke, abençoando intimamente a crueldade da presidenta. — *Olha! Nós pricapraremos chuntos e o tiapo nunca meterrá o rapo na nossa vida.*

Para a compreensão dessa frase verdadeiramente heroica, *Nós pricapraremos chuntos!*, é necessário confessar que Schmucke era duma ignorância crassa em bricabracologia. Tinha de empregar toda a força de sua amizade para não quebrar nada na sala e no gabinete que cedera a Pons para servir-lhe de museu. Schmucke, pertencendo completamente à música, compositor para si mesmo, olhava para as bugigangas do amigo como um peixe, especialmente convidado, olharia para uma exposição de flores no Luxembourg. Respeitava aquelas coisas maravilhosas em vista do respeito que Pons manifestava ao tirar-lhes o pó. Respondia: *“Zim! É pem ponitinho!”* às exclamações do amigo, como uma mãe responde com frases banais aos gestos dum filho que ainda não fala. Desde que os dois amigos viviam juntos, Schmucke vira Pons mudar sete vezes de relógio, trocando sempre um inferior por um mais bonito. Pons possuía então um magnífico relógio de Boule,<sup>[79]</sup> um relógio em ébano incrustado de cobre e ornado de esculturas do primeiro estilo de Boule. Boule teve dois estilos, como Rafael teve três. No primeiro, associava o cobre ao ébano; e no segundo, contra suas convicções, entregou-se à madreperola; fez prodígios para vencer seus concorrentes, inventores da marchetaria em madreperola. A despeito das eruditas demonstrações de Pons, Schmucke não percebia a mínima diferença entre o magnífico relógio do primeiro estilo de Boule e os outros dez. Mas, por causa da felicidade de Pons, Schmucke tinha mais cuidado com todas essas *puchincancas* que o próprio Pons. Não é, pois, de causar espanto que a frase sublime de Schmucke tenha tido o poder de acalmar o desespero de Pons, pois o *Pricapraremos!* do alemão queria dizer “Entrarei com dinheiro para o bricabraque se quiseses jantar aqui”.

— O jantar está servido — avisou a sra. Cibot, com singular imponência.

É fácil compreender a surpresa de Pons ao ver e saborear o jantar devido à amizade de Schmucke. Tais sensações, tão raras na vida, não



provêm da constante dedicação pela qual dois homens se dizem continuamente: “Tens em mim um outro tu mesmo” (pois a gente se habitua a isso); não, elas são causadas pelo confronto desses testemunhos da felicidade da vida íntima com as grosserias da vida de sociedade. É a sociedade que a todo o momento torna a unir dois amigos ou dois apaixonados quando duas grandes almas se desposaram pelo amor ou pela amizade. Por isso, Pons enxugou duas grossas lágrimas e Schmucke, por sua parte, foi obrigado a secar os olhos umedecidos. Não se disseram uma palavra, mas sentiram-se mais amigos, e trocaram pequenos sinais de cabeça, cujas expressões balsâmicas amenizaram as dores do pedregulho introduzido pela presidenta no coração de Pons. Schmucke esfregava as mãos até arrancar a epiderme, pois concebera uma dessas ideias que surpreende um alemão somente quando brota subitamente em seu cérebro congelado pelo respeito devido aos príncipes soberanos.

— *Meu pom Pons?* — disse Schmucke.

— Adivinho, queres que jantemos todos os dias...

— *Eu costaria te zer pem rico para boter fifer totas as tias assim...* — respondeu melancolicamente o bom alemão.

A sra. Cibot, a quem Pons dava, de vez em quando, entradas para os espetáculos do bulevar, o que o colocava no mesmo nível de seu pensionista Schmucke no seu coração, fez, então, esta proposta:

— N’ora n’essa! — disse. — Por três francos, sem n’o vinho, posso fornecer todos n’os dias, para n’os senhores dois, n’um jantar de raspar o prato n’a ponto de devolvê-lo limpo como se n’estivesse lavado.

— *A fertate* — respondeu Schmucke — *é que eu chanto melhor com o que me cozinia a ziniora Zipô to que os que comem os mancharres to rei...*

Em sua esperança, o respeitoso alemão chegou a imitar a irreverência dos jornalecos, caluniando o cardápio da mesa real.

— É verdade? — disse Pons. — Bem, experimentarei amanhã!

Ao ouvir essa promessa, Schmucke saltou duma extremidade da mesa à outra, arrastando a toalha, os pratos e as garrafas, e apertou Pons num abraço comparável ao de um gás unindo-se a outro gás pelo qual tem afinidade.

— *Que pom!* — exclamou.

— O senhor vai jantar todos os dias aqui! — disse orgulhosamente a sra. Cibot, enternecida.

Sem saber a que acontecimento devia a realização de seu sonho, a excelente sra. Cibot desceu à sua moradia e lá entrou como Josefa entra em cena em *Guilherme Tell*.<sup>[80]</sup> Atirou as travessas e os pratos e gritou:

— Cibot, vai correndo buscar duas médias no Café Turc!<sup>[81]</sup> E diz ao copeiro que são para mim! — Depois, sentou-se descansando as mãos sobre os joelhos fortes e, contemplando pela janela a parede fronteiria à casa, exclamou:

— Esta noite irei consultar a sra. Fontaine!...

## XV – UMA CAÇA AO TESTAMENTO

A sra. Fontaine lia a sorte nas cartas para todas as cozinheiras, criadas de quarto, criados, porteiros etc. do Marais.<sup>[82]</sup>

— Depois que esses senhores vieram para nossa casa, já pusemos dois mil francos a juros na Caixa. Em oito anos! Que sorte! Não será melhor não ganhar nada com o jantar do sr. Pons para prendê-lo à casa? A sra. Fontaine me dirá isso.

Como não visse herdeiros, nem de Pons nem de Schmucke, a sra. Cibot esperava, havia três anos, que conseguiria uma linha no testamento dos *seus senhores*, e redobrava de zelo com essa ambiciosa ideia, tardiamente brotada no meio de suas barbas, até então cheias de probidade. Jantando todos os dias na cidade, Pons escapara, até então, à completa submissão na qual a porteira queria manter *seus senhores*. A vida nômade do velho trovador-colecionador afugentava as vagas ideias de sedução que revolteavam no cérebro da sra. Cibot e que, a partir desse memorável jantar, se transformaram num plano formidável. Um quarto de hora mais tarde, ela voltava à sala de jantar munida de duas excelentes taças de café acompanhadas de dois cálices de *kirsch*.

— *Fifa a ziniora Zipô!* — gritou Schmucke. — *Atifiniou meus penzamentes!*

Após algumas lamentações do filante de jantares, que Schmucke procurou consolar com os afagos que o pombo sedentário deve ter encontrado para seu pombo viajor,<sup>[83]</sup> os dois amigos saíram juntos.

Schmucke não quis abandonar o amigo na situação em que o havia deixado a conduta dos patrões e dos criados da casa Camusot. Conhecia Pons e sabia que reflexões terrivelmente tristes podiam assaltá-lo no seu posto de regente da orquestra e destruir o bom efeito de sua volta ao ninho. Schmucke, ao acompanhar Pons de volta para casa, pela meia-noite, levava-o pelo braço e, como faz um apaixonado com uma amante adorada, indicava a Pons os lugares onde acabavam ou terminavam as calçadas; avisava-o quando via uma valeta na rua; sentia vontade de que o calçamento fosse de algodão, o céu estivesse azul e os anjos fizessem Pons ouvir a música que para ele executavam. Conquistara a única província que ainda não lhe pertencia naquele coração!

Durante cerca de três meses, Pons jantou todos os dias com Schmucke. No começo, foi obrigado a cortar oitenta francos por mês na verba de suas aquisições, pois tinha de gastar uns trinta e cinco francos em vinho, além dos quarenta e cinco que custava o jantar. Mais tarde, a despeito das atenções e dos agrados alemães de Schmucke, o velho artista sentiu saudade dos pratos bem preparados, dos cálices de licor, do bom café, da palestra, das falsas amabilidades, dos convivas e dos

falatórios das casas onde se habituara a jantar. Não se pode interromper no declínio da vida um hábito que se manteve durante trinta e seis anos. Uma pipa de vinho de cento e trinta francos só pode derramar um líquido pouco generoso no copo dum homem de paladar apurado; assim, sempre que Pons levava o copo aos lábios, recordava-se com pungentes lamentações dos vinhos finos de seus anfitriões. Assim, pois, ao fim de três meses as atrozes dores que quase haviam dilacerado o delicado coração de Pons estavam amortecidas, ele apenas pensava nos encantos da sociedade, do mesmo modo que um homem dado a mulheres lamenta, na velhice, uma amante que abandonou por excesso de infidelidade! Por mais que tentasse esconder a profunda melancolia que o devorava, o velho músico parecia estar acometido duma dessas inexplicáveis enfermidades que têm sua sede no moral.

Para explicar essa nostalgia causada pela brusca interrupção dum hábito, basta apontar uma das muitas ninharias que, como um colete de malha, envolvem a alma numa rede de ferro. Um dos mais agudos prazeres da antiga vida de Pons, uma das venturas do antigo filante de jantares, era a *surpresa*, a impressão gastronômica do prato extraordinário, do inesperado petisco acrescentado triunfalmente nas mesas burguesas pela dona de casa que deseja dar um tom de festim a seu jantar! Essa delícia do estômago era negada a Pons, pois a sra. Cibot, por orgulho, lhe anunciava o cardápio. O periódico excitante da vida de Pons desaparecera completamente. Seus jantares decorriam sem o imprevisto que outrora, nos lares dos nossos avós, se denominava *prato coberto*! E isso Schmucke não podia compreender. Pons era bastante delicado para não se queixar, e se há alguma coisa mais triste que o gênio não reconhecido é o estômago não compreendido. O coração repellido no seu amor, esse drama de que tanto se abusa, repousa sobre uma falsa necessidade, pois, se a criatura nos abandona, podemos amar o criador, que dispõe de tesouros para oferecer-nos. Mas o estômago!... Nada pode ser comparado a seus pesares, pois, acima de tudo, é vida! Pons sentia a falta de certos cremes, verdadeiros poemas! Certos molhos brancos, obras-primas! Certas aves trufadas, um amor! E, acima de tudo, as famosas carpas do Reno, que só se encontram em Paris, e com que condimentos! Em certos dias, Pons exclamava: “Oh! Sofia!”, pensando na cozinheira do conde Popinot. Um transeunte, ao ouvir essa exclamação, julgaria que o velho estivesse pensando em alguma amante, e, no entanto, tratava-se de coisa muito mais rara, duma carpa gorda! Acompanhada dum molho, ralo na molheira, espesso na língua, um molho digno do prêmio Montyon!<sup>[84]</sup> A recordação dos jantares devorados fez emagrecer consideravelmente o regente de orquestra, acometido duma nostalgia gástrica.

No começo do quarto mês, lá pelo fim de janeiro de 1845, o jovem flautista, que se chamava Wilhelm, como quase todos os alemães, e Schwab, para se distinguir de todos os outros Wilhelm, o que não o distinguia de todos os outros Schwab, achou necessário informar Schmucke sobre o estado do chefe da orquestra, que vinha preocupando todo o teatro. Era o dia de uma estreia, que exigia os instrumentos que o velho professor alemão tocava.

— O velho Pons está decaindo, tem qualquer coisa que vai mal, o olhar anda triste, os movimentos do braço estão enfraquecendo — disse Wilhelm Schwab, indicando o bom homem, que subia para o púlpito com um aspecto fúnebre.

— *Isso acontece zempre aos zessenta anos* — respondeu Schmucke.

Schmucke, à semelhança daquela mãe de *As crônicas de Canongate*<sup>[85]</sup> que, para ter o filho mais vinte e quatro horas a seu lado, o faz fuzilar, era capaz de sacrificar Pons ao prazer de vê-lo jantar todos os dias em sua companhia.

— Todos, no teatro, andam preocupados, e, como disse a srta. Heloísa Brisetout,<sup>[86]</sup> nossa primeira bailarina, ele já quase não faz barulho ao assoar o nariz.

O velho músico parecia soprar uma trombeta quando assoava o nariz, tal o ruído que fazia seu nariz longo e amplo dentro do lenço, ruído que era motivo de uma das mais constantes censuras da presidenta ao primo Pons.

— *Faria tuto para tiferti-lo* — disse Schmucke —, *o aporrecimento está tomanto conta tele*.

— E por falar nisso — disse Wilhelm Schwab —, o sr. Pons me parece uma criatura tão superior aos pobres-diabos que somos, que não tenho coragem de convidá-lo para meu casamento. Vou me casar...

— *Te que maneira?* — perguntou Schmucke.

— Oh! É coisa muito decente — respondeu Wilhelm, que viu na estranha pergunta de Schmucke um gracejo de que esse perfeito cristão seria incapaz.

— Atenção, senhores, para seus lugares! — disse Pons, que viu na orquestra seu pequeno exército, após ter ouvido a campainha do diretor.

Executou-se a abertura de *A noiva do diabo*,<sup>[87]</sup> uma *féerie* que teve duzentas representações. No primeiro entreato, Wilhelm e Schmucke ficaram sozinhos na orquestra deserta. A atmosfera da sala estava a trinta e dois graus Réaumur.

— *Conte-me, enton, sua história* — disse Schmucke a Wilhelm.

— Olhe aqui, está vendo aquele rapaz no camarote junto ao palco?... Está reconhecendo?

— *Abzolutamente...*

— Sim, porque está com luvas amarelas e em todo o esplendor da

opulência; mas é meu amigo, Fritz Brunner, de Francfort-sur-Mein...

— *Aquele que finha assistir ao teatro taqui ta orquestra, chunto te focê?*

— Exatamente. Não é mesmo que não é de se acreditar em tal metamorfose?

O herói da prometida história era um desses alemães cuja fisionomia encerra, ao mesmo tempo, o sombrio sarcasmo do Mefistófeles, de Goethe, e a singeleza dos romances de August Lafontaine,<sup>[88]</sup> de pacífica memória: a astúcia e a ingenuidade, a rispidez dum agente comercial no estrangeiro e a filosófica despreocupação dum membro do Jockey-Club, mas, acima de tudo, o tédio que põe a pistola na mão de Werther,<sup>[89]</sup> muito mais desgostoso dos príncipes alemães do que de Carlota. Era, verdadeiramente, uma fisionomia típica da Alemanha: muito de maldade e muito de simplicidade, estupidez e coragem, uma sabedoria que causa enfado, uma experiência que a mínima infantilidade torna inútil o abuso da cerveja e do fumo e, para realçar todas essas antíteses, uma centelha diabólica nos belos olhos azuis fatigados. Vestido com a elegância de um banqueiro, Fritz Brunner oferecia aos olhares de todo o teatro uma calva ticiânica, tendo ambos os lados escassos anéis de cabelos ruivos, que a libertinagem e a miséria lhe haviam deixado para que ele tivesse o direito de pagar um cabeleireiro quando conseguisse sua restauração financeira. Seu rosto, outrora belo e fresco, como o do Jesus Cristo dos pintores, adquirira tons rudes que uns bigodes ruivos e uma barba alourada tornavam quase sinistro. O límpido azul de seus olhos alterara-se na luta contra a tristeza. E, por fim, as inúmeras perversões de Paris haviam esfumado as pálpebras e o contorno de seus olhos, nos quais, um dia, uma mãe vira inebriada uma divina réplica dos seus. Esse filósofo prematuro, esse jovem velho, era obra duma madrastra.

Aqui começa a curiosa história de um filho pródigo de Francfort-sur-Mein, o fato mais extraordinário e mais singular que jamais ocorreu nessa cidade sossegada, apesar de central.

## **XVII – NO QUAL SE VÊ QUE OS FILHOS PRÓDIGOS ACABAM BANQUEIROS E MILIONÁRIOS QUANDO SÃO DE FRANCFORT-SUR-MEINO**

O sr. Gedeão Brunner, pai desse Fritz, um desses famosos hoteleiros de Francfort-sur-Mein que praticam, de cumplicidade com os banqueiros, incisões autorizadas pelas leis no bolso dos turistas, e, além disso, sincero calvinista, desposara uma judia convertida, cujo dote lhe forneceu os meios de enriquecer. A judia morreu, deixando seu filho Fritz, de doze anos, sob a tutela do pai e a guarda de um tio materno, comerciante de peles em Leipzig, chefe da firma Virlaz & Companhia. Brunner pai foi obrigado por esse tio, que não era macio como suas peles, a colocar a fortuna do jovem Fritz, de muitos marcos, na firma Al-

Sartchild, sem tocar nela. Para se vingar dessa exigência israelita, Brunner pai tornou a casar-se, alegando a impossibilidade de manter sua grande hospedaria sem o auxílio de uma mulher. Casou-se com a filha de outro hoteleiro, em quem viu uma pérola; porém, não experimentara ainda o que é uma filha única mimada por um pai e uma mãe. A segunda sra. Brunner mostrou-se exatamente como as moças alemãs quando são más e levianas. Dissipou a fortuna e vingou a primeira sra. Brunner, fazendo do marido o homem intimamente mais infeliz que já se conheceu no território da cidade livre de Francfort-sur-Mein, onde, segundo se diz, os milionários vão fazer promulgar uma lei municipal que obrigue as mulheres a querer exclusivamente a eles. Essa alemã gostava dos diferentes vinagres a que os alemães dão a denominação comum de vinho do Reno. Gostava das mercadorias de Paris. Gostava de andar a cavalo. Gostava da ostentação. A única coisa cara de que não gostava eram as mulheres. Encheu-se de aversão pelo pequeno Fritz e o teria enlouquecido se esse jovem produto do calvinismo e do mosaísmo não tivesse tido Francfort por berço e a casa Virlaz de Leipzig por tutela; entretanto, o tio Virlaz, inteiramente ocupado com suas peles, só vigiava os marcos e deixou o menino à mercê da madrasta.

Essa hiena mostrava-se tanto mais furiosa contra aquele querubim, filho da bela sra. Brunner, pelo fato de que, apesar de seus esforços dignos de uma locomotiva, não conseguia ter um filho. Movida por uma ideia diabólica, essa alemã criminoso lançou o jovem Fritz, na idade de vinte e um anos, em devassidões antigermânicas. Esperava que o cavalo inglês, o vinagre do Reno e as Margaridas de Goethe devorassem o filho da judia e sua fortuna, pois o tio Virlaz entregara uma bela herança a seu pequeno Fritz no momento em que este se fez maior. Mas, se as roletas das Águas e os amigos do Vinho, entre os quais estava Wilhelm Schwab, consumiram o capital, o jovem filho pródigo ficou vivo, para servir, segundo os desejos do Senhor, de exemplo para os filhos mais novos da cidade de Francfort-sur-Mein, onde todas as famílias o empregam como espantalho para guardar seus filhos bem-comportados e atemorizados em seus armários de ferro forrados de marcos. Em vez de morrer na flor da idade, Fritz Brunner teve o prazer de ver enterrar sua madrasta num desses encantadores cemitérios onde os alemães, sob o pretexto de honrar os mortos, se entregam à sua desenfreada paixão pela horticultura. A segunda sra. Brunner morreu, pois, antes dos pais e assim o velho Brunner perdera o dinheiro que ela tirara de seu cofre sem se ver compensado dos tormentos que ela lhe infligia. Aos sessenta e sete anos, esse estalajadeiro de constituição hercúlea se viu minguido como se tivesse sido atacado pelo terrível veneno dos Bórgia. Não herdar da esposa após tê-la suportado durante tantos anos fez do hoteleiro uma outra ruína de Heidelberg,

continuamente reparada pelas *Rechnungs* dos viajantes, como são reparadas as de Heidelberg para manter o interesse dos turistas que afluem para ver essa bela ruína tão bem conservada. Falavam disso em Francfort como de uma falência, apontavam Brunner com o dedo, comentando:

— Eis aonde nos pode levar uma má esposa de quem não herdamos, e um filho educado à francesa.

Na Itália e na Alemanha, os franceses são os culpados de todos os males, o alvo de todas as balas; *mas o deus, continuando sua carreira...* (O resto, como na ode de Lefranc de Pompignan).<sup>[90]</sup>

A cólera do proprietário do grande hotel de Holanda não desabou apenas sobre os viajantes, cujas *Rechnungs* ficaram impregnadas de sua tristeza. Quando viu o filho totalmente arruinado, Gedeão, considerando-o a causa indireta de todos os seus infortúnios, recusou-lhe o pão e a água, o sal, o fogo, a casa e o vinho! O que, num pai hoteleiro e alemão, representa o último grau da maldição paterna. As autoridades do lugar, sem levar em conta as faltas iniciais do pai e vendo nele um dos homens mais desgraçados de Francfort-sur-Mein, foram em seu auxílio; expulsaram Fritz do território da cidade livre, aproveitando-se duma questão sem importância. A Justiça não é mais humana nem mais sábia em Francfort do que em outro lugar, embora essa cidade seja a sede da Dieta Germânica. Raramente, um magistrado sobe até as nascentes do rio dos crimes e dos infortúnios para verificar quem segurava a urna de onde brotou o primeiro filete de água. Assim como Brunner se esqueceu do filho, os amigos do filho imitaram o hoteleiro.

Ah! Se se tivesse podido representar essa história no palco para aquela assembleia, no seio da qual os jornalistas, os janotas e alguns parisienses se indagavam de onde teria saído a fisionomia profundamente trágica daquele alemão surgido na Paris elegante, em plena estreia, sozinho, num camarote junto ao palco, teria sido muito mais bonito que a *féerie A noiva do diabo*, embora constituísse a ducentésima milésima representação da sublime parábola estreada na Mesopotâmia, três mil anos antes de Jesus Cristo.

Fritz foi a pé a Estrasburgo e lá encontrou o que o filho pródigo da Bíblia não encontrou na pátria da Sagrada Escritura. Nisto se revela a superioridade da Alsace, onde pulsam tantos corações generosos, para mostrar à Alemanha a beleza da combinação do espírito francês e da solidez germânica. Wilhelm, que alguns dias antes herdara do pai e da mãe, possuía cem mil francos. Abriu os braços a Fritz, abriu-lhe o coração, abriu-lhe a casa. Descrever o momento em que Fritz, coberto de pó, desgraçado e quase leproso, encontrou, no outro lado do Reno, uma verdadeira moeda de vinte francos na mão de um verdadeiro amigo seria querer compor uma ode, e somente Píndaro<sup>[91]</sup> seria capaz

de lançá-la em grego sobre a humanidade para reanimar a amizade moribunda. Colocai os nomes de Fritz e Wilhelm ao lado de Dâmon e Pítias, de Castor e Pólux, de Orestes e Píladas, de Dubreuil e Pmeja,<sup>[92]</sup> de Schmucke e Pons, e de todos os nomes fantásticos que damos aos dois amigos de Monomotapa,<sup>[93]</sup> pois La Fontaine, como homem de gênio que era, fez deles aparências sem corpo, sem realidade; juntai esses dois novos nomes a esses símbolos, e com tanto maior razão porque Wilhelm comeu, em companhia de Fritz, sua herança, como Fritz bebera a sua com Wilhelm, mas, fumando, bem entendido, todos os tipos de tabacos conhecidos.

Os dois amigos devoraram a herança — coisa estranha! — nas cervejarias de Estrasburgo, da maneira mais estúpida, mais vulgar, com figurantes do teatro de Estrasburgo e alsacianas que de suas vassourinhas tinham apenas os cabos. Todas as manhãs um dizia ao outro: “Precisamos parar, tomar uma decisão, fazer alguma coisa com o que nos resta!” “Ora, só mais hoje... Oh! Amanhã...”.

Na vida dos gastadores, o Hoje é um grande petulante, mas o Amanhã é um grande covarde que se assusta da coragem do seu predecessor; o Hoje é o Capitão da antiga comédia e o Amanhã é o Pierrot de nossas pantomimas. Ao chegarem à última nota de mil francos, os dois amigos tomaram uma passagem na companhia de transportes chamada Real, que os conduziu a Paris, onde se hospedaram nos altos do hotel do Reno, à Rue du Mail, na casa de Graff, antigo empregado de Gedeão Brunner. Fritz entrou como caixeiro, com o ordenado de seiscentos francos, na casa dos irmãos Keller,<sup>[94]</sup> banqueiros, aos quais Graff o recomendou. Graff, gerente do hotel do Reno, é irmão do famoso alfaiate Graff. O alfaiate empregou Wilhelm como guarda-livros. Graff arranjou esses dois lugares exíguos para os dois filhos pródigos, recordando-se de seu aprendizado no hotel de Holanda. Esses dois fatos, um amigo arruinado reconhecido por um amigo rico e um hoteleiro alemão interessando-se por dois compatriotas sem dinheiro, darão a impressão a algumas pessoas de que esta história não passa de um romance; mas todas as coisas verdadeiras assumem tamanha semelhança com as fábulas que, nos dias que correm, a fábula faz esforços incríveis para parecer realidade.

Fritz, caixeiro com seiscentos francos, Wilhelm, guarda-livros com o mesmo ordenado, perceberam a dificuldade de viver numa cidade de costumes desregrados como Paris. Por isso, a partir do segundo ano de permanência, em 1837, Wilhelm, que possuía belo talento como flautista, ingressou na orquestra dirigida por Pons, para poder melhorar a vida. Quanto a Fritz, só conseguiu arranjar um acréscimo no ordenado desenvolvendo a capacidade financeira de um filho saído dos Virlaz. Apesar de sua aplicação ao trabalho, o frankfurtiano só passou a ganhar dois mil francos em 1843. A Miséria, essa divina madrastra, fez pelos



dois rapazes o que as mães não puderam fazer: ensinou-lhes a economia, as coisas do mundo, a vida; deu-lhes essa grande, essa sólida educação que concede, através de chicotadas, aos grandes homens, todos infelizes na infância. Como Fritz e Wilhelm eram homens muito vulgares, não escutaram todas as lições da Miséria; evitaram seus contatos, acharam que ela tinha o seio muito duro, os braços descarnados, e não souberam ver nela essa boa fada Urgele<sup>[95]</sup> que cede às carícias dos homens de gênio. Aprenderam, contudo, o valor exato da fortuna e tomaram a decisão de cortar-lhe as asas se um dia ela voltasse à sua porta.

## XVIII – COMO SE ENRIQUECE

— Pois bem! Papá Schmucke, tudo vai ser explicado numa frase — continuou Wilhelm, que contou demoradamente essa história em alemão ao pianista. — O pai Brunner morreu. Ele era, sem que seu filho nem o sr. Graff em cuja casa moramos o soubessem, um dos fundadores da estrada de ferro de Baden, que lhe deu imensos lucros, e deixa quatro milhões. Se esta não fosse uma estreia, eu já teria ido embora há alguns dias, mas não quis faltar à orquestra.

— *Fez pem, meu caro* — disse Schmucke. — *Mas com quem foi se casar?*

— Com a filha do sr. Graff, nosso hospedeiro, proprietário do hotel do Reno. Amo a srta. Emília há sete anos; ela leu tantos romances imorais que recusou todos os partidos por mim, sem saber o que resultaria disso. Essa moça vai ser muito rica, é a única herdeira dos Graff, os alfaiates da Rue Richelieu. Fritz me dará cinco vezes o que gastamos juntos em Estrasburgo, quinhentos mil francos!... Dará um milhão de francos para a fundação de uma casa bancária, na qual o sr. Graff, o alfaiate, entrará com outros quinhentos mil; o pai da noiva permite que eu empregue nesse banco o dote, que é de duzentos e cinquenta mil francos, e nos comanditará outro tanto. A casa Brunner, Schwab & Cia. terá, pois, dois milhões e quinhentos mil francos de capital. Fritz acaba de comprar um milhão e quinhentos mil francos de ações do Banco da França para garantir nossa conta. Isso ainda não é toda a fortuna de Fritz. Restam-lhe, ainda, as casas de seu pai em Frankfurt, avaliadas em um milhão, e já alugou o grande hotel de Holanda a um primo dos Graff.

— *Focê está olhando para seu amigo com tristeza* — comentou Schmucke, que escutava Wilhelm com atenção. — *Tem infecha tele?*

— Estou preocupado com a sorte de Fritz — disse Wilhelm. — Aquela será a fisionomia de um homem satisfeito? Tenho medo de Paris, por ele; gostaria de vê-lo tomar a decisão que tomei. O antigo demônio pode despertar dentro dele. Das nossas duas cabeças, não foi

na dele que entrou mais chumbo. Aquele traje, aquele monóculo, tudo me preocupa. Em todo o teatro, ele só olhou para as cortesãs. Ah! Se o senhor soubesse como é difícil casar Fritz! Ele tem horror disso que na França se chama *fazer a corte* e será preciso lançá-lo na família, como na Inglaterra se lança um homem na eternidade.

Durante o tumulto que assinala o fim de todas as estreias, o flautista fez seu convite ao regente da orquestra. Pons aceitou com alegria. Schmucke notou então, pela primeira vez em três anos, um sorriso no rosto do amigo; acompanhou-o à Rue de Normandie num profundo silêncio, pois percebeu nesse clarão de alegria a profundidade do mal que atormentava Pons. Que um homem verdadeiramente nobre, tão desinteressado, tão grande pelo sentimento, tivesse tais fraquezas!... Eis o que pasmava o estoico Schmucke, que ficou horivelmente triste, pois sentiu a necessidade de renunciar, no interesse da felicidade do amigo, a ver todos os dias seu *pom* Pons à mesa, diante dele! E não sabia se esse sacrifício seria possível. Essa ideia o enlouquecia.

## **XIX – A PROPÓSITO DE UM LEQUE**

O altivo silêncio mantido por Pons, refugiado no monte Aventino<sup>[96]</sup> da Rue de Normandie, impressionara, naturalmente, a presidenta, que, livre de seu parasita, pouco se preocupava com isso; pensava, como sua encantadora filha, que o primo percebera a brincadeira de sua pequena Lili; o mesmo, porém, não aconteceu com o presidente. O presidente Camusot de Marville, homenzinho gordo, que se tornara solene após sua promoção no Tribunal, admirava Cícero, preferia a Ópera-Cômica aos Italiens, comparava uns atores com os outros, acompanhava passo a passo a multidão, repetia como seus todos os artigos do jornal ministerial e, ao manifestar sua opinião, parafraseava as ideias do conselheiro que o precedia na tribuna. Esse magistrado, bastante conhecido pelos traços de seu caráter, obrigado, por sua posição, a tudo levar a sério, dava muita importância aos laços de família. Como a maioria dos maridos inteiramente dominados pelas esposas, o presidente afetava nas pequenas coisas uma independência que sua mulher respeitava. Se, durante um mês, o presidente se contentou com as razões banais que a presidenta lhe deu relativamente ao desaparecimento de Pons, acabou por achar estranho que o velho músico, um amigo há quarenta anos, não fosse mais à sua casa, precisamente após ter feito um presente tão valioso como o leque da madame de Pompadour. Esse leque, reconhecido pelo conde Popinot como uma obra-prima, valeu à presidenta, nas Tuileries, onde a joia passou de mão em mão, elogios que lisonjearam imensamente seu amor-próprio; descreveram-lhe detalhadamente as belezas dos dez ramos de marfim, cada um dos quais apresentava labores de

extraordinária delicadeza. Uma dama russa (os russos se julgam sempre na Rússia) ofereceu, na casa do conde Popinot, seis mil francos à presidenta pelo notável leque, sorrindo por vê-lo em tais mãos, pois era, deve-se confessar, um leque de duquesa.

— Não se pode negar que o pobre primo — disse Cecília ao pai, no dia seguinte ao dessa oferta — entende dessas bugigangas...

— Bugigangas! — exclamou o presidente. — O governo vai pagar trezentos mil francos pela coleção do falecido conselheiro Dusommerard, e gastar, em partes iguais com a Prefeitura de Paris, quase um milhão para adquirir e reparar o palácio de Cluny para guardar essas bugigangas. Essas bugigangas, querida filha, são muitas vezes os únicos testemunhos que nos restam das civilizações desaparecidas. Um vaso etrusco, um colar, que valem às vezes quarenta mil francos um e cinquenta mil o outro, são bugigangas que nos revelam a perfeição das artes na época do sítio de Troia, demonstrando-nos que os etruscos eram troianos refugiados na Itália.

Tal era o gênero de gracejo do gorduchinho presidente, que tratava a esposa e a filha com pesadas ironias.

— O conjunto de conhecimentos exigidos por essas bugigangas, Cecília — acrescentou —, constitui uma ciência que se chama arqueologia. A arqueologia compreende a arquitetura, a escultura, a pintura, a ourivesaria, a cerâmica, a marcenaria — arte inteiramente moderna —, as rendas, as tapeçarias, enfim, todas as criações do trabalho humano.

— Então o primo Pons é um sábio? — perguntou Cecília.

— Ora essa! Por que será que ele não vem mais cá? — perguntou o presidente, com a expressão de quem sente uma emoção produzida por uma infinidade de observações esquecidas, cuja reunião súbita *faz bala*, para empregar uma expressão dos caçadores.

— Ele deve ter ficado zangado por alguma coisa sem importância — respondeu a presidenta. — Talvez eu não me tenha mostrado tão agradecida como devia pelo presente do leque. Sou, como você sabe, muito ignorante...

— Você! Uma das melhores alunas de Servin!<sup>[97]</sup> — exclamou o presidente. — Não conhece Watteau!

— Conheço David, Gérard, Gros, Girodet, Guérin, o sr. de Forbin e Turpin de Crissé...<sup>[98]</sup>

— Você deveria...

— Que é que eu deveria, senhor? — perguntou a presidenta, olhando para o marido com uma expressão de rainha de Sabá.

— Deveria saber quem é Watteau, querida; está muito em moda — respondeu o presidente, com uma humildade que denunciava sua completa submissão à esposa.

Essa palestra ocorrera alguns dias antes da estreia de *A noiva do*

*diabo*, na qual toda a orquestra ficou impressionada com a aparência doentia de Pons. Nesse dia, as pessoas habituadas a ver Pons à sua mesa, a tomá-lo para mensageiro, se haviam interrogado a respeito do fato, e no círculo onde gravitava o bom velho se espalhara uma preocupação tanto maior, porque muitos o viram no seu posto no teatro. Apesar da cautela com que Pons evitava, nos passeios, os antigos conhecidos quando os encontrava, viu-se um dia face a face com o antigo ministro, o conde Popinot, na casa de Monistrol, um dos ilustres e audaciosos comerciantes do novo Boulevard Beaumarchais, de quem Pons falara à presidenta e cujo entusiasmo malicioso faz subir, dia a dia, o preço das curiosidades, que, dizem, já são tão raras que não se encontram mais.

— Meu caro Pons, por que é que a gente não vê você mais? Sentimos muita sua falta, e a sra. Popinot não sabe o que pensar desse abandono.

— Senhor conde — respondeu o velho —, deram-me a entender numa casa, na casa de um parente, que, na minha idade, a gente acaba sobrando na sociedade. Nunca me acolheram com muita consideração, mas, pelo menos, ainda nunca me haviam insultado. Nunca pedi nada a ninguém — disse, com a altivez do artista. — Em troca de algumas cortesias, eu às vezes me fazia útil aos que me recebiam. Mas creio que me enganei e que estava sujeito a impostos e a trabalhos forçados, em paga da honra que recebia jantando na casa de meus amigos, de meus parentes... Pois bem! Demiti-me de filante de jantares. Em minha casa, encontro todos os dias o que nenhuma mesa me ofereceu, um verdadeiro amigo!

Essas palavras, repassadas de uma amargura que o velho artista ainda conseguia comunicar-lhes pelos gestos e pela inflexão de voz, comoveram de tal modo o par de França que ele levou o músico à parte.

— Então foi isso que lhe aconteceu, meu velho amigo? Não pode dizer-me quem foi que o ofendeu? Permita-me observar-lhe que, na minha casa, você deve ter sido tratado com toda a consideração.

— O senhor é a única exceção — disse o velho. — Além disso, o senhor é um homem ilustre, um homem de Estado, e suas preocupações desculpariam tudo, se alguma coisa acontecesse.

Pons, vencido pela habilidade diplomática que Popinot adquirira no manejo dos homens e dos negócios públicos, acabou contando seus infortúnios na casa do presidente de Marville. Popinot colocou-se tão ardorosamente ao lado da vítima que imediatamente falou sobre o caso à sra. Popinot, excelente e digna senhora, que abordou o assunto com a presidenta logo que a encontrou. Como o antigo ministro, por sua vez, disse ao presidente algumas palavras a esse respeito, houve uma explicação em família na casa dos Camusot de Marville. Embora Camusot não fosse, absolutamente, senhor em casa, sua repreensão era demasiado fundada *em direito e em fato* para que a esposa e a filha não

reconhecessem a verdade; humilharam-se e ambas atiraram a culpa aos criados. Os criados, chamados e severamente censurados, só foram perdoados mediante uma completa confissão, que demonstrou ao presidente o quanto o primo Pons tinha razão de viver metido em casa. Como todos os chefes de família dominados pelas esposas, o presidente deu razão a toda sua majestade marital e judiciária, declarando aos criados que seriam despedidos e perderiam, assim, todas as vantagens que seus longos serviços pudessem ter-lhes granjeado em sua casa se, a partir daquele dia, o primo Pons e todos os que lhe davam a honra de frequentar sua casa não fossem tratados como ele próprio. Essa frase fez Madalena sorrir.

— Vocês só têm uma possibilidade de salvação — disse o presidente — que consiste em desarmar meu primo pedindo-lhe desculpas. Digam-lhe que a permanência de vocês aqui depende inteiramente dele, pois despedirei a todos se ele não os perdoar.

## **XX – O RETORNO DOS BELOS DIAS**

No dia seguinte, o presidente saiu de casa bem cedo para poder fazer uma visita ao primo antes da audiência. Foi um verdadeiro acontecimento a chegada do sr. presidente de Marville, anunciado pela sra. Cibot. Pons, que recebia tal honra pela primeira vez na vida, pressentiu nisso uma reparação.

— Meu caro primo — disse o presidente, após os cumprimentos habituais —, acabei sabendo a causa de seu afastamento. Sua conduta aumenta, se é que é possível, a estima que tenho por você. Só lhe direi uma frase a esse respeito: meus criados foram todos despedidos. Minha mulher e minha filha estão desesperadas; querem vê-lo, para terem um entendimento com você. Em tudo isto, meu primo, há um inocente, que é um velho juiz; não me castigue, portanto, pela leviandade de uma mocinha estouvada que queria ir jantar na casa dos Popinot, principalmente quando venho pedir-lhe paz, reconhecendo que todas as faltas estão do nosso lado... Uma amizade de trinta anos, mesmo que se suponha alterada, ainda dá alguns direitos. E então?... Assine a paz, indo jantar conosco esta noite...

Pons atrapalhou-se numa resposta confusa e acabou declarando ao primo que ia assistir, naquela noite, ao casamento de um músico de sua orquestra, que ia atirar a flauta às urtigas para tornar-se banqueiro.

— Então, amanhã.

— Primo, a sra. condessa Popinot deu-me a honra de convidar-me, por uma carta tão amável que...

— Depois de amanhã, então... — insistiu o presidente.

— Depois de amanhã, o sócio da minha primeira flauta, um alemão, sr. Brunner, retribuirá aos noivos a gentileza que hoje receberá deles...

— Você é muito amável para que as pessoas disputem assim o prazer de recebê-lo — disse o presidente. — Pois bem, no domingo que vem! Daqui a oito dias.

— Mas nesse dia vamos jantar na casa do sr. Graff, o sogro da flauta...

— Bem... então no sábado! Daqui até lá, você terá tido tempo de consolar uma mocinha que já derramou lágrimas por causa de sua falta. Deus não pede mais que o arrependimento. Será você mais exigente do que o Padre Eterno, com a pobrezinha da Cecília?...

Pons, atingido no ponto fraco, desmanchou-se em cortesias e acompanhou o presidente até o patamar da escada. Uma hora mais tarde, os criados do presidente chegaram à casa do bom Pons; mostraram-se tais como são os criados, covardes e hipócritas: choraram! Madalena chamou Pons à parte e atirou-se resolutamente a seus pés.

— Fui eu, senhor, quem fez tudo, e o senhor sabe muito bem que amo sua pessoa — disse ela, desfazendo-se em lágrimas. — É à vingança, que me fervia no sangue, que o senhor deve culpar em todo esse triste caso. Vamos perder *nossas rendas vitalícias*!... Eu estava louca e não gostaria que meus colegas sofressem por causa da minha loucura... Vejo muito bem, agora, que não fui feita para pertencer ao senhor. Tornei-me sensata, vi que tinha demasiada ambição, mas, mesmo assim, ainda amo o senhor. Durante dez anos, não pensei noutra coisa que não fosse fazer sua felicidade e vir cuidar de tudo aqui em sua casa! Que belo destino seria! Se soubesse quanto amo o senhor! Mas o senhor deve tê-lo notado por todo o mal que lhe fiz. Se eu morresse amanhã, sabe o que é que encontrariam?... Um testamento em seu favor... Sim, senhor, na minha mala, embaixo das minhas joias!

Fazendo vibrar essa corda, Madalena deixou o solteirão entregue às satisfações de amor-próprio que uma paixão que se inspira sempre causa, mesmo quando desagrada. Após ter nobremente perdoado Madalena, recebeu a todos benevolmente, dizendo-lhes que falaria à sua prima, a presidenta, para conseguir que todos os criados continuassem na casa dela. Com inefável prazer, Pons se viu reintegrado nos prazeres habituais sem ter recorrido a nenhuma baixaza. A sociedade fora ao seu encontro, a dignidade de seu caráter ganharia com isso, mas, ao narrar seu triunfo ao amigo Schmucke, teve o pesar de vê-lo triste e cheio de dúvidas que não exprimiu. Ao notar, porém, a súbita transformação que se operou na fisionomia de Pons, o bom alemão acabou por se regozijar, imolando em favor do amigo a felicidade que usufruía de o possuir inteiramente durante quase quatro meses.

As enfermidades morais têm uma imensa vantagem sobre as enfermidades físicas; curam-se instantaneamente, pela realização do

desejo que as determina, assim como nascem pela privação do mesmo desejo: naquela manhã, Pons já não era o mesmo homem. O ancião triste, moribundo, cedeu o lugar ao Pons satisfeito, que algum tempo atrás levava à presidenta o leque da marquesa de Pompadour. Schmucke, porém, mergulhou em profundas meditações sobre o fenômeno sem o poder compreender, pois o verdadeiro estoicismo jamais compreenderá o servilismo francês. Pons era um verdadeiro francês do Império, em quem a galanteria do século passado se aliava à dedicação às mulheres, tão celebrada nas romanças de *Partindo para a Síria*<sup>[99]</sup> etc. Schmucke sepultou sua mágoa no coração, sob as flores da filosofia alemã, mas, em oito dias, tornou-se amarelado e a senhora Cibot teve de empregar artifícios para levar o *médico do bairro* a Schmucke. Esse médico mostrou receios de que se tratasse de uma *icterícia* e deixou a sra. Cibot fulminada por essa erudita palavra, cuja expressão popular é *derrame de fel*.

Era, talvez, a primeira vez que os dois amigos iam jantar juntos na cidade, mas, para Schmucke, isso representava uma excursão pela Alemanha. Com efeito, Johann Graff, o gerente do hotel do Reno, e sua filha Emília, Wolfgang Graff, o alfaiate e sua esposa, Fritz Brunner e Wilhelm Schwab, eram alemães. Pons e o tabelião eram os únicos franceses presentes no banquete. Os alfaiates, que possuíam um magnífico palacete à Rue Richelieu, entre a Rue Neuvedes-Petits-Champs e a Rue Villedot, haviam criado a sobrinha, cujo pai temia, com razão, o contato da gente de toda a espécie que frequenta um hotel. Os dignos alfaiates, que estimavam a menina como se fosse sua filha, deram o pavimento térreo ao jovem casal. Lá seria instalada a casa bancária Brunner, Schwab & Cia. Como os preparativos haviam sido feitos num mês, tempo exigido para receber a herança devolvida a Brunner, autor de toda aquela felicidade, o apartamento dos futuros esposos fora ricamente remodelado e mobiliado pelo famoso alfaiate. Os escritórios da casa bancária estavam instalados na sala que ligava uma casa magnífica construída sobre a rua ao antigo palacete com pátio e jardim.

## **XXI – O QUE CUSTA UMA MULHER**

Enquanto se dirigiam da Rue de Normandie à Richelieu, Pons obteve do distraído Schmucke os detalhes dessa nova história do filho pródigo, para quem a Morte eliminara o gordo hoteleiro. Pons, francamente reconciliado com os parentes mais próximos, foi subitamente acometido pelo desejo de casar Fritz Brunner com Cecília de Marville. O acaso quis que o tabelião dos irmãos Graff fosse precisamente o genro e sucessor de Cardot, antigo segundo ajudante do cartório, em cuja casa Pons frequentemente jantava.

— Ah! É o sr. Berthier? — disse o velho músico, estendendo a mão para seu ex-anfitrião.

— E por que não nos dá mais a honra de jantar conosco? — perguntou o tabelião. — Minha mulher está preocupada com o senhor. Vimo-lo na estreia de *A noiva do diabo* e nossa inquietação se transformou em curiosidade.

— Os velhos são suscetíveis — respondeu o bom homem — e têm o defeito de estar com um século de atraso, mas que é que se vai fazer?... Já basta representar um século; não se pode pertencer àquele que nos verá morrer.

— Ora! — disse o tabelião, com uma expressão espirituosa. — Não se podem abarcar dois séculos ao mesmo tempo.<sup>[100]</sup>

— Escute aqui! — pediu o bom homem, atraindo o jovem tabelião a um canto. — Por que não casa minha prima Cecília de Marville?...

— Ora essa! Por quê?... — repetiu o tabelião. — Neste século, em que o luxo entrou até nos cubículos dos porteiros, os rapazes hesitam em unir seu destino ao da filha de um presidente da Corte Real de Paris, quando não lhe dão mais de cem mil francos de dote. Não se conhece nenhuma mulher que custe ao marido apenas três mil francos por ano, na classe em que será colocado o marido da srta. de Marville. Os juro de semelhante dote mal chegam, portanto, para custear as despesas de vestuário de uma futura esposa. Um rapaz com quinze a vinte mil francos de renda mora num belo entressolo; a sociedade não lhe exige ostentação alguma; pode ter um único criado; aplica todos os rendimentos em diversões e não tem outro decoro a guardar além daquele de que se encarrega seu alfaiate. Adulado por todas as mães providentes, é um dos reis da moda parisiense. Uma esposa, ao contrário, exige uma casa montada, toma a carruagem para seu uso; se vai ao teatro, quer um camarote, lá onde o rapaz não pagava mais que uma poltrona numerada; passa a constituir, enfim, o símbolo da fortuna que até então o rapaz representava sozinho. Imagina um casal com trinta mil francos de renda! Na sociedade atual, o rapaz rico torna-se um pobre-diabo que tem de pensar no preço de uma corrida a Chantilly. Acrescente os filhos... E começam os apertos. Como o sr. e a sra. de Marville apenas entraram nos cinquenta anos, as *esperanças* só se vencem daqui a uns quinze ou vinte anos; nenhum rapaz tem interesse em guardá-las por tanto tempo na carteira, e a ambição gangrena de tal modo o coração dos estouvados que dançam a polca no Mabilille com raparigas, que todos os rapazes estudam as duas faces do problema sem necessitar dos nossos esclarecimentos. Aqui entre nós, a srta. de Marville deixa a seus *pretendentes* o coração bastante tranquilo para que a cabeça fique no lugar, e todos eles se entregam a essas reflexões antimatrimoniais. Se algum rapaz, no gozo da razão e de vinte mil francos de renda, formular *in petto*<sup>[101]</sup> um programa de casamento



para satisfazer ideias ambiciosas, verá que a srta. de Marville corresponde muito pouco a esse plano...

— E por quê? — perguntou o músico, estupefato.

— Ah!... — respondeu o tabelião. — Atualmente, quase todos os rapazes, mesmo que sejam feios como nós dois, meu caro Pons, têm a insolência de querer um dote de seiscentos mil francos, moças de família importante, muito bonitas, muito inteligentes, muito bem-educadas, sem taras, perfeitas.

— Então minha sobrinha terá dificuldade em casar-se?

— Ficarão solteirona enquanto o pai e a mãe não se decidirem a dar-lhe Marville em dote; e, se eles o tivessem feito, ela já seria viscondessa Popinot... Mas aí está o sr. Brunner; vamos ler a ata de sociedade da casa Brunner e o contrato de casamento.

Feitas as apresentações e trocados os cumprimentos, Pons, convidado pelos parentes a assinar o contrato, ouviu a leitura dos documentos e, pelas cinco horas e meia, passaram para a sala de jantar. O jantar foi um desses suntuosos banquetes que os comerciantes oferecem quando os negócios lhes concedem uma trégua e, por outro lado, atestava as relações de Graff, gerente do hotel do Reno, com os principais fornecedores de Paris. Nem Pons nem Schmucke jamais haviam visto mesa igual. Havia pratos *de arrebatador pensamento!*...<sup>[102]</sup> massas de uma delicadeza inédita, peixe-rei frito de maneira incomparável, um peixe do lago de Genebra com o legítimo molho genebrino e um creme para pudim de ameixas de causar admiração ao famoso doutor que, segundo se diz, o inventou em Londres. Saíram da mesa às dez da noite. O que beberam de vinho do Reno e de vinhos franceses foi coisa de pasmar os moços mais elegantes, pois não se imagina a quantidade de líquidos que os alemães podem absorver sem perder a calma e a serenidade. É necessário jantar na Alemanha e ver as garrafas se sucederem umas às outras, como a onda sucede à onda numa bela praia do Mediterrâneo, e desaparecerem, como se os alemães tivessem a força de absorção da esponja e da areia, mas, harmoniosamente, sem a algazarra francesa; a conversa permanece sensata como a improvisação dum usurário; os rostos ficam corados como os das noivas pintados nos afrescos de Cornelius ou de Schnor,<sup>[103]</sup> isto é, imperceptivelmente, e as recordações se espalham como a fumaça dos cachimbos, lentamente.

Às dez e meia, Pons e Schmucke encontravam-se num banco do jardim, um de cada lado do antigo flautista, sem saber exatamente o que os teria levado a revelar uns aos outros seus temperamentos, suas opiniões e seus infortúnios. No meio dessa miscelânea de confidências, Wilhelm falou do seu desejo de casar Fritz, manifestando-o com uma força, uma eloquência vínica.

— Que diz deste programa para seu amigo Brunner? — disse Pons

ao ouvido de Wilhelm. — Uma moça encantadora, sensata, com vinte e quatro anos, pertencente a uma família muito distinta, com o pai ocupando um dos cargos mais elevados da magistratura, com cem mil francos de dote e devendo receber mais tarde um milhão de herança.

— Espere um pouco! — respondeu Schwab. — Vou falar agora mesmo a Fritz.

E os dois músicos viram Brunner e o amigo a andar pelo jardim, passando e repassando diante de seus olhos, um escutando o outro alternadamente. Pons, cuja cabeça estava um tanto pesada e que, sem estar absolutamente embriagado, sentia tanta leveza nos pensamentos quanto sentia pesado seu invólucro, observou Fritz Brunner através dessa nuvem diáfana que o vinho produz e procurou na fisionomia dele indícios de vocação para a vida de família. Logo depois, Schwab apresentou ao sr. Pons o seu amigo e sócio, que agradeceu muito ao velho pela atenção que se dignara ter para com ele. Iniciou-se uma palestra, na qual Schmucke e Pons, os dois celibatários, exaltaram o casamento e se permitiram, sem malícia alguma, este trocadilho: “O casamento é o fim do homem”. Quando serviram os gelados, o chá, o ponche e os bolos no futuro apartamento dos futuros esposos, a hilaridade entre os respeitáveis comerciantes, quase todos ébrios, atingiu o auge, ao saberem que o comanditário da casa bancária ia imitar seu sócio.

Schmucke e Pons, às duas da manhã, voltaram para casa pelos bulevares, filosofando como dois loucos sobre o arranjo musical das coisas do mundo.

## **XXII – NO QUAL PONS LEVA À PRESIDENTA UM OBJETO DE ARTE UM POUCO MAIS PRECIOSO DO QUE UM LEQUE**

No dia seguinte, Pons foi à casa da prima presidenta, inundado da profunda alegria de retribuir o mal com o bem. Pobre alma boa!... Atingiu certamente o sublime, e todos concordarão com isto, pois vivemos num século em que se dá o prêmio Montyon aos que cumprem seu dever, segundo os preceitos do Evangelho. “Ah! Ficarão devendo imensos favores a seu filante de jantares”, pensava ele, ao dobrar a Rue de Choiseul.

Um homem menos absorto do que Pons em sua alegria, um homem de sociedade, um homem desconfiado teria observado a presidenta e a filha ao voltar àquela casa; mas o pobre músico era uma criança, um artista cheio de inocência, que acreditava no bem moral como no belo nas artes; ficou encantado com as amabilidades que lhe concederam Cecília e a presidenta. Esse homem, que há doze anos via representar diante de seus olhos revistas, dramas e comédias, não percebeu os disfarces da comédia social, dos quais, sem dúvida, já estava farto. Os

que espreitam a sociedade parisiense e que perceberam a secura da alma e de corpo da presidenta, sensível somente às honrarias e furiosa de ser virtuosa, sua falsa devoção e a altivez de caráter duma mulher habituada a mandar em casa, podem imaginar o ódio secreto que ela nutria contra o primo do marido desde que cometera aquela falta. Todas as demonstrações da presidenta e da filha estavam, assim, impregnadas de um desejo de vingança, evidentemente protelado. Pela primeira vez na vida, Amélia se via sem razão perante o marido, a quem dominava. E, por último, tinha de se mostrar afetuosa com o autor de sua derrota!... Tal situação só encontra analogia em certas hipocrisias que duram anos, no sacro colégio dos cardeais ou nos cabidos dos chefes de ordens religiosas. Às três horas, quando o presidente voltou do Tribunal, Pons apenas acabara de narrar os maravilhosos incidentes através dos quais viera a conhecer o sr. Frederico Brunner, o banquete da véspera, que só acabara pela manhã, e tudo quanto dizia respeito ao referido Frederico Brunner. Cecília fora diretamente ao fato, indagando da maneira como se vestia Frederico Brunner, de sua estatura, de sua aparência, da cor dos cabelos e dos olhos, e, quando chegou à conclusão de que ele tinha um aspecto distinto, admirou a generosidade de seu caráter.

— Dar quinhentos mil francos a seu companheiro de infortúnio! Oh! Mãe, terei carruagem e camarote nos Italiens.

E Cecília ficou quase bonita ao pensar na realização de todas as pretensões da mãe a seu respeito e na concretização das esperanças de que já desesperava.

Quanto à presidenta, disse apenas esta frase:

— Querida *filhinha*, podes casar-te dentro de quinze dias.

Todas as mães chamam as filhas de vinte e três anos de *filhinhas*!

— Mas — interveio o presidente — precisamos de algum tempo para tomar informações. Jamais darei minha filha ao primeiro que chegar...

— Quanto às informações, todos os documentos estão no cartório de Berthier — respondeu o velho artista. — Quanto ao rapaz, querida prima, a senhora certamente ainda se lembra do que me disse! Pois bem... Ele tem quarenta anos feitos; a metade da cabeça já não tem cabelos; ele quer encontrar na família um porto seguro contra as tempestades, e eu decerto não o desaconselhei; todas as inclinações estão na natureza...

— Mais uma razão para ver o sr. Frederico Brunner — replicou o presidente. — Não quero dar minha filha a qualquer valetudinário.

— Bem, prima, daqui a cinco dias poderá julgar o meu pretendente, se quiser, pois, segundo seu modo de pensar, bastaria um encontro...

Cecília e a presidenta fizeram um gesto de deslumbramento.

— Frederico, que é um colecionador muito distinto, pediu-me que lhe deixasse ver pormenorizadamente minha coleção — acrescentou o

primo Pons. — As senhoras nunca viram meus quadros, minhas curiosidades. Apareçam lá em casa — disse às duas parentas —, estarão lá como duas damas levadas por meu amigo Schmucke e conhecerão o pretendente sem ficar comprometidas. Frederico pode ignorar perfeitamente quem são as senhoras.

— Maravilhoso! — exclamou o presidente.

Pode-se imaginar as provas de consideração que foram prodigalizadas ao parasita outrora desprezado. O pobre homem foi, naquele dia, o primo da presidenta. A venturosa mãe, afogando seu ódio nas ondas da alegria, teve olhares, sorrisos e palavras que deixaram o velhote extasiado pelo bem que fazia e pelo futuro que entrevia. Não iria encontrar nas casas Brunner, Schwab e Graff jantares iguais ao da assinatura do contrato? Previa uma existência de abundância e uma sequência maravilhosa de *pratos cobertos*, de surpresas gastronômicas, de vinhos delicados.

— Se nosso primo Pons nos conseguir esse negócio — disse o presidente à esposa, depois que Pons saiu —, devemos constituir-lhe uma pensão equivalente a seu ordenado como regente de orquestra.

— Certamente — disse a presidenta.

Cecília ficou encarregada de, no caso de agradar ao rapaz, fazer o velho músico aceitar aquela ignóbil munificência.

No dia seguinte, o presidente, desejoso de ter provas autênticas da fortuna do sr. Frederico Brunner, foi ao tabelião Berthier. Berthier, prevenido pela presidenta, mandou chamar seu novo cliente, o banqueiro Schwab, o ex-flauta. Deslumbrado por esse casamento para o amigo (sabe-se o quanto os alemães respeitam as distinções sociais! Na Alemanha, uma esposa é a senhora generala, a senhora conselheira, a senhora advogada), Schwab mostrou-se conciliador como um colecionador que procura enganar um vendedor.

— Antes de mais nada — disse o pai de Cecília a Schwab —, como darei, pelo contrato, minha propriedade de Marville à minha filha, desejaria casá-la sob o regime dotal. O sr. Brunner empregaria, pois, um milhão em terras para aumentar Marville, constituindo, assim, um imóvel dotal que poria o futuro de minha filha e o de seus filhos ao abrigo dos riscos do banco. Berthier coçou o queixo, pensando: “Não é muito modesto o senhor presidente!”.

Schwab, após ter pedido explicações sobre o significado do regime dotal, respondeu pelo amigo. Essa cláusula atendia precisamente ao desejo que Fritz manifestara de encontrar um meio que o impedisse de voltar a cair na miséria.

— Estão à venda, neste momento, umas herdades e uns campos por um milhão e duzentos mil francos — disse o presidente.

— Um milhão em ações do Banco da França bastará — disse Schwab — para garantir a conta da nossa casa bancária no Banco. Fritz não quer

empregar mais de dois milhões em negócios e fará o que o senhor pede, senhor presidente.

O presidente deixou as duas mulheres quase loucas ao dar-lhes essas notícias. Jamais uma presa tão rica se mostrara tão dócil à rede conjugal.

— Será sra. Brunner de Marville — disse o pai à filha —, pois conseguirei para teu marido a permissão de juntar esse nome ao dele e mais tarde ele terá um título de naturalização. Se eu chegar a par de França, ele me sucederá!

A presidenta gastou cinco dias preparando a filha. No dia do encontro, ela mesma vestiu Cecília, equipou-a com suas próprias mãos com o mesmo desvelo que o almirante da frota azul<sup>[104]</sup> empregou em armar o iate de recreio da rainha da Inglaterra quando ela partiu para sua viagem à Alemanha.

Pons e Schwab, de sua parte, limparam, tiraram o pó do Museu Pons, do apartamento, dos móveis, com a agilidade de marinheiros limpando o navio do almirante. Não ficou um só grão de poeira nas madeiras esculpidas. Todos os cobres reluziam. Os vidros dos pastéis deixavam ver nitidamente as obras de Latour, de Greuze e de Liotard,<sup>[105]</sup> o ilustre autor da *Chocolateira*, o milagre dessa pintura tão passageira! O inimitável esmalte dos bronzes florentinos cintilava. Os vitrais coloridos resplandeciam nas suas cores delicadas. Tudo brilhava em sua forma e falava à alma nesse concerto de obras-primas organizado por dois músicos igualmente poetas.

### XXIII – UMA IDEIA ALEMÃ

Bastante hábeis para evitar as dificuldades de uma entrada em cena, as mulheres chegaram em primeiro lugar, pois queriam estar em terreno firme. Pons apresentou seu amigo Schmucke às parentas, às quais ele pareceu um idiota. Ocupadas como estavam com um noivo quatro vezes milionário, prestaram muito pouca atenção às demonstrações artísticas do bom velho Pons. Contemplavam com um olhar indiferente os esmaltes de Petitot<sup>[106]</sup> dispostos nos fundos de veludo vermelho de três quadros maravilhosos. As flores de Van Huysum,<sup>[107]</sup> de David de Heim,<sup>[108]</sup> os insetos de Abraham Mignon,<sup>[109]</sup> os Van Eyck,<sup>[110]</sup> os Albrecht Dürer,<sup>[111]</sup> os legítimos Cranach,<sup>[112]</sup> o Giorgione,<sup>[113]</sup> o Sebastiano del Piombo,<sup>[114]</sup> Backhuysen,<sup>[115]</sup> Hobbema,<sup>[116]</sup> Géricault,<sup>[117]</sup> as raridades da pintura, nada excitava sua curiosidade, pois esperavam o sol que devia iluminar aquelas riquezas; surpreenderam-se, contudo, com a beleza de algumas joias etruscas e o valor real das caixinhas de rapé. Estavam indulgentemente extasiadas com os bronzes florentinos que tinham nas mãos quando a sra. Cibot anunciou o sr. Brunner. Não voltaram os rostos e serviram-se de um soberbo espelho de Veneza emoldurado em

monstruosas peças de ébano esculpido para examinar a fênix dos pretendentes.

Frederico, prevenido por Wilhelm, reunira os escassos fios de cabelo que lhe restavam. Vestia umas bonitas calças de tonalidade suave, embora escura, um colete de seda duma elegância suprema e de corte moderno, uma camisa de pontos abertos de fazenda feita à mão por uma frisã, uma gravata azul com filetes brancos. A corrente do relógio provinha da casa Florent e Chanor,<sup>[118]</sup> assim como o castão da bengala. Quanto ao casaco, o próprio sr. Graff o cortara no mais belo tecido. Luvas da Suécia denunciavam o homem que já consumira a fortuna da mãe. Seria fácil adivinhar o pequeno cupê baixo, de dois cavalos, do banqueiro, ao ver rebrilhar os sapatos finos, se as duas mulheres curiosas já não o tivessem ouvido rodar pela Rue de Normandie.

Quando o libertino de vinte anos é a crisálida de um banqueiro, nasce aos quarenta um observador, tanto mais sagaz, porque Brunner percebeu o grande partido que um alemão pode tirar de sua aparência ingênua. Assumiu, para essa manhã, a atitude pensativa de um homem que se encontra entre a vida de família a iniciar e as dissipações da vida de solteiro a continuar. Num alemão afrancesado, tal fisionomia pareceu a Cecília o superlativo do romanesco. Viu um Werther no filho dos Virlaz. Qual é a moça que não se permite um romancezinho na história de seu casamento? Cecília considerou-se a mais feliz das mulheres, quando Brunner, ao ver as magníficas obras colecionadas durante quarenta anos de paciência, se entusiasmou e as apreciou, pela primeira vez, no seu exato valor, para grande satisfação de Pons. “É um poeta!”, pensou a srta. de Marville, “está vendo milhões nisso.” Um poeta é um homem que não faz cálculos, que deixa à mulher o governo do dinheiro, um homem fácil de levar e que a gente satisfaz com ninharias.

Cada vidraça das duas janelas do quarto do velho era um vitral suíço colorido, o menor dos quais valia mil francos, e havia ali dezesseis dessas obras-primas em busca das quais os colecionadores empreendem atualmente longas viagens. Em 1815, esses vitrais custavam entre seis e dez francos. O exato valor dos sessenta quadros que compunham a divina coleção, puras obras-primas, sem um retoque, autênticos, só poderia ser conhecido no calor de um leilão. Em torno de cada tela via-se uma moldura de imenso valor, e as havia de todos os tipos: a moldura veneziana com seus grandes ornatos semelhantes ao da baixela atual dos ingleses, a moldura romana tão notável por isso que os artistas denominam o *fla-fla!*, a moldura espanhola de audaciosas folhagens, as molduras flamengas e alemãs com seus singelos personagens, a moldura de madreperla incrustada de estanho, de cobre, de nácar, de marfim; a moldura de ébano, a moldura de buxo, a moldura de cobre, a moldura Luís XIII, Luís XV e Luís

xvi, enfim, uma coleção única dos mais belos modelos. Pons, mais feliz que os conservadores do Tesouro de Dresden e de Viena, possuía uma moldura do famoso Brustolone,<sup>[119]</sup> o Michelangelo da madeira.

Naturalmente, a srta. de Marville pediu explicações diante de cada nova curiosidade. Fez-se iniciar no conhecimento dessas maravilhas por Brunner. Foi tão sincera em suas exclamações, mostrou-se tão contente de aprender de Frederico o valor, a beleza de uma pintura, de uma escultura, de um bronze, que o alemão se derreteu: seu rosto tornou-se jovem. Em resumo, de uma e de outra parte, foram mais longe do que queriam nesse primeiro encontro, sempre devido ao acaso.

A visita durou três horas. Brunner ofereceu a mão a Cecília para descer a escada. Ao descer os degraus com uma hábil lentidão, Cecília, que continuava a conversar sobre belas-artes, ficou espantada da admiração de seu pretendente pelas bugigangas do primo Pons.

— Acha, então, que isso que acabamos de ver vale muito dinheiro?

— Eh! Senhorita, se o senhor seu primo quisesse vender-me sua coleção, eu daria hoje mesmo oitocentos mil francos e não faria mau negócio. Só as sessenta telas alcançariam um preço superior a isso num leilão.

— Acredito, já que é o senhor que o diz — respondeu ela —, e deve ser assim mesmo, pois foi isso o que mais o interessou.

— Oh! Senhorita!... — protestou Brunner. — Para responder a essa censura, vou pedir à sua mãe permissão para ir à sua casa para ter a ventura de tornar a vê-la.

“É inteligente a minha *filhinha!*”, pensou a presidenta, que descia logo atrás da filha.

— Com o maior prazer, senhor — acrescentou em voz alta.

— Espero que vá lá com nosso primo Pons à hora do jantar; o senhor presidente terá grande prazer em conhecê-lo... Obrigada, primo.

E apertou o braço de Pons de maneira tão significativa que a frase sacramental “Isto ficará entre nós para sempre!” não teria sido mais forte. Beijou Pons com o olhar que acompanhou esse “Obrigada, primo”.

Depois que acompanhou a moça até a carruagem e o cupê de aluguel desapareceu na Rue Charlot, Brunner ficou conversando sobre bricabraque com Pons, que falava sobre casamento.

— Então, não vê nenhum obstáculo?... — perguntou Pons.

— Ah! — replicou Brunner. — A moça é insignificante e a mãe é um tanto afetada... Vamos ver.

— Uma bela fortuna em perspectiva — observou Pons. — Mais de um milhão...

— Até segunda-feira! — despediu-se o milionário. — Se quiser vender sua coleção de quadros, darei de quinhentos a seiscentos mil

francos por ela...

— Ah! — exclamou o velho, que não se imaginava tão rico. — Mas eu não me poderia separar disto que constitui minha felicidade... Eu só poderia vender minha coleção para ser entregue depois da minha morte.

— Bem, vamos ver...

— Eis dois negócios em caminho — disse o colecionador, que só pensava no casamento.

Brunner cumprimentou Pons e saiu, ornado por sua brilhante equipagem. Pons viu o pequeno cupê afastar-se sem prestar atenção a Rémonencq, que fumava seu cachimbo junto à porta.

#### XXIV – CASTELOS EM ESPANHA

Naquela mesma noite, na casa do sogro, a quem a presidenta de Marville foi consultar, ela encontrou a família Popinot. No seu desejo de satisfazer uma pequena vingança, muito natural ao coração das mães que não conseguiram capturar um moço de boa família, a sra. de Marville deu a entender que Cecília ia fazer um ótimo casamento.

“Com quem vai casar Cecília?” foi uma pergunta que correu por todos os lábios. E então, sem achar que estava traindo seu segredo, a presidenta disse tantas palavrinhas, fez tantas confidências ao ouvido, que, por outro lado, foram confirmadas pela sra. Berthier, que eis aqui o que se dizia no dia seguinte no empíreo burguês onde Pons realizava suas evoluções gastronômicas: “Cecília de Marville vai se casar com um jovem alemão que se fez banqueiro por humanidade, pois possui quatro milhões; é um herói de romance, um verdadeiro Werther, encantador, um bom coração, que já cometeu suas loucuras e que se apaixonou doidamente por Cecília; é um amor à primeira vista, e tanto mais firme, porque Cecília tinha, na ocasião, como rivais, todas as madonas pintadas de Pons etc. etc.”

No outro dia, algumas pessoas foram felicitar a presidenta, unicamente para saber se o dente de ouro existia,<sup>[120]</sup> e a presidenta fez essas admiráveis variações que as mães poderão consultar, como outrora se consultava o *Perfeito Secretário*.

— Um casamento só se pode considerar realizado — dizia ela à sra. Chiffreville — depois que se volta da pretoria e da igreja, e nós ainda estamos nas entrevistas. Assim, conto com sua amizade para não falar a ninguém sobre as nossas esperanças...

— A senhora tem muita sorte, senhora presidenta, os casamentos estão muito difíceis atualmente!

— Que quer? É um acaso, mas muitas vezes os casamentos se realizam assim.

— Muito bem! Vai então casar Cecília? — dizia a sra. Cardot.



— Sim — respondia a presidenta, compreendendo a malícia desse *então*. — Somos muito exigentes, e foi isso que retardou o casamento de Cecília. Mas agora encontramos tudo: fortuna, amabilidade, bom caráter, um belo homem. Minha querida filhinha, aliás, bem o merecia. O sr. Brunner é um rapaz encantador, muito distinto; gosta do luxo, conhece a vida, está louco por Cecília, ama-a sinceramente. E, apesar de seus três ou quatro milhões, Cecília o aceita... Não tínhamos pretensões tão altas, mas... As vantagens não prejudicam nada...

— Não é tanto a fortuna como a afeição inspirada por nossa filha que nos decide — dizia a presidenta à sra. Lebas.<sup>[121]</sup> — O sr. Brunner está com tanta pressa que deseja que o casamento se realize tão cedo quanto os prazos legais o permitam.

— É um estrangeiro?...

— Sim, senhora; mas confesso que estou muito contente. Não, não será um genro que terei, e sim um filho. O sr. Brunner é de uma delicadeza verdadeiramente sedutora. A senhora não imagina o empenho que fez em se casar sob o regime dotal... Isso é uma grande garantia para as famílias. Vai comprar por um milhão e duzentos mil francos uns campos que serão acrescentados à propriedade de Marville.

No dia seguinte, eram outras variações sobre o mesmo tema. Assim, o sr. Brunner era um fidalgo e em tudo se conduzia como tal; não se preocupava com coisa alguma; e, se o sr. de Marville conseguisse para ele um título de naturalização (o ministério bem lhe devia alguma obrigação), o genro viria a ser par de França. Não sabiam qual era a fortuna do sr. Brunner, ele possuía *os mais belos cavalos e as mais belas equipagens de Paris* etc.

O prazer que os Camusot sentiam em divulgar suas esperanças dizia eloquentemente o quanto era inesperado esse triunfo.

Logo depois do encontro na casa do primo Pons, o sr. de Marville, impellido pela esposa, convidou o ministro da Justiça, seu primeiro-presidente e o procurador-geral a irem jantar em sua casa no dia da apresentação da fênix dos genros. As três ilustres personagens aceitaram, embora convidadas quase à última hora; compreenderam muito bem o papel que o chefe de família queria que representassem e correram em seu auxílio com prazer. Na França, é com grande prazer que se leva socorro às mães que querem pescar um genro rico. O conde e a condessa Popinot prontificaram-se igualmente a completar a pompa daquela data, embora o convite lhes parecesse de muito mau gosto. Compareceram, ao todo, onze pessoas. O avô de Cecília, o velho Camusot e sua esposa não podiam faltar à reunião, destinada, pela posição dos convidados, a decidir definitivamente o sr. Brunner, anunciado, como se viu, como um dos mais ricos capitalistas da Alemanha, um homem de bom gosto (gostava da *filhinha*), o futuro rival dos Nucingen, dos Keller, dos Du Tillet etc.

— É o nosso dia — disse a presidenta, com uma simplicidade muito estudada, ao homem que já considerava seu genro, citando os nomes dos convidados. — Só temos aqui pessoas íntimas. Em primeiro lugar, o pai de meu marido, que, como o senhor sabe, vai ser promovido a par de França; depois o sr. conde e a condessa Popinot, cujo filho não nos pareceu suficientemente rico para desposar Cecília, sem que por isso tenhamos ficado menos amigos; nosso ministro da Justiça, nosso primeiro-presidente, nosso procurador-geral, enfim, nossos amigos... Seremos obrigados a jantar um pouco tarde, devido à Câmara, cuja sessão nunca termina antes das seis horas.

Brunner olhou para Pons de maneira significativa e Pons esfregou as mãos, como se dissesse: “Eis os nossos amigos, os meus amigos!”.

A presidenta, mulher hábil, encontrou alguma coisa para dizer em particular ao primo, a fim de deixar Cecília um momento a sós com seu Werther. Cecília falou muito e conseguiu que Frederico percebesse um dicionário alemão, uma gramática alemã e um Goethe que ela escondera.

— Ah! Está aprendendo alemão! — disse Brunner, corando. Só mesmo as francesas são capazes de inventar armadilhas dessa natureza.

— Oh! — disse ela. — O senhor é malvado!... Não é direito, senhor, bisbilhotar assim os meus segredos. Quero ler Goethe no original — respondeu ela. — E estou aprendendo alemão há dois anos.

— Então a gramática deve ser muito difícil de compreender, pois não há nem dez folhas abertas!... — respondeu Brunner com toda a naturalidade.

Cecília, confusa, voltou o rosto para não deixar ver seu rubor. Um alemão não resiste a tais testemunhos, tomou Cecília pela mão, fê-la voltar-se para ele completamente interdita sob seu olhar e a contemplou como os noivos se contemplam nos romances de August Lafontaine, de pudica memória.

— Você é adorável! — disse ele.

Cecília fez um gesto animado, que significava: “E você, então! Quem não amaria você?”.

— Mamãe, tudo vai bem! — foi dizer ao ouvido da mãe, que voltou acompanhada de Pons.

O aspecto de uma família durante uma reunião desse gênero não se descreve. Todos estavam satisfeitos de ver uma mãe meter a mão num bom partido para a filha. Felicitavam por palavras de duplo sentido Brunner, que fingia nada compreender, Cecília, que compreendia tudo, e a presidenta, que pedia cumprimentos. Todo o sangue de Pons lhe afluiu às orelhas e ele teve a impressão de ver todos os bicos de gás da ribalta de seu teatro quando Cecília lhe comunicou em voz baixa, com os mais engenhosos rodeios, a intenção de seu pai, relativamente a uma

renda vitalícia de mil e duzentos francos, que o velho artista recusou terminantemente, objetando com a revelação que Brunner lhe fizera de sua fortuna em objetos de arte.

O ministro, o primeiro presidente, o procurador-geral, os Popinot, todas as pessoas atarefadas saíram. Ficaram apenas o velho Camusot e Cardot, o antigo tabelião, acompanhado de seu genro Berthier. O bom homem Pons, vendo-se em família, agradeceu muito inabilmente ao presidente e à presidenta o oferecimento que Cecília acabava de fazer-lhe. As pessoas de bom coração são assim, obedecem ao primeiro impulso. Brunner, que viu nessa renda assim oferecida um prêmio pela intercessão de Pons, fez um raciocínio israelita, mudou de resolução e assumiu uma atitude que denotava a reflexão mais que fria do calculador.

— Minha coleção ou seu valor em dinheiro sempre pertencerá à sua família, quer eu a venda ao nosso amigo Brunner, quer eu a conserve comigo — dizia Pons, informando à família admirada que possuía tamanhos valores.

Brunner observou o movimento que se manifestou entre todos aqueles ignorantes em favor de um homem que passava de um estado tachado de indigência a uma fortuna, como já observara os mimos exagerados do pai e da mãe com sua Cecília, ídolo da casa, e divertiu-se, então, em provocar as surpresas e as exclamações daqueles dignos burgueses.

— Disse à senhorita que os quadros do sr. Pons valiam essa quantia para mim, mas, pelo preço que os objetos de arte únicos adquiriram, ninguém pode prever o valor que a coleção atingiria numa venda pública. Os sessenta quadros alcançariam um milhão, vários deles valem cinquenta mil francos.

— Deve ser bom ser seu herdeiro — disse o antigo tabelião a Pons.

— Mas meu herdeiro é minha prima Cecília — replicou o bom homem, insistindo no seu parentesco.

Manifestou-se um movimento de admiração pelo velho músico.

— Será uma herdeira muito rica — disse Cardot, rindo, ao sair.

Ficaram apenas Camusot pai, o presidente, a presidenta, Cecília, Brunner, Berthier e Pons, pois presumiu-se que o pedido oficial da mão de Cecília ia ser feito. Realmente, logo que essas pessoas ficaram a sós, Brunner começou por uma pergunta que pareceu de bom augúrio aos pais.

— Creio ter compreendido — disse Brunner, dirigindo-se à presidenta — que a senhorita Cecília é filha única...

— Justamente — respondeu ela, com orgulho.

— O senhor não terá dificuldades com ninguém — acrescentou o bom velho Pons, para decidir Brunner a formular o pedido.

Brunner ficou pensativo e um silêncio de morte espalhou a mais

estranha frieza. Parecia que a presidenta tivesse confessado que sua *filhinha* fosse epiléptica. O presidente, achando que a filha não devia estar presente, fez-lhe um sinal, que Cecília compreendeu. A moça retirou-se. Brunner conservou-se mudo. Trocaram-se olhares. A situação tornou-se embaraçosa. O velho Camusot, homem experiente, conduziu o alemão ao quarto da presidenta, sob o pretexto de mostrar-lhe o leque descoberto por Pons, prevendo algumas dificuldades, e pediu por um gesto ao filho, à nora e a Pons que o deixassem a sós com o noivo.

— Veja que obra-prima! — disse o antigo comerciante de sedas, mostrando o leque.

— Vale cinco mil francos — respondeu Brunner, após tê-lo examinado.

— O senhor não terá vindo — acrescentou o futuro par de França — para pedir a mão de minha neta?

— Sim, senhor — disse Brunner —, e peço-lhe que acredite que nenhum casamento pode ser mais lisonjeiro para mim do que esse. Não encontrarei uma moça mais bonita, mais amável, que mais me convenha do que a srta. Cecília, mas...

— Nada de *mas*! — disse o velho Camusot. — Ou vejamos imediatamente a tradução do seu *mas*, meu caro senhor...

— Sinto-me muito satisfeito por nenhum de nós se ter comprometido — respondeu gravemente Brunner —, pois a qualidade de filha única, tão preciosa para todos, exceto para mim, qualidade que, pode crer, eu ignorava, constitui um impedimento absoluto...

— Como assim? — perguntou o velho estupefato. — O senhor vê numa imensa vantagem um inconveniente? Sua conduta é verdadeiramente extraordinária e eu gostaria de conhecer as razões disso.

— Meu senhor — respondeu fleumaticamente o alemão —, vim cá esta noite com a intenção de pedir ao senhor presidente a mão de sua filha. Desejava proporcionar um brilhante destino à srta. Cecília, oferecendo-lhe tudo quanto ela consentisse em aceitar de minha fortuna, mas uma filha única é uma criança que a indulgência dos pais habituou a ver satisfeitas todas as vontades e que nunca conheceu uma contrariedade. Acontece aqui o mesmo que em muitas famílias, nas quais pude observar o culto que se tem por essas espécies de divindades; não só sua neta é o ídolo da casa como ainda é a senhora presidenta que aqui usa... Bem; o senhor sabe o que quero dizer! Vi o lar de meu pai transformar-se num inferno por essa causa. Minha madrasta, causa de todos os meus infortúnios, filha única, adorada, a mais encantadora das noivas, tornou-se um diabo de carne e osso. Não duvido que a srta. Cecília seja uma exceção à minha teoria, mas já não sou rapaz, tenho quarenta anos, e a diferença de nossas idades acarreta

dificuldades que não me permitem fazer feliz uma moça habituada a ver a senhora presidenta fazer todas as suas vontades e a quem a senhora presidenta escuta como a um oráculo. Com que direito eu exigiria uma alteração das ideias e dos hábitos da srta. Cecília? Em lugar de um pai e uma mãe solícitos a seus mínimos caprichos, ela encontraria o egoísmo de um homem quadragenário; e, se ela resistisse, seria o quadragenário o vencido. Agi, pois, como homem de bem. Retiro-me. Além disso, quero ser o único sacrificado; se houver necessidade de explicar por que só vim cá uma vez...

— Se esses são os seus motivos — disse o futuro par de França —, por singulares que pareçam, são plausíveis...

— Não ponha em dúvida minha sinceridade — replicou energicamente Brunner, interrompendo-o. — Se o senhor souber de uma moça pobre de uma família cheia de filhos, mas bem-educada, sem fortuna, como há muitas na França, cujo caráter me ofereça garantias, casar-me-ei com ela.

Durante o silêncio que se seguiu a essa declaração, Frederico Brunner deixou o avô de Cecília, foi cumprimentar polidamente o presidente e a presidenta e retirou-se. Diante do vivo comentário da retirada de seu Werther, Cecília apareceu pálida como uma moribunda: ouvira tudo, oculta no guarda-roupa da mãe.

— Recusada!... — disse ao ouvido da mãe.

— E por quê? — perguntou a presidenta ao sogro embaraçado.

— Sob o bonito pretexto de que as filhas únicas são crianças mimadas — respondeu o velho. — E não deixa de ter razão — acrescentou, aproveitando-se da ocasião para censurar a nora, que há vinte anos o aborrecia imensamente.

— Minha filha morrerá por causa disso! E você será o culpado!... — disse a presidenta a Pons, amparando a filha, que achou bonito justificar essas palavras, deixando-se cair nos braços da mãe.

O presidente e sua esposa deitaram Cecília num sofá, onde ela acabou de desmaiar. O avô chamou os criados.

## XXV – PONS SEPULTADO SOB O CASCALHO

— Estou percebendo a trama urdida pelo senhor — disse a mãe, furiosa, dirigindo-se a Pons.

Pons levantou-se como se tivesse ouvido ressoar nos ouvidos a trombeta do juízo final.

— O senhor — continuou a presidenta, cujos olhos pareciam duas fontes de bÍlis verde — quis responder a uma brincadeira inocente com uma injúria. Quem poderá acreditar que esse alemão esteja no seu juízo perfeito? Ou ele é cúmplice de uma vingança atroz ou está louco. Espero, sr. Pons, que, para o futuro, o senhor nos poupe o desgosto de

vê-lo numa casa sobre a qual tentou lançar a vergonha e a desonra.

Pons, transformado em estátua, tinha os olhos pregados numa rosácea do tapete e girava os polegares.

— Então! Ainda está aí, monstro de ingratidão!... — exclamou a presidenta, voltando-se. — Nunca estaremos em casa, nem o senhor presidente nem eu, se esse senhor aparecer aqui! — disse aos criados, indicando-lhes Pons. — Vá chamar o doutor, João. E você, Madalena, traga água de chifre-de-veado!

Para a presidenta, as razões alegadas por Brunner não eram mais que o pretexto sob o qual escondia outros motivos secretos. Mas, com isso, a ruptura do casamento só se tornava ainda mais certa. Com essa rapidez de raciocínio que distingue as mulheres nas circunstâncias graves, a sra. de Marville encontrara a única maneira de reparar esse revés atribuindo a Pons uma vingança premeditada. Essa concepção infernal a respeito de Pons satisfazia a honra da família. Fiel a seu ódio contra Pons, fizera de uma simples suspeita de mulher um fato real. As mulheres têm, em geral, uma fé particular, uma moral própria, acreditam no acerto de tudo quanto serve a seus interesses e a suas paixões. A presidenta foi muito mais longe, persuadiu o presidente, durante toda a noite, de sua própria convicção e, no dia seguinte, o magistrado estava convencido da culpabilidade do primo. Todos acharão horrível a conduta da presidenta; mas, em idêntica circunstância, qualquer mãe imitará a sra. Camusot, preferirá sacrificar a honra de um estranho a sacrificar a da filha. Os meios poderão mudar, mas o fim será sempre o mesmo.

O músico desceu rapidamente a escada; mas, ao chegar aos bulevares, dirigiu-se a passos lentos para o teatro, onde entrou maquinalmente; subiu maquinalmente ao púlpito e maquinalmente dirigiu a orquestra. Durante os entreatos, respondeu tão vagamente às perguntas de Schmucke que este dissimulou sua preocupação, pensou que Pons tivesse enlouquecido. Numa natureza infantil como a de Pons, o recente episódio assumia as proporções de uma catástrofe... Despertar um ódio terrível ao pretender levar a felicidade a uma família representava a ruína completa da existência. Percebera, além disso, nos olhos, no gesto, na voz da presidenta, uma inimizade mortal.

No dia seguinte, a sra. Camusot de Marville tomou uma grande decisão, exigida, aliás, pelas circunstâncias, e que o presidente subscreveu. Ficou resolvido dar em dote, a Cecília, a propriedade de Marville, o palácio da Rue de Hanovre e cem mil francos. Pela manhã, a presidenta foi visitar a condessa Popinot, compreendendo que era necessário responder àquele desastre com um casamento realizado. Narrou a pavorosa vingança e a terrível mistificação preparadas por Pons. Tudo pareceu verossímil quando foi revelado que o pretexto da ruptura fora a condição de filha única. Por fim, a presidenta exaltou,

com grande arte, a vantagem de se chamar Popinot de Marville e a enormidade do dote. Pelo preço que valem os bens na Normandia a dois por cento, aquele imóvel representava cerca de novecentos mil francos e o palácio da Rue de Hanovre era estimado em duzentos e cinquenta mil francos. Nenhuma família razoável podia recusar tal casamento; por isso, o conde Popinot e sua esposa o aceitaram; e, como pessoas interessadas na honra da família na qual iam ingressar, prometeram seu concurso para explicar a catástrofe ocorrida na véspera.

Ora, justamente na casa do velho Camusot, avô de Cecília, diante das mesmas pessoas que lá se encontravam alguns dias antes e às quais a presidenta havia entoado suas litâneas-Brunner, a mesma presidenta, a quem todos temiam tocar no assunto, antecipou-se corajosamente a dar explicações.

— É uma coisa muito certa — dizia ela — que, atualmente, todas as precauções são poucas, quando se trata de casamento e, principalmente, quando se tem de lidar com estrangeiros.

— E por que, senhora?

— Que foi que lhe aconteceu? — perguntou a sra. Chiffreville.

— Então ainda não conhecem nossa aventura com esse tal de Brunner, que teve a audácia de aspirar à mão de Cecília?... Pois ele é filho de um taberneiro alemão e sobrinho de um vendedor de peles de coelho.

— Será possível? A senhora, tão esperta!... — disse uma senhora.

— Esses aventureiros são tão astutos! Mas viemos a saber tudo por Berthier. Esse alemão é amigo de um pobre-diabo que toca flauta! Está ligado a um homem que mantém uma casa de cômodos à Rue du Mail, a alfaiates... Soubemos que ele tem levado a vida mais crapulosa, e nenhuma fortuna seria suficiente a um patife que já consumiu a da mãe...

— A senhorita sua filha teria sido bem infeliz!... — disse a sra. Berthier.

— E como conseguiu ele ser apresentado em sua casa? — perguntou a velha sra. Lebas.

— Foi uma vingança do sr. Pons; ele nos apresentou esse belo homem para atirar-nos ao ridículo... Esse Brunner, nome que quer dizer “fonte” (diziam-nos que era um fidalgo), é um homem de saúde precária, calvo, com os dentes estragados; assim, bastou-me vê-lo uma vez para desconfiar dele.

— Mas e aquela grande fortuna de que a senhora me falou? — perguntou timidamente uma jovem senhora.

— A fortuna não é tão grande como dizem. Os alfaiates, o hoteleiro e ele raspam os cofres para fundar uma casa bancária... Que é um banco, atualmente, quando se começa a vida? É um passaporte para a miséria. Uma mulher vai se deitar milionária e, ao levantar-se, pode

estar reduzida a nada. Desde a primeira palavra, à primeira vista, tivemos nossa opinião formada a respeito desse homem, que não conhece nada dos nossos costumes. Pelas suas luvas, pelo seu colete, vê-se logo que é um operário, filho de um taberneiro alemão, sem nobreza nos sentimentos, um bebedor de cerveja, e que fuma!... Ah! Senhora! Vinte e cinco cachimbos por dia. Que vida teria sido a da minha pobre Lili! Ainda agora estremeço ao pensar nisso. Deus nos salvou! Cecília, aliás, não gostava dele... Podíamos esperar semelhante mistificação de um parente, de um frequentador de nossa casa, que janta conosco duas vezes por semana há vinte anos? Que cumulos de favores, que representou tão bem a comédia, que nomeou Cecília sua herdeira diante do ministro da Justiça, do procurador-geral, do primeiro-presidente... Esse Brunner e o sr. Pons teriam combinado atribuir-lhe reciprocamente milhões? Não, garanto que qualquer uma das senhoras todas teria caído nesse logro de artista!

Em algumas semanas, as famílias reunidas dos Popinot, dos Camusot e seus partidários haviam alcançado na sociedade um fácil triunfo, pois lá ninguém tomou a defesa do miserável Pons, do parasita, do fingido, do avarento, do falso cavalheiro sepultado sob o desprezo, considerado uma víbora mimada no seio das famílias, um homem de rara perversidade, um perigoso saltimbanco que se devia esquecer.

## XXVI – O ÚLTIMO GOLPE

Cerca de um mês após a recusa do falso Werther, o pobre Pons, que saíra pela primeira vez do leito, onde permanecera acometido de uma febre nervosa, andava passeando ao longo dos bulevares, tomando sol, apoiado ao braço de Schmucke. No Boulevard du Temple, ninguém mais ria dos dois quebra-nozes, devido ao aspecto de destruição de um e da comovedora solicitude do outro para com seu amigo convalescente. Ao chegarem ao Boulevard Poissonnière, Pons readquirira as cores, respirando aquela atmosfera dos bulevares, onde o ar tem tanta força, pois onde se comprime a multidão, o fluido é tão vital que, em Roma, observaram a ausência de *mala aria* (malária) no infecto Gueto onde pululam os judeus. É possível, também, que aquilo que ele antigamente gostava de ver todos os dias, o grande espetáculo de Paris, agisse sobre o doente. Diante do Théâtre des Variétés, Pons deixou Schmucke, pois caminhavam um ao lado do outro, mas, de vez em quando, o convalescente se afastava do amigo para examinar as novidades recentemente expostas nas lojas. Nessa ocasião, deu de cara com Popinot, a quem cumprimentou da maneira mais respeitosa, pois o antigo ministro era um dos homens que Pons mais estimava e venerava.

— Ah! Senhor — respondeu severamente o par de França —, não



compreendo como é que teve a falta de tato de cumprimentar uma pessoa aliada à família que o senhor tentou cobrir de vergonha e de ridículo por meio de uma vingança como só os artistas sabem inventar... Fique sabendo, senhor, que a partir de hoje devemos ser completamente estranhos um ao outro. A condessa Popinot participa da indignação que sua conduta na casa de Marville inspirou a toda a sociedade.

O antigo ministro continuou seu caminho, deixando Pons fulminado. As paixões, a justiça, a política e as grandes forças sociais nunca consultam o estado de saúde da pessoa a quem ferem. O homem de Estado, levado, pelo interesse da família, a esmagar Pons, nem se apercebeu da debilidade física daquele temível inimigo.

— *Que tens, meu bom amigo?* — exclamou Schmucke, ficando tão pálido como Pons.

— Acabo de receber uma nova punhalada no coração — respondeu o bom velho, apoiando-se sobre o braço de Schmucke. — Creio que o bom Deus é o único que tem o direito de praticar o bem e é por isso que todos os que se metem na sua tarefa são tão cruelmente punidos.

Esse sarcasmo de artista representou um supremo esforço da excelente criatura que quis dissipar o medo estampado no rosto do amigo.

— *Tampém penzo assim* — respondeu simplesmente Schmucke.

Pons, a quem nem os Camusot nem os Popinot haviam enviado participação do casamento de Cecília, achou tudo isso completamente inexplicável. No Boulevard des Italiens, Pons viu caminhando na sua direção o sr. Cardot. Advertido pela alocação do par de França, Pons evitou deter essa personagem, em cuja casa, num ano atrás, ele jantava uma vez em cada quinzena. Contentou-se em cumprimentá-lo; mas o *maire*, o deputado de Paris, olhou para Pons com uma expressão indignada, sem retribuir-lhe o cumprimento.

— Vai perguntar-lhe que é que têm todos contra mim — disse o velho a Schmucke, que conhecia em todos os detalhes a catástrofe que desabara sobre Pons.

— *Zinior* — disse delicadamente Schmucke a Cardot —, *meu amigo Pons esteve muito toente e com certeza o zinior non o reconieceu.*

— Perfeitamente.

— *Mas que é que o zinior tem a zenzurar-lie?*

— Seu amigo é um monstro de ingratidão, um homem que, se ainda está vivo, é porque, como diz o provérbio, vaso ruim não quebra. A sociedade tem razão de sobra para desconfiar dos artistas, pois eles são perversos e maus como macacos. Seu amigo tentou desonrar a própria família, comprometer a reputação de uma moça para se vingar de uma brincadeira inocente; não quero mais ter a mínima relação com ele; procurei esquecer-me de que o conheci, de que ele existe. Estes

sentimentos, senhor, são os de todas as pessoas de minha família, da família dele e das pessoas que davam ao sr. Pons a honra de recebê-lo...

— *Mas o ziniór é uma pessoa razoável; e ze me permite ecsplíc-lie o que houve...*

— Pode ficar convencido de que seu amigo está inocente, se isso lhe apraz — replicou Cardot. — Mas não vá mais longe, pois me sinto no dever de preveni-lo de que incluirei na mesma reprovação todos os que tentarem desculpá-lo, defendê-lo.

— *E de chustificá-lo?*

— Sim, pois sua conduta é injustificável, do mesmo modo que é inqualificável. — Dita essa bela frase, o deputado do Seine continuou seu caminho, sem querer ouvir uma sílaba a mais.

— Já tenho os dois poderes do Estado contra mim — disse sorrindo o pobre Pons, apenas Schmucke terminara de repetir-lhe essas selvagens imprecizações.

— *Tuto é contre nós* — replicou dolorosamente Schmucke. — *Famos empora, para non encontrar mais itiotas.*

Era a primeira vez em sua vida, verdadeiramente ovina, que Schmucke proferia tais palavras. Sua mansuetude quase divina jamais fora perturbada, ele teria sorrido naturalmente a todas as desgraças que lhe tivessem acontecido; mas, ao ver maltratar seu sublime Pons, esse Aristides<sup>[122]</sup> ignorado, esse gênio resignado, essa alma sem fel, esse tesouro de bondade, esse ouro puro!, experimentava a indignação de Alceste,<sup>[123]</sup> chamava os anfitriões de Pons de *idiotas*! Naquela natureza mansa, tal ímpeto equivalia a todas as fúrias de Orlando.<sup>[124]</sup> Por uma sábia precaução, Schmucke fez Pons voltar para o Boulevard du Temple; e Pons se deixou levar, pois o enfermo estava na situação desses lutadores que já não contam mais os golpes. O acaso quis que nada fosse poupado neste mundo ao pobre músico. A avalanche que desabava sobre ele devia conter tudo: a Câmara dos Pares, a Câmara dos Deputados, a família, os estranhos, os fortes, os fracos, os inocentes!

No Boulevard Poissonnière, ao voltar para casa, Pons viu a filha daquele mesmo sr. Cardot, uma jovem senhora que já havia sofrido o bastante para ser indulgente. Culpada de uma falta conservada em segredo, tornara-se escrava do marido. De todas as donas das casas nas quais jantava, a sra. Berthier era a única que Pons chamava pelo primeiro nome; dizia-lhe: “Felícia!” e às vezes tinha a impressão de ser compreendido por ela. Essa doce criatura pareceu contrariada de encontrar-se com o primo Pons — pois, a despeito da ausência de qualquer parentesco com a família da segunda mulher de seu primo, o velho Camusot, ele era tratado por primo —, mas, não podendo evitá-lo, Felícia Berthier deteve-se diante do moribundo.

— Não o julgava tão mau, primo; mas, se a quarta parte de tudo quanto tenho ouvido dizer do senhor é verdade, o senhor é um homem

muito falso. Oh! Não se desculpe! — acrescentou ela energicamente, ao ver Pons fazer um gesto. — Isso é inútil, por duas razões: a primeira é que eu não tenho o direito de acusar nem de julgar nem de condenar ninguém, já que sei, por mim, que mesmo os que parecem mais culpados podem apresentar desculpas; e a segunda é que seus argumentos não serviriam para nada. O sr. Berthier, que fez o contrato da srta. de Marville e do visconde Popinot, está tão indignado com o senhor que, se viesse a saber que eu lhe disse uma única palavra, que eu falei com o senhor pela última vez, me repreenderia. Todos estão contra o senhor.

— Bem o vejo, senhora! — respondeu com a voz comovida o pobre músico, cumprimentando respeitosamente a esposa do tabelião.

E retomou penosamente o caminho da Rue de Normandie, apoiando-se pesadamente ao braço de Schmucke, revelando, assim, ao velho alemão, um desfalecimento físico corajosamente combatido. Esse terceiro encontro foi como o veredicto pronunciado pelo cordeiro que repousa aos pés de Deus. A cólera desse anjo dos pobres, o símbolo dos povos, é a última palavra do céu. Os dois amigos chegaram a casa sem ter trocado uma única palavra. Em certas circunstâncias da vida, não se pode fazer mais do que sentir o amigo a seu lado. A consolação falada reaviva a ferida, revela sua profundidade. O velho pianista, como se vê, possuía o gênio da amizade, a delicadeza dos que, tendo sofrido muito, conhecem os costumes do sofrimento.

Esse passeio devia ser o último do bom Pons. O enfermo passou de uma doença para outra. Como era de temperamento sanguíneo-bilioso, a bília passou para o sangue e ele foi acometido de uma violenta hepatite. Como essas duas doenças sucessivas eram as únicas que já tinha tido, ele não conhecia médico; e, com uma intenção excelente em princípio, e maternal, mesmo, a sensível e dedicada sra. Cibot chamou o médico do bairro.

## XXVII – O DESGOSTO TRANSFORMADO EM ICTERÍCIA

Em Paris, em cada bairro existe um médico cujo nome e cuja residência só são conhecidos da classe inferior, dos pequeno-burgueses, dos porteiros, e que, conseqüentemente, se chama o *médico do bairro*. Esse médico, que faz os partos e as sangrias, é na medicina o que, nos *Pequenos Anúncios*, é o *criado para todo serviço*. Obrigado a ser bondoso para os pobres e muito experiente devido à sua longa prática, ele é geralmente estimado. O dr. Poulain, chamado para ver o doente pela sra. Cibot, e reconhecido por Schmucke, ouviu, sem prestar-lhes a mínima atenção, as queixas do velho músico que, durante toda a noite, esteve coçando a pele, que se tornara completamente insensível. O aspecto dos olhos, circundados de amarelo, estava de acordo com esse

sintoma.

— O senhor teve, há uns dois dias, um violento pesar? — perguntou o médico ao doente.

— Ah! Sim — respondeu Pons.

— O senhor tem a mesma doença que quase acometeu o seu amigo — disse ele, indicando Schmucke —, a icterícia, mas não há de ser nada — acrescentou o dr. Poulain, passando uma receita.

Apesar dessa última frase tão consoladora, o doutor lançara ao doente um desses olhares hipocráticos nos quais a sentença de morte, embora oculta sob uma comiseração habitual, é sempre descoberta por olhos interessados em saber a verdade. Assim, a sra. Cibot, que mergulhou nos olhos do doutor um olhar de espião, não se deixou iludir pela inflexão da frase médica nem pela fisionomia hipócrita do dr. Poulain e o acompanhou até a porta.

— Acha mesmo que não há de ser nada? — disse a sra. Cibot ao doutor, no patamar.

— Minha prezada sra. Cibot, seu hóspede é um homem morto, não pela invasão da bÍlis no sangue, mas por causa de sua fraqueza moral. Com muitos cuidados, entretanto, seu doente ainda pode escapar, mas seria preciso tirá-lo daqui, levá-lo a viajar...

— Mas com quê?... — disse a zeladora. — Ele não tem mais que o emprego, e seu n' amigo vive de uns pequenos rendimentos que lhe dão algumas senhoras às quais, a n' acreditar no que ele diz, teria prestado serviços, umas senhoras muito caridosas. São duas crianças de quem estou cuidando há nove anos.

— Passo a vida inteira a ver pessoas morrerem, não de suas doenças, mas desse grande e incurável ferimento, a falta de dinheiro. Em inúmeras mansardas, vejo-me obrigado a deixar cem *sous* em cima da lareira em vez de cobrar minha visita!...

— Pobre sr. Poulain... — disse a sra. Cibot. — Ah! Se n' o senhor tivesse n' os cem mil francos de renda que possuem certos sovinas do bairro, que são verdadeiros diabos saídos dos infernos, n' o senhor seria n' o representante do bom Deus na terra.

O médico, que, graças à estima dos senhores porteiros do distrito, conseguira fazer uma pequena clientela que mal chegava para suas necessidades, ergueu os olhos para o céu e agradeceu à sra. Cibot com uma careta digna de Tartufo.<sup>[125]</sup>

— Quer dizer, n' então, meu caro sr. Poulain, que, com muitos cuidados, nosso querido doente poderia escapar?

— Sim, se não estiver demasiadamente ferido no moral pelo pesar que sofreu.

— Pobre homem! Quem n' o terá magoado? É um homem direito, e só tem um n' igual no mundo, que é o seu n' amigo Schmucke!... Vou saber de n' onde é que ele veio! E eu é que me encarregarei de passar um

sabão nos que judiaram do meu senhor...

— Escute, prezada sra. Cibot — disse o médico, já no limiar do portão —, uma das principais características da doença de seu hóspede é uma constante impaciência a propósito das menores coisas, e, como não é provável que ele possa tomar uma enfermeira, a senhora é que terá de cuidar dele.

— *É do chinhor Ponche que echtão falando?* — perguntou o belchior, que fumava um cachimbo.

E chegou à porta para entrar na conversa da porteira com o médico.

— *Sim*, papá Rémonencq! — respondeu a sra. Cibot ao auvernês.

— *Poich bem! Ele é maïch rico que o chinhor Monichtrolle e que oïch chinhorech da curiochidade... Entendo bachtante de obchetoch de artech para dizer-lhe chque eche homem tem techouroch!*

— Pois olhe, pensei que o senhor estivesse zombando de mim, no n'outro dia, quando lhe mostrei todas aquelas antiguidades n'enquanto os senhores tinham saído — disse a sra. Cibot a Rémonencq.

Em Paris, onde as calçadas têm ouvidos, onde as portas têm língua, onde as grades das janelas têm olhos, nada é mais perigoso do que conversar diante dos portões. As últimas palavras que lá se pronunciam e que são, para uma palestra, o que um pós-escrito é para uma carta, encerram indiscrições tão perigosas para os que deixam ouvi-las como para os que as ouvem. Um exemplo será suficiente para corroborar o que esta história apresenta.

## **XXVIII – O DINHEIRO É UMA QUIMERA<sup>[126]</sup> (PALAVRAS DO SR. SCRIBE, MÚSICA DE MEYERBEER, CENÁRIOS DE RÉMONENCQ)**

Um dia, um dos primeiros cabeleireiros do tempo do Império, época em que os homens cuidavam muito mais do cabelo, saía de uma casa onde fora pentear uma bela senhora e onde possuía a clientela de todos os ricos moradores. Entre estes, florescia um solteirão equipado de uma governanta que detestava os herdeiros do patrão. O referido solteirão, gravemente enfermo, acabava de se submeter a uma consulta aos mais famosos médicos, que então ainda não se chamavam *os príncipes* da ciência. Saindo, por acaso, na mesma ocasião que o cabeleireiro, os médicos, ao se despedirem diante do portão, falavam, com a ciência e a verdade na mão, como falam entre si depois de representarem a farsa da consulta. “É um homem morto”, disse o dr. Haudry. “Não tem um mês de vida...”, acrescentou Desplein,<sup>[127]</sup> “a menos que aconteça um milagre.” O cabeleireiro ouviu essas palavras. Como todos os cabeleireiros, este mantinha relações com os criados. Impelido por uma ambição monstruosa, sobe imediatamente à casa do referido solteirão e promete à governanta uma belíssima recompensa se ela decidir o patrão a empregar uma parte da fortuna em rendas vitalícias.

Entre os bens do solteirão moribundo, que tinha, aliás, cinquenta e seis anos, que deviam ser contados em dobro por causa de suas campanhas amorosas, havia uma casa magnífica, situada à Rue Richelieu e que então valia duzentos e cinquenta mil francos. Essa casa, alvo da cobiça do cabeleireiro, foi-lhe vendida mediante uma renda vitalícia de trinta mil francos. Isso ocorreu em 1806. Esse cabeleireiro aposentado, hoje septuagenário, em 1846 ainda está pagando essa renda. Como o referido solteirão tem agora noventa e seis anos, ainda está na infância e se casou, com a sua sra. Évrard,<sup>[128]</sup> ainda pode ir muito longe. Como o cabeleireiro deu uns trinta mil francos à governanta, o imóvel já lhe custa mais de um milhão; é verdade que vale, atualmente, uns oitocentos ou novecentos mil francos.

A exemplo desse cabeleireiro, o auvernês escutara as últimas palavras de Brunner a Pons, à porta, no dia do encontro do noivo-fênix com Cecília e desde então desejara penetrar no museu de Pons. Rémonencq, que vivia em boa harmonia com os Cibot, foi logo introduzido no apartamento dos dois amigos, na ausência destes. Deslumbrado com tamanha riqueza, Rémonencq viu ali *uma galinha morta*, o que, na gíria dos negociantes, quer dizer um roubo a praticar, e há cinco ou seis dias vinha pensando nisso.

— *Cochtumo falar muito pouco* — respondeu ele à sra. Cibot e ao dr. Poulain. — *Che eche chenhor quijer uma renda vitalíchia de chinquenta mil francoch, dou à chenhora uma pipa de vinho da rechião que a chenhora me...*

— Tem certeza do que está dizendo? — observou o médico a Rémonencq. — Cinquenta mil francos de renda vitalícia?... Mas, se o velho é tão rico assim, tratado por mim e cuidado pela sra. Cibot pode curar-se... Pois as doenças do fígado são consequências dos temperamentos muito fortes...

— *Eu diche chinquenta? Ora, um chenhor, diante da chua porta, lhe propoch chem mil francoch chomente peloch quadroch!*

Ao ouvir essa declaração de Rémonencq, a sra. Cibot olhou para o doutor com uma expressão estranha. O diabo fazia arder um fogo sinistro nos seus olhos alaranjados.

— Ora! Não demos ouvidos a tais lorotas — replicou o médico, muito satisfeito de saber que o cliente poderia pagar-lhe todas as visitas que ia fazer-lhe.

— *Chenhor doutor, che a minha prejada chenhora Chibot, já que o patrão echta de cama, me deichar chamar meu perito, tenho a cherteja de concheguir o dinheiro em duach horach, mechmo que che tratache de chetechentoch mil francoch...*

— Está bem, meu amigo! — respondeu o doutor. — Bem, sra. Cibot, tenha o cuidado de nunca contrariar o doente; a senhora precisa armar-se de paciência, pois tudo há de irritá-lo, fatigá-lo, mesmo suas atenções

com ele; prepare-se para ver que ele não achará nada bem-feito.

— Isso será muito difícil — disse a porteira.

— Preste toda a atenção — acrescentou o médico, com autoridade.

— A vida do sr. Pons está nas mãos dos que cuidarão dele; talvez eu tenha de vir vê-lo duas vezes por dia. Começarei minhas visitas por ele...

O médico passara subitamente da profunda despreocupação que tinha pela sorte dos seus doentes pobres à mais terna solicitude, reconhecendo, pela seriedade do especulador, a possibilidade da existência daquela fortuna.

— Ele será tratado como n'um rei! — respondeu a sra. Cibot com um entusiasmo forçado.

A porteira esperou que o médico tivesse dobrado a Rue Charlot a fim de reatar a conversa com Rémonencq. O belchior estava acabando de fumar seu cachimbo, com as costas apoiadas à ombreira da porta. Não fora sem intenção que adotara essa posição, pois queria que a porteira fosse falar com ele.

O bazar, outrora ocupado por um café, permanecia nas mesmas condições em que o auvernês o encontrara ao alugá-lo. Ainda se lia CAFÉ DE NORMANDIE na longa tabuleta que encima as vitrines de todas as lojas modernas. O auvernês mandara pintar, gratuitamente, sem dúvida, a pincel e com tinta preta, por algum aprendiz de pintor de paredes, no espaço que havia abaixo de CAFÉ DE NORMANDIE, estas palavras: *Rémonencq, belchior, compra mercadorias de ocasião*. Naturalmente, os espelhos, as mesas, os bancos, as prateleiras, todo o mobiliário do Café de Normandie fora vendido. Rémonencq alugara por seiscentos francos a sala vazia, o depósito, a cozinha e um quarto único no entressolo, onde antigamente dormia o chefe dos garçons do café, pois o apartamento pertencente ao Café de Normandie fora comprado numa outra locação. Do antigo luxo ostentado pelo botequineiro, não restava mais que um papel verde-claro liso na sala e as grossas barras de ferro da frente com suas cavilhas.

## XXIX – ICONOGRAFIA DO GÊNERO BELCHIOR

Instalando-se ali em 1831, após a Revolução de Julho, Rémonencq começou expondo campainhas quebradas, pratos rachados, ferro-velho, balanças fora de uso, antigos pesos rejeitados pela lei sobre as novas medidas que só o Estado não executa, pois deixa em circulação as moedas de um e dois *sous* que datam do reinado de Luís XVI. Mais tarde, o auvernês, da força de cinco auverneses, comprou baterias de cozinha, velhas molduras, cobres antigos, porcelanas lascadas. Insensivelmente, à força de se encher e se esvaziar, o bazar adquiriu certa semelhança com as farsas de Nicolet.<sup>[129]</sup> A natureza das mercadorias melhorou. O belchior seguiu essa prodigiosa e segura

técnica de ir sempre dobrando as paradas e cujos resultados só são percebidos pelos olhos dos ociosos suficientemente filósofos para estudar a progressão crescente dos valores que guarnecem essas inteligentes lojas. Às latas, aos candeeiros e aos cacos sucedem as molduras e os cobres. Depois, vêm as porcelanas. Aos poucos o bazar passa a museu. Um dia, finalmente, a empoeirada vidraça se limpa, o interior se restaura, o auvernês abandona os trajes típicos de veludo, enverga uma sobrecasaca! E aparece-nos como um dragão guardando seu tesouro; cerca-se de obras-primas, torna-se conhecedor perspicaz, decuplica o capital e não se deixa mais apanhar em nenhum logro, conhece todos os segredos do ofício. O monstro está lá, como uma velha no meio de vinte moças que oferece ao público. A beleza, os milagres da arte são indiferentes a esse homem ao mesmo tempo delicado e grosseiro, que calcula bem seus lucros e trata rudemente os ignorantes. Transformado em comediante, simula afeição às suas telas, a seus móveis, ou finge aborrecimento, fantasia os preços de compra e prontifica-se a mostrar as faturas de venda. É um Proteu: é, ao mesmo tempo, Jocrisse, Janot, Cauda-Vermelha ou Mondor ou Harpagão ou Nicodemo.<sup>[130]</sup>

A partir do terceiro ano, começaram a aparecer, na casa de Rémonencq, belíssimos pêndulos, armas, velhas telas; e, durante suas ausências, deixava a loja aos cuidados de uma mulher gorda muito feia, sua irmã, que, a seu chamado, viera a pé da terra natal. A Rémonencq, espécie de idiota de olhar vago e vestida como um ídolo japonês, não baixava um centimo nos preços fixados pelo irmão; ocupava-se, além disso, dos cuidados da casa e resolvia o problema aparentemente insolúvel de viver da neblina do Sena. Rémonencq e a irmã alimentavam-se de pão e arenques, de cascas, de aparas de legumes recolhidas nos montes de lixo que os restaurantes deixam à porta. Os dois juntos não gastavam, incluído o pão, doze *sous* por dia, que Rémonencq tratava de ganhar com trabalhos de costura e fiação. Esse começo do negócio de Rémonencq, que viera para Paris a fim de trabalhar como mensageiro e que, de 1825 a 1831, levou os recados dos negociantes de curiosidades do Boulevard Beaumarchais e dos artífices de objetos de cobre da Rue de Lappe, é a história normal de muitos comerciantes de curiosidades. Os judeus, os normandos, os auvernheses e os saboianos, essas quatro raças de homens têm os mesmos instintos, enriquecem pelos mesmos meios. Nada gastar, ganhar pequenos lucros e acumular juros e lucros, tal é seu Código. E esse Código é uma realidade.

Nessa época, Rémonencq, reconciliado com seu antigo patrão Monistrol, e mantendo negócios com fortes comerciantes, ia *regatear* nos subúrbios de Paris, que, como se sabe, representam uma superfície de quarenta léguas de raio. Após catorze anos de prática, achava-se à



frente de uma fortuna de sessenta mil francos e de um bazar bem sortido. Sem freguesia à Rue de Normandie, onde a modicidade do aluguel o retinha, vendia suas mercadorias aos comerciantes, contentando-se com um lucro moderado. Fazia todos os negócios no dialeto de Auvergne, dito *charabia*. Esse homem acariciava um sonho! Desejava estabelecer-se nos bulevares. Queria tornar-se um rico comerciante de curiosidades e tratar, um dia, diretamente com os colecionadores. Havia nele, aliás, um negociante temível. Conservava no rosto um induto poeirento produzido pela limalha de ferro e colocado pelo suor, pois ele mesmo fazia todo o serviço, o que tornava sua fisionomia tanto mais impenetrável porque o hábito do labor físico o dotara da estoica impassibilidade dos velhos soldados de 1799. Fisicamente, Rémonencq era um homem baixo e magro, cujos olhinhos, dispostos como os dos porcos, apresentavam na íris de um azul frio a avidez concentrada, a sagacidade manhosa dos judeus, com exceção de sua aparente humildade aliada ao profundo desprezo que têm pelos cristãos.

As relações entre os Cibot e os Rémonencq eram as de benfeitor e favorecido. A sra. Cibot, convencida da imensa pobreza dos auvernheses, vendia-lhes a preços fabulosos os restos de Schmucke e de Cibot. Os Rémonencq pagavam-lhe dois cêntimos e meio por uma libra de cascas secas e migalhas de pão e um cêntimo e meio por uma tigela de batatas, e assim por diante. O astuto Rémonencq fazia-se passar por um homem que não realizava negócios por conta própria. Apresentava-se sempre como representante de Monistrol e dizia-se explorado pelos comerciantes ricos; por isso, os Cibot lamentavam sinceramente os Rémonencq. Em onze anos o auvernhês ainda não conseguira gastar a blusa de veludo, as calças de veludo e o colete de veludo que usava; mas essas três peças do vestuário típico dos auvernheses estavam crivadas de remendos, colocados gratuitamente pela Cibot. Como se vê, nem todos os judeus estão na terra de Israel.

— Não n'está brincando comigo, Rémonencq? — disse a porteira. — Pode o sr. Pons ter tamanha fortuna e levar n'a vida que leva? Não tem nem cem francos em casa!...

— *Och colechionadorech chão todoch achim* — respondeu sentenciosamente Rémonencq.

— N'então n'acredita, realmente, que n'o senhor tem n'uns setecentos mil francos?...

— *Ichó chá em quadroch... há um que vale chinquenta mil francoch, que eu concheguiria de qualquer maneira, mechmo que me rebentache. A chenhora chabe, aquelach moldurachinhach de cobre echmaltado, cheiach de veludo vermelho, onde echtão os retratoch... Poich bem, aquilo é de echmalte de Petitotte, que o chenhor minichtro do governo, um antigo droguichta, paga a mil echcudoch cada pecha...*

— E ele tem trinta n'ém cada moldura! — disse a porteira, cujos olhos se dilataram.

— *Poi'ch então! Calcule cheu techouro!*

A sra. Cibot, acometida de vertigem, mudou de opinião. Concebeu imediatamente a ideia de se fazer incluir no testamento do velho Pons, a exemplo de todas as governantas cujas *rendas vitalícias* haviam excitado tantas ambições no bairro do Marais. E já se via, em pensamento, morando numa aldeia nos arredores de Paris, numa casa de campo onde cuidaria da criação e do jardim e acabaria seus dias servida como uma rainha, assim como seu pobre Cibot, que tanto merecia a felicidade, como todos os anjos esquecidos, incompreendidos.

No gesto brusco e espontâneo da porteira, Rémonencq previu a certeza de uma vitória. No ofício de regateador (tal é o nome dos compradores de objetos de ocasião, do verbo *regatear*, ir à procura dos objetos de ocasião e fechar bons negócios com os proprietários ignorantes); nesse ofício, toda a dificuldade consiste em introduzir-se nas casas. Ninguém imagina as manhas à Scapin, os rodeios à Sganarelle e as seduções à Dorina<sup>[131]</sup> que os regateadores inventam para entrar nas casas burguesas. São comédias dignas do teatro e sempre baseadas, como esta, na rapacidade dos criados. Os criados, principalmente no campo ou nas províncias, por trinta francos em dinheiro ou em mercadorias, encaminham negócios nos quais o regateador consegue lucros de mil a dois mil francos. Há por exemplo um serviço de Sèvres antigo, de porcelana mole, cuja aquisição, se fosse narrada, mostraria todas as manhas diplomáticas do congresso de Munster, toda a inteligência empregada em Nijmegen, em Utrecht, em Riswick, em Viena,<sup>[132]</sup> ultrapassadas pelos regateadores, cuja farsa é muito mais franca que a dos negociadores. Os regateadores têm meios de ação que mergulham tão profundamente no abismo dos interesses pessoais como os que os embaixadores tanto se esforçam por encontrar para provocar a ruptura das alianças mais sólidas.

— *Abri och olhoch da Chibot* — disse o irmão à irmã, ao vê-la voltar para seu lugar numa cadeira desempalhada. — *E agora vou conchultar a única pechoa que entende dicho, nocho chudeu, um bom chudeu que noch tem emprechtado dinheiro a quinche por chento apenach!*

Rémonencq lera no coração da Cibot. Nas mulheres desse temperamento, querer é agir; não recuam diante de nenhum meio para chegar ao triunfo: passam, num instante, da mais completa probidade à mais grave perversidade. A probidade, como, aliás, todos os nossos sentimentos, devia ser dividida em duas probidades: uma probidade negativa e uma probidade positiva. A probidade negativa seria a dos Cibot, a dos que são probos enquanto não se lhes oferece uma ocasião de enriquecer. A probidade positiva seria aquela que fica atolada na

tentação até os joelhos sem sucumbir, como a dos encarregados dos recebimentos.

Uma infinidade de más intenções jorrou no cérebro e no coração da porteira através da comporta da ambição aberta pelas diabólicas palavras do belchior. A Cibot subiu, ou, para ser exato, voou do seu cubículo ao apartamento dos dois senhores e apareceu, com a fisionomia mascarada de ternura, à porta do quarto onde gemiam Pons e Schmucke. Ao ver entrar a mulher, Schmucke fez-lhe um sinal para que não dissesse uma só palavra da verdadeira opinião do doutor na presença do enfermo, pois o amigo, o sublime alemão, lera nos olhos do médico; e ela lhe respondeu com um outro sinal de cabeça que exprimiu um profundo pesar...

— Então, meu caro senhor, como n'está? — perguntou a Cibot.

A porteira plantou-se ao pé da cama com as mãos nas cadeiras e os olhos amorosamente fixos no doente e que lantejoulas de ouro brotavam desses olhos! Para um observador, isso teria sido terrível como um olhar de tigre.

— Ora! Nada mal! — respondeu o pobre Pons. — Não tenho o mínimo apetite. Ah! A sociedade! A sociedade! — exclamou, comprimindo a mão de Schmucke, que, sentado à cabeceira do leito, segurava a mão de Pons, e com quem, certamente, o enfermo falava das causas de sua doença. — Eu teria feito muito melhor, meu bom Schmucke, seguindo teus conselhos! Jantar aqui todos os dias desde que viemos morar juntos! Renunciar a essa sociedade que rola sobre mim como uma carroça sobre um ovo, e por quê?...

— Ora, ora, meu bom senhor, nada de queixas — disse a sra. Cibot —; n'o doutor me disse n'a verdade...

Schmucke puxou a porteira pelo vestido.

— Ei! O senhor pode curar-se, desde que tenha muitos cuidados... Fique descansado, n'o senhor tem n'em sua companhia n'um bom n'amigo, e, sem querer me gabar, uma mulher que cuidará do senhor como n'uma mãe cuida do primeiro filho. Já salvei o Cibot de n'uma doença quando o sr. Poulain já n'o havia desenganado e já lhe havia n'atirado, como se diz, n'o lenço n'em cima do nariz e ele tinha sido n'abandonado como morto... Pois bem, n'o senhor, que não chegou a esse ponto, graças n'a Deus! Embora n'esteja muito doente, conte comigo... Encarrego-me de curar o senhor sozinho! Fique tranquilo, não se n'agite n'assim. — E pôs as cobertas em cima das mãos do doente. — Coragem, meu n'amigo — disse ela —, o sr. Schmucke e eu passaremos n'as noites n'aqui, n'à sua cabeceira... O senhor será mais bem cuidado do que n'um príncipe. Além disso, n'o senhor é bastante rico para não se privar de nada que sua doença exija... Acabo de n'entender-me com Cibot, o coitado, que fará sem mim?... Pois bem, eu n'o convenci, pois nós n'o estimamos tanto que n'ele consentiu que eu passe n'as noites

n'aqui... E isso, para n'um homem como ele... É um sacrifício daqueles. N'imagine! Pois ele n'ainda me ama como no primeiro dia. Não sei n'o que é que ele tem! Deve ser por causa da portaria! Os dois sempre n'ao lado um do n'outro, sempre!... Não se descubra assim... — disse ela, saltando à cabeceira do leito e puxando as cobertas para cima do peito de Pons. — Se o senhor não for bonzinho, se não fizer tudo quanto n'ordenou o sr. Poulain, que, como n'o senhor viu, n'é a n'imagem do bom Deus na terra, não me n'importarei mais com o senhor... precisa n'obedecer-me.

— *Zim, ziniora Zipô! Ele lie opetezerá* — respondeu Schmucke — *porque ele quer fífer para zeu pom amigo Schmucke, caranto!*

— E, principalmente, não perca n'a paciência — disse a sra. Cibot —, porque na sua doença facilmente n'o senhor será levado a isso sem precisar n'aumentar sua falta de paciência. É Deus que nos manda nossos males, meu caro senhor; n'Ele nos castiga por nossas faltas; o senhor bem que deve ter n'algumas faltazinhas na consciência! — O doente sacudiu a cabeça negativamente. — Oh! Não diga! Deve ter n'amado na mocidade; deve ter feito suas travessuras; talvez tenha n'em n'algun lugar fruto dos seus n'amores que deve n'estar sem pão, sem eira nem beira... Monstros de homens! Amam n'um dia, e, depois, adeus! Não pensam em mais nada, nem n'em pagar a alimentação do filho! Pobres mulheres!...

— Mas Schmucke e minha pobre mãe são os únicos que me amaram — disse tristemente o pobre Pons.

— Ora! O senhor não n'é nenhum santo! Foi rapaz e deve ter sido n'um bonito rapaz... Aos vinte n'anos, até eu, bom como é o senhor, o teria n'amado!...

— Sempre fui feio como um sapo! — disse Pons, desesperado.

— N'está dizendo n'isso por modéstia, pois n'ainda tem isso em seu favor. Como n'é modesto!

— Mas, não, minha cara sra. Cibot, repito que sempre fui feio e nunca fui amado...

— Ora essa! O senhor? — disse a porteira. — Quer fazer-me n'acreditar, n'agora, que ainda é, na sua n'idade, puro como uma donzela! Vá dizer n'isso aos n'outros! Um músico! Um homem de teatro! Nem que fosse n'uma mulher quem me dissesse isso n'eu não n'acreditaria.

— *Ziniora Zipô! A ziniora fai irritá-lo!* — gritou Schmucke, ao ver Pons retorcendo-se como um verme na cama.

— Cale-se, n'o senhor também. Os senhores dois são n'uns velhos libertinos... Não adianta n'alegarem que são feios! Sempre há um pé torto para um chinelo velho!, como diz n'o provérbio. Cibot soube fazer-se n'amar por n'uma das mais belas descascadoras de n'ostras de Paris... Os senhores não são muito melhores do que n'ele... Os senhores

são bons, os senhores!... Fizeram suas pândegas! E Deus os castiga por terem n'abandonado seus filhos, como Abraão... — O doente abatido ainda encontrou forças para fazer um gesto negativo. — Mas, fique quieto, isso não n'o n'impedirá de viver tanto quanto Matusalém.

— Mas deixe-me em paz! — gritou Pons. — Nunca soube o que é ser amado!... Nunca tive filhos, sou sozinho no mundo...

— N'acredito!... — disse a porteira. — O senhor n'é tão bom e n'as mulheres gostam da bondade, é o que mais as atrai... E me parece n'impossível que no seu bom tempo...

— Leva-a embora! — disse Pons ao ouvido de Schmucke. — Ela me irrita!

— O sr. Schmucke, então, deve ter filhos... Os senhores todos são n'assim, n'os solteirões...

— Eu! — exclamou Schmucke, levantando-se. — Mas...

— Ora! N'o senhor, com certeza, também não tem herdeiros! Vieram n'os dois para n'este mundo sozinhos, como cogumelos.

— *Fenia comigo!* — disse Schmucke.

O bom alemão tomou heroicamente a sra. Cibot pela cintura e a levou para a sala sem se importar com seus gritos.

### XXXI – UM BELO RASGO DE CONTINÊNCIA

— Será que, na sua n'idade, o senhor quer n'abusar de uma pobre mulher!... — gritava a Cibot, debatendo-se nos braços de Schmucke.

— *Non crite!*

— O senhor, o melhor dos dois! — respondeu a Cibot. — Ah! Fiz mal em falar de n'amor a dois velhos que nunca conheceram mulheres! Despertei seu desejo, monstro! — exclamou, ao ver os olhos de Schmucke brilhantes de cólera. — Socorro! Socorro! Estão me raptando!

— *A ziniora é uma estúpita!* — replicou Schmucke. — *Enton, que foi que tisse o toutor?*

— O senhor está me maltratando n'assim — disse, chorando, a Cibot, restituída à liberdade —, a mim, que me n'atiraria ao fogo pelos senhores! Bem dizem que é n'os usando que a gente conhece os homens! Como isso n'é certo! Meu pobre Cibot nunca me maltrataria n'assim... Eu, que fiz dos senhores meus filhos, pois não tenho filhos e n'ainda ontem, sim, ontem mesmo, eu dizia a Cibot: “Meu velho, Deus sabia muito bem n'o que fazia quando nos recusou filhos, pois tenho dois filhos lá n'em cima”. Pela santa cruz de Deus, pela n'alma da minha mãe, n'era justamente isso que eu dizia...

— *É! Mas que foi que tisse o toutor?* — perguntou raivosamente Schmucke, que, pela primeira vez na vida, batia com o pé.

— Bem, n'ele me disse — respondeu a sra. Cibot, levando Schmucke para a sala de jantar —, disse que nosso queridinho n'amor de doente

n'estaria em perigo de morte se não fosse bem cuidado; mas n'aqui estou, apesar de suas brutalidades, pois o senhor n'é um bruto, o senhor, que eu julgava tão delicado. Não seja n'assim!... Então, na sua n'idade, quer n'abusar de uma mulher, seu grande libertino?...

— *Crante lipertino! Eu?... Enton a ziniora non comprende que zó costo te Pons?*

— Ainda bem que vai me deixar n'em paz, não n'é? — disse ela, sorrindo, a Schmucke. — É melhor n'assim, porque Cibot quebraria os ossos de quem quisesse n'ofender sua honra.

— *Cuite pem tele, minia ziniorazinha Zipô* — disse Schmucke, tentando segurar a mão da sra. Cibot.

— Que é n'isso! Outra vez?

— *Escute uma coise! Tuto que tenio zerá ta ziniora, ze o salfarmos...*

— N'está bem, vou à farmácia buscar o que n'ele precisa... Pois, o senhor vê, n'esta doença custará dinheiro; e como é que o senhor vai fazer?

— *Trapalharei! Quero que Pons zecha tratado como um príncipe.*

— E será, meu bom sr. Schmucke. Não se preocupe. Cibot e eu temos dois mil francos de n'economias, tudo isso é para o senhor, e faz muito tempo que venho n'empregando dinheiro meu n'aqui!...

— *Que poa mulher!* — exclamou Schmucke, enxugando os olhos. — *Que coração!*

— Enxugue n'essas lágrimas, que são uma honra para mim, pois n'essa é a minha recompensa! — disse melodramaticamente a Cibot. — Sou a criatura mais desinteressada do mundo, mas não n'entre no quarto com lágrimas nos olhos, porque senão o sr. Pons pensaria que n'está mais doente do que de fato n'está.

Schmucke, comovido com essa delicadeza, tomou, finalmente, a mão da Cibot e a apertou.

— Não me machuque! — disse a antiga descascadora de ostras, lançando a Schmucke um olhar enternecido.

— *Pons* — disse o bom alemão, ao entrar no quarto —, *essa ziniora Zipô é um ancho, um ancho linquaruto, mas um ancho.*

— Achas?... Há um mês que ando desconfiado de tudo — respondeu o doente, sacudindo a cabeça. — Depois de tudo quanto tenho sofrido, só acredito em Deus e em ti!...

— *Fica pom e nós três fiferemos como reis!* — exclamou Schmucke.

— Cibot! — gritou a porteira esbaforida, ao entrar em casa. — Ah! Meu velho, n'estamos ricos! Meus dois senhores não têm herdeiros nem filhos naturais nem nada!... Que bom! Vou à casa da sra. Fontaine para mandar tirar n'as cartas, para saber quanto teremos de renda!...

— Minha velha — respondeu o alfaiatezinho —, não contemos com os sapatos de um morto para andar bem calçados.

— Ah! Já vais me contrariar? — disse ela, dando um tapinha

carinhoso em Cibot. — Sei n'ó que estou dizendo! O sr. Poulain desenganou o sr. Pons! E ficaremos ricos! N'estarei no seu testamento... Deixa n'isso por minha conta! Vai manejaando tua n'agulha e fiscalizando a casa, daqui da portaria, não farás por muito tempo n'esse serviço! Vamos para n'ó campo, para Batignolles. N'uma bela casa, n'um belo jardim, tu te divertirás cuidando dele, e n'eu terei uma criada!

— *Então, vichinha, como vai a couja lá em chima?* — perguntou Rémonencq. — *Chabe quanto vale echa coleção?*...

— Não, não, n'ainda não! N'a coisa não pode ir tão depressa n'assim! Meu caro, comecei fazendo com que me dissessem coisas mais n'importantes...

— *Maich importantech!* — exclamou Rémonencq. — *Mach, que é que pode haver de maich importante que echa couja?*...

— Ora, fedelho! Deixa-me guiar n'ó barco — disse a porteira com autoridade.

— *Mach, com uns trinta por cento chobre echas chetechentos mil francoch, a chenhora teria com que viver como burgueja para o rechto da vida...*

— Fique descansado, papá Rémonencq, quando for preciso saber quanto valem todas n'as coisas que n'ó velho juntou, veremos...

## XXXII – TRATADO DAS CIÊNCIAS OCULTAS

E a porteira, após ter ido à farmácia buscar os remédios receitados pelo dr. Poulain, deixou para o dia seguinte a consulta à sra. Fontaine, conjecturando que encontraria as faculdades do oráculo mais nítidas, mais frescas, se chegasse lá bem cedo, antes dos outros, pois frequentemente há uma verdadeira multidão na casa da sra. Fontaine.

Após ter sido durante quarenta anos a antagonista da famosa srta. Lenormand,<sup>[133]</sup> a quem, aliás, sobreviveu, a sra. Fontaine era então o oráculo do Marais. Ninguém imagina o que representam as cartomantes parisienses para as classes inferiores nem a imensa influência que exercem sobre as determinações das pessoas sem instrução; as cozinheiras, as porteiras, as mulheres amigadas, os operários, todos aqueles que, em Paris, vivem de esperanças consultam os seres privilegiados que possuem o estranho e inexplicável poder de ler o futuro. A fé nas ciências ocultas está muito mais espalhada do que imaginam os sábios, os advogados, os tabeliães, os médicos, os magistrados e os filósofos. O povo tem instintos indeléveis. Entre esses instintos, aquele que tão impropriamente se denomina *superstição* existe tanto no sangue do povo como no espírito das pessoas superiores.<sup>[134]</sup> Mais de um homem de Estado consulta, em Paris, as cartomantes. Para os incrédulos, a astrologia judiciária (associação de



palavras imensamente curiosa) não é mais que a exploração de um sentimento inato, um dos mais fortes da nossa natureza, a Curiosidade. Os incrédulos negam completamente, assim, as relações que a adivinhação estabelece entre o destino humano e a configuração que dele se obtém pelos sete ou oito meios principais que compõem a astrologia judiciária. Acontece, porém, com as ciências ocultas, o mesmo que se dá com muitos fenômenos naturais negados pelos espíritos fortes ou pelos filósofos materialistas, isto é, por aqueles que só acreditam nos fatos visíveis, sólidos, nos resultados da retorta ou das balanças da física e da química modernas; essas ciências subsistem, continuam sua marcha, sem progresso, aliás, pois, há cerca de dois séculos, seu cultivo vem sendo abandonado pelos espíritos de escol.

Considerando apenas o lado possível da adivinhação, acreditar que os fatos passados da vida de um homem, que os segredos que só ele conhece possam ser imediatamente representados pelas cartas que ele embaralha e corta e que a cartomante divide em maços de acordo com leis misteriosas é um absurdo; é, porém, o mesmo absurdo que condenava o vapor, que ainda condena a navegação aérea, que condenava as invenções da pólvora, da imprensa, das lunetas, das gravuras e ainda a última descoberta, a daguerreotipia. Se alguém dissesse a Napoleão que um edifício e um homem estão, permanentemente e a qualquer momento, representados por uma imagem na atmosfera e que todos os objetos existentes têm nela um espectro que se pode apanhar e perceber, ele trancafiaria o informante em Charenton, como Richelieu trancafiou Salomon de Caux em Bicêtre quando o mártir normando lhe levou a imensa conquista da navegação a vapor.<sup>[135]</sup> E foi isso, no entanto, que Daguerre<sup>[136]</sup> provou por sua descoberta. Pois bem, se Deus imprimiu, para certos olhos clarividentes, o destino de cada homem em sua fisionomia, tomando essa palavra como a expressão total do corpo, por que a mão não resumiria a da fisionomia, uma vez que a mão representa toda a ação humana e é seu único meio de manifestação? Daí nasceu a quiromancia. A sociedade não imita a Deus? Predizer a um homem os acontecimentos de sua vida não constitui, em quem recebeu as faculdades do Vidente, um fato mais extraordinário do que dizer a um soldado que ele combaterá, a um advogado que ele falará, a um sapateiro que ele fará sapatos ou botas, a um lavrador que ele adubará e lavrará a terra. Tomemos um exemplo eloquente. O talento é tão visível no homem que mesmo as pessoas mais ignorantes, passeando pelas ruas de Paris, notam um grande artista quando passam por ele. É como um sol moral cujos raios iluminam tudo à sua passagem. Um imbecil não é imediatamente reconhecido pelas impressões contrárias às que causa um homem de talento? O homem vulgar passa quase despercebido. A maioria dos observadores da natureza social e

parisiense pode dizer a profissão de um transeunte ao vê-lo aproximar-se. Atualmente, os mistérios do Sabá, tão bem representados pelos pintores do século xvi, já não são mistérios. As egípcias ou egípcios, pais dos ciganos, esse povo estranho originário das Índias, faziam simplesmente seus clientes tomarem haxixe. Os fenômenos produzidos por esse tóxico explicam perfeitamente as cavalgadas em cima de vassouras, a fuga pelas chaminés, as *visões reais*, por assim dizer, das velhas transformadas em moças, as danças furiosas e as deliciosas músicas que compunham as fantasias dos pretensos adoradores do diabo.

Atualmente, são tão numerosos os fatos evidentes, autênticos, saídos das ciências ocultas, que um dia essas ciências serão ensinadas como o são a química e a astronomia. É singular, mesmo que no momento nos quais são criadas em Paris cátedras de eslavo, de manchu, de literaturas tão pouco *ensináveis* como as literaturas do Norte que, em vez de fornecer lições as deveriam receber, e cujos titulares repetem eternos artigos sobre Shakespeare ou sobre o século xvi, não seja restabelecido, sob o nome de antropologia, o ensino da filosofia oculta, uma das glórias da antiga Universidade. Nisto, a Alemanha, este país ao mesmo tempo tão grande e tão criança, sobrepujou a França, pois lá se ensina essa ciência, muito mais útil que as outras FILOSOFIAS, que são todas a mesma coisa.

Que certas criaturas tenham o poder de desvendar na origem das causas os fatos futuros, como o grande inventor percebe uma indústria, uma ciência, um fenômeno natural que ao vulgo passa despercebido, não constitui nenhuma dessas violentas anormalidades que causam espanto, pois é apenas o fruto de uma faculdade desconhecida e que seria, de certo modo, o sonambulismo do espírito. Portanto, se essa proposição, sobre a qual repousam as diferentes maneiras de prever o futuro, parece absurda, o fato aí está. Notai que predizer os grandes acontecimentos do futuro não representa, para o Vidente, um esforço mais extraordinário do que descobrir o passado. Na opinião dos incrédulos, o passado e o futuro são igualmente impossíveis de saber. Se os fatos passados deixaram vestígios, é razoável imaginar que os acontecimentos futuros tenham raízes. Uma vez que um *vidente* vos explica os fatos de vossa vida anterior que somente vós conheceis, ele também vos pode dizer os acontecimentos que as causas existentes hão de produzir. O mundo moral está talhado, por assim dizer, sobre o padrão do mundo natural; os mesmos fenômenos devem ser reproduzidos neles com as diferenças próprias aos seus diversos meios. Portanto, do mesmo modo que os corpos se projetam realmente na atmosfera, deixando nela esse espectro que pode ser recolhido pelo daguerreótipo, que o detém em sua passagem, as ideias, criações reais e ativas, se imprimem nisso que se deve denominar a atmosfera do

mundo espiritual, lá produzem os mesmos efeitos e lá vivem *espectralmente* (pois é necessário forjar palavras para exprimir esses fenômenos sem denominação) e nessas condições certas criaturas dotadas de raras faculdades podem perceber perfeitamente essas formas ou esses traços de ideias.

Quanto aos meios empregados para chegar às *visões*, é aí que o maravilhoso é mais explicável, uma vez que a mão do consulente dispõe de objetos com o auxílio dos quais se lhe faz representar os acidentes de sua vida. Com efeito, tudo se encadeia no mundo real. Nele, todo o movimento corresponde a uma causa, toda a causa se liga ao conjunto e, conseqüentemente, o conjunto se representa no mínimo movimento. Rabelais,<sup>[137]</sup> o maior espírito da humanidade moderna, esse homem que resumiu Pitágoras, Hipócrates, Aristófanes e Dante, disse, três séculos atrás: “O homem é um microcosmo”. Três séculos mais tarde, Swedenborg, o grande profeta sueco,<sup>[138]</sup> dizia que a Terra era um homem. O profeta e o precursor da incredulidade encontram-se, assim, na maior das fórmulas. Tudo é fatal na vida humana como na vida do nosso planeta. Os menores e os mais fúteis acontecimentos estão subordinados. Portanto, as grandes coisas, os grandes desejos, as grandes ideias necessariamente se refletem nas menores ações, e com tamanha fidelidade que, se um conspirador embaralhar e cortar um maço de cartas, nelas escreverá o segredo de sua conspiração para o Vidente denominado cigano, adivinho, charlatão etc. Uma vez que se admite a fatalidade, quer dizer, o encadeamento das causas, a astrologia judiciária existe e constitui o que era antigamente uma ciência imensa, pois inclui a faculdade de dedução que fez Cuvier tão grande, mas sob uma forma espontânea, em vez de ser, como naquele grande sábio, exercida nas noites de estudo do gabinete.

A astrologia judiciária, a adivinhação, imperou durante sete séculos não como atualmente, sobre a gente do povo, mas sobre as maiores inteligências, sobre os soberanos, as rainhas e as pessoas ricas. Uma das maiores ciências da antiguidade, o magnetismo animal,<sup>[139]</sup> originou-se das ciências ocultas, como a química se originou dos fornos dos alquimistas. A craniologia, a fisiognomonia e a neurologia vieram igualmente delas; e os ilustres criadores dessas ciências aparentemente novas só têm um defeito — comum a todos os criadores — e que consiste em sistematizar rigidamente fatos isolados, cuja gênese ainda escapa à análise. Um dia a Igreja católica e a filosofia moderna se aliaram à Justiça para proscrever, perseguir e ridicularizar os mistérios da Cabala e assim se estabeleceu uma lamentável lacuna de cem anos na popularidade e no estudo das ciências ocultas. Seja como for, o povo e muitas pessoas inteligentes, principalmente mulheres, continuam a pagar suas contribuições à força misteriosa dos que podem erguer o véu do futuro; vão comprar deles a esperança, a coragem, a energia, isto é,

aquilo que só a religião pode dar. E, assim, essa ciência continua a ser praticada, não sem alguns riscos. Atualmente, os adivinhos, livres da ameaça de qualquer suplício graças à tolerância devida aos enciclopedistas do século XVIII, estão sujeitos apenas à Polícia Correccional e isso mesmo somente quando se entregam a manobras fraudulentas, quando assustam os clientes a fim de arrancar dinheiro, o que constitui uma extorsão. Infelizmente, a extorsão e muitas vezes o crime acompanham o exercício dessa sublime faculdade. Eis o porquê.

Os dons admiráveis que fazem o Vidente geralmente se encontram entre as pessoas às quais se dá o epíteto de estúpidas. Esses estúpidos são os vasos de eleição nos quais Deus deita os elixires que surpreendem a humanidade. Esses ignorantes dão os profetas, os São Pedro, os L'Hermite.<sup>[140]</sup> Sempre que a inteligência se conserva intata, como um bloco, sem se despendar em palestras, em intrigas, em obras literárias, em imaginações de sábio, em esforços administrativos, em concepções de inventor, em trabalhos guerreiros, fica apta a lançar clarões de prodigiosa intensidade que se achavam contidos, como o diamante bruto que guarda oculto o brilho de suas facetas. Então, caso surja uma circunstância essa inteligência se ilumina, adquire asas para transpor as distâncias, olhos divinos para ver tudo; e o que ontem era um carvão amanhã será um diamante que brilha. As pessoas superiores, desgastadas em todas as faces de sua inteligência, nunca podem, excetuados esses milagres que algumas vezes Deus se permite realizar, mostrar essa energia suprema. Por isso, os adivinhos e as adivinhas são, quase sempre, mendigos ou mendigas de inteligência virgem, criaturas aparentemente grosseiras, seixos que rolam nas torrentes da miséria, nas veredas da vida, onde experimentaram somente sofrimentos físicos. O profeta, o vidente, é, enfim, Martin, o lavrador, que fez Luís XVIII tremer dizendo-lhe um segredo que somente o rei podia conhecer; <sup>[141]</sup> é uma srta. Lenormand, uma cozinheira como a sra. Fontaine, uma negra quase idiota, um pastor que vive no meio de animais corníferos, um faquir sentado à porta de um pagode que, mortificando a carne, faz o espírito alcançar a onipotência desconhecida das faculdades sonambulescas.

É na Ásia que sempre foram encontrados os heróis das ciências ocultas. Muitas vezes, pois, essas pessoas que, no estado normal, permanecem tais como são porque exercem, de certo modo, as funções físicas e químicas dos corpos condutores de eletricidade, ora metais inertes, ora canais cheios de fluidos misteriosos, ao voltarem a si, entregam-se a práticas, a cálculos ambiciosos que as levam à Polícia Correccional e até mesmo, como o famoso Balthazar,<sup>[142]</sup> ao Tribunal e às galés. E, finalmente, o que prova o imenso poder que a cartomancia exerce sobre a gente do povo é que a vida ou a morte do pobre músico dependia do horóscopo que a sra. Fontaine ia tirar para a sra. Cibot.

Embora certas repetições sejam inevitáveis numa história tão vasta e tão cheia de detalhes como o é uma história completa da sociedade francesa do século XIX, é desnecessário descrever o casebre da sra. Fontaine, já descrito em *Os comediantes sem o saberem*.<sup>[143]</sup> Basta observar que a sra. Cibot entrou na casa da sra. Fontaine, que mora à Rue Vieille-du-Temple, como os frequentadores do Café Anglais entram lá para jantar. A sra. Cibot, cliente muito antiga, levava lá seguidamente moças e colegas devoradas pela curiosidade.

### XXXIII – O BARALHO GRANDE

A velha criada, que servia de preboste à cartomante, abriu a porta do santuário, sem prevenir a patroa.

— É a sra. Cibot! Pode entrar — acrescentou —, não há ninguém.

— Então, minha querida, que é que houve para vir cá tão cedo? — disse a bruxa.

A sra. Fontaine, então com setenta e oito anos de idade, merecia esse qualificativo por sua aparência digna de uma Parca.

— Estou com n'ó *sangue fervendo*, dê-me n'ó baralho grande! — exclamou a Cibot. — Quero saber da minha sorte.

E explicou a situação em que se encontrava, pedindo uma predição sobre sua sórdida esperança.

— Não conhece o baralho grande? — disse solenemente a sra. Fontaine.

— Não, não sou rica que chegue para conhecê-lo! Cem francos!... Onde eu iria buscá-los? Mas, hoje, preciso dele!

— Não o uso muitas vezes, minha filha — respondeu a sra. Fontaine —, só o dou aos ricos nas grandes ocasiões, e me pagam vinte e cinco luíses, pois, acredite, isso me cansa, me consome! O *Espírito* me embrulha o estômago. É, como se dizia antigamente, ir ao Sabá!

— Mas, como lhe disse, minha boa sra. Fontaine, trata-se do meu futuro...

— Bem, como é para você, a quem devo tantas consultas, vou entregar-me ao Espírito! — respondeu a sra. Fontaine, deixando ver no rosto decrépito uma expressão de terror que não era fingida.

Levantou-se da velha poltrona imunda, junto à lareira, e dirigiu-se para a mesa coberta com um pano verde do qual se podiam contar todos os fios gastos e onde dormia, à esquerda, um sapo de extraordinárias dimensões, ao lado de uma gaiola aberta e habitada por uma galinha preta de penas eriçadas.

— Astaroth! Vem cá, meu filho! — disse ela, dando uma batidinha com uma longa agulha de tricô nas costas do sapo, que a fitou com uma expressão inteligente. — E você, srta. Cleópatra!... Atenção! — acrescentou, dando uma pancadinha no bico da velha galinha.

A sra. Fontaine concentrou-se, permaneceu durante alguns instantes imóvel; adquiriu o aspecto de uma morta, seus olhos se reviraram e tornaram-se brancos. Depois, empertigou-se e disse: “Pronto!”, com uma voz cavernosa. Após ter automaticamente espalhado milho miúdo para Cleópatra, pegou o baralho grande, embaralhou-o convulsamente e mandou a sra. Cibot cortá-lo, suspirando profundamente. Quando aquela imagem da Morte de turbante sujo e jaqueta sinistra contemplou os grãos de milho que a galinha preta bicava e chamou seu sapo Astaroth para que ele passasse por cima das cartas estendidas, a sra. Cibot sentiu frio nas costas e estremeceu. Somente as grandes crenças causam grandes emoções. Ter ou não ter rendimentos, tal era a questão, disse Shakespeare.<sup>[144]</sup>

Depois de sete ou oito minutos — durante os quais a bruxa abriu e leu com uma voz sepulcral um livro de magia, examinou os grãos que restavam e o trajeto feito pelo sapo ao retirar-se — ela decifrou o sentido das cartas dirigindo para elas seus olhos brancos.

— Você conseguirá o que deseja! Se bem que nada, neste caso, deva sair como você pensa! — disse. — Você terá que se esforçar muito. Mas colherá o fruto de seus esforços. Você se conduzirá muito mal, mas isso será para você o mesmo que para todos os que ficam junto dos doentes e cobiçam uma parte da herança. Nessa obra maléfica você será auxiliada por pessoas importantes... Mais tarde, se arrependerá disso, na angústia da morte, pois você morrerá assassinada por dois condenados evadidos, um baixo de cabelos ruivos e um velho completamente calvo, por causa da fortuna que pensarão que você possui, na aldeia, onde irá morar com seu segundo marido... Pode ir, minha filha, tem liberdade de agir ou não fazer nada.

A exaltação anterior, que acendera tochas nos olhos cavos daquele esqueleto aparentemente tão frio, cessou. Após ter pronunciado o horóscopo, a sra. Fontaine experimentou uma espécie de deslumbramento e ficou exatamente igual aos sonâmbulos quando são despertados; olhou para tudo com uma expressão admirada; depois, reconheceu a sra. Cibot e pareceu surpreendida de vê-la assaltada pelo horror que se estampava em seu rosto.

#### XXXIV – UMA PERSONAGEM DOS CONTOS DE HOFFMANN<sup>[145]</sup>

— Então, minha filha! — disse, com uma voz completamente diferente da que usara ao profetizar. — Está satisfeita?...

A sra. Cibot olhou para a bruxa com um ar de espanto, sem poder responder-lhe.

— Ah! Você quis o baralho grande! Tratei você como uma antiga conhecida. Dê-me cem francos, apenas...

— Cibot, morrer? — exclamou a porteira.

— Será que eu lhe disse coisas muito horríveis? — perguntou com toda a ingenuidade a sra. Fontaine.

— Mas, sim!... — disse a Cibot, tirando do bolso cem francos e soltando-os à beira da mesa. — Morrer assassinada!...

— Aí está, você quis o baralho grande!... Mas console-se; nem todas as pessoas assassinadas nas cartas morrem.

— Mas é possível, sra. Fontaine?

— Ah! Minha querida, não sei de nada! Você quis bater à porta do futuro, eu apenas puxei o cordão e *ele* apareceu!

— Ele, quem? — perguntou a sra. Cibot.

— Ora! O Espírito! — replicou a cartomante impaciente.

— Adeus, sra. Fontaine! — exclamou a porteira. — Eu não conhecia o baralho grande, a senhora assustou-me muito!

— A patroa não se mete duas vezes por mês nesse estado — disse a criada, ao acompanhar a porteira até a escada. — Isso a cansa tanto que ela arreventaria de fadiga. Agora ela vai comer costeletas e dormir durante três horas...

Na rua, a caminho da casa, a Cibot fez o que fazem os consulentes com as consultas de qualquer espécie. Acreditou no que a profecia oferecia de favorável a seus interesses e não deu crédito às desgraças anunciadas. No dia seguinte, firme na sua resolução, pensava empregar todos os meios para enriquecer, fazendo com que lhe fosse dada uma parte do Museu Pons. Assim, durante algum tempo, não pensou em outra coisa a não ser combinar os meios de realizar seus desejos. O fenômeno acima descrito, da concentração das forças morais nas pessoas incultas que, como não gastam suas faculdades intelectuais por um consumo cotidiano como se dá com as pessoas da sociedade, as encontram fortes e poderosas no momento em que começa a funcionar em seu espírito essa arma temível denominada ideia fixa, manifestou-se na Cibot num grau superior. Assim como a ideia fixa produz os milagres das evasões e os milagres do sentimento, a porteira, apoiada pela ambição, tornou-se tão forte como um Nucingen em apuros, tão inteligente na sua estupidez como o sedutor La Palférine.<sup>[146]</sup>

Alguns dias mais tarde, às sete da manhã, ao ver Rémonencq ocupado em abrir seu bazar, ela dirigiu-se manhosamente a ele.

— Como faremos para saber n'a verdade sobre n'o valor das coisas que estão amontoadas na casa dos meus senhores? — perguntou-lhe.

— Ah! É muito fácil — respondeu o comerciante de curiosidades, no seu terrível *charabia*, que é inútil continuar a figurar para maior clareza da narrativa. — Se a senhora quiser jogar jogo franco comigo, eu lhe indicarei um avaliador, um homem muito direito, que saberá dizer exatamente o valor dos quadros...

— Quem?

— O sr. Magus, um judeu que faz negócios apenas por prazer.

Elias Magus, cujo nome é muito conhecido em *A comédia humana*<sup>[147]</sup> para que seja necessário falar a seu respeito, retirara-se do comércio de quadros e de curiosidades, imitando, como negociante, a conduta que Pons seguira como colecionador. Os famosos avaliadores, o falecido Henry, os srs. Pigeot e Moret, Thérét, Georges e Roehn,<sup>[148]</sup> enfim, os peritos do Museu, eram todos umas crianças comparadas a Elias Magus, que descobria uma obra-prima num imundo objeto centenário, que conhecia todas as escolas e o estilo de todos os pintores.

Esse judeu, que viera de Bordeaux para Paris, abandonara o comércio em 1835 sem abandonar a aparência miserável que conservava segundo os hábitos da maioria dos judeus e de acordo com a fidelidade que essa raça observa por suas tradições. Na Idade Média, a perseguição obrigava os judeus a usar andrajos para afastar as suspeitas, a queixar-se continuamente, a choramingar, a proclamar sua pobreza. Essas necessidades de outrora tornaram-se, como sempre acontece, um instinto do povo, um vício endêmico. Elias Magus, à força de comprar diamantes e revendê-los, de negociar com quadros e rendas, as grandes curiosidades e os esmaltes, as finas esculturas e os objetos antigos de ourivesaria, possuía uma imensa fortuna secreta, adquirida nesse comércio que se tornou tão importante. Com efeito, nestes últimos vinte anos, o número de comerciantes de curiosidades decuplicou em Paris, cidade para onde afluem as curiosidades do mundo. Quanto aos quadros, só são vendidos em três cidades, Roma, Londres e Paris.

Elias Magus morava na Chaussée des Minimes, rua curta e larga que leva à Place Royale, onde ele possuía um velho palácio comprado por um naco de pão, como se diz, em 1831. Essa magnífica construção continha um dos mais suntuosos apartamentos decorados do tempo de Luís xv, pois era o antigo palácio de Maulaincourt.<sup>[149]</sup> Construído por esse presidente da Cour des Aides, esse palácio, graças à sua situação, não fora devastado durante a Revolução. Se o velho judeu se decidira, contra as leis israelitas, a tornar-se proprietário, podeis estar certos de que teve boas razões para isso. Como sucede com todos nós, o velho acabara contraindo uma mania levada até a loucura. Embora fosse tão avaro como seu falecido amigo Gobseck, deixou-se dominar pela admiração das obras-primas que negociava; seu gosto, cada vez mais apurado, exigente, tornara-se uma dessas paixões só permitidas aos reis, quando são ricos e amam as artes. A exemplo do segundo rei da Prússia, que só se entusiasmava por um granadeiro quando o indivíduo atingia seis pés de altura e que então despendia somas enormes para poder acrescentá-lo a seu museu vivo de granadeiros, o comerciante aposentado só se apaixonava por telas irrepreensíveis, conservadas tais como o autor as pintara, e que fossem trabalhos de primeira ordem. Por



isso, Elias Magus não perdia uma só das grandes vendas, visitava todos os mercados, viajava por toda a Europa. Essa alma consagrada ao lucro, fria como um banco de gelo, aquecia-se à vista de uma obra-prima, do mesmo modo que um libertino, cansado de mulheres, se comove diante de uma moça pura e se entrega à busca das belezas sem defeito. Esse Dom Juan das telas, esse adorador do ideal, encontrava nessa admiração delícias superiores às que oferece ao avarento a contemplação do ouro. Vivia num serralho de lindas telas!

Essas obras-primas, instaladas como devem ser os filhos dos príncipes, ocupavam todo o primeiro andar do palácio que Elias Magus mandara restaurar e com que esplendor! Das janelas caíam em cortinas os mais belos brocados de ouro de Veneza. Sobre os assoalhos estendiam-se os mais magníficos tapetes da Savonnerie.<sup>[150]</sup> Os quadros, em número de cem, mais ou menos, tinham as mais esplêndidas molduras, redouradas todas com amor pelo único dourador de Paris que Elias achava consciencioso, Servais,<sup>[151]</sup> a quem o velho judeu ensinou a dourar com o ouro inglês, infinitamente superior ao dos bate-folhas de ouro franceses. Servais era, na arte da douradura, o que Thouvenin<sup>[152]</sup> era na da encadernação, um artista apaixonado por suas obras. As janelas do apartamento eram protegidas por postigos guarnecidos de folha de ferro. Elias Magus ocupava dois quartos em mansarda no segundo andar, pobremente mobiliados, guarnecidos com seus andrajos que denunciavam a raça judaica, pois ele estava acabando seus dias como sempre vivera.

O pavimento térreo, totalmente ocupado pelos quadros que o judeu continuava a negociar, pelas caixas vindas do estrangeiro, continha um imenso ateliê onde trabalhava quase exclusivamente para ele Moret,<sup>[153]</sup> o mais hábil de nossos restauradores de quadros, um desses homens que o Museu devia empregar. Lá ficava também o apartamento da filha, o fruto de sua velhice, uma judia linda como todas as judias quando o tipo asiático nelas reaparece puro e nobre. Noemi, guardada por duas criadas fanáticas e judias, tinha por sentinela um judeu polonês chamado Abramko, envolvido, por um fabuloso acaso, nos acontecimentos da Polônia, e a quem Elias Magus salvara por interesse. Abramko, porteiro desse palácio silencioso, sossegado e deserto, ocupava um cubículo protegido por três cães de notável ferocidade, um de Terra-Nova, outro dos Pireneus e o terceiro inglês e buldogue.

Eis aqui as profundas considerações sobre as quais assentava a segurança do judeu, que viajava sem receio, que dormia a sono solto e não temia nenhum atentado, nem contra a filha, seu primeiro tesouro, nem contra seus quadros nem contra seu dinheiro. Abramko recebia todos os anos duzentos francos mais que no ano precedente e deixaria de receber qualquer ordenado após a morte de Magus, que lhe ensinava a praticar a agiotagem no bairro. Abramko nunca abria a porta a

ninguém sem antes espiar por uma portinhola gradeada, formidável. Esse porteiro, de força hercúlea, adorava Magus como Sancho Pança adora Dom Quixote. Os cães, encerrados durante o dia, ficavam sem qualquer alimento ao alcance da boca; mas, à noite, Abramko os soltava e eles eram condenados, por um hábil cálculo do velho judeu, a ficar estacionados, um no jardim, junto a um poste acima do qual pendia de uma corda um pedaço de carne, o outro no pátio, junto a um poste igual, e o terceiro na grande sala do pavimento térreo. Compreendeis assim que os cães, que, já por instinto, guardavam a casa, eram, por sua vez, guardados pela fome; nem pela mais linda cadela abandonariam o posto junto a seu pau de sebo e dele não se afastavam para ir farejar o que quer que fosse. Se aparecia um desconhecido, os três imaginavam que ele quisesse sua comida, que somente pela manhã Abramko lhes alcançava. Esse sistema infernal tinha uma vantagem imensa. Os cães nunca latiam, o gênio de Magus os promovera a selvagens e eles se haviam tornado calados como os moicanos.<sup>[154]</sup> Ora, eis o que aconteceu. Um dia, malfeitores, encorajados pelo silêncio, acharam muito levianamente que poderiam *limpar* o cofre do judeu. Um deles, designado para lançar-se em primeiro lugar ao assalto, subiu ao muro do jardim e tentou descer para dentro dele; o buldogue, que o ouvira perfeitamente, deixou-o agir à vontade, mas, quando o pé do homem chegou ao alcance de sua boca, ele o arrancou e o comeu. O ladrão teve ainda a coragem para transpor novamente o muro e saiu caminhando sobre o osso da perna até cair desfalecido nos braços dos companheiros que o levaram. Essa notícia — pois a *Gazette des Tribunaux*<sup>[155]</sup> não deixou de noticiar esse delicioso episódio das noites parisienses — foi interpretada como uma mentira de jornal para prevenir novos assaltos.

#### **XXXV – EM QUE SE VÊ QUE NEM TODOS OS CONHECEDORES DE PINTURA SÃO DA ACADEMIA DE BELAS-ARTES**

Magus, então com setenta e cinco anos, podia chegar aos cem. Rico, vivia como os Rémonencq. Três mil francos, neles incluídas as prodigalidades com a filha, bastavam para todas as suas despesas. Nenhuma existência era mais metódica que a do velho. Levantando-se com o sol, comia pão com alho, refeição que o levava até a hora do almoço. O almoço, de uma frugalidade monacal, era feito em família. Entre o levantar e o meio-dia, o maníaco empregava o tempo em passear pelo apartamento onde brilhavam as obras-primas. Tirava o pó de tudo, móveis e quadros, e admirava sem se cansar; depois, descia ao apartamento da filha, lá se inebriava com a felicidade dos pais e saía para suas caminhadas através de Paris, onde examinava as vendas, ia às exposições etc. Quando encontrava uma obra-prima em condições que lhe convinham, a vida do homem se animava; tinha um golpe a dar, um

negócio a fazer, uma batalha de Marengo<sup>[156]</sup> a ganhar. Acumulava astúcia em cima de astúcia para conseguir sua nova sultana a um preço baixo. Magus possuía seu mapa da Europa, um mapa onde as obras-primas estavam assinaladas, e encarregava seus correligionários de cada lugar de espionar o negócio por sua conta, mediante uma comissão. Mas também que recompensas por tantos trabalhos!...

Os dois quadros de Rafael perdidos e procurados com tanta persistência pelos rafaelianos, Magus os possui! Possui o retrato original da amante de Giorgione,<sup>[157]</sup> essa mulher pela qual o pintor morreu (os pretensos originais são cópias dessa tela famosa que, pela avaliação de Magus, vale quinhentos mil francos). O judeu conserva a obra-prima de Ticiano: *O enterro de Cristo*,<sup>[158]</sup> quadro pintado para Carlos v e que foi enviado pelo grande homem ao grande imperador, acompanhado de uma carta do próprio punho de Ticiano e que está colada à parte inferior da tela. Tem também do mesmo pintor o original, o modelo pelo qual foram feitos todos os retratos de Felipe II. Os outros noventa e sete quadros são todos da mesma força e da mesma classe. Por isso, Magus se ri do nosso Museu, devastado pelo sol, que estraga as mais lindas telas ao passar pelos vidros que funcionam como lentes. As galerias de quadros têm de ser iluminadas pelo teto. Magus pessoalmente fechava e abria os postigos do seu museu, tinha tantos cuidados e precauções com os quadros como com a filha, seu outro ídolo. Ah! O velho quadromaníaco conhecia perfeitamente as leis da pintura! Segundo ele, as obras-primas têm uma vida própria, são inconstantes, sua beleza depende da luz que revela suas cores. Falava nisso como antigamente os holandeses falavam em suas tulipas, e ia admirar um certo quadro na hora em que a obra-prima resplandecia em toda sua glória, quando o dia estava claro e límpido.

Era um verdadeiro quadro vivo no meio daqueles quadros imóveis, aquele velhote vestido com uma ordinária sobrecasaca curta, um colete de seda decenal, calças imundas, com a cabeça calva, o rosto encovado, a barba inquieta projetando seus fios brancos, o queixo ameaçador e pontudo, a boca desmobiada, os olhos brilhantes como os dos seus cães, as mãos ossudas e descarnadas, o nariz em obelisco, a pele rugosa e pálida, sorrindo àquelas belas criações do gênio! Um judeu, no meio de três milhões, será sempre um dos mais belos espetáculos que a humanidade pode proporcionar. Robert Médal,<sup>[159]</sup> nosso grande ator, não pode, por mais sublime que seja, atingir esse grau de poesia. Paris é a cidade do mundo que encerra o maior número de criaturas originais desse gênero, que têm uma religião no coração. Os *excêntricos* de Londres acabam sempre aborrecendo-se de suas adorações, como se aborrecem de viver: ao passo que em Paris os monomaníacos vivem com sua fantasia num feliz concubinato de espírito. Aqui vereis frequentemente dirigir-se para vós os Pons, os Elias Magus,

miseravelmente vestidos, com o nariz como o do secretário perpétuo da Academia Francesa,<sup>[160]</sup> a oeste, dando a impressão de não ligar a nada, de não se interessar por nada, não prestando a mínima atenção às mulheres, às lojas, andando, por assim dizer, ao acaso, com os bolsos vazios, parecendo desprovidos de cérebro, e vos indagareis a que tribo parisiense pertencerão. Pois bem! Esses homens são milionários, colecionadores, as criaturas mais apaixonadas da terra, pessoas capazes de invadir os terrenos lodosos da Polícia Correcional para se apoderar de uma taça, de um quadro, de uma peça rara, como fez Elias Magus, um dia, na Alemanha.

Tal era o perito a cuja casa Rémonencq levou misteriosamente Cibot. Rémonencq consultava Elias Magus sempre que o encontrava nos bulevares. Em diversas ocasiões, o judeu fizera Abramko emprestar dinheiro a esse antigo mensageiro, cuja probidade bem conhecia. Como a Chaussée des Minimes ficava a dois passos da Rue de Normandie, os dois cúmplices do *golpe a dar* lá chegaram em dez minutos.

— A senhora vai ver — disse Rémonencq — o mais rico dos antigos comerciantes de curiosidades, o maior conhecedor que há em Paris...

A sra. Cibot ficou pasma ao ver-se diante de um velhote metido num casacão indigno de passar pelas mãos de Cibot para ser consertado e que fiscalizava seu restaurador, um pintor ocupado em reparar quadros numa peça fria do vasto pavimento térreo; depois, ao receber um olhar daqueles olhos cheios de uma fria malícia como os dos gatos, ela estremeceu.

— Que quer, Rémonencq? — disse ele.

— Preciso avaliar uns quadros; e o senhor é o único homem em Paris capaz de dizer a um pobre caldeireiro como eu quanto pode dar por eles, já que ele não tem, como o senhor, milhões e milhões.

— Onde é? — disse Elias Magus.

— Aqui está a porteira da casa onde mora o dono e com quem me entendi...

— Quem é o dono?

— O sr. Pons! — disse a Cibot.

— Não o conheço — respondeu Magus com uma expressão ingênua, apertando docemente com o pé o pé do restaurador.

Moret, o pintor, conhecia o valor do Museu Pons e erguera bruscamente a cabeça. Essa astúcia só podia ser arriscada diante de Rémonencq e da Cibot. O judeu avaliara moralmente a porteira com um olhar no qual os olhos exerceram a função dos pratos da balança de um pesador de ouro. Um e outro certamente ignoravam que o velho Pons e Magus já haviam medido muitas vezes suas forças. Por isso, o velho judeu passara por um deslumbramento interior. Nunca esperara poder entrar um dia num serrvalho tão bem vigiado. O Museu Pons era o único,

em Paris, que podia rivalizar com o Museu Magus. O judeu tivera, vinte anos mais tarde que Pons, a mesma ideia; mas, em vista da sua qualidade de comerciante-amador, o Museu Pons permaneceu fechado para ele, do mesmo modo que para Dusommerard.<sup>[161]</sup> Pons e Magus tinham no coração o mesmo zelo. Ambos não gostavam dessa celebridade que ordinariamente buscam os que possuem museus. Poder examinar a magnífica coleção do pobre músico significava, para Elias Magus, a mesma ventura que a de um apreciador de mulheres que conseguisse insinuar-se no gabinete de uma bela amante que um amigo lhe oculta. O grande respeito que Rémonencq testemunhava por esse singular personagem e o prestígio que exerce qualquer poder real, mesmo misterioso, tornaram a porteira obediente e dócil. A Cibot perdeu o tom autocrático com que se conduzia em casa com seus locatários e seus dois senhores, aceitou as condições de Magus e prometeu introduzi-lo no Museu Pons naquele mesmo dia. Isso era levar o inimigo ao centro da cidadela, enterrar um punhal no coração de Pons, que há dez anos vinha proibindo a Cibot de deixar entrar quem quer que fosse em sua casa, que levava sempre as chaves consigo e a quem a Cibot obedecera enquanto partilhara das opiniões de Schmucke a respeito do bricabraque. Com efeito, o bom Schmucke, tratando aquelas magnificências de *puchiganques* e deplorando a mania de Pons, inculcara na porteira seu desprezo por aquelas velharias e assim protegera o Museu Pons de qualquer invasão durante muito tempo.

Desde que Pons caíra de cama, Schmucke o substituíra no teatro e nos pensionatos. O pobre alemão, que só via o amigo pela manhã e ao jantar, tratava de fazer face a todas as despesas conservando a clientela comum, mas a dor o acabrunhava tanto que todas as suas energias eram absorvidas por essa tarefa. Ao ver o pobre homem tão triste, os alunos e a gente do teatro, todos informados por ele da doença de Pons, pediam-lhe notícias dele, e o pesar do pianista era tão grande que chegava a obter dos indiferentes essa fisionomia pesarosa que em Paris se concebe às maiores catástrofes. A saúde do bom alemão estava tão abalada como a de Pons. Schmucke padecia, ao mesmo tempo, da sua dor e da doença do amigo. Assim falava de Pons durante a metade da lição que dava; interrompia com tamanha naturalidade uma demonstração para indagar consigo mesmo como estaria passando o amigo, que a jovem aluna ficava a ouvi-lo descrever a doença de Pons. Entre duas lições, corria à Rue de Normandie para ver Pons durante um quarto de hora. Assustado com o esvaziamento da caixa comum, alarmado pela sra. Cibot, que há quinze dias vinha aumentando tanto quanto podia as despesas da doença, o professor de piano dominava suas angústias com uma coragem de que nunca se julgaria capaz. Pela primeira vez na vida sentia vontade de ganhar dinheiro, para que não

faltasse dinheiro em casa. Quando uma aluna, verdadeiramente comovida com a situação dos dois amigos, perguntava a Schmucke como podia ele deixar Pons sozinho, ele respondia com o sublime sorriso dos enganados: “*Ziniorita, temos a ziniora Zipô! Um tesouro! Uma pérrola! Pons é tratado como um príncipe!*”. Ora, enquanto Schmucke corria pelas ruas, a Cibot ficava senhora do apartamento e do doente. Como poderia Pons, que há quinze dias não comia nada, que jazia sem forças no leito e a quem a Cibot tinha de erguer para sentá-lo numa poltrona a fim de arrumar a cama, vigiar aquele pretensso anjo da guarda? Naturalmente a Cibot fora à casa de Elias Magus durante o almoço de Schmucke.

Ela voltou no momento em que o alemão se despedia do doente, pois, desde a revelação da provável fortuna de Pons, a Cibot não abandonava mais o celibatário, vivia a chocá-lo! Mergulhava numa boa poltrona, ao pé do leito, e distraía Pons com esses falatórios em que as mulheres desse tipo são insuperáveis. Tornando-se manhosa, amável, atenciosa, preocupada, ela se instalava no espírito do bom velho Pons com uma habilidade maquiavélica, como se vai ver.

#### XXXVI – LÁBIA E POLÍTICA DAS VELHAS PORTEIRAS

Assustada com a predição do baralho grande da sra. Fontaine, a Cibot prometera a si mesma conseguir por meios brandos, por uma perversidade puramente oral, ser incluída no testamento do seu senhor. Tendo ignorado durante dez anos o valor do Museu Pons, a Cibot se sentia credora de dez anos de afeição, de probidade, de desinteresse e se propunha cobrar com juros esse elevado adiantamento. Desde o dia em que, por uma frase cheia de ouro, Rémonencq libertara no coração dessa mulher uma serpente que estivera encerrada em sua casca durante vinte e cinco anos, o desejo de ser rica, essa criatura passara a alimentar a serpente com todos os fermentos que cobrem o fundo dos corações, e vamos ver agora como ela executava os conselhos que lhe insinuava a serpente.

— Então! Bebeu tudo, o nosso querubim? Está melhor? — disse ela a Schmucke.

— *Non fai nata pem! Minia cara ziniora Zipô! Nata pem!* — respondeu o alemão, enxugando uma lágrima.

— O senhor se alarma demais, meu caro, é preciso ter calma... Se Cibot estivesse à morte eu não andaria tão alarmada como o senhor. Ora! Nosso querubim tem n’uma constituição muito forte. E depois, não se esqueça, parece que ele foi casto; o senhor não sabe como os castos têm vida longa! Ele está muito doente, é verdade, mas, com os cuidados que tenho com ele, hei de fazê-lo escapar desta. Fique descansado, vá tratar de seus n’afazeres, ficarei fazendo-lhe companhia

e dando-lhe a beber seu caldo de cevada.

— *Se non fosse a ziniora, eu morreria te preocupaçõ...* — disse Schmucke, apertando a mão da boa governanta entre as suas, num gesto de confiança.

A Cibot entrou no quarto de Pons enxugando os olhos.

— Que tem, sra. Cibot? — perguntou Pons.

— É o sr. Schmucke que me vira a alma pelo avesso, chora como se o senhor tivesse morrido! — respondeu ela. — Embora não esteja tão bem, ainda não está tão mal para que a gente chore pelo senhor, mas isso me impressiona muito! Meu Deus! Sou uma estúpida por gostar demais das pessoas e me afeiçoar mais ao senhor que ao Cibot! Pois, afinal, o senhor não é nada meu, somos parentes n'apenas por parte de Adão e Eva, mas ferve-me o sangue nas veias por tudo quanto lhe diz respeito, palavra de honra. Eu daria minha mão a cortar, a esquerda, é claro, n'aquí, à sua frente, para vê-lo andando de um lado para outro, comendo, logrando negociantes, como de costume... Se eu tivesse tido um filho, acho que o amaria como amo o senhor. Mas beba, meu filho, vamos, um copo cheio! Faça o favor de beber, senhor! Olhe que o sr. Poulain disse: “Se não quiser ir para a sepultura, o sr. Pons terá de beber durante o dia tantos baldes de água quantos vende um auvernês”.<sup>[162]</sup> Por isso, beba! Vamos!

— Mas eu bebo, minha boa Cibot... Bebo tanto que já estou com o estômago transbordando...

— Está bem! — disse a porteira, segurando um copo vazio. — Há de ficar bom, desse jeito! O sr. Poulain tratou de um doente como o senhor, que não tinha quem cuidasse dele e fora n'abandonado pelos filhos, e que morreu dessa mesma doença, por não beber!... Está vendo que precisa beber, meu queridinho!... Faz dois meses que o enterraram... O senhor sabe que, se morrer, arrastará junto o bom velho Schmucke... Ele é como uma criança, palavra de honra. Ah! Como gosta do senhor, aquele bom homem! Não, nunca uma mulher gosta de um homem desse modo! Já não come nem bebe, emagreceu, nesses quinze dias, tanto quanto o senhor, que já está que é só a pele em cima dos ossos... Isso me deixa com ciúme, porque também me afeiçoei muito ao senhor, mas não a esse ponto... Não perdi o n'apetite. Muito pelo contrário! Obrigada a subir e a descer a todo o momento as escadas, ando com um cansaço nas pernas que à noite caio na cama como se fosse de chumbo. Já basta que eu não cuide direito do meu pobre Cibot por sua causa, que a srta. Rémonencq faça a comida dele e que ele ralde comigo, porque acha tudo malfeito! Quando acontece isso, eu digo a ele que precisa saber sofrer pelos outros e que o senhor está muito mal para que a gente possa deixá-lo sozinho... Que o senhor não tem dinheiro que chegue para manter uma n'enfermeira! E, depois, que eu nunca poderia tolerar uma n'enfermeira aqui, eu que tomo conta das suas coisas e

arrumo sua casa há dez anos... E, ainda mais, que elas comem por dez, exigem açúcar, vinho, n'aquecedores, descanso... Que roubam dos doentes, quando os doentes não os favorecem nos seus testamentos... Meta uma n'enfermeira aqui, hoje, e amanhã daremos pela falta de um quadro, um objeto qualquer...

— Oh! Sra. Cibot! — exclamou Pons fora de si. — Não deixe!... Que não mexam — em nada!...

— Estou aqui! — disse a Cibot. — Enquanto eu tiver forças estarei aqui... Fique descansado! O sr. Poulain, que talvez esteja de olho no seu tesouro, queria mandar-lhe uma n'enfermeira!... Como eu me opus! “Ele só quer saber de mim!”, disse eu. “Temos os mesmos hábitos.” E ele se calou. Uma n'enfermeira... são todas umas ladras! Odeio essas mulheres!... O senhor vai ver como elas são intrigantes. Uma vez, um senhor de idade... Repare que foi o sr. Poulain que me contou isto... Pois uma sra. Sabatier, uma mulher de trinta e seis anos, antiga vendedora de chinelas no Tribunal, o senhor conheceu a galeria de comércio que havia no Tribunal e depois demoliram, não é?...

Pons fez um gesto afirmativo.

— Pois bem. Essa mulher, dessa vez, nada conseguiu do seu doente, que bebia tudo e morreu de uma *imbustão* espontânea; ela tinha sido uma linda mulher, é preciso dizer tudo, mas isso não lhe serviu de nada, n'embora ela tivesse tido bons amigos advogados... Bem... uma vez na miséria, ela passou a cuidar de mulheres por ocasião dos partos e foi morar à Rue Barre-du-Bec. Então, empregou-se como n'enfermeira de um senhor n'idoso que, com seu respeito, tinha uma doença das vias *lurinárias* e a quem sondavam como um poço artesiano e que precisava de tantos cuidados que ela dormia numa cama de vento no quarto do doente. Isso é coisa que se acredite? O senhor me dirá: “Ora, os homens não respeitam nada! São muito egoístas!”. Bem... em conversa com ele, o senhor compreende, ela estava sempre lá, divertia-o, contava-lhe histórias, puxava por ele, sabe como é, assim como nós dois aqui, a tagarelar... Pois é... ela soube que os sobrinhos do doente, pois ele tinha sobrinhos, eram uns monstros, lhe davam desgostos e, enfim, que eram os culpados de sua doença. Pois bem, meu caro senhor. Ela salvou o doente e se tornou sua n'esposa, e eles tiveram um filho formidável e a sra. Bordevin, a açougueira da Rue Charlot, que é parenta dessa senhora, foi madrinha... Isso é que é sorte! Eu sou casada, mas não tenho filho, e posso dizê-lo, é por causa de Cibot, que gosta demais de mim; pois se eu quisesse... Bem, chega. Que seria de nós com família, eu e o Cibot, se não temos nada ao fim de trinta anos de vida honrada, meu caro senhor! Mas o que me consola é que não devo nada a ninguém. Nunca fiz mal a ninguém... Olhe, vamos supor, e é só uma suposição, pois daqui a seis semanas o senhor estará de pé, passeando pelos bulevares, bem, vamos supor que o senhor me metesse no seu



testamento, pois bem! Eu não descansaria enquanto não encontrasse seus herdeiros para devolver-lhes o que me tivesse tocado... Tal é o medo que tenho de dinheiro que não for n'adquirido com o suor do meu rosto. O senhor dir-me-á: "Ora, sra. Cibot, não se atormente assim, a senhora bem o mereceu, a senhora cuidou desses dois senhores como se fossem seus filhos, a senhora lhes poupou mil francos por ano"... Pois, no meu lugar, pode acreditar, senhor, que muitas cozinheiras já teriam dez mil francos na Caixa. "Mas é muito justo que esse digno senhor lhe deixe uma rendazinha vitalícia...", me diriam, por hipótese. Pois bem! Não! Eu sou desinteressada... Não sei como há mulheres que praticam o bem por interesse... Isso não é praticar o bem, não é, senhor?... Eu não vou à igreja! Não tenho tempo para isso; mas minha consciência me diz o que é direito... Não se n'agite, meu queridinho! Não se coce! Meu Deus, como o senhor está n'amarelo! O senhor está tão n'amarelo que chega a ficar pardo... Como é engraçado que a gente possa ficar em vinte dias como um limão!... A probidade é o tesouro dos pobres. Afinal, a gente precisa ter alguma coisa! Antes de mais nada, mesmo que o senhor chegasse a um estado extremo, por uma hipótese, é claro, eu seria a primeira a dizer-lhe que o senhor deve deixar tudo o que lhe pertence para o sr. Schmucke. É o seu dever, pois ele é toda a sua família! Ele o ama, como um cão ama seu dono.

— Ah! Sim! — disse Pons. — Em toda a minha vida só fui estimado por ele...

### XXXVII – EM QUE SE VÊ O EFEITO DE UM LINDO BRAÇO

— Ah! Senhor — disse a sra. Cibot —, não é nada amável; e eu, então, não o estimo?...

— Não estou dizendo isso, minha cara sra. Cibot.

— Bem! Vejo que me toma por uma criada, uma cozinheira qualquer, como se eu não tivesse coração! Ah! Meu Deus! Vá a gente se matar durante n'onze anos por dois solteirões! Não se ocupar de outra coisa além de seu bem-estar, remexer tudo nas casas de dez vendedoras de frutas, sujeitar-se a ouvir gracinhas para encontrar um bom queijo de Brie, ir até o Mercado para buscar manteiga fresca e, pense bem nisto!, Sem nunca lhes ter quebrado nem lascado nada em dez anos... Vá a gente ser como uma mãe para seus filhos! E depois ouvir um *minha cara sra. Cibot* que prova que não há um sentimento para nós no coração do velho de quem cuidamos como o filho de um rei, pois o pequeno rei de Roma<sup>[163]</sup> não foi tão bem cuidado como o senhor!... Quer apostar como ele não foi cuidado como o senhor?... A prova é que ele morreu na flor da idade... Pense bem, senhor... Não está sendo justo... É um ingrato! E isso porque não sou mais que uma pobre porteira. Ah! Meu Deus, então o senhor também acha que somos uns cães?...

— Mas, minha cara sra. Cibot...

— Afinal o senhor, que é um sábio, explique-me por que é que somos tratadas assim, nós, as porteiras? Por que é que acham que não temos sentimentos e que se riem de nós, numa época em que se fala em n'igualdade!... Eu, então, não valho tanto quanto outra mulher? Eu, que fui uma das mulheres mais bonitas de Paris, que fui apelidada *a bela descascadora de ostras* e que recebia declarações de amor sete ou oito vezes por dia... e que, se ainda quisesse... Veja uma coisa. O senhor conhece muito bem esse belchior que mora aqui na frente. Pois bem! Se eu fosse viúva, por hipótese, ele se casaria comigo de olhos fechados, tantos n'os tem abertos para o meu lado. Ele me diz todo o dia: "Oh! Que belos braços tem!... Sra. Cibot! Esta noite sonhei que seus braços eram pão e eu era manteiga, e que me n'espalhava por cima deles!". Veja, senhor, que braços!...

E arregaçou a manga e mostrou o mais lindo braço do mundo, tão alvo e tão fresco quanto sua mão era vermelha e murcha: um braço rechonchudo, com covinhas e que, retirado de seu estojo de merinó ordinário como uma lâmina sacada da bainha, devia deslumbrar Pons, que não se animou a fitá-lo por muito tempo.

— E — acrescentou ela — que abriram tantos corações quantas ostras abriu minha faca! Pois bem! São do Cibot, e eu cometo a falta de negligenciar o pobre homem querido, que se n'atiraria num precipício à primeira palavra que eu dissesse, e isso pelo senhor, que me chama *minha cara sra. Cibot*, a mim, eu que faria o impossível pelo senhor...

— Mas, escute-me — disse o doente —, não a posso chamar de minha mãe nem de minha esposa...

— Não, nunca mais, na minha vida, hei de me afeiçoar a alguém!...

— Mas deixe-me falar! — replicou Pons. — Vamos ver, falei de Schmucke em primeiro lugar.

— O sr. Schmucke! Esse, sim, tem coração! — disse ela. — Ele, sim, gosta de mim, porque é pobre! É a riqueza que torna o senhor insensível, pois o senhor é rico! Pois bem! Tome uma n'enfermeira, e verá que vida ela lhe fará levar! Verá como ela o atormentará como um besouro... O médico dirá que o senhor precisa beber, e ela só lhe dará o que comer! Ela levará o senhor à sepultura para roubar sua pessoa. O senhor não merece ter uma sra. Cibot!... Está bem... Quando o sr. Poulain chegar, peça-lhe uma n'enfermeira!

— Mas que diabo! Escute-me! — exclamou o doente encolerizado. — Ao falar no meu amigo Schmucke, não me referi às mulheres!... Sei muito bem que não há outros corações nos quais eu seja estimado sinceramente além do seu e do de Schmucke!...

— Faça o favor de não se n'irritar desse modo! — gritou a Cibot, precipitando-se sobre Pons e fazendo-o tornar a deitar-se à força.

— Mas como eu não haveria de gostar da senhora?... — disse o

pobre Pons.

— Sim, o senhor gosta de mim, não é?... Bem, bem, perdão, senhor! — disse ela, chorando e enxugando as lágrimas. — Está bem, sim, o senhor gosta de mim, como se gosta de uma criada a quem se atira uma renda vitalícia de seiscentos francos, como um pedaço de carne a um cão!...

— Oh! Sra. Cibot! — exclamou Pons. — Por quem me toma a senhora? Não me conhece!

— Ah! Então gosta um pouquinho mais de mim? — acrescentou ela, ao receber um olhar de Pons. — Será que gosta de sua boa velha Cibot como de uma mãe? Bem! Então é isso. Sou sua mãe, são ambos meus filhos!... Ah! Se eu soubesse quais foram as pessoas que o magoaram, eu acabaria na prisão, pois lhes arrancaria os olhos!... Essa gente merece ser enforcada e ainda seria suave demais para tais bandidos!... O senhor, tão bom, tão delicado, pois tem um coração de ouro; o senhor foi criado e posto no mundo para fazer feliz uma mulher... Sim, o senhor a faria feliz... Está visto, o senhor foi talhado para isso... Eu, desde o primeiro dia, ao ver como o senhor era com o sr. Schmucke, pensei: “Não, o sr. Pons cometeu um erro na vida! Nasceu para ser um bom marido...”. Confesse! O senhor gosta das mulheres!

— Ah! Sim — disse Pons —, e nunca tive uma!...

— Verdade? — exclamou a Cibot, com um ar provocador, aproximando-se de Pons e tomando-lhe a mão. — N’então não sabe o que é uma amante? Será possível? Eu, em seu lugar, não me conformaria em ir para o outro mundo sem ter conhecido a maior ventura que há na Terra! Pobrezinho! Se eu ainda fosse o que era, palavra de honra que deixaria o Cibot pelo senhor! Mas, com um nariz desse feitio, pois o senhor tem um nariz atrevido! Como é que se pôde conservar assim, meu querubim?... O senhor me dirá: “Nem todas as mulheres n’entendem de homens...”. É mesmo uma desgraça que elas se casem a torto e a direito; até dá pena. Eu pensava que o senhor tivesse amantes às dúzias, dançarinas, atrizes, duquesas, por causa do tempo que passava fora de casa! Sempre que eu via o senhor sair, dizia ao Cibot: “Olha, lá vai o sr. Pons para a *farra*!”. Palavra de honra que eu dizia isso, pois tinha certeza de que o senhor era amado pelas mulheres! O céu o criou para o amor... Olhe, meu queridinho, pensei nisso desde o dia em que o senhor jantou aqui pela primeira vez. Oh! Como o senhor estava comovido pelo prazer que dava ao sr. Schmucke! E ele que ainda chorando no outro dia me dizia: “*Ziniora Zipô, ele chantou aqui!*”. Como chorei também, como um animal! E como ele ficou triste quando o senhor recomeçou suas *saídas*! E a jantar de novo na cidade! Coitado! Nunca se viu desespero igual! Ah! O senhor tem razão de sobra de constituí-lo seu herdeiro! Não é mesmo que esse digno homem é toda uma família para o senhor?... Não se esqueça dele! Senão Deus não o

receberá no seu paraíso, onde só deixa entrar os que se mostraram gratos aos amigos, deixando-lhes rendimentos.

### XXXVIII – EXÓRDIO POR INSINUAÇÃO

Pons fazia vãos esforços para responder; a Cibot falava sem cessar. Embora já tenha sido descoberto o meio de fazer parar as máquinas a vapor, a procura do meio de deter a língua de uma porteira há de esgotar o talento dos inventores!

— Sei o que é que o senhor vai dizer! — continuou ela. — Não é coisa que mate alguém fazer um testamento quando se está doente; e, em seu lugar, com receio de algum n'acidente, eu não gostaria de desamparar esse pobre cordeiro, pois ele é um bichinho do bom Deus; ele não sabe nada de nada; e eu não gostaria de deixá-lo à mercê das roubalheiras dos corretores e dos parentes, que são todos uns canalhas! Vamos ver, há algum que já veio visitar o senhor nestes vinte dias?... E o senhor dar-lhes-ia seus bens! Sabe que dizem que tudo isso que o senhor tem aqui vale alguma coisa?

— É claro que sei — disse Pons.

— Rémonencq, que trabalha nesse ramo, sabe que o senhor é colecionador, disse que lhe conseguiria uns trinta mil francos de renda vitalícia em troca dos seus quadros... É um negócio a resolver! Em seu lugar eu fa-lo-ia!! Até pensei que ele estivesse brincando comigo, quando me disse isso... O senhor devia prevenir o sr. Schmucke do valor de todas essas coisas, porque ele é um homem a quem enganariam como a uma criança; ele não tem a mínima ideia do que valem as belas coisas que o senhor possui! Desconfia tão pouco disso que as entregaria por um naco de pão, se, pela estima que tem pelo senhor, não as conservasse durante toda a vida, se continuasse vivo depois da morte do senhor, pois ele morrerá também! Mas estou aqui! E o defenderei contra todos!... Eu e Cibot.

— Minha cara sra. Cibot — respondeu Pons, enternecido por esse espantoso palavrório no qual essa afeição parecia natural como geralmente é na gente do povo. — Que seria de mim sem a senhora e sem Schmucke?

— Sim, somos, na verdade, seus únicos amigos no mundo! Isso é certo! E dois bons corações valem por todas as famílias... Não me fale da família! É como a língua, como disse aquele ator antigo,<sup>[164]</sup> é tudo o que há de melhor e de pior... Onde estão, por exemplo, os seus parentes?... O senhor tem parentes?... Nunca os vi...

— Pois foram eles que me deixaram de cama!... — exclamou Pons, com uma profunda amargura.

— Ah! Então o senhor tem parentes!... — disse a Cibot, levantando-se como se sua poltrona se tivesse subitamente transformado em ferro

ao rubro. — Ah! Sim, senhor! São muito amáveis os seus parentes! Como é que já faz vinte dias, sim, esta manhã faz vinte dias que o senhor está à morte, e eles ainda não vieram saber notícias suas? É muito engraçado isso!... Em seu lugar, eu preferiria deixar toda a minha fortuna à Roda dos Expostos a dar-lhes um *liard* que fosse!

— Pois bem, minha cara sra. Cibot, eu queria legar tudo quanto possuo à minha sobrinha-neta, a filha de meu primo-irmão, o presidente Camusot, a senhora sabe, aquele magistrado que veio aqui uma manhã há quase dois meses.

— Sim! Um baixote que mandou seus criados pedirem-lhe perdão... pela asneira da mulher... A criada de quarto me fez perguntas a respeito do senhor, uma velha delambida que me deu vontade de tirar o pó de sua capinha de veludo com o cabo da vassoura! Já se viu uma criada de quarto usar capinha de veludo?! Não, palavra de honra, o mundo está de pernas para o ar! Para que é que se fazem revoluções? Jantem duas vezes por dia, miseráveis ricos, se puderem! Mas eu continuo a dizer que as leis são inúteis e que não há mais nada sagrado se Luís Felipe não conservar as categorias sociais, pois, afinal, se todos somos iguais, não é? E uma criada de quarto não pode ter uma capa de veludo, já que eu, sra. Cibot, com trinta anos de probidade, não tenho uma... Veja só que bonito! A gente deve parecer o que é. Uma criada de quarto é uma criada de quarto, do mesmo modo que eu sou uma porteira! Por que é, então, que os militares usam dragonas com franjas? Cada um no seu lugar. Olhe, quer que eu lhe diga que é que significa tudo isso? Pois bem: a França está perdida!... E na época do n'ímperador tudo marchava de outro modo, não é verdade? Eu disse a Cibot: “Repara só, uma casa onde as criadas de quarto têm capinhas de veludo é uma casa de gente sem coração...”.

— Sem coração! É isso mesmo! — respondeu Pons.

E Pons narrou seus desgostos e seus pesares à sra. Cibot, que se expandiu em invectivas contra os parentes e testemunhou a mais intensa ternura a cada frase da triste narrativa. Por fim, chorou!

Para compreender essa súbita intimidade entre o velho músico e a sra. Cibot, basta imaginar a situação dum celibatário, gravemente enfermo pela primeira vez na vida, tendo de passar o dia inteiro sozinho e achando o dia ainda mais comprido por estar acometido dos indefiníveis sofrimentos da hepatite, que enegrece a mais bela existência; além disso, privado de suas numerosas ocupações, ele cai no marasmo e sente saudade de tudo quanto se pode ver gratuitamente em Paris. Essa solidão profunda e tenebrosa, esse sofrimento que atinge mais ainda o moral do que o físico, a inanidade da vida, tudo isso leva um celibatário, sobretudo quando ele já é fraco por temperamento e tem um coração sensível, a afeiçoar-se à criatura que cuida dele, como um náufrago se agarra a uma tábuia. Assim, Pons escutava a tagarelice

da Cibot com encantamento. Schmucke, a sra. Cibot e o dr. Poulain constituíam para ele toda a humanidade, como seu quarto representava todo o universo. Considerando que todos os doentes concentram sua atenção na esfera que fica ao alcance de seus olhos e que seu egoísmo se exerce em torno deles, subordinando-se às criaturas e às coisas de um quarto, imagine-se agora de que é capaz um solteirão privado de afeições e que nunca conheceu o amor. Em vinte dias, Pons chegara a lamentar, em alguns momentos, não se ter casado com Madalena Vivet! E, desse modo, há vinte dias a sra. Cibot fazia imensos progressos no espírito do doente, que se sentia perdido sem ela, pois, quanto a Schmucke, este era para o pobre doente um outro Pons. A arte prodigiosa da Cibot consistia, sem que ela mesma o soubesse, em exprimir as próprias ideias de Pons.

— Ah! Aí está o doutor — disse ela, ao ouvir a campainha.

E deixou Pons sozinho, sabendo perfeitamente que eram o judeu e Rémonencq que haviam chegado.

— Não façam barulho, senhores... — disse ela. — Que ele não perceba nada! Pois não perde um ruído quando se trata de seu tesouro.

— Uma simples olhadela será suficiente — respondeu o judeu, armado de uma lente e um óculo.

### XXXIX – CORRUPÇÃO PARLAMENTADA

O salão onde se achava a maior parte do Museu Pons era um desses antigos salões como os concebiam os arquitetos empregados pela nobreza francesa, de vinte e cinco pés de largura por trinta de comprimento e treze de altura. Os quadros que Pons possuía, em número de sessenta e sete, pendiam das quatro paredes desse salão revestido de madeira pintado a branco e dourado, e o branco amarelecido e o dourado avermelhado pelo tempo emprestavam-lhe tons harmoniosos que não prejudicavam o efeito das telas. Catorze estátuas elevavam-se sobre colunas, umas nos ângulos das salas, outras entre os quadros e algumas sobre escabelos de Boule. Armários de ébano, todos esculpidos e de régia riqueza, guarneciam a parte inferior das paredes até à altura dos peitoris. Esses armários continham as curiosidades. No meio do salão, uma fila de credências de madeira lavrada ofereciam aos olhares as maiores raridades do trabalho humano: os marfins, os bronzes, as peças de madeira, os esmaltes, a ourivesaria, as porcelanas etc.

Logo que o judeu entrou nesse santuário, dirigiu-se às quatro obras-primas, que achou as mais belas da coleção e assinadas por mestres que faltavam à sua. Elas eram para ele o que são para os naturalistas esses *desiderata* que fazem empreender viagens do pôr ao levantar do sol, nos trópicos, nos desertos, nos pampas, nas savanas, nas florestas virgens.

O primeiro quadro era de Sebastiano del Piombo, o segundo de Fra Bartolomeo della Porta,<sup>[165]</sup> o terceiro uma paisagem de Hobbema e o último um retrato de mulher por Albrecht Dürer, quatro diamantes! Sebastiano del Piombo representa, na arte da pintura, um ponto brilhante onde três escolas se encontram, para reunir suas mais altas qualidades. Pintor de Veneza, foi a Roma a fim de se familiarizar com o estilo de Rafael, sob a direção de Michelangelo, que o quis contrapor a Rafael, lutando, assim, na pessoa de um de seus discípulos, contra esse soberano pontífice da arte. Desse modo, esse gênio preguiçoso fundiu o colorido veneziano, a composição florentina e o estilo rafaelesco nos raros quadros que se dignou pintar e cujos modelos eram desenhados, segundo se diz, por Michelangelo. Pode-se ver nitidamente a que perfeição chegou esse homem, munido dessa tríplice força, quando se examina, no Musée de Paris, o retrato de *Baccio Bandinelli*, que pode ser comparado, sem nada perder nesse confronto, ao *Homem com luva*, de Ticiano, ao retrato de velho no qual Rafael aliou sua perfeição à de Correggio e com o *Carlos VIII* de Leonardo da Vinci. Essas quatro pérolas apresentam a mesma água, o mesmo oriente, a mesma regularidade, o mesmo brilho, o mesmo valor. A arte humana não pode ir além disso. É superior à própria natureza, que faz o original viver apenas um momento. Desse grande gênio, dessa palheta imortal, mas de uma incurável indolência, Pons possuía um *Cavaleiro de Malta*, em oração, pintado sobre ardósia, duma frescura, dum acabamento, duma profundidade superiores mesmo às qualidades do retrato de Baccio Bandinelli. O Fra Bartolomeo, que representava uma Sagrada Família, fora tomado por um quadro de Rafael por muitos conhecedores. O Hobbema era um quadro que alcançaria sessenta mil francos num leilão. Quanto ao Albrecht Dürer, esse retrato de mulher era igual ao famoso Holzschuer de Nuremberg, pelo qual os reis da Baviera, da Holanda e da Prússia ofereceram duzentos mil francos, sem resultado, em várias ocasiões. Seria a filha ou a esposa do cavaleiro Holzschuer, o amigo de Albrecht Dürer?... A hipótese parece acertada, pois a mulher do Museu Pons está numa atitude que permite supor que esse quadro faça par com aquele, e as armas pintadas estão dispostas da mesma maneira num e noutro retrato. Enfim, o AETATIS SVAE XLI<sup>[166]</sup> está em perfeita harmonia com a idade indicada no retrato, tão religiosamente guardado pela casa Holzschuer de Nuremberg e cuja reprodução foi recentemente terminada.

Elias Magus ficou com lágrimas nos olhos ao contemplar admiradamente essas quatro obras-primas.

— Dou-lhe dois mil francos de gratificação sobre cada um desses quadros, se a senhora conseguir que eu os compre por quarenta mil francos!... — disse ao ouvido da Cibot, pasma com essa fortuna caída do céu.

A admiração, ou, para ser mais exato, o delírio do judeu produzira tal transtorno em sua inteligência e em seus hábitos de cobiça que, como vimos, o judeu desapareceu nessa perturbação.

— E eu?... — disse Rémonencq, que não entendia de quadros.

— Tudo aqui tem o mesmo valor — replicou astutamente o judeu ao ouvido do auvernhês. — Leva dez desses quadros ao acaso e nas mesmas condições estarás com a fortuna feita!

Os três ladrões entreolharam-se ainda uma vez, cada um entregue à sua volúpia — a mais intensa de todas —, a satisfação do triunfo em questão de dinheiro, quando a voz do enfermo ressoou e vibrou como as badaladas de um sino...

— Quem está aí?... — gritou Pons.

— Senhor! Mas vá para a cama! — disse a Cibot, correndo na direção de Pons e obrigando-o a voltar para o leito. — Que é isso? Quer se matar?... Bem, não é o sr. Poulain, é o Rémonencq que está tão preocupado com o senhor que veio saber notícias!... O senhor é tão n'estimado que toda a casa está em reboição por sua causa. De que é que tem medo?

— Mas parece-me que há várias pessoas aí — disse o doente.

— Várias? Essa é boa!... Que é isso, está sonhando?... O senhor assim acabará louco, palavra de honra!... Pronto! Veja. — E abriu rapidamente a porta, fez um gesto a Magus para que se retirasse e chamou Rémonencq.

— Então, meu caro senhor! — disse o auvernhês, instruído pela Cibot. — Vim saber notícias suas, pois toda a casa está aflita a respeito do senhor... Ninguém gosta que a morte se meta em sua casa!... E o papá Monistrol, que o senhor conhece, pediu-me que lhe dissesse que se precisar de dinheiro ele está às suas ordens...

— Ele o mandou cá para espiar os meus *bibelôs*! — disse o velho colecionador, com uma rispidez cheia de desconfiança.

Nas doenças do fígado, os indivíduos contraem quase sempre uma antipatia especial, momentânea; concentram seu mau humor num objeto ou numa pessoa qualquer. Ora, Pons imaginava que cobiçavam seu tesouro, tinha a ideia fixa de vigiá-lo e mandava a todo o momento Schmucke ver se ninguém invadira o santuário.

— É bastante bonita, a sua coleção — disse astuciosamente Rémonencq — para chamar a atenção dos regateadores; não entendo de altas curiosidades, mas o senhor é considerado um grande colecionador e, assim, mesmo não estando muito ao par dessas coisas, eu as compraria de olhos fechados... Se o senhor precisar de algum dinheiro... nada custa tanto como essas malditas doenças... Minha irmã, em dez dias, gastou trinta *sous* em remédios, quando teve uma congestão e poderia ter ficado boa sem isso... Esses médicos são uns patifes que se aproveitam da nossa situação para...



— Até logo — respondeu Pons ao belchior, dirigindo-lhe olhares inquietos.

— Vou acompanhá-lo — disse baixinho a Cibot ao doente — porque tenho medo que ele mexa em alguma coisa.

— Sim, sim — concordou o enfermo, agradecendo à Cibot por um olhar.

A Cibot fechou a porta do quarto de dormir, o que despertou a desconfiança de Pons. Ela encontrou Magus imóvel diante dos quatro quadros. Essa imobilidade, essa admiração que só podem ser compreendidas por aqueles cuja alma está aberta ao belo ideal, ao sentimento inefável que causa a perfeição na arte, e que permanecem horas inteiras de pé, parados, no Museu, diante da *Gioconda* de Leonardo da Vinci, diante da *Antíope* de Correggio, a obra-prima desse pintor, diante da *Madona* de Ticiano, da *Sagrada Família* de Andrea del Sarto, diante das *Crianças cercadas de flores* de Domenichino,<sup>[167]</sup> do pequeno camafeu de Rafael e de seu *Retrato de ancião*, as maiores obras-primas da arte.

— Saiam sem fazer barulho! — disse ela.

O judeu retirou-se lentamente e andando de costas, olhando para os quadros como um amante olha para uma amante ao se despedir.

## **XL – ASSALTO DE ASTÚCIA**

Quando o judeu chegou à escada, a Cibot, a quem essa contemplação dera ideias, bateu no braço seco de Magus.

— O senhor me dará quatro mil francos por quadro! Se não, nada feito!

— Sou tão pobre!... — disse Magus. — Se desejo essas telas, é por amor, unicamente por amor à arte, minha bela senhora!

— És tão seco, meu velho! — disse a porteira —, que bem imagino que amor é esse. Mas, se não me prometes hoje mesmo dezesseis mil francos diante de Rémonencq, amanhã serão vinte mil.

— Prometo os dezesseis — respondeu o judeu, assustado com a avidez da porteira.

— Por quem é que um judeu jura?... — disse a Cibot a Rémonencq.

— Pode confiar nele — respondeu o ferro-velho —, ele é tão honesto quanto eu.

— Bem... e você? — perguntou a porteira. — Se eu conseguir que ele lhe venda os quadros, quanto me dará?...

— Metade dos lucros — disse prontamente Rémonencq.

— Prefiro uma quantia certa imediatamente, pois não entendo de negócios — respondeu a Cibot.

— A senhora entende muito de negócios! — disse Elias Magus, sorrindo. — A senhora daria uma comerciante notável.

— Proponho-lhe que se associe comigo de corpo e de bens — disse o auvernês, segurando o braço rechonchudo da Cibot e batendo nele com a força de um malho. — Não lhe exijo outro capital além da sua beleza! É um erro a senhora viver presa a esse turco do Cibot e à sua agulha! Acha que um porteiro pode enriquecer uma mulher bonita como a senhora? Ah! Que figura a senhora faria num loja no bulevar, no meio das curiosidades, conversando com os colecionadores e engazopando-os! Deixe esse cubículo quando já tiver conseguido seu pé-de-meia e verá o que havemos de ser!

— Meu pé-de-meia! — disse a Cibot. — Sou incapaz de aceitar de quem quer que seja o valor de um grampo, está ouvindo, Rémonencq! — gritou a porteira. — Sou conhecida em todo o bairro como uma mulher honesta, n'ouviu!

Os olhos da Cibot flamejavam.

— Ora, acalme-se! — disse Elias Magus. — Esse auvernês parece gostar tanto da senhora que não teve a intenção de ofendê-la.

— Como ela atrairia fregueses! — suspirou o auvernês.

— Sejam justos, meus velhos — replicou a sra. Cibot, abrandada —, e julguem os senhores mesmos a minha situação aqui!... Há dez anos que me mato por causa desses dois solteirões, sem que eles jamais me tenham dado alguma coisa além de palavras... Rémonencq poderá dizer-lhe que forneço comida por mês a esses dois velhos e que nisso perco vinte a trinta *sous* por dia e até já tive de lançar mão das minhas economias, pela alma da minha mãe!... A única autora dos meus dias que conheci; é tão verdade como eu estar aqui viva; pela luz que nos n'alumia, e quero que meu café me sirva de veneno se estou mentindo num cêntimo que seja!... Pois bem... Eis que um deles vai morrer, não é? E justamente o mais rico desses dois homens que transformei em meus filhos!... Acredita, meu caro senhor, que há vinte dias que lhe repito que está à morte (pois o sr. Poulain o desenganou!...) e esse pão-duro ainda não disse uma palavra a respeito de meter-me no seu testamento! Palavra de honra, nós só conseguimos o que nos cabe, tomando-o à força; pois quem é que se vai fiar em herdeiros?... Nunca! Quer saber de uma coisa? As palavras não valem nada, todo o mundo é uma canalha!

— É isso mesmo! — disse ironicamente Elias Magus. — Muito obrigado pela parte que nos toca — acrescentou, olhando para Rémonencq —, a nós, que somos gente honesta...

— Ora — protestou a Cibot —, não estou me referindo aos senhores... As *pessoas prestativas*, como diz aquele ator antigo, *são sempre bem recebidas!*... Juro-lhes que esses dois senhores já me devem quase três mil francos, que o pouco que possuo já se foi em medicamentos e outras coisas e que, se eles, no fim, não me pagarem nada pelo que lhes emprestei!... Sou tão idiota, com a minha probidade, que não me animo a falar-lhes nisso. O senhor, que é um homem de

negócios, me aconselha a procurar um advogado?...

— Um advogado? — exclamou Rémonencq. — Ora, a senhora entende mais disso que todos os *adevogadoch!*...

O barulho de um corpo caindo pesadamente ao chão da sala de jantar ressoou no amplo vão da escada.

— Ah! Meu Deus! — gritou a Cibot. — Que foi que aconteceu? Vai ver que foi o sr. Pons que levou um tombo!

Empurrou os dois cúmplices, que se precipitaram agilmente pela escada, e correu à sala de jantar, onde viu Pons estendido de todo o comprimento, só em camisa, desmaiado! Tomou o solteirão nos braços, ergueu-o como uma pena e levou-o para a cama. Depois de deitar o moribundo, deu-lhe a respirar barbas de pena queimada, molhou-lhe as têmporas com água-de-colônia e o reanimou. E, logo que viu os olhos de Pons abertos e que ele recuperava os sentidos, pôs as mãos nas cadeiras:

— Sem chinelas, em camisa! Isso é o bastante para matá-lo! E por que desconfia de mim?... Se é assim, adeus, senhor. Depois de dez anos que cuido do senhor, que gasto meu dinheiro em coisas da sua casa, até acabar minhas economias para poupar desgostos ao pobre sr. Schmucke, que chora como uma criança pelas escadas... Deus o castigou! É bem feito! E eu que faço um esforço enorme para levá-lo nos meus braços, que me arrisco a ficar doente para o resto da vida. Ah! Meu Deus! E a porta que deixei aberta...

— Com quem estava falando?

— Ora essa! — exclamou a Cibot. — Ah! É assim? Sou sua escrava? Tenho contas a dar-lhe do que faço? Fique sabendo que se me aborrecer assim eu abandonarei isso tudo! O senhor que tome uma n'enfermeira!

Pons, atemorizado por essa ameaça, deu à Cibot, sem o perceber, a medida do que ela podia tentar com essa espada de Dâmocles.

— É a minha doença! — disse ele, num tom lastimoso.

— Ainda bem! — replicou a Cibot, rudemente.

Deixou Pons confuso, entregue a seus remorsos, admirando a ruidosa dedicação de sua enfermeira, censurando-se e sem sentir o quanto agravava sua doença, caindo daquela maneira sobre os ladrilhos da sala de jantar.

## **XLI – EM QUE O NÓ SE APERTA**

A Cibot avistou Schmucke subindo a escada.

— Corra! Senhor... Há más notícias! Ande! O sr. Pons está louco!... Imagine que ele se levantou, completamente nu, e saiu atrás de mim, ou melhor, caiu no chão, de todo o comprimento... Pergunte-lhe por quê... Não sabe de nada... Ele está mal. Não fez nada para provocar-lhe tais violências, a não ser despertar-lhe ideias, falando-lhe sobre seus

primeiros amores. Quem é que conhece os homens? São todos uns velhos libertinos... Fiz mal em mostrar-lhe meus braços, seus olhos ficaram brilhando como duas pedras preciosas...

Schmucke escutava a sra. Cibot como se estivesse ouvindo falar hebraico.

— Fiz um n'eforço tão grande que ficarei doente para o resto da vida!... — acrescentou a Cibot, fingindo-se acometida de fortes dores e pensando em tirar proveito da ideia que tivera, por acaso, ao sentir uma pequena fadiga nos músculos. — Sou tão estúpida! Quando o vi no chão, tomei-os nos braços e levei-o para a cama, como se fosse uma criança! Mas, agora, estou sentindo um cansaço! Ah! Estou muito mal!... Vou descer para minha casa, fique cuidando do nosso doente. Vou mandar Cibot chamar o sr. Poulain para mim! Prefiro morrer a ficar doente...

A Cibot agarrou-se ao corrimão e desceu a escada fazendo mil contorsões e dando gemidos tão queixosos que todos os locatários, assustados, saíram para as áreas de seus apartamentos. Schmucke amparava a doente derramando lágrimas e descrevia a todos a dedicação da porteira. Toda a casa, todo o bairro logo tiveram conhecimento do rasgo sublime da sra. Cibot, que fizera um esforço mortal, diziam, ao erguer um dos quebra-nozes nos braços. Schmucke, ao voltar para junto de Pons, revelou-lhe o estado aflitivo de seu factótum e ambos se entreolharam, dizendo: Que vai ser de nós sem ela? Schmucke, ao ver a alteração causada em Pons pela saída do leito, não se animou a censurá-lo.

— *Maldito picaprac! Eu preferia queimá-lo a perter meu amigo!...* — exclamou, quando Pons lhe expôs a causa do acidente. — *Tesconfiar ta ziniora Zipô, que nos empreste suas economias! Non está tireito; mas é a toença...*

— Ah! Que doença! Estou mudado, sinto-o — disse Pons. — Não quero fazer-te sofrer, meu bom amigo.

— *Ralia comigo!* — disse Schmucke. — *E teixa a ziniora Zipô em paz!*

O dr. Poulain fez desaparecer em poucos dias a enfermidade de que se dizia ameaçada a sra. Cibot, e sua reputação recebeu no bairro uma fama extraordinária por essa cura, que parecia um milagre. Na casa de Pons, ele atribuiu esse triunfo à excelente constituição da doente, que retomou o serviço junto de seus dois senhores no sétimo dia, com grande satisfação da parte deles. Esse acontecimento aumentou cem por cento a influência, a tirania da porteira sobre a vida doméstica dos dois quebra-nozes que, durante aquela semana, se haviam endividado, mas as dívidas foram pagas por ela. A Cibot aproveitou-se da circunstância para conseguir (e com que facilidade!) de Schmucke um recibo de dois mil francos, que ela dizia ter emprestado aos dois amigos.

— Ah! Que médico é o sr. Poulain! — disse a Cibot a Pons. — Ele salvará sua pessoa, meu caro senhor, pois me tirou da sepultura! Meu pobre Cibot já me considerava morta!... Pois bem, o sr. Poulain lhe deve ter dito, enquanto eu estava de cama só pensava no senhor. “Meu Deus”, dizia eu; “leve-me e deixe viver o meu querido sr. Pons...”

— Pobre da minha cara sra. Cibot! Quase ficou doente por minha causa!...

— Ah! Se não fosse o sr. Poulain, eu estaria na cova que nos espera a todos. Pois bem... Voltei da beira da sepultura, como dizia aquele ator antigo! É preciso n’encarar as coisas com filosofia. Como se n’arranjou sem mim?...

— Schmucke ficou cuidando de mim — respondeu o doente. — Mas nossa pobre caixa e nossa clientela sofreram com isso... Não sei como foi que ele fez...

— *Calma, Pons!* — exclamou Schmucke. — *Tivemos no tio Zipô um panqueiro!...*

— Não fale nisso! Meu caro. Os senhores dois são nossos filhos — acrescentou a Cibot. — Nossas n’economias estão bem empregadas com os senhores, ora essa! Os senhores são mais sólidos do que o Banco. Enquanto tivermos um pedaço de pão, a metade será dos senhores... Nem vale a pena falar nisso...

— *Pobre ziniora Zipô!* — disse Schmucke, ao sair.

Pons permanecia em silêncio.

— O senhor acredita, meu querubim — disse a Cibot ao doente, ao vê-lo inquieto —, que, na minha n’agonia, pois via a morte bem de perto!... o que mais me atormentava era deixá-los sozinhos no mundo e deixar meu pobre Cibot sem nada?... São tão pouca coisa as minhas n’economias que só lhe falo nelas pensando na minha morte e no Cibot, que é um anjo! Ele cuidou de mim como de uma rainha, chorando como um terneiro!... Mas eu contava com o senhor, palavra de honra. Eu lhe dizia: “Ora, Cibot, os meus senhores nunca te deixarão sem pão”...

Pons nada respondeu a esse ataque *ad testamentum*, e a porteira ficou em silêncio esperando uma palavra.

— Eu os recomendarei a Schmucke — disse, finalmente, o doente.

— Ah! — exclamou a porteira. — Tudo quanto o senhor fizer estará bem feito, confio no senhor e no seu coração... Não falemos nisso, pois assim o senhor me humilha, meu querido querubim; pense em ficar bom! O senhor viverá mais do que nós.

Uma profunda inquietação apoderou-se do coração da sra. Cibot. Ela resolveu fazer com que o seu senhor se explicasse sobre o legado que lhe pretendia deixar e, para começar, saiu para encontrar o dr. Poulain em casa, à noite, depois do jantar de Schmucke, que fazia as refeições junto do leito de Pons desde a doença do amigo.

O dr. Poulain morava à Rue d'Orléans. Ocupava um acanhado pavimento térreo composto de vestibulo, uma sala e dois quartos de dormir. Uma saleta contígua ao vestibulo que comunicava a um dos quartos, o do doutor, fora convertida em gabinete. A moradia contava ainda com uma cozinha, um quarto de criada e uma pequena adega. Estava situada numa ala da casa, imenso prédio construído durante o Império, no lugar de um antigo palácio cujo jardim ainda subsistia. Esse jardim era desfrutado em comum pelos três apartamentos do pavimento térreo.

O apartamento do doutor não sofrera qualquer alteração nos últimos quarenta anos. As pinturas, os papéis das paredes, a decoração, tudo lá lembrava o Império. Uma imundície quadragenária e a fuligem haviam manchado as vidraças, os caixilhos, os desenhos do papel, os tetos e as pinturas. Essa pequena habitação, no meio do Marais, ainda custava mil francos de aluguel por ano. A sra. Poulain, mãe do doutor, com sessenta e sete anos, acabava a vida no segundo quarto de dormir. Trabalhava para os alfaiates de calças de montaria. Cosia polainas, calções de montaria de couro, suspensórios, cintos, tudo, enfim, que concerne a esse artigo, atualmente em grande decadência. Ocupada em cuidar da casa e fiscalizar a única criada do filho, nunca saía e tomava ar no jardimzinho, o qual se alcançava por uma porta-janela da sala. Viúva há vinte anos, vendera, por ocasião da morte do marido, sua alfaiataria de calças de montaria a seu primeiro oficial, que lhe dava trabalho suficiente para que ela pudesse ganhar cerca de trinta *sous* por dia. Sacrificara tudo pela educação do filho único, a fim de que ele pudesse alcançar uma situação superior à do pai. Orgulhosa de seu Esculápio, certa do seu triunfo, continuava a sacrificar-lhe tudo, sentindo-se feliz em cuidar dele, economizar para ele, sonhando apenas com seu bem-estar e estimando-o com inteligência, o que nem todas as mães sabem fazer. Assim, a sra. Poulain, que nunca se esquecia de que fora simples operária, não queria prejudicar o filho nem se expor ao riso, ao desprezo, pois a boa mulher falava em si como a sra. Cibot falava em si; escondia-se, por isso, no quarto, quando, por acaso, alguns clientes distintos iam consultar o doutor ou quando apareciam companheiros do colégio ou do hospital. Nunca o doutor tivera de se envergonhar da mãe, a quem venerava, e cuja falta de educação era perfeitamente compensada por essa sublime afeição. A venda da alfaiataria dera-lhe cerca de vinte mil francos, que a viúva empregara em títulos públicos em 1820, e os mil e cem francos de renda que recebia por eles constituíam toda a sua fortuna. Por isso, durante muito tempo, os vizinhos viram no jardim a roupa branca do doutor e da mãe estendida em cordas. A criada e a sra. Poulain lavavam toda a roupa em casa, com

economia. Esse detalhe doméstico prejudicava muito o doutor, ninguém queria reconhecer-lhe talento ao vê-lo tão pobre. Os mil e cem francos eram gastos no aluguel. O trabalho da sra. Poulain, uma boa velhota gorda, fora suficiente, durante os primeiros tempos, para todas as despesas daquele lar modesto. Após doze anos de persistência em sua estrada pedregosa, o doutor conseguira ganhar uns mil escudos por ano, de modo que a sra. Poulain podia dispor de cerca de cinco mil francos. Para quem conhece Paris, isso era ter o estritamente necessário.

A sala de espera dos clientes estava pobremente mobiliada com esse sofá vulgar, de acaju, estofado de veludo de Utrecht amarelo floreado, quatro poltronas, seis cadeiras, um consolo e uma mesa de chá, provenientes da herança do falecido alfaiate e tudo escolhido a seu gosto. O pêndulo, numa redoma de vidro entre dois candelabros egípcios, representava uma lira. Causava estranheza que as cortinas que pendiam das janelas pudessem durar tanto tempo, pois eram desse algodãozinho amarelo estampado com rosáceas encarnadas da fábrica de Jouy. Oberkampff<sup>[168]</sup> recebera elogios do imperador por esses horríveis produtos da indústria algodoeira em 1809. O consultório do doutor era mobiliado no mesmo estilo, com as peças da mobília do quarto paterno. Era rígido, pobre e frio. Que doente acreditaria na ciência de um médico sem fama e ainda por cima sem móveis, numa época em que o Anúncio é todo-poderoso, em que se doura os candelabros da Place de la Concorde para consolar os pobres, persuadindo-os de que são cidadãos ricos?

O vestibulo servia de sala de jantar. A criada trabalhava lá quando não estava entregue à lida da cozinha ou não estava fazendo companhia à mãe do doutor. Percebia-se, desde a entrada, a pobreza decente que reinava nesse apartamento triste, deserto durante a metade do dia, ao ver as cortinazinhas de musselina desbotada à janela dessa peça que dava para o pátio. Os armários de parede guardavam, sem dúvida, restos bolorentos de patê, pratos lascados, rolhas sempre em uso, guardanapos de uma semana, enfim, essas justificáveis ignomínias dos pequenos lares parisienses, e que de lá não têm outro destino além do cesto dos trapeiros. E, assim, numa época como esta em que a moeda de cem *sous* mora em todas as consciências ou rola em todas as frases, o doutor, aos trinta anos de idade, com uma mãe sem relações, conservava-se solteiro. Em dez anos, não encontrara o mais leve pretexto para o romance nas famílias das quais sua profissão o aproximava, pois curava as pessoas numa esfera social onde as existências eram parecidas com a sua; só via lares iguais ao seu, de modestos empregados ou de pequenos fabricantes. Seus mais ricos clientes eram açougueiros, padeiros, varejistas do bairro, pessoas que, na maioria das vezes, atribuíam a cura à natureza, para poder pagar

quarenta *sous* às visitas daquele doutor que chegava à casa dos doentes a pé. Na medicina, o cabriolé é mais necessário do que a sabedoria.

Uma vida banal e sem riscos acaba anulando o espírito mais aventureiro. O homem se adapta à sua sorte, aceita a vulgaridade da sua vida. Assim, o dr. Poulain, no fim de dez anos de prática, continuava a fazer seu ofício de Sísifo,<sup>[169]</sup> sem os desesperos que tornaram seus primeiros dias tão amargos. Alimentava, contudo, um sonho, pois todos os parisienses têm seu sonho. Rémonencq acariciava um sonho, a Cibot também tinha o seu. O dr. Poulain esperava ser chamado para algum cliente rico e influente a fim de conseguir, por meio do prestígio desse doente a quem infalivelmente curaria, um lugar de chefe de serviço num hospital, ou de médico das prisões ou dos teatros do bulevar ou de um ministério. Fora desse modo, aliás, que conseguira seu emprego como médico municipal. Chamado pela Cibot, tratara e curara o sr. Pillerault,<sup>[170]</sup> o proprietário da casa da qual os Cibot eram zeladores. O sr. Pillerault, tio-avô materno da condessa Popinot, a esposa do ministro, interessando-se por aquele rapaz cuja secreta pobreza sondara numa visita de agradecimento, exigiu de seu sobrinho-neto, o ministro, que o venerava, o lugar que o doutor ocupava há cinco anos e cujos magros vencimentos chegaram muito a propósito para impedi-lo de tomar a decisão violenta de emigrar. Deixar a França é, para o francês, uma situação fúnebre. O dr. Poulain foi, naturalmente, agradecer ao conde Popinot, mas, como o médico do homem de Estado era o ilustre Bianchon,<sup>[171]</sup> ele viu que nunca poderia entrar naquela casa. Assim, o pobre doutor, após ter sonhado com a proteção de um dos ministros influentes, uma das doze ou quinze cartas que uma mão poderosa embaralha há dezesseis anos sobre o pano verde da mesa do Conselho, viu-se novamente mergulhado no Marais, onde continuou a chafurdar nas casas dos pobres, dos pequeno-burgueses, encarregado de verificar os óbitos, à razão de mil e duzentos francos por ano.

O dr. Poulain, interno muito distinto que se tornou um hábil clínico, não era destituído de experiência. Suas mortes, aliás, não causavam escândalo e ele podia estudar todas as doenças *in anima vili*.<sup>[172]</sup> Imaginai de que fel se alimentava! Por isso, a expressão de seu rosto, já longo e melancólico, era, às vezes, assustadora. Colocai num pergaminho amarelo os olhos chamejantes de Tartufo e a rispidez de Alceste e depois imaginai o modo de andar, a atitude, os olhares desse homem que, sabendo-se tão bom médico como o ilustre Bianchon, se sentia preso numa esfera obscura por uma mão de ferro! O dr. Poulain não podia deixar de comparar suas férias de dez francos, nos dias felizes, às de Bianchon, que se elevavam a quinhentos ou seiscentos francos. Não é para dar razão a todos os ódios da democracia? Esse ambicioso recalcado nada tinha, aliás, a se censurar. Já tentara a fortuna inventando pílulas purgativas, semelhantes às de Morisson.



Confiara a exploração do remédio a um de seus companheiros de hospital, um interno que se fizera farmacêutico; mas o farmacêutico, apaixonado por uma corista do Ambigu-Comique, entrara em falência e, como a patente de invenção das pílulas purgativas estava em seu nome, a notável descoberta acabara enriquecendo seu sucessor. O antigo interno partira para o México, a terra do dinheiro, levando mil francos de economias do pobre Poulain, que, como ficha de consolação, foi tachado de usurário pela corista ao pedir-lhe o dinheiro que lhe pertencia. Desde a feliz cura do velho Pillerault, não aparecera nenhum cliente rico. Poulain percorria todo o Marais, a pé, como um gato magro, e em vinte visitas conseguia duas de quarenta *sous*. O cliente que pagava bem era, para ele, esse pássaro fantástico chamado *melro branco* em todos os mundos sublunares.

O jovem advogado sem causas e o jovem médico sem clientes são as duas expressões máximas do Desespero decente peculiar à cidade de Paris, esse desespero mudo e frio, metido em casaco e calças pretas com as costuras embranquecidas que recordam o zinco da mansarda, em colete de cetim lustroso, chapéu religiosamente cuidado, luvas velhas e camisa de algodão. É um poema de tristeza, lúgubre como os segredos da Conciergerie.<sup>[173]</sup> As outras formas de pobreza, a do poeta, do artista, do comediante, do músico, são alegradas pelas jovialidades particulares às artes, pela despreocupação da vida boêmia em que se lançam desde o início e que leva às Tebaidas do gênio. Mas esses dois paletós pretos que andam a pé, carregados por dois profissionais para os quais tudo é ferida e aos quais a humanidade só mostra seu lado repugnante; esses dois homens têm, na fase depressora do começo profissional, expressões sinistras, provocantes, nas quais o ódio e a ambição concentradas brotam em olhares semelhantes às primeiras labaredas de um incêndio provocado. Quando dois colegas de escola se encontram, vinte anos mais tarde, o rico evita seu camarada pobre, não o reconhece, espanta-se dos abismos que o destino cavou entre eles. Um percorreu a vida montado nos cavalos fogosos da Fortuna ou nas nuvens douradas do Triunfo; o outro caminhou subterraneamente pelos esgotos parisienses e ainda carrega seus estigmas. Quantos antigos amigos evitavam o doutor ao ver sua sobrecasaca e seu colete!

É fácil, agora, compreender por que o dr. Poulain desempenhara tão bem seu papel na comédia da grave doença da Cibot. Todas as cobiças, todas as ambições se descobrem. Não tendo encontrado lesão alguma em nenhum órgão da porteira, e tendo verificado a regularidade de seu pulso e a perfeita liberdade de seus movimentos, ao ouvi-la lançar altos gritos, compreendeu que ela devia ter algum interesse em fingir que estava à morte. A rápida cura de uma grave doença simulada certamente despertaria comentários a seu respeito no distrito, e por isso ele exagerou a pretensa moléstia da Cibot e disse que a curara por tê-la

percebido em tempo. Submeteu, finalmente, a porteira a falsos tratamentos e a uma operação fantástica que foram coroados de pleno êxito. Procurou, no arsenal das curas extraordinárias de Desplein, um caso bem estranho; aplicou o mesmo tratamento à sra. Cibot, atribuiu modestamente a cura ao grande cirurgião e se apresentou como seu imitador. Tais são as audácias dos principiantes de Paris. Tudo lhes serve de escada para subir ao palco; mas, como tudo se gasta, mesmo as escadas, os principiantes de cada profissão já não sabem mais de que maneira hão de fazer seus degraus. Em certos momentos, o parisiense mostra-se refratário ao triunfo. Cansado de construir pedestais, fica amuado como as crianças mimadas e não quer mais saber de ídolos, ou, para ser exato, os homens de talento decepcionam, às vezes, seus entusiasmos. A rocha de onde se extrai o gênio tem suas falhas, e, nesses casos, o parisiense se obstina, se recusa a continuar a dourar ou a adorar as mediocridades.

### **XLIII – TUDO CHEGA EM TEMPO PARA QUEM SABE ESPERAR**

Entrando com sua habitual impetuosidade, a sra. Cibot surpreendeu o doutor à mesa com sua velha mãe, comendo uma salada verde, a mais barata de todas as saladas, e tendo por sobremesa apenas um ângulo agudo de queijo de Brie, entre um prato escassamente provido dessas frutas conhecidas pelo nome coletivo de *quatro mendigos*,<sup>[174]</sup> onde se viam muitos raminhos de uvas, e um prato de maçãs ordinárias.

— Pode ficar, mamãe — disse o médico, segurando a sra. Poulain pelo braço —, é a sra. Cibot, de quem lhe falei.

— Muito prazer, minha senhora; agradecida, senhor — disse a Cibot, sentando-se na cadeira que o doutor lhe ofereceu.

— Ah! Então é a senhora sua mãe? Ela deve sentir-se muito feliz por ter um filho de tanto talento; ele é o meu salvador, tirou-me da sepultura, minha senhora...

A viúva Poulain achou a sra. Cibot encantadora, ao ouvi-la elogiar daquele modo o filho.

— Pois, meu caro sr. Poulain, o pobre sr. Pons vai muito mal e quero falar-lhe a respeito dele...

— Vamos passar para a sala — disse o dr. Poulain, indicando a criada à sra. Cibot por um gesto significativo.

Uma vez no salão, a Cibot expôs longamente sua posição em relação aos dois quebra-nozes; repetiu a história do seu empréstimo, enfeitando-a como pôde, e descreveu os enormes serviços que vinha prestando há dez anos aos srs. Pons e Schmucke. Segundo ela, os dois velhos já não estariam vivos se não fossem seus cuidados maternais. Apresentou-se como um anjo e contou tantas mentiras banhadas em lágrimas que acabou por enternecer a velha sra. Poulain.

— O senhor compreende — disse ela, para terminar — que eu preciso ter uma garantia do que o sr. Pons pensa fazer em meu favor, no caso de vir a morrer; coisa que eu absolutamente não desejo, pois o trabalho de cuidar desses dois inocentes, a senhora compreende, é toda a minha vida e, se um dos dois me vier a faltar, ficarei cuidando do outro. A Natureza me fez para ser a rival da Maternidade. Se não tivesse alguém por quem me interessar, por transformar em meu filho, não sei o que seria de mim... Pois, se o sr. Poulain quisesse, poderia prestar-me um favor que eu saberia agradecer muito bem e que seria falar a meu respeito ao sr. Pons. Meu Deus! Acha que mil francos de renda vitalícia seriam demais?... Isto pelo menos ficaria garantido ao sr. Schmucke... Certa vez, nosso querido doente me disse que me recomendaria a esse pobre alemão, que, segundo ele pensa, será seu herdeiro... Mas como é que a gente vai se confiar a um homem que não sabe juntar duas palavras em francês e que, além disso, é capaz de ir embora para a Alemanha de tão desolado que ficará com a morte do amigo?...

— Minha cara sra. Cibot — respondeu o doutor, tornando-se grave —, os negócios dessa natureza não são da alçada dos médicos, e o exercício da minha profissão me seria interdito se viessem a saber que me imiscuo nas disposições testamentárias dos meus clientes. A lei não permite ao médico nem mesmo aceitar um legado do seu doente...

— Que lei idiota! Pois que é que me impede de repartir meu legado com o senhor? — respondeu prontamente a Cibot.

— Irei mais longe ainda — disse o doutor. — Minha consciência de médico me impede de falar ao sr. Pons sobre sua morte. Em primeiro lugar, porque ele não está tão mal a esse ponto; depois, porque tal conversa, de minha parte, lhe causaria um abalo capaz de fazer-lhe um mal real e tornar, então, sua doença mortal...

— Ora, eu não uso de meias-palavras — interveio a sra. Cibot — para dizer-lhe que ponha seus negócios em ordem, e nem por isso ele piora quando lhe falo... Já está acostumado! Não tenha medo de nada.

— Não me diga mais nada, minha cara sra. Cibot!... Essas coisas não são do domínio da medicina, são da alçada dos tabeliães...

— Mas, meu caro sr. Poulain, se o sr. Pons pessoalmente lhe perguntasse em que estado se acha e se conviria tomar providências, o senhor se recusaria a dizer-lhe que é excelente, para recuperar a saúde, ter suas coisas em ordem?... E, depois, deixaria escapar uma palavrazinha a meu respeito...

— Bem, se ele me falar em fazer testamento, não o dissuadirei — disse o dr. Poulain.

— Muito bem! Era o que eu queria saber! — exclamou a sra. Cibot. — Eu tinha vindo cá para agradecer-lhe seus cuidados — acrescentou ela, metendo na mão do doutor um embrulhinho contendo três moedas de ouro. — É tudo quanto posso fazer por ora. Ah! Se eu fosse

rica, o senhor também o seria, meu caro dr. Poulain, o senhor, que é a imagem do bom Deus na terra... A senhora tem um filho que é um anjo! — disse à sra. Poulain.

A Cibot levantou-se, a sra. Poulain a cumprimentou amavelmente e o doutor a acompanhou até a escada. Lá, essa terrível Lady Macbeth<sup>[175]</sup> da rua foi iluminada por um clarão infernal; percebeu a cumplicidade do médico, aceitando pagamento por uma enfermidade imaginária.

— Então, o senhor, que já me salvou uma vez quando sofri aquele acidente — disse ela —, vai se recusar agora a livrar-me da miséria com umas poucas palavras?...

O médico sentiu que deixara o diabo prendê-lo por um fio de cabelo e que esse fio se estava enroscando na unha implacável da garra rubra. Receoso de perder sua reputação por tão pouca coisa, respondeu a essa ideia diabólica por uma ideia não menos diabólica.

— Escute, minha cara sra. Cibot — disse ele, fazendo-a entrar de novo e levando-a ao seu gabinete —, vou pagar-lhe a dívida de gratidão que tenho com a senhora, a quem devo meu emprego na prefeitura...

— Dividiremos — disse ela, com animação.

— O quê? — perguntou o doutor.

— A herança — respondeu a porteira.

— A senhora não me conhece — replicou o doutor, assumindo uma atitude à Valério Públícola.<sup>[176]</sup> — Não falemos nisso. Tenho um amigo dos tempos do colégio, um rapaz muito inteligente, com quem estou intimamente ligado, porque tivemos as mesmas vicissitudes na vida. Enquanto eu estudava medicina, ele estudava direito; enquanto eu era interno, ele praticava com um solicitador, o sr. Couture. Filho de um sapateiro, como eu o sou de um alfaiate, não encontrou grandes simpatias nem tampouco dinheiro, pois, afinal, o dinheiro só se obtém por simpatia. Não conseguiu coisa melhor do que uma banca de advogado na província, em Mantes... Ora, a gente da província compreende tão pouco as inteligências parisienses, que fez uma infinidade de trapanças ao meu amigo.

— Que canalhas! — exclamou a Cibot.

— É isso mesmo! — acrescentou o doutor — Uniram-se tão habilmente contra ele, que ele teve que vender a banca, coagido por fatos a que souberam dar a aparência de um crime; o próprio procurador do rei se envolveu nisso; era do lugar e tomou o partido dos seus conterrâneos. O pobre rapaz, mais seco e mais maltrapilho ainda do que eu, instalado como eu, chamado Fraisier, refugiou-se no nosso distrito; está reduzido a advogar, pois é advogado, perante a Justiça de Paz e o Tribunal da Polícia. Mora aqui perto, à Rue de la Perle. Vá ao número 9, suba três andares e na área verá impresso em letras douradas: FRAISIER — ADVOGADO sobre um pedaço de marroquim encarnado. Fraisier encarrega-se especialmente dos litígios dos

senhores porteiros, dos operários e de todos os pobres do nosso distrito a preços módicos. É um homem direito, pois, não preciso dizer-lhe que, com o talento que tem, se fosse patife, teria uma carruagem. Falarei com meu amigo Fraisiert esta noite. Vá amanhã bem cedo à casa dele, ele conhece o sr. Louchard, guarda do comércio, o sr. Tabareau, meirinho da Justiça de Paz, o sr. Vitel, juiz de paz, e o sr. Trognon, tabelião:<sup>[177]</sup> já está relacionado com os principais funcionários do bairro. Se ele se encarregar dos seus interesses, a senhora poderá indicá-lo para conselheiro do sr. Pons e ele agirá como se fosse a senhora mesma. Mas não vá, como fez comigo, propor-lhe compromissos que firam a dignidade; ele é inteligente e a compreenderá. E, quanto ao pagamento dos seus serviços, serei intermediário da senhora...

A sra. Cibot olhou para o doutor maliciosamente.

— Não é aquele bacharel que tirou a vendeira da Rue-Vieille-du-Temple, sra. Florimond, da má situação em que estava com relação à herança do amigo?...

— É esse mesmo — disse o doutor.

— Não é uma coisa horrível — exclamou a Cibot — que ela lhe tenha recusado a mão depois de ele lhe ter conseguido dois mil francos de renda e que ela se considere quite com ele, segundo se diz, após ter-lhe dado doze camisas de linho da Holanda, vinte e quatro lenços, enfim, um verdadeiro enxoval?

— Minha cara sra. Cibot — disse o doutor —, o enxoval valia mil francos, e Fraisiert, que então se estava iniciando no bairro, necessitava muito dele. Além disso, ela pagou a nota das despesas sem fazer qualquer observação... Esse caso levou outros a Fraisiert, que atualmente tem muito serviço, mas, no mesmo gênero do meu: nossos clientes são iguais...

— Só os justos sofrem neste mundo! — respondeu a porteira. — Bem, boa noite e muito obrigada, meu bom sr. Poulain.

Aqui começa o drama ou, se quizerdes, a comédia terrível da morte de um solteirão entregue, pela força das coisas, à rapacidade das criaturas ambiciosas que cercam seu leito e que, neste caso, tiveram como auxiliares a mais viva paixão — a de um quadromaníaco —, a avidez do sr. Fraisiert, que, visto em sua caverna, vos fará temer, e a sede de um auvernhês capaz de tudo, mesmo de um crime, para conseguir dinheiro. Esta comédia, à qual esta parte da narrativa serve de introdução, tem, como atores, todos os personagens que até agora ocuparam a cena.

#### **XLIV – UM HOMEM DE LEIS**<sup>[178]</sup>

O desprestígio das palavras é uma dessas singularidades dos costumes

que, para ser explicada, exigiria volumes. Escrevei a um solicitador qualificando-o de *homem de leis* e o tereis ofendido tanto quanto a um atacadista de gêneros coloniais a quem endereçásseis deste modo vossa carta: Senhor Fulano de Tal, vendeiro. Um número muito grande de pessoas da sociedade, que deveria conhecer, pois nisso consiste toda a sua sabedoria, essas fórmulas de cortesia, ainda ignora que o qualificativo *homem de letras* é a mais cruel injúria que se possa fazer a um autor. A palavra “senhor” é o maior exemplo da vida e da morte das palavras. *Monsieur* quer dizer *monseigneur*. Esse título, tão importante antigamente, e atualmente reservado aos reis pela transformação de *sieur* em *sire*, é dado a todo o mundo e, contudo, *messire*, que outra coisa não é senão uma variante da palavra *monsieur*, seu equivalente, provoca artigos nos jornais republicanos quando, por acaso, figura num convite para enterro. Magistrados, conselheiros, jurisconsultos, juízes, advogados, tabeliães, solicitadores, oficiais de justiça, peritos, corretores, despachantes e rúbulas são as variedades sob as quais se classificam as pessoas que distribuem a justiça ou a preparam. Os dois últimos degraus dessa escada são o *praxista* e o *homem de leis*. O praxista, vulgarmente chamado beleguim, é o homem de justiça por acaso, está lá para assistir à execução das sentenças e é, para os casos civis, um carrasco de ocasião. Quanto ao homem de leis, é a injúria peculiar à profissão. Ele é, na Justiça, o que o *homem de letras* é na literatura. Em todas as profissões, na França, a rivalidade que as devora encontrou termos pejorativos. Cada profissão tem seu insulto. O desprezo que envolve as palavras *homem de letras* e *homem de leis* deixa de existir no plural. Diz-se perfeitamente, sem ferir a ninguém, *homens de letras* e *homens de leis*. Mas, em Paris, toda a profissão tem seus ômegas, indivíduos que colocam seu ofício no mesmo nível da clientela das ruas, do povo. Assim, o *homem de leis*, o pequeno encarregado de causas, ainda existe em certos bairros, como no Mercado ainda se encontra o pequeno agiota, que é, para o alto mundo bancário, o que o sr. Fraisier era no círculo dos advogados. Coisa estranha! A gente do povo tem medo dos tabeliães, representantes do Ministério Público, como dos restaurantes elegantes. Dirige-se aos encarregados de causas pelo mesmo motivo por que bebe na taberna. O nivelamento é a lei das diferentes esferas sociais. Somente os temperamentos de escol gostam de escalar as alturas, não se sentem mal na presença dos superiores e conquistam seu lugar, como Beaumarchais deixando cair o relógio de um fidalgo a fim de humilhá-lo;<sup>[179]</sup> quanto aos plebeus que subiram na vida por obra exclusiva da sorte, principalmente os que souberam fazer desaparecer seus cueiros, são grandiosas exceções.

No dia seguinte, às seis da manhã, a sra. Cibot examinava, à Rue de la Perle, a casa onde morava seu futuro conselheiro, o sr. Fraisier, o homem de leis. Era uma dessas casas antigas habitadas pela pequena

burguesia de outrora. Entrava-se nela por uma aleia. O pavimento térreo, em parte ocupado pelo cubículo do porteiro e pela casa de um marceneiro, cujas oficinas e depósitos atravancavam uma pequena área interna, era dividido pelo corredor e pelo vão da escada, que o salitre e a umidade devoravam. A casa parecia acometida de lepra.

A sra. Cibot encaminhou-se diretamente à portaria; lá encontrou um colega de Cibot, um sapateiro, com a esposa e dois filhos de tenra idade, instalados num espaço de dez pés quadrados, iluminado por uma janela que dava para o pequeno pátio. Estabeleceu-se uma grande cordialidade entre as duas mulheres logo que a Cibot declinou a profissão e o nome e falou na sua casa da Rue de Normandie. Depois de um quarto de hora gasto em conversa enquanto a porteira do sr. Fraasier preparava o almoço do sapateiro e dos dois filhos, a sra. Cibot levou a palestra para os seus locatários e falou no homem de leis.

— Vim consultá-lo — disse ela — sobre um caso. Um amigo dele, o dr. Poulain, recomendou-me a ele. Conhece o dr. Poulain?

— Se conheço! — disse a porteira da Rue de la Perle. — Ele salvou minha pequena quando ela teve o crupe.

— A mim também ele salvou. Que espécie de homem é esse sr. Fraasier?

— É um homem, minha cara senhora — disse a porteira —, de quem é muito difícil arrancar o dinheiro de seus portes de carta no fim do mês.<sup>[180]</sup>

Essa resposta bastou à inteligente Cibot.

— A gente pode ser pobre e honesta — disse ela.

— Também penso assim — concordou a porteira de Fraasier. — Não andamos rolando em cima de moedas de ouro, nem mesmo de cobre, mas não devemos nada a ninguém.

A Cibot se reconheceu nessa linguagem.

— Mas, afinal, minha querida, a gente se pode fiar nele, não é?

— Ah! Palavra! Quando o sr. Fraasier quer bem a alguém, segundo ouvi a sra. Florimond dizer, não há quem se iguale a ele...

— E por que então ela não se casou com ele — perguntou bruscamente a Cibot —, já que é a ele que deve a fortuna que tem? Já é alguma coisa, para uma vendeirazinha, amigada com um velho, tornar-se esposa de um advogado...

— Por quê? — disse a porteira, conduzindo a sra. Cibot pela aleia. — Vai subir à casa dele, não é?... Pois bem, quando estiver no seu escritório, compreenderá por quê.

#### **XLV – UM INTERIOR POUCO RECOMENDÁVEL**

A escada que recebia luz da área interna através de janelas corrediças indicava que, com exceção do proprietário e do sr. Fraasier, os outros

locatários exerciam profissões mecânicas. Os degraus sujos de lama mostravam as insígnias de cada ofício, oferecendo aos olhares recortes de cobre, botões quebrados, retalhos de fazenda, pedaços de esparto. Os aprendizes dos andares superiores desenhavam ali caricaturas obscenas. A última frase da porteira, excitando a curiosidade da sra. Cibot, decidira-a naturalmente a consultar o amigo do dr. Poulain; só lhe confiaria, contudo, a defesa do seu caso conforme a impressão que dele tivesse.

— Às vezes me pergunto como é que a sra. Sauvage pode gostar do seu serviço — disse, em forma de comentário, a porteira, seguindo atrás da sra. Cibot. — Vou acompanhá-la — acrescentou —, pois tenho de levar o leite e o jornal ao meu patrão.

Ao chegar ao segundo andar, por cima da sobreloja, a sra. Cibot viu-se diante de uma porta de miserável aspecto. A pintura, de um vermelho duvidoso, estava untada, numa superfície de vinte centímetros de largura, com essa camada escura deixada pelas mãos ao fim de algum tempo e que os arquitetos têm tentado combater, nos apartamentos elegantes, aplicando placas de vidro acima e abaixo das fechaduras. O postigo, coberto dessa escória que os restauradores usam para envelhecer as garrafas, só servia para granjear à porta o epíteto de porta de prisão, e estava, aliás, em harmonia com suas peças de ferro em forma de trevo, seus gonzos formidáveis e seus pregos de cabeças enormes. Aqueles elementos de segurança deviam ter sido inventados por algum avaro ou algum panfletário em luta com o mundo inteiro. A calha onde eram despejadas as águas servidas contribuía com sua cota à fetidez da escada, cujo teto apresentava, por toda a parte, arabescos desenhados pela fumaça das velas, e que arabescos! O cordão de chamada, de cuja extremidade pendia uma borla imunda, fez retinir uma campainha cujo som débil denunciava uma rachadura no metal. Cada objeto acrescentava um traço a mais à harmonia do conjunto desse quadro hediondo. A Cibot ouviu o ruído de passos pesados e a respiração asmática de uma mulher corpulenta. E a sra. Sauvage apareceu! Era uma dessas velhas imaginadas por Adriaen Brouwer nas suas *Feiticeiras dirigindo-se ao Sabá*,<sup>[181]</sup> uma mulher de cinco pés e seis polegadas, de rosto soldadesco e muito mais barbudo que o da Cibot, de uma obesidade doentia, com um pavoroso vestido de algodão barato, um lenço na cabeça, papelotes presos com pedaços de papel impresso que o patrão recebia gratuitamente e com umas rodas de carreta de ouro enfiadas nas orelhas. Esse cérbero feminino tinha na mão uma panelinha de folha, amassada, com leite derramado pela parte de fora, espalhando pela escada um odor a mais e que ali pouco se sentia apesar de seu azedume nauseabundo.

— Em que posso servir a *medeme*? — perguntou a sra. Sauvage.

E, com um ar ameaçador, lançou sobre a Cibot — a quem achou,



sem dúvida, excessivamente bem-vestida — um olhar tanto mais assassino, porque seus olhos estavam habitualmente injetados de sangue.

— Vim falar com o sr. Fraisier, de parte do seu amigo dr. Poulain.

— Entre, *medeme* — respondeu a sra. Sauvage, com uma expressão subitamente amável, o que demonstrava que ela estava avisada dessa visita.

E, após ter feito uma reverência teatral, a criada meio masculina do sr. Fraisier abriu bruscamente a porta do escritório que dava para a rua e onde se encontrava o antigo advogado de Mantes. O gabinete era a reprodução exata desses pequenos escritórios de meirinho de terceira ordem, com os armários de madeira enegrecida, os espaldares das cadeiras tão velhos que já criaram barba, com os cordéis vermelhos lamentavelmente despregados, os maços de papéis impregnados do cheiro dos ratos que andaram brincando no meio deles, o assoalho pardo de pó e o teto amarelo de fumaça. O espelho da lareira estava turvo; a grelha de ferro fundido suportava uma acha de lenha econômica; o pêndulo, de estilo moderno, do valor de sessenta francos, devia ter sido adquirido em algum leilão judicial, e os castiçais que o acompanhavam eram de zinco, afetavam um estilo rococó pouco convincente, e a pintura, em vários pontos, deixava o horrível metal à mostra. O sr. Fraisier, homenzinho magro e doentio, de rosto vermelho, coberto de espinhas que denunciavam um sangue estragado, e que, além disso, coçava constantemente o braço direito, com a peruca colocada muito atrás, deixando ver um crânio cor de tijolo, e com uma expressão sinistra, levantou-se de uma poltrona de vime, onde estava sentado sobre uma almofada redonda de marroquim verde. Adotou um ar amável e uma voz aflautada para dizer, oferecendo uma cadeira:

— A sra. Cibot, não é?

— Sim — respondeu a porteira, perdendo seu desembaraço habitual.

A sra. Cibot assustou-se da voz, que era muito parecida com o som da campainha, e do olhar ainda mais verde que os olhos esverdeados do seu futuro conselheiro. O escritório estava tão impregnado do seu ocupante Fraisier que sua atmosfera devia ser pestilenta. A sra. Cibot compreendeu então por que a sra. Florimond não quisera tornar-se a sra. Fraisier.

— Poulain falou-me da senhora — disse o homem de leis com essa voz artificial que se denomina vulgarmente meia-voz, mas que soava acre e clara.

O advogado fez um gesto para fechar a roupa, puxando para cima dos joelhos pontudos, cobertos com uma fina baeta muito usada, as duas abas de um velho chambre de algodão estampado, cujo enchimento tomava a liberdade de sair por vários rasgões; mas o peso

do enchimento puxava as abas para baixo, deixando à mostra um gibão de flanela encardido. Após ter amarrado, com um arzinho pretensioso, o cinto do chambre refratário, que desenhou seu corpo de caniço, Fraisier juntou dois tições que há muito tempo se evitavam na lareira como dois irmãos inimigos. Depois, animado por uma ideia súbita, levantou-se:

— Sra. Sauvage! — gritou.

— Que foi?

— Não estou em casa para ninguém.

— Ora essa! Já se sabe — respondeu a virago com uma voz forte.

— É a minha velha ama de leite — disse o causídico, confuso, à Cibot.

— Imagino quanto deleite ela ainda lhe dá morando em sua companhia — replicou a antiga heroína do Mercado.

Fraisier riu do trocadilho e passou o trinco na porta, para que sua criada não fosse interromper as confidências da Cibot.

— Pois bem, minha senhora, exponha-me seu caso — disse ele, sempre tentando fechar o chambre. — Uma pessoa que me vem recomendada pelo único amigo que tenho no mundo pode contar comigo... sim... inteiramente.

A sra. Cibot falou durante uma meia hora sem que o advogado se permitisse a mínima interrupção; tinha a expressão curiosa dum recruta escutando um veterano. Esse silêncio e a deferência de Fraisier, a atenção que ele parecia prestar àquele palavrório cascadeante, de que já vimos algumas amostras nas cenas entre a Cibot e o pobre Pons, fizeram a desconfiada porteira abandonar algumas das prevenções que tantos detalhes ignóbeis lhe haviam inspirado.

#### **XLVI – CONSULTA NÃO GRATUITA**

Quando a Cibot parou de falar e ficou esperando um conselho, o advogadozinho, cujos olhos verdes pontilhados de preto haviam estudado a futura cliente, foi acometido de uma tosse sepulcral, serviu-se de uma taça de louça contendo suco de ervas e a esvaziou.

— Se não fosse Poulain, eu já estaria morto, minha cara sra. Cibot — respondeu Fraisier aos olhares maternos que a porteira lhe lançou. — Mas ele restituir-me-á a saúde...

Parecia ter-se esquecido completamente das confidências da cliente, que já estava com vontade de abandonar aquele moribundo.

— Minha senhora, em matéria de herança, antes de ir adiante é preciso saber duas coisas — acrescentou o antigo advogado de Mantes, tornando-se circunspecto. — Em primeiro lugar, se a herança vale o trabalho que dá e, em segundo, quais são os herdeiros, pois, se a herança é a presa, os herdeiros são o inimigo.

A Cibot falou dos Rémonencq e de Elias Magus e disse que os dois astutos colegas haviam avaliado a coleção de quadros em seiscentos mil francos...

— Eles a comprariam por esse preço?... — perguntou o antigo advogado de Mantes. — Pois veja, minha senhora, os advogados não acreditam em quadros. Um quadro representa quarenta *sous* de tela ou cem mil francos de pintura! Ora, as telas de cem mil francos são muito conhecidas, e quantos enganos se cometem com todos esses valores, mesmo os mais famosos! Um financista muito conhecido, cuja galeria era elogiada, visitada e reproduzida (reproduzida!), passava por ter gasto milhões... Morreu, pois a gente morre um dia, e seus quadros *legítimos* não alcançaram mais de duzentos mil francos. A senhora terá de trazer-me esses cavalheiros... Passemos aos herdeiros.

E Fraisiert colocou-se na atitude de ouvinte. Ao ser pronunciado o nome do presidente Camusot, fez um movimento com a cabeça, acompanhado de uma careta que deixou a Cibot extremamente atenta; ela tentou ler naquela fronte, naquela fisionomia atroz, mas só viu o que se costuma chamar *um rosto de tábua*.

— Sim, meu caro senhor — repetiu a Cibot —, o sr. Pons é mesmo primo do presidente Camusot de Marville; ele me repete seu parentesco duas vezes por dia. A primeira esposa do sr. Camusot, o comerciante de sedas...

— Que acaba de ser nomeado par de França...

— Era uma Pons, prima-irmã do sr. Pons.

— Eles são primos segundos...

— Não são mais coisa nenhuma, estão de mal.

O sr. Camusot de Marville fora, durante cinco anos, presidente do Tribunal de Mantes, antes de vir para Paris. Não somente deixara recordações lá, como também conservara boas relações, pois seu sucessor, o juiz a que mais intimamente se ligara durante sua permanência lá, ainda presidia o Tribunal e consequentemente conhecia Fraisiert a fundo.

— A senhora sabe — disse ele, quando a Cibot fechou as rubras comportas de sua boca torrencial — que terá por inimigo figadal um homem que pode mandar pessoas para o cadafalso?

A porteira executou sobre a cadeira um salto que a fez parecer a boneca dum desses brinquedos chamados *caixa de surpresa*.

— Tenha calma, minha cara senhora — continuou Fraisiert. — Que a senhora ignore quem é o presidente da Câmara de Acusações da Corte Real de Paris, nada é mais natural, mas a senhora devia saber que o sr. Pons tinha um herdeiro legal natural. O sr. presidente de Marville é o único herdeiro de seu doente, mas é colateral em terceiro grau; assim, o sr. Pons pode, de acordo com a lei, dispor de sua fortuna como quiser. A senhora ignora também que a filha do senhor presidente se casou, há

seis semanas pelo menos, com o filho mais velho do conde Popinot, par de França, antigo ministro da Agricultura e do Comércio, um dos homens mais influentes da política atual. Essa aliança torna o presidente ainda mais temível do que já é como suprema autoridade do Tribunal Criminal.

A essa frase, a Cibot tornou a estremecer.

— Sim, é ele que nos manda para lá — continuou Fraasier. — Ah! Minha cara senhora, não imagina o que é uma toga vermelha! Já é bastante ter uma simples toga preta! Se hoje me vê aqui pobre, calvo, quase morto... fique sabendo que é por ter ofendido, sem o saber, a um simples procuradorzinho do rei na província. Obrigaram-me a vender meu escritório com prejuízo e ainda fui muito feliz em ter podido escapar perdendo o que tinha. Se eu tivesse resistido, não teria conservado minha profissão de advogado. Outra coisa que a senhora ainda ignora é que, se se tratasse somente do presidente Camusot, não seria nada, mas, veja, ele tem a mulher!... E, se um dia a senhora se visse diante dessa mulher, tremeria como se estivesse no primeiro degrau do cadafalso e seus cabelos ficariam de pé. A presidenta é bastante vingativa para levar dez anos a enredá-la numa cilada em que a senhora acabaria perecendo! O marido faz o que ela manda, é como um pião manejado por uma criança. Já causou o suicídio, na prisão, de um rapaz encantador; tornou imaculado como a neve um conde acusado como falsário; quase fez interditar um dos maiores fidalgos da Corte de Carlos x e, finalmente, derrubou o procurador-geral, sr. de Granville...<sup>[182]</sup>

— Que morava à Rue-Vieille-du-Temple, na esquina da Rue Saint-François? — disse a Cibot.

— Esse mesmo. Dizem que ela quer fazer o marido ministro da Justiça e não sei se ela não alcançará seus fins... Se ela metesse na cabeça a ideia de nos mandar a ambos para o Tribunal ou para as galés, eu, que sou tão inocente quanto um recém-nascido, arranjaría um passaporte e iria para os Estados Unidos... tão bem conheço a Justiça. Ora, minha cara sra. Cibot, para poder casar a filha única com o jovem visconde Popinot, que será, segundo dizem, herdeiro de seu proprietário, o sr. Pillerrault, a presidenta gastou toda sua fortuna, e de tal modo que atualmente o presidente e a esposa estão reduzidos a viver com os vencimentos da presidência. E a senhora acredita que, nessas circunstâncias, a senhora presidenta iria negligenciar a herança do seu sr. Pons?... Eu preferiria enfrentar canhões carregados a ver uma mulher dessas contra mim...

— Mas — disse a Cibot — eles estão brigados...

— Que importa isso? — disse Fraasier. — É mais uma razão! Matar um parente de quem se tem queixas já é alguma coisa, mas, ainda por cima, herdar dele, então é um prazer!

— Mas o velho tem horror dos herdeiros; vive a repetir-me que essa

gente, lembro-me dos nomes, sr. Cardot, sr. Berthier etc., o esmagou como se ele fosse um ovo sob as rodas de uma carreta.

— E a senhora quer ser esmagada também?

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou a porteira. — Ah! A sra. Fontaine tinha razão ao dizer-me que eu encontraria obstáculos, mas ela disse que eu venceria...

— Escute, minha cara sra. Cibot... Que a senhora arranque desse caso uns trinta mil francos, é possível, mas, quanto à herança, nem deve pensar nisso... O dr. Poulain e eu conversamos sobre a senhora e seu caso, ontem à noite...

A sra. Cibot deu um novo salto na cadeira.

— Que é isso? Que é que tem?

— Ora, se conhecia o meu caso, por que me deixou falar tanto?

— Sra. Cibot, eu conhecia seu caso, mas não sabia nada acerca da sra. Cibot! Cada cliente é um caráter diferente...

A sra. Cibot lançou, então, sobre seu futuro conselheiro um olhar estranho, em que brilhava toda a sua desconfiança, e Fraisiert o percebeu.

#### **XLVII – A ASTÚCIA DE FRAISIET**

— Continuo — disse Fraisiert. — Foi por intermédio da senhora que o nosso amigo Poulain travou conhecimento com o velho Pillerault, tio-avô da condessa Popinot, e esse é um dos motivos do meu interesse pela senhora. Poulain vai visitar seu proprietário (tome nota disto!) todos os quinze dias, e foi por ele que soube todos os detalhes. O antigo negociante assistira ao casamento de seu sobrinho-bisneto (pois ele é um tio que tem uma herança; possui bem uns quinze mil francos de renda e, há vinte e cinco anos, vive como um monge, gasta apenas mil escudos por ano...) e contou a Poulain toda a história do casamento. Parece que essa confusão foi causada precisamente por esse tal de seu músico, que quis desonrar, por vingança, a família do presidente. Quem ouve só uma parte falar, só fica conhecendo um lado da questão... O seu doente se diz inocente, mas a sociedade o considera um monstro...

— Não me admiraria nada que ele fosse mesmo! — exclamou a Cibot. — Imagine que há dez anos venho gastando dinheiro com ele; ele o sabe; tem gasto minhas n'economias e não quer incluir-me no testamento... É verdade, senhor, ele não quer; é cabeçudo como uma verdadeira mula... Há dez dias que lhe falo nisso e o maroto nem se mexe. Não diz uma palavra; olha-me de um modo... O máximo que me disse foi que me recomendaria ao sr. Schmucke.

— Então ele pretende fazer um testamento em favor desse Schmucke?...

— Vai dar-lhe tudo...

— Ouça, minha cara sra. Cibot. Para ter uma opinião segura e poder fazer um plano, preciso conhecer o sr. Schmucke, ver os objetos de que se compõe a herança e ter uma conferência com esse judeu de quem a senhora me falou; depois, me deixe orientar seus interesses...

— Vou resolver, meu bom sr. Fraasier.

— Como vai resolver? — disse Fraasier, lançando um olhar de víbora à Cibot e falando com sua voz natural. — Ora essa! Então sou ou não sou seu advogado? Vamos deixar isto bem claro.

A Cibot sentiu-se descoberta e sentiu frio no dorso.

— Confio inteiramente no senhor — respondeu ela, vendo-se à mercê de um tigre.

— Nós, os advogados, estamos habituados às traições dos clientes. Examine bem sua posição: é muito vantajosa. Se seguir ponto por ponto os meus conselhos, garanto-lhe que conseguirá trinta ou quarenta mil francos dessa herança... Mas esta bela medalha tem um reverso. Suponha que a presidenta venha a saber que a herança do sr. Pons vale um milhão e que a senhora quer avançar nela, pois sempre há gente que se encarrega de contar essas coisas!... — disse ele, entre parênteses.

Esse parêntese, aberto e fechado por duas pausas, fez estremecer a Cibot, que imediatamente pensou que Fraasier se encarregaria da denúncia.

— Minha estimada cliente, em dez minutos conseguirão que o velho Pillerault a despeça e lhe dê duas horas para sair da casa...

— Que me n'importe isso?... — disse a Cibot, erguendo-se na cadeira. — Eu ficaria na casa dos dois senhores como sua criada particular.

— E, diante disso, lhe armariam uma cilada e, uma bela manhã, a senhora acordaria num cárcere, junto com seu marido, sob uma acusação capital...

— Eu!... — exclamou a Cibot. — Eu, que nunca tirei um cêntimo de ninguém!... Eu!... Eu!...

Falou durante cinco minutos e Fraasier examinou a grande artista enquanto ela executava seu concerto de louvores a si mesma. Ele conservou-se frio, escarnecedor, seu olhar trespassava a Cibot como um estilete, ria-se intimamente, sua peruca seca se sacudia. Era Robespierre na época em que o Sila<sup>[183]</sup> francês fazia quadrinhas.

— Mas como? Por quê? Sob que pretexto? — perguntou ela, ao terminar.

— Quer saber como poderia vir a ser guilhotinada?...

A Cibot ficou pálida como uma morta, pois aquela frase caiu-lhe sobre o pescoço como o cutelo da lei. Olhou para Fraasier com um olhar apavorado.

— Ouça bem o que vou dizer, minha filha — acrescentou Fraasier, reprimindo a satisfação que lhe causava o susto da cliente.

— Eu preferiria deixar tudo como está... — murmurou a Cibot.

E quis levantar-se.

— Fique, pois precisa conhecer o perigo que vai correr. Eu lhe devo esclarecimentos sobre a sua situação — disse imperiosamente Fraiser.  
— A senhora será despedida pelo sr. Pillerault, disse não Há a menor dúvida, não é? Torna-se, então, criada dos dois senhores. Muito bem! Mas isso é uma declaração de guerra entre a presidenta e a senhora. A senhora quer fazer tudo para se apoderar dessa herança, para aproveitar-se dela...

A Cibot fez um gesto negativo.

— Não a censuro, não é esse o meu papel — disse Fraiser, respondendo ao gesto da cliente. — Esse caso é uma batalha, e a senhora irá mais longe do que pensa! A gente se embriaga com uma ideia, dá golpes mais fortes...

Outro gesto de negação da parte da sra. Cibot, que se empertigou.

— Ora, ora, minha mãezinha — insistiu Fraiser, com uma terrível familiaridade —, a senhora irá muito longe...

— É assim? Toma-me por uma ladra?

— Ora, tiazinha, a senhora conseguiu do sr. Schmucke um recibo que lhe deu pouco trabalho... Ah! A senhora está aqui em confissão... Não engane seu confessor, principalmente quando esse confessor tem o poder de ler em seu coração.

A Cibot amedrontou-se com a perspicácia daquele homem e compreendeu a razão da profunda atenção com que ele a ouvira.

— Pois bem! — continuou Fraiser. — A senhora pode ficar sabendo desde já que a presidenta não lhe deixará tomar a dianteira nesta corrida à herança... Hão de observá-la, espreitá-la... Finalmente, a senhora consegue ser incluída no testamento do sr. Pons... Perfeito! Um belo dia, a Justiça aparece, descobre uma tisana, encontra arsênico no fundo da taça e a senhora e seu marido são presos, julgados, condenados como tendo pretendido matar o sr. Pons a fim de poder receber seu legado... Defendi em Versalhes uma pobre mulher, tão perfeitamente inocente como a senhora o seria em tal caso; as coisas eram justamente como lhe disse, e tudo quanto pude então conseguir foi salvar-lhe a vida. A desgraçada levou vinte anos de trabalhos forçados e os está cumprindo em Saint-Lazare!

O pavor da sra. Cibot chegou ao auge. Lívida, olhava para aquele homenzinho seco de olhos esverdeados assim como a pobre mourisca, tida como fiel à sua religião, devia olhar para o inquisidor enquanto ouvia sua condenação à fogueira.

— Quer dizer, então, meu bom sr. Fraiser, que deixando o senhor agir, confiando-lhe o cuidado do meu caso, receberei alguma coisa, sem ter de recear nada?

— Garanto-lhe trinta mil francos — disse Fraiser, com toda a

segurança.

— Bem, o senhor sabe como gosto do dr. Poulain — replicou ela com sua voz mais amável. — Foi ele que me aconselhou a procurar sua pessoa, e certamente esse digno homem não me mandou cá para ouvir que serei guilhotinada como uma envenenadora...

E prorrompeu em pranto, tanto a ideia de guilhotina a amedrontara; seus nervos estavam agitados; o terror apertava-lhe o coração e ela perdeu a cabeça. Fraisier gozava seu triunfo. Ao notar a hesitação da cliente, viu escapar-lhe o caso e quis dominar a Cibot, assustá-la, pasmá-la, a fim de segurá-la com as mãos e os pés amarrados. A porteira, tendo entrado naquele escritório como uma mosca que cai numa teia de aranha, tinha de ficar lá, presa, emaranhada, e servir de pasto à ambição daquele advogadozinho. Fraisier queria, realmente, encontrar nesse caso os alimentos de sua velhice, a tranquilidade, o bem-estar, o respeito. Na véspera, à noite, tudo fora maduramente pensado, cuidadosamente examinado, entre Poulain e ele. O doutor descrevera Schmucke ao amigo, e os dois espíritos alertas haviam sondado todas as hipóteses, investigado os recursos e os riscos. Fraisier, num ímpeto de entusiasmo, exclamava: “Nossa fortuna está nisso!”. E prometera a Poulain um lugar de chefe de serviço num hospital, em Paris, e a si mesmo o Juizado de Paz do distrito.

Ser juiz de paz! Para esse homem cheio de competência, doutor em Direito e sem “meias”, isso era uma quimera tão distante que ele pensava no cargo como os advogados deputados pensam na toga, e os bispos italianos, na tiara. Era uma loucura! O juiz de paz, sr. Vitel, perante quem Fraisier advogava, era um velho de sessenta e nove anos, muito achacado, que falava em aposentar-se, e Fraisier falava a Poulain em substituí-lo, como Poulain lhe falava numa rica herdeira com quem se casaria após ter-lhe salvado a vida. Não se imaginava quantas ambições desperta um emprego em Paris. Morar em Paris é um desejo universal. Quando vaga uma agência de tabaco ou de selos, cem mulheres se levantam como um só homem e movimentam todos os amigos para consegui-la. A provável vacância de uma das vinte e quatro exatorias de Paris provoca um tumulto de ambições na Câmara dos Deputados! Esses cargos são providos em reunião do Conselho, a nomeação é um negócio do Estado. Ora, os vencimentos do juiz de paz, em Paris, são de cerca de seis mil francos. É um dos cargos mais cobiçados da carreira judiciária. Fraisier, juiz de paz, amigo de um chefe de serviço dum hospital, faria um casamento rico e casaria o dr. Poulain; um daria a mão ao outro.

#### **XLVIII – EM QUE A CIBOT É PRESA NA SUA PRÓPRIA REDE**

A noite passara seu rolo compressor sobre todos os pensamentos do



antigo solicitador de Mantes e um plano formidável germinara, plano pujante, fértil em frutos e em intrigas. A Cibot seria a cavilha mestra desse drama. Por isso, a revolta daquele instrumento devia ser subjugada; não fora prevista, mas o antigo advogado acabava de abater a seus pés a audaciosa porteira, empregando todas as forças de sua índole venenosa.

— Minha cara sra. Cibot, acalme-se — disse ele, tomando-lhe a mão.

Aquela mão fria como uma serpente causou uma impressão terrível à porteira e a espécie de reação física que sentiu fez com que cessasse sua emoção; ela achou o sapo Astaroth da sra. Fontaine menos perigoso de tocar que o frasco de veneno coberto de uma peruca ruiva e cuja voz tinha o som das portas que rangem.

— Não pense que a assusto sem razão — acrescentou Fraasier, após ter notado esse novo gesto de repulsa da Cibot. — Os casos que tornam terrível a reputação da senhora presidenta são tão conhecidos no Tribunal que a senhora pode consultar quem quiser. O nobre que quase foi interdito por sua influência é o marquês d'Espard.<sup>[184]</sup> O marquês d'Esgrignon é o homem a quem ela salvou das galés.<sup>[185]</sup> O rapaz rico, belo, cheio de futuro, prestes a desposar uma moça pertencente a uma das primeiras famílias da França, e que se enforcou numa cela da Conciergerie, é o famoso Luciano de Rubempré, cujo caso abalou Paris inteira.<sup>[186]</sup> Tratava-se de uma herança, da herança duma concubina, a famosa Ester, que deixou vários milhões, e acusaram o rapaz de tê-la envenenado, pois ele era o herdeiro instituído pelo testamento. O jovem poeta não estava em Paris quando a mulher morreu, nem sabia que era seu herdeiro!... Não pode haver maior prova de inocência. Pois bem. Depois de ter sido interrogado pelo sr. Camusot, o rapaz se enforcou no cárcere... A Justiça é como a Medicina, tem suas vítimas. No primeiro caso, morre-se pela Sociedade; no segundo, pela Ciência — disse ele, deixando escapar um sorriso terrível. — Pois é assim, a senhora vê que conheço o perigo... Já me arruinei por causa da Justiça, eu, pobre advogadozinho obscuro. Minha experiência me custa caro, ponho-a inteiramente ao serviço da senhora...

— Mas, não, muito obrigada... — disse a Cibot. — Desisto de tudo! Terei feito um ingrato, eis tudo... Só quero aquilo a que tenho direito! Tenho trinta anos de vida honesta, meu senhor. O sr. Pons disse que me recomendará em seu testamento ao seu amigo Schmucke; pois bem, acabarei meus dias em paz com esse bom alemão...

Fraasier ultrapassara o objetivo, desencorajara a Cibot e foi obrigado a desfazer as terríveis impressões que ela recebera.

— Não desanimemos — disse ele. — Vá para casa tranquilamente. Havemos de levar o caso a bom termo.

— Mas que é que preciso fazer, meu bom sr. Fraasier, para ficar com rendimentos e...?

— Não ter nenhum remorso — disse ele com firmeza, cortando a palavra à Cibot. — É precisamente para isso que foram inventados os advogados. Não se pode conseguir nada nesses casos sem se manter dentro dos termos da lei... A senhora não conhece as leis, eu as conheço... Seguindo meus conselhos, a senhora ficará do lado da legalidade, desfrutará o dinheiro em paz perante os homens. Quanto à consciência, isso é com a senhora.

— Está bem. Diga — respondeu a Cibot, curiosa e satisfeita com essas palavras.

— Não sei, não estudei o caso em todos os seus detalhes, só me ocupei dos obstáculos. Em primeiro lugar, veja, é preciso convencê-lo a fazer o testamento; aí você tomará o caminho certo; mas, antes de tudo, precisamos saber em favor de quem Pons disporá da sua fortuna, pois, se a senhora fosse a herdeira...

— Não, ele não gosta de mim! Ah! Se eu conhecesse antes o valor dos seus *bibelôs* e soubesse o que ele mais tarde me contou sobre seus amores, a esta hora eu estaria livre de qualquer preocupação...

— Bem — disse Fraisier —, vá duma vez! Os moribundos têm fantasias singulares, minha cara sra. Cibot, frustram muitas esperanças. Ele que faça o testamento, e depois veremos. Mas, antes de tudo, é preciso avaliar os objetos de que se compõe a herança. Para isso, ponha-me em contato com o judeu e com esse Rémonencq, eles nos serão muito úteis... Tenha plena confiança em mim; estou inteiramente ao seu dispor. Sou amigo incondicional dos meus clientes, quando eles também são meus amigos. Amigo ou inimigo, esse é o meu temperamento.

— Pois bem, farei tudo o que o senhor quiser — disse a Cibot. — E, quanto aos honorários, o sr. Poulain...

— Não falemos nisso — disse Fraisier. — Trate de manter Poulain à cabeceira do doente; o doutor é um dos corações mais honestos, mais puros que já conheci, e precisamos, veja, de um homem fiel... Poulain vale mais do que eu, pois me tornei mau.

— É a impressão que o senhor dá — disse a Cibot. — Eu, porém, confiarei no senhor...

— E verá que teve razão! — disse ele. — Venha falar comigo sempre que acontecer alguma coisa... A senhora é uma mulher inteligente; tudo correrá bem.

— Até amanhã, meu caro sr. Fraisier; passe bem... às suas ordens...

Fraisier acompanhou a cliente até a porta e lá, como ela fizera na véspera com o doutor, disse-lhe sua última frase.

— Se a senhora conseguisse que o sr. Pons solicitasse meus serviços, seria um grande passo dado...

— Vou fazer o possível — respondeu a Cibot.

— Escute uma coisa — disse Fraisier, fazendo a Cibot entrar

novamente no escritório —, conheço bem o tabelião Trognon, é o tabelião do bairro. Se o sr. Pons ainda não tem tabelião, recomende-lhe esse... faça com que ele o chame...

— Compreendo — respondeu a Cibot.

Ao sair, a porteira ouviu o frufu dum vestido e o ruído de passos pesados que queriam parecer leves. Uma vez sozinha e na rua, após ter andado um certo tempo, a porteira recobrou a liberdade de espírito. Embora continuasse sob a influência daquela conferência, e ainda estivesse apavorada com a ideia do cadafalso, da Justiça, dos juízes, tomou uma resolução muito natural que a lançaria numa luta surda com seu terrível conselheiro.

— Ora! Que necessidade tenho de arranjar sócios? Vou tratar de conseguir um pé-de-meia e depois aceitarei o que eles me oferecerem para defender seus interesses...

Essa ideia apressaria, como se verá, o fim do infeliz músico.

#### **XLIX – A CIBOT NO TEATRO**

— Então, meu caro sr. Schmucke — disse a Cibot, ao entrar no apartamento —, como vai o nosso querido doente?

— *Nata pem* — respondeu o alemão. — *Pons estefe farianto tota a noite.*

— Que é que ele dizia?

— *Popachens! Que queria que eu ficasse com tota sua fortuna, com a condiçon de non fender nata... E chorafa! Coitado! Isso me fez tanto mal!*

— Isso há de passar! Meu totozinho! — replicou a porteira. — Fiz o senhor esperar pelo jantar, já passa das nove horas, mas não ralhe comigo... Veja, tive muito que fazer... por causa dos senhores. Não vê que estou quebrada e tive que ir arranjar dinheiro?...

— *Como?*

— E o prego?

— *Que preco?*

— A casa de penhores!

— *Te peniores!*

— Ora, homem de Deus! É tão simples! O senhor é um santo, um n'amor, um n'arcebispo de inocência, um homem para se conservar n'empalhado, como dizia aquele ator antigo! Como! O senhor mora em Paris há vinte e nove anos; viu... sei lá... a Revolução de Julho, e não conhece o Monte-de-Socorro... as casas de penhores que nos emprestam dinheiro pelos nossos trastes... Pois pus no prego todos os meus talheres de prata, em número de oito. Ora! O Cibot comerá com talher de ferro. Até fica muito bem, como se diz. E não vale a pena falar nisso ao nosso querubim, pois ele ficaria zangado, amarelo, e já anda irritado que chega. Tratemos, primeiro, de salvá-lo, e depois veremos.

Tudo virá a seu tempo. Guerra é guerra, não é?...

— *Poa ziniora! Coraçõ suplime!* — disse o pobre músico, tomando a mão da Cibot e colocando-a sobre o seu coração, com uma expressão de ternura.

O anjo ergueu os olhos para o céu e mostrou-os cheios de lágrimas.

— Acabe com isso, papá Schmucke, o senhor é um bobo. Grande coisa fiz eu! Sou uma mulher do povo, tenho o coração na mão. — Tenho isto — disse ela, batendo no peito — tanto quanto vocês dois, que são umas almas de ouro...

— *Papá Schmucke?* — repetiu o músico. — *Non, ir até o funto ta tor, chorar lácrimas te sanque. Isso me mate! Non poderei fífer sem Pons!*

— Ora essa! É isso mesmo, o senhor está se matando... Escute, meu filho.

— *Fílio?*

— Bem, meu gatinho.

— *Catínio? Continuo non ententento nata.*

— Não faz mal! Deixe-me cuidar e tratar dos senhores, pois, se continuarem assim, veja, ficarei com dois doentes para atender... No meu fraco n'entender, temos de repartir o trabalho aqui. O senhor não poderá mais dar lições na cidade, porque isso o cansa tanto que depois fica sem serventia em casa, onde terá de passar as noites, pois o sr. Pons está cada vez pior. Vou hoje à casa de todos os seus alunos para dizer-lhes que o senhor está doente. Está bem?... O senhor passará as noites junto do nosso doente e dormirá das cinco da manhã até, vamos dizer, as duas depois do meio-dia. Eu farei o serviço mais cansativo, o do dia, pois tenho que lhes servir o almoço, o jantar, cuidar do doente, levantá-lo, mudar-lhe a roupinha, dar-lhe os remédios... Com o trabalho que estou fazendo, não aguentarei mais dez dias. E já faz trinta dias que estamos nesta lida. Que seria dos senhores se eu caísse doente?... E o senhor também, é de assustar, veja como ficou, só por ter cuidado do doente esta noite...

E levou-o até a frente do espelho, onde Schmucke se achou mudado.

— Bem, se está de acordo comigo, vou servir-lhe já o almoço. Depois, o senhor ficará cuidando do nosso querido até as duas horas. Dê-me uma relação dos seus alunos, tratarei disso logo e o senhor ficará livre por quinze dias. Logo que eu chegar, o senhor irá dormir e descansará até a noite.

A proposta era tão sensata que Schmucke concordou imediatamente.

— Não diga nada ao sr. Pons. O senhor sabe, ele se julgaria perdido se lhe disséssemos que ele vai suspender o trabalho no teatro e as lições. O coitado pensará que nunca mais verá as alunas... bobagens... O sr. Poulain disse que só conseguiremos salvar nosso benjamim, deixando-o na mais completa calma.

— *Pem! Pem! Faça o cantar, fou fazer a liste e tar-lhe os entereços! A ziniora tem razón, eu zucumpiria.*

Uma hora mais tarde, a Cibot se endomingou, e saiu toda elegante, com grande admiração de Rémonencq, resolvida a representar dignamente o papel de criada de confiança dos dois quebra-nozes em todos os pensionatos, em todas as casas onde os dois músicos tinham alunas.

Não é necessário reproduzir as diferentes palestras, executadas como as variações de um tema a que se entregou a Cibot nas pensões e nas casas de família. Basta narrar a cena que se desenrolou no gabinete de diretor do Ilustre Gaudissart,<sup>[187]</sup> onde a porteira penetrou após incríveis dificuldades. Os diretores de teatro, em Paris, são menos acessíveis que os reis e os ministros. As razões das fortes barreiras que erguem entre si e o resto dos mortais são fáceis de compreender: os reis precisam defender-se apenas das ambições; os diretores de teatro temem o amor-próprio dos artistas e dos autores.

A Cibot venceu todas as distâncias graças à súbita intimidade que estabeleceu com a porteira. Os porteiros se reconhecem, como todas as pessoas de uma mesma profissão. Cada profissão tem seus *xibolet*<sup>[188]</sup> do mesmo modo que têm sua injúria e seus estigmas.

— Ah! A senhora é porteira do teatro — disse a Cibot. — Quanto a mim, não passo de uma pobre porteira da Rue de Normandie, onde mora o sr. Pons, seu regente de orquestra. Oh! Como eu seria feliz no seu lugar, vendo passar os atores, as bailarinas, os autores! Isto é, como dizia aquele antigo ator, o bastão de marechal do nosso ofício.

— E como vai o sr. Pons? — perguntou a porteira.

— Nada bem; há dois meses que está de cama e só sairá de casa com os pés juntos, não há dúvida.

— Será uma grande perda...

— Sim, e eu vim de sua parte expor sua situação ao diretor; dê um jeitinho para que eu possa falar com ele...

— Uma senhora, de parte do sr. Pons!

Foi assim que o contínuo, de serviço no gabinete, anunciou a sra. Cibot, que lhe foi recomendada pela porteira do teatro. Gaudissart acabava de chegar para um ensaio. Quis o acaso que ninguém tivesse ido falar com ele e que os autores da peça e os atores estivessem atrasados; ele ficou muito satisfeito de ter notícias do seu maestro, fez um gesto napoleônico e a Cibot entrou.

## L – UM PRÓSPERO EMPREENDIMENTO TEATRAL

O antigo caixeiro-viajante, na direção de um teatro muito concorrido, enganava sua comandita, considerava-a uma esposa legítima. Entrara, assim, num progresso financeiro que repercutia sobre sua pessoa.

Gordo e robusto, corado pela boa mesa e pela prosperidade, Gaudissart metamorfoseara-se francamente em Mondor. “Estamos nos transformando em Beaujon!”,<sup>[189]</sup> dizia ele, procurando rir em primeiro lugar. “Ainda estás apenas em Turcaret”,<sup>[190]</sup> respondia-lhe Bixiou, que frequentemente o substituíra junto da primeira bailarina do teatro, a famosa Heloísa Brisetout.<sup>[191]</sup> Realmente, o ex-Ilustre Gaudissart explorava o teatro exclusiva e brutalmente no seu próprio interesse. Após ter-se feito admitir como colaborador em vários bailados, nas peças, nas revistas, ele comprara a outra parte dos direitos autorais, aproveitando-se das necessidades financeiras com que lutam os autores. Essas peças e revistas, levadas à cena junto com os dramas de sucesso, rendiam a Gaudissart algumas moedas de ouro por dia. Traficava, por procuração, com as entradas, e se atribuíra, a título de percentagem do diretor, um certo número delas, o que lhe permitia cobrar o dízimo das receitas. Esses três tipos de gratificações de diretor, acrescidos dos camarotes vendidos e dos presentes das más atrizes que se empenhavam em conseguir uma ponta de papel, em aparecer como pajens e rainhas, aumentavam de tal modo sua terça parte nos lucros que os comanditários, aos quais tocavam os outros dois terços, recebiam, na verdade, apenas a décima parte da renda. Mesmo assim, esse décimo ainda representava juros de quinze por cento sobre o capital. E Gaudissart, apoiado nesses quinze por cento de dividendo, gabava-se da sua inteligência, da sua probidade, de seu zelo e da boa sorte dos seus comanditários. Quando, com um fingido interesse, o conde Popinot perguntou ao sr. Matifat, ao general Gouraud,<sup>[192]</sup> genro de Matifat, e a Crevel se estavam contentes com Gaudissart, Gouraud, que se tornara par de França, respondeu:

— Dizem que ele nos rouba, mas ele é tão inteligente, tão boa alma que estamos contentes...

— Então é como no conto de La Fontaine<sup>[193]</sup> — disse o antigo ministro, sorrindo.

Gaudissart empregava seu capital em negócios fora do teatro. Estudara cuidadosamente os Graff, os Schwab e os Brunner e associara-se às estradas de ferro que a casa bancária fundara. Dissimulando sua esperteza com a franqueza e a despreocupação do libertino, do voluptuoso, ele dava a impressão de só se interessar nos prazeres e no vestuário; mas pensava em tudo, e tirava proveito da imensa experiência em negócio que adquirira viajando. Esse *parvenu*, que não se levava a sério, morava num apartamento luxuoso, instalado sob a direção do seu decorador, e onde oferecia ceias e festas às pessoas famosas. Amigo da ostentação, gostando de fazer bem as coisas, mostrava-se cordato e parecia tanto menos perigoso, porque conservava, segundo sua expressão, a facúndia da antiga profissão, enriquecida pela gíria dos bastidores. Como, no teatro, os artistas dizem cruamente as coisas, ele

recolhia muito espírito dos bastidores, que têm seu espírito próprio, e, misturando-o às brincadeiras dos caixeiros-viajantes, procurava dar a impressão de um homem superior. Naquele momento, tinha em mente vender seu privilégio e *passar*, segundo sua expressão, *a outros misteres*. Queria ser diretor de uma estrada de ferro, tornar-se um homem sério, um administrador, e casar-se com a filha de um dos mais ricos *maires* de Paris, a srta. Minard.<sup>[194]</sup> Esperava ser eleito deputado nos arredores da *sua linha* e chegar, pela proteção de Popinot, ao Conselho de Estado.

— A quem tenho a honra de falar? — perguntou Gaudissart, fixando na Cibot um olhar diretorial.

— Sou a criada de confiança do sr. Pons.

— Muito bem! E como vai esse caro amigo?...

— Mal, muito mal.

— É o diabo! Isso me aborrece muito; irei visitá-lo, pois é um desses homens raros...

— É, sim, senhor, um verdadeiro querubim... Sempre me pergunto como é que esse homem ainda continua no teatro...

— Mas, minha senhora, o teatro é um lugar de correção dos costumes... — disse Gaudissart. — Pobre Pons!... Palavra de honra, a gente deveria ter a semente para conservar essa espécie... É um homem modelar; e que talento... Quando acha a senhora que ele poderá reassumir o seu lugar? O teatro, infelizmente, parece-se com as diligências, que, vazias ou cheias, partem à hora marcada; o pano sobe aqui, todos os dias, às seis horas... E não adiantaria nada ficarmos compadecidos; isso não nos daria boa música... Então, como está ele?

— Ah! Meu caro senhor — disse a Cibot, tirando o lenço e colocando-o sobre os olhos —, é horrível de dizer, mas acho que teremos a desgraça de perdê-lo, embora cuidemos dele como da menina dos nossos olhos... o sr. Schmucke e eu... Vim justamente para dizer-lhe que o senhor não deve mais contar com o digno sr. Schmucke, que vai passar as noites com ele... Não podemos deixar de agir como se ainda houvesse esperança e tentar arrancar o digno e estimado homem da morte... O médico não tem mais esperança...

— E de que é que ele está morrendo?

— De desgosto, de icterícia, do fígado, tudo isso complicado com muitas coisas de família.

— E de um médico — disse Gaudissart. — Ele devia ter chamado o dr. Lebrun, nosso médico; não lhe teria custado nada...

— Ele tem um médico que é um deus... Mas que pode fazer um médico, apesar de seu talento, contra tantas causas?...

— Bem que eu precisava desses dois bravos quebra-nozes para a música da minha nova revista...

— É alguma coisa que eu possa fazer no lugar deles?... — disse a Cibot, com uma expressão digna de Jocrisse.<sup>[195]</sup>

Gaudissart deu uma gargalhada.

— Senhor, sou a criada de confiança deles, e há muitas coisas que eles...

Ao ouvir a gargalhada de Gaudissart, uma mulher exclamou:

— Se estás rindo, pode-se entrar, meu velho.

E a primeira bailarina irrompeu no gabinete, atirando-se ao único canapé que havia. Era Heloísa Brisetout, envolta numa magnífica mantilha denominada *argelina*.

— Que é que te faz rir?... É essa senhora?... Qual é o emprego que ela quer?... — disse a bailarina, lançando um desses olhares de artista para artista que merecem servir de motivo para um quadro.

Heloísa, moça excessivamente literária, famosa na vida boêmia, ligada a grandes artistas, elegante, fina, graciosa, tinha mais inteligência do que geralmente possuem as primeiras bailarinas; ao fazer sua pergunta, aspirou num perfumador essências penetrantes.

— Minha senhora, todas as mulheres são iguais, quando são bonitas, e, embora eu não ande cheirando a peste em vidrinhos nem esfregue tijolo moído na cara...

— Com o que a natureza já lhe deu, isso seria um pleonismo, minha filha! — disse Heloísa, lançando um olhar ao diretor.

— Sou uma mulher honesta...

— Tanto pior para você — disse Heloísa. — Ter amante não é para quem quer! E eu tenho o meu, minha senhora, e que amante!

— Como, tanto pior? Não lhe adianta usar *argelinas* em cima do corpo e enfeitar o rosto — disse a Cibot —, nunca receberá tantas declarações como recebi, *medeme*! E nunca chegará aos pés da bela descascadora de ostras do Cadran Bleu...

A bailarina ergueu-se subitamente, assumiu a posição de sentido e levou a mão direita à testa, como um soldado cumprimentando seu general.

— O quê! — disse Gaudissart. — Será a senhora aquela bela descascadora de ostras de quem meu pai me falava?

— A senhora então não conhece a cachucha nem a polca? A senhora tem mais de cinquenta anos! — disse Heloísa.

A bailarina assumiu uma atitude dramática e declamou:

— *Sejamos amigos, Cína!*...<sup>[196]</sup>

— Ora, Heloísa, a senhora não é de brincadeira, deixe-a quieta.

— A senhora será a nova Heloísa?<sup>[197]</sup> — disse a porteira, com uma falsa ingenuidade cheia de escárnio.

— Não é nada tola, a velha! — exclamou Gaudissart.

— Isso já está mais do que dito — replicou a bailarina —, o trocadilho já está com barba branca, procure outro... ou fume um cigarro.

— Desculpe-me, senhora — disse a Cibot. — Estou muito triste para



continuar a responder-lhe, estou com meus dois senhores muito doentes... e tive de empenhar, para dar-lhes de comer e poupar-lhes desgostos, até a roupa do meu marido, esta manhã; aqui está a cautela...

— Oh! Aqui a coisa se transforma em drama! — exclamou a bela Heloísa. — De que se trata?

— A senhora — replicou a Cibot — entrou aqui como...

— Como a primeira bailarina — disse Heloísa. — Estou lhe fazendo de ponto, continue, *medeme!*

— Vamos, estou com pressa — disse Gaudissart. — Chega de brincadeira! Heloísa, esta senhora é a governanta do nosso pobre regente de orquestra, que está morrendo; veio avisar-me que eu não posso mais contar com ele; estou numa dificuldade.

— Coitado! É preciso dar um espetáculo em seu benefício!

— Isso o arruinaria — disse Gaudissart. — No dia seguinte ele poderia estar devendo quinhentos francos de bonificação aos hospitais, que não reconhecem outros desgraçados em Paris além dos seus. Não, espere, minha boa senhora, já que está concorrendo ao prêmio Montyon... — Gaudissart tocou a campainha, o contínuo apareceu imediatamente. — Diga ao caixa que me mande mil francos. Sente-se, minha senhora.

— A coitada está chorando!... — exclamou a bailarina. — Que coisa estúpida... Ora, mãezinha, console-se, iremos visitá-lo. Então — disse ela ao diretor, levando-o a um canto —, vais dar-me ou não o primeiro papel no bailado de Ariana? Vais te casar e sabes quanto te posso fazer infeliz!...

— Heloísa, tenho o coração revestido de cobre, como uma fragata.

— Mostrarei filhos que tive de ti! Hei de arranjá-los emprestados.

— Já declarei nossa ligação...

— Sê bonzinho, dá o lugar de Pons a Garangeot, o pobre do rapaz tem talento, está quebrado, prometo te deixar sossegado.

— Mas espera que Pons morra... o velho ainda pode voltar.

— Oh! Se é por isso, não, senhor... — disse a Cibot. — Desde a noite passada ele já não está mais no seu juízo perfeito, tem delírios. Infelizmente, logo tudo estará acabado.

— Então nomeia Garangeot interinamente! — disse Heloísa.

— A imprensa toda está a seu favor...

Nesse momento, entrou o caixa, com duas notas de quinhentos francos na mão.

— Entregue à senhora — disse Gaudissart. — Até logo, minha senhora, cuide bem do bom homem e diga-lhe que o irei visitar, amanhã ou depois. Logo que puder.

— Ah! Senhor, corações como o seu só se encontram no teatro. Que Deus abençoe sua pessoa!

— Em que conta ponho isso? — perguntou o caixa.

— Assinarei um vale, ponha na conta das gratificações.

Antes de sair, a Cibot fez uma bela reverência à bailarina e pôde ouvir uma pergunta que Gaudissart fez à sua antiga amante.

— Garangeot será capaz de me aprontar a música do nosso bailado dos *Moicanos* em doze dias? Se ele me tirar desta dificuldade, ficará como substituto de Pons!

A porteira, mais bem recompensada por ter causado mais mal do que se tivesse praticado uma boa ação, suprimiu todas as fontes de renda dos dois amigos e os privou de seus meios de vida no caso de Pons recuperar a saúde. Essa pérfida manobra devia alcançar, em poucos dias, o resultado desejado pela Cibot: a alienação dos quadros cobiçados por Elias Magus. Para realizar essa primeira espoliação, a Cibot precisava engambelar o terrível colaborador que arranjava, o advogado Fraisiert, e obter uma completa discrição de Elias Magus e de Rémonencq.

No que se refere ao auvernês, ele chegara lentamente a uma dessas paixões que assaltam as pessoas sem instrução que vêm do interior da província para Paris, com as manias que o isolamento no campo inspira, com as ignorâncias das naturezas primitivas e as brutalidades de seus desejos convertidos em ideias fixas. A beleza viril da sra. Cibot, sua vivacidade, seu espírito característico do Mercado tinham atraído a atenção do belchior, que queria fazer dela sua concubina, tirando-a de Cibot, espécie de bigamia muito mais comum do que se pensa, nas classes inferiores em Paris. Mas a avareza foi um nó corrediço que lhe apertou cada vez mais o coração e acabou por estrangular a razão. E, assim, Rémonencq, avaliando em quarenta mil francos as gratificações que Elias Magus e ele próprio dariam à Cibot, passou do pecado ao crime, concebendo o desejo de ter a Cibot por esposa legítima. Esse amor, puramente especulativo, levou-o, nas suas longas meditações de fumante à soleira da porta, a desejar a morte do alfaiatezinho. Via assim seu capital quase triplicado e imaginava que excelente comerciante seria a Cibot e que bela figura ela faria numa esplêndida loja do boulevard. Essa dupla ambição embriagava Rémonencq. Alugava uma loja no Boulevard de la Madeleine e enchia-a com as mais belas curiosidades da coleção do falecido Pons. Após ter adormecido em lençóis de ouro e ter visto milhões nas espirais do cachimbo, despertava cara a cara com o alfaiatezinho, que varria o pátio, a porta e a rua no momento em que o auvernês abria a vitrine do bazar e dispunha seu mostruário, pois, desde que Pons adoecera, Cibot substituíra a mulher nas funções que ela se atribuíra. O auvernês via, pois, no alfaiatezinho cor de azeitona, arruivado, mirrado, o único obstáculo que se opunha à sua felicidade e se indagava como se desembaraçaria dele. Essa paixão crescente tornava a Cibot muito orgulhosa, pois estava chegando à idade em que as mulheres começam a compreender que podem envelhecer.

Certa manhã, a Cibot, ao levantar-se, examinou Rémonencq com um ar pensativo, enquanto ele arranjava as bugigangas da vitrine, e quis saber até onde poderia chegar seu amor.

— Então? — disse-lhe o auvernês, aproximando-se. — As coisas vão andando como a senhora quer?

— É você que me preocupa — respondeu-lhe a Cibot. — Você me compromete — acrescentou —, os vizinhos acabarão notando a maneira como você me olha.

Saiu da porta e mergulhou nas profundezas do bazar do auvernês.

— Que ideia! — disse Rémonencq.

— Quero falar com você — disse a Cibot. — Os herdeiros do sr. Pons vão se movimentar e são bem capazes de nos dar muito que fazer. Só Deus sabe o que nos aconteceria se mandassem aqui uns fiscais que metessem o nariz em tudo como cães de caça. Não posso decidir o sr. Schmucke a vender alguns quadros, a não ser que você me ame o suficiente para guardar segredo... Oh, mas um segredo que você não revelaria nem com a cabeça em cima do cepo... nem de onde vieram os quadros nem quem os vendeu. Você me compreende, não? Uma vez o sr. Pons morto e enterrado, tanto faz que encontrem cinquenta e três quadros em vez de sessenta e sete. Ninguém sabe quantos há! Além disso, se o sr. Pons vendeu alguns enquanto estava vivo, ninguém tem nada com isso.

— Sim — replicou Rémonencq. — Para mim, isso é indiferente, mas o sr. Elias Magus há de querer recibos em regra.

— Você também terá seu recibo, ora essa! Pensa que serei eu que o passarei?... Será o sr. Schmucke! Mas você dirá ao judeu — acrescentou a porteira — que seja discreto como você.

— Seremos mudos como peixes. É da nossa profissão. Sei ler, mas não sei escrever, por isso, preciso de uma mulher instruída e capaz como a senhora!... Eu, que nunca pensei senão em juntar um dinheirinho para a velhice, gostaria de ter uns Rémonencqzinhos... Abandone o Cibot.

— Lá está o judeu — disse a porteira. — Podemos combinar o negócio.

— Muito bem, minha cara senhora — disse Elias Magus, que aparecia a cada três dias, muito cedo, para saber quando poderia comprar os quadros. — Como vai a coisa?

— Não há ninguém que lhe tenha falado no sr. Pons e nos seus *bibelôs*? — perguntou-lhe a Cibot.

— Recebi — respondeu Elias Magus — uma carta de um advogado, mas, como é um patife que me parece ser um pescador de causas e como desconfio dessa gente, não respondi. Três dias depois, ele foi procurar-me e deixou uma carta; eu disse ao meu porteiro que sempre que ele aparecesse eu não estaria em casa.

— O senhor é um amor de judeu — disse a Cibot, que pouco conhecia a prudência de Elias Magus. — Pois bem. Daqui a alguns dias, conseguirei que o sr. Schmucke lhe venda sete ou oito quadros, dez no máximo; mas sob duas condições: primeira, um segredo absoluto. O sr. Schmucke é quem o terá mandado chamar, está de acordo? E será

Rémonencq quem o apresentará como comprador ao sr. Schmucke. Enfim, haja o que houver, não aparecerei nisso para nada. O senhor dá quarenta e seis mil francos pelos quatro quadros?

— Está bem — respondeu o judeu, suspirando.

— Muito bem — replicou a porteira. — A segunda condição é que o senhor me entregará quarenta e três mil francos e pagará apenas três mil ao sr. Schmucke; Rémonencq comprará outros quadros por dois mil francos e me entregará o resto... E agora, veja, meu caro sr. Magus, depois disso, tenho um belo negócio para o senhor e para Rémonencq, sob a condição de repartirmos os lucros entre nós três. Eu o levarei à casa desse advogado ou ele irá, sem dúvida, à sua casa. O senhor avaliará tudo o que existir na casa do sr. Pons pelo preço que o senhor possa pagar por aquilo, a fim de que o sr. Fraisier tenha uma ideia precisa do valor da herança. É preciso, apenas, que ele não venha antes de fecharmos o nosso negócio, compreende?

— Compreendido — disse o judeu. — Mas é preciso tempo para ver as coisas e dizer quanto valem.

— O senhor terá a metade do dia. Fique descansado, isso é comigo... Fiquem conversando sobre isso, meus filhos. Depois de amanhã, o negócio estará feito. Vou à casa de Fraisier falar com ele, pois ele sabe tudo o que se passa aqui pelo dr. Poulain, e é um caso sério conseguir que esse sujeito fique quieto.

Em meio do caminho entre a Rue de Normandie e a Rue de la Perle, a Cibot encontrou Fraisier, que ia à casa dela, pois estava muito impaciente por obter, segundo sua expressão, os elementos do caso.

— Veja só! Eu ia justamente à sua casa — disse ela.

Fraisier queixou-se de não ter sido recebido por Elias Magus, mas a porteira extinguiu o clarão de desconfiança que brilhou nos olhos do advogado, dizendo-lhe que Magus acabava de voltar de viagem e que, o mais tardar depois de amanhã, lhe proporcionaria uma entrevista com ele no apartamento de Pons para fixar o valor da coleção.

— Seja franca comigo — respondeu-lhe Fraisier. — É mais que provável que eu seja encarregado dos interesses dos herdeiros do sr. Pons. Nessa situação, eu teria melhores meios ainda de servir a senhora

Isso foi dito tão secamente que a Cibot estremeceu. Aquele advogado famélico devia estar manobrando de seu lado, como ela manobrava do seu; resolveu, pois, apressar a venda dos quadros. A Cibot não estava enganada em suas conjecturas. O advogado e o médico haviam feito despesas com uma roupa inteiramente nova para Fraisier, a fim de que ele se pudesse apresentar decentemente vestido na casa da presidenta Camusot de Marville. O tempo exigido pela confecção do traje era o único motivo da demora daquela entrevista, da qual dependia a sorte dos dois amigos. Fraisier pretendia experimentar o casaco, o colete e as calças depois da sua visita à sra. Cibot. Encontrou o

traje pronto, voltou para casa, pôs uma peruca nova e dirigiu-se em cabriolé de aluguel, às dez da manhã, para a Rue de Hanovre, onde esperava obter uma audiência da presidenta. Fraasier, de gravata branca, luvas amarelas, peruca nova e perfumado com água-de-colônia, parecia um desses venenos guardados em vidros de cristal e arrolhados com uma película branca, com um rótulo elegante, mas que nem por isso deixam de ser menos perigosos. Sua expressão rude, seu rosto cheio de espinhas, sua doença cutânea, seus olhos verdes, seu ar de maldade impressionavam como nuvens num céu azul. No seu gabinete, tal como se mostrara aos olhos da Cibot, ele era a faca vulgar com que um assassino cometeu um crime; mas, à porta da casa da presidenta, era o punhal elegante que uma jovem senhora esconde na gaveta da cômoda.

## LII – FRAISIER FLORESCENDO<sup>[198]</sup>

Ocorrerá uma grande modificação à Rue de Hanovre. O visconde e a viscondessa Popinot, o antigo ministro e sua esposa não haviam consentido que o presidente e a presidenta se fossem meter em casa de aluguel e saíssem da casa que haviam dado em dote à filha. O presidente e a presidenta instalaram-se, portanto, no segundo andar, que ficara livre devido à mudança da velha fidalga que fora acabar seus dias no campo. A sra. Camusot, que conservou Madalena Vivet, a cozinheira e o criado, voltara às aperturas do começo da vida, aperturas suavizadas por um apartamento de quatro mil francos, pelo qual não precisava pagar aluguel, e um ordenado de dez mil francos. Essa *aurea mediocritas* satisfazia pouco a sra. de Marville, que desejava uma fortuna em harmonia com sua ambição, pois a doação de todos os bens à filha acarretava a supressão do pagamento de impostos, exigido para a eleição do presidente. Ora, Amélia queria fazer o marido deputado, pois não renunciava facilmente a seus projetos e não perdia a esperança de conseguir a eleição do presidente no distrito onde Marville está situado. Vinha, por isso, atormentando há dois meses o barão Camusot, pois o novo par de França obtivera a dignidade de barão, para arrancar-lhe cem mil francos como antecipação de herança, a fim de — dizia ela — comprar uma pequena propriedade encravada na de Marville e que rendia uns dois mil francos líquidos. Nessa modesta habitação, ela e o marido estariam em sua casa e perto dos filhos; com isso, a propriedade de Marville duplicaria de tamanho. A presidenta alegava ao sogro a voluntária pobreza a que fora constrangida a fim de casar a filha com o visconde Popinot, e perguntava ao velho se ele tinha coragem de fechar ao filho mais velho o caminho das supremas dignidades da magistratura, pois essas só lhe seriam conferidas mediante uma sólida situação parlamentar, que o marido saberia conquistar, fazendo-se

temer pelos ministros.

— Aquela gente só dá alguma coisa a quem lhes torce a gravata no pescoço até ficarem com a língua de fora — disse ela. — São uns ingratos!... Quanto devem a Camusot! Camusot, provocando as Ordenanças de Julho, <sup>[199]</sup> promoveu a elevação da Casa d'Orléans!...

O velho dizia que se metera além de suas posses nas estradas de ferro e adiava essa liberalidade, cuja necessidade, aliás, reconhecia, para quando se verificasse a alta prevista nas ações.

Essa quase promessa, arrancada alguns dias antes, mergulhara a presidenta na desolação. Era duvidoso que o ex-proprietário de Marville pudesse estar em condições de ser eleito por ocasião da renovação da Câmara, pois necessitava ser proprietário durante um ano.

Fraisier não teve dificuldade em chegar até Madalena Vivet. As duas naturezas viperinas entenderam-se perfeitamente, pois haviam saído de um mesmo ovo.

— Senhorita — disse dulçorosamente Fraisier —, eu desejava obter um momento de audiência da senhora presidenta, para um caso que lhe interessa pessoalmente e que diz respeito à sua fortuna; trata-se, não deixe de dizer-lhe, de uma herança... Não tenho a honra de ser conhecido da senhora presidenta e, por isso, meu nome pouco significaria para ela... Não costumo sair do meu escritório, mas não ignoro a consideração devida à esposa de um presidente e, assim, me dei ao trabalho de vir pessoalmente, tanto mais que o caso não admite demora alguma.

A questão, formulada nestes termos, repetida e ampliada pela criada de quarto, teve, naturalmente, uma resposta favorável. Esse momento era decisivo para as duas ambições que Fraisier alimentava. Assim, a despeito de sua intrepidez de advogadozinho de província, agressivo, ríspido e incisivo, experimentou o que experimentam os capitães no início de uma batalha da qual depende o sucesso da campanha. Passando para a saleta onde Amélia o esperava, sentiu uma coisa que sudorífico algum, por enérgico que fosse, conseguira até então provocar naquela pele refratária e obstruída por enfermidades terríveis: um pouco de suor nas costas e na testa.

“Mesmo que não consiga enriquecer”, pensou, “estou salvo, pois Poulain me prometeu a cura no dia em que a transpiração se restabelecesse.”

— Minha senhora... — disse, ao ver a presidenta chegar envolvida num chambre, e deteve-se para cumprimentá-la, com essa condescendência que, no pessoal dos cartórios, constitui o reconhecimento da superioridade daqueles a quem se dirige.

— Sente-se, senhor — disse a presidenta, percebendo logo que estava diante de um homem do mundo judiciário.

— Senhora presidenta, se tomei a liberdade de vir à sua presença

para falar sobre um assunto financeiro que diz respeito ao senhor presidente, foi porque tenho a certeza de que o sr. de Marville, na alta posição que ocupa, não haveria de querer intervir na questão e perderia, assim, setecentos a oitocentos mil francos, que as senhoras, que julgo muito mais entendidas em negócios privados do que os magistrados, não desprezam...

— O senhor falou numa herança — interrompeu a presidenta.

Amélia, deslumbrada pela quantia e querendo dissimular seu espanto, sua alegria, imitava os leitores impacientes que correm a ler o desfecho do romance.

— Sim, uma herança perdida para a senhora, completamente perdida, mas que posso, que poderei fazer chegar às suas mãos...

— Diga logo! — interveio friamente a sra. de Marville, examinando Fraasier da cabeça aos pés com um olhar perspicaz.

— Minha senhora, conheço suas eminentes qualidades, sou de Mantes. O sr. Lebœuf, presidente do Tribunal e amigo do sr. de Marville, poderá dar-lhe informações a meu respeito...

A presidenta encolheu os ombros de maneira tão cruelmente significativa que Fraasier foi obrigado a abrir e fechar rapidamente um parêntese no seu discurso.

— Uma mulher distinta como a senhora compreenderá imediatamente por que lhe falo de mim em primeiro lugar. É o caminho mais curto para chegar à herança.

A presidenta, sem nada dizer, respondeu a essa astuciosa observação apenas com um gesto.

— Minha senhora — continuou Fraasier, autorizado pelo gesto a contar sua história —, eu era advogado em Mantes, minha banca de advocacia era toda a minha fonte de renda, pois comprei o escritório do sr. Levroux, que a senhora sem dúvida conheceu...

A presidenta inclinou a cabeça.

— Com o dinheiro que me haviam emprestado e mais uma dezena de mil francos que possuía, saí do escritório de Desroches,<sup>[200]</sup> um dos mais competentes advogados de Paris, onde eu era primeiro-escrevente há seis anos. Tive a infelicidade de desgostar o procurador do rei em Mantes, senhor... Olivério Vinet,<sup>[201]</sup> o filho do procurador-geral, sim, senhora. Ele andava fazendo a corte a uma senhora... Ele! À sra. Vatinelle... Ah! A sra. Vatinelle... era bem bonita... no meu tempo... Pois ela me concedia alguns favores: *inde irae*<sup>[202]</sup> — continuou Fraasier. — Eu era muito trabalhador, queria reembolsar meus amigos e casar-me; precisava de causas e as procurava; logo fiquei com mais serviço que os outros cartórios juntos. Então, voltaram-se contra mim os advogados de Mantes, os tabeliães e até os oficiais de justiça. Procuraram apanhar-me em chicana. A senhora sabe que quando querem inutilizar um homem, na nossa terrível profissão, facilmente se consegue. Surpreenderam-me



trabalhando como advogado das duas partes num caso. Isso é um pouco leviano; mas, em certos casos, isso se faz em Paris, os advogados aqui se fazem concessões mútuas. Mas, em Mantes, não se fazia. O sr. Bouyonnet, a quem eu já prestara um servicinho dessa natureza, instigado pelos colegas e estimulado pelo procurador do rei, me traiu... A senhora está vendo que não lhe oculto nada. Foi um falatório geral. Eu era um patife, fizeram-me mais negro que Marat.<sup>[203]</sup> Obrigaram-me a vender a banca; perdi tudo. Vim para Paris, onde procurei conseguir alguma clientela, mas minha saúde estava abalada e não me deixava, nos primeiros tempos, duas horas úteis por dia. Hoje, só tenho uma ambição, e é bem modesta. A senhora será um dia esposa de um ministro da Justiça ou de um primeiro-presidente; ao passo que eu, pobre e doente, não desejo outra coisa além de um cargo onde acabar tranquilamente meus dias, um emprego sem futuro, um posto qualquer onde se vegete. Quero ser juiz de paz em Paris. É uma ninharia, para a senhora e para o senhor presidente, obter minha nomeação, pois a senhora deve inspirar bastante receio ao atual ministro da Justiça para que ele tenha vontade de prestar-lhe um serviço... Isso ainda não é tudo, minha senhora — acrescentou Fraisiert, ao ver a presidenta prestes a falar e fazendo-lhe um gesto. — Sou amigo do médico do velho de quem o senhor presidente deveria herdar. Como vê, estamos chegando... Esse médico, cuja cooperação é indispensável, está na mesma situação em que a senhora me vê: talento e falta de oportunidade!... Foi por intermédio dele que eu soube até que ponto seus interesses estavam sendo lesados, pois, enquanto lhe falo, é provável que tudo já esteja acabado, que o testamento que deserda o senhor presidente já esteja feito... Esse médico deseja ser nomeado chefe de serviço num hospital ou médico dos colégios reais; enfim, a senhora compreende, ele precisa de uma posição em Paris, equivalente à minha... Desculpe-me se falo em coisas tão delicadas; não deve haver a mínima ambiguidade no nosso caso. O médico, aliás, é um homem muito conceituado e culto e salvou o sr. Pillerault, tio-avô do seu genro, o visconde Popinot. Nestas condições, se a senhora tiver a bondade de me prometer esses dois cargos, o de juiz de paz e a sinecura médica para meu amigo, eu me comprometo a trazer-lhe a herança quase intata... Digo quase intata, porque ela será onerada com as obrigações que teremos de contrair com o legatário e algumas outras pessoas cujo concurso nos será verdadeiramente indispensável. A senhora só cumprirá sua promessa depois que eu tiver cumprido a minha.

### **LIII – CONDIÇÕES DA TRANSAÇÃO**

A presidenta, que estava há algum tempo com os braços cruzados como quem fosse obrigado a suportar um sermão, descruzou-os, fitou Fraisiert

e disse-lhe:

— O senhor tem o mérito da clareza para tudo quanto lhe diz respeito, mas, no que se refere a mim, é de uma obscuridade...

— Duas palavras são suficientes para esclarecer tudo, minha senhora — disse Fraisier. — O senhor presidente é o único herdeiro em terceiro grau do sr. Pons. O sr. Pons está muito doente e vai fazer seu testamento, se é que já não o fez, em favor dum alemão, seu amigo, chamado Schmucke, e a herança importará mais de setecentos mil francos. Dentro de três dias, espero ter informações exatas acerca do verdadeiro valor...

— Se é assim — disse a presidenta, como se falasse para si mesma, fulminada pela possibilidade daquela importância —, cometi uma grande falta, zangando-me com ele, magoando-o.

— Não, minha senhora, pois, se não tivesse havido esse rompimento, ele estaria alegre como um tentilhão e viveria mais tempo do que a senhora, do que o senhor presidente e do que eu... A Providência tem seus caminhos, não os sondemos! — acrescentou, para disfarçar o quanto havia de odioso nesse pensamento. — Que é que a senhora quer? Nós, os advogados, vemos o lado positivo das coisas. A senhora compreende que, devido à alta posição que ocupa, o presidente de Marville não poderia fazer nada na atual situação. Ele está mortalmente inimizado com seu primo, a senhora não recebe mais o sr. Pons, banuiu-o da sociedade, deve ter tido, sem dúvida, excelentes razões para agir assim; e agora o velho está doente e vai legar seus bens ao seu único amigo. Um presidente da Corte Real de Paris nada tem a dizer contra um testamento em boa forma feito em tais circunstâncias. Mas, aqui para nós, minha senhora, é muito desagradável, quando se tem direito a uma herança de setecentos a oitocentos mil francos... Que sei eu? Um milhão, talvez, e, se é o único herdeiro designado pela lei, não receber o que nos cabe... Acontece, porém, que para alcançar esse objetivo a gente precisa meter-se em intrigas imundas; e são tão complicadas, tão espinhosas; é necessário ainda tratar com gente de tão baixa classe, criados, subalternos e aproximar-se tanto deles que nenhum advogado, nenhum tabelião de Paris pode acompanhar um caso desses. Isso exige um advogado sem causas como eu, cuja capacidade seja indiscutível, com razões para se dedicar à questão e que esteja numa posição desgraçadamente precária que o coloque no mesmo nível dessa gente... No meu distrito, ocupo-me dos casos dos pequeno-burgueses, dos operários, da gente do povo... Sim, minha senhora, veja em que situação me colocou a inimizade de um procurador do rei, atualmente delegado em Paris, que não perdoou minha superioridade... Conheço-a, minha senhora, sei da solidez da sua proteção e vi, na oportunidade de prestar-lhe este serviço, o fim das minhas misérias e a vitória do dr. Poulain, meu amigo...

A presidenta mantinha-se pensativa. Foi um momento de terrível angústia para Fraisiert. Vinet, um dos oradores do Centro, procurador-geral há dezesseis anos, dez vezes designado para envergar a toga da chancelaria, e pai do procurador do rei em Mantes, nomeado delegado em Paris há um ano, era um antagonista para a rancorosa presidenta. O arrogante procurador-geral não escondia seu desprezo pelo presidente Camusot. Fraisiert ignorava e devia ignorar essa circunstância.

— O senhor não tem na consciência nada mais do que o fato de haver trabalhado para as duas partes de um processo? — perguntou ela, encarando Fraisiert.

— A senhora presidenta pode interrogar o sr. Lebœuf; o sr. Lebœuf esteve do meu lado.

— Tem certeza de que o sr. Lebœuf dará boas informações do senhor ao sr. de Marville e ao sr. conde Popinot?

— Garanto por isso, principalmente porque o sr. Olivério Vinet não está mais em Mantes, pois, aqui para nós, esse magistradinho seco amedrontava o bom sr. Lebœuf. Além disso, senhora presidenta, se me permite, irei visitar o sr. Lebœuf em Mantes. Isso não trará demora alguma, pois só daqui a dois ou três dias saberei com certeza a quanto monta a herança. Quero e devo ocultar à senhora todos os recursos de que me servirei neste caso, mas o prêmio que espero em troca da minha dedicação já não constitui uma garantia de triunfo?

— Muito bem! Faça com que o sr. Lebœuf fique a seu favor — replicou a presidenta num tom que mostrava que ela ia ficar desapontadíssima se o sr. Lebœuf não fosse favorável a Fraisiert — e, se a herança atingir a importância que o senhor diz, o que duvido, prometo-lhe os dois lugares, em caso de êxito, naturalmente...

— Garanto por isso, minha senhora. Peço-lhe apenas que tenha a bondade de mandar chamar seu tabelião e seu procurador, quando eu precisar deles, de me dar uma procuração para agir em nome do senhor presidente e de dizer àqueles senhores que sigam as minhas instruções e nada empreendam por iniciativa própria.

— O senhor tem a responsabilidade — disse solenemente a presidenta —, deve ter também a onipotência. Mas o sr. Pons está muito doente? — perguntou sorrindo.

— Está, sim, mas escaparia desta, principalmente por ser tratado por um homem consciencioso como o dr. Poulain, pois o meu amigo, minha senhora, não é mais que um espião inocente manejado por mim no interesse da senhora e é bem capaz de salvar o velho músico; acontece, porém, que existe lá, junto do doente, uma porteira que, para conseguir trinta mil francos, o empurraria para a sepultura... Ela não o matará, não lhe dará arsênico, pois não será tão caridosa assim. Fará muito pior, há de assassiná-lo moralmente e provocar-lhe uma infinidade de aborrecimentos diários. O pobre velho, numa atmosfera

de silêncio, de tranquilidade, bem tratado, cuidado por amigos, no campo, se restabeleceria; mas, importunado por uma espécie de sra. Évrard, que na mocidade foi uma das trinta belas descascadoras de ostras que Paris tornou famosa, ávida, faladora, brutal, atormentado por ela para fazer um testamento no qual ela seja generosamente contemplada, o doente será levado, fatalmente, a um endurecimento do fígado. É possível mesmo que no momento já se estejam formando cálculos, e será necessário, para extraí-los, recorrer a uma operação a que ele não resistirá... O doutor, uma bela alma!... está numa situação terrível. Devia mandar despedir essa mulher...

— Mas essa megera é um monstro! — exclamou a presidenta, com uma vozinha aflautada.

Essa semelhança entre a terrível presidenta e Fraisier fez o advogado sorrir intimamente, pois ele sabia muito bem o que pensar dessas doces modulações fingidas duma voz naturalmente áspera. Recordou-se daquele presidente, herói de um dos contos de Luís xi,<sup>[204]</sup> que este monarca assinou pela última palavra. Aquele magistrado, casado com uma mulher talhada pelo padrão da de Sócrates,<sup>[205]</sup> mas não possuindo a filosofia daquele grande homem, mandou misturar sal à aveia dos seus cavalos e ordenou que os privassem de água. Quando sua esposa se dirigia para o campo, margeando o Sena, os cavalos precipitaram-se com ela à água, para beber, arrastando o carro, o cocheiro e a mulher, e o magistrado agradeceu à Providência que o havia livrado tão *naturalmente* da mulher. Do mesmo modo, a sra. de Marville agradecia agora a Deus por ter colocado junto de Pons uma mulher que a desembaraçaria *honestamente* do ex-parasita.

— Eu não quereria nem um milhão — disse ela — pelo preço de uma indelicadeza... Seu amigo deve esclarecer o sr. Pons e fazer despedir essa porteira.

— Em primeiro lugar, minha senhora, os srs. Schmucke e Pons acham que essa mulher é um anjo e despediriam meu amigo. E, depois, essa atroz descascadora de ostras é a benfeitora do doutor, foi ela quem o introduziu na casa do sr. Pillerault. Ele recomenda à mulher a máxima brandura com o doente, mas suas advertências apenas mostram a essa criatura a maneira de fazê-lo piorar.

— Que é que o seu amigo pensa do estado do meu primo? — perguntou a presidenta.

Fraisier fez a sra. de Marville estremecer pela precisão da resposta e pela lucidez com que penetrou no seu coração tão ávido como o da Cibot.

— Daqui a seis semanas a herança será aberta.

A presidenta baixou os olhos.

— Coitado! — disse, tentando inutilmente assumir uma fisionomia contristada. — A senhora presidenta tem alguma coisa a dizer ao sr.

Lebœuf? Vou a Mantes pela estrada de ferro.

— Sim, espere um pouco, vou escrever pedindo-lhe que venha jantar conosco amanhã, preciso falar com ele para combinar um meio de reparar a injustiça de que o senhor foi vítima.

Quando a presidenta se retirou, Fraisier, que já se via juiz de paz, não parecia mais o mesmo homem; sentia-se gordo, respirava a plenos pulmões o ar da ventura e o bom vento do triunfo. Retirando do reservatório desconhecido da vontade novas e fortes doses dessa divina essência, sentiu-se capaz, à maneira de Rémonencq, de cometer um crime para vencer, desde que não deixasse provas. Avançara ousadamente diante da presidenta, convertendo as conjecturas em realidade, afirmando a torto e a direito com a finalidade única de se fazer incumbir por ela da salvação da herança e obter sua proteção. Representante de duas imensas pobreza e de desejos não menos imensos, repelia com um pé desdenhoso seu horrível lar da Rue de la Perle. Entrevia mil escudos<sup>[206]</sup> de honorários do lado da Cibot e cinco mil francos do lado do presidente. Isso representava a conquista de um apartamento confortável. E, finalmente, saldaria sua dívida com o dr. Poulain. Alguns desses temperamentos rancorosos, ríspidos e inclinados à maldade pelas dificuldades ou pela doença experimentam os sentimentos mais opostos, em igual intensidade. Richelieu era tão bom amigo quanto cruel inimigo. Reconhecendo o auxílio que Poulain lhe dera, Fraisier deixaria cortar a sua cabeça por ele. A presidenta, voltando com uma carta na mão, observou, sem ser vista por ele, esse homem que estava sonhando com uma vida feliz e o achou menos feio do que lhe parecera à primeira vista: aliás, ele ia prestar-lhe um serviço, e a gente sempre olha para um instrumento que nos pertence de maneira diferente daquela como olhamos as coisas do vizinho.

— Sr. Fraisier — disse ela —, o senhor provou-me ser um homem inteligente e julgo-o capaz de toda a franqueza.

Fraisier fez um gesto eloquente.

— Pois bem — continuou a presidenta. — Peço-lhe que responda com toda a simplicidade a esta pergunta: o sr. de Marville ou eu ficaremos comprometidos de algum modo pelas providências que o senhor vai tomar?

— Eu não teria vindo procurá-la, minha senhora, se um dia eu pudesse ter de me censurar de haver lançado uma nódoa sobre a senhora, mesmo que fosse do tamanho da cabeça de um alfinete, pois, num caso desses, a mancha pareceria grande como a lua. A senhora se esquece de que para chegar a ser juiz de paz em Paris eu preciso contentá-la. Recebi, na minha vida, uma primeira lição dura demais para que eu me exponha a receber novas chicotadas. E ainda uma última palavra, minha senhora: todas as providências que eu tiver de tomar, sempre que se tratar da senhora, lhe serão previamente

submetidas...

— Muito bem. Aqui está a carta para o sr. Leboeuf. Espero agora as informações sobre o valor da herança.

— Perfeitamente — disse Fraisier, cumprimentando a presidenta com toda a graça de que sua fisionomia era capaz.

“Que sorte!”, disse consigo a sra. Camusot de Marville. “Ah! Vou ficar rica! Camusot será deputado, pois, soltando esse Fraisier no distrito de Bolbec, ele nos conseguirá a maioria. Que homem providencial!”

“Que sorte!”, dizia consigo Fraisier, enquanto descia a escada. “E como é camarada a sra. Camusot! Era de uma mulher assim que eu precisava! Agora, mãos à obra.”

E partiu para Mantes, onde teria de conseguir as boas graças de um homem a quem conhecia muito pouco, mas contava com a sra. Vatinelle, a quem, desgraçadamente, devia todos os seus infortúnios, e as tristezas de amor muitas vezes rendem juros, tal qual uma nota promissória protestada de um bom devedor.

#### LIV – ADVERTÊNCIA AOS SOLTEIRÕES

Três dias depois, enquanto Schmucke dormia — pois a sra. Cibot e o velho músico já haviam partilhado o fardo de cuidar do doente e passar as noites com ele —, ela teve isso que se chama um *bate-boca* com o pobre Pons. Não é inútil assinalar aqui uma triste particularidade da hepatite. Os doentes cujos fígados estão mais ou menos atacados são inclinados à impaciência, à cólera, e essas crises os aliviam momentaneamente, do mesmo modo que durante um acesso de febre sentimos o organismo animado por imensas energias. Passado o acesso, vem o abatimento, o *collapsus*, como dizem os médicos, e as perdas que o organismo sofreu manifestam-se em toda a sua gravidade. Nas doenças do fígado, também, e principalmente naquelas provenientes de grandes pesares, o paciente, em consequência dessas crises, cai num estado de debilidade que se torna tanto mais perigoso com a dieta absoluta a que estão geralmente submetidos. É uma espécie de febre que agita o mecanismo humoral do homem, pois essa febre não está no sangue nem no cérebro. Essa irritação de todo o ser produz uma melancolia que leva o doente a odiar a si mesmo. Em tal situação, tudo causa uma excitação perigosa. A despeito das recomendações do doutor, a Cibot, mulher do povo sem experiência nem instrução, não acreditava nesses abalos do sistema nervoso causados pelo sistema humoral. As explicações do dr. Poulain eram, para ela, *ideias de médico*. Como toda a gente do povo, queria a todo custo alimentar Pons e, para impedi-la de dar-lhe às escondidas presunto, uma boa omelete ou chocolate com baunilha, era preciso nada menos do que esta frase categórica do dr. Poulain:

— Dê um bocado de qualquer coisa ao sr. Pons e a senhora o matará como se lhe desse um tiro de pistola.

A obstinação das classes populares nesses assuntos é tão grande que a aversão dos doentes em ir para o hospital provém justamente da crença que tem o povo de que lá matam os pacientes por não lhes darem comida. A mortalidade causada pelos víveres levados em segredo pelas mulheres aos maridos subiu tanto que levou os médicos a prescreverem uma rigorosa revista nos dias em que os parentes vão visitar os enfermos. Para provocar uma exasperação momentânea, necessária à realização dos seus projetos imediatos, a Cibot narrou sua visita ao diretor do teatro, não omitindo seu *bate-boca* com a srta. Heloísa, a bailarina.

— Mas que é que a senhora foi fazer lá? — perguntou-lhe pela terceira vez o doente, que não podia fazer a Cibot parar quando ela começava a falar.

— Então, quando eu disse o que pensava dela, a srta. Heloísa viu com quem estava lidando, entregou os pontos e nos tornamos as melhores amigas do mundo. O senhor me perguntou que é que eu fui fazer lá? — disse ela, repetindo a pergunta de Pons.

Certos tagarelas — e são esses os tagarelas de gênio — vão acumulando, dessa forma, as interpelações, as objeções e as observações, à maneira de provisão para alimentar suas conversas, como se pudessem secar sua fonte de assuntos.

— Pois fui lá para tirar o seu sr. Gaudissart duma dificuldade; ele precisa de um músico para um bailado, e o senhor não está em condições, meu caro, de rabiscar um papel e desempenhar suas funções... Ouvi, então, qualquer coisa a respeito de chamar um tal sr. Garangeot para botar os *Moicanos* em música...

— Garangeot! — exclamou Pons enfurecido. — Garangeot, um homem sem talento algum, que não aceitei como primeiro-violino! É um homem de muito espírito, que escreve muito bem folhetins sobre música, mas que seja capaz de compor uma melodia, duvido!... E que foi que lhe deu na cabeça de ir ao teatro?

— Mas é cabeçudo esse diabo!... Olhe aqui, meu gatinho, não vamos brigar por isso... Pode escrever música no estado em que se acha? Será que ainda não se olhou no espelho? Quer um espelho? Só tem a pele em cima dos ossos... está fraquinho como um pardal... e acha que é capaz de fazer notas... Mas o senhor não seria capaz nem de fazer as minhas... Isso me fez lembrar que preciso subir ao terceiro andar para falar com aquele homem que nos deve dezessete francos... Será bem bom a gente cobrar esses dezessete francos, pois, pagando o boticário, não nos sobram nem vinte francos... Eu precisava dizer àquele homem, que parece um bom sujeito, o sr. Gaudissart... gosto desse nome... um legítimo Roger-Bontemps<sup>[207]</sup> com quem eu me daria bem... nunca

sofrerá do figado, ele!... Pois é, eu precisava dizer-lhe em que condições o senhor está... ora! O senhor não vai bem e ele o substituiu temporariamente...

— Substituiu! — exclamou Pons, com uma voz formidável, recostando-se na cama.

Em geral, os enfermos, principalmente os que já se encontram dentro do arco da foice da morte, agarram-se a seus empregos com a mesma fúria que os principiantes aplicam para consegui-los. Assim, aquela substituição pareceu ao moribundo uma morte antecipada.

— Mas o doutor me disse — acrescentou — que vou perfeitamente bem! Que logo poderei voltar à atividade. A senhora me matou, me arruinou, me assassinou!...

— Tá, tá, tá, tá! — exclamou a Cibot. — Está certo! O senhor está bem, já pode sair à rua, eu é que sou um carrasco, sim, é isso que anda dizendo ao sr. Schmucke quando dou as costas. Ouço tudo o que diz!... O senhor é um monstro de ingratidão.

— Mas então a senhora não sabe que, se eu me atrasar quinze dias que seja, na convalescença, quando voltar me dirão que sou uma peruca, um velho, que minha época já passou, que sou Império, rococó? — disse o doente que queria viver. — Garangeot terá feito amigos no teatro, desde a bilheteria até as torrinhas! Terá baixado o diapasão para uma atriz que não tem voz, terá lambido os sapatos do sr. Gaudissart; por meio dos amigos, terá publicado louvores de todo o mundo nos folhetins; numa casa como aquela, sra. Cibot, são capazes de achar piolhos na cabeça de um calvo! Que diabo a levou lá?...

— Ora essa! O sr. Schmucke discutiu a coisa comigo durante oito dias. Que quer? O senhor não vê nada a não ser a sua pessoa! É um egoísta capaz de matar os outros para se curar!... Já faz um mês que esse pobre sr. Schmucke está esgotado, anda se arrastando, não pode ir a parte alguma nem dar lições nem trabalhar no teatro, pois então não está vendo? Ele cuida do senhor durante a noite e eu durante o dia. Se eu passasse as noites com o senhor, como tratei de fazer no começo, quando pensei que não tivesse nada, teria de dormir durante o dia! E quem iria cuidar da casa e da comida?... Que quer! Doença é doença!... E pronto!...

— É impossível que Schmucke tivesse tido essa ideia...

— Não vai dizer agora que fui eu que lhe meti isso na cabeça! Pensa que somos de ferro? Se o sr. Schmucke tivesse continuado a trabalhar, dando sete a oito lições em domicílio e passando das seis e meia às onze e meia no teatro, dirigindo a orquestra, estaria morto em dez dias... Quer a morte desse digno homem, que daria seu sangue pelo senhor? Juro pelos autores dos meus dias que nunca vi um doente como o senhor... Que é que fez do seu juízo? Será que o pôs no Monte-de-Socorro? Todos se matam aqui pelo senhor, fazemos tudo pelo melhor,



e ainda não está contente... O senhor quer deixar-nos loucos varridos... Quanto a mim, já estou exausta, à espera de coisa pior!

A Cibot podia falar à vontade, a cólera deixava Pons emudecido, ele rolava no leito, articulava penosamente interjeições, consumia-se. Como sempre, ao chegar a esse ponto, à discussão sucedeu o enternecimento. A enfermeira precipitou-se sobre o doente, segurou-o pela cabeça, obrigou-o a deitar-se e puxou as cobertas para cima dele.

— Como é que uma pessoa pode ficar nesse estado? Depois, meu gatinho, a sua doença piora! É o que me diz o bom dr. Poulain. Vamos, acalme-se. Seja bonzinho, meu totozinho. O senhor é o ídolo de todos que o conhecem; o doutor, mesmo, vem visitá-lo até duas vezes por dia! Que diria ele se o visse nessa agitação? O senhor sai dos eixos! Isso não fica bem... Quando se tem a mamã Cibot como enfermeira, deve-se ter consideração com ela... Começa a gritar, falar!... E está proibido de fazer isso! O senhor sabe. Falar irrita o senhor. E por que é que se exalta? Afinal, o senhor é que faz as coisas malfeitas... e está sempre me atrasando! Vamos, pense direito! Se o sr. Schmucke e eu, que gosto muito do senhor, achamos que agimos bem... ora, meu querubim, é porque está bem mesmo.

— Schmucke não podia ter-lhe dito que fosse ao teatro sem me consultar.

— Será preciso acordar o bom homem, que está dormindo como um bem-aventurado, para pedir seu testemunho?

— Não! Não! — exclamou Pons. — Se o meu bom e querido amigo Schmucke tomou essa resolução, é porque talvez eu esteja mais doente do que penso — disse Pons, lançando um olhar cheio de horrível melancolia aos objetos de arte que enfeitavam seu quarto. — Terei de dizer adeus aos meus queridos quadros, a todas essas coisas que se tornaram meus amigos. E meu divino Schmucke!... Oh! Será verdade?

A Cibot, terrível comediante, pôs um lenço sobre os olhos. Essa muda resposta fez o doente cair numa lúgubre meditação. Abalado por esses dois golpes vibrados em pontos tão sensíveis, a vida social e a saúde, a perda de sua profissão e a perspectiva da morte, ele ficou tão abatido que não teve forças para se encolerizar. Ficou inerte como um tuberculoso depois de uma crise de opressão.

— Escute uma coisa — disse a Cibot, ao ver sua vítima profundamente debilitada —, no interesse do sr. Schmucke, devia mandar chamar o tabelião do bairro, sr. Trognon, que é um homem muito direito.

— A senhora vive a falar-me nesse Trognon... — disse o doente. — Bem, para mim, é indiferente que chame um ou outro, pelo muito que me dará...

E sacudiu a cabeça num sinal de desprezo pelas riquezas. Restabeleceu-se o silêncio.

Nesse momento, Schmucke, que dormia há mais de seis horas, levantou-se despertado pela fome, foi ao quarto de Pons e contemplou o amigo durante algum tempo sem nada dizer, pois a sra. Cibot pusera um dedo sobre os lábios, fazendo:

— Psiu!

Depois, ela levantou-se, aproximou-se do alemão para falar-lhe ao ouvido e disse-lhe:

— Graças a Deus que ele vai dormir, está como uma fera!... Que é que se vai fazer, está lutando contra a doença...

— Não, estou muito paciente, pelo contrário — respondeu a vítima, num tom dolente que denunciava um pavoroso abatimento. — Mas, meu caro Schmucke, ela foi ao teatro fazer com que me despedissem...

Fez uma pausa, não teve forças para terminar. A Cibot aproveitou-se desse intervalo para fazer a Schmucke um gesto, indicando uma cabeça que está fora do juízo, e disse:

— Não o contrarie, ele morreria...

— E — acrescentou Pons, com os olhos fitos no honesto Schmucke — ela pretende que foste tu quem a mandou lá...

— *Zim* — respondeu Schmucke heroicamente —, *era preciso. Fica quieto... teixa-nos salfar-te!... É uma popachem te cansares trapaliando quanto tens um tesouro... Fica pom, fenteremos algumas coisas e fiferemos tranquilamente num cantínio, com a poa ziniora Zipô...*

— Ela te perverteu! — replicou dolorosamente Pons.

O doente, não enxergando mais a sra. Cibot, que se colocara atrás do leito para melhor ocultar a Pons os sinais que fazia a Schmucke, julgou que ela tivesse saído.

— Ela me está assassinando! — acrescentou.

— Como, então eu o estou assassinando?... — disse ela, aparecendo com os olhos congestos e as mãos nas cadeiras. — Aí está a recompensa de uma dedicação de cachorro... Deus do céu! — Pôs-se a chorar, deixou-se cair numa poltrona e esse movimento trágico causou o mais funesto transtorno a Pons. — Está bem! — disse ela, levantando-se e mostrando aos dois amigos um desses olhares de mulher rancorosa que lançam ao mesmo tempo tiros de pistola e veneno —, estou cansada de não fazer nada de bom aqui esgotando-me desta maneira. Chama uma enfermeira! — Os dois amigos entreolharam-se assustados. — Oh! Não adianta se olharem como atores! Está dito! Vou pedir ao dr. Poulain que procure uma enfermeira para os senhores e vamos fazer nossas contas... Terão que me devolver o dinheiro que gastei aqui... e que eu nunca lhes reclamaria... Eu, que fui à casa do sr. Pillrault pedir-lhe quinhentos francos emprestados.

— *É a toença* — disse Schmucke, precipitando-se sobre a sra. Cibot e

abraçando-a pela cintura. — *Tenue paciência!*

— O senhor é um anjo, eu seria capaz de beijar as suas pisadas — disse ela. — Mas o sr. Pons nunca me quis bem; sempre me odiou!... Além disso, ele pode estar imaginando que quero entrar no seu testamento.

— *Pcht! A ziniora fai matá-lo!* — exclamou Schmucke.

— Adeus, senhor! — disse ela, aproximando-se de Pons e fulminando-o com um olhar. — Pelo mal que lhe quero, passe bem. Quando for amável comigo, quando reconhecer todo o bem que lhe fiz, voltarei! Até lá, ficarei na minha casa... O senhor era meu filho. Mas quando é que se viu os filhos se revoltarem contra as mães?... Não, não, sr. Schmucke, não quero ouvir nada... Eu lhe trarei seu jantar, continuarei a servir o senhor. Mas tome uma enfermeira, peça uma ao dr. Poulain.

E saiu fechando as portas com tamanha violência que todos os objetos frágeis e preciosos estremeceram. O doente ouviu um estalido de porcelana que, na sua tortura, soou como o golpe de misericórdia no suplício da roda.

Uma hora depois, a Cibot, em vez de entrar no quarto de Pons, chamou Schmucke através da porta do quarto de dormir, avisando a ele que o jantar estava servido na sala de refeições. O pobre alemão dirigiu-se para lá com o rosto lívido e coberto de lágrimas.

— *Meu popre Pons está deliranto* — disse —, *pois pretente que a ziniora é uma zelerata. É a toença* — acrescentou, para enternecer a Cibot sem acusar Pons.

— Oh! Já estou farta dessa história de sua doença! Escute, ele não é meu pai, nem meu marido, nem meu irmão, nem meu filho. Antipatizou comigo, pois bem! Chega! Ao senhor, sabe?, eu acompanharia até o fim do mundo, mas quando a gente dá a vida, o coração, todas as suas economias, negligencia o marido, pois o Cibot anda doente, e é chamada de celerada... isso não é café pequeno...

— *Café?*

— Sim, café! Deixemos de conversa fiada e tratemos de coisas positivas! Os senhores me devem três meses a cento e noventa francos, o que faz quinhentos e setenta; mais o aluguel, que paguei duas vezes, aqui estão os recibos, são mais seiscentos francos com o *sou* por franco e as taxas; portanto, mil e duzentos menos qualquer coisa; e mais os dois mil francos, sem os juros, bem entendido; no total, três mil cento e noventa e dois francos... E lembre-se de que ainda vão precisar de pelo menos dois mil francos para a enfermeira, o médico, os remédios e a alimentação da enfermeira. Foi por isso que pedi mil francos emprestados ao sr. Pillerault — disse ela, mostrando os mil francos dados por Gaudissart.

Schmucke escutava essa conta com uma estupefação muito

compreensível, pois entendia tanto de finanças como os gatos de música.

— *Ziniora Zipô, Pons non está no seu chuízo. Pertoe-lie, continue a cuitar tele, fique zento nossa Profitência... peço-lie te choelios.*

E o alemão prosternou-se diante da Cibot, beijando as mãos daquele carrasco.

— Escute, meu gatinho — disse ela, erguendo Schmucke e beijando-o na testa. — O Cibot está doente, de cama, e acabo de mandar chamar o dr. Poulain. Nestas circunstâncias, preciso pôr meus negócios em ordem. Além disso, o Cibot, que me viu voltar chorando, ficou tão furioso que não quer que eu torne a pôr os pés aqui. Ele é que está exigindo seu dinheiro, pois é dele, compreende? Nós, as mulheres, nada podemos decidir nessas questões. Mas, devolvendo o dinheiro ao homem, três mil e duzentos francos, isso talvez o acalme. É tudo quanto tem o coitado, são as suas economias de vinte anos de trabalho, o fruto do seu suor. Ele precisa do dinheiro amanhã; não podemos andar com subterfúgios... O senhor não conhece o Cibot: quando fica bravo, é capaz de matar um homem. Pois bem, eu poderia conseguir licença dele para continuar a cuidar dos senhores. Fique descansado, deixarei que ele me diga tudo quanto lhe passar pela cabeça; suportarei esse martírio pela estima que tenho pelos senhores, que são uns anjos.

— *Non, eu sou um popre home que guer pem a seu amigo e que taria a vita para zalfá-lo...*

— Mas e o dinheiro?... Meu bom sr. Schmucke, vamos supor que os senhores não me dessem nada; mesmo assim, precisariam arranjar três mil francos para as despesas! Sabe o que é que eu faria no seu lugar? Não hesitaria um segundo: venderia sete ou oito quadros ruins e os substituiria por alguns daqueles que estão no seu quarto, voltados para a parede, por falta de espaço; um quadro ou outro, que diferença faz?

— *E por quê?*

— Porque ele é muito esperto! É por causa da doença, pois, quando está com saúde, é um cordeiro! É capaz de se levantar e examinar e se, por acaso, fosse até a sala, mesmo estando tão fraco que não pudesse passar da porta, sempre haveria de encontrar o número certo...

— *Isso mesmo.*

— Mas nós lhe contaremos a venda quando ele estiver completamente bom. Se quiser confessar-lhe que vendeu, atire tudo para cima de mim, diga que teve de me pagar. Eu tenho as costas largas...

— *Non posso tisor te coisas que non me pertencem...* — respondeu simplesmente o bom alemão.

— Está bem, vou mandar a Justiça intimar a ambos.

— *Isso o mataria...*

— Escolha!... Meu Deus! Venda os quadros, e conte-lhe depois... O

senhor lhe mostrará a intimação...

— *Está pem! Intime-nos... isso zerá minha tesculpa... eu lie mostrarei a intimaçon...*

No mesmo dia, às sete horas, a sra. Cibot, que fora consultar um oficial de justiça, chamou Schmucke. O alemão viu-se em presença do sr. Tabareau, que o intimou a pagar; e, diante da resposta de Schmucke, que tremia da cabeça aos pés, ele foi citado a comparecer ao Tribunal para ser condenado a pagamento. A vista daquele homem e do papel timbrado rabiscado produziu tal impressão em Schmucke que ele não resistiu.

— *Fenta os quatros!* — disse, com lágrimas nos olhos.

No dia seguinte, às seis da manhã, Elías Magus e Rémonencq entraram na posse dos quadros. Foram feitos dois recibos de dois mil e quinhentos francos perfeitamente em regra.

Eu, abaixo-assinado, representando o sr. Pons, reconheço ter recebido do sr. Elías Magus a importância de dois mil e quinhentos francos pelos quatro quadros que lhe vendi, devendo a referida importância ser empregada nas despesas do sr. Pons. Um dos quadros, atribuído a Dürer, é um retrato de mulher; o segundo, da escola italiana, é igualmente um retrato; o terceiro é uma paisagem holandesa de Bruegel;<sup>[208]</sup> o quarto, um quadro florentino representando uma Sagrada Família é de autor desconhecido.

O recibo dado a Rémonencq estava redigido nos mesmos termos e compreendia um Greuze, um Claude Lorrain,<sup>[209]</sup> um Rubens e um Van Dyck, disfarçados sob os nomes de quadros da escola francesa e da escola flamenga.

— *Este tiniero fai me confencer que essas puchiganças falem alguma coisa...* — disse Schmucke, ao receber os cinco mil francos.

— E valem mesmo — disse Rémonencq. — Eu seria capaz de dar cem mil francos por tudo isso.

A pedido da Cibot, o auvernês substituiu as oito telas por outras oito de iguais dimensões, nas mesmas molduras, escolhendo entre os quadros inferiores que Pons pusera no quarto de Schmucke.

## LVI – A PARTE DO LEÃO

Elías Magus, uma vez de posse das quatro obras-primas, levou a Cibot à sua casa, sob o pretexto de acertarem as contas. Lá, chorou miséria, encontrou defeitos nas telas, queixou-se de que teria de mandar consertá-las e ofereceu à Cibot trinta mil francos pela sua comissão; e fez com que ela os aceitasse mostrando-lhe os papéis brilhantes nos quais o Banco gravou as palavras MIL FRANCOS! Magus obrigou Rémonencq a dar importância igual à Cibot, emprestando-lhe o dinheiro sob garantia dos quatro quadros, que fez deixar depositados em sua casa. Magus achou os quatro quadros de Rémonencq tão

magníficos que não teve coragem de devolvê-los e no dia seguinte levou seis mil francos de lucro ao belchior, que lhe cedeu as quatro telas. A sra. Cibot, vendo-se na posse de cinquenta e oito mil francos, exigiu novamente o mais profundo segredo dos dois cúmplices; pediu conselho ao judeu para empregar aquela quantia de maneira que ninguém viesse a saber que ela a possuía.

— Compre ações da estrada de ferro de Orléans; estão a trinta francos abaixo do par; em dois anos, a senhora duplicará seu capital e terá tudo isso nuns papéis que caberão numa carteira.

— Espere um pouco, sr. Magus, vou à casa do procurador da família do sr. Pons, ele quer saber por quanto o senhor compraria toda aquela misturada lá de cima... Vou procurá-lo para falar com o senhor...

— Se ela fosse viúva! — disse Rémonencq a Magus. — Esse é que seria o meu negócio, pois está rica...

— Principalmente se colocar o dinheiro na estrada de ferro de Orléans; daqui a dois anos estará duplicado. Coloquei lá minhas pobres economias — disse o judeu —, é o dote da minha filha... Vamos dar uma voltinha pelo bulevar enquanto esperamos o advogado...

— Se Deus quisesse chamar o Cibot, que já está bem doente — acrescentou Rémonencq —, eu teria uma mulher e tanto para dirigir uma loja e poderia meter-me no alto comércio...

— Bom-dia, meu caro sr. Fraasier — disse a Cibot com uma voz melíflua, entrando no escritório do seu conselheiro. — Então? Será verdade o que acaba de me dizer o seu porteiro, que o senhor vai embora daqui?...

— Sim, minha cara sra. Cibot, vou alugar o apartamento do primeiro andar da casa do sr. Poulain, em cima do apartamento dele. Estou procurando conseguir dois a três mil francos emprestados para mobiliar convenientemente o apartamento, que é muito bonito; o proprietário o reformou. Como lhe disse, estou encarregado dos interesses do presidente de Marville e dos seus... Vou deixar o ofício de solicitador e fazer-me inscrever na Ordem dos Advogados, e preciso ficar bem instalado. Os advogados de Paris só deixam inscrever na Ordem os que têm um mobiliário respeitável, uma biblioteca etc. Sou doutor em Direito, fiz meu estágio e já tenho protetores poderosos... Então, como vai a coisa?

— Se o senhor quiser aceitar minhas economias, que estão na Caixa Econômica... — disse-lhe a Cibot. — Não tenho grande coisa, três mil francos, o fruto de vinte e cinco anos de poupança e de privações... O senhor me daria uma letra de câmbio, como diz Rémonencq, pois sou ignorante, só sei o que me ensinam.

— Não, os estatutos da Ordem proíbem a um advogado assinar letras de câmbio; eu lhe darei um recibo com juros de cinco por cento, que a senhora me restituirá se eu lhe conseguir mil e duzentos francos

de renda vitalícia na herança do velho Pons.

A Cibot, apanhada na armadilha, ficou em silêncio.

— Quem cala consente — acrescentou Fraisier. — Traga-me o dinheiro amanhã.

— Eu lhe pagarei de muito boa vontade seus honorários adiantados — disse a Cibot —, assim terei certeza de que receberei meus rendimentos.

— Em que pé está a coisa? — perguntou Fraisier, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. — Ontem à noite, falei com Poulain; ele acha que a senhora está levando seu doente depressa... Mais uma crise como a de ontem e formar-se-ão cálculos na vesícula biliar... Seja amável com ele, minha cara sra. Cibot; não crie remorsos para si. Eles não deixam a gente envelhecer.

— Deixe-me em paz, com os seus remorsos!... Vai me falar novamente na guilhotina? O sr. Pons é um velho teimoso! O senhor não o conhece! Ele é que está me fazendo ficar louca! Nunca vi um homem tão mau; seus parentes tinham razão, ele é falso, vingativo e teimoso!... O sr. Magus está lá em casa, como lhe falei, está à sua espera.

— Bem. Chegarei lá junto com a senhora. É do valor da coleção que depende a quantia das suas rendas; se houver lá oitocentos mil francos, a senhora terá mil e quinhentos de renda vitalícia... é uma fortuna!

— Está bem. Vou dizer-lhe que avalie as coisas com consciência.

Uma hora depois, enquanto Pons dormia tranquilamente, após ter tomado pela mão de Schmucke uma poção calmante, receitada pelo doutor, mas cuja dose fora duplicada pela Cibot sem que o alemão o soubesse, Fraisier, Rémonencq e Magus, as três personagens patibulares, examinaram peça por peça os mil e setecentos objetos de que se compunha a coleção do velho músico. Como Schmucke se deitara, esses corvos que farejavam o cadáver ficaram senhores do terreno.

— Não façam barulho — dizia a Cibot, todas as vezes que Magus se extasiava e discutia com Rémonencq, instruindo-o sobre o valor de uma bela obra.

Era um espetáculo de despedaçar o coração o daquelas quatro ambições diferentes, calculando o valor da herança, durante o sono daquele cuja morte era objeto de suas cobiças. A avaliação dos objetos existentes na sala durou três horas.

— Em média — disse o velho judeu sórdido — cada objeto destes vale mil francos.

— Então são um milhão e setecentos mil francos! — exclamou Fraisier, estupefato.

— Não para mim — replicou Magus, cujo olhar adquiriu tons frios. — Eu não daria mais de oitocentos mil francos, pois não se sabe quanto tempo isso ficará guardado na loja... Há obras-primas que só se vendem

ao fim de dez anos, e assim o preço de compra fica duplicado pelos juros compostos. Mas eu pagaria a soma à vista.

— Lá no quarto há vitrais, esmaltes, miniaturas, tabaqueiras de ouro e de prata — observou Rémonencq.

— Pode-se examiná-los? — perguntou Fraisier.

— Vou ver se ele está dormindo bem — replicou a Cibot, que várias vezes ouvira o doente remexer-se em seu sono.

Com efeito, frequentemente, dobrando-se a dose de um calmante, produz-se uma irritação no doente. Mas nesse momento Pons estava tranquilo e, a um sinal da porteira, as três aves de rapina entraram.

— Lá estão as obras-primas! — disse, apontando para a sala, Magus, cuja barba branca tremia por todos os seus fios. — Mas aqui estão os diamantes! E que riquezas! Os soberanos não têm iguais preciosidades nos seus tesouros.

À vista das tabaqueiras, os olhos de Rémonencq brilhavam como carvões acesos. Fraisier, calmo, frio como uma serpente que descansa sobre a cauda, alongava a cabeça chata e mantinha-se na atitude que os pintores emprestam a Mefistófeles. Os três tipos de avarentos, sedentos de dinheiro como os diabos o são do orvalho do paraíso, dirigiram, sem prévia combinação, um olhar ao possuidor de tamanhas riquezas, pois ele fizera um desses movimentos provocados pelo pesadelo. Subitamente, sob o jato daqueles três raios diabólicos, o doente abriu os olhos e lançou gritos pungentes.

— Ladrões! Aqui estão! A polícia! Estão me matando!

Evidentemente, continuava a sonhar acordado, pois se erguera: na cama, com os olhos esgazeados, brancos, fixos, sem se poder mover. Elias Magus e Rémonencq correram para a porta; mas foram imobilizados por esta frase:

— Magus aqui!... Fui traído...

O doente despertara pelo instinto da conservação de seu tesouro, sentimento pelo menos igual ao da própria conservação.

— Sra. Cibot, quem é esse senhor? — gritou ele, estremecendo ao ver Fraisier, que se conservava imóvel.

— Ora essa! Como é que eu poderia mandá-lo embora? — disse ela, piscando o olho e fazendo um sinal para Fraisier. — Esse senhor chegou agora mesmo, veio em nome da sua família...

Fraisier deixou escapar um gesto de admiração pela Cibot.

— Exatamente, vim da parte da sra. presidenta de Marville, de seu marido e de sua filha, manifestar-lhe seu pesar. Eles souberam por acaso da sua doença e desejariam cuidar eles mesmos do senhor... Propõem-lhe que vá para a propriedade de Marville, para lá recuperar a saúde; a sra. viscondessa Popinot, a pequena Cecília, que gosta tanto do senhor, será a sua enfermeira... Ela assumiu sua defesa junto da mãe e fez com que ela reconhecesse o erro cometido.



— E os meus herdeiros o mandaram cá — exclamou Pons indignado — dando-lhe como guia o mais hábil conhecedor, o mais astuto perito de Paris?... Ah! Essa é boa! — acrescentou, com um riso de louco. — O senhor veio avaliar meus quadros, minhas curiosidades, minhas tabaqueiras, minhas miniaturas!... Avalie! O senhor tem um homem que não somente entende dessas coisas como também pode comprá-las, pois é dez vezes milionário... Meus queridos parentes não esperarão muito pela minha herança — disse, com uma profunda ironia —, pois acabam de me dar o golpe de morte... Ah! Sra. Cibot, a senhora se diz minha mãe e introduz os comerciantes, meu concorrente e os Camusot aqui, enquanto durmo... Saíam todos!...

E o desgraçado, superexcitado pelo duplo efeito da cólera e do medo, levantou-se na sua extrema magreza.

— Tome meu braço — disse a Cibot, precipitando-se sobre Pons para evitar que ele caísse. — Acalme-se, os homens já saíram.

— Quero ver a sala!... — disse o moribundo.

A Cibot fez um sinal aos três corvos para que saíssem; depois, agarrou Pons, ergueu-o como se fosse uma pena e o colocou na cama, a despeito de seus gritos. Ao ver o infeliz colecionador extremamente exausto, foi fechar a porta do apartamento. Os três carrascos de Pons ainda estavam na área, e quando a Cibot os viu, pediu-lhes que a esperassem, pois ouvira Fraisier dizer a Magus:

— Escreva-me uma carta assinada por ambos, comprometendo-se a pagar novecentos mil francos à vista pela coleção do sr. Pons, e trataremos de conseguir-lhe uma boa gratificação.

Depois, segredou uma palavra ao ouvido da Cibot, uma só, que ninguém pôde ouvir, e desceu com os dois negociantes à portaria.

## **LVII – NO QUAL SCHMUCKE SE ELEVA ATÉ O TRONO DE DEUS**

— Sra. Cibot — disse o desgraçado Pons, quando a porteira voltou —, já foram embora?...

— Foram embora?... Quem?... — perguntou ela.

— Aqueles homens...

— Que homens?... Ora, ora, então o senhor viu homens! — disse ela.

— Acaba de sofrer um acesso de delírio, se não fosse eu o senhor se teria atirado pela janela, e ainda me fala em homens... Será que vai ficar sempre assim?...

— Mas, como, então não estava aqui agora mesmo um homem que se dizia enviado pela minha família?...

— Vai continuar a me amolar? — replicou ela. — Sabe aonde é que eu deveria mandá-lo? Para *Chalenton!*...<sup>[210]</sup> Então anda vendo homens...

— Elias Magus, Rémonencq...

— Bem, quanto a Rémonencq, pode ser que o tenha visto, pois ele

veio dizer-me que o meu pobre Cibot está tão mal que eu vou deixar o senhor aqui sozinho para que se reanime. O Cibot antes de tudo. Fique sabendo disto! Quando o meu homem está mal, ninguém mais existe para mim. Trate de ficar quieto e de dormir um par de horas, pois mandei chamar o sr. Poulain e voltarei cá com ele. Beba e tenha juízo.

— Então não havia ninguém no meu quarto, agora mesmo, quando acordei?...

— Ninguém! — disse ela. — O senhor deve ter visto Rémonencq pelo espelho.

— Tem razão, sra. Cibot — disse o doente, tornando-se dócil como um cordeiro.

— Muito bem! Já está ajuizado de novo. Até logo, meu querubim. Estarei de volta num instante. Quando Pons ouviu fechar a porta do apartamento, reuniu suas últimas forças para se levantar, dizendo para si mesmo: “Estão me enganando! Estão me roubando! Schmucke é uma criança que se deixaria amarrar num saco!...”

E o doente, animado pelo desejo de esclarecer a cena pavorosa que lhe parecia demasiado real para ser uma simples visão, conseguiu alcançar a porta do quarto, abriu-a com dificuldade e entrou na sala, onde a vista das suas queridas telas, das suas estátuas, dos seus bronzes florentinos, de suas porcelanas o reanimou. O colecionador, em roupão, com as pernas nuas, a cabeça em fogo, pôde percorrer os dois caminhos traçados pelos armários que, enfileirados, dividiam a sala em duas partes. Pelo poder do primeiro olhar de dono, contou tudo e viu que o museu estava completo. E ia sair quando seu olhar foi atraído por um retrato de Greuze posto no lugar do *Cavaleiro de Malta*, de Sebastiano del Piombo. A suspeita atravessou sua inteligência como um raio que risca um céu tempestuoso. Examinou o lugar ocupado pelos seus oito quadros principais e notou que eles tinham sido substituídos. Os olhos do pobre homem cobriram-se subitamente dum véu negro; ele foi acometido de fraqueza e caiu no chão. O desfalecimento foi tão completo que Pons ficou lá durante duas horas e foi encontrado por Schmucke, quando o alemão, ao despertar, saiu do quarto para ir ao do amigo. Schmucke teve imensas dificuldades em levantar o moribundo e levá-lo para a cama; porém, quando dirigiu a palavra àquele quase cadáver e recebeu um olhar gelado, palavras vagas e gaguejadas, o pobre alemão, em lugar de perder a cabeça, tornou-se um herói da amizade. Sob a pressão do desespero, aquele homem-criança teve inspirações como sucede às mulheres apaixonadas e às mães. Aqueceu umas toalhas (chegou a descobrir toalhas!) e com elas envolveu as mãos de Pons e cobriu-lhe o epigastro; depois, tomou entre as mãos aquela fronte úmida e fria e o chamou à vida com uma força de vontade digna de Apolônio de Tiana.<sup>[211]</sup> Beijou o amigo nos olhos como essas Marias que os grandes artistas italianos esculpiram nos seus baixos-relevos

intitulados *Pietà*<sup>[212]</sup> beijando Cristo. Esses divinos esforços, essa efusão duma vida em outra, essa obra de mãe e amante foi coroada de pleno êxito. Ao fim de meia hora, Pons, reanimado, tomou uma forma humana; a cor vital voltou a seus olhos, o calor exterior restabeleceu a função dos seus órgãos. Schmucke fez Pons beber água de melissa misturada com vinho, o sopro da vida penetrou naquele corpo e a inteligência voltou a palpar naquela fronte até então insensível como uma pedra. Pons compreendeu então a que santa dedicação, a que vigor de amizade devia aquela ressurreição.

— Sem ti, eu teria morrido! — disse ele, sentindo o olhar docemente banhado de lágrimas do pobre alemão, que ria e chorava ao mesmo tempo.

Ao ouvir essa frase, esperada no delírio da esperança, que é igual ao do desespero, o pobre Schmucke, que tinha todas as energias esgotadas, murchou como um balão estourado. Foi a sua vez de cair e ele se atirou a uma poltrona, juntou as mãos e agradeceu a Deus por uma fervorosa oração. Para ele, ocorrera um milagre! Não acreditava no poder de sua prece, mas no de Deus, que invocara. E, no entanto, aquele milagre fora um fenômeno natural que os médicos constatarem com frequência. Um doente cercado de afeição, aos cuidados de pessoas interessadas por sua vida, salva-se, enquanto outro, com as mesmas possibilidades, mas cuidado por mercenários, sucumbe. Os médicos não querem ver nisto os efeitos de um magnetismo involuntário e atribuem o fato a cuidados inteligentes, à exata observação de suas prescrições; mas muitas mães conhecem a virtude dessa ardente irradiação de um fervoroso desejo.

— Meu bom Schmucke!...

— *Non fales, eu te ouvirei pelo coração... tescanza! Tescanza!* — disse o músico, sorrindo.

— Pobre amigo! Nobre criatura!... Filho de Deus que vive em Deus! Única pessoa que me quis bem!... — disse Pons por interjeições, descobrindo na voz modulações desconhecidas. Sua alma, prestes a evolar-se, estava inteira nessas palavras, que deram a Schmucke delícias quase iguais às do amor.

— *Fife! Fife! E eu me transformarei num leon, trabaliarei por tois.*

— Escuta, meu bom, fiel e adorável amigo! Deixa-me falar, tenho pouco tempo, pois estou morrendo, não resistirei a essas crises repetidas.

Schmucke chorou como uma criança..

— Escuta, depois chorarás... — disse Pons. — És cristão, deves conformar-te. Roubaram-me, e foi a sra. Cibot... Antes de te deixar, preciso ensinar-te as coisas da vida, não as conheces... Tiraram oito quadros que valem quantias enormes.

— *Pertoa-me, eu os fenti...*

— Tu!

— *Eu...* — disse o pobre alemão — *nós fomos intimatos ao Tribunal...*

— Intimados?... Por quê?...

— *Espera!*

Schmucke foi buscar o papel timbrado deixado pelo oficial de Justiça.

Pons leu atentamente aqueles garranchos. Após a leitura, deixou cair o papel e ficou em silêncio. Esse observador do trabalho humano, que até então negligenciara o lado moral das coisas, acabou calculando todos os fios da trama urdida pela sra. Cibot. Sua imaginação de artista, sua inteligência de aluno da Academia de Roma, toda sua mocidade lhe voltou por alguns instantes.

— Meu bom Schmucke, obedece-me militarmente. Escuta! Desce à casa da porteira e diz àquela terrível mulher que eu gostaria de tornar a ver a pessoa que me foi enviada pelo meu primo o presidente e que, se ela não vier, tenho a intenção de legar minha coleção ao Museu; quero fazer meu testamento.

Schmucke desempenhou-se na incumbência; mas à primeira frase a sra. Cibot respondeu com um sorriso.

— O nosso querido doente teve, meu bom sr. Schmucke, um n'acesso de delírio e julgou ver pessoas no seu quarto. Dou-lhe minha palavra de mulher honesta que ninguém veio cá, de parte da família do nosso querido doente.

Schmucke voltou com essa resposta, que repetiu textualmente a Pons.

— Ela é mais esperta, mais viva, mais astuta, mais maquiavélica do que eu pensava — disse Pons, sorrindo —, ela mente até em sua casa! Imagine que ela trouxe cá esta manhã um judeu chamado Elias Magus, Rémonencq e um terceiro que não conheço, mas que é mais horroroso que os outros dois juntos. Ela aproveitou meu sono para mandar avaliar minha herança, o acaso fez com que eu despertasse e pude vê-los examinando minhas tabaqueiras. Finalmente, o desconhecido se disse enviado pelos Camusot, eu falei com ele... Essa infame Cibot garantiu que eu estava sonhando... Meu bom Schmucke, eu não estava sonhando!... Ouvi muito bem este homem, ele falou comigo... Os dois negociantes assustaram-se e fugiram... Pensei que a sra. Cibot se desmentiria!... Esta tentativa é inútil. Vou armar outra cilada, na qual a criminosa há de cair... Meu pobre amigo, consideras a sra. Cibot um anjo; ela, porém, é uma mulher que, há um mês, me vem assassinando por ambição. Não quis acreditar em tamanha perversidade numa mulher que nos serviu fielmente durante alguns anos. Foi esse engano que me perdeu... Quanto te deram pelos oito quadros?

— *Cinco mil francos.*

— Meu Deus, eles valem vinte vezes isso! — exclamou Pons. — São a

flor da minha coleção. Não tenho tempo para intentar um processo, além do que isso te poria em causa como vítima desses patifes... Um processo matar-te-ia! Não sabes o que é a Justiça! É o esgoto de todas as infâmias morais... Diante de tantos horrores, as almas como a tua sucumbem. E depois, serás rico. Esses quadros me custaram quatro mil francos, tenho-os há trinta e seis anos... Mas fomos roubados com uma habilidade surpreendente. Estou à beira da sepultura, só me preocupo contigo... que és a melhor das criaturas. Ora, não quero que sejas espoliado, pois tudo quanto possuo é para ti. Assim, precisas desconfiar de todos, e nunca tiveste desconfiança. Deus te protege, bem o sei, mas poderá esquecer-te por um momento e serás pilhado como um navio mercante. A Cibot é um monstro; está me matando! E a consideras um anjo. Por isso, quero que a conheças. Pede-lhe que te indique um tabelião para receber meu testamento... e vais vê-la com a mão no saco.

Schmucke escutava Pons como se ele lhe estivesse narrando o Apocalipse. Que existisse uma índole tão perversa como seria a da Cibot se Pons tivesse razão, isso era para ele a negação da Providência.

— *Meu popre amigo Pons está tan mal* — disse o alemão, descendo à portaria e dirigindo-se à sra. Cibot — *que quer facer seu testamento, fá chamar un tapelion...*

Isso foi dito na presença de várias pessoas, pois o estado de Cibot era quase desesperado. Rémonencq, sua irmã, duas porteiras que haviam ocorrido das casas vizinhas, três criadas de locatários da casa e o morador da frente do primeiro andar estavam agrupados no portão.

— Ora, o senhor mesmo pode ir chamar um tabelião — disse a Cibot, com lágrimas nos olhos — e mandar fazer o testamento por quem quiser... Não há de ser quando meu pobre Cibot está morrendo que sairei de perto do seu leito... Eu daria todos os Pons do mundo para conservar o Cibot... Um homem que nunca me deu o menor desgosto durante trinta anos de vida de casados!...

E voltou para o quarto, deixando Schmucke completamente confuso.

— Então o sr. Pons está muito mal? — perguntou a Schmucke o morador do primeiro andar.

Esse locatário, chamado Jolivard, era funcionário do registro no Tribunal.

— *Quase morreu acora mesmo!* — respondeu Schmucke, profundamente contristado.

— Perto daqui, à Rue Saint-Louis, mora o sr. Trognon, tabelião — observou o sr. Jolivard. — É o tabelião do bairro.

— Quer que eu vá chamá-lo? — perguntou Rémonencq a Schmucke.

— *Zerá um fafor...* — respondeu Schmucke — *pois, como a ziniora Zipô non pote cuitar te meu amigo, eu non poderia teixá-lo zozínio no estatato em que está...*

— A sra. Cibot nos disse que ele estava ficando louco! — disse Jolivard.

— *Pons, louco?* — exclamou Schmucke, aterrorizado. — *Nunca ele esteve tan pem te espírito... e é isso que me preocupa...*

Todas as pessoas que compunham o grupo ouviam essa conversa com uma curiosidade muito natural, o que a gravou na sua memória. Schmucke, que não conhecia Fraasier, não prestou atenção àquela cabeça satânica nem àqueles olhos brilhantes. Fraasier, com duas palavras ditas ao ouvido da Cibot, fora o autor daquela cena ousada, talvez acima dos recursos da Cibot, mas que ela desempenhara com uma superioridade magistral. Fazer o moribundo passar por louco era uma das pedras angulares do edifício construído pelo advogado. O incidente da manhã fora muito útil a Fraasier; sem ele, é possível que a Cibot, na sua perturbação, se desmentisse, no momento em que o inocente Schmucke fora armar-lhe uma cilada, pedindo-lhe que chamasse o enviado da família. Rémonencq, ao ver chegar o dr. Poulain, achou melhor desaparecer. E eis o porquê.

## **LVIII – UM CRIME PUNÍVEL**

Há dez dias, Rémonencq vinha desempenhando o papel da Providência, o que desagrada singularmente a Justiça, que tem pretensão de ser sua exclusiva representante. Rémonencq queria desfazer-se a qualquer preço do único obstáculo que se opunha à sua felicidade. Para ele, a felicidade consistia em desposar a apetitosa porteira e triplicar seu capital. Nessas condições Rémonencq, ao ver o alfaiatezinho tomando uma tisana, tivera a ideia de converter sua indisposição numa doença mortal e sua profissão de belchior lhe forneceu os meios para isso.

Uma manhã, enquanto fumava seu cachimbo, com as costas apoiadas à ombreira da porta do bazar, sonhando com aquela bela loja no Boulevard de la Madeleine, onde imperaria a sra. Cibot elegantemente vestida, seus olhos caíram sobre uma rodela de cobre fortemente oxidada. A ideia de limpar economicamente a rodela na tisana do Cibot ocorreu-lhe subitamente. Amarrou o pedaço de cobre, redondo como uma moeda de cem *sous*, num cordão; e, enquanto a Cibot estava ocupada com os seus senhores, ele ia todos os dias saber notícias do seu amigo alfaiate. Durante essa visita de alguns minutos, mergulhava a rodela de cobre na tisana; ao sair, puxava a rodela pelo cordão. Essa leve adição de cobre oxidado, comumente denominado azinhavre, introduziu secretamente um princípio deletério na tisana benfazeja em proporções homeopáticas, o que causou danos incalculáveis. Eis os resultados dessa homeopatia criminosa. No terceiro dia, caíram os cabelos do pobre Cibot, os dentes ficaram abalados nos alvéolos e a economia do organismo foi alterada por essa

imperceptível dose de veneno. O dr. Poulain ficou intrigado ao perceber o efeito daquela infusão, pois tinha suficiente competência para reconhecer a ação de um agente destruidor. Sem que ninguém soubesse, levou a tisana para casa e analisou-a pessoalmente; mas nada encontrou. Quis o acaso que naquele dia Rémonencq, assustado com seu trabalho, não usasse a rodela fatal. O médico encontrou uma saída capaz de satisfazer a si mesmo e à ciência, explicando que, em consequência de uma vida sedentária, num cubículo úmido, o sangue do alfaiate, que vivia agachado em cima de uma mesa, diante duma janela gradeada, poderia ter-se decomposto, por falta de exercício e principalmente por causa da aspiração constante das emanações duma valeta fétida. A Rue de Normandie é uma dessas antigas vias públicas nas quais a Prefeitura de Paris ainda não construiu sarjetas, o que faz com que se escoem dificilmente as águas servidas de todas as casas, deixando que elas se infiltrem sob o calçamento, produzindo esse lodo característico de Paris.

A Cibot movimentava-se de um lado para outro, ao passo que o marido, trabalhador intrépido, estava sempre diante daquela janela, sentado como um faquir. Os joelhos do alfaiate estavam ancilosados, o sangue se imobilizava no tronco, e as pernas, emagrecidas e entortadas, ficavam sendo membros quase inúteis. Por isso, a tez fortemente amarelada do Cibot tinha, há muito tempo, a aparência doentia. A boa saúde da esposa contrastando com a enfermidade do marido parecera ao doutor um fenômeno natural, explicado pela diferença das funções exercidas pelos cônjuges Cibot.

— Qual é, então, a doença do meu pobre Cibot? — perguntara a porteira ao dr. Poulain.

— Minha cara sra. Cibot — respondera o doutor —, ele está morrendo da doença dos porteiros... seu estiolamento geral denuncia uma incurável deterioração do sangue.

A falta de objetivo, lucro ou interesse dum provável crime acabou por apagar no espírito do dr. Poulain suas primeiras suspeitas. Quem poderia querer matar o Cibot? Sua esposa? Ora, o doutor a vira provar a tisana enquanto lhe punha açúcar. Um grande número de crimes escapa à punição da sociedade. São, geralmente, os cometidos como esse, sem as provas horríveis de alguma violência: o sangue derramado, o estrangulamento, os tiros, os meios inábeis e, principalmente, os crimes cometidos nas classes inferiores e nos quais o assassino não tem um interesse aparente. O crime é sempre denunciado por sua sentinela, pelos ódios, pelas ambições visíveis que se podem investigar. Mas, nas circunstâncias em que se encontravam o alfaiatezinho, Rémonencq e a Cibot, ninguém tinha interesse em procurar a causa da morte, exceto o médico. Aquele porteiro adoentado, amarelado, sem futuro, adorado pela esposa, não tinha dinheiro nem inimigos. Os motivos e a paixão do

belchior ocultavam-se na sombra do mesmo modo que os capitais ilegalmente adquiridos pela Cibot. O médico conhecia a fundo a porteira e seus sentimentos, julgava-a capaz de atormentar Pons, mas sabia que ela não tinha coragem nem interesse para praticar um crime; além disso, ela sempre bebia uma colherada da tisana, na presença do doutor, antes de dá-la ao marido. Poulain, o único que podia esclarecer o caso, julgou que se tratasse de enfermidade estranha, uma dessas surpresas que fazem da medicina uma profissão tão perigosa. E realmente, em consequência de sua existência definhada, o alfaiatezinho ficara em tão más condições de saúde que aquela imperceptível adição de óxido de cobre deveria causar-lhe a morte. Os colegas e os vizinhos também se conduziram de maneira a inocentar Rémonencq, justificando aquela morte rápida.

— Ah! — exclamava um. — Há muito que eu dizia que o sr. Cibot não ia bem..

— Trabalhava demais o homem! — respondia o outro.

— Queimou o sangue.

— Ele não queria me ouvir — comentava um vizinho. — Aconselhava-o a passear no domingo e descansar na segunda-feira, pois não é muito deixar dois dias na semana para se divertir.

Em resumo, o comentário do bairro, tão denunciador, e que a Justiça escuta pelos ouvidos do comissário de polícia, esse rei da classe baixa, explicava perfeitamente a morte do alfaiatezinho. A despeito disso, a atitude pensativa e os olhos inquietos do dr. Poulain embaraçavam muito Rémonencq; assim, ao ver chegar o doutor, ele se ofereceu solicitamente a Schmucke para ir chamar o sr. Trognon, a quem Fraisier conhecia.

— Voltarei quando estiver fazendo o testamento — disse Fraisier ao ouvido da Cibot — e, por mais triste que a senhora esteja, precisa ficar de olho no dinheiro.

O pequeno advogado, que se retirou com a leveza de uma sombra, encontrou o amigo médico.

— Olá, Poulain — exclamou —, tudo vai bem. Estamos salvos!... Explicar-te-ei tudo esta noite! Trata de escolher o cargo que te convém! Será teu! Eu já sou juiz de paz. Tabareau não me recusará mais a filha... Quanto a ti, encarrego-me de arranjar teu casamento com a srta. Vitel, a neta do nosso juiz de paz.

Fraisier deixou Poulain entregue ao pasmo que essas loucas palavras lhe causaram e dirigiu-se para o bulevar como uma bala; fez um sinal ao ônibus e em dez minutos esse veículo moderno o deixou à altura da Rue de Choiseul. Eram cerca de quatro horas. Fraisier estava certo de que encontraria a presidenta sozinha, pois os magistrados não saem do Tribunal antes das cinco horas.

A sra. de Marville recebeu Fraisier com uma distinção que lhe



demonstrou que, conforme a promessa feita à sra. Vatinelle, o sr. Lebœuf dera boas informações sobre o antigo advogado de Mantes. Amélia foi quase carinhosa com Fraisier como a duquesa de Montpensier deve ter sido com Jacques Clément,<sup>[213]</sup> pois o pequeno advogado era seu cutelo. E quando Fraisier lhe apresentou a carta coletiva pela qual Elias Magus e Rémonencq se comprometiam a adquirir em bloco a coleção de Pons pela quantia de novecentos mil francos à vista, a presidenta lançou ao advogado um olhar no qual faiscava aquela soma. Foi uma torrente de cobiça que rolou até o advogado.

— O senhor presidente — disse-lhe — encarregou-me de convidá-lo para jantar amanhã; estaremos em família: os convivas serão o Godeschal,<sup>[214]</sup> sucessor do meu procurador Desroches, e mais Berthier, nosso tabelião, meu genro e minha filha... Depois do jantar, teremos, o senhor e eu, o tabelião e o procurador, aquela conferenciazinha que o senhor me pediu e na qual lhe darei minha procuração. Esses dois senhores obedecerão, como o senhor exige, a suas sugestões e vigiarão para que tudo isso corra bem. E, logo que precisar, terá a procuração do sr. de Marville...

— Precisaréi dela para o dia da morte...

— Estará pronta.

— Senhora presidenta, se peço uma procuração e se quero que seu procurador não apareça, isso é menos no meu interesse do que no seu. Quando me dedico a uma pessoa, dedico-me inteiramente. Assim, minha senhora, peço em troca a mesma fidelidade, a mesma confiança a meus protetores, pois não os ousou chamar de meus clientes. A senhora pode pensar que, agindo assim, quero apoderar-me do caso. Não, não, minha senhora. É que se fossem praticadas coisas repreensíveis... pois, nessa questão de herança, às vezes a gente é arrastada... principalmente por um peso de novecentos mil francos... Pois bem. A senhora não poderia desautorizar um homem como o sr. Godeschal, que é a probidade em pessoa, mas sempre se pode atirar tudo sobre os ombros dum pequeno advogado sem idoneidade...

A presidenta fitou Fraisier com admiração.

— O senhor há de subir muito ou descer muito — disse ela. — No seu lugar, em vez de ambicionar essa aposentadoria como juiz de paz, eu desejaria ser procurador do rei... em Mantes! E fazer uma grande carreira.

— Deixe-me agir, minha senhora! O Juizado de Paz é um arrimo para o sr. Vitel; eu, porém, farei dele um cavalo de batalha.

A presidenta foi levada, assim, à sua última confidência com Fraisier.

— O senhor me parece tão inteiramente dedicado aos nossos interesses — disse ela — que vou inciar sua pessoa nas dificuldades da

nossa situação e nas nossas pretensões. O presidente, por ocasião do projetado casamento entre sua filha e um intrigante, que depois se fez banqueiro, desejava ardentemente aumentar a propriedade de Marville com muitos campos que então estavam à venda. Como sabe, nós nos desfizemos daquela magnífica moradia para casar minha filha, mas, como minha filha é filha única, tenho imensa vontade de adquirir o resto daquelas terras. Elas já foram parcialmente vendidas, pertencem a um inglês que vai voltar para a Inglaterra após ter morado lá durante vinte anos; ele construiu a mais encantadora casa de campo, numa situação esplêndida, entre o parque de Marville e os campos que antigamente pertenciam à propriedade, e, para formar um parque, comprou por preços loucos uns bosques e jardins. A casa com suas dependências forma um belo conjunto na paisagem e fica contígua aos muros do parque da minha filha. Poderíamos comprar as pastagens e a habitação por setecentos mil francos, pois a renda líquida dos campos é de vinte mil francos... Mas se o sr. Wadmann souber que somos nós os pretendentes, certamente há de querer duzentos ou trezentos mil francos a mais, pois ele os perderá se, como se costuma fazer em negócios rurais, não cobrar nada pela casa...

— Mas, segundo penso, a senhora já pode considerar tão bem a herança como sua, que me ofereço para desempenhar o papel de comprador em seu benefício e encarrego-me de conseguir as terras pelo melhor preço possível por um ato privado sem intervenção de tabeliães, como se costuma fazer com os corretores de propriedades... Eu me apresentarei ao inglês nessa qualidade. Entendo desses negócios; eram a minha especialidade em Mantes. Vatinelle duplicou o valor do seu escritório, porque eu trabalhava sob seu nome.

— Daí é que nasceu a sua ligação com a sra. Vatinelle. Esse tabelião deve estar muito rico hoje.

— Mas a sra. Vatinelle gasta muito... Bem, pode ficar descansada, saberei dar um jeito nesse inglês...

— Se o conseguir, poderá contar com a minha eterna gratidão... Adeus, meu caro sr. Fraisier. Até amanhã...

Fraisier saiu cumprimentando a presidenta com menor servilismo do que na última vez.

— Amanhã, jantarei na casa do presidente Marville!... — dizia Fraisier para si mesmo. — Bem... já tomei conta dessa gente. Para ficar senhor absoluto do caso, precisaria apenas me tornar conselheiro do alemão, na pessoa de Tabareau, o oficial da Justiça de Paz! Esse Tabareau, que me recusa a filha, uma filha única, ma concederá se eu for juiz de paz. A srta. Tabareau, aquela grande moça ruiva e tuberculosa, é dona, por herança da mãe, duma casa à Place Royale; assim, serei elegível. Por morte do pai, terá ainda seis mil francos de renda. Não é bonita, mas — meu Deus! —, para passar de zero a dezoito

mil francos de renda, não se deve olhar muito para a prancha onde a gente põe o pé.

E enquanto voltava à Rue de Normandie pelos bulevares, deixava-se arrastar na corrente desse sonho dourado. Seguia embalado pela ventura de ver-se livre de dificuldades para sempre; pensava em casar a srta. Vitel, filha do juiz de paz, com seu amigo Poulain. Via-se, em companhia do doutor, um dos reis do bairro, dominaria as eleições municipais, militares e políticas. Os bulevares parecem curtos quando, passeando por eles, se leva a passear a ambição montada sobre a fantasia.

## LIX – AS MANHAS DE UM TESTADOR

Ao voltar para junto do seu amigo Pons, Schmucke disse-lhe que o Cibot estava morrendo e que Rémonencq fora chamar o sr. Trognon, tabelião. Pons ficou intrigado com esse nome que a Cibot lhe citava frequentemente nas suas intermináveis conversas, recomendando-lhe esse tabelião como a probidade personificada. E então o doente, cuja desconfiança se tornara absoluta desde a manhã, teve uma ideia luminosa que completou o plano que concebera para desmascarar a Cibot aos olhos do crédulo Schmucke.

— Schmucke — disse, tomando a mão do pobre alemão aturdido por tantas novidades e tantos acontecimentos —, a casa deve estar em grande confusão; se o porteiro está à morte, estamos mais ou menos livres por alguns momentos, quer dizer, sem espiões, pois vivem nos espionando, fica certo disto! Sai, toma um cabriolé, vai ao teatro, e dize à srta. Heloísa, nossa primeira bailarina, que a desejo ver antes de morrer e que ela venha às dez e meia, depois do seu trabalho. De lá, vai à casa dos teus dois amigos Schwab e Brunner e pede-lhes que estejam aqui amanhã, às nove da manhã, como se fossem passando e subissem para saber notícias minhas...

Eis o plano forjado pelo velho artista ao sentir que ia morrer. Queria enriquecer Schmucke, instituindo-o seu herdeiro universal, e, para subtrai-lo a todas as chicanas possíveis, resolvera ditar seu testamento a um tabelião, em presença de testemunhas, a fim de que não supusessem que ele estivesse privado da razão e para tirar aos Camusot qualquer pretexto para impugnar suas últimas disposições. O nome de Trognon fê-lo entrever alguma manobra; suspeitou de que quisessem levá-lo a cometer algum erro de forma antecipadamente projetada, alguma infidelidade premeditada pela Cibot, e resolveu servir-se de Trognon para se fazer ditar um testamento que ele redigiria do próprio punho, fecharia e encerraria na gaveta da escrivaninha. Esperava mostrar a Schmucke que a Cibot abriria a gaveta, violaria o testamento e tornaria a fechá-lo depois que o tivesse lido. Depois, às nove horas do

dia seguinte, anularia o testamento do próprio punho, por outro testamento perante o tabelião, perfeitamente em regra e indiscutível. Quando a Cibot o chamara de louco, de visionário, ele percebera o ódio, a vingança e a avidez da presidenta, pois, acamado há dois meses, o pobre homem, durante suas insônias, suas longas horas de solidão, repassara minuciosamente os acontecimentos de sua vida.

Os escultores antigos e modernos costumam colocar, de ambos os lados da tumba, gênios que empunham tochas acesas. Essas luzes aclaram aos moribundos a lista das suas faltas, dos seus erros, iluminando-lhes também os caminhos da morte. Nisso a escultura traduz grandes ideias, reproduz um fenômeno humano. A agonia tem sua sabedoria. Vemos com frequência simples mocinhas, na mais tenra idade, adquirir nesse momento um raciocínio centenário, tornar-se profetas, julgar a família, recusar-se a se deixar iludir por qualquer comédia. É a poesia da Morte. Mas, coisa estranha e digna de nota, morre-se de duas maneiras diferentes. Essa poesia da profecia, esse dom de ver perfeitamente, seja no futuro, seja no passado, só é conferido aos moribundos que foram atingidos apenas na carne, que perecem pela destruição dos órgãos da vida corporal. Assim, as pessoas acometidas de gangrena, como Luís XIV; os tuberculosos, os doentes que morrem, como Pons, pela febre, como a sra. de Mortsauf,<sup>[215]</sup> pelo estômago, ou como os soldados que recebem ferimentos que os colhem em plena vida — esses gozam dessa sublime lucidez e realizam mortes surpreendentes, admiráveis; ao passo que os que morrem por doenças por assim dizer intelectuais, cujo mal está no cérebro, no sistema nervoso que serve de intermediário ao corpo para fornecer o combustível do pensamento, estes morrem inteiramente. Neles, o espírito e o corpo soçobram juntos. Os primeiros, almas sem corpo, realizam os espectros bíblicos; os últimos são cadáveres.

Esse homem virgem, esse Catão<sup>[216]</sup> guloso, esse justo quase sem pecados, penetrou tardiamente nas bolsas de fel que compunham o coração da presidenta. Descobriu o mundo no momento de deixá-lo. Assim, há algumas horas tomara alegremente uma decisão, como um artista divertido para quem tudo é pretexto para pilhéria, para brincadeira. Os últimos liames que o uniam à vida, as cadeias da admiração, os poderosos laços que prendiam o perito às obras-primas da arte haviam sido rompidos naquela manhã. Ao ver-se furtado pela Cibot, Pons despedira-se cristãmente das pompas e das vaidades das obras de arte, da sua coleção, da sua afeição pelos criadores de tantas belas coisas, e queria pensar unicamente na morte, à maneira dos nossos ancestrais, que a recebiam como uma das festas dos cristãos. No seu afeto por Schmucke, Pons procurava protegê-lo do fundo do seu ataúde. Essa ideia paternal foi a razão da escolha que fez da primeira bailarina para armar-se contra as perfídias que o cercavam e que

certamente não perdoariam seu legatário universal.

Heloísa Brisetout era uma dessas criaturas que se mantêm perfeitamente naturais numa posição falsa, capaz de todas as brincadeiras possíveis contra adoradores pagantes, uma cortesã da escola das Florinas, das Málagas, das Carabinas, das Marietas, das Jennies Cadine e das Josefes;<sup>[217]</sup> mas era uma boa camarada, que não temia nenhum poder humano, à força de vê-los todos fracos e habituada como estava a lutar com a polícia no baile pouco campestre de Mabille e no carnaval.

“Se ela fez dar meu lugar ao seu protegido Garangeot, ela se julgará ainda mais obrigada a prestar-me um serviço”, pensou Pons.

Schmucke pôde sair sem chamar a atenção de ninguém, graças à confusão que reinava na casa, e voltou com a máxima rapidez para não deixar Pons muito tempo sozinho.

O sr. Trognon chegou para o testamento, ao mesmo tempo que Schmucke. Embora Cibot estivesse à morte, sua mulher acompanhou o tabelião, introduziu-o no quarto de dormir e retirou-se espontaneamente, deixando a sós Schmucke, Trognon e Pons, mas armou-se de um espelhinho de mão de mecanismo esquisito e tomou posição à porta, que deixou entreaberta. Dessa maneira, podia não só ouvir, como também ver tudo o que se diria e se passaria naquele momento, supremo para ela.

— Desgraçadamente — disse Pons ao tabelião — estou com todas as minhas faculdades, pois sinto que vou morrer, e, certamente pela vontade de Deus, nenhum dos sofrimentos da morte me foi poupado!... Aqui está o sr. Schmucke...

O tabelião cumprimentou Schmucke.

— É o único amigo que tenho na terra — disse Pons — e quero instituí-lo meu legatário universal; diga-me que forma deve ter meu testamento, para que o meu amigo, que é alemão e não entende nada de leis, possa receber minha herança sem qualquer contestação.

— Sempre se pode contestar qualquer coisa — disse o tabelião —, esse é o inconveniente da justiça humana. Mas, em matéria de testamento, há alguns inatacáveis...

— Por exemplo? — perguntou Pons.

— Um testamento feito perante um tabelião, em presença de testemunhas que certifiquem que o testador está no gozo de todas as suas faculdades, e quando o testador não tem esposa, nem filhos, nem pai, nem irmão...

— Não tenho nada disso, todas as minhas afeições estão concentradas no meu querido amigo Schmucke, que aqui está...

Schmucke chorava.

— Se o senhor não tem senão colaterais afastados, a lei lhe deixa a livre disposição dos seus móveis e imóveis e, assim, se não legar em

condições que a moral reprove, pois o senhor deve ter visto testamentos contestados devido aos absurdos do testador, um testamento feito perante um tabelião será incontestável. Com efeito, a identidade da pessoa não pode ser negada, o tabelião constatou o estado da sua razão e a assinatura não pode dar lugar a discussão alguma... Por outro lado, um testamento do próprio punho, em boa forma e claro, é tão pouco discutível como este.

— Prefiro, por motivos pessoais, escrever sob ditado seu um testamento autógrafo e confiá-lo a este meu amigo... Pode ser?...

— Perfeitamente — disse o tabelião. — Quer escrever agora? Vou ditar...

— Schmucke, dá-me a minha escrivaninha de Boule. Dite baixinho, senhor, pois — acrescentou — podem ouvir-nos.

— Diga-me antes de tudo quais são suas intenções — pediu o tabelião.

Ao fim de dez minutos, a Cibot, que Pons entevia por um espelho, viu fechar o testamento, depois que o tabelião o examinou à luz de uma vela segurada por Schmucke; depois, Pons entregou-o a Schmucke, recomendando-lhe que o encerrasse num cofre que havia na sua escrivaninha. O testador pediu a chave da escrivaninha, amarrou-a numa ponta do lenço e guardou-o debaixo do travesseiro. O tabelião, nomeado, por gentileza, executor testamentário, e a quem Pons deixava um quadro de valor, uma dessas coisas que a lei permite dar a um tabelião, saiu e encontrou a sra. Cibot na sala.

— Então? O sr. Pons pensou em mim?

— Não espere, minha senhora, que um tabelião viole os segredos que lhe são confiados — respondeu o sr. Trognon. — Tudo quanto lhe posso dizer é que haverá muitas ambições frustradas e muitas esperanças malogradas. O sr. Pons fez um belo testamento, cheio de bom senso, um testamento patriótico, que aprovo com entusiasmo.

Ninguém pode imaginar o grau de curiosidade a que foi levada a Cibot, estimulada por essas palavras. Desceu e passou a noite junto do Cibot, resolvida a se fazer substituir pela srta. Rémonencq e a ler o testamento entre as duas e as três horas da madrugada.

## **LX – O FALSO TESTAMENTO**

A visita da srta. Heloísa Brisetout, às dez e meia da noite, pareceu muito natural à Cibot, mas ela teve tanto receio de que a bailarina falasse nos mil francos dados por Gaudissart que a acompanhou, prodigalizando-lhe cortesias e amabilidades como se se tratasse de uma soberana.

— Ah! Minha querida, você está muito melhor aqui do que no teatro — disse Heloísa, subindo a escada. — Aconselho-a a ficar no seu emprego!

Heloísa, que fora levada em carruagem por Bixiou, seu íntimo amigo, estava magnificamente vestida, pois ia a uma festa na casa de Marieta, uma das mais ilustres bailarinas da Ópera. O sr. Chapoulot, antigo passamanheiro da Rue Saint-Denis e morador do primeiro andar, que voltava do Ambigu-Comique com a filha, ficou deslumbrado, tanto quanto a esposa, ao ver tão elegante vestido e tão linda criatura na escada.

— Quem é, sra. Cibot? — perguntou a sra. Chapoulot.

— Uma mulher à toa!... Uma saltadora que a gente pode ver quase nua todas as noites por quarenta *sous*... — respondeu a porteira, ao ouvido da antiga passamanheira.

— Vitorina! — disse a sra. Chapoulot à filha. — Minha filhinha, deixa a senhora passar!

Heloísa compreendeu esse grito de mãe assustada e voltou-se.

— Sua filha será pior que uma mecha, para que a senhora tenha medo de que ela se incendeie ao me tocar?...

Heloísa olhou para o sr. Chapoulot com um ar amável, sorrindo.

— Puxa, mas é bonita! — disse o sr. Chapoulot, detendo-se no patamar da escada.

A sra. Chapoulot beliscou o marido até fazê-lo gritar e empurrou-o para dentro do apartamento.

— Este segundo até parece um quarto andar — disse Heloísa.

— O que vale é que a senhorita está acostumada a subir — disse a Cibot, abrindo a porta do apartamento.

— Então, meu velho! — disse Heloísa, entrando no quarto, onde viu o pobre músico estendido, pálido e com a fisionomia esquelética. — Isso não vai bem? Todo o mundo no teatro anda preocupado com o senhor, mas, como sabe, embora se tenha bom coração, todos têm os seus negócios e a gente não consegue uma hora para visitar os amigos. Gaudissart fala todos os dias em vir cá e todas as manhãs fica ocupado com os aborrecimentos da administração. Apesar disso, todos nós gostamos do senhor.

— Sra. Cibot — disse o doente —, faça-me o favor de deixar-nos com a senhorita, precisamos falar com ela a respeito do teatro e do meu cargo de regente da orquestra... Schmucke acompanhará a senhora.

Schmucke, a um sinal de Pons, levou a Cibot para fora e passou o ferrolho na porta.

“Ah! O canalha do alemão! Também está ficando mau, ele!...”, disse para si mesma a Cibot, ao ouvir aquele ruído significativo. “É o sr. Pons que lhe ensina essas maldades!... Mas vocês me pagarão, meus amigos...”, acrescentou a Cibot, falando sozinha, enquanto descia. “Se essa saltimbanca de salteadora lhe falar nos mil francos, eu lhes direi que é uma farsa de teatro...”

E sentou-se à cabeceira do Cibot, que se queixava de fogo no

estômago, pois Rémonencq, na ausência da esposa, acabava de dar-lhe de beber.

— Minha querida menina — disse Pons à bailarina, enquanto Schmucke punha a Cibot para fora —, você é a única pessoa em quem confio para escolher-me um tabelião honesto, que venha amanhã às nove e meia da manhã, exatamente, receber meu testamento. Quero deixar toda a minha fortuna ao meu amigo Schmucke. Se o pobre alemão for alvo de perseguições, conto com o tabelião para dar-lhe conselhos e defendê-lo. É por isso que quero um tabelião conceituado, muito rico, superior a essas considerações que fazem ceder os funcionários da Justiça, pois meu pobre amigo precisa encontrar nele um amparo. Desconfio de Berthier, sucessor de Cardot, e você que conhece tanta gente...

— Eh! Tenho o que te serve! — disse a bailarina. — O tabelião de Florina, da condessa de Bruel,<sup>[218]</sup> Leopoldo Hannequin,<sup>[219]</sup> um homem virtuoso que não sabe o que é uma rapariga! É como um tutor, um homem às direitas que nos afasta de cometer asneiras com o dinheiro que ganhamos; denominei-o de *pai das pequenas*, pois ele inculcou princípios de economia a todas as minhas amigas. Em primeiro lugar, ele tem, meu caro, sessenta mil francos de rendas, além do cartório. E depois, é tabelião como se era tabelião antigamente! É tabelião quando anda, quando dorme; não deve ter feito outra coisa a não ser pequenos tabeliões e pequenas tabelioas... Finalmente, é um homem rude e pedante; mas é um desses que não se curvam diante de poder algum no exercício de suas funções... Nunca teve uma amante, é chefe de família fóssil! E é adorado pela esposa, que, embora esposa de tabelião, não o engana... Que queres? Em matéria de tabelião, não há nada melhor em Paris. É patriarca; não é brincalhão e divertido como Cardot com Málaga, mas nunca há de fugir, como o Pequeno Fulano que vivia com Antônia!<sup>[220]</sup> Mandarei o meu homem amanhã às oito horas... Podes dormir tranquilamente. Antes de tudo, espero que fiques bom e ainda nos faças boa música; mas, afinal, a vida é muito triste, os empresários regateiam, os reis caloteiam, os ministros bisbilhoteiam, os ricos economizoteiam... Os artistas não têm mais isto! — disse ela, batendo sobre o coração — É uma época insuportável... Adeus, velho!

— Peço-te, acima de tudo, Heloísa, a máxima discrição.

— Isto não é um assunto de teatro — disse ela —, é coisa sagrada, para um artista.

— Com quem estás agora, minha filha?

— Com o administrador do teu distrito, o sr. Beaudoyer, um homem tão estúpido como o falecido Crevel; pois, sabes, Crevel, um dos antigos comanditários de Gaudissart, morreu há poucos dias e não me deixou nada, nem um pote de pomada! É por isso que eu digo que o nosso século não presta.



— E qual foi a causa da morte?

— A esposa!... Se ele tivesse ficado comigo, ainda estaria vivo! Adeus, meu bom velho! Falo-te em morte, porque vejo que daqui a quinze dias andarás passeando pelo bulevar e farejando lindas curiosidades, pois não estás doente, nunca te vi com os olhos tão vivos como hoje...

E a bailarina saiu, certa de que seu protegido Garangeot ficaria com a batuta de regente de orquestra para sempre. Garangeot era seu primo-irmão. Todas as portas estavam entreabertas e todos os casais viram passar a primeira bailarina. Foi um acontecimento na casa.

Fraisier, como esses buldogues que não soltam o pedaço onde metem o dente, estava parado na portaria, junto da Cibot, quando a bailarina passou pela porta de entrada e pediu que a abrissem.

Sabia que o testamento fora feito e quisera sondar as disposições da porteira, pois o tabelião Trognon se recusara a dizer uma palavra sobre o testamento, tanto a Fraasier como à sra. Cibot. Naturalmente, o advogado viu a bailarina e resolveu tirar partido dessa visita *in extremis*.

— Minha cara sra. Cibot — disse Fraasier —, este é o momento crítico para a senhora.

— Ah!... Sim — disse ela. — Meu pobre Cibot!... Quando penso que ele não desfrutará o que eu virei a ter!...

— Precisa saber se o sr. Pons lhe legou alguma coisa; enfim, se está no testamento ou foi esquecida — disse Fraasier, continuando. — Represento os herdeiros naturais e em qualquer caso somente deles a senhora poderá obter alguma coisa... O testamento é autógrafo e, por isso, muito contestável... Sabe onde foi que o homem o guardou?...

— Num cofre da escrivaninha, e ficou com a chave — respondeu ela. — Amarrou-a numa ponta de lenço e guardou o lenço debaixo do travesseiro... Vi tudo.

— O testamento está fechado?

— Está, sim!

— É um crime furtar um testamento e suprimi-lo, mas lê-lo é apenas uma falta. E, depois, que importância tem um pecadilho sem testemunhas? Tem sono pesado, o nosso homem?

— Sim. Porém, quando o senhor veio examinar e avaliar tudo, ele estava dormindo a sono solto e, assim mesmo, despertou... Bem... vou ver! Esta manhã, substituirei o sr. Schmucke às quatro horas e, se o senhor quiser, terá o testamento durante dez minutos...

— Muito bem, está combinado. Levantar-me-ei às quatro horas e baterei bem de leve...

— A srta. Rémonencq, que me substituirá junto do Cibot, ficará avisada e puxará o cordão da porta. Bata na janela, para não acordar ninguém.

— Está combinado — disse Fraasier. — A senhora poderá conseguir uma luz? Uma vela bastará...

À meia-noite, o pobre alemão, sentado numa poltrona, com o coração dilacerado de dor, contemplava Pons, cujo rosto, contraído como o dum moribundo, se mostrava tão abatido, após tantos sofrimentos, que dava a impressão de que ele ia expirar.

— Acho que tenho forças suficientes para aguentar até amanhã à noite — disse Pons, com filosofia. — Minha agonia, meu caro Schmucke, certamente começará na noite de amanhã. Logo que o tabelião e teus dois amigos tiverem saído, irás chamar o nosso bom padre Duplanty, vigário da igreja de São Francisco. O bom homem não sabe que estou doente e quero receber os santos sacramentos amanhã ao meio-dia.

Houve uma longa pausa.

— Deus não quis que a vida fosse para mim como eu a sonhava — acrescentou Pons. — Eu teria gostado tanto de ter uma esposa, filhos, uma família!... Ser amado por algumas criaturas, num cantinho, era toda a minha ambição! A vida é amarga para todos, pois conheço pessoas que possuem tudo quanto desejei em vão e não se sentem felizes... No fim da vida, o bom Deus fez-me encontrar uma consolação inesperada, dando-me um amigo como tu!... Por outro lado, eu soube compreender-te e apreciar-te... meu bom Schmucke. Dei-te meu coração e todas as forças do meu afeto... Não chores, Schmucke; se não calar-me-ei! É tão doce para mim falar-te de nós... Se eu te tivesse escutado, viveria mais tempo. Teria abandonado a sociedade e meus hábitos e não teria recebido lá ofensas mortais. Bem... Quero ocupar-me somente de ti...

— *Non teves facer isso.*

— Não me contraries, meu caro amigo e escuta-me: Tens a inocência, a candura de uma criança de seis anos que nunca tivesse saído de junto da mãe, e isso é muito respeitável; acho que Deus mesmo deve tomar conta das crianças como tu. Mas os homens são tão maus que devo premunir que te devo contra eles. Vais, portanto, perder tua nobre boa-fé, tua sagrada credulidade, essa graça das almas puras que só é conferida às pessoas de gênio e aos corações como o teu... Daqui a pouco, verás a sra. Cibot, que nos espiou pela fresta da porta entreaberta, vir tirar esse falso testamento... Suponho que a velhaca fará essa expedição esta manhã, à hora em que deverias estar dormindo. Presta atenção e segue minhas instruções ao pé da letra... Estás ouvindo? — perguntou o doente.

## LXI – PROFUNDO DESAPONTAMENTO

Schmucke, acabrunhado de dor, acometido duma horrível palpitação, deixara a cabeça cair sobre o encosto da poltrona e parecia desfalecido.

— *Zim, estou ouvindo! Mas como se estivesses a tuzentos passes te*

*mim... parece que estou afuntanto na zepultura contigo!...* — disse o alemão, esmagado pela dor.

Aproximou-se de Pons, tomou-lhe uma das mãos, meteu-a entre as suas e, mentalmente, fez uma fervorosa oração.

— Que é que estás resmungando em alemão?...

— *Peti a Teus que nos leve chuntos!...* — respondeu simplesmente, ao terminar a prece.

Pons inclinou-se com dificuldade, pois sofria de dores intoleráveis no fígado. Conseguiu abaixar-se até Schmucke e beijou-o na testa, espalhando sua alma como uma bênção sobre aquela criatura comparável ao cordeiro que repousa aos pés de Deus.

— Escuta, meu bom Schmucke, deve-se obedecer aos moribundos...

— *Estou escutando!*

— Teu quarto comunica com o meu através do meu gabinete, por uma portinha da tua alcova.

— *Zim, mas está atulhado de quadros.*

— Vais desimpedir essa porta agora mesmo, sem muito barulho...

— *Zim...*

— Desembaraça a passagem dos dois lados, tanto no teu quarto como no meu; e deixa a tua porta entreaberta. Quando a Cibot vier substituir-te junto de mim (ela é capaz de chegar esta manhã uma hora mais cedo) sairás, como de costume, para dormir e fingirás estar muito cansado. Procura ter a aparência de quem está com muito sono... Logo que ela se tiver sentado na poltrona, passa pela tua porta e fica em observação, lá, entreabrindo a cortinazinha de musselina da porta envidraçada e presta atenção ao que acontecer... Compreendes?

— *Comprenti, penzas que a celerata fai queimar o testamento...*

— Não sei o que é que ela vai fazer, mas tenho certeza de que depois disso não a considerarás mais um anjo. Agora, toca um pouco de música para mim, alegra-me com algum dos teus improvisos... Isso te dará uma ocupação, espantarás tuas ideias sombrias e encherás esta noite triste com teus poemas...

Schmucke sentou-se ao piano. E, ao fim de algum tempo, a inspiração musical, excitada pelo tremor do sofrimento e pela agitação que ele lhe causava, transportou o bom alemão, conforme seu hábito, para além dos mundos. Encontrou temas sublimes, sobre os quais bordou caprichos executados ora com a dolência e a perfeição rafaelescas de Chopin, ora com o arrebatamento e a grandiosidade dantesca de Liszt, os dois temperamentos musicais que mais se aproximam do de Paganini. A execução, quando alcança esse grau de perfeição, coloca aparentemente o executante à altura do poeta e ele se torna, para o compositor, o que o ator é para o autor, um divino tradutor das coisas divinas. Mas, naquela noite em que Schmucke fez Pons ouvir antecipadamente os concertos do paraíso, essa música deliciosa que faz

cair da mão de Santa Cecília seus instrumentos, ele foi ao mesmo tempo Beethoven e Paganini, o criador e o intérprete! Inesgotável como o rouxinol, sublime como o céu sob o qual ele canta, matizado, frondoso como a floresta que enche com seus gorjeios, excedeu a si mesmo e mergulhou o velho músico que o escutava no êxtase que Rafael pintou e que se vê em Bolonha.<sup>[221]</sup> Essa poesia foi interrompida por toques de campainha horríveis. A criada dos moradores do primeiro andar foi pedir a Schmucke, da parte dos patrões, que acabasse aquela balbúrdia. A senhora, o senhor e a senhorita Chapoulot estavam acordados, não podiam conciliar o sono e mandavam dizer que o dia era bastante comprido para ensaiar as músicas do teatro e que numa casa do Marais não se devia *pianar* durante a noite... Eram cerca de três horas da madrugada. Às três e meia, segundo previsões de Pons, que parecia ter ouvido a conferência de Fraisiert com a sra. Cibot, a porteira apareceu. O doente dirigiu a Schmucke um olhar significativo que parecia dizer: “Não adivinhei?”. E colocou-se na posição de quem dorme profundamente.

A Cibot estava tão convencida da ingenuidade de Schmucke — e é nessas convicções de inocência que reside a razão do êxito de todas as astúcias da infância — que não pôde suspeitar que ele estivesse mentindo quando o viu aproximar-se e dizer-lhe com um ar ao mesmo tempo compungido e alegre:

— *Ele tefe uma noite terrífel! Tuma achitaçon tiapólica! Fui opricato a fazer musique para acalmá-lo e os moradores to primeiro antar me mantaram parar!... Isso é horrífel, pois se tratafa ta vita to meu amigo. Estou tan canzato te ter tocate tota a noite que estou cainto.*

— Meu pobre Cibot também vai muito mal, e com mais um dia como o de ontem não haverá mais recursos!... Que quer? É a vontade de Deus!

— *A ziniora tem um goraçon tan puro, uma alma tan pela, que se o Zipô morrer nós fiferemos juntos!* — disse o manhoso Schmucke.

Quando as pessoas simples e honestas se põem a dissimular, tornam-se terríveis, exatamente como as crianças, cujas ciladas são armadas com a perfeição atingida pelos selvagens.

— Bem, então vá dormir, meu gatinho! — disse a Cibot. — Está com os olhos tão cansados que estão do tamanho dum punho. Vá! A única coisa que me poderia consolar da perda do Cibot seria pensar que iria acabar meus dias com um homem bom como o senhor. Fique descansado, vou dar uma lição à sra. Chapoulot... Será que uma vendeira aposentada acha que pode ter tais exigências?

Schmucke foi colocar-se à espreita no posto que preparara. A Cibot deixara a porta do apartamento entreaberta e Fraisiert, após ter entrado, a fechou sem ruído, enquanto Schmucke se encerrava no quarto. O advogado estava munido de uma vela acesa e de um fio de arame

extremamente fino para poder abrir o envelope do testamento. Foi muito fácil à Cibot tirar o lenço onde estava amarrada a chave da escrivaninha e que estava debaixo do travesseiro de Pons, porque o doente deixara deliberadamente uma ponta do lenço para fora e se prestava à manobra da Cibot, conservando-se voltado para a parede e numa atitude que deixava completa liberdade para puxar o lenço. A Cibot dirigiu-se à escrivaninha, abriu-a, procurando fazer o menor ruído possível, encontrou o cofre e correu para a sala com o testamento na mão. Essa circunstância intrigou Pons no mais alto grau. Quanto a Schmucke, tremia da cabeça aos pés como se tivesse praticado um crime.

— Volte para seu lugar — disse Fraasier, ao receber o testamento da Cibot —, pois é preciso que esteja perto dele se despertar.

Após ter aberto o envelope com uma habilidade que demonstrava não ser a primeira vez que o fazia, Fraasier ficou profundamente admirado ao ler este documento curioso.

#### ESTE É O MEU TESTAMENTO

Hoje, quinze de abril de mil oitocentos e quarenta e cinco, estando são de espírito, como este testamento, redigido de acordo com o sr. Trognon, tabelião, o demonstrará, e sentindo que morrerei brevemente da enfermidade de que estou sofrendo desde os primeiros dias de fevereiro último, vejo-me no dever de, a fim de poder dispor dos meus bens, traçar minhas últimas vontades, que aqui ficam.

Sempre me preocupei como os inconvenientes que danificam as obras-primas da pintura e que muitas vezes têm causado sua destruição. Aflige-me ver belas telas obrigadas a viajar de um país para outro, sem nunca se fixarem num lugar onde os admiradores dessas obras-primas pudessem ir vê-las. Sempre pensei que as páginas imortais dos mestres famosos deveriam ser propriedade nacional e ficar constantemente expostas ao público, assim como a luz, a obra-prima de Deus, serve a todos os seus filhos.

Ora, tendo passado a minha vida a reunir, a escolher alguns quadros, que são obras gloriosas dos maiores mestres e que são perfeitos, sem retoques nem restaurações, não foi sem pesar que pensei que essas telas, que fizeram a felicidade da minha vida, pudessem vir a ser vendidas em leilão e ser enviadas umas para a Inglaterra, outras para a Rússia, dispersas como estavam antes de que eu as tivesse reunido; resolvi, pois, resguardá-las dessas misérias, assim como as magníficas molduras que as cercam e que são todas devidas a hábeis artistas.

Por esses motivos, dou e lego ao rei, para que façam parte do Museu do Louvre, os quadros de que se compõe a minha coleção, sob a condição, se o legado for aceito, de dar ao meu amigo Wilhelm Schmucke uma renda vitalícia de dois mil e quatrocentos francos.

Se o rei, como usufrutuário do Museu, não aceitar este legado com a estipulação que o acompanha, os referidos quadros ficarão incluídos no legado que faço ao meu amigo Schmucke de todos os valores que possuo, sob a condição de remeter a *Cabeça de macaco* de Goya ao meu primo presidente Camusot, as *Flores* de Abraham Mignon, composto de tulipas, ao sr. Trognon, tabelião, que nomeio meu executor testamentário, e de instituir uma renda de duzentos francos à sra. Cibot, que há dez anos faz o serviço de minha casa.

E, por fim, o meu amigo Schmucke dará a *Descida da cruz*, de Rubens, esboço

do seu famoso quadro de Antuérpia, à minha paróquia, para com ela decorar um oratório, em retribuição à bondade do sr. vigário Duplanty, a quem devo poder morrer como cristão e como católico etc.

“Isso é a ruína!”, disse Fraisier para si mesmo, “a ruína de todas as minhas esperanças! Ah! Começo a acreditar em tudo quanto a presidenta me disse sobre a perversidade desse velho artista!...”

— Então? — perguntou a Cibot.

— O senhor é um monstro, dá tudo ao Museu, ao Estado. Ora, não se pode advogar contra o Estado!... O testamento é inatacável. Fomos roubados, arruinados, espoliados, assassinados!...

— Que foi que ele me deixou?...

— Duzentos francos de renda vitalícia...

— Bela coisa!... É um perfeito tratante!...

— Vá cuidar dele — disse Fraisier. — Vou tornar a meter o testamento do seu tratante no envelope.

## **LXII – PRIMEIRA CATÁSTROFE**

Logo que a sra. Cibot deu as costas, Fraisier substituiu rapidamente o testamento por uma folha de papel em branco e meteu o documento no bolso; depois, tornou a fechar o envelope com tamanha habilidade que, quando a sra. Cibot voltou, ele perguntou-lhe se ela poderia descobrir o mínimo vestígio da operação. A Cibot tomou o envelope, apalpou-o, sentiu-o cheio e suspirou profundamente. Ela pensara que Fraisier se encarregaria de queimar aquele documento fatal.

— E agora, que fazer, meu caro sr. Fraisier? — perguntou ela.

— Isso é com a senhora! Não sou herdeiro, mas, se tivesse algum direito a isto — disse, indicando a coleção —, saberia muito bem o que fazer...

— Foi isso que lhe perguntei... — disse com toda a naturalidade a Cibot.

— Há fogo na lareira... — respondeu ele, levantando-se para sair.

— Afinal, só nós dois ficaremos sabendo disto!... — disse a Cibot.

— Nunca se pode provar que um testamento existiu! — replicou o advogado.

— E o senhor?

— Eu?... Se o sr. Pons morrer sem testamento, garanto-lhe cem mil francos.

— É assim mesmo! — disse ela. — Prometem-nos montões de dinheiro, mas, quando já fizemos tudo e chega a hora de pagar, passam-nos o calote, como...

Deteve-se a tempo, pois ia falar de Elias Magus a Fraisier...

— Vou andando! — disse Fraisier. — No seu interesse, é preciso que não me vejam no apartamento; nós nos encontraremos lá embaixo, na

sua casa.

Após ter fechado a porta, a Cibot voltou com o testamento na mão, resolvida a lançá-lo ao fogo; contudo, quando entrou no quarto e dirigia-se para a lareira, sentiu-se agarrada pelos braços!... Viu-se entre Pons e Schmucke, que a esperavam colados à parede, um de cada lado da porta.

— Ah! — gritou a Cibot.

Caiu para a frente, agitada por pavorosas convulsões, que nunca se soube se foram reais ou fingidas. Esse espetáculo causou tal impressão a Pons que ele foi acometido de uma grande fraqueza e Schmucke deixou a Cibot no chão para levar Pons para a cama. Os dois amigos tremiam como quem houvesse ultrapassado suas forças ao executar uma penosa tarefa. Depois de deitar Pons, e tendo recuperado um pouco das forças, Schmucke ouviu soluços. A Cibot, de joelhos, desmanchava-se em lágrimas e estendia as mãos aos dois amigos, suplicando-lhes com uma mímica muito expressiva.

— Foi pura curiosidade! — disse ela, ao ver-se alvo da atenção dos dois amigos. — Meu bom sr. Pons! É o defeito das mulheres, o senhor sabe! Mas não consegui ler seu testamento e o trazia de volta!...

— *Fá empora!* — disse Schmucke, erguendo-se na ponta dos pés e elevando-se à altura da sua indignação. — *A ziniora é um monstro! Quis matar meu pom Pons. Ele tem razon! A ziniora é mais que um monstro, é uma réproa!*

Ao ver o horror estampado no rosto do cândido alemão, a Cibot levantou-se arrogante como Tartufo, dirigiu a Schmucke um olhar que o fez estremecer e saiu levando escondido no vestido um sublime quadrinho de Metzu,<sup>[222]</sup> que Elias Magus admirara muito e do qual dissera: “É um diamante”. A Cibot encontrou em casa Fraisier, que a esperava, convencido de que ela queimara o envelope e o papel em branco pelo qual ele substituíra o testamento; ficou muito admirado ao ver sua cliente assustada e com a fisionomia alterada.

— Que aconteceu?

— Aconteceu, meu caro sr. Fraisier, que, sob o pretexto de me dar bons conselhos e de me orientar, o senhor me fez perder definitivamente meu rendimento e a confiança dos dois senhores...

E lançou-se numa dessas torrentes de palavras em que era inexcedível.

— Não diga palavras inúteis! — exclamou secamente Fraisier, interrompendo a cliente. — Conte o que aconteceu!

— Bem... Foi isso que sucedeu.

E narrou a cena tal como se desenrolara.

— Não fiz a senhora perder nada — respondeu Fraisier. — Os dois senhores duvidavam da sua probidade, já que lhe armaram essa cilada; eles esperavam, espíavam a senhora!... A senhora não me disse tudo...

— acrescentou o advogado, lançando à porteira um olhar de tigre.

— Eu! Ocultar-lhe alguma coisa!... Depois de tudo quanto fizemos juntos!... — disse ela, estremecendo.

— Mas, minha cara senhora, não cometi nada de repreensível! — disse Fraiser, manifestando, assim, a intenção de negar sua visita noturna ao quarto de Pons.

A Cibot teve a impressão de que os cabelos lhe queimavam o crânio enquanto um frio glacial a envolvia.

— Como?... — disse ela, pasma.

— Aí está um crime perfeitamente definido!... A senhora pode ser acusada de subtração de testamento — respondeu friamente Fraiser.

A Cibot fez um gesto de pavor.

— Fique descansada; estou aqui para orientar a senhora — acrescentou. — Quis apenas mostrar-lhe como é fácil, de uma ou doutra maneira, realizar o que eu lhe disse. Vamos ver! Que foi que a senhora fez para que esse alemão tão ingênuo se tivesse escondido no quarto?...

— Nada, foi a cena do outro dia, quando garanti ao sr. Pons que ele tivera uma visão. Desde esse dia, eles mudaram completamente a meu respeito. Assim, o senhor é a causa de todas as minhas desgraças, pois, embora tivesse perdido o domínio sobre o sr. Pons, estava garantida com o alemão, que até falou em desposar-me ou levar-me em sua companhia, o que dá no mesmo!

Esse argumento era tão plausível que Fraiser foi obrigado a contentar-se com ele.

— Tranquile-se — replicou ele. — Prometi-lhe rendimentos e mantereí a minha palavra. Até aqui, tudo, neste caso, era hipotético; agora, porém, vale notas do Banco... A senhora não terá menos de mil e duzentos francos de renda vitalícia... Mas, minha cara sra. Cibot, precisa obedecer às minhas ordens e executá-las com inteligência.

— Sim, meu caro sr. Fraiser — disse com uma submissa brandura a porteira, completamente vencida.

— Muito bem... Adeus — replicou Fraiser, retirando-se com o perigoso testamento.

Voltou para casa muito alegre, pois o testamento constituía uma arma terrível.

“Agora”, pensou, “tenho uma boa garantia contra a presidenta de Marville. Se ela resolvesse não cumprir sua palavra, perderia a herança.”

### **LXIII – PROPOSTAS FALACIOSAS**

Ao amanhecer, Rémonencq, após ter aberto o bazar e deixado a irmã tomando conta dele, foi, segundo o hábito que contraíra há alguns dias, ver como ia seu bom amigo Cibot, e encontrou a porteira contemplando o quadro de Metz, indagando-se como poderia um quadrinho pintado



valer tanto dinheiro.

— Ah! Ah! — exclamou ele, olhando por cima do ombro da Cibot. — Esse é o único que o sr. Magus lamentava não possuir, ele disse que com essa coisinha não faltaria mais nada à sua felicidade.

— Quanto ele daria por isto? — perguntou a Cibot.

— Se a senhora prometer casar-se comigo um ano depois de enviudar — respondeu Rémonencq —, encarrego-me de conseguir vinte mil francos de Elias Magus, mas, se não quiser se casar comigo nunca poderá vender este quadro por mais de mil francos.

— E por quê?

— Ora, a senhora seria obrigada a assinar um recibo como a proprietária e então seria processada pelos herdeiros. Entretanto, se for minha esposa, eu é que o venderei ao sr. Magus, e a um comerciante não se exige nada além da inscrição no seu livro de compras, e escreverei que ele me foi vendido pelo sr. Schmucke. Vamos, leve esse quadro para a minha casa... Se o seu marido morrer, a senhora poderá ser molestada por isso, ao passo que ninguém estranhará que eu tenha uma tela em casa... A senhora me conhece bem. E, se quiser, poderei dar-lhe uma garantia.

Na situação criminoso em que se deixara surpreender, a ávida porteira aceitou a proposta, que a ligava definitivamente ao belchior.

— O senhor tem razão, traga-me um recibo — disse ela, guardando o quadro na cômoda.

— Vizinha — disse o belchior em voz baixa, levando a Cibot até a porta —, vejo perfeitamente que não salvaremos o nosso pobre Cibot; o dr. Poulain perdeu as esperanças ontem à noite e disse que ele não passaria o dia... É uma grande desgraça! Mas, afinal, a senhora aqui não está no seu lugar... O seu lugar é numa bela loja de curiosidades no Boulevard des Capucines. Fique sabendo que ganhei quase cem mil francos nestes dez anos e que, se a senhora um dia tiver outro tanto, eu me encarregarei de lhe dar uma bela existência... se for minha esposa... A senhora será burguesa... muito bem servida pela minha irmã, que cuidará da casa e...

O sedutor foi interrompido pelas queixas lancinantes do alfaiatezinho, cuja agonia começava.

— Saia daqui — disse a Cibot —, você é um monstro, falando-me nestas coisas quando o meu pobre marido está morrendo em dores assim...

— Ah! É porque a amo — disse Rémonencq — a ponto de me esquecer de tudo pela senhora...

— Se você me amasse, não me diria nada neste momento — respondeu ela.

E Rémonencq voltou para casa, certo de que desposaria a Cibot.

Pelas dez horas, houve na porta da casa uma espécie de motim, pois

administraram os sacramentos ao sr. Cibot. Todos os amigos dos Cibot, os porteiros, as porteiras da Rue de Normandie e das ruas adjacentes enchiam a portaria, o portão e a calçada. Ninguém prestou atenção ao sr. Leopoldo Hannequin, que chegou acompanhado de um colega, nem a Schwab e Brunner, que puderam alcançar o quarto de Pons sem ser vistos pela sra. Cibot. A porteira da casa vizinha, a quem o tabelião se dirigiu para perguntar em que andar morava Pons, indicou-lhe o apartamento. Quanto a Brunner, que chegou com Schwab, já fora uma vez visitar o Museu Pons e assim passou sem falar com ninguém e mostrou o caminho ao sócio... Pons anulou formalmente seu testamento da véspera e instituiu Schmucke seu legatário universal. Finda a cerimônia, após ter agradecido a Schwab e Brunner e ter recomendado ardentemente ao sr. Leopoldo Hannequin os interesses de Schmucke, Pons caiu em tal estado de fraqueza, em consequência da energia que despendera na cena noturna com a Cibot e naquele derradeiro ato da vida social, que Schmucke pediu a Schwab que fosse avisar o padre Duplanty, pois não queria sair da cabeceira do amigo e Pons estava reclamando os sacramentos.

Sentada ao pé do leito do marido, a Cibot, que, aliás, fora despedida pelos dois amigos, não se ocupou do almoço de Schmucke; todavia os acontecimentos daquela manhã, o espetáculo da agonia resignada de Pons que estava morrendo heroicamente haviam de tal modo apertado o coração de Schmucke que ele não sentiu fome.

Às duas horas, porém, como não tivesse visto o velho alemão, a porteira, tanto por curiosidade como por interesse, pediu à irmã de Rémonencq que fosse ver se Schmucke precisava de alguma coisa. Justamente neste momento, o padre Duplanty, a quem o pobre músico fizera sua confissão suprema, administrava-lhe a extrema-unção. Assim, a Rémonencq perturbou a cerimônia com repetidos toques de campainha. Ora, como Pons fizera Schmucke jurar que não deixaria entrar ninguém, tal o medo em que estava de que lhe roubassem alguma coisa, Schmucke deixou a Rémonencq bater, pelo que ela voltou muito assustada e disse à Cibot que Schmucke não lhe abrisse a porta. Essa circunstância bem assinalada chamou a atenção de Fraasier. Schmucke, que nunca vira ninguém morrer, ia passar por todas as dificuldades em que se fica em Paris quando se tem um morto nos braços, principalmente quando não se dispõe de auxílio nem de recursos. Fraasier, que sabia que os parentes verdadeiramente aflitos perdem a cabeça nessas ocasiões, e que, desde a manhã, depois do almoço, estava parado na casa da porteira em conferência permanente com o dr. Poulain, teve então a ideia de dirigir pessoalmente todos os movimentos de Schmucke.

Eis como os dois amigos, o dr. Poulain e Fraasier, fizeram para chegar a esse importante resultado.

O bedel da igreja de São Francisco, antigo comerciante de vidros, chamado Cantinet, morava à Rue d'Orléans, na casa contígua à do dr. Poulain. Ora, a sra. Cantinet, uma das alugadoras de cadeiras da igreja, fora tratada gratuitamente pelo dr. Poulain, a quem estava naturalmente ligada pela gratidão e a quem muitas vezes contara todas as desgraças de sua vida. Os dois quebra-nozes, que, todos os domingos e dias de festa, iam aos ofícios naquela igreja, tinham boas relações com o bedel, o guarda-portão, o servidor de água benta, enfim, com essa milícia eclesiástica denominada em Paris o *baixo clero*, a quem os fiéis acabam dando pequenas gorjetas. A sra. Cantinet conhecia, pois, tão bem o sr. Schmucke como Schmucke a conhecia. Essa sra. Cantinet vivia atribulada por dois infortúnios que permitiam a Fraisiert fazer dela um cego e involuntário instrumento. O jovem Cantinet, apaixonado pelo teatro, recusara-se a seguir a carreira da igreja, na qual poderia chegar a guarda-portão, estrear como figurante do Cirque-Olympique e levava uma vida desregrada que afligia a mãe, cuja bolsa se esvaziava amiúde por empréstimos forçados. Além disso, Cantinet, dado aos licores e à preguiça, fora obrigado a abandonar o comércio por esses dois vícios. Longe de se corrigir, o desgraçado encontrara nas novas funções um alimento às suas duas paixões: não fazia nada e bebia com os cocheiros de casamentos, com os empregados das casas funerárias, com os infelizes socorridos pelo cura, de modo que do meio-dia em diante tinha o rosto carmesim.

A sra. Cantinet via-se condenada à miséria na velhice, depois de ter, segundo dizia, levado doze mil francos de dote ao marido. A história dessas desgraças, cem vezes narrada ao dr. Poulain, sugeriu a este a ideia de se servir dela para facilitar a colocação, na casa de Pons e Schmucke, da sra. Sauvage, como cozinheira e arrumadeira. Propor a sra. Sauvage era coisa impossível, pois a desconfiança dos dois quebra-nozes se tornara absoluta e a recusa de abrir a porta à Rémonencq esclarecera Fraisiert a esse respeito. Pareceu, porém, evidente aos dois amigos que os devotos músicos aceitariam cegamente uma pessoa recomendada pelo padre Duplanty. A sra. Cantinet, segundo o plano que conceberam, seria acompanhada pela sra. Sauvage, e a criada de Fraisiert, uma vez lá, teria o valor do próprio Fraisiert.

#### LXIV – EM QUE A SAUVAGE VOLTA A APARECER

Quando o padre Duplanty chegou ao portão, foi detido durante um momento pela multidão de amigos de Cibot, que manifestavam seu interesse pelo mais antigo e mais estimado dos porteiros do bairro.

O dr. Poulain cumprimentou o padre Duplanty, chamou-o à parte e disse-lhe:

— Vou ver o pobre do sr. Pons; ainda haveria esperanças de cura,

desde que concordasse em se submeter à extração dos cálculos formados na vesícula; a gente os sente ao toque e eles estão determinando uma inflamação que causará a morte; e talvez ainda seja tempo de a praticar. O senhor bem podia empregar sua influência sobre o seu penitente para convencê-lo a submeter-se à operação; garanto pela vida dele, se não acontecer nada de desagradável durante a intervenção.

— Logo que tiver levado o santo-cibório para a igreja, voltarei — disse o padre Duplanty —, pois o sr. Schmucke encontra-se num estado que reclama amparo religioso.

— Acabo de saber que ele está só — disse o dr. Poulain. — O bom alemão teve esta manhã uma pequena altercação com a sra. Cibot, que há dez anos cuida da casa deles, e certamente ficaram momentaneamente brigados; todavia, nas circunstâncias atuais, ele não poderá ficar sem um auxiliar. É uma obra de caridade interessar-se por ele. Diga-me uma coisa, Cantinet — acrescentou o doutor, chamando o bedel —, pergunte à sua senhora se ela quer cuidar do sr. Pons e da casa do sr. Schmucke durante alguns dias, no lugar da sra. Cibot... que, aliás, mesmo sem essa briga, teria necessidade de ser substituída. É uma mulher honesta — disse o doutor ao padre Duplanty.

— Não se pode escolher melhor — respondeu o bom padre —, pois ela goza da confiança do fabricante para receber o aluguel das cadeiras.

Alguns momentos mais tarde, o dr. Poulain acompanhava, à cabeceira do leito, os progressos da agonia de Pons, a quem Schmucke implorava em vão que se deixasse operar. O velho músico respondia às súplicas do pobre alemão desesperado apenas por sinais negativos com a cabeça, entremeados de gestos de impaciência. Por fim, o moribundo reuniu suas forças, dirigiu a Schmucke um olhar terrível e disse-lhe:

— Ora, deixa-me morrer tranquilamente!...

Schmucke quase morreu de dor; tomou a mão de Pons, beijou-a docemente e conservou-a entre as suas, tentando comunicar-lhe ainda sua própria vida. Nesse momento, o dr. Poulain ouviu soar a campainha e foi abrir a porta ao padre Duplanty.

— O nosso pobre doente — disse Poulain — começa a debater-se no abraço da morte. Daqui a algumas horas, ele já terá expirado; e o senhor certamente mandará um padre para velá-lo durante a noite. Além disso, precisamos mandar a sra. Cantinet e uma arrumadeira para o sr. Schmucke; ele é incapaz de pensar qualquer coisa; receio por suas faculdades mentais, e há aqui valores que devem ser guardados por pessoas honestas.

O padre Duplanty, bom e digno sacerdote, sem desconfiança nem malícia, ficou impressionado com o acerto das observações do dr. Poulain; confiava, por outro lado, nas qualidades do médico do bairro;

fez, pois, um sinal a Schmucke para que fosse falar com ele, conservando-se à porta da câmara mortuária. Schmucke não teve coragem de soltar a mão de Pons, que se crispava e se prendia à sua como se ele estivesse caindo num precipício e procurasse agarrar-se a qualquer coisa para não rolar. Mas, como se sabe, os moribundos sofrem de uma alucinação que os leva a apoderar-se de tudo, como as pessoas empenhadas em salvar de um incêndio os seus objetos mais preciosos, e Pons desprende-se de Schmucke para puxar as cobertas e juntá-las sobre o corpo por um horrível e insignificante gesto de avareza e de pressa.

— Que vai ser do senhor a sós com o seu amigo morto? — disse o bom padre ao alemão, quando ele se aproximou. — O senhor está sem a sra. Cibot...

— *Ela é um monstro que matou Pons!* — disse ele.

— Mas o senhor precisa ter alguém ao seu lado — replicou o dr. Poulain —, pois é preciso velar o corpo esta noite.

— *Eu cuitarei tele, eu rezarei!* — respondeu o inocente alemão.

— Mas precisa comer!... Quem é que vai cozinhar para o senhor, agora? — disse o doutor.

— *A tor me tira o apetite!*... — respondeu o alemão, com toda a ingenuidade.

— Mas — disse Poulain — é preciso ir declarar o óbito com testemunhas, despir o corpo, envolvê-lo numa mortalha, é preciso encomendar o enterro à casa funerária, é preciso alimentar a enfermeira que ficará guardando o corpo e o padre que o velará, o senhor vai fazer tudo isso sozinho?... Na capital do mundo civilizado, a gente não pode morrer como um cão!

Schmucke arregalou os olhos assustados e foi acometido de um breve acesso de loucura.

— *Mas, Pons non fai morrer... eu o salfarei!*...

— O senhor não aguentará muito tempo mais sem dormir um pouco e, então, quem o substituirá? Pois é preciso cuidar do sr. Pons, dar-lhe de beber, servir-lhe os remédios...

— *Ah! É fertate!*... — disse o alemão.

— Pois bem — replicou o padre Duplanty —; lembrei-me de mandar-lhe a sra. Cantinet, que é uma mulher às direitas...

A discriminação dos seus deveres sociais para com o amigo morto aturdiu de tal modo a Schmucke que ele teria preferido morrer com Pons.

— É uma criança! — disse o dr. Poulain ao padre Duplanty.

— *Uma crianza!*... — repetiu maquinalmente Schmucke.

— Bem — disse o vigário —, vou falar com a sra. Cantinet e mandá-la para cá.

— Não precisa ter esse trabalho — disse o doutor. — Ela é minha

vizinha e eu vou para casa agora.

A morte é como um assassino invisível contra o qual luta o moribundo; na agonia, recebe os últimos golpes, tenta devolvê-los e se debate. Pons chegara a essa etapa suprema e emitia gemidos entremeados de gritos. Schmucke, o padre Duplanty e Poulain correram logo ao leito do agonizante. Subitamente, Pons, atingido na vitalidade por esse derradeiro golpe, que rompe os laços que ligam o corpo à alma, recuperou por alguns instantes a quietude perfeita que sucede à agonia, voltou a si, com a serenidade da morte estampada no rosto e olhou para os que o cercavam com uma expressão quase sorridente.

— Ah! Doutor, tenho sofrido muito, mas o senhor tinha razão. Estou melhor... Muito obrigado, meu bom padre. Eu estava procurando onde estava Schmucke!...

— Schmucke não comeu nada desde ontem à noite, e já são quatro horas; o senhor não tem mais ninguém a seu lado e seria perigoso chamar a sra. Cibot...

— Ela é capaz de tudo! — disse Pons, manifestando todo o horror que lhe inspirava o nome da Cibot. — É verdade. Schmucke precisa de alguém que seja honesto.

— O padre Duplanty e eu — disse então Poulain — estivemos pensando no senhor e no seu amigo...

— Ah! Muito obrigado — disse Pons. — Não tinha pensado nisso...

E ele se lembrou da sra. Cantinet...

— A alugadora de cadeiras! — exclamou Pons. — Sim, é uma excelente criatura.

— Ela não gosta da sra. Cibot — acrescentou o dr. Poulain — e cuidará muito bem do sr. Schmucke...

— Mande-a, meu bom padre Duplanty... ela e o marido. Assim, ficarei tranquilo. Não me roubarão nada daqui...

Schmucke voltara a tomar a mão de Pons e a segurava com alegria, convencido de que a saúde voltara.

— Vamos embora, senhor padre — disse o doutor. — Vou mandar imediatamente a sra. Cantinet. Entendo disso: é provável que ela já não encontre o sr. Pons com vida.

## **LXV – A MORTE TAL COMO É**

Enquanto o padre Duplanty convencia o moribundo a tomar como enfermeira a sra. Cantinet, Fraisiert mandara chamar a alugadora de cadeiras à sua casa e a estava submetendo à sua lábia corruptora, às manhas de sua força chicanista a que era difícil resistir. Assim a sra. Cantinet, mulher seca e amarela, de dentes grandes e lábios murchos, embrutecida pelo infortúnio, como muitas mulheres do povo, a ponto de ver uma felicidade nos mais insignificantes proveitos dos biscates, imediatamente consentiu em levar em sua companhia a sra. Sauvage como arrumadeira. A criada de Fraisiert já recebera a palavra de ordem. Prometera tramar uma teia de arame em torno dos dois músicos e vigiá-los como uma aranha vigia uma mosca aprisionada. Como recompensa de seu trabalho, a sra. Sauvage ganharia uma tabacaria: Fraisiert livrava-se, assim, da sua pretensa ama de leite e colocava junto da sra. Cantinet um espião e um policial na pessoa da Sauvage. Como o apartamento dos dois amigos dispunha de um quarto de criada e uma pequena cozinha, a Sauvage poderia dormir numa cama de vento e cozinhar para Schmucke. No momento em que as duas mulheres se apresentaram, levadas pelo dr. Poulain, Pons acabava de exalar o último suspiro sem que Schmucke o percebesse. O alemão ainda mantinha nas suas a mão do amigo, cujo calor lentamente ia fugindo. Fez um sinal à sra. Cantinet para que não falasse, mas a soldadesca sra. Sauvage o surpreendeu de tal modo com seu porte que ele deixou escapar um gesto de pavor, a que a masculinizada mulher estava habituada nos que a viam pela primeira vez.

— Esta senhora — disse a Cantinet — foi recomendada pelo padre Duplanty; foi cozinheira na casa de um bispo e é a probidade em pessoa; ela se encarregará da cozinha.

— Ora! Pode falar em voz alta! — gritou a possante e asmática Sauvage. — O pobre homem está morto!... Acaba de morrer.

Schmucke lançou um grito lancinante, sentiu que a mão gelada de Pons se retesava e ficou com os olhos imóveis, fixos nos de Pons, cuja expressão o teria enlouquecido se não fosse a sra. Sauvage que, certamente habituada a essas cenas, se aproximou do leito com um espelho na mão, colocou-o diante dos lábios do morto e, como nenhuma respiração embaciasse o vidro, ela separou energicamente a mão de Schmucke da do morto.

— Solte-a, senhor. Senão, não a poderá mais tirar. O senhor não sabe como vão ficar duros os ossos. O resfriamento dos mortos é rápido. Se a gente não prepara o morto enquanto está morno, mais tarde é preciso quebrar-lhe os membros...

Foi, assim, essa terrível mulher que fechou os olhos do pobre músico morto; depois, com esse hábito das enfermeiras, profissão que exercera durante dez anos, despiu Pons, estendeu-o no leito, colou-lhe as mãos junto ao corpo e puxou a coberta para cima do rosto,

exatamente como um caixeiro faz um embrulho numa loja.

— É preciso um pano para amortalhá-lo. Onde encontraremos um?... — perguntou ela a Schmucke, aterrorizado com o espetáculo.

Após ter visto a Religião proceder com um profundo respeito com aquela criatura destinada a tão belo futuro no céu, aquela espécie de embalagem na qual seu amigo era tratado como uma coisa foi para ele um tormento que o impossibilitava de pensar.

— *Faça como quicer!...* — respondeu maquinalmente Schmucke.

Era a primeira vez que a inocente criatura via morrer um homem. E esse homem era Pons, “seu único amigo, a única pessoa que o compreendera e o estimara!...”.

— Vou perguntar à sra. Cibot onde estão os panos — disse a Sauvage.

— Precisamos de uma cama de vento para esta senhora dormir — disse a sra. Cantinet a Schmucke.

Schmucke fez um gesto com a cabeça e rompeu em pranto. A sra. Cantinet deixou o desgraçado em paz, mas, ao fim de uma hora, voltou e disse-lhe:

— O senhor tem dinheiro para eu ir comprar as coisas? Schmucke dirigiu à sra. Cantinet um olhar capaz de desarmar o ódio mais feroz; indicou o rosto branco, seco e pontudo do morto, como um argumento que respondia a tudo.

— *Tire tuto e teixe-me chorar e reçar* — disse, ajoelhando-se.

A sra. Sauvage fora anunciar a morte de Pons a Fraisier, que correu em cabriolé à casa da presidenta, a fim de pedir-lhe, para o dia seguinte, a procuração que lhe daria o direito de representar os herdeiros.

— Meu senhor — disse a Schmucke a sra. Cantinet, uma hora depois da sua última pergunta —, fui procurar a sra. Cibot, que está a par do que existe em sua casa, para que ela me dissesse onde estão as coisas; porém, como ela acaba de perder o sr. Cibot, quase me xingou... Escute aqui...

Schmucke olhou para a mulher, que não percebeu a desumanidade que estava cometendo, pois a gente do povo está habituada a suportar passivamente as maiores dores morais.

— Precisamos de fazenda para a mortalha e de dinheiro para uma cama de vento para esta senhora dormir, como também para comprar uma bateria de cozinha, pratos, travessas, copos, pois vem um padre para passar a noite e esta senhora não encontra absolutamente nada na cozinha.

— E também — acrescentou a Sauvage — preciso de lenha e carvão, para aprontar o jantar, e não vejo nada aqui! Isso aliás não é de admirar, pois a Cibot lhes fornecia tudo...

— Mas, minha cara senhora — disse a sra. Cantinet, indicando Schmucke, que jazia aos pés do morto num estado de completa



insensibilidade —, a senhora não quer acreditar-me, ele não atina mais nada.

— Muito bem, minha filha — disse a Sauvage. — Vou mostrar-lhe como é que se faz num caso destes.

A Sauvage lançou ao quarto um olhar igual ao que lançam os ladrões para descobrir os esconderijos do dinheiro. Dirigiu-se à cômoda de Pons, puxou a primeira gaveta, encontrou a bolsa onde Schmucke pusera o resto do dinheiro proveniente da venda dos quadros e foi mostrá-lo ao alemão, que fez um gesto de consentimento maquinal.

— Aqui está o dinheiro, minha filha! — disse a Sauvage à sra. Cantinet. — Vou contá-lo e tirar o necessário para comprar o que falta, vinho, víveres, velas, tudo, enfim, pois eles não têm nada... Procure na cômoda um pano para amortilhar o corpo. Disseram-me que o pobre homem era muito simples, mas não sei bem o que é; é pior ainda. É como um recém-nascido. É preciso dar-lhe a comida na boca...

Schmucke contemplou as duas mulheres exatamente como um louco as teria contemplado. Aniquilado pela dor, absorto num estado quase cataléptico, não cessava de admirar o rosto fascinante de Pons, cujos traços se apuravam, graças ao absoluto repouso imposto pela morte. Esperava morrer e tudo lhe era indiferente. O quarto poderia ter sido devorado por um incêndio que ele nem se moveria.

— Há mil duzentos e cinquenta e seis francos... — disse-lhe a Sauvage.

Schmucke encolheu os ombros. Quando a Sauvage quis proceder ao amortalhamento de Pons e medir a fazenda em cima do corpo, a fim de cortar a mortalha e costurá-la, houve uma luta horrível entre ela e o pobre alemão. Schmucke comportou-se exatamente como um cão que morde a todos os que querem tocar no cadáver do seu dono. A Sauvage, perdendo a paciência, agarrou o alemão, sentou-o numa poltrona e o manteve ali com uma força hercúlea.

— Vamos, minha filha. Costure o defunto na mortalha — disse à sra. Cantinet.

Terminada a operação, a Sauvage levou novamente Schmucke para seu posto, ao pé da cama, e disse-lhe:

— Compreende? Precisamos deixar o pobre homem bem apresentável como morto.

Schmucke pôs-se a chorar; as duas mulheres deixaram-no e foram tomar conta da cozinha, para onde levaram, em pouco tempo, todas as coisas necessárias à vida.

## **LXVI – SENSIBILIDADE DE UMA ENFERMEIRA**

Após ter feito uma despesa inicial de trezentos e sessenta francos, a Sauvage dedicou-se a preparar um jantar para quatro pessoas — e que

jantar! Havia ali o faisão dos pobres, um ganso gordo, como prato de resistência, uma omelete de frutas em conserva, uma salada de legumes e o cozido sacramental, no qual todos os ingredientes figuravam em quantidade tão exagerada que o caldo parecia geleia de carne. Às nove horas da noite, o padre enviado pelo vigário para velar Pons chegou com Cantinet, que levou quatro círios e castiçais da igreja. O padre encontrou Schmucke deitado ao lado do amigo, no leito, fortemente abraçado ao corpo. Foi necessário empregar a autoridade da Igreja para conseguir que o alemão se separasse do cadáver. O alemão ficou ajoelhado e o padre se instalou comodamente na poltrona. Enquanto o padre lia suas orações, e Schmucke, ajoelhado diante do corpo de Pons, pedia a Deus que o juntasse a ele por um milagre, a fim de ser enterrado na sepultura do amigo, a sra. Cantinet foi ao Boulevard du Temple comprar uma cama de vento e roupa de cama completa para a sra. Sauvage, pois a bolsa de mil duzentos e cinquenta e seis francos estava entregue à pilhagem. Às onze da noite, a sra. Cantinet foi perguntar a Schmucke se ele queria comer um pouco. O alemão fez um sinal para que o deixasse quieto.

— A ceia está pronta, sr. Pastelot — disse então a alugadora de cadeiras ao padre.

Schmucke, ficando sozinho, sorriu como um louco que se vê livre para realizar um desejo comparável ao das mulheres grávidas. Atirou-se sobre Pons e ficou outra vez fortemente abraçado a ele. À meia-noite, o padre voltou e Schmucke, repreendido por ele, soltou Pons e entregou-se novamente à oração. Ao amanhecer, o padre foi embora. Às sete horas da manhã o dr. Poulain foi falar afetuosamente com Schmucke e quis obrigá-lo a comer, mas o alemão recusou.

— Se não comer agora, sentirá fome quando voltar — disse-lhe o doutor —, pois tem de ir à prefeitura, com uma testemunha, para declarar o óbito do sr. Pons e mandar lavar a certidão...

— *Eu?* — disse o alemão, com espanto.

— E quem mais, então?... O senhor não se pode negar a isso, pois foi a única pessoa que o viu morrer...

— *Non tenio mais pernas* — respondeu Schmucke, implorando a assistência do dr. Poulain.

— Tome um carro — respondeu docemente o hipócrita doutor. — Já constatei o óbito. Peça a uma pessoa da casa para acompanhar o senhor. As duas senhoras cuidarão do apartamento na sua ausência.

Não se pode imaginar o que representam essas exigências da lei para uma dor sincera. É de fazer odiar a civilização e preferir os costumes dos selvagens. Às nove horas, a sra. Sauvage levou Schmucke para baixo, segurando-o nos braços e, no fiacre, ele foi obrigado a pedir a Rémonencq que o acompanhasse para notificar o óbito de Pons à prefeitura. Em Paris, a todo o momento e em tudo se manifesta a

desigualdade de condições neste país ébrio de igualdade. Essa imutável força das coisas se denuncia até nas formalidades que acompanham a morte. Nas famílias ricas, um parente, um amigo ou os procuradores evitam esses tristes detalhes aos que choram; no entanto, o povo, os proletários sem recursos, do mesmo modo que na repartição dos impostos, sofrem, nesses momentos, todo o peso da sua mágoa.

— Ah! O senhor tem toda a razão de o prantear — disse Rémonencq, a uma queixa que o pobre mártir deixou escapar —, pois era um homem bom, um homem às direitas, que deixa uma bela coleção; contudo, o senhor, sendo estrangeiro, vai se ver a braços com muitas dificuldades, pois dizem por toda a parte que o senhor é o herdeiro do sr. Pons.

Schmucke não ouvia; estava mergulhado em tamanho pesar que se avizinhava da loucura. A alma, como o corpo, tem seu tétano.

— E faria muito bem em se fazer representar por um advogado, um procurador...

— *Um procurador!* — repetiu Schmucke maquinalmente.

— O senhor vai ver que será necessário fazer-se representar. No seu lugar, eu tomaria um homem experiente, um homem conhecido no bairro, um homem de confiança... Eu, em todos os meus pequenos casos, me sirvo de Tabareau, o oficial de justiça... E, se der uma procuração ao seu primeiro-escrevente, o senhor não terá nenhuma dificuldade.

Essa insinuação, feita por Fraasier e combinada entre Rémonencq e a Cibot, fixou-se na memória de Schmucke, pois, nos momentos em que a dor congela, por assim dizer, a alma, paralisando as suas funções, a memória recebe todas as impressões que o acaso faz chegar até ela. Schmucke escutava Rémonencq, fitando-o com um olhar tão completamente destituído de inteligência que o belchior não lhe disse mais nada.

“Se ele ficar imbecil como está”, pensou Rémonencq, “eu bem poderei comprar-lhe todo aquele bazar por cem mil francos, se lhe tocar...”

— Já chegamos, senhor.

Rémonencq foi obrigado a tirar Schmucke do fiacre e ampará-lo para fazê-lo chegar à seção do registro civil, onde Schmucke deu de cara com um casamento. Schmucke teve de esperar sua vez, pois, por um desses acasos frequentes em Paris, o funcionário tinha cinco ou seis certidões de óbito a lavar. O pobre alemão devia ser submetido ali a uma paixão igual à de Jesus.

— O senhor chama-se Schmucke? — perguntou um homem vestido de preto, dirigindo-se ao alemão pasmo por se ouvir chamar pelo nome.

Schmucke olhou para o homem com a expressão embotada que tivera ao responder a Rémonencq.

— Que é que o senhor quer? — disse o belchior ao desconhecido. —

Ora, deixe o homem em paz, o senhor bem vê que ele está muito triste.

— O cavalheiro acaba de perder seu amigo e certamente quer homenagear dignamente sua memória, pois é o seu herdeiro — disse o desconhecido. — Não há de querer mostrar-se mesquinho... E comprará um terreno para uma sepultura perpétua. O sr. Pons gostava tanto das artes! Seria uma pena não colocar sobre seu túmulo a Música, a Pintura e a Escultura... Três belas estátuas de pé, chorosas...

Rémonencq fez um gesto de auvernês para afastar o homem e este respondeu por outro gesto, por assim dizer comercial, que significa: “Deixa-me fazer meu negócio!” e que o belchior compreendeu.

— Sou agente da casa Sonet & Cia., empresário de monumentos funerários — replicou o corretor, que Walter Scott<sup>[223]</sup> teria denominado o *moço dos túmulos*. — Se o senhor nos quisesse incumbir da encomenda, nós lhe evitaríamos o aborrecimento de ir à municipalidade adquirir o terreno necessário à sepultura do amigo que as artes acabam de perder...

Rémonencq inclinou a cabeça em sinal de assentimento e tocou com o cotovelo em Schmucke.

— Todos os dias nos encarregamos de atender a essas formalidades, em nome das famílias — continuou dizendo o corretor, encorajado pelo gesto do auvernês. — Nos primeiros momentos do seu pesar, é muito difícil a um herdeiro ocupar-se pessoalmente desses detalhes, e nós estamos habituados a esses servicinhos para os nossos clientes. Nossos monumentos, senhor, são tarifados a tanto por metro de pedra de cantaria ou de mármore... Cavamos a fossas para os jazigos de família... Nós nos encarregamos de tudo, pelo mais justo preço. Nossa casa fez o magnífico monumento da bela Ester Gobseck e de Luciano de Rubempré, um dos mais notáveis ornamentos do Père-Lachaise.<sup>[224]</sup> Temos os melhores operários. Aconselho-o a desconfiar das pequenas empresas... que só sabem fazer serviço matado — acrescentou, ao ver aproximar-se outro homem vestido de preto e que se propunha a falar em nome de outra casa de mármore e esculturas.

## LXVII – EM QUE VEMOS QUE SÓ OS MORTOS NÃO SÃO ATORMENTADOS

Tem-se dito muitas vezes que a morte é o fim de uma viagem, mas não se sabe até que ponto essa analogia é real em Paris. Um morto, principalmente um morto de qualidade, é recebido no *país das sombras* como um viajante que desembarca no porto e a quem todos os corretores de hotéis importunam com suas recomendações. Ninguém, com exceção de alguns filósofos ou de algumas famílias certas de viverem muito tempo e que mandam construir sepulturas do mesmo modo que constroem palácios, ninguém pensa na morte e em suas consequências sociais. A morte vem sempre demasiado cedo, e, por

outro lado, um sentimento muito compreensível impede os herdeiros de a imaginarem possível. Por isso, todos os que perdem pais, mães, esposas ou filhos são imediatamente assaltados pelos corretores, que se aproveitam da confusão motivada pela tristeza para arrancar uma encomenda. Antigamente, os empresários de monumentos funerários, agrupados nas cercanias do famoso cemitério do Père-Lachaise, onde formam uma rua que se deveria denominar Rue des Tombeaux, a rua dos Túmulos, assaltavam os herdeiros nas proximidades da sepultura ou à saída do cemitério; entretanto, pouco a pouco, a concorrência, o gênio da especulação, os obrigou a ganhar terreno e eles desceram para a cidade até as vizinhanças da prefeitura. Muitas vezes, mesmo os corretores invadem a casa mortuária com um projeto de túmulo na mão.

— Estou em negócio com este senhor — disse o agente da casa Sonet ao colega que se aproximava.

— Óbito Pons!... Onde estão as testemunhas?... — disse o contínuo da repartição.

— Venha, senhor — disse o corretor dirigindo-se a Schmucke.

Rémonencq pediu ao corretor que levantasse Schmucke, que se conservava no banco como uma massa inerte; levaram-no à balaustrada detrás da qual o redator das certidões de óbito se abriga contra as dores públicas. Rémonencq, a Providência de Schmucke, foi auxiliado pelo dr. Poulain, que fora levar as informações necessárias sobre a idade e o lugar de nascimento de Pons. O alemão sabia apenas uma coisa, é que Pons era seu amigo. Uma vez lançadas as assinaturas, Rémonencq e o doutor, ajudados pelo corretor, puseram o pobre alemão no carro, no qual se insinuou o impaciente corretor, que queria uma autorização para a encomenda. A Sauvage, que estava de atalaia no portão, levou Schmucke para cima, nos braços, quase desfalecido, auxiliada por Rémonencq e pelo corretor da casa Sonet.

— Ele vai sentir-se mal!... — exclamou o corretor, que queria terminar o negócio que dizia começado.

— Acredito! — respondeu a sra. Sauvage. — Há vinte e quatro horas que está chorando e não quis tomar nada. Não há nada que esvazie o estômago como a tristeza...

— Mas, meu caro cliente — disse-lhe o corretor da casa Sonet —, tome um caldo. O senhor vai ter tantas coisas a fazer: precisa ir à municipalidade comprar o terreno necessário para o monumento que quer erigir à memória desse amigo das artes e que testemunhará a sua gratidão.

— Mas isso não está direito — disse a sra. Cantinet a Schmucke, aproximando-se com um caldo e pão.

— Reflita, meu caro senhor, se está tão fraco assim — interveio Rémonencq —, precisa pensar em se fazer representar por alguém, pois

tem muito trabalho a atender: precisa encomendar o enterro! Não há de querer que se enterre seu amigo como um indigente.

— Vamos, vamos, meu caro senhor — disse a Sauvage, aproveitando um momento em que Schmucke estava com a cabeça inclinada sobre o encosto da poltrona.

Entornou na boca de Schmucke uma colherada de sopa e, quase contra a vontade dele, deu-lhe de comer como a uma criança.

— Agora, se o senhor tiver juízo, já que se quer entregar tranquilamente ao seu pesar, encarregará alguém de representá-lo...

— Já que o senhor — disse o corretor — tem a intenção de erigir um magnífico monumento à memória de seu amigo, basta encarregar-me de todas as providências, eu as tomarei...

— Que é isto? Que é isto? — disse a Sauvage. — Este homem lhe encomendou alguma coisa? Quem é o senhor?

— Um dos corretores da casa Sonet, minha cara senhora, os maiores empresários de monumentos funerários... — disse ele, tirando do bolso um cartão e entregando-o à possante Sauvage.

— Está bem, está bem!... Chamá-lo-ão quando julgarem conveniente, mas não deve abusar do estado em que ele se acha. O senhor está vendo muito bem que ele não se encontra em condições de resolver nada...

— Se a senhora nos quiser auxiliar para conseguirmos a encomenda — disse o corretor da casa Sonet ao ouvido da Sauvage, levando-a ao patamar —, posso oferecer-lhe quarenta francos.

— Muito bem, dê-me seu endereço — disse a sra. Sauvage, humanizando-se.

Schmucke, vendo-se só e sentindo-se melhor pela ingestão daquela sopa de pão, voltou imediatamente para o quarto de Pons, onde se pôs a rezar. Ficou mergulhado nos abismos da dor, até que foi arrancado do seu profundo aniquilamento por um rapaz vestido de preto que lhe dizia pela décima primeira vez um “Senhor!...” que o pobre mártir ouviu tanto mais facilmente, porque se sentiu sacudido pela manga do casaco.

— *Que é que há, ainta?*...

— Senhor, devemos ao dr. Gannal<sup>[225]</sup> uma descoberta sublime; não contestamos sua glória, ele repetiu os milagres do Egito, mas houve alguns aperfeiçoamentos e temos conseguido resultados surpreendentes. Assim, se o senhor quiser tornar a ver seu amigo tal como ele era em vida...

— *Refê-lo!*... — exclamou Schmucke. — *Ele falará comigo?*

— Só lhe faltará a palavra — replicou o corretor do embalsamamento. — Mas ficará para toda a eternidade tal como o embalsamamento lho mostrará. A operação exige pouco tempo. Uma incisão na carótida e uma injeção são suficientes. Mas já é tempo de

fazer... Se o senhor esperar mais um quarto de hora, não poderá ter a doce satisfação de conservar-lhe o corpo.

— *Fá para o tiapo!... Pons é uma alma... e essa alma está no zéu.*

— Esse homem não tem a mínima gratidão — disse o jovem corretor dum dos rivais do famoso Gannal ao passar pelo portão —; recusa-se a mandar embalsamar o amigo.

— Que é que o senhor quer? — disse a Cibot, que acabava de mandar embalsamar seu querido. — Ele é um herdeiro, um legatário. E, para essa gente, uma vez feito o seu negócio, o defunto não vale mais nada.

## LXVIII – EM QUE VIREMOS A SABER COMO SE MORRE EM PARIS

Uma hora depois, Schmucke viu entrar no quarto a sra. Sauvage, acompanhada de um homem vestido de preto e que parecia um operário.

— Cantinet teve a gentileza de mandar-lhe este senhor — disse ela —, que é o fornecedor dos caixões da paróquia.

O fornecedor dos caixões inclinou-se com um ar de comiseração e de condolência, mas, como um homem seguro de si e que se sabe indispensável, olhou para o morto como entendido.

— Como é que o senhor quer a *coisa*? De pinho, de carvalho simples ou de carvalho forrado de chumbo? O carvalho forrado de chumbo é o mais distinto. O corpo — acrescentou — tem a medida ordinária.

Apalpou os pés para medir o corpo.

— Um metro e setenta! — acrescentou. — O senhor certamente pensa encomendar um serviço fúnebre à igreja...

Schmucke dirigiu ao homem olhares iguais aos dos loucos antes de cometer uma perversidade.

— O senhor devia tomar alguém que se encarregasse desses detalhes — disse a Sauvage.

— *Zim* — disse finalmente a vítima.

— Quer que eu vá chamar o sr. Tabareau? O senhor vai ter muito que fazer. O sr. Tabareau, fique certo disto, é o homem mais honesto do bairro.

— *Zim, o ziniior Taparô! Chá me falaram nele...* — respondeu Schmucke, vencido.

— Muito bem! Depois de uma conferência com o seu procurador, o senhor ficará descansado e livre para se entregar ao seu pesar.

Às duas horas, o primeiro-escrevente do sr. Tabareau, rapaz que se destinava à carreira de oficial de justiça, apresentou-se modestamente. A juventude tem admiráveis privilégios, não assusta. O rapaz, chamado Villemot, sentou-se ao lado de Schmucke e esperou o momento oportuno para falar-lhe. Essa reserva comoveu muito Schmucke.

— Sou o primeiro-escrevente do sr. Tabareau — disse ele —, que me incumbiu de cuidar dos seus interesses aqui e de tomar todas as providências para o enterro do seu amigo... Está de acordo?

— *O ziniór non me salvará a fita pois non fíferei muito tempo, mas me teixará tranqüilo?*

— Como não! O senhor não terá incômodo algum.

— *Pem! Que é que preciso fazer para isso?*

— Assinar este papel, pelo qual nomeia o sr. Tabareau seu procurador, relativamente a todas as questões da herança.

— *Pem! Me tê o papel!* — disse o alemão, querendo assinar imediatamente.

— Não, primeiro preciso ler o documento para o senhor.

— *Leia!*

Schmucke não prestou a mínima atenção à leitura daquela procuração geral e a assinou. O rapaz recebeu as ordens de Schmucke para o enterro, para a compra do terreno no qual o alemão quis ter também sua sepultura e para o serviço da igreja, dizendo-lhe que ele não teria mais nenhum incômodo nem qualquer pedido de dinheiro.

— *Para poder ficar em paz, eu taria tuto quanto ténio* — disse o infortunado, que se ajoelhou novamente diante do corpo do amigo.

Fraisier triunfava, o legatário não poderia dar um passo fora do círculo no qual o mantinha encerrado pela Sauvage e por Villemot.

Não há dor que o sono não possa vencer. Assim, ao fim do dia, a Sauvage encontrou Schmucke estendido no chão, dormindo ao lado da cama onde jazia o corpo de Pons; levou-o dali, deitou-o e o acomodou maternalmente no leito e o alemão dormiu até o dia seguinte. Quando Schmucke despertou, isto é, quando, depois dessa trégua, voltou à consciência do seu sofrimento, o corpo de Pons estava exposto à porta de entrada, na câmara ardente a que têm direito os enterros de terceira classe; foi, pois, em vão que procurou o amigo naquele apartamento que lhe pareceu imenso e onde não encontrou nada mais além de tristes recordações. A Sauvage, que governava Schmucke com a autoridade de uma ama sobre seu pequerrucho, obrigou-o a almoçar antes de ir para a igreja. Enquanto a pobre vítima era constrangida a comer, a Sauvage observou-lhe, com lamentações dignas de Jeremias, que ele não tinha roupa preta. O guarda-roupa de Schmucke, entregue aos cuidados da Cibot, atingira, antes da doença de Pons, do mesmo modo que o jantar, a sua expressão mais simples: a duas calças e duas sobrecasacas!...

— Vai assim como está ao enterro do amigo? Isso é uma monstruosidade que o fará odiado por todo o bairro!

— *Como quer a zinióra que eu fá?*

— Ora, de luto!...

— *Te luto!...*



— As conveniências...

— *As conveniências!... Non ligo a essas popachens* — disse o pobre homem, no mais alto grau de exasperação a que a aflição pode levar uma alma de criança.

— É um monstro de ingratidão — disse a Sauvage, voltando-se para um homem que apareceu subitamente no apartamento e que fez Schmucke estremecer.

Esse funcionário, magnificamente vestido de preto, de calções pretos, meias pretas e punhos brancos, ostentando uma corrente de prata da qual pendia uma medalha, com uma gravata de musselina branca muito correta e luvas brancas; esse tipo oficial, extremamente solícito às dores públicas, empunhava uma varinha de ébano, insígnia de suas funções, e mantinha sob o braço esquerdo um tricórnio com um laço tricolor.

— Sou o mestre das cerimônias — disse o personagem, com uma voz suave.

Habituação pelo cargo a dirigir enterros todos os dias e a se defrontar com todas as famílias mergulhadas numa mesma aflição, sincera ou fingida, esse homem, assim como todos os seus colegas, falava baixo e com brandura; era decente, cortês, atencioso por profissão, como uma estátua representando o gênio da morte. Essa declaração causou um tremor nervoso a Schmucke, como se ele tivesse avistado o carrasco.

— O senhor é filho, irmão ou pai do defunto?... — perguntou o homem oficial.

— *Zou tuto isso, e mais ainta... zou zeu amigo!...* — disse Schmucke, através de uma torrente de lágrimas.

— É o herdeiro? — perguntou o mestre das cerimônias.

— *O herteiro...* — repetiu Schmucke. — *Nata me importa neste munto.*

E Schmucke retomou a atitude que lhe emprestava sua tristeza.

— Onde estão os parentes, os amigos? — indagou o mestre das cerimônias.

— *Eston tutos aqui!* — exclamou Schmucke, mostrando os quadros e as curiosidades. — *Esses nunca fizeram meu popre Pons zofrer!... Isso é tuto que ele amafa comigo!*

— Está louco — disse Sauvage ao mestre das cerimônias. — É inútil falar com ele.

Schmucke sentara-se e reassumira sua aparência de idiota, enxugando maquinalmente as lágrimas. Nesse momento, Villemot, o primeiro-escrevente de Tabareau, apareceu; e o mestre das cerimônias, reconhecendo o homem que encomendara o enterro, disse-lhe:

— Bem, meu senhor, já é tempo de partir... o carro está aí, mas raramente tenho visto enterro como este. Onde estão os parentes, os amigos?

— Não tivemos muito tempo — replicou o sr. Villemot. — O senhor

estava mergulhado em tal tristeza que não pensava em nada; há somente um parente...

O mestre das cerimônias olhou para Schmucke com um ar de compaixão, pois esse perito em pesares distinguia perfeitamente o sincero do falso, e aproximou-se de Schmucke.

— Vamos, meu caro senhor, coragem!... Trate de honrar a memória do seu amigo.

— Nós nos esquecemos de enviar participações, mas tive o cuidado de mandar um mensageiro ao presidente de Marville, o único parente de que lhe falei... Ele não tem amigos... Não creio que a gente do teatro, onde o defunto era regente da orquestra, venha... Mas creio que esse senhor é o legatário universal.

— Então, ele deve ir de luto — disse o mestre das cerimônias. — O senhor não tem roupa preta? — perguntou, examinando o traje de Schmucke.

— *Eu estou tuto preto por tentro!...* — disse o pobre alemão, com uma voz pungente — *E ton preto que sinto a morte em mim... Teus me fará o fafor de me chuntar ao meu amico na sepultura e lhe tou craças por isso!...*

E juntou as mãos.

— Eu disse à nossa administração, que já introduziu tantos aperfeiçoamentos — disse o mestre das cerimônias, dirigindo-se a Villemot —, que ela devia ter um vestiário e alugar trajes de herdeiro... isso é uma coisa que cada dia se torna mais necessário... Mas, já que o senhor vai herdar, deve usar a capa de luto e a que eu trouxe cobrirá o senhor tão bem que ninguém perceberá a inconveniência do seu traje... Quer ter a bondade de se levantar? — disse a Schmucke.

Schmucke levantou-se, mas vacilou.

— Segure-o — disse o mestre das cerimônias ao primeiro-escrevente —, pois o senhor é o seu procurador.

Villemot susteve Schmucke, segurando-o por baixo dos braços, e então o mestre das cerimônias apanhou essa ampla e horrível capa preta que reveste os herdeiros para acompanhar o carro fúnebre da casa mortuária à igreja, amarrando-a com cordões de seda preta embaixo do queixo.

E Schmucke ficou paramentado de herdeiro.

## **LXIX – UM ENTERRO DE SOLTEIRÃO**

— Surgiu uma grande dificuldade, agora — disse o mestre das cerimônias. — Temos quatro borlas do pano mortuário para *encher*... Se não há ninguém, quem as segurará?... Já são dez e meia — disse, consultando o relógio —, estão à nossa espera na igreja.

— Ah! Aqui está Fraisier! — disse, muito imprudentemente, Villemot.

Mas não havia ninguém para recolher essa confissão de cumplicidade.

— Quem é esse senhor? — indagou o mestre das cerimônias.

— Oh! É a família.

— Que família?

— A família deserddada. É o procurador do presidente Camusot.

— Bem! — disse o mestre das cerimônias, com uma expressão de satisfação. — Teremos pelo menos duas borlas ocupadas, uma pelo senhor e outra por ele.

O mestre das cerimônias, satisfeito em ter duas borlas ocupadas, foi buscar dois magníficos pares de luvas de damasco brancas e ofereceu um a Fraasier e outro a Villemot com uma atitude respeitosa.

— Os senhores farão a fineza de segurar o pano mortuário, um de cada lado!... — disse.

Fraasier, todo de preto, vestido com apuro, de gravata branca e uma atitude oficial, causava calafrios, valia por cem autos de processo.

— Com muito prazer, senhor — disse ele.

— Se pelo menos conseguíssemos mais duas pessoas — disse o mestre das cerimônias —, as quatro borlas ficariam ocupadas.

Nesse momento, chegou o infatigável corretor da casa Sonet, acompanhado do único homem que se lembrou de Pons e que teve a ideia de prestar-lhe as últimas homenagens. Esse homem era um empregado do teatro, o rapaz encarregado de colocar as partituras nos púlpitos da orquestra e a quem Pons dava todos os meses uma moeda de cinco francos, pois sabia que ele tinha família.

— *Ah! Topinar!* (Topinard)... — exclamou Schmucke, ao ver o rapaz. — *Tu costas te Pons, tu!*...

— Vim todos os dias, pela manhã, saber notícias dele...

— *Totos os tias! Popre Topinar!*... — disse Schmucke, apertando a mão do empregado do teatro.

— Mas certamente me tomavam por um parente e me recebiam muito mal! Não adiantava eu dizer que era do teatro e que vinha pedir notícias do sr. Pons, respondiam-me que conheciam muito bem esses truques. Eu pedia para ver o pobre doente, mas nunca me deixaram subir.

— *A infame Zipô!*... — disse Schmucke, apertando de encontro ao coração a mão calosa do empregado do teatro.

— Era o rei dos homens, o excelente sr. Pons. Todos os meses dava-me cem *sous*... Ele sabia que tenho três filhos e uma esposa. Minha mulher está na igreja.

— *Eu repartirei meu Pons contigo!* — exclamou Schmucke na alegria de ver a seu lado um homem que gostava de Pons.

— O senhor quer segurar uma das borlas do pano mortuário? — disse o mestre das cerimônias. — Assim teremos os quatro.

O mestre das cerimônias decidira facilmente o corretor da casa Sonet a tomar uma das borlas, ao mostrar-lhe o belo par de luvas que, segundo o hábito, ficaria em seu poder.

— Já são dez e um quarto!... Temos de descer... a igreja está esperando... — disse o mestre das cerimônias.

E as seis pessoas puseram-se em marcha através das escadas.

— Fechem bem o apartamento e fiquem aqui — disse o atroz Fraisier às duas mulheres, que se conservavam no patamar da escada —, principalmente se quiser ficar como depositária, sra. Cantinet. Ah! Ah! São quarenta *sous* por dia!...

Por um acaso que nada tem de extraordinário em Paris, havia dois catafalcos no portão e, conseqüentemente, dois enterros, o de Cibot, o falecido porteiro, e o de Pons. Ninguém dava testemunhos de afeição ao brilhante catafalco do amigo das artes, ao passo que todos os porteiros da vizinhança afluíam e aspergiam os despojos mortais do porteiro com o hissopo. Esse contraste entre a multidão que acorria ao enterro do Cibot e a solidão na qual ficava Pons não se limitou à porta da casa, mas continuou pela rua, onde o féretro de Pons foi acompanhado apenas por Schmucke, amparado por um gato-pingado, pois desfalecia a cada passo. Da Rue de Normandie à Rue d'Orléans, onde está situada a igreja de São Francisco, os dois cortejos seguiram entre alas de curiosos, pois, como já se disse, tudo constitui um acontecimento naquele bairro. Foi muito notado o esplendor do carro branco, do qual pendia um escudo com um grande P bordado, e que tinha apenas um homem a acompanhá-lo, ao passo que o carro simples, de última classe, era acompanhado por uma verdadeira multidão. Felizmente, Schmucke, estonteado pela gente que via nas janelas e pela cerca-viva formada pelos basbaques, nada notava e não percebia a afluência de pessoas senão através do véu das lágrimas.

— Ah! É o quebra-nozes... — dizia um. — O músico, você sabe!

— Quem são as pessoas que estão segurando os cordões?...

— Ora! Comediantes! Olha, aquele é o enterro do pobre Cibot! Um trabalhador a menos! Que coisa triste!

— Nunca saía de casa, esse homem!

— Nunca saiu a passear na segunda-feira!

— Como gostava da mulher!

— Coitada dela!

Rémonencq ia atrás do carro da sua vítima e recebia pêsames pela perda do vizinho.

## **LXX – EM PARIS, A MORTE É UM BEBEDOURO PARA MUITA GENTE**

Os dois féretros chegaram à igreja, onde Cantinet, de acordo com o guarda-portão, tomou providências para que nenhum mendigo falasse

a Schmucke. Villemot prometera ao herdeiro que ele seria deixado em paz e atendia a todas as despesas, protegendo o cliente. O modesto carro fúnebre de Cibot, escoltado por sessenta e oito pessoas, foi acompanhado por toda essa gente ao cemitério. Ao sair da igreja, o cortejo de Pons tinha apenas quatro carros de luto: um para os officiantes e os outros três para os parentes, mas bastou um, pois o corretor da casa Sonet fora, durante a missa, prevenir o sr. Sonet da partida do cortejo a fim de que ele pudesse apresentar o esboço e o orçamento do monumento ao legatário universal à saída do cemitério. Fraasier, Villemot, Schmucke e Topinard ocuparam um carro; os outros dois, em vez de voltar para a administração, foram vazios até o Père-Lachaise. Essa corrida inútil de carros vazios ocorre frequentemente. Quando os mortos não gozam de nenhuma celebridade, não atraem nenhuma concorrência de pessoas e há sempre carros demais. É preciso que o morto tenha sido muito estimado para que, em Paris, onde todos gostariam de encontrar uma vigésima quinta hora em cada dia, se acompanhe um parente ou um amigo ao cemitério. Mas os cocheiros perderiam a gorjeta se não fizessem seu trabalho; assim, cheias ou vazias, as carruagens vão à igreja, ao cemitério, e voltam à casa mortuária, onde os cocheiros pedem uma gorjeta. Não se imagina o número de pessoas para as quais a morte constitui um bebedouro. O baixo clero da igreja, os pobres, os gatos-pingados, os cocheiros, os coveiros, essas naturezas esponjosas incham quando mergulham num enterro. Da igreja, onde o herdeiro foi assaltado, à porta, por um enxame de mendigos, imediatamente reprimido pelo guarda-portão, até o Père-Lachaise, o pobre Schmucke manteve-se como os criminosos que eram conduzidos do Tribunal para a Place de Grève.<sup>[226]</sup> Conduzia o seu próprio féretro, com a mão segura à de Topinard, o único homem que sentiu no coração um sincero pesar pela morte de Pons. Topinard, imensamente sensibilizado com a honra que lhe haviam dado, confiando-lhe um dos cordões do pano mortuário, contente de andar de carro e de entrar na posse de um par de luvas, começava a entrever no enterro de Pons uma das grandes datas da sua vida. Aniquilado pelo sofrimento, amparado pelo contato daquela mão à qual respondia um coração, Schmucke deixava-se arrastar exatamente como esses infelizes terneiros conduzidos em carreta para o matadouro. Na parte dianteira do carro iam Fraasier e Villemot. Ora, os que já tiveram a desventura de acompanhar muitos dos seus ao campo do repouso sabem que toda a hipocrisia cessa na carruagem durante o trajeto, frequentemente muito longo, da igreja ao Cimetière de l'Est, o cemitério parisiense onde todas as vaidades, todos os luxos têm um encontro marcado e tão rico em monumentos suntuosos. Os indiferentes dão início à conversa, e mesmo as pessoas mais tristes acabam por escutá-los, distraíndo-se.

— O senhor presidente já saíra para a audiência — dizia Fraasier a

Villemot — e achei que não valia a pena ir arrancá-lo de suas ocupações no Tribunal, pois, de qualquer maneira, ele chegaria tarde. Ele é o herdeiro natural e legal, mas como foi deserdado em benefício do sr. Schmucke, achei suficiente que o seu procurador comparecesse.

Topinard prestou atenção à conversa.

— Quem é o sujeito que segurou a quarta borla? — perguntou Fraisier a Villemot.

— É o corretor duma casa que faz o monumento funerário e que pretendia conseguir a encomenda de um túmulo no qual se propõe esculpir três estátuas de mármore, a Música, a Pintura e a Escultura, derramando lágrimas sobre o defunto.

— É uma boa ideia — replicou Fraisier. — O bom homem bem merece isso, mas esse monumento custará uns sete a oito mil francos.

— Como não!

— Se o sr. Schmucke fizer a encomenda, a herança não terá nada a ver com isso, pois não se pode consumir uma herança nessas despesas.

— Isso daria lugar a um processo, mas ganharíamos.

— Bem — replicou Fraisier —, terão de entender-se com ele! Será um bom trote nesses empresários... — disse Fraisier ao ouvido de Villemot —, pois se o testamento for anulado, e isso eu garanto... ou se não houvesse testamento, quem haveria de pagar?

Villemot fez um sorriso de macaco. O primeiro-escrevente de Tabareau e o advogado puseram-se, então, a conversar em voz baixa e ao ouvido, mas, apesar do rodar do carro e de todos os obstáculos, o empregado do teatro, habituado a tudo descobrir nos meios dos bastidores, percebeu que os dois homens da Justiça tencionavam meter o alemão em dificuldades e chegou mesmo a ouvir o nome significativo de *Clichy*!<sup>[227]</sup> Desse momento em diante, o digno e honesto servidor do mundo cômico resolveu proteger o amigo de Pons.

No cemitério, onde, por intermédio do corretor da casa Sonet, Villemot comprara da municipalidade três metros de terreno, anunciando a intenção de construir ali um magnífico monumento, Schmucke foi conduzido pelo mestre de cerimônias, através de uma multidão de curiosos, à beira da cova onde Pons ia ser sepultado. Mas, ao ver aquele buraco quadrado cercado por quatro homens que suspendiam por meio de cordas o caixão de Pons, sobre o qual o padre dizia sua última oração, o alemão foi acometido de tão forte aperto no coração que desmaiou.

## **LXXI – PARA SE ABRIR UMA SUCESSÃO, FECHAM-SE TODAS AS PORTAS**

Topinard, auxiliado pelo corretor da casa Sonet e pelo sr. Sonet em pessoa, carregou o pobre alemão para o estabelecimento do marmorista, onde lhe foram prestados os mais solícitos e generosos

cuidados pela sra. Sonet e pela sra. Vitelot, esposa do sócio do sr. Sonet. Topinard ficou lá, pois vira Fraasier, cuja fisionomia lhe parecia patibular, conversando com o corretor da casa Sonet.

Ao fim de uma hora, pelas duas e meia, o pobre inocente alemão recuperou os sentidos. Schmucke acreditava que estivera sonhando há dois dias. Pensava que despertaria e encontraria Pons vivo. Aplicaram-lhe tantas toalhas molhadas sobre a testa e deram-lhe a respirar tantos saís e vinagres que ele abriu os olhos. A sra. Sonet obrigou Schmucke a beber um bom caldo gordo, pois haviam feito um fervido na casa dos marmoristas.

— Não nos acontece muito seguidamente acolher clientes que sentem tão intensamente, mas isso ainda se vê de dois em dois anos!...

Finalmente, Schmucke falou em voltar para a Rue de Normandie.

— Meu senhor — disse então Sonet —, aqui está o esboço que Vitelot fez especialmente para o senhor. Passou a noite a desenhá-lo!... Ele esteve muito inspirado! Ficará bonito...

— Será um dos mais belos do Père-Lachaise!... — disse a pequena sra. Sonet. — O senhor precisa honrar a memória dum amigo que lhe deixou toda a sua fortuna...

Esse projeto, apresentado como tendo sido feito especialmente, fora preparado para De Marsay, o famoso ministro; mas a viúva resolvera confiar o monumento a Stidmann;<sup>[228]</sup> o projeto daqueles industriais foi rejeitado, pois ficaram horrorizados com aquele monumento ordinário. As três estátuas representavam, então, as jornadas de Julho, nas quais se destacou o grande ministro. Depois, com algumas modificações, Sonet e Vitelot haviam transformado *as três gloriosas* em o Exército, a Finança e a Família, para o monumento a Carlos Keller,<sup>[229]</sup> que foi igualmente executado por Stidmann. Durante onze anos, o projeto vinha sendo adaptado a todas as circunstâncias de família, e, ao copiá-lo agora, Vitelot transformara as três estátuas nas dos gênios da Música, da Escultura e da Pintura.

— É de graça, se a gente levar em conta os detalhes e a construção. Em seis meses, estará pronto... — disse Villemot. — Aqui, estão o orçamento e a autorização... sete mil francos, não incluídos os modeladores.

— Se quiser em mármore — disse Sonet, que era mais especialmente marmorista — são doze mil francos e o senhor imortalizar-se-á com o seu amigo...

— Acabo de saber que o testamento será contestado — disse Topinard ao ouvido de Vitelot — e que os parentes ficarão com a herança; vá falar com o presidente Camusot, pois este pobre inocente não receberá nada...

— Sempre nos traz clientes desses! — disse a sra. Vitelot ao corretor, começando uma altercação.

Topinard acompanhou Schmucke a pé à Rue de Normandie, pois os carros do enterro se haviam dirigido para lá.

— *Non me teixe!*... — disse Schmucke a Topinard.

Topinard queria ir embora após ter deixado o pobre músico entregue à sra. Sauvage.

— São quatro horas, meu caro sr. Schmucke; preciso ir jantar... Minha mulher, que é porteira dos camarotes, ficaria sem saber o que foi feito de mim. O senhor sabe... o teatro abre às cinco e três quartos...

— *Zim, eu ze!*... mas, *lempre-se de que estou sozinio no munto, zem um amigo. Focê que jorou Pons, esclareça-me, estou numa noite profunda e Pons me tisse que estou zercato te velhacos...*

— Já o percebi; acabo de impedir que o senhor fosse dormir em Clichy!

— *Clichy?*... — exclamou Schmucke — *Non comprendo...*

— Coitado! Bem... Fique descansado; virei visitá-lo. Adeus.

— *Ateus! Até loco!*... — disse Schmucke, caindo quase morto de cansaço.

— Adeus, senhor — disse a sra. Sauvage a Topinard, com uma expressão que surpreendeu o empregado do teatro.

— Que é que a senhora tem?... — disse gracejando o empregado do teatro à criada. — A senhora está aí como um traidor de melodrama.

— Traidor é você! Que é que tem de se meter aqui? Não vá querer tomar conta dos negócios do homem e passar-lhe a perna!

— Passar-lhe a perna!... Criada!... — replicou arrogantemente Topinard. — Sou um simples empregado de teatro, mas convivo com artistas, e fique sabendo que nunca pedi nada a ninguém! Alguém lhe pediu alguma coisa? Devo-lhe alguma coisa? Ora, a velha!...

— Você é empregado de teatro e se chama?...

— Topinard, às suas ordens...

— Igualmente para o senhor — disse a Sauvage — e meus cumprimentos à sua senhora, se é casado... É tudo o que eu queria saber.

— Que é que há?... — perguntou a sra. Cantinet, que chegou nesse momento.

— O que há, minha filha, é que você vai ficar aqui e tratar do jantar enquanto dou um pulo até a casa do senhor...

— Ele está lá embaixo, conversando com a coitada da sra. Cibot, que está chorando todas as lágrimas do corpo — respondeu a Cantinet.

A Sauvage desceu a escada correndo com tal rapidez que os degraus estremeceram sob seus pés.

— Faça o favor... — disse a Fraisiert, chamando-o para falar com ele a alguns passos da Cibot.

E mostrou Topinard no momento em que o empregado do teatro passava, satisfeito por ter pago sua dívida para com seu benfeitor,



impedindo, por um golpe de astúcia inspirado pela vida dos bastidores, onde todos têm mais ou menos um espírito folgazão, que o amigo de Pons caísse numa armadilha. O empregado do teatro seguia resolvido a continuar a proteger o músico da sua orquestra contra as ciladas que armariam à sua boa-fé.

— Está vendo esse miseravelzinho!... É uma espécie de homem honesto que quer meter o nariz nos negócios do sr. Schmucke.

— Quem é? — perguntou Fraasier.

— Um João-ninguém...

— Em negócios, não há João-ninguém...

— Bem — disse ela —, é um empregado do teatro, chamado Topinard...

— Muito bem, sra. Sauvage! Continue assim e terá sua tabacaria. E Fraasier continuou sua conversa com a sra. Cibot.

— O que lhe digo, minha cara cliente, é que a senhora não tem feito jogo limpo conosco e que nos comprometemos sem necessidade com um sócio que nos engana!

— E no que foi que eu enganei o senhor?... — disse a Cibot, pondo as mãos nas cadeiras. — Pensa que me assusta com esses seus olhares de uva verde e seus ares gelados?... Está procurando maus pretextos para se livrar das suas promessas e quer passar por homem direito. Sabe o que é que o senhor é? É um canalha. Sim, sim! Pode coçar o braço à vontade... mas engula essa...

— Vamos deixar de brabeza, minha amiguinha — disse Fraasier. — Ouça-me! A senhora já arranjou seu pé-de-meia... Esta manhã, durante os preparativos do enterro, encontrei este catálogo em duplicata, escrito inteiramente pelo sr. Pons, e por acaso meus olhos deram com isto.

E leu, abrindo o catálogo manuscrito:

N. 7 — Magnífico retrato pintado sobre mármore, por Sebastiano del Piombo, em 1546, vendido por uma família que o mandou tirar da catedral de Terni. Este retrato, que fazia parêlha com um bispo, comprado por um inglês, representa um cavaleiro de Malta em oração e se achava sobre o túmulo da família Rossi. Se não fosse a data, esta obra poderia ser atribuída a Rafael. Esta pintura me parece superior ao retrato de Baccio Bandinelli, do Museu, que é um pouco seco, ao passo que este cavaleiro de Malta tem um brilho especial devido à conservação da pintura sobre a LAVAGNA (ardósia).

— Examinando o lugar do número 7 — continuou Fraasier —, encontrei um retrato de mulher, assinado *Chardin*, sem o número 7!... Enquanto o mestre das cerimônias completava o número de pessoas para segurar os cordões do pano mortuário, examinei os quadros e vi que há oito substituições de obras apontadas como principais pelo falecido sr. Pons, e que não se encontram mais lá, por telas ordinárias e sem numeração... E, finalmente, falta um quadrinho sobre madeira, de Metz, indicado como uma obra-prima...

— Acaso sou zeladora de quadros? — disse a Cibot.

— Não, mas a senhora era a criada de confiança, que cuidava da casa e das coisas do sr. Pons e, se houve algum furto...

— Furto! Fique sabendo que os quadros foram vendidos pelo sr. Schmucke, por ordem de Pons, para atender às suas despesas.

— A quem?

— Aos srs. Elias Magus e Rémonencq...

— Por quanto?

— Ora, não me lembro!...

— Ouça, minha cara sra. Cibot, já fez seu pé-de-meia; ele está estufado!... — replicou Fraasier. — Ficarei de olho na senhora, já a apanhei... Ajude-me e calar-me-ei! Em qualquer caso, a senhora compreende que não pode contar para nada com o presidente Camusot, uma vez que a senhora concordou em espoliá-lo.

— Eu já sabia, meu caro sr. Fraasier, que acabaria levando na cabeça... — respondeu a Cibot, abrandada pelas palavras: “Eu calar-me-ei!”.

## LXXII – DO PERIGO QUE SE CORRE INTROMETENDO-SE NOS NEGÓCIOS DA JUSTIÇA

— O senhor está querendo brigar com ela; não é direito! — disse Rémonencq, que chegou nesse momento. — Os quadros foram vendidos amigavelmente pelo sr. Pons a Magus e a mim; levamos três dias para entrar em acordo com o defunto, *que estava sonhando com os quadros!* Temos os recibos em regra e, se demos algumas moedas de quarenta francos à senhora, não fizemos mais do que o que costumamos fazer em todas as casas burguesas onde realizamos negócio. Ah! Meu caro senhor, se pensa enganar uma mulher indefesa, não terá vantagem alguma!... Compreende, senhor advogado? O sr. Magus é o dono da praça e, se o senhor não se mostrar amável com a senhora, se não lhe der o que prometeu, estarei à sua espera na venda da coleção e o senhor verá o que há de perder se tiver como adversários o sr. Magus e eu, que saberemos amotinar os compradores... Em vez de setecentos ou oitocentos mil francos, não fará nem duzentos mil!

— Bem... Veremos isso! Não venderemos — disse Fraasier — ou venderemos em Londres.

— Conhecemos Londres! — disse Rémonencq. — E o sr. Magus é lá tão poderoso como em Paris.

— Adeus, minha senhora. Vou tratar do seu caso — disse Fraasier. — A não ser que continue a obedecer-me — acrescentou.

— Trapaceiro!...

— Tome cuidado — disse Fraasier. — Vou ser juiz de paz!

Separaram-se entre ameaças cujo alcance era perfeitamente

apreciado de parte a parte.

— Obrigada, Rémonencq! — disse a Cibot. — É bom para uma pobre viúva encontrar um defensor.

À noite, pelas dez horas, Gaudissart chamou a seu gabinete o empregado da orquestra do teatro. Gaudissart, de pé diante da lareira, assumira uma atitude napoleônica, que adquirira desde que dirigia todo um mundo de comediantes, bailarinos, coristas, músicos e maquinistas e lidava com autores. Metia, habitualmente, a mão direita no colete, segurando a alça esquerda do suspensório, e colocava a cabeça a três quartos, dirigindo o olhar para o infinito.

— Olá, Topinard. Tens rendimentos?

— Não, senhor.

— Estás procurando um lugar melhor do que o que tens? — perguntou o diretor.

— Não, senhor... — respondeu o empregado, tornando-se lívido.

— Que diabo. Tua mulher trabalha como porteira dos camarotes nas primeiras representações. Mantive-a no cargo que ela desempenhava com o meu falido predecessor. Dei-te o emprego de limpador dos candeeiros dos bastidores durante o dia; finalmente, passaste a trabalhar nas partituras. E ainda não é tudo! Tens uma gratificação de vinte *sous* para fazer os monstros e dirigir os diabos, quando há infernos nas peças. É uma posição cobiçada por todos os outros empregados, e és invejado, meu amigo, aqui no teatro, onde tens inimigos.

— Inimigos!... — disse Topinard.

— E tens três filhos, o mais velho dos quais desempenha os papéis de criança, com uma gratificação de cinquenta cêntimos!...

— O senhor...

— Deixa-me falar... — disse Gaudissart, com uma voz trovejante. — Nessa situação, queres deixar o teatro...

— O senhor...

— Queres imiscuir-te em negócios, meter o dedo em heranças!... Mas, desgraçado, serás esmagado como um ovo! Tenho por protetor Sua Excelência, o conde Popinot, homem inteligente e de grande caráter, que o rei teve a sabedoria de chamar para o seu Conselho... Esse homem de Estado, esse político superior, estou falando no conde Popinot, casou seu filho com a filha do presidente de Marville, um dos homens mais respeitáveis e mais respeitados da classe mais alta da Justiça, um dos luminares do Direito, no Tribunal. Conheces o Tribunal? Pois bem! Ele é o herdeiro do seu primo Pons, nosso antigo regente de orquestra, a cujo enterro foste esta manhã. Não te repreendo por teres ido prestar as últimas homenagens ao pobre homem, mas perderás teu lugar se te meteres nos negócios desse digno sr. Schmucke, a quem quero muito bem, mas que vai ficar numa situação delicada com os herdeiros de

Pons... E como esse alemão representa pouco para mim, e o presidente e o conde Popinot representam muito, aconselho-te a deixares o digno alemão desembaraçar-se sozinho dos seus negócios. Há um Deus para os alemães e ficarias muito mal como sub-Deus! Limita-te ao teu trabalho no teatro!... É o melhor que podes fazer.

— Basta, sr. diretor — disse Topinard, aflito.

Schmucke, que esperava encontrar no dia seguinte o pobre empregado do teatro, a única criatura que pranteara Pons, perdeu, assim, o protetor que o acaso lhe enviara. No outro dia, ao despertar, o alemão sentiu a grande perda que sofrera, ao ver o apartamento vazio. Na véspera e na antevéspera, os acontecimentos e a confusão provocada pela morte haviam produzido em torno dele essa agitação, essa balbúrdia na qual os olhos se distraem. Mas o silêncio que sucede à partida de um amigo, um pai, um filho, uma esposa amada para o túmulo, o silêncio opaco e frio do dia seguinte é terrível, é glacial. Arrastado por uma força irresistível ao quarto de Pons, o pobre homem não teve forças para entrar. Recuou e foi sentar-se na sala de refeições, onde a sra. Sauvage servira o almoço. Schmucke sentou-se e não pôde comer.

### LXXIII – APARIÇÃO DE TRÊS HOMENS PRETOS

Subitamente, ouviu-se uma enérgica chamada de campainha e apareceram três homens vestidos de preto, aos quais as sras. Cantinet e Sauvage deixaram a passagem livre. Na frente, vinha o sr. Vitel, juiz de paz, seguido do seu escrivão. O terceiro era Fraisier, mais seco, mais ríspido do que nunca, por ter sido desapontado por um testamento em regra que anulava a poderosa arma tão audaciosamente roubada por ele.

— Viemos colocar os selos do embargo, aqui... — disse o juiz de paz, com brandura, a Schmucke.

Schmucke, para quem essas palavras eram grego, olhou para os três homens com uma expressão de espanto.

— Viemos a requerimento do sr. Fraisier, advogado, procurador do sr. Camusot de Marville, herdeiro do seu primo, o falecido sr. Pons... — acrescentou o escrivão.

— As coleções estão ali naquela vasta sala e no quarto de dormir do falecido — disse Fraisier.

— Muito bem! Entremos. Com licença, senhor, continue almoçando — disse o juiz de paz.

A invasão dos três homens de preto gelara o pobre alemão de terror.

— O senhor — disse Fraisier, dirigindo a Schmucke um daqueles olhares venenosos que magnetizavam suas vítimas como uma aranha magnetiza uma mosca —, o senhor, que conseguiu um testamento em

seu favor feito perante o tabelião, devia esperar alguma oposição por parte da família. Uma família não se deixa espoliar por um estrangeiro sem lutar, e veremos, senhor, quem vencerá: se a fraude, a corrupção, ou a família!... Temos o direito, como herdeiros, de requerer a aposição dos selos do embargo; os selos serão colocados e quero vigiar para que esse ato conservativo seja exercido com o máximo rigor, e o será.

— *Meu Teus! Meu Teus! Que foi que fiz ao zéu?* — disse o inocente Schmucke.

— Estão falando muito do senhor na casa — disse a Sauvage. — Enquanto o senhor dormia esteve aqui um rapazinho, todo vestido de preto, um almofadinha, o primeiro-escrevente do sr. Hannequin, que queria falar com o senhor à força, mas, como estava dormindo e muito cansado da cerimônia de ontem, disse a ele que o senhor dera uma procuração ao sr. Villemot, o primeiro-escrevente de Tabareau, e que, se se tratasse de negócios, fosse procurá-lo. “Ah! Tanto melhor”, disse o rapazinho. “Eu me entenderei muito bem com ele. Vamos depositar o testamento no Tribunal, após tê-lo apresentado ao presidente.” Pedi, então, que ele dissesse ao sr. Villemot que viesse cá logo que pudesse. Fique descansado, meu caro senhor — disse a Sauvage —, o senhor terá quem o defenda. E não será espoliado. O senhor vai encontrar inimigos, mas o sr. Villemot lhes dirá o que merecem! Eu mesma já tive de brigar com essa vagabunda da Cibot, uma porteira que se mete a criticar os locatários e que sustenta que o senhor está querendo surrupiar a fortuna aos herdeiros, que fechou o sr. Pons num quarto e o obrigou a fazer o que o senhor quis, e que ele estava louco, furioso. Dei uma resposta em condições àquela bandida: “A senhora é uma ladra e uma canalha!”, foi o que lhe disse, “e irá para a cadeia por tudo quanto roubou desses senhores...”. E ela calou a boca.

— O senhor quer assistir à aposição dos selos no quarto mortuário? — disse o escrivão, indo ao encontro de Schmucke.

— *Façam o que quizerem!* — disse Schmucke. — *Zerá que non posso morrer em paz?*

— Sempre se tem o direito de morrer — disse o escrivão, rindo. — E é nisso que está o nosso melhor negócio, nas heranças, mas raramente vi legatários universais acompanhar os testadores à sepultura.

— *Pois eu irei!* — disse Schmucke, que, depois de tantos golpes, sentia dores intoleráveis no coração.

— Ah! Aí está o sr. Villemot! — exclamou a Sauvage.

— *Zenior Filemô* — disse o pobre alemão —, *represente-me...*

— Com muito prazer — disse o primeiro-escrevente. — Vim informar-lhe que o testamento está perfeitamente em ordem e certamente será homologado pelo Tribunal, que lhe outorgará a posse da herança... O senhor vai ficar com uma bela fortuna...

— *Eu com uma pela fortuna!* — exclamou Schmucke, desesperado

por se ver suspeito de cobiça.

— Se é assim — disse a Sauvage —, que é que está fazendo aqui o juiz de paz com velas e uns pedacinhos de cordão?

— Ah! Está colocando os selos... Venha, sr. Schmucke, o senhor tem o direito de assistir...

— *Non, vá o ziniior.*

— Mas para que selos, se o senhor está em sua casa e se tudo lhe pertence? — disse a Sauvage, fazendo jurisprudência à maneira das mulheres, que executam o Código segundo sua fantasia.

— O senhor não está em sua casa, está na casa do sr. Pons; tudo lhe pertencerá, sem dúvida, mas, quando se é legatário, só se pode entrar na propriedade das coisas de que se compõe a herança mediante isso que chamamos de mandado de posse. Esse documento emana do Tribunal. Ora, se os herdeiros destituídos da herança pela vontade do testador se opõem ao mandado de posse, há um processo... E, como não se sabe a quem tocará a herança, colocam-se todos os valores sob embargo, e os tabeliães dos herdeiros e do legatário procederão ao inventário no prazo exigido pela lei. É isso.

Ao ouvir essa linguagem pela primeira vez na vida, Schmucke perdeu completamente a cabeça, deixou-a cair sobre o encosto da poltrona, pois a sentia tão pesada que não a podia sustentar. Villemot foi falar com o escrivão e o juiz de paz, e assistiu, com o sangue-frio dos procuradores, à aposição dos selos, que, quando nenhum herdeiro está presente, não se faz sem algumas brincadeiras nem sem observações sobre as coisas que são desse modo encerradas até o dia da partilha. Por fim, os quatro homens da Justiça fecharam o salão e foram para a sala de jantar, para onde se dirigiu o escrivão. Schmucke assistiu maquinalmente a essa operação, que consiste em lacrar com o sinete da Justiça de Paz um pedaço de cordão sobre cada um dos batentes das portas, quando são de dois batentes, ou selar a fechadura dos armários ou das portas simples lacrando as duas bordas da madeira.

— Passemos a este quarto — disse Fraisiert, indicando o quarto de Schmucke, cuja porta dava para a sala de jantar.

— Mas este é o quarto do senhor! — disse a Sauvage, avançando e colocando-se entre a porta e os homens da Justiça.

— Aqui está o contrato do apartamento — disse o terrível Fraisiert — que encontramos entre os papéis. Não está no nome dos srs. Pons e Schmucke, mas apenas no do sr. Pons. O apartamento inteiro pertence à herança e... além disso — disse, abrindo a porta do quarto de Schmucke —, veja, senhor juiz de paz, está cheio de quadros.

— Com efeito — disse o juiz de paz, que imediatamente deu ganho de causa a Fraisiert.

— Esperem um pouco, senhores — disse Villemot. — Pensam que podem pôr na rua o legatário universal, cujo direito até agora não foi contestado?

— Mas, sim! — disse Fraisier. — Nós nos opomos à entrega do legado.

— E sob que pretexto?

— Você saberá, meu caro! — disse Fraisier num tom de troça. — Não nos opomos, por enquanto, a que o legatário retire o que ele disser que lhe pertence neste quarto; mas ele será lacrado. E ele irá morar onde bem entender.

— Não — disse Villemot —, ele ficará no seu quarto!...

— Como assim?

— Vou interpor um recurso — replicou Villemot — para que seja declarado que somos locatários pela metade deste apartamento e os senhores não nos tirarão daqui... Tire os quadros, separe o que pertence ao defunto e o que é do meu cliente, mas meu cliente ficará aqui... meu caro....

— *Irei emporá taquí!* — disse o velho músico, que recuperou a energia ao ouvir o horrível debate.

— Será melhor! — disse Fraisier. — Essa decisão lhe poupará despesas, pois o senhor não ganhará a questão. O contrato é formal...

— O contrato! O contrato! — disse Villemot. — Isto é uma questão de boa-fé...

— Ela não poderá ser provada, como nos processos criminais, por testemunhas... Querem submeter-se a peritagens, provas... julgamentos interlocutórios e um processo?

— *Non! Non!* — exclamou Schmucke assustado. — *Muto-me taquí, fou emporá.*

A vida de Schmucke era a dum filósofo cínico sem o saber, tal a simplicidade a que se reduzira. Não possuía mais de dois pares de sapatos, um par de botinas, dois trajes completos, doze camisas, doze lenços de pescoço, doze lenços de bolso, quatro coletes e um soberbo cachimbo que Pons lhe dera com uma bolsa de tabaco bordada. Entrou no quarto, superexcitado pela febre da indignação, apanhou suas roupas e colocou-as em cima de uma cadeira.

— *Tuto isto é meu!*... — disse, com uma simplicidade digna de Cincinato. — *O piano tampém é meu.*

— Minha senhora... — disse Fraisier à Sauvage. — Mande alguém ajudar a levar daqui este piano e a colocá-lo na calçada!

— O senhor é muito cruel — disse Villemot a Fraisier. — O senhor juiz de paz é quem tem o direito de ordenar o que quiser, é soberano nesta matéria.

— Há valores aqui — disse o escrivão, mostrando o quarto.

— Além disso — observou o juiz de paz —, o senhor sai

espontaneamente.

— Nunca se viu um cliente assim — disse Villemot indignado, voltando-se contra Schmucke. — O senhor é um verdadeiro molenga.

— *Que importa?* — disse Schmucke, saindo. — *Esses homens têm oliares te ticre... Mantaré pascar meus popres coisas* — disse.

— Para onde vai o senhor?

— *Para onte Teus quiser!* — respondeu o legatário universal, fazendo um sublime gesto de indiferença.

— Mande-me informar — pediu Villemot.

— Segue-o — disse Fraisier ao ouvido do primeiro-escrevente.

A sra. Cantinet foi nomeada depositária do embargo e sobre o capital encontrado fixaram-lhe uma gratificação de cinquenta francos.

— Tudo vai bem — disse Fraisier ao sr. Vitel, depois que Schmucke saiu. — Se quiser pedir demissão em meu favor, vá falar com a sra. presidenta Marville. O senhor se entenderá com ela.

— O senhor encontrou um homem de manteiga! — disse o juiz de paz, indicando Schmucke, que, do pátio, contemplava pela última vez as janelas do apartamento.

— Sim, o negócio está no papo! — respondeu Fraisier. — Pode casar sua neta, sem receio algum, com Poulain, ele será médico-chefe dos Quinze-Vingts.<sup>[231]</sup>

— Vamos ver! Adeus, sr. Fraisier — disse o juiz de paz, com uma expressão de cumplicidade..

— Esse homem tem bossa — disse o escrivão. — Irá longe, o maroto!

Eram onze horas. O velho alemão tomou maquinalmente o caminho que costumava percorrer com Pons, pensando em Pons; via-o a todo o momento e julgava-se andando ao lado dele. E assim chegou à frente do teatro, de onde ia saindo seu amigo Topinard, que acabava de limpar os candeeiros de todos os suportes, pensando na tirania do seu diretor.

— *Ah! Resolvi meu caso!* — exclamou Schmucke, detendo o pobre empregado. — *Topinar, tens onte morar?*

— Sim, senhor...

— Uma casa?

— Sim, senhor...

— *Potes receper-me como pensionista? Oh! Pacarei pem, tenio nofcentos francos te renta... e non tenio muito tempo te vita... non te incomotarei... como te tuto!... Mínia única paixon é fumar... meu cachimpo... E como és o único que chorou Pons comigo, eu costo te ti!*

— Eu teria muito prazer, senhor, mas imagine que o sr. Gaudissart acaba de me enfiar uma carapuça...

— *Uma carapuça?*

— É uma maneira de dizer que me passou um sermão.

— *Um zermón?*

— Ele me repreendeu, porque eu me interessei pelo senhor... Teria,



assim, de ser muito discreto, se o senhor fosse para minha casa! Mas duvido que ficasse lá, pois não sabe o que é casa dum pobre-diabo como eu...

— *Prefiro a casa popre te um homem te coração que jorou Pons às Tuleries com homens te cara te ticres! Acapo te fer ticres na casa te Pons, que fon teforar tuto!...*

— Venha, então — disse o empregado do teatro —, e verá... Mas... bem, há um sótão... Vamos consultar a sra. Topinard.

Schmucke seguiu como um carneiro a Topinard, que o conduziu a um desses horríveis lugares que se poderiam denominar os cancros de Paris. A coisa se chama Vila Bordin. É uma travessa estreita, cheia de casas construídas da maneira mais favorável à especulação, e que desemboca na Rue de Bondy, na parte em que esta é escurecida pelo imenso edifício do teatro da Porte Saint-Martin, uma das verrugas de Paris. Essa viela, cujo leito é escavado de cima para baixo da calçada da rua, lança-se, por um declive, na Rue des Mathurins-du-Temple. A vila termina por uma rua interna que a interrompe, dando-lhe a forma de um T. Esses dois becos, assim dispostos, contêm umas trinta casas de seis e sete andares, com todos os pátios e apartamentos ocupados por lojas, indústrias, fábricas de toda a espécie. É o Faubourg Saint-Antoine em miniatura. Lá fabricam móveis, gravam cobres, costuram vestimentas para os teatros, trabalham em vidro, pintam porcelanas, fabricam, enfim, todas as fantasias e variedades do Artigo de Paris.<sup>[232]</sup>

Imunda e produtiva como o comércio, essa travessa, sempre cheia de gente que vai e vem, de carroças, carrinhos, tem um aspecto repugnante e a população que ali fervilha está em harmonia com as coisas e os lugares. É a gente das fábricas, gente inteligente nos trabalhos manuais, mas cuja inteligência é absorvida por eles. Topinard morava nessa vila florescente como centro de produção, por causa do baixo preço dos aluguéis. Morava na segunda casa à esquerda de quem entra. Seu apartamento, situado no sexto andar, tinha vista sobre essa zona de jardins que ainda se conservam e que fazem parte dos três ou quatro grandes palacetes da Rue de Bondy.

A moradia de Topinard consistia numa cozinha e dois quartos. No primeiro dos quartos ficavam as crianças. Viam-se ali duas caminhas de madeira branca e um berço. O segundo era o quarto do casal Topinard. Comiam na cozinha. Dominando a moradia, havia uma falsa água-furtada de seis pés de altura e coberta de zinco, com um caixilho do tamanho duma caixa de rapé como janela. Subia-se a ela por uma escada de madeira branca denominada, na gíria do prédio, *escada de moleiro*. Essa peça, apresentada como quarto de criada, permitia anunciar a moradia de Topinard como um apartamento completo e fixar-lhe um aluguel de quatrocentos francos. À entrada, para dissimular a cozinha, havia um biombo em arco, iluminado por uma

claraboia que dava para a cozinha e formado pela reunião da porta do primeiro quarto e a da cozinha, ao todo três portas. Essas três peças ladrilhadas de tijolos, forradas com um pavoroso papel de seis *sous* o rolo, enfeitadas de lareiras do tipo “capuchinho” pintadas com tinta comum, cor de madeira, abrigavam essa família de cinco pessoas, três das quais eram crianças. Assim, eram bem visíveis as profundas arranhaduras que as três crianças praticavam até onde seus braços podiam alcançar.

## LXXV – UM INTERIOR POUCO CONFORTÁVEL

Os ricos não poderiam imaginar a simplicidade da bateria de cozinha, que se compunha de uma assadeira, um tacho, uma grelha, uma caçarola, dois ou três bules e uma frigideira. A baixela de mesa, de louça branca e parda, valia bem uns doze francos. A mesa servia como mesa de cozinha e mesa de refeições. O mobiliário constava de duas cadeiras e dois banquinhos. Debaixo do forno ficava a provisão de carvão e lenha. E a um canto via-se uma selha onde frequentemente era lavada, durante a noite, a roupa da família. A peça onde ficavam as crianças, atravessada por cordas de secar roupa, era recoberta de cartazes de espetáculos e de gravuras tiradas de jornais ou provenientes de prospectos de livros ilustrados. Evidentemente, o primogênito da família Topinard, cujos livros escolares se viam a um canto, tomava conta da casa quando, às seis horas, o pai e a mãe iam para o serviço no teatro. Em muitas famílias da classe inferior, logo que um filho atinge a idade de seis ou sete anos passa a desempenhar o papel de mãe perante as irmãs e os irmãos.

Por este ligeiro esboço, percebe-se que os Topinard eram, segundo a frase tornada proverbial, pobres, mas honestos. Topinard tinha uns quarenta anos e sua esposa, antiga chefe de coro e amante, segundo se dizia, do diretor falido a quem Gaudissart sucedera, devia ter uns trinta. Lolotte fora uma mulher bonita, mas os infortúnios da administração precedente a haviam atingido tão duramente que ela se vira obrigada a contrair com Topinard um casamento de teatro. Não tinha dúvida de que logo que o casal dispusesse de cento e cinquenta francos, Topinard realizaria seus juramentos perante a lei, nem que fosse somente para legitimar os filhos, que ele adorava. Pela manhã, nos momentos livres, a sra. Topinard cosia para o guarda-roupa do teatro. Esses corajosos empregados ganhavam por trabalhos gigantescos novecentos francos por ano.

— Mais um andar! — dizia, depois do terceiro, Topinard a Schmucke, que nem ao menos sabia se estava descendo ou subindo, de tão acabrunhado pela dor.

No momento em que o diarista, vestido de branco como todas as

peças de serviço, abriu a porta do quarto, ouviu-se a voz da sra. Topinard gritando:

— Calem-se, crianças, papai chegou!

E como, sem dúvida, as crianças faziam o que queriam do papai, o primogênito continuou a dirigir um assalto a exemplo do que vira no Cirque-Olympique, montado num cabo de vassoura, com o segundo a soprar num píforo de lata e o terceiro a acompanhar como podia o grosso do exército. A mãe estava costurando um costume de teatro.

— Calem-se! — gritou Topinard, com uma voz formidável. — Ou apanham! Sempre tenho de falar-lhes assim — acrescentou, em voz baixa, a Schmucke. — Olha, minha filha — disse o empregado do teatro à porteira dos camarotes —, este é o sr. Schmucke, o amigo do coitado do sr. Pons. Ele não sabe para onde ir e gostaria de morar conosco. Não adiantou dizer-lhe que não vivemos folgados, que moramos no sexto andar, que não temos mais que um sótão para oferecer-lhe; ele insiste...

Schmucke sentara-se numa cadeira que a mulher lhe oferecera e as crianças, constrangidas pela chegada de um desconhecido, se haviam agrupado para se entregarem a esse exame aprofundado, silencioso e rápido que caracteriza a infância, habituada, como os cachorros, a antes farejar do que examinar. Schmucke pôs-se a contemplar aquele grupo tão bonito onde havia uma menina de cinco anos, a que soprava na trombeta e que tinha magníficos cabelos louros.

— *Parece uma alemãzinha!* — disse Schmucke, chamando-a com um gesto.

— O senhor ficará muito mal acomodado — disse a porteira dos camarotes. — Se eu não estivesse obrigada a ter as crianças perto de mim, ofereceria o nosso quarto.

Abriu o quarto e fez Schmucke entrar. Aquele era todo o luxo do apartamento. O leito de acaju tinha um cortinado de algodão azul com franjas brancas. O mesmo algodão azul, pregueado, guarnecia a janela. A cômoda, a secretária, as cadeiras, embora de acaju, eram conservadas limpas. Sobre a lareira havia um pêndulo e castiçais, evidentemente presenteados tempos atrás pelo falido, cujo retrato, um pavoroso retrato de Pedro Grassou,<sup>[233]</sup> se via em cima da cômoda. As crianças, cuja entrada nesse lugar reservado era proibida, tentaram dirigir olhares curiosos para dentro do quarto.

— O senhor ficaria bem aqui — disse a porteira dos camarotes.

— *Non! Non!* — respondeu Schmucke. — *Non tenio vita por muito tempo, quero apenas um cantínio para morrer.*

Fechada a porta do quarto, subiram à água-furtada e logo que Schmucke a viu exclamou:

— *É chustamente isto que preciso. Antes te ir morar com Pons, nunca estive mais bem instalado to que isto...*

— Muito bem! Basta comprar uma cama de vento, dois colchões,

uma almofada, um travesseiro, duas cadeiras e uma mesa. Não é coisa de matar ninguém... pode custar uns cinquenta escudos, com a bacia, o jarro e um tapetezinho...

Tudo ficou combinado. Faltavam apenas os cinquenta escudos.

Schmucke, que estava a dois passos do teatro, teve naturalmente a ideia de pedir seu ordenado ao diretor, ao ver a pobreza dos seus novos amigos. Dirigiu-se imediatamente ao teatro e lá encontrou Gaudissart. O diretor recebeu Schmucke com a cortesia um pouco forçada que usava com os artistas e ficou admirado do pedido feito por Schmucke de um mês de ordenado. Mas, verificados os fatos, a reclamação foi considerada justa.

— Que diabo! Sim, senhor! — disse-lhe o diretor. — Os alemães sabem fazer as contas de tudo, mesmo das lágrimas... pensei que o senhor tivesse ficado reconhecido pela gratificação de mil francos! O ordenado de um ano que lhe dei, e que isso valeria por uma quitação!

— *Non recepemos nada* — disse o bom alemão. — *E se fim procurá-lo é porque estou na rua e zem tinieiro... A quem foi que o zinior entregou a cratificação?*

— À sua porteira!...

— *A ziniora Zipô!...* — exclamou o músico. — *Foi ela que matou Pons, que o enlouqueceu, que o fenteu... Ela queria queimar seu testamento. É uma canália, um monstro!*

— Mas, meu caro, como é que está sem dinheiro, na rua, sem ter onde morar, com a sua posição de legatário universal? Isto não é lógico, como dizemos.

— *Puceram-me para fora te casa... Sou estrancheiro, non conieço as leis...*

“Coitado!”, pensou Gaudissart, entrevendo o fim provável de uma luta desigual.

— Escute — disse-lhe —, sabe que é que tem a fazer?

— *Tenio um procurator!*

— Pois bem! Entre logo num acordo com os herdeiros. Receberá deles uma quantia em dinheiro e uma renda vitalícia e viverá descansado...

— *Non quero outra coisa!* — respondeu Schmucke.

— Muito bem! Deixe-me arranjar-lhe isto — disse Gaudissart, a quem, na véspera, Fraisiert expusera seu plano.

## LXXVI – EM QUE GAUDISSERT SE MOSTRA GENEROSO

Gaudissart pensou em fazer merecimento junto da jovem viscondessa Popinot e de sua mãe, apressando a conclusão daquele caso imundo, e dizia para si mesmo que seria pelo menos conselheiro de Estado, um dia.

— *Tou-lhe minha autorização...*

— Muito bem! Vamos ver! Em primeiro lugar — disse o Napoleão dos teatros do bulevar —, aqui tem cem escudos... — Tirou do bolso quinze luíses e entregou-os ao músico. — São seus, são seis meses de ordenado; depois, se o senhor deixar o teatro, mos devolverá. Vamos fazer um cálculo! Quanto gasta por ano? De quanto precisa para ficar satisfeito? Vamos! Organize uma vida de Sardanapalo!...

— *Preciso apenas de uma roupa de inverno e uma de verão.*

— Trezentos francos! — disse Gaudissart.

— *Sapates, quatro pares...*

— Sessenta francos.

— *Tez pares de meias...*

— Doze! São trinta e seis francos.

— *Zeis camisas.*

— Seis camisas de algodão, vinte e quatro francos, outras tantas de linho, quarenta e oito: são setenta e dois. Já temos quatrocentos e sessenta e oito. Acrescentemos quinhentos para as gravatas e os lenços, e cem francos para a lavadeira... seiscentos francos! Além disto, de que mais precisa para viver?... Três francos por dia?...

— *Non, é muito!...*

— Bem, o senhor precisa também de chapéus... São mil e quinhentos francos, com mais quinhentos de aluguel, dois mil. Quer que eu lhe consiga dois mil francos de renda vitalícia... bem garantidos...

— *E meu tapaco?*

— Dois mil e quatrocentos francos!... Ah! Papá Schmucke, o senhor chama isso de tabaco? Bem, terá também seu tabaco. São, então, dois mil e quatrocentos francos de renda vitalícia...

— *Ainta non é tuto! Quero uma quantia em tinieiro...*

“Para os alfinetes! Ah! Esses alemães! E dizem que são ingênuos. Velho Roberto Macário!...”<sup>[234]</sup> pensou Gaudissart.

— Quanto quer? — acrescentou. — Mas, depois disso, mais nada.

— *É para pagar uma tívita sacrata.*

“Uma dívida!”, pensou Gaudissart. “Que sabido! É pior que um rapaz! Vai inventar letras de câmbio! É preciso pôr um ponto final duma vez! O Fraisiert não quer saber de muito dinheiro!”

— Que dívida, meu caro? Diga!...

— *Zó há um homem que jorou Pons comigo... e ele tem uma filínia muito encaçatinia que tem uns capelos macníficos; quanto a fecho, parece-me estar fento o chênio de mínia popre Alemânia que eu nunca teferia ter teixato... Paris non é pom para os alemons, fazem troça de nós...* — disse, fazendo com a cabeça o gesto de quem vê claro nas coisas deste mundo.

“Está louco!”, pensou Gaudissart.

E, compadecido daquele inocente, o diretor ficou com lágrimas nos

olhos.

— Ah! O ziniior me compreente! Ziniior tiretor! Pem! Esse homem ta filínie é Topinar, que trapalia na orquestra e limpa os canteeiros. Pons costava tele e o protechia, e ele foi o único que acompaniou meu amigo no enterro, à icrecha e ao zemitério... Quero três mil francos para ele e tois mil para a menina...

“Coitado!”, pensou Gaudissart.

O feroz parvenu comoveu-se com aquela nobreza e aquela gratidão por uma coisa que não vale nada aos olhos da sociedade e que, aos olhos daquele cordeiro divino, pesava, como o copo d’água de Bossuet,<sup>[235]</sup> mais que as vitórias dos conquistadores. Gaudissart ocultava sob sua vaidade, sob seu brutal desejo de subir na vida e de se elevar até o seu amigo Popinot, um bom coração, uma boa índole. Anulou, assim, o juízo temerário que fizera de Schmucke e ficou do seu lado.

— Terá isso tudo! E ainda farei mais, meu caro Schmucke. Topinard é um homem direito...

— Zim, acora mesmo o fi, no seu popre casa, onte fife contente com zeus filios...

— Vou dar-lhe o lugar de caixa, pois o tio Baudrand vai sair...

— Ah! Teus o apençoe! — exclamou Schmucke.

— Bem, meu bom e digno homem, vá hoje às quatro horas à casa do sr. Berthier, tabelião. Tudo estará pronto e o senhor ficará ao abrigo da necessidade para o resto dos seus dias... Receberá seus seis mil francos e ficará trabalhando com Garangeot, como fazia com Pons, com o mesmo ordenado.

— Non — disse Schmucke —, non continuarei fifento!... non tenio corachen para mais nata... estou aniquilato...

“Pobre carneiro!”, pensou Gaudissart, ao despedir-se do alemão, que se retirava. “Afimal, é de costeletas que a gente vive. E como disse o sublime Béranger: *Pobres cordeiros, sempre vos tosquiam.*”<sup>[236]</sup>

E cantarolou esse ditado político para afugentar a emoção.

— Chame meu carro! — disse ao contínuo do escritório.

Desceu e gritou ao cocheiro:

— Rue de Hanovre!

O ambicioso reaparecera inteiramente! Tinha diante dos olhos o Conselho de Estado.

## LXXVII – MANEIRA DE APANHAR UMA HERANÇA

Enquanto isso, Schmucke estava comprando flores e as levou quase alegre, junto com presentes, para os filhos de Topinard.

— Traco presentes! — disse, com um sorriso.

Esse sorriso era o primeiro que brotava de seus lábios há três meses. E, ao percebê-lo, estremeceu.

— *Só tou com uma contição.*

— O senhor é muito bom — disse a mãe.

— *A menina me apraçará e potará as flores no capelo alisando-os como as alemãzinias!*

— Olga, minha filha, faz tudo o que o senhor quer... — disse a porteira dos camarotes, com um ar severo.

— Lá vêm todos os tarecos nas costas de três carregadores!... — disse Topinard, entrando.

— *Ah!* — exclamou o alemão. — *Meu amico, aqui eston tuzentos francos para pacar tuto... Tens uma mulier simpática, fais te casar com ela, non é? Tou-vos mil escudos... A menina terá um tote te tois mil francos, que colocarás em nome tela. E non zerás mais tiarista, zerás caixa do teatro...*

— Eu, no lugar do tio Baudrand?

— *Zim.*

— Quem foi que lhe disse?

— *O zinior Cotissar!*

— Oh! É de enlouquecer de alegria!... Que tal, Rosália? Vão ficar bravos, no teatro, hein?.. Mas isto não é possível — acrescentou.

— Nosso benfeitor não pode morar numa mansarda.

— *Ora! Para os poucos tias que tenio te fita* — disse Schmucke — *está muito pom! Até loco! Fou ao zemitério... fer que fizeram te Pons, e encomentar flores para a zepultura!*

A sra. Camusot de Marville estava vivamente alarmada. Fraisiert conferenciava em sua casa com Godeschal e Berthier. Berthier, o tabelião, e Godeschal, o procurador, consideravam o testamento feito por dois tabeliães em presença de duas testemunhas como incontestável, devido à maneira clara como Leopoldo Hannequin o formulara. Segundo o honesto Godeschal, mesmo que o atual conselheiro de Schmucke conseguisse enganá-lo, o alemão acabaria encontrando quem o esclarecesse, nem que fosse um desses advogados que, para se distinguir, recorrem a atos de generosidade, de cortesia. Os dois oficiais ministeriais despediram-se, portanto, da senhora presidenta, aconselhando-a a desconfiar de Fraisiert, sobre quem, naturalmente, haviam colhido informações. Nesse momento, Fraisiert, tendo voltado da aposição dos selos do embargo, estava minutando uma citação no gabinete do presidente, onde a sra. de Marville o fizera entrar por sugestão dos dois oficiais ministeriais, que achavam o caso demasiado sujo para que um presidente se metesse nele e que queriam dar sua opinião à sra. de Marville sem que Fraisiert os ouvisse.

— Então, minha senhora, onde estão os senhores? — perguntou o antigo advogado de Mantes.

— Já saíram, aconselhando-me a renunciar a questão! — respondeu a sra. de Marville.

— Renunciar! — disse Fraisiert, com uma inflexão de raiva contida.

— Escute, minha senhora...

E leu o seguinte:

A requerimento de etc... — não vou ler o palavrório.

Considerando que foi depositado nas mãos do senhor presidente do Tribunal de Primeira Instância um testamento recebido pelos srs. Leopoldo Hannequin e Alexandre Crottat, tabeliães em Paris, acompanhados de duas testemunhas, os srs. Brunner e Schwab, estrangeiros domiciliados em Paris, testamento pelo qual o sr. Pons, falecido, dispôs de sua fortuna em prejuízo do requerente, seu herdeiro natural e legal, e em benefício de um sr. Schmucke, alemão; considerando que o requerente se compromete a demonstrar que o testamento é obra de uma odiosa captação e o resultado de manobras reprovadas pela lei; que será provado por pessoas eminentes que a intenção do testador era deixar a fortuna à srta. Cecília, filha do dito sr. de Marville; e que o testamento cuja anulação é solicitada pelo requerente foi arrancado à fraqueza do testador quando se encontrava em plena demência;

Considerando que o sr. Schmucke, para obter esse legado universal, manteve o testador encerrado, impedindo que a família se aproximasse do leito de morte, e que, conseguido o que desejava, se entregou a atos notórios de ingratidão que escandalizaram a casa e todas as pessoas do bairro que, por acaso, estavam presentes para prestar as últimas homenagens ao porteiro da casa onde faleceu o testador; considerando que fatos ainda mais graves, e dos quais o requerente está presentemente colhendo provas, serão articulados perante os senhores juízes do Tribunal;

Eu, abaixo-assinado, oficial de justiça etc. etc., intimo o sr. Schmucke etc. a comparecer perante os senhores juízes que compõem a primeira câmara do Tribunal, para tomar conhecimento de que, como o testamento recebido pelos srs. Hannequin e Crottat resultou de uma captação evidente, será considerado nulo e de nenhum efeito, e que, além disso, protestei contra a qualidade e capacidade de legatário universal que pudesse assumir o sr. Schmucke, entendendo o requerente opor-se, como de fato se opõe, por seu requerimento datado de hoje, apresentado ao senhor presidente, à expedição do mandado de posse solicitado pelo referido sr. Schmucke, a quem remeti uma cópia do presente, cujo custo é de... etc.

— Conheço o homem, senhora presidenta, e quando tiver lido isto há de entrar em acordo. Consultará Tabareau; e Tabareau lhe dirá que aceite nossas propostas! Concorda em dar-lhe mil escudos de renda vitalícia?

— Como não! Gostaria de já ter de pagar a primeira quota.

— Dentro de três dias tudo estará pronto. Esta intimação o surpreenderá nos primeiros momentos de seu pesar, pois sente falta de Pons, o coitado. Ele levou essa perda muito a sério.

— Depois de apresentada a intimação, ela pode ser retirada? — perguntou a presidenta.

— Certamente, minha senhora. Sempre se pode desistir.

— Muito bem, senhor — disse a sra. Camusot —, pois faça!... Leve o caso adiante! Sim, a aquisição que o senhor me arranjou vale a pena! Por outro lado, já solucionei o caso da demissão de Vitel, mas o senhor



pagará sessenta mil francos a esse Vitel sobre a herança Pons... Assim, como vê, precisamos vencer...

— Já tem a sua demissão?

— Sim, senhor. O sr. Vitel confia no sr. de Marville...

— Muito bem, minha senhora. Já a livreí dos sessenta mil francos que eu calculava que devíamos dar àquela ignóbil porteira, a Cibot. Mas faço questão de obter a tabacaria para a sra. Sauvage e a nomeação de meu amigo Poulain para o lugar vago de médico-chefe dos Quinze-Vingts.

— Perfeitamente, tudo está arranjado.

— Muito bem! Não há mais nada a dizer... Todos estão do seu lado nesta questão, até Gaudissart, o diretor do teatro, a quem fui procurar ontem e que me prometeu impor silêncio ao diarista do teatro, que poderia perturbar nossos projetos.

— Oh! Eu sei! O sr. Gaudissart é muito dedicado aos Popinot!

Fraisier saiu. Desgraçadamente, não se encontrou com Gaudissart e a fatal citação foi imediatamente apresentada.

Todos os ambiciosos compreenderão, do mesmo modo que todos os honestos execrarão, a alegria da presidenta, a quem, vinte minutos após a saída de Fraasier, Gaudissart foi narrar sua palestra com o pobre Schmucke. A presidenta aprovou tudo e ficou infinitamente grata ao diretor do teatro por este ter afastado todos os seus escrúpulos por meio de considerações que ela achou inteiramente justas.

— Senhora presidenta — disse Gaudissart, ao chegar —, eu pensava que aquele pobre-diabo não saberia o que fazer da fortuna! É um temperamento duma simplicidade de patriarca! É inocente, aquele alemão, é de empalhar, de colocar dentro duma redoma de vidro como um pequeno Jesus de cera!... Segundo penso, ele já está muito embaraçado com os seus dois mil e quinhentos francos de renda e a senhora ainda o incita à dissipação...

— É de um coração muito nobre — disse a presidenta — dar dinheiro ao rapaz que sente a morte do nosso primo. Lamento a *questãozinha* que nos inimizou; se ele tivesse voltado, tudo lhe teria sido perdoado. Se o senhor soubesse como ele faz falta ao meu marido! O sr. de Marville ficou desesperado por não ter recebido participação da morte, pois ele tem a religião dos deveres de família e assim teria assistido à encomendação, ao cortejo, ao sepultamento, e eu mesma teria ido à missa...

— Muito bem, minha senhora — disse Gaudissart —, faça o obséquio de mandar preparar os papéis. Às quatro horas trarei cá o alemão... Recomende-me, senhora presidenta, à sua encantadora filha, a viscondessa Popinot; que ela diga ao meu ilustre amigo, seu bom e excelente pai, esse grande homem de Estado, o quanto sou devotado a todos os seus e que ele continue a dar-me seu precioso favor. Devo a vida

a seu tio, o juiz, e a ele minha fortuna... Eu gostaria de merecer da senhora e de sua filha a elevada consideração que se tem pelas pessoas poderosas e bem colocadas. Quero deixar o teatro, tornar-me um homem sério.

— O senhor o é!... — disse a presidenta.

— Adorável! — respondeu Gaudissart, beijando a mão seca da sra. de Marville.

## CONCLUSÃO

Às quatro horas, estavam reunidos no gabinete do sr. Berthier, tabelião, em primeiro lugar Fraisier, redator do acordo, depois Tabareau, procurador de Schmucke, e o próprio Schmucke, levado por Gaudissart. Fraisier tivera o cuidado de colocar em notas de banco os seis mil francos pedidos e os seiscientos francos para a primeira prestação da renda vitalícia, em cima da escrivadinha do tabelião e sob os olhos do alemão, que, pasmo de ver tanto dinheiro, não prestou a mínima atenção ao documento que lhe leram. O pobre homem, surpreendido por Gaudissart ao voltar do cemitério, onde se entretivera com Pons, e onde lhe prometera juntar-se a ele, não estava no gozo de todas as suas faculdades já muito abaladas por tantas agitações. Não ouviu, pois, o preâmbulo do documento, no qual ele figurava como assistido por Tabareau, oficial de justiça, seu procurador e seu conselheiro, e no qual se expunham as causas do processo intentado pelo presidente no interesse da filha. O alemão estava desempenhando um triste papel, pois, assinando o documento, dava ganho de causa às espantosas asserções de Fraisier; mas ficou tão alegre ao ver o dinheiro para a família Topinard e tão satisfeito de enriquecer, segundo suas acanhadas ideias, o único homem que estimara Pons, que não ouvia uma só palavra daquele acordo sobre o processo. No meio da leitura, um escrevente entrou no gabinete.

— Aí está um homem que quer falar com o sr. Schmucke... — disse ao patrão.

O tabelião, a um gesto de Fraisier, encolheu os ombros de maneira significativa.

— Não nos atrapalhes nunca quando estivermos assinando documentos. Pergunte o nome desse... É um homem ou um senhor? É algum credor...

O escrevente voltou e disse:

— Ele insiste em falar com o sr. Schmucke.

— Como se chama?

— Topinard.

— Vou lá. Assine descansadamente — disse Gaudissart a Schmucke.

— Termine enquanto vou saber o que é que ele quer.

Gaudissart compreendera Fraasier e ambos pressentiram um perigo.

— Que vens fazer aqui? — perguntou o diretor ao empregado do teatro. — Então não queres ser caixa? O primeiro mérito dum caixa... é a discrição.

— Senhor!

— Vai cuidar dos teus negócios, nunca serás nada se te meteres nos dos outros.

— Senhor, eu não comeria um pão cujos pedaços me ficassem trancados na garganta!... Sr. Schmucke! — gritou.

Schmucke, que já havia assinado e estava com o dinheiro na mão, ocorreu ao chamado de Topinard.

— *Toma para a alemãzinha e para ti...*

— Ah! Meu caro sr. Schmucke, o senhor acaba de enriquecer uns monstros, umas pessoas que querem roubar-lhe a honra. Levei isto a um homem direito, um advogado que conhece Fraasier, e ele disse que o senhor devia punir tamanha perversidade aceitando o processo, pois eles recuarão... Leia.

E o imprudente amigo mostrou-lhe a citação enviada a Schmucke à Vila Bordin. Schmucke tomou o papel, leu-o e, vendo-se tratado daquele modo, e não compreendendo nada do estilo judiciário, recebeu um golpe mortal. Essa pedra obstruiu-lhe o coração. Topinard apanhou Schmucke nos braços; estavam ambos à porta de entrada da casa do tabelião. Ia passando um carro e Topinard meteu dentro dele o pobre alemão, que sentia as dores duma grave congestão cerebral. A vista estava perturbada; mas o músico ainda teve forças para estender o dinheiro a Topinard. Schmucke não sucumbiu a esse primeiro ataque, mas não recuperou mais a razão; fazia apenas movimentos inconscientes; não comeu mais. Morreu ao fim de dez dias, sem se queixar, pois não falou mais. Foi cuidado pela sra. Topinard e sepultado obscuramente ao lado de Pons, graças a Topinard, a única pessoa que acompanhou o enterro desse filho da Alemanha.

Fraasier, nomeado juiz de paz, é muito íntimo da casa do presidente e muito apreciado pela presidenta, que não quis que ele se casasse com a filha de Tabareau; prometeu coisa melhor ao homem a quem, segundo ela, deve não só a aquisição dos campos de Marville e da casa de campo, mas, ainda, a eleição do senhor presidente, feito deputado na reeleição de 1846.

Todos desejarão certamente saber o que aconteceu à heroína desta história, desgraçadamente muito verídica nos detalhes e que, superposta à precedente, da qual é irmã gêmea, prova que a grande força social é o caráter. Vós, amadores, colecionadores e comerciantes, certamente já percebestes que a heroína foi a coleção de Pons! Bastará, para isso, assistir a uma palestra mantida na casa do conde Popinot, que mostrava, há poucos dias, a magnífica coleção a uns estrangeiros.

— Senhor conde — dizia um estrangeiro distinto —, o senhor possui tesouros!

— Oh! Milorde — disse modestamente o conde Popinot —, em matéria de quadros, ninguém, não direi em Paris, mas em toda a Europa, se pode gabar de rivalizar com um desconhecido, um judeu chamado Elias Magus, velho maníaco, o chefe dos quadros maníacos. Ele reuniu cento e poucos quadros que são de desencorajar os amadores e organizar coleções. A França devia sacrificar sete ou oito milhões e adquirir essa galeria quando esse ricaço morrer... Quanto às curiosidades, minha coleção é bastante bonita para que se fale dela...

— Mas como foi que um homem tão atarefado como o senhor e cuja fortuna inicial foi honestamente ganha no comércio...

— De drogas — disse Popinot —, pode continuar a ocupar-se com drogas...

— Não — replicou o estrangeiro —, mas como teve tempo para procurá-las? As curiosidades não nos caem nas mãos...

— Meu pai já possuía — disse a viscondessa Popinot — um começo de coleção, ele amava as artes, as belas obras, mas a maior parte dessas riquezas vem de mim!

— Da senhora?... Tão jovem! E já tinha esse vício?... — disse um príncipe russo.

Os russos são tão imitadores que todas as doenças da civilização repercutem sobre eles. A bricabracomania faz furor em Petersburgo e, em consequência da coragem natural desse povo, resultou que os russos causaram tal majoração nos preços do *artigo* — diria Rémonencq — que tornará as coleções impossíveis. E esse príncipe estava em Paris unicamente para colecionar.

— Príncipe — disse a viscondessa —, este tesouro me coube por herança de um primo que me estimava muito e que passou quarenta e tantos anos, desde 1805, a recolher em todos os países, e principalmente na Itália, todas estas obras-primas...

— Como se chamava? — perguntou o milorde.

— Pons! — disse o presidente Camusot.

— Era um homem encantador — acrescentou a presidenta com a sua voz flauteada —, muito inteligente, original e extremamente bondoso. Este leque que o senhor admira, milorde, e que pertenceu à madame de Pompadour, foi ele quem me deu, uma manhã, acompanhado de uma linda frase que o senhor não há de exigir que eu repita...

E olhou para a filha.

— Diga-nos a frase, senhora viscondessa — pediu o príncipe russo.

— A frase vale tanto quanto o leque! — respondeu a viscondessa, cuja frase era estereotipada. — Ele disse à mamãe que já era tempo de que o que estivera nas mãos do Vício ficasse nas mãos da Virtude.

O milorde olhou para a sra. Camusot de Marville com uma expressão de dúvida extremamente lisonjeira para mulher tão seca.

— Ele jantava três ou quatro vezes por semana em minha casa — acrescentou ela. — Gostava tanto de nós! Sabíamos apreciá-lo e os artistas sentem prazer na companhia dos que admiram seu espírito. Além disso, meu marido era seu único parente. E quando essa herança chegou às mãos do sr. de Marville, que absolutamente não a esperava, o senhor conde preferiu comprar tudo em bloco a ver vender a coleção em leilão; e nós também preferimos vendê-la assim, pois seria horrível ver dispersar belas coisas que tanto haviam deliciado o pobre primo! Elias Magus foi o avaliador e foi assim, milorde, que pude adquirir a casa de campo construída por seu tio e onde o senhor nos dará o prazer de uma visita.

O caixa do teatro, cujo privilégio cedido por Gaudissart passou há um ano para outras mãos, continua a ser o sr. Topinard; mas Topinard tornou-se sombrio, misantropo e fala pouco; passa por ter cometido um crime, e as brincadeiras pesadas do teatro pretendem que sua tristeza provém de ter desposado Lolotte. O nome de Fraisier causa um sobressalto ao honesto Topinard. Talvez cause estranheza que a única alma digna de Pons tenha sido encontrada no fundo dum teatro de boulevard.

A sra. Rémonencq, impressionada com a predição da sra. Fontaine, não quer mais se retirar para o campo; continua na sua magnífica loja do Boulevard de la Madeleine, viúva pela segunda vez. Com efeito, o auvernês, após ter estabelecido no contrato de casamento que os bens caberiam ao cônjuge sobrevivente, pusera ao alcance da esposa um copinho de vitriolo, contando com um engano, e sua esposa, com excelente intenção, pusera o copinho em outro lugar e Rémonencq o ingeriu. Esse fim, digno desse criminoso, constitui uma prova em favor da Providência, que aqueles que descrevem os costumes são acusados de esquecer, talvez devido ao abuso que dela se faz nos desfechos dos dramas.

Desculpai os erros do copista!<sup>[237]</sup>

*Paris, julho de 1846-maio de 1847*

### OS PARENTES POBRES: A PRIMA BETE

1. *Dom Michele Angelo Cajetani*: príncipe de Teano e duque de Sermonetta, parente por casamento da condessa Hanska e a quem Balzac conheceu pessoalmente numa de suas viagens à Itália. [ «« » ]

2. *Os três Schlegel*: Johan Adolph Schlegel (1721-1793), pregador e poeta, e seus dois filhos August Wilhelm (1767-1845), professor de filologia hindu, das Universidades de Jena e Bonn, fundador da revista *Athenaeum*, companheiro de viagem de Madame de Staël em suas peregrinações literárias, tradutor de Shakespeare para o alemão; e Friedrich (1772-1829), linguista e literato, autor de vários romances. [ «« » ]

3. *Porcia*: o príncipe Alfonso Serafino di Porcia, membro da aristocracia milanese, camarista do imperador da Áustria; Balzac o conheceu em maio de 1838, ao voltar da Sardenha, e hospedou-se durante algum tempo em seu palácio. *Esplendores e misérias das cortesãs* é dedicado a ele. [ «« » ]

4. *San Severino*: condessa Serafina San Severino, em solteira Porcia, irmã do precedente; Balzac dedicou-lhe *Os funcionários*. [ «« » ]

5. *Pareto*: marquês Damaso Pareto (1801-1861), político e literato genovês, tradutor de Shelley e outros poetas ingleses; Balzac dedicou-lhe o conto “A mensagem”. [ «« » ]

6. *Di Negro*: marquês Giancarlo di Negro (?-1857), outro nobre literato genovês, autor de poesias italianas e francesas, a quem Balzac dedicou *Estudo de mulher*. [ «« » ]

7. *Belgiojoso*: princesa Cristina di Belgiojoso (1808-1871), aristocrata milanese que, depois de tomar parte no movimento liberal de Mazzini, passou grande parte da vida em Paris, onde se tornou pessoa conhecida nos principais salões literários. [ «« » ]

8. *Bandello*: Matteo Bandello (1485-1561), contista italiano, discípulo de Boccaccio, e que nos últimos anos de sua vida obteve a sinecura do bispado de Agen. Entre seus 214 contos e novelas, precedidos de pomposas dedicatórias e em sua maioria licenciosos, figura a história de Romeu e Julieta. [ «« » ]

9. *Buffon*: conde Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), célebre naturalista francês, autor de uma monumental *História natural*. [ «« » ]

10. *Diderot*: Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor que se tornou famoso sobretudo pela direção da *Enciclopédia*, cuja ideia partiu dele. Na obra a que Balzac se refere aqui (e que já citou em *A musa do departamento*), apresenta dois casos de amantes mal-avindos: um homem fiel e decente apaixonado por uma cortesã, e uma moça educada e boa devotada a um perverso que a arruína. Este último é Gardeil (não Gardanne), jovem estudante sem qualidades, que, não se sabe por que meios, conquista a linda srta. de La Chaux, a qual abandona a família para ir viver com ele. A fim de ajudá-lo em seus trabalhos, ela aprende várias línguas, inclusive o hebraico e o grego; passa noites em claro fazendo traduções para ele e estraga a saúde pelo excesso de trabalho. Depois, um belo dia, Gardeil a põe no olho da rua simplesmente porque, perdidos os encantos, ela já não lhe inspira amor. [ «« » ]

11. *Tartufo*, o hipócrita devasso na comédia deste nome, de Molière, finge devoção,

insinua-se na simpatia de Orgon, instala-se-lhe em casa, mete-se em todos os seus negócios e tenta seduzir-lhe a mulher, Elmira, prometendo-lhe segredo. [ «« ]

12. A *Regência* é o período (de 1715 a 1723) famoso pela dissolução dos costumes, no qual Felipe de Orléans governou a França com o título de regente, em nome de Luís xv, ainda menor. Este, depois de tomar conta do governo, não se lembrou de moralizar a vida da Corte. No palácio de Versalhes há uma peça comprida, iluminada unicamente por um *olho-de-boi* (daí terem-lhe dado este nome), por onde se entrava no quarto de dormir do rei. Era onde os cortesãos esperavam o soberano, onde se tramavam as intrigas e se comentavam as novidades. Liga-se a esse termo o título das famosas *Crônicas do olho-de-boi* de Touchard Lafosse, em oito volumes (1829-1833), que revelavam aos contemporâneos de Balzac a escandalosa crônica dos últimos séculos da monarquia absoluta. [ «« ]

13. Ver *História da grandeza e da decadência de César Birotteau* (no vol. 8 desta edição), onde, além de César Birotteau e Anselmo Popinot, aparece também José Lebas, sucessor de Guillaume em *Ao "Chat-qui-pelote"*, pai do conselheiro Lebas, de quem se tratará logo mais. [ «« ]

14. *Duprez*: Louis-Gilbert Duprez (1806-1896), tenor famoso, cantou no Odéon, na Ópera Cômica e na Ópera de Paris, professor de canto no Conservatório. — *Italiens*: Théâtre des Italiens, instalado em 1801 sob a direção de Montausier para a representação de óperas italianas; funcionou em várias salas até seu desaparecimento em 1878. [ «« ]

15. *Srta. de Romans*: uma das inúmeras amantes de Luís xv, a qual lhe haveria sido vendida por seus pais quando mal tinha doze ou treze anos, e dele teve um filho (que seria mais tarde o abade Bourbon). [ «« ]

16. Alguns anos após a morte do conde de Saint-Simon (1825), um dos predecessores do socialismo moderno, a questão da moral sexual provocou uma crise entre os discípulos e continuadores do conde. Proclamando a igualdade social do homem e da mulher, os saint-simonistas procuraram atrair um maior número de mulheres para o seu movimento, o que fez com que muitos, por malevolência ou incompreensão, os acusassem de partidários da comunidade das mulheres, como o eram da comunidade dos bens. Ao passo que Enfantin, "papa" do movimento, não se deixava demover de uma concepção mística da moral sexual, que julgava suscetível de modificações e oscilações, a maioria de seus companheiros preferiam ater-se à moral tradicional e separaram-se de Enfantin. [ «« ]

17. Parece que o gibão (*justaucorps*) azul era a vestimenta preferida dos elegantes e libertinos do século xviii. [ «« ]

18. Todas, como a própria *Jenny Cadine*, personagens inventadas por Balzac, e que fazem parte do *demi-monde* de *A comédia humana*. A *sra. Schontz* foi amante, entre outros, do marquês Artur de Rochefide, e casou com Fabiano du Ronceret (*Beatriz*); *Málaga* foi a protegida de Tadeu Paz, de quem ele se serviu para esconder aos outros a sua paixão pela condessa Laginski (*A falsa amante*); *Carabina*, outra cortesã, aparecerá em *Os comediantes sem o saberem*. [ «« ]

19. *Os dois Keller* são ricos banqueiros, irmãos, de *A comédia humana*: vimo-los agir no momento em que César Birotteau, ameaçado de falência, recorreu de balde à sua caixa. [ «« ]

20. O marquês Viturniano d'Esgrignon é protagonista de *O gabinete das antiguidades*. [ «« ]

21. O *duque d'Herouville* foi um dos pretendentes de Modesta Mignon, no romance deste nome. [ «« ]

22. Na época de Balzac, Paris estava dividida em doze circunscrições (*arrondissements*), e não em vinte, como hoje. Como os casamentos se celebravam nas *mairies* (subprefeituras) das circunscrições, “casar-se na décima terceira circunscrição” equivalia a dispensar a formalidade do casamento, viver em concubinato. [ « » ]

23. *Para tudo deve haver um meio-termo, disse o nosso rei*. Balzac está troçando aqui de Luís Felipe, a quem seus adversários da Direita (inclusive o romancista) não perdoavam por ele se apoiar na burguesia em vez de na aristocracia e o querer manter um justo meio entre as concepções antagônicas da Revolução e da Restauração. [ « » ]

24. *Condottieri*: plural de *condottiere*, palavra que designava, primitivamente, um capitão de soldados mercenários, e cujo sentido moderno é “aventureiro”. — *Ferdinando du Tillet* e *Anselmo Popinot*: personagens de primeiro plano de *A comédia humana*, protagonistas da *História da grandeza e da decadência de César Birotteau*. [ « » ]

25. *Coliseu*: antigo anfiteatro de Roma, cenário dos combates de gladiadores e, também, do suplício de inúmeros cristãos, atirados às feras. [ « » ]

26. *Du Barry*: Jeanne Bécu, condessa du Barry (1743-1793), favorita de Luís xv; morreu decapitada no período do Terror. [ « » ]

27. *Sra. Tallien* (1773-1835): mulher de grande beleza, em solteira Thérèse Cabarrus, esposa primeiro do marquês de Fontenoy, depois do convencional Tallien, que se apaixonou por ela quando ia julgá-la entre outros prisioneiros suspeitos; moderou o rigor excessivo do marido e animou-o em seguida a chefiar o movimento contra Robespierre. Depois da morte de Tallien, tornou-se princesa Chimay. [ « » ]

28. Todas essas mulheres ficaram célebres na história pela sua extraordinária beleza: *Bianca Cappello* (e não Capella, 1542-1587), veneziana, desposada pelo duque Francesco di Medici; *Diane de Poitiers* (1499-1566), filha do conde de Saint-Vallier, favorita de Henrique II; *Olimpia Maldachini* (1594-1656), cunhada e amante do papa Inocêncio x; *Ninon de Lenclos* (1620-1705), dama galante que recebia em seu salão as personagens ilustres da época; *sra. Georges* ou Marguerite Georges Weymer (1787-1867), famosa atriz contemporânea de Balzac, apontada como ex-amante de Napoleão; *sra. Récamier* (1777-1849), outra célebre dama na época, cujo salão na Abbay-aux-Bois era o ponto de encontro da sociedade mais brilhante da Restauração. [ « » ]

29. *D'Orsay*: Gédéon-Gaspard-Alfred de Grimaud, conde d'Orsay (1801-1852), notável dândi, considerado na época um árbitro de elegância. — *Forbin*: Louis-Nicolas-Philippe-Auguste de Forbin (1777-1841), oficial de Bonaparte, arqueólogo e pintor; durante a Restauração, diretor dos museus reais, inclusive o Louvre; ao mesmo tempo que artista e sábio, era um perfeito homem de sociedade. — *Ouvrard*: Gabriel-Julien Ouvrard (1770-1846), financista de gênio, banqueiro de enorme fortuna que várias vezes emprestou dinheiro e forneceu munições aos governos sucessivos do Diretório, do Império e da Restauração. Em sua carreira acidentada, períodos de extraordinária influência alternam com processos e encarceramentos. [ « » ]

30. *Príncipe de Wissemburgo*: um dos títulos do marechal Cottin, personagem balzaquiana; não aparece em outro romance. [ « » ]

31. *Duque de Feltre*: Henri-Jacques-Guillaume Clarke (1765-1818), ministro da Guerra de Napoleão; durante os Cem Dias aderiu a Luís xvii. Assim, obteve a mesma pasta durante a Restauração. Apesar do seu passado bonapartista (ou, talvez, por causa dele), mostrou-se muito duro com seus antigos companheiros de Exército. [ « » ]

32. *A guerra da Espanha*, ou melhor, a Expedição da Espanha, chefiada pelo duque de Angoulême em 1823, teve por objetivo restabelecer ali a monarquia absoluta, esmagando a oposição liberal ao governo tirânico de Fernando vii. O barão de



Macumer, liberal espanhol, exilou-se em consequência dessa expedição (*Memórias de duas jovens esposas*). [ «« » ]

33. *Variétés*: Variedades, Théâtre des Variétés, inaugurado em 1807, no Boulevard Montmartre, para a representação de *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções). [ «« » ]

34. *Pactolo*: pequeno rio da Ásia Menor que carregava palhetas de ouro, cuja exploração deu origem, segundo a lenda, à imensa fortuna do rei Creso. Emprega-se hoje em sentido figurado, significando “fonte de riqueza” em geral. [ «« » ]

35. *A catástrofe de Fontainebleau*: a abdicação de Napoleão em 1814. [ «« » ]

36. *Giotto*: Angiolotto di Bondone (1266-1337), pintor florentino, amigo de Dante; consagrou quase toda a sua obra à glorificação de São Francisco de Assis. Seus quadros se caracterizam por uma surpreendente plasticidade e uma grandeza monumental. Dotado de forte senso dramático, elimina figurantes e pormenores inúteis, restringindo-se a dar aos protagonistas fisionomia e movimentos o mais expressivos possível. [ «« » ]

37. *Grão-duque Constantino* (1799-1831): comandante, depois vice-rei da parte da Polônia outorgada à Rússia em 1815, até 1830, quando, ante a revolta do país que não conseguira pacificar, fugiu de Varsóvia. Em seguida, a revolta foi sufocada em sangue. Entre as personagens de *A comédia humana*, Balzac faz aparecer vários patriotas polacos que se refugiaram em Paris; lembremo-nos do conde Adão Laginski e de Tadeu Paz (*A falsa amante*). [ «« » ]

38. *Oh, Matilde*: uma das árias mais famosas de *Guilherme Tell*, ópera de Rossini. [ «« » ]

39. Trocadilho intraduzível, baseado no fato de em francês as palavras *comte* (conde) e *conte* (conto) serem homófonas. [ «« » ]

40. *Félice Fauveau* (1799-1886): escultora que, graças a seu passado de conspiradora monarquista, gozava de grande estima no meio aristocrático. — *Hans Martin Wagner* (1777-1858): escultor alemão que restaurou, em colaboração com Thorwaldsen, as célebres esculturas de Egina. — *Louis-François Jeanest*: escultor contemporâneo de Balzac, conhecido por trabalhos de decoração em relevo. — *François-Désiré Froment Meurice* (1802-1855), outro contemporâneo de Balzac, ourives que, entre outros trabalhos, executou um dos famosos castões de bengala do escritor. — *Liénard*: ebanista da época, autor de esculturas de madeira para várias igrejas de Paris. [ «« » ]

41. *Benvenuto Cellini* (1500-1571): ilustre ourives, gravador e escultor italiano que teve uma existência cheia de aventuras, relatada em sua autobiografia. [ «« » ]

42. *Donatello* (1386-1466): escultor florentino, influenciado pelos antigos. Suas obras principais são figuras bíblicas. — *Filippo Brunelleschi* (1377-1446): grande escultor e arquiteto da primeira Renascença; construtor do Palácio Pitti, em Florença. — *Lorenzo Ghiberti* (1378-1455): outro escultor e arquiteto florentino que executou duas portas esculpidas no batistério de San Giovanni, da sua cidade natal. — *Giovanni di Bologna* (1529-1608): escultor flamengo que se fixou em Florença, na Corte dos Médicis, e realizou notáveis trabalhos em bronze. [ «« » ]

43. *O conde de Rastignac*, ministro, é o mesmo Eugênio de Rastignac que conhecemos como estudante pobre em *O pai Goriot*; apenas, desde a ação desse romance até este, decorreram uns vinte e cinco anos. [ «« » ]

44. *Brillat-Savarin*: Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), magistrado e político francês, autor de *Fisiologia do paladar ou Meditações de gastronomia transcendente, obra teórica, histórica e na ordem do dia*, dedicada aos gastrônomos parisienses. [ «« » ]

45. *Roberto, o Diabo*: ópera romântica de grande êxito (1831), com música de

Meyerbeer e libreto de Scribe. [ «« » ]

46. O *marechal Montcornet*, personagem balzaquiana que apareceu em *A paz conjugal*, morreu em 1837. [ «« » ]

47. *Henrique III* (1551-1589), rei da Polônia e da França, homem de costumes dissolutos, vivia rodeado de cortesãos efeminados, sendo que um dos seus passatempos preferidos era sair em companhia desses *mignons*, disfarçados, como ele, em mulheres. Morreu assassinado pelo dominicano Jacques Clément. — A *Margarida* de que se trata aqui é uma das noras de Felipe, o Belo, famosas por sua vida desregrada. Acabou a vida na prisão, onde o marido a mandou estrangular, ao passo que vários de seus amantes foram cruelmente justicados. [ «« » ]

48. O *jornal dos legitimistas: La Gazette de France*, instalado no n. 2 da Rue du Doyenné. [ «« » ]

49. *Cambacérès*: Jean-Jacques de Cambacérès (1753-1824), segundo-cônsul durante o Diretório, arquichanceler do Império; morou até 1808 no palácio de Créqui e Elbeuf na Rue du Doyenné. [ «« » ]

50. *Dunquerque*: espécie de prateleira em que se põem curiosidades, bugigangas etc. [ «« » ]

51. Entre essas celebridades parisienses, *Voltaire* morreu em 1778; o físico e aeronauta *Pilâtre de Rozier*, em 1785; o banqueiro *Nicolas Beaujon*, em 1786; o ator *François-René Molé* e a cantora *Sophie Arnould*, em 1802; e *Robespierre*, em 1794. A visita de *Benjamin Franklin* a Paris deu-se em 1777, quando veio negociar a aliança de Luís XVI com a nova república dos Estados Unidos. O *Marcel* a quem Balzac se refere aqui foi o professor de dança de Luís XV. Observemos, por outro lado, que a ação deste romance se desenrola entre 1838 e 1844. [ «« » ]

52. *Kosciuszko*: Tadeusz Kosciuszko (1746-1817), general polaco, chefe de várias insurreições contra os russos; teria pronunciado estas palavras latinas (em português: “Fim da Polônia”) em 10 de outubro de 1794, na batalha fatal de Maciejowice. [ «« » ]

53. *Sou*: moeda francesa correspondente a cinco centimos, isto é, a um vigésimo do franco. [ «« » ]

54. *Stidmann*: personagem balzaquiana, escultor e decorador; foi quem decorou a casa de Fabiano du Ronceret (*Beatriz*). [ «« » ]

55. Na Rue de Clichy havia uma prisão especial para os que não pagavam as suas dívidas. [ «« » ]

56. *Meu velho Lumignon*: parece que Stidmann dá esse nome a Chanor por troça. A palavra *lumignon* significa em francês “toco de vela” e, em sentido pejorativo, “lâmpada de luz fraca”. [ «« » ]

57. *Chaumière*: lugar público de bailes no Boulevard Montparnasse, no meio de um parque, frequentado sobretudo por artistas e estudantes, e pelas *grisettes*, suas amigas. — Quanto às imediações da igreja Notre-Dame de Lorette, eram um bairro de prostitutas (daí o substantivo *lorette*, “mulher de vida equívoca”). [ «« » ]

58. Em *A tempestade*, obra-prima da maturidade de Shakespeare, vemos Próspero, o duque de Milão, exilado de seu reino, aportar a uma ilha deserta, onde, com seu poder de mágico, submete dois seres sobrenaturais: o bom, leve e gracioso Ariel, espírito do ar, e o mau, pesado e disforme Caliban, espírito da terra. [ «« » ]

59. O *Jardin des Plantes* de Paris é, ao mesmo tempo, jardim botânico e zoológico. [ «« » ]

60. Personagens todas de *A comédia humana: Heloísa Brisetout*, que aparece aqui a primeira vez; *Bixiou*, o ilustre caricaturista e mistificador, já encontrado em vários

romances, que impediu o brilhante casamento almejado por Felipe Bridau (*Um conchego de solteirão*); *Lousteau*, o jornalista de talento e sem caráter que seduziu Diná de la Baudraye (*A musa do departamento*); *Leão de Lora*, pintor, o divertido Mistigris da memorável viagem de Paris a Presles, contada em *Uma estreia na vida*; *De Vernisset*, poeta da escola angélica, um dos adoradores da sra. Schontz (*Beatriz*). [ « » ]

61. *Patito* (em italiano no original): “cavalheiro servente” ou “chichisbéu”, namorado que suporta com paciência os caprichos da sua dama. [ « » ]

62. Todos pintores famosos; entre eles: *Greuze* (1725-1805), francês, autor de delicados quadros de gênero; *Watteau* (1684-1721), francês, que tratava de preferência assuntos campestres, festas galantes etc.; *Ruysdael* (1628-1682), holandês, paisagista; Gaspard Dughet, dito o *Guaspre* (1613-1675), francês, paisagista; *Holbein* (1497-1543), alemão, retratista; *Teniers*, pai (1582-1649) e filho (1610-1690), flamengos, autores de cenas populares; *Metzu* (1630-1669), holandês, pintor de interiores, cenas familiares etc.; *Van Huysum* (1682-1749), holandês, especializado em quadros de flores; *Abraham Mignon* (1640-1670), pintor de flores e animais. [ « » ]

63. Todos personagens balzaquianas. Lembremos que *Viturniano d'Esgrignon* é protagonista de *O gabinete das antiguidades*; *Máximo de Trailles* aparece em *Gobseck*, como amante da condessa de Restaud; o *duque de Lenoncourt-Givry* é o marido do Lírio do Vale; o *duque de Verneuil* desempenha papel episódico em *Modesta Mignon*; o *conde Laginski* e *Málaga* figuram em *A falsa amante*; o *conde de Rochefide*, *La Palférine*, *Antônia* e a *Schontz*, em *Beatriz*; *Carabina* terá a sua vez em *Os comediantes sem o saberem*. [ « » ]

64. *Chamam-te Hulot! Não te conheço mais*: paródia de um verso do *Horácio*, de Corneille: “*Albe vous a nommé, je ne vous connais plus*” (ato II, cena 3). [ « » ]

65. *Sauce*: Jean-Baptiste Sauce, subprefeito de Varennes; prendeu Luís XVI em 20 de junho de 1791, durante sua tentativa de fuga. [ « » ]

66. *Cavaleiro Bayard*: Pierre Bayard (1473-1524), célebre capitão francês, modelo de bravura e virtudes cavaleirescas. [ « » ]

67. *Príncipe Eugênio*: Eugène de Beauharnais, filho da imperatriz Josefina, vice-rei da Itália. [ « » ]

68. *Nec plus ultra* (expressão latina): “o último limite”. [ « » ]

69. No Direito pré-revolucionário um imóvel podia ser deixado ao sucessor do herdeiro legítimo; era o que se chamava um imóvel substituído. Por outro lado, o morgadio era uma propriedade imobiliária inalienável, cujas rendas se destinavam especialmente, em virtude de uma autorização do soberano, a sustentar um título nobiliárquico e a serem transmitidas perpetuamente, na linha masculina, por ordem de primogenitura. O sistema, abolido pela Revolução Francesa, foi restabelecido por Napoleão em 1806 e mantido durante a Restauração; a partir da Revolução de Julho de 1830 voltou a ser abolido progressivamente. [ « » ]

70. *O mal vem de mais longe*: em francês, “*Mon mal vient de plus loin*”, hemistíquio da *Fedra*, de Racine (ato I, cena 3). [ « » ]

71. *Père-Lachaise*: o monumental cemitério de Paris, cujo nome vem do padre La Chaise, confessor de Luís XIV, proprietário dos terrenos depois expropriados para neles se instalar a necrópole. [ « » ]

72. *O príncipe real*: Fernando Felipe, duque de Orléans, filho mais velho de Luís Felipe; era amigo das artes e protetor dos artistas. [ « » ]

73. *Canova*: Antonio Canova (1757-1822), escultor italiano, chefe da escola clássica, autor de *Amor e Psique*, de *Paulina Borghese* etc. [ « » ]

74. *Terburg*: Gérard Terburg ou Terborch (1617-1681), pintor holandês, autor sobretudo de quadros de gênero. [ «« » ]

75. *Uma senhora comme il faut*: uma senhora irrepreensível. Os leitores devem estar lembrados da pilhérica distinção que o próprio Balzac estabelece, em *Outro estudo de mulher*, entre as mulheres *comme il faut* (“como devem ser”) e *comme il en faut* (“como deve haver”). [ «« » ]

76. *Rocher de Cancale*: Au Rocher de Cancale, restaurante famoso da Rue Montorgueil, entre cujos frequentadores assíduos convém lembrar Brillat-Savarin, autor da *Fisiologia do paladar*. [ «« » ]

77. Alusão à lenda de Dânae, a linda princesa de Argos, a quem o pai, Acrísio, mantinha encerrada numa torre de bronze para afastar dela os amantes. Júpiter, apaixonado da beldade, introduziu-se na prisão sob a forma de uma chuva de ouro. [ «« » ]

78. *Sr. de Turenne*: o visconde de Turenne (1611-1675), marechal da França que comandou o Exército francês durante as guerras da Devolução e da Holanda e conquistou a Alsace em 1675, distinguia-se pela rapidez e pela ousadia de seus ataques. [ «« » ]

79. *Sain*: Daniel Sain (1783-1847), retratista e miniaturista — *Augustin*: J. B. Augustin (1759-1832), pintor em esmalte e miniaturista muito estimado durante o Império. [ «« » ]

80. *Charenton*: cidadezinha do departamento do Seine, onde havia um grande asilo de alienados. [ «« » ]

81. *A parábola da panela de barro contra a panela de ferro*, já contida no *Eclesiastes*, forneceu também uma fábula a La Fontaine (livro v, fáb. 2). A segunda dessas panelas convidou a primeira a fazerem uma viagem juntas. Naturalmente bastaram os primeiros solavancos para a panela de barro se quebrar, ao chocar-se com a companheira mais dura. Moral da fábula: “Associemo-nos unicamente com os nossos semelhantes”. [ «« » ]

82. Balzac está se referindo provavelmente às figuras de meninos que fazem parte do grupo simbólico de estátuas que representa o Loire acompanhado do Loiret, e ainda visível no Jardin des Tuileries. [ «« » ]

83. *1830*: a revolução burguesa de julho de 1830, que pôs fim ao absolutismo de Carlos x e colocou em seu lugar o regime liberal de Luís Felipe. — *1793*: a Grande Revolução Francesa. [ «« » ]

84. *Iago*: personagem de *Otelo*, de Shakespeare; intrigante e cínico, é ele que, excitando o ciúme de Otelo, o leva a assassinar a esposa, Desdêmona. — *Ricardo III*: rei da Inglaterra, protagonista de outro drama de Shakespeare, tipo do tirano a quem a ambição leva às piores crueldades. [ «« » ]

85. *Magna parens rerum* (em latim): “Grande mãe das coisas”. A tradução de Balzac é inexata. — *Moicano*: membro de uma tribo autóctone de índios dos Estados Unidos, já extinta, e que granjeou celebridade na Europa graças aos romances de Fenimore Cooper. [ «« » ]

86. *Como pertença ao partido do centro, gostaria de ver o centro de Paris...* No original, o trocadilho do sr. Rivet versa sobre a expressão *juste milieu*, usada por Luís Felipe ([ver a nota 23](#)). [ «« » ]

87. *Estilo rocaille*: estilo ornamental da época de Luís xv; procurava imitar, no mobiliário, grutas, rochedos, conchas. [ «« » ]

88. *Pedro Grassou*: personagem balzaquiana, protagonista de narrativa desse nome, no

vol. 9 da presente edição. [ «« » ]

89. *Boule*: André-Charles Boule (1642-1732), famoso marceneiro que se especializou na combinação, em seus móveis, de madeiras de várias espécies, e em incrustações de metais preciosos. [ «« » ]

90. *Chevet*: negociante de comestíveis estabelecido na galeria envidraçada do Palais-Royal; fornecedor da Corte. [ «« » ]

91. *Zaïra*: drama de Voltaire (1732), cujo assunto é o amor trágico do sultão Orosmane a Zaïra, prisioneira cristã, a quem ele mata, num acesso de ciúme. [ «« » ]

92. *Déjazet*: Pauline-Virginie Déjazet (1797-1875), atriz famosa pelo talento e pelo espírito assim como pela licenciosidade dos costumes. [ «« » ]

93. *Agar*: personagem bíblica, escrava egípcia de Abraão, de quem teve um filho, Ismael. [ «« » ]

94. *Parc-aux-cerfs*: casa de campo onde Luís xv ia visitar, incógnito, uma ou várias amantes não identificadas. [ «« » ]

95. *Bellegarde*: Roger de Saint-Lary, mais tarde duque de Bellegarde (1562-1646), cortesão de Henrique iv, a quem apresentou a própria amante, Gabrielle de Estrée, que se tornou amante do rei sem abandonar o primeiro namorado, coisa que Henrique iv sabia e aceitava. [ «« » ]

96. *Liard*: antiga moeda de cobre, que valia a quarta parte de um *sou*, quer dizer, 1,25 cêntimos. [ «« » ]

97. *Leão de Lora*: personagem de *A comédia humana*, ilustre pintor; conhecemo-lo quando era ainda aprendiz e atendia pela alcinha de Mistigris, em *Uma estreia na vida*. — *José Bridau*: outro pintor inventado por Balzac; protagonista de *Um conchego de solteirão*. [ «« » ]

98. *Um negociante de carne humana*: sargento que arrolava os recrutas e que podia aceitar, em vez das pessoas abastadas, substitutos pagos. [ «« » ]

99. *O pequeno caporal*: nome dado a Napoleão por seus soldados; a alusão refere-se à Expedição do Egito (1798-99). [ «« » ]

100. *Achur*: nome de um imposto pago pelos nativos da Argélia ao governo francês e baseado na produção agrícola. [ «« » ]

101. *Spahi*: cavaleiro de um regimento africano a serviço da França, composto, em sua maioria, de nativos. [ «« » ]

102. Além de pronunciar o verso com seu sotaque horrível, Nucingen altera-o, pois o verso mais parecido com a sua citação é ainda bastante diferente: “Sinto que de sua dor eu poderia compadecer-me” (“*Je sens qu’à sa douleur je pourrais compatir*”, de *Bérénice*, de Racine, e não: “*Je connais ce malheur et j’y sais compatir*”). [ «« » ]

103. *In fiocchi*: expressão italiana usada em francês, e que significa “em trajes de gala”. [ «« » ]

104. *Sejamos amigos, Cinnal*: frase famosa do *Cinna*, de Corneille, atribuída ao imperador Augusto, que generosamente perdoa a quem conspirou contra ele. [ «« » ]

105. *Fabert*: marquês Abraham de Fabert (1599-1662), capitão de Luís xiii e Luís xiv; entre outras façanhas, em 1654 forçou a cidade de Stenay a capitular; nomeado em 1658 marechal da França. [ «« » ]

106. *Correggio*: apelido de Antonio Allegre (1494-1534), ilustre pintor italiano nascido em Correggio; autor, entre outros quadros, de uma grandiosa *Ascensão da Virgem*. [ «« » ]

107. *Laís*: famosa cortesã grega, do século v a.c. [ «« ]

108. *Sophie Arnould*: cantora da Ópera de Paris (1744-1802), notável pela beleza e pelo espírito. [ «« ]

109. O caso da sra. Colleville e do banqueiro Keller será contado em *Os empregados*, ao passo que os amores da sra. de La Baudraye e Lousteau constituíram o assunto de *A musa do departamento*. [ «« ]

110. O nome de Maquiavel (1469-1527), político e historiador florentino, autor do tratado *O príncipe*, é empregado aqui, como tantas vezes acontece (aliás injustamente), como sinônimo de intrigante inescrupuloso. [ «« ]

111. *As Schontz, as Málaga, as Jenny Cadine*: [ver a nota 18](#). [ «« ]

112. *Trinta-e-quarenta*: nome de um jogo de azar, e, por extensão, casa de jogo. [ «« ]

113. *Cláudio Vignon*: protagonista de *A comédia humana*; ilustre crítico literário, ex-amante da srta. des Touches (*Beatriz*). [ «« ]

114. *Tântalo*: personagem mitológica; por ter ofendido os deuses, foi precipitado por Júpiter ao Tártaro e condenado a viver eternamente no meio de um rio cuja água lhe escapa sempre aos lábios, debaixo de árvores que levantam os ramos cada vez que lhes deseja colher os frutos. [ «« ]

115. *Luís XII*: viúvo de Ana de Bretanha, casou-se pela segunda vez, aos cinquenta e quatro anos, com a jovem Maria de Inglaterra, irmã de Henrique VIII, e cujo temperamento ardente deve ter contribuído para a morte do rei apenas três meses depois do casamento. [ «« ]

116. *A Freira Sangrenta* é o espectro de uma religiosa devassa que aparece em *Ambrósio ou O monge*, romance horrífico de Lewis (1795). O episódio foi aproveitado por Bourgeois e Maillan num melodrama intitulado *A freira sangrenta* (1835). [ «« ]

117. *Lucas Cranach* (1472-1553): grande pintor e gravador alemão, autor de famosos retratos. — *Jan Van Eyck* (1375?-1440?): autor, com seu irmão Hubert, do célebre políptico *O cordeiro místico*, na catedral de Gand, e um dos criadores da arte flamenga. [ «« ]

118. Ísis: deusa da religião egípcia, irmã e mulher de Osíris; deusa da medicina, da triticultura, do casamento. [ «« ]

119. *Prêmio Montyon*: prêmio para recompensar ações virtuosas, distribuído anualmente, ainda hoje, pelo Instituto de França; instituído pelo barão Auger de Montyon (1733-1820), referendário no Conselho de Estado e intendente-geral da Auvergne. [ «« ]

120. *A antiga pilhéria da asa do cesto*. Alusão à frase, ainda em uso, “*faire danser l'anse du panier*” (literalmente: fazer dançar a asa do cesto): “[a empregada] roubar nas contas da despesa diária”. [ «« ]

121. *Jacob Desmalters* ou *Desmalter* (1770-1841): marceneiro de grande renome, que introduziu no mobiliário o estilo Império. [ «« ]

122. *Robert Lefebvre* (1756-1830): ilustre retratista, pintor de Napoleão, Luís XVIII e Carlos X. [ «« ]

123. *Imitação de Cristo*: o mais famoso dos livros de piedade, obra anônima, em latim, atribuída a Thomas Kempis. [ «« ]

124. *Pont-Neuf*: contrariamente ao que o nome faria supor, uma das pontes mais antigas de Paris, construída entre 1578 e 1607. [ «« ]

125. *Otelo*: personagem do drama deste nome, de Shakespeare; é um general mouro ao

serviço da República de Veneza. [ «« ]

126. O *senhor tem copas*! há no texto francês, “*Vous avez du cœur!*”, trocadilho intraduzível, pois *cœur* significa ao mesmo tempo “coração” e “copas” (naipe de cartas). [ «« ]

127. *Murat*: Joachim Murat (1765 -1815), cunhado de Napoleão e marechal da França; chefe da Expedição da Espanha, tomou Madri em 1808; rei de Nápoles de 1808 a 1815. [ «« ]

128. O *duque d'Hérouville*, como os leitores de *Modesta Mignon* devem estar lembrados, era um homem de grande distinção, culto e espirituoso, mas tinha uma grande deformidade física: era quase um anão. [ «« ]

129. *Mirabeau*: Honoré Gabriel Mirabeau (1749 -1791), o orador mais famoso da Revolução, era homem de físico imponente, tipo autêntico de tribuno. [ «« ]

130. O jogo público foi proibido em 1837. Em vários romances de Balzac, cuja ação é anterior a essa data, encontramos a descrição de casas de jogo (*A pele de onagro*, *Esplendores e misérias das cortesãs* etc.). [ «« ]

131. O *Mouro de Veneza* ou *Otelo* ([ver a nota 125](#)) é a encarnação do ciúme. — *Saint-Preux*, protagonista de *A nova Heloísa*, de Rousseau, é símbolo, aqui, do amor feliz. [ «« ]

132. *A Orléans*: trata-se da Estrada de Ferro Paris-Orléans, cuja primeira linha fora construída, havia pouco, por uma companhia particular. As ações, na época em que se desenrola a ação do romance, estavam em baixa: quando Balzac escreveu *A prima Bete*, encontravam-se em alta. [ «« ]

133. *Marechal de Richelieu*: Armand du Plessis, duque de Richelieu (1696 -1788), sobrinho-neto do cardeal; diplomata e capitão, célebre por seu espírito e sua libertinagem. [ «« ]

134. *As relações perigosas*: romance em cartas, da autoria de Choderlos de Laclos, publicado em 1782; estudo penetrante e cínico de algumas personagens devassas e perversas da alta sociedade. Do romance temos traduções em Língua Portuguesa de Carlos Drummond de Andrade, Osório Borba e Sérgio Milliet. [ «« ]

135. O título de sua peça que se refere a teu caso é *O corno imaginário* (*Le cocu imaginaire*) que é de 1660. [ «« ]

136. Na *Place du Châtelet* erguia-se, até 1802, o Grand Châtelet, que era a sede da jurisdição criminal de Paris. [ «« ]

137. *Canillac*: Philippe de Montbrison de Beaufort, marquês de Canillac (1669 -1764), general francês amigo de Felipe de Orléans e personagem típico da Regência ([ver a nota 12](#)), conhecido por suas aventuras galantes, sua brilhante conversação, seu espírito e sua preguiça. — *Trumeau*: personagem que não foi possível identificar; provavelmente outro amigo do regente. — *Du Barry*: [ver a nota 26](#). — *Madame Pompadour*, em solteira Antoinette Poisson (1721-1764): famosa favorita de Luís xv, sobre cuja política exerceu influência decisiva. — Os lugares-tenentes gerais de polícia (posto criado por Colbert em 1667 e que durou cento e vinte e dois anos) eram encarregados da polícia dos costumes e podiam proferir sentenças em caso de flagrante. [ «« ]

138. *Sileno*: na mitologia antiga, deus frígio, pai dos sátiros. [ «« ]

139. *Gubetta*: personagem de *Lucrecia Borgia*, drama de Victor Hugo. [ «« ]

140. *Arnal*: Étienne Arnal (1794-1872), ator cômico; seu papel mais notável foi o de Jocrisse, cujo tipo ele rejuvenesceu. [ «« ]



141. *Susana entre dois velhos*: alusão a um episódio do Antigo Testamento em que é contado que Susana, bela e rica mulher, era cobiçada por dois velhos magistrados que a surpreenderam no banho. Por ter resistido a eles, os dois acusaram-na de haver cometido adultério; ia ser apedrejada, quando a sabedoria do jovem profeta Daniel a salvou. [ «« » ]

142. Os *sármatas* eram um povo antigo, espalhado desde o Báltico ao norte do Ponto Euxino, cujo poder foi destruído pelos godos no século III; a seguir, fundiram-se com os eslavos. Balzac utiliza aqui a palavra como sinônimo de “eslavo” e até de “polaco”. [ «« » ]

143. Segundo a lenda, no século IV a.C. um tremor de terra abriu perto do Foro de Roma um abismo, que não foi possível aterrar. Os áugures declararam que para isso era preciso enterrar nele a força de Roma. *Marco Cúrcio*, julgando que a força de Roma consistia na coragem e nas armas, resolveu sacrificar-se e, armado, a cavalo, precipitou-se no abismo, o qual, depois disso, desapareceu. [ «« » ]

144. *Rossini*: Gioacchino Rossini (1792-1868), o célebre compositor de *O barbeiro de Sevilha*, de *Moisés* etc., vivia em Paris e era amigo de Balzac, o qual lhe dedicou *O contrato de casamento*. [ «« » ]

145. *Murat*: [ver a nota 127](#). [ «« » ]

146. *Francisco I*, rei da França de 1515 a 1547, foi grande protetor das letras e das artes, e muito contribuiu para o brilho da Renascença, chamando para a sua corte Leonardo da Vinci, Benvenuto Cellini, Andrea del Sarro e outros; fundou o College de France e a Imprensa Nacional de Paris. — *Luís XIV*, o Rei-Sol, prestigiou igualmente os melhores literatos e artistas da época: Corneille, Racine, Molière, La Fontaine, Boileau, La Bruyère, Saint-Simon, Pascal, Poussin, Le Lorrain, Mansart etc. — *Papa Leão X* (João de Médicis), grande admirador da Antiguidade, rodeou-se também de uma plêiade de artistas, o maior dos quais foi Rafael. [ «« » ]

147. *Fídias* (século V a.C.): escultor grego, o maior da Antiguidade. [ «« » ]

148. *Prometeu*, filho de um titã e irmão de Atlas, segundo a mitologia formou o homem do limo da terra e, para animá-lo, roubou o fogo do céu. Sofreu, por isso, terrível castigo: por ordem de Júpiter, foi acorrentado por Vulcano ao Cáucaso, onde um abutre vinha devorar-lhe o fígado, até que Hércules o libertou. [ «« » ]

149. *Michel Colombe* (1430 -1512): escultor francês, autor do túmulo de Francisco II de Bretanha, em Nantes. — *Jean Goujon* (1510 -1568): arquiteto francês; tomou parte na decoração do Louvre. — *Praxíteles* (século IV a.C.): escultor grego, autor de ilustres estátuas de Vênus. — *Policleto* (século V a.C.): escultor e arquiteto grego, autor do *Doríforo*. — *Albrecht Dürer* (1471-1538): pintor e gravador alemão, um dos maiores artistas de todos os tempos, aperfeiçoador das artes da xilogravura e da água-forte. [ «« » ]

150. *Figaro*: personagem de duas comédias de Beaumarchais, *O barbeiro de Sevilha* e *O casamento de Figaro*; tipo do criado intrigante e espirituoso. — *Lovelace*: personagem de *Clarissa Harlowe*, de Richardson; tipo do sedutor. — *Manon Lescaut*: personagem do romance do mesmo nome e da autoria do abade Prévost, tipo da meretriz encantadora e fatal. [ «« » ]

151. *A Polímnia* (musa da poesia sagrada) é uma estátua de mármore branco existente no Louvre; *a Júlia* é uma Juno representada sob os traços de Júlia, filha de Augusto. [ «« » ]

152. Acerca da sra. Schontz e de seu casamento [ver a nota 18](#). [ «« » ]

153. *Calipso*: ninfa, rainha da ilha de Ogígia, no mar Jônico; segundo a *Odisseia*, de



Homero, acolheu Ulisses náufrago e deteve-o sete anos. Aparece também nas *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, em que recebe Telêmaco, filho de Ulisses, em sua peregrinação à procura do pai. [ «« » ]

154. *Austerlitz*: cidade da Morávia onde Napoleão obteve sua maior vitória sobre os exércitos austríaco e russo, em 2 de dezembro de 1805. [ «« » ]

155. *Assassina*: nome que se dava, nos séculos XVII e XVIII, ao sinal postigo que as mulheres usavam debaixo dos olhos. [ «« » ]

156. *Beauvisage*: personagem de *A comédia humana*; protagonista de *O deputado de Arcis*. [ «« » ]

157. *Giraud*: personagem de *A comédia humana*, o filósofo do Cenáculo descrito em *Ilusões perdidas*, diretor de um jornal oposicionista, de tendências liberais. [ «« » ]

158. *Sra. de Maintenon*: Françoise d' Aubigné (1635-1719), encarregada da educação dos filhos de Luís XIV e da sra. Montespan, suplantou a esta última e fez-se desposar pelo rei em 1684. Depois desse casamento (secreto), mostrou-se excessivamente austera e devota, e transmitiu a Luís XIV forte influência clerical. [ «« » ]

159. *Ninon*: Ninon de Lenclos. [Ver a nota 28](#). [ «« » ]

160. *Carabosse*: fada velha, feia, corcunda e malfazeja, que só dava presentes nefastos. [ «« » ]

161. *Luís XI*: rei da França de 1461 a 1483, monarca autoritário e sem escrúpulos, mas fundador da unidade nacional da França pelas enérgicas medidas com que pôs fim ao poder da nobreza. [ «« » ]

162. *Manon*: [ver a nota 150](#) — *Íris*: na mitologia, mensageira dos deuses, representada com asas. — *Cloé*: cortesã cantada por Horácio. [ «« » ]

163. *Célimène*: personagem de *O misantropo*, de Molière; tipo da mulher faceira, bonita, espirituosa e desembaraçada. [ «« » ]

164. *Ônfale*: rainha lendária da Lídia; casou com Hércules depois de tê-lo constrangido a ficar a seus pés vestido de mulher. [ «« » ]

165. *A obra de Spinoza* a que Balzac se refere é o *Tratado teológico-político* (capítulos VIII a X). [ «« » ]

166. *Mário*: Caio Mário (156-86 a.c.), general romano, chefe do partido popular. Condenado à morte por seu rival vitorioso, Sila, conseguiu evadir-se, chegando ao lugar onde outrora se erguera Cartago. Convidado pouco depois pelo pretor da província a abandoná-la, disse ao mensageiro desse magistrado: “Dize ao pretor que viste Mário fugitivo sentado sobre as ruínas de Cartago”. [ «« » ]

167. *Camille Maupin*: pseudônimo literário da srta. des Touches, personagem de *Beatriz*. [ «« » ]

168. Alusão a *Fedra*, tragédia de Racine, cuja cena culminante é aquela em que Fedra, esposa de Teseu, declara apaixonadamente seu amor ao enteado, Hipólito, que a ouve com repugnância. [ «« » ]

169. *Madeleine*: igreja de Paris, construída de 1764 a 1842, no bulevar do mesmo nome. [ «« » ]

170. *Fructus belli* (em latim no original): “fruto da guerra”. [ «« » ]

171. Os *áugures*, sacerdotes da religião romana que tiravam presságios do voo dos pássaros, do apetite dos pintos sagrados etc., tinham um grande poder, pois não se tomava nenhuma decisão pública de certa importância sem consultá-los. Os inúmeros abusos que essa prática facilitava faziam dizer a Cícero que não entendia como dois

áugures, ao se encontrarem, não se pusessem a rir. [ «« » ]

172. *Heitor*, filho de Príamo, e defensor principal de Troia, é um dos protagonistas da *Iliada*, de Homero (século IX a.C.). [ «« » ]

173. *A sra. de Merteuil*: aristocrata amoral, pervertida e intrigante, que encontra um prazer sádico em corromper as pessoas virtuosas; personagem de *As relações perigosas*, de Choderlos de Laclos. (Ver a nota 134.) [ «« » ]

174. Uma das raras homenagens de Balzac ao “rei burguês”, Luís Felipe, cuja vida familiar exemplar constituía exceção na história íntima da monarquia francesa, cheia de ligações escandalosas. [ «« » ]

175. *A dotação passará ou não?*: alusão aos debates acesos da Câmara em 1840, quando a oposição conseguiu vedar a votação de um crédito de quinhentos mil francos anuais para o duque de Nemours, segundo filho de Luís Felipe. [ «« » ]

176. *A nova Heloísa ou Júlia*: personagem do romance deste título, de Jean-Jacques Rousseau, escrito em forma de cartas apaixonadas e sentimentais. [ «« » ]

177. *Jan*: Alphonse Laurent-Jan (1809-1897), pintor, decorador, jornalista e crítico, que foi amigo de Balzac, seu secretário durante algum tempo e seu colaborador na peça *Vautrin*, que lhe é dedicada. Colocando-lhe o nome num trecho de tamanha tensão e sem muito a *propos*, Balzac parece querer pagar uma dívida pelo menos de amizade. [ «« » ]

178. Esta paixão é contada em *Esplendores e misérias das cortesãs*. [ «« » ]

179. *O homem superior como o imbecil, um Hulot como um Crevel*: segundo observa Jean-Bertrand Barrère no curioso artigo citado em nossa Introdução, é neste trecho que se patenteia melhor a identificação Heitor Hulot-Victor Hugo, existente no espírito de Balzac. É impossível, com efeito, que a esta altura da narrativa Balzac ainda qualifique Hulot de “homem superior”; o epíteto só conviria a Hugo. [ «« » ]

180. O subtenente, mais tarde marechal *Cottin*, obteve sob o Império o título do príncipe de Wissembourg. [ «« » ]

181. *O reino de Luís XV* foi uma época de costumes extremamente dissolutos. [ «« » ]

182. *A Carta de 1830*: na realidade a Carta Constitucional de 1814, outorgada por Luís XVIII e reformada, em sentido mais liberal, por Luís Felipe, em 1830. [ «« » ]

183. Esta frase de Molière é dita, na realidade, não por Gros-René, mas por Alain, em *A escola das mulheres* (ato II, cena 3): “La femme est en effet le potage de l’homme”. [ «« » ]

184. *Carême*: Marc-Antoine Carême (1784-1833), famoso cozinheiro, autor de obras de gastronomia. [ «« » ]

185. *Marquesa de Pescara*: em solteira princesa Vittoria Colonna (1492-1547), ilustre poetisa italiana, a qual, após a morte do marido, ocorrida em 1525 numa batalha, permaneceu fiel à sua memória, tendo recusado vários pretendentes. [ «« » ]

186. *As Danaides*, da mitologia antiga, eram as cinquenta filhas do rei Dânao, que na noite de suas núpcias mataram os maridos e foram por isso condenadas a encher, no Inferno, um tonel sem fundo. [ «« » ]

187. *Dubois*: Guillaume Dubois (1656-1723), político e prelado francês, educador do duque de Orléans, o qual, quando nomeado regente, o fez seu primeiro-ministro. Homem de espírito vivo e de costumes pouco recomendáveis, herói de vasto anedotário, Dubois notabilizou-se pelos esforços com que conseguiu o chapéu de cardeal. O fato a que Balzac faz alusão aqui, pela segunda vez (a primeira foi em *A musa do departamento* — vol. 6), ocorreu, segundo Maurice Allem, no decorrer de uma

aventura galante em que o regente e Dubois trocaram papéis; o prelado, então, teria abusado de sua momentânea situação superior, dando ao príncipe uma surra em regra. [ «« » ]

188. *Hic et nunc* (locução latina): “aqui e agora”, isto é, “agora mesmo”. [ «« » ]

189. *Deus dos judeus, tu vences*: palavras pronunciadas por Athalie, na peça do mesmo nome, de Racine (ato v, cena 6), aliás num sentido bem diferente do que lhes dá Crevel. [ «« » ]

190. *Egéria*: ninfa de quem Numa Pompílio, rei de Roma, ia receber conselhos, no bosque de Arícia. — *Nosso ilustre ministro atual*: alusão a Guizot, cuja “Egéria” era a condessa de Lieven, viúva de um general russo, embaixador em Berlim. [ «« » ]

191. *A sibila de escumas*: Crevel, cuja primeira “rata” não se fez esperar muito, quer dizer “a sibila de Cumas”, célebre pitonisa da Antiguidade; não consta, porém, que Numa a tenha consultado. [ «« » ]

192. As mulhees da alta sociedade usavam turbantes durante o Império. [ «« » ]

193. *Marechal de Richelieu*: Armand du Plessis, duque de Richelieu (1696-1788), capitão francês famoso pela sua devassidão e pelo seu espírito. Na Guerra da Sucessão da Polónia ocupou e saqueou a cidade de Hannover. — *Lovelace*: nome do sedutor em *Clarissa Harlowe*, romance de Richardson. [ «« » ]

194. *Casaquinho azul*: nome que o povo dava a um filantropo desconhecido que, vestido dessa indumentária, distribuía comida aos pobres nas margens do Sena. Soube-se, mais tarde, ser ele o joalheiro Edmé Champion, homem de origem modesta e que, órfão, fora educado pela caridade pública, e se julgava no dever de ser caridoso por sua vez. [ «« » ]

195. *In fiocchi* (em italiano): “em traje de gala”. [ «« » ]

196. *Arcole*: cidade italiana perto do rio Adige, cena de violenta batalha entre austríacos e franceses em 1796; a chave da situação era a ponte, em cuja defesa Napoleão se portou com muita valentia e pela qual um triz não pereceu. [ «« » ]

197. *Bernadotte*: Charles Bernadotte (1763-1844), marechal da França, o qual, adotado por Carlos XIII, se tornou rei da Suécia sob o nome de Carlos XIV. [ «« » ]

198. Alusão a um caso muito comentado na época, a condenação do tesoureiro-geral Kessner pelo desfalque de quatro milhões e quinhentos mil francos pertencentes ao Estado. [ «« » ]

199. *Berezina*: rio da Rússia, afluente do Dniepre; sua travessia custou a Napoleão, durante a retirada de 1812, a metade de seu exército. [ «« » ]

200. *Sganarelle*: personagem de Molière em *O médico à força*, a quem sua mulher faz passar por médico; ao examinar uma doente, primeiro pergunta se os presentes sabem falar latim. Sendo negativa a resposta, cria coragem para exhibir o seu latim algo macarrônico. [ «« » ]

201. *Marcial de la Roche-Hugon*: personagem balzaquiana, protagonista de *A paz conjugal*. — *Massol*: personagem balzaquiana; já apareceu em *Esplendores e misérias das cortesãs* e em *Uma filha de Eva*. [ «« » ]

202. O verso parodiado é este: “*Nos prêtres ne sont pas ce qu'un vain peuple pense*” (*Édipo*, ato iv, cena 1). [ «« » ]

203. *Beau-Pied*: personagem balzaquiana, veterano das forças republicanas que combateram a insurreição monarquista da Bretanha. — Ver *A Bretanha em 1799*. [ «« » ]

204. *Vandamme*: Dominique-René Vandamme, conde de Hunebourg (1770-1830), que,

cercado pelos russos na batalha de Kulm em 1813, foi levado prisioneiro à Sibéria; libertado no ano seguinte, voltou à França. [ «« » ]

205. *Condé*: Luís II, príncipe de Condé (1621-1686), o maior general da monarquia francesa. [ «« » ]

206. *Hannequin*: personagem de *A comédia humana*, amigo íntimo de Alberto Savarus. [ «« » ]

207. *Azuís*: nome que se dava aos soldados da República, por causa da cor de seu uniforme. [ «« » ]

208. Ver *A Bretanha em 1799*. [ «« » ]

209. *Madame*: duquesa de Berry (1798-1870), viúva do filho secundogênito de Carlos X e filha de Francisco I de Nápoles; em 1832 tentou levantar a Vendaia contra Luís Felipe, mas foi vencida e encarcerada. [ «« » ]

210. A cortesã *Ninon de Lenclos* ([ver a nota 28](#)) conservou escrupulosamente o valioso depósito que Gourville, um de seus amantes, lhe confiara antes de partir em viagem. [ «« » ]

211. *É Vênus, toda agarrada à sua presa*: verso da *Fedra* de Racine (ato I, cena 3); no original: “*C’est Vénus tout entière à sa proie attachée*”. [ «« » ]

212. *Ambigu-Comique*: teatro de *vaudevilles* e melodramas no Boulevard du Temple. [ «« » ]

213. *Casar-te-ás com ela na décima terceira circunscrição*. [Ver a nota 22](#). [ «« » ]

214. *Mabille*: lugar público de bailes, nos Champs-Élysées, cuja frequência não era das mais seletas. [ «« » ]

215. *D’Aiglemont*: personagem de *A comédia humana*, marido da Mulher de Trinta Anos. [ «« » ]

216. *Bartolo*: personagem de *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais; tipo do tutor desconfiado, ciumento de sua pupila. [ «« » ]

217. Estas mulheres são personagens de *A comédia humana*, todas — salvo a *sra. de Navarreins* — já encontradas em outros romances. — A *sra. Popinot* é Cesarina Birotteau, filha do perfumista. — A *sra. de Rastignac* é Augusta de Nucingen, filha do banqueiro Nucingen e de Delfina Goriot; o ambicioso Rastignac, com efeito, não hesitara em casar com a filha da amante. — A *sra. d’Espard* é heroína de *A interdição*. — A *sra. de Carigliano* foi amante de Teodoro de Sommervieux em *Ao “Chat-qui-pelote”*. — A *sra. de Grandlieu* é sogra de Calisto du Guénic (*Beatriz*). — A *sra. de Lenoncourt* é a filha do Lírio do Vale. — A *sra. de La Bastie*, enquanto solteirona, chamava-se Modesta Mignon. [ «« » ]

218. *Como Napoleão na coluna*: alusão à estátua de Napoleão, no alto da Coluna de Vendôme, na praça do mesmo nome. [ «« » ]

219. *Dâmocles*: cortesão de Dionísio, o Velho, tirano de Siracusa. Como louvasse, certo dia, a felicidade do poderoso, este o fez sentar em seu próprio lugar, no meio de um banquete, porém mandou suspender-lhe uma espada sobre a cabeça, significando-lhe, assim, as inquietações do poder. [ «« » ]

220. *A canção de Malbrouck* (ou, como é certo, Malbrough) é uma canção popular grotesca, em que o cantador pergunta várias vezes quando voltará o herói que partiu para a guerra. [ «« » ]

221. *A augusta vítima da desgraça* (em francês: “*du malheur auguste victime*”): trecho da ópera *Édipo em Colona*, de Sacchini. [ «« » ]

222. *Loucura*: tradução da palavra francesa *folie*, que designava também, nos séculos XVII e XVIII, as residências luxuosas em que os grão-senhores da época abrigavam seus amores ilegítimos e clandestinos. [ « » ]

223. *Boule*: [ver a nota 89](#). [ « » ]

224. *José Bridau*: grande pintor, personagem de *A comédia humana*, irmão de Felipe Bridau. Apareceu em *Uma estreia na vida* e em *Um conchego de solteirão*. [ « » ]

225. *Malibrán*: María Felicia García (1808-1836), ilustre cantora de origem espanhola, celebrada nas *Estâncias à Malibrán*, de Musset. [ « » ]

226. *Alloris* (sic): Cristoforo Allori (1577-1621), pintor italiano, sobrinho-neto de Bronzino; sua obra mais conhecida é *Judite*, em que se vê essa personagem da Bíblia com a cabeça de Holofernes num prato. [ « » ]

227. *Matilde*: personagem da ópera *Guilherme Tell*, letra de Bis e Jouy, música de Rossini. [ « » ]

228. *Mater dolorosa*: “a mãe dolorosa”, isto é, a Virgem. O hino citado, cujo texto é uma prosa de Jacopone da Todi (século XIV), foi musicado por vários grandes compositores: Palestrina, Pergolese, Haydn e Rossini. [ « » ]

229. *Sr. Braulard*: chefe da claque, personagem balzaquiana; já apareceu em *Ilusões perdidas*. [ « » ]

230. *Uma lorette da Chaumière*: [ver a nota 57](#). [ « » ]

231. *Melun*: cidade do departamento do Seine-et-Marne, com casa de detenção. [ « » ]

232. *Chefe da polícia de segurança*: Jacques Collin, isto é, Vautrin. [ « » ]

233. *Sra. de Saint-Estève*: Jacqueline Collin, personagem balzaquiana, a quem conhecemos na última parte de *Ilusões perdidas*. O romancista fez dela uma das amantes de *Marat*; daí o seu aparecimento lembrar-lhe esse chefe do Terror. [ « » ]

234. *Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), ministro da Polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos. — *Lenoir*: Jean-Charles-Pierre Lenoir (1732-1807), intendente-geral da polícia de 1774 a 1785. — *Sartines*: Antoine Raymond de Sartines, conde de Alby (1729-1801) predecessor de Lenoir nesse cargo de 1759 a 1774. [ « » ]

235. *Bibi-Lupin*: chefe da polícia de segurança, personagem balzaquiana. Foi ele quem prendeu, na Pensão Vauquer, o galeriano Vautrin (*O pai Goriot*), o qual, anos após, se tornaria seu sucessor na polícia. [ « » ]

236. *Esse Mouro do Rio de Janeiro*: mais uma vez alusão ao *Otelo*, de Shakespeare ([ver a nota 125](#)). [ « » ]

237. *Aspásia*: cortesã de Mileto (século V a.C.), célebre pela beleza e pelo espírito, amante e conselheira de Péricles. — *Lucrecia*: virtuosa dama romana que se matou por ter sido violada por um filho do rei Tarquínio, o Soberbo. [ « » ]

238. *Cleretti, o arquiteto da moda*: personagem inventada por Balzac; aparece somente neste romance. [ « » ]

239. Para entender a frase de Crevel e o comentário do autor, deve-se lembrar que, se a época da Regência e de Luís XV (o século XVIII) se caracterizava pela imoralidade dos costumes, a de Luís XIV (o século XVII) assinala-se pelo fausto e pela magnificência. [ « » ]

240. *Biroteria*: palavra forjada do nome de César Birotteau, em cuja perfumaria Crevel e Du Tillet eram outrora caixeiros. [ « » ]

241. *O dr. Larabit e o prof. Angard*, personagens balzaquianas, só figuram neste romance. [ « » ]

242. *Rocher de Cancale*: [ver a nota 76](#). [ « » ]

243. *Serás rei*. A última das três bruxas que em *Macbeth*, de Shakespeare (ato I, cena 3), aparecem ao general Macbeth depois de uma batalha vitoriosa, para predizer-lhe o futuro, cumprimenta-o assim: “Salve, Macbeth, que serás rei”. [ « » ]

244. *Condessa de Pimèche*: personagem da comédia *Os demandistas* (*Les Plaideurs*), de Racine, tipo de demandista. [ « » ]

245. *Combabo*: personagem de um conto atribuído a Luciano de Samósata, *Da deusa Síria*. Jovem e belo cortesão de um rei da Pérsia, Combabo foi encarregado por este de acompanhar a rainha Estratonice a Hierápolis, onde ela devia permanecer até se concluir a construção de um templo a Juno. Prevendo que a rainha se apaixonaria por ele e desconfiando de sua capacidade de resistência, Combabo preferiu mutilar-se antes de empreender a viagem e entregou ao rei, encerrada num cofre, a prova de sua mutilação, como se fosse um tesouro. Cumpriram-se-lhe as previsões: a rainha quis seduzi-lo e, embora não pudesse entregar-se a ele, procurou-lhe constantemente a intimidade. As relações dos dois foram delatadas ao rei, que chamou de volta a Combabo e o ia condenar à morte, quando o fiel servidor, mandando-o abrir o cofre, demonstrou a sua inocência. [ « » ]

246. *Rollin*: Charles Rollin (1661-1741), historiador e educador, autor de uma *História Antiga* em treze volumes. [ « » ]

247. *Abelardo*: Pierre Abélard (1079-1142), teólogo e filósofo escolástico francês, uma das maiores figuras da filosofia medieval. Apaixonado por sua aluna Heloísa, sobrinha do cônego Fulberto, engravidou-a e casou com ela em segredo; o tio, furioso, vingou-se dele mandando que os fâmulos o castrassem. [ « » ]

248. *D'Anville*: Jean Baptiste Bourignon d'Anville (1697-1782), cartógrafo especializado em geografia antiga, sobretudo do Oriente. — Não conseguimos identificar o seu continuador a quem Balzac faz alusão aqui. [ « » ]

249. *Catoxantha*: gênero de insetos coleópteros. A comparação, algo forçada, explica-se ao sabermos que o conde Mnischewski, genro da sra. Hanska, era um entomologista amador, e que justamente na época de *A prima Bete* encarregara Balzac de procurar-lhe um espécime desse inseto particularmente raro. [ « » ]

250. *Bixiou*: protagonista de *A comédia humana*, caricaturista, encontrado em *Um conchego de solteirão*. — *Leão de Lora*: pintor, protagonista de *A comédia humana*; em *Uma estreia na vida* aparecia com o apelido de Mistigris, aprendiz de José Bridau. [ « » ]

251. *Longchamp*: localidade próxima de Paris, no Bois de Boulogne; na época de Balzac, lugar de passeio preferido da sociedade elegante. [ « » ]

252. *Cidalisa*, num famoso soneto de Théophile Gautier publicado em 1836, era o nome de uma beldade doente e pálida. [ « » ]

253. *La Palférine*: um dos dândis de *A comédia humana*; já apareceu em *Beatriz*. — *Málaga*: cortesã, protagonista de *A falsa amante*. — *Teodoro Gaillard*: diretor do jornal em que Luciano de Rubempré publicou desfavorável crítica a um belo livro de seu amigo D'Arthez (*Ilusões perdidas*). [ « » ]

254. *Xibolet*: palavra hebraica, que servia aos habitantes de Galaad para reconhecerem seus inimigos, os habitantes de Efraim (que a pronunciavam *cibolet*), e para em seguida os matarem; em sentido figurado, palavra ou uso que revela a nacionalidade, a origem, a condição social de alguém. [ « » ]

255. *A horrorosa sobremesa do mês de abril*: lembre-se que na França, em abril, só há frutas secas. [ «« ]
256. *Clichy*: [ver a nota 55](#). [ «« ]
257. Desde adolescente, Leão de Lora era campeão do trocadilho e durante uma viagem memorável, de Paris a Presles, divertia os viajantes da diligência com um sem-número de provérbios deformados (ver *Uma estreia na vida*). Aqui, vemo-lo retomar esse gênero de brincadeira, impossível de manter na tradução: transforma o provérbio *Les extrêmes se touchent* (Os extremos se tocam) em *Les extrêmes se bouchent* (Os extremos se entopem). [ «« ]
258. Alusão a *A musa do departamento*. [ «« ]
259. *Medoro*: personagem do *Orlando furioso*, de Ariosto, por quem Angélica desdenha os paladinos mais valorosos. [ «« ]
260. *Apesar dos pesares* (em francês *quand même*): sob Luís Felipe, divisa dos legitimistas derrotados, adotada para significar que não se conformavam com a situação; a expressão tornou-se uma espécie de *slogan* na época e ocorre frequentemente na pena de Balzac. [ «« ]
261. *Iago*: uma das principais personagens do *Otelo*, de Shakespeare. É um dos oficiais de Otelo, e consegue despertar no coração do chefe um infundado ciúme à esposa virtuosa, Desdêmona. — Carabina ouve *magots* (pronunciado *magô*), “macacos”, em vez de Iago (pronunciado em francês: *iagô*). [ «« ]



262. *O falecido rei da Holanda*: Guilherme I de Nassau (1772-1843), famoso por sua obstinação, à qual os historiadores atribuem geralmente a perda das províncias belgas. [ «« » ]

263. *Ya*: transcrição fonética da palavra alemã *ja*, “sim”. [ «« » ]

264. *Mais bonito que o postilhão de Longjumeau*: paródia de um estribilho da ópera cômica *O postilhão de Longjumeau*, de Leuven, Brunswick e Adam, estreada em 1836:  
*Oh! oh! oh! oh!*

*Qu'il était beau*

*Le postillon de Longjumeau!*

(*Oh! oh! oh! oh! Como era bonito o postilhão de Longjumeau!*) [ «« » ]

265. *Mignard*: Pierre Mignard (1612-1695), retratista, pintor gracioso e delicado, cujo nome deu ao francês o substantivo *mignardise* (delicadeza algo afetada). [ «« » ]

266. *Urbi et orbi*: à cidade de Roma e ao universo. Palavras que fazem parte da bênção papal, para indicar que ela se estende ao mundo inteiro; empregam-se também no sentido geral de “a todos”. [ «« » ]

267. *Mignard*: Sulpice Guillaume Chevalier (1804-1866), pintor e caricaturista espirituoso, colaborador do jornal satírico *Le Charivari*, em cujas gravuras deu uma galeria dos tipos da época, espécie de *A comédia humana* em desenhos. [ «« » ]

268. *Salpêtrière*: grande hospício de Paris. [ «« » ]

269. *O professor Duval*, personagem balzaquiana, só aparece neste romance. [ «« » ]

270. *Barão de Holbach*: Paul-Henri-Dietrich, barão de Holbach (1723-1789), filósofo. Um dos inimigos mais ferrenhos da religião; autor de *Sistema da natureza*, síntese materialista e mecânica do mundo. [ «« » ]

271. *Mosqueteiro cinzento*: durante o Antigo Regime, chamavam-se mosqueteiros os gentis-homens das duas companhias a cavalo da casa real, distinguidas, pela cor dos cavalos, em mosqueteiros cinzentos e mosqueteiros negros. [ «« » ]

272. *Béranger*: Pierre-Jean de Béranger (1780-1857), cancionista muito popular, de tendências democráticas e republicanas. [ «« » ]

273. *Lisette*: tipo da *grisette* parisiense, costureirinha de costumes leves, cantada por Béranger. [ «« » ]

274. *Voltaire e Rousseau* foram, com seus escritos, os precursores da Revolução Francesa. [ «« » ]

275. *Montesquieu*: Charles de Secondat, barão de Montesquieu (1689-1755), ilustre pensador francês, outro precursor da Revolução Francesa; autor de *Cartas persas*, *O espírito das leis*, *Da grandeza e da decadência dos romanos*. A anedota relatada neste trecho não é histórica. [ «« » ]

276. Em francês: “*Cet esclave est venu, / Il a montré son ordre et n’a rien obtenu*”. (Versos de *Bajazet*, de Racine.) [ «« » ]

277. *A passage* (ou travessa) *Montesquieu* é logradouro de Paris. [ «« » ]

278. *Champcenez*: o cavaleiro Champcenez (1760-1794), jornalista ultramontano, colaborador de Rivarol em seus panfletos, adversários da Revolução Francesa; preso pelos revolucionários, foi condenado à morte e guilhotinado em 23 de julho de 1794. [ «« » ]

279. *Sra. de la Chanterie*: personagem balzaquiana, protagonista de *O avesso da história contemporânea*. [ «« » ]



280. *Domo de Ossola* (ou, modernamente, Domodossola): cidade do Piemonte, na Itália. [ «« » ]

281. *A outra Atala*: a heroína da novela deste nome, de Chateaubriand, episódio de *O gênio do cristianismo*. Atala é uma índia cristã a quem a mãe, ao morrer, consagra a Deus, e que se apaixona por Chactas; para não quebrar o seu voto, envenena-se. [ «« » ]

282. *Bobino*: teatrinho de acrobatas fundado perto do Jardin du Luxembourg, aproximadamente em 1816, por um palhaço desse nome; autorizado mais tarde a representar *vaudevilles*, tomou o nome de Théâtre de Luxembourg. — Acerca do *Ambigu*, [ver a nota 212](#). [ «« » ]

## OS PARENTES POBRES: O PRIMO PONS

1. *Hyacinthe*: Louis-Hyacinthe Duflost (1814-1887): ator cômico muito popular na época. [ «« » ]

2. *Spencer*: casaca sem abas, posta na moda por John-Charles Spencer, Lord Althorp. [ «« » ]

3. *Carrick*: sobrecasaca com várias golas. [ «« » ]

4. *Alcíbiades* (450-404 a.c.): político e capitão ateniense; um dia mandou cortar a cauda de um belo cachorro que tinha, com o intuito exclusivo de atrair a atenção de seus concidadãos. [ «« » ]

5. *Os pitagóricos*, adeptos do filósofo grego Pitágoras (século VI a.c.), levavam vida austera e observavam um regime alimentar dos mais frugais. [ «« » ]

6. *Garat*: Dominique-Pierre-Jean Garat (1762-1823), professor de canto no Conservatório de Paris, célebre por sua elegância. [ «« » ]

7. *Incríveis*: nome dado, sob o Diretório, aos jovens que se distinguiam por um cuidado excessivo no trajar, e tinham um modo especial de pronunciar a exclamação *C'est incroyable!* [ «« » ]

8. *David*: Louis David (1748-1825), pintor francês, membro da Convenção; encarregado, durante a Revolução, da ditadura das Artes, tornou-se, depois pintor de Napoleão e foi chefe de uma escola que, rompendo com o estilo delicioso e frívolo do século XVIII, se propunha imitar os antigos na simplicidade e na força. [ «« » ]

9. *Jacob*: François-Honoré-Georges Jacob (1770-1841), mais conhecido pelo nome de Jacob Desmalter, ebanista que introduziu na arte da mobília, sob a orientação do pintor David, o estilo Império. [ «« » ]

10. *Greuze*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. — *Watteau*: ver a mesma nota. [ «« » ]

11. *Félicien David* (1810-1876): compositor, autor do *Deserto* e de *Lalla-Roukh*. [ «« » ]

12. *Pagnesi*: Amable-Louis-Claude Pagnesi (1790-1819), retratista, aluno de David. [ «« » ]

13. *Géricault*: Théodore Géricault (1791-1824), pintor, precursor do romantismo; seu quadro mais famoso é *A jangada de Medusa*. [ «« » ]

14. *Decamps*: Alexandre-Gabriel Decamps (1803-1860), pintor, autor de coloridas cenas de Oriente. [ «« » ]

15. *Auber*: Daniel-François Auber (1782-1871), compositor, autor de grande número de óperas, como *A muda de Portici*, *Haydée*, *Fra Diavolo* etc. [ «« » ]

16. *David d'Angers*: Pierre-Jean David d'Angers (1788-1856), escultor, autor, entre outras obras, de um busto de Balzac. [ «« » ]

17. *Delacroix*: Eugène Delacroix (1798-1863), pintor, chefe da escola romântica, amigo de Balzac, que o retratou na personagem de José Bridau e lhe dedicou *A menina dos olhos de ouro*; seus quadros principais são *O massacre de Scio*, *A barca de Dante*, *As mulheres de Argel* e *A justiça de Trajano*. [ «« ]

18. *Meissonier*: Ernest Meissonier (1815-1891), pintor, autor sobretudo de quadros de gênero, cenas de interior representadas no estilo dos mestres neerlandeses. [ «« ]

19. *Euterpe*: na mitologia antiga, musa da música e da poesia lírica. [ «« ]

20. *Kreisler*: protagonista de *Reflexões do gato Murr e uma fragmentada biografia do compositor Johannes Kreisler em folhas dispersas de rascunho*, de E. T. A. Hoffmann, livro estranho, em que às confidências de um bichano se mistura a história de um músico. [ «« ]

21. *Hatchischins*: nome dado aos membros de uma feroz seita árabe, chefiados pelo Velho da Montanha, os quais, segundo a tradição, se embriagavam com haxixe. É desse nome que deriva a palavra *assassino*, da nossa língua. [ «« ]

22. *Teriaskis* (ou, em outros trechos de Balzac, *teriakis*): fumadores e comedores de ópio, no Oriente. [ «« ]

23. *Rossini*: Gioacchino Rossini (1792-1868), famoso compositor, autor da música de *O barbeiro de Sevilha*, *Moisés* etc. Vivia em Paris e era amigo de Balzac, que lhe dedicou *O contrato de casamento*. [ «« ]

24. *Héroid*: Louis-Joseph-Ferdinand Hérold (1791-1833), compositor de óperas-bufas, a mais popular das quais era *Zampa*. [ «« ]

25. *Chenavard*: provavelmente Aimé Chenavard (1798-1838), gravador e pintor ornamentista; trabalhou na manufatura de gobelinos de Sèvres e escreveu vários livros sobre arte decorativa. [ «« ]

26. *Ruysdael*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« ]

27. *Hobbema*: Meindert Hobbema (1638-1709), paisagista holandês; pintou sobretudo cenários de seu país, com bosques e moinhos. [ «« ]

28. *Holbein* : [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« ]

29. *Sebastiano del Piombo* (1485-1547): pintor italiano, de Veneza, retratista; autor de *O concerto*, do Palácio Pitti. Seu *Cavaleiro de Malta*, descrito no capítulo xxxix, pertencia a Balzac. [ «« ]

30. *Giorgione*: Giorgio da Castelfranco (1477-1511), pintor italiano de retratos e cenas religiosas; a maioria das obras que se lhe atribuem são de origem duvidosa. [ «« ]

31. *Albrecht Dürer* (1471-1538): pintor e gravador alemão, aperfeiçoador das artes da xilogravura e da água-forte. [ «« ]

32. *Bando-Negro*: alcunha dada pelos arqueólogos e pelos amigos das antiguidades às companhias de especuladores que, depois da Revolução, compravam castelos, conventos, casas de nobres emigrados, para demoli-los e vender-lhes os materiais e os objetos de arte. [ «« ]

33. *França-Pompadour*: a França da madame de Pompadour, favorita de Luís xv, famosa pela sua prodigalidade, mas também pela proteção que concedia aos artistas. [ «« ]

34. *Lepautre*: Jean Lepautre (1618-1682), arquiteto e desenhista ornamental. — *Lavallée-Poussin*: Étienne de Lavallée-Poussin (1735-1802), decorador e pintor, autor de quadros históricos. [ «« ]

35. *Dusommerard*: Alexandre Dusommerard ou Du Sommerard (1779-1842),

arqueólogo e colecionador, cuja coleção, comprada pelo Estado após a sua morte, forma o atual Museu Cluny (assim chamado por estar no palácio de Cluny). — *Sauvageot*: Alexandre-Charles Sauvageot (1781-1860), músico e colecionador da época que legou sua coleção ao Louvre; teria servido de modelo para a personagem de Pons. [ «« » ]

36. Os leilões realizavam-se na Rue des Jeuneurs. [ «« » ]

37. *Nicolo*: pseudônimo de Jacques-Nicolas Isouard (1775-1818), compositor autor das óperas *A Gioconda* e *A gata borralheira*. [ «« » ]

38. *Paer*: Ferdinando Paer (1771-1839), compositor italiano, diretor de música de Napoleão e professor de canto de Maria Luísa. [ «« » ]

39. *Berton*: Henri Montaud Berton (1767-1844), compositor e professor do Conservatório de Paris, autor de várias óperas, inclusive *O delírio* e *Alina, rainha de Golconda*. [ «« » ]

40. A citada estrofe de Eliante encontra-se no *Misanthropo*, de Molière (ato II, cena 4), onde se lê: “Veem-se os amantes gabando sempre a sua escolha,/ Nunca a sua paixão vê nela algo censurável/ E no objeto amado tudo se torna amável para eles”. [ «« » ]

41. *Grandison*: protagonista do romance em cartas *Sir Charles Grandison*, de Richardson, tipo do *gentleman* cristão, virtuoso e bom; apaixonado por duas mulheres igualmente perfeitas, não pode decidir-se por nenhuma delas, com receio de melindrar a preterida. [ «« » ]

42. *Brillat-Savarin*: [ver a nota 44](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

43. *Os dois amigos*: é a fábula nº 11 do livro VIII das *Fábulas* de La Fontaine. Nela o fabulista mostra um de dois amigos ocorrendo de noite à casa do outro por tê-lo visto triste em sonho. Lembre-se, aqui, de que nem todos os autores têm o escrúpulo de Balzac na utilização de títulos de obras-primas. Entre os de Balzac, *Os celibatários* foi retomado por Montherlant (1934), ao passo que o norte-americano Saroyan teve a coragem de inscrever *A comédia humana* (1943) no frontão de um romance. [ «« » ]

44. *Schmucke*: personagem de *A comédia humana*, apresentado em *Uma filha de Eva*, onde o romancista o caracteriza, em parte indiretamente, por meio de uma dessas admiráveis descrições de ambiente que explicam a personalidade do morador. [ «« » ]

45. *Era alemão como o grande Liszt...* Note-se que o grande Liszt (cujo nome Balzac, apesar de ser seu amigo, nunca aprendeu a escrever certo) não era alemão, mas sim húngaro. Entre os demais compositores e pianistas célebres cujos nomes são enumerados aqui, Edouard Wolff (se é a ele que Balzac se refere) era polonês. [ «« » ]

46. *Jean-Paul Richter* (1763-1825), ou Jean Paul, um dos representantes mais ilustres do romantismo alemão. Suas obras fantásticas excitavam a admiração de Balzac. [ «« » ]

47. *Hoffmann*: Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), outro mestre do romantismo alemão, cujos contos lúgubres e misteriosos exerceram manifesta influência sobre os *Estudos filosóficos* de Balzac. (Já citado neste romance; [ver a nota 20.](#)) [ «« » ]

48. O dia de São Silvestre é 31 de dezembro. [ «« » ]

49. *A ama da Níobe* deve ser uma das Níobides, guardadas no Museu dos Ofícios, em Florença. São provavelmente cópias de um grupo de estátuas antigas que representa o caso de Níobe. Também a *Vênus da Tribuna*, mais conhecida como Vênus de Médici, descoberta no século XV em Tivoli, está guardada na “tribuna” do mesmo museu. [ «« » ]

50. *O conde Popinot* não é senão o pequeno Anselmo Popinot, o fiel caixeiro do droguista César Birotteau, a quem Balzac reserva uma excepcional ascensão social. —

*Gaudissart*: personagem balzaquiana, protagonista de *O ilustre Gaudissart*; apareceu também em *César Birotteau* e em *Esplendores e misérias das cortesãs*. [ «« » ]

51. *Corte cidadã*: a Corte de Luís Felipe, o “rei-cidadão”. [ «« » ]

52. *Quibuscumque viis* (em latim no original): “por quaisquer meios”. [ «« » ]

53. *Sax*: Antoine-Joseph-Adolphe Sax (1817-1894), fabricante de instrumentos de música; inventor, entre outros instrumentos, do saxofone, cujo nome ele derivou do próprio nome da família. [ «« » ]

54. *Lorette*: mulher de vida equívoca; o nome provém da Rue Notre-Dame de Lorette, em que muitas dessas mulheres moravam na época de Balzac. [ «« » ]

55. *Os casamentos na décima terceira circunscrição*: [ver a nota 22](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

56. *Benvenuto Cellini* (1500-1571): famoso ourives, gravador e escultor italiano, que teve uma existência cheia de aventuras, relatada em sua autobiografia. [ «« » ]

57. O sr. *Cardot* é o tio Cardot de Oscar Husson e o protetor da bailarina Florentina; encontrado em *Uma estreia na vida*. [ «« » ]

58. O sr. *Camusot*: amigo dos Guillaume (*Ao “Chat-qui-pelote”*) e de César Birotteau, protetor da bailarina Corália (*Ilusões perdidas*). [ «« » ]

59. O sr. *Camusot de Marville*: o juiz de instrução Camusot, que funcionou nos processos de Viturniano d’Esgrignon (*O gabinete das antiguidades*), e de Luciano de Rubempré (*Esplendores e misérias das cortesãs*). [ «« » ]

60. Esse casamento foi contado em *A musa do departamento*. [ «« » ]

61. A sra. Camusot de Marville aparece ainda moça nos romances *O gabinete das antiguidades* e *Esplendores e misérias das cortesãs*. [ «« » ]

62. *Watteau*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

63. Alusão a um dos episódios do *Gil Blas*, de Lesage. O protagonista, secretário do arcebispo de Granada, permite-se, a pedido deste, uma crítica sincera sobre uma homilia do prelado, o que lhe vale uma resposta irritada e despedida imediata. [ «« » ]

64. *Lancret*: Nicolas Lancret (1690-1743), pintor que se assinalou por cenas agrestes e galantes. [ «« » ]

65. *Pater*: Jean-Baptiste Pater (1695-1736), pintor de quadros do mesmo gênero. [ «« » ]

66. *Greuze*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

67. *Liénard*: [ver a nota 40](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

68. *Riesener*: Jean-Henri Riesener (1734-1806), ebanista e marcheteiro que fez móveis para Luís xv e Luís xvi. [ «« » ]

69. *Frankenthal*: pequena cidade do Palatinato cuja fábrica de porcelanas funcionou de 1755 a 1800. [ «« » ]

70. *Van Eyck*: Jan Van Eyck (1375-1440), pintor de Bruges, um dos criadores da arte flamenga; com seu irmão Hubert, autor do famoso tríptico de Gand, *O cordeiro místico*. — *Cranach*: [ver a nota 117](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

71. *Boucher*: François Boucher (1703-1770), pintor ornamentista, especializado em graciosas cenas pastorais ou mitológicas. [ «« » ]

72. *Mabille*: [ver a nota 214](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

73. *Sr. Pillerault*: personagem balzaquiana, tio da sra. Birotteau; sustentou o casal Birotteau no infortúnio. (*História da grandeza e da decadência de César Birotteau*). [ «« » ]

74. *Le Cadran Bleu*: restaurante à esquina do Boulevard du Temple e da Rue Charlot. [ «« ]

75. *Delacroix*: [ver a nota 17](#). [ «« ]

76. *Belona*: na mitologia romana, deusa da guerra. [ «« ]

77. Na fábula *Os dois pombos*, nº 2 do livro IX de La Fontaine, um desses pássaros deixa o companheiro para dar uma volta ao mundo; mas, após muitas vicissitudes, apressa-se em retornar ao ninho. [ «« ]

78. *Lúculo*: general romano que dirigiu, antes de Pompeu, a guerra contra Mitridates e se tornou famoso por seu luxo e seu excessivo amor aos prazeres da mesa. [ «« ]

79. *Boule*: [ver a nota 89](#) de *A prima Bete*. [ «« ]

80. *Guilherme Tell*: ópera em 4 atos, de Rossini, com palavras de Bis e Jouy (1829). [ «« ]

81. *Café Turc*: café do Boulevard du Temple, perto do Cadran Bleu. [ «« ]

82. O *Marais* é o nome antigo de um dos bairros de Paris, correspondente aos atuais IIIº e IVº distritos; Balzac o descreveu no começo de *Uma dupla família*. [ «« ]

83. Alusão à fábula de La Fontaine citada há pouco (nota 77). [ «« ]

84. *Prêmio Montyon*: [ver a nota 119](#) de *A prima Bete*. [ «« ]

85. O episódio a que Balzac alude aqui é contado por Walter Scott em *A viúva dos Highlands*, primeiro conto da coletânea *As crônicas de Canongate* (1827). [ «« ]

86. *Heloísa Brisetout* foi a amante de Crevel antes de ele se apaixonar por Josefa (ver *A prima Bete*). [ «« ]

87. *A noiva do diabo*: peça inventada por Balzac. [ «« ]

88. *August Lafontaine* (1759-1831): romancista alemão de origem francesa, autor de mais de duzentos romances de cordel, de um sentimentalismo exagerado. [ «« ]

89. *Werther*: tipo do amante romântico e sentimental, herói de um romance, em parte autobiográfico, de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774). [ «« ]

90. *Mas o deus, continuando sua carreira*: verso da *Ode sobre a morte de Jean-Jacques Rousseau*, de Lefranc de Pompignan; é seguido destes dois versos: “Derrama torrentes de luz, sobre seus obscuros blasfemadores”. [ «« ]

91. *Píndaro* (518-438 a.c.): “príncipe” dos poetas líricos gregos, autor de odes. [ «« ]

92. Dos quatro exemplos de amizades célebres enumerados aqui por Balzac, dois (a amizade de *Castor e Pólux* e a de *Orestes e Píldes*) pertencem à mitologia. — *Pítias* e *Dâmon* eram dois filósofos de Siracusa, do século IV a.c. O primeiro deles, condenado à morte pelo tirano Dionísio, pediu-lhe um prazo de alguns dias para pôr seus negócios em ordem e ofereceu-lhe como refém o amigo, o qual se declarava pronto a morrer, caso Pítias não voltasse dentro do prazo. Dionísio acedeu ao pedido. Ao ver Pítias voltar dentro do prazo, o tirano ficou tão comovido que lhe perdoou e pediu aos dois amigos fiéis que o admitissem como terceiro na sua amizade. O caso é aproveitado pelo poeta alemão Schiller em sua balada *O refém*. — *Dubreuil*, segundo relata Maurice Allem, era médico e contraiu uma doença infecciosa e mortal. Como muitas pessoas quisessem visitá-lo, disse ao seu fiel amigo *Pmeja*: “A minha doença é contagiosa, deve impedir a todos de entrarem; só você pode permanecer aqui”. *Pmeja* teria morrido quinze dias depois do dr. Dubreuil. [ «« ]

93. *Monomotapa*: antigo nome de um país da África Oriental, em frente a Madagascar. A fábula de La Fontaine *Os dois amigos* ([ver a nota 43](#)) principia assim: “Dois verdadeiros amigos viviam no Monomotapa”. [ «« ]

94. Os irmãos Keller: [ver a nota 19](#) de *A prima Bete*. [ «« ]
95. *Fada Urgele*: gênio benfazejo, protagonista da comédia musical de Favart *A fada Urgele ou O que agrada às damas* (1785). [ «« ]
96. O *monte Aventino* é uma das sete colinas da antiga Roma. Quando, em 493 a.c., a plebe romana se revoltou contra os patrícios, retirou-se para o monte Aventino (e para o monte Sacro), de onde só voltou depois da intervenção conciliatória de Menênio Agripa. [ «« ]
97. *Servin*: pintor, personagem inventada por Balzac; conhecemos sua escola de pintura para moças na novela *A vendeta*. [ «« ]
98. Acerca de *David*, [ver a nota 8](#). — *Gérard*: barão François-Pascal-Simon Gérard (1770-1837), autor de quadros históricos, da época de Napoleão. — *Gros*: barão Antoine-Jean Gros (1771-1835), outro pintor de quadros históricos, um dos chefes da escola romântica. — *Guérin*: Pierre-Narcisse Guérin (1774-1833), outro membro da mesma escola, autor de *Eneias contando a Dido os desastres de Troia*. — *Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roucy (1767-1824), pintor da mesma escola; autor de *As exéquias de Atala*. — *Forbin*: conde Louis-Nicolas Forbin (1777-1841), paisagista e, durante a Restauração e parte do reino de Luís Felipe, diretor do Departamento de Belas-Artes, reorganizador do Louvre. — *Turpin de Crissé* (1772-1857): pintor de paisagens e de monumentos antigos, colecionador, inspetor de Belas-Artes de 1821 a 1830. [ «« ]
99. *Partindo para a Síria*: primeiras palavras de uma romança cuja música foi composta pela rainha Hortênsia; tornou-se um canto dos bonapartistas. [ «« ]
100. *Não se podem abarcar dois séculos ao mesmo tempo*. No texto francês, por um trocadilho intraduzível, Berthier altera o provérbio *On ne peut pas courir deux lièvres à la fois* (Não se pode correr ao mesmo tempo atrás de duas lebres), substituindo *lièvres* por *siècles*. [ «« ]
101. *In petto* (italiano): em segredo; de si para si. [ «« ]
102. “*De arrebatat o pensamento*”: palavras finais de um verso de *Hernani*, de Victor Hugo (“*Ah! c’est un beau spectacle à ravir la pensée*”). [ «« ]
103. *Cornelius*: Peter Cornelius (1783-1867), pintor alemão, ilustrador do *Fausto*, de Goethe, e autor dos afrescos de várias igrejas da Alemanha. — *Schnor*: Hans Schnor (1794-1872), outro pintor de afrescos; seus assuntos são tirados principalmente dos *Nibelungen*, da Bíblia e da história alemã. [ «« ]
104. *A frota azul*: a que trouxe ao continente a rainha Vitória em 1844, numa visita de cortesia à França e à Alemanha. [ «« ]
105. *Latour*: Maurice Quentin de La Tour (1704-1788), pastelista francês, autor de apreciados retratos. — *Greuze*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. — *Liotard*: Jean-Étienne Liotard (1702-1780), outro pastelista, suíço, pintor de miniaturas sobre esmalte. [ «« ]
106. *Petitot*: Jean Petitot (1607-1691), joalheiro e pintor sobre esmalte, cujos retratinhos eram muito procurados. [ «« ]
107. *Van Huysum*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« ]
108. *David de Heim*: na realidade Jean David van Heem (1600-1674), pintor holandês, especializado em naturezas-mortas e flores. [ «« ]
109. *Abraham Mignon*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« ]
110. Os *Van Eyck*: [ver a nota 70](#). [ «« ]
111. Os *Albrecht Dürer*: [ver a nota 149](#) de *A prima Bete*. [ «« ]
112. *Cranach*: [ver a nota 117](#) de *A prima Bete*. [ «« ]

113. *Giorgione*: [ver a nota 30](#). [ « » ]
114. *Sebastiano del Piombo*: [ver a nota 29](#). [ « » ]
115. *Backhuysen*: Ludolf Backhuysen (1631-1708), desenhista e pintor holandês de paisagens marítimas. [ « » ]
116. *Hobbema*: [ver a nota 27](#). [ « » ]
117. *Géricault*: [ver a nota 13](#). [ « » ]
118. *Florent e Chanor*: firma imaginada por Balzac, para a qual trabalhava, entre outros artistas, o conde Steinbock de *A prima Bete*. [ « » ]
119. *Brustolone*: Andrea Brustolon (1662-1732), escultor especializado em objetos de madeira, crucifixos etc. [ « » ]
120. *Saber se o dente de ouro existia*: alusão ao caso, relatado por Fontenelle (1657-1757), de uma criança que teria nascido com um dente de ouro. [ « » ]
121. *Sra. Chiffreville*: a sra. Cardot era uma Chiffreville, personagem balzaquiana, esposa de um rico droguista, o qual era fornecedor de César Birotteau. — *Sra. Lebas*: em solteira Virgínia Guillaume, personagem de *Ao "Chat-qui-pelote"*. [ « » ]
122. *Aristides*: general e estadista ateniense (séculos VI e V a.C.), cuja integridade fez apelidarem-no de "o justo". [ « » ]
123. *Alceste*: personagem de *O misantropo*, de Molière; homem honesto e franco, intransigente, sempre indignado com as fraquezas de seus semelhantes. [ « » ]
124. *Orlando*: o protagonista de *Orlando furioso*, de Ariosto, livro no qual são contadas as façanhas que cometeu num acesso de loucura amorosa. [ « » ]
125. *Tartufo*: personagem de Molière, tipo de hipócrita refinado. [ « » ]
126. *O dinheiro é uma quimera*: tradução do primeiro verso de um estribilho de Roberto, o diabo, ópera de Scribe e Meyerbeer. [ « » ]
127. *Haudry e Desplein*: grandes médicos inventados por Balzac; o primeiro tratou a Descoings (*Um conchego de solteirão*), Júlio Desmarets (*Ferragus*) e César Birotteau; o segundo, mestre de Bianchon, é protagonista de *A missa do ateu*. [ « » ]
128. *Sra. Évrard*: nome da governanta intrigante na comédia *O velho celibatário*, de Collin d'Harleville; ela quer a todo custo fazer-se desposar, mas não consegue. [ « » ]
129. *Nicolet*: o ator Nicolet, fundador do Théâtre de la Gaîté, que na sua fase inicial exibia bichos sábios, saltimbancos, pantomimas, farsas, comédias licenciosas. [ « » ]
130. *Proteu*: divindade mitológica que mudava constantemente de forma. — Os nomes enumerados a seguir são tipos das antigas farsas e da comédia: *Jocrisse*, tolo, crédulo e ingênuo; *Janot*, personificação da estupidez lastimosa, ridículo também pela sua linguagem grotesca, cheia de inversões; *Cauda-Vermelha*, palhaço cuja peruca terminava numa cauda atada por fita vermelha; *Mondor*, charlatão, personagem real (Philippe Girard); *Harpagão*, tipo do avaro; *Nicodemo*, camponês tolo. [ « » ]
131. *Scapin*, *Sganarelle*, *Dorina*: criados intrigantes nas peças de Molière. [ « » ]
132. Em *Munster* foram assinados os preliminares da paz da Vestfália, em 1648; em *Nijmegen*, ou Nimega, em 1678 e 1679, dois tratados que fizeram de Luís XIV o árbitro da Europa; em *Utrecht*, em 1713, aquele que pôs fim à guerra da Sucessão da Espanha; em *Riswick*, em 1697, o que terminou a guerra da Coalizão de Augsburg; em *Viena*, vários tratados, dos quais os mais importantes em 1814 e 1815, como conclusão do Congresso de Viena, que tratou da reorganização europeia após a queda de Napoleão. [ « » ]



133. *Srta. Lenormand*: Marie-Anne-Adélaïde Lenormand (1772-1843), cartomante de grande prestígio, que teve clientes nas rodas altas da sociedade. Segundo a tradição, predisse a Joséphine de Beauharnais seu casamento com o futuro imperador. Autora de vários panfletos e livros. [ «« » ]

134. Entre essas *peessoas superiores* em cujo espírito sobrevive o instinto *tão impropriamente denominado superstição*, o romancista incluía a si mesmo. Ver a esse respeito o capítulo “Religião e superstição”, de *A vida de Balzac*, no volume 1 da presente edição de *A comédia humana*. [ «« » ]

135. *Salomon de Caux* ou de Caus (1576-1626): cientista cuja biografia é insuficientemente esclarecida. Sua obra principal, *As razões das forças motrizes com diferentes máquinas tanto úteis quanto divertidas* (1615), fá-lo ser considerado o primeiro inventor da máquina a vapor. Richelieu teria mandado confiná-lo no hospício de Bicêtre. [ «« » ]

136. *Daguerre*: Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), inventor do diorama, aperfeiçoador da fotografia, inventada por Niepce. Balzac reconheceu imediatamente o alcance da nova invenção e deixou-se arrebatar pela moda da “daguerreotipia”; é conhecido um retrato seu, daguerreotipado por Nadar. [ «« » ]

137. *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), “o bom cura de Meudon”, autor de *Vida instimável de Gargântua e Feitos e ditos heroicos do grande Pantagruel*, era realmente um dos espíritos mais cultos e mais vivos da Renascença, ao mesmo tempo que um escritor de extraordinária força. Balzac imitou-o nos *Contos droláticos*. [ «« » ]

138. *Swedenborg*: Emanuel Swedenborg (1688-1772), cientista e teósofo sueco. Depois de ter suas primeiras visões em 1743, declarou-se em comunicação com os espíritos e contou o que “vira” em obras volumosas como *Arcanos celestiais*, *Do céu e do inferno* etc. Leitura preferida da mãe de Balzac, essas obras místicas exerceram influência considerável sobre o romancista, como se verá em *Seráfita* (volume 17 desta edição). [ «« » ]

139. *Georges Cuvier* (1769-1832): fundador da Academia Comparada e da Paleontologia. — Ver, acerca do magnetismo animal, o capítulo vi de *Úrsula Mirouët*, intitulado “O magnetismo em resumo”, no volume 5 desta edição. [ «« » ]

140. *L'Hermite*: Pierre l'Ermite (1050?-1115), monge de Amiens, principal pregador da primeira Cruzada. [ «« » ]

141. *Martin*: Thomas Martin (1783-1834), camponês de Gallardon que por volta de 1816 pretendeu ter recebido mensagens misteriosas para o rei Luís XVIII. Depois de haver sido aprisionado num hospício, conseguiu obter uma audiência do monarca, depois da qual foi posto em liberdade. [ «« » ]

142. *Balthazar*: personagem real, aventureiro e cartomante. [ «« » ]

143. *Os comediantes sem o saberem* foi escrito antes de *O primo Pons*, mas em *A comédia humana* seu lugar é depois deste (ver o volume 11). [ «« » ]

144. Adaptação das palavras de Hamlet: “*To be or not to be, that is the question*”. [ «« » ]

145. *Hoffmann*: [ver a nota 47](#). [ «« » ]

146. O barão de *Nucingen* já apareceu em *O pai Goriot* e em *A casa Nucingen*. — *La Palférine* apareceu em *Beatriz*; conhecê-lo-emos melhor em *Um príncipe da Boêmia*. [ «« » ]

147. *Elias Magus*: personagem balzaquiana, colecionador e vendedor de objetos de arte; já apareceu em *A vendeta*, *O contrato de casamento* e *Pedro Grassou*; nesta última novela foi ele quem encomendou ao pintor Grassou grande número de cópias de



obras-primas. [ «« » ]

148. *O falecido Henry, os srs. Pigeot, Moret etc.*: todos personagens reais, funcionários do Louvre na época de Balzac. [ «« » ]

149. *O palácio de Maulaincourt* deve ter pertencido à família de Maulincour, inventada por Balzac, e da qual um dos membros, Augusto Carbonnon de Maulincour, é protagonista de *Ferragus*. [ «« » ]

150. *Savonnerie*: antiga manufatura real de tapeçarias (*gobelins*) no gênero oriental a qual em 1728 foi reunida à manufatura dos Gobelins. [ «« » ]

151. *Servais*: personagem inventada por Balzac; não aparece em outro trecho de *A comédia humana*. [ «« » ]

152. *Thouvenin*: Joseph Thouvenin (1790-1834), artista encadernador; trabalhava para Luís Felipe. [ «« » ]

153. *Moret*: parece tratar-se da mesma personagem a quem Balzac se referiu há pouco ([ver a nota 148](#)). [ «« » ]

154. *Moicanos*: índios de uma tribo norte-americana; seu nome aqui é uma das muitas reminiscências, em Balzac, da leitura dos romances de Fenimore Cooper. [ «« » ]

155. *La Gazette des Tribunaux*: publicação oficial que reproduzia as sessões dos tribunais e na qual os romancistas encontraram mais de um assunto; Stendhal tirou dali o enredo de *O vermelho e o negro*. [ «« » ]

156. *Marengo*: aldeia da Itália, famosa pela vitória de Napoleão, ainda primeiro-cônsul, sobre os austríacos, em 14 de junho de 1800. [ «« » ]

157. *Giorgione* ([ver a nota 30](#)), segundo afirmam seus biógrafos, morreu realmente por uma mulher. [ «« » ]

158. *Ticiano* pintou várias vezes o enterro de Cristo; um desses quadros encontra-se no Museu do Prado, em Madri. [ «« » ]

159. *Robert Médal*: personagem inventada por Balzac; só figura neste trecho. (Na primeira edição do romance, em lugar deste nome lia-se o de uma personagem real, Frédéric Lemaître.) [ «« » ]

160. *O secretário perpétuo da Academia Francesa* na época de *O primo Pons* era Villemain. [ «« » ]

161. *Dusommerard*: [ver a nota 35](#). [ «« » ]

162. Os carregadores que levavam e vendiam água aos parisienses há pouco mais de cem anos eram geralmente auvernheses; um deles se tornou amigo e protetor do grande médico Desplein, quando este era estudante (*ver A missa do ateu*). [ «« » ]

163. *O rei de Roma*: o filho de Napoleão, proclamado rei de Roma ao nascer. Passou a vida em Schönbrunn perto do avô, o imperador Francisco II de Áustria, sob o nome de duque de Reichstadt. Morreu em 1832, aos 21 anos. (Protagonista de *O filho da águia*, drama de Rostand.) [ «« » ]

164. O ator antigo, a que a sra. Cibot se refere, é, na realidade, o poeta Esopo. É contado em sua biografia (incluída como prefácio nas *Fábulas* de La Fontaine) como um ricoço, a quem fora vendido como escravo, fizera dele seu cozinheiro. No dia em que o patrão o fez preparar para jantar o que há de melhor, serviu língua; outro dia, quando teve ordem de preparar o que há de pior, serviu a mesma coisa, explicando com muito espírito as razões do seu procedimento. [ «« » ]

165. *Fra Bartolomeo della Porta* (1472-1517): pintor de quadros de assunto religioso, amigo de Rafael. [ «« » ]

166. *AETATIS SVAE XLI* (em latim): “na idade de 41 anos”. [ «« » ]
167. *Domenichino*: Domenico Zampieri (1581-1641), pintor de cenas mitológicas e religiosas. Balzac possuía um quadro dele, mas não esse. [ «« » ]
168. *Oberkampf*: Cristophe-Philippe Oberkampf (1738-1815): grande industrial, aperfeiçoador das fazendas estampadas em sua fábrica de Jouy. [ «« » ]
169. *Sísifo*: na mitologia, rei de Corinto, réu de latrocínios e crueldades; depois de morto, foi condenado a rolar para o cume de uma montanha do inferno uma pedra imensa, que tornava sempre a cair. Na linguagem figurada, um trabalho de Sísifo é uma tarefa penosa e que não acaba. [ «« » ]
170. *Pillerault*: personagem de *A comédia humana*, comerciante íntegro, de convicções republicanas; consagrou a vida à sobrinha Constância, casada com César Birotteau. [ «« » ]
171. *Bianchon*: o grande médico, uma das personagens preferidas de Balzac (conferir *O pai Goriot*, *A missa do ateu*, *A musa do departamento* etc.). [ «« » ]
172. *In anima vili*: “num ser vil”. Locução latina que se emprega geralmente a propósito de experiências científicas realizadas em animais. [ «« » ]
173. *Conciergerie*: antiga prisão de Paris, contígua ao Palácio da Justiça; descrita por Balzac no início da Terceira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*. [ «« » ]
174. *Quatro mendigos*: “quatre mendiants”, nome que se dá, na França, a uma porção de quatro espécies de frutas secas: figos, passas, amêndoas e avelãs, empacotadas juntas. [ «« » ]
175. *Lady Macbeth*, no drama já citado de Shakespeare ([ver a nota 243](#) de *A prima Bete*), é quem, guiada por uma ambição sem limites, leva o marido ao regicídio e se torna sua cúmplice. [ «« » ]
176. *Valério Públicola*: um dos fundadores da república romana, colega de Bruto no consulado em 509 a.C. Seu nome era Valério Públio; o sobrenome de Públicola (amigo do povo) veio-lhe de suas medidas favoráveis ao povo de Roma. [ «« » ]
177. Estas personagens não aparecem em nenhum outro livro de Balzac, salvo Louchard, guarda do comércio encarregado pelo barão de Nucingen de procurar a desaparecida Ester van Gobseck (em *Esplendores e misérias das cortesãs*). [ «« » ]
178. As considerações filológicas de Balzac acerca dos termos que designam os diversos representantes da Justiça francesa, embora traduzidas com a possível fidelidade, ficarão quase incompreensíveis aos leitores brasileiros que desconhecem o sentido tradicional de tais termos, quase sempre diferente do das palavras cognatas em português. Os curiosos das questões de linguagem deverão ler este capítulo no original. [ «« » ]
179. *Beaumarchais* (1732-1799), autor de *O barbeiro de Sevilha* e *O casamento de Fígaro*, era filho de relojoeiro e começara a ganhar a vida como aprendiz. Já era escritor conhecido, quando um aristocrata, querendo humilhá-lo na presença de terceiros, lhe deu um relógio para que ele o avaliasse. Beaumarchais recusou-se, alegando que, com os anos, esquecera o ofício e se tornara inábil; mas, à vista da insistência do fidalgo, pegou o relógio e deixou-o cair. [ «« » ]
180. Na época de Balzac, o porte das cartas era pago pelo destinatário. [ «« » ]
181. *Adriaen Brouwer* ou *Brauwer*: pintor holandês (1605-1638), de costumes boêmios, autor de cenas de interior, de taberna etc; Balzac possuía um de seus quadros. [ «« » ]
182. Todas essas alusões a acontecimentos relatados em outros romances de A

*comédia humana* serão esclarecidos pelo próprio Fraisiert mais adiante, no capítulo XLVIII. [ «« ]

183. *Sila (Sylla)*: Lúcio Cornélio Sila (138-78 a.c.), ditador romano, chefe do partido aristocrático, vencedor dos populares chefiados por Mário. De Robespierre, que pode ser comparado na crueldade com que proscreveu os seus inimigos, foram encontradas poesias galantes escritas na mocidade. [ «« ]

184. Ver *A interdição*. [ «« ]

185. Ver *O gabinete das antiguidades*. [ «« ]

186. Ver *Esplendores e misérias das cortesãs*. [ «« ]

187. O *ilustre Gaudissart* é o mesmo personagem do conto deste nome; por uma dessas voltas que só se veem nos romances e na vida, o antigo caixeiro-viajante transformou-se, com o correr dos anos, em diretor de teatro. [ «« ]

188. *Xibolet*: ver a nota 254 de *A prima Bete*. [ «« ]

189. Ver a nota 130. — *Beaujon*: Nicolas Beaujon (1718-1786), rico banqueiro que se assinalou por obras de beneficência; um bairro e um hospital de Paris perpetuam-lhe o nome. [ «« ]

190. *Turcaret*: título de uma comédia de Lesage (1709) e nome do protagonista, laçao que, elevado a homem de negócios, engana os outros e é enganado. Seu nome passou a designar homem grosseiro e de uma suficiência ridícula, enriquecido nos negócios. [ «« ]

191. *Heloïsa Brisetout* foi a primeira amante de Crevel. [ «« ]

192. *Matifat*, rico droguista, era fornecedor e amigo de César Birotteau. — O *general Gouraud* é a mesma personagem que em Provins perseguia a pobre Pierrette. [ «« ]

193. O conto de La Fontaine é *Le Cocu battu et content* (conto 3 da primeira parte), em que um velho senhor, traído pela jovem esposa, é espancado pelo amante desta, seu próprio criado; entretanto, aguenta os golpes com satisfação por ver neles, enganado pela astúcia dos amantes, uma demonstração da fidelidade de ambos. [ «« ]

194. A família Minard aparece em *Os pequeno-burgueses*. [ «« ]

195. *Jocrisse*: ver a nota 130. [ «« ]

196. *Sejamos amigos, Cina!*: tradução de um hemistíquio frequentemente citado (*Soyons amis, Cinna*) do *Cina*, de Corneille. [ «« ]

197. A nova *Heloïsa*: título de romance de Jean-Jacques Rousseau, cuja protagonista é uma moça seduzida. [ «« ]

198. *Fraisiert florescendo*: este título só traduz um dos sentidos do título francês, no qual há um trocadilho; *fraisiert* é nome comum e significa “morangueteiro”. [ «« ]

199. *As Ordenanças de Julho*: série de decretos reacionários pela qual Carlos x dissolveu a Câmara ainda não reunida, modificou a Carta Constitucional e aboliu a liberdade de imprensa; foram efetivamente o motivo de sua queda e, portanto, da ascensão de Luís. [ «« ]

200. *Desroches*: personagem balzaquiana, solicitador que representou o coronel Chabert, José Bridau, Félix de Vandenesse, a marquesa d'Espard etc. [ «« ]

201. *Olivério Vinet*: filho do advogado Vinet, de Provins; este fora um dos algozes da pobre Pierrette no romance deste nome. [ «« ]

202. *Inde irae* (em latim): “daí a cólera”. Palavras de uma sátira de Juvenal. [ «« ]

203. *Marat*: Jean-Paul Marat (1743-1793), um dos líderes da Revolução Francesa, famoso por sua crueldade; assassinado por Charlotte Corday. [ «« » ]

204. A coletânea de contos *Cent Nouvelles Nouvelles*, em sua maioria imitados de Boccaccio, é atribuída por alguns a Luís XI. O conto referido tem o n. 47 e é intitulado “As duas mulas afogadas”. [ «« » ]

205. *A mulher de Sócrates*, Xantipa, era de um gênio horrível e frequentemente pôs à prova a paciência do grande filósofo. [ «« » ]

206. Um escudo valia três francos. [ «« » ]

207. *Roger-Bontemps*: personagem da literatura do século XVI, ressuscitado por Béranger; tipo do homem alegre, despreocupado e gozador. [ «« » ]

208. *Bruegel*: nome de família de três célebres pintores flamengos, Pieter, o Velho (1525?-1569), Pieter, o Moço (1564-1638) e Jan (1568-1625). [ «« » ]

209. *Claude Lorrain* (1600-1682): Claude Gellée, dito Le Lorrain, pintor francês, notável pela luminosidade e pelo realismo de suas paisagens. [ «« » ]

210. *Chalenton* (ou, corretamente, *Charenton*): [ver a nota 80](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

211. *Apolônio* (?-97 d.C.): apóstolo da doutrina pitagórica. Levava vida muito dura, submetido a toda espécie de privações, que se impunha a si mesmo. Os pagãos opunham seus milagres aos de Jesus. [ «« » ]

212. *Pietà*: título dos quadros que representam a Virgem chorando a morte de Jesus. [ «« » ]

213. *A duquesa Montpensier* era irmã do duque de Guise e do cardeal de Guise, os dois chefes da Liga, que Henrique III mandou assassinar em 1588. Segundo tradição não confirmada, o dominicano Jacques Clément, assassino de Henrique III, teria sido mandado pela duquesa. [ «« » ]

214. *Godeschal*: personagem balzaquiana, tabelião; conhecemo-lo em *Uma estreia na vida*. [ «« » ]

215. *Sra. de Mortsauf*: a protagonista de *O lírio do vale*. [ «« » ]

216. *Catão*: Catão, o Antigo (234-149 a.C.), estadista romano, censor em 184, famoso pela severidade de seus costumes e por seu desprezo ao luxo. [ «« » ]

217. Todas essas cortesãs são personagens de *A comédia humana*: *Florina* era amante, depois esposa de Raul Nathan (*Uma filha de Eva*); *Málaga* figura em *A falsa amante*; *Carabina*, em *A prima Bete*; *Marieta*, irmã de Godeschal, em *Uma estreia na vida*; *Jenny Cadine* foi uma das amantes de Hulot (*A prima Bete*). [ «« » ]

218. *Condessa de Bruel*: Túlia (seu nome de artista), personagem de *A comédia humana*; terá papéis mais importantes em *Um príncipe da Boêmia* e *Os pequeno-burgueses*. [ «« » ]

219. *Leopoldo Hannequin*: personagem de Balzac, tabelião; amigo de mocidade de Alberto Savarus. [ «« » ]

220. *O Pequeno Fulano que vivia com Antônio*: provável alusão a Viturniano d'Esgrignon (*Um príncipe da Boêmia*). [ «« » ]

221. *O êxtase que Rafael pintou*: alusão ao quadro *Santa Cecília* que se encontra em Bolonha. [ «« » ]

222. *Metzu*: [ver a nota 62](#) de *A prima Bete*. [ «« » ]

223. *Walter Scott* (1771-1832): escritor escocês, mestre do romance histórico (em *Ivanhoé*, *Rob Roy*, *Quentin Durward*, *A noiva de Lammermoor* etc.). Balzac, um de seus discípulos e admiradores mais entusiásticos, cita-o frequentemente. [ «« » ]

224. A morte dessas duas personagens é contada em *Esplendores e misérias das cortesãs*. — *Père-Lachaise* é o nome do grande cemitério monumental de Paris, onde Balzac faz desenrolarem-se as últimas cenas de *O pai Goriot* e *Ferragus*. [ « » ]

225. *Dr. Gannal*: Jean-Nicolas Gannal (1791-1852), químico e inventor. Entre suas invenções figurava um processo de embalsamamento que conservava os cadáveres em estado semelhante ao das múmias egípcias. [ « » ]

226. *A Place de Grève*, hoje Place de l'Hôtel de Ville, era o lugar das execuções. [ « » ]

227. *Clichy*: [ver a nota 55](#) de *A prima Bete*. [ « » ]

228. *De Marsay*: um dos ambiciosos de *A comédia humana*, a quem já encontramos em muitos romances: *O contrato de casamento*, *A história dos Treze* (especialmente *A menina dos olhos de ouro* etc.). — *Stidmann*: personagem balzaquiana, escultor de grande talento; amigo de Venceslau Steinbock; apareceu em *A prima Bete*. [ « » ]

229. *As três gloriosas*: isto é, as três jornadas gloriosas de 27, 28 e 29 de julho de 1830, nas quais uma revolução pôs fim ao reinado de Carlos x. — *Carlos Keller*: personagem de *A comédia humana*, rico banqueiro; não quis ajudar a César Birotteau ameaçado de falência. [ « » ]

230. *Os frutos de Fraiser*: para entender o trocadilho que há no texto francês, veja a nota 198. [ « » ]

231. *Quinze-Vingts*: hospício de Paris, fundado por São Luís em 1260 para servir de asilo aos cegos. [ « » ]

232. *Artigo de Paris*: nome que se dá aos objetos de moda e aos produtos industriais fabricados especialmente em Paris. [ « » ]

233. *Pedro Grassou*: personagem balzaquiana, protagonista do conto ao qual deu o título; pintor sem talento, tipo da mediocridade nas artes. [ « » ]

234. *Roberto Macário*: tipo moderno da velhacaria audaciosa, personagem de uma comédia do mesmo nome, de Benjamin Antier e Frédéric Lemaître. [ « » ]

235. *Como o copo d'água de Bossuet*: o trecho a que Balzac se refere encontra-se no *Sermão para a festa de todos os santos*, e é este: “O rei do céu contará um copo d'água dado em seu nome por mais do que todos os demais fizerem jamais por todo o vosso sangue derramado”. [ « » ]

236. *Pobres cordeiros, sempre vos tosquiavam*: tradução parcial de dois versos atribuídos a Béranger: “*Pauvres moutons. Ah, vous avez beau faire, / Toujours on vous tondra*”. [ « » ]

237. *Desculpai os erros do copista!* Na primeira edição, Balzac escrevera: “os erros do autor”. Percebe-se facilmente o sentido da modificação, pela qual o romancista desejava lembrar com insistência que a história contada era verdadeira e não inventada por ele. [ « » ]

**Confira nossos lançamentos,  
dicas de leituras e  
novidades nas nossas redes:**



[@editorabibliotecaazul](https://www.instagram.com/editorabibliotecaazul)



<https://www.facebook.com/abibliotecaazul>

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

TÍTULO ORIGINAL *La comédie humaine*

EDITOR RESPONSÁVEL Lucas de Sena

ASSISTENTE EDITORIAL Jaciara Lima

PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini

DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino

PREPARAÇÃO Luciana Araujo

REVISÃO Fabio Bonillo e Juarez Ambires

DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO B. D. Miranda e J. Bergmann

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

EDITORA DE LIVROS DIGITAIS Cindy Leopoldo

PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B158c

V. 10

Balzac, Honoré de, 1799-1850

A comédia humana / Honoré de Balzac ; orientações, introduções e notas de Paulo Rónai ; tradução Valdemar Cavalcanti, Gomes da Silveira. – [4. ed.] – Rio de Janeiro : Biblioteca Azul, 2022.

912 p.

Tradução de: *La comédie humaine*

Conteúdo: Estudos de costumes : cenas da vida parisiense : os parentes pobres : a prima Bete e o primo Pons

ISBN 978-65-5830-147-9

1. Ficção francesa. I. Rónai, Paulo. II. Cavalcanti, Valdemar. III. Silveira, Gomes da. IV.

Título.

22-75440

CDD: 843  
CDU: 82-3(44)

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2014; 4ª edição 2022

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo s/A  
Rua Marquês de Pombal, 25 – 20230-240 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)